

## **No País das Maravilhas: a Gnose burlesca da TFP e dos Aautos do Evangelho**

31 de maio de 2010

Orlando Fedeli

## Conteúdo

|  |     |
|--|-----|
| Aviso aos Leitores.....  | 17  |
| Dedicatória .....  | 21  |
| APRESENTAÇÃO.....  | 22  |
| Introdução.....  | 37  |
| Capítulo I .....   | 46  |
| Capítulo II - A Inocência Primeva .....  | 50  |
| 1- Como Ter Felicidade neste Mundo .....   | 51  |
| 2 – A Inocência Primeva, segundo PCO, escamoteia — nega - o pecado original .....  | 55  |
| 3 - Conceituação de Inocência primeva segundo PCO.....   | 62  |
| 4 — A Inocência primeva nas crianças .....   | 68  |
| Capítulo V - Nova Doutrina da Salvação e do Juízo Final .....  | 99  |
| Capítulo VI - A identificação dos "eus" .....  | 105 |
| Capítulo VII - Identificação de Plínio com o Profeta Elias .....   | 121 |
| Capítulo VIII - Identificação de Plínio com a Igreja.....  | 124 |
| Segunda Parte A CONTEMPLAÇÃO SACRAL DO UNIVERSO .....  | 142 |
| Capítulo I - Que é Contemplação e que é o “Sacral” para PCO? Jeitinhos de PCO para enganar seus leitores e ouvintes..... | 143 |
| Capítulo II - Contemplação ou Imaginação .....   | 153 |
| Capítulo III - Confusões Plinianas Sobre os Símbolos.....  | 158 |
| Capítulo IV - Doutrina Católica sobre os Seres Possíveis em Deus .....   | 166 |
| Capítulo V - O homem e os seres possíveis em Deus.....   | 172 |
| 1 - Pode o homem conhecer os seres possíveis em Deus? .....  | 172 |
| 2- Que podemos conhecer, cogitar, ou que podemos imaginar, a partir da realidade criada, que conhecemos?.....            | 175 |
| Capítulo VI - “Hûrqalyâ”- A Trans-Esfera da Gnose shiita .....   | 191 |
| Capítulo VII - Os Inexistentes- Existentes Seres Possíveis de PCO .....  | 197 |
| Capítulo VIII - À Procura do Absoluto.....   | 206 |
| Capítulo IX - Os seres criados seriam análogos aos seres possíveis que não existem .....                                 | 222 |
| Capítulo X - Mito ou História - Lenda ou Realidade - Os Possíveis de PCO na História.....                                | 234 |
| Capítulo XI - Dr. Plínio Erigi a Mitificação em Sistema .....  | 242 |
| Capítulo XII - Uma Visão Sublimada e Transcendente da Realidade: a Trans-Esfera Pliniana .....                           | 246 |
| Capítulo XIII - Um sonho "metafísico" .....  | 267 |

|   |     |
|---|-----|
| 1 - Os seres ab-aeternos.....   | 267 |
| 2- Existência dos seres ab aeterno .....  | 268 |
| 3 - Como Plínio descobriu os seres possíveis criados ab aeterno? .....                    | 274 |
| TERCEIRA PARTE: A MENTALIDADE ROMÂNTICA DE PLÍNIO .....                                   | 284 |
| QUARTA PARTE.....   | 369 |
| Capítulo I - A Teoria do Conhecimento de São Tomás e a de Plínio Corrêa de Oliveira ..... | 369 |
| 1-- Teoria do Conhecimento de São Tomás de Aquino.....                                    | 369 |
| 2- Se conhecemos a realidade ou as nossas impressões subjetivas .....                     | 373 |
| 3 – Conhecimento por Conaturalidade, segundo Aristóteles e São Tomás.....                 | 374 |
| Capítulo II Teoria do Conhecimento na Gnose de Bergson .....                              | 376 |
| 1-- O Conhecimento é Inefável .....   | 376 |
| 2 - A Inteligência seria enganadora .....   | 377 |
| 3 - A Intuição não engana.....  | 380 |
| 4-- Intuição é flash iluminante, evanescente, inefável .....                              | 383 |
| 5-- A Intuição identifica sujeito e objeto causando a Imanência .....                     | 383 |
| 6 --Intuição, “Mergulho” e Simpatia. ....   | 387 |
| 7-- Supervalorização da Imaginação .....  | 389 |
| 8 -- Nova Moral “Aberta” contra a Moral “Fechada” .....                                   | 389 |
| 9-- Fanáticos Propagadores de Metáforas.....  | 390 |
| 10 - Resumindo. ....  | 390 |
| Capítulo III- Teoria do Conhecimento de Plínio Corrêa de Oliveira .....                   | 391 |
| 1 -- Conhecimento inato dos universais.....   | 391 |
| 2 -- Doutrina do Seletivo: o conhecimento gnóstico de PCO.....                            | 394 |
| 3 - O Seletivo e a Câmara Obscura .....   | 399 |
| 4 - Exemplos concretos de atuação do seletivo dados por PCO: .....                        | 403 |
| 5- “O Inocente Abel passeando pelo Paraíso” .....   | 407 |
| Capítulo IV - Impressões, Admiração, Símbolos, na Teoria do Conhecimento de PCO .....     | 416 |
| 1 - As Primeiras Impressões e a aquisição de certezas .....                               | 416 |
| 2- Método Pliniano para Alcançar a Verdade. ....  | 421 |
| 3 - Sentir – Experimentar – Ausência de Abstração .....                                   | 426 |
| 4 - O Maravilhoso e a Admiração.....  | 438 |
| 5. Brumas Evocam mais que a Claridade. ....   | 439 |
| 6. Símbolos e conhecimento.....   | 440 |
| Capítulo V - Os Flashes: Intuições Divinas -- Graças atuais sensíveis.....                | 446 |

|   |     |
|---|-----|
| Capítulo VI - Intuição e Admiração Desvalorizam o Estudo .....  | 449 |
| Capítulo VII - Confusões plinianas sobre Cultura .....  | 453 |
| Capítulo VIII - Dialética do Espírito e da Matéria. Os banheiros do paraíso .....   | 455 |
| Capítulo IX Graça e Natureza .....  | 460 |
| 1. Erros de Plínio sobre a Graça .....  | 460 |
| 2. Ainda Sobre a Maldade do Livre Arbítrio .....  | 462 |
| 3. Jansenismo de Dr.Plínio .....  | 464 |
| Dr. Plínio afirmará explicitamente em um texto que o homem, muitas vezes cai por falta de graças, porque não rezou, pedindo-as. O que é um posicionamento jansenista..... | 464 |
| 4. Virtudes Ativas e Virtudes Passivas.....   | 465 |
| 5. Desculpando jansenisticamente mamãe .....  | 466 |
| 6. O “Flash” como Graça atuando na vontade.....   | 468 |
| 7. A Inocência sob um mar de pecados.....   | 471 |
| Capítulo X - A Teoria do Conhecimento de PCO e o Modernismo.....  | 473 |
| 1. Fé é um sentimento .....   | 473 |
| O modernista crente .....   | 474 |
| 2. O Modernismo e Plínio contra a apologética tradicional .....   | 477 |
| 3. A fé para o modernista vem do interior do Homem.....   | 479 |
| 4. A Consciência crescente que Cristo teve de sua Divindade.....  | 482 |
| 5. A Igreja seria mais alma do que instituição.....   | 485 |
| QUINTA PARTE – A Descrição de um Delírio: o Culto de Plínio e de Dona Lucília .....   | 488 |
| 1 – Introdução .....  | 488 |
| 2 – “Eu Escolhi o Credo” .....  | 489 |
| 3 – A espiritualidade da TFP e dos Aautos.....  | 490 |
| 4 – O que diz Dr. Plínio de si mesmo.....   | 492 |
| a) Compreender o que ele é.....   | 498 |
| b) Ser dele .....   | 499 |
| c) Ser congênere e um com ele .....   | 499 |
| 5 – O que ele faz dizer dele através de Scognamiglio .....  | 502 |
| a) “Cristo só se encarnou porque Dr. Plínio correspondeu à graça” .....   | 502 |
| b) Dr. Plínio e o “ <i>Ego Sum</i> ” .....  | 502 |
| c) O Espírito Santo, retirando-se da Igreja, refugiou-se em Dr. Plínio .....  | 503 |
| d) Dr. Plínio é a Igreja .....  | 503 |
| e) A Sabedoria de Deus fala pela boca de Dr. Plínio .....   | 503 |

|   |     |
|---|-----|
| f) Nossa Senhora se encarnou, habita ou fala pela boca de Dr. Plínio, Medianeiro da Medianeira .....  | 504 |
| g) Dr. Plínio toma o lugar ou os atributos de Cristo.....   | 504 |
| h) Dr. Plínio é um anjo ou mais do que um anjo .....  | 504 |
| i) Dr. Plínio é a obra prima da Criação.....  | 505 |
| j) Dr. Plínio não tem pecado original.....  | 505 |
| k) Dr. Plínio é infalível.....  | 505 |
| l) Dr. Plínio é inerrante .....   | 505 |
| m) Dr. Plínio é imortal .....   | 506 |
| n) Dr. Plínio será glorificado ou transfigurado .....   | 506 |
| o) Dr. Plínio é profeta .....   | 506 |
| p) Dr. Plínio é Elias? Dr. Plínio não é Elias? .....  | 506 |
| q) Dr. Plínio é santo, e dos maiores, senão o maior que já houve na História .....  | 507 |
| r) Dr. Plínio é possuidor de carismas extraordinários .....   | 507 |
| s) Dr. Plínio, revelador dos segredos do Apocalipse .....   | 507 |
| t) Dr. Plínio juiz no Juízo Final e o fundador do Reino de Maria .....  | 507 |
| 6 – O Profeta da Grandeza Sofredora .....   | 509 |
| 7 - Os eternos queixumes do Profeta.....  | 515 |
| 8 – Os atos de culto a Dr. Plínio na TFP.....   | 522 |
| A) Altares secretos com fotografias de Dr. Plínio .....   | 525 |
| B) Orações para Dr. Plínio.....   | 527 |
| C) Cânticos .....   | 530 |
| D) Consagração como escravo a Dr. Plínio .....  | 531 |
| E) Cerimônias para Dr. Plínio ou para suas fotografias .....  | 531 |
| F) A Bênção do Profeta.....   | 534 |
| G) "Relíquias" de Dr. Plínio .....  | 535 |
| H) As peregrinações .....   | 536 |
| I) A glória de Dr. Plínio.....  | 536 |
| 9 – Culto e Orações para Dona Lucília.....  | 537 |
| 1) – O “Ave Lucília, cheia de graça...” .....   | 537 |
| 2) – A Ladainha de Dona Lucília .....   | 541 |
| CONCLUSÃO .....   | 546 |
| Documento III- Carta de Plínio Xavier Vidigal da Silveira ao Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldissieri, acusando João Scognamiglio Clá Dias..... | 546 |
| Documento IV – Ladainha para João Scognamiglio Clá Dias.....  | 552 |

|  |     |
|--|-----|
| <i>SEXTA PARTE – A SEMPRE VIVA</i> .....   | 555 |
| 1- TFP, Arautos e Sociedade Secreta.....   | 555 |
| 2- Histórico e funcionamento da Sempre Viva .....  | 560 |
| 3- Orações da Sempre Viva .....  | 563 |
| a) Oração da Sagrada Escravidão .....  | 563 |
| b) Paródia da Ave Maria para Dr. Plínio .....  | 564 |
| c) Confissão a Dr. Plínio e entre os escravos.....   | 565 |
| d) União “ontológica”(união dos eus) com Plínio. ....  | 565 |
| 4- A Cerimônia da Iniciação na Sempre Viva.....  | 565 |
| 5- Lista dos iniciados até 1983 .....  | 568 |
| CONCLUSÃO .....  | 571 |
| Montar uma visão arquitetônica da Causa .....  | 572 |
| como um joalheiro monta uma jóia a - num plano antigo ele vai ajustando pedras<br>preciosas velhas e novas, o que resulta uma jóia inteiramente nova .....             | 572 |
| B - Para o aprofundamento da vocação e a conseqüente riqueza da ação .....   | 573 |
| C - Para combater a chacunnière .....  | 573 |
| 2 - O QUE É A CHACUNNIÈRE .....  | 574 |
| A - Definição e aplicação .....  | 574 |
| B - Formas de chacunnière : vidinha extra e intra Grupo .....  | 576 |
| C - Traços característicos do espírito de chacunnière.....   | 576 |
| D - Chacunnière e Primeiro Mandamento .....  | 579 |
| 3 - APÊNDICE : PARA ROMPER O "TENDÃO MALDITO" .....  | 580 |
| A - A partir de 67 começaram a ser cada vez mais numerosos os que começaram a .....<br>compreender que não deviam viver uma vida particular, mas fazer uma doação..... | 580 |
| integral à Causa .....   | 580 |
| B - Reverso da medalha: enquanto tem sido fácil obter doações exteriores, .....<br>quando se trata de dar o que os franceses chamam de le fin fond , algo .....        | 581 |
| treme, algo hesita, algo cambaleia .....   | 581 |
| C - Há um tendão qualquer que faltaria cortar. Esse, as pessoas não cortam .....   | 581 |
| D - Qual é esse tendão a ser cortado .....   | 582 |
| MÉTODOS E CRITERIOLOGIA .....  | 584 |
| 1 - SABERMOS O QUE REALMENTE SOMOS EM FUNÇÃO DA R-CR .....   | 584 |
| E DO PANORAMA HISTÓRICO EM QUE VIVEMOS.....  | 584 |
| «FL» .....   | 584 |

|   |     |
|---|-----|
| A - Tendo como dados: senso católico, conhecimentos históricos, .....               | 584 |
| estudo da Cristandade, situação atual da Humanidade, .....                          | 584 |
| raciocínio e conclusões .....   | 584 |
| B - E os flashes, explicitados e reduzidos a raciocínio.....                        | 584 |
| C - E "considerando-os em nossos corações .....                                     | 585 |
| 2 - EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM E DE NOSSA FIDELIDADE A ELE.....                         | 585 |
| PARTE I .....   | 586 |
| O QUE SOMOS.....  | 586 |
| EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM.....   | 586 |
| OU .....  | 586 |
| TEORIA DOS AUGES.....   | 586 |
| «PT2».....  | 586 |
| ASPECTO NEGATIVO DO NOSSO FIM: .....  | 586 |
| DESTRUIÇÃO DA REVOLUÇÃO .....   | 586 |
| SENDO A REVOLUÇÃO O AUGES DO MAL.....   | 586 |
| DEDICAR-SE ± SUA EXTINÇÃO É O MELHOR FIM DE NOSSA ÉPOCA, .....                      | 586 |
| E UM DOS MAIS ALTOS DA HISTÓRIA .....   | 586 |
| «FL» .....  | 586 |
| 1 - INTRODUÇÃO: O FIM QUE VISAMOS .....   | 586 |
| A - Não visamos apenas um fim, mas o melhor que se possa visar e um dos mais.....   | 586 |
| altos que se tem visado na História da Igreja .....                                 | 586 |
| B - No aspecto negativo esse fim é a eliminação tão radical quanto possível da..... | 587 |
| Revolução.....  | 587 |
| C - Algumas ponderações preliminares.....   | 587 |
| 2 - A REVOLUÇÃO É O AUGES DO MAL, PORQUE ELA É A HERESIA TOTAL, .....               | 588 |
| A - A Revolução é o auge do mal:.....   | 588 |
| B - A Revolução é a heresia total.....  | 588 |
| D - A Revolução é a negação total da moral, a suma imoralidade.....                 | 591 |
| E - A Revolução é a suma desordem .....   | 592 |
| 3 - ESSE AUGES DE MAL ATINGIU UM AUGES DE UNIVERSALIDADE.....                       | 592 |
| A - Porque, pelo caráter universal da Revolução, ela atinge a Humanidade .....      | 592 |
| inteira. ....   | 592 |
| B - Portanto, não é só a ala má, mas a Humanidade inteira que está sendo .....      | 592 |
| arrastada .....   | 592 |

|  |     |
|--|-----|
| C - E a Revolução entrou até no Santuário. Vaticano II.....                          | 593 |
| D - E está a ponto de criar uma situação à qual ninguém resista. Chegou,.....        | 593 |
| 4 - SE A REVOLUÇÃO É UM AUGE DE NEGAÇÃO,.....  | 593 |
| NÃOS SOMOS UM AUGE DE TOTALIDADE .....   | 593 |
| A - Um auge de maldade, um auge de universalidade, um auge de iminência.....         | 593 |
| B - O auge de bem, de grandeza, de importância, de santidade do apostolado e .....   | 594 |
| da luta que nós empreendemos. ....   | 594 |
| 5 - COMO A REVOLUÇÃO, ATRAVÉS DO CONHECIMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA,.....               | 594 |
| EST LEVANDO O MUNDO, COMO UM TODO, PARA O MAL.....                                   | 594 |
| A - A Revolução considera a sociedade humana como uma sociedade de almas.....        | 594 |
| formando uma opinião coletiva, admitida como certa, e que, sobre elas .....          | 594 |
| exerce efeitos tirânicos .....   | 594 |
| B - A Contra Revolução, para conduzir a sociedade humana para o bem, tem que.....    | 595 |
| usar também a "arte real".....   | 595 |
| C - "Fazemos apostolado individual?" Só para obter elementos necessários para .....  | 596 |
| nossa ação .....   | 596 |
| D - Essa é uma sócio-psicologia cujas leis auxiliam a suspender e anular um .....    | 596 |
| processo e iniciar outro diferente.....  | 596 |
| E - Desde que a Revolução inventou esse processo diabólico, temos que utilizar ..... | 597 |
| o mesmo meio para conduzirmos nós a opinião pública.....                             | 597 |
| F - Isso significa um auge no estilo de combate, de pontaria certa, de.....          | 597 |
| eficiência, de velocidade, e incisão na ação.....                                    | 597 |
| G - Que nos diferencia fundamentalmente dos que nos têm precedido... ..              | 597 |
| H - A maioria dos que nos precederam concebiam o apostolado como o atuar nas .....   | 598 |
| I - E arquitetonicamente fazendo de nosso auge.....                                  | 599 |
| J - Para o aprofundamento da vocação e a conseqüente riqueza da ação.....            | 600 |
| ASPECTO POSITIVO.....  | 601 |
| DO NOSSO FIM: .....  | 601 |
| IMPLANTAR O REINO DE MARIA «PT2» .....   | 601 |
| 1 - VISAMOS A ORGANIZAÇÃO DO MUNDO COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA RCR LEVADOS            |     |
| ±S.....  | 601 |
| ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS. ISTO É, UMA SUPER IDADE MÉDIA.....                            | 601 |
| A - Para isso, partir de uma base mais radicalmente ela própria, do que o auge ..... | 602 |
| B - Esta super Idade Média será o último auge possível do bem antes dos tempos ..... | 602 |

|  |     |
|--|-----|
| que precederão o fim do mundo. Portanto, o Reino de Maria. ....                            | 602 |
| 2 - LOGO, NÓS SOMOS OS APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS.....                                   | 606 |
| A. Na linha do profeta Elias, o último fiel, para as últimas fidelidades.....              | 606 |
| B - Crescendo a Igreja sempre em fidelidade, a dos últimos fiéis seria   tão.....          | 606 |
| grande que eles seriam dispensados da morte .....  | 606 |
| C - E aí aparecerá o Profeta Elias, tão grande em virtude quanto o Anti-Cristo .....       | 606 |
| o será no vício .....  | 606 |
| D - Que em certo sentido, é maior mesmo que S. José, S. João Batista, S. Pedro .....       | 607 |
| etc., pois foi precursor deles na devoção a Nossa Senhora, e Seu predileto .....           | 607 |
| antes mesmo de Ela nascer.....   | 607 |
| E - o fiel por excelência, para a hora das últimas fidelidades .....                       | 607 |
| 3 - PARA DAR GLÓRIA A DEUS (PRIMEIRO MANDAMENTO).....                                      | 608 |
| A - Se o valor de uma só alma é um bem inapreciável, que se dirá do trabalho .....         | 608 |
| que vise orientar a Opinião Pública, que tem tanta influência na salvação .....            | 608 |
| das almas? .....   | 608 |
| B - Porém, mais do que a salvação das almas, queremos a maior glória de Deus. ....         | 608 |
| E não entende a Contra-Revolução quem pensa o contrário. ....                              | 608 |
| C - "Glória de Deus" aqui é aquela forma de amor por onde é absolutamente .....            | 609 |
| preciso que tudo o que Ele criou se assemelhe a Ele .....                                  | 609 |
| D - Há, portanto, um requinte de auge no levar, por amor à glória de Deus, a .....         | 610 |
| arquitetonia das criaturas a dar-Lhe glória .....  | 610 |
| 4 - E COMANDAR OS SÉCULOS FUTUROS.....   | 610 |
| POIS O MUNDO SER NOS PRÓXIMOS SÉCULOS O QUE FOR NESTE.....                                 | 610 |
| 5 - NUMA HORA EM QUE, NÃO PODENDO CRUCIFICAR NOVAMENTE NOSSO SENHOR,<br>ATENTAM .....      | 610 |
| CONTRA A SANTA IGREJA PROCURANDO DAR A IDÉIA DE QUE ELA MORREU.....                        | 610 |
| A - como a Igreja não é mortal, procuram adotar uma linguagem e uma legislação .....       | 611 |
| que dêem a impressão de que Ela está ensinando o erro e recomendando o mal.....            | 611 |
| B - Crime hediondo como o de destronar uma rainha e maqueá-la como mulher perdida<br>..... | 611 |
| C - Com a agravante de que o pior está sendo praticado pela traição .....                  | 611 |
| eclesiástica .....   | 611 |
| D - Com a indiferença dos que não participam do crime.....                                 | 612 |
| E - Enquanto que, na ordem temporal, a traição é também cometida pelas cúpulas.....        | 612 |
| podres.....  | 612 |

|  |     |
|--|-----|
| F - É uma renovação da Paixão diante da qual a vidinha de todos os dias perde.....   | 612 |
| toda sua importância, pois o senso do trágico permanente devea se tornar .....       | 612 |
| uma característica permanente do nosso espírito .....                                | 612 |
| G - Isso supõe a vitória sobre nosso próprio egoísmo .....                           | 613 |
| H - Pois minha vida foi confiscada por Ele .....                                     | 613 |
| I - O que se diria de um católico que estivesse assistindo a Paixão e quisesse ..... | 614 |
| J - Por isso, até enquanto dormimos devemos ter este fundo de quadro presente .....  | 614 |
| III.....   | 617 |
| TRAÇOS E DEVOÇÕES .....  | 618 |
| CARACTERÍSTICAS DE NOSSO ESPÍRITO .....  | 619 |
| «FL» .....   | 620 |
| 1 - OS NOSSOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS .....   | 620 |
| A - Tendo a Deus como base, uma noção do bem e do mal, da verdade e do .....         | 620 |
| erro levadas até seu ponto último .....  | 620 |
| B - Em tudo, desejo das últimas consequências .....                                  | 620 |
| C - Com perspicácia, intransigência, iniciativa na luta e pugnacidade.....           | 620 |
| C - Amor ao sublime .....  | 621 |
| C - Sacralidade .....  | 623 |
| D - Princípio de subsidiariedade.....  | 626 |
| E - Simbolismo .....   | 627 |
| F - Caráter sapiencial negativista destes traços: o conhecer o bem .....             | 629 |
| pelo seu contraste com o mal .....   | 629 |
| G - Conclusão prática: nesta terra, as coisas negativas são .....                    | 630 |
| indispensáveis para compreendermos a verdade e o bem .....                           | 630 |
| 2 - AS NOSSAS DEVOÇÕES.....  | 631 |
| A - Devoção a Nossa Senhora, à Paixão de Nosso Senhor, e à Sabedoria .....           | 631 |
| B - Devoção entranhada à Santa Igreja, e sem nome ao Santíssimo .....                | 631 |
| Sacramento .....   | 631 |
| 3 - FLASH RESUMITIVO DO QUE FOI DITO: A FIGURA DA RAINHA DESTRONADA.....             | 631 |
| A - Se considerarmos Nossa Senhora como verdadeira Rainha do Universo, .....         | 632 |
| não de modo simbólico, mas por disposição de Deus... ..                              | 632 |
| B - Que Seu reinado se realiza na medida em que as almas se .....                    | 632 |
| conformarem com o que Ela quer... ..   | 632 |
| C - Podemos dizer que, na imensíssima maioria das pessoas, Ela só tem .....          | 632 |

|   |     |
|---|-----|
| restos de influência, .....   | 632 |
| D - Isso justifica a metáfora da "Rainha Destronada" .....  | 632 |
| E - Ainda agora, se o clero e o que resta da nobreza, fossem santos, a .....  | 632 |
| Revolução morreria neste minuto .....   | 632 |
| F - E nessa hora Nossa Senhora olha para nós a chorar. Que resposta .....   | 633 |
| daremos a esse olhar?.....  | 633 |
| G - Ficarei pensando na minha chacunnière ? .....   | 633 |
| H - Eu, quem sou? "O homem a quem Nossa Senhora olhou". O resto não .....   | 634 |
| interessa. Terá Ela olhado em vão? .....  | 634 |
| I - "Isso é uma pressão tremenda!" Sim, mas cheia de benignidade, de .....  | 634 |
| perdão e de afago materno .....   | 634 |
| J - Mas que recompensa no Céu: através dos olhos d'Ela, participar da .....   | 635 |
| Visão Beatífica que Ela mesma tem!.....   | 635 |
| K - "Este é o homem a quem Nossa Senhora olhou na hora do abandono que .....  | 635 |
| Lhe respondeu sim!" .....   | 635 |
| L - Esse olhar confisca totalmente. Mas é um confisco com justa .....   | 635 |
| indenização .....   | 635 |
| M - A chacunnière é um roubo, uma felonía, a traição .....  | 635 |
| II.....   | 638 |
| ESTAMOS PROPORCIONADOS.....   | 639 |
| A ESSE FIM? .....   | 640 |
| I - A DEBILIDADE DA REVOLUÇÃO .....   | 640 |
| 1 - DE SI, TANTO A REVOLUÇÃO QUANTO A CONTRA-REVOLUÇÃO SÃO FRACAS. ELAS .....   | 640 |
| DEPENDEM DE UM ATO DE VONTADE DO HOMEM .....  | 640 |
| A - A debilidade intrínseca da Revolução e da Contra-Revolução .....  | 641 |
| B - Em concreto, a Revolução está hoje fracassada. Mostra-o o desastre do .....   | 642 |
| comunismo na conquista da opinião pública .....   | 642 |
| C - A Revolução, ou não corre e perde as cúpulas; ou corre e perde as bases.....  | 645 |
| D - Hoje a Revolução, com cúpulas podres eclesiásticas, conta com ocasião .....   | 646 |
| 2 -RESPOSTA A UMA OBJEÇÃO .....   | 646 |
| II - PORQUE SOMOS FORTES .....  | 649 |
| 1 - ALIANÇA ESPECIAL DE NOSSA SENHORA COM O GRUPO .....   | 649 |
| A - Essa aliança é tal, que a pessoa, para apostatar, tem que fazer força. Nossa Senhora a segura pelos cabelos. A "Teologia do Sabugo" ..... | 649 |

|   |     |
|---|-----|
| B - E essa aliança é a nossa grande força, nossa grande arma.....   | 651 |
| 2 - TÉCNICAS RCR + MAQUININHA + OCASIÃO + HORA DA PROVIDÊNCIA = VITÓRIA .....   | 651 |
| A - Técnicas RCR .....  | 651 |
| 1 - desmascarar o jogo e fazer parar a marcha.....  | 652 |
| 2 - Revelar sempre apresentando uma questão de consciência .....  | 653 |
| 3 - Isso sempre com um pressuposto: dar um caráter religioso, nunca laico. ....   | 653 |
| 4 - Porque a única coisa que tem vida é a Igreja Católica .....   | 653 |
| B - "Maquininha" .....  | 653 |
| C - Ocasão.....   | 655 |
| D - Hora da Providência.....  | 655 |
| E - Daí a fórmula: técnicas RCR + maquininha + ocasião + hora da Providência = Vitória  | 655 |
| III.....  | 657 |
| O RESTO QUE VOLTAR.....   | 658 |
| «FL» .....  | 659 |
| 1 - Teoria Geral.....   | 659 |
| A - Introdução : uma teoria que corrobora o que foi dito .....  | 659 |
| B - Essa teoria na Sagrada Escritura: .....   | 659 |
| 2 - A Nossa Teoria.....   | 660 |
| A - Na luta entre os filhos da Virgem e os da Serpente, depois de um embate, um lado sempre reduz o outro a um resto .....  | 660 |
| B - Por isso a violência da Bagarre será maior que as anteriores:o Anti-Cristo mata Elias, e o "resto", Nosso Senhor, destrói definitivamente o Mal.....  | 661 |
| C - Exemplos de "restos": o povo judeu .....  | 661 |
| D - No auge do ressurgir do poder deles, começamos a surgir nós. Nós somos o "resto", a "continuidade" do quê?  | 661 |
| 3 - Nós somos uma continuidade de uma graça .....   | 662 |
| A - Há uma continuidade que está nas intenções de Deus. Consiste num certo gênero de graças que Ele quer dar em épocas diversas, e que não supõem necessariamente continuidade histórica nem de pessoas.....    | 662 |
| B - Segunda continuidade: de pessoas e de ação divina, em que a graça é dada, através de longa sucessão, a um para que a transmita a outro. Ex.: S. Luís G. Montfort e os ultramontanos do século passado ..... | 662 |
| C - Terceira continuidade: a de instituições que vão recebendo, ao longo dos séculos missões mais ricas, até chegar um momento culminante da História .....   | 663 |
| D -Nós somos continuadores dessas três formas de continuidade. Demonstração. ....   | 663 |

|  |     |
|--|-----|
| 4 - Se, do ponto de vista doutrinário, não crescemos nada ao movimento mariológico, do ponto de vista Inimititas Ponam crescemos muito .....   | 667 |
| A - Papel da RCR e do MNF nessa batalha .....  | 668 |
| B - Que é uma continuidade histórica.....  | 668 |
| C - A aristocracia rural brasileira era continuidade histórica da nobreza portuguesa, como o Império do Brasil o era do reino de Portugal .....  | 669 |
| D - Somos restos reunidos por Nossa Senhora. Somos bem a raça da Virgem que luta contra a Serpente.....  | 670 |
| E - Logo, nós somos este resto que voltará por uma impulsão incontenível da graça para atuar na Bagarre e Grand Retour .....   | 670 |
| F - E a praticabilidade da obra que temos diante de nós está no fato de que tudo será feito pelo próprio Deus.....   | 670 |
| 5. GRAND RETOUR E BAGARRE .....  | 671 |
| A - O que entendemos por Bagarre .....   | 671 |
| B - Grand Retour : grande retorno dos que restarem às vias do ultramontanismo.....   | 672 |
| C - Últimos Tempos e Apóstolos dos Últimos Tempos .....  | 673 |
| D - Se somos o resto que permanece em meio à Revolução, somos o resto que voltará. Se somos o resto que voltará, somos o começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Se somos Apóstolos dos Últimos Tempos, somos o principium vitae do Reino de Maria..... | 675 |
| IV .....   | 677 |
| Parte biográfica, ilustrativa da teoria dada.....  | 678 |
| 1 - O modo como as idéias do Fundador se formaram e depois se comunicaram aos seguidores foi à maneira de continuidade.....  | 678 |
| A - Nascido da conjunção de duas famílias semi-contra-revolucionárias, recebeu uma herança religiosa e monárquico-liberal, não comuns, mas não ultramontana .....  | 678 |
| B - No colégio, primeiro contacto com a Revolução através de meninos de famílias mais avançadas no processo revolucionário .....   | 678 |
| C - de onde começar a perceber a traição de sua família àqueles ideais e a nela perder, com excessão da mãe, a fé, restando-lhe só a verdadeira Cidade de Deus, a Santa Igreja Católica.....   | 681 |
| 2 - Ao longo desse trabalho ideológico nasceu a RCR e a TFP, pois suas idéias se transferiram aos discípulos. ....   | 682 |
| A - Nossa ideologia não é senão o legado doutrinário da Civilização Cristã no qual foram desencavadas as verdades esquecidas. ....   | 682 |
| B - Não como doutrina nova, mas como alguém que toma um tecido já começado e continua a tecê-lo.....   | 682 |

|  |     |
|--|-----|
| C - Por isso, nosso apostolado é o de "eco", o de quem, como discípulos da Sagrada Hierarquia, pega a doutrina do passado e a repete, ampliando-lhe o som. Na ordem ideológica, é a suprema fidelidade ..... | 682 |
| «FC».....  | 683 |
| PARTE TERCEIRA.....  | 684 |
| QUEM SOMOS.....  | 685 |
| NÓS.....   | 686 |
| ENQUANTO GRUPO.....  | 687 |
| I - NÓS SOMOS UM GRUPO PROFÉTICO .....   | 687 |
| 1 - NOSSO GRUPO É UM GRUPO PROFÉTICO.....  | 687 |
| A - Conversa com D. Mayer .....  | 687 |
| B - Provam-nos as nossas obras.....  | 689 |
| C - ... E a nossa vida .....   | 690 |
| D - É o que o momento histórico exige .....  | 691 |
| E - É o que a harmonia da história pede .....  | 694 |
| F - E corroboram-no a nossa ortodoxia, nosso .....   | 695 |
| 2 - NOSSO PROFETISMO TEM A MISSÃO DE REPRESENTAR A GRANDEZA.....   | 697 |
| A - Com a Revolução gnóstica e igualitária, o que o demônio mais quer negar no mundo é toda forma de grandeza espiritual temporal, implantando a vulgaridade.....  | 697 |
| B - Grandeza impessoal, sacral.....  | 698 |
| C - Grandeza militante.....  | 699 |
| D. Grandeza sofredora .....  | 700 |
| E - Grandeza desinteressada .....  | 701 |
| F - Grandeza protetora .....   | 703 |
| G - Grandeza incompreendida .....  | 704 |
| 3 - NOSSO PROFETISMO TEM TAMBÉM A MISSÃO DE SER UM SÔMBOLO VIVO DA SABEDORIA,.....   | 705 |
| DA SACRALIDADE E DA HIERARQUIA .....   | 705 |
| A - Símbolo vivo da Sabedoria, da sacralidade e da hierarquia .....  | 705 |
| B - Irradiação, convívio e osmose.....   | 705 |
| C - Unicidade .....  | 706 |
| D - Ver no profeta um profeta.....   | 706 |
| E - O momento histórico exige .....  | 707 |
| F - O que é o profeta?.....  | 707 |

|   |        |
|---|--------|
| 4 - NOSSO PROFETISMO É, DE ALGUM MODO, A PRESENÇA DE NOSSA SENHORA NA IGREJA .....  | 708    |
| 5 - PROFETISMO E FÉ.....  | 708    |
| A - A Fé foi a virtude que eu mais amei.....  | 708    |
| B - O nosso caso pessoal se reduz a um problema de fé .....   | 709    |
| II.....   | 712    |
| NOSSO PROFETISMO É A SÍNTESE DE TODO O PASSADO DA IGREJA .....  | 713    |
| COM ALGUMAS NOTAS ESPECIAIS.....  | 714    |
| 1 - O CRESCIMENTO DA IGREJA EM GRAÇA E SANTIDADE.....   | 714    |
| A - Esse crescimento apresenta aspectos e propriedades diversos segundo suas etapas, como as belezas da alma humana em suas várias idades ..... | 714    |
| B - Assim pode-se descrever a beleza da vida da Igreja em cada uma de suas .....  | 714    |
| 2 - ± VISTA DISSO, O QUE SOMOS NÓS? .....   | 715    |
| A - antes de tudo, uma escola espiritual, com isso de próprio que é o admirar .....   | 715    |
| e amar cada fase e cada aspecto da Igreja com transportes de veneração, .....   | 715    |
| tendo como ponto de vista nosso a síntese.....  | 715    |
| B - e como características especiais as devoções ao Santíssimo Sacramento, a .....  | 715    |
| Nossa Senhora e ao Papa .....   | 715    |
| 3 - TODOS CATÓLICOS, TODO APOSTÓLICOS E TODOS FIÉIS, AINDA QUE NOS FAÇAM.....   | 716    |
| INJUSTIÇA.....  | 716    |
| A - A essência do Grupo é viver da seiva da Igreja .....  | 716    |
| B - Eu não quero ser outra coisa senão um varão católico .....  | 717    |
| C - O ponto de concentração da fidelidade.....  | 717    |
| D - Ainda quando odiados e desprezados.....   | 720    |
| 4 - NOSSA SENHORA QUIS QUE, NUM DADO MOMENTO, TUDO DEPENDESSE DE UM SÕ  | 721    |
| 5 - ELE SE TORNOU, PORTANTO, UM MEDIADOR "NECESSÁRIO" .....   | 721    |
| A - A teoria da mediação .....  | 721    |
| APÊNDICE II .....   | 763    |
| DISCURSO DO CARDEAL FRANC RODÉ .....  | 763    |
| A - Essa aliança é tal, que a pessoa, para apostatar, tem que fazer força. Nossa Senhora a segura pelos cabelos. A "Teologia do Sabugo" .....   | 75 771 |
| RESUMO DO LIVRO" NO PAÍS DAS MARAVILHAS" .....  | 776    |



## **Aviso aos Leitores**

Aos leitores do site Montfort,

Salve Maria.

Temos a alegria de publicar, hoje, dia 31 de Maio de 2010, nosso livro denunciando a Gnose da TFP e dos Arautos do Evangelho, ensinada secretamente, durante anos, por Plínio Corrêa de Oliveira.

Fizemos questão de publicar esse livro hoje, sem ter feito a revisão final dele de modo acurado, por duas razões, cada uma delas suficiente por si mesma:

1ª - Por uma razão de cronologia. Hoje, se completam 27 anos de nossa saída do grupo de Plínio Corrêa de Oliveira. 27 anos são 3 vezes 9. 3 ao cubo. E simbolicamente o 3, e mais ainda o 3<sup>3</sup> são bem simbólicos. Aguardamos 27 anos até termos nas mãos os documentos necessários para comprovar a Gnose de Plínio, da TFP e dos Arautos.

Valeu a pena.

2ª razão: “*C’est mon “secret” ...*”

Pedimos a Deus que permita, por meio deste livro, que alguns surdos ouçam e que alguns cegos vejam.

Quanto aos que não quiserem ver, nem ouvir, e nem entender, que a misericórdia de Deus não os puna por quererem ser cegos ao meio dia. Que pelo menos no umbral da morte – onde nós também estamos - a Virgem Maria, refúgio dos pecadores, obtenha para todos nós, de Nosso Senhor Jesus Cristo, a luz da compreensão e o arrependimento que salva.

Pedimos perdão, então a nossos leitores por editar um texto contendo ainda erros de digitação, de gramática e de estilo. Faremos essas revisões logo mais.

A cronologia, a simbologia e a estratégia nos obrigam a isso.

Damos graças a Deus por nos permitido publicar esta obra no final de nossa vida.

Pois assim, sempre para ensinar e para converter, Ele nos possibilitou dizer, muito simbolicamente, que...

*“À la fin de la vie, je touche!”*

São Paulo, na festa de Nossa Senhora Rainha, 31 de Maio de 2010

In Corde Jesu, semper, semper, semper,

Orlando Fedeli.

## Epígrafes

“Não há nada de oculto que não venha a ser revelado” (São Lucas, VIII, 17) “Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 230).

Confissão de Plínio Corrêa de Oliveira:

“Eu tinha tendência a identificar minha pessoa com a tradição – não por minhas próprias qualidades, mas porque em mim se refletia aquela tradição que eu amava. Ora, nessa identificação, havia o convite para uma posição admirativa e lânguida a respeito de mim mesmo”.

“Era a tentação para o romantismo: a ilusão de ótica por onde a pessoa se põe no centro de tudo, põe-se como foco da tradição, põe-se como o modelo da Contra-Revolução e já não tem interesse em olhar para a História, a não ser na medida em que se sente encaixado ou relacionado ao menos pela fantasia, com a História”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “O Menino e o Mar”, in Revista Doutor Plínio, Ano VI, Setembro de 2.003, N<sup>o</sup> 66, p. 20. Destaques nossos).

“Quando a vocação, o thau, se explicita na alma de uma pessoa, esta é levada a me ver como um todo. Por que me vê como um todo? Porque eu personifico a Contra Revolução” (Plínio Corrêa de Oliveira, apud João Scognamiglio Clá Dias, em epígrafe à sua 10<sup>a</sup> conferência do Retiro V aos Arautos do Evangelho sobre a Unidade do Súdito com o Fundador, p. 1).

MANOBRA JUDIT - Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias planeja enganar a Hierarquia da Igreja, que ele chama de “estrutura”: “O Sr. João [Scognamiglio Clá Dias] lançou a idéia de que se as TFPs pudessem ter uma situação canônica reconhecida na Igreja, o lance seria muitíssimo mais eficaz. Posteriormente, **quando lançássemos a grande denúncia profética, o Vaticano se daria conta de que nosso pedido de reconhecimento tinha sido apenas uma “trampa” [uma cilada] para dar o lance,** mas aí já seria tarde demais.

“No mês de Fevereiro de 1996, o sr. João Clá chamou várias pessoas ao Êremo de São Bento para fazer um trabalho.

“Ele fez duas reuniões com uma semana de diferença e nelas nos apresentou a necessidade de fazer algo na linha de denunciar a 4ª Revolução, pois o próprio Sr. Dr. Plínio tinha em vida manifestado esse desejo, uma vez que as coisas iam-se encaminhando para uma grande denúncia.

“Ele apresentou durante a reunião para umas 15 pessoas que seria necessário fazer isto, e durante a mesma disse-nos que o Sr. Dr. Plínio tinha lhe manifestado em vida durante um despacho que não tinha sido gravado a necessidade de arranjar um tal ou qual reconhecimento por parte da **estrutura** [A Igreja Católica] pois seria a única maneira a nos proteger contra futuros estrondos.

“Por isso ele dizia que concomitante com o lance se tivéssemos um status canônico, poderíamos fazer a coberto de um subsequente estrondo e que no fundo seria uma passada de perna na **estrutura** [na Hierarquia da Igreja], pois não poderiam nos atacar dizendo que tínhamos um status dentro da Igreja e o lance seria uma imensa denúncia da 4ª Revolução que poderia desencadear a Bagarre” (Documento JAU de José Antonio Urreta de 13 de outubro de 1997, p. 14. Os destaques são nossos.)

## **Dedicatória**

Aos alunos que Deus me deu, em cinquenta e cinco anos de apostolado, meu livro, meu perdão, minha vida.

*Professor*

## APRESENTAÇÃO

É bem conhecido pelo público brasileiro, e mesmo internacionalmente nos círculos católicos mais atuantes no combate em defesa da Igreja Católica que, durante 30 anos, fomos membros do chamado Grupo de Catolicismo, dirigido por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, que editava o mensário **Catolicismo** sob a responsabilidade de Dom Antônio de Castro Mayer, então Bispo de Campos. Como é bem conhecido também que, ao romper com a TFP em 1983, por causa do culto delirante que lá se prestava a Dr. Plínio e à mãe dele Dona Lucília, denunciemos tal culto, e, depois, a seita Secreta A Sempre Viva, que Dr. Plínio havia fundado ocultamente “Por trás do estandarte da TFP”.

No tempo em que estávamos no grupo do Catolicismo, dávamos aulas de História em Colégios de São Paulo, e por nosso apostolado, centenas de jovens, passando a viver catolicamente, foram levados por nós ao grupo de Catolicismo. Em 1960, Dr. Plínio fundou a TFP, entidade civil, visando o combate ao comunismo que, desde a eleição de Jânio Quadros à Presidência da República, ameaçava o Brasil, e, muito mais ainda, depois da ascensão de João Goulart à suprema direção do Brasil. O curioso é que a fundação da TFP foi de início meramente cartorial, quase secreta, pois que a maioria do grupo de Catolicismo não foi informada de sua fundação. Dr. Plínio era discreto...

A partir de 1963, fomos afastados por Dr. Plínio da direção dos jovens que havíamos levado ao grupo de Catolicismo. Nunca se nos disse claramente a razão desse afastamento. Nos 20 anos seguintes, esse “exílio” que sofremos — na gíria do grupo se dizia “colocação no gelo”— não impediu que continuássemos nosso apostolado. Formamos uns sete novos grupos de jovens, que, um a um, iam sendo afastados de nosso contato, convívio e influência. Como pretendíamos servir a Deus e à Igreja aceitamos esse relegamento a um ostracismo cruel dentro do grupo de Dr. Plínio. Poucos nos cumprimentavam, e os que mantinham contato conosco eram encarregados disso por Dr. Plínio. E — soubémo-lo depois -- , faziam isso para obter informações sobre o que pensávamos. [Contamos tudo isso num livro, que escrevemos em dez dias ao sair da TFP, em 1983, livro intitulado “Por trás do Estandarte” e que por falta de recursos não pudemos publicar].

Nesse ínterim, com a Revolução de 1964, a TFP cresceu.

Em 1965, Dr. Plínio organizou um simpósio interno, para o qual ainda fomos convidados, sobre os Grupos proféticos e sua atuação na História. O tema fora sugerido por um trabalho publicado na revista Approach, e serviu de trampolim para Dr. Plínio lançar-se, só internamente e muito discretamente ainda, como Profeta. Na realidade, ele já começara a organizar a sua nova seita secreta A Sempre Viva, da qual Caio Vidigal Xavier da Silveira foi o primeiro membro, fazendo voto de escravidão pessoal a Dr. Plínio, em 1961. Claro que ninguém ainda no Grupo de Catolicismo e na TFP sabia disso. [Na sexta parte deste livro, damos pormenores do histórico dessa seita secreta, A Sempre Viva]. Como se desconheciam completamente as outras seitas secretas que Dr. Plínio fundara, desde 1928, no interior de seus “grupos”.

Foi a partir de 1965 que a Sempre Viva se desenvolveu, recebendo um segundo escravo de Dr. Plínio na pessoa de Eduardo de Barros Brotero, praticando-se nela um culto ao “profeta Plínio”, que exigia, entre muitas outras coisas, que se beijasse o pé do “profeta”.

Surpresa inesperada e assustadora: logo que começou essa prática, o profético pé de Dr. Plínio apodreceu: teve uma gangrena provocada por diabetes, que obrigou a amputar parte de seu pé direito. Consternação profética!... Curado, Plínio se declarou agraciado de modo especial por Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano, que lhe teria garantido não morrer enquanto não realizasse sua missão de fundar o Reino de Maria, predito por São Luis de Montfort..

Foi por ocasião dessa operação cirúrgica de Dr. Plínio que João Scognamiglio Clá Dias teve a oportunidade de se tornar íntimo dele, pois lhe serviu de enfermeiro amador.

A partir de 1967, Plínio de ‘Profeta’ passou a se dizer “representante” do Imaculado e Sapiencial Coração de Maria na terra, e único objeto concreto da escravidão a Nossa Senhora, visto que, sem ele, a escravidão a Nossa Senhora ficaria muito em abstrato.

Entre os jovens, que em 1956 havíamos aproximado do Grupo de Catolicismo, estava também João Scognamiglio Clá Dias, então com uns 16 anos. Entre os moços daquele grupo, ele era simplesmente mediano, isto é, medíocre, e bastante tímido. Ele

cantava bem uma cântico da Missa de mortos, o “Libera me, Domine”. Para enterrar alguém, ninguém como ele...Enterrou a muitos. Libera me, Domine.

Dan é uma serpente no caminho, disse Jacó quando abençoou seus filhos. Não propriamente a Dan.

Scognamiglio não era nem dos mais inteligentes, e nem, muito menos, dos mais valentes desse grupo, formado por nós em 1956. Pelo contrário. Era bem fraco. Quando teve que servir o exército, vinha à nossa casa quase todo o dia, chorando por causa das agruras do quartel...E ele era bem pouco leal...

Entretanto, de todos os jovens daquele tempo, ele é que ia ter a “carreira” de maior sucesso junto a Dr. Plínio. E o sucesso começou, quando ele se tornou “enfermeiro” amador de Dr. Plínio em 1965, e muito mais, depois de 1975, quando Dr. Plínio sofreu um grave acidente automobilístico. Soubemos depois, que antes de sair de seu apartamento para a viagem em que sofreu esse acidente, Dr. Plínio teria comentado: “Chegou a hora de Nossa Senhora pedir contas a quem não correspondeu às suas graças”...

Foi então que João Scognamiglio se tornou enfermeiro e secretário de Dr. Plínio. A TFP mudou definitivamente. Esse período de enfermagem permitiu a Scognamiglio construir uma muito singular amizade com Dr. Plínio. Durante muito tempo, ficamos em dúvida – a ingenuidade humana parece ser infinita - se fora a bajulação de João Scognamiglio que, fascinara Dr. Plínio, ou se fora Dr. Plínio que vira nele o instrumento cômodo para realizar seus desígnios. Hoje, já não há mais dúvida: desde o princípio, Dr. Plínio planejou montar um culto para si, e João Scognamiglio foi julgado por ele como o “fiel intérprete de seus desígnios”.

Ninguém como ele compreendeu tão bem os “desígnios” de Dr. Plínio...

Ele foi realmente o “fiel intérprete dos desígnios” do “profeta”.

Foi.

E por isso Dr. Plínio o queria intocável. E declarava sem reboços que “se algo vem do João, é bom”. E os textos do “Jour- le Jour” que possuímos indicam uma estima muito grande de Dr. Plínio por ele:

“Nesse prazer, nesse gáudio e nessa satisfação: uma lacuna. Falta o nosso J. (João). Como eu gostaria de ver os olhos redondos e andaluzes dele, rebrilhando de satisfação com isso tudo. Olhando, olhando, a cara para ver

se... (exclamações)” Jour-le-Jour - Grafonema USA 22-VI-1983 - Santo do dia de junho - 4a. feira).

O enfermeiro amador captou tanto a estima do “Profeta” que se tornou inseparável dele. Scognamiglio—João Clá, como era chamado-- começou a controlar tudo na TFP a ponto de se dizer que ele mantinha dentro do grupo uma KláGB,.

Para fomentar o culto a Dr. Plínio e à mãe dele, Dona Lucília, -- (que Dr. Plínio no *Quem somos nós* reconhece que ela era liberal) -- Dr. Plínio contava nas reuniões da Sempre Viva casinhos de sua vida, assim como elocubrava, nas reuniões do MNF (Manifesto) PCO gostava de siglas, teorias que justificassem o culto a ele e à mãe dele. Scognamiglio, depois, repetia os “casinhos” da vida de Dr. Plínio, e algo das doutrinas do MNF aos mais jovens da TFP. E fazia isso de modo scognamigliesco. Foi assim que o culto a Dr. Plínio cresceu, e foi entre os mais fanáticos discípulos de Scognamiglio que se escolheram os membros para uma ordem religiosa clandestina de “eremitas e camaldulenses”, que praticavam um Ordo bem estranho. Na TFP, durante muito tempo essa ordem religiosa clandestina foi desconhecida da maioria dos membros da entidade. Dr. Plínio era tão discreto... que muitos de seus grupos, reuniões, e doutrinas eram.....Secretos.

Mas, como diz o Evangelho “Não há nada de oculto que não venha ser revelado” ( Luc., VIII, 17).

Toda sociedade secreta vive um dilema: para crescer, precisa convencer a outros, e, portanto deve se abrir. Mas, se ela se abre, como manter completo segredo? Daí a doutrina do véu maçônico de que fala Dante Alighieri:

“O voi ch’avette li ’ntelletti sani,

Mirate la dottrina che s’asconde

sotto ‘l velame de li versi strani”.(Dante Divina Commedia, Inferno, IX, 63 -65)

Dunque, mirate la dottrina de li versi strani...

Com a propaganda de Scognamiglio, visando fanatizar os jovens, e pela natural imprudência dos fanatizados o “véu” naturalmente transparente da seita oculta, era facilmente rasgado por atitudes e por argumentações esdrúxulas que nos chegaram aos ouvidos. Outros, desgostosos com alguma atitude desleal de Scognamiglio, -- e as havia

muitas--, “abriam o bico”...Do “véu” da sociedade secreta, escapavam doutrinas obscuras, palavras exóticas, atitudes escandalosamente idolátricas.

Em 1978, rasgou-se o véu.

Nesse ano, estourou o chamado “caso francês”.A TFP estabeleceu na França uma escola secundária para jovens filhos de famílias tradicionalistas. Eles foram trazidos a São Paulo, onde passaram pelo curso de fanatização de Scognamiglio.

Voltando à França, já como devotos do Profeta e de sua mãe, a liberal Da. Lucília, eles escandalizaram seus pais rezando e propagando uma paródia da Ave Maria, composta em honra de Da. Lucília, oração que haviam aprendido no Brasil, ensinada a eles por eremitas diretamente subordinados a Scognamiglio. Esses fatos vieram a público através da denúncia de um relatório - chamado na TFP de *Rapport Judas* (Relatório Judas) - ao qual Dr. Plínio tentou responder com uma publicação, assinada pela TFP francesa, mas feita por ele mesmo, Dr. Plínio. Esse foi o livro *Imbroglio, Détraction, Delire* (Imbróglio, Detração e Delírio).Le bien nomé...

Na realidade, o autor do *Imbroglio* foi Dr. Plínio.

O nome fora bem escolhido, pois a obra era um grande **imbróglio** de chicanas e “restrições mentais”.

A leitura do *Imbroglio* veio nos confirmar que algo de muito grave se passava nos círculos mais “internos” da TFP, nos êremos e nas camáldulas, a que não tínhamos nenhum acesso. Aliás, os próprios membros do Conselho Nacional da TFP, só podiam entrar nos êremos, se tivessem a licença de João Scognamiglio.

Começamos, então, uma investigação colhendo dificilmente informações esparsas, e os resultados foram de espantar. Depois que Dr. Plínio soube de algumas descobertas que fizéramos, ele mesmo nos chamou e nos ordenou que elaborássemos um relatório completo sobre o que havíamos descoberto da ação de Scognamiglio. Na verdade, ele queria saber o que tínhamos sabido, e não, como então ingenuamente julgávamos, para conhecer os abusos e erros, a fim de corrigi-los. Tendo ouvido nossas denúncias contra Scognamiglio, especialmente a de uma escandalosa e estapafúrdia ladainha a Dona Lucília, que ingenuamente julgávamos insuflada por Scognamiglio, e não por Dr. Plínio, ele ordenou medidas de contenção, mas não de correção. Só de contenção.

Constatando que o culto a Dr. Plínio e à mãe dele, que João Scognamiglio difundia no Grupo, continuava e crescia, com a tendência a substituir Nossa Senhora por Da. Lucília, culto com o qual não podíamos concordar, resolvemos lutar. A situação era bem difícil, porque Scognamiglio era muito prestigiado por Dr. Plínio. Em 1982-1983, em plena crise de nossa ruptura, quando estavam em jogo pontos de doutrina católica assim como a salvação de tantas almas e o destino de tantas vidas, quando se discutia o profetismo e o culto a Dr. Plínio e à liberal Da. Lucília, quando se discutia se a TFP era ou não uma seita, Dr. Plínio afirmou: “Eu estou disposto a qualquer compromisso, contanto que não se toque no João”. Frase estarrecedora probatória que, para Dr. Plínio, João Scognamiglio estava acima das questões doutrinárias. Acima da ortodoxia. Acima até do culto a ele mesmo e à mãe dele.

Iludidos, considerávamos que Scognamiglio era quem fanatizava os jovens da TFP, sem a permissão do pretense Profeta. Com o tempo, foi se tornando patente que o culto delirante que se prestava a Dr. Plínio tinha por fundamento a tese tresloucada de que PCO era profeta inerrante. E essa tese absurda provinha do próprio Dr. Plínio. Naquele tempo, não conhecíamos suas palestras em que ele explicava *Quem somos nós*, em simpósio discretos... ( Cfr Apêndice I no final deste livro)

Para quebrar o ídolo e seu altar, era preciso provar claramente, de modo a poder convencer mesmo os mais fanáticos, que Dr. Plínio errava.

Buscamos, então, um caso doutrinário em que ele manifestamente tivesse errado. Durante mais de quarenta anos, Dr. Plínio elogiara - sem reservas - as pseudo-revelações de Ana Catarina Emmerick, freira alemã do século XIX, redigidas pelo poeta romântico Clemens Brentano. Ora, nessas revelações pululavam os erros doutrinários, pois as pseudo revelações dela eram de fundo esotérico, cabalístico e gnóstico.

Em conversações que tivemos com Dr. Plínio, provamos isso com facilidade, o que lhe tornava impossível sustentar sua inerrância. Seu culto estava abalado, pois sua inerrância fora estilhaçada.

Quando se tratou de continuar nossas conversações, para discutir o culto prestado a ele, Dr. Plínio fugiu do debate, e nossa ruptura com ele e com a TFP tornou-se um dever de consciência: não podíamos aceitar que se pusesse um homem qualquer no lugar de Cristo ou do Papa, nem uma mulher, Da. Lucília, no lugar de Nossa Senhora.

Após nossa ruptura, graças ao testemunho de um afilhado de Dr Plínio e ex membro da Sempre Viva, Luís Filipe Ablas, acabamos tendo as provas daquilo que há tempos desconfiávamos existir por trás do estandarte da TFP: uma seita secreta. Luis Felipe Ablas nos revelou a existência, os rituais estranhos, algumas teses absurdas da Sempre-Viva, a seita dos escravos de Dr. Plínio, onde ele se apresentava nada menos do que como a encarnação do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria.

Essa foi a denúncia que publicamos então para que a Igreja, as autoridades e a opinião pública soubessem bem o que a TFP era, e é, na realidade. Para que se visse que a bandeira católica em que ela se envolvia mascarava uma mentalidade sectária, fanática e gnosticizante. O sectarismo, o fanatismo e o gnosticismo nós os denunciávamos e rejeitamos. A bandeira católica, nós a recolhemos e beijamos com veneração.

Em dez dias, redigimos, então, um livro -- Por Trás do Estandarte – contando, no primeiro volume, nossa vida no grupo e na TFP, e no segundo, o que sabíamos naquela época das doutrinas e do culto absurdamente paranóide que Dr.Plínio montara para si mesmo e para Dona Lucília.

Entretanto, nunca tivemos recursos para publicar o livro que escrevêramos. E hoje damos graças a Deus por esse impecilho providencial. Sim, providencial, porque agora temos publicadas pela TFP e pelos Arautos de Scognamiglio as teses e fatos mais esdrúxulos dos quais tínhamos então um conhecimento bastante incompleto. Hoje, temos as teses secretas de PCO publicadas por seus sequazes da TFP e dos Arautos do Evangelho.

Quando de nossa ruptura com o grupo de Plínio, por poder publicar o livro que escrevêramos, recorremos à imprensa, a entrevistas para revistas de grande publicidade, e à TV, para denunciar Plínio e a TFP com seu culto secreto e suas doutrinas românticas.

Dr. Plínio procurou anular nossas denúncias, publicando um livro em três volumes, Refutação a Uma Investida Frustrada, procurando justificar doutrinária e canonicamente o culto a ele prestado na TFP, e que antes ele solenemente negara que existisse. Respondemos a esse livro com artigos na imprensa e por meio de entrevistas.

A TFP ficou desmoralizada e a Sempre Viva, denunciada, como toda seita secreta revelada, teve que entrar “em dormição”.

Ainda em vida de Dr. Plínio, em Setembro de 1995, a TFP publicou um grosso “romance” em três imensos volumes. Luxuosíssimos. Ilustradíssimos. O “romance “Dona Lucilia” foi assinado por Scognamiglio, como se ele tivesse sido o autor da obra. Tudo leva a crer, porém, que esse livro foi ditado e gravado pelo próprio Dr. Plínio. Scognamiglio apenas emprestou seu nome, para esconder o verdadeiro autor, pois ficaria escandaloso um filho escrever tais páginas idílicas sobre sua ‘mamãe’... E esse livro confessava muito do que havíamos denunciado.

O livro era uma hagiografia romanceada daquela que Dr. Plínio declarara ser liberal, no “Quem somos nós”.

Mas claro que não faltaram ao livro Dona Lucília as aprovações eclesiásticas de ilustres moralistas de Espanha. Scognamiglio era hábil na bajulação, e tinha recursos abundantes para convencer eclesiásticos.

Tal obra era um primeiro vazamento oficial de certas doutrinas ocultas da TFP.

## **APÓS A MORTE DO PROFETA IMORTAL**

### **Novas Fontes**

Passaram-se os anos.

Um dia... o imortal morreu.

Foi em 1995.

A inesperada morte do imortal profeta Plínio desmoralizava uma das teses centrais de seu culto: sua imortalidade. E, como era de esperar, com sua morte, veio a decepção de muitos.

Pois o que ele, como profeta, não previra, aconteceu: foi enterrado.

Scognamiglio preparou-lhe um enterro triunfal. Com banda e bumbo. Literalmente: com bumbo e banda.

Pois Plínio ia ressuscitar. Tinha que ressuscitar.

Pois como PCO dizia ser “o Inocente”, o homem que, como Adão, antes do pecado, possuía por excelência a ‘Inocência Primeva’, PCO acreditava que não ia morrer, visto que a morte fora consequência da perda da inocência original.

No simpósio “Quem somos nós”, Plínio garantira a seus fanatizados:

“Crescendo a Igreja sempre em fidelidade, a dos últimos fiéis seria tão grande que eles seriam dispensados da morte .

(...)

“Se isto é verdade, ao cabo desse crescimento no Reino de Maria, pode-se imaginar a fidelidade dos últimos fiéis, que serão dispensados da morte pelo extremo de sua fidelidade, e assistirão vivos ao Juízo Final”(Cfr. Apêndice I, no final deste livro, Plínio Corrêa de Oliveira, Quem Somos Nós).

Por isso, Scognamiglio difundiu na TFP a crença pliniana de que PCO, o profeta, era imortal.

O próprio Dr. Plínio, certa feita, embora tendo sido já desenganado pelos médicos por ter câncer disseminado por todo o corpo, publicamente admitiu veladamente sua imortalidade ao dizer:

**“Dizem por aí que eu não vou morrer. Eu não estou tão convencido disso. Mas, se eu morrer , o que é que vai acontecer? Tudo, mas tudo, vai girar em torno de um só ponto: manter a coesão do Grupo (..) De resto, não se preocupem. Nossa Senhora resolve”** (Plínio Corrêa de Oliveira, Despacho em 9 de Fevereiro de 1995, ou em 5 de Junho de 1995, Jour le Jour de 15 de Outubro de 1995).

Veja-se o que contava Plínio sobre seu futuro, tal como foi contado por um ex auxiliar direto de João Scognamiglio, num forum de ex tefepistas na internet:

“O próprio [Dr.Plínio] havia dito, numa reunião, que ele faria milagres e que até nós mesmos faríamos milagres portentosos em seu nome durante a Bagarre, para provar ante às pessoas quem éramos e convertermos essas pessoas.

“A seu primo, Fábio VXS [Fábio Vidigal Xavier da Silveira], que estava presente nessa reunião, e surpreso, o DP [ Doutor Plínio] lhe disse: sim, meu Fabinho, você mesmo fará milagres em meu nome, como o de ressuscitar mortos na rua”! **E na mesma reunião (Pará) afirmava: se algum dia (durante a Bagarre) lhes disserem que morri, mesmo que vejam a foto nos jornais, NÃO creiam nisso, farão isso para enganá-los. E se virem um morto no caixão, não serei eu, será um sócia. Não acreditem neles. Não morrerei sem fundar el RM [Reino de Maria]”**

Extrato da carta de J. L. T. a João Luiz Vidigal – 23/10/2009, <http://extfp.mforos.com/1791911/9074334-para-joao-luiz-vidigal/>)

Delírio completo.

Morreu.E sem fundar ao tal Reino de Maria.

Esperavam, pois, os fanáticos adeptos plinianos, dirigidos por Scognamiglio, que PCO ia ressuscitar imediatamente depois de seu enterro. Foram esperar no cemitério, no dia seguinte do enterro, logo de manhãzinha, a ressurreição prometida.

Não ressuscitou. Esperou-se sua ressurreição, ao terceiro dia.

Tertia die. Não aconteceu. PCO continuou defunto. Como o velho Malbrought, “il était mort et enterré”.

Anunciou Scognamiglio — que ainda não era Monsenhor — que PCO ia ressuscitar, logo mais. Em seis meses. Não reapareceu.

A ressurreição de PCO foi adiada. Houve vários adiamentos. Sucessivos, e imprevistos.

A última data que se soube ter sido anunciada por Scognamiglio foi em 2007. Nada.

Começou-se a dizer que PCO estava “ausente”... Só fisicamente ausente. Mas sempre presente.

Afinal, ele era o inocente. Imortal ausente.

Mas sempre agente. [Uma última notícia comprovante da atuação do “Ausente” — termo com que os sebastianistas lusitanos designavam o Rei Dom Sebastião, enquanto esperavam o seu Grand Retour para estabelecer o Quinto Império —, nós a tivemos recentemente e foi a de que o “Ausente”, mas sempre presente, PCO, fez com que um velho revisor dos artigos de PCO, tão incapaz como nós de digitar corretamente um texto no computador, escrevesse rapidamente — sem erros de digitação — e numa redação ótima, um artigo que estava difícil de ser gestado. E afirmou esse corretor de textos de Dr. Plínio, que isso era o sinal da “presença” do “Ausente” que causara aquele “milagre” de psico-digitação, ou de psicografia eletrônica. Vinda do além, como diziam os espíritas seguidores de Chico Xavier].

Dr. Plínio não teria morrido. Está apenas ausente.

“Passando um período fora”, dizia eufemisticamente Scognamiglio. Onde? Talvez num universo paralelo e idealisticamente superior que Plínio denominava de Trans-esfera...

E que era essa Trans–Esfera da qual Dona Lucília teria sido a mãe? Pelo menos era o que rezava na ladainha de Dona Lucília, ladainha tão reveladora...

Veremos o que era a Trans-Esfera pliniana ao estudarmos logo mais adiante, o livro Inocência Primeva. Lá se explica que essa Trans – Esfera seria um mundo imaginário, idealizado, onde não haveria matéria, e que servira de modelo para o Deus criador fazer este mundo material “sofrível” em que vivemos, o qual seria uma caricatura inferior do mundo ideal.

Exatamente como dizia a Gnose.

Com a morte do “Profeta” imortal, a TFP entrou em crise. Pois Plínio dera toda influência e todo o poder ao “João, de olhos redondos e andaluzes”. Mas, em seu testamento deu o poder aos seus discípulos mais antigos, os que ele chamara de “Provectos”. Os quais, reservadamente, ele desancava como sabugos.

Começou o duelo pela liderança tefepêica: o duelo entre os “olhos andaluzes’ versus o testamento jurídico.Resultado, deu-se a cisão entre o grupo liderado por Scognamiglio, de um lado, e os mais velhos membros da Sempre Viva, os denominados Provectos, de outro.

A cisão foi dramática. Scognamiglio rebelou-se contra a Direção da TFP (Os chamados Provectos da TFP) e da Sempre Viva, e cindiu a seita. Surpreendentemente, a Justiça deu a ele a sigla da TFP, o seu leão de barriga cavada e língua bífida bem comprida, e especialmente suas muitas propriedades. Scognamiglio ficou riquíssimo. Levou consigo uns 80% da TFP. Assim surgiram os Arautos, que logo aderiram à Missa Nova e ao Vaticano II, sendo reconhecidos depois pelo Vaticano como Instituto Pontifício. Com a condição de não mais falarem de Plínio, de Dona Lucília e da TFP.

Scognamiglio aceitou.

Os retratos de Plínio e de Dona Lucília sumiram do peito dos Arautos, que juravam, a quem lhes perguntasse, nem saber o que era a TFP.

Os Arautos do Evangelho de Scognamiglio diziam, nos pátios, ruas e praças que não conheciam o que era a TFP. e nem quem fora o tal Plínio.Os galos cantavam por toda a parte.

Mas os Arautos fingiam que não entendiam o canto do galo. Eles só conheciam o úivo da raposa.

Para os íntimos , João Clá prometia passar a rasteira nos Cardeais. Começara a Operação Judit...

Logo também surgiram as cladetes, fanáticas do ‘padrinho’, o sr. João. Um santão!

Scognamiglio publicou uma sua biografia na qual, ágil e sem qualquer escrúpulo, saltava desembaraçadamente quarenta anos de sua vida: desde 1956 a 1996. Exatamente os anos em que vivera na TFP, como difusor do culto fanático de PCO e da mãe dele.

João Scognamiglio Clá Dias, -- que ainda não era nem Padre, e nem Monsenhor, nem Doutor, era só Scognamiglio --, fez publicar, desde Abril de 1998, uma luxuosa revista mensal, com um nome esdrúxulo para uma revista: “Dr. Plínio”. E, para esconder como podia sua responsabilidades pessoal, fez isso através de alguns de seus colaboradores e amigos, não oficialmente pertencentes ao Instituto dos Arautos. Assim nasceu a luxuosa revista intitulada “Dr. Plínio”.

Também a Editora dessa revista tinha um nome estranho e revelador: Editora Retornarei, já que Scognamiglio e seus Arautos esperavam, como esperam até hoje, o retorno de Dr. Plínio, a qualquer momento, advindo de além túmulo. Para vir de lá não é preciso passaporte. Basta ser dotado de Inocência Primeva. Nessa revista, da qual temos a grande maioria dos exemplares, o agora Monsenhor Scognamiglio, confiante nos apoios eclesiásticos que misteriosa e estranhamente conseguiu, ousou publicar muitos textos do secretíssimo MNF de PCO, fazendo vazar as doutrinas mais descabeladas do profeta de Higienópolis. Uma fonte riquíssima das heresias de Dr. Plínio, da TFP e dos Arautos do Evangelho.

Fomos colecionando essa revista há doze anos... Com fotos dos Arautos em suas páginas. E lá há coisas...“Meninos eu li”...

E anotamos tudo, tudinho.

A ala rival de Scognamiglio, na TFP — a dos Provectos —, para não ficar atrás, por meio do eremita Leo Daniele (o escravo Plínio Tobias da Sempre Viva), publicou alguns livrinhos com “Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira”, nos quais se divulgaram curtos textos do MNF. De pensamento, nada havia nesses livrecos, e sim apenas imaginações e sonhos delirantes. Mas bem significativos...

Incríveis. Eles formaram a Coleção “Canticum Novum”. Eis alguns dos livros editados:

1. *O Universo é uma Catedral, Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*, recolhidos por Leo Daniele. Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997.
2. *A Cavalaria Não Morre, Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*, recolhidos por Leo Daniele. Edições Brasil de Amanhã, São Paulo 1.978.
3. *À procura de Almas com Alma. Tipos humanos – A Música das Personalidades*.

Temos também esses livrecos, encantadores...

Em 2008, por ocasião do centenário do nascimento de Dr. Plínio, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, sob direção dos Provectos, publicou um livro com algumas das doutrinas mais recônditas do “profeta”, tais como foram expostas por ele e registradas, nas reuniões do MNF, livro intitulado **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, reproduzindo “fielmente” o pensamento do pseudo Profeta de Higienópolis, como fazem questão de dizer seus apresentadores — o pensamento “discreto” do fundador da TFP.

Conseguimos comprar esse livro, que é ... uma bomba.

Em boa hora veio à luz essa obra, que deixa clara a doutrina romântica e gnóstica que seu autor expunha em conversas com seus adeptos — *en petit comité* — da TFP e da seita secreta A Sempre Viva. Claro que esse livro, contendo as gravações das reuniões — das conversas de Dr. Plínio no MNF [ há 43.000 paginas datilografadas do MNF], — não conta tudo: conta só “as primícias” do “pensamento” pliniano...

E se pelo dedo se conhece o gigante...

“Não é nossa pretensão expor exaustivamente tais temas, mas oferecer ao público uma primícia deles”, confessa singelamente Paulo Corrêa de Brito Filho, na apresentação que faz desse livro “Ao Leitor”, na página 12, dessa obra .

Portanto, as conversas “discretas” de Dr. Plínio foram certamente “lapidadas”, maquiadas, isto é, censuradas, para serem apresentadas ao público de modo palatável, escoimadas das afirmações por demais “estranhas”. Mas, boa parte do que foi censurado pode ser encontrado no que a imprudente segurança do agora Monsenhor João Scoganamiglio Clá Dias, discípulo preferido de PCO, e dinamitador da

TFP, publicou, quer no livro Dona Lucília, quer na revista “Dr. Plínio”, quer ainda no Jour-le-jour do Profeta contado por Scognamiglio ns reuniões do Paesto Sum in illo tempore. Tudo isso, e mais as centenas de depoimentos assinados, que possuímos de testemunhas de ex tefepistas, são suficientes para comprovar como era heterodoxa a doutrina de Plínio. Mais ainda. Monsenhor Scognamiglio nos forneceu uma nova preciosa fonte de confirmação das doutrinas gnósticas de PCO. Não querendo ficar atrás dos Provectos da TFP, ele também publicou um livro comemorativo do centenário de nascimento de Dr. Plínio. Editou uma obra em três volumes: Notas Autobiográficas de Plínio Corrêa de Oliveira, pela Editora Retornarei. La bien nomée...

Delas, por enquanto, saiu só o primeiro volume, no qual Plínio conta a sua vida desde os seis meses de idade até os dez anos de vida.

Esse livro é um romance surrealista. Posto a “voar” à luz do dia pela editora Retornarei. E qual morcego ao meio dia, saiu a lume o primeiro volume das **Notas Autobiográficas de Plínio Corrêa de Oliveira**, luxuoso livro de 686 páginas, nas quais PCO conta fatos reais e imaginários de seus dez primeiros anos de idade.

Um desvario só.

Esse romance realmente surrealista contém o que PCO ditara sobre sua vida. Scognamiglio que nada entende de doutrina, publicou os fatos da vida de Plínio com abundante “molho” de textos doutrinários ditados por PCO, mas esparramados, sem qualquer ordem lógica, sobre a “macarronada” dos fatos narrados. Os fatos são incríveis e os comentários doutrinários são delirantes. A doutrina exposta –sem ter sido entendida -- no livro editado pelo Monsenhor chefe dos Arautos é uma delícia para um pesquisador de heresias. É como caçar cobras em viveiro do Instituto Butantã.

Se os Provectos da TFP publicaram uma bomba doutrinária, expondo a Gnose do profeta de Higienópolis, Monsenhor Scognamiglio, muito pouco doutrinário, e ralo entendedor de qualquer coisa, publicou os fatos que ilustram a doutrina de PCO: os delírios imaginativamente “metafísicos” do Profeta de Higienópolis. Ele pensou que publicava um livro retumbante. Vai ser literalmente re-**tumbante**. Pois vai enterrar de novo Dr. Plínio. E, desta vez, em tumba doutrinal e sem consolação. Sem consolamentum.

Baseados em todas essas publicações insuspeitas é que pudemos conhecer, bem melhor, hoje, algumas das doutrinas secretas de Dr. Plínio expostas no MNF e na seita

secreta a Sempre Viva. Portanto, hoje é bem possível expor, com coerência e documentadamente, a doutrina romântica e gnóstica do profeta de Higienópolis e de Monsenhor Scognamiglio. Gnose seguida particularmente pelos membros da seita secreta A Sempre Viva, encapsulada na TFP e também nos Arautos do Evangelho, e da qual Monsenhor Scognamiglio é, hoje, o doutorado Grão Mestre.

Quem diria Scognamiglio Doutor!

Por isso, hoje sim, damos graças a Deus por poder publicar, fundamentados em fontes da própria TFP e dos Arautos do Evangelho, a doutrina secreta gnóstica de Plínio Corrêa de Oliveira. E que Deus seja louvado porque Ele confirmou que “Nada há de oculto que não venha a ser revelado”(S. Lucas, VIII, 17).



## Introdução

Deixamos claro que durante os trinta anos em que freqüentamos o grupo do mensário Catolicismo, do qual nasceu a TFP, jamais tivemos acesso às doutrinas “discretas” – na verdade, secretas, que lá se denominavam “parâmicas” -- que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira ministrava só para certos círculos de seus adeptos. Jamais gozamos da confiança dele, graças a Deus, o que impediu que, em trinta anos, fôssemos alguma vez convidados a participar das reuniões do círculo, praticamente secreto, do chamado MNF. Como o atual Monsenhor -- e Doutor! -- João Scognamiglio Clá Dias bem expressou, “o Professor Fedeli era o anti Plínio”. Graças a Deus. O que ele via em Plínio, não havia em nós. E vice versa.

Graças a Deus. Que era o MNF?

A sigla MNF significava “Manifesto”, primeira pessoa do indicativo presente do verbo “manifestar”, porque era nessas reuniões que PCO (iniciais do nome de Dr. Plínio, que usaremos para economia de tempo e de espaço, e não por desprezo) manifestava o que era, isto é, o que ele imaginava que era. E até agora, poucos imaginam o que ele era.

Para os não iniciados nos grupos secretos de PCO, dizia-se que no MNF estava se preparando o grande “Manifesto” (substantivo) doutrinário que PCO lançaria, um dia, contra a Revolução, e contra as forças secretas que a dirigiam...

“Porque a RCR (que não é senão a espinha dorsal de um corpo que tem cabeça, membros e costelas, que é o MNF) e sobretudo no MNF, se dá o fato de que toda natureza, todo significado, todo o alcance, todos os métodos da luta ficam postos muito mais claros” (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, nº 4, p. 65. ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

O secretário do MNF — Átila Sinke Guimarães — , escreveu frases que demonstram claramente o grau de fanatismo, verdadeiramente inacreditável, que reinava no MNF, e, depois, na TFP, e agora entre os Arautos Evangelho, assim como entre os membros da sociedade secreta A Sempre Viva. Ei-las:

“O grande Moisés, com sua sarça ardente no alto do Sinai, não me faz inveja. Pois se ele ali se relacionou com Deus durante quarenta dias, eu me relacionei com Dr. Plínio há trinta e três anos. E, em tais relações, vejo talvez mais a presença divina do que ele ante o sagrado arbusto. E guardo a esperança de ainda vencer o Profeta nesta tertúlia, quando eu passar do atual degredo para a Pátria”. (Átila Sinke Guimarães, secretário do MNF, in **O Ultimato – A Defesa**, 1998, p. 28).

Essas palavras de Átila Sinke Guimarães patenteiam o orgulho fanático dos sequazes de Plínio. A sarça ardente é figura da Encarnação do Verbo, da presença da luz de Deus no seio de Nossa Senhora. É figura da união hipostática: o Verbo de Deus encarnado em Jesus Cristo. É figura da Igreja, humanamente fraca como a sarça, que se consome ardente de amor a Deus, na História, enquanto Deus fala por meio dela. Para os fanáticos da TFP e dos Arautos, Deus estaria mais presente em Plínio que na sarça ardente. Portanto, Deus estaria mais presente em Plínio do que em Cristo, Deus e homem; do que em Maria Santíssima; do que na Igreja. Em Plínio, haveria uma presença de Deus única.

E Átila, diante de Plínio seria mais do que Moisés diante da sarça ardente.

Moisés, diante da sarça ardente, confessa : “Quem sou eu?”

Enquanto que da sarça ardente Deus lhe responde: “Eu sou”.

E acrescenta: “Eu sou aquele que sou”. “Eu serei contigo”.

O Ser necessário estaria com o ser contingente. Porque Moisés, diante da sarça, tirou as sandálias e tapou o rosto, pois não ousava olhar Deus na sarça. A humildade alcança a união mística com a misericórdia Onipotente.

Comparar a presença de Deus, na sarça ardente, com a suposta presença divina em Plínio Corrêa de Oliveira, e dizer que se acreditava ser mais agraciado do que Moisés, por ver Dr. Plínio, no qual brilharia mais a presença divina do que na sarça ardente, mostra o grau de delírio a que se chegou nos círculos mais internos da TFP, e depois nos Arautos, cultuando o pseudo-profeta de Higienópolis quase como Deus.

Deus estaria presente em Plínio de um modo único. Haveria como que uma identificação de Plínio com Deus. Pois, se *Christianus alter Christus*, e se ninguém era tido mais idêntico a Cristo do que Plínio, então em ninguém, nem em Moisés, nem na sarça ardente, Deus estaria mais presente do que em Plínio.

*Plinius alter Christus.*

No encontro de Moisés com Deus que lhe fala desde a sarça ardente, se contempla a humildade diante da Misericórdia onipotente. A criatura humildemente prostada diante do Criador onipotente. Culto santo

Lendo as palavras de Átila, descrevendo a ele mesmo diante de Plínio, se vê a pretensão tresloucada diante da soberba desvairada. Culto de um ídola diante de um ídolo.

Pior ainda: Plínio vai dizer que Cristo era seu *arqui alter ego*.

Se não tivéssemos um documento publicado pelo próprio Mons. Scognamiglio, dizendo isso, julgar-se-ia que teríamos inventado tal texto:

“Era como se existisse um meu **“arqui-alter ego”** [arqui outro eu mesmo], atraentíssimo, porque imensa e infinitamente distante, mas ”inviscerado’ dentro de mim e “brincando” com minha alma como um homem brinca com uma pedra preciosa” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, Edit. Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> Vol., p. 220. Destaques do original).

E esse *arqui alter ego* de Plínio seria o próprio Jesus Cristo, como Plínio explicitará nesse livro, ora publicado pelos Provectos da TFP. E no livro publicado por Monsenhor Scognamiglio se lê a seguinte meditação de Plínio sobre si mesmo, aos dois a três anos de idade:

“Eu tinha a impressão de que esse **alter ego** se comprazia em intensificar em minha alma ora tal atitude, ora tal outra. Ao mesmo tempo, ele me deixava contemplar essa atitude e parecia dizer-me: “Vê como isso é lindo! E tu, meu filho, como és pulcro, perfumado, irisado e magnífico, em tua alma! Que esplendor há em ti! Também que alegrias inefáveis tu sentes! Que bem-estar superior a qualquer satisfação da terra, sem nenhuma comparação! (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, I vol. p. 220).

Portanto, *Christus alter Plinius*.

Nesse primeiro volume das *Notas Autobiográficas* de Plínio, no qual se contam os anos infantis da vida dele, acham-se textos incríveis. E damos graças a Deus pela imprudência de Monsenhor Scognamiglio, que se sentiu seguríssimo, não temendo publicar textos que ninguém acreditaria serem autênticos. Se os tivéssemos de outra fonte, dificilmente se nos creeria.

Foi Monsenhor Doutor Scognamiglio que publicou isso, e adquirimos o livro na livraria dos Arautos do Evangelho em São Paulo!

Julguem os leitores pelo que publicou Monsenhor Scognamiglio das palavras até agora secretas de Plínio Corrêa de Oliveira, contando o que ele dizia que pensava de si mesmo aos três anos de idade.

E que Padre Royo Marin aprovou.

Claro que, já quando estávamos na TFP, nos chegavam alguns rumores do que se tratava no MNF: chegavam – nos palavras soltas, alusões, uma terminologia esdrúxula, siglas, termos esotericamente misteriosos...

Porém, foi só depois de romper com PCO, que tivemos acesso a alguns documentos, nos quais o discípulo predileto de PCO, João Scognamiglio Clá Dias (hoje, Cônego de Santa Maria Maior, em Roma, e Doutor pelo Angelicum), explicava e publicava aquilo que na TFP se chamava o “Jour le Jour”, que era a transcrição das fitas de áudio incessantemente gravadas, durante todo o tempo em que PCO estava acordado, acrescentada das explicações necessárias para o entendimento dos jovens sobre algumas circunstâncias.

Quereríamos então conhecer na íntegra os documentos do MNF, que eram guardados a sete chaves, pelo outro discípulo predileto de PCO, Átila Sinke Guimarães, pessoa que falsificou textos de nossas cartas a PCO, e que, a própria TFP admite que Átila tinha o costume de falsificar e deturpar as citações que fazia, sendo por isso qualificado de “intelectualmente desonesto”. (Cfr Declaração de Nelson Fragelli, publicada pelo próprio Átila Sinke Guimarães, no documento *O Ultimato / A Defesa*, 1998, p. 257].

Era praticamente impossível ter acesso aos documentos nos quais PCO revelava suas doutrinas secretas, expostas quer nas reuniões do MNF, quer nas reuniões da seita secreta da TFP, A Sempre Viva.

Mas, como está dito no Evangelho, “Não há nada de oculto que não venha a ser revelado”(São Lucas, VIII, 17)...E no livro de Jó se pode ler que “Deus revela o que está oculto nas trevas” (Jo, XII, 22).

Dizíamos que quereríamos ver os documentos originais, porque a TFP tinha uma doutrina esotérica – só para os iniciados— e outra exotérica, para ser publicada para os... ingênuos.

Com efeito, que havia duas doutrinas na TFP, ela o confessava num documento que nos chegou às mãos, no qual, tratando do problema da Missa Nova, do Vaticano II, e do sede-vacantismo, se afirma que uma é a doutrina da TFP *ad intra* e outra a que pode ser exposta *ad extra*.

Nesse documento, datado do final dos anos noventa, a TFP pretendia contestar uma Compilação de textos de Dr. Plínio, feita para justificar a adesão de Scognamiglio à Missa nova e ao Vaticano II, e nele se lia o seguinte:

“Para interpretar devidamente o que os textos da Compilação dizem, é preciso distinguir aqueles que são destinados ao uso interno do Grupo (que refletem o que nosso Pai [Plínio Corrêa de Oliveira] achava em seu foro íntimo – coisa de que podemos dar testemunho todos os que tivemos a graça de com ele privar), daqueles textos destinados ao uso externo, ou seja, as explicações a serem dadas a terceiros por razões estratégicas.

“A razão dessa distinção reside no fato de que, nessas explicações, o Senhor Doutor Plínio sugere, obviamente, dizer a verdade, mas recomenda não dizer toda a verdade do que nós pensamos a respeito da Missa Nova” (Documento dos Provectos da TFP a João Scognamiglio sobre a ilicitude de se aceitar a Missa Nova de Paulo VI, Documento V, de 19 de Março de 1996, p. 64).

Portanto, a TFP confessa que tinha uma doutrina interna que não convinha revelar aos de fora da seita.

Exemplos: o problema da Missa Nova e a legitimidade ou não dos Papas conciliares e pós conciliares...

O sedevacantismo? ...

Nesse mesmo documento V dos Provectos, pode-se ler o seguinte:

“Há, sim, uma matéria que é efetivamente opinável entre nós, porque nosso Pai e Fundador nunca quis tomar posição a respeito dela: até que ponto os membros da Hierarquia que adotaram os erros do Concílio e favoreceram o processo de auto demolição da Igreja estão unidos a Ela; e muito particularmente, o crucial problema de saber se Papas pós conciliares teriam perdido o pontificado por terem eventualmente incorrido em heresia e estas terem se tornado públicas e notórias” (Documento dos Provectos da TFP a João Scognamiglio sobre a ilicitude de se aceitar a Missa Nova de Paulo VI, Documento V, de 19 de Março de 1996, p. 63).

Portanto, o tema do sede vacantismo era livre na TFP...

E, enquanto estivemos lá, nunca nos contaram que se debateu isso.

Um segundo documento interessante, já citado em epígrafe, sobre a dupla linguagem da TFP, assim como a confissão de que havia nela uma sociedade secreta, se

tem num depoimento publicado num fórum de ex tefepistas argentinos. Nesse fórum, um extefepista que fora muito ligado a João Scognamiglio e seu auxiliar, J. L. de T., conta como o atual Monsenhor Scognamiglio, líder dos Arautos do Evangelho, defendia a formação de grupos secretos, e o uso de linguagem dupla até nas reuniões da TFP:

“- Formação da Claque (’77)

“JC [O atual Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias], baseado no princípio dos círculos concêntricos dado por Dom Chautard em seu magnífico livro “A alma de todo apostolado”, congrega um grupo de ‘fervorosos’, ou como muito bem você classificou em um de seus post, um grupo de ‘ditadores do bom espírito’. João Clá notificou essa iniciativa a Zayas, a Kallás, ao Dr. Duca, aos irmãos Joao Carlos e Celso Luis, e a mim, de que éramos os quidams [dirigentes] dos grupos dos que tinham sido selecionados os integrantes do grupinho.

Alguém fez alguma observação sobre essa questão, e JC [Scognamiglio] respondeu:ol SDP [Senhor Doutor Plínio] está sabendo disso. Ele aprova. A ‘bucha’ [A Burschenschaft, sociedade secreta brasileira fundada por Júlio Frank] usa esse método desde os tempos de Moisés (ainda que nessa época não se chamasse bucha). Ela o usou contra Nosso Senhor, ou os senhores pensam que aqueles judeus fariseus que acusavam Nosso Senhor diante de Pilatos não faziam parte de um grupo organizado? O mesmo se fez na Revolução Francesa, e daí para foóra. Se a revolução usa, porque nós não? Sejam astutos como a serpente...”

O grupinho foi assim oficializado. E começou a atuar. JC [Scognamiglio] deu no PS [Praesto Sum, êremo da TFP] uma reunião — tipo treinamento — para mostrar aos entrosados como se podia fazer uma leitura dupla do que se dizia numa reunião qualquer e como se podia passar uma prancha num plenário alheio do grupinho. Esclarecendo desse modo, inclusive para os não entrosados, certas coisas. Que ele por falta de tempo, algumas vezes deveria passar as ‘pranchas’ assim, em plenário.

<http://extfp.mforos.com/1791911/9074334-para-joao-luiz-vidigal/>

Palavras de J. L. T. dirigidas a João Luiz Vidigal (carteio via e-mail – fórum de discussões).

Assim era oficializada a duplicidade de doutrina e de linguagem na TFP, assim como a formação de grupos secretos, pelo atual Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias.

Da mesma forma, os textos agora publicados pelos “Proyectos da TFP”, através do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, evidentemente foram censurados, para que as elucubrações mais delirantes de PCO escandalizassem menos. Mas, pelo que se lê no livro agora publicado, adivinha-se o que está por baixo da ponta revelada do iceberg. O iceberg se derreterá, revelando a Gnose submersa no mar do esoterismo tefepista.



Por isso, agora que tivemos acesso a tais documentos, apressamo-nos a publicar nossa crítica, e nossa denúncia, às exóticas doutrinas da “filosofia” e da “teologia” “tomista-tropicalista” de PCO, da TFP e dos Arautos do Evangelho.

“Filosofia” delirantemente imaginativa, feita de sonhos e de “impressões”, nunca de raciocínios.

Plínio enfaticamente se proclamava tomista. Ele era, quando muito, um imaginativo escolástico-romântico- tropicalista.

“Não era ele um filósofo abstrato”, como o definiu a Revista *Dr. Plínio* na apresentação do artigo “Solidões em bonde”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Solidões em bonde...” in Revista *Dr. Plínio*, Ano VII, Fevereiro de 2004, N<sup>o</sup> 71, p. 14).

Por sua vez, Scognamiglio, ao se doutorar no Angelicum, modestamente ousou se apresentar como senhor de uma “firmeza única” em São Tomás (Cfr. Palavras de Monsenhor Doutor João Scognamiglio Clá Dias, no artigo “O Fundador dos Arautos Doutor em Direito Canonico” in revista *Arautos do Evangelho*, Janeiro de 2009, p. 27).

Começaremos, então, pela análise do livro sobre a *Inocência Primeva e a Contemplanção Sacral do Universo*, que completaremos com outros textos de Plínio Corrêa de Oliveira, publicados na revista *Dr. Plínio*, no “Jour le Jour”, isto é, no diário de Dr. Plínio, que era reproduzido por João Scognamiglio para difundir o culto a Dr. Plínio entre os fanáticos tefepistas, assim como com as *Notas Autobiográficas de Plínio Corrêa de Oliveira* e com textos do romance *Dona Lucília*, publicado com a assinatura de João Scognamiglio Clá Dias, quando ainda nem era Padre., mas cujo verdadeiro autor é quase certo ter sido o próprio Plínio Corrêa de Oliveira, contando a vida de sua mãe e o que ele imaginava sobre ela. Depois... Depois...

Depois, veremos mais.

Veremos o que Deus permitir.



No Brasil, a ex TFP está completamente moribunda, vítima de doença doutrinária terminal. Na Europa, ainda há alguns ingênuos teimosos que fazem força para se manterem na “firmeza única” de sua ingenuidade, e que insistem em defender Dr. Plínio e a sua TFP pública, a pretexto de tê-la realmente conhecido... citando suas publicações oficiais *ad extra*.....Talvez, alguns, sem conhecer suas doutrinas... *ad intra*.

Ingênuos autores — que tentamos esclarecer várias vezes, porque eram nossos amigos — fizeram biografias fantasiosas de Dr. Plínio, como a publicada infelizmente por um velho amigo nosso, o Professor Roberto de Mattei (*Il Crociato del Secolo XX, Plínio Corrêa de Oliveira*, Ed Piemme, Casale Monferrato, 1996), que provavelmente desconhece ainda hoje, quase tudo da doutrina oculta da TFP.

Obras incrivelmente idílicas e românticas, que pretendem ser históricas, e mais parecem romances para mocinhas ingênuas. Nessas obras, os dados históricos são equivalentes aos que se utilizariam na biografia de um político, usando como fontes seus discursos em comício, e os decretos ou leis que fez aprovar, publicados no Diário Oficial. Nesse sentido, há obras e artigos sobre PCO que mais parecem folders de propaganda do que trabalhos feitos com seriedade, pois nada dizem do que ficou conhecido sobre o culto delirante de Doutor Plínio e da mãe dele, na TFP, e entre os Arautos, e nada sabem sobre a doutrina “metafísico-imaginativa” do Profeta de Higienópolis. Antes, negam --ou nem tratam -- que tivesse existido um culto a Dr. Plínio, mesmo depois que Plínio reconheceu a existência desse culto e tentou até justificá-lo, editando vários volumes contra nossas acusações (Cfr. *Refutação da TFP a uma Investida Frustrada*, livro assinado pelos Srs. Átila Sinke Guimarães, Gustavo António Solimeo, Antonio Augusto Borelli Machado e João Scognamiglio Clá Dias).

Aliás, recomendamos vivamente a leitura desse livro que, pretendendo nos refutar, confirmou tudo o que acusávamos, ao procurar legitimar o culto delirante que se prestava secretamente a Dr. Plínio e a Dona Luíliã na TFP, e que antes fora negado até com juramentos...

O que “não acontecera” passou a ser canônica e teologicamente justificado.

Logo, acontecera.

Os biógrafos de PCO contentam-se em redigir descrições romanticamente idealizadas, ou fatos notórios e públicos, sem jamais citar as doutrinas ocultas ensinadas

*ad intra*, por trás dos bastidores da ex TFP. Esperamos em Deus que, com esta nossa publicação, Deus faça esses paladinos de PCO, reverem seu julgamento sobre ele.

Entre os Arautos do Evangelho, o agora Monsenhor Scognamiglio continuou a difundir, no que continua vivo e secreto da seita A Sempre Viva, as doutrinas românticamente descabeladas do MNF.

É, pois, também para abrir os olhos de muitos iludidos *ad extra* pelos Arautos que publicamos nossas análise e denúncia, revelando a Gnose romântica que embebeu a TFP e ainda embebe — “discretamente”, para o Vaticano não ficar sabendo —, os atuais Arautos do Evangelho, ou Arautos da Sempre Viva.

Tão discretamente que Monsenhor Scogamiglio ganhou recentemente até uma rica condecoração vaticana.

E até o título de Doutor pelo Angelicum! Ele que nos seus sermões diz que o homem tem cinco e até sete naturezas, inclusive natureza angélica e divina!!!

Com louvores de sua Eminência o Cardeal Law. Mas não há nada de oculto que não venha a ser revelado.

Deus o disse.

Direi o que sei.

Na hora oportuna...

Por fim, nosso livro serve também para desmentir —se ainda preciso fosse— aqueles que acusam a Montfort de ser uma TFP disfarçada, esquecendo que praticamente tudo o que se soube dos cultos e doutrinas secretas da TFP tornaram-se sabidos por nossas denúncias e descobertas. Queira Deus que este nosso livro seja o golpe final no desmascaramento da seita gnóstico- romântica da TFP e dos Arautos do Evangelho.

Assim Deus nos ajude a servir a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, livrando-a dessa seita infiltrada, com Scognamiglio, até no Vaticano

São Paulo, no mais que chuvoso Janeiro de 2010, e depois do terremoto do Haiti.

## Capítulo I

Confissões na Apresentação ao Leitor “O relativista só tem impressões” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência...*, p. 137).

O livro *A inocência primeva e a contemplação sacral do universo*, é a reprodução de reuniões gravadas de PCO, adaptadas para publicação em livro por uma Comissão de Redação formada por Paulo Corrêa de Brito Filho (Coordenador), Leo Daniele (Relator), Antônio Augusto Borelli Machado (Revisor) e José Antonio Ureta (Pesquisador), todos — exceto A. A. Borelli Machado — membros da seita secreta *A Sempre Viva*.

Na apresentação da obra “Ao Leitor”, Paulo Corrêa de Brito Filho, na *Sempre Viva*, escravo Plínio Jeremias, faz algumas considerações e confissões que convém destacar.

Uma, que nos parece das mais importantes é esta, que citamos em primeiro lugar:

Este conjunto inédito (...) seria comparável a um cabochon, ou seja, uma pedra preciosa polida, não facetada, não lapidada inteiramente porém com forma regular. (...) É o que sucede precisamente com esses diálogos plinianos, não inteiramente “lapidados” na forma — em razão de sua própria natureza — mas densos de luz em sua substância. Os que agora são aqui estampados, mesmo não tendo sido revistos por ele — e, portanto, não carreando sua plena responsabilidade intelectual — certamente surpreenderão a não poucos, por se tratar de um pensamento notavelmente claro, profundo, e, em muitos pontos, novo e original. (...) Feitas essas ressalvas, estamos convictos de que, embora não tenha sido **escrita** por ele, no sentido acima explicado, esta obra exprime fielmente — tanto quanto nos é possível captar—o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira. (Paulo Corrêa de Brito Filho, *Ao leitor, apresentação do livro A inocência primeva e a contemplação sacral do universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, Artpress, São Paulo, 2008, p. 18).

Portanto, admite-se que nesse livro está fielmente expresso o pensamento de Dr. Plínio, embora se procure livrar “a sua plena responsabilidade intelectual”. Fielmente.

Mas não completamente.

As fontes utilizadas na preparação desta obra não são constituídas por textos escritos ou ditados pelo próprio autor, e sim transcrições das fitas gravadas de conferências, discursos, conversas ou reuniões (op.cit. p.13).

Nessa mesma apresentação “Ao Leitor”, Paulo C. de Brito Filho faz importantes afirmações para se aquilatar o valor de Plínio como “pensador”:

Afirma-se ai, que Plínio “era um homem de cultura vastíssima, porém não livresca. Dotado de incomum capacidade de penetração psicológica e senso de observação da vida” (p. 9).

“Não livresca”, é uma expressão jeitosa para escusar as poucas leituras sérias de Plínio. E da objetividade desses elogios, veremos provas mais tarde.

Logo na segunda página de sua apresentação, Paulo Brito nos dá uma prova da “seriedade” desse livro e da “seriedade” dos admiradores do pensamento de Plínio:

Se [ele, Plínio] chegou a ser grande batalhador, foi porque, antes de tudo, e desde a infância, tornou-se um contemplativo. Não um místico voltado sobretudo para os horizontes do estritamente sobrenatural ou da mística **nem um sonhador romântico mergulhado em si mesmo**, mas um profundo observador do mundo, analisado e saboreado em sua realidade concreta, e depois utilizado como trampolim para subir até realidades superiores (p. 10. O destaque é nosso).

Portanto, um místico não voltado para o sobrenatural... Um místico não voltado para... a mística...

Nem ele teria sido “**um sonhador romântico mergulhado em si mesmo**”. Ora, no livro Inocência Primeva, e em suas Notas Autobiográficas, Plínio afirmará inúmeras vezes que ele não aprendera em livros, e sim examinando a si mesmo, explicitando seu saber inato, voltado sempre sobre si mesmo.

Portanto, ele, segundo a própria conceituação dos Provectos, era romântico mesmo.

E ele foi um observador que não aceitava o mundo tal qual era, mas querendo corrigir o mundo, e não sendo possível fazer isso, fugia da realidade através do sonho.

**A partir disto, nasceu uma crítica ao mundo real em torno do qual eu estava — uma crítica do mundo visto fora do fundo de garrafa, alguém do fundo de garrafa — e esse mundo eu o via com algumas coisas muito belas e que não eram indignas de estar postas em relação com o fundo de garrafa e, por outro lado, com coisas muito reprováveis, despiencias, erradas e tortas. De onde uma idéia de e que ele deveria ser corrigido e de que se todos os homens — sempre a idéia seguinte: eu sou igual a todos os**

homens, logo todos os homens são iguais a mim — em cujas cabeças há a mesma coisa que há na minha, se eles tivessem a limpeza de alma de fazer essa operação que eu faço, eles todos puxariam junto comigo as coisas para uma linha onde elas não estão, e eles seriam de um modo como eles não são.

“Eu sentia que o impulso de minha vida era fazer isso” (Plínio Corrêa de Oliveira, O Reino de Maria na alma do Senhor Doutor Plínio: “Minha Biografia Íntima”, Sagrado Coração de Jesus –XXIX—Curso de Formação São Bento-Praesto Sum—Saúde, p.11. Os destaques são nossos. Esse mesmo texto, com ligeiras modificações, está também na obra **Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, pp. 452-453).

Todo sonhador quer corrigir o mundo real.

Toda Gnose começa por desprezar o mundo real, tal como existe, desejando uma super realidade idealizada. O que leva a condenar a criação e o Deus Criador.

O romântico Plínio não escapou desse processo.

A segunda citação, falando da Belle Époque, é a seguinte: “As riquezas do espírito, as arquetípias, as maravilhas que nos dariam vontade de **fugir da terra** para pensar só nelas, tudo começava a ser posto de lado [na Belle Époque]” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo O Transatlântico e o Cais, in Revista “Dr. Plínio”, N<sup>o</sup> 65, p.28. O destaque é nosso).

Por enquanto, notemos essas contradições flagrantes. Depois teremos as provas da falsidade de cada uma das afirmações contidas nessa frase de Paulo Brito, o escravo Plínio Jeremias da Sempre Viva.

E, para começar, a inverdade que colocamos em destaque, nessa citação. PCO foi exatamente isso: “um sonhador romântico mergulhado em si mesmo”, detestando a realidade concreta, vivendo num mundo imaginário, que ele fantasiou como se fosse uma realidade superior: o mundo mítico da “Trans-esfera”, uma coisa inexistente, que ele imaginou existir nos “possíveis de Deus. Um ens imaginationis... Uma supra realidade inexistente, na qual Plínio pretendia viver habitualmente.

Veremos isso com textos dados pelo próprio Dr. Plínio.

Ainda na apresentação ao leitor, Paulo Brito previne que:

Há várias maneiras de refletir. Há quem pense pensando, e há quem pense escrevendo: o que é inteiramente legítimo. Aristóteles pensava andando.

Plínio Corrêa de Oliveira pensava conversando (Paulo Corrêa de Brito Filho, *Ao Leitor*, ob cit. p, 14).

O que coloca Dr. Plínio, — sentado —, ao lado de Aristóteles, andando, em torno de sua poltrona. “Ambos”, pensando. Um andando. Outro sentado.

Conversando.

Dr. Plínio se afirmava um “causeur” — um bom conversador — que “não diz sempre o que deseja, mas escolhe como assunto de preferência o que seus interlocutores gostariam de ouvir ou de perguntar naquela ocasião concreta. Assim especialmente em temas teológicos e filosóficos, uma prosa não tem — nem poderia ter — a precisão terminológica, a ordem lógica, a preocupação didática de uma aula, de uma conferência, de um livro ou de um tratado. Essa particularidade deve ser levada em consideração”. (Op. cit., p. 16).

Portanto, nesse livro de Dr. Plínio, não se espante o leitor se encontrar páginas “sem precisão terminológica, sem ordem lógica”. Ele, o leitor, já foi prevenido dessas “qualidades” do bom “conversador” que era Dr. Plínio.

Conversador...

Nessas conversas, Plínio participava “sem preparação prévia especial. Mesmo suas conferências e reuniões raramente eram preparadas com antecedência”. (...) “As conversas, muitas vezes à bâtons rompus (isto é, descontínuas, sem sequência, segundo a apetência dos participantes) não obedecendo a nenhum tipo de planejamento”. ((Paulo Corrêa de Brito Filho, **Ao Leitor**, op. cit p. 16).

Portanto, Plínio não estudava, não preparava o que ia expor. Só explicitava o que já tinha implícito em sua mente, sem ter estudado o assunto. Tirava tudo o que dizia de si mesmo. Por isso não citava autores. E se orgulhava de não ter jamais lido o que afirmava.

Veja-se mais abaixo a conversa que ele diz ter tido, com um grande historiador europeu sobre o feudalismo.

O próprio Dr. Plínio contava — julgando estar afirmado uma coisa decisiva e admirável — que tirava de sua própria cabeça os fatos históricos que narrava, sem jamais tê-los lido:

Há alguns anos, fui almoçar com um grande medievalista francês, escritor de vários livros e com obras laureadas. Eu não havia lido nem a terça parte do que ele lera sobre a Idade Média. Contudo, no meio de nossa conversa, após eu ter feito alguns comentários sobre coisas medievais, ele me disse: "Caro amigo! O senhor precisa indicar-me sua bibliografia. De onde o senhor tirou essas observações?" Quase respondi: **li a minha própria cabeça** (Plínio Corrêa de Oliveira, in Revista "Dr. Plínio", Ano IV, Março de 2001, N° 36, p. 28. O destaque é nosso).

Quer dizer, PCO inventava o que dizia ser história real. Porque para ele, a lenda valia mais que os fatos (cfr. op. cit., p. 183). E lenda era o que ele imaginava ter acontecido ou que ele queria que tivesse acontecido.

Portanto, ele foi um "pensador voltado sobre si mesmo". Um romântico.

Na realidade, veremos com textos dele mesmo, Plínio julgava que o conhecimento era inato no homem. Haveria, no homem, matrizes dos seres na perfeição nas quais Deus os quisera. O conhecimento não viria do exterior ao homem, através dos sentidos e por abstração intelectual. Plínio confrontava o que via com a matriz interior que ele imaginava ter das coisas. Para ele, como para o gnóstico idealismo alemão, o conhecimento era imanente ao homem. Por isso ele não estudava. Lia em si mesmo, e não em livros. E ele se dizia tomista. Na verdade era um idealista romântico.

Ainda na sua apresentação "Ao Leitor", Paulo Brito pontifica, citando Plínio: "A seriedade não deve conduzir à fantasia sentimental: é preciso ver a realidade como ela é" (Op. cit., p. 11).

Para Plínio, portanto, só seria sério querer ver a realidade tal qual ela é.

Ora, o livro de Plínio Corrêa de Oliveira que analisamos mostra que ele fazia, e recomendava fazer, exatamente o oposto disso: imaginar uma supra realidade inexistente, na qual Plínio convidava seus sectários a viver. Imaginativamente.

Tal era a seriedade histórica de Plínio.

## Capítulo II - A Inocência Primeva

Esse livro de Dr. Plínio tem duas partes: na primeira, se apresenta o que seria a "Inocência Primeva", na qual todos os homens teriam sido criados; na segunda, trata-se do que ele considerava a ordem "sacral" do universo, e especialmente o que chamava de "trans-esfera", uma espécie de "país das maravilhas", ou de Neverland, à la Michael Jackson, por onde Plínio "viajava" através de sonhos delirantes.

Mesmo sem usar o espelho de Alice.

Veremos entretanto que, como no espelho de Alice, por trás do imaginário ridículo, a Trans-esfera de Plínio era um mundo equivalente ao pléroma divino da Gnose. O ridículo estapafúrdio e infantil esconde um sistema gnóstico teologicamente muito mais sério. Vejamos, então, a primeira parte desse livro, onde se expõe por meio de monólogos de Dr. Plínio, a surpreendente doutrina da “Inocência Primeva”, que ele esposava e defendia.

## 1- Como Ter Felicidade neste Mundo

A primeira surpresa vem logo no título do primeiro capítulo: “As vias falsas e o verdadeiro caminho para alcançar a felicidade - Quatro pistas para alcançar a felicidade”.

Parece título de livro de auto-ajuda, feito para americanos mascadores de chicletes.

Certamente, o autor, dizendo-se católico, pensar-se-ia que ele estaria aludindo à conquista da felicidade eterna.

Qual nada!

O autor só trata de como ele julgava que se poderia ser feliz neste mundo mesmo. Nesse capítulo, não há referência nenhuma ao sobrenatural.

Plínio quer mostrar que, nesta vida, a felicidade não se alcança com o ter dinheiro, com o ter poder, nem no fazer, nem no saber. A felicidade, neste mundo, se alcançaria “sendo”.

Sendo o quê?

“Sendo autêntico”.

“Cada um deve ser autêntico”.

“É preciso escolher entre a sua autenticidade, ou ser sua própria caricatura. Assim quem tende para a verdadeira felicidade — para a felicidade possível **nesta terra**— é ‘o homem que é’, e não o “que sabe”, o “que pode”, “que faz”, ou “que tem” (Op. cit., p. 27. O destaque é nosso).

Note-se: felicidade “**nesta terra**”.

Nosso Senhor nos ensinou que o homem que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e que devemos negar-nos a nós mesmos, tomar a nossa cruz, e segui-Lo.

É bem interessante e sintomático que Dr. Plínio inicie sua exposição sobre a Inocência Primeva como meio de alcançar a felicidade “nesta terra”. Isto porque essa preocupação com a felicidade através do sonho, já nesta terra, e a tentativa de vencer o mal do mundo, eram típicas do Romantismo:

Tendo presente que todo o Romantismo nasce de uma consciência de infelicidade e do desejo de superá-la, compreende-se como seja romântica também aquela atitude titânica, que tem os seus representantes máximos entre os poetas ingleses (Byron e Shelley) e que, prosseguindo, intensificando-se e transvalidando o ativismo humanístico e terrestre do iluminismo, se rebela contra o mal do mundo, condena a inércia ou a impotência divina diante dos sofrimentos do homem, e luta para constituir um novo mundo de seres livres autônomos, felizes (Mario Puppo, *Il Romanticismo*, ed. Studium, Roma, 1973, p. 21).

Dr. Plínio condenava o mundo concreto, e buscava fugir dele por meio da recuperação de uma imaginária inocência primeva, que permitiria alcançar uma felicidade edênica, através do sonho, numa super realidade “Trans-esférica”. Uma super realidade que se atingiria através do imaginar um mundo inexistente-existente, que Plínio chama de “os possíveis, em Deus”.

Sonho, desejo e pretensão eram típicos do Romantismo:

O mito da Idade de Ouro, da harmonia primitiva que seria preciso reencontrar, de uma fratura que é preciso fechar, domina todo o romantismo alemão (Mario Puppo, *Il Romanticismo*, ed. Studium, Roma 1973, p. 27).

Como domina também todo o pensamento — perdão — toda a imaginação de Dr. Plínio.

Vimos, então, que para ele a fórmula que resumiria a solução para se obter felicidade nesta terra seria “ser autêntico”.

Ora, alguém que é mau, assumindo abertamente sua maldade, também se pode dizer autêntico. “Ser autêntico” foi uma fórmula posta em voga pelo existencialismo, mas assumida por Plínio.

Porém, ser autêntico, no Romantismo, coexistia dialeticamente — contraditoriamente — com o desejo de ser o “outro”. Ora, também em Dr. Plínio sempre houve o sonho de ser autêntico, o comprazimento de ser Plínio, e, ao mesmo

tempo, dialeticamente, o sonho e o desejo de ser o “outro”. Daí, seu gosto pelas fantasias carnavalescas. Daí, seu desejo de ser “outro” que não ele mesmo. Ele sonhava ser urubu, ser marquês de Versailles, ser uma safira, um rio, etc.

Veremos adiante os textos em que relata essas aspirações delirantes. Pois os textos dele contando tudo isso existem. Garantimos, com os textos bem guardados dele, que ele sonhou ser urubu.

Não acreditam?

Pois lerão.

Scognamiglio publicou isso.

Ser autêntico, para Plínio C. de Oliveira seria manter o que ele chamava de “inocência primeva”, que ele descrevia romanticamente, dando como prova da existência dela a poesia Meus oito anos, do romântico Casimiro de Abreu:

Oh! Que saudades que eu tenho

Da aurora de minha vida.

De minha infância querida,

que os anos não trazem mais

É incrível que um homem que se apresenta como “varão todo católico” (op.cit., p. 16), cite uma poesia rosicler como essa, uma poesia “água com açúcar”, como se fosse o espelho imaculado da verdade, e não apenas edulcorado romantismo. Aliás, Plínio usa e abusa de expressões e termos tipicamente românticos: “ter ideais”, “sonhar”, “idealismo”, “imaginar”, “ter nostalgia”, “ter saudades”, “ter impressão”, “ter vivências”, etc. Fala de “uma espécie de nostalgia de nosso tempo de menino, um tanto parecida com a de um paraíso perdido” (p. 30). Nem é preciso dizer como essa idéia de retorno e saudade da infância é comum entre os românticos. Casimiro de Abreu, entre nós, e Clemens Brentano, na Alemanha, com seu paraíso imaginário do Vadutz são provas disso.

Dr. Plínio tinha como tema central a “inocência primeva”. Uma inocência, um estado em que **todos** teriam sido concebidos, “perdido” (no sentido de “smarrito”, não encontrado) por falta de adesão, pela maioria dos homens, mas que, de algum modo, e contraditoriamente, existiria, ainda que perdido, na alma de cada um.

Ora, esse também foi tema típico dos românticos.

O grande sonho dos românticos é a inocência, a segunda inocência que englobe ao mesmo tempo todo o caminho percorrido através da cultura, isto é, uma inocência que não seria mais a primitiva, a do jardim do Éden, mas uma inocência sábia. É a famosa criança irônica de Novalis, um dos grandes símbolos do movimento romântico. (Anatol Rosenfeld, *Romantismo e classicismo*, in J. Guinsburg, *O Romantismo*, Ed Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 274).

Se o mundo foi uma criação do espírito, este deve se reencontrar no mundo. De onde a busca e a descoberta de uma infinidade de analogias entre o homem e a natureza, a matéria e o espírito. Também a natureza teria uma alma e uma história: ela não é muda, mas fala a quem saiba compreender a sua linguagem. Nos tempos antigos, animais e árvores, e as rochas falavam com os homens e assim deveria ser de novo. Todo fenômeno e todo ser natural é um símbolo que é preciso entender, uma palavra que é preciso saber compreender: ‘as plantas são a linguagem mais imediatas do solo’ e as nuvens talvez sejam **a expressão de uma infância perdida** (Mario Puppo, *Il Romanticismo*, Ed Studium, Roma, 1973, p. 35. O destaque é nosso).

Portanto, nesse livro que focalizamos hoje, Plínio trata exatamente de um tema essencialmente romântico: a inocência primeva.

Essa relação essencial entre romantismo e inocência da criança é lugar comum do romantismo, e é citada normalmente pelos melhores analistas da mentalidade romântica.

Maxime Alexandre afirma que “a nostalgia do paraíso perdido, paraíso que entrevemos na infância, é um dos temas dominantes” [do Romantismo] (Maxime Alexandre, *Romantiques Allemands*, Gallimard, Aubier, Donoël, Stock, Éditeurs français réunis, Paris, 1963, 2 volumes, Introduction, p. XXIV).

Também Marcel Brion liga a noção romântica da Idade de Ouro e do paraíso perdido à infância:

A consequência a mais preciosa desse retorno ao centro é então a reconquista da idade de ouro da qual tanto fala Novalis no Offerdingen [Heinrich Ofeterdingen, obra iniciática de Novalis]. Privilégio da infância (lá onde há infância, há idade de ouro”) esse estado resulta também da **tomada de posse intuitiva da natureza por “homens pueris”** (Marcel Brion, *L’Allemagne Romantique*, ed. Cit. 1<sup>o</sup> volume, p.64).

E “homens pueris” significa homens que guardaram o estado de alma infantil, a inocência primeva, da qual fala PCO.

## 2 - A Inocência Primeva, segundo PCO, escamoteia — nega - o pecado original

Plínio apresenta uma visão da criança completamente contrária ao que dizem a doutrina católica e a evidência.

A doutrina católica afirma que a criança é concebida com o pecado original.

Adão foi criado por Deus em estado de inocência e santidade. Mas, quando pecou, contaminou a natureza humana. Todos os homens, exceto a Virgem Maria, são concebidos no pecado original. Todos somos concebidos com uma desordem em nosso ser: a inteligência tende ao erro e não à verdade; a vontade tende ao mal e é rebelde ao que a inteligência lhe aponta como certo; e a sensibilidade é desordenada. Por sua vez, nosso corpo é rebelde à alma, à qual ele deveria obedecer. No ser humano, se constata uma desordem misteriosa, que a Igreja mostra ser consequência do pecado de Adão: o pecado original, no qual todos os homens, exceto a Virgem Maria, foram concebidos.

Por isso, São Paulo disse: “Efetivamente, a carne tem desejos contrários ao espírito, e o espírito desejos contrários à carne” (Gal. V, 17). E ainda: “vejo nos meus membros outra lei que se opõe à lei de meu espírito”(Rom. VII, 23).

Ensina ainda a Igreja, que pelo Batismo é redimida a culpa do pecado original, cujas consequências, no entanto, permanecem no ser humano, que nasce sujeito à morte, à doença e a muitas desordens em sua alma e em seu corpo. Por isso, diz o Salmo: “Eis que fui concebido em iniquidades, e minha mãe me concebeu no pecado”(Sl. L, 7).

Dr. Plínio, na primeira parte do livro, ao tratar do que ele chama de “Inocência primeva” de todos os homens, não fala do pecado original. Só uma vez é apenas citada, e “en passant”, a expressão “pecado original”. Na segunda parte do livro, ele afirma – só uma vez -- que o pecado original causou ruínas na alma humana (p. 69). Fica a suspeita que nem tudo o que ele pensava sobre o pecado original foi publicado no livro que agora focalizamos. Tanto mais que, noutro livro publicado pelos chamados “Provectos” da ex TFP, se pode ler o seguinte:

Havendo inocência numa pessoa, e a fortiori se ela recebeu o Batismo, há uma preservação, um desenvolvimento do **senso do ser**, que faz com que, olhando para determinada coisa, ela **imagine** como seria essa coisa se fosse ainda mais excelente. (PCO, Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in O Universo é uma Catedral, excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, recolhidos por Leo Daniele, edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 229. O sublinhado é do autor. Os negritos são nossos.).

Na frase acima citada, fala-se de modo indefinido e condicional: “Havendo inocência numa pessoa”... O que significa que alguns poderiam não tê-la, ou que, a tendo possuído, perderam-na. Mais adiante ver-se-á que, segundo PCO, todos os homens a têm e que nem o pecado faz perdê-la. Segundo PCO, poder-se-ia perdê-la, no sentido de ignorar onde ela está.

Está escrito também que o Batismo reforça o que já existiria no homem inocente. Logo, a inocência existiria, (pelo menos em certos homens ?), mesmo sem o Batismo. Portanto, a inocência já existiria num homem ainda que com o pecado original. E supor isso seria herético.

É importante destacar que Plínio insinua, deixa vago, reforça uma idéia insinuada, afirma depois claramente o que antes insinuou, torna a insinuar vagamente, num vai e vem enganador, que foi método típico dos modernistas, que afirmam numa página o que negarão na seguinte, e depois, voltarão a explicitar o que fora antes negado ou só insinuado.

Note-se ainda que Plínio afirma que a inocência primeva, que existiria nos homens, reforçaria neles “o senso do ser”, o que faria a pessoa inocente “imaginar” esses mesmos seres de modo mais excelente. Ora, se houvesse um aumento do sentido do ser a faculdade favorecida seria a inteligência e não a imaginação. Para PCO, a inocência primeva desenvolveria um imaginativo senso do ser.

Que significa esse “senso do ser” dado com a inocência primeva?

Nasceria o homem já com um conhecimento inato? Seria por isso que Plínio recusava os livros e queria “tirar tudo de sua própria cabeça”? Seria por isso que Plínio dizia que não estudava, mas explicitava o que já sabia, o que já estava em seu intelecto?

Seria esse senso do ser que daria ao homem possuidor dele e com adesão à Inocência Primeva conservar-se “aberto a todas as formas de retidão e de maravilhoso” (Plínio Correa de Oliveira, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, ed. cit., p. 35).

Plínio acreditava ser um desses homens inocentes mesmo antes do Batismo.

Ainda em *O Universo é uma Catedral*, na página seguinte àquela em que aparece a frase heterodoxa acima analisada, há uma foto — evidentemente sugerindo-se que foi o que aconteceu com Dr. Plínio quando era menino, — foto de um menino, tendo um

balão de gás acima de sua cabeça, “imaginando” uma torre mais ao longe, e a legenda: “E assim se encaminha para **imaginar** uma trans-esfera” (O Universo é uma Catedral, excertos do pensamento de PCO, por Leo Daniele, Ed. Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 230).

Imaginar uma Trans-esfera...?

E Dr. Plínio fala como se o homem fosse, ainda hoje, como Adão que “saiu inocente das mãos de Deus”. Tanto que ele intitula o capítulo dois desse livro “Inocência primeva, estado de harmonia com que a alma saiu das mãos de Deus” (p. 35).

E isso é uma doutrina com sabor de erro, pois não explicita que só Adão, Eva, e a Virgem Maria “saíram” inocentes das mãos de Deus, sem o pecado original. Como também não explicita que a inocência primeva foi perdida por Adão ao cometer o pecado original. Dizendo que outros seres humanos “saíram” inocentes das mãos de Deus, afirma algo que é avesso à doutrina católica.

Ao editarem esse livro, contendo alguns textos das reuniões “discretas” de Dr. Plínio, os membros da ex TFP deram, agora, publicamente, pelo menos algumas provas da doutrina heterodoxa que Plínio revelava, nas reuniões praticamente secretas, que ele dava só para alguns de seus sequazes, no que ele chamava de MNF.

Nessas reuniões do MNF, era que Plínio manifestava realmente “ad intra” do grupo da TFP, o que ele era: o homem que se acreditava o “Inocente”, como Adão ao ser criado por Deus, sem o pecado original, ou, pelo menos, o homem que recuperara plenamente a inocência primeva, a inocência de Adão no Éden.

Entretanto, embora Plínio se afirmasse “o” Inocente, dizia também que não se considerava o único com essa qualidade. Para ele, era **o homem** que saía inocente das mãos de Deus:

Inocente é **o homem** de todas as idades que **adere** àquele estado de espírito primevo de equilíbrio e de temperança com que o homem foi criado, e por isso conserva-se aberto a todas as formas de retidão e de maravilhoso (Plínio Correa de Oliveira, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, p. 35).

Nessa conceituação do “homem inocente”, há vários pontos a destacar.

Em primeiro lugar, afirma-se que a inocência primeva é um estado de equilíbrio e de temperança existente inata no homem – “de todas as idades” -- atual. E isso é um absurdo que contraria a evidência e a doutrina católica.

Em segundo lugar, diz-se vaga e indefinidamente, que o homem foi criado nesse estado.

Em terceiro lugar, por fim, se afirma que todo homem, de todas as idades, pode **aderir** a esse estado.

De todas as idades de sua vida, ou de todas as épocas?

De qualquer modo, que se entenda a palavra “idades” aí usada, tem que se concluir que todos os homens saem das mãos de Deus em estado de inocência.

Mais, a posse desse estado de inocência, com o qual todos nasceriam, exigiria porém uma adesão pessoal a ele. Seria também uma questão de escolha, de opção individual, fruto de uma adesão voluntária.

Logo, para Plínio Corrêa de Oliveira, os homens todos estariam divididos em dois grupos:

1. Os que possuem a inocência primeva e a ela aderem; são os que têm alma harmoniosa. Nestas pessoas, sendo elas batizadas, o Batismo reforçaria a sua inocência. Ora, o Batismo não devolve a inocência primeva de Adão ao batizado, como também não elimina as conseqüências do pecado original, uma delas a perda do estado de inocência em que Adão foi criado.

Portanto, essa doutrina de Plínio contraria a fé.

Estes inocentes – possuidores da Inocência Primeva, os possuidores do misterioso thau de que falavam Plínio e a TFP – seriam aqueles que Plínio chamava de contra-revolucionários.

2. Os que não aderem à inocência primeva, que não estão na posse ativa desse estado de harmonia de alma. E porque não aderem a ela, têm as faculdades desregradadas, são egoístas, e têm uma alma cujas potências lutam entre si. Estes são os que PCO chama de revolucionários. Somente tais pessoas seriam dominadas por paixões desregradadas. A essas pessoas, o Batismo não é capaz de lhes restituir, ou de reforçar, a inocência.

O erro, ainda que vagamente insinuado a princípio, de que **todos os homens**, ainda hoje, saem das mãos de Deus, isto é, são concebidos em estado de inocência, ou pelo menos na sua primeira infância possuem esse estado de inocência, vai sendo explicitado por Plínio.

Veja-se a prova disso nesta outra afirmação dele:

“A inocência é, portanto, uma forma de aliança com Deus que **todas as almas** tiveram em sua primeira infância” (Op cit., p. 39. O destaque é nosso).

Note-se: “**todas as almas**” teriam tido uma aliança com Deus na primeira infância.

Por outro lado, no subtítulo 2 da página 35 do mesmo livro define-se:

“Inocência é a **harmonia de todas as potências da alma entre si**” (Plínio Corrêa de Oliveira, Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, ed. Cit.sub título 2, p. 35. O destaque é nosso).

Também isso vai contra a fé católica, que nos ensina que, por causa do pecado original, todas as potências de nossa alma estão desregradas: a inteligência tende para o erro, a vontade tende para o pecado e é revoltada contra a inteligência, e a sensibilidade é desgovernada e tende a não seguir o que lhe mostra a inteligência e o que lhe manda a vontade. Na alma humana, depois do pecado original, reina a desarmonia. Isso é o que ensina a Fé católica. E PCO diz o contrário. Logo, PCO deixou de ser católico pois ensinava “discretamente” uma doutrina heterodoxa.

Plínio, como Rousseau, acaba por afirmar que o homem tem uma natureza boa, sem inclinação ao mal; que na alma humana atualmente, na primeira infância pelo menos, há harmonia entre as faculdades humanas; que essas faculdades não tendem nem para o erro e nem para o mal; e que a alma domina naturalmente o corpo e seus instintos.

Portanto, PCO negava os efeitos do pecado original no homem ou, pelo menos, nos homens que tivessem aderido ao estado de inocência primeva de sua primeira infância.

Se **todas** as almas têm essa aliança com Deus (p.39), se **todas** as almas possuem essa “inocência primeva”, se “a alma saiu das mãos de Deus”, “em estado de harmonia” (p. 35), não se compreende porque o Batismo seria absolutamente necessário para a

salvação. Não se compreende porque a Igreja ensina que todo homem nasce no pecado original, e com tendência ao erro e ao pecado. Mais necessária, ou mais importante que o Batismo, seria a adesão da alma ao estado de harmonia característica da inocência primeva.

Essa colocação, mudando a doutrina católica do pecado original e suas conseqüências, acarreta também mudanças profundas nas condições necessárias para a salvação, o que necessariamente afeta a doutrina da Redenção.

Se fosse verdade o que Plínio diz sobre a inocência primeva, seria preciso mudar muito na doutrina católica do pecado original e da Redenção. E até ficaria a pergunta se existe mesmo o pecado original como a Igreja sempre ensinou e se a redenção pela cruz de Cristo, a adesão às verdades reveladas — a Fé — o batismo, e a obediência aos mandamentos seriam mesmo necessárias. O que afirma Plínio Corrêa de Oliveira contraria o que ensina a fé católica sobre o pecado original e suas conseqüências, assim como toca de modo indireto a absoluta necessidade das condições necessárias de salvação, tais como o Evangelho e a Igreja sempre ensinaram.

Para PCO, então, todos os homens seriam concebidos e nasceriam inocentes imaculados? Ou lhes seria dada a inocência primeva na primeira infância? Os textos dele agora publicados oscilam, ou por incompreensão e ilogicidade dele, ou por tática que insinua sem dizer, ou explícita e recua, porque não quer dizer claramente. Ou seriam contradições de quem tem duas doutrinas: uma exotérica, e outra esotérica?

Fizemos referência à ilogicidade de Dr. Plínio, porque, se todos os homens nascem com inocência primeva e têm perfeita harmonia em sua alma, como poderiam eles não aderir a essa harmonia? Seria como se os homens, nascendo com capacidade de respirar, só respirassem de fato se dessem adesão ao respirar. Se todos nascessem inocentes — incapazes de fazer algo nocivo — como esses inocentes se tornariam nocivos a si mesmos, não aderindo à sua própria natural harmonia interior?

Plínio poderia argumentar que homem é constituído com livre arbítrio, o que lhe daria a possibilidade de se prejudicar a si mesmo. Se for assim, fica explicado porque Plínio falará — veremos isso adiante — em “maldade do livre arbítrio humano” (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, artigo *Vítima Expiatória*, in revista “Dr. Plínio”, Ano II, Outubro de 1999, N<sup>o</sup> 19, p. 26). Ora, uma suposta maldade do livre arbítrio tornaria absurdo falar em inocência primeva, tal a contradição desses conceitos.

Por outro lado, se a inocência primeva é – como diz Plínio – um estado de harmonia das potências da alma entre si, esse estado seria atuante por si mesmo. Como então afirma Dr. Plínio que seria preciso dar uma adesão a esse estado para possuí-lo?

Então para manter-se na inocência primeva, o homem teria que ter **conhecimento** dela, pois só se pode aderir ao que se conhece.

Essa adesão viria então de um conhecimento interior intuitivo, pessoal, salvífico. Seria um conhecimento-experiência, salvador que daria o conhecimento superior inerrante, exatamente como diz a Gnose.

O conceito de inocência primeva inata de Plínio aponta para uma Gnose tefepista. Veremos se isto se explicita em outros pontos da doutrina “discreta” do Manifesto.

A estrutura doutrinária montada por Dr. Plínio para defender sua concepção de homem com inocência primeva é totalmente desengonçada, absurda e estapafúrdia. Completamente avessa à doutrina católica, uma vez que nega ou a herança do pecado original ou a permanência dos efeitos do pecado original na natureza humana.

De tudo isso, pode-se concluir que para PCO, se todos os homens nascem com a inocência primeva, alguns homens, pelo menos, não só sairiam inocentes das mãos de Deus, isto é, sem o pecado original, mas que estes manteriam essa inocência por adesão explícita, enquanto em outros ela permanece, como latente, mas não atuante, e não havendo adesão a ela, o homem seria um ser sem ordem interior. Um homem com paixões desregradadas. Um revolucionário. Daí, que para PCO existissem revolucionários e contra revolucionários. Uns teriam o que ele chamava de thau. Os outros seriam a “inimica vis”, os fumaças. Ou, pelo menos, os “sabugos”.

Acreditaria Plínio que ele mesmo não tinha pecado original?

Que, em reuniões mais íntimas, ele se dizia o inocente, e que pretendia ser imortal, era conhecido e acreditado por muitos na TFP.

Que ele se dizia profeta era bem conhecido.

O atual Monsenhor Scognamiglio, quando era o propagador do culto a Dr. Plínio e a Dona Lucília na TFP, chegou a dizer que a idéia de que Dr. Plínio não tinha pecado original “era uma hipótese muito interessante, mas que precisaria ser demonstrada”.

Porém, num livro editado pela TFP para circulação interna, se escreveu algo mais explícito. O livro é o do Professor José Martini, sob o pseudônimo de Frère Élie de Sainte Marie, e foi intitulado Santo Elias , o Profeta da Aliança (edição mimeografada pela Editora Vera Cruz, abril de 1972, 278 páginas).

Esse livro usa linguagem extremamente ambígua e quase esotérica. Nele se pode ler a seguinte frase: “O profeta é como uma sobrevivência ou um ressurgimento na humanidade decaída, da humanidade tal como Deus a quisera” (p. 101).

“O profeta é aquele em que o povo hebreu reencontra a **familiaridade original** com Deus” (Frère Élie de Sainte Marie, **Elias, o Profeta da Aliança**, ed. Vera Cruz, São Paulo, 1972, p. 101).

Plínio seria então profeta, inerrante e imortal por ter aderido à inocência primeva e, desse modo, teria a missão de levar outros a aderirem a esse estado. Esse era o profetismo de Plínio, mais de condutor ou mistagogo do que o de previsor de fatos futuros contingentes, segundo ele mesmo dizia.

Note-se: o profeta tem a familiaridade original que Adão tinha com Deus antes do pecado. E Plínio se dizia profeta inocente. Logo, era natural concluir que ele julgava que não tinha pecado original. O profeta é o homem sem pecado original, inocente e imortal. O profeta seria um ressurgimento do homem sem pecado original, tal como Deus o fizera sair de suas mãos. E Dr. Plínio se julgava profeta e inocente.

Logo...

### 3 - Conceituação de Inocência primeva segundo PCO

Dessas citações, pode-se extrair a conceituação de Inocência Primeva de Plínio:

Inocência primeva seria o estado primevo, original, em que o homem teria sido criado por Deus, estado em que todos os homens nasceriam, ou que receberiam em sua primeira infância, mesmo sem o Batismo, estado que reforçaria no homem o sentido do ser, e que possibilitaria ao homem estar aberto a tudo o que é reto e maravilhoso.

Mas deixemos o próprio Dr. Plínio conceituar o que ele entende por inocência primeva:

[Inocência primeva é o estado] pelo qual uma pessoa, desde os primeiros movimentos de sua existência, tem noção de que ela é. E, de modo excelente, vai escolhendo as coisas que, por afinidade ou contraste harmônico em relação a ela, lhe convém para realizar a sua **unicidade**. Em

sua caminhada pela vida, nunca cometeu uma falta e sempre visa atingir a própria perfeição. **A inocência assim conceituada se refere à pessoa sem pecado original** (Plínio Corrêa de Oliveira, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, artigo in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 23. Os destaques são nossos).

Que significa, aí, que a inocência da pessoa, através do “senso do ser”, “vai escolhendo as coisas que, por afinidade ou contraste harmônico em relação a ela, lhe convém para realizar a sua **unicidade**”?

Qual o sentido da palavra “unicidade” nessa frase?

Por meio desse misterioso “senso do ser” o inocente iria fazendo uma seleção – eliminando algo, aceitando o oposto desse algo—afim de atingir a “unicidade”. Seria aí unicidade sinônimo de unidade?

Claro que não, pois o uno é um transcendental do ser. Ser uno é próprio de todo ser. Cada coisa é una e jamais busca atingir a sua unidade, que ela já possui.

Portanto “unicidade”, aí, só pode significar que se busca atingir uma identificação com o Ser num monismo ontológico.

Segundo a doutrina católica e a filosofia tomista, os seres feitos à imagem de Deus buscam a **união** com Deus, jamais a unicidade com Deus. Só a Gnose afirma que os homens, na vida peregrinante no exílio da matéria, devem buscar a **unicidade** com a Divindade, rejeitando a matéria, e selecionando nela a partícula divina inviscerada nas coisas criadas. O Panteísmo, que afirma que tudo é Deus, inclusive a matéria, nada seleciona, e afirma, sem seleção, o monismo do ser. PCO, na citação acima, dá claro indício de sua doutrina gnóstica.

Também deve-se ressaltar que nessa citação é afirmado explicitamente, que a Inocência primeva, na conceituação de Dr. Plínio, implicava na ausência do pecado original. E Plínio afirmava possuir a ‘inocência primeva’. Pretendia ser “O” inocente. O que implica em afirmar que ele julgava não ter tido pecado original.

E o pior é que ele afirmou ainda que todos os homens possuem essa inocência primeva na primeira infância, “quando saíram das mãos de Deus”: “A inocência é, portanto, uma forma de aliança com Deus que **todas as almas** tiveram em sua primeira infância” (Op cit., p. 39. O destaque é nosso).

Mas então, ninguém teria o pecado original?

Essa é a consequência lógica dessas afirmações de Plínio.

É isso é heresia completa.

Ele afirmou ainda que, quem tem a inocência primeva, tem perfeita harmonia na alma, sem desordem alguma: “Inocência é a harmonia de todas as potências da alma entre si” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, ed. Cit. p. 35).

Ora, se a inocência primeva for isso, como a Igreja ensina que o pecado original causou uma desordem na alma humana?

Se PCO está certo em suas divagações “metafísicas” e “teológicas”, dever-se-ia concluir que a Igreja e a evidência estão erradas, já que essa harmonia não existe na alma humana.

Depois do pecado original, no qual todos os homens são concebidos, -- exceto Maria Santíssima – na alma humana reina a desarmonia.

Devemos observar que os textos de Plínio são muitas vezes contraditórios. Ora, ele dizia uma coisa, depois, ou porque não era sistemático, ou por esquecimento do que havia dito, ou por malícia para não ser pego em heresia explícita, ele dizia o oposto do que afirmara.

Veja-se um exemplo concreto:

No livro **Notas Autobiográficas**, à página 391, Plínio afirma:

Não me lembro de uma só vez em que eu me olhasse no espelho para ver como estava minha roupa. Nem me passava pela mente a idéia de fazê-lo (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, p. 391).

Ora, nesse mesmo livro se lê:

Minha irmã e minha prima passaram o dia da Primeira Comunhão em traje de noiva e eu, com o meu Eton [Uniforme do famoso Colégio inglês desse nome]. **Fui olhar-me no espelho**, e fiquei contente por estar com uma roupa muito tradicional e, ao meu ver, também muito católico (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, p. 628. O destaque da contradição de Plínio é de nossa responsabilidade).

E nas páginas seguintes a essa se lê:

Pensei que as pessoas com quem morava e os parentes que freqüentavam a minha casa haveriam de achar que eu ficava muito bem com esse Eton e o elogiarão, tanto mais quanto, na minha ingenuidade, ouvia-os comentar os

trajes de minha irmã. Eu ainda não compreendia que, normalmente, elogia-se a roupa feminina e não a dos homens, por serem mais sisudos e sérios, e não se preocuparem com os trajes como fazem as moças. Essa atitude pareceu-me estranha e perguntei-me: Será que eu fico em algo estranho, com essa roupa? Olhei-me no espelho mais uma vez e julguei nada ter de anormal (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, p. 628 e 630. O destaque é nosso).

Se numa pequena questão de vaidade—que ele diz própria mais de meninas— Plínio cai em contradição flagrante, que dirá em coisas mais sérias, como a heresia!

Não fica de todo claro, nos textos publicados no livro em foco, se, para Dr. Plínio, todo homem teria sido criado nesse estado de inocência, ou se todos teriam recebido esse estado de harmonia da alma na primeira infância. Entretanto, o mais lógico seria que todos os homens já nascessem nesse estado de inocência primeva. Não só Adão teria sido criado assim.

É de se supor que no MNF haja textos que elucidem esse problema, textos que, sendo diretamente contrários à doutrina católica, foram eliminados do livro publicado agora pelos Provectos da TFP. Somente um exame completo do MNF permitiria resolver plenamente essa questão. Mas, como vimos, no que já foi publicado, há provas de que Plínio acreditava nessa doutrina herética.

Vimos ainda que Plínio dá uma definição de Inocência Primeva — e que ele atribui a todos os homens — e que nega ora explicita, ora implicitamente, as conseqüências do pecado original na alma humana.

Vejamos uma contradição doutrinária de Plínio:

Vimos que ele afirmou que a inocência primeva que todos os homens possuem ao sair das mãos de Deus, causa uma harmonia plena entre as potências da alma.

Ora, doutra feita Plínio diz o oposto:

Temos apetências desordenadas, desejamos mais do que nos é razoável, nutrimos antipatias despropositadas, nos tornamos semelhantes à terra de degredo na qual estamos (Plínio Corrêa de Oliveira, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, artigo in Revista “**Dr. Plínio**”, AnoVIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 24).

Mas, enquanto a Igreja ensina que essa desordem perdura em nós até a morte, Plínio garante que podemos extirpá-la:

Entretanto, trata-se de uma contradição que precisamos extirpar de nosso interior, para que em nós tudo seja lógica, coerência, harmonia.

Tal nos é possível, fazendo com que nosso seletivo funcione em ordem, não procurando coisas que não nos convém, e tendo idéia exata de como deveríamos ser, isto é, inocentes. E desejar essa meta, pois o homem, quando fiel à sua inocência batismal, conhece, quase por instinto, aquilo que lhe será ou não benéfico (Plínio Corrêa de Oliveira, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, artigo in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 25).

Ora, doutra feita, Plínio afirmara que o Batismo só reforçava a inocência primeva já existente em todo homem, ao sair das mãos de Deus..

E Plínio acaba afirmando algo de incrível sobre o que seria o estado de inocência primeva por ele imaginado:

“A inocência não é um estado de alma passivo, resignado, inerte. Mas, pelo contrário, ativo, atuante, empreendedor”.

“A inocência está sempre à procura de algo, de algo que é cheio de luz, cheio de paz, cheio de ordenação, concatenação e força, mas cheio de tranqüilidade”.

“Este algo tem a capacidade de tudo mover sem mover-se a si próprio”.

“Tem algo de inefável, de **divino**, de interior e de secreto” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, ed. cit. p. 49. O destaque é nosso).

Que estranho!

A inocência primeva está sempre a procura de um algo que é motor imóvel, isto é, de Deus. Mas “esse algo”, esse “motor imóvel” — Deus — teria algo de inefável, de **divino**, de interior e de secreto’.

Como?

Se Deus é esse algo que a alma procura, como teria Ele algo de divino?

Deus teria algo de divino?

Que tolice é essa?

Ou seria o homem inocente que teria algo de divino?

Ou é o inocente que poderia adquirir algo de divino numa imaginária identificação com Cristo?

Veremos, mais adiante, uma resposta afirmativa de Plínio a essa pergunta.

Noutra passagem, Plínio diz que esse estado de harmonia com que as almas seriam criadas, "sairiam das mãos de Deus" teria graus diversos: "É possível que em **todos** esta noção primeva tenha existido em alto grau. Em alguns em grau altíssimo" (p. 39. O destaque é nosso).

Quais seriam as características desse estado de Inocência Primeva no qual **todas** as almas seriam criadas numa aliança com Deus, aliança da qual a Igreja nunca falou, tendo, aliás, sempre ensinado o contrário?

Para Plínio, a inocência primeva faria com que todas as crianças saíssem das mãos de Deus em estado de plena harmonia na alma:

"[...] a harmonia da alma humana se manifesta na Inocência"(p. 12).

"Existindo no homem uma ordem fundamental, é-lhe impossível admitir a desordem como condição normal e fundamental do universo, a não ser à maneira de um desastre colateral e limitado" (Op. cit., p. 39).

Está aí explicitada a idéia errada que existe no homem uma ordem fundamental. Que desastre "limitado" seria esse de que fala Plínio? Teria sido o pecado original de Adão? Então o desastre do pecado original seria limitado? Limitado como? Limitado a quem? Limitado a quem?

Como, então, São Paulo escreveu que havia em seu ser uma lei da carne que contrariava a lei de seu espírito? São Paulo certamente não teve a noção da inocência primeva na qual teria sido criado. São Paulo deveria ter sido da TFP, para aprender isso. Scognamiglio abriria novos horizontes para São Paulo, contando-lhe – secretamente—o Jour le Jour de Plínio.

A frase acima citada contraria a doutrina da Igreja de que todos os homens são concebidos no pecado, que colocou uma profunda desordem no ser humano, e não uma ordem fundamental como assevera Plínio Corrêa de Oliveira. Em vez de "o Cruzado do Século XX" dever-se-ia que Plínio foi um herege do século XX.

Ou o desastre a que se referiu Plínio tem algo em comum com a queda da Divindade, tal como a descrevem os gnósticos?

A pergunta fica no ar.

Voltaremos tratar da Inocência Primeva, na quarta parte deste livro, analisando os textos que os amigos de Monsenhor Scognamiglio, publicaram na Revista “Dr. Plínio” (Cfr A Doutrina do Conhecimento de PCO - Quarta Parte, capítulo III, nº 2- O Seletivo).

#### 4 — A Inocência primeva nas crianças

Plínio garante que, na criança inocente, haveria uma ordem completa, quer na alma, quer no corpo, a criança tendo controle dos seus instintos, pois o estado de inocência seria ‘um estado de alma pelo qual todo o temperamento, **todos os instintos**, toda a sensibilidade reagem de modo inteiramente proporcionado àquilo que têm diante de si. Nesse sentido a calma faz parte da inocência” (p. 42. O destaque é nosso).

Repare-se que está dito que essas qualidades existiriam “na criança inocente”. Não em todas?

Só na criança inocente, isto é, só naquela que deu adesão a essa ordem harmoniosa da inocência primeva?

Não é preciso dizer que essas afirmações contrariam a evidência. Como contrariam frontalmente o que a Igreja ensina sobre o estado em que todos os homens são concebidos, exceto a Virgem Maria. Basta ir a uma sala de aula, ou mesmo a um berçário, para constatar a mentira dessas afirmações de PCO. E é especialmente absurdo o que se lê nesse livro de que a criança, nascida em estado de inocência, tem suas reações instintivas inteiramente proporcionadas.

Ponha-se um doce ou um sorvete diante de crianças, e ver-se-á a reação “controlada” que elas têm.

Para Plínio, a criança teria qualidades e virtudes inatas:

Tomemos uma criancinha de três ou quatro anos. Uma das coisas que melhor caracteriza a inocência — mas a inocência no que tem de mais profundo, mais elementar e mais, por assim dizer, virginal — é certa forma de calma pela qual a criança dessa idade (dos tempos em que não havia TV, evidentemente) tem uma calma por onde nada a agita, e de uma maneira geral não se apega nervosamente a nada. A calma, aliás, é parte integrante da inocência. Pode-se estar numa situação em que seja quase inevitável o efervescer. Mas a efervescência, pelo império da vontade, deve ser reduzida estritamente aos seus primeiros borbulhars (PCO, citação literal de PCO em reunião de 25 de Setembro de 1986, A Inocência..., p. 40).

Veja-se o absurdo inimaginável imaginado: uma criança de três ou quatro anos, que, pelo império de sua vontade, controla estritamente suas emoções efervescentes.

Isso é sonho romântico. Nunca foi coisa real. Nunca isso foi ensinado pela Igreja, que a Santa Igreja não ensina loucuras.

Na verdade, ao dizer isso de uma criança de três anos, Plínio estava se referindo a si mesmo.

Chegou a nossas mãos nestes dias o romance surrealista de Plínio Corrêa de Oliveira intitulado **Notas Autobiográficas, (Editora Retornarei)** com apresentação **significativa** de Monsenhor Scognamiglio, e aprovação **surpreendente** do Padre Royo Marin.

Pois nesse romance se lêem coisas incrivelmente surrealistas e modestamente hilariantes.

Veja-se como Plínio se descrevia aos três anos de idade: “**Inocência crescente**”, e ainda:

Tenho a vaga impressão de que, no primeiro período da infância, minha inocência cresceu com a idade, em vez de diminuir.

Como se manifestava essa inocência? Era um **lumen** (luz) --[Ou flash?]- no ver a realidade pelo qual eu não considerava a vida propriamente linda, mas, sem saber explicitar bem, parecia-me que ela simbolizava lindas coisas, que davam acesso a um mundo superior, o qual também não sabia definir e não relacionava com o Céu, mas me aproximava dele. Isso eu via reluzir magnificamente, por analogia simbólica, em todas as ocasiões. Essa “trans-esfera”, de certo modo, fundia-se com a tradição: quanto mais os objetos representavam o passado cristão, tanto mais tinham valor simbólico para mim (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, volume I, pp. 79 e 81. O destaque é do autor).

E Plínio teria apenas cerca de três anos, ao ter essas “impressões”...

Como se pode considerar com seriedade essa descrição?

Como se pode acreditar nessa auto descrição absurdamente atribuída a uma criança de três anos?

É evidente que Plínio, aos três anos, não pensou nada disso. Imagine-se, uma criança de três anos falando em trans-esfera, em valores simbólicos e em analogia. Crer nisso é paranóia, ou esperteza. Plínio, adulto, inventou que pensara essas elucubrações imaginativas, claramente românticas e gnosticamente surrealistas, dizendo que

excogitara isso quando menino. E o fanatismo – e a esperteza -- de Monsenhor Scognamiglio fez os Arautos crerem nessas tolices. E crerem a ponto de publicarem esse delírio em forma de livro.

Em edição de luxo.

Com aprovação de Padre Royo Marin!

E como explicar essa aprovação de Padre Royo Marin ao livro que conta isso?

Claro que esse livro depõe contra quem crê nele, e contra quem o aprovou.

E, prosseguindo, disse Plínio, e Monsenhor Scognamiglio publicou:

Embora as salas e os escritórios da Casa de vovó fossem totalmente laicas, -- [Só podiam ser laicas, pois ela não era freira e nem morava em igreja, e além disso, como disse Dr. Plínio, o marido dela era maçon]—havia certo número de imagens religiosas nos quartos de dormir. Olhando-as, eu sentia emoções de natureza muito elevada e sacral, e era movido a pensar: Curioso! Isto é uma gama, com uma vida diferente do resto do ambiente. Qual é relação entre uma coisa e outra? Não existe uma contradição?

Mais ou menos, todos os ornatos da casa—quer no apartamento de papai e mamãe, quer nas outras dependências – reluziam aos meus olhos de criança e tocavam a minha sensibilidade de modo extraordinário, apesar de eu perceber que não eram tão belos; mas remetiam para algo de diáfano, superior e lindíssimo, que desde logo atraía a minha alma. Nascia a noção de um **universo ideal**: ‘Isso é bom assim, mas como seria melhor se fosse de tal outro modo! (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, volume I, p. 81. O destaque é nosso).

Como uma criança de três anos poderia falar em “universo ideal”?

Teria Plínio lido os idealistas alemães aos três anos de idade?

Ou essa mentalidade romântica foi inculcada nele desde a infância, recebendo, depois, um “envernizamento” metafísico mais tarde?

Que o bom senso responda a essa pergunta.

Ainda que com um simples verniz metafísico, Plínio frequentou certos ambientes universitários e clericais nos quais pode ter sido iniciado no romântico idealismo alemão, escola que uma criança de três anos não poderia captar. E o resto é desculpa fanatizadora scognamigliesca.

E se veja a seqüência da prodigiosa meditação metafísica de um menino de três anos:

Era no fundo, uma idéia do Céu e uma impressão de que, passando sucessivamente por paraísos imaginários em várias tônicas diferentes, eu acabaria dando uma volta na qual meu ser inteiro se sentiria saciado e chegaria a uma síntese eterna e definitiva. – [Só faltava Hegel!] --- Não era um mundo de sonhos ou de utopias, mas o conjunto da ordem universal que vinha se apresentando cômoda e gradualmente a meu espírito. Nem era mera fruição dos sentidos, mas o desejo de algo mais perfeito, dentro desse mundo. **Eu tendia a não me contentar com nada**, indo de elevação em elevação, até chegar ao Absoluto. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, volume I, p. 81. O destaque é nosso).

Sem dúvida, ou aos três anos Plínio já lera Schelling e Hegel, ou isso é pura invencionice. Ao bom senso dos leitores, que não fizeram teologia em Salamanca, o decidir.

E note-se como Plínio sonhava paraísos e desprezava de tal modo o mundo real, confessando que tendia, como todo gnóstico, a não se “**contentar com nada**” do que existia.

Plínio, aos três anos, só queria o Absoluto!!!

Ou Plínio nasceu adulto, ou o Plínio adulto se manteve sempre a inocente criança de que falavam os românticos...

Sem dúvida, o livro **Notas Autobiográficas** de Plínio Corrêa de Oliveira, em boa hora publicado pelo incrivelmente bem sucedido Monsenhor Doutor Scognamiglio – Doutor!—é um romance surrealista.

Há outro texto resumido do MNF por Átila Sinke Guimarães, publicado na TFP, em 1972, para uso dos membros da entidade que, por milagre, conseguimos adquirir. Era um texto de terminologia esotérica, praticamente incompreensível. Entretanto, lendo-o agora, com as informações que temos hoje, o texto pode ser decifrado com mais facilidade.

Sobre o conhecimento inato do homem, esse resumo de parte do MNF intitulado **O Processo Humano** contém pérolas esparsas bem elucidativas. Vejam-se algumas sobre esse conhecimento inato do homem.

Dr. Plínio afirmava que há regras e conhecimentos “enviscerados” e “inatos” no espírito humano.

No subconsciente humano, cabem tesouros de filosofia, de conhecimento que, embora inexplicitamente, são condições para a sanidade mental”(...) “Necessariamente tem que haver um conhecimento anterior e

subconscientemente nele [no homem] que é o conhecimento de algo por onde todas as coisas são unas (Átila Sinke Guimarães, *O Processo Humano*, resumo de parte do MNF, apostila mimeografada pela Editora Vera Cruz, Dezembro de 1972 , p. 61).

Todas as coisas são unas?

Em que sentido? No sentido em que toda coisa é sempre “una”? Ou que todas as coisas são no fundo um só ser?

Pregaria Plínio um monismo do ser?

Só por esse texto ambíguo não dá para tirar uma conclusão.

Mais adiante, porém, se lê o seguinte:

Vendo a coisa como ela é, a pessoa vê também o fundo comum e abstrato a que as coisas se reduzem (Átila Sinke Guimarães, *O Processo Humano*, resumo de parte do MNF, apostila mimeografada pela Editora Vera Cruz, Dezembro de 1972 , p. 63).

Todas as coisas se reduzem a uma noção abstrata de ser...

Tal conhecimento seria uma profunda e sintética visão primeira do ser:

Há, portanto uma espécie de primeira noção, ou primeira visão do ser na sua totalidade, e com todas as conseqüências que em todas as ordens pendem da aceitação do ser com essa totalidade. É essa primeira visão que constitui o objeto primeiro, simplicíssimo, inesgotável e riquíssimo de todo o conhecer humano, como também de todo o querer humano, e também de todo o sentir humano (Átila Sinke Guimarães, *O Processo Humano*, resumo de parte do MNF, apostila mimeografada pela Editora Vera Cruz, Dezembro de 1972 , p. 62).

### **“O verdadeiro conhecimento e a verdadeira inteligência”**

A visão-primeira corresponde à minha velha idéia de que o conhecimento é algo que brota do fundo da cabeça do homem à maneira de algo impreciso, que depois se torna desenho, depois relêvo, depois estátua e por fim fala. Não é um caminhar de raciocínio em raciocínio como quem vai de uma ilha para outra num arquipélago, mas é algo como quem tira uma caixa, onde já está tudo contido (Átila Sinke Guimarães, *O Processo Humano*, resumo de parte do MNF, apostila mimeografada pela Editora Vera Cruz, Dezembro de 1972 , p. 64).

O homem já nasceria com toda a bagagem de um tratado de metafísica, com um conseqüente querer e sentir inatos.

Plínio afirma que, na inocência primeva em que todas as almas saem das mãos de Deus, as crianças têm noção primeva da perfeição original em que tudo foi criado. Teriam um senso perfeito do ser, tendente ao maravilhoso.

A posse da inocência importa em ter uma noção primeva (ou primeira) cristalina, da perfeição originária de todas as coisas. Naturalmente, é mais lúcida em uns, menos lúcida em outros, de acordo com a graça e com a natureza. Numa criança, é geralmente uma noção não consciente (idem, p. 39).

Nasceria a criança com um conhecimento metafísico perfeito?

Que delírio é esse?

Como seria possível ter noção não consciente de algo? Porque ter noção é ter um conhecimento, um conceito de algo. Ter noção ou conceito inconsciente é uma proeza que só na dialética gnóstica é possível ter.

Diz ainda Plínio:

**Todos os homens** têm no fundo do espírito, o padrão, os modelos ideais de todas as coisas. E — se não cometeram infidelidades revolucionárias, contra a ordem estabelecida por Deus na Criação — são capazes de encontrar em si esses modelos ideais. Feito isso, não é tão difícil alcançar a harmonia interna da alma que caracteriza a inocência (PCO, A Inocência Primeva, p. 45).

Ela [a criança] procura ver no que as coisas concretas conferem com a matriz que está na alma dela, a qual para ela é perfeita (Idem, p. 31).

De novo é reafirmado que todos os homens têm uma noção dos modelos ideais de todas as coisas, isto é que todos temos no fundo da alma a noção de uma ordem ideal perfeita de como as coisas deveriam ser.

Se todos os homens nascem já com o “padrão”, “com os modelos ideais de todas as coisas”, isso implica na tese absurda que todos os homens nasceriam com o conhecimento dos universais, isto é, dos arquétipos ideais de tudo o que foi criado. O Inocente teria em sua inteligência os conceitos universais que Deus concebera, em seu Verbo, desde toda a eternidade.

O homem inocente conheceria tudo tal como o Verbo de Deus.

Isso é completamente contra a doutrina católica.

Ora, essa é a tese da imanência do conhecimento no homem, típica da gnose do idealismo alemão, tese que se prolongou de Kant, Fichte, Schelling e Hegel, até Heidegger e até o jesuíta Rahner, a alma negra do Vaticano II.

Claro que não supomos que PCO tenha estudado as doutrinas desses filósofos. Ele era por demais “conhecedor implícito” para se dar à fadiga de ler qualquer coisa mais séria. Do que lucrava enormemente a sua preguiça.

Pois não disse ele: “O pecado deve ser semelhante ao grilo e à terra úmida, enquanto a virtude é semelhante à minha cama”( PCO, Notas Autobiográficas, p. 325).

Portanto, não julgamos que Plínio conhecia a fundo essas doutrinas do idealismo alemão, do existencialismo, e do neo modernismo. Mas Plínio era inteligente e imaginativo. Um pormenor lhe permitia imaginar um castelo de conceitos estapafúrdios. E PCO estudou com os jesuítas, formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, disse que leu, e disse que gostou do que leu, na publicação Sept, dos modernistas dominicanos, conforme ele mesmo contou (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo O “Legionário” Arma de Batalha pela Igreja, in Revista “Dr. Plínio”, Ano VI, Nº 61, Abril de 2.003, p. 27). E foi professor na cadeira dada a Júlio Frank, o fundador da Burschenschaft, na Faculdade de Direito de São Francisco... Em algumas dessas fontes de “murdy waters” ele ouviu algo que lhe ficou pela cabeça, ainda que de modo vago. O orgulho intelectual fez o resto. Mas que a doutrina gnoseológica de PCO se parece com a dos idealistas e existencialistas alemães, disso não há dúvida.

Vejam-se estas citações sobre Rahner:

Conforme Rahner, pois, a mente não parte do conceito singular para chegar ao universal, mas parte do universal para colher, no seu interior, o singular e o concreto (Fra Giovanni Cavalcoli, O.P., Karl Rahner, Il Concilio Tradito, Fede e Cultura, Setembro de 2009, pp. 25-26).

Plínio dizia o mesmo. Pela posse da Inocência Primeva, o homem sairia das mãos de Deus com as matrizes, com os padrões ideais dos seres já inatos, em si, e conferiria as coisas singulares concretas com essas matrizes ideais e arquetípicas do ser, com que o homem foi criado.

Plínio era idealista e modernista.

Nunca foi tomista.

Em que pese a seus românticos biógrafos e fãs italianos.

Continua Fra Cavalcoli, comentado a teoria do conhecimento de Rahner que é, nesse ponto, também a de Plínio:

Temos claramente aí uma inversão do processo cognoscitivo humano, que acaba assimilado à **ciência divina**, que é a única, na verdade, que parte do universal - da sua auto consciência -- para determinar o particular, dado que só ela é projetadora e criadora dos entes (Fra Giovanni Cavalcoli, O.P., Karl Rahner, Il Concilio Tradito, Fede e Cultura, Setembro de 2009, p. 26).

Portanto, dizer como diz Plínio, que o conhecimento humano parte de padrões inatos no homem — dos universais — para conhecer os entes singulares concretos, é identificar o conhecimento humano ao conhecimento divino. E se Rahner foi então um gnóstico, Plínio também o foi.

A mente de Plínio seria como Verbo.

Conforme Rahner, o objeto inicial do conhecimento humano não é o ente sensível obtido através da experiência dos sentidos. Ele não recusa este objeto, mas considera-o como o derivado de uma experiência precedente e **pré conceitual** do ser, a qual dá à mente humana o horizonte cognoscitivo ilimitado dentro do qual o homem coloca sucessivamente todos os seus conhecimentos ulteriores

“Diz Rahner: O conhecimento colhe o seu objeto singular numa percepção prévia do ser, que compreende em sua absoluta vastidão todos os objetos possíveis e, em cada conhecimento particular, transcende sempre o objeto singular, colhendo-o não apenas na sua particularidade opaca e irrelata, mas também na sua limitação e na sua relação como complexo de todos os objetos possíveis. Com a percepção prévia o objeto singular é conhecido a priori sob o horizonte ideal absoluto do conhecimento, e por isso, inserido na área consciente de todo cognoscível” (Fra Giovanni Cavalcoli, O.P., Karl Rahner, Il Concilio Tradito, Fede e Cultura, Setembro de 2009, p. 25.).

Note-se: Rahner fala de “uma experiência precedente e pré conceitual”. E PCO diz que “Numa criança, é geralmente uma noção não consciente” (p. 39).

**É o dogma fundamental do idealismo alemão.** A noção de conhecimento, para ele, não significa relação ao ser **extra animam**, como se exprime São Tomás, mas é o próprio ser em seu significado mais próprio: “O ponto de partida fundamental para uma compreensão metafísica exata daquilo que é conhecimento deve ser visto nisso, que o ser é a partir de si mesmo conhecer e ser conhecido que o ser é ser-com-sigo” (Karl Rahner, Geist im Welt-1, Innsbruck-Leipzig, 1939, 1ª edição., p. 42, apud Fra Giovanni Cavalcoli, O.P., Karl Rahner, Il Concilio Tradito, Fede e Cultura, Setembro de 2009, p. 23 nota 19) “A essência do ser é conhecer e ser conhecido em uma unidade originária que nós chamamos o ‘ser-in(com)-sigo’ do ser: ou ainda, para dizê-lo com um termo corrente da filosofia contemporânea, o ser é transparente a si mesmo (idem, ibidem, nota 20).

E PCO afirmou que o “senso do ser” inato no homem dar-lhe-ia a noção de que deveria buscar, por seleção, realizar a unicidade do ser...

Daí, para PCO, isso daria à criança uma noção implícita da existência de Deus, que lhe seria como que evidente. Contra o que ensina São Tomas de Aquino, que afirma explicitamente que a existência de Deus não é evidente.

“A criança tem, num desdobramento da inocência, noção implícita da existência de Deus. ‘Uma noção escachoante, tremenda, luminosa’ ” (p. 31).

O que é uma afirmação tendente ao fideísmo condenado pelo Concílio Vaticano I.

Contraditoriamente, porém, noutro livro, Plínio diz o oposto a isso:

O conceito de Deus não é inato no homem, mas o senso do ser é tão amplo, e a luz que ele tem é tal, que o homem, pensando retamente, não precisa caminhar muito para chegar ao conceito de Deus (PCO, O Universo é uma Catedral, excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, por Leo Daniele Edições Brasil de Amanhã, 1997, p. 236).

Frase, que mesmo negando que o conceito de Deus seja inato no homem, afirma que o “senso do ser” é nele tão grande que ele pouco precisa das provas da existência de Deus. O que, de novo, beira ao fideísmo tradicionalista.

E curioso que a nota 23 posta nessa frase lembra que Dr. Plínio disse isso, para reafirmar a condenação do erro dos ontologistas In Denzinger 1659 e seguintes. (Cfr. idem, ibidem, p. 276 nota 23).

Precauções para evitar uma condenação clara.

Plínio, como os modernistas, ora afirmava o certo, ora o errado. Desse modo, poderia sempre alegar que não foi bem entendido, quando lhe escapasse alguma heresia explícita. Essa é tática típica dos hereges, e especialmente dos modernistas.

A criança, segundo Plínio, na posse de sua inocência primeva teria certezas absolutas:

A criança tem uma certeza e uma força de lógica que é uma das maiores jóias do espírito e é o contrário do espírito pútrido do idoso desabusado

Essa força e essa energia da[al] lógica produzem assim um borbotão de certezas iniciais que podem fazer com que a alma, se for fiel a isso, seja a vida inteira dotada de certeza e cheia de luz. E também com energia e com

capacidade para se sentir feliz, apesar das tribulações (PCO, A Inocência..., p. 32).

Neste ponto, pela primeira vez em seu livro Plínio fala do Batismo dizendo: “Por causa das graças do Batismo, a infância é um apogeu” (p. 32).

Mas então, a infância já possuidora da Inocência Primeva é levada ao apogeu pelo Batismo. E como isso seria assim, se o Batismo não tira da criança batizada as tendências más e nada harmônicas trazidas para a alma humana pelo pecado original?

E Plínio diz mais: “No fundo, a criança tem um senso virginal de distinção entre a verdade e o erro, o bem e o mal, que depois pode ir-se embotando ao longo da vida” (p. 30).

Não se compreende então como a Igreja ensina que até o uso da razão – por volta dos sete anos, a criança normalmente não tem culpa mortal, pois que não sabe distinguir plenamente o certo e o errado, o bem e o mal.

Plínio ensinava o oposto do que ensina a Igreja... Discretamente...

E a afirmação dele de que à medida que cresce, a criança vai perdendo essa distinção clara entre verdade e erro, bem e mal, leva a supor que o desenvolvimento da razão é prejudicial ao ser humano. Se fosse assim, não seria a criança, ainda sem o uso da razão que não poderia pecar, mas o adulto é que deixaria de ser responsável pelo embotamento nele da distinção entre o bem e o mal, que só a criança teria plenamente.

Isso parece com a tese de Rousseau, que é preciso “deixar de lado a razão e permitir falar apenas o coração”. Ou ainda dizer com Rousseau que “O homem que pensa é uma animal depravado”.

Essa noção da criança como sábia é típica do Romantismo.

Plínio Corrêa de Oliveira foi um romântico.

Para Plínio, a criança inocente tem certezas e lógica profundas.

O virginal do estado de alma da criança coloca no raciocínio dela uma espécie de retidão e de certeza natural. (...) É uma naturalidade ainda não reflexiva. Não se trata de uma falta de reflexão culpável; é que ela considera supérflua a reflexão. É tal a clareza da posse dos primeiros dados da realidade, que um exame ponderado não se torna necessário.

O raciocínio [da criança] é fluentíssimo, limpidíssimo, muito metódico, tão fluente, tão límpido que a questão do método nem se põe. É uma espécie de transparência (p. 30-31).

Nem é preciso comentar como essa visão da criança como limpidissimamente raciocinante e lógica contraria a evidência. Isso é puro romantismo. É a defesa da irreflexão.

Veja-se mais um delírio pliniano sobre a idéia dos seres possíveis na mente de uma criança:

A criança pode passar por um processo pelo qual vai adquirindo duas cognições ao mesmo tempo: a do mundo real e a do mundo dos possíveis. São prodigiosamente ricas essas primeiras percepções que, assim, nela detonam (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 155).

Quer dizer que, desde a infância, a pessoa vai formando em sua mente duas classes de conhecimentos: a do mundo real, e a do mundo dos possíveis. Como se uma criança pudesse excogitar o que é um ente possível em Deus. Se nenhum homem pode saber como seriam os possíveis em Deus, que dirá uma criança?

A noção de seres possíveis é das mais sutis em Metafísica. O texto acima citado parece indicar que PCO chamava de possíveis as coisas imaginárias. Só que imaginário e possível são coisas evidentemente distintas.

É erro grosseiro identificar imaginário com possível. Que uma criança confundisse imaginário com o possível, ela seria logo corrigida. E caso acreditasse nisso, a criança deveria passar por algum tratamento.

Mas que um adulto identifique imaginário com possível, e até escreva um livro dizendo isso, e que tenha seguidores que acreditem nisso...Só em delírios mentais, próprios de quem está em sanatórios, isso se dá. Ou em seitas delirantes, como foi a de Jim Jones.

Mas isso aconteceu na TFP dos Provectos, graças a Plínio, e entre os Arautos, graças a Monsenhor Scognamiglio.

Logo, lá não sendo ambiente de loucos, é ambiente de seita herética.

Prova de que o ambiente reinante entre os Arautos de Monsenhor Scognamiglio é delirante é que ele publicou as Notas Autobiográficas de Plínio Corrêa de Oliveira. Que isso tenha sido gravado e guardado é inacreditável. Mas que se tenha tido a coragem de publicar essas Notas Autobiográficas passa de toda compreensão. Isso só pode ter sido publicado por uma editora chamada **Retornarei**, nome que insinua a

esperança “sadia” de que Dr. Plínio só se “ausentou” tumularmente, mas que logo retornará.

Nesse livro em que Dr. Plínio narra sua autobiografia—e que mais parece um romance surrealista – ele conta como nele mesmo, quando criança de três anos, se deu essa “idéia” de seres possíveis numa outra esfera da realidade...surrealista que ele imaginou, e na qual Monsenhor Scognamiglio diz que crê. Comentando os passeios que dava no Jardim da luz aos três anos de idade, e falando dos gramados que lá existiam, Plínio garante que lhe passava pela cabeça infantil esta “metafísica”:

Isso me fazia pensar em parques de uma outra ordem, numa **outra esfera, em jardins etéreos, arquetípicos, que não existiam, mas eram possíveis...** Eu passava por ali vendo aquelas ondulações e quase fingia que brincava, enquanto minha alma esvoaçava por outras paragens...

**Imaginando** esse píncaro de beleza, **sentia** que era possível a existência de uma outra ordem universal, mais bonita do que esta e para a qual eu tendia. Numa palavra só, eram saudades do paraíso numa alma inocente (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, editora Retornarei, São Paulo, 2008, p. 254. Os destaques são de nossa responsabilidade).

Esta última citação deixa claríssima a confusão de PCO entre pensar e imaginar. Como deixa patente que, embora calvo, ele era um romântico descabelado. Se é verdade que ele pensava assim desde os três anos, conclui-se que adulto ele pensava o mesmo. E nunca deixou de ser romântico sonhador de um mundo irreal no qual sonhava viver. E que ele sabia ser um mundo inexistente, mas que, mesmo assim, ele queria que existisse em sua imaginação. Para ele, o imaginário era o real. E o real era condenável se comparado com o ideal.

Conta ainda que, aos três anos, ele se encantou com um gota de orvalho e quis sorvê-la imaginado ser ela uma bebida deliciosa...

Muitas vezes, quando eu estava sozinho – pois não queria passar por extravagante--, aproximava uma folha dos meus lábios e sorvia a gota de orvalho, pois não me podia convencer de que uma coisa tão linda não tivesse um sabor muito gostoso. **Ao perceber que não era assim, arranjava um pretexto para conservar a minha ilusão** e pensava: Essa gota não me faz sentir o sabor do orvalho, mas se eu tivesse um copo cheio de orvalho, que beleza e que delícia seria! Um dia, quando eu for homem feito, irei com um copo numa mata e o enchei de orvalho... Deve ser mais saboroso que o champagne!

E refletia: “Quem sabe se não há um universo assim, como essa gota? Será que não existe algo que este orvalho representa? O mundo todo poderia ser feito à maneira dessa gota de orvalho?”. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas**

**Autobiográficas**, editora Retornarei, São Paulo, 2008, p. 254. Os destaques são de nossa responsabilidade).

E os destaques que fizemos mostram a preferência do imaginado sobre a realidade tal qual Deus a fez. É assim que nasce a Gnose romântica. É assim que a Gnose se mantém na cabeça dos Arautos do Evangelho preenchidas pelas pregações gnóstico-românticas de Monsenhor Scognamiglio. A ilusão tem que ser mantida contra o real.

Todas essas citações de textos de PCO são confirmadas por esta explanação de João Scognamiglio Clá Dias sobre a Inocência Primeva e a inerrância:

Deus pôs a inteligência no homem, pôs a vontade no homem, e a sensibilidade de forma inerrante. A inteligência do homem é inerrante no seu nascedouro, a vontade do homem é inerrante no seu nascedouro. Tanto é assim que se a pessoa se mantém fiel à sua inocência, ela vai mais tarde, se transformar num inerrante. Então se se apresenta um assunto qualquer a um santo, ele não erra. Por quê? Porque ele vai decidir de acordo com a sua inocência que está de acordo com a sua inteligência inerrante. A tal ponto que São Tomás diz isso de que a verdade é aristocrática.

“Por quê? Porque **só tem conhecimento da verdade aquele que está em estado de inocência, diz São Tomás**. Ora, como os que mantêm a sua inocência íntegra são muito poucos, a verdade é possuída por poucos na face da terra. E por isso, diz ele, ser a verdade aristocrática. Mas se a pessoa de fato se mantém fiel àquele conhecimento primeiro, se a pessoa se mantém fiel ao flash, inteiramente fiel ao flash, ela se torna inerrante” (João Scognamiglio Clá Dias, Jour –le –jour, 19 de abril de 1992).

Dessa exposição “tomista” se deduz:

1. Que todo homem, ao nascer, possui inteligência, e vontade inerrantes. O que é herético, pois nega as conseqüências do pecado original.
2. Que, mantendo-se fiel ao estado de inocência primeva, a pessoa se torna inerrante.
3. Que só possui a verdade quem é inocente e inerrante.
4. A verdade então seria conhecida apenas por uma elite formada pelos inocentes. E, nesse sentido, seria “aristocrática”.

E onde São Tomás diz isso?

Dr. Scognamiglio, afirmou em sua defesa de tese que tem “firmeza única” em São Tomás. Ele que presente, então, agora os textos onde o Aquinate defende essas teses esdrúxulas e heréticas.

Monsenhor Scognamiglio, “tomista” se tornou Padre sem estudar em seminário, Monsenhor sem ter feito nada fora da Sempre Viva, e Doutor em Direito Canônico com nota máxima. Ao noticiar esse Doutorado, se lê na revista dos Aautos que ele, respondendo à banca examinadora de sua tese ousou declarar: “Posso dizer que tenho uma firmeza única em São Tomás e na doutrina tradicional e verdadeira da Igreja” (Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, “O Fundador dos Aautos Doutor em Direito Canônico” artigo na revista Aautos do Evangelho em Janeiro de 2009, p. 27).

Isso é que é modéstia! Firmeza única em São Tomás? Única? Isso jamais tinha ouvido uma banca examinadora de uma tese de doutorado. Isso é fato único em bancas de doutorado. Mas não em outros ambientes... Pois isso é puro devaneio trans-esférico.

Essas doutrinas absurdamente trans-esféricas mostram como o atual Monsenhor Scognamiglio e os seus Aautos do Evangelho são hereges.

E tudo isso nos permitirá compreender melhor a ciência do Inocente — a ciência de PCO — que analisaremos no próximo capítulo.

### **Capítulo III - A Ciência do Inocente em Plínio**

#### 1 - Impressões e conhecimento inato.

De modo muito semelhante a Heidegger e a Rahner, Plínio acreditava que a criança teria, então, em si mesma, uma fonte de saber e de certezas inatas.

Ora, São Tomás nega que o homem tenha idéias inatas.

Na Suma Teológica, São Tomás trata desse problema ao discutir “Se a alma conhece todas as coisas mediante espécies que lhe são inatas por natureza”.

Resumidamente, assim resolve São Tomas esse problema:

Devemos dizer que a alma intelectiva está em potência tanto com relação às imagens que são o princípio da sensação, como para as representações que são o princípio da intelecção. E por isso Aristóteles afirmou que o entendimento mediante o qual a alma conhece, não possui espécies inteligíveis infusas, mas que originariamente está em potência para todas elas. (...)

Em segundo lugar,(...)quando falta algum sentido [físico], falta o conhecimento das coisas que esse sentido percebe: assim, o cego de nascimento não pode ter conhecimento das cores. Coisa que não aconteceria se na alma tivessem sido infundidas naturalmente as razões de todas as coisas inteligíveis. Por conseguinte, deve-se dizer que a alma não conhece as

coisas corporais mediante espécies naturalmente infusas (São Tomás, **Suma Teológica**, I, Q. 84, a.3).

Portanto, errava Plínio ao acreditar que o homem tinha idéias inatas.

Por causa desse erro, Plínio pretendia que, o verdadeiro pensador não é quem estuda e procure ler livros, mas pensador de verdade seria quem fosse fiel às suas primeiras impressões infantis, aquele que explicitaria o que já tem em seu íntimo por possuir as matrizes do ser inatas em si. É o que ele disse dele mesmo, quando entre 1933 e 1938, começou a dar aulas de História em Faculdades, por nomeação política, sem jamais ter estudado História regularmente:

Eu tinha, talvez, uns 25 ou 30 anos— quando compreendi que o melhor de minha vida intelectual não consistia tanto em aprender coisas sobre o que não sabia, quanto em encontrar os conceitos para exprimir o que por mim mesmo tinha percebido. Aliás, como é bem sabido, essa é a característica de todo verdadeiro pensador, como eu pretendia ser (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação sacral do Universo**, ed. Cit. p. 94).

E ele chegou a escrever “nada mais perigoso do que ler muito” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Quais os fins de uma Universidade?** Conferência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, 2 de Abril de 1960, reproduzida in revista “**Dr. Plínio**”, Ano V, Março de 2002, N<sup>o</sup> 48, p. 25).

Estava fundada assim a ciência pliniana por excelência:-- que se nos perdoe o termo vulgar e de jargão, mas merecido para tal pretensão pliniana--, ele fundou a “Chutologia”. Ciência cômoda que não exige nem estudo, nem esforço, nem leitura: basta explicitar o que se acha ser certo, ou que se imagina ser a verdade. O subjetivismo completo. A “verdade” pessoal interior, intuída através das “primeiras impressões”.

“Como se enriquece o conhecimento na escola de Dr. Plínio?

Privilegiando-se uma reflexão baseada no bom senso e na explicitação e avaliação das próprias impressões” (Introdução da redação da Revista “Dr. Plínio” ao artigo **Como adquirir certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, N<sup>o</sup> 36, p. 25).

Essa mesma revista “Dr. Plínio”, órgão oficioso de Monsenhor Scognamiglio, explica que “Para a escola de pensamento de Dr. Plínio, as impressões e observações que povoam a mente de cada homem contém mais elementos preciosos para o raciocínio e a formação das certezas do que uma biblioteca repleta de livros” (Revista

“**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, N<sup>o</sup> 36, epígrafe sob uma foto de uma estante de livros, p. 24).

Noutro artigo, comentando uma peça de teatro em que aparecem um herói e um sibarita, Plínio disse:

Notamos que, diante dessa peça teatral, fizemos muito mais que uma formiga. Não tivemos simplesmente “notícia” [como ocorre com os animais] mas impressões acerca de situações morais. Por exemplo, da condição do homem que escolheu o gozo da vida como finalidade de sua existência, e com isso se deformou. **Como levamos no espírito uma idéia mais ou menos explícita de como um homem deve ser**, pudemos conferi-la com a mentalidade do sibarita e percebemos o ridículo da atitude dele (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Sibarita e o Herói**, artigo in revista “**Dr Plínio**”, Ano VI, Outubro de 2003, N<sup>o</sup> 67, p. 23. Os destaques em negrito são nossos).

Note-se que Plínio recomenda conferir a impressão dada pelo sibarita com a idéia já existente no espírito humano -- com a matriz que seria inata na mente humana-- de como deve ser um homem.

Mais adiante, nesse mesmo artigo, dizendo basear-se em São Tomás, Plínio aponta outra forma de conhecimento -- a por conaturalidade -- que Plínio explica mal.

Como podemos conhecer tanta coisa, vendo uma peça? São Tomás fala de um conhecimento por conaturalidade, pelo qual, sem ser preciso fazer uma série de raciocínios expressos, pode-se chegar a entender muitas coisas. Por algo que está ao mesmo tempo em nossa natureza e nas coisas que vimos— por uma conaturalidade – **olhando** para aqueles abismos, sentimos o esforço que representa galgá-los. Num primeiro olhar, a nossa natureza, em contacto com aquela realidade, produziu o conhecimento.

Foi também por conaturalidade que os senhores sentiram o que havia de gostoso e o que de mentiroso nos prazeres do sibarita.

Conaturalidade: a natureza de um posta em presença da de outro, produz um reflexo; desse reflexo jorra uma cognição: o sibarita é um pústula; aquele outro, não, é um campeão! (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Sibarita e o Herói**, artigo in revista “**Dr Plínio**”, Ano VI, Outubro de 2003, N<sup>o</sup> 67, p. 24. Os destaques são do autor).

Dessa exposição tomisticamente aleijada de conaturalidade, se depreende:

- 1 - Que Plínio não entendeu o que é conhecimento por conaturalidade;
- 2 - Que ele julga que impressão significa conhecimento;
- 3 - Que o conhecimento seria uma certeza advinda de um modelo de ser inato no homem;

4 - Que o sentir equivale a conhecer.

5 - Que o conhecimento por conaturalidade é sentido.

Entretanto, mais adiante, nesse mesmo livro que estamos analisando, Plínio vai condenar as impressões:

O relativista só tem impressões. Ele chama essas impressões de convicção, quando são muito velhas, quando vêm de algumas gerações e que ninguém as pôs em dúvida diante dele (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, p. 137).

Contradição mais patente não poderia haver.

Se o relativista só tem impressões, como Plínio vivia falando de suas impressões – “impressão” é uma das palavras que ele mais usa, em cada página de seu livro a palavra “impressão” pode ser encontrada—conclui-se que ele foi um relativista.

Para PCO, a fonte de certeza de que se tem uma verdade é o bom senso inato (“nativo”) que existiria no homem. Se a impressão causada por um ser qualquer corresponder ao modelo interior inato do ser existente na alma humana, então se teria a verdade. A realidade externa é apenas uma projeção dessa matriz interior inata, ou nativa, no homem.

Veja-se como PCO confirma com suas palavras essa idéia totalmente subjetivista:

Qual é, então, o teste da certeza? Sustento que a verificação da consonância entre aquilo que se afirma e os dados do bom senso que **todos** possuem. É uma certeza inicial que, de proche en proche, vai se desenvolvendo. “Contudo, ela mesma não é, no fundo, senão uma projeção do senso do bem e do mal e desse senso nativo da verdade e do erro que se apóiam e se vão tornando mais vigorosos”(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como adquirir certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, N<sup>o</sup> 36, p.28. O negrito é nosso).

Sendo assim, os fatos externos, em si mesmos, não têm importância. Eles seriam apenas despertadores do “senso do ser” inato no homem. Por isso, ele diz: “A convicção da própria certeza científica se adquire por causa dessas certezas anteriores que se desprendem do **bom senso** e iluminam o método científico” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Senso Católico e o desabrochar das Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, N<sup>o</sup> 37, p.28. O destaque é nosso).

E PCO vai dizer que esse “senso do ser” é que dá ao homem certezas absolutas e torna o homem inerrante, quando ele segue o seu inato senso do ser que seria dado com a inocência primeva.

Por isso, Plínio, menino ainda, ao considerar uma imagem do Sagrado Coração de Jesus, dirá:

Essa imagem me compraz e está de acordo com minha retidão, da qual estou certo, pois ela é uma evidência interna, nascida em mim, proveniente de algo que não erra!：“Eu não sabia que isso era o **senso do ser**\_(Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, vol. I, p. 307. O destaque é nosso).

Ele não sabia ainda que era o que ele chamaria de o “senso do ser”, mas já se sabia inerrante.

E até mesmo a certeza de que a Igreja Católica é verdadeira—Plínio diz “autêntica”...-- Plínio dizia tirá-la de seu senso inato interior:

Devo dizer que nunca me interessei em provar que a Religião Católica é **autêntica**. Trata-se de uma preocupação que jamais me passou pela mente. Não condeno que se façam pesquisas e estudos aprofundados sobre a questão. Pelo contrário, louvo que assim procedam, mas considero que o objetivo não deve ser provar a veracidade da Religião Católica, e sim acrescentar novos testemunhos de que ela o é. Essa convicção parte de minha certeza nativa, do meu bom senso calmo, planturoso, embrionário, do meu gosto pelas coisas como elas devem ser, e também da minha rejeição a tudo quanto seja atitude ou doutrina que não se coaduna com a natureza humana, e assim faz pressão sobre meus nervos.

Com efeito, todas as verdades têm de ser coerentes com os nervos do homem. Aquilo que os abala é errado, do mesmo modo que não pode ser verdade o que é contrário à boa ordem da natureza humana (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Senso Católico e o desabrochar das Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, N<sup>o</sup> 37, pp.27 e 28. O destaque é nosso).

Para Plínio, verdade não é a adequação da idéia de um sujeito ao objeto conhecido. A verdade não seria objetiva. Verdade seria a constatação pessoal do sujeito de que algo exterior a ele corresponde a seu senso inato do ser. Por isso Plínio troca a palavra verdadeira por “autêntica”. Autêntico é a manifestação exterior do que corresponde ao modelo que há previamente no interior de alguém. Daí, para Plínio, Religião “autêntica” seria aquela que não contrariasse os seus modelos inatos, e daí não perturbassem os seus nervos...

Por isso, Plínio escreveu nesse mesmo artigo:

Ora, temos uma idéia ainda que sumária das várias religiões. Temos também, um bom senso nutrido pelo Batismo com o qual a Religião Católica se harmoniza inteiramente. A esse respeito, lembro-me de minhas meditações enlevadas no meu tempo de menino. “Como a Religião Católica satisfaz por completo a necessidade da alma humana! Que maravilha! Pode-se dizer que, de algum modo, ela é a Religião do homem! Porque se a Religião Católica não existisse, e quiséramos imaginar aquilo capaz de fazer com quem o homem fosse o melhor possível, era preciso inventá-la (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo O Senso Católico e o desabrochar das Certezas, in Revista “Dr. Plínio”, Ano IV, Março de 2001, Nº 37, pp.26-27. Os destaques são nossos).

Então para a TFP e para os Arautos seguidores do pensamento de PCO, a Religião Católica seria a Religião do homem... Explica-se como Monsenhor Scognamiglio aderiu ao Vaticano II e à Missa Nova.

Explica-se porque Dr. Plínio insiste em designar Jesus Cristo como o Homem-Deus, e só muito excepcionalmente o chama de Deus humanado ou Deus encarnado...

Portanto, a Religião Católica seria autêntica, porque corresponde à matriz de religião inata no homem, e porque não irrita os nervos de Plínio. Por isso a religião seria útil.

O sentido do ser que Plínio acreditava ser inato no homem, diante das coisas que impressionam o homem, constataria se o objeto causador da impressão era correspondente inteiramente à matriz inata do ser, segundo PCO, existente no homem, ou se corresponderia apenas, em certo grau, a esse modelo interior inato.

Daí, surgiam duas atitudes na mente humana:

- 1 - A de rejeição do que era imperfeito no ser concreto;
- 2 - Uma busca através da imaginação do modelo ideal absoluto daquele ser.

Diante da realidade, as impressões faziam emergir, do fundo do espírito humano a noção de um Absoluto existente numa outra ordem de ser, mas de algum modo também imanente, de modo imperfeito, nas coisas concretas. E daí Plínio afirmar:

E basta concebermos uma ordem de realidade mais alta do que esta em que vivemos, para se acender em nós um apetite por ela. Assim é que no homem existe uma espécie de sede insaciável de algo mais perfeito, mais alto, mais transcendente. Por sua inteligência, ele pode vislumbrar outros mundos, outras realidades, outros firmamentos, que normalmente não tem diante de si (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Sibarita e o Herói**, artigo in revista “**Dr Plínio**”, Ano III, Fevereiro de 2000, Nº 23, p. 13.).

E lá vai Plínio, “viajando” em sua imaginação para outros mundos, e para outras realidades imaginárias

Para o surrealismo.

Para o País das Maravilhas.

Onde haveria a super limonada. A ‘limonadérrima’.

E o pior é que ele tinha impressões sobre si mesmo que o levavam a imaginar, paralelo à limonadérrima, o Pliníssimo tomando a limonadérrima do outro mundo.

Limonadérrima? Que seria isso?

1 - A Limonadérrima e o Super Plínio

Quando Plínio viajou à Europa aos três anos de idade, no navio, ele tomou uma limonada que lhe causou—para usar um termo caríssimo a PCO-- uma forte impressão. E repare-se, na citação a seguir, como Plínio já era capaz de se expressar “metafisicamente” aos três anos. (Acredite quem quiser. Mas os Arautos e tefepistas acreditam que ele, aos três anos, já pensava tudo isso):

“Vejo neste navio um ‘pedaço’ da Europa na qual vou entrar. E já estou notando daqui que existe na Europa algo por onde todas as coisas são da melhor qualidade do que aquelas que conheço. Portanto, esta bebida obedece a um estilo e a uma escola de categoria superior. Limonada é isto! Ó limonada!”.

“Entretanto, por trás dessa reflexão estava a idéia da **limonadíssima**, que aquele limonada do navio não havia atingido... E, sem saber ainda dizer o que estou explicando agora, minha idéia era a seguinte: “Existe, na ordem do espírito, um deleite da limonada, e há, em outra esfera superior, uma **limonadérrima** que já não é mais limonada, nem tem limão. Mas se eu for afirmar isso para as pessoas adultas que me cercam, vão dizer que sou louco. Percebo que não sei exprimir bem o que estou pensando, mas quando ficar mais velho saberei fazê-lo” (Plínio Corrêa de Oliviera, **Notas Autobiográficas**, ed. cit, p. 96).

Os parentes do pequeno Plínio se o ouvissem falar então de uma limonadérrima de outra esfera do ser, --sem limão e sem ser limonada--certamente ficariam preocupados com o juízo de Plínio, e poderiam pensar que ele estava “louco”, como ele mesmo disse, porque os parentes dele não eram da TFP. Porém, hoje, na TFP e nos Arautos, graças à propaganda organizada por Monsenhor Scognamiglio, todos eles acreditam que existe de fato uma azedíssima Trans-esfera, onde se pode tomar a limonadérrima concebida por Plínio. Sem limão.

Porque Plínio o disse, e Scognamiglio o confirmou.

Loucos são os que não crêem na limonadérrima da Trans-esfera. Pois que essa doutrina foi aprovada por Padre Royo Marin.

Porque, Plínio é Plínio, e Monsenhor Scognamiglio é o “rasoul” de Plínio. Plínio o disse.

Aos três anos.

Maktub!

Padre Royo Marin aprovou!

Está provado e aprovado.

Para PCO devia existir “aliunde” a limonadérrima, e também o Super chopp, que ele dirá ser “a razão de sua vida”.

Que Plínio descobriu, muitos anos depois, porque aos dois anos ainda não bebera chopp.

E se existe “aliunde” a limonadérrima e o Super Chopp, por que, então, não deveria existir o Super Plínio?

Mais adiante, serviremos a nossos leitores esse super chopp trans esférico. Pois bem antes do super chopp, o pequeno Plínio descobriu, desde os dois anos, algo bem mais importante que o super-chopp: o super Plínio.

## 2 - Plínio Descobre o Super Plínio

Assim como pela limonada do navio alemão, Plínio descobriu a limonadérrima de um outro mundo, onde ela existiria—sem limão—contemplando-se a si mesmo, Plínio, modestamente, descobriu que tinha que existir, noutra esfera o super Plínio.

Isso não se deu de uma vez. Mas partiu das primeiras impressões que ele teve de si mesmo. Desde os dois anos de idade, quando usava sainha e lacinho no cabelo, tal qual ele aparece numa foto na página 64, do primeiro volume do livro **Notas Autobiográficas**. “O primeiro modelo que segui – desde que me lembro de mim mesmo – não era constituído por nenhuma dessas figuras do passado,- [alguns parentes dele que foram famosos maçons, como o Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira e Gabriel Ribeiro dos Santos, um dos membros da sociedade secreta ‘Os Patriarcas Invisíveis’]- mas por uma visão de mim mesmo como eu deveria ser, na minha inocência. Notava –

[Aos dois anos de idade!]-que em mim se passavam coisas que não se davam nos outros”(...)

### “Um “paraíso interior”

“Devido à minha inocência, eu tinha um estado de espírito pelo qual, às vezes, observava minha alma e percebia nela uma espécie de brilho “auri- prateado” e um “aroma”, fazendo-me sentir tudo quanto eu tinha de “**éclatant**” (fulgurante), de brilhante, de reto e de puro” (Plínio Corrêa de Oliveira, **notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> volume, p. 220. O destaque é do original).

É cabível que uma criança de dois anos diga isso de si mesma? É cabível que, Plínio, adulto, tenha dito e feito gravar isso, que teria pensado de si mesmo? É crível que adultos tenham ouvido isso, e tenham acreditado? É normal que isso tenha sido publicado pelos que acreditavam nisso? É possível que isso aconteça num Instituto de Direito Pontifício?

E que nada aconteça?

Sem dúvida, aos dois anos de idade, Plínio já tinha uma modéstia extraordinária!...

Como pode ousar dizer que pensava isso de si, já aos dois anos de idade?

E que grau de fanatismo patológico se atingiu, quando se ousa publicar tal coisa?

Leiamos ainda a seqüência desses ‘humildes’ pensamentos de Plínio sobre si mesmo, aos dois anos de idade, e com lacinho no cabelo:

Isso era seguido da idéia de que essas coisas, que eu admirava e me deliciava em possuir, existiam **aliunde** [alhures]de um modo incompreensivelmente mais intenso, como em sua potência **mater** [mãe]. Era como se existisse um meu “arqui **alter –ego**” [arqui outro eu mesmo] atraentíssimo, porque imensa e infinitamente distante, mas inviscerado dentro de mim e “brincando” com minha alma como um homem poderia brincar com uma pedra preciosa (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit Retornarei, São Paulo, 2008, I vol. p. 220. Destaques do original).

Esse arqui outro Plínio, infinitamente distante, evidentemente era Deus, mas um Deus que, ao mesmo tempo, era infinitamente distante, mas que permanecia “inviscerado”, imanente no ser de Plínio.

Claro que essa doutrina era a da Gnose. E é mais do que evidente que uma criança de dois anos não poderia ter concebido esses pensamentos. Isso é o que Plínio Corrêa de Oliveira inventou que tinha pensado aos dois anos de idade.

Tudo isso foi fruto de um orgulho absurdamente delirante, explicitado de modo gnóstico. Gnose aprendida onde? Aprendida de quem? Pouco importa onde foi aprendida. O que mais importa reconhecer é que isso é Gnose.

Prossegue Plínio, em sua modéstia inata:

Eu tinha a impressão de que esse **alter ego** se comprazia em intensificar em minha alma ora tal atitude, ora tal outra. Ao mesmo tempo, ele me deixava contemplar essa atitude e parecia dizer-me: “Vê como isso é lindo! E tu, meu filho, como és pulcro, perfumado, irisado e magnífico, em tua alma! Que esplendor há em ti! Também que alegrias inefáveis tu sentes! Que bem-estar superior a qualquer satisfação da terra, sem nenhuma comparação! (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, I vol., p. 220).

Jamais Deus fez tais elogios a nenhum santo.

Isso, ou é delírio a ser avaliado por um especialista em medicina psiquiátrica, ou é a voz sedutora da serpente!

Deus nunca diria tais coisas para uma criança.

Às crianças de Fátima, Nossa Senhora disse que teriam muito que sofrer, e não lhes fez nenhum elogio.

A Plínio...

Será que foi Deus mesmo quem disse isso tudo a Plínio, aos dois anos de idade?...Ou será que foi...outro?...E prossegue Plínio contando o que sentiu, e o que ouviu de uma misteriosa voz que internamente lhe falava, fazendo-o compreender o seu altíssimo valor já ao ter dois aninhos:

Sendo fiel a “isso”, terás um grande papel. E quando o realizares então verás como será a minha união contigo! Que grandeza sem nome! Anda, portanto, pois no fim me encontrarás. E agora, trata de encontrar a tua alegria em ti mesmo, pois eu ponho em ti o enlevo e a “leveza de alma” que são o teu Céu desde já” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit Retornarei, São Paulo, 2008, I vol. p. 220)

Impressionante.

Parecem promessas feitas no monte “Tibi dabo”

Parece a voz do enganador fazendo uma alma comprazer-se em si mesma, admirar-se, auto adorar-se.

Prossigamos essa citação mefistofélica em hora certa publicada por Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, Cônego de Santa Maria Maior em Roma, condecorado pela Santa Sé, agora até Doutor em Direito Canônico. Aquele que já recebeu sua recompensa...“Tudo isso me convidava a sacrais “sonhos de olhos abertos” e pensava: “Como vai ser essa união?”. E imaginava episódios...Eu sonhava com essa união, prometida para a hora da tarefa cumprida e do triunfo realizado, mas sem nunca pensar assim: ”Eu estou caminhando e os outros não...” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> volume, p. 220-221).

O que não é bem verdade, pois que páginas antes ele dissera: “O fato de eu ser eu, dava-me muito contentamento” (Plínio Corrêa de Oliveira, **notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> volume, p. 123).

“E como é bom eu ser eu!” (Plínio Corrêa de Oliveira, **notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> volume, p. 124).

Prossigamos a citação decisiva que estamos focalizando:

Portanto, o verdadeiro triunfo não consistiria no aplauso dos outros, mas na união consumada. Seria como um general de alma nobre, que deseja ganhar uma guerra. Na hora do desfile da vitória, ele tem a sensação metafísica [sic] de encarnar a pátria e o heroísmo, e encontra a plenitude e a realização de sua alma nessa identificação com valores superiores, muito mais do que a alegria de ser aplaudido”. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, I vol. p. 220-221).

Alguém pode acreditar que um menino de dois anos possa falar em “sensação metafísica”?

Só um fanático, incapaz de pensar, pode crer nesse sonho megalomaniaco.

E prossegue Plínio, dizendo:

Assim eram os meus “sonhos”, mas de um modo incomparavelmente mais alcançado: eu desejava essa união, para sentir-me inteiramente penetrado por “isso”, quando chegasse o fim da minha missão. Eu não sabia que “isso” se chamava Deus, como vejo hoje. Eu tinha, portanto, um desejo de união com Deus. E isso se exprimia dos modos mais variados. Eu não ouvia nenhum som ou melodia tocada por anjos, mas de vez em quando, sentia uma “harmonia” interna de minha alma, sobre a qual eu tinha vontade de compor uma música... E, às vezes, em uma ou outra peça musical que ouvia

– executada pelas muitas orquestrinhas existentes por toda a parte—certos trinados lembravam-me isso, de passagem.

Mas eu percebia que esse “paraíso interior” trazia como pressuposto uma coerência muito grande; exigia que eu me desse a ele por inteiro! Aquele deveria ser o lar de minha alma por toda a vida, e nele eu teria toda espécie de felicidade e bem-estar. Se bem que eu ignorasse ainda os assuntos relativos ao Sexto Mandamento – que conheci aos nove ou dez anos de idade—sentia em mim uma pureza exímia, que parecia tocar música em meu interior. A castidade era como uma concha na qual tudo isso estava contido e, se eu a perdesse, romperia com esse mundo maravilhoso (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, I vol. p. 221).

Seria esse um comportamento psicológico normal, ou uma ilusão diabólica?

Porque fruto de vida sobrenatural, essa auto admiração nunca poderia ser. Que a virtude exige humildade e não coexiste com o auto elogio escancarado, chegando à auto adoração.

Bastaria esse texto para provar quem foi Plínio Corrêa de Oliveira. E em suas *Notas Auto- biográficas*, há inúmeras outras passagens de mesmo quilate, descabeladamente soberbo.

Poupamos delas nossos leitores para não sermos repetitivos, porque basta esse texto para compreender quem foi Plínio Corrêa de Oliveira.

Essa era a inocência primeva de PCO: sonho mais orgulho incomensurável.

Um orgulho trans-esférico.

E Plínio afirma que esse estado de inocência primeva é próprio de toda criança, e que ele pode ser mantido mesmo na idade adulta. Por isso escreveu ele:

A inocência não é privilégio da infância e pode prolongar-se até o fim da vida. Pois **todos os homens** têm, no fundo do espírito, os modelos ideais de todas as coisas. E –se não cometerem infidelidades revolucionárias, contra a ordem estabelecida por Deus na Criação — **são capazes de encontrar, em si, esses modelos ideais**. Feito isso não é difícil alcançar a harmonia interna da alma que caracteriza a inocência (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência....**, p. 45. O destaque é nosso.).

Portanto, **todos os homens** teriam essa inocência primeva, e, segundo Plínio, ela poderia ser perdida, -- mas não totalmente-- e, depois, poderia ser recuperada.

Seria perdida ao se cometerem “Infidelidades revolucionárias contra a ordem estabelecida por Deus na criação”. Note-se que ele não fala que se perde a inocência primeva por cometer pecados contra a lei de Deus. Ele usa um circunlóquio que poderia

significar isso: por cometer pecados a inocência primeva seria perdida. Mas ele usa um circunlóquio um tanto vago.

Por quê?

#### **Capítulo IV - Perda - (Ruína?) - e Restauração da Inocência**

O problema da restauração da inocência – **entendida no sentido literal do termo**, de ter o coração puro em relação a qualquer pecado (e não apenas em questão de castidade), além de ter um enlevo por tudo o que seja maravilhoso – era considerado fundamental por Dr. Plínio para qualquer programa que vise estimular a santificação das almas (Apresentação da redação da Revista “**Dr. Plínio**” ao artigo de PCO **Alegrias da Inocência**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2001, N<sup>o</sup> 44, p. 5. Os destaques são nossos).

Restauração tem que ser de algo ou arruinado ou semi destruído.

Convém então notar, antes de tudo, que a Inocência primeva , segundo PCO, nunca poderia ser totalmente perdida. PCO imaginava que a inocência primeva não se perderia com o pecado mortal pessoal. Pois se nem o pecado original de Adão teria impedido que todos os homens nascessem com a Inocência primeva, muito menos ela seria perdida pelo pecado pessoal.

Dr. Plínio então, além de defender a tese herética de uma inocência primeva no homem, após o pecado de Adão, dizia pior ainda ao afirmar que essa inocência primeva não seria perdida por se cometer pecado mortal. Paradoxalmente, conservar-se-ia a inocência primeva mesmo que houvesse um “mar de pecados”.

Para explicar como a inocência primeva podia continuar a existir numa alma submersa num mar de pecados, Plínio narra a lenda da Catedral “engloutie”, a Catedral submersa. Era uma lenda druida que fora difundida por um poema do romântico simbolista Mallarmé, e musicada pelo compositor Claude Debussy, de moda na Belle Époque. Nem é preciso dizer que a escola simbolista do século XIX era profundamente esotérica e gnóstica. E PCO gostava do simbolismo romântico...

Segundo uma lenda bretã, portanto francesa –[no tempo dessa lenda, a Bretanha não era francesa e nem os bretões eram francos] – em certo lugar do mar da Bretanha, havia uma catedral—a catedral de Ys-- que fora tragada (**engloutie**) pelas águas.(...) “De vez em quando, os anjos faziam soar, no fundo do mar, os sinos da catedral. Aquelas lindas sonoridades subiam, então, de camada em camada, até a superfície do mar”.(...) “Os pescadores dizem que, um dia, a catedral voltará à terra firme ainda mais bela, pois conserva-se íntegra sob as ondas do mar (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 53).

A fundamentação da tese teológica da permanência da Inocência Primeva, mesmo sob um mar de pecados era justificada por ele por uma lenda bretã. “Portanto, francesa”, se apressa ele em notar. E erradamente.

É o que dá ter sido educado por sua mãe, Dona Lucília, com contos de fadas... Para um romântico, como o líder da TFP, lenda vale mais que a revelação divina e do que São Tomás.

E previne Plínio que:

A inocência primeva não é algo que o demônio possa arrancar inteiramente de dentro de nossa alma, mas permanece como uma catedral engloutie, uma catedral imersa nas águas do pecado, que ainda existe em nós (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 53).

Qual a garantia disso?

A palavra de Plínio fundamentada na lenda bretã e no conhecimento inato de PCO.

Portanto, a inocência primeva permaneceria no homem mesmo submersa num mar de pecados. Se nem mesmo um mar de pecados poderia fazer perder a inocência primeva, como poderia ela ser perdida?

Adão perdeu a inocência original que Deus lhe havia dado, mas a inocência primeva, tal qual a concebe Plínio, não poderia ser perdida. Não seria algo acrescentado à natureza humana.

Não seria algo acidental no homem, que poderia, ou não, existir no homem. Portanto, seria uma coisa essencial a ele. O que é um absurdo.

Não só ela não poderia ser arrancada totalmente do homem, nem sequer pelo pecado, como também poderia ser restaurada em sua integridade, mas não pela conversão:

Desaparecida a inocência, estaria tudo perdido? Ela é algo de irrecuperável ou pode ser restaurada?

Sem dúvida, pode haver uma restauração. Não se trata simplesmente da conversão de um pecador arrependido – embora a conversão tenha muito a ver com o tema – mas da volta ao estado primevo de harmonia interna que constitui a inocência (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 53).

Portanto, a inocência primeva não seria recuperada nem pelo arrependimento, nem pela confissão e absolvição sacramentais.

Seria possível uma restauração por uma nova adesão à harmonia das potências da alma.

Como?

São saudades que salvam. ‘Não é preciso fazer considerações flagelantes e dilacerantes a respeito do paraíso perdido com o qual se rompeu e que também teria rompido conosco. Em vez disso, **deve-se pensar o contrário**: esse paraíso não rompeu conosco e a toda hora bate à nossa porta (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 54).

A Inocência primeva não seria perdida nem por cometer pecado mortal.

E por que a inocência primeva não poderia ser perdida?

A graça de Deus pode ser perdida por nós, porque ela é dom gratuito e sobrenatural. A graça santificante não é algo que pertence à nossa natureza, por isso podemos perdê-la pois ela é um acidente em nossa natureza. Dizendo que nem o pecado—nem uma mar de pecados -- pode nos arrancar a inocência primeva, PCO está dizendo que a inocência primeva é algo que nos pertence naturalmente. Nem o pecado pode mudar a nossa natureza, nem os sacramentos podem mudar o que é natural em nós. Portanto, a inocência primeva faria parte de nosso ser, porque o Absoluto jazeria inviscerado em nossa natureza. Plínio é um gnóstico.

Seria por isso que os tefepistas membros da Sempre Viva não se confessavam?

O Paraíso perdido não teria rompido com o homem. PCO garante isso. Contra a Sagrada Escritura.

Pela Inocência Primeva, dada a todos os homens, através da saudade, manter-se-ia um contato com o paraíso terrestre. Havendo Inocência primeva, não se perderia propriamente o paraíso terrestre.

Pior ainda: a salvação seria obtida por uma adesão pessoal ao estado de inocência primeva, e não por meio do Batismo ou de uma graça sacramental. Noutras palavras, a salvação não se daria por meio de uma graça de Cristo, mas por um ato do próprio homem, aderindo à sua inata inocência primeva. O homem seria então salvador de si mesmo, como ensina a Gnose.

Essas teses são impossíveis de conciliar com a revelação e com a doutrina católica.

E note-se ainda que PCO julga que não é preciso fazer penitências dilacerantes para recuperar a inocência primeva. E ele acrescenta um escandaloso “deve-se pensar o contrário”.

“Pensar o contrário” de fazer penitência?

Portanto, dever-se-ia até gozar a vida?

Se nem a penitência mais séria, nem a confissão sacramental nos dão de volta o Éden, como as saudades nos restaurariam num paraíso interior?

Plínio não diz como se recupera a inocência. Pelo menos isso não está publicado nesse livro. Fala vagamente em adesão à harmonia das potências da alma. Em “saudades do paraíso”...

Nesse ponto de seu livro, os responsáveis por sua edição colocaram apenas aquela que Plínio chamava de Oração da Restauração, que aparentemente era dirigida a Nossa Senhora, mas que os entrosados nas doutrinas discretas da Sempre Viva sabiam que era dirigida a Dona Lucília, mesmo. Não para Nossa Senhora.

#### Oração da Restauração

‘Há momentos, minha Mãe, --[É Nossa Senhora ou Dona Lucília essa mãe?] – em que minha alma se sente no que tem de mais fundo, tocada por uma saudade indizível. Tenho saudades da época em que eu Vos amava e Vos me amáveis, na atmosfera primaveril de minha vida espiritual. Tenho saudades de vós senhora e do paraíso que punha em mim a grande comunicação que eu tinha convosco.

‘Não tendes também Vós, Senhora, saudades desse tempo? Não tendes saudade da bondade que havia naquele filho que fui?

“Vinde, pois, ó melhor de todas as mães, e por amor do que desabrochava em mim, restaurai-me: recomponde em mim o amor a Vós, e fazei de mim a plena realização daquele filho sem mancha que eu teria sido se não fosse tanta miséria.

‘Dai-me, ó Mãe, um coração arrependido e humilhado, e fazei luzir novamente os meus olhos aquilo que, pelo esplendor de vossa graça, eu começara a amar tanto e tanto!...

‘Lembra-vos, Senhora, deste David e de toda a doçura que nele púnheis. Assim seja! (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência...*, p. 55).

Literariamente, oração bem escrita.

Pena que seja tão ambígua!

E teria sido tão fácil colocar nela o nome de Maria!

Que ele, propositalmente não quis por.

E é preciso lembrar que, na iniciação na Sempre Viva cada iniciado deveria compor uma oração a Dr. Plínio parodiando uma oração católica a Nossa Senhora.

E é preciso lembrar que, na TFP, os iniciados rezavam uma paródia da Ave Maria a Dr. Plínio: “Ave Luís Plínio Elias, o Senhor é convosco, etc. (Cfr. na Quinta Parte deste livro, p.)? É preciso lembrar que Dr. Plínio disse que, quando rezava a Salve Rainha, não sabia se estava se dirigindo a Maria Santíssima, ou a Dona Lucília...

E ele escreveu:

Quando Nossa Senhora me concedeu a graça de, pela primeira vez, prestar atenção na Salve Regina, entendi mamãe por inteiro, pois abri os olhos para aquela Mãe toda celeste e indizivelmente mais alta e mais perfeita do que ela. Assim nasceu minha devoção a Nossa Senhora”(Plínio Corrêa de Oliveira, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano III, Fevereiro de 2009, p. 28. Transcrito, com adaptações da obra “**Dona Lucília**” de João Scognamiglio Clá Dias. Se alguém quiser crer...).

É preciso lembrar ainda que ele se perguntava: Quem é mais, Mamãe ou a Igreja Católica?

“De tal modo que, quando fiquei mais velho e compreendi tudo o que representa a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, cheguei a fazer esta comparação: “Em última análise, quem vale mais – a Igreja ou mamãe?”.

“A resposta me veio incontinenti ao espírito: as duas não se dissociam. Tudo quanto há em mamãe, recebeu ela da Igreja. Cabe agora, porém, o crivo de minha análise como católico: será mesmo tudo conforme a Igreja? Por que, se algo nela não for conforme a Igreja, eu prefiro a Igreja a ela” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Decisão e elevação de alma de Dona Lucília**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano I, Setembro de 1998, nº 6, p. 11).

Poderia se colocar dilema mais estapafúrdio?

Esse dilema e a resposta dada a ele comprovam a estranha relação praticamente religiosa entre Plínio e sua mãe...

É preciso lembrar o que Plínio pensava e escreveu sobre ela, antes dos seus dez anos (disse ele):

Então, eu permanecia junto a ela sem conversar e, olhando-a, notava uma elevação de espírito que me deixava um tanto **interloqué** (desconcertado). Sentia emanar dela tanta retidão, harmonia, suavidade e firmeza que ela me parecia ser uma imaginação, quase uma utopia! Dava-me a impressão de uma “trans-realidade” maravilhosa, como uma miragem no deserto ( Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Vol. I, p. 339).

É evidente que Plínio considerava que sua mãe era participante da inocência primeva: “A inocência, por exemplo, que ela possuía em alto grau(...)” (idem , p. 340).

Considerando que ele tinha Dona Lucília como quase uma utopia e uma trans-realidade, e inocente em alto grau, é de surpreender que ele a chamasse de “Mãe da Trans-esfera”?

Quem é então a Mãe a que Plínio se refere na sua oração da Restauração?

Ora, depois de ter ousado colocar sua mãe na balança de suas preferências perguntado-se quem valia mais se a Igreja Católica ou dona Lucília; depois de dizer que ela era uma trans-realidade e uma utopia; depois de mitificar Dona Lucília a um nível idolátrico, Dr. Plínio disse:

Minha mãe - uma pessoa que venero profundamente mas que era liberal - antes de nós aprendermos a falar papai e mamãe, ensinou-nos a mostrar onde estava a imagem do Coração de Jesus. (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, IV parte, 1- B- f, pp. 72-73 . ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

Ora, na TFP sempre se ensinou publicamente que “O Liberalismo é pecado”(D. Félix Sardá Y Savani) e pecado contra a Fé, e que, portanto, ninguém podia ser católico sendo liberal. Dr. Plínio, em reunião secreta, diz que Dona Lucília era liberal. Depois, organizou um culto como santa para ela.

Contradições que indicam ou um desequilíbrio mental muito grande, ou uma falsidade incrível.

Quando PCO era sincero?

Como se recupera e se mantém a inocência primeva é pouco explicitado por Dr. Plínio. Pelo menos, os Provectos não publicaram nada completo sobre esse problema. Entretanto, ele diz sobre isso alguma coisa bem estranha, no capítulo 6 da primeira parte desse livro que estamos analisando.

Afirma ele que, ao longo de toda a vida, se deve sempre crescer na Inocência Primeva, que jamais seria totalmente perdida (Op cit., p. 58). O homem deveria “conservar até a velhice as qualidades da infância” (Op. , cit., p. 60).

Uma hipótese seria que a inocência primeva se recuperaria por uma adesão ao “INOCENTE” por antonomásia, a PCO, tornando-se um outro Plínio, sendo um com ele, tal como se fazia na iniciação da Sempre Viva. Seria preciso uma identificação do

próprio eu com o eu de Plínio. O qual – veremos isso logo mais - seria idêntico ao Eu de Cristo.

É uma hipótese que levantamos.

Só isso.

Mas ela tem coerência com tudo o que ensinava PCO.

## Capítulo V - Nova Doutrina da Salvação e do Juízo Final

Veja-se como essa hipótese é reforçada pela noção de Juízo final descrito por PCO.

Nesse ponto, de seu livro, Plínio vai tratar do Juízo da alma por Deus. E ele diz que sua concepção sobre o juízo da alma por Deus “difere da concepção comum sobre o que são o existir de um homem, o Juízo Final e o julgamento de Deus” (Plínio C. de Oliveira, **A Inocência...**, p. 61).

Ora, o próprio Jesus Cristo contou revelou como será o Juízo Final, e o que PCO diz é totalmente diferente do que disse Cristo, no Evangelho, e do que ensina a Igreja sobre esse julgamento divino universal, como também sobre o juízo particular de cada alma.

Porque Jesus, quando foi interrogado pelo jovem rico, como ele poderia salvar sua alma, Nosso Senhor lhe respondeu: “Se queres entrar na vida eterna, observa os mandamentos” (Mt., XIX, 17).

Plínio vai dizer o oposto do que ensinou Nosso Senhor, ao afirmar que a salvação eterna nada tem a ver com a prática de uma “tabela de dez mandamentos”.

Como ousa Dr. Plínio divergir do relato do Juízo Final feito pelo próprio Cristo Deus? E como, dizendo esse absurdo, ele é apresentado ainda como pensador Católico?

Não acreditam que o homem que pretendia “vir totus catholicus” disse isso?

Leia-se então a surpreendente explanação pliniana do Juízo Final.

Por vezes vem-nos ao pensamento que a entrada no Céu será como se fosse num país completamente estranho, onde não conhecemos ninguém. Ficamos, no fundo, um tanto apavorados. E pode-se ter a impressão de que o julgamento não tem relação com nossa biografia, mas com **uma tabela de Dez Mandamentos que se deveria ter praticada**. Não nos parece que vamos rever uma pessoa muito conhecida, mas ter contato com um

desconhecido que nunca esteve diante de nós” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 61. O destaque é nosso).

Incrível!!! Uma pessoa, que passava por ser católica e tradicionalista, “il crociato del secolo XX”, caricaturando o Juízo Final do modo como costumam fazê-lo os modernistas e os liberais, que condenam o Juízo, pela Lei de Deus. Plínio, como um padre modernista, afirma com todas as letras, que, no Juízo Final, não seremos julgados pelo que ele chama a “Tabela dos Dez Mandamentos”.

Por que isso?

Porque, se a inocência primeva não seria perdida nem por um mar de pecados cometidos, a pessoa se salvaria, não porque ela seria julgada pela tabela dos mandamentos, mas por sua adesão ao estado de harmonia das faculdades da alma, por sua adesão à Inocência Primeva, que a uniria a Cristo a tal ponto, que a tornaria sócia tão igual a Cristo, que seria “um” só com Ele.

A pessoa seria julgada por sua identificação com o Eu de Cristo. Daí, PCO dizer que a Inocência Primeva tem algo de divino.

Na Hora da morte acaba o exílio, porque termina o lusco-fusco e se vai ter o grande encontro: o grande encontro com Aquele com “A” maiúsculo no lar paterno da alma. Com Aquele que é mais **eu** do que eu mesmo, e em cujo convívio vou passar a viver e existir por toda a eternidade. É a sensação de volta à casa paterna depois de uma longa peregrinação. “É a procura do semelhante a mim, mais **eu** do que eu mesmo” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, ed.Cit., p. 62. Os destaques são do original).

De novo, para quem conhece o gnóstico “Canto da Pérola”(Cfr. Hans Jonas, *La Religion Gnostique Flammarion, Paris,1978*, p. 152 a 173) é patente a similitude entre essas idéias de PCO, com a sua “procura do semelhante a mim, mais **eu** do que eu mesmo”, e a Gnose antiga.

Que significa que após a morte a alma “retornaria ao lar paterno” ? Por acaso a alma teria vindo do céu antes de se encarnar e nascer? Isso seria admitir a pré existência das almas num mundo divino, e sua queda neste mundo material onde a alma se torna peregrina em viagem de “retorno à casa paterna.” Mas essa é a lenda contada pela Gnose. O “Canto da pérola” dos gnósticos antigos não diz coisa diversa.

E essa concepção do Juízo da alma também não é católica.

Nosso Senhor disse que para ser salvo é preciso crer, ser batizado e observar os mandamentos (Mc., XVI, 16; Mat. XiX , 17).

Para a Gnose, a salvação vem do conhecimento intuitivo de algo divino inato no homem. Tal conhecimento seria salvador. Gnosis é um conhecimento salvador.

E qual é o conteúdo do conhecimento que salva? Fundamentalmente, não é senão a história da própria história transcendente, pelo fato de que é ela que expõe ou que supõe toda a verdade iluminante do que o mundo esconde e o que a salvação exige: “o conhecimento: quem nós éramos; o que nos tornamos; onde estávamos; onde fomos jogados; em direção de que nós nos apressamos a ir; do que somos resgatados; que é o nascimento e o que é o renascimento ( Extratos de Teódoto, 78, 2, apud Hans Jonas, Op. cit., p. 455).

O homem, conhecendo o ser mais íntimo que reside no “tabernáculo de sua alma”, - e Plínio vai usar essa fórmula--- o homem estaria salvo, sem penitência, sem cruz, ainda que submerso num mar de pecados, pois esse conhecimento é de que o eu mais profundo dele é uma partícula da própria Divindade. Na Gnose cristã, o Eu profundo do homem é o Eu de Cristo, no homem.

É nesse princípio escondido da pessoa terrestre e seu original celeste que se dá o último reconhecimento e reunião. Em nosso relato- [O Canto da Pérola] – a veste, forma celeste desse eu que é invisível porque está temporariamente ocultado, é uma das representações simbólicas de uma doutrina extremamente espalhada e essencial para os gnósticos. Não é exagerado dizer que a descoberta desse princípio transcendente e interior ao homem e a mais elevada preocupação com seu destino, são o próprio coração da religião gnóstica (Hans Jonas, La Religion Gnostique, Flammarion , Paris, 1978, p. 168).

Vimos que Plínio julgava que havia um arqui alter ego dele mesmo. E agora, nessa concepção do Juízo de Deus, vemos que a salvação adviria não da fé e da prática da moral, mas da identificação da pessoa com seu arqui alter ego: Cristo.

Cristo-Deus seria então o arqui alter ego de Plínio.

Portanto, Plínio, e todos os que desenvolvessem a sua inocência primeva, seriam Deus. Por isso Scognamiglio dirá que o flash é graça divinizante...

Com d minúsculo... E o d minúsculo é para enganar ingênuos, enquanto ele tenta passar uma rasteira nos Cardeais do Vaticano.

Ora, diz Hans Jonas da Gnose:

Precisemos alguns pontos importantes. Assim, há identidade ou consubstancialidade, do eu mais íntimo do homem e do Deus supremo do além mundo --[da Trans-esfera, diria PCO]--, que, muitas vezes, é ele mesmo chamado Homem [E PCO ambigualmente insiste em chamar Cristo de o Homem-Deus, quase nunca de Deus-homem]--: a extrema elevação metafísica coincide, na essência a-cósmica do homem com a extrema alienação cósmica (Hans Jonas, *La Religion Gnostique*, Flammarion, Paris, 1978, p. 453),

E há outro texto em que Plínio afirma que o Sagrado Coração de Jesus era semelhante a ele, Plínio.

Ele conta que, olhando uma imagem comum do Sagrado Coração de Jesus, Plínio...

Sentia que, se quisesse fazer uma idéia d'Ele, deveria ter a certeza de que sua mentalidade era precisamente aquela, ali representada. Conhecê-Lo, pois, para mim, era interpretar aquela figura. E eu refletia: “Essa imagem me compraz e está de acordo com minha retidão, da qual estou certo, pois ela é uma evidência interna nascida em mim, proveniente de algo que não erra! Eu não sabia que isso era o **senso do ser**”. (Plínio Corrêa de Oliveira, **notas Autobiográficas**, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> volume, p. 307).

Plínio, pelo seu infalível “senso do ser”, tinha certeza de que o Sagrado Coração de Jesus era parecido com ele, Plínio: que Jesus era o seu arqui alter-ego...

Christus alter Plinius.

Que honra!...Para Cristo, pensaria Plínio.

Deixando de lado, o patente problema psicológico dessas meditações delirantes, vejamos algo muito mais grave: a comprovação por alguns textos da Gnose mandeana, o caráter gnóstico dessa concepção de união com um alter-ego divino. Vejamos, para exemplo, alguns antigos textos da Gnose mandeana e maniquéia, para constatar como eles coincidem com a doutrina exposta por PCO.

“A veste e a Imagem”

“Nas Liturgias mandeanas para os Mortos, lemos esta fórmula costumeira (por exemplo, G. 559):

“Eu me vou ao encontro de minha imagem

E minha imagem vem a meu encontro;

Ela me acaricia e ela me abraça

Como se eu voltasse do cativeiro”.

Esta concepção provém de uma doutrina do Avesta em cujos termos, após a morte de um crente, “sua própria consciência religiosa sob a forma de uma

bela jovem”, aparece à sua alma que lhe pergunta quem ela é e eis a sua resposta:

“Jovem, de bons pensamentos, de boas palavras, de boas ações, de boa consciência, eu sou sua consciência pessoal...Você me amou... nesta sublimidade, nesta bondade... sob as quais eu te apareço hoje (Hadôxt Nask, 2, 9,s.)”.(...)“(...) Ela simboliza o eu celeste ou eterno da pessoa, a sua idéia original, espécie de duplo ou de alter ego conservado no mundo do alto, enquanto ele pena aqui em baixo: como diz um texto mandeano:

“Sua imagem é guardada em segurança em seu lugar”.

“Ela cresce na proporção dos trabalhos próprios que ela cumpre, e, na medida em que sofre, ela tem forma acabada”.

“Quando ela está em suficiente grandeza, significa que ela cumpriu sua missão, e é então que ela é chamada de seu exílio no mundo. Quando ela encontra essa face dela mesma, da qual ela foi separada, quando ela a reconhece como sua própria imagem, quando ela se reúne a ela, esse é o verdadeiro instante de sua salvação. Aplicada ao mensageiro ou salvador, como ela o é aqui e em outros textos, esta concepção leva à interessante idéia teológica de um gêmeo ou de um original eterno do salvador, que permaneceu no mundo do alto durante sua missão terrestre. A Especulação gnóstica é freqüente nestes desdobramentos de pessoas divinas”(...) “Quando o estrangeiro [o exilado no mundo inferior] se reúne com sua veste, parece que a pessoa do irmão foi reabsorvida numa unidade” (Hans Jonas, *La Religion Gnostique*, Flammarion, Paris, 1978, pp. 165 e 166. Destaques do original).

A noção do duplo eu é comum nos sistemas gnósticos e vai ser repetida na Gnose romântica que Plínio adotou.

“O Eu Transcendente”“O duplo do salvador, como vimos, não é senão a representação teológica particular de um idéia reativa à doutrina do homem em geral, e que exprime o conceito do Eu. Neste conceito, podemos distinguir o que é talvez a contribuição mais profunda da religião persa ao gnosticismo, tanto como à história da religião em geral. O termo do Avesta é Daêna, e o orientalista Bartholomae dá o seguinte sentido: “1- religião; 2- essência íntima, ego espiritual, individualidade; muitas vezes dificilmente traduzível”.

“Nos fragmentos de Turfan, se utiliza um outro termo iraniano, griv, que se pode traduzir por “eu” ou por “ego”. Ele designa a pessoa metafísica, o sujeito transcendente e verdadeiro da salvação, que não é idêntico à alma empírica” (Hans Jonas, *La Religion Gnostique*, Flammarion, Paris, 1978, pp. 166 e 167. Destaques são do original).

O texto da liturgia mandeana diz:

“Eu me vou ao encontro de minha imagem

E minha imagem vem a meu encontro”.

E Dr. Plínio disse:

Na Hora da morte acaba o exílio, porque termina o lusco-fusco e se vai ter o grande encontro: o grande encontro com Aquele que com “A” maiúsculo no **lar paterno da alma**. Com Aquele que é mais **eu** do que eu mesmo.

O paralelismo dos textos é evidente, e a doutrina da Gnose mandeana com a doutrina de Plínio é coincidente. Dr. Plínio foi um gnóstico. E a TFP dos Provectos assim como os Arautos, ambos movimentos-fachada da Sempre Viva, são gnósticos.

Claro que podem existir pequenas diferenças acidentais na estrutura de pensamento da Gnose e da Sempre Viva, mas no fundo, trata-se da mesma heresia.

E como o Eu de Cristo seria sócia absoluto do eu de cada homem que adere à Inocência Primeva, cada homem inocente, de certo modo, seria Cristo. *Christianus alter Christus*.

Especialmente, Plínio realizou essa identificação.

*Plinius alter Christus...*

O que se diz na Igreja de ser um com Cristo, o próprio PCO aplicava a ele mesmo. Dr. Plínio ensinava que seus sequazes precisavam ser “um” com ele:

Vocês tem que fazer ascese para concordar comigo e para serem inteiramente um comigo. Esta ascese eu fiz com a Igreja. Eu tomei a minha natureza e a dobrei (e fez um gesto como de alguém que estivesse dobrando uma barra de ferro) eu me tomei mim mesmo e dobrei a minha natureza e transformei a minha natureza à semelhança da Igreja. É preciso tomar a natureza de vocês com ascese e dobrá-la e serem um comigo (**Jour le Jour de PCO**- Jornal falado de João Clá aos EUA em 23 de Janeiro de 1983).

Ser um com Plínio equivaleria a ser um com a Igreja. Porque, na TFP e entre os Arautos, se acredita que Plínio é a Igreja.

Ser um com Plínio: essa era a ascese fundamental da Sempre Viva, dos Arautos e da TFP, ascese ensinada por PCO e instilada por Scognamiglio.

Plínio confunde imitação, visando a perfeição, com identidade substancial, ontológica. Imitar a Cristo, buscando a perfeição não torna o imitador idêntico ao modelo, anulando a sua identidade, fazendo do modelo e do modelado um único ser.

São Francisco, imitador de Cristo, continuou Francisco, não se tornou Cristo. Ele não perdeu sua natureza própria. Uniu-se a Cristo misticamente, moralmente, aperfeiçoando seu ser, e não perdendo sua identidade.

Mas na Sempre Viva se vai além disso. Cada membro da Sempre Viva, tornando-se outro Plínio, se identificava com o eu de PCO e com o Eu de Cristo.

Daí, o atual Monsenhor Scognamiglio dizer que

A união com o Fundador [PCO], através da Sempre Viva, é o auge da Sabedoria e da sacralidade. Uma vocação angélica.

Ao tratar do caráter sacral da Sempre Viva – e, portanto, do que existe de sagrado em cada um dos escravos de Maria--, meu Fundador --[PCO] – assim se expressou:

[Palavras de PCO]: Com a graça da Sempre Viva, um escravo de Maria recebe um dom maior do que qualquer outro dom, porque traz consigo uma promessa do Céu, uma promessa de um amor particularíssimo de Nossa Senhora, a promessa de uma missão, a promessa de uma contínua ação de graças, através de Maria, baixando sobre os escravos de Maria.

Qual é o dom que se pode comparar a este? O que é ser Rei da Bélgica em comparação com isto? O que é ser Rainha da Inglaterra em comparação com isto? Com toda a veneração, com toda a ternura, pergunto: o que é ser Papa, em comparação com isto? Quer dizer, isto é ser anjo, é um estado angélico na terra, e mais não se pode dar (Plínio Corrêa de Oliveira, apud João Scognamiglio Clá Dias, 10<sup>a</sup> Conferência do Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 10 de 12).

Para Monsenhor Scognamiglio, ser da Sempre Viva, conforme lhe ensinou Dr. Plínio, “é ser mais do que ser apóstolo de Cristo. É mais do que ser anjo”.

Claro: seria ser Cristo.

Ser da Sempre Viva, então, seria ser de algum modo divino, como escreveu Plínio falando do que significa aderir à Inocência Primeva. E isso é Gnose mesmo.

Como um professor capaz, como meu antigo amigo Roberto de Mattei chamou Plínio Corrêa de Oliveira de “O Cruzado do Século XX” ? Será que ele, de fato, jamais recebeu informação sobre as doutrinas secretas da TFP?

Tomara Deus que não. E espero que, agora, conhecendo esses textos de Dr. Plínio, ele volte atrás, porque o tenho como sincero católico.

E assim, em Deus espero...

## Capítulo VI - A identificação dos "eus"

Sem dúvida, esse encontro com Jesus, “mais eu do que eu mesmo”, é absolutamente diferente do que Jesus e a Igreja sempre ensinaram sobre o Juízo Final. Desse Juízo Final de Plínio, desapareceu a “tabela dos Dez mandamentos”. O Juízo Final seria o encontro do eu de cada homem com o Eu de Jesus Cristo. E Jesus seria mais eu mesmo do que eu sou eu próprio.

Jesus é que seria semelhaníssimo a nós. Não seríamos nós que deveríamos nos tornar **semelhantes** a Cristo, pois mesmo com um mar de pecados, guardaríamos a Inocência Primeva, e Cristo seria assim nosso sócia. Tão sócia, que seria mais nós do que nós somos nós. Um sócia gêmeo absoluto de nós mesmos. E isso dispensaria o julgamento pela "tabela dos dez mandamentos". Para realizar a unidade com Cristo bastaria aderir à inocência primeva existente em nós, e seguir o inerrante seletivo inato no homem.

Tão semelhante Jesus seria a cada um, que se identificaria com cada eu.

Nada de tabela de Mandamentos. Acabou-se a lei. Trata-se de encontrar o nosso sócia-gêmeo absoluto. O nosso arqui-alter-ego. Mais do que encontrar a Cristo, identificar o próprio eu com o eu de Cristo de modo que sejamos um só eu.

Plínio se torna igual a Jesus. Cada um da Sempre Viva se identificava com Plínio e, ao fazer isso, se identificava também com o Eu divino de Cristo, através da adesão à inocência primeva, visto que o Eu de Cristo e o eu de Dr. Plínio eram um só eu. Era o triunfo do igualitarismo: ter como sócia absoluto o próprio Cristo. Tornar-se o eu de Cristo. É a essência da Gnose e o sumo do igualitarismo: uma fusão do eu particular com a divindade.

É o que se confirma com o que diz Plínio no parágrafo [8] intitulado: "**O encontro com o símile absoluto de si mesmo**", onde se lê:

Se, em determinado momento de nossa vida, encontrássemos, andando pela rua, um homem que fosse nós mesmos, mas na perfeição espiritual que deveríamos ter; se esse homem parasse e nos cumprimentasse, e dissesse, por exemplo: "X, como vai?", teríamos, sem dúvida, uma sensação curiosa. Talvez sequer soubéssemos dizer se já o conhecíamos ou não.

Ao mesmo tempo julgaríamos que se trata de um desconhecido e de um conhecidíssimo: a pessoa mais conhecida que para nós existe. (**A Inocência Primeva e a Contemplação sacral do Universo, no pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira**, ed cit. P. 62).

Estranha e curiosa imaginação dialética a de Plínio.

Nesse encontro imaginário com um Jesus, que seria idêntico ao mesmo Plínio, nesse encontro com Deus, que seria nosso próprio eu, desconhecido-conhecidíssimo, dar-se-ia um encontro com outro, que é o nosso próprio eu.

Como num espelho. Mais ainda do que num espelho: porque o outro existe também, não como imagem, mas como sócia absoluto. O nosso eu perfeítíssimo.

Era como se se desse um encontro do eu-sujeito conhecedor-- com o outro eu, objeto conhecido. Seria o encontro do sujeito com o objeto. Exatamente como os românticos sonhavam poder alcançar a união entre sujeito e objeto, para alcançar uma redenção romântica que acabasse com a desgraça do pecado original, que teria sido exatamente a disjunção de sujeito e objeto.

Literalmente, o christianus—o que tivesse conservado a Inocência Primeva-- seria o alter Christus.

Por isso, Plínio, **O** Inocente por excelência, seria O Alter Christus por antonomásia.

É uma constante de todos os sistemas gnósticos ver o mundo concreto como uma queda da Divindade. O demiurgo criador é visto pela Gnose como aquele que montou um universo material como caricatura desajeitada da esfera divina. E nesse mundo o Absoluto ficou encarcerado—“inviscerado”, dirá Plínio—em cada criatura. Desse modo, a redenção consistiria em conhecer que o Absoluto inviscerado em nós é o mesmo Absoluto excelso, que nosso absoluto inviscerado em nós, libertando-se da matéria pelo Conhecimento esotérico, se livra de sua materialidade e da contingência, retornando ao mundo divino, onde se reencontra e se une a seu “duplo”, à sua alma gêmea, a seu sócia espiritual. Esse é que é o Grand Retour de que falavam os esotéricos e os gnósticos, e do qual falava também Plínio. O que diz PCO do reencontro do eu de cada homem com seu sócia absoluto é uma reformulação tefepista de doutrina comum a muitos sistemas gnósticos, desde o antigo Egito, que fala do Ka e do Ba, até Jung com sua doutrina do Eu absoluto, no qual cada eu individual se fundiria. Ou como na Cabala de Martin Buber, em que o Eu e o Tu se fundem para fazer surgir a Presença divina, a Shechkinah cabalista.

Veja-se, por exemplo, o que diz Henry Corbin sobre a doutrina do “duplo” de cada homem—do sócia absoluto de cada um—na doutrina shiita, e compare-se isso com o que acabamos de ver ser ensinado por Dr. Plínio sobre a identidade do eu de cada um com o Eu de Cristo, para os tefepistas, nas reuniões discretas do MNF e nas reuniões secretas da Sempre Viva, doutrina que foi agora publicada parcialmente, no livro que focalizamos sobre a **Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**.

Na doutrina shiita, se fala do encontro do eu de cada um com seu “anjo”, um “duplo” ou sócia absoluto do eu humano individual de cada um. Compare-se o que diz o

shiismo com o que contou PCO do encontro de cada um com Jesus Cristo, no Juízo Final. A correspondência é tão impressionante que se tem a desconfiança (falsa) de que PCO conheceu ou estudou o shiismo. O que julgamos muitíssimo improvável, se não absurdo.

Os livros shiitas são enormes e abstrusos... E neles não há figuras... Plínio certamente não os leu. Preferia folhear o álbum de Bécassine. Ou ler as fofocas cortesãs de Versailles narradas por Saint Simon...

Puríssimas!...

Quando, pois, o eu terrestre “reencontra” sua Natureza Perfeita, seu Anjo, ele “vê” **eo ipso** seu ser total, seu pleroma. Ele vê pois o Anjo-Arquétipo desse pleroma (Henry Corbin, **En Islam Iranien**, Gallimard, Paris, 1971, 4 volumes, vol., II, p. 306. Os destaques são do autor).

Pois veja-se como comenta Plínio a morte de Roland, entregando seu guante de ferro a São Miguel:

A **Chanson de Roland** insinua e faz sentir essa concepção da morte. Quando desce o Anjo para buscar a alma do guerreiro, é-lhe dada a alegria incomparável de encontrar, em São Miguel, o **símile** absoluto de si mesmo. Ele tem a alegria de se sentir pequeno diante de alguém, pois o arcanjo não é um **símile** horizontal, igual, mas lhe é superior (**A Inocência Primeva...**, p. 63. Os destaques são do original)

Impressionante o paralelo entre o texto shiita e o que diz PCO!

Impressionante o paralelo perfeito com o que conta PCO do encontro da alma com Jesus, seu sócia absoluto, no Juízo Final. É exatamente a mesma coisa, o mesmo esquema. É exatamente a mesma doutrina.

Prossegue Henry Corbin:

O par que o eu terrestre forma com seu Duplo celeste ou seja, com sua Natureza Perfeita, é **eo ipso** a individuação de sua relação com o Anjo; nessa individuação, o Anjo é a sua Natureza Perfeita, e ele é o eu terrestre dessa Natureza Perfeita. É pela Natureza Perfeita, que ele conhece, ao se conhecer a si mesmo(...) (Henry Corbin, **En Islam Iranien**, Gallimard, Paris, 1971, 4 volumes, vol., II, p. 306. Os destaques são do autor).

Veja-se mais:

Recapitular-se-á constatando que todo esse conjunto postula que o ser real da alma não é uma solidão, mas ser em **dualidade**: ser o segundo membro de um todo dyádico cujo duplo ou “gêmeo” celeste – [sócia absoluto] – é o primeiro. Isso implica, portanto, uma ontologia que explica a distância e a

distensão que constitui sua presença ao mundo terrestre, e que já a resolve. Isso implica a “história do gnóstico” a saber que a alma tenha começado a ser não ao vir ao mundo, mas tendo tido sua origem alhures e tenha “descido” sobre a Terra. Mas não basta dizer que a alma se encarna neste mundo em consequência de uma queda, ou de uma escolha pré-existencial. É preciso sublinhar que em termos gnósticos essa descida resulta do desdobramento, da dilaceração de um todo primordial, e a possibilidade desta dilaceração deve ser fundada originalmente na estrutura permanente desse todo. É essa estrutura permanente que, para diferenciá-la da **dualidade** imposta por força pelo “exílio ocidental” que nós propomos designar como **dualidade**. A alma encarnada, desse modo, possui um “Par companheiro”, um Duplo celeste, o Anjo, que lhe vem em ajuda e com quem ela deve reunir-se, ou pelo contrário perder para sempre **post mortem**, conforme sua vida terrestre tiver tornado possível, ou pelo contrário impossível, o retorno à condição “celestial” de sua bi-idade. Esta ontologia da alma é conhecida bem além das fronteiras do Iran; uma mesma visão ‘sofiânica’ se impôs aos cátaros e aos maniqueus, assim como a um Novalis, ou a um Boehme. Ela é talvez a idéia fundamental da religião gnóstica, **ubique et semper**. É a razão pela qual os relatos sohrawardianos despertam múltiplas ressonâncias. Elas são perceptíveis já nos evangelhos gnósticos como em todas as gnoses trazendo uma marca iraniana (mandeísmo, mazdeísmo, maniqueísmo), e até em tempos próximos dos nossos (Henry Corbin, **En Islam Iranien**, Gallimard, Paris, 1971, 4 volumes, vol., II, pp. 306-307. Os destaques são do autor).

Não podia ser mais marcada a coincidência do esquema da gnose shiita com a doutrina de PCO do Juízo final com base na identificação do eu pessoal de cada um com um Eu transcendente celestial, e não por uma “tabela de dez mandamentos”.

**O que não significa, de modo algum, que consideremos que PCO tenha lido Sohrawardi, ou qualquer coisa da gnose shiita. Plínio não lia. Explicitava o que tinha inato em sua alma... Ou o que lhe tinha sido soprado em alguma palestra em alguma sacristia, ou na Faculdade de Direito, em alguma “aula” “particular”.**

Será que, quando Plínio frequentou a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, será que lá não teria havido algum MNF?...

Plínio ouviu algo desse esquema gnóstico provavelmente na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco onde – inexplicavelmente – ele, que se dizia católico, **foi nomeado professor sem concurso** para a cátedra de Júlio Franck, o fundador da Burschenschaft...

Seria crime perguntar isso? Ou será que ele poderia ter aprendido coisa parecida em alguma loja de brinquedos que ele gostava de visitar?

Mas aprender a Gnose por meio de um mestre, não é obrigatoriamente necessário.

Porque a Gnose—e provaremos, se Deus quiser, isso um dia—provém de uma impositação errada do homem ante o ser, o que o faz cair necessariamente ou no Panteísmo racionalista, ou na Gnose irracionalista. É o que explica que tantos movimentos gnósticos, que jamais tiveram ligação histórica entre si, tenham o mesmo esquema doutrinário.

Ou essa doutrina tão estranha e tão esquematicamente comum de PCO resultou de uma sua impositação errada -romântica- dele ante o Ser?

Ou as duas coisas conjuntamente.

Essas coincidências não são fortuitas...

E duvidamos também que Plínio tenha lido alguma vez Novalis, e, muito menos, Jacob Boehme. Ou então o gnóstico russo Soloviev cuja Gnose é tão próxima da de Plínio. Especialmente com o seu profetismo.

Afinal Plínio não estudava. ...Só explicitava.

Mas o que ele conta desse encontro do eu com Jesus, num Juízo Final estranhíssimo, diferente do que é narrado nos Evangelhos por Cristo, é bem parecido com o que o shiismo diz do encontro com o anjo “duplo”—sósia absoluto de cada homem--, assim como é parecido com o que Novalis conta no seu romance iniciático **Os Discípulos em Saïs**. Que certamente Plínio não leu, pois em conversa conosco ele deixou claro que nunca ouvira falar de Novalis. De Clemens Brentano, ele até nos disse: “Esse fulano é importante. O nome dele está no Larousse”.

Imagine-se!...

Brentano era importante por estar no Larousse...

Plínio conheceu o Larousse!

Que cultura!

No citado romance de Novalis, **Os Discípulos em Saïs**-- se conta a história de um rapaz, Hyacinto, enamorado e noivo de uma mocinha, numa aldeia alemã. Claro que a mocinha tinha que se chamar Rosa. Mais precisamente, Botãozinho de Rosa (Rosenblutchen).

Um dia, chega à aldeia um velho que se põe a contar histórias que fascinam o rapaz. Hyacinto se torna cada vez mais preocupado. Afinal, ele anuncia à sua noiva que

tem de partir para encontrar a Mãe de Todas as Coisas, a Virgem velada, em um país longínquo.

Imagine-se o desespero de Rosinha. Imagine-se: Hyacintho deixá-la, deixar de casar porque tinha que ir procurar a Mãe de Todas as Coisas. A coitada da Rosenblutchen devia pensar que seu noivo “endoidara de vez”. Só faltara Hyacintho dizer que ia partir em busca da Mãe da Trans-Esfera. Por sorte de Rosinha, Hyacintho não era da TFP, e não fora encantado pelo Profeta, nem engazopado por Scognamiglio.

Hyacinto partiu, então, para uma viagem sem rumo em busca de Isis, a Virgem Velada, a tal “Mãe de Todas as Coisas”, que lhe daria a felicidade total. Viajou ele durante anos pelos países do Oriente. Foi iniciado em mistérios estranhos. Afinal, chegou ao Egito, onde ele é iniciado no templo da Virgem Celeste que, enfim, aparece em sua presença.

Depois de muitos sofrimentos, ele é admitido à suprema iniciação na qual veria a própria deusa. E quando posto diante da deusa Isis, ele recebe a permissão de levantar o véu que cobria o rosto da deusa, para, enfim, conhecer a face da “Mãe de todas as coisas” e seu segredo último. Então, ele, trêmulo, levantou o véu da deusa e... viu o rosto dela.

Surpresa: Isis era Rosenblutchen.

Noutra versão, quando Hyacinto levanta o véu da deusa, ele vê sob o véu... a si mesmo. Vê Hyacinto.

Isis, Rosenblutchen, Hyacinto são a mesma pessoa. Todos têm o mesmo eu.

Tudo é um só eu. Cada eu é todos os eus. É tudo. E é nada. É todos. E é ninguém.

Era típica do Romantismo a idéia de que a queda da Divindade consistiu numa perda da unidade. Portanto, a salvação viria de uma identificação de todos com tudo. Daí, em Novalis, Isis é Rosenblutchen. Mas é também Hyacinto, que é o próprio Novalis. Haveria um só eu. E o eu universal e a Natureza, o Mundo e Deus, tudo seria um só Eu. (Cfr. Marcel Brion, **L ‘Allemagne Romantique**, Albin-Michel, Paris, 1963, 2 volumes, I Volume, pp.66 e 88).

Em Soloviev se acha o mesmo delírio gnóstico: todo sujeito se identifica com o objeto. E nessa identificação se dá a fusão do eu no Absoluto divino. E cada eu passa

ser o próprio Tudo, o Absoluto a Divindade (Cfr. D. Strémookhoff, **Vladimir Soloviev et son Ouvrage Messianique**, Les Belles Lettres, Paris, 1935, pp. 109 a 112).

Historicamente, esse idéia de identificar o próprio eu com o eu de outro, parece que surgiu em Plínio, por causa da extrema ligação que sua mãe, Dona Lucília, alimentou nele e à qual ele aderiu a ponto de que ele se julgava ela. E ela se julgava ele.

É o que lemos no **Jour-le-Jour** de Plínio contado por Scognamiglio.

Num telefonema aos USA em 6 de Março de 1983, Scognamiglio conta o seguinte:

Ontem à noite houve uma reunião histórica, inteirinha sobre ela – [Ela = Dona Lucília, a mãe de Dr. Plínio] –com fatos inéditos, aliás toda ela passada por vídeo tape e foi no Primeiro Andar –[no apartamento de Dr. Plínio]. Ele tratou numa primeira parte da identificação entre ele e ela, e como se recorrendo a ela chega-se a ele, e vice-versa. Ele comentou muito aquela fotografia dela em Águas da Prata em que ele está todo tomado por ela, ele ali é todo ela, que não está pensando em outra coisa (**Jour-le Jour** 6 de Março de 1983, telefonema de João Scognamiglio Clá Dias aos Estados Unidos).

E Monsenhor Scognamiglio, ele mesmo, publicou estas palavras de Plínio:

Em certos dias tudo começava mais tarde, pois eu permanecia conversando com mamãe... Minha irmã e minha prima tinham afazeres de meninas, naturalmente um tanto separados dos meus, e não participavam dessas conversas. Nessas ocasiões, mamãe parecia existir apenas para mim! Eu sentia que “ela penetrava em mim” e eu “penetrava nela” por assim dizer... Então lhe pedia para contar alguma história. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, 1<sup>o</sup> vol., pp 236-237).

Sem dúvida, essa é uma doutrina completamente aberrante do bom senso e da doutrina católica. E fundamentar a vida espiritual dos tefepistas—e agora a dos Arautos – nesse pensamento da unidade hiostática universal é um absurdo inconciliável com a doutrina católica. E essa identificação do filho com a própria mãe, e nessa linguagem – ele é ela — é extremamente desagradável...

Pior que desagradável: é uma doutrina da Gnose romântica.

Veja-se este trecho de Tristão e Isolda:

Isolda tu,

E eu Tristão, não mais Tristão,

nem mais Isolda;  
inominados,inseparados,  
recomeçados,reconsumados;  
infinita e única  
consciência eterna.

(Tristão e Isolda, apud George Steiner, *Antígonas, Antropos – Relógio d'Água*, Lisboa, 2ª edição, 2008, p. 31).

O eu universal é apenas a consciência eterna...

Esse mesmo autor, George Steiner, faz, nessa obra citada, muito interessantes perspectivas sobre a Gnose romântica citando a identidade sujeito-objeto dos românticos, assim como a dialética da identificação dos eus numa unidade e, ao mesmo tempo, a solidão de cada eu no mundo atual, fruto da queda da Divindade na materialidade.

As grandes coordenadas do idealismo são o exílio e a tentativa de retorno – [O “**Grand Retour**” ao lar paterno, à Divindade]. Assim, a epistemologia kantiana é a epistemologia de uma renúncia estoíca. O sujeito é separado do objeto: a percepção do conhecimento.(...) A metafísica ocidental posterior a Kant brota da negação desta distância ou da tentativa de a superar. Em Fichte, a negação torna-se absoluta: o sujeito e o objeto tornam-se uma coisa só. Em Schelling, (como em Schiller e em Hölderlin) a verdade e a beleza identificam-se. Esta esplendorosa tautologia convida o homem, através da imaginação conceitual, a aprender, a interiorizar, o princípio de uma unidade perfeita. A pulverização do mundo em fragmentos estanques é uma ilusão. Onde participa da verdade-beleza, o espírito do indivíduo regressa ao lar de uma unidade primordial de há muito perdida”. (...) “A grande corrente trágica do sentimento de exílio posterior a Kant condensa-se na imagem do homem enquanto “estranho na casa do ser (George Steiner, *Antígonas, Antropos – Relógio d'Água*, Lisboa, 2ª edição, 2008, pp. 28-29).

Também na seita secreta de PCO –a A Sempre Viva—se dava uma identificação do eu do iniciado com o eu de Plínio Corrêa de Oliveira, para que um se tornasse o outro.

Na cerimônia de iniciação na Sempre Viva, o iniciado devia ficar deitado de costas no chão, e Plínio colocava então seu pé sobre o pescoço do neófito da seita, significando que poderia fazer dele o que quisesse. A seguir, o candidato deveria prestar juramento de escravidão a ele, pois que ele, Plínio, era, em certo sentido, o representante ou até a encarnação do Imaculado e Sapiencial Coração da Virgem Maria, e ao iniciado era dado, então, o nome de Plínio, seguido de mais um nome de um santo

protetor. Monsenhor Scognamiglio, ainda hoje, na Sempre Viva é Plínio Fernando. E ele dizia que ao pousar a cabeça sobre o cadáver de Plínio, no dia de seu enterro, sentiu o espírito de Plínio passar para dentro dele.

O eu de Plínio teria passado a “inhabitar” em João Clá.

Após a morte do imortal Plínio, começou-se a dizer que o espírito dele passara a inhabitar em João Scognamiglio a ponto de umas cladetes – as moçoilas fanáticas de Scognamiglio fazerem uma canção na qual se cantava:

Em 3 de Outubro dia de luto e de dor  
O glorioso varão do Céu subiu  
E sua santa alma então passou  
Pelo filho que ajoelhado no peito se inclinou  
Deste inestimável Pai que um filho nos deixou

(Cfr. Cânticos em louvor aos nossos Santos Fundadores, e ao seu filho mui querido, nosso padrinho João Clá Dias, Doc. N<sup>o</sup> 35, p. 8 apud Documento Jau – José Antonio Ureta, de 13 de Outubro de 1997, p. 41).

Scognamiglio protestou – publicamente--- contra isso, afirmando que só a Santíssima Trindade podia inhabitar num homem, e nunca alma de homem podia fazer isso.

Mas...

E privadamente, ele protestou?

Continuando a exposição da cerimônia de iniciação na Sempre Viva, tal como nos contaram alguns iniciados, depois de receber o nome de Plínio, o novo escravo de Dr. Plínio devia se ajoelhar diante dele, que permanecia sentado num trono, e beijava os pés e as mãos do Profeta de Higienópolis. Em seguida, Dr. Plínio deixava o seu trono, e nele se assentava o iniciado.

Porque agora o iniciado era um novo Plínio, diante do qual Dr. Plínio se ajoelhava, beijando seus pés e suas mãos, porque este novo membro da seita era ele mesmo, Plínio. Um era o outro. Os dois eus se identificavam.

Havia, pois uma identificação do eu de Plínio com o eu do novo escravo dele.

Por isso se dizia na TFP: “Plinianus alter Plinius”.

Essa união de eus—mais essa identificação de eus – uma delirante união hipostática dos escravos de PCO com ele, era levada ainda mais longe, pois que, na TFP, baseando-se em um texto do Padre Francisco Juberías, C.M. F. (**La Paternidad de los Fundadores**, In Vida Religiosa, Vol 32, enero—diciembre de 1972) sobre o papel de um fundador de ordem religiosa, falava-se em “união incorporante” entre os membros da Sempre Viva (a bem secreta “Familia de Almas de alguns membros da TFP) e o Dr. Plínio:

Previamente, o Padre Juberías apresenta tentativas bíblicas de explicação da paternidade do fundador, e que se resumem na aplicação analógica do conceito da exegese moderna (sic) da “**personalidade incorporante**” (indivíduos que reúnem em si todas as características da coletividade e por meio dos quais esta é capaz de atuar de modo que o escritor sagrado utiliza o mesmo nome ou expressão para referir-se ao indivíduo ou à coletividade: Israel-Jacó e povo hebreu; “servo sofredor”= Messias e povo eleito; e outros); e também da “geração espiritual”, pela força criadora da palavra de Deus transmitida pelo Profeta ou pelo Apóstolo (Átila Sinke Guimarães, **Servitudo ex Caritate**. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 201. Os destaques são nossos).

O que é uma simples figura de estilo, a metonímia, tomar a parte pelo todo, é transformado pela mais do que suspeita “exegese moderna”, e analogicamente, em algo que explica o que seria uma “**personalidade incorporante**”. Evidentemente, Átila Sinke Guimarães se apressa em aplicar esse conceito a Dr. Plínio que passa a ter a tal “**personalidade incorporante**” que faria de cada membro da Sempre Viva outro Plínio.

Mais ainda. Os fanáticos membros da Sempre Viva vão afirmar, por escrito, citando, claro, o Padre Juberías, que haveria até uma união ontológica dos escravos de Plínio com ele, que formariam um só ser:

Por sua vez, o súdito une-se ao superior [religioso] de forma que constituam ambos mais do que **um só ser**, franqueando-lhe sua consciência por freqüentes comunicações e mútuas relações, pela doação completa de si mesmo, de modo que o superior possa dispor do súdito como lhe aprouver (Edelvives, **El Superior Perfecto –Doutrina do bem aventurado Marcelino Champagnat**, Ed. Luis Vives, Zaragoza, 1952, p. 29, in Átila Sinke Guimarães, **Servitudo ex Caritate**. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, pp. 205-206. O destaque é nosso).

E Átila, o escravo Plínio Márcio da Sempre Viva, cita ainda a seguinte frase do autor em que se fundamenta:

Essas doações constituem a verdadeira união, podendo dizer-se então que o superior e o inferior não fazem mais que um só (Edelvives, **El Superior Perfecto, según la doctrina del Venerable Servo de Diós, J.B. Marcelino Champagnat**, Zaragoza, 1.952, p. 29).

De modo que, entre PCO e os membros da **Sempre Viva** haveria uma união de eus, uma união incorporante, que faria de Plínio e de seus escravos ontologicamente um só ser. O que não é pouco.

E como Plínio era um só com Cristo, era um Alter Christus, cada escravo de Plínio identificando o seu eu com o do Inocente Plínio, incorporando-se ontologicamente a PCO, cada membro da Sempre Viva, como dizia João Scognamiglio Clá Dias—agora Monsenhor—seria mais que os Apóstolos e mais que os anjos: seria divino, por ser um Alter Christus. Plinianus Alter Plinius. Plinianus alter Christus. E só por isso estaria salvo. Ainda que estivesse mergulhado num mar de pecados.

Por sua vez, também, Plínio se identificava com o Coração Imaculado de Maria. Ele dizia ser a encarnação do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria, isto é, de sua mentalidade. Daí, um de seus codi-nomes ser “Maria”.

Portanto, como Plínio se identificava com Nossa Senhora, quem se escravizava a Plínio, se escravizava a Maria Santíssima. Daí, este diálogo estapafúrdio que se pode ler num **Jour –le – jour** entre um Coronel de codi-nome “Espírito” e Dr Plínio: “É uma felicidade ser do Sr.—[Ser escravo de Dr. Plínio na Sempre Viva] –E ele [ Plínio ] diz: “Isto é verdade, porque é um modo de ser de Nossa Senhora” (**Jour-le Jour**, 26 de Fevereiro de 1983, contado por João Clá).

Plínio se identificava também com “Abel”, outro de seus codinomes (“O justo Abel”, como se reza na Liturgia da Missa, após a consagração).

Outros o tinham como Elias. Elias era outro que um dia se apresentaria a Dr. Plínio em certo momento na Bagarre, e Elias era também o próprio Dr. Plínio por sua identificação com o eu e a vocação de Elias. O livro **Elias, O Profeta da Nova Aliança** do Professor Martini deixa entrever o mistério “eliático” de Plínio.

Essa era uma lenda comum em certas seitas esotéricas de direita, crentes no mistério eliático. Daí, que em toda sede da TFP, como em toda sinagoga, era preciso ter um trono de Elias. Costume esse que segundo o Zohar, livro principal da Cabala judaica, deveria ser seguido em toda a Sinagoga ou em toda casa em fosse feita a

circuncisão; lá deveria ser posto um trono para Elias...(Moisés Shem Tov de Leon, **Sefer ha Zohar**, I,13 e I, 93).

Na TFP, e entre os Arautos até hoje, Dr. Plínio era “O Moisés da Lei e da Graça”.

Excusez du peu!

Plínio era Maria. O iniciado era Plínio. O iniciado se tornava de algum modo Maria. Porque Plínio e Maria eram um. Ser escravo de Maria era ser escravo de Plínio. E Plínio era Elias e Elias era Plínio. E assim por diante, numa confusão esquizofrênica e paranóica, em que cada um era todos, e deixava de ser simplesmente o que era. E em que todos eram um.

E não se pense que essa conclusão seja nossa. É do próprio Plínio. É a de Scognamiglio dando retiros aos Arautos e membros da Sempre Viva, quando Scognamiglio ainda era um simples leigo.

Quando todos sejamos um, esse um terá essa mesma sincronia com O Coração Imaculado de Maria, e com o Coração de Jesus, de grau em grau (Plínio Corrêa de Oliveira, apud João Scognamiglio Clá Dias, 10<sup>a</sup> Conferência do Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 7 de 12).

Como se vê, toda essa cerimônia iniciática da Sempre Viva, da qual ignoramos se havia mais coisas --(e há indício de que havia algo mais)-- era uma aplicação da doutrina tipicamente romântica da identificação de todos os eus num só Eu total, que seria ao mesmo tempo Cristo, Deus, Maria Santíssima, PCO e a Natureza.

Na TFP e nos Arautos, se ensina a mesma coisa: cada membro da Sempre Viva é Plínio.

Ou, agora, é Scognamiglio.

E se for assim...

...a que nível scognamigliesco caiu o Eu universal.

Tanto se tinha como certa a identificação do eu de Plínio com o eu de Jesus Cristo que Scognamiglio ensinou o seguinte:

“Nosso Senhor disse: “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida”; Ele não disse: “Eu sou a verdade”. Ele disse: “Eu sou o caminho” e a primeira coisa que Ele colocou foi “caminho”. Depois Ele não disse “verdade” só, Ele pôs mais ainda: “Eu sou a vida”.

O fundador [Plínio] participa desta capacidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, ele é para nós o caminho. Não queira pregar só as obras do fundador, estudar as obras do fundador, decorar as obras do fundador, e julgar que ali está tudo feito. Não está tudo feito coisa nenhuma, está feita uma parcela muito pequena. Indispensável, porque eu não sou louco de estar aqui dizendo que não é indispensável. É indispensável, e eu digo com toda a ênfase: é indispensável! Mas não é só, é preciso a gente olhar para ele como caminho, e é preciso a gente unir-se a ele porque ele nos dá a vida ( João Scognamiglio, **Jour-le Jour** de 19 –IV de 1992, p. 11 de 42).

Como um homem que diz tal loucura idolátrica chegou a ser Cônego de Santa Maria Maior?

Note-se como, por essa explicação absurda, Plínio passa a ser o caminho, a verdade, e a vida, substituindo o próprio Cristo que só Ele é para os católicos Caminho, Verdade, e Vida.

Assim também Plínio, em seu delírio da inocência primeva, ele se via, no Juízo Final, identificado como o próprio Cristo. Sujeito e objeto deixavam de ser distintos. A criatura seria o Criador, e o Criador seria a criatura.

Isso é que está no fundo do delírio da doutrina secreta de Plínio Corrêa de Oliveira. O Juízo Final ensinado pela Igreja com um Cristo julgando as pessoas por meio de uma tabela de mandamentos, seria uma balela. O pecado original seria outra balela. As conseqüências que o pecado original deixou na alma humana seriam balelas. Verdade é o que Plínio tirou – diz ele—de sua própria cabeça: a Inocência Primeva e a Trans Esfera.

Tirou ?... E se tirou, já foi demais.

Tirou?

Ou recebeu?

Onde?

De quem?

Veja-se como o iniciado Fernando Pessoa explica o que acontece nos primeiros graus da iniciação maçônica:

### **“Eros e Psique”**

...E assim vede meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no grau de adepto menor, são, ainda que

opostas, a mesma verdade. (Do Ritual de Mestre Do Átrio Na Ordem Templária De Portugal).

Conta a lenda que dormia  
Uma Princesa encantada  
A quem só despertaria  
Um Infante, que viria  
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,  
Vencer o mal e o bem,  
Antes que, já libertado,  
Deixasse o caminho errado  
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,  
Se espera, dormindo espera,  
Sonha em morte a sua vida,  
E orna-lhe a fronte esquecida,  
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,  
Sem saber que intuito tem,  
Rompe o caminho fadado,  
Ele dela é ignorado,  
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino  
Ela dormindo encantada,  
Ele buscando-a sem tino  
Pelo processo divino  
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro  
Tudo pela estrada fora,  
E falso, ele vem seguro,  
E vencendo estrada e muro,  
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,  
À cabeça, em maresia,  
Ergue a mão, e encontra hera,  
E vê que ele mesmo era  
A Princesa que dormia.

Fernando Pessoa

Publicado pela primeira vez in *Presença*, n.<sup>os</sup> 41-42, Coimbra, maio de 1934.  
Acerca da epígrafe que encabeça este poema diz o próprio autor a uma interrogação levantada pelo crítico A. Casais Monteiro, em carta a este último:

A citação, epígrafe ao meu poema "Eros e Psique", de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente - o que é fato - que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência desde cerca de 1888. Se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do Ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho [In VO/II.]

E a nota acima é do próprio Fernando Pessoa

O Príncipe é a Bela adormecida. E ela é ele.

No Juízo Final de Plínio, Plínio se vê em Cristo.

Cristo se verá em Plínio.

Tal como se ensina na Maçonaria Templária.

E na Sempre Viva.

Plínio procura contestar antecipadamente a acusação de Romantismo contra sua noção de inocência primeva:

Alguém insistirá: esse conceito peculiar de inocência; esse recurso contínuo a imagens, comparações, a alegorias, a sondagens do imaginário, do mítico, do imponderável, tudo isso não é uma fuga da realidade objetiva? "Se considerarmos – muito equivocadamente—que o real é apenas o **patente**, teremos dificuldade quanto ao gênero de contemplações aqui propostas. Entretanto o **latente** também pode ser real (PCO, **A Inocência...**, p. 181).

Quer dizer que o real não seria apenas o que é patente... Incluiria também o "latente"...

Em primeiro lugar, por que usar os adjetivos patente e latente? Não seria mais correto usar os termos visível e invisível, como está no Credo?

“Credo in unum Deum, factorem coeli et terrae, **visibilium** omnium et **invisibilium**”.

Não dizemos no Credo que Deus fez o patente e o latente.

Por que PCO usa esse termos estranhos ao Credo?

E mais ainda: os espíritos angélicos não são visíveis. São reais. Mas não se pode dizer que os anjos são “latentes”.

O que é latente é real, mas escondido, e que pode ser visto se se tornar patente. Latente não é o imaginário. Há completa diferença entre uma doença latente, e um tumor imaginário. O imaginário não existe fora da imaginação. O que é latente é real e existente, mas apenas ainda não manifestado exteriormente.

Os anjos não são latentes. A alma não é latente. Os anjos e as almas são invisíveis, porém reais.

E o romantismo de Plínio não é latente.

É patente e explícito.

## Capítulo VII - Identificação de Plínio com o Profeta Elias

O livro que já citamos-- **Elias, o Profeta da Nova Aliança** -- seria de Frère Élie de Sainte Marie, pseudônimo do Professor José Martini, atualmente membro dos Arautos do Evangelho. Professor Martini deu inúmeras palestras e simpósios sobre essa sua obra nos êremos da TFP, na década de 70. Claro que nunca assistimos tais palestras. Ouvimos repercussões dela.

E só obtivemos esse livro, quando estávamos saindo da TFP.

Nos simpósios do Professor Martini sobre seu livro, dizia-se, que fazia ele tal aproximação entre Plínio e Santo Elias que todos os ouvintes saíam com a idéia que Dr. Plínio era o próprio profeta Elias.

Elias passou a ser um dos codinomes de PCO, assim como Ordem do Carmo passou a ser nome-código da TFP. Os entrosados nos segredos da seita começaram a assinar “in Elia”, fórmula trocada logo para “In Domino”, pois Dominus era Dr. Plínio, o Senhor dos escravos.

Essa obra do Professor Martini traz contribuições bem interessantes para se compreender a doutrina pliniana de identificação dos eus.

Nesse livro se faz a defesa da tese de que haveria uma misteriosa identificação de Plínio Corrêa de Oliveira com o Profeta Elias. Essa obra mereceria ser toda ela comentada, mas, por ora, trataremos apenas do que ele afirma da identificação dos eus. Da identificação de Plínio com Elias, profeta.

Na Introdução do livro, o autor procura explicar a noção de parábola, conforme a concepção de PCO.

Ele começa dando um exemplo de “parábola”, e depois tenta explicar como Dr. Plínio via essa questão, e, para comprovar a concepção pliniana, ele expunha um exemplo concreto de “parábola”.

Professor Martini, reproduzindo o pensamento de PCO, dizia que nas parábolas se faz um paralelo analógico entre um protótipo e um tipo. Todo tipo seria a reprodução, em escala menor e ontologicamente inferior e material, de um protótipo totalmente ideal.

Diz o livro do Professor Martini:

Os protótipos são os modelos ideais dos indivíduos e, enquanto tais, são mais os próprios indivíduos que eles mesmos. Quer dizer, o meu modelo ideal é mais eu do que eu mesmo. Pelo fato de ser meu modelo. Por isso, eu serei tanto mais eu, quanto mais eu me abrir, me deixar influenciar pelo meu protótipo, pelo meu modelo ideal (Frère Élie de Sainte Marie, **Elias, o Profeta da Aliança**, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 1972, p. 101).

Não é preciso dizer que Frère Élie (Prof. Martini) reproduz, quase que palavra por palavra, o que foi dito por PCO no MNF, e agora publicado no livro **Inocência Primeva** sobre a identificação de Plínio com Jesus. Um Jesus que seria mais Plínio do que o próprio Plínio, “mais eu do que eu mesmo”, disse o Profeta de Higienópolis.

Para exemplificar essa estranha teoria, Frère Élie-Martini recorre ao livro de Eça de Queirós, **A Ilustre Casa de Ramires**. Nesse romance, o personagem central, Gonçalo Mendes Ramires, um português rico e decadente,-- pior, covarde--, escreve a história de um de seus avoengos, Tructesindo Mendes Ramires, “o façanhudo”, como era apelidado por suas proezas de cruzado valente.

Pouco a pouco, à força de contar as façanhas de seu avoengo, a força de admirar – e sublinhamos o termo admirar -- o português decadente, imita sua valentia e se identifica com ele. Gonçalo se torna Tructesindo, por uma metanóia, por uma conversão

identificadora com seu antepassado. Tornando-se Tructesindo, ele se torna autenticamente Gonçalo. Mais: acaba, de certo modo, sendo Portugal.

Eis as palavras do Professor Martini, em seu livro:

Como o Gonçalo Mendes Ramires se transformou, por exemplo, se tornou o verdadeiro Gonçalo? À custa de contemplar, de admirar e de se deixar influenciar pelos modelos ideais dos Ramires, sobretudo pelo velho Tructesindo Mendes Ramires. Se ele se tivesse fechado à influência de Tructesindo, ele nunca se teria transformado. Ele continuaria a ser o poltrão como era, como tinha sido até então... (Frère Élie de Sainte Marie, **Elias, o Profeta da Aliança**, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 1972, p. 16).

Explicava Professor Martini que:

a desgraça das desgraças de um indivíduo é não ter um protótipo, ou tendo um protótipo, um modelo ideal, não o contemplar, não o amar, não se voltar para ele, não se abrir a ele, não se deixar influenciar por ele” (...) “Pelas mesmas razões, a relação de dependência de um indivíduo com relação a seu modelo ideal deve ser tanto maior quanto maior for o protótipo, quanto maior for o modelo ideal, e quanto mais próximo ou menor for o indivíduo” (Frère Élie de Sainte Marie, **Elias, o Profeta da Aliança**, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 1972, p. 17).

Disso tudo, concluía Professor Martini, que a abertura e entrega do indivíduo a seu protótipo deveria levar a admirá-lo até a entrega total a ele em forma de escravo:

A contemplação, o enlevo pelo superior, pelo modelo ideal, arrasta o inferior, o menor, ao serviço, à obediência, à submissão até o holocausto pelo superior, pelo modelo, porque o modelo é mais ele mesmo do que ele mesmo (Frère Élie de Sainte Marie, **Elias, o Profeta da Aliança**, Ed. Vera Cruz, São Paulo, 1972, p. 18).

A lição era transparente: Dr. Plínio era o modelo ideal de cada tefepista. Cada verdadeiro membro da TFP deveria tomar Plínio como seu protótipo e identificar-se com ele. Abrir-se a ele.

Dar-se a ele como escravo. Até o holocausto.

Holocausto?

Como?

Daí, a consagração dos tefepistas como escravos a Dr. Plínio.

Desse modo, fazia-se uma escala analógica:

Deus é o supremo protótipo de quem a Virgem Maria se fez escrava. Maria Santíssima seria o protótipo humano perfeito dos demais homens. Logo, os homens

deveriam se escravizar a Ela. Mas o modelo, o protótipo do perfeito escravo de Maria era PCO. Logo, ele era Ela. E os tefepistas escravizando-se a seu protótipo, Plínio, se tornavam outros Plínios, pois que Plínio era mais cada um deles que eles mesmos o eram de si mesmos. E assim de análogo em análogo, de modelo a modelo, de identificação em identificação, o eu de cada tefepista se tornava o eu de Plínio, o eu de Maria Santíssima, e até o Eu de Deus. Por essa razão os escravos do Profeta PCO, na Sempre Viva, se tornarem todos Plínios. Numa identificação dos eus, passo para se identificarem com Cristo e com Deus.

E por um processo semelhante Plínio se identificava com a Igreja Católica.

### Capítulo VIII - Identificação de Plínio com a Igreja

Vimos como Plínio se dizia um com seu arqui alter ego absoluto, Jesus Cristo. Da mesma forma, ele se dizia um com a Igreja, pois se a Igreja é o Corpo Místico de Cristo, sendo PCO Cristo, ele seria uma também com a Igreja.

Plínio, como muitos gnósticos, considerava a Igreja mais como algo espiritual do que como instituição estruturada. Para ele, como para os gnósticos haveria uma “*Ecclesia spiritalis*”.

Veja- se o que ele pensou, menino ainda, assistindo uma Missa:

Eu estava assistindo à Missa, encantado com as figuras, as cores, os vitrais, a liturgia, a atmosfera sobrenatural que pairava no ambiente, quando, de repente, formou-se em mim a noção do conjunto daquilo e conclui: “Por cima de tudo isso há Alguém, que é mais do que tudo! É uma coisa curiosa. A Igreja não parece uma instituição, mas uma pessoa que se comunica através de mil aspectos. Ela tem movimentos, grandezas, santidades e perfeições como se fosse uma ‘alma’ imensa que se exprime em todas as igrejas católicas do mundo, todas as imagens, toda a liturgia, todos os acordes de órgão e todos os toques de sino. Essa ‘alma’ chorou com os réquiens e alegrou-se com bimbahares dos sábados de Aleluia e das noites de Natal. Ela chora comigo e se alegra comigo. Como eu gosto dessa ‘alma’! (PCO, **Notas Autobiográficas**, vol.I, pp. 529 -530).

Então, para Plínio, a Igreja era mais uma ‘alma’ do que uma instituição. E ele gostava dessa ‘alma’...

Mais ainda, ele julgava que era um só com a Igreja Católica:

Como eu gosto dessa ‘alma’! Tenho a impressão de que, em relação a ela, a minha alma é como uma pequena ressonância ou repetição; algo no qual essa ‘alma’ vive inteira, como se estivesse num templo material. Sinto-me nela como uma gota d’água na qual o sol se espelha inteiro. À maneira de miniatura e de reflexo, eu contendo essa ‘alma’!

Eu não sabia explicar o que era essa ‘alma’, mas tinha a impressão de que toda a doutrina e todo o espírito da Igreja Católica me envolviam! Identificando-me com esse **unum** da Santa Igreja, embebendo-me dele e habituando-me a viver sem nenhuma discrepância com ele, encontrava uma esplêndida plenitude, em que me sentia cada vez mais sendo eu mesmo (PCO, **Notas Autobiográficas**, vol. I, p.530).

Portanto, Plínio, em certo sentido, se sentia, tinha a impressão de que ele e a Igreja Católica eram um só.

Nele e nela, portanto, habitava o Espírito Santo. Claro que isso foi antes do Vaticano II.

Na Belle Époque.

Depois do Vaticano II, a coisa mudou. A Igreja teria virado uma estrutura morta e puramente material, da qual a ‘alma’ se retirara. E essa ‘alma’ era o Espírito Santo.

E para onde foi a ‘alma’ da Igreja? Onde poderia ela viver ?

Claro que a ‘alma’ da Igreja, o Espírito Santo, fugindo da estrutura da Igreja se refugiou em Plínio Corrêa de Oliveira.

É o que garantia Scognamiglio, desprezando aquela que ele chamava a “Estrutura” e da qual, agora, se tornou Monsenhor.

Panta rei .

Tudo muda, já assegurava Heráclito.

Na TFP, J. Scognamiglio contava o seguinte diálogo entre ele e o Profeta de Higienópolis: *"Parece que o Espírito Santo, tendo-se retirado da Igreja, refugiou-se no Senhor, Dr. Plínio"*.

Ao que, sempre modesto, retrucara o “Profeta: *"Quer saber de uma coisa, meu João? Acredito que sim"*.

Entretanto, outros negavam que esse diálogo fora entre Dr. Plínio e Scognamiglio. O diálogo acontecera, sim, mas, fora entre Dr. Plínio e o Sr. Átila Sinke Guimarães, por ocasião do Conclave que elegeu João Paulo I, ou João Paulo II. A tese, porém, era a mesma: o Espírito Santo, fugindo da Igreja, se refugiara em Dr. Plínio.

Esse diálogo ligava o pretense profetismo de Plínio ao problema do sede vacantismo.

Ora, no simpósio “Quem Somos nós” cujo texto nunca conhecemos na TFP, texto que foi agora publicado na internet, PCO confirma que ele se supôs Profeta depois que viu a Igreja cair em “derelição” com os Papas do Vaticano II (1968).

“Quem somos nós enquanto Grupo.”

“I - Nós somos um Grupo Profético “Na primeira parte desta série nós tratamos de nós em função de nosso fim. Na segunda, vimos se estávamos proporcionados a ele. Vamos agora entrar noutra ordem de idéias, isto é, ver quem somos nós enquanto Grupo.

“1 - Nosso Grupo é um Grupo Profético “A - Conversa com D. Mayer .

“Eu já contei a um ou outro uma conversa que tive com D. Mayer. Foi ainda antes de mamãe morrer. Portanto, antes de 1968.

“Estávamos os dois tomando refeição em casa (mamãe estava de cama). E ele - lembro-me ainda do jeito dele - estava mexendo uma xicarazinha de café, na sobremesa. (Os Srs. sabem que mexer uma xícara de café é um gesto altamente pensativo). E, de repente (estávamos numa conversa muito íntima) ele escorregou o seguinte: “a - Objeção: “na atual situação anormal da Igreja, compreende-se a existência da TFP. Mas, depois da Bagarre, com uma Hierarquia que cumpra sua missão, ela não terá mais razões de ser”;

“Eu compreendo bem a posição do Grupo na atual situação da Igreja. Mas eu não vejo bem como ele, numa situação normalizada da Igreja, poderia existir. Porque o Grupo tomou a si tais prerrogativas, tais interesses na direção da Igreja, uma função tal, que, dentro de uma Hierarquia que cumpra sua missão, o Grupo não tem razão de ser. Eu não sei qual será a posição dele depois da Bagarre ...”.

“b - Resposta, 1: O Grupo sempre pertencerá à Igreja discente como discípulo e súdito, como também o será da classe social dirigente surgida no Reino de Maria; “Eu respondi a ele: “D. Mayer, a posição do Grupo, eu a entendo da maneira seguinte: depois da Bagarre, o Grupo nunca deverá pertencer à Igreja docente; ele permanecerá sempre na Igreja discente. Ele é discípulo, é súdito.” O Grupo também nunca terá o governo de um Estado. Seu papel é de ser súdito dos reis, dos imperadores, dos senhores que nascerem da ordem histórica criada no Reino de Maria. “c - 2: Terá, entretanto, a missão de enunciar, a título de opinião privada, a doutrina verdadeira e a falsa em matéria de Revolução, e os rumos a serem seguidos para se combater a doutrina falsa e modelar o espírito da Humanidade no sentido contra-revolucionário” Mas eu entendo que o Grupo tem a missão de enunciar, em matéria de Revolução e a título de opinião privada, qual é a doutrina verdadeira e qual a falsa; quais os rumos que devem ser seguidos para combater a doutrina falsa, para fazer triunfar a verdadeira, para modelar todo o espírito da Humanidade de acordo com a posição contra-revolucionária, e para atingir a luta contra a Revolução. “d - 3: Um Papa pode não seguir isto, mas aí dele, porque suas mãos ficarão maculadas com o crime da derrubada do Reino de Maria. “Um Papa pode não seguir isto; é o direito dele. Ai, entretanto, daquele que não seguir, porque derruba o Reino de Maria e fica com as mãos maculadas com esse crime! “O que é que Vossa Excelência acha deste modo de ver?”.

“Ele, continuando a mexer interminavelmente a xícara mas me olhando fixamente com uma posição de cabeça um pouco inclinada e os olhos assim... - ainda lembro-me da cena como se fosse hoje - me respondeu: “e - “Essa era a posição dos profetas no Antigo Testamento. Não eram forçosamente reis nem sacerdotes, mas sua missão era a de, sem jurisdição, guiar os reis e sacerdotes exprimindo-lhes a vontade divina”. “Essa era a posição dos profetas do Antigo Testamento. O profeta não era o rei nem era o sacerdote, embora per accidens tenha acontecido que algum rei ou algum sacerdote tenham tido uma missão profética. A missão do profeta era guiar o rei e os sacerdotes, mas sem jurisdição. Ele é um guia, alguém que exprime a vontade divina. Os reis e os sacerdotes que não seguiram foram punidos. Mas ele não era rei, nem sacerdote. É isso que V. entende?”.

f - "Prever o futuro é uma tarefa secundária do Profeta. Sua missão principal é a de conhecer as vias de Deus e indicá-las ao povo eleito". “Depois acrescentou: "Prever o futuro era uma tarefa secundária do profeta, não era a tarefa principal. A principal missão do profeta era conhecer as vias de Deus e indicá-las ao povo eleito".

“g - Isso está bem para o Antigo Testamento. Mas vale ainda para o Novo?” “Eu disse: "D. Mayer, esta conversa tomou uma gravidade que não permite mais que ela seja uma mera conversa entre Plínio e D. Mayer. Ela é agora uma conversa de um fiel com um bispo da Igreja Católica. Pelo amor de Deus, eu lhe peço que me diga se a nossa posição, no Novo Testamento, é heterodoxa".

h - "Isso é inteiramente ortodoxo, e pode existir assim no Novo Testamento". “D. Mayer respondeu: "Não, ela é inteiramente ortodoxa. Isto pode existir assim no Novo Testamento".

“i - Esta é a idéia do que é que o Grupo julga ser “Eu disse: "Bem, Vossa Excelência tem aqui, então, a idéia do que é que o Grupo julga ser".

“Ele ficou quieto e mudou-se de assunto.

(Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, -- Somos um grupo profético, p. 75. ORIGINAL DO site salvemaria.  
<http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

Não é de espantar então que, na TFP, muitos afirmavam com toda a convicção que Dr. Plínio era a Igreja. Essa tese era corrente nas fileiras da TFP. E diziam os tefepistas que essa seria uma tese fácil de "provar".

Veja-se lá a demonstração da tese herética: hoje a Igreja não passa de uma "estrutura", pois todo clero apostatou. (Inclusive o "cônego José Luís Villac, dizia-se, que não sendo fiel a Dr. Plínio", também teria apostatado). Não haveria sequer um bispo fiel.

*"Aponte-me um bispo bom". "Onde está a Igreja? A igreja é João Paulo II? Faça-me o favor. Isso é Jezabel".*

Era o que Scognamiglio ensinava no êremo do Praesto Sum. Quantas vezes ouvimos repetir isso!

E a fonte dessa tese herética era o que Dr. Plínio dizia de si mesmo aos seus caros iniciados e como vai ser expresso por ele no simpósio “Quem somos nós”

“d - Só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que abandonou desde que tivesse instituído o profetismo. Do contrário Ela teria desertado da Igreja **“Por isto que, se todos os estudos sobre o Papa herege são verdadeiros, só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que a abandonou, desde que tivesse instituído o profetismo. Porque, do contrário a Providência teria desertado da Igreja. E não haveria na Igreja, hoje, lugar nenhum, nem grupo nenhum, nem pessoa alguma à qual se pudesse apelar para encontrar o verdadeiro caminho.”**Portanto este profetismo brota do solo sagrado da Igreja, pelas leis da Igreja.

**“Na derelictio da autoridade papal e das autoridades legítimas, na derelictio geral, algo fica de pé. E o que é? O Profetismo”** (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, -- Somos um grupo profético,p. 80. Os destaques são nossos. ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

A TFP e os Arautos são seitas sede vacantistas secretas que têm Plínio como profeta superior ao Papa.Então, sendo assim, hoje, a TFP é a Igreja. Mas acontece que a TFP é Dr. Plínio. O resto não é nada. Logo, Dr. Plínio é a Igreja. Isso era dito assim. Com toda a seriedade, com toda a veemência e com absoluta convicção.

O eremita Pedro Julião defendeu boquirrotamente essa tese. José Lopes Antunes - sempre em cima do muro - mais cauteloso, dizia que *"a Igreja mora em Dr. Plínio"*. Depois, assustado com a sua própria moderação, e preocupado com o que a "KlaGB" interna iria contar a João Scognamiglio Clá Dias, acrescentava pressurosamente: *"Ele é maior do que a Igreja"*.

Por sua vez, Euclides Alcaraz Torres - pessoa tão preocupada em fazer distinções e matizes - nos declarou: *"Hoje, a Igreja se resume no Grupo que é como que, como que, como que, como que, imaculado"*.

E num Santo do Dia, quando Dr. Plínio disse uma vez: "O Papa é infalível", ouviu-se uma voz (cismática ou herética?) dizer: "Ele é o Papa". E o “ele” designava Dr. Plínio.

E o Sr. Acúrcio Torres foi mais longe ao berrar hereticamente que *"a missão de Dr. Plínio o coloca, hoje, acima da estrutura"*. Isto é, acima da Igreja.

Isso dito aos berros, e sem matizes.

E Scognamiglio declarou - tout court - que Dr. Plínio estava acima dos Serafins. Isso é que é a *”firmeza única”* scognamigliesca em São Tomás, como ele declarou ter diante da banca de doutoramento, no Angelicum, em 2010.

Todas essas frases delirantes que ouvimos na TFP—e que denunciámos na década de 80--, foram confirmadas, agora, por novos documentos que nos chegaram às mãos.

Num retiro pregado por João Scognamiglio aos Arautos e à Sempre Viva, quando ainda ele era um simples leigo, Scognamiglio disse, repetindo palavras de Plínio Corrêa de Oliveira:

*“Devo prestar ouvidos às próprias palavras de meu Fundador [Dr. Plínio].*

Eis, então, as palavras do próprio Dr. Plínio sobre si mesmo, sobre a TFP, e a Sempre Viva:

Nós devemos dizer que nosso movimento é como um cálice no qual se reúne todo o bom espírito que houve no passado na Igreja Católica, no qual este bom espírito está num estado acrescido e aumentado.

Quer dizer, a plenitude do espírito da Igreja se reuniu neste cálice, que é o cálice precioso, **o cálice adorável**, de que fala a ladainha de Nossa Senhora—cálice cheio de honra, cálice de insigne piedade, em que toda a piedade está contida--, de maneira que há gotas desse líquido sagrado espalhadas por outros lugares, mas **o conjunto está reunido em nós, e nós somos verdadeiramente esse cálice em que tudo o quanto houve na Igreja Católica continua vivendo dentro da tempestade contemporânea, mas continua vivendo acrescentado pela semente do Reino de Maria.**

(Palavras de Plínio Corrêa de Oliveira, reportadas por João Scognamiglio Clá Dias, agora Monsenhor, no Retiro V, 10<sup>a</sup> palestra: **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 4 de 12. Os destaques são nossos).

Nesse mesmo retiro, Scognamiglio, reportando palavras de PCO, aplicava a figura da Arca de Noé—normalmente referida à Igreja Católica—à TFP, isto é, à Sempre Viva e a Dr. Plínio:

Na hora do naufrágio foi feita uma Arca, nesta Arca foram recolhidos os preciosos restos de tudo quanto havia do espírito católico, para sobreviver depois do presente dilúvio; e quem não quiser morrer no dilúvio, recolha-se nesta Arca. A unicidade do movimento fica bem enunciada desta maneira (Palavras de PCO reportadas por João Scognamiglio, na 10<sup>a</sup> palestra Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 4 de 12).

E quem seria o novo Noé, senão o próprio Dr. Plínio, encarnação da Igreja, capitaneando a única Arca da Salvação, a TFP?

A Providência quis que houvesse um Noé, que ele fosse o homem, como no tempo de Noé, que tivesse a revelação do estado miserável em que caiu o mundo, e que tivesse idéia de que o mundo ia ser castigado, e que tivesse a idéia de construir uma Arca para salvar o mundo, de maneira que fosse debaixo das ordens dele que a Arca se construísse. Ele é que recebeu os planos da Arca, ele é quem convocou todos para entrar na Arca, ele quem dirigiu a Arca, e ele quem determinou a hora para sair da Arca. Quer dizer ele foi um homem da dextra de Deus (Palavras de PCO reportadas por João Scognamiglio, na 10ª palestra Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 4 de 12).

A Arca da TFP substituiu a Igreja, e Plínio seria o chefe dessa Arca, portanto, o Papa dessa nova Igreja.

Como Scognamiglio – que ainda crê nessas loucuras chegou-- a ser Monsenhor?

Como Plínio Corrêa de Oliveira é tido, ainda hoje, na Itália, como *“Il Crociato del secolo XX”*?

E disso tudo concluía Scognamiglio:

Esta missão única que foi dada a meu Fundador --[PCO]—fica tão provada de todos os modos, tão evidente, que se pode dizer: ou nossa vocação é uma demência, ou é uma inegável verdade (Palavras de PCO reportadas por João Scognamiglio, na 10ª palestra Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 5 de 12).

Que se nos permita então escolher uma das pontas desse dilema: o que defende Scognamiglio é uma demência.

Tu o disseste.

Ainda que ele conte com a aprovação de alguns eclesiásticos de prol.

E Scognamiglio reporta estas palavras de Dr. Plínio que não há como não classificar como paranóicas:

É uma coisa evidente que eu tenho um discernimento dos espíritos da Igreja pelo qual eu vejo com perfeita clareza, o que por desejo da Revolução foi embaçado nela. E que é também por esse mesmo processo – quer dizer, em parte pelo que os senhores vêem, mas em parte porque os senhores vêem não com seus próprios olhos, mas em mim – que os senhores adquirem o conhecimento inteiro da Igreja, de como ela é, no olhar da Contra-Revolução. E é assim que podem amar a Igreja como um contra-revolucionário pode amá-la (João Scognamiglio, na 10ª palestra Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 9 de 12).

Plínio chegava então ao delírio megalomaniaco ao dizer coisas incríveis sobre si mesmo:

“b - De encontro à Revolução, o Profeta é o homem da grandeza em toda linha “Tudo quanto Nossa Senhora obteve que fosse posto em mim na ordem da natureza e na ordem da graça, é a simbolização da grandeza. Porque é isto. Eu significo isto. De encontro à Revolução gnóstica e igualitária, eu sou o homem da grandeza em toda linha. Desde aquela fotografia quando eu tinha 22 anos - e que já tem grandeza para um moço daquela idade - é a grandeza.

“A grandeza como que? Como envergadura de horizontes, como elevação de onde vem o meu pensamento, como ritmo de lógica sapiencial, superior, como qualquer coisa que desce sacralmente muito do alto . Toda a doutrinação que eu apresento é uma doutrinação feita com simplicidade, mas é majestosa . Isto eu sei bem!

“A linguagem, para aquilo que ela tem que servir, é única e tem grandeza, tem distinção, tem porte, mesmo quando diz as coisas mais banais. E é um modo de manusear as palavras, de maneira que as palavras mais comuns produzem um efeito contínuo de grandeza, mesmo ao falar das coisas mais insignificantes. O tipo de educação que eu recebi, de ancestralidade que eu tenho, tudo, tudo na ordem natural, como na ordem sobrenatural, ruma para a afirmação dessa grandeza sacral e dessa grandeza que está em choque com o mundo inteiro .

**“Se me perguntarem o que é que eu sou, assim como S. Francisco de Assis foi a pobreza ou S. Bernardo o recolhimento, eu digo que eu sou a grandeza”** (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, -- Somos um grupo profético, p. 85-86. Os destaques são nossos. ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

E Plínio continua seu delírio teratológico:

“C - Unicidade “Não me cabe a mim julgar o que a Providência faz. Ela quis, em determinado momento, quis ter um único homem que fosse fiel.

“Ela quis dar a este homem a situação que tinha um profeta no Antigo Testamento, em pleno Novo Testamento.

“D - Ver no profeta um profeta “Isto fica tão provado de todos os lados, tão evidente, que a gente pode dizer: ou nossa posição é uma demência ou isto é uma verdade. Ver no profeta um profeta, mas ver com esse discernimento sobrenatural. E tomar em relação a ele não a posição que se toma em relação a um líder, a um intelectual, a um bom político, a um bom amigo, a um Senhor educado, sei lá o que. Mas saber exatamente passar por cima das considerações de ordem pessoal, e ver o profeta. Isto é a graça nova. É pôr-se diante disto: "eu conheci na minha vida um profeta. É um profeta em carne e osso. Não é nem um pouco um profeta admirável como os do Aleijadinho - aqueles homens com aquela personalidade possante, aquela coisa magnífica - mas, enfim, é o que Nossa Senhora deu para o crepúsculo d'Ela. Ela quis este profeta assim. Mas ele documenta a sua missão. Ela se tornou para mim evidente. Na medida em que eu me aproximo dele me

santifico, na medida em que eu me distancio eu me perco. Ele, portanto, foi posto para me guiar e para guiar muitos. E provavelmente para guiar a Igreja nesta pasmosa defecção" (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, -- Somos um grupo profético, pp. 91-92. Os destaques são nossos. ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

Scognamiglio conclui então que a fidelidade à Igreja devia ser transferida concretamente, não mais pela fidelidade a uma instituição, a Igreja Católica, mas na fidelidade a um homem, o único que permaneceu fiel, o profeta por antonomásia: Plínio Corrêa de Oliveira.

Eis as palavras de João Scognamiglio:

Não se trata de fidelidade a uma instituição, não se trata da fidelidade a uma ordem religiosa. Trata-se da fidelidade a um homem que recebeu uma missão, mas uma missão a título individual, que não foi dada a ele como, por exemplo, a missão de governar uma diocese é dada a um Bispo, a qual outro homem poderá ter recebido.

Não, esta missão é uma coisa pessoal, que não está ligada à investidura de um cargo, mas uma graça recebida na hora do Batismo. É um desígnio misericordioso de Nossa Senhora que determinou: “Tem de haver um único, que seja aquele (João Scognamiglio, na 10ª palestra Retiro V, **A Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 9 de 12).

Entenda-se bem: Arautos e tefepistas não têm fidelidade a uma instituição, a uma “estrutura”. Não têm fidelidade à Igreja como instituição. A fidelidade deles é a uma alma’, a uma pessoa: Plínio Corrêa de Oliveira.

Arautos e tefepistas são sectários e não católicos. Ainda que amedalhados e doutorados.

Recentemente, apareceu num fórum da internet em Buenos Aires, um depoimento de um ex Arauto do Evangelho, tratando do que Scognamiglio ia fazer para enganar a estrutura, isto é, a Igreja, e como se faria a instituição de uma Nova Igreja, depois da Bagarre. Eis esse depoimento incrível.

Scognamiglio chamava essa enganação de “**Manobra Judit**”, pois com ela se eliminaria o grande Holofernes da Estrutura, o Papa conciliar.

Eis esse documento:

<http://www.tfpheraldos.com/viewtopic.php?f=27&t=23&start=0&sid=3a19db733d393b4ed1506927afab92ee#p315>Una interpretacion sacerdotal

por **fran** » 09 Feb 2010 12:57

*A algunos causa gran extrañeza la ordenación sacerdotal de JC [João Clá].*

*Para los que vivimos cerca de él, o asistimos durante años a sus reuniones, llamadas Jour le Jour, era clara la postura de cualquier miembro del grupo de buen espíritu: rechazar cualquier cosa proveniente del clero.*

*Al clero en general lo llamábamos “Estructura”, para no llamarlo “Jerarquía” y así no darle el reconocimiento debido, una vez que después del Concilio Vaticano II, habían caído en herejía, unos por complicidad, otros por omisión, siendo desde ahí en adelante totalmente ilegítimos. Recuerdo que JC en público y privado, alababa la hipótesis de alguien (uno de los teologuillos internos, claro, detestados por JC y sin embargo citados como autoridad cuando a él le favorecía, sobre todo al formular semejante hipótesis tan arriesgada... si era aceptada se la reconocerían a él, sino él siempre diría que eso fue idea de algún Solimeo, por ahí...) **de que como no habían mas obispos legítimos dentro de la Iglesia, vendría San Juan Evangelista, Apóstol, quien estaría vivo en cuerpo y alma en el paraíso, a ordenar personalmente nuevos sacerdotes y obispos para la nueva Iglesia regenerada del Reino de María. Esto era moneda corriente en los éreos y asumido con toda naturalidad y lógica por todos los mdg de buen espíritu.***

Nunca jamás íbamos a misa, ya que esta se realizaba según el ordo missae post conciliar, herético, protestantoso, de mal espíritu. Un mdg no podía participar de ese rito, sería censurado. Sin embargo, una de esas contradicciones atroces, comulgábamos en esas misas, esperando fuera de la iglesia a que se armara la fila de comunión para entrar.

Creo que todos deben tener mil hechos que contar de los enormes líos que en que nos metíamos muchas veces con ese procedimiento. Enfrentamientos con párrocos, críticas, negativa de darnos la comunión, y un largo etc.

Cuando había que asistir a una misa por compromiso, nos recomendaban a seguirla con distancia y con rechazo interno, comulgar y aislarnos del resto.

Todo eso era nuestra manera de vivir hasta 1995, cuando fallece el Dr. Plinio.

JC inmediatamente comienza su acercamiento a la “Estructura”, ya no tiene sentido vivir enfrentados, es necesario que nos adaptemos para sobrevivir, hay que negociar o nos liquidan, fue su postura. Esa postura empezó a irritar a los mas viejos, claro, y a dejar perplejos a los de generaciones mas jóvenes. Sin embargo estos últimos se dejaron convencer fácilmente de que JC, como sucesor del Dr Plinio, también era inerrante y que el Espíritu Santo ahora residía en él, por lo tanto su orientación debía ser acatada, entendiéndolo o no, aceptando o no, su palabra era la última. Debo aclarar que el aggiornamento, causó muchos descontentos y aún dentro de los heraldos hay muchos que no se tragan del todo la tfp sacerdotal.

**1. Si JC se ordenó sacerdote meramente como parte de una maniobra (la llamada por él maniobra Judit), entonces su**

**ordenación es por lo menos, sacrílega. Puede ser que de hecho él no crea que la estructura tiene poder para ordenarlo, en ese caso él estaría solamente actuando como si tal, a fin de llevar adelante su maniobra Judit. Si eso es así entonces cada misa, cada confesión, cada sacramento administrado es una farsa, por lo tanto un engaño a miles de personas. Es eso creíble? quien conoce a JC sabe de su afamada "restricción mental", de sus "pasadas de perna", de su mas que reconocida habilidad de justificar el medio para alcanzar el fin.**

2. Si JC se ordena sacerdote por que recibe una gracia, entonces rompe con su pasado –por lo menos lo que dice a su histórico rechazo al sacerdocio y la misa, etc. al dogma interno de la necesidad de destruir la *estructura maldita*- en ese caso “quemaste lo que adoraste, adora lo que quemaste”. Si se trata de una verdadera conversión al sacerdocio, si recibe la vocación sacerdotal, entonces enhorabuena! Habrá que ver como se conjuga todo eso y la postura pública crítica del Dr. Plinio, si es que JC seguirá usando la figura del Dr. Plinio como muleta para mantener a sus heraldos cohesos o si finalmente, él prescindirá del Dr. Plinio una vez que el número de novatos, entusiastas por él, haya ultrapasado al de viejos saudosos del Dr. Plinio, atrapados en un pasado ya superado.

Hoy JC sustenta que el sacerdocio es el ápice de la vocación de miembro de grupo (la vocación de ser los apóstoles de los últimos tiempos).

Surge entonces un problema. No todos los heraldos están llamados a ser sacerdotes. Según JC solamente un 10–20 % lo serán, dejando al resto como laicos.

Entonces solo ese porcentaje alcanzará el ápice de la vocación, poniendo al resto como ciudadanos de segunda categoría. Y es así como muchos de los actuales heraldos se sienten.

Para pertenecer al círculo mas interno de confidencialidad de JC hay que ser hoy en día sacerdote.

Saludos y hasta la próxima.

Fran

**fran Registrado:** 08 Feb 2010 11:53

Conclusão sobre a Inocência Primeva

A doutrina da Inocência Primeva, tal como está exposta -- ainda que parcialmente e com textos selecionados para serem publicados -- no livro que os mais velhos da TFP editaram, e que focalizamos, contraria profundamente a doutrina católica.

O estado de Inocência Primeva que Plínio Corrêa de Oliveira apresenta como sendo concedido a todos os homens, nega claramente não só os efeitos do pecado original na natureza humana. Sobre o pecado original, PCO quase nada diz, nessa obra. Ele afirma apenas que a todos os homens é concedida a Inocência Primeva que a Igreja ensina em que só Adão e a Virgem Maria foram criados, e que Adão perdeu com o pecado original. Esse estado de Inocência Primeva daria ao homem uma inteira harmonia entre as faculdades da alma, assim como uma placidez derivada de um mais profundo de um inato e inerrante senso do ser. Por esse senso do ser, cada homem escolheria infalivelmente o que o ajudaria a completar o que falta ao seu eu, para identificar-se plenamente com o eu de Cristo, o Eu Absoluto. Nessa identificação absoluta, o eu profundo de cada um ficaria de tal modo unido a Cristo, que se daria uma identificação com o ser de Cristo, acarretando forçosamente a salvação, mesmo com um mar de pecados cometidos. Cada homem, no estado de Inocência Primeva, seria literalmente, e de fato, um alter Christus.

E por isso mesmo estaria salvo. Mesmo com um mar de pecados.

E vimos que essa salvação pela identificação com o Eu de um ente superior transcendente—e não pela “*tabela dos dez mandamentos*”—é um tema fundamental nos sistemas gnósticos.

Como a Inocência Primeva não se perderia pelo pecado, os tefepistas, instruídos nessa doutrina, julgavam-se salvos, ainda que violassem gravemente a lei de Deus e da Igreja.

É o que explica a dupla moral dos tefepistas e dos Arautos do Evangelho. Pela “causa católica”, leia-se, por Dr. Plínio, podia-se fazer qualquer coisa: mentir, jurar falso diante do Santíssimo Sacramento, fazer restrições mentais, apropriar-se das coisas alheias, pecar e viver sob um mar de pecados, etc. Tudo seria “coberto” pela Inocência Primeva identificadora do sujeito com Plínio e, conseqüentemente, com Cristo

João Scognamiglio, mais do que qualquer outro na TFP, como discípulo perfeito de Dr. Plínio, foi a pessoa que mais se distinguiu no desprezo da “*tabela dos dez mandamentos*”. A ponto de se dizer que ele ficava vermelho se, por acaso, dissesse uma verdade, de tal modo negava os fatos patentes. Veja-se, por exemplo, a biografia que ele publica dele mesmo, da qual friamente surrupia quarenta anos de sua vida,— de 1956 a 1996—, sem nem pestanejar, porque agora lhe convém esconder quem ele foi durante

quarenta anos: o maior propagador do culto a Dr. Plínio e a Dona Lucília. Leia-se o livro **Dona Lucília** do qual ele se apresentou como “autor”, para se ter provas disso.

Não se perdendo a união com o “*Senhor Doutor Plínio*”, se estaria salvo. Ninguém ia ser julgado por uma tabela dos dez mandamentos. Daí, que ninguém dos que seguiam essa doutrina, na TFP, jamais se confessava. Os membros da Sempre Viva se “confessavam” – dizia-se--uns com os outros. PCO só foi visto confessar-se uma ou duas vezes apenas.

Em 1957, num retiro pregado para os membros do grupo de PCO por um sacerdote uruguaio, no seminário redentorista de Tietê, o pregador exigiu que todos se confessassem. Nessa ocasião, ouvimos PCO dizer: “*E agora? Faz tanto tempo que eu não me confesso que nem sei quando foi. Já sei. Vou dizer a ele que não me confesso há mais de três meses*”. E ria-se da saída que encontrara.

E quando, na década dos anos 80, denunciávamos esse comportamento irregular e ilícito dos membros da Sempre Viva não se confessarem com um sacerdote, alguns dos atuais Provectos foram confessar-se na Igreja de São Francisco, no centro de São Paulo, a fim de serem vistos na fila da confissão, e assim desmentirem nossa acusação. Depois, desapareceram das filas dos confessionários...

A posse ou a perda da Inocência Primeva dividiria os homens em dois grupos opostos: os Inocentes, identificados com Cristo, possuidores de uma alma harmoniosa; e os precitos que, aderindo ao próprio eu, se recusavam aderir ao eu de Plínio, ou ao eu de Cristo, que, no fundo, eram o mesmo e único eu.

Os Inocentes seriam os Contra Revolucionários.

Os outros eram os que haviam repudiado o estado de Inocência Primeva. Eles eram os revolucionários, dominados pelas paixões desregradas.

Daí, PCO colocar como causa profunda e eficiente da Revolução as paixões desregradas e não causas intelectuais. E nem Lúcifer. PCO se esqueceu de dizer que a Revolução é satânica.

Ora, as paixões sendo cegas, jamais elas poderiam ter causado e organizado as três revoluções destruidoras da Idade Média e da Cristandade. Ademais, em todas as épocas houve homens dominados pelo desregramento das paixões. Mesmo na Idade Média eles existiram. Como não causaram a Revolução, já na Idade Media?

Essa importância fundamental dada por Plínio ao desregramento das paixões, e adesão à uma imaginária Inocência Primeva inata e inerrante, o levou a desprezar o estudo e a ação intelectual, e, como Descartes, a desprezar os livros. Por isso, ao tratar da eclosão da Revolução, ele nem cita os problemas metafísicos do século XIV e XV. Que aliás ele desconhecia.

Pois se ele fora Professor imaginário de História!...

Tal era o desprezo na TFP por questões doutrinárias e intelectuais que, um eremita argentino foi punido porque se dizia dele que ele “*estudava mais do que amava*”. Veremos mais adiante, noutra parte deste livro, como Dr. Plínio desprezava o estudo, e como, na TFP, os que estudavam eram desprezados sendo apodados por nomes ridículos que nada significavam: ploc-plocs, caneca amassada.

Como se vê, Dr. Plínio não tinha senso de humor.

Daí, o medo que ele tinha da ironia.

Veremos as conseqüências dessa super valorização do problema das paixões e o desprezo do estudo e do intelecto, quando estudarmos a teoria do conhecimento de Dr. Plínio.

A preponderância absoluta atribuída por Plínio às paixões, vai causar na TFP sérios problemas morais. De uma lado, se exagerava o rigor moral até causar escrúpulos doentios e desesperos, tratados a mandrix. De outro, se estimulava um cinismo anomista pela abolição e desprezo da “*tabela dos dez mandamentos*”.

A TFP se dividia então em dois grupos: os desesperados e os cínicos. E os cínicos eram os promovidos para os postos de direção e de privilégio, porque haviam compreendido que o fundamental era identificar-se com o eu do pseudo Profeta de Higienópolis. Às favas os dez mandamentos. Pois havia um só mandamento importante: identificar o próprio eu com o eu de Plínio Corrêa de Oliveira.

É essa dupla moral—esse anomismo completo—que permite a Monsenhor Scognamiglio passar do repúdio praticamente sede vacantista do Papa, chamando o Papa Paulo VI de Ponto 6, e o Papa João Paulo II de JP 2, para Monsenhor de Santa Maria Maggiore. Amigo de tantos Cardeais dos quais disse ele: “*Vocês vão ver que rasteira vou passar neles*”. Scognamiglio sempre toma atitude respeitosa e submissa antes de passar a rasteira. Como a serpente que desliza antes de dar o bote. Sem ficar

sequer ruborizado. Ele, que com PCO, chamava a Igreja de “*Estrutura*” passa agora para a bajulação dos que ele chamava antes de hereges.

É esse anomismo dos Arautos que lhes permite afrontar a contradição de condenarem a Missa nova durante décadas, e de a rezarem e a assistirem imitando os carismáticos. É esse anomismo que permite aos Arautos terem um Ordo em que se condenava andar na mesma calçada que uma moça conhecida, e agora Monsenhor Scognamiglio ser osculado por moças, e ir com elas à praia. “*Porque com ele se pode fazer isso, pois ele é santo...*”

Sem uma doutrina negadora de toda a lei de Deus como “*tabela dos dez mandamentos*” tais contradições levam rapidamente à loucura.

Com a negação da supremacia do intelecto na alma, a doutrina defendida por PCO, fundamentando a vida religiosa numa adesão idílica à uma inexistente Inocência Primeva tinha que concluir pela possibilidade de se retornar ao Paraíso Terrestre, onde Adão vivia inocente. Inocência e Éden são correspondentes. Tanto quanto a Inocência tinha que conferir a imortalidade.

Plínio se declarou imortal. E imortal porque ele não tinha o pecado original.

Certa vez, numa palestra dada por PCO na fazenda da TFP, em Amparo, um dos eremitas do agora Monsenhor Scognamiglio, o sr H. Iw. perguntou no fim da palestra:

*“Senhor Doutor Plínio, diga-nos: o Senhor tem pecado original?”*

Estupefação no auditório. PCO, sempre muito controlado, respondeu, calma e seguramente:

*“Claro que tenho pecado original. Prova é que fico doente e tenho que me tratar”.*

Ira silente no auditório.

Pouco depois, no carro, onde estava com Dr. Plínio e com o chauffeur, Scognamiglio explodiu sua raiva:

*“Esse cretino de H. IW., perguntar isso em público... Claro que Dr. Plínio ficou forçado a responder que tinha o pecado original”.*

Portanto, a Inocência Primeva exigia a negação – falando exotericamente -- do pecado original em PCO. Daí, o direito dele de viver no Éden. Pelo menos imaginativamente. Daí, ele se acreditar imortal.

PCO vivia imaginando um mundo de sonhos, um mundo paradisíaco proporcionado à sua Inocência Primeva original.

Em conseqüência, ele imaginou o mundo dos possíveis em Deus, seres inexistentes, mas que, de fato, “*de alguma forma, existiriam*”.

Plínio Corrêa de Oliveira foi um sonhador romântico, que imaginou um mundo de seres ab aeterno numa Trans-esfera muito acima do mundo angélico e onde ele vivia imaginativamente.

Seria de surpreender que sonhando uma supra realidade ele desprezasse todo o mundo real? PCO odiava a realidade tal qual ela existe hoje, depois do pecado original. E chamava este mundo material de “*cárcere*”, o que é uma nota tipicamente romântica e gnóstica.

*“Não a natureza no Éden – onde passeava o hipotético inocente Abel – não contém ciladas, não é revoltada contra o homem, e sim uma serva dele. Este mundo, ao inverso, é como o um cárcere de exílio, onde moram os míopes, que somos nós; cumprir ter cuidado, pois as coisas são enganadoras aos nossos olhos doentes”*( Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2005, nº 87, p. 24).

E não se deve esquecer que ele está falando de um hipotético Abel, concebido na Inocência primeva tal qual ele se julgava Inocente, e tal como ele se apelidava de Abel. O que ele imaginava do Éden, era na verdade a Trans-Esfera com a qual ele sonhava e que ele pensava atingir com sua imaginação. Para PCO, devia-se buscar esse Éden, essa Trans-esfera, fugindo pela imaginação deste mundo cárcere onde o absoluto que haveria em qualquer ser humano estaria preso como num calabouço. Exatamente como explicava a Gnose.

É de surpreender que ele preferisse o mito, e a lenda à realidade histórica, inventando heróis e mitificando personagens? Surpreendente seria que não os inventasse.

É de surpreender que ele mitificasse a si mesmo, apresentando-se como Profeta, o homem da dextra de Deus, o filho de Maria por excelência, e que ele se identificasse com Abel, com o Profeta Elias, com Maria Santíssima, --e por que não?--, com o próprio Cristo, visto como sócia perfeito de Plínio?

É de surpreender que ele montasse por meio do atual Monsenhor Scognamiglio um culto absurdamente delirante a ele mesmo e à mãe dele?

E não seria surpreendente que o atual e condecorado Monsenhor Scognamiglio – que garante que o espírito de PCO passou diretamente para o seu peito, quando ele pousou a cabeça sobre o cadáver de Plínio – não seria surpreendente que ele organizasse para si mesmo o culto que antes montara para seu mestre, Plínio?

Quem pensa que entre os Arautos não exista um culto delirante a Monsenhor Scognamiglio é bem ingênuo e está bem iludido.

Só não acredita nisso, segundo consta, um Cardeal que foi ao êremo de São Bento, levando na mão uma Ladainha de João Clá, exigindo dele explicações. O atual Monsenhor Scognamiglio, com toda sua seriedade e eremítica sinceridade, garantiu que a tal ladainha era uma coisa isolada de algum jovem maluquinho, e imediatamente fez trazer ladainhas e outras coisinhas mais, e as queimou todas diante do Cardeal...

É o que se contou.

É o que o tal Cardeal acreditou. Pensou que tudo acabara. Não havia mais culto secreto entre os Arautos, nem para Dr. Plínio, nem para Dona Lucília, e nem para João Clá. Monsenhor Scognamiglio garantia.

E quando Monsenhor Scognamiglio garante,... um Cardeal é enganado.

E o Cardeal acreditou...

Assim é que se dão rasteiras em Cardeais.



## **Segunda Parte A CONTEMPLAÇÃO SACRAL DO UNIVERSO**

## Capítulo I - Que é Contemplação e que é o “Sacral” para PCO? Jeitinhos de PCO para enganar seus leitores e ouvintes.

Logo no primeiro capítulo da Segunda Parte do livro em foco, capítulo que trata da contemplação “sacral” como antídoto do laicismo, Plínio faz uma exigência, à qual ele é totalmente infiel:

A terminologia é elemento relevante em qualquer estudo.  
(Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, ed. cit., p. 67).

Sem dúvida. Essa é uma grande verdade. Que ele imediatamente viola, ao dar sentidos particulares aos termos que ele vai empregar.

Essa era uma tática costumeira em Dr. Plínio: afirmava que ia usar um termo em certo sentido especial ou impróprio. Depois, passava para o sentido próprio do termo, e, a seguir, voltava para o impróprio, ou para o sentido “especial”, praticando uma anfibologia terminológica bem cômoda para sofismar e, se fosse preciso, se defender, caso alguém apontasse erro em suas demonstrações.

Com essas anfibologias, tinha ele sempre uma rota de fuga aberta contra objeções possíveis.

Assim, nessa mesma página acima citada, logo depois de afirmar a importância da terminologia precisa, ele diz que vai usar os termos contemplação e sacral em sentido particular...

Razão tinha então Paulo Corrêa de Brito Filho, quando, preveniu o leitor desse livro, dizendo que Dr. Plínio não tinha ordem lógica em suas conversas, e nem usava terminologia precisa. (Cfr. Paulo Corrêa de Brito Filho, **Ao Leitor**, p. 16, na apresentação da obra que estamos analisando).

Se “contemplação” e “sacral” são palavras tomadas em sentido particular, importa, antes de tudo, compreender bem o que significam, então, para Dr. Plínio, essas palavras, nessa segunda parte de seu livro.

Vejamos o que ele entendia por contemplação.

A palavra contemplação normalmente significa olhar longamente algo, procurando compreender o seu sentido mais profundo.

É o que expõe, por exemplo Hugo de São Victor ao distinguir os vários modos e graus de pensamento ou modos de conhecimento humano: por cogitatio, meditatio, speculatio ou contemplatio.

Para esse pensador medieval do século XII, depois de nomear as coisas, em consequência do conhecimento de algo através de sua forma substancial, o homem deveria meditar mais profundamente o seu significado simbólico. Essa tarefa é árdua, e Hugo de São Victor a compara com o cavar de um poço para encontrar água. O trabalho de cavar é duro, e muitas vezes frustrante. Só depois de pensar arduamente no que uma coisa é, o homem chegaria a compreender como essa coisa reflete algo de Deus, através de vestígios, símbolos imagens e semelhanças com Deus.

Conforme explicará, já no século XIII São Boaventura, nas coisas irracionais há apenas vestígios de Deus. Nos seres que pensam e conhecem – anjos e homens – há imagens de Deus, visto que neles, como em Deus, há inteligência e vontade. Finalmente, nos seres que conhecem, pode haver ainda semelhança com Deus pela presença neles da graça santificante, da santidade, que é a vida de Deus na alma.

A meditação, então, com dificuldade procura ver os vestígios de Deus nas coisas criadas, isto é, a unidade, a verdade, o bem e a ordem das coisas. Isso se faz com esforço.

A seguir, o homem, pela especulação busca ver, como num espelho, como em todas as criaturas se espelham simbólica e analogicamente as qualidades invisíveis de Deus, segundo o que São Paulo ensinou na Epístola aos Romanos, que, depois da criação, as qualidades invisíveis de Deus, tornaram-se visíveis, nas coisas criadas(Rom. I, 20).

Depois, o homem deve reconhecer ainda como as imagens de Deus, e a semelhança com Ele brilham nos anjos e santos.

Finalmente, o homem deve relacionar tudo o que conheceu com esforço pela meditação, pela especulação simbólica, pelas imagens e semelhanças de Deus nas coisas e nos seres conhecedores, e em suas ações, considerando, a seguir, o conjunto delas, e como esse conjunto das coisas reflete a Deus. Isso é que seria a “*contemplatio*” uma consideração intelectual e amorosa de tudo o que se conheceu e compreendeu.

Hugo de São Victor compara a meditação penosa com a lenha verde ao fogo. Esta com dificuldade pega fogo. Ela se aquece e sua seiva borbulha fervendo numa das

extremidades do ramo verde. Sua seiva ferve e exala mau cheiro. Nessa fase, há muita fumaça e não há fogo.

Assim também é a meditação no coração do homem, fazendo as paixões ferverem e emitirem mau cheiro e a fumaça das distrações. Mas sem a chama da compreensão da verdade. Sem o calor do amor. Só fumaça. Sem luz da verdade e sem o calor do amor.

Depois, quando a madeira se seca ao fogo, de repente, irrompe uma labareda que se agita, e sempre sobe em direção ao céu. Ela tem mais brilho do que calor. Essa chama representa a alegria da especulação que permite ver a Deus “*in speculo*” através dos símbolos. Na especulação há luz brilhante e agitada, mas pouco calor ainda.

Pouco a pouco, a labareda envolve a madeira num abraço suave e constringente, que vai penetrando nela, e reduzindo-a a brasa. E quando tudo estiver em brasa, já não há mais madeira mas só fogo, de tal modo que a madeira poderia “dizer” já não sou eu que vivo, mas o fogo é que vive em mim. E não há nem fumaça, e nem labareda. Mas as brasas pulsam só com luz e calor, com verdade e amor. Essa é a contemplação.

Sem dúvida, essa explicação de Hugo de São Victor é magnífica, e de beleza única pela verdade que tem, expressa com tanta poesia.

Nada de semelhante a isso aparece em Plínio Corrêa de Oliveira, que se limita a falar apenas em contemplação sensível, reduzindo-a a um olhar admirativo e sensível, isto é , com sensações ou impressões, produzindo nele apenas imaginações, que ele confunde com pensamentos.

Por exemplo, ao “contemplar” um copo de chopp, ele deveria buscar apenas os vestígios de Deus que poderiam existir nesse ser artificial, pois o chopp não é um ser racional, e nem foi criado diretamente por Deus, mas feito pelo homem.

Ou poderia compreender os símbolos que no copo de chopp possam existir. Em concreto, ao analisar um copo de chopp, Plínio se limita a imaginar um super chopp, que fosse idealmente dourado. Um chopp onde habitasse a luz... (Ver mais adiante, página 153, o texto de PCO sobre o degustar de um copo de chopp).

Esse método imaginativamente contemplativo, ao extremo, redonda na fórmula romântica expressa por Novalis:

Enquanto dou ao que é vulgar um alto significado, ao que é comum um aspecto enigmático, ao conhecido a dignidade do desconhecido, ao finito uma aparência infinita, eu o torno romântico. (In Mario Puppo, **II Romantismo**, Ed Studium, Roma, 1973, p. 80).

Claro que nessa apresentação do romantizar, feita por Novalis, o essencial está no atribuir imaginativamente valores dialeticamente contrários a alguma coisa. A dialética gnóstica é um dos elementos essenciais do romantismo.

Romantizar é dar valor sublime ao prosaico, ou tratar vulgarmente o sublime.

O Romantismo imagina. Sonha. Delira.

A Sabedoria católica é virtude intelectual.

Ela medita e compreende.

Plínio só imagina.

Vejamos como Plínio utiliza um segundo método de iludir, mutilando convenientemente suas citações.

Para fundamentar a sua noção de contemplação, Plínio cita o Padre Tanquerey: “contemplar, em geral, é olhar um objeto com admiração” (Padre A. Tanquerey, **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**, Livraria Apostolado da Boa Imprensa, Porto, 6ª edição, p. 145, in PCO. **A Inocência...**, p. 67).

Com essa simples citação, PCO coloca Tanquerey como dando apoio à sua tese de contemplação “imaginativa-admirativa”.

A admiração vai desempenhar um papel importante nos desvarios plinianos. Daí, ele procurar apoiá-la na autoridade de um autor considerado como Tanquerey.

Este é um autor bem conhecido e bem afamado. E, com razão, ele diz que o contemplar exige o admirar. Mas admirar é principalmente olhar com os olhos do intelecto, amando algo que se compreendeu. Admirar não é apenas ficar olhando materialmente e... “imaginando”, sonhando, como dizia PCO.

O autor do livro em foco simplesmente omite o mais importante do que diz Tanquerey. E o que ele mutila o restante da explicação de Tanquerey (Veremos isso, logo mais), no que ela contraria a sua noção de contemplação somente sensível e imaginativa, sem intelecção.

Tanquerey trata da Contemplação no Livro III de sua obra sobre ascética e mística, quando discorre sobre a Via Unitiva. Distingue ele contemplação natural de contemplação sobrenatural, uma distinção essencial, que Plínio omite.

1297. 1º **Contemplação natural.** “Contemplar, em geral, é olhar um objeto com admiração. Há uma contemplação natural, que pode ser sensível, imaginativa ou intelectual.

1 - É sensível, quando se fita longamente e com admiração um belo espetáculo, por exemplo, a imensidade do mar ou uma cadeia de montanhas.

2 - Chama-se imaginativa quando, pela imaginação, alguém se representa longamente com admiração e afeto, uma coisa ou uma pessoa amada.

3 - Denomina-se intelectual ou filosófica, toda a vez que se detem o espírito com admiração, e por meio de uma simples vista, sobre alguma grande síntese filosófica, por exemplo, sobre o Ser absolutamente simples e imutável, princípio e fim de todos os seres”.

1298 – 2º **Contemplação sobrenatural.** Há também uma contemplação sobrenatural, e é dela que falamos. Vamos expor a sua noção e as suas espécies.

A) **Noção.** O termo contemplação designa em sentido próprio, um ato de simples vista intelectual, **abstraindo dos diversos elementos afetivos ou imaginativos que a acompanham;** mas quando o objeto contemplado é belo e amável, é acompanhado de admiração e amor”. (AD. Tanquerey, **Compêndio de Teologia Ascética e Mística**, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1940, Livro III, nos 1297-1298, p. 810. Destaques nossos).

Tanquerey trata então da contemplação sobrenatural que exclui os aspectos afetivos e imaginativos.

E a noção de contemplação de que Plínio trata, na obra que estamos focalizando, é fundamentalmente sensível e imaginativa, e não intelectual, e muito menos então sobrenatural. Mais ainda, ela é o oposto do que diz Tanquerey da contemplação sobrenatural, “simples vista intelectual”.

Como na doutrina pliniana a admiração terá papel bem importante, voltaremos, a tratar dela mais a fundo.

Os organizadores da edição do livro em foco, -- não PCO-- enxertaram uma definição mais exata de contemplação para dar mais ortodoxia ao que diz Plínio:

**A contemplação sacral é, pois, a contemplação da imagem, da semelhança, ou dos vestígios de Deus no Universo** – ou seja, no mundo que nos cerca, nas cidades, nas famílias, nas instituições, na arte, nos animais, nas plantas, nos pormenores de cada objeto. (PCO, **A Inocência**... enxerto posto na p. 69).

Porém, nos textos de PCO não se fala disso seriamente. É só de admiração sensível e imaginativa, sonhadora, que PCO trata.

Vimos então dois métodos – jeitinhos plinianos--para enganar seus leitores ou ouvintes: a imprecisão terminológica e a mutilação das citações.

Imprecisão terminológica, pois Plínio usa um termo, ora num sentido próprio, ora num sentido particular, e ainda em outros matizes secundários, num camaleontismo terminológico que lhe permite passar de um sentido para outro, praticando uma anfibologia que lhe garante o sofismar, tendo sempre aberta uma porta de fuga, para quando for pego num erro, dizer que não usou o termo apontado no sentido condenável, mas noutro.

Um terceiro jeitinho pliniano para ir enganando sutilmente o leitor são as suas in-definições. Nada mais vago e impreciso que as definições de PCO, nas quais, muitas vezes, ele usa comparações vagas e termos dúbios. Ele fala de “não sei quê”, de “um como quê”, de “um imponderável”, de um “parece que” etc.

No final, não se tem nada claro o que, de fato, ele exprimiu. Suas definições brumosas são sempre cortinas de fumaça que permitem a ele escapar de objeções possíveis, ou insinuar erros sem dizê-los muito expressamente.

Quarto jeitinho escorregadiamente saponáceo pliniano para iludir o leitor são suas distinções imprecisas e por vezes por neologismos.

Veja-se a distinção entre sacro e sacral, feita por Dr. Plínio, nesse livro. O termo sacral não existe na língua portuguesa. Plínio usava a palavra sacro (sagrado) para referir-se, como todo o mundo faz, à esfera religiosa. Sacral foi um neologismo que ele tirou do francês, provavelmente de Maritain, pois que essa palavra aparece no Petit Robert, dando como exemplo uma frase de Maritain, para se referir à esfera temporal

sacralizada na Idade Média. Contemplação sacral seria então o olhar com admiração os seres do mundo não religioso (Cfr., **A Inocência...** p. 75).

São Paulo afirma taxativamente que as qualidades invisíveis de Deus, depois da criação, se tornaram visíveis nas coisas criadas (Rom I, 20).

O universo foi feito semelhante a Deus. Tanto que Jacob chamou o local em que viu a escada ligando o céu à terra de Bethel, Casa de Deus, pois o universo material é semelhante ao Criador, e o Universo é como que sua casa (Bethel).

E no dicionário da língua portuguesa de Houaiss, a palavra sacral aparece apenas como adjetivo referente ao osso sacro. Portanto, sem nenhuma relação com algo de sagrado.

Essa distinção entre o mundo religioso (sagrado), e o mundo profano (sacral) não existente nem na Teologia, vai ser levada por PCO a extremos, a ponto de separar quase que totalmente – como se não tivessem relação – o que é essencialmente religioso (sagrado) do que é profano ou laico (sacral); a separar a atividade dos santos, daquela dos leigos, como se, ser santo, fosse o contrário do que é um leigo:

Embora devamos ser grandes admiradores dos santos que restringiram sua ação à esfera religiosa, é natural que a atividade dos leigos tenha em vista especialmente o mundo temporal. (PCO, **A Inocência...**, p. 77).

Uai!

Os santos só atuaram na esfera religiosa?

Os leigos devem se limitar à esfera temporal?

Por que então o leigo Plínio tratava de doutrinas religiosas?

E a esfera religiosa é estanque face à esfera temporal?

Afirmar que os leigos devem cuidar só do “sacral” (temporal) e não do sagrado é contrariado pelos santos que buscaram santificar a esfera religiosa e a civil também.

É o que fez Santa Joana d’Arc. Como conseguiu ela unir santidade e laicidade?  
Sagrado e profano?

E o que fez Santa Francisca Romana, enquanto leiga?

A formulação imprecisa de PCO ao distinguir sagrado de sacral tende a separar santidade e laicidade, sagrado e profano, a esfera religiosa da esfera temporal, a separar a Igreja do Estado. Como se a santidade ficasse restrita à esfera religiosa ou eclesiástica, não se preocupando com a esfera temporal. O que é puro liberalismo.

Isso parece comprovar que PCO se inspirou mesmo em Maritain, no usar essa palavra.

É isso que explica porque Plínio Corrêa de Oliveira, que se apresentava como o paladino da ortodoxia e do “sacral”, defendeu a separação entre a Igreja e o Estado, quando foi Deputado da Constituinte, no Rio de Janeiro, na década de trinta, conforme consta de seus discursos e debates publicados no Diário Oficial daquele tempo. Nessa ocasião, como leigo, ele estava tratando da esfera temporal...

É bem conhecido que a tese liberal da separação entre Igreja e Estado foi condenada por Pio IX no Syllabus.

Nenhum tradicionalista–mormente europeu–defenderia a separação entre Igreja e Estado. Nenhum escritor tradicionalista se permitiria chamar de “Cruzado do Século XX” quem defendesse a tese liberal da separação entre Igreja e Estado.

Entretanto, eis o que defendeu Plínio C. de Oliveira, como deputado “católico”, na Assembléia Constituinte de 1934, conforme o texto oficial, publicado no **Diário da Assembléia Nacional**:

**O Sr. Correia de Oliveira** -- “Julgo representar bem o pensamento católico. E posso afirmar a V. Excia. que o episcopado brasileiro não deseja absolutamente a restauração da união da Igreja ao Estado, pelo simples motivo de que, sendo uma situação, em tese, ideal, porquanto reconhece à Igreja verdadeira os direitos que tem, em virtude de seu mandato divino, é, no entanto, uma situação de fato que provou mal na experiência que tivemos durante o império. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Debate na Assembléia Nacional Constituinte, in Diário da Assembléia Nacional**, Quinta Feira, 14 de Dezembro de 1933, p. 409, 1\* coluna).

Eis aí Plínio, defendendo a tese liberal de Monsenhor Dupanloup sobre a separação entre Igreja e Estado, adotando a famosa distinção liberal entre tese e hipótese.

E não bastando, o ter defendido a tese liberal condenada pelo Syllabus, Plínio Correa de Oliveira, que sabia adaptar-se aos ambientes, conhecendo a influência do positivismo na Maçonaria Brasileira e Republicana, ele, oficialmente monarquista e católico, fez pior.

Veja a quem ele citou, para firmar sua tese liberal :

**O Sr. Corrêa de Oliveira** -- "Peço permissão para contraditar o conceito do orador, apresentando-lhe a opinião de Augusto Comte, que disse que a distinção entre os poderes espiritual e temporal foi feita exatamente pela Igreja. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Debate na Assembléia Nacional Constituinte, in Diário da Assembléia Nacional**, Quinta Feira, 14 de Dezembro de 1933, p. 409, 1\* coluna).

Embora seja verdade que a Igreja distingue – e distinguir não é separar -- o poder espiritual e o temporal, socorrer-se da autoridade do positivista Augusto Comte é lamentável. Se ele quisesse citar Comte como argumento *ad hominem*, ele poderia tê-lo feito, sim, mas tinha a obrigação de fazer alguma restrição ao fundador do positivismo. Restrição que o Sr. Plínio Corrêa de Oliveira não fez.

Um quinto jeitinho ludibriador de PCO era a redundância circular, que faz o leitor perder o rumo, pelas voltas e reviravoltas que Plínio dava às suas frases torcicolosas, para o leitor perder o seu norte. Veja-se esta, por exemplo:

O homem deve ter um **olhar** habitualmente **contemplativo** e meditativo a respeito das coisas que vê, para ser um **contemplativo da vida terrena**. Quer dizer, uma pessoa que **olha** a vida terrena e é capaz de **contemplá-la**. (PCO, **A Inocência...** p. 69).

Precisão terminológica produz clareza. A redundância, torcicolosa e circular, desnorteia e nada explica.

Finalmente, um sexto método de ilusionismo usado por PCO consistia em simplesmente usar como sinônimos palavras que não eram equivalentes. Por exemplo: imaginar em lugar de pensar, sentir como compreender, impressão como conhecimento.

A “contemplanção sacral” de que fala PCO em seu livro tem sentido bem diverso do que aparentemente significa.

É com esses métodos redacionais que Plínio de romântico se transvestiu de líder católico. Tomista.

## Capítulo II - Contemplação ou Imaginação

A **compreensão** dos vestígios de Deus, nos seres irracionais, da imagem de Deus nas criaturas dotadas de inteligência e vontade, e da semelhança com Deus, nas almas santas, que vivem em estado de graça, só é possível através de ato intelectual. Nunca pela mera imaginação.

Quando Plínio faz o que ele chama de exercício de “*transcendência sacral*”, por exemplo, “**Degustando um copo de chopp...**”, na realidade, ele faz o que Novalis fazia e recomendava fazer para romantizar: dar ao vulgar um valor sacral, por meio da imaginação.

Isso nada tem a ver com a contemplação mística católica que é essencialmente intelectual, e se fundamenta na realidade objetiva do ser. Nunca no imaginário.

É então um exercício de “*contemplação*” imaginativa romântica o que Plínio vai fazer à página 302 desse seu livro, onde se reproduz a “*contemplação sacral*” de Plínio sobre o chopp, intitulada **Degustando um chopp...**(PCO, **A Inocência...**, p. 302).

Veja-se na contemplação sacral do copo de chopp o que PCO imagina:

Não terei **entendido** um chopp se não conseguir **imaginar** o chopp perfeito. Depois de o ter **imaginado**, esse chopp imperfeito me faz **compreender** um ser possível que é a alegria de minha vida.

(...) No chopp, eu via a possibilidade de ser muito mais do que era, e esta possibilidade me falava de Deus. (PCO, **A Inocência...**, p. 302).

Esse exercício de “*contemplação sacral*” mostra como Plínio passava do “*imaginar*” para a “*compreensão*” de um ser possível que seria a alegria de sua vida, -- um super chopp-- algo “que lhe falava de Deus”.

Por isso mesmo, na “*admiração*” e na “*contemplação*” plinianas se repetem, literalmente ad nauseam, termos típicos do romantismo como “sentir”, “ter a sensação”, “ter a impressão”, “imaginar”, “sonhar”, “idealizar”, “ter o ideal” etc.

Exatamente o que Tanquerey exclui da contemplação sobrenatural.

Novalis resume a posição romântica, quando escreve: “O pensamento é apenas o sonho do sentir, é um sentir entorpecido”(Apud Gerd Bornheim, **A Filosofia do**

**Romantismo**, in J. Guinsburg, **O Romantismo**, ed. Perspectiva, São Paulo, 1978, p. 96).

PCO também vai valorizar antes o sentir do que o compreender:

Por exemplo, no artigo “**O Senso Comum e a Procura do Absoluto**” (In Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27 -30), Plínio afirma que o primeiro passo para “saborear os bens espirituais “ consiste em sentir:

Não se trata apenas, ou sempre, de fazer a explicitação das coisas percebidas pelos sentidos. **O passo inicial indispensável é uma espécie de sentir do qual nascerá mais tarde a explicitação.** Esta seria o segundo estágio, **menos imprescindível**, enquanto **o primeiro é o mais precioso**, porque dele depende o resto do processo. (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**, in Revista Dr. Plínio, ano VII, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27. Os destaques são nossos).

Portanto, para PCO, o fundamental e o mais precioso seria uma espécie de sentir.

E ele insiste nesse ponto como fundamental:

**Insisto na importância desse primeiro sentir:** sem uma espécie de **vivência** (palavra perigosa, mas adequada às nossas reflexões) muito rica do objeto ou situação apreendidos pelos sentidos as etapas posteriores serão nulas. (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**, in Revista **Dr. Plínio**, ano VII, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27, O destaque é nosso).

Portanto, um primeiro sentir existencialisticamente “vivencial” seria o essencial para a compreensão.

Só depois viria a explicitação do que havia já de conhecimento inato na alma.

É no capítulo II dessa segunda parte de seu livro, que Plínio vai tratar especialmente da **admiração como ponto de partida – e de chegada- da contemplação sacral.** (PCO, *A Inocência...*, p. 85).

E logo ele dá o que julga ser o conceito da admiração:

“A admiração – etapa primeira da contemplação sacral–é a capacidade de se maravilhar. E de se maravilhar humilde e desinteressadamente. Podemos dizer que a admiração é

uma virtude `cristianíssima” (PCO, *A Inocência...*, p. 86).

Estranha formulação.

O maravilhamento – o “*émerveillement*”, como diz PCO em francês é um modo de se emocionar. É uma reação sensível. “*Émerveillement*” no dicionário francês significa “*maravilhamento, pasmo*”.

Nem todo homem tem emotividade, ou sensibilidade em mesmo grau, que possa levar ao pasmo. Alguns homens são pouco emotivos, e reagem com frieza diante de fatos ou coisas que em outros causam entusiasmo, sensação ou pasmo. Nem por isso não compreendem. São Tomás compreendia muito, e entretanto era pouco emotivo.

A admiração é comum a muitos homens. Ela é causada pela **compreensão** do alto valor de algo, ou da manifestação muito clara de uma verdade. Ela pode produzir uma emoção maior ou menor na sensibilidade das pessoas, pois que elas são desigualmente emotivas. Daí, haver graus de maravilhamento e pasmo. Mas não é que pessoas emocionalmente frias sejam incapazes de compreender e de admirar. E sendo a admiração um ato natural, ela não pode ser dita uma virtude cristianíssima, portanto virtude sobrenatural. Há maometanos capazes de admirar certos valores ou ações. E neles essa admiração é apenas natural, posto que eles não têm vida sobrenatural, visto que não são batizados.

Plínio diz então:

A admiração tem dois graus. Um grau é a admiração daquilo que a pessoa tem diante de si. E outro grau é reportar essa coisa a Deus Nosso Senhor, de maneira a colocá-Lo no termo final dessa admiração. “Deus é o autor do que estou admirando, e tem isso de modo infinito. Mais do que ter isso, **Ele é isso**. (PCO, *A Inocência...*, p. 86. O destaque, com cheiro de panteísmo, é do próprio Plínio).

Que imprecisão sublinhada!

"Deus é isso"?

Para ser benevolente, diga-se que foi uma imprecisão. Mas com cheiro e sabor de panteísmo. Ou de Gnose.

Mas ainda bem que, desta vez, a coisa admirada foi referida a Deus e não a seres possíveis como a um super-chopp da Trans-esfera...

Depois de dizer que aquilo que admiramos penetra em nós, Plínio vai voltar a dizer mais uma coisa contraditória.

Infelizmente as pessoas são mais ensinadas a praticar a virtude do que a admirá-la. Ora, em relação a toda virtude, é preciso ter uma admiração profunda, **uma admiração razoável que proceda da razão** (sic), da inteligência iluminada pela fé. E é depois de prestar à virtude esse preito de admiração que se tem a disposição de ânimo necessária para praticá-la. Portanto, é só depois que se admirou a virtude como se deve que se está em boas condições de praticá-la. (PCO, *A Inocência...*, p. 69. O destaque é nosso).

Seria bem difícil ter uma admiração razoável que não procedesse da razão...

Só Plínio poderia imaginar esse impossível.

Toda admiração **razoável** necessariamente tem que proceder da razão.

E como diz PCO que há pessoas mais ensinadas a praticar a virtude do que a admirá-la, e logo depois diz que é só depois de admirar a virtude é que se tem a disposição para praticá-la?

Afinal, é possível praticar alguma virtude sem tê-la antes admirado, ou não?

Imprecisão. Ambiguidade. Confusão.

Daí ele dizer:

Tudo aquilo que vemos, portanto, é para nós um exercício de maravilhamento. Em francês se diz: *émerveillement*.

Cada coisa convida o homem a **imaginar** como ela seria se fosse maravilhosa. (PCO, *A Inocência...*, p. 69. O negrito é nosso).

Note-se como ele passa logo do maravilhar-se para o **imaginar**.

O autor que examinamos é, por vezes, astutamente ambíguo:

Vejam-se, estas duas frases:

Além do aspecto diretamente religioso da vida de piedade católica, nosso espírito deve subir às mais altas **elucubrações, sem nunca perder o senso da realidade** na qual atuamos. Isso **não significa** deixar-se levar por sonhos, devaneios inúteis e estéreis, e sim um empenho

em aprofundar-se continuamente nas coisas de Deus.  
(PCO, *A Inocência...*, p. 77. Os destaques são nossos).

Note-se a contradição flagrante de PCO: claro que só tem o senso da realidade quem **não se deixa levar por sonhos** e devaneios. Ora, PCO vai defender os sonhos. Vai elogiar o sonhar! Vai viver sonhando.

Como então PCO fala até em “*sonhar realidades*”?

Como escreveu ele que:

A França, este sonho que põe o mundo a sonhar ou A França que não sonha é um arrabalde de si mesma. (PCO, *A Cavalaria não morre, excertos do pensamento de Plínio Correa de Oliveira*, selecionados por Leo Daniele, Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1998, pp. 16 e 37).

E como o primeiro sub título do capítulo II da segunda parte do livro sob nosso exame afirma: “O verdadeiro pensador deve examinar acuradamente a realidade” (PCO, *A Inocência...*, p. 93). E logo na página seguinte, Dr. Plínio diz que ao invés de aprender nos livros, ele sabia tudo por uma intuição interior, que lhe bastava explicitar para julgar de todas as coisas exteriores a ele.

Mas então ele não examinava acuradamente a realidade exterior, e sim o que ele imaginava ser a sua realidade interior, as suas supostas matrizes inatas do ser.

Já tivemos ocasião de examinar esse texto que aqui repetimos:

Eu tinha, talvez, uns 25 ou 30 anos--- [Foi entre 1933 e 1938, quando ele começou a dar aulas de Historia em Faculdades, por nomeação política, sem jamais ter estudado História regularmente] – quando compreendi que o melhor de minha vida intelectual não consistia tanto em aprender coisas sobre o que não sabia, quanto em encontrar os conceitos para exprimir o que por mim mesmo tinha percebido. Aliás, como é bem sabido, essa é a característica de todo verdadeiro pensador, como eu pretendia ser. (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência Primeva e a Contemplação sacral do Universo*, ed. Cit. p. 94).

Intuição interior de si mesmo e explicitação do que há no interior do homem essa é a fórmula da ciência pliniana. E isso é puro modernismo gnóstico.

### Capítulo III - Confusões Plinianas Sobre os Símbolos

Outro ponto a criticar na doutrina de PCO é a sua noção errada dos símbolos.

É bem conhecida a definição do Pseudo Dionísio de símbolo. “Símbolo é o inteligível no sensível”. Todo símbolo necessariamente é algo material que remete a uma idéia ou valor espiritual.

Do concreto, o símbolo faz passar para o abstrato e para o espiritual. Para Dr. Plínio dar-se-ia o inverso: passaríamos do conhecimento inato para a análise do concreto. Daí, para Plínio, o símbolo material viria confirmar conhecimento anterior e interior inato no homem. Analisaremos essa inversão feita por Dr. Plínio com relação aos símbolos mais adiante, neste livro, quando tratarmos da teoria de Dr. Plínio sobre o conhecimento inato do homem, e o que ele chamava de câmara obscura. (Cfr. Quarta Parte, cap. V, sobre a Gnose da TFP).

O “doutor” da antiga TFP – e pusemos desta vez a palavra “doutor” entre aspas porque ele foi doutor somente imaginativamente... na Trans-Esfera - aparentava seguir a doutrina católica a respeito do conhecimento das qualidades invisíveis de Deus através das qualidades visíveis das criaturas, conforme ensina São Paulo na Epístola aos Romanos (I, 20).

Na realidade, ele fazia uma grande confusão entre símbolos, transcendentais, imaginação, conhecimento conceitual, intuição e abstração, entre seres possíveis e entes de razão, entre seres imaginários, como as quimeras e as fadas, e seres possíveis na mente divina. Uma salada metafísica e epistemológica é o que havia na mente imaginativa de Plínio, praticamente única fonte original de seu “saber” trans-esférico.

Veja-se a confusão que ele fazia a respeito do que é símbolo.

#### **O universo material é um edifício simbólico imenso.**

No sentido comum, o símbolo é algo convencional. Por exemplo, um símbolo de trânsito: convencionou-se que tal figura indica determinada coisa a fazer ou deixar de fazer. (PCO, *A Inocência...*, p. 97).

Ora, sinal de trânsito não é um símbolo. É só um sinal.

Por isso, é convencional.

O sinal é gratuito.

As letras e os números que usamos são sinais convencionais. Não são símbolos. Assim a letra P em nosso alfabeto indica um som consonantal diferente da mesma letra no alfabeto grego. O sinal para designar três unidades – o sinal 3 – entre os romanos era indicado pelo sinal III.

Sinais são convenções humanas.

O símbolo não é convencional.

O símbolo é natural.

É feito por Deus.

A serpente tem, em si, no seu ser e no seu modo de atuar, um significado posto pelo Criador.

O símbolo é natural e objetivo.

Plínio não sabia a diferença entre símbolo e sinal.

Como já dissemos, a definição de símbolo normalmente usada é a que foi elaborada pelo Pseudo Dionísio: “Símbolo é o inteligível no sensível”.

Símbolo é, pois, uma idéia compreensível pela inteligência humana, colocada por Deus num ser material, para fazer conhecer analogicamente algo espiritual, sobre natural ou preter natural.

O morcego é símbolo do demônio, porque é um "rato" que voa. Ele não enxerga na luz. Só vê nas trevas. Vive de cabeça para baixo, e vive do sangue alheio. Todos esses modos de ser, e todas essas imagens fazem pensar no demônio.

Isso é objetivo.

Embora objetivo, o símbolo natural é também ambíguo.

A pomba é, ao mesmo tempo, símbolo de mansidão e de insensatez. Cristo nos disse que fôssemos mansos como as pombas. Mas Deus, no Antigo Testamento, amaldiçoou a cidade que se torna insensata como as pombas (Sof. III, 1).

A serpente é símbolo de traição. Mas também o é de prudência. O fogo representa o amor de Deus, o Espírito Santo. Mas ele representa também o inferno.

PCO parecia desconhecer a doutrina dos símbolos, muito usada pelos autores patrísticos e medievais.

Na página 99 do livro em exame, Plínio dá uma certa concepção correta de símbolo. Mas, a aplicação que imediatamente faz dela é errada.

Diz ele corretamente: “Existe símbolo quando há semelhança entre determinado objeto concreto e alguma coisa de abstrato ou de espiritual. Aí se caracteriza perfeitamente a definição de símbolo”. (PCO. *A Inocência...*, p. 99).

Mas o exemplo que ele dá é errado, pois nele confunde símbolo com comparação, ao dizer que o trovão lembra o rugido do leão. (Cfr. PCO, *A Inocência...*, p. 97). O exemplo contraria o que ele definiu. Entre o trovão e o rugido do leão não colocou Plínio nada de abstrato.

Entre o rugido do leão e o trovão há apenas semelhança de som que permite uma comparação. Um não é símbolo do outro.

E o segundo exemplo que ele dá, logo na frase seguinte, é infeliz e mostra, de novo, que ele não entendeu o que definiu:

Tomemos, por exemplo, esta pena de ave. É um objeto que, por um jogo de circunstâncias análogo ao da espada, simboliza o escritor. Durante muitos séculos, as penas das aves serviram como meio para o homem escrever. Mas entre a atividade intelectual de compor e a atividade manual de escrever há uma certa semelhança, uma certa afinidade. A pena da ave – com aquela espécie de cartilagem central em linha reta e aquela parte da pena propriamente dita – tem uma flexibilidade, uma facilidade em ser conduzida, que lembra a destreza com que o escritor desenvolve o seu pensamento. O próprio fato de aquele cabo ser meio compridão, de tal maneira parece a longura, se assim se pode dizer do pensamento – de um pensamento cheio de construções, de **arrières pensées** – que se pode dizer que entre o **métier** de escritor e uma pena há algo mais do que simplesmente a coincidência histórica de aquilo ter servido durante muito tempo, como instrumento de trabalho para o escritor. (PCO, *A Inocência...*, p. 99).

Que confusão!

Como “entre a atividade intelectual de compor e a atividade manual de escrever há uma certa semelhança, uma certa afinidade”?

Diz um ditado italiano que “a caligrafia é a ciência dos asnos”. Isso para dizer que até alguém pouco inteligente pode ter habilidade em escrever com boa caligrafia, que é apenas uma habilidade manual.

Quando se diz: “Machado de Assis foi uma das penas mais brilhantes da literatura brasileira”, se faz uma metáfora. Não se fez um símbolo.

A metáfora une diretamente um sujeito a um predicativo dele: Machado de Assis, pena ilustre (Machado = foi uma pena ilustre). Ricardo, o Leão da Cruzada (Ricardo = foi um leão na cruzada). Essas são metáforas, que são uma forma de comparação nas quais se elimina o comparativo “como”.

O leão é símbolo de valentia. Isso porque na forma física do leão, na maneira como ele ataca, se vê, analogicamente, o valente que não teme o perigo.

O leão é símbolo de grandeza. Não só por sua juba majestosa. Mas também porque ele é incapaz de ver coisas pequenas, e assim ele se torna símbolo da grandeza que uma alma humana pode ter, ao desprezar o que é mesquinho. “*Aquila non capit muscas*”, diz o ditado. “*Leo non capit mures*” (A águia não caça moscas, e o leão não caça ratos).

O porco é símbolo de baixeza, porque ele tem uma dobra no pescoço que o impede de olhar as estrelas. E assim ele se torna símbolo do homem materialista e impuro, que só olha para as coisas baixas, e jamais para o céu. Isso não é convencional.

No texto de Plínio sobre a pena e o escritor, ele só faz comparações. E algumas delas ridículas como a que se refere ao “próprio fato de aquele cabo ser meio compridão”, e se o compara com a “longura” do pensamento do escritor. Ele poderia ter comparado a pena com colher de pau para remexer sopa num panelão.

Plínio não conhecia as diferenças entre símbolo, sinal, comparação, metáfora, metonímia etc.

Daí, essas infantilidades meio “compridonas” e com uma longura”...

É o que dá pretender tirar tudo da própria cabeça, sem querer estudar...

E que dizer de sua admiração a um *pensamento cheio de construções, de arrières pensées*”?

Só tem “*arrières pensées*” quem não é franco e nem leal...

Teria sido essa uma confissão involuntária? Quer-se mais uma prova do que a intuição explicitadora de Plínio é capaz de descobrir, isto é, de fazer confusão?

Êi-la:

A via abstrativa é que chega à verdade por meio de raciocínios; a via simbólica é aquela que, operando sobre determinadas formas, cores e sons de objetos expressivos, dá ao indivíduo a noção de que as **exterioridades daquelas coisas lhe revelam, através dos sentidos, uma essência misteriosa, recôndita, de caráter simbólico, existente dentro delas.** (PCO. *A Inocência...*, p.100. Os destaques são nossos).

E via abstrativa seria a do raciocínio...

A abstração não é um raciocínio. Este é sempre composto de uma premissa maior, uma premissa menor e uma conclusão.

Pela abstração captamos a forma substancial de um ser como idéia, retirando-a intelectivamente da matéria do ser.

Raciocinar não é abstrair.

Segundo PCO, a via simbólica permitiria chegar à noção de uma “*essência misteriosa*”, de caráter simbólico, existente dentro das coisas...

Se a essência é existente, está em ato, e então não é uma coisa de “caráter simbólico”, existindo dentro de outra coisa.

Que confusão genial!

Se fosse assim, a bravura simbolizada pelo leão estaria substancialmente no leão. Plínio diria que ela estaria “inviscerada” no leão...

O que dá o que pensar. E suspeitar.

Fica patente que Plínio não sabia o que é símbolo, nem o que é abstração, nem o que é essência.

É o que dá confiar só na própria “*intuição*” interior. Isto é, sua “*batatada*”, como dizia o próprio PCO, sem saber, fazendo uma metáfora.

É o que no Brasil se chama vulgarmente de “chutar”, para enganar, fingindo que se sabe algo.

E continua Plínio a sua sabedoria simbólica chutológica:

O emprego das duas vias de conhecimento é, portanto, necessário para o conhecimento da realidade. Porque os conceitos abstratos só chegam a seu termo final de elaboração quando convertidos novamente em imagens ou figuras. (PCO, *A Inocência...*, p. 100).

Os conceitos abstratos só chegariam a seu termo final de abstração se forem convertidos em símbolos concretos???

Não é uma maravilha dialética chutológica? O abstrato só é realmente abstrato se, no final, voltar a ser reduzido ao concreto.

E PCO se dizia tomista. Um tomista que considera que os *fantasmata* são o termo final do processo abstrativo, quando para São Tomás eles são meios para chegar ao conceito abstrato. Às idéias abstratas. Idéias abstratas que PCO julga concretas.

É o que dá confiar na explicitação da intuição interior proveniente das primeiras impressões.

Plínio diz ainda:

Os símbolos inferiores servem para compreender melhor os superiores nos quais melhor se conhecerá a Deus. É claro que Deus é sempre o termo último. (PCO., *op.cit.*, p. 101).

Assim se iria de símbolo em símbolo. E não de símbolo a uma coisa ou qualidade real, simbolizada num ser material inferior, até chegar à última realidade espiritual absoluta, que é Deus.

Essa formulação de Plínio não explicita que os símbolos são coisas reais materiais que nos falam analogicamente de Deus, realidade espiritual absoluta e última. Se ela fosse uma formulação correta, como se poderiam incluir nela os possíveis da Trans-Esfera, seres imaginários e não reais?

Para que, PCO os imagina, se a escala dos seres reais remete a Deus?

Valentemente Plínio continua intuindo e explicitando:

Por exemplo, uma natureza morta, digamos uma cesta de laranjas atrás da qual há uma jarra. No quotidiano, trata-se geralmente de algo banal, a que nem prestamos atenção. Mas o verdadeiro artista capta o significado de cada laranja e de cada maçã naquela cesta, e o da jarra, e o coloca em evidência, de uma maneira sugestiva. (PCO, *A Inocência...*, p. 101).

Que absurdo!

Poder-se-ia estudar que símbolo existe na laranja, ou na maçã. Mas cada laranja concreta não tem um símbolo particular só daquela laranja singular. O símbolo existente na laranja vale para todas as laranjas. Somente quem nada entende de símbolo, além do que tira da própria cabeça, pode procurar um símbolo particular de cada laranja singular.

De novo, PCO cai no que Novalis chamava de romantizar: dar ao banal - a cada laranja - o significado simbólico do sublime.

Outra prova da confusão de Plínio sobre o que é símbolo se tem na sua afirmação de que o belo é símbolo do bem:

O **belo** é símbolo do **bem**, a verdadeira beleza simboliza o bem; conseqüentemente a **verdadeira arte** simboliza a moral. (PCO, *A Inocência...*, p. 104).

Que confusão estudantil!

Todos esses conceitos pseudo filosóficos mal digeridos por PCO demonstram uma ignorância completa de alguém que nada estudou seriamente, e que usa termos em sentido impróprio, baralhando tudo.

O bem é um transcendental. Isto significa que todo ser, pelo fato de ser, é bom. Todo ser foi criado por Deus, e enquanto criatura, todo ser é coisa, é algo, é um, é bom, é verdadeiro, e é metafisicamente belo.

Ens, res, aliquid, unum, verum, bonum são transcendentais do ser. Cada um deles explicita algo que está contido na noção de ser. Os transcendentais não são símbolos uns dos outros. Eles explicitam algo que já existe na idéia de ser (ens).

Portanto é um absurdo dizer, como faz Plínio que o belo é símbolo do bem, e que a arte simboliza a moral.

Os símbolos expressam analogicamente algo. Os transcendentais são conceitos metafísicos, não são símbolos, pois tudo o que é metafísico é abstrato, e tudo o que é símbolo exige algo de concreto, algo material.

São Tomás não julgava o belo um transcendental. Outros filósofos o tem como tal. O verum é o transcendental relacionado com a inteligência, enquanto o bonum é buscado pela vontade.

Ora, São Tomás define o belo como o bem claramente conhecido. Portanto, no belo se tem a junção de dois transcendentais: o bem (bonum) com o conhecimento claro dele: o verum. E o conhecimento claro do bem é a verdade- o verum – sobre aquele bem. Portanto, o belo se relaciona com a alma toda. O bonum com a vontade, o verum com a inteligência, e o belo (o pulchrum) com a sensibilidade e com a alma toda. O bonum se relaciona com a vontade, o verum com a inteligência, e o belo (o pulchrum) com a inteligência, com a vontade e com a sensibilidade, portanto, com a alma toda.

Logo, o belo não é um símbolo do bem. Como o verum não é um símbolo do unum e do bonum. Como já dissemos, os transcendentais não são símbolos uns dos outros, mas todos eles expressam algo inerente à idéia de ser.

PCO defende uma nova “metafísica”... imaginativamente simbólica:

É preciso haver na sociedade toda uma cultura voltada para a metafísica, não para uma metafísica seca e cartesiana, mas para uma metafísica viva, empapada de símbolos. (PCO, *A Inocência...*, p. 105).

Ora, a Metafísica é a ciência do ser enquanto ser. Ele não é cartesiana. Ela é aristotélica e tomista. Jamais cartesiana. O cartesianismo foi o início da oposição moderna ao que é metafísico. E sendo a Metafísica a ciência do ser enquanto ser, ela é a ciência essencialmente abstrativa, enquanto os símbolos exigem o inteligível no sensível. Uma Metafísica empapada de símbolos – que exigem materialidade, que exigem o sensível–deixaria de ser Metafísica. Plínio quer o abstrato-concreto. O abstrato sensível. O absurdo realizado imaginativamente.

E Plínio falar em Metafísica “viva” lembra a tradição viva de Blondel e dos modernistas. É um puro slogan de Plínio. Um non sense.

Mais adiante, voltaremos a tratar da doutrina dos símbolos de PCO. Por ora, basta de tantas confusões plinianas pseudo filosóficas.

## Capítulo IV - Doutrina Católica sobre os Seres Possíveis em Deus

Passemos à análise da tese central da Segunda Parte desse livro de Plínio Corrêa de Oliveira, na qual ele trata da Contemplação Sacral do Universo.

Vimos que, no Credo, em seu artigo primeiro, afirmamos com certeza que o único Deus, Pai todo poderoso, criou todas as coisas “visíveis e invisíveis”.

No Verbo, “todas as coisas foram feitas, e sem Ele nada foi feito” (São João, I, 3).

Toda a segunda parte do livro de PCO que estamos analisando, se fundamenta na noção dos “seres possíveis” em Deus, noção que PCO deturpa, caindo verdadeiramente em desvios de imaginação por compreensão errônea do que são os “seres possíveis” em Deus.

O erro metafísico fundamental de Plínio nessa questão é julgar que o que é possível idealmente, o que está em potência, está também em realmente em ato. O possível seria existente.

Ora, esse erro é o mesmo em que caiu o modernista Karl Rahner, a alma negra e modernista do Vaticano II.

Ainda recentemente, a revista *Sì Sì, No No*, acusou esse erro em Rahner: “O erro capital de todo, o edifício filosófico-teológico de Rahner é o de transformar subjetivisticamente o que é possível idealmente no que é realmente existente em ato. Mas, “**a posse ad esse non valet illatio**”, ”a passagem do possível ao real não é lícita”; por exemplo, o fato de que eu possa vir a ser milionário não significa que eu o seja realmente em ato” (Padre Paride Pacifici, Rahner: Concilio tradito o compiuto?, In *Sì, Sì, No, No*, Ano XXXVI, N<sup>o</sup> 5, 15 de Março de 2010, p. 3).

Plínio incide no mesmo erro modernista do modernista Rahner.

E Plínio “pensa” como Alice. Ele não mergulha no espelho, nem na toca do coelho. Mergulha em sua imaginação, levado por suas impressões e sonhos, e imagina estar mergulhando no universo dos possíveis em Deus.

E por isso delira.

E com ele deliram, até hoje, tanto os chamados Provectos da velha TFP, como os Arautos do Evangelho do agora condecorado e Doutorado - quem diria? - Monsenhor Scognamiglio.

Teria sido esse um impossível realizado?

A questão dos seres possíveis é sutil. Com relação a ela, pode-se cair em dois erros opostos:

1) negar que existam seres possíveis em Deus, recusando o que ensina até o Catecismo para crianças: que Deus poderia criar muitos outros mundos, diferentes deste em que vivemos, mas sempre análogos ao Criador;

2) afirmar que os seres possíveis tem existência atual. Que os seres possíveis em Deus, seres que Ele poderia criar, existem de fato, ainda que de modo “latente”, como insinua PCO.

Deus não fez os seres possíveis, pois não considerou conveniente e nem necessários, para a ordem do Universo, criá-los. E se os tivesse feito, eles já não seriam seres possíveis. Seriam seres criados em ato.

Outra grande confusão feita por Plínio Corrêa de Oliveira, nessa questão dos seres possíveis em Deus, foi a de identificar esses seres possíveis em Deus com seres imaginados pelo homem. (Analisaremos esse erro, mais adiante, de modo mais completo).

Dr. Plínio, levado por sua mentalidade romântica, elaborou uma doutrina imaginativa, e sonhou um mundo de seres possíveis, mundo que até teria poder de atuar sobre os homens, e sobre o qual, nós homens, também poderíamos atuar. A esse mundo dos seres possíveis–aos quais ele acaba atribuindo, de modo mais ou menos velado, existência real –ele chamou de mundo da Trans--Esfera.

É o mundo “maravilhoso” de Alice, aquele a que Plínio chegou.

Dr. Plínio fez tal confusão, deslizando lentamente da afirmação correta que os seres possíveis, de fato, não existem, para depois passar paulatinamente a declarar que eles existem de algum modo, para, afinal, dizer que eles têm poder de atuar. Que portanto estão em ato, pois só o que está em ato pode atuar.

Ora, ser possível é o que está em potência de existir. E o que está em potência não atua. Só pode atuar o que está em ato.

Para que se compreenda melhor o que são os seres possíveis em Deus, --tema metafísico bastante árido, sutil e bem pouco conhecido – somos obrigados a tratar dele, agora, mais detalhadamente.

Se somos obrigados a levar nossos leitores através dessa região árida do pensamento, é só para deixar clara a confusão de PCO. A culpa desse parênteses árido é, pois, a teoria tropicalisticamente “escolástica” de Plínio.

Usaremos, para essa viagem metafísica penosa, o livro *Elementos de Filosofia* de Monsenhor Thiago Sinibaldi, 4ª edição, Volume I, Roma, Via del Banco S. Spirito, 12, 1923).

Segundo a Filosofia escolástica, deve-se compreender que os seres se dividem em seres reais e seres possíveis.

“Possibilidade de ser é a aptidão do ente para existir”  
(Mons. T. Sinibaldi, *Elementos de Filosofia*, Vol. I, p. 365).

Se um ser, hoje, existe, é porque antes ele tinha a possibilidade de existir.

A possibilidade de existir pode ser :

- 1- intrínseca;
- 2- extrínseca.

A possibilidade ou aptidão do ente para existir é intrínseca, quando as notas constitutivas desse ente necessariamente não se excluem mutuamente. São notas compatíveis entre si. Por exemplo, um círculo quadrado não é possível vir a existir, porque a quadratura exclui a circunferência. Algo ser, ao mesmo tempo, quadrado e circular, é essencialmente contraditório. Portanto, círculo quadrado não é um ente possível.

A possibilidade ou aptidão do ente para existir é extrínseca, quando tem base na suficiência da causa eficiente. Por exemplo, Deus pode criar outros mundos. Isso é possível, porque Deus é infinito e onipotente, e então Ele poderia, se quisesse, criar outros mundos que analogicamente refletissem suas qualidades, que são de grau infinito. E Deus, sendo onipotente, é capaz de criar tais mundos semelhantes a Si.

Por isso, quando o Catecismo pergunta: pode Deus criar outros mundos? A resposta é sim, pois Deus é onipotente, e poderia criá-los para refletir suas qualidades de

modo analógico, desde que seus componentes não tivessem contradição intrínseca, entre eles. Deus não pode criar o absurdo.

Mas Deus só pode criar o que for intrinsecamente possível.

Pois está escrito que “no Verbo todas as coisas foram feitas, e sem Ele nada foi feito” (Jo, I,3).

Como também está escrito no livro de Jó: ”Sua vontade fez tudo o que quis” (Jó, XXIII 13).

Deus pode fazer muitos outros mundos, sem dúvida, mas só fez o que quis.

Portanto, se Ele não fez os possíveis, foi porque julgou desnecessário fazê-los, embora pudesse fazê-los.

A possibilidade extrínseca supõe a intrínseca; porque nenhuma causa eficiente pode produzir o que não é intrinsecamente possível. (Mons. T. Sinibadi, *op cit.*, Vol.I, p. 365).

Há, pois, entes reais (entes atuais), e entes possíveis (entes em potência).

Negar que haja entes possíveis seria negar a onipotência divina. Como seria também negar a liberdade de Deus Criador.

Os seres possíveis possuem notas constitutivas não contraditórias entre si, e isso os torna capazes de receber existência atual. Isso é possível porque: a essência e a existência dos entes reais são coisas reais. A essência e a existência dos entes possíveis são coisas possíveis.

A essência do ser possível é uma essência de ordem ideal. (Ideal, no sentido de que existe apenas na mente divina como idéia, e não ideal no sentido idealista, indicando coisa super-perfeita, como que divina em si mesma, como queriam os românticos).

A essência do ser possível não é atual, pois não existe na ordem atual, mas pode receber a existência que presentemente não tem. Pois, se a tivesse, esse ente não seria mais um ente possível, mas sim um ente real, atual. Ele existe apenas numa ordem ideal, isto é, na mente divina.

Quando se diz que a essência do ente possível é real, ou que as criaturas possíveis são dotadas de essência real, a

essência se chama real, não porque existe na ordem real, mas porque é capaz de existir nessa ordem real, isto é, porque é real em potência, embora não seja real em ato. (Mons.Thiago Sinibaldi, *op. cit.*, Vol. I, p. 867, nota 1).

O ser possível em Deus difere do ser atual ou real. A realidade pode ser referida à essência ou à existência. O ser possível não pode ser dito atual ou real, quer quanto a ter sua essência no mundo real, quer com relação à sua existência.

Possível e atual, quanto à existência, se contradizem. O possível ainda não existe. O atual existe em ato. A essência só possui o ser atual com o ato da existência. É contra a razão dizer que um ser possui um ser essencial sem ter existência. Conforme ensina São Tomás (De Potentia, Q. 3, a. 5, ad 2)., a essência não pré existe ao ser. Deus dando o ser, lhe dá uma essência junto com a existência.

O possível não está em ato.

Portanto, há seres possíveis que são distintos do nada.

Henri de Gand cometeu o erro oposto ao de negar a possibilidade dos seres possíveis: ele defendeu que o ser possível teria que ter um ser real, atual.

Esse filósofo, que viveu no século XIII (1217-1293), defendia a tese de que os seres possíveis possuem um ser atual, real, e ele chamava o ser atual de essência, e que Deus ao criá-los lhes dava o ser atual da existência.

Ora, se o ser atual da essência do ser possível foi produzido, ele era possível antes da sua criação. Portanto, ele não tinha ser antes da sua criação. Ou então, se esse ser não foi produzido, então ele seria ser incriado, ser necessário, sempre em ato. Mas, então, ele nunca teria sido possível, pois esteve sempre em ato, existindo. E então ele jamais foi ente possível.

Para fazer engolir a opinião errada de Henri de Gand, alguns seguidores de Duns Scoto disseram que o ser possível era um ser diminuto, intermediário entre o ser lógico e o ser real. Se esse ser possível, ser diminuto, fosse real, se cairia no erro de Henri de Gand. Se se supõe esse ser como uma coisa ideal realmente existente, cai-se no platonismo, que defendia a existência real das idéias universais, como subsistentes em si mesmas. Cai-se no realismo ontológico, admitindo um mundo das idéias realmente existente noutra esfera... que poderia ser chamada de uma Trans-Esfera...

Veremos, mais adiante, como se encontram doutrinas semelhantes nas seitas gnósticas, especialmente, por surpreendente que seja, na Gnose shiita.

## Capítulo V - O homem e os seres possíveis em Deus

### 1 - Pode o homem conhecer os seres possíveis em Deus?

Há um fenômeno curioso, a gravidez psicológica, que mais corretamente dever-se-ia chamar de gravidez imaginária. Uma delas custou a vida de Robespierre, e mudou a História do mundo.

Certas mulheres, não conseguindo conceber, acabam por se declarar grávidas sem ter realmente concebido. E é tal a influência da psiquê no ser humano que essas mulheres pseudo grávidas, apresentam até o ventre realmente entumescido, e, entretanto, a concepção delas é falsa.

Foi o que aconteceu com uma velha de 69 anos – Catherine Théot –que em 1793 se imaginou grávida do Messias, e que esse messias seria Maximilien Robespierre.

O Maximilien real ficou tão contente com o fato que foi visitar aquela que ia ser a sua “mamãe”. Quando o deputado Vadier contou o fato na Convenção, quebrou-se o mito de Robespierre. Foi uma risada só. No dia seguinte a risada – a guilhotina–lhe cortou a cabeça. Tal é o poder do riso. Tal é o ridículo de ceder à imaginação.

Contamos isso, para lembrar que a concepção humana tem muita analogia com a concepção intelectual, tanto que a idéia formada por abstração intelectual se chama de conceito.

Pois há também “concepção” puramente imaginativa, análoga à gravidez psicológica, e tão falsa e impossível como ela. Pois imaginar não é conceber.

Conceber os possíveis de Deus é impossível, pois que o homem desconhece o que Deus é em sua substância divina, como desconhece os possíveis da mente divina, pois que estes, estando em potência, não podem ser conhecidos. Só se conhece o que está em ato.

Nossa imaginação capta as imagens sensíveis dos seres reais, podendo até combiná-las, por exemplo, formando a imagem de um cavalo com chifre. Mas imaginação não é capaz de produzir conceitos. Ela é voltada para o concreto. O conceito é abstrato.

A distinção entre imaginar e compreender é muito comumente confundida por aqueles que são formados de modo romântico, que super valorizam a imaginação e não compreendem o que é a abstração intelectual.

Seres imaginários que podemos inventar – por exemplo, chifre em cabeça de cavalo, ou centauros, ou o Pégaso – simplesmente só misturam acidentes de espécies diferentes. A imaginação não é capaz de conceber uma nova espécie de ser diferente das existentes no mundo criado.

No mundo feito por Deus, temos minerais, vegetais, animais, homens e anjos. Estes seres refletem as qualidades invisíveis de Deus.

Cada um dos reinos existentes na criação tem uma gama de seres imensa, que hiperbolicamente dizemos “infinita”, espelhando qualidades de Deus em diversos graus. Deus fez o mundo assim, para que o homem pudesse compreender através das coisas criadas as qualidades invisíveis de Deus. Deus poderia criar muitos outros mundos, mas só criou o que quis, sempre semelhante a Ele. Poderia fazer outros seres e outros mundos. Não os fez por não nos serem necessários outros mundos. E embora esse outros mundos possíveis na mente divina pudessem vir a existir, Deus não lhes deu existência. E não podemos conceber como eles seriam, pois para isso precisaríamos conhecer ou a substância divina ou os seres meramente possíveis na mente divina. Como não conhecemos essas duas coisas, não podemos conceber seres diversos dos existentes na criação. Quando a imaginação inventa seres inexistentes, ela mistura apenas acidentes materiais de várias espécies. Inventa monstros ou utopias.

Claro que Darwin quis imaginar um ser intermediário entre o animal e o homem, -- o chamado elo perdido, um macaco com chupeta – mas isso é sonho “científico”. Também Nietzsche e Hitler imaginaram um futuro Super Homem. Mengele tentou criá-lo. Foi essa a fonte dos crimes eugênicos do Nazismo, que causou também os massacres dos campos de concentração. A imaginação humana “cria”, isto é, inventa seres inexistentes, misturando acidentes de espécies diversas. Jamais é capaz de conceber uma espécie realmente nova.

Pois Plínio romanticamente confundiu imaginação com inteligência. Possível com existente em ato. Imaginar com contemplar.

Mas os seres imaginados pelo homem não são os possíveis da mente divina, e os seres possíveis em Deus nada têm em comum com o fantasiado pelo homem.

Dr. Plínio confunde o que ele imagina com seres possíveis na mente divina.

Para desfazer essa confusão -perdoem-nos nossos leitores-depois da travessia do problema árido dos possíveis, somos obrigados a levá-los através do cipal emaranhado do mundo da imaginação.

Vimos que Deus poderia criar muitos outros mundos, sempre análogos ao ser divino, porque Deus é onipotente, e porque seu ser é infinito. Mas Deus só fez o que quis. “Sua vontade fez tudo o que quis” (Jó, XXIII 13). Vimos também as duas condições exigidas para que houvesse seres possíveis em Deus, e como esses seres possíveis são potenciais e não atuais. Eles não existem em ato. Não são seres reais.

Pergunta-se agora: o homem tem a possibilidade de conhecer como seriam esses seres possíveis existentes idealmente na mente divina?

Claro que não podemos ter idéia deles.

O homem só pode conhecer os seres criados, a realidade exterior a nós além do próprio eu. O homem só pode conhecer seres que existam em ato.

São Tomás ensina, repetindo Aristóteles, diz:

“E como claramente ensina o filósofo, nada se conhece enquanto está em potência, mas só enquanto está em ato”  
(São Tomás, *Suma Teológica*, I, Q. LXXXIV, a. 2).

Concluindo:

Dos seres possíveis em Deus, o homem só pode saber que eles existem na mente divina como possíveis, isto é, em potência, mas nada pode saber deles, pois não são seres existentes em ato. Deles, o homem pode compreender apenas que eles seriam concebidos como análogos às qualidades infinitas de Deus, e que não podem ter contradição intrínseca.

Mas, nós não sabemos como eles poderiam ser.

Mais não podemos saber, porque não conhecemos a mente divina, e nem podemos conhecer o que Deus é em si mesmo.

Só podemos cogitar algo a partir dos seres reais que Deus criou e que conhecemos.

## 2- Que podemos conhecer, cogitar, ou que podemos imaginar, a partir da realidade criada, que conhecemos?

Vejam, primeiro, o que conhecemos abstratamente em nosso intelecto, como também a distinção entre *ens rationis* e seres possíveis

O que conhecemos por abstração e racionalmente são os seres existentes atualmente. Deles, por abstração, conhecemos a forma substancial, expressa em nós pelo conceito que formamos das coisas.

O conhecimento da realidade dos seres reais, nós o temos como idéias abstratas.

Fazemos dos seres de mesma espécie conceitos universais, por exemplo, o conceito de boi, de asno, de homem etc. Chamamos de universal o termo que engloba todos os seres de mesma espécie.

O universal existe em nossa mente como *ens rationis*, ser de razão, e subsiste nas coisas concretas como forma substancial delas.

Por exemplo, a idéia de homem (animal racional) só existe em nossa mente como conceito universal. O universal não existe andando na rua. Em concreto, conhecemos os indivíduos humanos, e conhecemos que neles subsiste o conceito universal de homem como forma substancial. Mas, na rua só encontramos José, Antônio, Margarida, Joaquim, Antonieta. Jamais encontramos o homem, animal racional, perambulando por aí. (E muito menos encontramos o animal racional – o homem-- na TV, ou em Brasília, essa ilha onírica da ideologia).

Somos, pois, capazes de conceber seres de razão, como o são os nossos conceitos universais.

Seres de razão são os que existem em nossa mente sem possibilidade de existirem na realidade concreta.

Exemplos de seres de razão são os universais, a noção de nada, ou a de qualquer privação de ser, como a cegueira, a ignorância, a surdez etc.

Por isso, também, a idéia de mal enquanto ser é contraditória. Mal é a carência do que deveria existir em um ser, ou a carência de ordem que deveria existir. Os exemplos que demos de cegueira, surdez exprimem o mal por carência de ser. O mal enquanto ser não pode existir, porque existir é um bem, e ser equivale a existir.

A diferença de seres possíveis em Deus dos seres de razão (ens rationis), na mente humana, é que os seres possíveis em Deus têm potência de existir, não existindo em ato, enquanto os seres de razão não têm possibilidade de existência real, de existência em ato.

Os seres de razão não devem, pois, serem confundidos com os seres possíveis em Deus. Os seres de razão, repetimos, não têm potência de existência, e os seres possíveis em Deus têm potência de existência.

Falando apenas de modo humano, pois em Deus não há nem antes e nem depois, antes da criação, a idéia de homem, enquanto possível, existia na mente divina. Depois de criado, o homem deixou de ser um possível em Deus para se tornar um ser criado em ato. O que é possível não pode estar em ato, e não pode, pois, atuar.

Portanto não há nada em comum entre seres de razão existentes, apenas em nossa mente, sem potência de existência real, e os seres possíveis em Deus, que têm potência de existência, mas não a têm em ato. Só um profeta inerrante poderia identificar ens possibilis e ens rationis.

\*\*\*

Vejamos, agora, como usamos a imaginação para nos ajudar a pensar, e que seres imaginários podemos conceber.

O homem, tendo alma racional e corpo material só pode compreender abstrativamente graças ao auxílio dos sentidos externos e internos. (Cfr. Na IV parte deste livro, a doutrina do conhecimento de São Tomás). Um desses sentidos internos é a imaginação que fornece ao intelecto, com a cogitativa, as imagens sensíveis das coisas existentes. Por ora, nesta parte deste livro, vejamos apenas o que a imaginação pode conceber.

Com a ajuda da imaginação, o homem pode conceber:

- a) invenções;
- b) obras de arte ficcionais;
- c) ideologias, como as utopias e os milenarismos;
- d) seres puramente imaginários, que podem ser congruentes ou incongruentes.

**a) Invenções**

Conhecendo os seres criados por Deus, e conhecendo as leis da natureza, somos também capazes de imaginar, e depois de conceber um ser artificial, fazendo um invento.

A mente humana pode ter idéia de um ser artificial possível de ser inventado. Por exemplo, o homem que inventou o avião, excogitou a possibilidade de inventar um aparelho que voasse. Quando conseguiu realizar o avião, aquele possível humano, que esvoaçava por sua cabeça, deixou de ser possível. Passou a voar fora de sua cabeça. Passou a ser real.

Julio Verne, ao escrever *Vinte Mil Léguas Submarinas*, concebeu uma artefato capaz de navegar sob as águas. Aquele submarino do Capitão Nemo era um ser “possível”, existente em potência na mente humana. Era uma coisa que só foi efetivada realmente no século XX. Feito o submarino, ele deixou de ser um possível humano, para se tornar ser realmente existente em ato. Embora sem o capitão Nemo que continuou ficção, ser imaginário.

As invenções, antes de sua realização em ato, tinham potência de serem feitas artificialmente pelo homem. Por isso, elas não eram seres de razão, já que tinham potência de se tornarem reais. Inventadas, tornaram-se reais.

Portanto, um ser possível humano, um aparelho concebido na mente de um inventor, que se torna uma artefato realmente produzido, não deve ser confundido com seres possíveis em Deus.

Claro que também os artefatos humanos somente se realizam se obedecem as leis naturais postas por Deus para reger a natureza. O que contraria as leis naturais não funciona.

### **b) Obras de arte ficcionais**

Assim também, com base em seres reais e concretos que conhecemos, podemos conceber personagens fictícios, personagens idealizados, mas que representam certos modelos ideais humanos, quer do ponto de vista moral, psicológico ou intelectual.

Nosso Senhor nos apresentou a figura do bom Samaritano como modelo moral, e Eça de Queiroz criou figuras arquetípicas como as de Fradique Mendes, do Gonçalves Mendes Ramires, e a do Pacheco. Do talentoso Pacheco. Figuras imaginárias, mas quão instrutivas.

Podemos ainda montar fábulas nas quais animais falam exemplarmente, figurando atitudes humanas, para que retiremos ensinamentos morais preciosos.

Infelizmente, hoje, não se fazem mais fábulas...

Esopo e La Fontaine morreram “*il y a longtemps...*”E hoje, nem sequer os homens falam exemplarmente.

Saudades das fábulas... Antigamente, até os animais “falavam”.

Nas fábulas.

Hoje, poucos homens têm palavra.

E há quem faça restrições mentais para enganar com palavras.

Nas obras de arte devemos distinguir aquelas que são feitas inteiramente com base na realidade, respeitando a coerência constitutiva dos seres criados, das artes puramente imaginativas, como por exemplo, os rostos humanos imaginados por Arcimboldo, feitos de legumes, frutas ou verduras, absolutamente impossíveis de serem reais no mundo criado.

### **c) Ideologias. Utopias e Milênios**

Assim como concebe inventos, o homem também pode conceber sistemas de organização religiosos, político-sociais, e econômicos.

Todos esses sistemas montados pelo intelecto ou pela imaginação humana só funcionarão se efetivamente obedecerem as leis naturais impostas por Deus ao mundo criado.

Uma invenção que não respeitasse as leis naturais não funcionaria. Do mesmo modo, não funcionam as ideologias, as utopias e os sonhos milenaristas, ainda que concebidos por algum falso profeta, em Higienópolis, pois as ideologias utopias e milenarismos não respeitam as leis naturais.

Toda ideologia é subjetivista e parte do erro de julgar que é o pensamento que cria o real. A verdade é objetiva, e a realidade não muda, se concebemos uma idéia diferente do que a coisa é.

Uma ideologia é um sistema de conceitos subjetivos que pretende submeter a realidade objetiva ao pensamento ideal.

O resultado é sempre catastrófico.

Os homens podem conceber em suas mentes sociedades ideais, que não correspondem ao que existe, como existe, ou contrariando os princípios naturais. Quando o homem faz isso, ele inventa uma utopia, ou sonha um milênio impossível.

O país da Cocanha era sonho de gulosos e de preguiçosos, sonhos do que não existe e nem poderia vir a existir. E o reino da Utopia, por contrariar as leis naturais, não podia funcionar. E caso se tente estabelecer a utopia à força, contra a lei natural, se cria um inferno. É o que constatou Karl Popper, ao dizer que, “sempre que se tentou criar o céu na terra, se montou um inferno”. É o que comprovaram Auschwitz e os Gulags.

Ainda hoje, deparamo-nos, num jornal, com uma frase brilhante. O que é coisa rara.

Era num artigo sobre a utopia do progresso dominante nos séculos XIX e XX, comentando uma obra de Hans Jonas.

Ei-la:

O paradoxo é que o progresso converte o sonho da felicidade em pesadelo apocalíptico (Oswaldo Gianoia, *Uma heurística do medo, artigo in O Estado de São Paulo*, 3 de Abril de 2010, p. 2).

A utopia do progresso e da liberdade é circundada por cercas de arame farpado e metralhadoras. E dentro das cidades da Utopia, há câmaras de gás assassinas. Recordemos que a Utopia marxista cercou-se com o muro de Berlim.

Não se pense que apenas os sistemas totalitários modernos (nazismo, socialismo, comunismo) são utópicos.

Também a democracia liberal é uma utopia, pois se fundamenta na mentira de que os homens são iguais, quando eles são apenas semelhantes. A democracia liberal quer eliminar todos os privilégios a pretexto de acabar com toda hierarquia, destruindo o que ela considera preconceitos políticos. É o que se defendia, até pouco tempo atrás, na TV, nos comícios, nas tribunas e nos jornais, junto com o princípio da rotatividade de quem está no poder.

Até chegarem o Fidel em Cuba e o Chavez na Venezuela, que ficaram. Até chegar o Evo eleito pelos votos da maioria, e que quer ficar. Porque a igualdade sem privilégios – aquela pregada por Fidel, pelo Chávez, pelo Evo e pelo Lula do PT-- não existe, e que ela é impossível de ser implantada, está mais do que provado, pois que ela

só se mantém com mensalão para alguns privilegiados, bolsa voto para dar sustento... aos que as distribuem, para que eles se mantenham no poder, e abafando a justiça. Adeus rotatividade democrática.

Quem está, fica.

E fica como está.

Pois não são bem simbólicos da mentira da ideologia liberal os prédios do Legislativo, construídos em Brasília?

Esses prédios do Legislativo em Brasília são bem significativos: de um lado, há uma cuia para cima; de outro, uma cuia emborcada. A primeira diz: “Me dá um mensalão”. A outra sussurra baixinho: “Deixa que eu abafo”.

Essa é a democracia sem privilégios.

Um ser “possível”...na cabeça de Rousseau.

E do Ulisses Guimarães com sua Constituição cidadã.

Um sonho.

Ou... um pesadelo.

Pesadelo, sim, pois não foi com o apoio da maioria, democraticamente, que o genocida Hitler se tornou Chanceler vitalício?

Democraticamente.

Que nem o Chávez.

Que nem o Evo.

Que nem...

É melhor nem pensar.

As ideologias são sonhos idealistas contrárias ao mundo real, às suas leis e princípios. Elas funcionam tanto quanto uma roda quadrada.

### **Utopias e Milênios**

Sempre que se dá uma crise histórica grave surgem movimentos de fuga que imaginam sociedades ou lugares absolutamente perfeitos.

A Utopia de Thomas Morus foi uma obra desse tipo. Essa tentativa de imaginar uma sociedade perfeita vai ser uma constante dos movimentos panteístas (utópicos) e gnósticos (milenaristas), por vezes com tentativas de fundamentação religiosa. É o que veremos no Shiismo, quando ele fala da terra de Hûrqalyâ.

As utopias são panteístas, racionalistas, mecanicistas, cientificistas e tecnicistas. Crêem que a ciência e a técnica, no futuro, vencerão todo o mal humano e social: a doença, a morte, a ignorância a miséria e criarão o reino da felicidade na terra.

Os milênios são as utopias da Gnose. O milenarismo é irracional, organicista, mágico, e aspira a um retorno ao paraíso terrestre primevo. Sonha –exatamente como Plínio --com a vida na inocência primeva.

Ambos – utopias e milenarismos -- são revoltas anti-metafísicas contra a contingência e se manifestam na fuga do real, na fuga do aqui e do agora, isto é, na não aceitação de que o espaço e o tempo limitam o ser humano e o fixam num lugar, numa curta existência.

O Romantismo, sendo gnóstico e contra o real, procurava fugir da realidade através de sonhos, viagens para terras fabulosas distantes. Fazendo isto, ele reconhecia implicitamente seu caráter de evasão.

O longínquo, o amor do que está longe, e não o amor do próximo, como Deus manda, é que atrai o gnóstico, assim como o romântico. O romântico prefere a recordação de um fato mais do que o fato. Daí, se extasiar com diários onde registra suas recordações.

Prefere recordar o passeio que fez, do que o passeio real.

Na Antiguidade, já se procurava localizar a sociedade ideal em terras bem longínquas. É o caso da Atlântida de Platão (República, Timeu etc.) a ilha de Panchaia de que fala Evêmero, as ilhas dos Bem-Aventurados etc.

Thomas Morus cristalizou para sempre essa lição da utopia com a ilha, ao situar sua sociedade ideal em "algum" lugar (u topos, em nenhum lugar) da América. A Nova Atlântida de Bacon também estava numa ilha perdida na imensidão do Pacífico (Francis Bacon, *A Nova Atlântida*, Abril Cultural, São Paulo, 1973).

Campanela, por sua vez, isola a sua Cidade do Sol num oceano de florestas, numa terra próxima a Taprobana (Tomas Campanela, *A Cidade do Sol*, Abril Cultural, São Paulo, 1973).

Nos séculos XVII e XVIII, escreveram-se muitas obras utópicas que deram continuidade às utopias do Protestantismo do século XVI e prepararam a Revolução Francesa.

No século XVII, na França: "Lê-se Hobbes, a Utopia de Thomas Morus e principalmente um certo número de utopias romanescas: A terra austral conhecida de Gabriel de Foigny (1676), a História das Sevarambos de Denis Veitas (1677), a História de Clajava ou ilha dos homens razoáveis, de Claude Gilbert (1700), a Idéia de um reino feliz ou relação de uma viagem do príncipe de Montberand na ilha de Naudely de Lescovel (1703), as viagens e aventuras de Jacques Massé de Tyssot (1710)(...). Ora, todos esses Estados imaginários são governados por políticas as mais audaciosas. Elas ultrapassam as doutrinas mais ousadas de Rousseau ou de Morelly. A propriedade nelas é desconhecida; tudo é de todos." (Daniel Marnet, *Les origines Intellectuelles de la Revolution Française*, Collin, Paris, 1947, p. 20).

À medida que o mundo foi ficando conhecido, o ecúmeno foi empurrando a utopia cada vez mais "além do horizonte azul". No livro de James Hilton, *Horizonte Perdido*, às vésperas da segunda Guerra Mundial, a utopia, fugindo do cataclisma que ia começar, se refugiou num vale misterioso do Himalaia, o Shangri-lá, lugar de felicidade e de longa e pacífica vida (James Hilton, *Horizonte Perdido*, Ed. Record, Rio de Janeiro).

Hoje, estando toda a terra conhecida, vasculhada e bisbilhotada pelos satélites-espiões e pelo olho vítreo da televisão, o remédio foi transferir a utopia para as estrelas, coisa de que faz, com presteza e facilidade eletrônicas, a Science-Fiction.

Com o auxílio dos foguetes modernos ou dos poéticos veleiros antigos, através do sonho ou de projeção planificada, a utopia ou o milenarismo são sempre fugas de homens em crise, que não vêem, ou não querem enfrentar, os problemas do seu tempo.

Além de situar a cidade ideal nos antípodas do real, no "u-topos", ou no "no where", na Neverland, num Neuschwanstein de sonho, os utopistas e milenaristas a isolam do mundo concreto mau. Não lhes é suficiente a distância: eles querem garantir a assepsia absoluta do "maravilhoso" sonhado escondendo-a atrás de oceanos, florestas,

desertos ou montanhas. Os felizes membros do reino idealizado são enclausurados e emparedados no Shangri-lá ou na cidade hipodâmica. Fogem do mundo real para um êremo da fantasia num “Grande Êxodo” imaginativo.

"O país utópico se caracteriza também pelo seu isolamento que à primeira vista, não é senão artifício literário: ele se explica muito pela necessidade de descobrir uma terra totalmente diferente da nossa, da qual jamais se ouviu falar(...). Entretanto o isolamento não é somente geográfico, ele é imposto pela própria estrutura da utopia. Esta tem a fobia da contaminação, porque o contato com sistemas diferentes seria uma nova infração ao princípio da uniformidade e poderia fornecer ao indivíduo pretextos para o ressurgimento de idéias tais como liberdade ou opção." (Alexandre Cioranescu – *L'avenir du Passé*, Gallimard, Paris, 1972, p. 330).

Na realidade, todo país utópico ou todo milênio se situa na alma humana. A ilha da Utopia está dentro dos sonhadores. Utopia e Quiliasma surgem nos grupos que vivem em ghettos doutrinários, ilhas da imaginação.

Na TFP, típico gueto sonhador, PCO imaginou fazer um “Grande Êxodo” dos membros da TFP para algum lugar inacessível, quando viesse a grande crise que ele chamava de Bagarre, um castigo universal para o mundo revolucionário e do qual escapariam apenas os melhores membros da TFP. No Reino de Maria, que PCO ia fundar –e ele dizia que não morreria antes de fundá-lo – o mundo retornaria à inocência primeva do Éden.

Além disso, nesses movimentos utópicos e milenaristas, há a fuga do tempo. São comuns os “mergulhos” no “maravilhoso” sonhado que eles situam ou no futuro próximo, ou no longínquo passado. Ou por trás de um espelho.

Por isso, Plínio imaginou seu paraíso primevo numa Trans-esfera que só existia mesmo em sua imaginação. Por isso, ele montou uma ordem (durante muito tempo clandestina) de eremitas e camaldulenses, usando roupas teatralmente medievalescas, fechados em “ilhas” que ele chamou de êremos. É dessas “ilhas” de sonho que vieram os Arautos do Evangelho, que, hoje, cansados de viver na solidão de suas “ilhas”, estão sempre viajando. Física e oniricamente. Voam ao céu, em helicópteros, ou passeiam em carros de luxo, pensando estar cavalgando corcéis medievais. Sonhando ser cavaleiros da Távola Redonda.

Quantos movimentos românticos fugiram para uma Idade Média de sonho! Os Arautos do Evangelho, nascidos da imaginação romântica de PCO, perambulam pelas ruas do século XXI, vestidos – ou fantasiados?-- de cavaleiros medievais, sonhando proezas de cavalaria andante. Com botas de cavalaria. Sem cavalos. Cavalgando sonhos.

Enquanto buscam avidamente donativos muito reais.

Fugindo do tempo e buscando dólares.

Este tipo de utopia deveria ser chamado de ucronia pois ele fala, não do lugar, mas do tempo que não existe. O mundo é mau. As relações ideais ainda não existem ou já não existem. O correspondente das ilhas comentadas (...) é aqui colocado, não no espaço, mas no tempo.

(...) A relação dela com o tempo histórico é parecida com a Utopia de lugar com o espaço geográfico. "Em algum tempo" não significa "nunca", mas tampouco denota uma época bem conhecida. Ao contrário, o conhecimento histórico rigoroso pode ser mortal para a utopia de tempo, pois ela precisa não da verdade mas da perfeição. Importante para ela é que o tempo privilegiado, aquele "quando" feliz, diga não ao tempo presente. (Jerzy Szachi, *As Utopias*, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, p. 49).

Toda ucronia sonha com algo que “era uma vez” num passado indefinido e como que eterno. Por isso PCO gostava das histórias de fadas. Era uma vez...

E salientamos que a utopia “não precisa da verdade, mas da perfeição”.

PCO que o diga.

Todas as utopias são ucronias (...) uma maneira de conjurar o tempo (...) um modo de negar a morte situada também no final do tempo.

A utopia se apresenta ante nós como a descrevem viajantes ou sonhadores: estática num eterno presente. (...) Assim a utopia expressa essa noção do tempo oposto ao Ser, relativo ao Devir, à imperfeição, ao mal - à morte. (Jean Servier, – *História de la Utopia*, Monte Ávila Ed., Caracas, 1969, p. 235).

Estas palavras de Jean Servier mostram bem o caráter anti-metafísico da ucronia, pois ela visa eternizar o presente, deter o fluxo do tempo, imobilizar o agora. Ora, isto é próprio da eternidade, que é o presente fixado. Mas a eternidade só é possível ao Ser

Absoluto, e não ao ser contingente. E de novo se manifesta, aqui, a rebelião contra o estado de imperfeição ontológica, da contingência, e o desejo de ser o Absoluto, ou procurando forçar Deus a entrar na História (escatologia milenarista e messiânica), ou paralisando o tempo.

Mannheim cita um texto de Mestre Eckhart que comprova bem essa rebelião anti-metafísica: "Nada afasta mais a alma do conhecimento de Deus que o tempo e o espaço." (Meister Eckhart - Schriften und Predigten, apud Karl Mannheim – *Ideologia e Utopia*, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1976, p. 239).

Gilles Lapouge observa uma curiosa contradição dialética nessa fuga do tempo.

"Uma inclinação secreta conduz a utopia ao nihilismo. Novo paradoxo da doutrina. Esta nasce do horror ao devir. Ela se forja contra as obsessões do declínio. Preferir a eternidade à história, é negar que as coisas passam e que os homens se substituem. Ora, tudo funciona como se a morte, expulsada pela utopia dos seus refúgios favoritos (túmulos, envelhecimento, dor, mal), reintroduzida contaminaria o conjunto do aparelho." (Gilles Lapouge – *Utopie et Civilisation*, Flammarion, Paris, 1978, p. 102).

Todo romântico sentimental foge do real. E a fuga do real é sempre uma fuga irracional, anti metafísica e, portanto, tendencialmente gnóstica.

#### **d) Seres imaginários possíveis e impossíveis.**

Para completar a distinção entre seres possíveis em Deus e o que pode imaginar o homem, devemos tratar também dos entes imaginários como o saci, a medusa, o centauro, as fadas de que tanto gostava PCO.

Os seres imaginários, nada, absolutamente nada, têm a ver com os possíveis em Deus, em que pese a inerrância de Plínio Corrêa de Oliveira.

A imaginação humana é capaz de unir imagens de seres diversos, montando um ser inexistente na realidade. Tomando a imagem de montanha, e juntando-a à imagem de ouro, pode-se conceber um Everest de ouro. Que não existe na realidade.

Mas uma montanha de ouro poderia existir, pois os elementos constitutivos dela não são incompatíveis entre si.

A imaginação pode forjar também coisas incongruentes como o Pégaso, a Medusa, o Batman, o Saci Pererê, ou o Tocha Humana, o centauro e a sereia. Seres

imaginários impossíveis de existir, porque unem idealmente elementos incompatíveis de serem notas constitutivas de um ser real.

Uma mulher que tenha serpentes vivas na cabeça, em lugar de cabelos é impossível de existir. Nesse ser, haveria uma incongruência constitutiva que o torna impossível de ter existência real. Um cavalo com asas é impossível de existir na natureza, pois a estrutura do cavalo é incompatível com a sustentação por asas.

Os seres imaginários se distinguem dos seres de razão, porque os seres de razão não podem ser imaginados enquanto seres reais. Dos seres imaginários podemos montar uma imagem, dos seres de razão nem imagem podemos ter.

O ser imaginário é confundido com ser de razão, porque tanto uns quanto o outro não podem ter existência em ato.

Dr. Plínio desconhecia todas essas distinções. Daí, a grande confusão que fazia entre seres possíveis, seres de razão e seres imaginários, lenda e realidade, mundo real e mundo de sonhos.

Plínio Corrêa de Oliveira, cujos delírios “metafísicos” estamos focalizando, falava e elogiava os contos de fadas pelos quais ele foi deformado em sua infância. E atribuía a esses contos grande valor.

PCO gostava de contos de fadas com os quais sua mãe alimentara e envenenara sua imaginação. Esses contos romantizaram sua mente, pois meteram na alma de Plínio a idéia falsa de que haveria uma “*maravilhosa*” ordem ideal inexistente, sonho que ele iria comunicar aos tefepistas.

E ele justificava esses contos mirabolantes, dizendo:

A criança gosta que lhe narrem contos de fadas, que são irreais, porque lhe dizem algo **que é verdade no reino do além**; é um envelope fantasioso que **contém uma verdade magnífica, oculta**.

Através do **senso do ser** procura-se obscuramente uma ordem ideal”, **imaginando-a realizada** em seres análogos aos que são conhecidos, idealizando seres aqui conhecidos num grau mais alto, procurando ver em pessoas imaginárias, idéias e conceitos correlatos a tais seres. (*O Universo é uma Catedral, excertos do pensamento de PCO*, por Leo Daniele, Ed. Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 229. Os destaques são nossos).

Já vimos que, por “*sensu do ser*”, PCO entendia uma capacidade inerrante inata no homem, capacidade recebida junto com a inocência primeva. Ela daria ao homem um conhecimento interior das matrizes dos seres, e, ao mesmo tempo, um dom inerrante para escolher o que o completasse ontologicamente, a fim de atingir sua própria perfeição absoluta num mundo ideal. Mais: permitindo-lhe alcançar a “*unicidade*” do ser.

Como vimos, eram sonhos plinianos com o monismo. Aspirações ao pléroma gnóstico.

Nesse texto acima citado de PCO, se tem a prova do mal que fazem os contos de fadas, insinuando nas almas infantis idéias de verdades ocultas, de seres irreais com poderes secretos, num mágico reino do além inexistente, mas sugerido como existente. Desse modo é que se destrói o princípio de não contradição na inteligência infantil. E isso cria “profetas”... do além.

E o além pode residir em Higienópolis.

Plínio gostava de contos de fadas...

As fadas são seres míticos com poderes mágicos. Os contos de fadas surgiram em substituição das histórias dos santos. Estes faziam milagres. As fadas, em vez de falar ao nome de Cristo, usam varinhas de condão. Seus portentos são preter naturais, que sugerem verdades e poderes ocultos e secretos.

As fadas são fantasias inventadas pela imaginação humana. O que é humano não é divino, e vice versa.

Quando Plínio, fundamentando-se na idéia dos seres possíveis em Deus, juntou a eles, um mundo imaginário, incluindo nele as fadas, fez uma mixórdia metafísica-imaginária delirante e envenenadora. E dessa mixórdia nasceram a TFP e os Arautos do Evangelho.

Será preciso provar que as fadas nada tem a ver com os possíveis em Deus?

Por favor, dispensem-nos disso.

Contos de fadas são deformantes, porque substituem o sobrenatural pelo prodígio mágico.

São produtos de imaginações desviadas para um naturalismo esotérico, que prepara o espírito da criança a acostumar sua mente a buscar, por mera curiosidade vã, um mundo “mítico” imaginário. E isso conduz rapidamente para a magia e para o preter natural diabólico.

Aliás, o termo “fada” provem de “facta”, o que está destinado a acontecer. O factum é o fado, o destino, idéia falsa que nega o livre arbítrio humano. E Plínio vai falar da maldade do livre arbítrio...Vai falar da dualidade da natureza humana.

Ora, a condenação do livre arbítrio leva diretamente ao anomismo. Leva a considerar a lei de Deus simplesmente como uma “*tabela dos dez mandamentos*”...

E os contos de fadas, ademais de serem fantasiosos, eram sensuais.

As fadas, como as sereias, nas mitologias pagãs atraíam pessoas para atos libidinosos. Como a erótica princesa Dahut, filha do Rei Gradlon, soberano da mítica cidade de Ys, onde a lenda bretã fixou a “catedral englutie” musicada pelo romântico simbolista e gnóstico Debussy, lenda muito estimada pelo romântico e gnóstico PCO.

“No fim do século XVII, um sacerdote escocês, o reverendo Kirk, de Aberdoyle, compilou um tratado que se intitula A República Secreta dos Elfos, das Fadas e dos Faunos. Em 1815, Sir Walter Scott fez publicar esse manuscrito. Diz-se do senhor Kirk que as Fadas o arrebataram, porque havia revelado seus mistérios” (Jorge Luis Borges e Margarida Guerrero, O Livro dos Seres Imaginários, Editora Globo,São Paulo, 2000, p. 198).

Como Plínio podia então elogiar as historias de fadas com suas pseudo “*verdades ocultas*”?

Desse modo, os seres imaginários criados pela fantasia ou pela mitologia não podem ser tidos como seres possíveis da mente divina, que desconhecemos.

**Ligar as fadas, entes míticos imaginários, com poderes mágicos, preter naturais, aos seres possíveis em Deus, é delírio.**

**Mitos e fábulas pagãs foram causadores da idolatria.**

**E muito ingenuamente não se pense que os ídolos pagãos eram estátuas inocentes. A Sagrada Escritura, nos salmos e nas Epístolas de São Paulo afirma que “*todos os ídolos pagãos são demônios*” . *omnes dii gentium daemonia*”(Ps. XCV,5 ; I Cor. X, 20).**

E os mitos pagãos, cheios de seres irreais, física e moralmente monstruosos, eram imaginações suscitadas pelos demônios, e não seres possíveis de virem a existir.

\*\*\*

Haveria que falar ainda dos sonhos gnósticos de mundos irreais idealizados fora deste universo material em que vivemos.

Em todos os sistemas gnósticos se imaginam seres bizarros existentes acima da esfera real terrena, existindo numa esfera imaginária, ou preter natural, fora da natureza visível.

Para a Gnose, existir no mundo real, seria o mal.

Isso porque o amor a um ideal inexistente, mas imaginado, é um dos meios para fugir do real, de escapar das limitações do ser contingente: o espaço e o tempo.

Os românticos, como gnósticos que eram, odiavam o mundo real e imaginaram mundos ideais.

Como já dissemos, Clemens Brentano, o secretário e redator da pseudo visões e revelações cabalistas de Anna Katharina Emmerick, –muito estimadas por PCO e pela TFP–, desde pequeno, imaginou um reino ideal, perfeitíssimo, que chamava de Vadutz. Nesse país inexistente, que Brentano não queria que existisse, fora de sua imaginação, no mundo real mau, nesse reino tudo seria admirável. Mas quando um tio mostrou ao pequeno Clemens Brentano, num mapa, que realmente existia a cidade de Vadutz, capital do Lichtenstein, o pequeno Brentano chorou copiosamente, pois se a cidade de Vadutz existia no mundo real e material, então ela não seria boa. Existir seria o mal. Todo o real seria desprezível e condenável.

Esse ódio do Romantismo ao ser, à existência e ao tempo, ao “*aqui*” e ao “*agora*”, fazem dele um movimento claramente gnóstico. Por isso, Plínio imaginava a limonada perfeitíssima,-- sem limão e sem limonada--, num mundo ideal da Trans-esfera.

A mesma fuga do real pode ser encontrada nos livros do gnóstico Lewis Carol: **Alice no País do Espelho**, e **Alice no País das Maravilhas**.

Muitas dessas notas calham perfeitamente para caracterizar o sonho da Trans-Esfera de PCO e da TFP– mundo dos possíveis ideais inexistentes-existentis–, a ponto de que aquilo que vamos analisar agora poderia muito bem ser intitulado “Plínio,

passando do Real ao país das Maravilhas”, através da “contemplação” admirativa do sonho.

PCO caiu num desvario desse tipo ao imaginar um mundo maravilhoso, que ele chamou o mundo da Trans-Esfera, para o qual buscou fundamentação filosófica-teológica, ligando esse mundo imaginário aos seres possíveis em Deus, tal como se lê, no livro que estamos focalizando.

O resultado foi um delírio shiita, em que se misturam seres possíveis com seres de razão, com seres imaginários, com sonhos e divagações milenaristas, com pseudo teologia do sonho e metafísica manca.

Por que falamos de sonho shiita?

Porque na Gnose shiita – que Plínio nunca leu–existem idéias impressionantemente paralelas e semelhantes ao que imaginou Plínio na sua “Trans-Esfera”. Porque todas as fugas do real são parecidas.

Vejamos, então, agora, como exemplo de fuga gnóstica do real, o mundo shiita de “*Hûrqalyâ*”, mundo que tanta semelhança tem com os delírios trans-esféricos de Plínio, da TFP e dos Aautos do Evangelho.

## Capítulo VI - “Hûrqalyâ”- A Trans-Esfera da Gnose shiita

Todos os sistemas gnósticos detestam o mundo criado por Deus, não aceitando as limitações dos seres contingentes. Por isso, em todos os sistemas gnósticos se pretende ser preciso evadir-se deste mundo - tido por mau-para um outro mundo superior, onde não haveria morte, doença, misérias, limitações do ser. A Gnose é um pecado anti metafísico. O milenarismo - concepção típica da Gnose-- sonha com um mundo superior, uma supra realidade, vista como um Reino de Deus, numa terra espiritualizada. Tal sonho é comum a todas as escolas gnósticas.

Todo mundo imaginado pelos homens em revolta contra o que Deus criou, só pode pertencer à esfera humana, e nunca aos possíveis em Deus.

Platão e os românticos sonhavam um mundo ideal subsistente em si mesmo, e não como meros possíveis na mente divina. Um mundo ideal com existência atual.

Também em muitos outros mitos gnósticos se fala de terras ideais, ou de locais mágicos, como o castelo do Rei Arthur, ou o mundo de Alice.

Essa foi também uma posição típica da Gnose do Romantismo, no qual encontramos o Vadutz de Clemens Brentano. Ou o Shangri-Lá de James Hilton.

E, nas visões de Anna Katharina Emmerick, se fala da Montanha dos Profetas, que existiria no Tibet, onde estariam o Profeta Elias e Enoch, aguardando a hora de voltar ao mundo real, para combater o Anti Cristo.

Junto com Dr. Plínio, claro, pois que ele acreditava que, na Bagarre, ele seria levado para a Montanha dos Profetas num carro de fogo. A morte do imortal Plínio C. de Oliveira o impediu de ser arrebatado para a Montanha dos Profetas, no Tibet, onde ele passaria o tempo estudando Cornelio a Lapide, numa gruta.

Numa gruta confortável, entenda-se...

Ora, essa Montanha dos Profetas amada e desejada por Plínio, é identificada por Henry Corbin com a montanha Qaf dos shiitas, com o Albors dos persas, com a Terra do Ocidente, com a Oberland, e com o Mont Salvat das lendas medievais, isto é, com o Mont Ségur dos cátaros e dos nazistas (Cfr. (Henry Corbin, **En Islam Iranien**, Gallimard, Paris, 1978, 4 volumes, IV Vol., pp. 378-379, 406; vol. II, pp. 154, 170, 189, 225-226, 282 etc.).

Para lá é que iria Plínio Corrêa de Oliveira.

E esse sonho de ir também para a Montanha dos Profetas, para se encontrar com Elias, Plínio o teve ao ler textos das pseudo visões de Anna Katharina Emmerick, que faz longas descrições dessa Montanha irreal.

Citaremos o que diz a Gnose shiíta sobre o “mundo imaginal” para que se compare, depois, com o que dizia Dr. Plínio sobre a sua Trans-Esfera, ensinada, picadinha e em miúdos, pelo imã Scognamiglio em suas reuniões para os eremitas, na sede dos Arautos, no São Bento, e no Presto sum, quando dava o **Jour le Jour** do Profeta de Higienópolis aos jovens que pretendia fanatizar, para depois iniciá-los na seita secreta, a Sempre Viva. A seita embutida nos Arautos, e que não foi aprovada pelo Vaticano...

No Shiismo, se fala do mundo da Hûrqalyâ, terra mágica onde estaria a Montanha Qaf, numa esfera além das esferas. Portanto, numa Trans-Esfera...Num mundo “*sur-réal*”

A doutrina shiíta admitia a existência de um mundo imaginal—o mundo imaginal de Hûrqalyâ – intermediário entre o nosso mundo e a esfera angélica, onde espírito e matéria se encontrariam, transmutando-se uma no outro.

“Hûrqalyâ”... era um mundo imaginal que ... “Sohrawardi gostava de chamar pela expressão de Na-Kojâ- Abâd- (Literalmente, “país do Não-Onde”. (...) Ele é o “Não-Onde”, mas ao mesmo tempo é realmente uma Terra, um país (âbâd) e é exatamente o país onde acontecem os eventos dos relatos místicos. É um país no qual se é admitido ver; mas nenhum daqueles que o viram é capaz de mostrá-lo. Só pode encaminhar para ele, não a evidência conceitual de uma demonstração teórica, mas a força de um evento realizado, e este só pode ser dito num relato. De onde, se ele não dispõe de uma metafísica que daria direito ontologicamente ao “terceiro mundo” de Hûrqalyâ, que não é o mundo do intelecto, nem o mundo da percepção sensível, nossa hermenêutica será incapaz de lhe dar direito à sua realidade. Ela o confundirá com o “imaginário”, com o “irreal”, e o relato só lhe proporá coisas “imaginárias”. (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1978, 4 volumes, II Vol., p. 188. Os destaques são do original).

Não podemos deixar de interromper esta citação sem chamar a atenção do leitor para o flagrante paralelismo dessa concepção shiíta com o mundo dos possíveis, que

PCO diz não existir, e, ao mesmo tempo, diz que, de certo modo, existe. Como também do paralelismo do papel do imaginal, substituindo a metafísica, quer na doutrina shiita, quer na “ontologia” imaginativa exposta por PCO.

Continuemos a ler Henry Corbin:

“Foi por isso que nós insistimos precedentemente sobre a importância metafísica do esquema dos três mundos em Sohrawardi e em todos os filósofos místicos a ele aparentados. Corolariamente, é reconhecer o valor noético pertencente de pleno direito à percepção imaginativa e à consciência imaginativa” –[exatamente como lhe dá PCO]–“a qual não é a “fantasia” (uma metafísica que a enquadra como aquela que aqui se lhe dá direito, a preserva justamente das extravagâncias às quais ela está abandonada, quando a filosofia a considera apenas como “fantasia” segregando o “irreal”). A percepção imaginativa é o órgão próprio da penetração num mundo que não é nem o imaginário, nem o irreal, mas o imaginal”. (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1978, 4 volumes, II Vol., p. 188. Os destaques são do original).

Essa valorização do conhecimento através da imaginação defendida pela Gnose shiita tem patentes coincidências com o valor noético que Plínio Corrêa de Oliveira atribui à imaginação em sua concepção do mundo dos seres possíveis, formando um mundo irreal–mas de certo modo real – do que ele chama de trans-esfera.

É o que veremos.

Prossigamos a citação de Henry Corbin que estamos colocando:

“Esse mundo imaginal não se pode dizer onde ele está. Quem o viu, não pode mostrá-lo. É por isso que ele é dito o “Não-Onde” (nâ- kojâ) em persa, no sentido em que ninguém se orienta para ele utilizando coordenadas do mundo geográfico ou astronômico, compreendido como a Esfera das Esferas. Quando se diz que ele ”começa na superfície convexa desta [esfera], e para sugerir a passagem “além” da esfera das esferas– [Portanto, para uma Trans-Esfera, como diz PCO] --, no cume da montanha cósmica de Qaf. É a passagem do exterior das coisas (o exotérico, ta éxô), para o interior das coisas (o esotérico, ta esô), a passagem da história exterior para a verdadeira história, a interior” (Henry Corbin, *En Islam Iranien*, Gallimard, Paris, 1978, 4 volumes, II Vol., p. 188 e 189. Os destaques são do original).

Veremos como também Dr. Plínio prefere a história interior – a das lendas, a dos mitos -- à história exterior dos fatos.

A passagem para o mundo imaginal consiste em mudar-se do mundo concreto material para um mundo no qual o material se espiritualiza, e no qual o espiritual se concretiza em duas dimensões apenas, num mundo imaginal. O que sem dúvida é uma doutrina gnóstica, inimiga da realidade material tal qual Deus a criou e a disse boa.

“Partir de um ponto qualquer do mundo terrestre visível, o molk, é progredir em direção a seu ponto de origem, isto é, antes de tudo em direção desse mundo da Hûrqalyâ, que é o mundus imaginalis, o intermundo, no qual o espiritual toma corpo e figura, e onde o que é corporal se espiritualiza, em Formas e Imagens autônomas, do qual nossos autores [shiitas] repetem que elas subsistem livres de toda outra matéria que sua própria luz, à maneira de imagens num espelho” (Henry Corbin, En Islam Iranien, Gallimard, Paris, 1978, 4 volumes, I Vol., p. 147).

É lá o “lugar” onde existiria a “limonadérrima” de PCO. Sem limonada e sem limão...

O Mundo Imaginal da Hûrqalyâ é um não lugar, uma utopia, fora do mundo geográfico ou astronômico, situado na “*esfera das esferas*”.

A esfera das esferas do shiismo bem lembra a Trans-Esfera tefepista da qual veremos, logo mais, a conceituação pliniana...

Ir para o mundo da Hûrqalyâ, seria sair do mundo das dimensões sensíveis, passando para uma “*quarta dimensão*” (Henri Corbin, op. cit., vol. II, p.226).

Veremos como, com Dr. Plínio, se assumem doutrinas muito semelhantes.

Por exemplo, relacionando o mundo da Trans-Esfera – o mundo imaginal, a Hûrqalyâ –com os arquétipos no Verbo divino.

“Hûrqalyâ, é o mundo imaginal, o mundo das formas imaginais e das imagens-arquetípicas. Os seres e as coisas, “vistos em Hûrqalyâ”, têm então a profundidade de um espelho. De nenhum modo se trata de um modo de conhecimento ainda inferior, precedendo um conhecimento face a face: mais do que uma reminiscência pauliniana, o *velut in speculo* deve sugerir aqui o sentido verdadeiro e etimológico de toda mística especulativa”

(Henri Corbin, op. cit., vol. IV, p.287. Os destaques são do original).

“Onde está Hûrqalyâ, esse mundus imaginalis que não é exatamente o mundo das idéias platônicas, mas o mundo das Idéias-Imagens, mundo das Formas e Figuras do universo sensível no estado de “matéria sutil”, mundo que tem extensão, mas que é de pura luz?(...) “é preciso não esquecer também que ele [o mundo da Hûrqalyâ] está também no invisível de nosso próprio mundo; mais exatamente num invisível que se torna visível para a visão interior, desde que tivermos compreendido como as Formas eternas pertencem ao mundo da Alma (Malakut) entram em contato com as matérias percíveis do universo sensível.

“Essas Formas aí chegam do mesmo modo que a Forma de uma pessoa humana “entra” num espelho” (Henri Corbin, op. cit., vol. IV, p.289. Os destaques são do original).

A doutrina shiita é também messiânica. Os shiitas como muitos gnósticos, aguardam um Messias – o XII Imam, ou Imam da Ressurreição--, que transformará este mundo mau num mundo perfeito espiritualizado.

O XII Imam viveria, hoje, no mundo imaginal da Hûrqalyâ, um não- lugar:

“Meditar a invisível pessoa do XII Imam, é penetrar na “Terra Celeste” de Hûrqalyâ, a qual oferece tanta semelhança com a Terra da Luz, a Terra Lúcida do maniqueísmo. “Ver o Imam em Hûrqalyâ”, para retomar de novo essa expressão de um eminente shaykh shaykhî , é vê-lo onde ele está de verdade: no mundo ao mesmo tempo concreto e supra sensível, e com o órgão apropriado que requer a percepção de um tal mundo, -- mundo paralelo ao nosso mas de outra natureza” (Henri Corbin, op. cit., vol. IV, pp. 330-331. Os destaques são do original).

“Ver o Imam em Hûrqalyâ”, subentende que o mundo supra sensível de Hûrqalyâ e o mundo material sensível coexistem, se interpenetram, se contém um no outro; Hûrqalyâ está, ao mesmo tempo, acima de nós, entre nós, e no interior de nós. Quando, por nossa inconsciência, ele não está no interior de nós, ele não pode ser nem conhecido nem reconhecido por nós “em nenhum lugar”, porque nada pode ser conhecido exteriormente a não ser graças a uma modalidade correspondente que esteja em nós” (Henri Corbin, op. cit., vol. IV, pp. 308-309).

Então, como ensinava Plínio, também na Gnose shiita se afirma que: *“nada pode ser conhecido exteriormente a não ser graças a uma modalidade correspondente que esteja em nós”*.

Plínio não dizia diversamente, quando afirmava que os nossos melhores livros somos nós mesmos.

Em suma, um desvario.

Todas essas citações mostram como é comum à visão gnóstica do mundo a concepção de um mundo superior a que se poderia aceder por meio da imaginação ou de uma intuição mágica. O que o shiismo, Gnose persa–concebeu com o mundo da Hûrqalyâ, PCO concebeu com a sua Trans-Esfera.

Veremos, mais à frente, como a Trans-esfera imaginal de PCO se assemelha a essas terras de sonho da Gnose.

## Capítulo VII - Os Inexistentes- Existentes Seres Possíveis de PCO

Deixemos Dr. Plínio nos falar, enfim e agora, na segunda parte dessa obra delirante sobre a Inocência Primeva, de outros mundos que ele sonhou e dos quais não tratam nem a Sagrada Escritura, nem a Geografia, nem a Astronomia. Um mundo ideal, feito do que ele chama erradamente de “*seres possíveis*”, confundindo imaginário com possível.

“*Possíveis*” seriam as coisas que Plínio imaginava e que ele identificava com os seres possíveis, na mente divina. E esses entes possíveis, que existiriam apenas na mente divina, e que nunca foram criados, formariam um universo possível, ideal, perfeito, inexistente. Mas que seria, pelo menos de certo modo, real, existente. A esse “*universo ideal*”, PCO chamava de mundo da Trans-Esfera.

Para Dr. Plínio, imaginando, fantasiando, é que se alcançaria esse mundo ideal, o mundo “sacral” por excelência.

Esse processo imaginativo e idealizador se iniciaria na infância, quando a inocência primeva reinaria na alma de **todo homem**. Portanto, todos os homens - mesmo sem o Batismo--, através do “*senso do ser*” poderiam atingir esse “conhecimento” salvador.

Todos os homens então, pelo “*senso do ser*” procurariam alcançar uma “*ordem ideal*” que eles conheceriam por meio das matrizes universais inatas neles.

Esse universo ideal era imaginado como realizado, num mundo do além, por seres análogos aos do nosso mundo concreto, porém muito mais perfeitos, pois que não teriam matéria. O que de melhor haveria em nosso mundo, existiria perfeitíssimo, sem nenhuma limitação e defeito, sem matéria, nesse mundo ideal. Seria um universo de puros seres ideais. Com limonadérrimas sem limão e sem limonada. E com o super chopp ideal.

Entre o mundo real e imperfeito em que vivemos e o mundo ideal do Absoluto, haveria vários paraísos imaginários, uns análogos aos outros, até o mundo supremo do Absoluto Absolutíssimo. De grau em grau, cada um desses “paraísos” imaginários, numa sucessão indefinida de analogados, iria até um mundo totalmente ideal, que PCO chamava mundo da Trans-Esfera.

E Plínio achava que os contos de fadas teriam isto de bom: eles aguçariam esse imaginado e imaginativo “*sensu do ser*”, na criança, que permitiria a ela chegar ao imaginário mundo do Absoluto imaterial.

Relembramos o que PCO diz do efeito dos contos de fadas na alma da criança:

“A criança gosta que lhe narrem contos de fadas, que são irreais, porque lhe dizem algo que é verdade no reino do além; é um envelope fantasioso que contém uma verdade magnífica, oculta.

“Através do *sensu do ser* procura-se obscuramente uma ordem ideal”, imaginando-a realizada em seres análogos aos que são conhecidos, idealizando seres aqui conhecidos num grau mais alto, procurando ver em pessoas imaginárias, idéias e conceitos correlatos a tais seres” (O Universo é uma Catedral, excertos do pensamento de PCO, por Leo Daniele, Ed. Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 229. Os destaques são nossos).

E ainda:

“Se a pessoa for fecunda em formar noções ideais, muito sub-conscientes, mas efetivas, a respeito do que a cerca, ela vai buscando um universo ideal. Ela sabe que esse universo ideal não existe, mas tem a noção de que, de algum modo, deve existir” (O universo é uma Catedral, excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira” por Leo Daniele, Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 233. Os destaques são nossos).

Portanto, o universo que Plínio imagina é:

- 1) Puramente imaginário;
- 2) Mas, “***imaginando-o realizado***, num universo fantasioso que ele chama de ideal;
- 3) Universo que ele qualificará com o termo “sacral”;
- 4) Que formaria o que ele vai denominar de Trans-esfera;
- 5) Universo absolutamente contraditório, pois que não existe, mas teria que existir, pelo menos de algum modo.
- 6) Que os contos de fadas contam coisas irreais aqui, mas que são “*verdades no reino do além*”.

7) Contos das fadas contariam verdades ocultas.

8) Finalmente, as coisas existentes no mundo atual seriam análogas a esse mundo da Trans-esfera, e não a Deus. O que faz substituir Deus pela Trans-esfera.

Como estas doutrinas de Dr. Plínio lembram o que vimos do poder noético e criativo da imaginação admitido pela Gnose shiita de Sohrawardi, como não-la expôs Henry Corbin.

Deus, ser absoluto e real, na doutrina de PCO, é então substituído como analogante primeiro, pelo mundo ideal (inexistente-existente) da Trans-Esfera, imaginária, irreal, inexistente, apenas “*possível*”, mas que deveria existir. Um universo inexistente, portanto vazio, é que seria o modelo analogante de tudo o que existe no mundo concreto inferior. Desse modo, tudo o que existe realmente seria semelhante, e participante desse mundo idealizado. Ontologicamente vazio. O existente seria participação do vazio.

Plínio insiste--inicialmente-- que o mundo dos seres puramente ideais da Trans-Esfera não existe: “*E à medida que a pessoa vai conhecendo esse universo, vai tendo em germen a idéia-[SIC! Idéia ou imaginação?] --de um universo ideal. Este universo ideal, ele sabe que tal qual imagina, não existe, mas que de algum modo algo deve existir*” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, ed. cit., p. 161. Os destaques são nossos).

É a Hûrqalyâ da TFP.

Que não existe. Mas que deveria existir. Pelo menos de algum modo.

Isso vai contra o princípio de não contradição. É pois um absurdo.

Já na página 183 desse mesmo livro, Plínio diz: “*Como conciliar isso –[a exigência de objetividade] – com a recomendação de viver continuamente numa trans-esfera, fazendo transcendências, buscando os absolutos? Não há contradição, pois esse mundo da contemplação sacral é real sob vários aspectos, e, enquanto real, é que deve ser vivido. Não se trata de um sonho, de um pensamento sem consistência. São realidades aparentadas entre si: a da contemplação e a da execução*” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, ed. cit., pp. 182 -183. Os destaques são do autor).

E que cheiro de shiismo nessas palavras de PCO...

Passa-se vagamente, num lusco fusco de afirmações e de negações, do inexistente para o existente. O que permite, se for preciso, negar que se aceita o inexistente. Como também crer e viver como se, de fato, ele existisse.

Dessa maneira, o que não existia passa a ser realidade. O imaginado é definido como a realidade da contemplação por exercícios de “*transcendências*”...

Portanto, o “***universo ideal***” que Plínio imaginou, seria “*real sob vários aspectos*”. O que é bem esquisito. Como algo é “*real sob vários aspectos*”?

Ou é real, ou não é real. O mundo “*transcendente*” da Trans-esfera seria composto de realidades tais que seria possível viver nelas. Viver na Trans-esfera?

De novo, o delírio.

Para chegar a essa conclusão onírica, Plínio vai levando o leitor por onze capítulos, nos quais mistura trechos de doutrina católica com suas imaginações descabeladas, deslizando dos símbolos para o idealismo subjetivista, até chegar ao imaginário delirante. E prevenimos que nesse livro editado pela ex TFP–pela TFP dos Provectos–se evitou colocar como Dr. Plínio chegou a imaginar a Trans-esfera onde existiriam desde toda a eternidade-- seres *ab aeterno*--, possíveis não criados, existentes não-existentes.

Como na Hûrqâlya shiita.

Porque no imaginário real-irreal de Plínio e da TFP, há também os seres “*ab aeterno*”. Que não existem. Mas que existem. Como o comprovariam os semáforos de São Paulo.

Mas, deixemos, por ora, esses textos semaforicos para mais tarde...

Veremos isso, mais adiante.

Por ora, fiquemos folheando o novo livro publicado pelo Instituto Plínio Corrêa de Oliveira.

Essa doutrina pliniana, cheirando à Gnose platônica e romântica foi confirmada pelo volume publicado pelos Arautos do Evangelho Notas Autobiográficas de Plínio Corrêa de Oliveira. Mons. Scognamiglio, como entende muito pouco do que lê, e menos ainda do que diz e do que escreve, e como acredita que sempre pode ludibriar os outros, ousou publicar textos do MNF que os Provectos da TFP censuraram.

Nesse livro, é possível colher vários exemplos de exercícios imaginários de PCO por meio dos quais ele imaginou esse mundo ideal.

Eis alguns:

1) os gramados do Jardim da luz na Belle Époque:

No livro Notas Autobiográficas, à página 259, há uma fotografia de PCO, lá pelos seis ou sete anos, usando saia, a passear no Jardim da luz. E eis o que ele “pensava” nesses passeios:

“Havia ali grandes canteiros de grama bem cultivada, que pareciam imensas esmeraldas (...) E, em certas zonas para onde ninguém ia, a vegetação fazia sentir seus charmes e seu bons odores, com uma acolhida afável e sorridente. Isso fazia-me pensar em parques de uma outra ordem, numa outra esfera, em jardins etéreos e arquetípicos, que não existiam, mas eram possíveis...Eu passava por ali vendo aquelas ondulações e quase fingia que brincava, enquanto minha alma esvoaçava por outras paragens...

Imaginado esse píncaro de beleza, sentia que era possível a existência de uma outra ordem universal, mais bonita do que esta e para a qual eu tendia. Numa palavra só, eram saudades do Paraíso numa alma inocente” (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Vol. I, p. 254. Os destaques são nossos).

Para Plínio sentir seria pensar. E nesse texto, é patente o sonhar a irrealidade como se ela fosse real, e mais desejável que o real. O que é tipicamente romantismo.

2) Passeio no Parque Antártica:

Bem menino ainda, tendo encontrado um local, no parque, “*uma espécie de ilha*” de vegetação e de sombra e chão coberto de musgo aveludado, conta PCO que pensava o seguinte:

“Aquele frescor, aquela penumbra e aquela natureza verdejante que “cantava” e “brincava” no seu isolamento, distinta em relação a todo o resto, deixou-me encantado! Pensei: “O ambiente ensolarado, a poeirada ordinária com a bicharada revoltada, fiquem por lá! Aqui estou eu dominando a natureza como um rei, e protegido por ela como por um pátio. Este é o meu lugar!” Então declarei: “Isto é meu!”.

E ele proclamou essa ilha - sempre a ilha-- seu reino, e o chamou de “Baltasar”.

“Depois, com o maturar do tempo, voltava-me à mente com freqüência a recordação dessas impressões e eu pensava. “Aquele frescor e aquele conjunto me falam de um valor mais alto do que a soma de todos os aspectos do “Baltasar”. Aquilo remete para algo de mais elevado. É como se houvesse ali a presença de um ser etéreo e impalpável, superior a mim e a todas essas coisas com as quais ele não se confunde e do qual elas não são senão um símbolo que, de certa maneira, atua sobre mim. Não sei o que é esse ser, mas em tudo isso a minha alma precisa aprofundar-se...” (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Vol. I, p. 370. Os destaques são nossos).

3) contemplando uma pintura renascentista ou barroca.

Veja-se o texto abaixo, longo. Longo, mas bem elucidativo do que Plínio diz que imaginava, quando era ainda bem pequeno, e publicado por Mons. Scognamiglio, como coisa séria, e confiante no apoio de alguns eclesiásticos:

[Os textos entre colchetes, assim como os destaques, são de nossa responsabilidade].

### **“O mundo dos possíveis e o desejo do céu”**

“Eu freqüentava [Plínio deveria ter então uns quatro para cinco anos] também a mansão de um grande fazendeiro enriquecido, na mesma avenida Brigadeiro Luís Antonio, onde havia uma grande galeria que transpunha a casa de ponta a ponta, dando acesso a todos os quartos e salas do único pavimento. O teto era pintado à maneira da mitologia greco-romana e eu, sem saber disso, olhava aquelas cenas e refletia como podia.

“Aquilo dava a ilusão de que alguém havia rasgado o teto e se podia ver diretamente o céu azul com algumas bonitas nuvens. Esse “rasgão” era circundado por uma balaustrada, também em estilo clássico, atrás da qual apareciam deuses, deusas, semi-deuses e semi-deusas do Olimpo, representados como personagens esplendorosos e bem-ordenados, homens fortes e mulheres bem constituídas, vestidos com uma simplicidade clássica de bom gosto, com coloridos lindíssimos e movendo-se num fundo quimérico e mítico. O conjunto apresentava um jogo de luzes que me agradava enormemente”

De passagem, note-se que, ou Plínio era um gênio que observava tudo tão bem, e que se exprimia já, aos quatro anos, como Plínio aos 70 anos, ou que Plínio, aos 70 anos

falava como criança de cinco anos, e que desde a infância nada mais havia progredido na capacidade de se exprimir.

É claro que tudo isso nunca foi pensado dessa forma, e com essa expressividade, por uma criança que, por mais genial que fosse, não poderia ter esses conceitos. Isso é pura invenção retrospectiva, para criar um auto-mito e ser admirado por basbaques e fanáticos. Ou por espertalhões...

Prossigamos na citação:

*“Lembro-me de duas deusas muito bem vestidas. Pareciam-me pessoas excelsas, conversando num terraço, que eu imaginava revestido de mármore muito superiores aos da galeria do fazendeiro. Elas estavam **num misto de unidade e alteridade** que eu concebia extraordinário. Evidentemente, o autor da pintura não devia ter pensado nisso, mas o meu **senso do ser** --[dado pela inocência primeva de PCO] – produzia uma figura de acordo com a sua própria retidão”.*

*“Eu imaginava o que elas estariam pensando. Tinha idéia de que as duas eram primas e travavam uma alta conversa que, depois, passaria a ser mais familiar, tratando, por exemplo, sobre o frio, que estava causando resfriado a uma delas.[Que tema elevado para deusas. Vai ver que elas eram tão hipocondríacas como Dona Lucília!]*

*“Eu olhava e pensava: “Como isso é maravilhoso! Elas são mais nobres do que as pessoas em torno de mim! A natureza humana deveria ser muito mais elevada!”. Percebia serem aquelas cenas irrealis, mas achava que a sociedade, à força de se aprimorar, poderia chegar a algo parecido com aquilo. E concluía que, na ordem do possível, havia seres com aquela grandeza, os quais hipoteticamente, faziam parte da criação”.*

[Eis aí, Plínio aos cinco anos, desprezando a natureza humana como ela é, e elaborando a doutrina dos seres possíveis em Deus, coisa que São Tomás só veio a conhecer bem adulto.

Claro que tudo isso foi inventado por Plínio adulto, mitificando o seu ser infantil.

...“*Et flatteurs d’applaudir...*” diria Lafontaine.

E depois de idealizar o mundo, começava imediatamente a crítica do mundo real e concreto:

“E dizia para mim mesmo: “Por que estas pessoas que andam no corredor não fazem como eu, não olham para aquilo e compreendem como deveriam ser? Por que não conversam assim, como essas mulheres? Seria muito mais agradável... Olha como se relacionam: gargalhadas, brincadeiras, tratando-se todos de ‘você’. Não seria melhor que eles vivessem como essas figuras do teto?”

“Além do diálogo das deusas, eu imaginava os jardins, as casas, a atmosfera e o estilo do mundo que as cercava. Concebia isso à maneira de uma harmonia, traduzível em música, com melodias delicadíssimas e altíssimas, de um som “super-prateado” as quais se requintariam a si próprias, de maneira a produzir alguns acordes que as pessoas captariam com o entendimento, mais do que com o ouvido. Seria uma música extraordinária, mais compreendida do que escutada.

“Esses pensamentos levavam-me imediatamente a uma pergunta: “haveria possibilidade de algo mais maravilhoso do que isso? Como seria? Não se poderia conceber uma espécie de céu assim, mas muito mais bonito e magnífico do que este? Onde pára a linha do magnífico e do maravilhoso? Qual é o ponto em que a minha concepção se detém e diz: ‘para mim bastou! Cheguei a ver e a experimentar o ápice do maravilhoso?’ Há, então, uma ordem de coisas de beleza absoluta, perfeita e imutável?

“Essa ordem encheria a minha alma! Para ela fui feito e não queria apenas conhecê-la, mas entrar nela. Sinto que isto me transformaria e faria de mim o Plínio que devo ser”.

“Esse era o caminhar do meu espírito: tendia para a beleza perfeita, para a magnificência incomparável e para aquilo diante do que eu pudesse dizer: “Afinal bastou! Eu encontrei e possuo. Sou feliz!”

“Era uma consideração global do universo, tendo em vista que ele não é constituído por um conglomerado de maravilhas jogadas a esmo, mas, pelo contrário, existe nele uma ordem hierárquica e monárquica que era preciso amar. Não sabia, mas essa meditação era essencialmente religiosa e, imaginando isso, percebia que Deus estava próximo de mim. Notava em mim mesmo algo de diáfano e leve, sentindo-me bom e direito, desejando coisas retas,

o que me causava uma gáudio semelhante a uma harmonia interior que, nos seus extremos, tocava no céu”.

“É preciso notar que, pelo medo de me abrir sobre esses assuntos com qualquer pessoa—por perceber que ninguém conversava sobre isso e que poderiam considerar-me um desequilibrado se o fizesse --, eu guardava essas reflexões para mim mesmo. Essas cogitações davam-me uma co-naturalidade com o metafísico que tocava os “sinos e minha alma” o dia inteiro, a largas badaladas. Essa era a minha vida e, evidentemente, no contato com mamãe, isso reluzia muito e me encantava...”(Plínio Corrêa de Oliveira, Notas autobiográficas, editora retornarei, São Paulo, 2008, I vol., pp. 399 a 403. Os destaques são de nossa responsabilidade).

Ao par do desprezo pelos homens como eles são, o sonho de um mundo etéreo e irreal. Tudo movido por impressões e sensações conduzindo à imaginar—a sonhar—com um outro universo idílico, noutra esfera.

E o palavreado pretensamente metafísico é história da carochinha romântica, gnóstica e pseudo mística para enganar papalvos ou...

Considerar isso a sério raia pelo teratológico.

## Capítulo VIII - À Procura do Absoluto.

Esse é o título do capítulo V da segunda parte do livro de Plínio agora editada por seus sequazes “Provectos”.

Scognamiglio – agora Cônego de Santa Maria Maggiore–já publicara muitos textos de PCO retirados das discretas reuniões do MNF de Plínio, na revista “**Dr. Plínio**”. Um tesouro de... delírios.

O mesmo tema da busca do Absoluto fora exposto pelo Secretário do MNF, Átila Sinke Guimarães, numa apostila resumindo o MNF, em Dezembro de 1972, intitulada **O Processo Humano**. Essa Apostila foi aprovada pelo próprio Dr. Plínio, quando ela foi publicada e difundida entre os membros do grupo, em 1972. Nela há principalmente dois capítulos versando sobre esse tema, capítulos que complementam bem o que foi agora publicado no livro A Inocência Primeva, que estamos focalizando.

Uma análise completa dessa doutrina se teria apenas se fossem estudadas as 43.000 páginas do MNF, pois o que foi publicado sobre o MNF é sempre maquiado para esconder as heresias mais chocantes. Mesmo assim, muita coisa apareceu, permitindo afirmar com segurança que a doutrina de Plínio Corrêa de Oliveira sobre o Absoluto era inteiramente gnóstica.

A doutrina pliniana do Absoluto se fundamente no princípio de que há, inata no homem, uma noção matriz do Ser Absoluto, isto é, da Divindade.

“O homem tem uma matriz do espírito, que contém os elementos para a formação da idéia de ser absoluto. Se ele não tivesse essa matriz, ele não poderia compreender a noção de ser contingente. E, portanto, o dormir dentro dele dessa como que noção do ser absoluto é anterior à própria noção de ser contingente que ele forma” (Átila Sinke Guimarães, MNF - O Processo Humano ( Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, Dezembro de 1972, p. 35).

Essa apostila foi aprovada por Dr. Plínio e foi vendida a algumas pessoas da TFP.

Esse texto contém erros bem graves:

- 1) É falso que haja idéias inatas no homem;

2) É falso afirmar que só se compreende o ser contingente, tendo antes a idéia de Ser Absoluto.

O oposto é o verdadeiro: conhecemos que há um Deus infinito e onipotente, um ser absoluto, por meio das qualidades visíveis do universo criado. É isso que ensina São Paulo (Rom., I, 20). PCO ensinava o oposto de São Paulo e do que está na revelação.

3) Afirmar que há inata no homem uma matriz do espírito que contem os elementos para dar ao homem a formação da idéia do se Absoluto, da qual o homem retiraria a compreensão de sua contingência, insinua erro bem mais grave que o simples fideísmo.

Para Plínio, essa matriz da idéia do Absoluto existente inata na alma humana, é que daria origem à própria noção de contingência, que amarguraria o homem, provando sua limitação. Ora, PCO afirmará que o ser não pode ter limites. A contingência do ser criado seria uma anomalia a ser vencida. Por isso o homem teria uma sede inata de unir-se e fundir-se no Absoluto. (Mais adiante daremos a citação comprovadora disso).

Que o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, expresso no que se conhece hoje do MNF, é claramente gnóstico fica mais claro quando ele, tal como o gnóstico Mestre Eckhart, afirma que o ser humano, sendo contingente, é nada:

“O fundamento da moral sobre o conhecimento é exatamente de que o exclusivo amor de si não é nada, e que o seu próprio ser não é nada, e que, portanto, tem que tender para Deus” (Átila Sinke Guimarães, MNF- O Processo Humano (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37. Os destaques são nossos).

Ora, essa recusa de aceitar a contingência do ser criado é a raiz da Gnose, e de seu pecado anti metafísico que repele a analogia do ser. Quer-se ser tudo ou nada. Mas recusar sempre toda contingência.

Ou há o ser absoluto, ou o nada. Todo ser contingente seria ilusório. Nada.

Insinua-se que, no fundo, o homem teria logo de substancialmente divino. Idéia que será confirmada explicitamente a seguir.

Com efeito, ficará claro a seguir que, no pensamento idealista de PCO, idéia de ser é idêntica a ser. Quando ele diz então que há uma idéia inata de Absoluto no homem, ele entende que essa idéia é o próprio Ser Absoluto. Deus.

Deus seria imanente no homem.

Para PCO, o ser não pode ter limites: "O limite é coisa que repugna o ser" (Apostila O Processo Humano, p. 37). A contingência do ser criado seria uma anomalia a ser vencida. Por isso o homem teria uma sede inata de se unir ao Absoluto, a sede de identificar-se com o Absoluto, com a Divindade. E se ao ser repugna ter limites, como se explicaria a existência de seres contingentes?

Para Plínio, "o próprio ser [do homem] não é nada" (Átila Sinke Guimarães, MNF - Apostila - resumo O Processo Humano, p. 37). Os seres contingentes seriam ontologicamente nada, não-seres. O que os tornaria existentes seria a presença do ser absoluto neles. Daí, concluía Plínio que "Deus é o ser dos seres" (Átila Sinke Guimarães, MNF - Apostila - resumo O Processo Humano, p. 36).

E é claro que essa matriz inata do ser absoluto, o homem a recebeu com o que Plínio chama de "*o senso do ser*", recebido de modo inato, diz ele, com a Inocência Primeva. PCO, muitas vezes, prudente e astutamente, omite que esse senso do ser é o senso do ser Absoluto, da Divindade.

No capítulo V do livro agora editado pelos Provectos, à página 107, se diz prudentemente que: "*Entretanto, há no homem uma 'sede como que inata do absoluto'*(PCO, *A Inocência Primeva...*, p. 107). E prova da maquiagem mal feita é que na página seguinte se tirou o prudente e maquiador "*como que*": "2- *A Sede inata do absoluto*" (PCO, *A Inocência Primeva...*, p. 108).

Da verificação de sua contingência face à matriz inata do absoluto que haveria nele, no homem se daria início a um processo—que no MNF se denomina O Processo Humano – pelo qual o homem procuraria sanar sua contingência, tida como má, como injusta carência, buscando completar-se, e tornar-se o Absoluto.

Esse "processo Humano" teria fases, assim resumidas por Átila em sua Apostila reveladora:

*"O processo humano é o conjunto dos seguintes elementos:*

- a) "*a carência do homem*";
- b) "*a apetência para a satisfação das carências*";
- c) "*a procura do absoluto para satisfazer essa carência*";

d) “*a união com o absoluto*”;

e) “*a transformação [do homem] no absoluto*”.

(Átila Sinke Guimarães, **MNF- O Processo Humano** (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37. O escalonamento dos itens e o que está entre colchetes é de nossa responsabilidade, visando tornar bem clara as etapas da divinização do homem, pela doutrina pliniana).

Fica evidente que na concepção pliniana do “processo humano”, assim como na enumeração de suas etapas, a existência do esquema clássico da Gnose.

O homem procura o Absoluto nele mesmo, ou no universo.

Porque no homem existe inata a idéia de Absoluto, o homem começa por procurar o Absoluto em si mesmo, e, depois, nas criaturas.

Na Apostila O Processo Humano, se mostra que “*O homem pesquisa de fato sempre o absoluto, mas o absoluto que ele pesquisa não é apenas a santidade, a bondade, mas pode ser também o ser. Quer dizer, o homem, por exemplo, quando ele ama o absoluto, ele também é o absoluto em si, e a esse título, ele se ama a si mesmo*” (Átila Sinke Guimarães, **MNF- O Processo Humano** (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p. 47. O negrito é de nossa responsabilidade).

Amando o Absoluto, o homem se identifica com o Absoluto. O homem se tornaria divino.

Portanto, o homem não só tem em si a idéia inata do Absoluto, mas ele mesmo é o Absoluto encarcerado na contingência, buscando libertar-se da finitude e realizar-se, de novo, na identificação com o ser Absoluto, no final do “*processo humano*”.

“O elemento integrante à noção de processo é algo que tem um começo, um desenvolvimento e um fim. Portanto, o processo por excelência seria algo que começa e cuja tensão para o fim vai ficando cada vez mais forte à medida que vai chegando ao fim. E o termo em que o processo se realiza não é a morte, mas é a obtenção do fim próprio e a fixação no fim, de maneira que o apogeu do processo é algo de definitivo. Ele se fixa no apogeu de si mesmo” (Átila Sinke Guimarães, **MNF- O Processo Humano** (Resumo), apostila mimeografada na Editora

Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p. 30. Os destaques são nossos).

No final do Processo Humano, o homem se torna Deus. Co Substancial a Deus.

Será preciso deixar mais clara ainda a Gnose pliniana, da TFP e dos Arautos? Pois agora, Monsenhor Scognamiglio confessou, por escrito, em sua doutoral tese, que o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira está na raiz da formação dos Arautos. O que ele ocultou e negou durante uns dez anos, foi de novo reafirmado. Para sua condenação.

Para suprir sua carência o ser contingente que o homem é agora, usa o que PCO chama de seletivo, capacidade que lhe foi dada junto com a inocência primeva, que lhe permite escolher o que, de fato, completa suas carências, e rejeitar o que o afasta do Absoluto.

“A partir de mim mesmo vou procurando em todas as criaturas algo que satisfaça a minha carência e que como que me abro para todas, como um leque. Mas, no contato com todas, vou percebendo que todas se enfeixam num ente supremo que é Deus e tudo vai se fechando para outro ponto. “Há, portanto, uma espécie de abertura e de fechamento, que é como que o gráfico das relações do homem com Deus.

“A multiplicidade de minhas apetências é expressão de uma carência fundamental que há em mim como criatura e que procura uma porção de satisfações. Depois de ter procurado todas as satisfações, vou unindo tudo isso numa satisfação suprema que é destinada à minha carência fundamental. Isso teria mais ou menos a forma de um losango” (Átila Sinke Guimarães, MNF- O Processo Humano (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37).

Na busca do Absoluto, na busca do Infinito, já o diziam os românticos com Novalis, o homem só encontra o finito.

Mas, lembra PCO, “*O limite é coisa que repugna o ser*” (Apostila citada , p. 37).

Nessa tese formulada por PCO no MNF está a recusa da analogia do ser, a revolta da contingência, típica da Gnose que é sempre um pecado anti-metafísico.

Portanto, tanto no pensamento de PCO como na Gnose, em toda criatura contingente geme encarcerado algo do Absoluto.

Por isso, PCO, na Apostila-Resumo do MNF, expõe a teoria da alcachofra metafísica, um símbolo da procura do Absoluto divino na coisas criadas. Deixemos Plínio expor seu alcachofral pensamento, tal como foi citado sucintamente por Átila Sinke Guimarães:

“Eu passo daí para uma figura que eu chamaria alcachofra hipotético. É uma figura destinada a mostrar como, através de vários contingentes e relativos, a pessoa procura o absoluto. Eu imagino uma alcachofra com toda a estrutura que têm as alcachofras que conhecemos, mas com uma peculiaridade que as alcachofras que conhecemos não possuem. Vamos imaginar uma [em] que as pétalas da alcachofra, as mais altas, tivessem sabor mais leve que o fundo, e que à medida que fôssemos aprofundando, o gosto das pétalas fosse se tornando mais intenso.

Eu diria que a pessoa, comendo pétala por pétala, levada pelo gosto, pela apetência de degustar o fundo da alcachofra, iria comendo pétala por pétala até o fundo. Então diria que apareceriam os seguintes degraus: o amor da coisa concreta, o amor da coisa enquanto reflexo de outra, o amor de uma coisa abstrata e a consideração de uma coisa puramente intelectual. Por aí sucessivamente, chegaríamos a Deus”

Precisão de linguagem.

"A Comissão chegou à seguinte conclusão: a palavra absoluto para nosso uso pode passar, mas desde que nós a reservemos para o fundo da alcachofra. As várias pétalas sucessivas da alcachofra seriam participações sucessivamente mais densas, ou maiores, do absoluto".(Átila Sinke Guimarães, Apostila O Processo Humano- Resumo do MNF, pp. 43-44).

Se a redação deixa a desejar quanto ao português, do ponto de vista de exemplo didático da idéia gnóstica de que, em todas as coisas, há uma maior ou menor identificação com algo ontológico e substancial da Divindade, pela presença de partículas divinas presas nas criaturas, didaticamente o exemplo do alcachofra é bem feliz para expor a Gnose.

Mas, doutrinariamente, é uma teologia de quitanda. E de “quitanda” gnóstica.

Portanto, para PCO, em todas as coisas existe algo de divino.

Por isso, PCO dirá, nessa Apostila, que “*Deus é o ser de todos os seres*” (Apostila citada, p. 36).

Portanto, em todos os seres se encontraria algo do Absoluto.

O homem, no fundo de seu ser alcachofral, seria o Absoluto.

Seria Deus.

Plínio vai fazer distinções entre o paganismo e a sua Gnose – que ele chama de “Catolicismo”, para ele uma das formas do “espiritualismo”:

“Os antigos pagãos faziam do outono, da primavera, do verão, da glória, da fecundidade, da agricultura, pessoas. Eles não estavam errados na idéia de que, em última análise, isso tem que se personalizar. Eles estavam errados em admitir que se personalizassem em muitos deuses. Nós, católicos, sabemos que tudo isso se personaliza num só Deus. Dentro dessa concepção, podemos dizer que o absoluto é uma pessoa, Deus Nosso Senhor, que procuramos dentro de todas as coisas” (Palavras de PCO na Apostila resumo do MNF, p. 43. Os negritos são nossos).

Portanto, o “catolicismo” de PCO era uma versão da Gnose para cúmplices e ingênuos. Daí, ser então secreta. E hoje continuar discreta.

De um lado, Plínio afirma que o ser do homem, sendo contingente é nada, e de outro lado, ele declara que Deus está no fundo do ser humano e no fundo de todos os seres contingentes, pois que “*Deus é o ser dos seres*”.

E não adianta em um livreco com excertos do pensamento de Plínio – pensamentos maquiados – se dizer:

“Os absolutos –[no plural] na concepção aqui adotada, são como que imitações do absoluto que é Deus” (PCO, op.cit., p.113). “Em sentido próprio absoluto é só Deus” (PCO, A Cavalaria não morre,. Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, feitos por Leo Daneile. Artpress, 1998, Glossário terminológico de PCO, verbete Absoluto, p. 235).

Então o Absoluto é só Deus. Mas antes se disse que o homem no final do processo humano se une e se transforma no Absoluto. Logo, o homem é Deus.

\*\*\*

Noutro ponto do livro sobre a Inocência Primeva Plínio afirma que “*a solução para essa náusea – [a insatisfação atual do homem] – só pode ser encontrada na*

*procura dos absolutos verdadeiros*” (PCO, **A Inocência...** p. 108). De onde se conclui, que há absolutos verdadeiros e outros falsos –no plural--, e que os absolutos verdadeiros conduzem ao Absoluto - ao Absoluto mesmo--, Deus.

Como o Absoluto é Deus, Plínio pergunta se a sede inata de Absoluto existente no homem é essencialmente religiosa ou não.

E ele responde que sim, mas *em “termos”*.

Lá vêm as distinções plinianas...

E daí vem que, para satisfazer a sede de absoluto, ele compare a sede de Absoluto à já aludida sede de um super chopp. O que faz da sede do Absoluto metafísico identificar-se com sede física saciada num bar. Daí, ele comparar o degustar um copo de chopp a um ato litúrgico:

“Em termos, porque podem fazer parte dessa sede do absoluto elementos naturais em proporção maior do que os existentes nos atos de culto que levam diretamente ao sobrenatural. Um simples copo de chopp, por exemplo, pode servir para a procura do Absoluto e nele entram mais elementos naturais que num ato de culto” (PCO, **A Inocência...**, p. 108. Destaque do autor).

E a comparação, além de tola, é escandalosa. Pois é óbvio que no beber um chopp entram mais elementos naturais do que num ato de culto.

Essa frase de PCO é uma prova de seu romantismo, pois ele faz o que diz Novalis, para quem romantizar é tratar o vulgar– um copo de chopp–como sublime, e fazer o sublime, vulgar.

Nessa altura, os prolectos seguidores de PCO enxertaram uma citação de São Boaventura que fala dos vestígios, imagens e semelhanças de Deus no mundo criado. Doutrina que Plínio parecia não conhecer, pois que logo em seguida diz uma enorme “*batatada*” termo com que ele designava tolices de estudante que não sabem a lição, e se arriscam a dar palpites estapafúrdios, para dar a entender que estudaram.

“Na procura do absoluto, faz-se a busca da semelhança que todo ser tem com Deus e com os seres ápices em cada categoria.

“Assim, uma pessoa que nunca tivesse visto uma chama, vendo-a numa pintura, teria certa idéia do que é o fogo, porém nunca poderia dizer que dele teve uma idéia

suficiente. O maior pintor do mundo não me diz, a respeito da chama, o que diz um fósforo aceso.(...) Temos aqui, portanto, dois graus de conhecimento. A pintura e o fósforo aceso são dois relativos que levam ao conhecimento de outro relativo, que é o fogo. Mas em comparação com a pintura e o fósforo aceso, o fogo tem algo de absoluto. Assim, subindo através de relativos podemos chegar a ter certo conhecimento de Deus, o único absoluto propriamente dito” (PCO, A Inocência..., p. 111).

Explicação absurda.

O fósforo aceso não é um símbolo que remete ao fogo. No fósforo aceso, há fogo mesmo. Não há símbolo do fogo. Basta por o dedo na chama de um fósforo para se ter uma bolha real e não simbólica.

Mas, para Plínio, “*em comparação com a pintura e o fósforo aceso, o fogo tem algo de absoluto*”

Como se no fósforo aceso não houvesse fogo real.

Como se publica essa “*batatada*” de Plínio como se fosse alta elucubração metafísica?

Depois desse exemplo infeliz, PCO procura explicar, de modo atrapalhado, a chamada Quarta Via de São Tomás de Aquino.

\*\*\*

A chamada Quarta Via de São Tomás é aquela em que ele prova a existência de Deus pela gradação das qualidades existentes no universo. Se há entes com a mesma qualidade em graus diversos, isso exige que haja um Ser com aquela qualidade em absoluto. Se há no universo vários graus de entes vivos (vegetais, animais, homens e anjos) isso exige que haja A Vida. Por isso, Cristo disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida”. Enquanto os entes do mundo tem vida, mas não são A Vida, Deus é A Vida.

Com exemplo mais simples, para mais fácil compreensão de nossos leitores, se Rio de Janeiro é mais belo que Guaianazes, deve existir A Beleza em si mesma, da qual o Rio de Janeiro tem maior participação que Guaianazes. Se Santo Antônio tem mais bondade do que Luiz das Quintas, então tem que existir A Bondade em si mesma. Deus é A Vida, A Beleza, A Bondade, A Verdade.

Deus é a causa de todas as qualidades existentes no Universo. O que no mundo existe em graus diferentes, em Deus existe absolutamente. O que as criaturas têm, Deus é. As criaturas tem bondade ou beleza. Deus é a Bondade, Ele é a Beleza.

Isso é dito e exposto por São Tomás em linguagem metafísica:

“Outros ainda acedem ao conhecimento de Deus a partir da dignidade do próprio Deus: são os platônicos. Com efeito, eles consideram que tudo o que é (alguma coisa) por participação se reporta ao que é tal por sua essência como ao primeiro e supremo; é assim que tudo o que é fogo por participação se reporta ao que é fogo que é tal por sua essência. É então necessário, já que todas as realidades existentes participam do Ser e são seres por participação, é necessário que no cume de todas as realidades exista alguma coisa que seja o próprio Ser por sua essência, de tal modo que sua essência seja o seu ser. E essa realidade é Deus, que é a causa absolutamente suficiente, supremamente digna perfeita de todo ser, e do qual tudo o que existe participa do Ser” (São Tomás de Aquino, Prólogo ao Comentário sobre o Evangelho de São João, nº 5).

Participação não é identificação.

E Plínio vai dizer o oposto do que ensina a Quarta Via tomista, pois ele afirma que tudo o que existe participa por analogia no Ser Absoluto realmente existente, ato puro, ser necessário.

Para PCO...

“Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 230).

Para aplicar a quarta via tomista aos entes criados, devemos lembrar que, nos entes criados, o ente é distinto de sua essência.

A essência de um ente é o que torna aquele ente o que ele é. Entretanto, a essência não tem existência antes da criação. Cada essência é uma possibilidade de ser. Ela só terá existência quando Deus lhe comunicar o ser por participação, o ente.

Em cada coisa criada, a essência está para o ente como a potência está para o ato.

Então, se cada ente criado tem graus de perfeição diversos, neles há uma participação maior ou menor no Ser em si mesmo, isto é, no Ser que é sua própria essência. Enquanto nos entes criados a essência é distinta do ente, como a potência é distinta do Ato (do ente por participação), então deve existir um Ser no qual o Ato da existência seja idêntico à sua essência. Noutras palavras um Ser cuja essência exija a sua existência. Tal ser é Deus. O Ser necessário.

Vejamos como Dr. Plínio explica a quarta via...

Para exemplificar o que é a quarta via, Dr. Plínio afirma que o desejo de bem que há no homem leva-o a aspirar algo muito superior à natureza (cfr. p., 120 da obra citada).

“Por bela que seja a natureza – e o é muitíssimo—ela não sacia o desejo de beleza, nem o desejo de bem estar do homem. (...) Os contos das mil e uma noites, os contos de fadas, são artifícios literários para que o homem sinta algo da magnificência dessa natureza para a qual foi criado, e que não encontra nesta Terra. Quando o homem olha para as estrelas—e não sente a insegurança do vôo—ele tem naturalmente vontade de voar, vontade de se por naquelas altitudes”. (PCO, A Inocência..., p. 120. Os destaques são nossos).

As citações não poderiam ser mais infelizes. E não poderiam ser menos metafísicas.

Em primeiro lugar, a quarta via de São Tomás não se fundamenta no desejo de prazer e de conforto sem limites, no desejo de bem estar, mas na compreensão de que o bem finito, em graus diversos, implica que deve existir um Ser que seja o Bem infinito, fonte de todo bem finito, criado analogicamente a Ele.

Dr. Plínio tem a noção de uma quarta via própria de um sibarita, que busca conforto, bem estar e prazer sem limite, -- que busca o super-chopp --- e não a de um católico comum, e muito menos a de um tomista. Por isso ele usa o verbo sentir e não o verbo compreender. Isso não é transcendência, mas sede insaciável de bens materiais, de sentir-se bem. Daí, a citação absurda das mil e uma noites, uma obra erótica, e a citação de contos de fadas, sonhos de maravilha naturalista, raiando pela magia e pelo esoterismo, dos quais PCO gostava muito pois que sua mãe romanticamente o “formou”—ou deformou—por meio deles, a fim de buscar o que fosse “*verdade no reino*”

*do além*”; através de “*um envelope fantasioso que contém uma verdade magnífica, oculta*”.

O maravilhoso...

Para culminar, veja-se este outro exemplo absurdo dado por PCO:

“Portanto, sempre que existe um predicado em determinado ser, este predicado participa de um predicado de outro ser mais alto.

‘Vamos dizer, por exemplo, o vermelho. Existe toda a gama de vermelhos, mas há de haver em algum lugar da criação, um vermelho perfeito e ideal, o vermelho absoluto, arquetípico, que haja a perfeição do vermelho, e que seja a perfeição do vermelho, e do qual todos os vermelhos participem. É o monarca dos vermelhos’ (PCO, *A Inocência...*, pp. 122-123. Os destaques são do autor).

Veja-se bem: o vermelho absoluto –enquanto ser possível- existiria em algum lugar da criação. Ora, o ser possível não existe em ato em nenhum lugar da criação. Deus, em seu Verbo, conhece todos os possíveis. Plínio transferiu os possíveis para algum lugar da criação. Para um Vadutz ou para um Hûrquêlya qualquer. Portanto, concebe-os como seres reais existentes em ato, e não como possíveis. E isso é romantismo. Isso nunca foi tomismo.

Plínio nada entendeu da Quarta Via. O que ele imagina é um vermelho “*ideal*”, “*absoluto*”, que teria que existir “*em algum lugar da criação*”.

Ora, tudo isso é idealismo subjetivista e naturalista. A Quarta Via tomista tem por finalidade compreender que existe o Ser absoluto, ato puro, que não tem matéria. Por isso, Deus não ocupa lugar na criação. Deus é transcendente, infinitamente superior a todo o criado.

Por isso mesmo, em Deus não pode haver o Vermelho absoluto que é uma luz material a não ser como idéia, em seu Verbo e não como coisa realizada materialmente. A luz material existente no mundo, e ela permite ver e conhecer o real concreto, que por isso é símbolo da Verdade, “luz” intelectual, que nos permite conhecer abstrativamente a verdade das coisas.

Deus não tem matéria. A luz física é simplesmente analógica à luz divina, infinitamente transcendente e espiritual. Quando a Escritura afirma que “*Deus lux est*” (I Jo, I, 5) – Deus é luz –não significa que em Deus haja luz física. Em Deus há apenas a

luz da Verdade, luz intelectual. Deus é luz, e nEle não há trevas, ensinou São João (I Jo., I, 5). NEle, porém, não há vermelho absoluto. Mas só luz espiritual absoluta, isto é a verdade absoluta.

Plínio, com sua imaginação, impressões e sentimentos, é incapaz de compreender o que é a transcendência infinita da Divindade. Por isso, ele se alça apenas ao nível da felicidade mágica dos contos de fadas, ou do bem estar e prazer, da felicidade erótica das mil e uma noites...

Noutro capítulo, tentando ainda explicar o que é a transcendência, Plínio diz:

“Se um cristal fosse capaz de pensar, poderia imaginar a existência de um ser de natureza superior à sua”( PCO, A Inocência..., p. 132. Os destaques são nossos).

Pensar para Plínio equivale a imaginar.

Ele é incapaz de compreender que abstrair não é imaginar. Daí, seu romantismo naturalista delirante. Tanto que ele vai dizer que “*nós homens, em outro sentido da palavra nos transcendemos uns aos outros*” (PCO, **A Inocência...**, p. 133).

Totalmente falso. Não existe transcendência de um homem sobre outro, pois que transcender é estar acima de outro na ordem do ser. Ora, todos os homens têm a mesma natureza. Logo, eles estão na mesma ordem de ser. Eles não podem se transcender uns aos outros.

Outra afirmação absurda é que Plínio declara que se pode aplicar a noção de transcendência ao mal:

A transcendência pode aplicar-se também ao terreno do mal. (PCO, A Inocência..., p. 137).

O mal não é ser. Logo não existe um mal transcendente.

Se isso fosse realmente possível, se chegaria à conclusão de que assim como existe o Ser absoluto, o Ato puro, existiria também o mal absoluto. E isso é a tese do maniqueísmo.

Santo Agostinho refutou essa tolice no livro **Contra Manichaeos**, ao dizer que, se o mal absoluto existisse, ele teria o bem da existência. Logo, ele não seria o mal absoluto.

Não existe o mal como ser.

Plínio considerava que a fantasia humana completava a realidade acrescentado-lhe *‘algumas notas irreais’* (PCO, **A Inocência...**, p. 139).

Notas irreais no real são uma contradição metafísica. São delírio que não muda o real.

O transcendente, para PCO, era imaginado e imaginário não cogitado e não real. Daí, as contradições que lhe permitem imaginar o irreal conciliado com o real.

Portanto, ele passava da transcendência metafísica para o irrealismo imaginativo. Do real, para o desvario. Por isso, ele afirma com toda a seriedade de um delirante que *“É certo, entretanto, que a palavra humana não é capaz de exprimir adequadamente determinados aspectos da realidade. Estes chegam ao conhecimento do homem por via não abstrativa e, por vezes pertencem a uma ordem tão elevada que até superam a força de expressão da palavra”*(PCO, **A Inocência...**, p. 140).

Desse modo, ele colocava o imaginar acima do inteligir.

Ora, é princípio escolástico de que nada há no intelecto que não tenha passado pelos sentidos. Pode ser que algo conhecido seja inefável, mas sempre o que foi captado pelo intelecto necessariamente foi abstraído da realidade material.

“Estabelecida uma reversibilidade entre arte e filosofia, o homem se sentiria explicado no que tem de mais fundo. Assim ele poderia reverter a termos expressos o que percebeu através da via artística. E, em sentido contrário, poderia encontrar na via artística o símile do que vê em termos expressos”

“No mundo do pensamento, a partir do instante em que o homem procurasse habitualmente exprimir o inexprimível, abrir-se-ia uma intercomunicação entre os dois domínios da qual poderia nascer um era nova” (PCO, **A Inocência...**, p. 140).

Eis aí expresso o sonho do romantismo: exprimir o inexprimível. Conhecer o absoluto. Eis aí a pretensão renovada de alcançar um conhecimento absoluto que permitiria ao homem conhecer o bem e o mal. Eis a tentação de Lúcifer renovada. Adão foi o primeiro romântico.

Plínio foi dos últimos.

Sabe-se como os românticos eram partidários da noite e do mistério, e contrários à luz, à clareza, à lógica, à razão simbolizada pelo sol, amado pelo classicismo.

Novalis escreveu **Hinos à Noite**. Chopin foi além, pois compôs “noturnos”, termo adjetivo, não substantivo. Plínio gostava de ambientes à meia luz. Gostava do obscuro. Veja-se o seguinte texto dele:

“Todas as vias da contemplação sacral vistas até agora conduzem aos esplendores da luz; o presente caminho, por paradoxal que seja, leva aos esplendores da escuridão, pois seu tema é o ignoto. E o ignoto também tem os seus esplendores” (PCO, *A Inocência...*, p. 143. Os destaques são nossos.).

Surpreendente.

Dialeticamente surpreendente, num autor que se proclamava católico. Nada surpreendente nos românticos dualistas, para os quais os contrários são iguais. Para os quais o bem equivale ao mal, e o ser ao não-ser.

PCO descobriu os “*esplendores da escuridão*”. Que simbolicamente seriam os esplendores do mal. Do demônio, já que São João nos ensinou que “*Deus é luz, e Nele não há nenhuma treva*”(I São João, I, 5).

E Plínio escreveu um texto intitulado “**Fantasmagorias da noite**” (Cfr. PCO, op. cit., pp. 227-228), colocado nesse livro que analisamos logo depois de um texto do romântico Chateaubriand, texto intitulado “**Os misteriosos murmúrios das trevas**” (PCO *A Inocência...*, p.226).

Plínio comenta o texto de Chateaubriand e fala em demônios da noite. Como os românticos, que, com Victor Hugo, fizeram poesia para o sol negro que habita o fundo do inferno.

E, então Plínio nos diz que a inocência, tal qual ele a concebe, sem mancha, impoluta, sem pecado original, essa inocência “*sacral*” é atraída pelo... mistério...das trevas.

Eis um trecho do texto tenebroso de Plínio:

“Um dos aspectos mais característicos da inocência é a facilidade de admitir o mistério, em não se sentir insultado por ele, pelo contrário, conviver com ele e compreender que o mistério não é um negrume hostil, mas uma floresta, cuja simples existência é sugestiva para a mente humana.

“Para a alma inocente, o belo do mistério é o auge da verdade. Pelo contrário, a alma esclerosada pela filosofia

das luzes, pelo positivismo e doutrinas congêneres, sente no mistério algo que a atormenta” (PCO, A Inocência..., p. 144. o destaque é nosso).

É exatamente a posição dos românticos inimigos da razão e tendentes ao tenebroso. Portanto, ao mediúnico, ao diabólico. A “*sentir o mistério*”...

Leiamos Plínio:

“Ora,-- e aqui chegamos ao ponto--a busca da verdade é uma ascensão. E como toda ascensão, o auge dela é um pico nevado, coberto de névoa e que se perde nas alturas. Renunciar a essa névoa é desistir de escalar o pico. Compreender a amá-la é compreender e amar a ascensão. É preciso amar a névoa para apreciar verdadeiramente as alturas” (PCO, A Inocência..., p. 144).

Não é preciso ser especialista em Romantismo para saber que os românticos amavam a névoa, o obscuro, o impreciso que se percebe através de um nevoeiro.

E Plínio conclui dizendo: “*Recusar o mistério é fugir do real*”.(PCO, **A Inocência...**, p. 150).

## Capítulo IX - Os seres criados seriam análogos aos seres possíveis que não existem

E, no capítulo seguinte, PCO introduz o leitor no mundo do mistério: no mundo dos possíveis.

Contudo, logo na primeira frase desse capítulo, Dr. Plínio faz uma distinção sutil usando um “também” que facilmente escapa ao leitor menos atento, ou mais apressado:

“Seres possíveis: poderiam existir mas não existem”

“A contemplação sacral também pode ter como objeto o campo dos possíveis, ou seja, dos seres que poderiam existir, mas não existem. Assim, quem a ela se dedicar verá desdobrar-se diante de si um verdadeiro universo, pois todo ser existente tem analogia com inúmeros seres que não existem e jamais existirão” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, edição do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, Artpress, São Paulo, 2008, p. 153. Os destaques são nossos).

Analisemos mais de perto essa citação fundamental da doutrina de Plínio.

Note-se em primeiro lugar, que aquilo que Plínio chama de “*contemplação sacral*” tem por objeto “também” os seres possíveis, que não existem.

A contemplação sacral de Plínio, como a contemplação budista, contempla o vazio. O Nada. O Nirvana.

A contemplação sacral de Plínio pode ter por objeto quer o mundo real, quer também coisas irrealis: as fantasias delirantes de PCO.

Segundo – e fundamental – “*todo ser existente tem analogia com inúmeros seres que não existem e jamais existirão*”.

Falso.

Falso e contrário à doutrina católica revelada.

Todo ser criado é análogo a Deus que existe, e não a seres que não existem.

Os seres criados não são análogos a seres imaginários e nem a seres possíveis inexistentes. São análogos a Deus, Ser que existe.

Não é possível haver analogia entre o existente e o que não existe.

São Paulo, na primeira epístola aos Romanos diz: “*Após a criação, as qualidades invisíveis de Deus, compreendendo-se pelas coisas feitas, se tornaram visíveis nas coisas criadas*”. (Ep. Romanos, I, 20).

Portanto, as qualidades das criaturas permitem-nos compreender analogicamente as qualidades invisíveis de Deus criador. E não ficar imaginando o inexistente, ainda que ele fosse apenas possível.

Plínio afirma um absurdo. Para ele, as coisas existentes não são análogas a Deus que existe, mas a seres possíveis ou imaginários que realmente não existem. Portanto, as coisas existentes seriam análogas ao inexistente.

Dessa forma, Plínio anula a Quarta prova da existência de Deus de Aristóteles e de São Tomás. A Quarta Via que Plínio diz ser fundamento de sua doutrina, levaria a concluir que o mundo seria análogo ao possível não existente, ao vazio. Ao nada. Ao inexistente.

Os seres possíveis na mente divina, somente são tais, porque Deus os concebe como tendo possibilidade de existir para refletirem alguma qualidade objetiva e infinita de Deus. Se não refletissem algo de Deus, eles não seriam possíveis de serem criados.

Mais. Se podemos imaginar um mundo possível puramente “ideal” perfeito, poderíamos imaginar ainda um outro mundo ainda mais perfeito, e assim indefinidamente. Ora, isso tornaria a série de semelhanças entre o mundo e Deus indefinida.

Mas isso contrariaria a primeira e a segunda prova da existência de Deus formuladas por Aristóteles e São Tomás.

Com efeito, esse filósofos demonstraram que a série de mudanças e de causas no universo não pode ser sem fim. Que elas têm que ter um fim. E que esse fim deve ser um Ser em Ato, sem nenhuma potência passiva.

Primeiro, porque o infinito não pode ser dividido. Qualquer divisão no infinito, produziria o mesmo infinito. O infinito dividido por dois não produz nem meio infinito, nem dois infinitos. O infinito é indivisível.

Logo, a série de mudanças que há no universo, assim como a série de causas e efeitos tem que ser finita. Do mesmo modo, a série de analogados não pode ser infinita,

tem que terminar num Ser realmente existente, jamais num possível potencial inexistente em ato.

Logo, é errada a suposição de PCO de que se pode imaginar como analogante primeiro um mundo irreal da Trans-Esfera perfeitíssimo, inexistente, porque sempre se poderia imaginar um outro mundo mais perfeito ad infinitum. O que faria essa série “indefinida”. Isto implicaria praticamente em negar haver, no início, o Ato puro a que todos os seres criados são semelhantes. Toda a série de analogados a Deus tem que partir de um ser realmente em Ato, e não de um possível que só existe em potência. O Mundo é análogo ao Ser Necessário, Deus, que existe, Ato puro e não a uma Potência pura inexistente.

O mundo não é análogo a seres possíveis inexistentes.

Plínio coloca no início o vazio. A pura potencialidade. E isso não é católico.

Além disto, Plínio confunde seres possíveis com seres de razão.

Já vimos que, na filosofia escolástica, seres possíveis não existem na realidade. Podem existir apenas na mente divina como essências, mas sem terem o ato da existência.

Um ser intrinsecamente possível:

1 - tem que ter notas essenciais não contraditórias. Por exemplo, Deus não pode conceber como possível, em sua mente, um triângulo de quatro lados.

2 - tem que ter uma causa capaz de fazê-lo existir e haver circunstâncias que o façam, compatível.

Os seres possíveis dependem intrinsecamente do espelhar analogicamente uma qualidade de Deus.

Não dependem da mera vontade de Deus. Deus não pode criar e nem conceber como possível, algo que dependa só de sua vontade, sem referência de alguma forma, analogicamente a seu ser divino.

Por outro lado, os entes de razão não são seres possíveis. Os entes de razão não existem de per si, fora da mente humana. Eles existem na mente humana como idéias objetivamente conhecidas.

Erra Plínio quando, por vezes, confunde ser possível com ens rationis, ou com seres imaginários. Papai Noel, fadas, a Medusa os centauros, não são seres possíveis. São apenas seres imaginários.

Deus poderia conceber muitos outros seres que refletissem suas qualidades. Estes seriam seres possíveis existentes em sua mente. Não realizados em ato. Não existentes realmente.

Porque se esses seres existissem de modo real, eles deixariam de ser possíveis. Seriam entes realizados e não mais possíveis de serem realizados.

Há contradição entre possível e realizado.

Por que Deus não os fez?

Porque não quis fazê-los.

E são os seres possíveis que Deus não quis fazer, que PCO coloca como fonte de todos os bens dos entes do universo.

E por que Deus não criou todos os seres possíveis?

Aventamos uma resposta.

Todo mestre ensina com exemplos adequados às mentes que quer ilustrar.

E um bom mestre usa apenas os exemplos necessários e mais apropriados para fazer compreender a verdade que quer ensinar. Também o ensinar é regido pela lei da economia.

Deus criou o mundo como ele é, criando nele apenas os seres convenientes e úteis para o homem compreender por meio deles, por meio de suas qualidades visíveis, por analogia, as perfeições invisíveis de Deus.

Tudo o que existe foi feito por Ele no Verbo, e sem Ele nada foi feito como diz São João, no Prólogo do seu Evangelho. E no livro de Jó, -- nós já o vimos-- se afirma que Deus só fez o que quis. Se não fez todos os possíveis, é porque Ele não quis fazê-los, e não os fará. ”*Sua vontade fez tudo o que quis*”( Jó, XXIII 13).

Para Plínio, “***Existe** uma escala na qual o primeiro degrau, é o mundo real; o segundo é o arquétipo do real; e, no terceiro degrau e mais elevado, está o mundo dos possíveis*” (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 157).

Se esta é a escala dos seres reais, que existem, como Plínio coloca em seu ápice, o mundo dos possíveis que não existem?

Portanto, mais elevados na escala real dos seres estariam os possíveis que seriam mais que os arquétipos existentes na mente divina e que são os possíveis em Deus, que são irreais.

Plínio diz que existe uma esfera ápice do real que seria... “*o mundo dos possíveis*”. Irreais.

Clara contradição.

Essa escala contraditória do real nunca foi ensinada pela doutrina católica. Só em sistemas gnósticos se encontram tais esferas “ontológicas” teratológicas e surrealistas de que não falam nem a Escritura e nem a tradição católica.

Daí, Plínio ter ficado “impressionado” com o filme ET e acreditar que, de fato, existiam ETs no universo.

Ora, Deus fez o homem social, para que ele pudesse amar a outrem, fazendo-lhe o bem. Se Deus tivesse criado seres inteligentes extra terrenos, Ele teria que criá-los com possibilidade de comunicação com os homens, para que houvesse caridade de uns para com os outros. Por isso, Deus não criou seres com os quais não poderíamos nos comunicar e nem amar.

Não há extra terrenos. Não há ETS de filmes e nem de Plínio.

Deus nos mandou amar o próximo, real. Não os simplesmente possíveis.

Por isso, não é de espantar que Plínio imaginasse existir, como possíveis, outros elementos que os quatro encontrados em nosso mundo:

“Os quatro elementos clássicos – terra, água, ar e fogo– também possuem os seus possíveis. Por exemplo, o mundo dos fogos e das chamas tem evidentemente possíveis, como o mundo da água. “E o mundo do ar? Qual o homem que não tem inveja quando vê um pássaro voar?” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 160).

E desejar voar não implica que existam os seres possíveis. Uma coisa nada tem a ver com a outra.

Foi por querer voar que Plínio, um dia, sonhou ser urubu?

Não acreditam?

Veremos isso mais adiante.

Por enquanto, constatemos que PCO imagina todo um universo paralelo como possível inexistente mas que de algum modo existe.

Também na História, diz PCO, poder-se-iam buscar os possíveis, montando mitos sobre pessoas e fatos. Daí, Plínio concluir que o mito vale muito mais que os fatos reais, e que a lenda supera a realidade.

Ao tratar do problema se há “possíveis” na História, PCO vai deixar ainda mais clara sua doutrina de que o mundo real é uma miragem de um mundo irreal e não de Deus. E chegará a afirmar que tudo o que existe reflete o que não existe. O tudo seria imagem do nada. O gnóstico Mestre Eckhart não diria diferente: se o mundo é ser, ele é reflexo do Nada. Essa é afirmação típica da dialética gnóstica. Logo abaixo, daremos as palavras de PCO afirmando esse absurdo. Aguardem, por favor, umas linhas.

#### **“Os possíveis e a História**

“Quando imaginamos como teria sido a coroação de Carlos Magno, percebemos que o gosto da História consiste mais em saborear os possíveis que existiram. – [Repare-se: os possíveis que existiram! O que não existia já passou a existir ... na pena de Plínio]–“E creio que a mais alta cogitação que se deve procurar na História não é tanto a explicação dos acontecimentos, mas evocar os possíveis que deixaram de ser [Deixaram de ser? Como pode deixar de ser o que não era ser atual, ser real?] – cuja memória ficou e que constitui, por exemplo, o charme dos cemitérios (quando o cemitério tem charme)” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 159).

Até Plínio se assustou com o seu “*charme dos cemitérios*”.

O que, aliás, sempre foi uma nota do romantismo: gostar de cemitérios...

Mas não se assustou com sua afirmação contraditória de que houve “*possíveis que existiram na História*”.

E que absurdo conceber a História não como o conhecimento dos fatos por suas causas, e sim imaginando o que poderia ter acontecido e não aconteceu, o que poderia

ter sido, e não foi. Plínio quer transformar a História em conto de fadas. Com verdades ocultas.

Plínio ensinava o oposto do que ensinou São Paulo, pois nesse livro de Plínio se lê :

“Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 230. O destaque é nosso).

Está aí outra prova cabal da Gnose pliniana.

Pensar que o existente participa do que não existe é loucura.

“(…) o universo, para ser plenamente universo—ou seja universal—deve ser o espelho de todos os possíveis. Deve ser tal que todos os universos possíveis, de algum modo nele se reflitam. Estes universos possíveis devem se postular e se refletir uns aos outros” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 157).

Portanto, o universo real teria que incluir os possíveis inexistentes. Logo, para Plínio, eles passaram a ser reais.

O universo real é espelho real de Deus e não dos possíveis. Estes só existem como idéia na mente divina.

Se o universo real necessitasse – para ser plenamente universo– incluir, e ser espelho, de todo os possíveis, de todos os universos possíveis-- irreais-- que se refletiriam em nosso universo, esses possíveis estariam postos no lugar de Deus, e os possíveis seriam realmente existentes.

Outra vez o mesmo absurdo. O universo dos possíveis não existe realmente. E por isso o universo real não pode refleti-lo. O universo real é feito semelhante a Deus, Ser por excelência. Deus não é um possível. Existe de fato. É Ato puro, e não um possível.

Plínio havia dito que o mundo dos possíveis de fato, não existia. Mas, na página 159 desse livro delirante, ele afirma o oposto, porque ele vai lentamente deslizando do não existente para o de algum modo existente, para enfim afirmar:

“Mas este mundo dos possíveis não é uma quimera: à sua maneira ele tem realidade” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 159).

No fundo, para PCO, tanto fazia se os possíveis existissem ou não.

Muito menino ainda, contemplando as cores e decorações de seu quarto, ele imaginava outras cores e outros adornos. Num mundo imaginário de seres possíveis:

“E na minha inocência, regozijava-me com aquela harmonia cromática, degustando-a e raciocinando: “Isso não é ouro, nem medalhão, nem fita, mas figura de ouro, de medalhão e de fita. Eu, portanto, devo imaginar um quarto ornado, não com simples papel, mas com verdadeiro ouro, autênticos medalhões e fitas, sobre uma verdadeira seda. Que efeito produziria? Como seria uma casa assim? E como seriam as pessoas que nela morassem? Que maneiras, que virtudes teriam? Como seria o resto da decoração da residência? Estou entrando numa espécie de mundo irreal, com cores incomuns. Estou me movendo no mundo interior das minhas idéias. Que lindo é isso!

“Tratava-se da procura de um maravilhoso superior à realidade cotidiana e colocado numa linha arquetípica de belezas ideais. Para mim, nem era necessário que elas existissem, mas bastava-me entender serem concebíveis” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, vol. I, p. 301. Os destaques são nossos).

Para PCO, tanto fazia se os possíveis existissem ou não. O que ensinava a Religião, a Metafísica e o bom senso não interessava. Importava o que ele imaginava, existisse, ou não, o imaginado.

Tanto fazia ser ou não ser, existir ou não existir, porque, como Bérqson, ele considerava que a existência era um mero fluxo. Eis o seu comentário vendo um jorro de água, caindo no mar:

“Assim é a vida! Os fatos vão saindo de dentro do possível para se tornarem reais e depois se perdem no que já passou, como essa água que desaparece no mar. É bonito ver como isso se sucede. E o ruído que faz essa água caindo no mar é como o rumor dos fatos da vida, quando acabam de acontecer e se perdem no passado. E o ruído que vai, vai, e de repente acaba. Assim é a vida... Que bonito esse jorro! Como é bom que comece, como é bom

que dure, como é bom que acabe!”(Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, vol. I, p. 212).

E Plínio diz que pensou isso aos quatro anos. Sem ter lido Bergson, de quem ele repete até o termo “jorro” para indicar o fluxo do existente.

Desse modo, fica claro que PCO—aos quatro anos!-- era um gnóstico heraclitano ou bergsonianos, para quem tudo era fluxo. Portanto, que o ser não existia.

E não se diga que ele se refere apenas a fatos, e não a seres, porque ele se refere à água que é ser. É verdade que ele compara o jorro da água aos fatos. Mas, depois, ele vai dizer o mesmo das pessoas que, quando morrem, passam do mundo real e passam para o mundo dos possíveis...

O que é uma teoria que, nega o ser afirmando que há apenas mudança, e como consequência, leva à negação da imortalidade da alma.

“As saudades são a lembrança de um pequeno possível que deixou de existir. Assim, quando alguém deixou de existir, fica para nós como um possível” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 159)

Se um possível deixou de existir, era porque antes ele existia em ato.

Logo, ele não era um “possível”.

Para Plínio, então, logicamente, as orações pelas almas seriam orações para os que deixaram de existir...

Acabou-se o purgatório. Só o purgatório?

As almas dos mortos passariam a ser meros possíveis em Deus? Mas então elas não existiriam mais em ato. Se fosse assim, ninguém estaria no céu, no purgatório, ou no inferno.

Mas então não existiriam nem Céu, nem Purgatório e nem Paraíso para os homens.

Para Plínio, quando morremos passamos a ser possíveis e nos identificamos então com Cristo na Trans-Esfera.

Essa doutrina de PCO, ensinada por ele secretamente no MNF e na Sempre Viva, assim como é repetida por Mons. Scognamiglio entre os Arautos, é completamente herética e gnóstica.

É o que dá não estudar seriamente, nem mesmo o Catecismo, e pretender explicitar o que se tem na cabeça, julgando que a própria cabeça é a fonte do saber absoluto. Da cabeça sem estudo, e com pretensões à sabedoria inata e primeva, saem “*batatadas*”.

\*\*\*

Para Plínio, então, o mundo real é semelhante ao que não existe em ato mas que só é possível.

Falso.

Deus existe. Deus é ato puro, E o mundo foi feito por Ele como semelhante a Ele. E não como semelhante a possíveis.

A imaginação de Plínio, ao invés de examinar as perfeições das coisas criadas como reflexos de Deus existente em Ato, as despreza, buscando, perfeições imaginárias ad infinitum, sempre análogas a seres irreais imaginados como mais perfeitos.

Por isso, escreveu Plínio que “*nosso universo é uma maquete do mundo dos possíveis*” (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 156).

O mundo real seria algo semelhante ao mundo dos possíveis inexistentes.

Não. Repetimos: o universo é semelhante a Deus que é O existente. Plínio nega o que ensina a Sagrada Escritura.

Em vez de buscar conhecer Deus que existe como analogante primeiro e universal de todas as criaturas realmente existentes, Plínio corre atrás de fantasmas, sonha seres imaginários como possíveis. Plínio ensina a buscar ilusões, fantasias, mitos, irrealidades, sonhos, quimeras.

Deus é o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis – mas sempre reais, existentes em ato – está longe das “*cogitações* de Plínio” – puras imaginações – que vivia para o irreal, para o ideal, para os seres possíveis . Nunca para o real.

Deus não criou ilusões.

Mas Plínio ousa escrever que Deus criou ilusões. Ao falar dos mistérios e fantasmagorias da noite, Plínio afirma:

“Sei que são só ilusões. Mas Deus as criou para falar de Si. E também do anti Ele”(PCO, A Inocência..., p. 228).

Deus teria criado as ilusões para que elas falassem de Deus e do anti deus? Do anti Ele?

Que loucura maniqueísta é essa?

Plínio defendia a Gnose romântica.

Amando o imaginário, ele desprezava todo o real concreto. Sobretudo esquecia e desprezava o verdadeiro real, o real absoluto, necessário, o único infinito. Plínio fez do sonho do irreal e do mito o seu Deus.

Um “deus” imaginado como pura potência, sem existência. Plínio fazia adorar o vazio.

O Nada. O Não ser.

O “*anti Ele*”.

Para ilustrar a noção de contemplação sacral do mundo dos possíveis, Plínio apela aos quadros de Claude Lorrain, pintor do período barroco, mas cujas paisagens imaginárias e irreais se poderiam dizer pré-românticas.

Plínio mostra como nos quadros de Claude Lorrain há uma “*atmosfera irreal*” (A Inocência...,p. 152) “*Nesses quadros de Lorrain não cabe nada de tormentoso, não há ventania, nem sequer brisa.(...) “As pinturas de Claude Lorrain (...) são tão magníficas que nos fazem pensar num outro universo, num mundo que pode se afigurar a nós como irreal, como inexistente, mas para o qual a nossa alma irresistivelmente se inclina”* (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação sacral do Universo**, ed. cit., p. 153).

Ora, a alma humana não é inclinada para o inexistente, e sim para o Bem realmente existente, isto é, para o que existe em Ato. Para o Ato puro, isto é, para Deus.É uma deformação do espírito humano – uma deformação romântica – deixar-se inclinar para o imaginário, para o inexistente. Para o sonho. E Plínio se confessa irresistivelmente inclinado para o irreal e para o inexistente.

“Uma das mais altas expressões da escola filosófica católica do Vitorinismo é, através do real, nos fazer tomar contato com os irreais, com os quais nossa alma sonha, como escalas interiores para atingir o Céu. Quem assim o faz não é sonhador: esse é pensador” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação sacral do Universo, ed. cit., p. 155).

Isso é falso.

A escola dos Vitorinos não fazia passar do real ao irreal, e sim do material ao espiritual, que é bem real, e daí até Deus que é o Bem absoluto. Ser Real. É falso que o pensamento católico busque passar do real ao irreal. Isso é negar a existência de Deus e da ordem espiritual.

Caminhando de possível em possível, Plínio chega a “excogitar” – isto é, a imaginar-- os possíveis de si mesmo:

“A pessoa percebe os possíveis de si mesmo. Pode inebriar-se, e quanta fantasia se realiza dos possíveis internos! Por outro lado, quanto desejo de santidade, quanta maravilha de heroísmo, de talento, pode ser gerada pelo senso dos possíveis de cada qual!

“Ái das almas que não têm uma noção do seu possível interno! Pode até ser uma forma de entretenimento olhar nas caras que se encontram pela rua e perguntar se a pessoa tem, ou não, alguma noção de seus possíveis internos” (PCO, A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 160).

Isso, normalmente, se resolve em paranóia.

O indivíduo começa a imaginar-se Napoleão.

Ou profeta.

Ainda que Profeta só de Higienópolis.

Uma visão de um possível excelentíssimo de si mesmo conduz a pessoa a se ver de um modo mitificado. E era isso mesmo o que Plínio desejava: mitificar-se e mitificar tudo.

Veja-se então o que ele diz do mito e dos homens-mitos que existiriam na Trans-Esfera, que ele sonhou, e de onde eles nos comunicariam a sua “transcendência”.

## Capítulo X - Mito ou História - Lenda ou Realidade - Os Possíveis de PCO na História

Plínio considera que pode haver algo de bom e verdadeiro na noção de mito.

Veja-se a distinção que ele faz:

### **“Mito: sentido mau e sentido bom.**

“Na literatura indigenista [Sic?] em voga na segunda metade do século XX, a palavra mito cobre duas faixas que se sobrepõem: um histórico maravilhoso, evidentemente mitológico, e que, portanto, inclui as respectivas lendas, mas, ao mesmo tempo, uma visão transcendente das coisas, a qual mostra o aspecto-símbolo do ser mitificado. Esta segunda componente corresponde a algo de verdadeiro na noção de mito, em consonância com a boa doutrina. É neste segundo sentido, legítimo, que será tomada aqui a palavra mito” (PCO, A Inocência..., p. 168).

O mito falaria de um mundo transcendente...

Quanta anfibologia!

Quanta redundância!

Quanta confusão!

PCO confessa então que considerava aceitável algo da concepção de mito da escola romântica simbolista, que foi uma escola claramente gnóstica.

E lá vai PCO fatiando a terminologia para se permitir escapadelas anficológicas. Haveria uma noção de mito consoante com a doutrina católica no simbolismo. Sri Paladan que o diga. Só porque PCO o quer. Isto é, só porque PCO o imagina.

Qual é o sentido de mito de acordo com a boa doutrina?

Plínio não o diz claramente.

Afirma que há homens-mito. E nesses homens-mito haveria um aspecto simbólico verdadeiro remetendo a uma noção transcendente. E vimos com em cada um desses termos usados por PCO (mito, transcendência, símbolos), há imprecisões e confusões grosseiras.

“Há um modo de ver o homem-mito que transcende o próprio homem. Corresponde a uma concepção que

freqüentemente se tem a respeito de pessoas que personificam o que elas simbolizam. Quer dizer, elas simbolizam uma realidade superior que resulta de uma *vue de l'esprit* -- um produto de nosso espírito. Tal fato decorre da necessidade que sentimos da individualização' ou personificação de certos princípios ou valores.

“O homem-mito se situa, pois, numa esfera transcendente, uma super-esfera, da qual ele comunica aos homens a sua transcendência. Essa transcendência é o mito. Então, a idéia de mito traz consigo a idéia de uma Trans-Esfera”(PCO, *A Inocência...*, p. 168. Os sublinhados são do autor).

Os homens-mito simbolizariam “*uma realidade superior que resulta de uma vue de l'esprit -- um produto de nosso espírito*”.

Está aí uma confissão interessante: a realidade superior seria um simples produto de nosso espírito. Seria uma “*Vue de l'esprit*”, a imaginação produzindo uma realidade ontológica superior.

O que é puro idealismo romântico.

Do ser possível, passou-se ao mito como coisa existente na História. Mas ambos habitando a Trans-Esfera. E isto só porque “*sentimos*” o homem-mito, personalização individualizada de certos valores, pura *vue de l'esprit*, que causaria uma realidade superior.

Isso é um xarabiá subjetivista e idealista que procura provar o que afirma, afirmando o que teria que provar: o homem-mito é uma concepção que se tem de uma pessoa que personifica o que ela simboliza, isto é, simboliza uma realidade superior que resulta de uma “*vue de l'esprit*”.

O que é uma besteira posta em francês.

Daí, diz Plínio, o homem-mito situar-se numa esfera transcendente, e essa transcendência é o mito que traz consigo a idéia de Trans-Esfera. Que ele devia provar que existe. E dessa Trans-Esfera o homem-mito nos comunica a sua transcendência. E essa transcendência é o mito.

Um delírio circularmente redundante.

O “autor” do “romance” **Dona Lucília**, -- Scognamiglio -- no tempo em que ele era o propagador do culto de PCO e da mãe de PCO, a liberal Dona Lucília, em seus

anos de TFP, o agora Monsenhor Scognamiglio, chamava a mitificação de “*traço dominante da personalidade de Dona Lucília...*”.

No romance **Dona Lucília**, que tem como autor de capa João Scognamiglio Clá Dias, fica evidente que Plínio herdou essa mentalidade romanticamente mitificadora de sua mãe, Dona Lucília, que segundo Scognamiglio tudo mitificava.

O atual Monsenhor-chefe da banda dos Arautos e grão mestre arautiano da Sempre Viva, reconhece explicitamente que Dona Lucília gostava de mitificar tudo, recusando ver as coisas como elas são:

“Tudo nos lábios de Dona Lucília se tornava como que feérico, legendário”. (J. Scognamiglio, *Dona Lucília*, Vol.I, p. 57).

E, numa nota, o “autor” tenta explicar em que sentido usa o termo “*legendário*” :

“Legendário” se emprega aqui no seguinte sentido “envolto numa atmosfera de tanta elevação, que parece tocar na legenda” (J. Scognamiglio, *Dona Lucília I*, p.54, nota 2).

O que não explica nada, porque o “autor” usa o termo legenda para tentar explicar o que é legendário: legendário é o que toca na legenda...E legenda é o que é tocado pelo legendário... E daí para diante, numa redundância sem fim. Legendária. Pliniana em sua redundância circular.

“Acusado Doutor Plínio escondido atrás do Scognamiglio!”

Pois essa redundância é típica do verdadeiro autor do romance **Dona Lucília**: o próprio Plínio, escondido atrás de Scognamiglio.

Veja-se esta confissão do espírito mitificador de Dona Lucília:“*Quando ainda jovem, [Dona Lucília] ao contemplar as qualidades de alma dos que compunham o seu ambiente, com instintiva naturalidade as mitificava tanto que chegava a afastar as suas sempre bem-intencionadas vistas de tudo o que nelas pudesse não ser virtude. Os senões que encontrava na conduta das pessoas, reputava-os exceção. Era como se num belo lenço de seda houvesse pequenos furos. Porém, o resto era seda muito boa...*” (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p.52).

O **Novo Dicionário Básico da Língua Portuguesa** de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, no verbete mitificar, diz que fazer isto é converter em mito. E no verbete **Mito** dá os seguintes sentidos, entre outros, a essa palavra:

- “Idéia falsa sem correspondência com a realidade”.
- “Imaginação simplificada de pessoa ou de acontecimentos, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos e que representa significativo papel em seu comportamento”
- Coisa irreal, utopia”.

Leia-se então agora o que Plínio confessou sobre a mitificação que ele fazia normalmente com algumas pessoas que estimava:

«Tais cogitações levavam-me também a entusiasmar-me por determinadas pessoas, mitificando-as. Eu amava intensamente certos estados de alma que notava nelas, vendo-as muito conexas com o ambiente em torno de mim. E percebia que elas mantinham – em alguns aspectos–uma relação de nível inferior com a inocência e, por isso, eu desejava respeitá-las, mas com a ilusão de um menino que ainda não tinha idéia de pessoas em estado de pecado mortal. E, nessa mitificação – subconsciente e involuntária, mas coerente – eu fazia uma seleção de todos os aspectos tradicionais que ainda existiam nestes ou naqueles conhecidos meus » (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, p.222).

Portanto, não era só Dona Lucília que mitificava os parentes. Plínio também fazia isso, e aprendeu a fazer isso de sua mãe : para os amigos, mitificação. Para os inimigos, denigração até a calúnia.

E Plínio confessou, escreveu e Scognamiglio fez imprimir e publicar que Dr. Plínio mitificou a figura de sua mãe, Dona Lucília :

“Sentia emanar dela--[De Dona Lucília]– tanta retidão, harmonia, suavidade e firmeza que ela me parecia uma imaginação, quase uma utopia! Dava –me a impressão de uma “trans realidade” maravilhosa, como uma miragem no deserto” (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008,p. 339. Os destaques são nossos).

Ora, essa mitificação da realidade, que fazia recusar ver os defeitos dos seus parentes e amigos, para ver só seus lados positivos é tipicamente liberal e romântica. É puro sonho negador do real.

É tipicamente pliniana.

Como considerar santo --- e com virtudes heróicas--, quem se recusava a ver a realidade tal qual ela era, e que preferia mentir a si e aos outros, ocultando a verdade sobre aqueles que estimava? Como considerar santo ou santa, quem falseava a realidade movido por seus sentimentos, simpatias e antipatias, e por sua imaginação?

Como considerar santa uma pessoa que se chamou de liberal?

No romance *Dona Lucília*, o seu pseudo “autor” Scognamiglio escreveu:

“Esse modo de considerar a realidade, pelo qual a todos situava numa clave de seriedade, distinção e grandeza estava muito presente em todas as narrações dela procurando transmitir uma idéia arquetipizada da vida e do convívio entre os homens” (J. Scognamiglio, *Dona Lucília*, Vol. I, p. 52).

Então ela não mitificava só os parentes. Ela mitificava tudo e todas as coisas. O que é um traço essencial de uma mentalidade absolutamente romântica. E essa “idéia arquetipizada da vida” mostra que havia nela – ou em quem falou por ela, nesse livro – uma característica platonizante, que, como demonstrou Simone de Pétrement, é fundamentalmente gnóstica. (Cfr. Simone de Pétrement, **Le dualisme chez Platon, les Gnostiques et Manichéens**, PUF, Paris, 1947).

Portanto, essa mitificação ou arquetipização do real são então modos de que ela inventava o que era contrário à realidade, transmitindo uma “*Idéia falsa sem correspondência com a realidade*”. O que significa, pelo menos materialmente, mentir.

Portanto, a mentalidade mitificadora de *Dona Lucília* foi que encharcou a mentalidade de Plínio de sonhos e mitos. Por isso, ele a chamou de “Mãe da Trans-esfera”.

Contraditoriamente, o “autor” do romance ***Dona Lucília*** faz questão de dizer que *Dona Lucília* ficou “incontaminada” pelo romantismo:

“*Lucília*, que em relação ao romantismo mantivera sua alma incontaminada...”(J. Scognamiglio, *Dona Lucília*, Vol. I, p. 52).

Isso nem é “*vero*”, e nem é “*bene trovato*”.

É lorota.

E prova de que isso é falso, é que o próprio Monsenhor Scognamiglio fez publicar o livro *Notas Autobiográficas* de Plínio Corrêa de Oliveira, no qual se lêem as seguintes palavras dele:

“Compreendi bem que as influências de mamãe e da Fraulein deviam completar-se; e daí resultou uma composição: eu percebia que minha mãe havia recebido a educação do tempo do romantismo, na qual a mulher devia ser o encanto da família, afável e agradável. Eu, como homem, tinha de ser combativo; mas entendia que não podia ser uma espécie de leão rugindo no mato...Era preciso ser amável e educado, como um verdadeiro católico deve ser” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, vol. I, p. 278. O destaque é do original).

O resultado parece não ter sido perfeito, pois que o mesmo Plínio afirma, nesse mesmo livro, que a Fraulein procurava combater “*as delicadezas*” excessivas de Plínio: “*Está vendo ? Que vergonha! Ela é mulher e devia ser protegida por você. Na hora de cruzar a rua, o normal é que o menino diga à menina: “Vamos, eu te protejo”. E aqui acontece o contrário: a menina protege o menino!*” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, vol. I, p.266).

Foi Fraulein Mathilde quem disse isso. Eu não disse nada, que nem estava lá. Só citei o que Plínio contou.

E ainda mesma Fraulein criticava Plínio por não agir de modo varonil. E é o mesmo Plínio quem conta:

“O que é isso? Você, sendo homem, é tratado com todas as delicadezas. É para você que as mulheres apanham as coisas no chão? Jamais! De agora em diante, além de elas não apanharem nada para você, quando alguma coisa delas cair, eu vou lhe indicar: “Apanhe!” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, vol. I, p. 268).

Na composição delicadeza romântica de Dona Lucília, mais força varonil imposta pela Fraulein Mathilde, parece que prevaleceu a delicadeza romântica, pois o

próprio Plínio conta que ao acompanhar uma senhora amiga de sua mãe até a cidade, esta senhora lhe disse o seguinte:

“Olhe, eu não tenho nada a ver com a sua vida, mas, como sinto simpatia por você e quero o seu bem, vou lhe dizer uma coisa: Você não devia deixar-se influenciar tanto por sua mãe, pois sendo ela uma pessoa dos velhos tempos e tendo uma mentalidade antiquada, não é capaz de lhe educar para viver no mundo moderno. Você tem de ser um homem do futuro, mas querendo tanto bem a ela, ficará em algo um homem do passado. Então afaste-se de sua mãe” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, vol. I, p. 665).

Isso contou Plínio. Mas, a seqüência do texto mostra que a tal senhora se referia a algo mais delicado de dizer...

“De mais a mais, afirmava ela não ser próprio ao homem ter tanta meiguice com mulher nenhuma, pois ele deve ser rígido e de cabeça em pé”. Portanto, eu deveria mudar a minha atitude em relação a mamãe”.

“Achei aquilo muito estranho e pensei:”Essa mulher é louca! Eu, querer menor bem a mamãe?! Discutindo, respondi-lhe que não mudaria, pois queria mamãe além de todo limite! Ela então continuou:

- “Você é um mariola! Maricas! Só uma menina pensaria assim! Você precisa resistir à influência de sua mãe!”

- “Mas eu não quero resistir! Estou de acordo com mamãe”.

-“Homem, então quer saber de uma coisa? Faça o que quiser”.

(Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, vol. I, p. 278).

De novo, não sou culpado de dizer isso. Foi Plínio quem contou e Monsenhor Scognamiglio que mandou imprimir.

Do fracasso da tentativa dessa mulher de tentar salvar Plínio da influência romântica que Dona Lucília exercia sobre ele, iam nascer a TFP e os Arautos de Monsenhor Scognamiglio...

E Monsenhor Scognamiglio citou, num *Jour le Jour* de Dr. Plínio, que ele disse o seguinte quando começou a freqüentar o Colégio São Luís, saindo pela primeira vez do

aconchego do lar, para enfrentar o mundo. Comentou ele, que foi então que se deu conta do que era a Revolução. E disse de si para consigo:

“Bem essa gente é tão ruim que se eu manifestar a eles tudo aquilo que eu aprendi junto de mamãe, e me comportar junto a eles tal qual eu fui educado por mamãe, eles vão me tratar como efeminado. Porque essa gente não entende mais isso, então eu preciso adquirir certas maneiras um pouco brutas. Porque caso contrário vão pensar que eu sou um efeminado, e isso...”(Plínio Corrêa de Oliveira, apud João Scognamiglio Clá Dias, Jour le Jour, em 19 de Abril de 1992 – Domingo).

Não fomos nós que escrevemos isso. Tão somente citamos Monsenhor Scognamiglio, que citou as palavras do próprio Plínio.

Como finalizava Santa Catarina de Siena suas cartas, nós também dizemos, finalizando este capítulo:

*“E più non dicco...”*

\*\*\*

[No futuro, e se for necessário, estudaremos as fontes da mentalidade e do pensamento de Dr. Plínio, e então analisaremos mais a fundo o livro **Dona Lucília**, cujo verdadeiro autor deve ter sido o próprio Dr. Plínio, Scognamiglio tendo apenas emprestado o seu nome como “autor-laranja”.

Monsenhor foi “laranja”.

E, como disse PCO, “*cada laranja*” simboliza algo...

## Capítulo XI - Dr. Plínio Erigiu a Mitificação em Sistema

O que em Dona Lucília era uma tendência de seu temperamento romântico, o mitificar pessoas e coisas por sentimentalismo, Plínio erigiu em sistema de “pensamento”. Isto é, em sistema de imaginação deformadora de tudo. E mitificar, voluntariamente, é mentir.

Ele também gostava de mitificar, e acabou por mitificar a si mesmo, e a promover sua própria mitificação.

Sistematicamente.

Disso nasceu o culto delirante que ele montou para si mesmo, usando como instrumento, como agente mitificador do culto a ele e à mãe dele, o agora Monsenhor Scognamiglio.

É o que se pode comprovar pelas palavras, quer de Plínio, quer de João Scognamiglio, que tratou disso num artigo intitulado: **“O Papel dos “Fatinhos” na Formação do Mito”**.

Plínio contava continuamente “*fatinhos*“ de sua vida pessoal, que Scognamiglio repetia, para criar uma áurea lendária em torno da pessoa do pseudo profeta, a fim de montar o culto para ele e, mais tarde, para si mesmo.

“Quando o personagem vai se tornado mais velho e o essencial de sua fisionomia já se destacou com maior nitidez, tem início um esforço, também meritório, para relacionar com essa linha geral os fatos menores de sua vida. Então há um ajuste destes últimos para a cognição inteira do personagem. Depois há um trabalho que é a composição do quadro: considerar juntos a linha geral e os fatos menores, uns se enriquecendo pelos outros, obtendo-se o total da personalidade”.(João Scognamiglio Clá Dias, O Papel dos “Fatinhos” na Formação do Mito”, in Revista “Dr. Plínio”, Ano IV, No 43, Outubro de 2001, p. 23).

A seguir, nesse artigo, se diz como vai surgindo o mito, isto é, como Plínio foi montando a sua auto mitificação através da narração muito imaginária dos fatos miúdos de sua vida, que ele contava a Scognamiglio, e este os repetia, depois, aos tefepistas, para fanatizá-los.

Falando da mitificação de um rei santo, São Luís, comentou PCO:

“Em geral, quando isso se dá, a pessoa se encontra próxima ao termo da vida ativa, pública, e assim permanece durante os últimos anos de sua existência”.

“(…) Porém, começa aí o fato mais interessante: a pessoa morre e o trabalho anterior se repete ao longo das gerações. Aquele passado vai se destacando da vida presente, e uma série de fatos que compunham mais o presente do que o passado, e mais a vida de todos os dias do que a grandeza mítica (???) do passado, vão sendo descobertos pelos historiadores. E dá-se um trabalho de enriquecimento de dados, de enriquecimento de quadros, que se soma ao trabalho dos comentadores. Começam os poetas e os literatos a declamarem a pessoa”.

“Ao mesmo tempo que o quadro é enriquecido com novos dados, e também analisado por biógrafos, por outros estudiosos, para formar um grande todo. E aí se constitui inteiramente o mito.

“Assim uma série de fatos do tempo de São Luís, que em vida dele não tinham interesse, adquirem-no quando o monarca parte para a eterna bem-aventurança.

“Por exemplo, que tipo de comida ele mais apreciava? Podia ser que durante a vida dele isto não tivesse sido notado, mas depois, quando se tratava de fazer a legenda do rei, começou a ganhar importância. Então saber se ele apreciava tal vinho, tal pão e tal manteiga, ou que gostava de carne vinda de tal lugar-- [Exatamente como Plínio gostava de fazer e de dizer --Plínio está falando dele mesmo, e não de São Luís] --; saber que São Luís, uma vez, visitando certa aldeia, encontrou um pobre e lhe disse tais palavras, agasalhou-o de tal maneira – enfim, pormenores que em vida dele não faziam parte nem dos “fatinhos, nem dos “fatões”, porque estavam incorporados à rotina trivial de todos os dias, nesse primeiro trabalho post mortem tomam vulto e enriquecem a sua biografia. E os historiadores se afanam em busca dessa documentação”.

“Ao mesmo tempo, aparecem as canções populares que exprimem saudades do rei, ocorrem os primeiros milagres junto à sepultura dele, - [Plínio está falando de si mesmo e de sua futura sepultura, assim como de seus futuros imaginários milagres no cemitério da Consolação. Puro sonho!] ---cantados por bardos populares, aparece aquilo, surge aquilo outro, coisas que continuam a engrandecer – já então com a literatura e, às vezes com a ficção e com lendas–a figura do rei.” (João Scognamiglio Clá Dias, O Papel dos “Fatinhos” na Formação do Mito”, Revista “Dr.

Plínio”, Ano IV, No 43, Outubro de 2001, p. 23, Os destaques são meus).

Plínio, falando do Rei São Luís, falava de si mesmo.

Note-se que ele acaba por supor que muito do que se conta do santo Rei de França, foi, segundo ele, inventado, mitificado, e que, de fato, não teria ocorrido. Foi ficção.

Loisy, o heresiarca do Modernismo, excomungado por São Pio X, disse o mesmo da vida de Jesus Cristo: os Evangelhos teriam registrado o mito criado em torno da figura de Cristo.

Prossigamos na citação -- que é longa--, mas reveladora...

“Começam também a aparecer os quadros, as esculturas, os esmaltes e as iluminuras, os bordados, as tapeçarias representando o santo soberano, e assim ele vai enchendo os espaços da história”. “Esse processo se verifica na geração posterior a ele”.

“Surgem novos dados e novos interesses.

“Dá-se então como que uma pausa nesse trabalho e aquela imagem se fixa. Finda essa pausa, reinicia-se a mesma elaboração. Quer dizer, aparecem muitos fatos da vida dele que tiveram de ser mantidos em segredo, às vezes até anos depois dele morrer, enquanto não falecerem todos os concernidos em ditos episódios.(...) “E esses fatos, mais uma vez, contém dados enriquecedores da grande linha, bem como dados menores. Novamente cresce a figura do mito; depois, há uma outra pausa.(...)”

“Nisso, as gerações se sucedem como uma pulsação, em que a anterior tem apetência de algo, a seguinte tem apetência do contrário. Quando uma geração tem apetência das linhas gerais, a seguinte é sedenta de “fatinhos”. E quando uma geração correu para os fatinhos, a seguinte presta mais atenção nas linhas gerais. Forma um balancé harmônico até chegar o supremo silêncio histórico”. (João Scognamiglio Clá Dias, O Papel dos “Fatinhos” na Formação do Mito”, Revista “Dr. Plínio”, Ano IV, No 43, Outubro de 2001, p. 23).

“Quando o personagem não é um santo, o que acontece? Faz-se o grande sono da história: cada vez mais aquela figura vai se apagando da memória popular, ficando apenas para os eruditos. Mas, há também pessoas para estes conhecerem, que a imagem daquele só será

recordada por eruditos mais ou menos fanáticos dela; E depois, definitivamente, é relegada à poeira de glória dos museus. E acabou.” (João Scognamiglio Clá Dias, O Papel dos “Fatinhos” na Formação do Mito”, Revista “Dr. Plínio”, Ano IV, No 43, Outubro de 2001, p. 24, Os destaques são meus).

Essa exposição da formação de um mito ilustra bem o conceito romântico de História adotado por Plínio C. de Oliveira; uma história, como ele dizia, feita de “*plumas e brumas*”. Feita mais de lendas e mitos do que de fatos reais. Feita de mentiras.

E o pior é que ele considerava que a própria vida dos santos canonizados sofreu esse processo de mitificação.

E Plínio preparou conscientemente, durante toda a sua vida, o seu próprio mito.

Talvez esperasse ele que alguém, um dia, escreveria sua epopéia: a Pliníada.

## Capítulo XII - Uma Visão Sublimada e Transcendente da Realidade: a Trans-Esfera Pliniana

Dr. Plínio diz que, quanto maior for a inocência de uma pessoa, mais ela, olhando uma coisa, conseguirá imaginar como essa coisa seria no limite *do imaginável de sua excelência*.

E ele dá um exemplo disso: “Assim diante de uma porta encimada por um arco, ele pode ter ‘uma finíssima visualização do arco, formar a idéia de um arco dos arcos, como aquele arco que está vendo deveria ser” (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 161).

Mais uma vez, uma formulação imprecisa.

Que significa imaginar um arco dos arcos -- um super arco--sobre uma porta?

É preciso realmente ser imaginativo demais imaginar um super arco. Porque, à primeira leitura, um arco é uma parte de uma circunferência com determinado raio. Como imaginar então um super arco? Isso seria o equivalente de imaginar um super quadrado.

Qualquer quadrado só pode ter quatro lados iguais e quatro ângulos retos iguais. Não se pode imaginar um super quadrado.

Possivelmente Plínio devia querer falar não de um arco--figura geométrica--mas de um arco triunfal, como o de Tito, por exemplo, ou o Arco do Triunfo de Napoleão em Paris. Não apenas de uma arco sobre uma porta qualquer. Mas a imprecisão de expressão o traiu.

Quem sabe se além da Pliníada ele esperaria que se lhe construísse um Arco de Triunfo pliniano. Em Higienópolis.

Veja-se, porém, como Plínio, embora redundante e impreciso, era imaginativo:

“Essa noção do arco dos arcos vem através dos sentidos e de algum modo está viva na pessoa. E isto faz com que ela tenha a respeito de quase tudo uma fecundidade em formar noções ideais, muito subscientes, mas efetivas. E à medida que a pessoa vai conhecendo esse universo, vai tendo em germen a idéia de um universo ideal. Este universo ideal, ela sabe que, tal qual imagina, ele não existe, mas que, de algum modo, algo deve existir. 'Esse

algo corresponde a uma visão sublimada e transcendente da realidade que passamos a analisar” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 161. O destaque é nosso).

Essas frases são de tal modo sem nexos lógicos que fica difícil compreendê-las. A desconexão entre elas dificulta fazer uma crítica conectada desse parágrafo. Para começar, que seriam “*noções ideais muito subconscientes*”?

É possível ter alguma noção consciente do que é muito subconsciente? Plínio, ou é freudiano, ou surrealista. E pior é que seriam “*noções ideais*” não só subconscientes, mas “*muito subconscientes*”.

É tal a ilogicidade—o desarrazoado das afirmações emaranhadas—que fica difícil pegar uma ponta e desenrolar esse aranzel.

Talvez um aluno que não estudou para uma prova pudesse dar essa desculpa ao professor : “*Tenho noção da matéria, mas é uma noção ideal muito subconsciente. Por isso não lhe respondo*”.

Se der essa desculpa esfarrapada, certamente esse aluno levará um solene zero. Um zero bem consciente e bem real. Nada trans-esférico.

Um zero bem esférico.

E depois está escrito: “*E à medida que a pessoa vai conhecendo esse universo, vai tendo em germen a idéia de um universo ideal*”.

Como? Como?

Provavelmente ele queria dizer que à medida que se vai conhecendo esse universo real, vai surgindo em germen a idéia de um universo ideal.

Portanto, é do universo real que PCO vai desenvolvendo a idéia de um universo ideal.

Vejamos, então, o que seria esse universo ideal de Plínio, a Trans-esfera, que ele imaginou existir, sabendo que ele não existe, mas que de algum modo afirma que deve existir.

Garante-nos isso Plínio Correa de Oliveira.

“Trans-esfera é uma visão transcendente da realidade que resulta da contemplação dos possíveis de Deus, a partir do universo criado ou das obras dos homens, e que produz na alma que a ela se consagra um élan de união com o absoluto de Deus” (PCO, A Inocência..., p. 175. Os destaques são do original) .

A Trans-esfera seria uma “*visão transcendente da realidade*” existente.

Mas o que é uma visão transcendente do real?

O delírio é uma visão transcendente da realidade?

Numa visão delirante, a pessoa vê o que não existe, julgando que o inexistente existe. É assim que Plínio vê Trans-esfera inexistente que existe.

E a Trans-esfera pliniana- da qual Dona Lucília foi a Mãe – resultaria “*da contemplação dos possíveis de Deus*“, mas “*a partir do universo criado ou das obras dos homens*”.

Como se pode contemplar os possíveis de Deus, se o homem não tem acesso a seres em potência, e, ainda mais, se o homem não pode conhecer a mente de Deus?

E como essa visão dos possíveis na mente divina se faria a partir das criaturas de Deus e das obras humanas reais?

Pior ainda, um disparate herético estrondoso: a contemplação da inexistente Trans-esfera causaria “*um élan de união com o absoluto de Deus*”. E já vimos que, para PCO, essa união com o absoluto seria divinizadora do homem. Mais: causando a unicidade com o Absoluto.

A Trans-esfera causaria algo muito superior ao que faz em nós o Batismo. Ela seria um oitavo sacramento. E sacramento ontologicamente divinizador em sentido absoluto. E como a Inocência primeva seria inata no homem, ela seria uma graça natural sobrenatural. E se for a Trans-esfera que causa esse élan de união com Deus, o que ela daria ao homem que a Inocência primeva não deu?

Que confusão! Que caos! Que desordem mental realmente trans-esférica.

Isso é uma loucura completa.

A Trans-Esfera de Plínio é algo totalmente subjetivo e imaginário. É sonho. É quimera. Delírio.

Que produz um “*élan*”.

Lembranças de Bergson...

A visão transcendente da realidade leva a buscar a Deus através da abstração, e dos transcendentais existentes em todos os seres: (ens, res, aliquid, unum, verum, bonum, aos quais alguns acrescentam ainda o pulchrum) como também através dos símbolos, que nos levam a ver Deus como Ser absoluto, Ens a se, distinto absolutamente do mundo, o Unum por antonomásia, o Verum, o Bonum, e o Pulchrum em absoluto. Mas a compreensão natural dos seres e dos transcendentais não causa união com Deus que só a graça santificante pode dar.

Uma visão transcendente da realidade não resulta da contemplação dos possíveis em Deus, desconhecidos para o homem, mas a visão dos transcendentais é fruto da abstração das coisas que vemos e conhecemos, coisas verdadeiramente criadas. Nunca das possíveis que podemos entender que existem como seres ideais na mente divina, mas que não são reais ou atuais, que, por isso mesmo, não podemos conceber e nem imaginar como seriam.

Os possíveis em Deus—como já vimos—não são possíveis de serem contemplados e nem imaginados pelos homens. Só podemos saber como eles não são, isto é, que não podem ser contrários ao que Deus é. Que não podem ter notas constitutivas contraditórias.

Os possíveis em Deus, não tendo o ato de existir fora da mente divina, não tendo sido realmente criados, --pois que se fossem criados já não eram possíveis, mas seres realizados-- e, portanto, não têm poder de atuar. Eles não têm potência ativa. E por isso, eles não podem ser causas agentes. Eles não podem causar em nós nem mesmo o élan de que fala Bergson em seus devaneios filosófico-gnósticos, que parecem ter influído na imaginação de Dr. Plínio, que foi imaginário até em seu título de Doutor.

Pois Plínio só foi Doutor na Trans-Esfera. Nunca fez tese de Doutorado. Nem no Angelicum. Sua doutoral tese ficou no mundo dos possíveis.

Plínio analisa seu próprio conceito de Trans-Esfera dizendo:

“O que é essa esfera? Não é uma esfera nova da realidade, mas algo que o espírito humano concebe como um produto do espírito” (PCO, A Inocência..., p. 173.Os destaques são nossos.).

PCO afirma que a trans-esfera não é uma esfera nova da realidade. Logo, ela não existe realmente. Mas que é concebida pelo espírito humano. Ela existiria na mente humana.

Se a Trans-esfera é “concebida” na mente humana, ela só poderá ser tida como uma coisa imaginária à qual subjetivamente se atribuiu existência, -- como a um saci-pererê -- e não como um ser real. Ela é puramente imaginária. Mas então ela nada tem a ver com os entes possíveis em Deus. Que Deus não tem imaginação.

Plínio avança mais em seu cerúleo devaneio “metafísico” trans-esférico:

“[A Trans-Esfera= o Saci-Pererê de Plínio] É uma imagem que o espírito humano cria para si, de uma ordem irreal, hipotética, não existente, formando-se às vezes de modo muito efêmero, por certos aspectos da natureza, por atitudes dos indivíduos etc., que não constituem, portanto, uma ordem real. São aspectos fugazes, são lampejos, que as coisas tomam e com os quais o homem constitui um modo habitual de ver todos os seres como se estivessem numa trans esfera” (PCO, A Inocência..., p. 173. Os negritos sublinhados são nossos. O apenas sublinhado está no original do texto citado).

A Trans-Esfera seria “uma imagem que o espírito humano cria para si, de uma ordem irreal, hipotética, **não existente**”.

Mas apesar de não existente, PCO afirmou que a mãe dele era a “Mãe da Trans-Esfera”. E fez colocar esse “pensamento” como uma jaculatória na ladainha de Dona Lucília. E diz que essa ordem inexistente nos causaria uma união com Deus.

Como o que não existe pode causar algo?

Essa é uma gagueira trans-esférica!

A Trans-Esfera--da qual Dona Lucília seria a mãe--apareceria e desapareceria, como luzes fugazes, tal como o Saci-Pererê. Ou como o Boi-Tatá. A Trans-Esfera era o Boi Tatá de Plínio.

Essas imagens fugazes da Trans-Esfera, -- os flashes de Plínio-- não seriam conceitos. São puras imaginações. Não são reais, e não constroem um mundo real. A Trans-esfera de Plínio é tão irreal quanto o Papai Noel ou a fada Morgana. Até o tesouro nacional é mais real do que a Trans-esfera pliniana.

Plínio percebia a Trans-esfera por lampejos fugazes, os flashes de que ele tanto falava. Como Bergson.

Como visões fugazes, fantasmagorias de alguém que esta com febre alta, ou de quem perdeu a consciência do real...

E prossegue Plínio, sonhando, vendo o que não existe:

“Ele sabe que essa Trans-esfera, como ele a vê, de fato, não existe. Mas sabe que, quando os homens todos caminhando muito rumo a Deus, todas as coisas da realidade tomam estavelmente aspectos susceptíveis de serem sublimados, de modo a constituir uma visão transcendente da realidade, uma trans-esfera. Assim, a Trans-esfera é um possível existente apenas na mente divina, que nos compete desenvolver e explicitar, e no qual vemos muito mais marcadamente os reflexos de Deus” (PCO, A Inocência..., p. 173).

Então, Plínio sabia que a Trans-esfera “*como ele a vê, de fato, não existe*”...E apesar disso, ele acreditava nela.

Ela era o Boi-tatá de Plínio.

Antes ele dissera que a trans-esfera era algo concebido no espírito do homem. Agora, Plínio diz que a Trans-esfera é um possível existente apenas na mente divina. Contradição. A menos que o espírito do homem e a mente divina sejam a mesma coisa.

Cabe bem aqui colocar um parênteses, dando uma citação de Plínio, provinda de outra fonte que o livro em foco:

Que Plínio Corrêa de Oliveira tinha tendência a sonhar e a negar a realidade, acreditando no que imaginava, se tem a prova no que ele mesmo contou de si mesmo.

“E essa idéia do viver em algo que não é o real, mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma quereria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito” (Plínio Corrêa de Oliveira, in revista “Dr. Plínio”, Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16).

Isso é um estado normal no ser humano?

Atenção, caro leitor, para a seguinte citação:

«É uma coisa muito singular que minha imaginação nunca se mostre muito agradavelmente senão quando minha situação é a menos agradável possível, e que, ao contrário, é menos sorridente quando tudo ri ao redor de mim. Minha má cabeça não pode sujeitar-se às coisas. Ela não saberia embelezar, ela quer criar. Os objetos reais ali se reproduzem, mais ou menos como são, ela só sabe ornar os objetos imaginários. Se quero descrever a primavera, é preciso que eu esteja no inverno; se quero descrever uma bela paisagem, é preciso que eu esteja cercado por muros, e disse cem vezes que se algum dia fosse metido na Bastilha, lá faria um belo quadro da liberdade ». (Os destaques desta frase citada são nossos).

Esse texto acima citado, de quem é ?

Poder-se-ia muito bem pensar que é de Dr. Plínio.

Não é.

É de Jean-Jacques Rousseau.

Mas revela a mesma mentalidade...-- digamos caridosamente : mentalidade imaginativa...-- típica do Romantismo, quer no «tradicionalista» PCO, quer no revolucionário Rousseau.

O romântico Rousseau tinha um pensamento muito parecido com o de Plínio a respeito dos seres reais e dos seres imaginários, que Plínio chama de seres possíveis em Deus, e que seriam a participação no nada:

«C'est une chose bien singulière que mon imagination ne se monte jamais plus agréablement que quand mon état est le moins agréable, et qu'au contraire elle est moins riante lorsque tout rit autour de moi. «Ma mauvaise tête ne peut s'assujettir aux choses. Elle ne saurait embellir, elle veut créer. Les objets réels s'y peignent tout au plus tels qu'ils sont; elle ne sait parer que les objets imaginaires. Si je veux peindre le printemps, il faut que je sois en hiver; si je veux décrire un beau paysage, il faut que je sois dans des murs; et j'ai dit cent fois que si jamais j'étais mis à la Bastille, j'y ferais le tableau de la liberté». (Jean-Jacques Rousseau, Les Confessions, Livre IV)].

(A tradução desse texto acima citado, para o português foi tirado do livro **As Confissões**, de Rousseau, do prefácio e tradução de Wilson Lousada Edíouro. Universidade de Bolso, p. 117).

O «tradicionalista» PCO era tão parecido com o romântico Rousseau que também sua «*cabeça não podia sujeitar-se às coisas*» tais quais são. Como Rousseau, PCO tinha necessidade de embelezá-las imaginativamente.

Mas quando a mente não pode sujeitar-se às coisas reais, ao mundo real...arautos começam a pulular pelas ruas, vestidos com roupas medievais. Como o pobre Dom Quixote, perturbado, usava couraça, mesmo em dias que não eram de carnaval.

E há ainda outra passagem das Confissões de Rousseau que lembra muito o que PCO contava de si mesmo:

“Como em geral os objetos me causam menos impressão do que as lembranças, e como todas as minhas idéias são em imagens, os primeiros traços que se gravaram em minha mente, ali ficaram e aqueles que se imprimiram depois combinaram-se com os que se apagaram. Há uma certa sucessão de afetos e idéias que modifica as lembranças que se seguem e que é preciso conhecer para julgá-las acertadamente. Aplico-me em desenvolver em toda parte as primeiras causas para fazer sentir o encaminhamento dos efeitos” (Jean-Jacques Rousseau, *As Confissões*, prefácio e tradução de Wilson Lousada Ediouro. Universidade de Bolso, p.119. Destaques são nossos).

O pré romântico Rousseau—um dos pais do Romantismo francês—afirma que as lembranças lhe causavam mais impressão do que os fatos de que se lembrava, e que era preciso estar em situação oposta a algo para poder descrever melhor esse algo, pois as recordações lhe eram mais importantes que as coisas.

Plínio também disse algo parecido, ao descrever as lembranças que sentia de um passeio que fez com sua mãe, Dona Lucilia, num pasto em uma colina de Águas da Prata. Nesse passeio, Plínio se arranhou num graveto e sofreu outros mínimos inconvenientes. Depois, fazendo a sesta, ele ficou imaginando...Note-se que nessa época ele tinha menos de dez anos, e é evidente que os « pensamentos » que serão atribuídos ao menino Plínio, na realidade são de Plínio adulto, que assim se apresentava como gênio, querendo imitar o péssimo Proust, do qual Plínio adulto admirava o estilo e certos gostos.

«Muitas vezes eu não tinha sono e permanecia deitado na cama, vendo os raios do sol que entravam às torrentes pelas frestas da veneziana fechada. Vinha-me, então, a

lembrança de toda a caminhada e pensava: «Que lindo passeio ! Que bonito aquele alto de montanha ! Que bela tal coisa e tal outra! ». Depois fazia uma reflexão : «Por que esse passeio me parece agora mais bonito do que quando eu estava lá em cima? O que está acontecendo ? Estou gozando o passeio mais aqui, no silêncio do quarto, do que lá. Isso será racional ? Não estarei exagerando, aos olhos de minha recordação, a beleza de um passado que não foi tão belo ? A minha lembrança é verdadeira, ou está deformada por algo que surge logo depois do fato acontecido e que são as saudades ? » (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 451).

Pela cabeça romântica de Plínio, vemos que, nesse momento, perpassou uma certa lucidez racional... Que ele rapidamente envolveu nas brumas das saudades...

E segue o devaneio...

«Estou aqui na cama e tenho saudades do movimento. Estou na penumbra e tenho saudades da luz. Estou entre quatro paredes de um quarto e tenho saudades da amplitude enorme do horizonte que se abria diante de mim. Que está se passando em mim? »

«A coisa foi menos boa do que estou sentindo, ou foi tão boa quanto estou sentindo ? Por acaso fiz uma filtração ? Esqueci alguns aspectos de segunda ordem, e neste momento estou vendo o essencial? »

«Não será que agora estou compreendendo bem o passeio ? O melhor do passeio não são as saudades dele? Ou seja, o mais real e vivo do fato não se apanha depois que este se passou? O que é a recordação. É uma deformação embelezadora, ou o suco da vida, pelo qual se vêem os fatos como através de uma lente de aumento? »

«Hoje percebo que, depois de descer a colina, no momento de reflexão, tudo aquilo que era secundário no passeio – os insetos, o carrascal, e o arranhão—era esquecido por mim como algo sem importância. E minha memória por uma seleção justa e natural, guardava as melhores partes da realidade e deixava de lado as bagatelas. Eu compreendia melhor o alto da montanha » (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, pp. 451- 452).

Exatamente o que faz o romantismo lírico: apagar da memória, desejando eliminar da realidade, tudo o que é ruim ou defeituoso, para sonhar uma realidade

idealizada, tendo apenas os elementos positivos, e ainda assim sublimados, de tal modo que, em seu sonho, a colina virou montanha, e o pasto carrasquento, pradaria aveludada, e a vista mais larga, panorama imenso.

Vejamos mais...

«Era preciso lembrar-me da excursão que fizera, pois o melhor fruto dela, para a formação de minha mentalidade, não era o subir, mas o descer, parar, pensar e depois recordar. Tratava-se de idéias infantis que apenas começavam a se desenvolver, mas era sobretudo o mundo do pensamento que ia me mostrando, no alto da montanha, os seus encantos... »

« O resultado é que, apesar de não ter subido mais do que duas ou três vezes, aquelas excursões foram para mim altamente entretidas. Era-me muito agradável imaginar como seria a visão ideal dos panoramas do alto de todas as montanhas as quais eu não havia subido nem seria capaz de subir. E um certo valor se acendeu em minha alma : um padrão ideal das elevações e das altitudes, analisadas por um determinado ângulo próprio a mim, através do qual eu via tudo. Isto me dava a convicção de que, cultivando pensamentos como esse, a respeito de todas as coisas, eu teria uma riqueza interior muito grande, pois aquilo não era uma pura divagação ».

«Entretanto, eu recusava a ilusão enganosa de imaginar que pudessem existir, realmente, homens e mulheres de carne e osso com a perfeição que eu desejava, ou objetos materiais sensíveis com a beleza ideal que eu queria. E sabia que não chegaria a conhecer nesta terra um ambiente humano que atingisse esse píncaro» (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 452).

Está aí patentemente exposto, embora em oração invertida, que Plínio julgava ser uma «*tentação*» supor que a perfeição da sua Trans-esfera comportasse a materialidade dos corpos e objetos materialmente sensíveis. O mundo dos sonhos de Plínio recusava a materialidade. A Trans-esfera de Plínio não admitia matéria. Não admitia seres humanos de carne e osso. Plínio era um gnóstico. Daí, ele ser tão contrário ao casamento e à reprodução sexual.

Prossigamos lendo as Notas Autobiográficas de Plínio editadas imprudentemente pelo Monsenhor agora Doutorado...

«A partir disso nasceu uma análise em relação ao mundo que me cercava. Eu via nele coisas belas e também outras reprováveis, erradas e tortas, mas sentia que, em alguma medida, as realidades podiam ser elevadas até esse ideal, de onde surgia a idéia de que o mundo deveria ser corrigido» (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 452-453).

Mais uma prova da Gnose de Plínio: ele queria corrigir o mundo criado por Deus. Todo gnóstico quer corrigir ontologicamente o mundo.

Dessa pretensão nascia o desejo de ir para um mundo superior, uma trans-realidade totalmente espiritual, que Plínio chamou de Trans-esfera, e que seria formada por seres divinizados : os «*possíveis de Deus*».

Vejamos como Plínio prosseguia sua meditação romanticamente gnóstica aos sete ou oito anos de idade.

« E pensava o seguinte: « Eu sou igual a todos ; logo, todos são iguais a mim e, na mente deles, há o mesmo que há na minha. Se os outros tiverem honestidade de alma para fazer essa operação que eu faço, todos levarão os acontecimentos, junto comigo, para uma situação ideal, onde eles agora não estão, e os homens serão de um modo como atualmente não são » (Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 453. O destaque é nosso).

Plínio julgava que, « pensando » como ele « pensava », isto é, imaginando, seria possível sair deste mundo material e alcançar uma esfera ideal—uma trans-esfera, na qual os homens não teriam mais corpo material, nem as misérias que o pecado original trouxe para o corpo e para a alma do homem. Os homens seriam, espiritualizados, angelizados, divinizados...

Leiamos até o fim o que Plínio disse secretamente, e que Monsenhor Scognamiglio agora publicou:

«Eu sentia que o impulso de minha vida consistia em fazer isso! De maneira que meu primeiro desejo de realizar uma obra na terra foi a partir dessas reflexões, querendo caminhar para essa perfeição ideal. Não era ainda a luta contra o mal, mas a idéia em função da qual, no encontro com o mal, eu diria mais tarde : « Não ! ».(Plínio Corrêa

de Oliveira, Notas Autobiográficas, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 453).

Está aí esboçada nessas citações de Plínio a Gnose oculta da TFP e dos Arautos.

A TFP e os Arautos são meros tapumes de uma seita gnóstica, que é a sua alma secreta: a Sempre Viva, cuja doutrina oculta, e agora publicada, é uma Gnose romântica.

Dr. Plínio era um gnóstico romântico e sonhador. Imortal que morreu.

Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, seu discípulo perfeito, –doutorado e doutrinariamente muito ignorante-- usou a seita secreta da TFP e dos Arautos, para muito espertamente subir na vida. Ele já alcançou sua recompensa. Triunfou, ora montado em galopante restrição mental, ora entrincheirado atrás de muralha periclitante de suas moedas de ouro.

Julga ele que tolo sempre acredita, e que esperto sempre tem preço... Quanto aos cúmplices, esses sempre poderão ser « pressionados »...

Eis o que mais diz Plínio da sua Trans-Esfera:

“De maneira que a trans-esfera é um possível em Deus, não criado; porém um possível virtualmente já criado, do qual nós temos uma certa noção a partir dos seres criados ou de obras feitas pelos homens. De alguma forma, esse possível já vive em nós... desde que não sejamos tão miseráveis que nada em nós tenha restado daquele possível que nos tornaria mais parecidos com a nossa própria transcendência. Isto é, com aquele modelo ideal de nós mesmos para o qual devemos tender” (...) Então a essa visão sublimada da realidade nós chamamos de Trans-esfera”.(PCO, A Inocência..., pp. 173-174. Os destaques são nossos).

Propriamente um deslizar do delírio para o desvario:

A Trans esfera não existe, pois é um possível “*não-criado*”;

Mas é um possível em Deus “*virtualmente criado*”;

Possível do qual “*temos uma certa noção*”;

E que “*vive em nós*”;

Que **atua** em nós, fazendo-nos mais parecidos com “*aquele modelo ideal de nós mesmos*”, “*com nossa própria transcendência*”.

Como aquilo que realmente não existe pode atuar? Só pode atuar o que está em ato. Um possível, por definição, está em potência, e não pode ter potência ativa para atuar. Só o que está em ato pode atuar.

E o mais misterioso está no seguinte trecho: *“desde que não sejamos tão miseráveis que nada em nós tenha restado daquele possível que nos tornaria mais parecidos com a nossa própria transcendência. Isto é, com aquele modelo ideal de nós mesmos para o qual devemos tender” (...)* Então a essa visão sublimada da realidade nós chamamos de *Trans-esfera*”

Que modelo é esse de nós mesmos que seria a nossa própria transcendência? Com o modelo ideal de nós mesmos para o qual devemos tender? Como?

O “*modelo de nós mesmos*”–modelo real e não ideal --ao qual devemos nos conformar é Deus. É Nosso Senhor Jesus Cristo. E Plínio disse que, no Juízo, encontraremos Jesus Cristo nosso sócia perfeito, nosso modelo transcendente. Nosso Arqui alter-ego. Um *Christus alter Plinius*.

Mas para Plínio, esse modelo transcendente de nós mesmos está no mundo dos possíveis, na Trans Esfera. Desse modo, Cristo estaria Ele também na Trans Esfera. Deus estaria, Ele mesmo, no mundo dos possíveis. Deus e o Paraíso seriam a Trans-esfera reunião de todos os possíveis.

A Trans-esfera seria o pléroma gnóstico.

Loucura.

Só podemos passar da vida natural à sobrenatural por meio da graça recebida em dois sacramentos: o Batismo e a Penitência ou confissão. O Batismo perdoa o pecado original, (e os pecados atuais se os houver), e nos dá a vida da graça, tornando-nos filhos adotivos de Deus, membros da Igreja e herdeiros do céu. Quando por cometer pecado mortal perdemos a vida da graça, a vida sobrenatural, podemos recuperá-la por meio da confissão. Daí, o Catecismo ensinar que esses dois sacramentos são absolutamente necessários para a salvação: o Batismo para todos, e a Confissão para os que perderam a graça santificante pelo pecado mortal, depois do Batismo. Não há outros meios de obter a vida sobrenatural.

Entretanto, Plínio diz que há outro meio de ser levado à vida sobre natural: a Trans-Esfera.

“Portanto, na trans-esfera, há muito mais que uma vue de l’esprit com algo vivo em nós, que nos projeta numa ordem de vida que é a ordem sobrenatural, onde nos tornamos de algum modo cidadãos da cidade que ainda não construímos. E onde a cidade que ainda não construímos de algum modo já vive em nós” (PCO, A Inocência..., p. 74).

Portanto, a Trans-esfera *“nos projeta numa ordem de vida que é a ordem sobrenatural”*.

Plínio inventou um “sacramento” natural novo: a Trans-Esfera. Por meio da Inocência Primeva e das idéias universais inatas no homem, alcançaríamos e nos uniríamos a um Eu superior e divino (o Eu de Cristo), modelo-sósia de nós mesmos, e nos faríamos idênticos a Cristo, e isto é que nos salvaria, e não cumprimento da *‘tabela dos dez mandamentos’*.

A inocência primeva seria um conhecimento salvador anomista. Exatamente como ensina a Gnose.

Euclides da Cunha, referindo-se ao Antonio Conselheiro, intitula um dos capítulos de Os Sertões de **“Um Gnóstico Bronco”**.

De Plínio Corrêa de Oliveira se pode dizer que foi um burlesco gnóstico romântico do século XX.

Nunca um “Crociato”...

E continua Plínio, delirando:

“De modo que essa “vue de l’esprit” se move em direção a um futuro existente no além, que atrai o homem.

“Mas esse futuro existe mesmo, ou não existe? Como possível, como causa agente existe, na medida em que raízes desse movimento da alma se encontram na natureza criada. Portanto, essa vue de l’esprit é o ato inicial que nos conduz ao píncaro da realidade” (PCO, A Inocência..., p. 175. O sublinhado é do original).

Agora PCO foi ainda mais além.

As “raízes” desse movimento salvador *“se encontram na natureza criada”*. Portanto, não só no homem, mas em tudo.

Um possível – ser não existente em ato–seria causa agente que conduziria ao “*píncaro da realidade*”: Deus. A Trans-esfera de Plínio seria o sacramento supremo que Cristo não instituiu. O inexistente é que conduz ao píncaro da realidade existente.

Os possíveis, que Plínio dizia que realmente não existiam, unidos na Trans-esfera pliniana, constituiriam o píncaro da realidade.

É delírio demais.

Pior.

É heresia

E quem escreveu isso se dizia “*vir catholicus totus apostolicus*” !!!!!

A Trans-Esfera atuaria pois em nós, e nós mesmos poderíamos atuar na Trans-Esfera.

Plínio dá exemplos de pessoas e fatos históricos trans-esféricos.

“Dom Sebastião (1554- 1578) foi com certeza uma figura trans-esférica” (PCO, A Inocência..., p. 171).

Pena que, até Plínio, ninguém percebera isso. Nem Dom Sebastião.

E lá vai Plínio a defender Dom Sebastião e o sebastianismo!!!

Mas o auge do ridículo está noutra página:

“Um exemplo brasileiro: a famosa cena imortalizada por Pedro Américo, em que se vê Dom Pedro I proclamando a independência do Brasil. Sem dúvida não ocorreu exatamente como está no quadro. Mas o artista captou algo da realidade, e essa realidade até hoje nos influencia. Pode-se dizer, portanto, que a cena, e também Dom Pedro I, tal como foi visto por Pedro Américo, pertencem a essa visão transcendente da realidade que denominamos trans-esfera” (PCO, op.cit., p. 177).

Trans-esfera, visão transcendente da realidade...

Dom Pedro I passou a ser um ente possível da Trans-esfera, sendo ao mesmo tempo, imperador do Brasil.

Coitado do Dom Pedro. Só essa infelicidade lhe faltava, a ele a quem tanto faltava, desde educação até dignidade imperial.

Plínio dá alguns exemplos de casos estéticos ou naturais, que analisados conduzem a uma conclusão puramente lógica, a qual ele toma, como sendo prova de que existe a Trans-Esfera.

O primeiro exemplo probante da realidade da Trans –esfera é que Goethe teria dito, certa vez que, na torre da Catedral de Estrasburgo, faltariam quatro torreões pequenos. Então, o conservador do Museu disse a ele que esses quatro torreões constavam do projeto original.

Ora, isso tem tanta possibilidade de ser concluído, como “prever” que na seqüência 2 – 4 -- 6 - ? - 10- 12 -14 , falta o número 8.

No gótico, eram comuns esses torreões complementares nos quatro cantos de uma grande torre. Eram como échauguettes nas torres de um castelo.

O segundo exemplo, PCO o tira do perfil do monte Fuji que parece absolutamente simétrico, sem que as duas vertentes se encontrem numa ponta aguda visível, pois que está sempre coberta de neve.

E sobre isso diz PCO:

“Se alguém toma um desenho representando o monte Fujiyama e procura completar à mão o cone, não consegue por ali o cone perfeito que daria toda a beleza do Fujiyama. Quer dizer, percebe-se que seria possível haver um cone, mas que não é como nenhum dos cones que se poriam. Dele se tem apenas uma insinuação. Tem-se algo à maneira de um conhecimento metafísico, que se conhece mais à maneira de negação” (PCO, *A Inocência...*, p. 162).

Não é delirantemente estapafúrdio.

E esse mesmo Plínio, foi quem, num suposto e hiperbólico Auto Retrato Filosófico, começou proclamando enfaticamente: “*Sou tomista convicto*” (PCO, *A Inocência...*, p. 235).

Tomista que nem sabe como ligou a Metafísica à ponta “inexistente”, mas coberta de neve do Fujiyama.

E dizer que é impossível fazer um desenho fazendo as duas encostas do Fujiyama se encontrarem é ridiculamente infantil, pois é lógico que isso é bem possível de ser feito.

O terceiro exemplo que PCO dá para fazer compreender como se pode captar a Trans-Esfera é o da fachada de Notre Dame que não tem torres. Diz ele que nosso espírito exige que imaginemos torres lá. E isso seria um sinal da existência dos seres possíveis da Trans-Esfera.

Ora, as catedrais góticas foram feitas para ter torres. Em Notre Dame de Paris, elas não foram construídas. Mas é claro que, aplicando as regras do gótico, e conhecendo as proporções em que foi feita a Catedral, não seria difícil completar a fachada com as torres que deveriam ter sido feitas.

Portanto, essas torres “possíveis” de Notre Dame de Paris não se equiparam com seres possíveis em Deus. Elas são tão dedutíveis como o encontro das encostas do Fujiyama. E não é porque podemos calculá-las, ou mesmo vir a construí-las que a Trans-Esfera pliniana passaria a ser real.

A seguir, Dr. Plínio vai falar de homens que na história podem sugerir seres possíveis em Deus, e cita como exemplo Carlos Magno, Joana d’Arc e o Rei de Portugal, Dom Sebastião.

Para preparar seus leitores, Plínio introduz o problema do Mito e do homem tal qual foi, de fato, na história.

Essa distinção entre o que foi, de fato, alguém na História, e o um suposto mito que foi criado sobre um personagem histórico é a distinção básica do método histórico-crítico introduzido pelo modernista Loisy, distinguindo o Cristo histórico e o Cristo da Fé, que teria sido criado pela mitificação de Cristo.

Essa distinção condenada por São Pio X no Modernismo, Plínio a aplicou à sua concepção de História e aos vultos históricos. Como também a ele mesmo, Plínio.

Plínio se preocupou em rebater a possíveis objetantes. E se preocupou principalmente em refutar antecipadamente a acusação de que sua visão da Trans-Esfera seria romântica. Uma maneira de “*evasão da realidade*” (PCO, **A Inocência...**, p. 179).

A refutação que ele faz dessa acusação absolutamente procedente e completamente evidente, é que o romantismo desloca a “saudade de Deus”, que Plínio defende, para o sentimentalismo.

“O romantismo é tristonho, melodramático, com suas melopéias xaroposas, açucaradas e lacrimajantes”.

”Em vez de ter saudades de Deus, o romântico é eminentemente isolacionista. Românticos seriam dois solitários, em um local afastado, contemplando-se um ao outro, e ignorando tudo em torno” (PCO, A Inocência..., p. 180).

Esses dois românticos poderiam dizer um para o outro:

“Viver é estar juntos, olhar-se e querer-se bem”

Romântico, não?

Pois essa frase, açucaradamente sentimental e de um romantismo meloso era Dona Lucília que a dizia. (Cfr. João Scognamiglio, **Dona Lucília**, II, 267).

Noutras palavras, Plínio considerava que romantismo era apenas o namoro sentimental. Ora, ele condenava o namoro e o casamento.

Logo, o mito e a Trans-esfera que Plínio sonhou não seriam românticos. Pois se ele condenava o namoro, como ele poderia ser romântico?

Plínio parece que teoricamente ignorava tudo sobre o Romantismo, no sentido em que não estudara profundamente os filósofos dessa escola. O que não impede que ele tenha recebido informações sobre os princípios teóricos do Romantismo, em ambientes que tenha freqüentado, especialmente na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, ou em algum restaurante, ou em alguma loja de brinquedo, ali perto. Recebeu, quem sabe,-- discretamente-- uns poucos princípios... Seu talento imaginativo e a formação que Dona Lucília lhe deu, fizeram-no “elucubrar” o resto.

O Romantismo de PCO certamente foi mais fruto da formação sentimental que Dona Lucília nele inculcou, e das “explicitações” que ele fez de seus sentimentos, do que resultante de um estudo sistemático. Daí, as contradições, as inexatidões, a ausência de pensamento sistematizado, seu sistema gnóstico vago e difuso em seus conceitos tortuosos e contraditórios, e nada preciso em suas formulações.

Além disso, o romântico se é normalmente um solitário, nem por isso, por sua Gnose, deixa de buscar a unidade com o todo universal divino, imanente e metido no calabouço do mundo real.

Segunda característica que Plínio atribui ao Romantismo seria a inação. E como ele se afirmava um homem de ação, ele não seria romântico.

Como fazer os seguidores de PCO, que,-- estes, sim, ignoravam absolutamente a doutrina e as características do Romantismo – como fazê-los compreender que as doutrinas quiméricas de PCO foram sorvidas totalmente dos erros doutrinários do Romantismo e da mentalidade que a mãe de Plínio inculcou toda a vida nele?

Os argumentos ou citações doutrinárias e filosóficas dos teóricos do Romantismo, para eles, seriam inúteis, porque, aos argumentos, os tefepistas respondem com sentimentos. E as citações filosóficas eles repelem sem sequer analisá-las, chamando-as de “*cartesianismo*”.

Plínio garante que sua visão não era uma fuga da realidade pois que, “*a contemplação e a execução são duas esferas conexas*”(PCO, **A Inocência...**, p. 182).

E com o maior “cara durismo”, depois de passar o tempo inteiro sonhando e delirando, ele afirma:

“A contemplação sacral de que tratamos, sem nunca sair do real, leva em conta o explícito como o implícito, tanto o patente como o latente. De onde sua excelência”(PCO, **A Inocência...**, p. 182).

Ele, que vivia defendendo o sonho, o imaginário, o legendário, o mito, as impressões subjetivas, a Trans-Esfera, tem a ousadia de escrever o seguinte:

“Devemos ser muito infensos a puras fantasias. Sejamos homens de ação calmos, metuculosos, sumamente aderentes à realidade; neste sentido, inimigos declarados do wishfull thinking (pensamento influído por desejos).

(...) “A mais inteira objetividade é um elemento necessário da seriedade. O que implica em ver a realidade inteiramente como ela é, sem véus, nem preconceitos, nem “torcidas”, nem falta de adaptação” (PCO, **A Inocência...**, p. 182).

E, logo em seguida, ele se pergunta:

“Como harmonizar esta exigência de objetividade, com a tendência para o imaginário, que parece ser o substrato do quanto exposto neste livro? (...) Como conciliar isso -[a objetividade mais rigorosa] – com a recomendação de viver continuamente numa trans –esfera, fazendo transcendências, buscando os absolutos?“Não há contradição, pois esse mundo da contemplação sacral é real sob vários aspectos, e, enquanto real, é que deve ser

vivido. Não se trata de um sonho, de um pensamento sem consistência. São duas realidades aparentadas entre si: a da contemplação e a da execução“(PCO, A Inocência..., p. 183).

Ele deveria ter dito que ele considera serem duas “realidades” o mundo real e concreto, e o mundo imaginário, irreal.

E, três parágrafos depois de defender a objetividade, Plínio diz: “*De certa forma, a legenda é mais importante que a História: a história das legendas é mais importante que a história dos homens.*” “*Dom Sebastião de Portugal, rei de legenda, virgem e guerreiro: o mais magnífico dele é o seu mito. O mito de que não morreu, e que há de voltar e recompor todas as coisas*” (PCO, **A Inocência...**, p. 183).

Lá vem Dom Sebastião,

Descendo da Trans –esfera.

Se chega como um leão,

Não passa de uma quimera.

Essa era a seriedade objetivista de Plínio: defender que a lenda vale mais que a realidade. Que o Sebastianismo,-- milenarismo que cabalistas infiltraram em Portugal--, fazendo de Dom Sebastião, morto, um messias que estaria para voltar e fundar um reino milenarista, isso é o que Plínio considera seriedade e objetividade.

Sem wishful thinking.

Delírio. Contradição. Paranóia.

“O mais importante é que nasceu na História uma legenda como essa. Dar origem a uma legenda é, propriamente, o mais alto, dentro da micro-imortalidade que nessa terra possa haver”

(...) “O homem nunca se contenta com a reprodução pura e simples da realidade –[Uái e a objetividade sem fantasias? ] –É uma lei sem exceção. Neste sentido, a lógica e o mito se escoram” (PCO, A Inocência..., p. 183).

“Sem o imaginário, o mítico, o imponderável, as coisas não seriam senão aquilo que elas são...ou parecem ser” (PCO, A Inocência..., p. 184).

De onde se conclui que, para Plínio, o mito, o imaginário são superiores ao real.

É tão delirante a contradição que se tem – não vamos usar um termo pliniano: a “impressão”–se tem a certeza de que se está diante de um caso de um problema médico-sectário como poucos houve na história.

Pois há delírios ainda maiores. O que foi publicado do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, no livro agora em foco, não é tudo. O que esse livro apresenta é ainda uma formulação “penteada”, “cosmeticada”, recheada de botox, disfarçada dos delírios ainda maiores que veremos mais adiante.

Finalmente, por falar de delírios maiores, há que contar alguma coisa sobre os possíveis habitantes da Trans-esfera, pois que a Trans-esfera inexistente de PCO era habitada por seres ab aeterno.

## Capítulo XIII - Um sonho "metafísico"

### 1 - Os seres ab-aeternos

Uma mentalidade romântica, tendente à Gnose, deve necessariamente considerar com repulsa e horror o ato conjugal – e veremos, a seu tempo, o que se pensa na TFP sobre essa questão – como também deve desejar uma espiritualização da natureza, sonhando com um mundo ideal despojado de toda a materialidade, ou como constituído por uma matéria sublimada, “glorificada”, uma matéria espiritual (cfr. E. Susini, “**Franz Von Baader et le , Romantisme Mystique**”, Vrin, Paris, 1942, vol 1, pp. 352-355, e 366).

Plínio dizia que sempre deu muita importância à “Quarta via” de S. Tomás, isto é, à prova da existência de Deus por meio dos diferentes graus de perfeição das criaturas.

Pode-se dizer que toda a cosmovisão católica apresentada **publicamente** pela TFP pretendia se fundamentar nessa prova de S. Tomás, que demonstra que um universo hierárquico é necessário, quer para refletir a sabedoria de Deus criador, quer para o homem conhecer e amar a Deus através das perfeições das criaturas hierarquicamente ordenadas.

Tudo isso seria perfeitamente católico, sábio, bom e belo, se fosse realmente esse o pensamento da TFP.

Só que, como já vimos, para Plínio e para a TFP e para os Arautos, a quarta via de São Tomás, era mudada para uma via imaginativa trans-esférica, conduzindo ao vazio.

Acreditamos que a tendência para se desviar da concepção sapiencial do universo tal como é ensinada pelo Aquinate, para uma visão onírica do universo se manifestou muito cedo em Plínio, por causa da educação romântica e mitificadora que lhe deu Dona Lucília.

Coisa que ele confessa.

Veremos mais adiante, que Plínio sonhava ser urubu, imergir no Arno, no mar, no azul absoluto, imaginar um mundo constituído de quase “*não-seres*”.

Naturalmente, esta fuga do real levou Plínio a imaginar, como realmente existente, um supremo grau de criaturas, que estaria acima dos próprios anjos, e pouco

inferior a Deus, e que existiria desde toda a eternidade, embora não sendo propriamente eterno.

Seria o grau das criaturas “*ab aeterno*”, que existiria no mundo da “Trans-Esfera”.

Plínio explicava essa doutrina para um círculo mais íntimo, nas reuniões do MNF, nas quais Plínio revelava seu real pensamento só para alguns. Mais ainda: manifestava o que ele realmente imaginava que era.

Só conhecemos – e possuímos – partes de textos dessas reuniões scognalisticamente resumidos por João Clá no Jour le Jour – no diário de PCO–que ele contava nos êremos que dirigia.

Neles se fala dos seres “*ab aeterno*”, que seriam seres ontologicamente superiores à ordem angélica.

Tais seres super-angélicos imaginados por Plínio, mover-se-iam -- no dizer dele -- numa “*trans-esfera*” mítica, superior ao inexistente mundo das idéias de Platão. Eles representariam as qualidades divinas do modo mais elevado possível, para uma criatura “possível”. Por sua vez, as criaturas materiais, criadas no tempo, representariam, em grau inferior, as qualidades de Deus refletidas superiormente e de modo mais sublime nos seres “*ab aeterno*”.

## 2- Existência dos seres *ab aeterno*

Plínio contou que imaginou essa classe de seres “*ab aeterno*”, quando soube que S. Tomás não considerava filosoficamente incompatíveis, as noções de criatura e de eternidade. Ele repetia isso com freqüência, mas não dizia nunca que o Doutor Angélico negava que, de fato, existissem seres criados “*ab aeterno*”.

Mais: Plínio omitia dizer que São Tomás afirma ser herético defender a tese de que outros seres, além de Deus, fossem eternos (cfr. São Tomás, **Suma Teológica** – I, q. 46, a1; I, q. 46, <sup>a</sup> 2; I, q. 61, <sup>a</sup> 2 – S. Tomas – **Opúsculo IV Sobre la eternidade del mundo contra los murmuradores**).

Como dissemos, não se nos permitiu jamais ler ou assistir as reuniões do MNF. Alunos nossos, porém, ouviram conferências do MNF, no “Praesto Sum” (Nome da Sede de um êremo, ou convento da TFP, em Sant’Ana), palestras feitas por João Scognamiglio, o “*fiel intérprete dos desígnios de Dr. Plínio*”, atual Cônego de Santa

Maria Maior, em Roma, e recém condecorado pelo Vaticano, enquanto certamente sonha com novas honrarias...

Quod non ascendam?

*“Sentar-me-ei acima dos astros, no Trono do Altíssimo”...*

É de se supor, então, que a leitura do MNF por Scognamiglio fosse bem fiel, embora, como é natural nos resumos, falte a totalidade do texto. Em todo caso, o que Scognamiglio contava no “Praesto Sum”, se encaixava coerentemente no sistema de pensamento “imaginativo” de Dr. Plínio, e conservava o linguajar típico do “Profeta” de Higienópolis.

Outros textos do MNF foram publicados pela revista **“Dr. Plínio”** patrocinada por amigos e aliados do condecoradíssimo Mons. Scognamiglio. Ve-los-emos mais adiante...

Se os textos que citaremos de Scognamiglio, retirados da documentação do **Jour-le-Jour** de Dr. Plínio, não corresponderem exatamente ao que está no MNF, então a culpa pela infidelidade ao texto não será nossa, mas sim do *“fiel intérprete”* dele, e haverá um meio fácil de se corrigir essa infidelidade: publicar ou deixar examinar o MNF por eventuais visitantes do Vaticano (Sem Censura ! -- sem cortes !—Sem maquiagens! Sem botox!).

Mas o que Scognamiglio contou, na década de 80, citando o Jour-le –Jour de Dr. Plínio se harmoniza perfeitamente com os devaneios contados por PCO em suas Notas Autobiográficas e no livro Inocência Primeva, que estamos analisando.

Teríamos tanta vontade de ler o MNF todinho!...

E Plínio sempre disse que tinha tanta vontade de publicá-lo... Por que não aproveitar a oportunidade e realizar os anseios dele e os nossos?...

Publiquem-no. Será um sucesso.

Que lhes trará a bagarre!

Vai ser uma diversão!

Vejamos, pois, como o “fiel intérprete” do Profeta de Higienópolis – o agora Mons. Scognamiglio, Grão Mestre da Sempre Viva, e dirigente da banda dos Arautos

do Evangelho – explicava, há anos atrás, a teoria dos seres “*ab aeterno*”, exposta por Dr. Plínio no MNF, num telefonema para tefepistas nos Estados Unidos.

[Os textos citados são, de modo geral os que foram retirados das palestras de Scognamiglio nas reuniões em que contava o dia a dia de Dr. Plínio – o **Jour-le-Jour** do Profeta de Higienópolis, inclusive com o resumo das palestras dele no MNF. Era tudo gravado, e, depois, datilografado, e mandado para as sedes da TFP do exterior.

Não conservaremos nesta edição os erros datilográficos do texto original do documento do **Jour-le- Jour**. Eles são divertidos. Os comentários postos entre colchetes serão de nossa responsabilidade].

Vejamos, então, o que Scognamiglio explicava para fanatizar os jovens da TFP.

\*\*\*

Neste primeiro texto, é Monsenhor Scognamiglio quem fala na primeira pessoa.

*“Vou tentar dar um resumo do MNF de quarta-feira. Não é bem exatamente o que ele [Dr. Plínio] diz, mas dá uma idéia para os senhores. Os senhores já viram uns pedregulhos assim um pouquinho mais bem [sic!] acabados e mais bem [sic!] constituídos do que os pedregulhos comuns. Chegam até a transmitir um pouquinho de luz. São uns pedregulhos branquinhos, que dá para perceber um pouco de luz do sol etc. Isto, é que é o comum das criaturas comparado com aquilo que ele [Esse ele é o Profeta] tem tratado muito no MNF de criaturas “*ab aeternae*”. [sic!] O que é “*ab aeternae*” [sic!] para ele? Não é um pedregulho, mas é uma pedra tão preciosa, tão preciosa, que a gente tem a impressão que a luz nasceu de dentro dela (Exclamações) – [Significativas exclamações... Adivinhem quem se imaginava ser uma pessoa, na TFP, que dava a impressão de que a luz nascia de dentro dela?] E que assim seria uma criatura “*ab aeternae*”. Seria tão luminosa, tão luminosa, tão luminosa, que a gente teria a impressão de que ela como que teria a luz de dentro dela. **Seria como que se ela fosse as qualidades que tem. Portanto seria muito próxima de Deus**”. (Telefonema de João Scognamiglio aos Estados Unidos, 20/02/1983, narrando o “**Jour-le-Jour**” – o sublinhado e os erros gramaticais são do original. As frases postas em negrito o foram por nós).*

Que explicação confusa!

E como Scognamiglio fala gramatical e literariamente mal!

Primeiro nos foi possível compreender que uma criatura “*ab aeterno*” não é um pedregulho.

Já é um progresso.

Depois, quando foi dito que a criatura “*ab aeterno*” é luminosa, tão luminosa que parece ter luz dentro de si, ficamos inclinados a pensar que ela fosse uma lâmpada. Graças aos céus, o final deixou a coisa mais clara.

Uma criatura “*ab aeterno*” seria:

uma criatura que existe desde toda a eternidade;

que como que parece ser as qualidades que tem; [Então, de certo modo, como Deus, teria as qualidades em grau absoluto?] que seria luminosa; e – ontologicamente -- muito próxima de Deus.

E as exclamações significativas encaminham para um exemplo concreto: não se disse, na “Ladainha do Profeta” que Dr. Plínio é possuidor de todos os absolutos? E não se dizia que a barba dele era luminosa?

Como um homem que ensinava tais disparates foi ordenado sacerdote, feito Cônego de Santa Maria Maior, e condecorado pelo Vaticano?

Será que ele aprendeu português?

E Filosofia? E Teologia? E Direito Canônico? E que ficou doutor?

Como ele foi ordenado sem ter estudado nada disso?

Que seminário ele cursou?

Vejamos outra fiel interpretação scognamigliana:

“Na reunião de quinta-feira, ele tomou o vaso rosa, que existe naquele salão azul do primeiro andar, junto àquele espelho, e fez uma reunião inteira sobre ele, contando como é que o vaso foi escolhido etc. E falou muito sobre o mundo dos possíveis e das criaturas *ab aeternae* a partir do vaso rosa” (Telefonema de João Clá aos Estados Unidos, contando o Jour -le -Jour, 12/02/1983).

Melhorou.

Criaturas “*ab aeterno*” seriam apenas entes possíveis e não reais. Ficou menos errado.

[De passagem, convém explicar que o primeiro andar citado é do apartamento do Dr. Plínio, na rua Alagoas, onde havia um “salão azul”, assim chamado por que lá havia um conjunto de poltronas estofadas em tecido de cor azul, e não por causa de suas dimensões. O “salão” é, digamos, um ente de imaginação. Ou aquilo que em sua confusão metafísica Dr. Plínio qualificava como um ser possível em Deus. O ente real era uma sala comum. E o mesmo se pode dizer do “salão rosa”. São seres de imaginação, embora não existentes, “*ab aeterno*”. E esse vaso seria um- de alabastro- vaso que teria sido do Imperador, e no qual Plínio desejava mergulhar. Mas não dentro do vaso. E sim no próprio alabastro. Como teremos ocasião de ler. Em um texto dele, para se “alabastrizar”].

Vamos ver, agora, o que disse o próprio Plínio, mantendo os erros de datilografia do documento original:

“Então a distinção entre duas coisas diferentes. Uma coisa é, a vista de algo paupável [Sic] e sensível, e, em imaginar algo do mesmo gênero, que seja ainda mais belo do que isso”.

“Por exemplo eu estou vendo aqui as cerejas (...) eu posso imaginar super cerejas (...) Eu não estou fazendo se não imaginar isso que estar [sic!] aqui levado a maior perfeição que lhe é própria”.

“(...) o rumo do maravilhoso tende a isso (...) a pessoa que tem esse senso, vendo alguma coisa, tende a imaginar na sua maior beleza. Por que ela entende qual é a beleza máxima possível da coisa, se bem que ele não tenha visto”.

“(...) Bom, agora há uma outra perfeição, um outro senso de perfeição que vai mais longe. Vendo uma cereja, imagina como seria uma cereja paradisíaca.

“As frutas do Paraíso, são como não existisse [sic] no nosso universo. O Paraíso terrestre existe em nosso universo, está guardado lá, e o que parece Elias e Enoc estão lá”.

“(...) Agora uma coisa mais alta ainda, é quando a pessoa cria completamente – não são as cerejas do Paraíso – faz uma jóia com rubi, com vários rubis, para compor o que seria uma cereja maravilhosa e ideal, nenhum lugar existiu. Seria uma verdadeira beleza”.

“(...) Isto que eu estou falando a respeito de cereja podia ser panorama. Então, minha eterna Veneza, e acabar de degrau em degrau, numa cidade, que não existe nem nas nuvens, concebida por mim, mas (...) pelo contrário, tão diferente, quanto possível dessa cidade, continuando a merecer o nome de cidade. Apenas pertencendo ao mesmo gênero de cidade”.

“Então, uma cidade em que as pedras fossem constituídas com raios de sol de “Clodorand”. [Ah! A que monstruosidade ortográfica trans-esférica foi reduzido, o nome do pintor maneirista Claude Lorrain...]. E daí pra frente”.

“Bom, mas construídas essas cidades, o espírito humano não se contenta. Ele diante dessas coisas, muito maravilhosas, ele tem certo momento um reflexo, que lhe faz pensar em algo que não sabe dizer como é. Que são criaturas ainda, mas que não sabe dizer como é”.

“Algo que tenha um esplendor tal, que ele é obrigado até imaginar, para existir em função disso, seres angélicos. E seres angélicos de uma perfeição natural ainda maior do que os seres angélicos que temos conhecimento.

E a medida que vou falando disso... (Ahhhhhh!!!)

[A exclamação é dos ouvintes embevecidos com a existência de seres acima dos anjos, dos quais não falam, nem a Sagrada Escritura, nem o Catecismo. Mas à cuja ordem de ser se imaginava pertencer o próprio Plínio].

Prossigamos a ler o texto gravado de Dr.Plínio , tal como foi lido por Scognamiglio na década de 80:

“(...) O espírito humano vai desejando algo, que ainda não é diretamente Deus. Ou, por assim dizer, pode não ser diretamente Deus, mas que é outra criatura, outras criaturas. Com o conviviu [sic] tão, tão alto, tão extraordinário, tão excelso, tão fabuloso, trocando tais idéias entre si e tendo uma presença tal, que nos ficamos assim...” (Plínio Corrêa de Oliveira, gravação do MNF. – Chá no S. Bento, 27/12/1982, 2a feira. O negrito e sublinhado são nossos, e os erros ortográficos monstruosos são do original).

Que dizer deste texto babilônico?

Em primeiro lugar que estão evidentemente na linha do que agora foi publicado no livro que focalizamos: **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo.**

Este livro confirma o que era ensinado há 27 anos atrás, no **Jour-le Jour**, pelo agora super trans-esférico Mons. Scognamiglio.

Esse texto não passa de uma elucubração platônico-romântica, na qual se sonha a existência de um outro mundo criado, mas não material, feito de raios de luz, e superior ao mundo angélico conhecido. Tal seria o mundo dos seres possíveis, mas criados “*ab aeterno*”. E que “*poderia não ser diretamente Deus!!!???*”? Por acaso algo poderia ser indiretamente Deus?

Tal mundo, se parece, evidentemente, com o mundo das idéias de Platão... Com tudo o que havia de tendência gnosticizante no pensamento platônico.

Como não notar, na exposição gravada e datilografada do que Plínio disse no MNF, uma tendência a fugir do mundo concreto através do sonho de um mundo imaterial, ou de uma matéria superior, como dizia Von Baader, ainda que Plínio não deixasse de comer suas cerejas e “tortijas” muito reais e nada imaginárias?

Não temos dúvida de afirmar que, na doutrina de Plínio Corrêa de Oliveira e na TFP, havia uma clara manifestação de Romantismo e uma doutrina que leva diretamente à Gnose.

Compare-se isto que disse PCO com o poema de S. Francisco louvando a Deus por causa das suas criaturas: “*Lodato sia mio Signore, per sora nostra acqua, che é molto utile, e umile e casta*”. Sem sonhos platônicos.

As cerejas “*ab aeterno*” de Dr. Plínio não são “*molto utile*”.

São absolutamente inúteis.

E falsas, por serem irreais.

### **3 - Como Plínio descobriu os seres possíveis criados ab aeterno?**

No mesmo chá, entre cerejas e tortijas muito reais, -- porque quando se tratava de comer, Plínio exigia entes reais e jamais simples possíveis, ele queria comer só coisas bem concretas e bem temperadas, e não seres só idealmente possíveis, PCO disse coisas incríveis.

Aliás Dr. Plínio explicou que o modo mais comum e fácil para ele ter idéia da Trans-esfera e de seus seres ab aeterno, era comendo coisas excelentes:

“Em que momentos, eu sentia que apanhava melhor essa espécie de mistério de sublimidade e de luz, que queria alcançar nas coisas?

“A resposta revela uma peculiaridade singular: era sobretudo comendo. Como eu disse, algumas melodias causavam-me encantos, mas nunca com a intensidade dos que me eram proporcionados pela culinária. Isso, entretanto, não acontecia pelo mero gosto de comer – o qual, aliás, eu também tinha muito – mas porque certos alimentos se me apresentavam conjugados com impressões muito elevadas, e eu tinha a sensação de que só as aprendia comendo aquelas coisas.“Por isso, não hesito em dizer: fui sensível aos gáudios gastronômicos a prima pueritia mea [desde a minha infância].”(Plínio Corrêa de Oliveira, Notas Autobiográficas, Vol. I, p. 375. Os destaques e os colchetes, desta vez, são do original e não nossos).

Plínio não foi apenas um filósofo que conversava sentado, enquanto Aristóteles era peri patético. Plínio era um filósofo que filosofava sentado, e especialmente comendo.

Plínio era guloso. É o que se depreende do que ele mesmo conta, nesse livro editado pelos Arautos. A Inocência primeva era compatível com a gula. E também com a preguiça, pois Plínio relacionava a virtude com a sua cama. E a Inocência Primeva exigia uma modéstia e uma humildade muito singulares.

E Padre Royo Marin aprovou tudo isso...

Como Plínio teve a impressão da existência das criaturas “*ab aeterno*”?

Ele contava que duas impressões o levaram a concebê-las. A primeira foi no dentista. A segunda... é uma surpresa, que deixamos para depois.

Vamos à impressão que ele teve no dentista, entre boticões e angústias infantis, contemplando um quadrinho “*muito ordinário*” de Veneza.

É o próprio Profeta de Higienópolis quem fala:

“E tinha um quadrinho muito ordinário, pintado a fresco na parede.

[Sic! Um quadro “à fresco”?? Mas isso é uma coisa absolutamente extraordinária! Um quadro “à fresco”! Seria uma criatura pintada “ab aeterno”?].

“E eu me lembro que eu ficava olhando para aquilo e ficava extasiado”.

“Mas a sensação que eu tinha, era tão mais alta do que qualquer Veneza real, ou qualquer outra coisa assim, que eu reconheço hoje em dia, que eu sonhava com uma ordem de coisas mais adequadas – nem eram anjos – mas as criaturas criadas ab aeterno”.

[Note-se: ele sonhava com seres inexistentes. Contra o que afirmou Leo Daniele no livro A Cavalaria não Morre].

“Mas como é que eu reconheço isso? Por uma certa forma de frêmito que isso causava em minha alma. E em que fremia, nos mais altos, nos mais altos, nos mais altos da minha alma. E é uma arqui-Veneza, uma ultra Veneza, extra Veneza, super Veneza, da qual aquela Veneza, que eu admiro tanto, não era capaz de ser nem sequer o arrabalde. Não era capaz de ser o arrabalde operário, a favela.” (PCO – chá no S. Bento, 27/12/1982, 2a feira – o sublinhado e o negrito são nossos).

No texto acima, é claríssima a tendência romântica revelada pelos termos “imaginar”, “sensação”, “sonhar”, “fremir”. Dr. Plínio não compreendeu a existência dos seres “*ab aeterno*”: teve a sensação deles.

Ele sonhava uma ordem de coisas irreal que estaria para o mundo atual, como Veneza estaria para uma favela. Ou, em outras palavras, um mundo tão fabuloso que, aquilo que há de mais espetacular no mundo concreto (Veneza, por exemplo) comparado com ele, seria uma favela.

Note-se, pois, a desvalorização do mundo concreto e material, se comparado com o imaginário mundo “*ab aeterno*” de Plínio, mundo feito de luz.

Se isso não é sonho, o que seria sonhar?

Finalmente, esse mundo causava um frêmito em Plínio.

Está aí a “prova” da existência desse mundo etéreo: vendo um quadrinho ordinário de Veneza, Plínio Corrêa de Oliveira fremia, “*nos mais altos, nos mais altos, nos mais altos*” píncaros de sua alma.

Logo, os seres “*ab aeterno*” tinham que existir, já que só eles poderiam explicar os tais frêmitos, nos mais altos píncaros da profética alma de Plínio. Mesmo que a Revelação nada diga sobre os seres *ab aeterno*.

Azar da revelação!

Vamos, agora, à segunda impressão que permitiu a PCO descobrir os seres *ab aeterno*.

É a surpresa que prometemos.

E ela é inacreditável.

Adivinhem o que foi que causou em Dr. Plínio a sensação da existência de seres “*ab aeterno*”?

Adivinhem...

Não. Não adivinham.

.....????????.....

Os semáforos de S. Paulo!!!

Como? Como??

Os semáforos de São Paulo???

Que têm eles a haver com os seres *ab aeterno*???

Sim, os semáforos de S. Paulo!

Não acreditam, os caros leitores, no poder *ab aeternico* dos semáforos de S. Paulo?

Pois vejam lá.

Scognamiglio vai fazer o gravador tocar as palavras de Dr. Plínio.

“Bom, uma outra sensação tão mais ao alcance [Sic] dos Srs. – Veneza está ao alcance [Sic] de todos os Srs. – mas tão ao alcance [Sic] que eu não sei o que dizer, é o que eu contei na reunião de MNF, que me produziu ver as luzes dos sinais luminosos de SP [São Paulo] que ainda concidero [Sic! Ái! Ái! Ài!] bonitos.

“É uma coisa fantástica sinal luminoso. Como é que essa beleza resiste a tanta feiura. Quem foi o homem que escolheu aquele grau de luz, para os sinais luminosos de

SP? É uma coisa para se verificar numa historieta do município de SP. Porque, se não foi por coincidência, houve algum fabricante ou algum técnico que para um fabricante bosal [Sic!] fez essas cores quintessenciadas, e que vinheram [Sic!!] rolando para SP, por coincidência, é perfeitamente possível. Não sei se em outras cidades do Brasil o colorido não é o mesmo daqui. Mas se os Srs. prestarem a atenção um lindo colorido.

“Penetrar, ficar olhando para aquela cor mudar, mudar, mudar, e de cada vez pensar que se estar [sic] entrando num universo azul, num universo vermelho, num universo dourado, sucessivamente, e depois aquilo passa...

“Sinal não é nada. A questão é a cor, explorando todas as variações daquela cor, e habitado portanto [???] por seres, que já também seria [sic] de uma outra natureza. Conforme o frêmito que isso provoque na alma, pode ser um frêmito que chegue a isso, ao que os homens queririam [sic], se conhecessem criaturas criadas ab eternas.

“Alguém dirá: ‘meditações vãs, meditações tolas, com que o homem não tem nada com que fazer’.” “Na reunião do MNF, eu procurei explicar isso, repito apenas numa palavra. A coisa é essa: A meditação não é vã porque Deus criou na nossa alma, dando-nos a noção de universo, embora Ele não tenha criado esse universo, com todos os matisis [sic] possíveis, nem todas as perfeições possíveis, Ele criou em nós a faculdade de imaginarmos essa perfeição possível”.

“E evidentemente como tudo o que há em nós, é para o serviço dEle, é para a glorificação dEle, isto em nós, precisa ser explorado e tem sua razão de ser.” (Palavras de Plínio Corrêa de Oliveira– Chá no êremo de S. Bento, 27/12/1982, 2a feira – O sublinhado e negrito são nossos. – Os erros ortográficos são ab eternamente dos eremitas plinianos que datilografaram a gravação da fita original).

Por essa o leitor não esperava, temos certeza!

Que Plínio considerasse os semáforos de S. Paulo uma coisa fantástica de beleza, é absolutamente inesperado. Mais inesperado ainda é ele gostar de ficar olhando o semáforo mudar, mudar, mudar de cor.

Inesperadíssimo é que os semáforos tão “lindos” de S. Paulo causassem nele o tal “*frêmito de alma*” que podia provocar a sensação de um universo azul [Dr. Plínio era um tanto daltônico], dourado, vermelho. Conforme o frêmito, bem entendido. Não seria qualquer frêmito que provocaria essa sensação.

Frêmito tal que, portanto, – [oh inesperadíssimo “*portanto*”, de que mundo “*ab aeterno*” tu caíste?] – que, portanto, daria a sensação de um universo habitado por seres de uma outra natureza.

E não vamos perder mais tempo. Não se refuta, nem se responde ao que está óbvio, pelo texto. Seria desprezar a inteligência de nossos leitores procurar lhes explicar o que é evidente.

Não se argumenta contra sonhos. Nem, muito menos contra delírios. Ainda que eles sejam “*ab aeterno*”. Somente se os conta, para que se os despreze.

### **Conclusão da Segunda Parte**

Analisado o livro **A Inocência Primeva e a Contemplanção Sacral do Universo**, chega-se à conclusão que Plínio Corrêa de Oliveira foi um sonhador burlescamente romântico gnóstico, que montou uma seita para ser cultuado em vida, e para viver, bem concreta e opiparamente, neste mundo, que ele desprezava. Pois e era preciso viver bem nesta vida...

Seria apenas o viver sibariticamente a finalidade visada por esse falso profeta?

Evidentemente, os graves erros contra a fé que PCO ensinava nas reuniões “discretas” do MNF e da Sempre Viva indicavam que havia uma finalidade mais profunda que a do prato que ele gulosamente sorvia.

Para compreender quem foi PCO e o que foi a TFP, seria preciso analisar as origens desse romantismo delirante que ele praticava por formação pessoal, e que defendia doutrinariamente.

O romantismo de Plínio tem duas origens principais:

Uma na educação muito estranha que ele recebeu de sua mãe, Dona Lucília, educação deformadora da realidade, assim como deformante de sua mentalidade.

Isto levaria a outro problema bem importante: Plínio tirou tudo o que fez de sua própria cabeça romanticamente deformada, visando apenas ser cultuado e viver como um paxá? Ou havia algo mais sério por trás dele que se aproveitou de sua mentalidade romântica para fins políticos, ou doutrinários mais profundos?

Creemos bem que a mentalidade romanticamente delirante que ele tinha, foi aproveitada por grupos doutrinários “Discretos” que o utilizaram para fazer o que ele

fez: formar um grupo que atraísse católicos de alguma liderança, desviando-os para uma seita gnosticizante, para assim esterelizar a ação desses líderes, pela heresia e pelo ridículo.

Além da mentalidade que sua mãe inculcou nele, haveria outras fontes doutrinárias, nas quais ele poderia ter abeberado uma doutrina esotérica de tipo gnóstico, que explica certos pensamentos que o ligam a toda uma misteriosa corrente “*tradicionalista*”, no pior sentido que essa palavra pode ter. Ele certamente recebeu os princípios de um tradicionalismo esotérico que o ligam à direita européia. Muito provavelmente as sociedades secretas, que ele fundou, estavam ligadas a correntes ocultas como as do Martinismo e as do Martinesismo, através do bem maçônico Joseph de Maistre. E provavelmente essas ligações secretas chegariam até a sociedades esotéricas atuais na Europa e na América.

Os jovens que entravam inocentemente na TFP, ou eram católicos sinceros e de reta intenção, pretendendo defender a Fé católica, ou eram oportunistas buscando destaque.

Os moços sinceros que entravam no grupo de Plínio paulatinamente eram conduzidos a tantas contradições, impossíveis de solucionar, que entravam numa crise doutrinária e moral muito séria. Então, ou eles saíam desse grupo seletivo e fechado, ou ficavam totalmente desequilibrados. E na TFP, havia tantos jovens que passavam a ter problemas psicológicos, que Plínio teve que montar asilos e refúgios psicológicos para eles. E os gastos com remédios para dormir e com estimulantes para acordar, na TFP, era bem elevados, ficando alguns viciados nesses medicamentos...

O mito causava nesses ingênuos um tal choque com a realidade que, os psicologicamente mais fracos, facilmente caíam em depressão, ou em desequilíbrios psíquicos mais graves ainda.

Se os moços tefepistas não eram sinceros, se eram oportunistas, logo ficavam cínicos, abolindo todo escrúpulo moral. Desapareciam neles os limites entre verdade e mentira, entre bem e mal, entre lícito e ilícito. O mito tudo aplainava. Importante era imitar o inocente Plínio...

A Inocência primeiramente admitia ficar “*submersa num mar de pecados*”... E mesmo assim, se poderia alcançar a salvação, porque não seremos julgados “*por uma tabela de dez mandamentos*” .

Adeus escrúpulos.

Viva a esperteza.

Foi o que Scognamiglio compreendeu muito bem.

A TFP era um sistema montado apenas por um sonhador romântico, ou foi um sistema conscientemente usado para destruir promissores líderes católicos?

Foi ela um “*sistema montado para espremer laranjas, e depois jogar fora os bagaços*”, como bem disse um moço destruído lá dentro, pois que viveu bem dentro do núcleo dirigente da seita?

A esterilização através de uma vida que adormecia a contradição no cinismo, e a destruição psíquica de ingênuos, mais fracos, o ridículo a que a seita levava os seus membros, eram um fim político conscientemente buscado?

Basta conhecer razoavelmente a História e a seriedade da luta entre a Cidade de Deus e a Cidade do Homem, para se concluir que a hipótese de haver um sistema propositalmente montado com esses fins tem tudo para ser verdadeira.

Para compreender, então, realmente quem foi PCO, e porque ele montou a TFP e a Sempre Viva, deve-se estudar, em primeiro lugar, a sua doutrina do conhecimento.

Depois, a formação de sua mentalidade, muito “*inusual*”, por sua mãe, que o dominou a vida inteira de modo bem estranho. Para isso é necessário analisar o livro **Dona Lucília**, fonte mais rica e indispensável, para se conhecer a mentalidade de PCO.

O “autor” oficial do livro **Dona Lucília** teria sido João Scognamiglio Clá Dias, cujo nome aparece na capa dessa obra. Ele foi o discípulo perfeito e querido de PCO,- a sua “menina dos olhos”--, e o principal difusor do culto de PCO e de Dona Lucília, antes na TFP, e hoje, entre os chamados Arautos do Evangelho. Do “evangelho” de Plínio, entenda-se.

Foi Scognamiglio quem, depois da morte do imortal Plínio, dividiu, diminuiu, e destruiu a TFP, mas adicionou, somou e multiplicou seus recursos pecuniários e suas fontes financeiras, tornado-se, atualmente, no muito endinheirado e muito bem sucedido Monsenhor Cônego da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma. Ele é aquele que “*já recebeu a sua recompensa*” (Mt VI, 2).

É praticamente certo que Scognamiglio, o discípulo preferido de PCO, só emprestou seu nome- etimologicamente tão significativo-- para camuflar o verdadeiro autor da obra **Dona Lucília**.

O verdadeiro autor deve ter sido o próprio PCO, que fez palestras contando em detalhes muito íntimos o que sabia da vida de sua mãe, -- e o que não sabia, ele inventava -- a fim de fazer uma obra que preparasse o culto dela, na TFP, como degrau, para ele mesmo, depois, subir mais facilmente aos altares tefepistas.

No futuro, Deus permitindo, analisaremos trechos dessa obra editada em três luxuosíssimos e imensos volumes. Que compremos, baratinha..., num sebo, porque “*sicut transit gloria*” ... *idolorum mundi*..

Para conhecer as fontes das estranhas e bem esotéricas doutrinas de PCO, seria preciso ter em mãos todos os textos secretos do chamado MNF, textos que tem dezenas de milhares de páginas.

Esses textos são de conferências praticamente secretas pronunciadas por PCO, em reuniões reservadas apenas a um pequeno círculo de fanáticos. Essas palestras do MNF é que deram base para formar a sociedade secreta **A Sempre Viva**, que cultuava Plínio com um culto maluco baseado em teorias delirantes, das quais vimos algo na obra que acabamos de analisar, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**.

Porém, antes dela ser editada pelos chamados Provectos da TFP, o sucesso, aliado à imprudência, causaram em Scognamiglio, a ilusão de que ele podia publicar tudo o que PCO ensinara secretamente. Por isso, ele deu a público muitos textos do MNF na Revista “**Dr. Plínio**”, revista de amigos dos Arautos dos quais Scognamiglio é o grão mestre. Scognamiglio--que nada tem de intelectual, pois é um simples oportunista, um arrivista na vida e no clero--nem percebeu que erro foi o de publicar, sem correção e quase sem censura maior, longos textos do MNF, principalmente nos cem primeiros números dessa revista de nome absurdo: “**Dr. Plínio**”. Depois, ele ficou um tanto mais cauto... e os textos do MNF ficaram mais raros em sua revista...

Os artigos da revista “Dr. Plínio” são “*um prato cheio*” de delírios descabelados, confirmadores da doutrina exposta no livro **A inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**.

Essas doutrinas têm tanta relação com as doutrinas das seitas esotéricas martinistas e da Gnose romântica que apontam em direção de uma bem possível iniciação de PCO em alguma seita secreta.

Estudaremos textos publicados na revista “**Dr. Plínio**”, numa terceira parte deste nosso trabalho.

Depois, veremos o culto delirante que PCP montou para si mesmo e para sua mãe, culto do qual o grande difusor foi João Scognamiglio Clá Dias.

Este estudo se completaria com a análise do Livro **Dona Lucilia** e com uma biografia veraz de PCO, biografia que infelizmente o Professor de Mattei não fez. Veremos o que poderemos executar desse plano.

# TERCEIRA PARTE: A MENTALIDADE ROMÂNTICA DE PLÍNIO

## Capítulo I

### Qual era a verdadeira religião de PCO?

**"Niente più bugiardo che un epitafio"**

(Provérbio italiano).

Nada há mais mentiroso do que um epitáfio, diz um provérbio italiano. Com efeito, a vaidade humana ultrapassa os limites da vida, e o orgulho faz questão de se manter vivo e ativo além dos umbrais da morte. O homem deseja manter a memória de seu prestígio, mesmo estando morto, e, para isso, por vezes, faz registrar epitáfios que perpetuem sua fama. Ainda que falsa.

Plínio Corrêa de Oliveira, que sempre aspirou honras, queria que em seu túmulo fosse registrado que ele foi, em vida, totalmente católico.

Teria sido isso realmente verdade?

Demonstramos a doutrina errada de Plínio por meio de seus textos. Vimos como sua doutrina da inocência primeva era contrária à Fé católica, e como todos os seus demais princípios eram afins com a Gnose, e especialmente com a Gnose e o subjetivismo idealistas.

Entretanto, quem errou tanto em matéria de Fé, quem tanto iludiu a outros sobre si mesmo e sobre sua verdadeira doutrina, quem se auto-proclamava *"o varão católico todo apostólico"* - **Plinius, Vir Catholicus et Totus Apostolicus**, merecia ele realmente esse epitáfio? Ou seria ele um epitáfio merecidamente... *"italiano"*

Ele queria mesmo que essa afirmação, em latim, fosse colocada como epitáfio, em seu túmulo.

Queria, pois, continuar enganando os crédulos mesmo depois de morto.

Eis o que sobre ele publicaram os seguidores de Scognamiglio:

*"De uma notável humildade, [Dr. Plínio] era insensível aos louvores. Apenas um elogio era capaz de fazê-lo emocionar-se, por vezes, até as lágrimas: "Vir catholicus, et totus apostolicus, plene romanus". Nada mais do que isto ele pretendia ser: "Varão católico, todo apostólico, plenamente romano". São as palavras que, de*

*acordo com seu desejo, constituem o epitáfio inserido no seu túmulo, no cemitério da Consolação.* (Editorial "**Vir Catholicus**", in Revista "**Dr. Plínio**", Ano II, nº 15, Junho de 1999, p. 4).

E católico ele não foi.

Desde moço, ele tinha uma noção heterodoxa da religião da qual se dizia defensor.

Que era a religião Católica Apostólica Romana para Plínio? Como Plínio Corrêa de Oliveira, considerava o Catolicismo?

Vimos que PCO, quando se tornou dirigente da Liga Eleitoral Católica, declarou que considerava o Catolicismo a forma mais elevada e genuína de espiritualismo (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **Liga Eleitoral Católica --- A Postos!** Artigo publicado no "**O Legionário**", em 15 de Janeiro de 1933, apud Catolicismo, Maio de 1983, Ano XXXIII, Nº 389, p.5).

Quer dizer que, para Plínio Corrêa de Oliveira—o varão que se pretendia totus catholicus--, o Catolicismo não era tido como a única religião verdadeira. Era apenas "*a mais elevada e genuína forma de espiritualismo*".

O que não é uma confissão de Fé católica, mas uma afirmação típica de quem buscava votos sem se definir francamente. Um candidato maçom, visando votos, não diria diferentemente.

Vimos ainda que ele afirmou num artigo no Jornal da Constituinte, em 1933- 1934, que ele considerava que não existia uma única doutrina que pudesse se inculcar como senhora dos espíritos. Portanto, que o Catolicismo não poderia pretender converter a todos os homens. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo, "**Jornal da Constituinte**", em 23 de Novembro de 1933, citado no editorial da revista "**Dr. Plínio**", com o título **15 de Novembro de 1933 - Na Abertura da Constituinte**, Ano VII, Novembro de 2.004, Nº 80, p. 5).

E essa formulação, tipicamente liberal, é bem imprópria para um "*Crociato*" do século XX. Ela é, no fundo, negadora de que o catolicismo seja a religião divina que Jesus Cristo mandou que fosse ensinada a todos os homens.

Essa frase de Plínio é um absurdo, que só um liberal poderia defender. E só um Deputado "católico" moderno diria isso num ambiente liberal, para não desagradar seus colegas membros de certas sociedades secretas.

E Plínio, na década de 30, logo depois de Pio XI ter condenado o ecumenismo na encíclica *Mortalium Animos* (1929) se mostrava ecumênico ao modo do Vaticano II, isto é, como os modernistas já o eram desde a Belle Époque.

No jornal **O Legionário**, órgão católico que ele dirigia, ele se punha como ecumênico, pois dizia que não queria reavivar velhas desuniões com os "*irmãos de crença*". Isto é, que não queria

desagradar aos protestantes. Afinal, eles tinham votos, que mesmo sendo poucos, convinha cortejar.

Plínio, o "Crociano" do século XX era ecumênico na linha do Padre Congar e do Abbé Lambert Bauduin:

*"Esta é a grande verdade que o fracasso do totalitarismo revela. Relembramo-la nesta ocasião memorável, **não para reavivar dissídios com irmãos de crenças**, mas para declarar que – excetuada esta grave lição que contem o suco de toda a trágica experiência destes últimos anos tão ricos em ensinamentos – tudo esquecemos, que só queremos olhar para o futuro"* (Revista "Dr. Plínio", Ano II, Setembro de 2.000, N<sup>o</sup> 30, p.26. O destaque é nosso).

O "vir catholicus" não queria reavivar dissídios com os "irmãos de crenças". Naqueles tempos da Mortalium Animos de Pio XI, Plínio o varão que tumularmente pretendia ser "totus catholicus", era irênico.

Já antes, ao tomar posse da direção do jornal "O Legionário", em 1928, Plínio escrevera:

*"Até então o Legionário tinha uma certa tendência para se dirigir ao grande público no interesse de conquistá-lo. Era escrito, em parte, para converter para a religião católica aqueles que não eram católicos, em parte para afervorar e orientar os que já eram católicos.*

*"Lendo o jornal "Sept", compreendi que isso estava errado, (SIC!!!) pois um jornal de pequeno formato ou de pequeno tamanho, ou devia dirigir-se para um público especial, influente e não pequeno, e através desse público influenciar todo o conjunto, ou não adiantava para nada."O Legionário, então, deixou de ser um jornal feito para converter os não católicos, mas para formar uma mentalidade".* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo "O Legionário" Arma de Batalha pela Igreja, in Revista "Dr.Plínio", Ano VI, N<sup>o</sup> 61, Abril de 2.003, p. 27).

Está aí uma confissão preciosa das finalidades de Plínio Corrêa de Oliveira: inspirado pelo jornal modernista **Sept**: o varão pretensamente todo católico e todo apostólico considerava que era errado usar um jornal pequeno para converter os hereges e para afervorar os católicos.

E isso está escrito num artigo cujo título falava em batalhar pela Igreja!

Ele não visava defender ou difundir a Fé católica, mas difundir uma "mentalidade".

Qual?

Qual era, então, a finalidade de Plínio?

Muito vagamente dizia que era difundir uma mentalidade!

Veremos, mais adiante, que a mentalidade que Plínio Corrêa de Oliveira procurou difundir entre os católicos era a mentalidade em que sua mãe o formara: a mentalidade romântica.

E ele confessou que decidiu fazer assim por influência da revista modernista **Sept**.

Naquele tempo, poucos sabiam que era o periódico **Sept**, e que pensavam os dominicanos franceses que inspiravam essa revista. Mas, hoje, é um escândalo vir a saber que Plínio Corrêa de Oliveira iniciou sua carreira de líder católico, inspirando-se na revista Sept. E ele vai passar a vida dizendo-se devoto de São Pio X, cuja obra a revista Sept, sendo modernista, combatia. O líder "ultramontano" brasileiro era seguidor de uma revista modernista. Tais coisas acontecem só no Brasil.

Se o imperador Dom Pedro II era republicano, e o Marechal Deodoro, proclamador da República, era monarquista, porque um líder que se dizia ultramontano, Plínio, não poderia seguir a inspiração de uma revista modernista?

Para ele, ser "ultramontano" devia depender de que lado das montanhas se está. Assim, todo mundo pode se dizer "ultramontano"...

Prossegue Plínio:

*"Transformei então o "O Legionário" num órgão especializado para o Movimento Católico. Não tinha por fim ajudar os católicos a converter não católicos, mas formar sua mentalidade"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo "**O Legionário**", **Arma de Batalha pela Igreja**, in Revista "**Dr.Plínio**", Ano VI, N<sup>o</sup> 61, Abril de 2.003, p. 27).

Plínio visava então formar os católicos numa certa mentalidade que não os afervorasse, e nem combatesse, e muito menos, convertesse, os hereges. Perdão, "*os irmãos dissidentes*".

Caso não se tivesse, por escrito, essa confissão ecumênica e liberal explícita de Plínio, ela seria inacreditável!

Devemos agradecer a Monsenhor Scognamiglio o ter permitido que os amigos dos Arautos do Evangelho publicassem esses textos de Plínio Corrêa de Oliveira, nos quais fica patente que o pretense "*varão todo católico e todo apostólico*", não pretendia nem converter hereges, nem afervorar os católicos, mas apenas formar os católicos numa mentalidade diferente da que tinham, na mentalidade de Plínio: a mentalidade romântica.

Portanto, o que Plínio determinou fazer no jornal **O Legionário** – nem converter hereges, nem afervorar católicos – era o oposto de que faria um homem que desejava ter por epitáfio "*Vir totus catholicus et totus apostolicus*". Daí, se conclui que ele quis fazer de seu túmulo um out-door de auto propaganda, um elemento a mais na criação de seu mito.

E veja-se que “paradoxo”, ou melhor que contradição: um homem que se pretendia imortal redigir seu epitáfio!...

Isso foi, pelo menos, um paradoxo...fúnebre.

Só Plínio seria capaz dessa proeza dialética, sem despertar o bom senso de seus fanáticos.

E tudo isto comprova quanta razão têm os italianos ao considerar que: *“Nada há mais mentiroso do que um epitáfio”*.

## Capítulo II

### A Tradição Romântica na Belle Époque e a Contra Revolução Pliniana

Acabamos de ver Plínio afirmar que seu objetivo, seguindo o modelo da revista modernista **Sept**, era *“difundir uma mentalidade”* no meio católico.

Qual era essa mentalidade?

Examinando toda a sua obra—TFP, Sempre Viva, Arautos do Evangelho – se vê claramente que essa mentalidade foi a do Romantismo. E o Romantismo é gnóstico e revolucionário. Portanto, Plínio foi um revolucionário, travestido de católico tradicionalista.

Que essa mentalidade que Plínio desejava difundir era a do Romantismo se comprova também por inúmeros textos dele. Toda a revista **“Dr. Plínio”**, assim como o livro **Dona Lucília** -- do qual Scognamiglio assumiu a autoria, o comprovam. Como também agora

os livros **Inocência Primeva** e o **Notas Autobiográficas** que vimos citando.

Plínio mostrou que, logo após o fim da Primeira Guerra Mundial, se registrou uma luta entre a mentalidade americana – Yankee—triunfante na guerra, e a mentalidade dos derrotados na Guerra, pois “*verificou-se a queda na Europa do que representava a tradição, hierarquia, esplendor de vida, amor à beleza das formas, dos gestos e das atitudes. E com o declínio dessas tradições, simultaneamente, o advento da influência norte americana*”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Transatlântico e o Cais**, in Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 65, p.27).

E Plínio tomava posição nitidamente a favor do que ele denominava “*tradição*”. Ora, ver a Belle Époque como tradicional e hierárquica era considerar romanticamente essa época horrenda.

Sem dúvida, é verdade que com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, morreu a Belle Époque, que era a época do domínio das monarquias amancebadas com o liberalismo, mas que Plínio absurdamente considerava como sendo o último resplendor da Idade Média.

Aliás, a defesa da horrenda Belle Époque é repetida várias vezes por Plínio e por aquele que foi a menina de seus olhos, João Scognamiglio.

Por exemplo, ao fazer sua auto biografia, Plínio, tratando da Belle Époque disse de um modo saudosista e deformador do passado:

“*Era tudo diferente! Ainda havia um resto de perfume da Belle Époque, que trazia consigo um pouco das brisas do Ancien Régime, que por sua vez tinha uma certa continuidade histórica com a Idade Média*”\_ (Plínio Corrêa de Oliveira, **Palestra auto biográfica**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, Novembro de 2.003, N<sup>o</sup> 68, p. 28. Destaques do original).

E também a defesa do Ancien Régime—da Monarquia Absolutista – sem qualquer crítica religiosa, moral e política, era sonho de monarquista romântico, que, por saudades sentimentais da Monarquia, não distinguia o Absolutismo da Monarquia católica, como existiu na Cristandade medieval.

No livro Dona Lucília, cujo muito provável autor é Dr. Plínio, sonhadamente se define a “Belle Époque” como “*Período da História do Ocidente caracterizado pelo requinte da vida de sociedade, da cultura, das boas maneiras, do vestuário e da existência em geral, restos preciosos do regime anterior à Revolução Francesa. Durou desde as últimas décadas do século passado até os trágicos cataclismos político-sociais provocados pela Primeira Guerra Mundial*” (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p.73, nota 2).

Repare-se como se dá valor excessivo às “*boas maneiras*” e ao “*vestuário*”, e não se fala da corrupção moral dessa “Porca Época”. E

as brisas do "Ancien Régime" eram moral e fisicamente mal cheirosas. No Ancien Régime, em Versailles não havia nem banhos e nem banheiros. Pior ainda, havia escândalos monstruosos numa corte corrupta.

Essa opinião sentimental sobre a Belle Époque foge escandalosamente da verdade histórica. Basta lembrar que a "Belle Époque" foi a época do Modernismo na Teologia, da Arte Moderna, do Decadentismo de Oscar Wilde, do Anarquismo e do Bolchevismo, do Néo-Colonialismo, inteiramente econômico, e de uma enorme decadência moral.

A chamada Belle Époque foi uma época corrupta, -- "*La porca época*", decadente e inconsciente de sua própria podridão, que se divertia em cabarés à beira do abismo da Primeira Guerra Mundial. Por isso, um autor a denominou com perspicácia de "*o alegre Apocalipse*" (Cfr. João Marcos Coelho, **Beethoven e o Romance de Formação**, artigo in **Cultura**, Suplemento dominical de **O Estado de São Paulo**, 8 de Outubro de 2006, caderno D6).

Repetindo a opinião de Dona Lucília e de seu filho PCO, Scognamiglio, o "autor" do livro "**Dona Lucília**", não só considera a "Belle Époque" como escrínio conservador "dos restos preciosos do regime anterior à Revolução Francesa" – sem fazer, como dissemos, qualquer restrição à corrupção e ao Absolutismo do Ancien Régime – como chega ao cúmulo de considerar o período anterior à Primeira Guerra Mundial como sendo um crepúsculo tornado majestoso pelos últimos fulgores da Idade Média !

"(...) *voltemos nosso olhar para o estado do mundo nos anos anteriores a essa conflagração [a Guerra de 1914]. Naquele tempo refulgem ainda, nas nações ocidentais e cristãs os últimos fulgores da civilização medieval*" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol.II, p. 9).

Realmente é muita vontade de mitificar o passado, ver "*Fulgores da Idade Média*" na Belle Époque. Que luneta romântica saudosista de lentes cor de rosa usaram Plínio, Dona Lucília e Scognamiglio para ver fulgores medievais nessa época suja e tenebrosa?

E sempre que o "autor" do romance "**Dona Lucília**" faz referência à corrupta "Belle Époque", ele coloca algumas expressões recedentes de romantismo para elogiá-la:

"*Cena da qual se exalavam alguns dos delicados perfumes da Belle Époque*" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p.109).

"*Continuemos a acompanhar Dona Lucília no momento em que o brilhante mundo da Belle Époque atingia seu apogeu*" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p. 137).

"*Menor não era a sua admiração pelo esplendor daquela requintada sociedade dos últimos anos da Belle Époque, que então atingia seu máximo reluzimento*" (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p.162).

*“É contemplar aquele ambiente todo, denso de imponderáveis da aristocracia, de elevação de espírito, últimos ecos da Belle Époque. Jamais ela se esquecerá dessas soirées”* (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. I, p. 170).

O “autor” se atreve até a ver na Belle Époque restos da Idade Média:

*“Naquele tempo refulgiam ainda, nas nações ocidentais e cristãs os últimos fulgores da civilização medieval”* (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. II, p. 9). E ousa apresentar, ao lado da monarquia austríaca, as monarquias russa e prussiana, como “veneráveis” (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. II, p. 9).

Até os bailes da Belle Époque seriam admiráveis e castos, já que Dona Lucília e seu “filhão” os freqüentavam por assim considerá-los:

*“O que restava de pomposo no teor de vida de então ainda exigia o comparecimento a bailes em elegantes e distintos trajés, inspirados em geral nos modelos franceses”* (J. Scognamiglio, **Dona Lucília**, vol. II, p. 15).

E PCO falando ventrilocamente pela “pena” de Scognamiglio, escreveu sobre o Romantismo:

*“Movimento artístico e literário que dominou o século passado, o romantismo, ao lado de péssimos veios filosóficos, apresentava interessantes traços culturais e psicológicos. Razão disso foi o fato de a **intelligentzia** do movimento ter sido obrigada a contentar uma sociedade a qual, após passar pelas desventuras da Revolução Francesa, tendia a abraçar uma posição melancólica em relação aos infortúnios de que tinha sido vítima, bem como a reagir contra o racionalismo e a frivolidade do classicismo.*

*“Se de um lado glorificou-se a tristeza em dramas e óperas trágicas, de outro propiciou-se o aparecimento de estudos históricos que reabilitaram a Idade Média, favorecendo a tendência ao sério e ao maravilhoso. Eis, na conjugação destes elementos, o pano de fundo de tantos acontecimentos do século XIX”.*

(João S. Clá Dias, **Dona Lucília**, Art Pres, São Paulo, Setembro 1995, Vol.I , p. 95, nota 1. O destaque é do “autor”).

Vê-se, pelo que diz o “autor”, que, apesar de criticar ele “os péssimos veios filosóficos” do romantismo, ele via com simpatia o “maravilhoso”, tal como foi promovido por essa escola literária.

[De onde será que ele retirou o termo “veios”? Creio que sei de onde...].

Desconhecia o “autor” que o “maravilhoso” do romantismo tinha fundamento na teosofia de Franz Von Baader e de Novalis, que a haviam bebido em Jacob Boehme. O Romantismo é uma corrente artística, doutrinária e psicologicamente gnóstica. Conforme Alain Besançon, ele foi o veículo usado para introduzir a Gnose na Igreja. Por sua vez, Jamil Mansur Haddad, em seu livro **“Romantismo Brasileiro e as Sociedades secretas do tempo”** afirma:

*"Se nem sempre o Romantismo foi maçônico, a Maçonaria foi sempre romântica". "O espírito maçônico é o espírito romântico" (Jamil Mansur Haddad, op. Cit. p. 49).*

E, como primeira conclusão de sua obra diz Mansur Haddad:

*"- 1 - O Romantismo e a Maçonaria traduzem um mesmo estado de espírito. Ambos são a tradução de um momento eminentemente individuado da evolução do espírito humano" (J. M. Haddad, op. cit. P. 109).*

*"O Romantismo e Maçonaria traduzem um mesmo estado de espírito". Uma mesma mentalidade.*

Ora, Plínio tinha mentalidade romântica.

Logo...

Será tão difícil concluir esse silogismo?

Ora, toda a obra que focalizamos está prenhe de mentalidade romântica. E o seu "autor" não condena de modo absoluto essa escola de arte, e se revela completamente embebido de mentalidade romântica.

Era também verdade que em 1918, o grão finismo corrupto da Belle Époque agonizou ferido de morte pela "american way of life".

Ao findar a Guerra Mundial, os Estados Unidos despontaram como a nação líder na política internacional, e o prestígio de sua vitória permitiu ao seu Presidente, Woodrow Wilson, impor ao Mundo a Sociedade das Nações e a "american way of life".

A SDN fracassou. A "american way of life" está aí.

O cinema, Holywood, o jazz, a mecanização, o automóvel, o método Taylor, o otimismo, e a democracia liberal americana, eram as marcas da nova mentalidade yankee, triunfante na Guerra estúpida: na "Drôle de guerre".

Da chamada "Belle Époque", o romântico "autor" do romance "Dona Lucília" – isto é, seu inspirador, PCO -- elimina quer o culto religioso da Ciência e da técnica, quer o misticismo herético embutido na Filosofia de Bergson e de Blondell, quer ainda a irrupção da heresia Modernista.

A admiração positivista da Ciência se manifestou, por exemplo, na Exposição Universal de Paris, em 1889, para comemorar o centenário da Revolução Francesa. Para festejar e marcar essa data, é que se construiu o "monumento ao parafuso" -- a Tour Eiffel -- como verdadeiro "*marco fundador da nova ordem científico-tecnológica*" (**História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio**, Nicolau Sevcenko et alii, Companhia das Letras, 1998, p. 10).

Esse mesmo autor mostra que *"No fim do século XIX, o impacto e a difusão das novas máquinas deixavam claro que um modo de vida mecanizado e acelerado viera para ficar. A Grande*

*Exposição parisiense de 1889 transformou essa constatação num ato de fé e entusiasmo no século da Ciência e da Técnica que se abria*”(Sevcenko, op. cit. P. 12).

Estava então na linha dessa “Fé” laica e na esperança de triunfo de uma Nova Era científica, a instalação de uma paródia elétrica da estrela de Belém. “*A gigantesca estrela iluminada no topo do Pavilhão da Eletricidade -- [na Exposição Universal de 1889] – portanto, não apenas simbolizava uma inovação técnica, mas tal qual aquela outra no início da Era Cristã, era o emblema que guiaria a humanidade na nova fase histórica inaugurada pelas tecnologias modernas*”(Sevcenko,op. cit., p. 10).

“*Por volta de 1900 o poder da tecnologia estava muito além do que qualquer outro século jamais sonhara. Não havia precedente histórico para o que se passava... Isso suscitou um otimismo curioso, uma fé que afirmava, com efeito, que estávamos no caminho certo (...) o poder do conhecimento resolveria todos os problemas e nos alçaria a mundos novos e utópicos*”( I. Tolstoi, **The Knowledge and the Power**”p. 205, apud Sevcenko,p. 514).

Segundo comenta Sevcenko, a respeito do papel do cinema nessa visão utópico-religiosa da Belle Époque “*É o escopo da nova era, quando as grandes potencialidades da vida não mais dependerão de fontes religiosas, acadêmicas ou do saco de dinheiro, mas transbordarão aos rincões mais remotos da terra ao comando do mais humilde herdeira da inteligência divina*”( Sevcenko,op. cit., p. 520).

Essa era a nova “Fé” sobre a qual se fundava o século XX. Essa era a aurora da Nova Era de Auschwitz e do Gulag, do Vaticano II e de Picasso.

Mas, em contra partida a esse triunfo da técnica, Plínio afirmou ainda que, no raiar do novo mundo, em 1918, depois da Primeira Guerra Mundial, “*As riquezas do espírito, as arquetípias, as maravilhas que nos dariam vontade de **fugir da terra** para pensar só nelas, tudo começava a ser posto de lado.*” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Transatlântico e o Cais**, in Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 65, p.28. O destaque é nosso).

E destacamos, nesse texto, o desejo de “**fugir da terra**”, porque isso era típico da mentalidade gnóstica do Romantismo o querer fugir da terra, fugir da realidade.

Os românticos—como todos os gnósticos—detestavam o mundo em que vivemos, queriam “**fugir da terra**” e procuravam explicar os males relativos existentes no mundo atual, como resultantes de uma queda da Divindade, e como se esses males fossem substanciais. Ora, isso contrariava o que Deus diz na Sagrada Escritura, que “*Deus viu todas as coisas que tinha feito e eram muito boas*” (Gen. I, 31).

A Gnose – e o Romantismo por ser gnóstico – é uma revolta contra as penas que Deus impôs ao homem ao ser expulso do paraíso terrestre, para este vale de lágrimas. Sendo assim, o Romantismo se constitui como uma recusa à cruz, e como um sonho de recuperar a inocência primeira e de retornar ao Éden, pelo menos pelo sonho.

Plínio acreditou nesse sonho. É o que vimos em seus textos sobre a Inocência Primeva.

Plínio disse que até sua própria tão decantada concepção de Revolução e de Contra Revolução provinham de sua mentalidade embebida de Romantismo que se opunha à mentalidade yankee:

*“Trata-se de considerar, agora, quais foram as impressões primeiras que determinaram na minha alma essas reflexões e pensamentos sobre a Revolução e a Contra-Revolução”.*

*“As impressões que alguém nas minhas condições podia ter eram de duas espécies diferentes. Uma oriundas do relacionamento humano de pessoa a pessoa ou num ambiente social; outras vinham do contato com a natureza. **A nota tônica, contudo, era dada pela impressão do convívio humano, que mostrava esse entrechoque da tradição romântica do século XIX e da Belle Époque do início do século XX contra o vento dito “norte-americano”** que começava a soprar e como os homens agiam em função dele”* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Transatlântico e o Cais**, in Revista **“Dr. Plínio”**, Ano VI, Agosto de 2.003, N<sup>o</sup> 65, p. 29. Os destaques são nossos).

Portanto, a mentalidade que Plínio queria defender em 1930 era a mentalidade romântica, vigente ainda na Belle Époque, e que se opunha à nascente e crescente “american way of life”.

Nessa última citação acima colocada, Plínio afirma explicitamente que **“A nota tônica, --[que determinou suas reflexões e pensamentos sobre Revolução e Contra Revolução] -- contudo, “era dada pela impressão do convívio humano, que mostrava esse entrechoque da **tradição romântica** do século XIX e da Belle Époque do início do século XX contra o vento dito “norte-americano”.**

A tradição e a Contra Revolução plinianas foram então gestadas pela mentalidade romântica da Belle Époque!

Está aí confessado: a Tradição e a concepção de Contra Revolução de Plínio eram fruto de sua mentalidade romântica.

Nesse texto, fica patente que Plínio considerava que a Tradição, que ele defendia e na qual fora formado, era a expressa pelo Romantismo da Belle Époque.

Plínio registrava então que, após a Primeira Guerra mundial, houve um confronto entre duas mentalidades:

a) Uma mentalidade racionalista, técnica, prática, -- que Plínio chamava de mentalidade Yankee;

b) Outra mentalidade, que Plínio chama de tradicionalista, é reconhecida por ele como romântica, anti racionalista e anti técnica.

Aqui convém lembrar que, durante todo o século XIX, houve oposição entre os partidários do ateísmo anti clerical da Revolução Francesa, seguidoras do romantismo chamado realista e naturalista, de caráter panteísta e esposada pelo Grande Oriente, e uma corrente mística, intuitiva, de caráter gnóstico, correspondente ao Romantismo lírico e simbolista, defendida pela Maçonaria mística do tipo da maçonaria escocesa, ou rosa-cruz.

Os liberais racionalistas, em 1889, para comemorar o centenário da Revolução Francesa, ergueram a Torre Eiffel, -- o **Monumento ao Parafuso** – torre símbolo de sua mentalidade técnica, e de sua esperança na realização da Utopia, enquanto que os adeptos da mentalidade romântica lírica, mística e mágica, construíram, nos Alpes da Baviera, pelas mãos do Rei Luís II, "discípulo" do nazista "avant la lettre", Richard Wagner, o castelo de Neuschwanstein, o **Monumento à Lenda**.

E Plínio admirava muito o castelo de Neuschwanstein, castelo de fadas à la Walt Disney, castelo postigo de tijolos e magia feito por um rei homossexual e suicida. Nos êremos da TFP, havia fotos de Neuschwanstein envolto em nuvens, e sob essa foto se escrevera: "*Paradisologia*", para indicar o sonho edênico desse castelo de lendas.

Convém registrar, para bem da verdade, que Plínio fazia um leve reparo ao Romantismo, chamando-o de "*entorpecente psicológico*".

No artigo — **O Transatlântico e o Cais** – que citamos mais acima, Plínio faz uma leve reserva ao Romantismo: "*Quer dizer, nas tradições do século XIX e da Belle Époque nem tudo era bom odor, pois havia nelas uma espécie de entorpecente psicológico: o romantismo. Era um passado em que apareciam juntos, se quiserem, os heróis da Contra-Reforma misturados com os românticos, como, por exemplo, Chopin*". (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Transatlântico e o Cais**, in Revista "**Dr. Plínio**", Ano VI, Agosto de 2.003, Nº 65, p. 31. Os destaques são nossos).

E Plínio conta, então, como ele era tentado pelo **entorpecente psicológico** do Romantismo:

"*Vou me descrever a mim mesmo*". "E na hora de me descrever para mim mesmo, o próprio enlevo pela tradição que eu amava, e pela Igreja que eu quase diria adorava, levava-me a perceber o reflexo dessas coisas na minha alma e a ser tentado de **enlevar-me comigo**. Era a hora exata em que os estampidos de Wagner, ou melodias ultra-melosas de Chopin me passavam pela memória".

"*Eu tinha tendência a **identificar minha pessoa com a tradição** – não por minhas próprias qualidades, mas porque em mim*

se refletia aquela tradição que eu amava. Ora, **nessa identificação, havia o convite para uma posição admirativa e lânguida a respeito de mim mesmo**".

**"Era a tentação para o romantismo: a ilusão de ótica por onde a pessoa se põe no centro de tudo, põe-se como foco da tradição, põe-se como o modelo da Contra-Revolução e já não tem interesse em olhar para a História, a não ser na medida em que se sente encaixado ou relacionado ao menos pela fantasia, com a História"**. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Menino e o Mar**, in Revista "Dr. Plínio", Ano VI, Setembro de 2.003, Nº 66, p. 20. Destaques nossos).

Mas foi exatamente isso que Plínio fez a vida inteira: colocar-se no centro de tudo. Se ele fez alguma coisa na vida, foi identificar-se com a Contra Revolução, com a Tradição, e, sacrílega e soberbamente, identificar-se com a própria Igreja, a tal ponto que se dizia, na TFP: "A Igreja é Dr. Plínio".

E ele se colocava continua e obsessivamente no centro da História. Tudo acontecia, em Washington, em Paris, em Roma e em Moscou, --ou na Barra Funda, -- por causa dele.

E colocamos em epígrafe deste livro o texto em que Plínio confessa que caiu exatamente nessa tentação:

***"Quando a vocação, o thou, se explicita na alma de uma pessoa, esta é levada a me ver como um todo. Por que me vê como um todo? Porque eu personifico a Contra Revolução"*** (Plínio Corrêa de Oliveira, apud João Scognamiglio Clá Dias, em epígrafe à sua 10ª conferência do Retiro V aos Arazos do Evangelho sobre a **Unidade do Súdito com o Fundador**, p. 1).

Prossegue Plínio em sua confissão:

*"O mau efeito dessa tentação era como algo lânguido que eu sentia dentro de mim, e pensava: --- [É típico do estilo romântico de Plínio inserir falas dele mesmo, ou de outrem, em seus textos, tornando-os monólogos ou diálogos imaginários] -- "Não posso consentir nesses pensamentos porque neles há alguma coisa de mau. O que seja, eu o saberei depois. Mas o fruto é ruim. Eu preciso ter a serviço dos meus ideais o ímpeto do "hurrah" da cavalaria. E tudo o que me afastar desse ímpeto é mau. Tais pensamentos podem ter coisas boas misturadas, mas fundamentalmente têm algo ruim dentro. Não e não!" Nunca mais ouvi as músicas que eram conexas com esse estado de espírito. Nunca mais Chopin, Wagner, Liszt, para não falar de Mendelsohn e Brahms.*

"Essa introspecção langorosa e derretida de si próprio é a substância do romantismo. Schumann tem uma música chamada "Revêrie". "Revêrie" quer dizer sonho. A gente vai ver, o tema do sonho é ele, enquanto se admira e tendo entusiasmo consigo" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Menino e o Mar** in Revista "**Dr. Plínio**", Ano VI, Setembro de 2.003, N<sup>o</sup> 66, p. 20-21. Os destaques são nossos).

Eis aí, Plínio confessando o que já provamos: Plínio confessa sua tendência, e mesmo, a sua queda e assunção da tentação romântica: a de personificar a Contra Revolução.

Mais uma vez, foi exatamente isso que Plínio fez a vida inteira: sonhar a respeito de si mesmo, imaginando-se a Contra-Revolução, a Igreja, O Profeta, O Inocente, O Imortal, o Inerrante. O que Plínio admirou a vida inteira foi Plínio Corrêa de Oliveira.

E "*sonho*" sempre foi um de seus termos preferidos. E uma de suas atividades preferidas. Sonho era termo obsessivo, como também o uso de termos típicos do Romantismo como "sentir", "sentimento", "impressão", imponderável", "imaginar", sensação, etc. E não adianta ele fazer um falso exame de consciência auto ilusório, dizendo:

*"Nossa Senhora me ajudou a fazer a escolha de tal maneira que do romantismo não ficasse nada e, espero eu, que algo tenha ficado do "hurrah" da cavalaria, da fidelidade à tradição"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Menino e o Mar** in Revista "**Dr. Plínio**", Ano VI, Setembro de 2.003, N<sup>o</sup> 66, p. 21).

Da fidelidade à tradição romântica ficou muito nele!

Para não dizer quase tudo.

Do "hurrah" da Cavalaria...

Veremos...

### Capítulo III

## Sonho ou Realidade?

Não cremos ser necessário demonstrar que o Romantismo colocou a imaginação e o sonho acima da Razão. Inúmeros especialistas em estudos sobre o Romantismo já demonstraram a irracionalidade dessa escola de arte, a supremacia que ela dava à imaginação e o sonho sobre a razão. Tanto nessa escola de Arte, como na Filosofia Idealista alemã se recusava o real. Citaremos apenas algumas obras para quem se interesse consultar ou pesquisar esse tema:

Albert Béguin, **L'Âme Romantique et le Rêve**—José Corti, Paris, 1966

Auguste Viatte, **Les Sources Ocultes du Romantisme: Illuminisme et Théosophie** – Honoré Champion, Paris, 1979.

Georges Gusdorf, **Le Romantisme**, Payot, Paris, 2 volumes, 1982-1983- 1993.

Dennis de Rougemont, **L'Amour et L'Occident**.

Gerd Bornheim, **A Filosofia do Romantismo**, in J. Guinsburg, **O Romantismo**, Perspectiva, São Paulo, 1978.

Benedito Nunes, **A Visão Romântica**, in J. Guinsburg, **O Romantismo**, Perspectiva, São Paulo, 1978.

Michael Löwy, **Redenção e Utopia**, Companhia das Letras, Edit.Schwarcz, São Paulo 1989

Michael Löwy / Robert Sayre, **Revolta e Utopia**, Vozes, Petrópolis, 1995).

### 1- Plínio vivia sonhando.

Que Plínio Corrêa de Oliveira tinha tendência a sonhar e a negar a realidade, acreditando ser real o que ele imaginava, se tem a prova no que ele mesmo contou de si mesmo.

**"E essa idéia do viver em algo que não é o real [o mundo inexistente dos seres possíveis em Deus], mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma quereria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito"** (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16. O destaque é nosso).

Esta é uma confissão clara da mentalidade sonhadora e romântica de Plínio Corrêa de Oliveira.

Nela, Plínio confessa:

- 1 - Que tendia a negar, a recusar e a fugir do real.
- 2 - Que sonhava com a possibilidade impossível de viver no mundo imaginário dos seres possíveis.

- 1- Que esse mundo irreal, um dia, poderia vir a ser real.
- 4- Que essa tendência era freqüente em seu espírito.

Toda a vida de Plínio e da senhora mãe dele comprovam, à farta e *ad nauseam*, esse espírito sonhador e romântico do fundador da TFP. PCO transmitiu sua mentalidade totalmente fantasista a seus discípulos. Qualquer observador medianamente inteligente constata essa mentalidade sonhadora nas manifestações da TFP, em todo o modo de ser dos tefepistas e dos auto intitulados Arautos do Evangelho, assim como nas publicações deles.

## 2- Fuga do Real para o Mundo de Sonhos do Não-Ser

Evidentemente, todas esses sonhos revelam um desejo de fuga, uma tentativa de sair de si mesmo, de ser outro, identificando-se com o outro – literalmente a vontade de buscar um êxtase [Extase significa sair de si] naturalista – de caráter pseudo religioso, como era típico nos falsos êxtases gnósticos. É uma busca de êxtase com base na própria natureza, como se o homem pudesse, por si mesmo, fugir do metafisicamente contingente, para alcançar o “Absoluto”, o sobrenatural, a Divindade.

E Plínio transferia essa imaginação de fuga sonhando com matérias, beirando o “**não ser**”, chegando também a sonhar as pessoas como elas não eram e não podem ser.

*“Agora essa manifestação de excelências contida naquele nacarado transparente-- [O tal vaso do Imperador] – transposta para a ordem dos seres vivos, levar-me-ia a pensar na possibilidade de existirem almas com uma força pétrea, e almas com uma ductibilidade e uma transparência de zéfiro. E na possibilidade de haver puros espíritos diversos entre si como são diversos entre si os mil estados da matéria. Ora, estes são os anjos, habitantes do Céu.*

**“E então aquele meu mundo de sonhos, aquele ambiente mítico onde eu desejava morar não é quimera nem fantasia. É o Paraíso Celeste”.** (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 19. O destaque é nosso).

Alguém diria que exageramos ao fazer a acusação de caráter religioso dessas imaginações delirantes. Mas é ó próprio Plínio que confessa que essas imaginações tinham caráter religioso:

*“Não é difícil entender que essas meditações – [Meditações? Eram imaginações] – seriam de **caráter religioso**, e que se fosse **materialmente possível semelhante situação, eu me sentiria feliz ao extremo**, por me ter sido franqueado o **conhecimento** de umas tantas coisas muito mais valiosas pelas quais os homens têm apreço”.*

*"Compreendi, pois, o que era a santidade, a perfeição e a divindade da Igreja Católica, aplicando aos vitrais o mesmo raciocínio feito a propósito do órgão"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **"Flashes" com a Santidade da Igreja**, in revista **"Dr. Plínio"**, Ano VII, Novembro de 2.004, N<sup>o</sup> 80, p. 20. O destaque é nosso).

Repare-se, antes de tudo, que esse desejo de morar dentro de outros seres permitiria a Plínio alcançar um certo "conhecimento" de caráter religioso.

Note-se também, como o autor dessas frases absurdas confunde pensamento com imaginação. E uma imaginação delirante.

Sonhos de um homem que desde muito cedo se julgou um ser extraordinário.

Sonhos de um homem que se imaginou profeta, imortal e inerrante!

E o pior é que Plínio identifica um céu material com esse seu sonho de gozo. E que dizer de seus sequazes que tomam esses sonhos como realidade, e esses delírios como doutrina excelsa, desejando que esse imaginário "céu" tecnicolor de Hollywood fosse materialmente possível?

\*\*\*

Um dos escravos de Dr. Plínio, Leo Daniele, o escravo Plínio Tobias da Sempre Viva, - pessoa de certa inteligência—percebendo o romantismo sonhador que embebe toda a obra e todo o "pensamento" imaginativo de Dr. Plínio, tentou defender Dr. Plínio de nossa acusação de ser ele um sonhador romântico, fazendo distinções entre sonhar e sonhar, num opúsculo que os Provetos da TFP publicaram com o título **A Cavalaria Não Morre—Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira**.

Vejamos seus sofismas.

## Capítulo IV

### Defesa do Sonhar e dos Sonhos

Em muitíssimos números da revista **"Dr. Plínio"** aparecem textos de Plínio C. de Oliveira nos quais as palavras "sonhar" e "sonho", são empregadas de modo positivo e simpático, como se viver sonhando fosse excelente, e não um vício a combater.

Já citamos vários textos do Profeta de Higienópolis que atestavam sua mania de fugir da realidade através do sonho, querendo ser qualquer coisa, imaginando mundos de fábula que o

levavam, como ele mesmo disse, a criticar o mundo real tal qual ele é.

Logo mais adiante veremos outros textos de mesmo teor.

Como dissemos, no mesmo sentido, há provas da mentalidade sonhadora e romântica de Plínio Corrêa de Oliveira, num pequeno livrinho intitulado **A Cavalaria Não Morre**, editado pela chamada TFP dos Provetos, com excertos do pensamento de Plínio, recolhidos pelo eremita Leo Daniele, membro da seita secreta Sempre Viva, onde ele responde pelo codinome de escravo "Plínio-Tobias", livrinho no qual Leo Daniele procura defender o sonhar de Plínio como legítimo e não romântico.

Esse livro, em sua introdução "**Ao Leitor**", apresenta algumas restrições ao sonhar e ao sonho, que, entretanto acabam condenando o que Plínio disse durante sua vida sobre o sonho.

### **1 – Distinção entre Sonhos e Sonhos**

Leo Daniele tenta salvar Plínio da acusação de sonhador romântico com distinções matizadas entre sonhar e desejar:

*"O português é um idioma repleto de matizes. Da mesma forma como é possível ter sentimento sem ser sentimental, é possível sonhar sem ser um sonhador. Pois esta última palavra carrega conotações pejorativas e até censuráveis".*

*"O povo lusitano, por exemplo, sonhou com inúmeras conquistas. E realizou várias delas. Nossa Pátria-Mãe, marcada por um sólido bom senso, constitui uma nação de sonhadores? Muito pelo contrário. Poucos povos têm o senso do pão-pão, queijo-queijo, como o possui o lusitano".*

*"É que existe sonhar e sonhar. **Na concepção pliniana, sonhar não é fugir da realidade, mas pelo contrário, encontrá-la. Nada mais desprezível que sonhar quimeras. Nada mais respeitável—e necessário – que "sonhar realidades"**. Pois nessa concepção **sonhar é desejar**, e os desejos são o que move o acontecer humano" (Leo Daniele, Ao Leitor, Apresentação ao livro **A Cavalaria Não Morre**, excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, Coleção "**Canticum Novum**". O destaque é nosso).*

Sem dúvida, todo homem tem sonhos quando dorme. E nem todo mundo é sonhador.

Sem dúvida ainda, em português, como, aliás, em outras línguas também, a palavra sonhar pode significar desejar. Mas Plínio, como já sobejamente provamos por inúmeros textos, sonhava de olhos abertos e sonhava o que era impossível. Por exemplo, sonhou-desejou ser -- ser urubu.

Veremos isso, logo mais.

Como também sonhava irrealidades, desejando que fossem reais. Sonhava seres possíveis inexistentes mas que, de tanto querer

que eles existissem, acabava por dizer que eram sonhos de coisas existentes... De certo modo.... Depois reconhecia que queria viver num mundo irreal. E isso é ser sonhador no pior sentido do termo.

Para recordar, repetimos aqui um texto já citados, que desmente rotundamente o que Leo Daniele diz acima.

***"E essa idéia do viver em algo que não é o real, mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma queria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito"*** (Plínio Corrêa de Oliveira, in revista "Dr. Plínio", Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16. O destaque é nosso).

E vimos que Dr. Plínio , como Dona Lucília, gostava de mitificar.

Se Leo Daniel considera que condenar o mundo real e sonhar quimeras são atos desprezíveis, e que só vale "sonhar" realidades, então ele condenou Plínio que sonhou quimeras, mitos, e até "*quase não-seres*".

E Leo Daniele afirma: **"Nada mais respeitável—e necessário – que "sonhar realidades"**.

Sonhador é quem confunde quimeras com realidades.

Ora, para Plínio os seres possíveis em Deus, seres inexistentes, de algum modo eram realidades existentes, e, na Trans-esfera, eles seriam até o ápice da realidade. Logo, seria possível sonhar esses seres inexistentes-existentes.

Sutilezas redacionais de quem é "sempre vivo".

## **2 – Sonhar realidades. Os Sonhos moveriam a História**

Sonhar "*realidades*", para Plínio era imaginar um mundo que não existe. Ele sonhava com um mundo que fosse um paraíso terrestre. Plínio, como todo romântico, queria retornar, por meio do sonho, ao paraíso da inocência perdida. Daí, ele dizer-se "*O Inocente*", ou aquele que recuperara a Inocência Primeva, julgando-se sem pecado original. Daí, sua esperança ou crença na sua própria imortalidade.

Queria Leo Daniele sonho mais irreal do que julgar-se imortal? E entretanto, Plínio sonhou com sua imortalidade nos dois sentidos dados por Leo: sonhou como desejo, e sonhou como sonho mesmo. Só que morreu, e o sonho da TFP acabou.

The dream is over...

Esse desejo de fugir do real que Plínio professava e defendia, - típico da mentalidade romântica - se manifestava, por exemplo, no que ele dizia dos quadros de Claude Lorrain. O comentário dele dos quadros desse pintor é exemplo claro de como ele gostava de fugir

da realidade através de uma arte que embalava seus sonhos de irrealdade.

Escreveu Plínio, desmentido Leo Daniele:

*"Depois de Zurbarán e do Beato Angélico, o pintor cujas obras mais me impressionaram foi Claude Lorrain". (...) "Lorrain é o pintor do sol. Seus quadros são fantasias em torno do astro diurno(...)". "Em geral os temas de suas pinturas são fruto de uma privilegiada imaginação, misturando-se neles elementos antagônicos e quase se diria contraditórios".(...) "**Tudo isso é irreal, imaginário** e chega ser inconciliável: escadas de mármore banhadas pela água do mar (que corrói essa pedra facilmente), ruínas romanas ao lado de torres medievais, próximas a palácios clássicos, camponeses fazendo festas a bordo de navios, personagens bíblicos ao lado de homens do século XVII... Ele toma esses elementos díspares e pinta quadros de realidades que nunca existiram" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Feerias de Sol, Belezas de Deus**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano III, Janeiro de 2.000, N<sup>o</sup> 22, pp. 32-33. Os destaques são nossos).*

Nesse texto, Plínio confirma seu amor pelo irreal, por um imaginário que não existe, o que é claramente típico da mentalidade romântica. Sonhadora.

Para Plínio, a super realidade não era deste mundo, mas a dos seres possíveis inexistentes, mas que existiriam pelo seu sonho, na Trans-esfera, que ele também sonhou.

E Dr. Plínio vai ser ainda mais claro na defesa da mentalidade característica do Romantismo.

*"Pergunta-se, então, qual o mérito dessa concepção artística. A resposta, a meu ver, é que tudo isto convém ao pintor para iluminar por um certo tipo de luz de sol, também ela mirífica e **transcendente da realidade** -- (Sic!?). Ele cria coisas em ordem a um sol igualmente criado pelo seu talento. Ao término de uma fabulosa tela, **Claude Lorrain terá composto uma situação natural que ele gostaria muito fosse verdade, e cuja existência encheria a sua alma**. Não se trata, pois, de uma pura fantasia, mas de uma criação. **Ele gerou tudo aquilo para formar um mundo dourado e irreal, que atrai profundamente o senso artístico de incontáveis pessoas apreciadoras da arte pictórica**" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Feerias de Sol, Belezas de Deus** revista "**Dr. Plínio**", Ano III, Janeiro de 2.000, N<sup>o</sup> 22, p. 33. Os destaques são nossos).*

Depois de quase defender o sufrágio universal no campo do gosto estético, Plínio, como o faziam os românticos, parte para o ataque contra os que são contra o sonho, e que defendem a realidade concreta conhecida pelos sentidos e pela inteligência, isto é, pelos que defendem a verdade no sentido católico:

**"Algun espírito menos afeito a idealizações poderia objetar contra o valor e a admiração que se tributam aos quadros de Lorrain, porque não se deve gostar do que é imaginário. E nas pinturas dele tudo—incluindo a própria luz do sol, sans lequel les choses ne seraient que ce qu'elles sont – é imaginário e, por conseguinte, anorgânico".**

**"Esta é uma objeção perfeitamente estúpida, porque faz parte da organicidade do homem ter uma certa saudade do Paraíso, perdido após o pecado de nossos primeiros pais. E ter, portanto, uma necessidade equilibrada, sem descabelamentos, de imaginar coisas que ele sabe não existirem nesta terra de exílio, mas que podiam ter existido no Éden, e que poderão existir no paraíso Celeste. Assim, longe de merecerem nosso desprezo, os quadros de Claude Lorrain são quase uma pré-visão do Céu Empíreo."** (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Feerias de Sol, Belezas de Deus** revista "Dr. Plínio", Ano III, Janeiro de 2.000, N<sup>o</sup> 22, p. 33. Os destaques são nossos).

Leo Daniele nos responderia que sonhar é desejar as realidades do paraíso terrestre.

O Paraíso terrestre foi real para Adão e Eva, e Deus realmente os expulsou dele. Por causa do pecado original, estamos exilados do paraíso terrestre. O Romantismo quer se infiltrar no Éden, para fugir do vale de lágrimas da realidade concreta. Para fugir da cruz. O Romantismo sonha com o retorno ao paraíso original pelo sonho do milenarismo. Isso é fugir da Cruz, e não tomá-la, para seguir a Cristo.

O sonho de recuperar o Paraíso terrestre é uma fuga da realidade em que Deus nos colocou.

E Plínio não sonhava apenas com imaginários lugares edênicos. Tinha também sonhos milenaristas, quer sobre uma Idade Média romanticamente idealizada, quer sobre um futuro Reino de Maria completamente quimérico com ruas de porcelana ou de cristal, e homens angelizados. (Veremos isso, mais adiante).

Para Marx é a Economia que move a História. Para Plínio, era o sonho o motor da História.

O primeiro capítulo do livro **A Cavalaria Não Morre** tem por título **Sonhar Realidades**, e nele se lê o seguinte excerto de Plínio:

**"Entre o sonho e o sono..."**

*"A História é, na alma dos homens um movimento pendular entre o sono e o sonho. (...). **Os sonhos e as aspirações são o motriz da História**"* (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 18. O destaque é nosso).

Se a palavra sonho só é válida quando significa desejo, por que unir sonhos e aspirações?

Se sonhos = desejos, se aspirações = desejos, então escrever que Os **"sonhos e aspirações são o motriz da História"** seria escrever desejos e desejos são o motriz da História. O que é uma redundância gagá.

Claro que a palavra "sonhos" na frase de Plínio citada acima não significa desejo. Quer dizer sonhos mesmo.

### **3- "Sonho é um alto discernimento da verdade"** (Plínio C. de Oliveira)

Que no texto **"Ao Leitor"** o escravo Plínio Tobias (Leo Daniele) procurou apenas fugir da acusação de Romantismo, se comprova facilmente pelo que está impresso nesse mesmo livro:

#### **"O sonho é uma alta forma de discernimento.**

**"Não se pode dizer que o sonho seja mera imaginação. O sonho é um alto discernimento da verdade, pelo que ela tem de mais razoável, de mais sério e de mais belo"** (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 54. Os destaques são nossos).

Evidentemente, Leo Daniele não estava aí se referindo aos sonhos que temos ao dormir, que são puro produto da imaginação, sem controle da inteligência e da vontade. Ele estava se referindo a sonhos de olhos abertos.

Ora, crer que o sonho, mesmo o de olhos abertos, permite um alto discernimento da verdade é contrário à doutrina católica e tomista e contrário ao bom senso. O discernimento da verdade só o temos quando nossa inteligência aceita o objeto real tal qual ele é, sem distorções. A verdade é a adequação entre a idéia do sujeito conhecedor com o objeto conhecido. E isso só é alcançado quando nenhum desejo, nenhuma paixão tolda a visão do intelecto. Por isso, dizia Dante que era preciso olhar a realidade com *"occhio chiaro e con affetto puro"*(Dante, Paradiso, VI , 87).

Olhar tudo com olhar claro e com afeto puro, porque o olhar toldado pela paixão, e o afeto desregrado deturpam a visão das coisas como elas são. Sonha quem não quer aceitar a realidade que temos diante de nós, neste vale de lágrimas. Sonha quem quer fugir da cruz. Por isso disse bem um poeta – poeta até romântico, pois até o diabo, por vezes, diz : "Ái Jesus!" --: *"Quem sabe olhar e sofrer, sabe tudo"*

Agora o senhor Leo Nino Foscolo Daniele – o escravo Plínio Tobias da Sempre Viva-- cita texto de Plínio no qual sonhar significa uma coisa, pelo menos em parte, ligada à imaginação, mas que seria

algo muito mais elevado, pois seria "**um alto discernimento da verdade**".

Portanto, um ato do intelecto.

Logo, desmentindo e contradizendo a explicação anterior de que, para Plínio, sonhar seria desejar, que é um ato da vontade.

Que Leo Daniele escolha então: sonhar é ato da vontade ou ato do intelecto? E o sonhar de olhos abertos pode ser ou não um ato da imaginação, como defendia PCO?

Noutra página desse opúsculo citado, se afirma que "**O Sonho é que ajusta as cogitações e as vias do homem**" (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 58. O destaque é nosso).

Portanto, seria o sonho --ato de desejar -- que ajustaria as cogitações.

Portanto, se assim fosse, o desejar antecederia o cogitar, o que é uma gagueira, pois nada pode ser desejado pela vontade, que não tenha sido antes concebido, cogitado pelo intelecto.

Logo, Plínio nem sempre usava a palavra sonhar como desejar, como Leo Daniele pretendeu que fosse, mas, usava o termo sonhar em seu sentido próprio, que não é desejar, e sim imaginar.

E quem imagina algo para fugir do real é precisamente aquele que sonha no pior sentido palavra. No sentido romântico do sonhar.

E era o que Plínio praticava desde menino, e esse era o sentido que ele defendia.

#### **4 -- O Sonho prepara a alma para ter Fé** **PCO Modernista**

Mais além, se lê nesse livro, com excertos do pensamento de Plínio, que o sonhar estaria ligado à Fé:

**"A grande atmosfera de sonho prepara a alma para a fé. Depois de a alma com fé receber esta preparação, ela voa de dentro da fé para a santidade"** (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 56. O destaque é nosso).

Se, como garante Leo Daniele, se para Plínio sonhar significasse desejar, o desejo é que prepararia a alma para o ato de fé. Ora, isso faz conceber a Fé não como uma virtude intelectual, como ela é, mas passando a ser exclusivamente uma virtude moral, dependente da vontade, do desejo, e não da adesão da inteligência a verdades reveladas por Deus. O que é um erro teológico.

Se sonhar significa exatamente o que quer dizer a palavra sonhar, então a Fé estaria relacionada ao imaginário, e não a verdades reais. O que também é herético.

#### **5 - Sonho e Milenarismo**

Plínio tenta escapar à acusação de milenarismo, dizendo:

"*Não se trata de restaurar o paraíso – isto cheiraria a milenarismo – mas de **criar uma ordem de coisas** tendente a algo que, tanto quanto possível, corresponda a um certo desejo do paradisíaco que há em nós*" (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 25. O destaque é de nossa reponsabilidade).

Mesmo ao tentar escapar da acusação de milenarismo, Plínio afirma que no homem haveria "*um desejo do paradisíaco*" aqui na terra. O que é exatamente o que pretende o milenarismo.

Mas, segundo Leo, desejar para Plínio, pode significar sonhar.

E mais adiante diz Plínio: "*De sorte que ficou no homem uma certa **nostalgia do paradisíaco**, não só do paraíso celeste, mas também de **uma vida terrena com uma nota paradisíaca***" (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 28. Os destaques são nossos).

Ora, querer "**uma vida terrena com uma nota paradisíaca**", é exatamente milenarismo.

E não se pode ter saudades daquilo que não se conheceu. Só Adão e Eva poderiam, ter saudades do Éden.

Mas Plínio vai mais além, pois que coloca na vida humana algo de angélico:

"***A Cristandade seria tanto quanto possível um espelhar fulgurante da ordem paradisíaca e da ordem angélica entre os homens***" (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in **A Cavalaria Não Morre**, Coleção "Canticum Novum", p. 30. Destaques nossos).

Que significa dizer que a Cristandade medieval foi um espelhar da ordem angélica entre os homens?

Em certo sentido, muito analogicamente, isso poderia ser dito. Mas lembrando que Plínio afirmava que o homem pode ser angelizado, e que, em um sermão, Monsenhor Scognamiglio garantiu que o homem tem também natureza angélica, essa frase se torna então bem suspeita. A frase deixa o campo analógico, passando para o campo metafísico. E aí, então, ela se torna frase bem errada.

Essas concepções sonhadoras e imaginárias, tendentes ao milenarismo são relacionadas com um imaginário mundo de seres existentes "*ab aeterno*" que Plínio Corrêa imaginou descobrir através da realidade material imperfeita, e que existiriam numa outra esfera de ser, de que não falam nem a revelação, nem a doutrina católica.

Tais seres *ab aeterno* estariam acima dos anjos e muito próximos de Deus, "*sendo quase Deus*".

Já demos inúmeras citações de PCO defendendo o sonho.

Vejam, agora, algumas afirmações de PCO, nas quais ele deixa patente sua mentalidade romântica e sonhadora no pior sentido do termo. Essas citações são novas provas cabais da mentalidade românticamente sonhadora do fundador da TFP, mentalidade cultivada por ele, e por ele considerada como a visão católica da realidade.

## Capítulo V

### Sonhando... Desejando Ser...

#### 1- ... Urubu.

Plínio sonhou até – e no pior sentido, desejou -- ser urubu.

Claro que se afirmássemos isso sem prova material, diriam que era uma invenção caluniosa de nossa parte, e calúnia inacreditável. Damos, então, a prova concreta e impressa do sonho de Plínio de ser urubu.

#### ***"Com o vôo do urubu imersão num mundo de sonhos"***

Avisamos Leo Daniele que esse sub-título urubusal não é nosso. Essa "preciosidade" deve ter sido obra de seu ex colega da Sempre Viva, o seu muito estimado João Clá, hoje, Monsenhor Scognamiglio. Pois esse subtítulo consta da revista "**Dr Plínio**" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44, p.16. 1a coluna).

Plínio confessa que sua mentalidade era a de tentar fugir constantemente do real para um mundo ideal com o qual ele sonhava.

Ainda quando menino, -- porque essas tendências más começam cedo --no Colégio São Luis, em aulas duras, ele ficava espiando, pela janela da classe, um urubu voando no céu azul, e sonhava... ser urubu.(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44 p. 16).

E eis o texto em que ele expõe o seu sonho urubusento, enquanto sofria de tédio – tédio também tipicamente romântico-- em uma aula que Plínio mal suportava:

*"Em certas ocasiões eu via um urubu cortando o firmamento e não sabia tratar-se de um bicho feio como notei anos depois. Desse pássaro eu conhecia apenas o lindo perfil, seu vôo gracioso e seu esplêndido jogo de asas. É verdade que dele se vê apenas a silhueta, mas as silhuetas têm suas elegâncias e o urubu era uma, deslizando pelo ar. De vez em quando voava com uma asa que parecia curta e a outra longa, ou então se virava e era a outra asa que então se virava e era outra asa que crescia e a anterior parecia menor".*

*"Quando percebia que ele planava e não batia as asas, eu pensava: " **Como deve ser gostoso ser urubu!** E como seria agradável se eu, a esta hora, pudesse desprender-me desta carteira, deste papel, deste papel onde, com uma letra perenemente feia, estou rabiscando coisas e sobre o qual, brincando com a bomba da caneta tinteiro, deixo cair gotas de tinta e fico aborrecido..."*

*"Então eu imaginava algo diferente. Como era menino, não sabia dar formulação ao meu próprio pensamento, mas o que me ia no espírito era: "Ah! Se eu pudesse sair voando pela janela, cortar o ar como um urubu, e morar dentro do azul muito tempo, sentar-me sobre as nuvens, dormir um pouco sobre elas e brincar com o vento de tal maneira que ele me levasse delicadamente para onde eu queria; ou se eu tivesse o prazer de fendê-lo sem grande esforço – isso seria uma diversão muito agradável, num mundo de sonho, mundo que não existe" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano IV, Novembro de 2.001, Nº 44, p.16. 1ª coluna. O destaque é nosso).*

Preguiça. Tédio. Fuga através do sonho. Eis Plínio sintetizado em sua infância. E como ele, menino mimado e cheio de delicadezas, lembra o Jacinto de Tormes do Eça de Queirós, do **A Cidade e as Serras**, morrendo de tédio, bocejando, no luxuoso e requintado apartamento 202, da Avenida Champs Elysées, em Paris, na Belle Époque.

Como um típico romântico, Plínio Corrêa de Oliveira queria fugir da realidade, e, através do sonho, queria viver *"num mundo de sonho, mundo que não existe"*.

[Noutro número da Revista "**Dr. Plínio**", repete-se essa narração, mas com algumas diferenças de palavras:

*"Às vezes eu vislumbrava um urubu cortando o firmamento. Não sabia tratar-se de uma ave feia, como depois me foi dado constatar. Dele eu conhecia apenas a linda silhueta, seu estupendo jogo de asas e o vôo elegantíssimo. De determinado ângulo, uma de suas asas me parecia curta e a outra, longa. Quando o pássaro virava, era esta asa que crescia e a anterior parecia diminuída. Agradava notar, sobretudo – **a mim pouco amigo do esforço físico** -- que o urubu planava e não voava ao sabor das correntes de ar".*

*"Diante desse espetáculo da ave deslizando pelo azul do céu, eu refletia: "Como deve ser gostosa a existência desse urubu! E como seria deleitável se, a esta hora, pudesse eu me desprender desta*

carteira, deste vigilante, deste papel em que, com uma letra perenemente feia, estou rabiscando coisas ou deixando cair gotas de caneta tinteiro, e sair voando pela janela! Elevar-me no ar como o urubu, morar dentro do azul, sentar-me ou dormir um pouco sobre as nuvens, e brincar com o vento de tal maneira que ele me levasse delicadamente para onde eu quisesse, ou me **permitisse desfrutar do prazer de fendê-lo sem grande esforço!** Isso seria para mim um entretenimento muito agradável, num mundo de sonho, que não existe” (Plínio Corrêa de Oliveira, Revista “Dr. Plínio”, Ano I, Março de 1999, Nº 11, p. 7. Repetimos o texto, com essas variantes, para evitar que houvesse tergiversação por parte dos responsáveis pela Revista “Dr. Plínio”. Os destaques são nossos.]

Busca de prazer através do sonho. Mas desde que sem esforço. Pois PCO sempre foi “**pouco amigo do esforço físico**”, isto é sempre foi preguiçoso. E a preguiça causa sempre o tédio.

Já na infância e gozando da “Inocência Primeva”, Plínio era preguiçoso a ponto de identificar a virtude com a sua cama. E era glutão. E era tendente à covardia. E era “modesto” e humilde como só a Inocência Primeva podia permitir...Pois que ela subsiste mesmo sob um mar de pecados.

Sonhar viver em deleites num mundo que não existe, eis Plínio preguiçoso sonhador, querendo viver romanticamente num paraíso montado por sua imaginação.

## **2- - Plínio Sonha Mergulhos... em Pedras Preciosas**

E Plínio prossegue sonhando:

*“Pedras, vitrais, olhares: a vida num ambiente mítico”*

*“Na mesma época, acontecia-me com freqüência outra situação que passo a descrever:*

*“Aqui no Brasil é comum encontrar pedras que nada têm de precioso, mas cujo colorido é muito bonito. Desde cedo, em passeios pelos campos, habituei-me a notar essas pedrinhas e a catá-las. Minha idéia era a seguinte: como seria gostoso morar dentro de um ambiente que fosse todo da cor daquela pedra, da consistência que ela parecia ter, onde eu pudesse respirar e ficar sossegado, sem ter que falar com ninguém, nem ninguém comigo. E colocando meu temperamento nas condições da pedra, assimilando tudo quanto tem na pedra, e por assim dizer, **“esmeraldando-me”, “rubinizando-me”, “safirizando-me”, de maneira que algo daquilo como que se entranhasse em mim e me enriquecesse com aquilo.** Era para mim uma **história de fadas sem fadas, em que a fada era o puro ambiente**, era a pura cor dentro da qual eu moraria, e, durante algum tempo, encontraria meu contentamento”.*(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo citado in revista “Dr. Plínio”, Ano IV,

Novembro de 2.001, Nº 44, p.16. 2ª coluna. Os destaques são nossos).

Eis aí o resultado de ter sido formado por Dona Lucília com contos de fadas e historietas românticas: querer morar e viver num ambiente que seria... "a fada".

Imagine-se viver no ambiente-fada!!!

E esse ambiente ser o interior de uma pedra. E desejando que algo da pedra se entranhasse nele.

Se isso não é desvario romântico então as palavras não têm mais significado.

E prossegue Plínio Corrêa de Oliveira:

*"Daí o gosto que sempre conservei por esses tipos de pedras.*

*"E daí, também, meu verdadeiro êxtase quando descobri que os vitrais de algum modo me satisfaziam esse desejo. Depois, quando descobri que certos olhares indicavam que determinadas almas como que vivem numa pedra ou numa água interior, ou num ar interior e que elas habitam em algo ou algo habita nelas – metafisicamente – que é como um líquido no qual elas existem e que trás fecundidade, força, serenidade, inspirações, vôos, que constituem uma espécie de redoma dentro da qual a pessoa vive. E essa idéia do viver em algo que não é o real, mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma quereria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito"* (Plínio Corrêa de Oliveira, revista "Dr. Plínio", Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16. Os destaques são nossos).

Que estranha afirmação!

Haveria pessoas cujo olhar indicaria que nelas haveria – ou que elas habitariam --"uma água", "um ar" interior, num universo "**metafisicamente**" (Sic!) distinto do universo real.

Nessas pessoas habitaria algo, e elas mesmas, reciprocamente, habitariam também nesse algo, que habitaria nelas. Metafisicamente!

Que doutrina estranha!

Fica parecendo a história do xoró—coisa inexistente – posta no avesso, dentro de outro xoró, posto no direito...

Que significava isso, para Plínio?

Se havia pessoas que **metafisicamente** possuíam algo que outros seres humanos não tinham, isso faria uma diferença metafísica na humanidade.

Haveria, então, homens metafisicamente superiores aos demais? Ou seria apenas uma qualidade acidental nesses homens?

Essa afirmação de Plínio é tão grave quanto "exótica", mas está bem de acordo com a mentalidade pseudo-aristocrática,

grãfinamente sonhadora de Plínio, e que ele incutiu em seus adoradores.

Imagine-se sonhar em safirizar-se, esmeraldizar-se...

Como PCO devia julgar ser chato ser Plínio, visto que ele queria de todo jeito ser outro. Aliás, esse desejo de ser outro foi nele cultivado por Dona Lucília que o fantasiava no carnaval, dizendo que, durante três dias ele deveria viver o que representava em sua fantasia: ser marquês, ser rajá, ser bruxo, ser toureiro, etc. Ser, enfim, outro. Por três dias. Ele acabou se fantasiando de profeta a vida inteira.

Mas, dialética e paradoxalmente, Plínio queria ser só Plínio. Pois humildemente dizia:

*"O fato de eu ser eu dava-me muito contentamento. Não me reputava melhor que os outros"* (PCO, **Notas Autobiográficas**, vol., I, p. 123).

Mas Dona Lucília recomendava a ele que jamais se esquecesse que ele era mais que os outros. Por isso, ele jamais deveria ir no banco de trás do automóvel. Que os coleguinhas dele se amontoassem lá atrás...

Ou ainda modestamente dizia Plínio de si mesmo:

*"Como isto me diz respeito! Como se relaciona comigo! Que coisa magnífica! Que bom é isto, e como é bom eu ser eu!"* (PCO, **Notas Autobiográficas**, vol., I, p. 124).

E falando de suas cobertas e de sua cama, PCO comentou:

*"Como isto está bem. E como sou bem aquinhado!"* (PCO, **Notas Autobiográficas**, vol., I, p. 300).

E daí, para fora.

### 3 - - "Starlight in your eyes".

Esse devia ser o nome de uma langorosa canção de jazz americano, ao estilo de Holywood nos tempos da Segunda Guerra, talvez. Devia ser um fox cantado por Frank Sinatra, ou por outro "crooner" qualquer da década de 40 ou 50.

Horível!

Mas dela nos lembramos – com pesar -- ao ler o que diz Plínio de conversas em troca de olhares.

Vejamos, então, um momento, como Plínio misturava o plano metafísico com o romantismo vulgar, a respeito de olhares...

*"E na alma de mamãe havia inúmeros aspectos pelos quais ela conversava muito mais pelo olhar, timbre de voz, gestos das mãos, do que propriamente pelo sentido das palavras".*

*"A esse propósito, tomo a liberdade de fazer uma comparação que nos lábios de um filho, pode parecer excessiva, entretanto é a única que encontro para exprimir minha idéia".*

"Quando criança, às vezes eu ficava sozinho, à noite, contemplando o céu estrelado. Como muitos, tinha a sensação de que a abóbada celeste não era inteiramente fixa, mas sim como um grande toldo circular, —[Quem sabe: "um pálio de luz desdobrado..."?] – dilatando-se ou se encolhendo de modo suave. E que esse movimento comunicava um certo impulso de fole àqueles astros, os quais por isso cintilavam. Tomava-me a impressão de que as estrelas de certo modo dialogavam comigo—[Ora, direis, ouvir estrelas, poetara o romântico Bilac...] --, e, quando mudavam de posição, olhavam-me em silêncio".

"Eu sabia que isso não tinha fundamento, e dizia a mim mesmo: "É verdade, mas não pode ser mera ilusão, deve haver algo de real nisso". [Note-se o sonho romântico arrombando as portas do bom senso na alma de Plínio: a ilusão tinha que ter algo de real! O ideal seria real. Exatamente o que crê e diz a mentalidade romântica!].

"Somente depois de homem feito consegui explicitar o que eu sentia. Deus criou o firmamento de maneira a causar essa impressão nas pessoas. E embora não seja a autora desses movimentos, a abóbada celeste o é dessa sensação. Esta tem como origem remota e suprema a Deus Nosso Senhor, criador do céu".

"Esse pensamento me parece elevado e belo, porque exprime o **valor metafísico** dessa sensação que nos colhe ao contemplarmos uma noite estrelada".

[Atenção! Plínio vai passar do plano poético-"metafísico" para o plano materno-filial...].

"Ora, de modo análogo ao que ocorria comigo ao considerar o firmamento, quando conversava com mamãe, muitas vezes tinha a impressão de estar dialogando com duas estrelas (os seus olhos), as quais pulsavam e fitavam-me, dizendo coisas sem relação imediata com os assuntos por nós tratados. E eu sentia que lhe respondia também dessa forma, e assim conversamos durante quase 60 anos até a morte dela. Esse foi o contributo que ela me proporcionou para compreender a riqueza da conversa" (Plínio Corrêa de Oliveira, **Conversa e Amor ao Próximo**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano VIII, Outubro de 2.005, N<sup>o</sup> 91, pp. 10-12. Os sublinhados são nossos para ressaltar os termos tipicamente românticos de Plínio).

Ressaltamos que nada disso que está escrito é de nossa responsabilidade. Foi PCO quem escreveu isso tudo. Nós só copiamos o que ele escreveu, e que Scognamiglio publicou. E que Padre Royo Marin aprovou. Não temos nada com isso.

E ainda bem que foi o próprio Plínio que teve a preocupação de notar que usou uma comparação excessiva para um filho com relação à sua mãe.

Realmente, jamais vimos um filho ter tal idéia, que, por respeito às pessoas em foco, nos abstermos de comentar.

Mas pior ainda são as palavras de Plínio, publicadas por Mons. Dr. Scognamiglio na Autobiografia de Plínio, que já tivemos ocasião de citar. Aí vão elas, de novo por fins didáticos, *ipsis litteris*, tais como foram publicadas, e com as aspas e as reticências postas por Mons.Scognamiglio:

*“Em certos dias tudo começava mais tarde, pois eu permanecia conversando com mamãe...Minha irmã e minha prima tinham afazeres de meninas, naturalmente um tanto separados dos meus, e não participavam dessas conversas. Nessas ocasiões, mamãe parecia existir apenas para mim! Eu sentia que “ela penetrava em mim” e eu “penetrava nela” por assim dizer...Então lhe pedia para contar alguma história”.*(Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, edit. Retornarei, São Paulo, 2008,1<sup>o</sup> vol., pp 236-237).

Se nós tivéssemos publicado tal texto...

E é claro que nós só explicamos esse texto pela doutrina de Plínio da fusão de todos os eus num só eu, como vimos anteriormente.

#### 4 - Megulhar no Alabastro

Voltemos aos sonhos e imaginações “metafisicamente” românticas de Plínio.

Contou Plínio que em sua casa havia um vaso de alabastro que fora de Dom Pedro II:

*“Contemplando os matizes daquele alabastro, eu podia imaginar toda a sorte de cores possíveis. E, na linha de meus sonhos de criança, também toda a sorte de mundos, de realidades, de perfeições possíveis.(...)”*Ele [o vaso de alabastro] *tinha isso de próprio: fazia pensar em certas qualidades da matéria, pelas quais esta às vezes é mais excelente porque é dúctil, é mais, é mais excelente porque é flexível, é mais excelente porque é transparente. Ou por oposição, será excelente porque é inductil, é inflexível e é opaca. São formas de excelências diferentes da matéria. Podemos imaginar então um objeto cuja perfeição estivesse na flexibilidade e leveza de um **“quase não ser”**, como podemos também pensar numa linda pedra, cuja excelência está exatamente no seu compacto magnífico”* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu** in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44,, pp. 18-19. Os destaques são nossos).

Note-se como a mentalidade de sonho, cultivada por Plínio, o levava a imaginar “*outros mundos, outras realidades, objetos cuja perfeição fosse quase a de “**não ser**”*”.

Para Plínio, como para os românticos o não-ser seria desejável.

O que leva a perguntar se para Plínio--- como dizia o Romantismo -- o ser era pior que o não ser.

## 5 - Mergulhar no rio Arno para se tornar o Rio Arno

Contou ainda Plínio que, certa vez, foi jantar num restaurante ao longo do Rio Arno, em Florença, restaurante que ele diz ser "Quase lacustre"(Sic!). (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista "Dr. Plínio", Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44, p. 16).

Pobre rio Arno transformado pela literatice de Plínio de fluvial em lacustre.

O Doutor-sabe-tudo não diferenciava lacustre de fluvial.

Imagine-se então um restaurante "quase lacustre" em um rio!..

E contou ele:

*"Então, pela fenda eu via o rio passar sob o piso do estabelecimento.*

*"A água do Arno parece uma pedra líquida (Sic!), não é transparente como podem imaginar uma pedra preciosa, mas opaca, de um verde que seria da cor de um azinhavre, pouco escura. Era como um rio de azinhavre correndo ali por baixo, que me dava uma impressão ultra deleitável.*

*"E eu, jantando sobre o Arno, um rio com sua densa história, com sua tradição, vendo-o correr e admirando aquela substância líquida, veio-me de imediato o pensamento: "Como seria bom morar dentro do Arno, quer dizer, num ambiente que fosse como o Arno!"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, revista "Dr. Plínio", Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44, pp. 16-18).

## 6 - "É doce morrer no mar"

Em Plínio, havia uma verdadeira obsessão em "mergulhar" em outros seres,-- pessoas, objetos, paisagens, ou em cores--, escapando para um outro mundo, para uma outra realidade imaginada só por ele. Tal qual Alice mergulhando num espelho, ou num tronco, para chegar ao país das maravilhas.

Veja-se uma narração de Plínio sobre uma tentação ao tomar banho no mar:

*"Tive uma outra tentação muito tempo depois - com uns 15 ou 16 anos - no mar também.*

*"Estávamos vários moços brincando dentro d'água, em frente ao Parque Balneário. Era um dia de sol muito bonito. Uma onda me submergiu e, não sei como, fui para o fundo do mar, e senti aquela areia sedosa, agradável. Conservei os olhos abertos e a cor da água me pareceu magnífica. Não senti nenhuma vontade de respirar.*

*"Pensei o seguinte: "Aqui estou num pináculo de bem estar total, num ambiente maravilhoso. Se eu me deixar ficar aqui – veio-me à mente meio confusamente – "fico com isso para toda a eternidade. Se eu morrer afogado, de algum modo engulo tudo quanto está aqui e realizo um deleite perfeito que a vida não me dará. Não é melhor eu não respirar, mas segurar a respiração e deixar-me morrer?*

*"Mas veio-me logo ao espírito o seguinte:*

*"O que você fará é uma coisa malfeita. Você sacrifica algo de muito mais alto e que vale muito mais do que o que você tem aqui". E interveio logo a idéia religiosa: "Suicídio é pecado, você não pode consentir". No mesmo instante, decidi: "Isso eu não posso fazer, deixe-me respirar". Subi e a tentação tinha passado" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Encanto sem Medida pelo Mar**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano V, Maio de 2.002, N<sup>o</sup> 50, p. 25. O destaque é nosso).*

Note-se a curiosa e pouco normal maneira de narrar um fato. Plínio fala de si para si, tratando a si mesmo na terceira pessoa, como se ele fosse um outro. Ele fala consigo mesmo e se chama de você. Como se ele fosse outro. E ele conta o fato como se suas imaginações estranhas precedessem até mesmo a reação natural do instinto de conservação, debatendo consigo mesmo se deveria se suicidar ou não.

E de novo, ele imagina mudar de realidade, passando do mundo concreto – ou, nesse caso, líquido: o mar – para um mundo imaginado de sonho.

## **7 - Mergulhar no Azul Absoluto dos Vitrais**

Numa igreja, ele, ao ver uns vitrais românticos, ao estilo do século XIX, imaginava-se a mergulhar no azul absoluto, ou no verde absoluto:

*"Admirei aquele esplendor e pensei:*

*"Que cores! Como seria agradável morar dentro de um desses vitrais! Se houvesse um espaço habitável, onde tudo fosse como essa apoteose de colorido, e eu pudesse passear de vitral em vitral por vários ambientes, sem qualquer empecilho, apenas me alimentando dessas cores, do ar e do perfume condizentes com elas, eu seria capaz de perceber harmonias e belezas de uma ordem do ser maravilhosa, que não pertence a esta terra.*

*"Se eu pudesse morar nesse espaço, perceberia também que minha alma se sentiria completamente realizada ao fazer tal excursão através do mundo dessas cores banhadas pelo sol. Então, penetrar num verde ou azul absolutos, observar todo o percurso da luz – desde a aurora até o crepúsculo – através dessas cores que iriam mudando de tonalidades sem ninguém me interromper nem perturbar! O tempo todo estaria ali, tecendo reflexões e*

*contemplações baseadas nesses coloridos...*" (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo "**Flashes**" com a **Santidade da Igreja**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano VII, Novembro de 2.004, Nº 80, p. 20. O destaque é nosso).

### **8- Fazer o verde de uma gelatina trans-esférica mergulhar em Plínio.**

Conta Dr. Plínio que, quando ele era ainda menor de dez anos, foi introduzida em São Paulo a gelatina. E que ele era entusiasta de comer gelatina, mais por causa da cor do que pelo gosto da gelatina.

*"Em certo sentido – dizia ele—eu "comia a cor".*

*"Parecia-me que, ao ingeri-la, entrava em minha substância pessoal alguma coisa contida naquela cor, de maneira que eu me sentia enriquecido na minha personalidade e ficava entusiasmadíssimo com a gelatina. Eu tinha a idéia de que, na ordem do ser, aquilo simbolizado pela gelatina elevava-me e dignificava-me, ao entrar em mim. Eu não pensava isso por amor-próprio ou pelo desejo de outros verem -- sabia perfeitamente que não ia ficar verde por ter comido uma gelatina dessa cor – mas por sentir que qualquer coisa do aspecto psicológico do verde entrava em mim e aumentava a minha familiaridade com aquilo que era bom e digno"*(Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Vol.I, pp. 365-366).

Que pensamento mais estapafúrdio: engolir o aspecto psicológico do verde. E o verde tem psicologia?

E engolir isso, que não existia no verde, causaria em Plínio um enriquecimento da personalidade de Plínio.

Teria sido preciso levar esse menino ao médico.

Ou então explicar-lhe que esse desejo de fusão nos outros e nas coisas, era uma tentação típica da Gnose romântica, buscando fundir o próprio eu no todo do universo e nos outros.

## **Capítulo VI**

### **Sonhos "Císnicos" e "Pavônicos" de Plínio sobre si mesmo**

Que Plínio desde muito jovem se acreditava superior a muitos, se tem a prova nas suas seguintes afirmações:

*"Várias vezes, até fazer quinze anos, veio-me a seguinte idéia à mente: "Mas, afinal, quem sou eu?" Porque os horizontes para os quais eu era chamado, eram horizontes maiores que os do comum das pessoas com quem eu tratava. Sobretudo, eram horizontes mais elevados. Então, vendo esta diferença de horizontes, e vendo que os outros não ligavam para essas coisas mais altas, eu me perguntava: "Mas, afinal, quem sou eu?" Que papel eu tenho? Será que eu tenho alguma coisa a fazer?"* (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Reino de Maria na alma do Senhor Doutor Plínio: "Minha Biografia Íntima"**,

Sagrado Coração de Jesus –XXIX—Curso de Formação São Bento-  
Praesto Sum—Saúde, p.5).

Por vezes, um raio de bom senso perpassava por sua cabeça, e Plínio desconfiava um tanto de seu desvario: "*Eu me perguntava o seguinte: "Essa idéia não será megalice? Afinal de contas, será que não estou imaginando coisas a meu respeito?"*"(Idem, p. 6).

Afinal!!! Um raio – um flash -- de lucidez!

Mas essa reação do bom senso durava pouco...

E então ele se convenceu de ser "*O Inocente*", o homem que havia recuperado a inocência primeva, de possuir a inocência de Adão, sem o pecado original.

Daí, ele se julgar capaz de ver o mundo de modo "*inocente*".

E essa maneira de ver era bem semelhante ao modo de ver romântico, imaginando mundos que não existiam senão em sua fantasia, mas que, apesar de dizê-los irrealis, ele acabava acreditando que eles realmente existiam.

Vimos que, considerando uma gota de orvalho, ele acabou imaginado um mundo orvalhal.

Agora vamos ver Plínio sonhando um universo císnico. E quando ele fala do cisne e da concepção císnica que ele imagina com que o cisne via o mundo, ele, Plínio, estava, de fato, imaginando-se o cisne.

*"Mais adiante a criança vê um cisne. Ela fica maravilhada! Vê o modo pelo qual ele se move dentro d'água, **e tem a impressão de que o cisne vê todas as coisas não como elas são, mas como ele é. De maneira que em vez de o cisne ver o que está na margem como de fato é, ele vê todas aquelas coisas com aspectos "císnicos". Quer dizer, como elas seriam se elas fossem proporcionais a ele**".*

[Devia ser um cisne que lera Schelling...Um cisne idelaista, pois via o mundo não como o mundo é, mas como ele julgava que o mundo era].

*"Depois, ele vê um pavão e pensa: "O pavão está fazendo essa roda toda, e está fazendo essa roda no quintal da casa, perto das galinhas. Ele não está vendo nada disso. **Ele tem como que uma imaginação por onde ele vê um universo "pavônico" que não existe, mas para o qual ele é proporcionado**".*

**"O inocente tem a impressão -- ele sabe que não é a realidade - de que as imagens das coisas dão a idéia de que o pavão vive em função de uma imaginária ordem pavônica, e que o cisne vive numa imaginária ordem "císnica", e que**

**assim há muitas ordens possíveis que não existem, mas para as quais ele homem é todo feito. Portanto, não existe só o pavão em si, mas um universo pavônico, um universo císnico. Haveria então, por exemplo, o universo "leônico", uma coisa fantástica.**

"Vemos então que há vários universos possíveis que não foram criados, que são muito superiores ao universo que nós vemos, aos quais tendemos inteiramente" (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Reino de Maria na alma do Senhor Doutor Plínio: "Minha Biografia Íntima", Sagrado Coração de Jesus** –XXIX—Curso de Formação São Bento-Praesto Sum—Saúde, p.8-9. Os destaques são nossos).

Note-se como Plínio passa sutilmente:

- a) de um reconhecimento de que a realidade imaginada não existe.
- b) Para depois admitir que há muitas ordens possíveis de ser
- c) E que o homem é feito para essas realidades imaginadas, irreais, mas possíveis.
- d) Que esse universos possíveis são muito superiores ao universo que vemos.
- e) Para enfim concluir: "**Portanto, não existe só o pavão em si, mas um universo pavônico, um universo císnico. Haveria então, por exemplo, o universo "leônico", uma coisa fantástica**

Que platonismo gnóstico desbragado!

Essa seqüência de idéias retirada de um texto de Plínio comprova sua mentalidade completamente romântica e sonhadora, -- muito semelhante ao mundo das idéias do Gnosticismo platônico-- e tendente a repelir o universo que vemos e no qual vivemos. E isso é próprio de uma mentalidade gnóstica.

Coitado do cisne! Até o cisne de Plínio tinha megalomaniacos sonhos, no irrealismo sonhado por Plínio.

Para quem é romanticamente obcecado, até os cisnes e pavões passariam a ver as coisas não como são, mas como sonhariam que fossem. É claro que isso ocorre comumente em sanatórios psiquiátricos.

Evidentemente, Plínio se retratava a si mesmo no cisne e no pavão, e o modo como ele imaginava como o cisne e o pavão viam o mundo—não como o mundo é, mas como eles o imaginam—é o modo como Plínio via a realidade: como um simples trampolim para saltar, por meio da imaginação, para os mundos "císnicos", "pavônicos" e "leônicos".

Para os mundos plinianos.

Era uma visão onírica da realidade, sabendo que ela não existe, mas, desejando tanto que ela existisse, que ora ele negava a

sua existência, mas sempre afirmando, que era para ela ele tendia inteiramente.

Plínio é um romântico típico.

Plínio era um gnóstico romântico.

E essa visão onírica do mundo, não como ele é, mas como ele queria que o mundo fosse, o levava a desprezar, do modo como fazem os gnósticos, o mundo real, com os seus galinheiros e galinhas cacarejantes e sujas. Levava-o a sonhar um mundo císnicamente pliniano, para depois, ao constatar a realidade, repelir com nojo a realidade das margens pantanosas, para viver, em sonho, num lago azul sem lama, onde somente cisnes brancos deslizassem suavemente à flor da água cristalina e fresca.

Plínio queria corrigir o mundo tal qual Deus o fez, especialmente tal qual ele se tornou após o pecado original.

Já citamos este texto de Plínio, mas só o repetimos, agora, por razão didática, e para fazer compreender o sistema do “profeta de Higienópolis” que pretendia corrigir a obra de Deus.

*“Daí vinha a tendência minha a recusar coisas enganadoras, como a de querer imaginar que realmente existiam coisas assim, mas com homens de carne e osso, com mulheres de carne e osso, e com coisas materiais sensíveis. **Eu sabia que isso não existia.** Imaginar que eu conheceria nesta terra um determinado ambiente humano que seria mais ou menos assim, eu também sabia que não seria possível. **Mas eu sabia que em alguma medida as coisas terrenas são leváveis até lá, de forma que a minha primeira idéia de Contra Revolução foi a de caminhar para esta perfeição.***

*“Quer dizer, não era ainda a Contra Revolução, era a idéia em função da qual no choque contra a Revolução eu disse: “Não”!*

***“A partir disto, nasceu uma crítica ao mundo real em torno do qual eu estava – uma crítica do mundo visto fora da do fundo de garrafa, alguém do fundo de garrafa--**, e esse mundo eu o via com algumas coisas muito belas e que não eram indignas de estar postas em relação com o fundo de garrafa e, por outro lado, com coisas muito reprováveis, despiciendas, erradas e tortas. De onde uma **idéia de e que ele deveria ser corrigido** e de que se todos os homens –sempre a idéia seguinte: eu sou igual a todos os homens, logo todos os homens são iguais a mim --, em cujas cabeças há a mesma coisa que há na minha, se eles tivessem a limpeza de alma de fazer essa operação que eu faço, eles todos puxariam junto comigo as coisas para uma linha onde elas não estão, e eles seriam de um modo como eles não são”.*

*“Eu sentia que o impulso de minha vida era fazer isso”.*

(Plínio Corrêa de Oliveira, **O Reino de Maria na alma do Senhor Doutor Plínio: “Minha Biografia Íntima”, Sagrado Coração de Jesus –XXIX—**Curso de Formação São Bento-Praesto Sum—Saúde, p.11. Os destaques são nossos).

Contra Revolução, para PCO, seria ser contra o real tal qual ele existe hoje, após o pecado original.

E essa recusa do mundo tal qual ele é, por vontade de Deus, é uma revolta revolucionária.

Desses sonhos e dessa recusa da realidade, com seus defeitos, desse desejo de *"corrigir o mundo"* tal como foi feito por Deus, e mudado por Deus em *"vale de lágrimas"*, depois do pecado de Adão, é que nasce a pergunta típica da mentalidade romântica e gnóstica: *"De onde vem o mal?"*

Conta PCO, que, quando ouviu contar a história de Adão e Eva, e soube da serpente sua reação foi: *"Por que Deus não põe essa porcaria fora? Se tudo devia dar certo, para que a serpente?"* (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, vol.I, pp. 605-606).

*"Por que Deus criou a serpente?"*

*"Aquilo me parecia difícil de explicar e eu disse para mim mesmo: "Não vou pensar mais nisso, até ficar mais velho e ter o espírito em condições de resolver o problema. Então entenderei"* (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, vol.I, p. 606).

Unde malum?, diriam os gnósticos.

Por que Deus criou o demônio e permitiu o mal, perguntam os românticos. Para Plínio tudo "devia dar certo". Como nos romances e filminhos românticos.

Lembramo-nos de PCO contando como, no Colégio São Luís, uns meninos lhe contaram como eram geradas as crianças, rindo dele porque ele acreditava em cegonhas entregadoras de bebês como por sedex. Quando ouviu como se concebiam as crianças, ele disse que respondera: *"Vou perguntar para mamãe, se é assim"*. E que, depois, vendo alguns parentes, ele pensava: *"Esse fulano --ou essa fulana -- bem que seriam capazes de fazer tal porcaria"*.

Assim nasceu o catarismo tefepista. E Anna Katharina Emmerick completou essa lição, falando em concepção humana pela palavra e não por sexo. Idéia que encantou PCO...

A mentalidade de Plínio, da TFP e dos Arautos é romântica e com nítidos traços de Gnose.

E Plínio afirmou que sua noção de Contra Revolução -- nascida da mentalidade romântica ainda vigente na Belle Époque, e que ele confundia com a Tradição -- tinha relação com o imaginar um mundo como ele não é, e que o levava a querer corrigir o mundo.

A Contra Revolução de Plínio não visava defender a Igreja e restaurar a Cristandade, tal como concreta e historicamente ela foi, e como deve ser, mas a instituir nas mentes um sonho imaginário e a viver em função desse sonho imaginado. Numa Belle époque. Com mamãe.

A Contra Revolução de Plínio, na medida que não era histórica, era romântica e gnóstica.

Isso é ser revolucionário.

A “Contra Revolução” de Plínio e da TFP era revolucionária. Assim se enganam ingênuos que sonham com “restaurações” monárquicas e aristocráticas.

## Capítulo VII

### **Efeito do sonhar romântico: desprezo gnóstico da realidade concreta material.**

Mas, pode-se examinar os efeitos desses sonhos e desse sonhar exacerbado até o desvario da mente.

A admiração pelas perfeições excelsas dos seres possíveis—entre eles os seres possíveis “*Ab aeterno*”, o mundo císnico e pavônico-- levava os seguidores de Plínio a considerar as criaturas materiais como muito inferiores, tendendo a desprezá-las.

Comparado com o universo císnico sonhado, o mundo concreto em que vivemos não passava de um galinheiro sujo e lamacento.

Na TFP, a super admiração pelo ideal inclinava as pessoas a desprezar o concreto, do aqui e do agora. Como os românticos, eles tendiam a considerar que apenas “*o ideal é o real*”.

PCO fugia constantemente do mundo real para um mundo imaginário platônico, típico da Gnose. E quando, por acaso, encontrava algo ótimo, logo procurava naquilo um defeito, que lhe permitisse dizer que poderia haver algo melhor. E no mundo da Trans esfera, então, haveria aquilo mesmo, mas em estado sublime.

Daí, ele recorrer continuamente a termos idealizantes como arquetipia, quintessência, arquétipos, protótipos, mito, mítico, modelos, sonho, impressão, sensação, sentir, etc.

A essas palavras, ele procurava dar um sentido diferente do normal, para não cair diretamente num idealismo platonizante, mas logo suas distinções eram esquecidas, e a força do significado verdadeiro acaba voltando, e se impondo. O resultado era a formação de uma mentalidade completamente romântica.

Em que pese as justificativas deslizantes de Leo Daniele.

Isso ocorria tanto mais facilmente quanto o próprio Dr. Plínio, na verdade, usava esses termos realmente em sentido romântico e idealista, sendo suas distinções meras cortinas de fumaça, para não se reconhecer, de plano, o seu romantismo.

Destarte, é bem compreensível que, na boca dos enjolas, sonho e mito acabassem significando – tal como na mente de Plínio -- sonho e mito mesmo.

Mito em que se deveria desejar viver. Mito com o qual se deveria viver sonhando.

Claro que isto levava a opor o mundo real – insuportável—ao mundo ideal, sonhado. Daí, uma concepção dialética da Natureza.

A natureza, tal qual ela se nos apresenta aos olhos, seria má. A “natureza”, tal qual Plínio fazia sonhá-la, seria esplêndida.

Assim também era entre os românticos alemães e franceses: a natureza era, de um lado, um cárcere do espírito absoluto; de outro, era o medium, o meio, o veículo para alcançar a comunhão com a Divindade.

Aplicando essa oposição dialética à natureza humana, o resultado era o mesmo: o homem, tal como o temos, é péssimo, e cheio de misérias. O homem-mito seria angelicamente “dourado”. Na Trans-esfera pliniana, o homem não teria nem carne e nem osso, assim como a limodadérrima não teria nem limão nem limonada. Como não cair na Gnose, se Scognamiglio – repetindo as lições de PCO—incutia e incute ainda hoje a seus Arautos--, que eles são querubínicos e serafínicos?

Os Arautos julgam-se superiores aos anjos. Ora, já diz o ditado qui fait l’ange...

Quem quer bancar anjo...

....fait la bête.

Essa oposição radical entre mundo real e mundo sonhado é tipicamente gnóstica. Toda Gnose nasce da recusa de aceitar a contingência do ser criado, como se ela fosse um mal metafísico.

Os maniqueus já haviam montado a sua Gnose com base nessa pergunta – Unde Malum? -- que confundia mal moral (as ações pecaminosas) com o mal enquanto ser (o mal enquanto ser não existe, pois tudo quanto existe tem pelo menos o bem da existência).

Para os maniqueus, haveria dois deuses: o Deus do Bem e o Deus do Mal, que teria criado este mundo e o homem com uma dualidade de bem e de mal.

Santo Agostinho demonstrou em seu Livro Contra Manichaeos que o Mal absoluto – o Deus do Mal , oposto ao Deus bom—não existe e nem pode existir. Porque existir é um bem. Existir é melhor do que não existir. Sendo assim, se o mal absoluto existisse, ele teria o bem da existência. Então ele não seria o Mal absoluto. Logo, o Mal, enquanto ser, não existe. O Mal é uma falta de ser, ou uma falta de ordem num ser. O Mal metafísico não existe.

Para a Gnose, em toda natureza haveria uma dualidade de bem e de mal. O dualismo é típico da Gnose.

Plínio, tendo evidentes elementos gnósticos em sua doutrina, tinha que afirmar um dualismo na natureza humana.

## Capítulo VIII

### Dualismo na Natureza Humana

Na revista "**Dr. Plínio**", foi publicado um texto do falecido imortal "Profeta" inerrante de Higienópolis, que fala das tendências boas e más que existem no homem, artigo no qual ele afirma que as tendências más "*constituem como que um outro homem dentro dele*". "*É o inimicus homo, que tem uma inteligência sujeita a erro e facilmente claudica, uma vontade tendente ao mal e uma sensibilidade que lhe faz achar agradáveis muitas coisas contrárias à finalidade e à natureza dele, bem como à ordem posta por Deus no universo.*

*"Então se dá o grande entrechoque dos "dois homens", dos dois temperamentos, das duas vontades e duas inteligências. Importa que o homem bom, o homem novo, vença o homem mau e o velho, para então, sob o amparo de Nosso Senhora, correspondermos aos desígnios divinos sobre nós"* (Plínio Corrêa de Oliveira, in revista "**Dr. Plínio**", Ano VIII, Fevereiro de 2.005, N<sup>o</sup> 83, p. 25).

Que São Paulo ensinou que no homem, por causa do pecado original, há duas "vontades" – dois querereres numa só faculdade volitiva, e não duas faculdades volitivas--, uma querendo o bem, e a outra apeteendo o pecado, disso não há dúvida. Sem dúvida, depois do pecado original, em cada homem há uma luta como se nele houvesse dois homens, duas vontades: o "*homo iniquo et doloso*" e o homem filho de Deus.

Mas esse "*homo iníquo e doloso*" causado pelo pecado original, não é um outro homem substancial existente no ser humano.

Dizer que no homem há realmente dois homens, com duas inteligências, duas almas etc., isso é completamente novo. É pliniano. É fábula pliniana.

Na alma do homem, há uma só inteligência e uma só vontade.

Esta vontade, pela corrupção trazida pelo pecado original tende ao pecado e ao mal. Mas não se pode dizer que na alma humana haja realmente duas vontades. Essa é uma forma só analógica de falar que não se pode tomar literalmente. Muito menos

se pode dizer que haja na alma humana duas inteligências. No homem há uma só inteligência, que, por causa do pecado de Adão, tende ao erro, mas que continua única no homem.

Entretanto, noutro texto, Plínio vai mais longe ainda, pois diz taxativamente que, no homem, haveria uma parte angélica e outra humana:

*"A parte animal do homem pode sufocar temporariamente as manifestações de sua **parte angélica**. Nunca pode, porém, destruí-la radicalmente"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Mundo Precisa de Santos**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano II, Novembro de 1999, N<sup>o</sup> 20, p. 26. O destaque é nosso).

Parte angélica no homem???

Aí o erro está exposto escandalosamente: no homem haveria uma parte angélica. Plínio toma a alma como sendo algo de angélico aprisionado na animalidade.

Como esse homem podia se dizer tomista se nem sabia que a natureza humana não é composta de uma parte angélica e outra animal. Monsenhor Scognamiglio –de firmeza única em São Tomás – vai repetir essa besteira de boca cheia. Afinal, ele agora é Doutor...

Monsenhor Scognamiglio, depois de se doutorar, num sermão espaventoso pelo conjunto de absurdos que afirmou, disse que no homem há seis ou sete naturezas. E as foi enumerando e contando nos dedos:

*"Nós somos bem complicados, porque nós temos leis diferentes dentro de nós.*

*"A parte angélica quererá uma coisa, mas a parte animal quererá outra, a parte vegetal outra, e a parte mineral pesará num sentido também diferente, então são leis diferentes, que no paraíso terrestre estavam inteiramente coordenadas, inteiramente ajustadas com o dom de integridade. Esse dom de integridade fazia com que tudo no homem, e na mulher, fossem perfeitos e obedecessem a um princípio mais alto que era o princípio da fé, um princípio ligado com Deus.*

*"Perdido o dom de integridade começa a verdadeira bagunça, o verdadeiro caos.*

*"Porque São Paulo mesmo vai dizer: "Sinto em mim duas leis". Mas ele podia dizer que sentia cinco leis, porque uma é a lei dos minerais, outra a dos vegetais, outra a dos animais, outra a do homem enquanto tal, e outra a da graça. Porque ainda não estou considerando o mecanismo da graça, que seria uma quinta natureza que existe no homem batizado.*

*"E, então, como vai o homem saber o que ele deve fazer, e o que ele não deve fazer?"*(Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, sermão **A Lei do Senhor é perfeita**, em 25 de Janeiro de 2010, [HTTP://tv.arautos.org/movie/show/\\*OcOrxFDbOyozopB](http://tv.arautos.org/movie/show/*OcOrxFDbOyozopB)

Sem dúvida instalou-se a bagunça na cabeça do Monsenhor Doutorado

E que bagunça! Isso é que doutorar-se em direito pelo avesso.

E esse Monsenhor acabava de receber o título de Doutor, *summa cum Laude*, em Roma ! E afirma que no homem há várias naturezas, inclusive que no homem há uma parte angélica. E esse "Doutor" garantiu aos membros da banca examinadora de sua tese que tinha "*firmeza única em São Tomás*".

Para sempre mais heréticos atrevimentos!

Monsenhor Scognamiglio aprendeu que no homem há uma parte angélica. E aprendeu essa tolice no MNF de Dr. Plínio.

Nota Zero para ele!

E para o MNF.

E para Plínio, de quem ele colou essa besteira.

### **1- Maldade da natureza humana**

O Romantismo de PCO vai fazer com que ele veja a natureza como intrinsecamente má. Se no homem haveria algo de praticamente divino --(a Inocência Primeva)—por outro lado esse aspecto divino estaria encarcerado numa natureza também substancialmente má. Como todo romântico autêntico e consciente de seu romantismo é gnóstico, todo romântico vai ver especialmente duas coisas como más na natureza humana: a o livre arbítrio e o corpo material, E por isso, o romântico condenará, como os cátaros, a reprodução sexual.

PCO era romântico e gnóstico. Por isso ele dirá que o livre arbítrio é mau. E ele também sempre manifestou grande ojeriza pela reprodução sexual e pelo casamento.

Isso chegou a tal ponto que, já por volta de 1958 ou 59, nos escandalizamos ao constatar que no grupo do Catolicismo de Belo Horizonte se cantava uma cançãozinha na qual se chamava a mulher de a "*intrínseca*", para dizer que a mulher seria intrinsecamente má...

Entrosadinhos os mineiros, já naquele tempo.

### **2-Maldade do Livre Arbitrio**

Certa ocasião Plínio, deu uma concepção absolutamente gnóstica do homem:

*"Todos os homens recebem graças suficientes para se salvar. Também isto é de Fé. Mas, de fato, pela maldade humana que é imensa, muito poucos, se salvariam só com a graça suficiente. É preciso que a graça seja abundante para vencer **a maldade do livre arbítrio humano**"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Vítima**

**Expiatória**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano II, Outubro de 1999, Nº 19, p. 26. O destaque é nosso).

Como? !  
Maldade do livre arbítrio?!  
Isso nunca foi doutrina católica!  
Isso cheira a jansenismo desbragado.

Tomando literalmente o que o autor em foco escreveu, isso é maniqueísmo. É catarismo. É jansenismo. Isso nunca foi católico. A menos que o autor não saiba realmente escrever.

Analisaremos mais adiante essa citação (**Quarta Parte, Capítulo VIII, Erros de Plínio sobre a Graça p. 415**) mas considerando que o livre arbítrio é uma capacidade dada por Deus ao homem, capacidade essa que o torna livre e responsável por seus atos, capaz de ter mérito ao cooperar com a graça, e de culpa ao pecar, afirmar que o livre arbítrio é mau, é considerar que há algo com maldade na própria natureza humana. E isso, tomando a frase como ele a diz concretamente, é tese gnóstica.

Haveria que considerar a ignorância de Plínio e a possibilidade de erro de expressão. Contudo o autor era pessoa muito capaz, tinha possibilidade de vencer sua ignorância doutrinária. Ele teve graça suficiente para não cair nesse erro. E ele se presumia conhecedor do assunto.

Ademais, os muito graves erros anteriores de caráter gnóstico que encontramos em sua doutrina levam seriamente a suspeitar de que ele tinha uma tática montada – e camuflada --para ensinar a Gnose com sutileza, Gnose cujo sistema explanaremos mais adiante.

Mais ainda: ele queria ensinar e ser ouvido como se fosse profeta e inerrante, o que o tornaria culpado, ainda que por simples ignorância e imprudência no escrever. Deve-se ler essa citação no contexto de toda a doutrina que Plínio expunha, o que aumenta a probabilidade de culpa, e não de erro material, no modo do autor se expressar.

Essas citações mostram de modo patente uma concepção dualista do homem. E essa concepção é a da Gnose, vendo no homem duas substâncias, uma boa, e outra má.

Claro que se poderá alegar engano de expressão. Só que as citações da revista "**Dr. Plínio**" foram impressas e publicadas anos depois da morte de Plínio. E podendo ter sido corrigidas, não o foram.

Pois quem se atreve a corrigir um profeta inerrante?

### **3 - Maldade da reprodução sexual e do casamento.**

Todos que entravam em contato com a TFP logo notavam que havia um tema delicado: a questão do casamento, e uma certa ojeriza pela mulher.

Na gíria tefepista toda mulher—exceto Dona Lucília, claro—era chamada “fassura”.

PCO denominava “fassur” todos os seus adversários ou inimigos doutrinários. Essa palavra tinha origem na Sagrada Escritura, onde se conta que um sacerdote de nome Fassur se opôs violentamente ao Profeta Jeremias, punindo-o fisicamente (Cfr. Jer., XX, 1). Como PCO se julgava profeta inerrante, ele seria como Jeremias, por isso seus inimigos eram “Fassures”.

Depois, esse nome foi causando todo um vocabulário muito particular do grupo de PCO—uma verdadeiro jargão esotérico – no qual fassura era inicialmente sinônimo de prostituta, e afinal se tornou sinônimo simplesmente de mulher. Fassurar seria agir pecaminosamente, trair, ou cometer ato sexual. Fassurada passou a ser ato sexual, e assim por diante.

PCO não se casou e desprezava quem se casasse. Casar, na TFP, era sinônimo de apostatar. No grupo de Plínio, havia alguns veteranos que se haviam casado, e que, por isso mesmo eram tidos como membros de segunda classe: Dr. Fernando Furquim de Almeida, Dr. Azeredo, Dr. Adolpho Lindenberg, Dr. Arruda, e alguns poucos mais. Todos os que entraram a partir de 1952, eram solteiros. Quando um deles quis se casar, teve que fazer isso secretamente, casando-se numa igreja, mas não comunicando a ninguém seu novo estado. E quando descobriram que essa pessoa se casara, essa pessoa foi expulsa sem piedade, seus objetos e roupas queimados, e essa pessoa nunca mais pode participar do grupo.

PCO era admirador fanático das Visões e Revelações de Anna Katharina Emmerick. Essa falsa vidente romântica lamentava que Deus tivesse feito a reprodução humana por via sexual. Ela dizia que Deus poderia ter feito isso de modo muito menos repugnante. E sempre que via uma noiva, ela chorava.

*“Quando ela tinha 16 ou 17 anos, os pais pensaram em casá-la, mas ela recusou porque tinha uma invencível aversão pelo estado matrimonial (25):*

*“Quando já em minha primeira juventude eu fui instruída de modo sobrenatural a respeito da geração temporal dos homens, sem ter que pensar muito sobre o assunto, a minha fantasia, pela graça de Deus, nunca se preocupou com isso, e, quanto ao que me concerne, permaneci totalmente inocente a respeito dessas coisas, e essa questão era para mim mais uma causa de aversão e de compaixão para com as pessoas do que algo contra o que tivesse que lutar, como as outras crianças. Ainda muito criança, eu fazia censuras a meu Deus amado dizendo que podia ter feito essas coisas de modo diferente. Eu sempre tive aversão pelo casamento. E quando via uma noiva não podia deixar de chorar (Nota 26)”.*

*"Ora, esta aversão ao casamento não é natural, e indicava nela, ou idéias gnósticas, ou pelo menos, uma mentalidade doentia. Jamais uma santa pensaria assim".*

(Nota 26- Anton Brieger, **Der Gotteskreise**, Hans Verlag, Munschen, 1966, **Anna Katharina Emmerick Visionen und Leben** Erich Wewel Verlag, MUnchen- Freiburg, 1974, p. 224, in Tese de Doutorado de Orlando Fedeli na USP—**Elementos Esotéricos e Cabalísticos nas Visões de Anna Katharina Emmerick**, USP, São Paulo, capítulo III, p. 203 -204).

Essa falsa vidente gnóstica e romântica, fazia entender, como fora comum em várias seitas gnósticas, que o pecado original teria sido o ato sexual entre Adão e Eva.

Dizia ela, como dizia o gnóstico Jacob Boehme, autor que está na raiz do Romantismo, que Adão e Eva, antes do pecado, eram feitos de luz e sem sexo. A geração humana, antes do pecado, seria por meio da palavra humana... (Orlando Fedeli na USP—**Elementos Esotéricos e Cabalísticos ns Visões de Anna Katharina Emmerick**, USP, São Paulo, capítulo V, pp. 383-388 e pp 412 -418).

Ora, o Crradeala Ratzinger condenou essa posição gnóstica em seu livro O Sal da Terra:

**À uma pergunta do Jornalista Peter Seewald o então Cardeal Ratzinger , hoje Papa Bento XVI respondeu:**

*"Certa vez o senhor classificou a sexualidade como uma espécie de mina flutuante e como força onipresente. Isso soa mais como uma atitude de rejeição em relação à sexualidade?"*

**Cardeal Ratzinger:**

*"Não, não é o caso, porque seria contra a fé que nos diz que o Homem é criado por Deus no seu todo, e o Homem foi criado por Ele como homem e mulher. **A sexualidade não é, pois, nada que só tenha surgido depois do pecado, mas faz realmente parte do plano da criação de Deus. Porque criar o Homem como homem e mulher significa criá-lo de modo sexuado, de forma que de fato pertence ao conceito originário da criação e, assim, ao originalmente bom do ser humano**".* (Extraído do Livvro " *O SAL DA TERRA*", Peter Seewald, Ed. Imago, Rio de Janeiro, RJ, 1997, p. 79).

Por isso tudo, a prática da castidade na TFP era algo muito problemático, gerando mentalidades escrupulosas até o desespero, assim como graves problemas de ordem moral. E sempre que alguém queria se casar, era logo posto fora da entidade. Quando, acusamos na década de 80, essa posição contrária ao casamento e à reprodução na TFP, PCO fez uma reunião geral, na qual disse, que,

desde então, quem quisesse se casar poderia fazê-lo, mas seria reduzido ao nível de correspondente e esclarecedor. Isto é, era posto fora da TFP.

Algumas pessoas de bom nível social e muito competentes, apesar de casadas foram admitidas no grupo, e algumas delas entraram até na Sempre Viva.

O paroxismo se alcançou quando Dr. Plínio cogitou de que no Reino de Maria que iria ser instaurado por ele, haveria a restauração da geração humana como teria sido no paraíso terrestre, segundo a descrição de Anna Katharina Emmerick: a reprodução humana seria por meio da palavra, e não mais por via sexual.

Por respeito e caridade, queremos ficar por aqui nessa questão, respeitando casos pessoais dolorosos, a fim de manter este estudo apenas em nível intelectual, tratando nesta questão moral somente no mínimo necessário para completar o quadro doutrinário romântico que Dr. Plínio criou e desenvolveu até o paroxismo na TFP e na Sempre Viva.

Mas é bom recordar o ditado francês: "*Qui fait l'ange, fait la bête*"...

## Capítulo IX

### Angelização

Relacionada com toda a questão sexual e também com a teoria dos seres "*ab aeterno*", está a misteriosa teoria da "*angelização*" dos homens, ou, pelo menos, de alguns homens.

Nunca se nos deu a oportunidade de ler as conferências do MNF sobre a "*angelização*", mas o pouco que filtrou desse assunto é bem suspeito.

Na apostila elaborada por Átila Sinke Guimarães, -- **O processo humano** -- à qual já fizemos referência, e que é apresentada como sendo um arcabouço do MNF, lêem-se coisas muito estranhas. Por exemplo, de uma teoria das duas cabeças no homem.

E tratar das "*duas cabeças do homem*" depois de afirmar a dualidade da natureza humana, e a maldade do livre arbítrio, leva a acentuar a convicção de que, com Dr. Plínio, se está em face de um heresiarca gnóstico.

Ao se referir à "*teoria das duas cabeças*" – que desagradável e esquizofrênica expressão! – Átila, reproduzindo o pensamento de Dr. Plínio, escreveu o seguinte:

*"O que chamamos de primeira cabeça corresponde ao que seria a parte do homem que tem algo de comum com o anjo, ou a parte do conhecimento ou da ação do homem naquilo que ele tem de comum com o anjo. Enquanto que a segunda [cabeça] corresponderia àquilo que o homem tem de comum com o conhecimento, com o instinto animal".* (cfr. MNF – "**O Processo Humano**" p. 79 – Editora Vera Cruz – S. Paulo, 1972).

Dizer que o homem tem "*algo de comum com o anjo*" é, pelo menos, ser pouco preciso, pois parece que se afirma que, no homem, exista algo substancialmente angelical.

Esta imprecisão se agrava quando se vem a saber que no "*Praesto Sum*" Scognamiglio ensinava aos pobres "*enjolras*" que "*nossa vocação é ser anjos*"

Ser anjos! Como? Como, meu Deus?

E acabamos de ver que Monsenhor Scognamiglio ainda agora num sermão, afirmou que o homem tem também natureza angélica.

Outro erro é o de afirmar que "*o homem tem de comum com o conhecimento, com o instinto animal*".

O conhecimento humano não é animal. O homem tem uma alma racional. Ele é dotado de intelecto e vontade, que o fazem ser imagem de Deus. No animal, não há conhecimento intelectual.

O que Átila Sinke Guimarães expõe da doutrina de Dr. Plínio sobre a natureza humana e seu conhecimento é completamente contrário à doutrina Católica e é um absurdo inacreditável.

São erros de uma grosseria cornificiana.

Ora, que essa informação sobre a existência de algo angélico no homem unido a algo animal é procedente, se tem a confirmação em textos da revista "**Dr. Plínio**" onde há teses de Plínio beirando o dualismo.

*"Sendo o homem constituído por dois princípios distintos, corpo e alma (...)"*

(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Sociedade de Almas e o Conceito de "Temporal"**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano IV, Agosto de 2.001, N<sup>o</sup> 41, p. 9)

É muito inexato dizer que o homem é constituído por dois princípios: corpo e alma.

E a coisa fica pior ainda, quando se lê, noutro texto, que a alma seria de ordem angélica. O que é um absurdo.

Disse Plínio:

*"O homem é constituído de dois elementos: a alma e o corpo. Este pertence ao reino animal, enquanto a primeira estaria na ordem angélica. Porém não somos centauros de anjo e bicho, um espírito angélico que penetrou no num mundo animal irracional. Temos um alma que, por sua natureza, deve estar ligada a um corpo, e vice-versa"* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Noções Gerais de Temperamento -I**, in revista "**Dr. Plínio**", Ano VII, Dezembro de 2.004, N<sup>o</sup> 81, p. 20. O destaque é nosso).

Dizer que a alma humana estaria na ordem angélica é bem errado. Ainda bem que o restante da citação corrige o grave erro expresso no início do parágrafo. Mas, se se notou o erro, teria sido melhor eliminá-lo, e não dar uma explicação complementar, mantendo o texto errado. Nota-se um vai e vem contínuo no significado dado às palavras usadas, e uma variação nas definições, uma ambigüidade de conceituação que induz a erro.

O que leva à suspeita de que se usava propositalmente uma tática de afirmar e de negar, de avançar e recuar, típica dos modernistas e dos gnósticos, em seu esoterismo.

Explica-se a asserção tefepista de que, no céu, Dr. Plínio ocupará o trono de Lúcifer, e que ele será "angelizado", como seriam "angelizados" os membros da TFP, que correspondessem inteiramente ao "Profeta".

E é de espantar que se lhe tenha querido atribuir o trono de Lúcifer? Quem no universo quereria ter o trono de Lúcifer? Só Dr. Plínio mesmo.

Estando vago o trono, pode deixar que ele o ocupa.

Afirma-se que isto é possível, porque alguns homens poderão alcançar tal perfeição que sobrepujarão os próprios anjos. Que nesses homens, o lado-anjo que haveria no homem, dominaria de tal modo o lado-animal, que este seria como que eliminado, tornando-se então o homem angelizado.

Ensinava-se na TFP que Nossa Senhora, no céu, está acima dos anjos e é servida por eles. O que é verdade.

Mas que seria mais natural e mais condizente com a natureza da Virgem Maria, que ela fosse servida por uma corte de seres humanos... mas uma corte de seres humanos angelizados. O que é mentira.

Evidentemente, a corte dos Arautos angelizados. A corte da angelical Sempre Viva.

Nos hospícios, se topa com cada evidência!

Os homens que seriam chamados a alcançar tal perfeição estariam no céu acima dos anjos. Essa seria a vocação da TFP.

Claro !!!

Daí se dizer, lá, naquele tempo: "*Nossa vocação é ser anjos*".

Que Plínio continuou a pensar que era possível um homem se tornar anjo, se tem a prova numa citação que dele faz Scognamiglio aos Arautos do Evangelho sobre a Sempre Viva.

Depois de dizer que pertencer à Sempre Viva é mais do que ser Papa, Plínio C. de Oliveira vai, se possível, ainda mais além ao dizer que todo membro dessa sociedade secreta alcançaria o nível angélico:

**"Quer dizer isto é ser anjo, é um estado angélico na terra, e mais não se pode dar"** (João Scognamiglio, in Retiro V, 10a Conferência, **A Unidade do súdito com o Fundador**, p. 10, letra E. O negrito e o sublinhado são nossos, num texto que nos foi dado, e que pertenceu a alguém que esteve presente nessa palestra secreta).

Ser da **Sempre Viva** seria ser anjo!!!

Com tanta confusão, com tanta ambigüidade, com tantos delírios é natural que surgisse quem afirmasse rotundamente que, no Reino de Maria, alguns homens – da TFP, claro-- poderiam vir a ter asas, e poderiam voar [afirmação do Sr. Ghiotto ao Sr. Luis Cláudio, em 1983, e testemunho de D.J. P.].

O pobre rapaz apenas tirou uma conclusão de tudo o que constava que Dr. Plínio dizia a respeito desse tema.

Por exemplo, Dr. Plínio afirmou que *“no Reino de Maria, devido à excelência da graça, o corpo humano terá propriedades que hoje nem imaginamos”* [depoimento assinado por D. J. P.].

Por que, então, não teria ele asas?

Tanto mais que o mesmo Dr. Plínio asseverava que *“No Reino de Maria, o homem poderá voar até a lua, sem espaço-naves”* [testemunho assinado de D. J. P.].

Julgamos que estas afirmações de Dr. Plínio podem estar relacionadas com outra idéia que ele costumava externar com freqüência: a da glorificação dos corpos de alguns homens, sem que eles morram, e sem que eles sejam ressuscitados.

Dr. Plínio acreditava que os homens bons, que vivessem na época do fim do mundo, não morreriam, nem ressuscitariam, mas seriam glorificados em seus corpos, diretamente, ainda vivos.

Daí, a idéia de que alguns homens – isto é, ele--- não morreriam. E ele procurava fundamentar tal idéia abstrusa -- que justificaria a crença na sua imortalidade -- citando a frase do Credo católico: **“De onde há de vir julgar os vivos e os mortos”**. E Plínio interpretava que a palavra **“vivos”**, nesse artigo do Credo, significava que, no fim do mundo, alguns homens seriam preservados da morte corporal.

Se isto ia acontecer com alguns homens no fim do mundo, porque não aconteceria com ele, vivo,-- muito vivo-- em Higienópolis?

Afinal de contas, Higienópolis não é o fim do mundo.

Era o que, evidentemente, ele pensava que ia acontecer com ele mesmo: não morreria.

Morreu.

Está morto até hoje.

Porque, *“quant on meurt, c’est pour longtemps”*.

E embora a Editora que publica a revista mensal --“Dr. Plínio”, editada pelos amigos, que Scognamiglio nomeou para isso, significativamente se chame Editora “Retornarei Ltda.”, Plínio, morto em 1995, ainda não retornou.

Já se marcaram vários “retornos” do falecido Plínio. Ele ia ressuscitar três dias depois de sua morte.

Falhou.

Seis meses depois. Houve uma visão de um eremita, garantindo isso.

Não aconteceu.

Ia ser no ano 2.000.

Não foi.

De 2.005 não passaria.

Passou.

Ia ser em 2.007.

Isso mesmo!

Em 2.007!

Não aconteceu.

Quem diria? Um sebastianismo tupiniquim, no século XX e XXI...

E, com a "Bagarre", não poderia dar-se o mesmo?

[Bagarre seria o castigo que Dr. Plínio anunciou para muitas datas já transcorridas, datas sempre adiadas, mas que seus fanáticos esperam até hoje. Bin Laden é a atual esperança deles. Bin Laden. Bin Aids. Hoje deve ser Bin Marcola, ou Achmedinenjad].

Evidentemente, um desses homens – como os do fim do mundo -- que teria seu corpo glorificado, sem passar pela morte, seria Dr. Plínio, que se acreditava ou se fazia crer imortal.

Em Higienópolis!

Plínio está hoje no cemitério da Consolação!

E eles acreditam que está intacto.

Ora, os corpos glorificados são luminosos, imortais, impassíveis, ágeis, e capazes de atravessar a matéria. Por isso esses homens glorificados não morrerão jamais, brilharão, voarão, etc.

Seria este o ser "angelizado"?

Essas teorias a respeito dos seres "*ab aeterno*" e da possível angelização dos membros da TFP servem apenas para acentuar ainda mais o altíssimo conceito que os tefepistas tem de si mesmos, que os leva a se considerarem seres superiores a todos os demais homens, e, quiçá, superiores aos próprios anjos.

Scognamiglio disse que "*Dr. Plínio está acima dos Serafins*".

Disse isto sem ficar vermelho.

Dizia-se na TFP que ele só ficava vermelho, quando dizia a verdade.

Não é natural que este orgulho os leve a desprezar os que não são da TFP?

Eles são os "filhos da luz"; os demais são filhos das trevas. Eles são os angelizados; os outros são os empedernidos e materializados. Eles são a Igreja; os demais são os precitos. Os que

não têm salvação. Porque – vários o dizem – ***"fora do grupo não há salvação"***.

Este orgulho não deixava de ter repercussão e aplicação dentro da própria TFP, onde os eremitas do "S. Bento" e do "Praesto Sum" se julgavam e se comportavam como os eleitos, os que estavam em vias de angelização, desprezando a sabugada que era o resto do grupo, e muito especialmente os que se casavam, pois que, enquanto viviam com suas esposas, ficavam impossibilitados de angelizar-se.

Deste modo, orgulho e desprezo são duas notas constantes, na mentalidade dos seguidores do Profeta de Higienópolis.

## **Capítulo X**

### **Conhecimento angélico intuitivo, não racional**

Sendo anjos PCO e seus sequazes teriam um conhecimento intuitivo próprio dos seres angélicos, um conhecimento a-racional e a-lógico.

*“Ora, o homem pensa através de três operações irreduzíveis: a simples apreensão, o juízo e o raciocínio. Enquanto os hegelianos procuram reduzir as três operações ao raciocínio, o intuicionismo procura reduzir tudo à primeira apreensão. Simplesmente não dispomos de tal apreensão angélica”* (Mário Bruno Sproviero, **A Verdade e a Evidência**, in L. J. Lauanad e Mário Bruno Sproviero, **Verdade e Conhecimento- Tomás de Aquino**, Martins Fontes, São Paulo, 1999, p.100).

É bem conhecida a posição anti intelectual e anti racional da Gnose e do Romantismo.

A mentalidade romântica de Plínio tinha que levá-lo a uma ojeriza da razão, e à defesa de um modo de captação do real – tipicamente romântico --que não fosse intelectual, mas intuitivo, pelas impressões, pelo sentir, como ele dizia, ou através de um sentimento.

Na mesma apostila do **Jour-le-Jour**, que acabamos de citar, Plínio distingue o modo de conhecer do anjo e o modo de conhecer do homem.

*“O anjo é um ser cognoscente voltado sobre si mesmo, de tal maneira que ele não precisa de nenhum objeto externo para conhecer. Ele vê a si mesmo, e, em si, ele vê tudo”* (MNF – **“O processo humano”**, p.79).

Ora, é exatamente assim que Dr. Plínio dizia que conhecia todas as coisas e elaborava todas as suas teorias, isto é, examinando o que ocorria nele mesmo, e não fora dele.

Plínio pretendia ter um modo de conhecer que seria angélico e não humano.

Dr. Plínio não estudava. Ele, recebendo impressões vindas de fora, do mundo, ele via e examinava o que elas produziam em seu espírito, ele notava então o que já havia nele mesmo, as matrizes do ser que existiriam inatas na alma humana-- e, depois, explicitava o que tinha visto em si mesmo, socraticamente.

No máximo, ele utilizava as coisas exteriores como acicates ou despertadores, para explicitar o que ele já tinha, no imo de sua alma.

Como já vimos, foi examinando-se, que ele constatou ser “inerrante”.

Depois disso, seria de espantar saber que, na TFP, se dizia que Dr. Plínio conhecia as coisas ao modo dos anjos? Que seu modo de conhecimento dispensaria as informações dos jornais e dos livros? Ele conheceria as coisas pela “aerologia”.

Para saber, por exemplo, o que pensava a opinião pública do Rio de Janeiro, ele dizia que lhe bastaria dar umas voltas de carro pelas avenidas da “cidade maravilhosa”. Com isto apenas, ele saberia

perfeitamente o que o carioca pensava de Brizola, ou o que seria preciso fazer para acabar com o brizolismo.

Ou, mais ainda, dando umas voltas de carro por Itaquera, lhe seria suficiente para compreender como ia, e para onde ia, a política internacional.

Eta estupendo poder itaqueral!

O conhecimento de Dr. Plínio não seria humano. Seria "aerológico". Seria "trans-esférico". Seria profético. Seria inerrante. Seria o conhecimento do homem inocente.

Nessas condições, não é de surpreender que tenha havido na TFP quem afirmasse que Dr. Plínio era um anjo, ou, pelo menos, a hipóstase de um anjo. E Scognamiglio dizia que Dr. Plínio estava acima dos serafins!

Na Quarta parte deste livro estudaremos mais a fundo a doutrina do conhecimento de Dr. Plínio, para constatar como ela se opõe à doutrina tomista católica.

## Capítulo XI

### **A teoria dos vários universos plinianos.**

Na ladainha de D. Lucília, uma das invocações diz "***Mãe da Trans-Esfera, rogai por nós***".

Como dissemos, nunca nos foi comunicado, nem explicado, o que seria essa misteriosa Trans-esfera. Como também nunca nos explicaram o que seria o "Trans-tema", que, segundo A.B.A. "*poderia ser explorado como sendo algo com relações com a gnose*". Só agora, com a publicação da obra **A Inocência Primeva e a Contemplação**

**Sacral do Universo**, é que pudemos conhecer fielmente impressa a doutrina esotérica de PCO sobre a Trans-Esfera.

Os militantes e eremitas que saíram conosco da TFP ouviram João Scognamiglio explicar – bem mal--o que era a Trans-esfera nas reuniões do “**Jour-le-Jour**”, no Praesto Sum.

Na concepção pliniana, não existiria apenas o nosso universo.

O que é estranho porque universo só pode ser um só. No Credo se diz: “*Creio em um só Deus, Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis*”.

Em vários sistemas gnósticos se concebem vários mundos entre a Divindade e a natureza material.

Diziam eles que era preciso preencher o intervalo entre a Divindade e o mundo material.

Ora, Dr. Plnio dizia e Scognamiglio – fiel intérprete dos desígnios do Profeta – teria explicado que, segundo Dr. Plínio, haveria, em ordem ascendente as seguintes esferas de ser:

- a) – A sub-esfera, dos demônios;
- b) - A esfera humana;
- c) - A esfera angélica;
- d) - A Trans-esfera (talvez a dos seres *ab aeterno*, ‘*chi lo sa*’);
- e) - A esfera divina.

Noutra oportunidade, falando a um grupo mais fechado, Scognamiglio dizia que podia falar sem receio... Abramos pois os ouvidos para ouvir...

Scognamiglio disse, então, a seus sequazes na seita secreta a Sempre Viva que haveria três universos...

“*Deus criou todo o universo. Além de criar o universo, Ele ainda cria sobre o universo natural, o sobrenatural. Sobre o universo sobrenatural, Ele ainda cria o universo da união hipostática, o que é algo de cair de costas de grandioso, é magnificissimo*” (J. Scognamiglio, Jantar em 3 de Maio de 1998, p. 3).

Há que se observar que Scognamiglio jamais estudou Filosofia, Teologia, Direito ou qualquer outra coisa senão o MNF do Profeta. Mas mesmo sendo ele um ignorante, ele deveria conhecer pelo menos o catecismo. Como pode ele dizer que “*Deus ainda cria*”?

Deus criou todas as coisas de uma só vez.

Não há disjunção de um “*universo sobrenatural*” criado sobre um universo natural.

A graça sobrenatural foi concedida aos anjos e aos homens que pertencem ao único universo criado por Deus.

E não existiu um outro universo da união hipostática. O Verbo se encarnou num homem, no seio da Virgem Maria que pertencia ao único universo criado por Deus. Se houvesse um universo da união hipostática distinto de nosso universo, Cristo não seria homem como nós e não teríamos sido redimidos

Essa separação de três universos criados um sobre os outros é um absurdo que jamais pertenceu – e nunca poderia pertencer – à doutrina católica.

Mas na Cabala, que é a Gnose judaica, assim como no Shiismo, Gnose do Islam, se fala de várias esferas que a partícula divina, caíndo do plérroma na materialidade deste mundo, teve que atravessar. E no Grande Retorno do éon divino, após a morte e libertação da partícula divina presa no homem, o éon tem que atravessar várias esferas guardadas por arcontes, e só conhecendo certos sinais e senhas pode atravessar todas as esferas completando sua libertação e retornando ao plérroma divino.

Explicava ainda o imã Scognamiglio que, para Dr, Plínio, qualquer ação que fosse feita por um homem, neste mundo, teria repercussões nas demais esferas. Assim, se se cometessem pecados em um lugar, se atrairia para esse lugar uma influência da sub-esfera demoníaca. Por outro lado, toda ação boa teria repercussões nas esferas angélica e na "trans-esfera".

Ora, na Gnose shiita se ensina o mesmo: toda ação na esfera humana repercute e atua em todas as demais esferas inclusive na divina.

Agora sabemos que não foi só isso que PCO revelou.

Certo é que João Scognamiglio deu essas explicações aos eremitas e militantes no Praesto Sum, para formá-los no espírito do Profeta. E sua autoridade como fiel expositor do pensamento e do espírito de Dr. Plínio eram totais na TFP.

Tomemos, pois, esses ensinamentos como foram dados por J. Scognamiglio.

Agora, mesmo com essas revelações scognamiglianas fica difícil de entender como Dona Lucília poderia ser "*Mãe da Trans-Esfera*" como se rezava na ladaíinha de Dona Lucília, oficialmente composta por dois eremitas comparsas de Scognamiglio. Que falou pela boca deles, assim como PCO falava pela boca de Scognamiglio. Portanto, o verdadeiro autor da ladaíinha de Dona Lucília deve ter sido o próprio filho dela: Dr. Plínio.

Tomando, pois, as exposições de Scognamiglio como fiéis e verazes – E como é difícil de fazer isso !!! -- não podemos deixar de notar uma clara semelhança com as teorias do teósofo romântico Franz Von Baader.

Para esse teósofo romântico alemão, cabalista e seguidor da Gnose de Jacob Boehme, existiriam, em ordem ascendentes as seguintes esferas:

- a) - a esfera diabólica, resultante da queda de Lúcifer;
- b) - a atual esfera material humana, resultante do pecado original;

- c) - a esfera angélica;
  - d) - a esfera primitiva do homem em que havia uma matéria espiritual;
  - e) - a esfera divina;
- (cfr. E. Susini, "**Franz Von Baader et le Romantisme Mystique**", vol. II, pp. 283-311).

E Von Baader afirmou que o mundo, tal qual ele se nos apresenta é um mundo decaído, e que a vida temporal é má em si mesma, e corrompida. E dizia "**o visível não é o verdadeiro, e o verdadeiro não é o visível**" (cfr. Franz Von Baader apud E. Susini ob cit vol I, p. 275).

E como isso cheira às doutrinas gnósticas sonhadas por Plínio. Entretanto, Von Baader considerava que o homem atuando no mundo visível, fazia, ao mesmo tempo, algo no mundo invisível, ou esfera superior.

Era como se o homem, ao agir, movesse o ponteiro de um pantógrafo na esfera humana, ou esfera visível, mas, ao mesmo tempo, fizesse o braço maior do pantógrafo desenhar a mesma coisa, em escala maior, numa esfera superior (cfr. E. Susini ob cit, vol II, p. 288).

É inegável que estas idéias parecem com o que ouvimos Dr. Plínio dizer na TFP.

## Capítulo XII

### Substituição das Causas Segundas pelo Preternatural

Um membro da TFP, inteiramente entrosado e embebido das idéias e da mentalidade do Profeta, manifesta, no dia a dia, uma curiosa obnubilação a respeito da atuação das causas segundas.

Qualquer coisa que ocorra de bom seria feita diretamente por Deus. Tudo o que acontece de ruim e de errado seria resultado da ação direta do demônio.

Assim, se um tefepista faz uma viagem, e a estrada é esburacada, se um pneu fura, é o demônio que está metendo a pata para prejudicar a TFP. Se um gravador emperra, é o capeta que está agindo para que não se ouça uma palestra do Sr. Dr. Plínio, e, para combater a ação diabólica, se joga água benta sobre o aparelho. Um membro da TFP se casa e morre pouco depois: foi castigo por sua apostasia. Se ele sai do grupo e ganha na loteria: é o demônio que o está comprando.

Por outro lado, se há um crepúsculo luminoso e colorido, é D. Lucília que está se manifestando. Se alguém julga ter visto nuvens em forma de "L" sobre o cemitério da Consolação, é um sinal de que Deus quer aprovar a devoção a D. Lucília. Se um raio cai num túmulo

próximo ao da mãe de Dr. Plínio, foi proteção do céu, porque *"quem está junto dela nada sofrerá"*.

E foi um príncipe que nos contou isso.

O que comprova que príncipes podem dizer tolices e serem contaminados por mentalidade herética e sectária.

Em tudo, na TFP, se tende a ver manifestações sobre, ou preter-naturais.

Cai um cetro de uma imagem de N. Senhora, é sinal de que Ela está entregando seu poder à TFP. Um membro da TFP vai a um restaurante e lá, ao comer, fura o céu da boca. Depois, vai ao médico e se constata que o ferimento é um câncer que aflorou e a pessoa vai morrer dessa doença. Foi maldição divina. E outro membro do grupo, passando em frente a esse restaurante, comenta: "Que castigo!". Como se a pessoa tivesse morrido de câncer na boca por ter tido o "mundanismo" de ir ao restaurante.

E se há lugar que os tefepistas frequentam, quase mais que as Igrejas, são os bons restaurantes. Dr. Plínio lhes deu o exemplo.

Tais atitudes se assemelham às de Lutero que em tudo – nas moscas, macacos, papagaios, raios e ventos – via manifestações do demônio.

Os membros da TFP estão sempre atentos – como os protestantes pietistas, que deram origem ao Romantismo – aos "sinais", que manifestariam constantemente a vontade de Deus. Neste sentido, a própria história, em todos os menores fatos, seria uma revelação contínua de divindade. Tanto J. Scognamiglio quanto Átila ensinaram que Deus se manifesta e se revela na História, o que é uma idéia típica do idealismo e do romantismo. Repetida pelo Vaticano II. São os "sinais dos tempos", que todo modernista julga saber interpretar, numa espécie de meteorologia teológica.

Estes casos que contamos acima foram reais. Nós mesmos os ouvimos contar lá dentro.

Especialmente, os membros da TFP se voltam para os "sinais" e profecias de Bagarre, grande castigo que Dr. Plínio foi profetizando e adiando, ano após ano, e que viria acabar com o mal do mundo, eliminar a cafeína do café, a geração humana através do sexo, e mil outras coisas mais.

Qualquer inundação no Blangadesh, --e como há inundações no Blagadesh! Até parece a marginal do Tietê! -- qualquer terremoto no Japão, no Haiti ou no Chile, um buraco na Flórida, um furacão nos Estados Unidos, uma aurora boreal no Canadá, clamava-se: *"É a Bagarre"*.

Contavam-se os mortos em catástrofes naturais ou em acidentes com uma certa volúpia: quanto maior fosse o número de vítimas, mais próxima estaria a Bagarre.

*"No espaço de dez ou doze anos, vimos e ouvimos tais ventos e tais rugidos que achamos difícil acreditar que dantes uma época tenha ouvido ventos tão grandes e tão numerosos, pois nosso tempo vê o sol e a lua perderem seu brilho, as estrelas caírem, e os homens*

*ficarem angustiados, os grandes ventos e as águas rugirem. Tudo se acumula”.*

Quando Dr. Plínio disse isso?

Nunca.

Parece frase dele, mas não é.

Não se pense que esta frase é de Dr. Plínio, o profeta de Higienópolis.

Parece, mas não é.

É de Lutero, o profeta de Wittemberg (cfr. **“Pecado e Culpa no Ocidente”**, artigo de Gilles Lapouge – Suplemento dominical de **O Estado de São Paulo**, N<sup>o</sup> 196, ano 3 de 11/03/1984 p. 3, 2<sup>a</sup> coluna).

O que criticamos na TFP não é a afirmação de que Deus e o demônio possam atuar nos fatos concretos, e na História, pois isto é católico. Errada é a tendência a exagerar, vendo, em tudo e sempre, atuações sobrenaturais ou preter-naturais. Consideramos completamente exagerada – e tudo o que é exagerado é também errado-- a concepção de que Deus e o demônio estão constante, continua e diretamente agindo nos fatos, de tal modo que se tende a diminuir a importância, e até, por vezes, a negar a ação das causas segundas, ou pelo menos a deixarem-nas à sombra. No caso à sombra de Lúcifer.

Em concreto, isto provoca a formação de uma mentalidade de tendência dualista.

## Capítulo XIII

### A Bagarre

#### **1- Bagarre, Reino de Maria e espírito quiliástico**

Estamos num fim de uma época histórica e todos se dão conta disso. Não há quem não veja que nos aproximamos de uma crise apocalíptica, quer ela venha sob a forma de guerra atômica ou nuclear, quer por vitória (muito temporária) do comunismo, quer por derrocada completa das instituições, instaurando-se a selvageria universal. A própria Igreja está numa crise jamais vista. Parece que até *"as potências do céu foram abaladas"*.

Muitos até, -- pessimistas — falam em Fim dos Tempos, ou pelo menos em Anti Cristo. Os sede vacantistas não estão longe dessa tentação.

Houve outras épocas com crises terrivelmente semelhantes à nossa: a derrocada do império romano no século V, a desintegração do mundo medieval no século XIV, a era da Reforma. Hoje, porém, a crise é mais universal e mais profunda do que em qualquer outra época. A crise é tão terrível que alguns, como João Paulo II, temem pela sobrevivência da humanidade e da civilização.

Há quem fale no Anti-Cristo. Nossa Senhora em Fátima não fala em fim da humanidade. A Rainha do Céu e da Terra fala num terrível castigo no qual haverá o aniquilamento de nações inteiras. Fala em sofrimentos para os bons e que "o Santo Padre terá muito que sofrer".

Qual Santo Padre?

Jacinta, uma das videntes de Fátima, viu uma multidão atacando o Vaticano, e dentro um Papa chorando e rezando. Tal ainda não se deu.

Das revelações de Fátima, a Igreja mantém, guardado a 7 chaves, o chamado Terceiro Segredo do qual foi publicada apenas a visão tida pelas três crianças videntes, mas não a explicação da visão dada por Nossa Senhora.

No final de sua mensagem, Nossa Senhora prometeu: "*Por fim, meu Imaculado Coração triunfará, e será dado ao mundo algum tempo de paz*". Ela garantiu ainda que "*a Fé se manteria em Portugal*" e que "*O Papa consagrará a Rússia a meu Imaculado Coração e a Rússia se converterá*".

É evidente, pois, que o castigo anunciado em Fátima aniquilará apenas uma parte da humanidade, mas que, assim como a Rússia e Portugal, outras nações poderão sobreviver.

Tudo indica que haverá uma guerra aniquiladora, possivelmente atômica.

Caso o Comunismo da Rússia triunfasse – portanto, o marxismo – seria difícil compreender a prometida conversão da Rússia.

Uma derrota calamitosa ajudará a convertê-la?

É possível.

Tudo isto está envolto em mistérios que a Providência Divina não permite aos olhos humanos sondar até o fim.

Nós cremos em Fátima. Cremos que haverá um grande castigo. Cremos que esse triunfo de Nossa Senhora dará ao mundo "algum tempo de paz", isto é, de tranqüilidade na ordem.

Mas não cremos que esse Triunfo do Imaculado Coração de Nossa Senhora se dê tal como Dr. Plínio dizia com uma transformação da própria natureza, e da natureza do homem.

\* \* \*

Antes de tudo, convém salientar que é natural que um grupo perseguido e muito fechado, vivendo num verdadeiro gueto, acabe caindo em expectativas místico-messiânicas, quando ele deixa de se ancorar firmemente na Fé Católica.

Foi o que aconteceu com inúmeros grupos e seitas de caráter místico. Coisa desse tipo ocorreu na TFP, e fez seus membros deslizarem lentamente para um sectarismo realmente delirante.

Evidentemente, neste deslizamento, teve papel primordial o processo místico-psicológico que se deu em Dr. Plínio, e que o levou da posição adotada em público de líder católico "ultramontano", à pretensão de ser um profeta chamado a fundar o Reino de Maria de que falava S. Luis de Montfort.

Não julgamos sem importância no processo interior de Dr. Plínio, suas tendências místicas, mal influenciadas por deformações de educação, e por crenças de baixo valor religioso, tais como as provenientes das Visões gnósticas de Anna Katharina Emmerick, que fala de uma futura época feliz da humanidade e da Igreja, renovadas.

Já vimos que na TFP se vivia na expectativa escatológica e apocalíptica, de um grande castigo prometido em Fátima, e que, na gíria do grupo se chamou de Bagarre.

Cronologicamente, na TFP, se acreditava que haveria uma Grande Conversão geral, o "Grand Retour"; a Bagarre; a glorificação de Dr. Plínio e de D. Lucília; a instauração do Reino de Maria.

Vejamos o que se dizia – o que sabemos que se dizia – nos círculos discretos da TFP a respeito desses eventos futuros.

## **2- O "Grand Retour"**

Essa expressão "**Le Grand Retour**" (O Grande Retorno) fora usada em certos movimentos esotéricos, no sentido de um retorno da humanidade a um estado original divino.

Conforme uma versão que se ensinava na TFP, os membros do grupo tinham a vocação de fundar uma nova Idade Média, super esplendorosa, que seria o Reino de Maria. Ora, natural e sobrenaturalmente falando, eles não tinham as capacidades e as virtudes que os habilitassem a tanto. Deus então proveria as suas deficiências por um derrame extraordinário de graças, para que eles se tornassem dignos e capazes de fundar uma nova civilização. Seria como que um novo Pentecostes que os transformaria – e ACE fala dele (cfr. ACE – Visiones y Revelaciones Completas, vol. I, p.584, 621 – 622, Ed. Guadalupe e Buenos Aires, 1953). Esse "retorno" daria aos membros da Sempre Viva, além de graças sobrenaturais extraordinárias, dons de fazer milagres portentosos, valores naturais. Fala-se, na TFP, que a própria natureza recuperaria propriedades que teve no Paraíso. (Testemunho do eremita do Êremo de São Bento, D. J. P.). E ACE também afirmava que um novo Pentecostes traria efeitos na própria natureza (ACE - *ob cit*, vol I, p. 584).

Tais graças e favores – explicava-nos o escravo Plínio Eliseu (Plínio Xavier V. da S., em tempos idos, vividos e sofridos – não seriam dados apenas aos membros do grupo. Muitas pessoas receberiam graças extraordinárias e se converteriam, podendo se constituir assim na base do "Reino de Maria".

Não tivemos idéia de perguntar, então, a Plínio Xavier por quê e como tal distribuição de graças e favores do Céu seria um "Retour". Que ele seria "Grand" era fácil de entender. Mas por que "Retour" ? Não tivemos idéia de perguntar, porque, nesse tempo, confiávamos, aceitávamos, não analisávamos o que ele nos dizia.

Recentemente, alguns de nossos alunos, que conosco saíram da TFP, e que foram nela mais entrosados, contaram-nos que a expressão "Grand Retour" teria "algo mais" que Plínio Xavier, ou não sabia, ou não nos quis comunicar.

"Grand Retour" seria, sim, uma graça especial concedida pouco antes da Bagarre, que faria as pessoas retornarem à "inocência primeva", isto é, ao mesmo estado de inocência em que Dr. Plínio

julga que já estaria hoje, e que lhe permitiria, segundo ele dizia, ter um domínio completo da natureza, e uma comunicação mais fácil com o bem.

Seria, aliás, isto o que se pediria na chamada Oração da Restauração, que Dr. Plínio compusera no Restaurante Giordano, numa roda grande de gente muito pouco piedosa, *"enquanto Dr. Plínio comia uma pizza"*: que se restaurasse a "inocência primeira". É o que se pede a Nossa Senhora (ou a D. Lucilia?) na citada Oração da Restauração, nome tipicamente martinista. Tanto que não se sabe bem a quem essa oração era dirigida, porque quer Dr. Plínio, quer Scognamiglio rezavam essa oração, em público, voltados para o quadrinho de D. Lucilia.

Parece-nos, pois, que a explicação dada por nossos alunos à expressão "Grand Retour" se enquadra melhor com o estranho conceito de inocência que Dr. Plínio tem de si mesmo e com toda a concepção (que se verá, logo mais adiante) de Reino de Maria, dada pelo profeta de Higienópolis.

### **3-Fugindo da história: a Bagarre**

Por "Bagarre" se entendia na TFP, um grande castigo que a TFP procurava identificar com o que fora predito por Nossa Senhora de Fátima. O termo francês significa briga, querela de rua. Por extensão, confusão.

Vejamos o próprio Dr. Plínio explicar o que seria a tal Bagarre:

#### *"A - O que entendemos por Bagarre*

[Pergunta] *(O Sr. poderia explicitar melhor o que o Sr. entende por Bagarre e Grand Retour ? )*

*"[Bagarre é uma palavra francesa que significa tumulto, confusão, rixa, motim. Nós, muito brasileiramente, a tomamos num sentido figurado próprio para designar o que julgamos que serão os prováveis castigos preditos por Nossa Senhora em Fátima para o mundo pecador]*

#### *"a - Bagarre: a grande destruição da obra da Revolução*

*"A Bagarre, substancialmente, deverá ser uma grande destruição. A destruição da obra da Revolução, o que equivale dizer, de toda a sociedade humana que ela elaborou, dos homens que a lideraram e da obra material que ela marcou com o seu espírito.*

*"Essa destruição suporia a convergência de vários cataclismas; uma crise interna que destrua, por obra dos maus, essa obra em conjunto; um morticínio tremendo, guerras, guerrilhas, vinganças*

*particulares e, possivelmente, epidemias, catástrofes cósmicas e termonucleares.*

*"b - Provavelmente com uma intervenção sensível e oficial de demônios, com efeitos misteriosos e imprevisíveis*

*"E tenho a impressão, embora não possa garantir, de que vai haver uma intervenção direta do demônio, sensível e oficial na vida da Humanidade, mal se disfarçando, e com efeitos também imprevisíveis e misteriosos, pois quem nesta base pode prever qualquer coisa? Mas eu acho que sem isso não vai. Por exemplo, na liquidação final, tenho a impressão de que se vai ver demônios levando gente uivando para dentro do inferno. Embora não possa afirmar isso, eu digo, entretanto, que seria arquitetônico, razoável, e nada mais" (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, nº 5, A, p. 68 . ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).*

Na TFP esperava-se esse castigo como uma libertação messiânica transformante da realidade do mundo. E isso nada tem a ver com a profecia de Fátima.

Já dissemos como, na TFP, qualquer cataclismo natural, qualquer pequena inundação era vista como "A Bagarre" que estava chegando. Vejam-se agora dois textos de Dr. Plínio sobre sinais de Bagarre: a situação do Brasil [em código, Holanda] e a neblina do Caminho do Mar.

#### 1º - **A situação do Brasil:**

É Scognamiglio quem conta o que PCO pensava e dizia:

*"E então disseram que a maior prova da vinda da Bagarre estava não nos fatos que ele [Dr. Plínio] comentou, mas na indignação que ele manifestou na reunião. Pois ele fazia cada comentário da situação da Holanda, [Holanda, nome código para designar o Brasil] e se indignava de ver como é que querem jogar a Holanda [Brasil] num caos e sem razão nenhuma. O caos pelo caos e sem argumentação nenhuma. (...)*

*E ele ainda dizia numa reunião, que estamos tocando com as mão as águas da B. [Bagarre] e agora ele comentava: eu em outra ocasião da História da Hol. [Brasil] em que foi muito séria, eu analisei, e não digo hoje, mas eu sinto que a B está começando. Não é mais colocar os dedos na B [Bagarre] portanto." (o sublinhado é do texto).*

Tais frases são do "**Jour-le-jour**" de 26/06/1983, repetindo um "Santo do Dia" de Sábado.

Em 1982 já, a Bagarre estava começando. E até agora nada do apocalíptico anunciado aconteceu.

## 2° - A neblina do Caminho do Mar e a proximidade da Bagarre:

*"Ele [Dr. Plínio] contou que naquele dia tinha ido fazer as orações na estrada velha de Santos, 'e me fez lembrar os velhos tempos que eu ia a S. [Santos] de carro. Só que hoje tudo mudado, tem agora uma represa que no tempo não havia, com terra aparecendo, varas espetadas, represa horrorosa. Depois um castelinho que no meu tempo era um restaurante com comidas importadas, licores, caviar, etc , e eu era entusiasta das paradas neste restaurante. [É sempre o mesmo Dr. Sofrimento. Que vida crucificada, meu Deus!] Pois eu me cansava muito na viagem. Hoje este restaurante está abandonado e nem se dava pra ver o mirante da cidade de S [Santos]. por causa da neblina. E de tudo isso eu tirei uma conclusão da proximidade da B. [Bagarre] tudo dá errado. Só dá certo combater o erro, isso é a única coisa que dá certo, o resto dá sempre errado" (Jour le jour. Cartas recebidas de S. Paulo nos USA, 14/2/1983).*

Decididamente, o Profeta estava em seus dias pessimistas. Copiamos esse texto para que não se nos acuse de forçar a nota: represa horrorosa + falta de caviar + restaurante fechado + neblina que impedia de ver Santos do alto do mirante da serra = proximidade da Bagarre.

Lógico!

É assim que são formados os jovens da TFP.

E agora os dos Arautos.

O ET [Extra Terrestre, personagem de um filme que PCO fez toda a TFP assistir] também foi outro sinal próximo de Bagarre. Durante a Bagarre haveria um ET em cada esquina, vindo diretamente do inferno, num disco voador, para ser adorado pelas multidões satanistas.

Vejamos agora como o Dr. Plínio imagina a Bagarre.

*"No MNF de 5° feira comentava-se [sic] os castigos da B. [Bagarre] e a cólera de Deus na B. 'Imagem uma Sra. muito bonita, muito bela, formosa mas que de repente fica um elefante. O peso das gorduras são [sic] tais que ela tem que andar se arrastando pelas paredes. [?] Mas não é uma feiura só externa, mas um reflexo da feiura da alma dela. É um horror diferente do que o da pancada, do fogo, é um horror inteiro.*

[Parece pois que além dos castigos físicos – pancada, fogo – haveria uma transformação física dos corpos dos maus, refletindo a maldade de suas almas].

*"Imagem um outro exemplo. Um homem que vai dormir, e que no dia seguinte acorda e se sente uma aranha. Braços peludos,*

pernas peludas e pretas. É a exteriorização do defeito moral, e todos notam.

"É assim que eu imagino a B.

"Então a humanidade vai piorando cada vez mais, até chegar a um alge [sic] que Deus vem e dá um ultimatum. Põe a humanidade entre a faca e a parede, e uma última possibilidade de conversão.

"Os que recusam a conversão, neles se dariam a transformação externa, [sic] e se endureceriam no pecado.

"Então seriam pragas sucessivas, à maneira das pragas do Egito. E os maus transformados desta maneira, ostentariam a feiura e diriam: "Assim é que se é".

"E os bons que no ultimatum aceitaram a conversão, terão que ter oposição aos maus e o detestarem [sic] E no detestar o mau [sic] externados nos corpos horrorosos deles, os bons vão se alcandorando, se purificando, vão ficando mais belos exteriormente.

"Os maus diram [sic] que a feiura deles é um fato consumado e não reconheceram o castigo" (**Jour le jour. Cartas de S. Paulo 12/06/1983** – o sublinhado e os erros de digitação e de gramática são do original).

Há nesse texto explicitamente a afirmação de que a Bagarre acarretará uma modificação física nos bons e nos maus, uma como que metamorfose. Não está dito, mas parece implícita a idéia de que haverá uma modificação na própria natureza humana, e que os bons no Reino de Maria, além de belos e formosos, possuirão um corpo "alcandorado" e "purificado".

E Dr. Plínio afirmou que, no Reino de Maria, devido à excelência da graça, o corpo humano terá propriedades que hoje nem imaginamos. "Não seria de surpreender que estas propriedades que Adão tinha no Paraíso Terrestre, a telepatia ..."

E Dr. Plínio, o homem que pensava ter a inocência primeva adâmica, contava que, quando era pequeno teve vários casos de telepatia, vendo fatos ocorrendo a uma distância enorme de onde ele estava. (Cfr. PCO, **Notas Autobiográficas**, vol., I, pp. ).

Para nós, isto é sonho romântico quiliástico, e delírio.

O castigo que Nossa Senhora previu em Fátima não transformará a natureza. Não tornará os corpos dos bons gloriosos, nem os dos maus horrorosos, como ocorrerá após a ressurreição da Carne, no fim do mundo. Dr. Plínio transpõe para a Bagarre o que ocorrerá após a ressurreição dos mortos. O Reino de Maria dele, será pois o equivalente da eternidade na terra. E isso não é católico.

Alguém pergunta a Dr. Plínio: "Como o Sr. imaginara [sic] na última guerra da BG [Bagarre] a cor da nuvem?".

[É uma pergunta que alude a D. Lucília que gostava da cor lilás]

Ao responder a essa pergunta meteorológica, Dr. Plínio afirmou que se poderia imaginar a bagarre como o fim do mundo. Falou então da ressurreição dos corpos, com uma ressalva que lhe era cara *"só não estaram [sic] ressurectos os últimos justos, que estes não vão morrer. Portanto não vão ressuscitar, vão passar a ser corpos gloriosos no momento que forem levados ao céu.*

*"Vocês podem imaginar a alegria se um ente que entra no seu próprio cadáver ressurecto. Vocês podem imaginar a alegria maior de um que não morreu, e que percebe que virou glorioso de uma hora para outra. É uma alegria, que só maior do que esta é ver Deus face a face"* (**Jour le jour Palavrinha para os hispanos**, 26-I-83, 4º feira).

Estas palavras preparavam o público para a idéia de *"glorificação de Dr. Plínio"*. Porque, se ele é imortal, é claro que com ele se dará isso: de repente ele terá seu corpo glorificado. Por que então isso não se dará na própria Bagarre?

E prossegue o imortal Profeta de Higienópolis:

*"Bem, também, como é que a gente pode imaginar as últimas luzes e as últimas cores da BG? É uma pergunta que a gente pode fazer [Qualquer pergunta se pode fazer, ainda que estapafúrdia].*

*"A gente pode imaginar dois modos. Uma desordem sobre a terra, uma coisa medonha, de tal maneira que por exemplo, haja nuvens de lama no céu, gotejando imundise [sic] sobre a terra. E a terra aberta em crateras, donde aparecem materias imundas, de todos os lados e os injustos, os que estão sendo punidos e castigados com pavor da morte, fugindo de todos os lados, sabendo que se forem atingidos pela morte podem cair no inferno. Eles não se arrependem e não querem cair no inferno, estão dando pulos, empurrando outros para não cair ele etc etc.*

*"Voces podem imaginar também todos paralizados pelo terror diante de uma tempestade de feras e pássaros que caem em cima deles. Crupúsculo [sic] pavorosos, cores de incendio, cores de sangue, dominando o panorama. Pode-se imaginar tudo isto muito razoavelmente. - É uma coisa que pode bem ser, não é verdade"* [É de aterrorizar qualquer enjolas [novato da TFP].

*"Pode-se imaginar pelo meio, de repente num ponto radioso um anjo, brandindo uma espada. E que faz sinal para outros virem também. Veem aquele corte de anjos começa a ceifar e a desipar [sic] E eles com um pavor dos anjos. O pavor que o criminoso tem do policial. Pode-se imaginar. São alguns aspectos possíveis da BG."* (**Jour le jour Palavrinha para os hispanos**, 26-I-83, 4º feira).

Que Deus tenha misericórdia dos pobres hispanos que ouviam isso, de nós que lemos esse texto, e também do datilógrafo do

"**Jour-le-jour**" do "Profeta", porque, se Deus punir os erros de gramática e de datilografia dele, cremos que ele terá muito a pagar. Lá iria ele para as "profundas" com uma gramática portuguesa do Mobral na mão, vendo o Dr. Plínio, João Scognamiglio e os demais eremitas alcandorados, purificados, angelizados, entrando no Reino de Maria...

E, na Bagarre, correrão algum perigo Dr. Plínio e seus discípulos?

Parece que não, pois tudo se passará como num filme, com "*happy-end*" garantido para os "mocinhos" do filme.

*"Bem, agora a BG como é que vai ser, mostrar a majestade de Deus [Atenção! É o Profeta quem fala].*

*"É uns castigos longos e ordenados, [sic] ou em determinado momento explodindo, de maneira que tudo que é sinédrio maldito estoure, se mostre. E nós vejamos dos antros mais secretos e poderosos (...), os homens saírem como uns potros, e com as mãos para baixo e os pés para cima, atormentados, enquanto [ah! datilógrafo amobralado!] nos vemos [sic] passar e nós estamos em paz. E eles tentam [sic!] avançar contra nós, e chegam pertinho e não podem, e vem a morte e eles se delaceram [sic] e se transformam em bolhas asquerosas, que se escorre [sic] pelo chão. Quer dizer eu acho que esta é a BG mais terrível. E que a majestade de Deus se manifesta na infâmia suprema em que eles ficam. não sei se estar [sic] "* (**Jour le jour, Conversa de sábado à noite, 22-I-83**).

Assim, Dr. Plínio imagina a Bagarre. Hoje. Datilográfica e gramaticamente – e mentalmente-- não há dúvida: ela já se instalara na TFP.

Outrora, PCO falava em guerras, lutas, isolamento dos membros do grupo, perseguições. E prevenia que não se imaginasse a "Bagarre", como se devêssemos ficar, num camarote, assistindo os demônios levarem os maus, vivos, para o inferno. Era uma concepção mais realista. Depois, a imaginação dele se tornou mais romântica, cada vez mais cinematográfica.

Os inimigos chegariam bem pertinho, mas não alcançariam os bravos alcandorados tefepistas!

Onde estaria Dr. Plínio durante a Bagarre?

Em vários lugares. Pois ele dizia que então ele gozaria do dom da ubiqüidade, aparecendo real e fisicamente junto a todos os seus filhos nos lugares mais diferentes do mundo, para protegê-los, já que eles se dispersariam para obedecê-lo.

Mas onde estaria ele, de fato, isto é, não miraculosamente? Esperava-se que conforme ele mesmo dissera, que provavelmente ele

estaria no Tibé, na montanha dos Profetas, junto com Santo Elias, como conta Anna Katharina Emmerik. E Átila - o escravo Plínio Márcio da Sempre Viva- considerava que essa era uma hipótese admissível e não descabelada (Cfr. Átila Sinke Guimarães, **Refutação a um Investida Frustra** – vol I - PP. 368-369).

#### **4- A instauração do Reino de Maria**

Destruídos os maus, finda a Bagarre, instaurar-se-ia o Reino de Maria. Dar-se-ia então a "*glorificação*" de Dr. Plínio e de D. Lucília.

Que significa aí "*glorificação*"?

Eis um termo analógico que permite a Dr. Plínio brincar de esconde-esconde no matagal das analogias.

Glorificação significaria o reconhecimento de sua santidade assim como a de D. Lucília? Ou significaria a transformação de seu corpo em corpo glorioso?

É certo que se acredita - graças às revelações de Nossa Senhora do Olvido - que muitos homens ressuscitarão na Bagarre. Se isto é assim, D. Lucília tem que ser uma das pessoas que vai ressuscitar. Na TFP enjolrática [dos novatos mais fanatizados por Scognamiglio], isto é tido como absolutamente certo, e duvidar disso é prova de ser "*fumaça*", "*sabugo*" e "*inimica vis*". Só os "fedelianos" não acreditam nisso. E os fedelianos eram tidos como precitos condenados ao inferno em vida.

Portanto, D. Lucília ressuscitaria e seria glorificada. Dr. Plínio, porque é imortal, jamais ressuscitaria. Seria glorificado de repente, mesmo em vida.

Havia quem pensasse, dissesse e propagasse que a glorificação de Dr. Plínio e D. Lucília teria ainda outro sentido.

Haveria uma cerimônia para fundar o Reino de Maria, cerimônia da qual o próprio Cristo e a Virgem Maria participariam, vindos do céu expressamente para glorificar o Profeta [Dr. Plínio].

Será preciso alertar o leitor para essa loucura que contraria o dogma de que Cristo virá apenas no fim do mundo, para julgar os vivos e os mortos?

Para os membros da nova TFP scognamigliana, porém, isto é um detalhe secundário, uma objeção "plock-plock", de gente que lê. Que lê livros grossos de Teologia. Uns "canecas-amassadas". Scognamiglio não lê. O Profeta não deixa que ele leia, e não gosta que se leia, ou que se estude

Para a imaginação dos enjolras, a cerimônia inaugural do Reino de Maria consistirá numa procissão ou cortejo, formado - é evidente - pelos eremitas de São Bento e do Praesto Sum, cantando o "Lève-Toi", hino exaltador da glória de Plínio, em cuja letra se exige

que aqueles que ofenderam Dr. Plínio - a Igreja e o Estado - lambam o chão diante dele.

*"Et les deux pouvoirs léchant la terre,  
Acclament le grand vainqueur de cette guerre".*

Sobre o cortejo de eremitas, certamente, esvoaçarão anjos.  
Dr. Plínio, D. Lucília virão depois dos eremitas marchando, de hábito. Todo mundo olhando...

E, finalmente, virão Nossa Senhora e Jesus Cristo.

Em dado momento, pára o cortejo, e Cristo proclama Dr. Plínio, profeta de Nossa Senhora, Varão da Dextra de Maria. E Dr. Plínio então declara fundado o Reino de Maria.

Todo mundo - alcandorado e purificado - grita óh! fe-no-me-nal. E o novo Papa - que ficou um tanto de lado - vem se prostrar diante do Profeta e etc. (O etc significava lambar o chão).

Oh! Noooooossa!

Um sucesso...

Um delírio.

Qual é a fonte desse delírio enjolrático? Veja-se este texto de Dr. Plínio:

*"Então sim, a gente possa imaginar a primeira posição [sic] do RM [Reino de Maria], meio posição [procissão], meio desfile temporal, com todos os justos que se salvaram e que aclamam o Reino d'Ela, e que proclamam a Vitória d'Ela, com pontífice santo, um grande monarca, um novo Carlos Magno, [Reminiscências de Joaquim de Fiore] aí a gente tem a impressão de anjos pouco mais ou menos visíveis, esvoaçando de todos os lados, e todo mundo com a sensação de estar vendo Nossa Senhora. Aí eu nem sei o que dizer."* (**Jour le jour - conversa de sábado à noite**, 22-01-83).

Realmente, parece que ele não sabia o que dizia.

## **5- O Reino de Maria**

Como advirá esse Reino?

O próprio Dr. Plínio hesitava, ora dizendo que viria repentinamente, ora gradualmente.

*"Audete quod dixit Propheta...":*

*"Imagem que fosse dado a alguém - e este alguém está aqui nesta sala, este alguém constitui as 15 congr. (Exclamações) [congregações, isto é, as 15 TFPs, Dr. Plínio é as 15 TFPs. Ele, e só ele] - fosse dado a alguém, não descobrir um continente nesta terra, mas fazer assim com a mão pelos ares, e fazer com que tomasse figura o mais belo dos continentes que jamais existiu (Exclamações).*

*A considerável altura da terra, belo como o Paraíso [que cheiro de Anna Katharina Emmerick, ob cit. vol. II, pgs. 14 e 28] ordenado e santo como um santuário e uma catedral, forte como uma fortaleza, atraente como um pedaço do Céu. Era só fazer este gesto num momento de piedade, num momento de coragem. Sabendo que fazendo este gesto, podia até expor a vida, mas fazê-lo (Noooossa !! Fenomenal !!).*

*“Imaginaí alguém que estivesse diante de um pelotão de execução dos com. [comunistas]. E os comunistas dissessem: “Vamos matá-lo” E ele tivesse um raio de luz que lhe dissesse: “Peça a N. Sra. que você vai ser levado para um lugar que se incorporará à terra e, será o RM [Reino de Maria] –*

*[Lá vai Dr. Plínio para o monte dos Profetas...]*

*“Ele dirá aos com.: “Não temo os vossos tiros, não temo o vosso furor. Ó Maria levai-me. E depois disso eu voltarei!” E vem trazendo um continente novo para a terra.*

*“Esse que trouxe para a terra um continente novo, esse que trouxe para a terra um jardim que será o jardim de Maria, não terá feito muito mais do que o que descobriu a América? - Ora, o que dizer este gesto? O que eu entendi por este gesto? Eu entendi a postura da alma” (**Jour le jour - Grafonema** de 19-2-1983. Graf. 4, Santo do dia - Sábado).*

Não é uma cena bonita?

É sensacional.

Imaginem a decepção do pelotão de execução, vendo Dr. Plínio sendo levado para a montanha dos Profetas.

Imaginem , ele partindo e clamando que nem o General MacArthur: *“I shall come back”*.

E imaginem ele voltando e trazendo um continente? Esse homem que vai trazer um novo continente à terra - esse homem é Dr. Plínio - é maior que Colombo, sem dúvida alguma.

Pode não ser tão modesto, mas é maior que Colombo.

Mas que continente é esse?

Que Shangri-lá é esse que PCO traria para a Terra?

Dir-se-nos-á que isto é uma mera fantasia. Que é uma "hipótese".

Mas que estranha fantasia e delirante hipótese e como ele se parece com a descrição do Paraíso de Anna Katharina Emmerick ou do seu monte dos Profetas. Como ela se parece com certas lendas shíitas sobre a "Terra de Hûrqalia".

Aliás, a própria montanha dos profetas de Anna Katharina Emmerick, seria a montanha cósmica Albors, o Sinai místico.

Certamente Dr. Plínio jamais leu Henry Corbin, jamais leu textos shiítas, ou do budismo amidistas. Mas é certo que ele leu Anna Katharina Emmerick. Que leu pelo menos pedaços da obra dela.

A obra era de quatro grossos volumes...

E era sem figuras...

Mas do que ele leu, ele gostou. Ele mesmo nos disse que lera o trecho da Montanha dos Profetas.

Julgamos que a semelhança desse continente celestial que Dr. Plínio incorporaria à terra com a Hurqalia shiita, e com a "terra ocidental", e com a própria Montanha dos Profetas é, não o fruto de uma inspiração direta nesses textos, e sim o resultado de uma típica mentalidade que recusa o mundo tal qual ele é. E que cai no desvario.

Típica dessa recusa é esse continente que vem dos ares negando a lei da gravidade, pela qual Dr. Plínio tinha muita antipatia, e a qual ele se comprazia em ver, um dia, vencida.

Imagine-se.

Noutras ocasiões, Dr. Plínio apresenta a vinda do Reino de Maria como gradual:

*"E que a glória de N. Sra. creio que se revelará gradualmente quando o espírito dEla começar a brilhar, e começar a aparecer.*

*Agora na natureza renovada e com o espírito dEla, brilhando de um modo extraordinário, e com um conjunto de circunstâncias incomparável." (Jour le jour, Conversa de sábado à noite, 22-1-1983).*

De novo, se afirma que haverá algo como uma transformação - uma renovação - da natureza, o que é um nítido traço milenarista, nesse futuro Reino imaginado por Dr. Plínio.

Tal sonho de uma futura transformação da natureza é confirmado por um texto que vai mais longe, pois indica uma transformação de sentido metafísico do mundo, no futuro Reino de Maria.

*"Bem ele faz uma análise do que vai ser o RM. Ele diz que o RM vai ser uma era tão extraordinária que nós vamos ter a sensação de que o "pulchrum"... Agora as palavras dele [Scognamiglio nunca foi dado à metafísicas, e iria se atrapalhar na explicação. Afinal de contas ele nunca estudou e nem fez qualquer curso superior. E mesmo assim virou Monsenhor... E ficou Doutor! Coisa que o Profeta jamais conseguiu. Por isto ele cede a palavra ao Profeta]:*

*"Aqui nós temos um dado a mais sobre o que seria o RM. O tipo de beleza de "verum, bonum, pulchrum" do RM, um "verum" que seria tão claro aos olhos que a gente diria que ele borbulha à maneira de evidência. Não será inteira evidencia é claro, mas se diria que. Um*

*"bonum" que é tal, que se diria que é irrecusável. Um "pulchrum" que é tal que se diria que jorra do interior de todas as coisas"*

[E, extasiado, comenta Scognamiglio, que nunca pensou se o transcendental verum é evidente nos seres:]

*"E pensar que a causa disso tudo já existe entre nós" (Jour le jour, telefonema de Scognamiglio aos USA, 20-3-1983).*

O que se deixa entrever é que o Reino de Maria será como que um retorno ao Paraíso, em que os homens seriam reconduzidos ao estado de inocência. De qualquer modo, essa mudança metafísica, será na verdade, uma anulação pelo menos de algumas conseqüências do pecado original. E isto é sonho gnóstico e milenarista. Isto não é católico.

Veja-se a continuação do texto acima:

*"Ele continua: "Se os homens fossem inteiramente fiéis nessa linha do RM, do que virá no RM. Se houvesse uma fidelidade inteira, e portanto não houvesse nenhum desvio, eles seriam tais que em determinado momento NSJC [ Nosso Senhor Jesus Cristo] mandaria Enoc e Elias conviverem com eles (exclamações) [Lembremo-nos que se espera que Elias venha a conviver com Dr. Plínio, o varão totalmente fiel]. "E que em determinado momento, para premiar essa fidelidade, o mundo terminaria com uma glorificação da humanidade vindo pessoalmente NSJC. Que aí então para glorificar a este ponto terminal, ele escurraçaria os demônios, etc etc. e seria o juízo final. Ele disse que não vai ser assim, vai ser como nós sabemos. Mas, acho que o convívio, eu levanto a hipótese, dos últimos que forem fiéis no fim do mundo, vai ser tão elevado, tão excelente, tão magnífico, que, independente de Enoc e Elias virem para punir os maus, viriam para visitar aqueles bons".*

[É por isso talvez que já foi posta uma cadeira para Elias, em Itaquera, para quando Elias vier visitar Dr. Plínio]

*"E que a sociedade daqueles bons realizaria em si esplendidamente, alguma coisa que anteriormente não foi realizada. Ele disse: "É uma hipótese que me é grato imaginar. Até que ponto ela tem fundamento? Creio que nem estudando o Cornelio [Cornélio a Lápide] nos meus póstumos [sic] dias eu chegaria a desvendar isso Mas é uma hipótese" (Jour le jour, telefonema de João Scognamiglio aos USA, em 20-2-1985).*

Póstumos dias ??!

Então Dr. Plínio planejava estudar Cornélio a Lápide nos seus póstumos dias? Que confusão é essa? Que Significa, aí, póstumos?

Mas analisemos o texto.

Primeiro, Dr. Plínio se põe uma contradição: se os homens forem inteiramente fiéis aconteceria a vinda de Enoc, Elias e Cristo. Depois, previne que não será assim. A seguir, se insiste na hipótese e pergunta que fundamento ela tem.

Em seguida, se admite a possibilidade de sua realização. Mas essa hipótese que afirma ser-lhe grata, "*meu Cornélio*" – que certamente ele nunca leu, exceto alguns trechos que lhe passaram -- talvez possa prová-la como tese. E conclui: mas é uma hipótese.

Nesse vai e vem, percebe-se o espírito de Dr. Plínio tentado de se entregar, sem reserva, ao sonho gnóstico de um Reino de Deus na terra, que ele sabe que é tese herética. Mas quem sabe, no Cornélio, se encontre um "*biais*" pelo qual ele possa ser apresentado como coisa ortodoxa?...

Quem sabe?... É uma hipótese... E que lhe é tão cara...

E que é abominável, para quem sabe que o mundo é um vale de lágrimas, e sabe que isso vai contra a ortodoxia e o bom senso.

Nesse Reino de sonho dever-se-ia mudar a Salve Rainha tirando o "vale de lágrimas".

Há outros textos que poderiam ser acrescentados. "*O brilho de Pentecostes é no RM que realizará nos homens o seu esplendor total* (Nooooossa) [sic] (**Jour le jour**, grafonema de 4-9-1983, Santo do dia de 4º feira).

As almas serão então transformadas por um como que novo Pentecostes, - ou será o antigo mesmo - e a água Perrier será mais Perrier.

"*A perrier*" depois da BG vai ser um colosso" (Jour le jour).

E, na TFP, se comentava que, segundo Dr. Plínio, no Reino de Maria, o café perderia a cafeína, e que não haveria mais chocolate, por ser bebida intemperante. Talvez não haja mais mexericas e caquis porque são frutas vis das quais o profeta não gostava. Como também não poderia haver doce de nozes. Plínio condenava tudo o que vinha de semente...

Como Dr. Plínio não comia nozes, caju, castanhas, amendoim, no futuro Reino de Maria não se poderia mais comer tortas de nozes - uma delícia - ou cocadas.

Discutia-se se no Reino de Maria haveria eletricidade, mas sabia-se – porque Dr. Plínio o disse- que as ruas seriam pavimentadas de porcelana... Ou de cristal. E se garantia que nessas ruas de porcelana não haveria escorregões, causadores de fraturas do fêmur. Dizia-se que, no Reino de Maria, haveria moedas de ouro maciço com a efígie de Dr. Plínio e de D. Lucília. (W. para I. V. em 20-10-1981).

E as catedrais teriam vitrais feitos de pedras preciosas e portas de ouro maciço. E talvez haveria uma catedral só para receber um güante de ferro de Roland - o esquerdo.

Era um dos planos do profeta fazer essa catedral para o guante esquerdo de Roland:

"*Outro dia saindo do ASM [Auditório São Miguel] comentando Roland disse (Dixit Propheta): "Que bom seria termos uma luva de Roland. Ele deu a direita para S. Miguel, mas se nós pudéssemos ter a esquerda. Eu seria capaz de fazer uma catedral no RM, para ela"* (**Jour le jour**, cartas recebidas nos USA, fevereiro de 1983).

Não há dúvida. Quem é capaz de ficar sonhando em obter o güante esquerdo de Roland, é capaz de fazer qualquer coisa, quer seja no Reino de Maria, quer em... sonhos. Aliás, mais fácil do que encontrar esse güante esquerdo de Roland, que já deve estar enferrujadíssimo depois de tantos anos, em algum ferro velho da Espanha, seria fazer uma novena para São Miguel, para ver se ele não cede - ou pelo menos empresta - o güante direito que nos museus do Céu deve ter sido bem conservado.

Decididamente, Dr. Plínio acabou confundindo lenda com realidade. Ou, como todos os românticos, ele afirma que a poesia - a lenda -, é mais verdadeira que a História.

Essa era a tese de Brentano, o castíssimo secretário de ACE.

E que será, e que fará a TFP no Reino de Maria?

Ela será uma ordem de cavalaria de escravos - guerreiros - monges - exorcistas, mas que não terá poder jurídico a não ser em um pequeno feudo.

Mas feudo bem rico, sem dúvida. Scognamiglio em matéria de dinheiro é perito...

"Ele comentou tratando de como é que ele no RM, queria construir um castelo numa ilha para (...) todo grupo, ...(**Jour le jour**, telefonema de João Scognamiglio aos USA, 12-2-1983).

Tinha que ser numa ilha. A utopia gosta de ilhas e o quiliasma exige isolamento.

## **6-A reprodução humana no Reino de Maria**

Todas essas sonhadoras transformações na natureza, nas almas e nos corpos, no Reino de Maria, culminariam com uma mudança no próprio modo de a humanidade se propagar.

Quando o Dr. Plínio leu - Leu ou não leu? - em Anna Katharina Emmerick (Para nós, ele disse que não leu esse pedaço), que no Reino de Paraíso a procriação não seria por conjunção corporal, e sim por meio da palavra, ele confessou que ficou encantado com a idéia.

Se foi assim no Éden, porque não seria assim, ou parecido no Reino de Maria?

Se o café vai perder a cafeína, e o "verum" será mais "verum", e os corpos dos bons serão alcandorados, porque não imaginar uma mudança na reprodução humana?

Se os tefepistas angelizados terão asas, porque a reprodução humana não poderia ser mudada?

Na TFP, **oficialmente**, sempre se ensinou a doutrina ortodoxa quer sobre o casamento, quer sobre a procriação. Aprendemos lá, o que ensina a Santa Igreja, isto é, que o casamento foi instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo; que o estado de virgindade é superior ao estado matrimonial; que alguns que são chamados a uma vida religiosa mais elevada devem renunciar ao casamento por um amor mais alto, e que este era o caso de muitos na TFP; que entretanto o grupo não proibia o casamento, tanto que vários de seus membros eram casados. E etc.

Isso sempre foi dito... **oficialmente...**

Entretanto não se pode dizer que os membros casados da TFP gozassem de alta cotação.

Com a fundação dos êremos e o estabelecimento de votos religiosos, o problema dos elementos casados se tornou mais agudo.

Era evidente que, com os êremos, eles se tornaram elementos de 2ª classe do grupo. Bravamente, alguns dos casados foram até o heroísmo de fazer votos de castidade, ao que parece, com o consentimento de suas esposas.

Começamos a estranhar quando elementos casados se tornaram eremitas e até camaldulenses, passando a viver separados de suas esposas. Parecia-nos que, pelo menos em alguns casos, a pressão psicológica e moral exercida pela opinião pública interna, forçara um tanto essas separações.

Aqui e acolá, pontilhavam frases, especialmente entre enjorras que frequentavam o Praesto Sum, que indicavam uma perda de equilíbrio nessa questão tão delicada. Porque uma prática de castidade sem a devida fundamentação doutrinária pode facilmente resvalar para posições gnosticizantes.

Filtravam frases, escapavam "hipóteses" estranhas...

Espantava-nos vir a saber que alguns afirmavam que o membro do grupo que casasse era apóstata. E apontavam-se casos de elementos do grupo que se casaram e tiveram morte prematura e terrível, como castigo de sua "apostasia".

Esta frase dita e repetida por vários, fazia supor que casamento contrariava a Fé, já que apostatar é renegar a Fé. Ora, a Fé católica aprova o casamento e a reprodução.

Outros, ainda mais ousadamente, se atreviam a dizer que "o casamento é a legalização da *fassurada*" [do ato sexual].

E criticava-se a vida conjugal, pois que nela havia "*um prazer imundo*". Eram frases de enjorras, é verdade, mas frases que indicavam um clima errado e uma formação extremamente falha.

A doutrina "discreta" interna, difundida à boca pequena por Scognamiglio, divergia da doutrina oficial sobre o matrimônio...

Responsável pelo clima errado e pela formação heterodoxa era João Scognamiglio com suas fanatizadas aulas no Praesto Sum.

Sabemos, por exemplo, que ele lá defendeu a tese de que o pecado original afetou não só o homem, mas toda a natureza, especialmente no que tange a reprodução. Que esta teria sido mais afetada nos vertebrados mamíferos, do que nas aves, e mais nas aves que nos peixes, que não se unem fisicamente para se reproduzir.

Nos êremos, começaram a aparecer aquários...

Talvez fosse mera coincidência. Mas o exemplo dos peixes nos foi um sinal de alerta. Pois não eram exatamente os peixes que os cátaros citavam como exemplo de reprodução não corporal e portanto mais pura? (cfr. Arno Borst - **Les Cathares**, pg. 158, Payot, Pais - 1978).

Evidentemente Scognamiglio jamais lera nada sobre os cátaros.

Seu exemplo não provinha de uma leitura. Acreditamos que seja uma mera coincidência, ele e os cátaros darem exatamente o mesmo exemplo. Porque mentalidades iguais dão os mesmos exemplos.

Mas, se era certo que ele não lera nada sobre os cátaros, se era absolutamente certo que ele era incapaz de montar um sistema de pensamento organizado, católico ou cátaro, pouco importa, é também absolutamente certo que a coincidência do exemplo indicava e confirmava o aparecimento de uma tendência de pensamento gnosticizante na TFP. E por esse tempo julgávamos que o responsável por ela era apenas João Scognamiglio.

Em julho de 1982, J. Scognamiglio repetiu, no Praesto Sum, uma palestra de Dr. Plínio na qual este defendeu a tese de que no Paraíso Terrestre a reprodução humana teria sido diferente da atual, e que no Reino de Maria ela voltaria a ser não sexual.

Julgávamos que Scognamiglio não explicara bem o pensamento de Dr. Plínio, que normalmente se expressava com mais cuidado. Contudo, o fato provava que, pelo menos no Praesto Sum, se ensinava uma doutrina gnóstica sobre o casamento.

Quando denunciávamos o fato a Plínio Xavier, para surpresa nossa, ele confirmou que Dr. Plínio dissera isso mesmo, numa palestra a que o próprio Plínio Xavier assistira.

O erro não era então de João Scognamiglio, e sim de Dr. Plínio. Nessa questão, Scognamiglio fora mesmo "*fiel intérprete dos desígnios*" e ensinamentos de Dr. Plínio.

Explicava-se a dificuldade de Dr. Plínio em atender nossa denúncia contra Anna Katharina Emmerick e condenar sua tese de que a reprodução humana, no Éden, teria sido por meio da palavra.

Em 1983, soubemos que em conversa com V. de O. a respeito de nossa carta de ruptura, que Dr. Plínio reconheceu que essa tese de Anna Katharina Emmerick da reprodução humana por meio da palavra o encantara, e que ainda o encantava. Que não externava esta sua simpatia por essa tese, porque D. Mayer lhe dissera que embora Doutores do Oriente tivessem defendido essa tese, os do Ocidente se opuseram a ela. E que por isso, por respeito por esses Doutores, ele se calaria sobre o assunto.

Ele se calara...**Oficialmente**... Mas suas simpatias e encantamentos pela reprodução pela palavra e sua repulsa pelo ato conjugal, doutrina que Ele ensinava discretamente, se manifestavam pela boca do "*fiel intérprete de seus desígnios*", no Praesto Sum, e depois eram repetidas em formulações chapadamente heréticas pelos ouvintes do "imã" Scognamiglio.

Apesar de todas as discussões que mantivemos, na TFP, sobre esse tema, até hoje a tese é defendida por Scognamiglio, e ao que sabemos, não foi ainda retratada: na TFP e entre os Atrios do Evangelho se crê e se espera – mas nunca oficialmente -- que no futuro Reino de Maria a reprodução humana será diferente do que é hoje. Provavelmente seria por meio de palavra. Para encantamento de Dr. Plínio.

\* \* \*

Sintomática dessa posição gnosticizante na TFP, no que tange a reprodução humana, é uma curiosa parábola contada por Dr. Plínio para ilustrar as relações das famílias dos membros do grupo [As famílias de pessoas do Grupo eram apelidadas de FMR= Fonte de Minha Revolução, ou Círculos Mundanos] com a TFP. A parábola tal como nós-la contamos alunos que a ouviram era a seguinte:

Uma rainha magnífica viajava um dia com seu filho, por uma estrada, em sua carruagem. Em certo ponto do caminho, porém, a criança caiu da carruagem, que prosseguiu. A rainha não percebeu o acidente. Um casal de carvoeiros, que passava pelo local, encontrou o menino e o recolheu.

O filho da rainha cresceu na casa dos carvoeiros, no meio de toda sujeira produzida pelo carvão. Algo, porém, fazia o menino **sentir** que ele era **estranho** na casa, e que sua origem era outra.

Um dia, ele se encontrou com a rainha, que ele desconhecia ser sua mãe. Ambos se olharam e se reconheceram. A rainha retomou o príncipe, seu filho, e o levou para o seu magnífico palácio.

Entretanto, os carvoeiros não se conformaram com a perda de seu filho adotivo, e, de vez em quando, iam esmurrar a porta do palácio da rainha reclamando seu "filho" de volta.

\* \* \*

Esta é a parábola contada por Dr. Plínio, tal qual nos foi transmitida por nossos alunos, que a aprenderam na TFP. Contaram-nos eles que o próprio Dr. Plínio fazia a aplicação da parábola.

A rainha é Nossa Senhora. O príncipe é cada um dos membros da TFP, que são na verdade príncipes do Céu. Os carvoeiros seriam os pais carnis dos membros da TFP. O palácio é a TFP. Os "pais", desesperados por terem seus filhos levados por N. Sra. para o palácio da TFP, para que cumpram sua vocação mais alta, vão bater às portas das sedes, reclamando seus "filhos" de volta.

\* \* \*

Curiosa e estranha parábola...

Por ela, os pais carnis não seriam os verdadeiros pais, e sim puramente adotivos. Na casa daqueles que os geraram, os membros da TFP seriam estrangeiros. Lá viveriam sujos, uma vida prosaica e sem valor.

Não é à toa, como vemos, que Dr. Plínio compara a saída de um jovem de sua casa, para ir para a TFP, à saída de Lot da cidade maldita de Sodoma.

Curiosa e estranha parábola... que faz os membros da TFP serem estrangeiros na casa dos que os geraram fisicamente, casa cheia de impurezas do carvão e da... geração (?)

Curiosa e estranha parábola que tanto se parece, em suas figuras e termos, com as parábolas gnósticas. Nas seitas gnósticas se ensinava que o homem é estrangeiro na terra, porque sua "pátria" verdadeira seria o pléroma divino.

O imo do homem seria uma partícula divina, que pelo pecado do éon Sofia, teria caído da divindade no mundo impuro da matéria, ficando então aprisionado num corpo material.

Pela reprodução carnal, a partícula divina enclausurada no homem, passaria, de geração em geração, no cárcere de carne. Porém, ao tomar conhecimento (Gnosis) de sua origem divina, a centelha divina que existe no homem se libertaria do cárcere do corpo. Para isto, normalmente, o homem teria que renunciar a todo contato carnal.

É claro que, nessa teoria, a relação entre pais e filhos fica totalmente desvalorizada.

Repetimos: nós não cremos que Dr. Plínio ou Scognamiglio tenham lido obras gnósticas. Eles nunca devem ter lido, por exemplo, o Conto da Pérola".

Todavia, julgamos muito sintomático que Dr. Plínio conte tal história. Ela manifesta uma mentalidade e impostações gnósticas, que acaba produzindo os mesmos frutos, parábolas e afirmações paralelas às da Gnose antiga.

Por romantismo de TFP entendemos pois a dupla tendência do pensamento e da mentalidade de Dr. Plínio.

A primeira tendência é a de ter uma admiração enlevada por um mundo idealizado em que habitam os seres "ab aeterno", as imagens de lenda, os vultos históricos e as pessoas amadas mitificadas pela imaginação do profeta, por uma vida numa Trans-Esfera idealizada.

A segunda, a de um desprezo por todo ser real, por toda realidade do "hic et nunc", se comparada com os arquétipos.

É essa dupla tendência que dá à mentalidade de TFP um tom e um caráter gnóstico, que isola a TFP da realidade objetiva, e a faz ter uma atitude de "reserva" --sejamos misericordiosos-- para com o matrimônio e até mesmo repugnância pelo ato conjugal.

E essa dupla tendência que a leva a recusar o tempo em que ela vive, voltando-se ou para uma Idade Média de sonho, ou para uma esperança de um Reino de Maria quiliástico em que as ruas de porcelana serão percorridas por seres alcandorados, angelizados, isto é imateriais... Voltando-se para um mundo de sonhos em uma Trans-Esfera císnica e ab etérnica.

### **Conclusão da III Parte**

Com o que foi dito nesta Terceira Parte de nosso trabalho, cremos ter deixado provado e patente que Plínio Corrêa de Oliveira tinha uma mentalidade completamente romântica, imaginativa e sonhadora, desejosa de fugir do real, do aqui e do agora.

Ele mesmo confessou ter tido sempre tendência ao Romantismo, e, apesar de declarar que combateu essa tendência, seus sonhos, sua defesa dos sonhos, seus desejos de ser outro que um homem, -- por exemplo, querer ser urubu--seus desejos de "megulhar" em outros seres para se rubinizar, se esmeraldizar, se safiriar, etc. demonstram claramente seu desejo de fuga de seu eu. Juntando a isso, ao mesmo tempo, um orgulho imenso de ser Plínio. Dessa contradição provinha seu desejo de escapar desse mundo concreto, material, contingente contaminado pelo pecado, universo imundo pleno de coisas horríveis, e alcançar um outro mundo espiritualizado, onde Cristo seria seu sócia, e um só com ele, Plínio.

E lá partiu Plínio sonhando universos oníricos: o universo do pavão, do cisne, dos seres ab aeterno, universos descobertos imaginariamente nos semáforos de São Paulo.

Daí, sua fuga onírica-geográfica de um Grande Êxodo de todo o grupo para um local remoto em Mato Grosso, ou seu arrebatamento para a Montanha dos Profetas, na Bagarre, para se encontrar lá com Elias e Enoch...Daí, a esperança delirante de ser angelizado, e de voar para outros mundos.

Dessa mentalidade sonhadora nasceu ainda a fuga da história pelo sonho da instauração de um Reino de Maria milenarista numa natureza edênica.

Finalmente, a fuga ontológica imaginada por Plínio a Trans Esfera.

Negar que tudo isso é sonho de uma mentalidade, que dificilmente se poderia deixar de classificar como patologicamente romântica, é impossível.

Plínio se comprazia nesses sonhos que ele sabia serem fugas da realidade, só por não resistir a esse prazer onírico? Ou isso era por tática, para revelar ou velar sua doutrina secreta, conforme percebia resistência ou adesão a seu sistema gnóstico?

Sua inteligência lhe mostrava a falsidade dessas imaginações patentemente delirantes. Ele oscilava entre ceder aos sonhos ou resistir a eles, ou avançava ou recuava, conforme sentia a recepção favorável ou escandalizada de seus ouvintes. Disso provinham as oscilações que se manifestavam ao dizer, por exemplo, que os seres possíveis que ele imaginava não existiam realmente, mas que de algum modo tinham que existir, sem explicar uma afirmação nem a outra. Era um wishfull thinking lutando contra o bom senso, e também um desejo de ocultar, por vezes, por tática o que desejava revelar.

Ele cedia ao sonho, porque fora formado em uma mentalidade sonhadora. Cedia, porque achava isso gostoso. Cedia à tentação romântica, porque isso lhe trazia vantagens: era admirado, cultuado, servido, ganhava propriedades – consta que, ao morrer, ele tinha mais de cem apartamentos –adquiria domínio sobre pessoas, passava a ser tido como Profeta, imortal, inerrante, dono do Conhecimento superior intuitivo a absoluto –a Gnose—, etc. E isso tudo o inebriava...

Era uma tentação de megalomania, que levava à paranóia.

Mas julgamos que era também fruto de uma tática típica de seitas secretas, que velam e revelam.

O clima vivido na TFP e entre os Arautos, com Monsenhor Scognamiglio, aguardando a Bagarre e a Ressurreição de Plínio, é realmente um clima absurdamente paranóico.

A mentalidade indiscutivelmente romântica de Plínio Corrêa de Oliveira o levou a montar um sistema de pensamento, uma ideologia aparentemente católica, mas, no fundo, gnóstica que ele levou ao desvario.

Todavia, ele era suficientemente inteligente para compreender a loucura do sistema que montara, tão cheio de contradições.

Por exemplo, ele se dizia imortal. Se ele, de fato acreditava nisso, ele era louco.

Se não acreditava, era um cínico.

Em Fevereiro de 1995, recebeu ele o diagnóstico de que tinha câncer disseminado por muitos órgãos, Mesmo assim declarou que, embora muitos cressem que ele não era imortal, ele dizia "*não estar tão seguro disso*"...

Dizia isso para manter a "comédia" em que não acreditava?

Queria causar com sua morte inevitável a maior decepção entre seus fanáticos de modo a detonar a seita que fundara?

Acreditava ele no que dizia?

Era um louco?

Era um cínico?

Veja-se, outro exemplo de contradição perplexitante.

Durante décadas ele ficou anunciando a Bagarre como iminente. Embora marcasse datas de modo vago, não foram raras e nem vagas as ocasiões em que declarou que, "agora", a Bagarre não deixaria de acontecer. Dava prazos curtos: 5 anos, um ano...

E a Bagarre não vinha.

Como seus fanáticos não se decepcionavam com os anúncios de Bagarre que ia chegar e jamais chegava?

Isso era um mistério.

Isso é perplexitante.

Veja-se a seguinte confissão terrivelmente perplexitante de Scognamiglio em Fevereiro de 1996, do que Dr.Plínio lhe dissera exatamente um ano antes, em Fevereiro de 1995, mês em que PCO soube ter câncer em estado terminal:

*"Ele é profeta, ele tem discernimento dos espíritos, ele é inerrante, ele discerne e vê o futuro, ele vê a situação do Grupo, vê que o **Grand Retour** não vem, não vem a **Bagarre**, não vem o Reino de Maria e as forças dele ele sente dentro de si que estão sumindo. Então o que vai dar tudo isso?*

*É um drama tremendo.*

*(...)*

*"Houve a Guerra do Iraque. Ele [PCO]disse:*

*-- "Olha, agora bem que pode ser a **Bagarre***

*"Eu [Scognamiglio] estava a sós com ele num almoço, logo no começo do almoço, e disse:*

*"Sr.Dr. Plínio, o senhor me conhece, **Bagarre** para mim eu queimo tudo, me lanço na idéia de **Bagarre** inteiro, e depois chega a notícia: --"Não, não é a **Bagarre** ainda ? Eu me quebro. Eu já entrei em várias dessas e mais uma eu me quebro completamente. Queria*

saber do senhor com certeza se o senhor me garante de que é a **Bagarre** mesmo”.

---“Quá ! Quá ! Quá! -- deu uma gargalhada assim com gosto—“meu filho, é duro lhe dizer, mas não posso lhe afirmar. Pode ser que tudo volte para trás. Então não se atire, apenas considere a hipótese de longe”. (João Scognamiglio, **Jour -le -Jour**, 4 de Fevereiro de 1996).

Incrível!!!

Que concluir desse relato?

Plínio acreditava no que dizia?

Plínio era um cínico que em nada acreditava?

Era um paranóico representando um personagem?

Lendo esse último texto, veio-nos à mente, o relato da morte de Hassan Sabbah, o Velho da Montanha, um Gnóstico shiita persa.

Num catre miserável, estava o chefe dos Assassinos, dominador do Oriente, o senhor de Alamut. Junto dele seu mais fiel sequaz Kya Burzug Humid, que ia ser seu sucessor no comando da seita dos Assassinos Shiitas. O Velho da Montanha, agonizante ia passar-lhe o último segredo da seita. O fanático seguidor do Velho da Montanha ouve afinal o Grande Segredo da seita:

*“Nada é verdadeiro. Tudo é permitido”*

Algo disso aconteceu entre Plínio e Scognamiglio.

E como essa seita romântica se mantém de pé, e com a aprovações perplexitantes?

Quando saímos da TFP, tivemos ocasião de ler alguns livros sobre paranóia. Neles se contava como um paranóico tem alto poder de persuasão, a ponto de um paranóico, habitando uma aldeia isolada da Sibéria, ter o poder de convencer de sua loucura toda a aldeia. Nas ilhas ou aldeias sectárias, acontece algo parecido.

Mas é evidente que o Vaticano não é uma ilha. Ignorância dos fatos secretos de uma seita e outros meios humanos de influência explicam certas aprovações. Os casos recentes dos Legionários de Cristo e da Toca de Assis, Institutos aprovados pela Igreja explicam algo.

O que explica o sucesso de Monsenhor Scognamiglio?

*"Não há nada de oculto que não venha a ser revelado" (Luc. VIII, 17).*

## QUARTA PARTE

### Capítulo I - A Teoria do Conhecimento de São Tomás e a de Plínio Corrêa de Oliveira

Inter alios autem errores indecentior videtur error, quo circa intellectum erratur, per quem nati sumus devietatis erroribus cognoscere veritatem (São Tomás, **De Unitate Intellectus**, in principio)

#### 1-- Teoria do Conhecimento de São Tomás de Aquino.

Antes de analisarmos os textos de Dr. Plínio, afim de explicar a sua exótica teoria do conhecimento, convém expor, de modo sucinto, a doutrina católica do conhecimento humano, tal qual é ensinada por São Tomás de Aquino, na Suma Teológica.

Conforme São Tomás, nada há no intelecto que não tenha passado através dos sentidos materiais. Sendo o homem um animal racional, os seus cinco sentidos externos têm a função de captar a realidade exterior, transmitindo imagens das coisas exteriores a seus sentidos internos, visando a compreensão intelectual.

Os sentidos externos do homem, como é bem sabido, são cinco: visão, audição, olfato, paladar e tato. Desses cinco sentidos, os sentidos propriamente cognoscitivos são a visão e a audição, cujos órgãos, como nota Hugo de São Victor, estão colocados mais altos na cabeça do homem. O olfato e o paladar são sentidos exteriores mais voltados a manutenção da vida física através da alimentação, enquanto o tato é o menos cognoscente, e está espalhado por todo o corpo, visando a reprodução da espécie humana.

Estes sentidos captam e transmitem ao interior do homem as suas sensações próprias sob a forma de imagens, que na escolástica eram chamadas de “espécies”.

No homem, ensina São Tomás, há também quatro sentidos interiores que são: o senso comum, a cogitativa, a imaginação e a memória.

Desses quatro sentidos interiores, dois deles são receptivos: o senso comum e a cogitativa; os dois outros não são receptivos. Um deles, a imaginação, é reprodutivo, e o outro, a memória, é retentor das imagens ou “espécies”.

Por **senso comum**, não se deve entender um só sentido comum a todos os sujeitos humanos. O senso comum não é assim denominado por ser comum a todos, mas porque ele sintetiza numa só unidade as várias impressões recebidas através dos cinco sentidos externos. Há um só conhecimento sensível das coisas reais numa unidade de juízo de todas as imagens captadas pelos cinco sentidos. Essa unidade é produzida pelo senso comum.

O senso comum desempenha um papel de elo de ligação entre os sentidos externos e o interior do homem.

De um lado, o senso comum é como que a raiz, ou o tronco da vida da alma racional, a qual comunica sua ação aos sentidos externos, como a seus instrumentos de atuação, e, depois, deles recebe todas as informações externas, e transmite o que recebeu diversificadamente, de modo unificado, aos demais sentidos internos.

O sentido comum usa os cinco sentidos externos do homem como se fossem seus instrumentos.

O senso comum tem duas funções, segundo São Tomás:

1<sup>a</sup> Perceber a atividade dos demais sentidos.

2<sup>a</sup> Distinguir as qualidades sensíveis dos diversos sentidos externos.

A vida da alma chega aos cinco sentidos externos através dessa fonte única, intermédia, que é o senso comum.

O senso comum tem um certo grau de imaterialidade que o torna superior aos sentidos externos materiais, e, por isso mesmo, ele é capaz de uma ação superior à dos sentidos externos materiais.

Os sentidos externos são completamente voltados para a realidade exterior ao homem, percebendo cada um deles um determinado aspecto dessa realidade. Os cinco sentidos captam diferentes aspectos de um objeto e transmitem ao interior do homem essas sensações particulares a cada um dos sentidos. O sentido comum recebe essas impressões, julga a respeito delas, conhecendo sua origem, e as reintegra num todo único.

A função do sentido comum, integrando as impressões, ou espécies, que lhe são aportadas através dos cinco sentidos, é sempre subjetiva. Por essa razão, as impressões pessoais são subjetivas, e não propriamente, e nem perfeitamente transmissíveis.

A imaginação, ou fantasia, tem um significado mais elástico e um tanto variado, em São Tomás. Ela seria a capacidade de receber e de construir imagens de coisas reais, ou até de coisas nunca vistas, por associações do que, de alguma forma, já foi conhecido. Ela só é capaz de atuar perfeitamente nos que têm os cinco sentidos exteriores. A falta de um sentido torna impossível a formação de imagens relacionadas com esse sentido. Assim, um cego é incapaz de imaginar uma coisa azul.

Os estímulos sensíveis afetam os cinco sentidos externos produzindo sensações. Estas são enviadas ao sentido comum, que as integra e unifica, e marca sua imagem na fantasia. A imaginação conserva essa imagem recebida e pode fazê-la reaparecer, pois a imaginação tem um poder evocador das imagens recebidas ou já construídas por ela.

A imaginação, com relação aos sentidos externos, é completiva, sintética e concretiva. Com relação aos sentidos superiores do homem, a imaginação é dispositiva, analítica e abstrativa.

A memória é uma capacidade para armazenar imagens e dados das sensações externas, recebidas e unificadas pelo senso comum, e, ainda, a capacidade de reconhecer o passado.

Estes três sentidos internos servem à cogitativa, que é o sentido mais próximo da capacidade intelectual da alma humana.

Como visamos apenas fazer entender a teoria do conhecimento tomista, por brevidade, trataremos apenas do que for essencial para a compreensão desse tema.

Daí, passarmos já agora, sem considerar pormenores secundários, a tratar da cogitativa, sentido interno do homem, que nos animais é denominado de estimativa.

Para São Tomás, o objeto próprio da **estimativa animal** são as intenções insensatas, isto é, discriminações de valor, utilidades concretas, relações particulares percebidas dos objetos relacionados com as necessidades instintivas ou atividades primárias psicomotoras do sujeito. Essas intenções se contrapõem aos conteúdos ou aspectos puramente fenomenais, aparentiais, exteriores captados pelos sentidos externos, e cujas marcas são guardadas pela fantasia.

A cogitativa, de algum modo, já está em contato com a inteligência e tem por objeto algo que é singular, mas já percebido como parte de uma natureza comum. Nos animais, a estimativa apreende um objeto, ou como termo, ou como princípio de uma

ação ou paixão, só como indivíduo, e não entendido como compreendido em uma natureza comum. Por exemplo, a ovelha vê o cordeiro como algo para ser alimentado, e vê o capim como alimento. Tudo se passa entre seres concretos.

Assim como um ser animal, nos limites de sua ordem, se aproxima do humano, em seu nível mais elevado, e do vegetal em seu nível mais baixo, assim também um sentido interior como a cogitativa se aproxima de certa forma da inteligência, pois é o sentido interior mais elevado, participando rudimentarmente dos modos próprios das funções superiores, que são as intelectuais. A cogitativa participa de algum modo da racionalidade humana.

A cogitativa tem uma função especulativa, não por seu contato inferior com as sensações, mas enquanto tendo contato com a inteligência. É a ação do intelecto agente que atua na cogitativa elevando-a a potência sensível acima de si mesma no ato de formar o que São Tomás chama de *phantasmata*.

A cogitativa está ordenada à coordenação com a inteligência, e participa de algum modo de sua racionalidade.

O intelecto está em contato imediato e estreito com a cogitativa, dela recebendo seus determinantes cognoscitivos, e voltando-se para a cogitativa, para verificar sensivelmente seus juízos e para ordenar o império de sua afetividade.

Alguns caem no irracionalismo, ao considerar que a cogitativa conhece diretamente a realidade por meio da afetividade, do **sentimento** – do feeling – pela ação ou pela vontade de poder, ou pela simpatia. Todas estas opiniões falsas conduzem ao irracionalismo, à negação do intelecto. Substitui-se então a intelecção pela Ação ou pelo **Sentimento**, caindo-se no irracionalismo romântico e modernista, que vê no sentimento a causa da Fé.

Na elaboração dos *phantasmata*, imagens sensíveis da realidade, cooperam todos os sentidos interiores, mas especialmente a cogitativa. São Tomás insiste que a inteligência não recebe imediatamente seu objeto dos sentidos externos, mas sim dos internos, e sem dúvida, para São Tomás, é a cogitativa o sentido interno mais elevado e mais próximo da inteligência.

O *phantasma* deve então ser compreendido aqui como sendo a imagem da fantasia, enquanto conhecida pela cogitativa, beneficiando-se da experiência passada acumulada na memória, em íntima sinergia” (Introdução ao

**Tratado do Homem**, in Suma teológica de São Tomás, editora BAC, Tomo III, 2<sup>o</sup>, p.78).

O modo como o homem conhece as coisas intelectivamente se realiza por abstração. O intelecto agente retira das imagens sensíveis que lhe são apresentadas pelos sentidos interiores, especialmente pela cogitativa, as espécies inteligíveis. Pela abstração adquire-se somente a essência universal do ser conhecido, desconsiderando-se o individual concreto. Abstrair é retirar o universal do particular, a espécie inteligível das imagens, considerar a natureza da espécie sem a consideração dos princípios individuais representados pelas imagens.

Conhecer é então uma ação metafísica na qual o objeto conhecido é aprendido imaterialmente. Conhecer é captar o que há de verdadeiro no ser conhecido.

Creemos que ajudará nossos leitores citar o artigo da Suma no qual São Tomás demonstra que o conhecimento humano é da realidade e não das impressões que temos dela, porque Dr. Plínio Corrêa de Oliveira diz exatamente o oposto, isto é, que o conhecimento é das impressões. O texto desse artigo será o da Suma Teológica da BAC. Para tornar mais clara a tradução, colocaremos entre colchetes, e em letra vermelha, alguns vocábulos retirados da tradução do artigo de São Tomás feita por Roberto Coggi, na obra *Page di Filosofia* (Edizioni Studio Domenicano, Bologna, 1992, p.9 a 71)

## 2- Se conhecemos a realidade ou as nossas impressões subjetivas

Alguns pensaram que as nossas potências cognoscitivas só podem conhecer as próprias **impressões**: que o sentido, por exemplo, não perceberia senão as alterações de seu órgão. E, nesse caso, o entendimento não entenderia senão suas próprias **impressões**, isto é, as espécies intencionais recebidas por ele. Sendo assim as coisas, tais espécies seriam o objeto próprio do ato intelectual.

Mas essa opinião é evidentemente falsa, por duas razões.

Primeira, porque os objetos que entendemos são os mesmos que constituem as ciências. Se, pois, entendemos somente as espécies existentes na alma, seguir-se-ia que nenhuma ciência versaria sobre as realidades existentes fora da alma, mas apenas sobre as espécies inteligíveis que há nela; ao modo que os platônicos afirmavam que todas as ciências versam sobre as idéias, as quais supunham eram entendidas em ato.

Segunda razão, porque seguir-se-ia o erro dos antigos que afirmavam que “*é verdade tudo o que o aparente ser*”; de modo que o contraditório seria simultaneamente verdadeiro. Pois, se uma potência não conhece senão sua própria **impressão**, julga somente dela. Ora, o que uma coisa aparenta, depende do modo como é modificada a potência cognoscitiva.

Logo, o juízo da potência cognoscitiva teria sempre por objeto aquilo de que julga, isto é, sua própria modificação [sua impressão]. Tal, e como é, e, em consequência, todos os seus juízos seriam verdadeiros. Assim, por exemplo, se o paladar não sente senão sua própria impressão, quando alguém tem o paladar sadio, e julga que o mel é doce, formaria um juízo verdadeiro; de igual modo julgaria com verdade aquele que, por ter paladar estragado, afirmasse que o mel é amargo; pois ambos julgam de acordo com a impressão de seu paladar. De onde se deduziria que todas as opiniões são igualmente verdadeiras, e, em geral, toda percepção.

Deve, então, afirmar-se que a espécie inteligível é com respeito ao entendimento como o meio pelo qual entende. E demonstra-se isto.

Posto que, como diz o Filósofo, há duas classes de ações, umas que permanecem no agente, como o ver e o entender, e outras que passam a uma realidade externa, como a do aquecer ou do cortar; umas e outras realizam-se conforme uma determinada forma. E como a forma, em conformidade com a qual se realiza a ação, que tende a uma realidade exterior, é imagem do objeto desta ação, como o calor da coisa que aquece é imagem do aquecido, assim também a forma em conformidade com a qual se produz a ação imanente ao agente é uma representação do objeto. Daqui que em conformidade com a imagem do objeto visível veja a vista, e representação do objeto entendido, que é a espécie inteligível, seja a forma em conformidade com a qual o entendimento conhece.

Porém, ao voltar o entendimento sobre si mesmo, por um único ato reflexivo conhece tanto seu próprio entender como a espécie pela qual entende, e deste modo secundariamente, a espécie inteligível é objeto da intelecção. Pois o primário é a realidade representada na espécie inteligível.

E isto se compreende com a opinião dos antigos, que afirmavam que “*O semelhante se conhece pelo semelhante*”. Supunham que a alma conhecesse a terra exterior a ela pela terra nela existente, e do mesmo modo as demais coisas. Se, pois, em lugar da terra colocarmos sua espécie inteligível, de acordo com a doutrina de Aristóteles, para quem “*não está na alma a pedra, mas somente a espécie da pedra*”, teremos que a alma conhece por meio das espécies inteligíveis a realidade exterior a ela”. (São Tomás de Aquino, **Suma Teológica**, I, Q. 85 a. 2).

### 3 - Conhecimento por Conaturalidade, segundo Aristóteles e São Tomás.

Citaremos aqui o que Maritain, -- o Maritain de sua primeira fase, ainda tomista -- escreveu sobre o conhecimento por conaturalidade, visando especialmente refutar o modernista Maurice Blondel.

Sabe-se que São Tomás, quando distingue a sabedoria do teólogo da sabedoria do contemplativo, recorreu à célebre distinção estabelecida por Aristóteles entre o julgamento ao modo de conhecimento e o julgamento ao modo de inclinação (I, 1 Q.6 ad 3): por exemplo, o homem que possui em si o habitus ou a virtude da temperança julgará bem das coisas da temperança por inclinação, isto é, consultando sua própria tendência ou disposição

interior; e aquele que é instruído na ciência moral, mesmo que ele não seja virtuoso, poderá julgar corretamente dessas coisas ao modo de conhecimento, isto é, considerando as razões inteligíveis, e podendo explicar a razão de seu julgamento. Assim, para as coisas divinas, o teólogo, desenvolvendo racionalmente as conclusões virtualmente contidas nos princípios da Fé, julgará delas por modo de ciência; o contemplativo, vivendo essas coisas em si mesmo, pela caridade, julgará delas por modo de inclinação, graças ao dom da Sabedoria” (Jacques MARITAIN, *Réflexions sur l'intelligence et sur sa vie propre*, Paris: Desclée, 1938, 4e éd., p. 88).

E ainda, um pouco a seguir:

Em outra passagem (II-II, 45, 2), São Tomás relaciona esse julgamento a modo de inclinação a uma certa simpatia afetiva ou conaturalidade, *compassio sive connaturalitas*, que, aproximando do indivíduo as coisas divinas a ponto de torná-las como que suas, lhe permite assim ter delas um certo conhecimento não discursivo. (p. 88-89).

Eis o que ensinou São Tomás sobre isso:

Ficou dito (Suma Teológica I Q.1, a. 6) que a sabedoria implica retidão de julgamento segundo divinas razões.

Essa retidão de juízo pode ser de dois modos:

- 1) conforme o uso perfeito da razão ou
- 2) por conaturalidade com aquilo que se há de julgar: como com respeito à castidade, retamente julga com inquisição da razão aquele que aprendeu a ciência moral, e por certa conaturalidade com a castidade aquele que a possui como hábito.

Assim, pois, ter reto juízo sobre as coisas divinas por inquisição da razão, pertence à sabedoria, virtude intelectual. Mas, possuí-la por conaturalidade com ela pertence à sabedoria, enquanto dom do Espírito Santo.

E assim diz Dionísio (*De Divinis Nominis*, II) que Hieroteu é perfeito no divino, “não só aprendendo-o, mas também o experimentando”.

Este compenetrar-se [*compassio*], ou conaturalidade com as coisas divinas realiza-se pela caridade que nos une a Deus: “Quem se une a Deus é um espírito” (I Cor.VI, 17).

Portanto, a sabedoria, enquanto dom, tem sua causa na vontade: a caridade. Sua essência, porém, está no entendimento, cujo ato é julgar retamente, como se tratou acima (I, Q. 79, a.3).

A seguir, Maritain mostra como o modernista Blondel deturpou essa doutrina tomista, para defender seu neokantismo modernista:

Este *conhecimento por conaturalidade* amorosa, São Tomás (porque Maurice Blondel finge desconhecê-lo?) o exclui cuidadosamente da

perfeição do conhecimento intelectual, enquanto intelectual; mas ele recorre continuamente a ele para explicar o conhecimento místico" etc. (p. 89).

Já Blondel (como, depois dele, os existencialistas) desvaloriza kantianamente (e luteranamente) a inteligência, e julga que o conhecimento nocional, sem o concurso da vontade, não atinge o ser. Isso leva ao fideísmo. Daí, Blondel rejeitar as provas tomistas da existência de Deus, que são puros raciocínios.

A mesma super valorização do conhecimento por conaturalidade—e, ademais, mal entendido, e ainda pior aplicado—é feita por Plínio Corrêa de Oliveira, para menosprezar o conhecimento racional e valorizar uma outra forma de conhecimento não racional.

É o que veremos mais adiante.

## Capítulo II Teoria do Conhecimento na Gnose de Bergson

“O sistema bergsoniano é essencialmente anti intelectualista”

Albert Farges

Duvidamos que Plínio Corrêa de Oliveira tenha se dado ao estudo da Filosofia de Bergson. Ele preferia a leitura de revistas superficiais, amenas, ou as fofocas da corte de Luis XIV, lidas nas memórias de Saint Simon.

Mas de alguma forma, parece que ele teve notícia de algo do que Bergson expôs sobre o conhecimento humano, pois esse filósofo gnóstico estava muito na moda na juventude de Plínio. Ele ouviu cantar o galo desafinado do bergsonismo. E um galo que coincidia com sua maneira romântica de ver e de mitificar a realidade. Daí, uma grande afinidade e proximidade do que dizia Plínio C. de Oliveira sobre o conhecimento humano, e o que dizia o gnóstico Bergson

### 1-- O Conhecimento é Inefável

“Para Bergson, sendo o conhecimento inefável...“Desde que falamos, mentimos”  
(Jacques Maritain. Op. cit. p. 69).

“O mundo moderno veio à luz como uma revolta contra a ordem intelectual da Idade Média”.(Simpson, *The Gothic Cathedral*).

A cosmovisão católica medieval era sábia e se fundamentava no ser e no conhecimento intelectual do ser, por meio da abstração.

A Gnose da Modernidade recusa o ser e, por isso mesmo, recusa o conhecimento intelectual da realidade. A Modernidade, como a velha Gnose, é antimetafísica e antirracional.

Para Francis Yates a Modernidade significa Magia mais Gnose (Cfr. F. Yates, *Giordano Bruno e a Tradição Hermética* ed. Cultrix, p. 180).

Essa Gnose do Humanismo renascentista se desenvolveu em Descartes, Kant, Hegel e, depois, penetrou na Igreja com o Modernismo de Blondel e de Bergson, alcançando seu triunfo no Modernismo anti intelectualista do Vaticano II. Foi por ser anti intelectualista que o Vaticano II recusou proclamar dogmas, e se disse pastoral, isto é, visou dar conselhos operativos.

O Modernismo recusa o ser e a verdade estáveis. Recusa a inteligência e abstração que conduzem à verdade objetiva e estável.

## 2 - A Inteligência seria enganadora

Na filosofia de Bergson, assim como a mudança se opõe ao ser, a intuição se opõe paralelamente à inteligência.

Esta seria voltada para a matéria, e, influenciada por ela, tudo geometriza, fixa e divide. A consciência enganaria o homem porque, conceituando, produz uma visão petrificada de cada coisa, fazendo supor que existe fixidez nas coisas. Mais ainda, a inteligência isola cada conceito, fazendo imaginar que a realidade é fixa, e formada por um número infinito de seres isolados uns dos outros. Para Bergson, a inteligência nega a mudança, e nos ilude forjando miragens de seres inexistentes. A lógica e a razão, trabalhando com conceitos ilusórios, completariam o engano do homem.

Então, pode-se bem dizer que a inteligência só conhece o imóvel e o descontínuo, que ela não compreende nada da vida, que ela decompõe artificialmente o real, que ela substitui a realidade por elementos fictícios escolhidos no que é já conhecido, e que assim, buscando a facilidade, não a verdade, e esvaziando todas as coisas da sua realidade própria, ela não pode mais se deter senão nos elementos quantitativos e geométricos aos quais ela quer tudo reduzir. **Corruptio optimi péssima.** (J. Maritain, op cit., p. 55).

Por esse motivo, Bergson considera que ver tudo fixamente, e como se o todo fosse uma mosaico estilhaçado, constituiria o “*pecado do raciocinar*” (J. Maritain, op cit., p. 183).

A faculdade humana que corresponde à matéria espacial é a inteligência, e esta se caracteriza por sua exclusiva orientação para a ação. É a ação que comanda, sem mais, a forma da inteligência. Como para a ação necessitamos de coisas exatamente definidas, o objeto principal da inteligência é o fixo corpóreo, inorganizado, fragmentário; a inteligência não concebe claramente senão o imóvel. Seu domínio é a matéria. Ela a capta para transformar os corpos em instrumentos; é o órgão do homo faber e subordinado, essencialmente, à construção de instrumentos. (...) Bergson abandona o fenomenismo de Kant e dos positivistas, e confere à inteligência, no domínio do corpóreo, a capacidade de penetrar na essência das coisas. Segundo ele, a inteligência é também analítica, ou seja, capaz de decompor segundo qualquer lei ou sistema e de recompor de novo. Suas características são a clareza e a capacidade de distinguir.

Mas, ao mesmo tempo, a inteligência caracteriza-se igualmente pelo fato de, por natureza, lhe ser impossível compreender a duração real, a vida. Constituída de acordo com a matéria, ela transfere as formas materiais, extensivas, calculáveis, claras e determinadas, ao mundo da duração; interrompe a corrente vital única e introduz nela a discontinuidade, o espaço e a necessidade. Não pode sequer compreender o simples movimento local, como o provam os paradoxos de Zenão. (J. M. Bochenski, Henri Bergson, Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. in *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, Herder, São Paulo, 1968).

Maritain confirma essa recusa de Bergson dos dados da inteligência com relação ao real:

Precisamente concedendo a Kant seu pressuposto essencial, admitindo com ele que a abstração só permite ver que, de si, o conceito é vazio, inapto a nos comunicar o real—simples fórmula exprimindo não mais as funções a priori kantianas, mas as atitudes práticas de nosso espírito fabricante, e os hábitos da materialidade – sustentando então que, por si mesma, a inteligência, modelada sobre a corporalidade, não pode, desde que ela cessa de manipular matematicamente a matéria, senão nos enclausurar num mundo de ilusões mecanicistas; e pedindo então conseqüentemente os meios para uma evasão, no real, há uma intuição que transcende a inteligência, e que mergulhará como o sentido, e muito mais ainda do que ele, no puro concreto como tal” (J. Maritain, op. cit., p. XXVI).

Para Bergson, “porque a duração contínua da vida escapa a toda lógica, e não poderia se acomodar ao princípio de não-contradição, o método tornado necessário para

esta densidade própria às coisas da alma só pode ser inteiramente ‘irracional’, nota Vladimir Jankélévitch”.(Apud J. Maritain, op. cit., p.XLIX)

Para Bergson, o conhecer não poderia ser intelectual, mas vivencial. “Quanto mais se conhecesse intelectualmente menos se compreenderia. A tragédia do espírito consiste em que nosso conhecimento dos objetos como que nos obstrui para a concepção íntima e central” (J. Maritain, op. cit., p. L ).

Daí os seguidores de Bergson desprezarem o estudo intelectual e o conhecimento por abstração. Mais que a erudição, valeria uma captação quase que mágica do real por meio de uma misteriosa intuição não racional.

É a inteligência que nos enganaria, pondo os princípios de identidade e de não-contradição, princípios que deveríamos abandonar para atingir a realidade pelo único meio possível de conhecimento: a intuição mística, não conceitual, mas experimental. “O sistema de Bergson é essencialmente anti intelectualista” (Albert Farges, *La Philosophie de M. Bergson*, p. 463, apud Padre Diamantino Martins, S.J., *Bergson, a Intuição como Método da Metafísica*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p. 59).

É o que afirma também Maritain- “O bergsonismo é, portanto, essencialmente uma filosofia **anti intelectualista; ele nega à inteligência seu privilégio de faculdade do verdadeiro**” (J. Maritain, op. cit., p. 121).

Despedaçar o real universal em conceitos, raciocinar, seria cometer o pecado de pensar (Cfr. J. Maritain, op. cit., p. 183).

A inteligência seria abstrativa, universalizante, racionalista, e discursiva. Ela só contornaria o objeto do conhecimento.

A intuição, pelo contrário, seria experimental e não teórica ou abstrativa; seria do singular e não o conhecimento de um conceito universal; seria exclusiva, pessoal; unificadora do sujeito com o objeto; inefável, e, por isso mesmo incomunicável.

Querer transmitir os conceitos seria ilusão, pois que o conhecimento verdadeiro – que só a intuição atinge—seria inefável.

Portanto, falar, ou escrever, seria mentir.

E Bergson disse e escreveu isso!

Logo, mentiu.

### 3 - A Intuição não engana

A intuição daria, então, um conhecimento oposto ao da inteligência, pois que nos proporcionaria um conhecimento absoluto do objeto. Só a intuição teria a capacidade de “apreender a verdade, graças a um processo de conhecimento sui generis, graças a um contato imediato, a uma coincidência absoluta com o real” (Cfr. J. Maritain, op. cit., p. 125).

Conforme Bergson, “a linguagem e a inteligência fixam termos que realmente não existem. Tal conhecimento não é, portanto, um conhecimento metafísico da realidade” (Padre Diamantino Martins, S.J., *Bergson, a Intuição como Método da Metafísica*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p. 61).

Em resumo, existem dois domínios: de um lado, o domínio da matéria espacial e rígida, subordinado à inteligência prática; de outro lado, o domínio da vida e da consciência que dura, ao qual corresponde a intuição”. (J. M. Bochenski, **Henri Bergson**, Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. in **A Filosofia Contemporânea Ocidental**, Herder, São Paulo, 1968).

Bergson é bem um filósofo moderno já que para a Filosofia Moderna o conhecimento intelectual seria falsificador do real.

Para a Filosofia Moderna haveria um outro recurso último que não a inteligência. Se fosse possível à Filosofia Moderna demonstrar que ao lado do nosso conhecimento ordinário, acima da inteligência, haveria um outro modo de conhecimento, uma faculdade mais intuitiva e mais próxima do absoluto; se lhe fosse possível agarrar essa faculdade, e lhe arrancar o segredo do real, não poderia ela sair, ao mesmo tempo, do absurdo círculo indicado mais acima, e do dilema de que acabamos de falar; de um lado, determinando, graças a este conhecimento superior, a verdadeira relação do sujeito com o objeto, e julgando assim a inteligência e a certeza; de outro lado concedendo que a inteligência conduz invencivelmente ao mecanicismo, mas sustentando que uma faculdade mais alta nos faz “transcender” o mecanicismo e nos introduz no absoluto? Ao mesmo tempo, a Filosofia teria o orgulho de permanecer verdadeiramente moderna, porque ela teria achado um **novo fundamento** para o pensamento humano, o mínimo indispensável para toda doutrina que se respeita” (J. Maritain, op. cit., p.5).

Ora, esse conhecimento intuitivo pretensamente superior ao intelectual, esse conhecimento que permitiria aceder ao absoluto de modo irracional, não conceitual, é aquilo que sempre se chamou de Gnose. Bergson é um gnóstico moderno.

“A operação pela qual nós nos apoderamos de nós mesmos no vir-a-ser, e pela qual, transportando-nos para o interior das coisas, tomamos contato com a essência das coisas, o Sr. Bergson a chama de **intuição**. A intuição não raciocina, não discorre, não compõe, e não divide. Pois que ela é a própria consciência se voltando sobre a duração, e porque a duração é o fundo vivo no qual todas as coisas se comunicam, ela nos faz coincidir com o objeto conhecido, ou antes **sentido**, ou melhor **vivido**, ela nos assimila, numa experiência transcendente e inexprimível, à sua mais íntima realidade: “esta intuição atinge o absoluto”(J. Maritain, op. , cit., pp. 7-8. Os destaques são nossos).

Não se poderia descrever melhor a experiência mística da Gnose em sua pretensão de reunir o éon divino de cada ser ao todo da Divindade universal, ao Absoluto.

O conhecimento intuitivo bergsoniano é uma forma de Gnose.

Bergson é muito vago sobre o que entende por intuição. E isto é bem compreensível, visto que ele afirma que a intuição é inefável. Daí, as várias formulações brumosas do que seria a intuição.

A intuição, sendo de si mesma evanescente, pode e deve exprimir-se, ou antes, ser sugerida, em representações mais flexíveis e mais fluidas que os conceitos ordinários. (J. Maritain, Op. cit.,p. 67)

Sendo a intuição incomunicável, inefável, ela “não pode ser traduzida em conceitos ou proposições. Somente metáforas sensíveis podem sugerir a outrem o que percebemos, ajudando outros a fazerem o mesmo esforço metafísico”( J. Maritain, op. cit., p. 92).

O bergsonismo prefere metáforas e comparações a conceitos, imagens a idéias.

Por exemplo, segundo Lydie Adolphe:

Intuição filosófica, seria expressão para designar “o conhecimento íntimo do espírito pelo espírito, subsidiariamente o conhecimento, pelo espírito, daquilo que há de essencial na matéria” e que está no fundo” [das coisas] (Bergson, *La Pensée et le Mouvant*, p. 244, apud Lydie Adolphe, op. cit. p. 139).

Para Bergson, a inteligência procura conhecer o objeto, girando em torno dele, enquanto a intuição penetra no objeto (cfr. Bergson, *La Pensée et le Mouvant*, p. 202).

Para Bergson, a intuição resulta de uma experiência, pois “não há outra fonte de conhecimento, a não ser a experiência.”(Bergson, **Deux Sources**, p. 265 apud, Fr. Sébastien Tausin, O.P., **Bergson e São Tomaz**, Desclée de Brouwer, Rio de Janeiro, 1943, p. 70).

“Só a intuição é capaz de atingir imediatamente na sua totalidade concreta, o real” (Padre Diamantino Martins, S. J., **Bergson**, Livraria Tavares Martins, Porto 1946, p.107).

Contra o que ele considera a falsa ciência do intelecto, Bergson opõe o conhecimento intuitivo da duração, do impulso vital causador da mudança perpétua. Só a intuição nos permitiria aceder ao verdadeiro conhecimento, não racional, não conceitual, não intelectual, do perpétuo mudar. Desse modo, Bergson opõe conhecimento intuitivo a conhecimento intelectual.

Julgo que um dos sinais aparentes mais característicos do bergsonismo, encontra-se na oposição entre inteligência e intuição(...). (J. Maritain, op. cit., p. XIX).

Mas, de fato, a noção bergsoniana da duração e a da intuição são estritamente correlativas, elas não podem subsistir uma sem a outra (...) (J. Maritain, op. cit., p. XIX).

A intuição bergsoniana se caracteriza essencialmente por oposição ao conhecimento intelectual.

O conhecimento intelectual é abstrato, universal, e se serve do raciocínio ou do discurso. O conhecimento intuitivo requerido pelo bergsonismo será experimental, singular; excludente do raciocínio e do discurso, ao menos no que propriamente o constitui”. A intuição, nos diz Bergson, transcende a inteligência e a razão, é uma simpatia de todo o nosso ser com o real pela qual nós no comunicamos plena e absolutamente com ele, se bem que de modo fugidio, e por assim dizer evanescente (J. Maritain, op. cit., p.123).

O conhecimento intuitivo seria como que uma iluminação fulgurante, mas, momentânea, que nos uniria ao objeto conhecido, determinando uma como que fusão do sujeito conhecedor com o objeto conhecido. Um flash.

Só a intuição, oposta à inteligência, seria capaz de captar a realidade “graças a um processo *sui generis* de conhecimento, graças a um contacto imediato, a uma coincidência absoluta com o real, isto é a **intuição**” (Cfr. J. Maritain, op. cit., p.124).

A “Metafísica” decorrente da idéia de duração e vir a ser exigiria uma “*experiência integral*” do mudar para produzir o conhecimento do fluxo universal (Cfr. J. Maritain, op. cit., p.123).

“Onde se deve, pois buscar o conhecimento **pleno** da realidade, da Metafísica verdadeira? Na direção do instinto, na direção da simpatia” (Padre Diamantino Martins, S.J., *Bergson, a Intuição como Método da Metafísica*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p. 54).

O conhecimento intuitivo do mudar proposto por Bergson é um conhecimento não intelectual, mas experimental, místico, que é de fato uma gnose, no sentido literal desta palavra.

Só podemos conhecer a duração graças à intuição; mas com ela conhecemo-la diretamente e como algo íntimo. A intuição distingue-se por características que se contrapõem às características da inteligência. Órgão do homo sapiens, a intuição não está ao serviço da prática; seu objeto é o fluente, o orgânico, o que está em marcha; só ela pode captar a duração. Enquanto a inteligência analisa, decompõe, para preparar a ação, a intuição é uma simples visão, que não decompõe nem compõe, mas vive a realidade da duração. Não se adquire facilmente a intuição; tão habituados estamos ao uso da inteligência que se torna necessária uma viragem íntima violenta, contrária a nossas inclinações naturais, para podermos exercitar a intuição, e só em momentos favoráveis e fugazes somos capazes de o fazer”. (J. M. Bochenski, *Henri Bergson*, Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. in *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, Herder, São Paulo, 1968).

#### 4-- Intuição é flash iluminante, evanescente, inefável

A intuição daria um conhecimento fulgurante, mas fugaz do real. Seria como que um “*flash*” de luz, que permitia unir o sujeito conhecedor com o objeto do conhecimento, pela união das “almas”, que, como vimos, estão em tudo e que constituem uma só alma.

#### 5-- A Intuição identifica sujeito e objeto causando a Imanência

Essa identificação do sujeito com o objeto constituiria o princípio de imanência, tão querido dos modernistas, e que foi condenado na encíclica *Pascendi*.

É o que explica o Padre Macdowell:

Reduzida à sua expressão mais simples, a idéia de imanência implica apenas que a realidade só nos é acessível enquanto presente à consciência. Seria evidentemente impossível, para o sujeito sair de si mesmo para considerar-se o ente fora da própria consciência. Daí se segue que a conformidade entre o conteúdo imanente do pensar e o seu objeto não é obtida nem reconhecida através da comparação entre um e outro”(Padre J. A. Macdowell, S.J., **A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger**, Editora Herder, São Paulo, Edusp, 1970, p. 51).

Portanto, o princípio de imanência identificaria o sujeito com o objeto, permitindo o verdadeiro conhecimento. Desse modo, Deus e Mundo, como objetos do conhecimento, só nos seriam conhecidos pela identificação do eu com Deus e com o mundo. Deus se tornaria assim imanente ao homem. Daí o Panteísmo ou a Gnose da modernidade e do modernismo.

A intuição daria o conhecimento verdadeiro, superior ao da abstração intelectual:

Caracteriza-se a intuição como **supra intelectual**. Para além do conceito, e mesmo virando contra ele a direção do pensamento, além e acima de tudo o que a atividade da inteligência humana comporta inevitavelmente de abstrato e de propriamente racional, um conhecimento imediato, uma intuição do real, que é espírito, é “o instrumento específico” da filosofia. A intuição alcança o espírito”. (Carta de Bergson a M. Chevalier). Em outros termos, uma captação direta e supra conceitual da natureza do espírito; uma percepção imediata e concreta do universo metafísico, por mais evanescente que se a declare, por mais contrária à inclinação natural da inteligência, é o único órgão proporcionado do conhecimento filosófico, enquanto este se eleva acima da matéria”.(J. Maritain, op. cit., pp. XXVI – XVII).

Porém, bem nota Maritain que a intuição bergsoniana, negando que a inteligência seja capaz de, pela abstração captar o real, ela é, de fato, **infra intelectual**:

De outro lado, não adianta que se nos apresente a intuição bergsoniana como “supra intelectual”, ou como “ultra-intelectual”, é preciso reconhecer que, de fato na realidade, ela só pode ser **infraintelectual** (J. Maritain, op. cit., p. XVII).

Como bem nota Maritain, Bergson mutila a inteligência.

Sendo a atitude da inteligência exclusivamente prática, a filosofia não pode utilizar senão a intuição. Os conhecimentos, obtidos por este meio, não podem ser expressos em idéias claras e precisas, nem tampouco são possíveis as demonstrações. A única coisa que o filósofo pode fazer é ajudar os outros a experimentarem uma intuição semelhante à dele. Assim se explica a riqueza de imagens sugestivas que as obras de Bergson oferecem”.

(J. M. Bochenski, *Henri Bergson*, Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. in *A Filosofia Contemporânea Ocidental*, Herder, São Paulo, 1968).

Para se ter a intuição, seria necessário um esforço imenso, a fim de contrariar e de anular o processo normal, intelectual, do conhecer humano.

Frei Tausin aponta qual seria o método para se obter a experiência da intuição.

Seria preciso:

a) eliminar toda memória (lembranças, recordações) assim como todos os afetos;

b) não fazer distinções e classificações; tentar quebrar os quadros da linguagem; “rejeitar expressões verbais” Padre Diamantino Martins, S. J., *Bergson*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p.121)

c) combater a noção de estabilidade das coisas;

d) procurar unir o ver com o querer, isto é procurar conhecer pelo amor;

O conhecimento por intuição assim obtido será momentâneo e evanescente. Seria como um flash, extremamente luminoso, mas passageiro, fugidio, evanescente, inefável, e, por isso mesmo, incomunicável. Na realidade, a intuição bergsoniana é uma verdadeira experiência do tipo místico. (Cfr. Fr. Sébastien Tausin, O.P., **Bergson e São Tomaz**, Desclée de Brouwer, Rio de Janeiro, 1943, pp. 71-72).

George Steiner cita, como epígrafe, uma frase do cabalista e marxista Walter Benjamin que diz: “Nos domínios que nos importam, a intuição acontece apenas como um relâmpago. O texto é, muito depois, o ressoar do trovão”(Walter Benjamin, **Das Passagen-Werk**, N. I. I., in George Steiner, **Antígonas**, Edit. Relógios d’Água, Lisboa, 2008, p.8).

Isto significa que, para os gnósticos, só se pode ter conhecimento através de iluminações interiores, intuitivas que seriam como fulgurações semelhantes a relâmpagos muito evanescentes e momentâneos, nos quais teríamos visões fugidias de conhecimentos inefáveis. Nossas palavras tentariam traduzir o que entrevemos sem jamais conseguir fazer isso, porque o trovão da palavra não consegue fazer ver a luz do relâmpago.

É exatamente o que Dr. Plínio chama de flash.

O conhecimento por flash seria intuitivo, evanescente e inefável. É o conhecimento alógico da Gnose.

Quem tivesse um flash, uma intuição, poderia dizer: “Quem viu, viu. Quem não viu, não viu”, pois o que se capta no tal flash intuitivo seria incomunicável.

Também Lydie Adolphe relaciona a intuição bergsoniana com a mística unificadora do sujeito com o objeto do conhecimento ou do amor, isto é, ao princípio de imanência:

Cremos que é nesse sentido que é preciso compreender a intuição bergsoniana. A intuição deve coincidir em seu ritmo com todos os demais anéis da cadeia [do mudar], com todas as durações respectivas dos seres. Há assim como que uma comunhão, uma “**relação**”, no sentido místico da palavra, entre o sujeito e o objeto, independentemente do espaço e do tempo. Esta coincidência é comunhão, endosse, derramamento mútuo, transmutação insuspeitada, de um modo geral, troca. Como definir de outro modo a ação?(Lydie Adolphe, op. cit. p. 178).

Há, sim, uma palavra que define bem esse derramamento mútuo do sujeito no objeto e deste no sujeito: Kenosis.

É na doutrina eslavófila e gnóstica imanentista da Kenosis que se dá essa fusão do conhecedor no conhecido, por intuição, de modo que um se identifique com o outro, esvaziando-se nele. Sendo um no outro.

A intuição bergsoniana é kenótica sem que ele use esse termo. E a Kenosis é um conceito imanentista da Gnose romântica dos místicos eslavófilos.

Que a intuição de Bergson, sob forma de filosofia é uma Gnose que busca fazer conhecer que somos algo que desprende do todo original, e que, para salvar-nos, temos que conhecer isso, e buscar retornar à união primeva com o todo em perpetua evolução é fácil de entender nestas palavras de Bergson: “A filosofia não pode ser senão um esforço para fundir-se de novo no todo. A inteligência, se reabsorvendo em seu princípio, reviverá ao avesso sua própria gênese” (Bergson, **L'Évolution Créatrice**, p. 209. apud Lydie Adolphe, op. cit. p. 182).

E isso é claramente Gnose e imanentismo.

Se a intuição produz uma união do sujeito com o objeto, então um caminho para alcançar a intuição seria a simpatia, que já é uma certa forma de união no sentir com o

outro. “Simpatia é, portanto, caminho da intuição do exterior” (Fr. Sébastien Tauzin, O.P., *Bergson e São Tomaz*, Desclée de Brouwer, Rio de Janeiro, 1943, p. 82).

“A intuição” seria “a coincidência vivida, sentida do sujeito e do objeto” (J. Maritain, op. cit., p. 13).

A intuição do sr. Bergson é uma identificação vivida do espírito e da coisa em seu ser real (e não em seu ser intencional, que o sr. Bergson não poderia admitir). Bem que supra-intelectual na intenção do sr. Bergson, ela se reduz na realidade à ordem sensível pois que ela é uma experiência da própria materialidade da coisa (...) Com uma tal intuição nós não damos luz às coisas, nós vamos buscar nas coisas um contato que nos transforme nelas. Nós não possuímos as coisas, somos possuídos por elas, nós não intelectualizamos a matéria, mas materializamos o espírito. (J. Maritain, op. cit., p. 64)

Seria, de fato, uma intuição cega.

## 6 --Intuição, “Mergulho” e Simpatia.

Desse modo a intuição seria uma imersão nossa nas coisas, um “mergulho” nas coisas para que nos identificássemos com elas e, por elas, ao todo universal, ao absoluto.

O próprio Maritain alude à similitude que tem a intuição simpática bergsoniana com as experiências místicas da Gnose e das seitas teosóficas: “(...) enfim, a uma parte do misticismo natural que aparentaria esta intuição ao êxtase de Plotino, e com as diversas imitações que as seitas gnósticas ou teosóficas tentaram da verdadeira contemplação” (J. Maritain, op. cit., p. 65).

Seria a simpatia que abriria caminho para a intuição, a qual seria um como que **mergulho** no objeto intuído: “Donde se segue que um absoluto só pode ser atingido numa intuição, isto é, na ‘simpatia pela qual nos transportamos ao interior dum objeto, para coincidir com aquilo que ele tem de único, e conseqüentemente de inexprimível” (Bergson, *Introduction à la Métaphysique*, p. 205, apud Padre Diamantino Martins, S. J., *Bergson*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p.107).

Essa idéia da identificação plena do sujeito com o objeto através do “mergulho” da intuição levou Maritain a fazer os seguintes comentários:

A doutrina de Bergson,

opõe então sua intuição à idéia, ao conceito, ao conhecimento abstrato; e à razão e ao conhecimento discursivo. Ela não vê que, suprimindo do conhecimento a idéia, isto é, a similitude subjetiva do objeto, formada no sujeito conforme o modo de ser do sujeito, ela se condena a fazer de seu conhecimento intuitivo uma identificação do objeto e do sujeito, conforme o modo de ser do objeto; de modo que para ter, nesse sentido, a intuição da vida vegetativa ou da matéria, seria preciso que de um certo modo o filósofo se tornasse, ele mesmo, materialmente, vegetal ou mineral. A intuição bergsoniana, deste ponto de vista, só pode nos aparecer como uma tentativa de fazer violência ao espírito para absorvê-lo na materialidade das coisas” (Jacques Maritain, *La Philosophie Bergsonienne*, Librairie P. Téqui, Paris, 1948, p. 133).

E ainda :

Deixemos agora de lado a lógica e o raciocínio, e tentemos captar o real, não mais por uma idéia, e graças ao conhecimento intelectual, mas diretamente em si mesmo, graças a uma espécie de simpatia vivida que nos faz coincidir com ele, ou antes, para chamar as coisas por seu nome, por uma dilatação de percepção, e graças a um esforço de nossa alma toda para nos transformar no objeto, para enganá-lo, [pour le jouer], para entrar nele.( J. Maritain, op. cit., p. 91)

Intuindo um rubi, o homem unindo-se a ele se “rubinizaria”; intuindo uma safira, ele se safirizaria, intuindo o mar, ele se identificaria com ele etc... Intuindo Deus...

A intuição não é uma visão de algo, mas contato, é bem uma **simpatia** ‘ pela qual se daria um transporte ao interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único, e, por consequência de inexprimível” Bergson, *La Pensée et le Mouvant*, p. 205, apud Lydie Adolphe, op. cit. p. 163).

Alguns pretendem que este modo de conhecimento intuitivo, pelo qual se daria um “mergulho” no outro, é relacionado como conhecimento por conaturalidade de que falam Aristóteles e São Tomás. Ora, o conhecimento por conaturalidade dar-se-ia, segundo Aristóteles e São Tomás quando alguém, possuindo uma certa virtude, embora sem ter a ciência dela, teria um certo conhecimento de quem atua de acordo com essa mesma virtude.

Bergson não diz isto.

Bergson julga que, por meio da intuição haveria uma coincidência do intuïdor com o intuïdo, que se tornariam um só e o mesmo absoluto.

Daí, escrever Frei Tauzin: “Se conhecer é ser, conhecer o outro é **ser o outro**” (Frei Sébastien Tauzin, O.P., *Bergson e São Tomaz*, Desclée de Brouwer, Rio de Janeiro, 1943, p. 272).

Conhecer o outro seria ser o outro. Essa fórmula seria plenamente aceita por PCO.

## 7-- Supervalorização da Imaginação

Outro meio auxiliar para alcançar a intuição seria a imaginação:

Se falamos dum movimento absoluto, é, diz Bergson, porque atribuímos ao móvel ‘um interior e como que estados de alma ’e neles nos inserimos“ por um esforço de imaginação” (Bergson, *Introduction à la Métaphysique. La Pensée et le Mouvant*, p. 202, apud Padre Diamantino Martins, S. J., *Bergson*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1946, p.105).

É interessante notar como a intuição bergsoniana influiu na Arte Moderna, especialmente no Surrealismo, pois disse Bergson que ela exige ação violenta que rasgue o véu da figuração simbólica que recobre a realidade. Ela exigiria um olhar ‘naif’ [ingênuo] para alcançar uma outra realidade superior àquela que vemos (Cfr.Lydie Adolphe, op. cit., p. 165).

## 8 -- Nova Moral “Aberta” contra a Moral “Fechada”

A filosofia do devir de Bergson deu origem a uma nova Moral.

Segundo Bergson, há duas espécies de moral, a moral fechada e a moral aberta. A moral fechada deriva dos fenômenos mais gerais da vida; consiste numa pressão exercida pela sociedade, e as ações que lhe correspondem são levadas a cabo de modo automático, instintivamente. Só em casos excepcionais se trava luta entre o eu individual e o social. A moral fechada é impessoal e triplamente fechada: visa a conservação dos costumes sociais, faz coincidir quase inteiramente o individual com o social, de sorte que a alma se move constantemente dentro do mesmo círculo, e, por último, é sempre função de um grupo limitado e nunca pode ser válida para a humanidade inteira, porque a coesão social, da qual é função, repousa em grande parte na necessidade de autodefesa.

A par desta moral fechada, que obriga absolutamente, existe a moral aberta. Esta aparece encarnada em personalidades. eminentes, em santos e heróis, e não é moral social, mas humana e pessoal. Não consiste numa pressão, mas num apelo; não é fixa, mas essencialmente progressiva e criadora. É aberta no sentido que abarca a vida inteira no amor, proporciona até o sentimento da liberdade e coincide com o próprio princípio da vida. Procede de uma emoção profunda que, do mesmo modo que o sentimento provocado pela música, carece de objeto”. (J. M. Bochenski, **Henri Bergson**, Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. in **A Filosofia Contemporânea Ocidental**, Herder, São Paulo, 1968).

## 9-- Fanáticos Propagadores de Metáforas.

Por fim, seria conveniente mostrar que o bergsonismo, afirmando que o único conhecimento possível é o intuitivo —que seria inefável e incomunicável— se condena a não poder ser transmitido. Bergson não podia ter discípulos, mas só repetidores. É o que nota Maritain:

Uma filosofia anti intelectualista não poderia formar **discípulos** em sentido próprio, porque discípulo é aquele cuja **inteligência**, posta em ato por uma doutrina recebida, a pensa de novo por sua própria conta; somente as **idéias** se comunicam, as impressões, sensações e simpatias intuitivas só podem ser individuais. O bergsonismo, portanto, só pode ter propagadores mais ou menos fiéis à “corrente de pensamento” de seu mestre, e que repetem, mais ou menos bem, as metáforas que aprenderam” (Jacques Maritain, *La Philosophie Bergsonienne*, Librairie P. Téqui, Paris, 1948, p. 300).

## 10 - Resumindo.

As características da teoria do conhecimento do gnóstico Bergson são:

- a) **O Conhecimento é Inefável.**
- b) **A Inteligência é contrária à Intuição**
- c) **A Inteligência é Enganadora**
- d) **A Intuição não engana**
- e) **Intuição é Flash Iluminante, Evanescente e Inefável**
- f) **A Intuição, identificando sujeito e objeto, causa a Imanência.**
- g) **Intuição, “Mergulho” e Simpatia.**
- h) **Supervalorização da Imaginação**

## **I) Nova Moral “Aberta” contra a Moral “Fechada”**

### **j) Fanáticos Propagadores de Metáforas.**

Esta teoria do conhecimento herética, imanentista e gnóstica é muito afim com a teoria do conhecimento de Plínio Corrêa de Oliveira, tal qual ela foi exposta em seus artigos e estudos. E é o que veremos a seguir. Isso, porém, não significa que Plínio leu Bergson e que adotou sua teoria gnoseológica. Essa doutrina era exposta de mil formas no tempo da Belle Époque em que Plínio foi educado [?]. Tal doutrina estava no “ar” da Belle Époque. Era a teoria do conhecimento do Romantismo que Bergson sistematizou. Foi essa mentalidade romântica que gerou, em Bergson, a sua filosofia, e em Plínio, seus devaneios a-sistemáticos.

Gnosticizantes.

## **Capítulo III- Teoria do Conhecimento de Plínio Corrêa de Oliveira**

### **1 -- Conhecimento inato dos universais**

Vimos na Primeira Parte deste nosso trabalho, que Dr. Plínio afirmava que todos os homens nascem com a Inocência Primeva, e que ela lhes proporcionaria um conhecimento inato das coisas. Já ao nascer o homem teria em sua inteligência as matrizes ou padrões dos seres criados, isto é os universais.

Eis as palavras de PCO, que repetimos para facilitar a verificação a nossos leitores:

Todos os homens têm no fundo do espírito, o padrão, os modelos ideais de todas as coisas. E—se não cometeram infidelidades revolucionárias, contra a ordem estabelecida por Deus na Criação – são capazes de encontrar em si esses modelos ideais. Feito isso, não é tão difícil alcançar a harmonia interna da alma que caracteriza a inocência” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência...*, p. 45).

Ela –[a criança] – procura ver no que as coisas concretas conferem com a matriz que está na alma dela, a qual para ela é perfeita” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência...*, p. 31).

Os homens teriam, então, inatas as idéias universais. Ora, o universal no homem é abstraído dos seres reais concretos. Esse é o modo de conhecer do homem, por

abstração. Em Deus se dá o oposto. Deus tem idéia de um ser (universal) e desse universal cria os seres concretos. Assim o conhecimento divino é inverso ao do homem. É no Verbo divino que foram concebidas as idéias universais que PCO denomina de arquétipos. Ao afirmar que todo homem recebe a Inocência Primeva e, com ela, recebe inatas as idéias matrizes de todas as criaturas, PCO iguala a mente humana ao Verbo divino.

Vimos ainda (pp. 40 e 41 deste obra) que, segundo Fra Cavalcoli O.P., também o modernista Karl Rahner, o perito mais responsável pelas doutrinas revolucionárias e heterodoxas do Vaticano II, tinha essa mesma doutrina. Portanto, o modernista Rahner e o tradicionalista Plínio Corrêa de Oliveira tinham a mesma concepção sobre o conhecimento inato do homem.

Tal como no Verbo Divino, logicamente, as idéias “precedem”, a criação, também na inteligência humana as idéias universais seriam inatas. Para Plínio, conhecer a realidade, o homem compararia os seres individuais concretos existentes no universo com as matrizes de ser existentes inatas na alma humana, sem necessidade de abstrair.

Deus, conhecendo-Se a si mesmo, cria seres análogos a Si. O conhecimento em Deus parte do ser Dele. Para Plínio, o conhecimento humano partiria igualmente de si mesmo e não da realidade externa. O conhecimento humano seria então idêntico ao conhecimento divino.

Tendo em vista essa doutrina absurda, como se pode então qualificar PCO como o “Cruzado do Século XX”?

Melhor teria sido chamá-lo de um dos maiores enganadores do século XX.

Possuindo o homem inocente— Plínio Corrêa de Oliveira —um conhecimento inato dos universais, julgava ele que era desnecessário estudar. Ele explicitava apenas o que ele tinha em seu interior. Isto é, ele inventava e dizia o que lhe passava pela imaginação. E essa era a sabedoria inerrante do profeta de Higienópolis.

Certo era a primeira impressão que uma coisa lhe causara.

Errado era o que o desagradara, numa primeira impressão. Plínio vivia de suas impressões. E depois, contraditoriamente, escreveu que quem se guia pelas impressões é relativista.

Mais ainda. Ele ensinava ora uma coisa , ora o oposto, conforme o auditório a quem falava. Ia preparando as pessoas lentamente, com frases sutis, e pouco a pouco acabava por ensinar o oposto do que dissera antes.

Veja-se que se secretamente ele ensinava que no homem havia idéias inatas e que seria preciso apenas explicitar o que existia na alma, e que o homem devia ser fiel às suas primeira impressões, de outro lado, dizia serenamente o oposto.

Veja-se como ele defendia a necessidade de abstração, numa conferência reservada, em 1967:

c - Logo, a *chacunnière* é o oposto da Sabedoria

Ora, o espírito bem formado deveria:

- querer o abstrato.

- neste, o arquitetônico, isto é, as verdades que formam um todo, e não apenas umas notas abstratas soltas no ar.

- no arquitetônico, deveria procurar o metafísico.

- além do metafísico, o sobrenatural.

- e no sobrenatural, arquitetonicamente visto, ele deveria se deleitar.

Esta é a ordem da Sabedoria, é a Sabedoria .

d - assim a *chacunnière* encontra sua expressão mais eminente no espírito "americanista"

O oposto disto é exatamente a *chacunnière*, que encontra sua expressão mais eminente no espírito "americanista". Pois, para o norte-americano (segundo é apresentado e difundido por Hollywood), o que vale é o fato que passa, a impressão que chama a atenção, a pura sensação física, o horror ao pensamento que conduz ao abstrato, o horror ao arquitetônico".( Plínio Corrêa de Oliveira, Quem somos nós, TEXTO introdutório de Fevereiro de 1966, ORIGINAL DO site salvemaria, pp.7-8. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

Anos depois, no texto do Simpósio “Quem somos nós”, dado para os tefepistas argentinos em 1973, Plínio vai dizer o oposto:

E os flashes, explicitados e reduzidos a raciocínio.

Isto dará então o lado raciocinado do simpósio. Primeiro, porque **só as impressões profundas são grandes flashes.** Depois, porque estando estando explicitada e reduzida a um raciocínio, ainda que nas horas de grande tentação, de grande dificuldade, de grande crise, os flashes desapareçam, a coisa que fica é o que foi reduzido a raciocínio, a princípio.

Não é sem razão que depois de Nossa Senhora ver as maiores maravilhas se passarem em torno d'Ela a propósito da Anunciação, do Nascimento do Menino Jesus e dos primeiros fatos de Sua Infância, o Evangelho nos diz que Ela conferia todas essas coisas e as meditava no seu Coração. O que é que era esse meditar?

**“Era tomar todas as coisas que a Ela tinham causado grande impressão - impressão já toda ela razoável, porque Nossa Senhora era concebida sem pecado original e tinha, na ordem da graça e da natureza, qualidades verdadeiramente insondáveis - era tomar essas impressões, já razoáveis, e fazer delas um pensamento definido, articulado, metódico que A elevasse ainda mais no amor a Deus”** ( Plínio Corrêa de Oliveira, *Quem somos nós*, TEXTO introdutório de Fevereiro de 1966, ORIGINAL DO site salvemaria,p. 13. Os destaques são nossos. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

## 2 -- Doutrina do Seletivo: o conhecimento gnóstico de PCO.

Plínio afirmava que havia no homem uma faculdade subconsciente, superior e anterior à inteligência e à vontade, que dariam ao intelecto consciente uma compreensão inerrante, e à vontade uma decisão clara inata e superior à racional para escolher o que certamente seria mais conveniente para a pessoa, tendo em vista a sua divinização por transformação no Absoluto

Tal capacidade Plínio a chamava de “seletivo” e considerava que ela existia e atuava, mesmo antes do uso da razão. Com ele, afirma-o Plínio, aconteceu isso: ele já usava o seletivo aos seis meses de idade, quando evidentemente não tinha o uso da razão.

Tanto quanto possa lembrar-me de mim mesmo, já observava as coisas em pequeno e pensava sobre elas, perguntando-me se eram moralmente boas ou más; **ontologicamente apeteceíveis ou não**. Por exemplo, há uma fotografia em que estou nos braços de mamãe, tendo alguns meses de idade e, portanto, sem o uso da razão. Ela relativamente moça, muito forte e bem constituída, sorrindo enlevada e satisfeita. Ao pé da letra, ela está “derretida”...

“Alguém teve a idéia de fazer uma ampliação dessa fotografia. Observando minha micro-fisionomia, percebi alguma coisa de meu modo de ser e de meu temperamento que já estava ali presente. A inocência transparece de modo saliente, junto com a debilidade. Estou acordado olhando para alguma coisa. Largado nos braços maternos – com delícias! –sentindo muito seu carinho e confiando nela com a maior tranquilidade. Entretanto, causou-me certa surpresa ver como uma criança daquela idade com ares e olhar de quem está raciocinando... É um olhar **seletivo e dubitativo**; feito para distinguir as coisas, não permitindo que elas se apresentassem emaranhadas, mas coordenadas. Com uma grande tendência para a análise, disposta para depois saborear ou recusar, aprovar ou rejeitar. Havia ali uma obra-prima para um homem muito analítico”( Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, vol. I, p. 63. Os destaques são nossos).

Será preciso comentar o absurdo dessas afirmações cheias de um imenso orgulho, e saturadas de contradições? Como uma criança, sem o uso da razão, pode falar em problemas morais, do que é lícito e do que é ilícito? Do que é ontologicamente apetecível?

Haveria coisas ontologicamente não desejáveis sob algum aspecto? Todo ser, enquanto ser, é bom, portanto apetecível. Dizer que haveria seres não apetecíveis parece indicar a ideia de que poderia haver seres ontologicamente maus. O que é uma ideia gnóstica.

Isso é um desvario de alguém transtornado que perdeu a noção de autocensura. Mas que pretendia usar o “seletivo”, potência superior à razão, já aos seis meses de idade. (Pena que parece tenha perdido qualquer seletivo e autocensura posteriormente).

Pelo seletivo é que o homem teria o verdadeiro conhecimento do ser. E ser, aí, seria o Ser Absoluto.

Por quê?

Porque Plínio definiu o seletivo, dizendo que ele é o próprio ser: “Descrevemos desta sorte um inocente concebido sem pecado original cujo **seletivo é o próprio ser**”(Plínio Corrêa e Oliveira, *Seletivo e Harmonia da Alma Inocente*, in revista “Dr. Plínio”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 22. O destaque é nosso).

Por isso, também PCO dizia que esse “seletivo” era “o senso do ser”, inato no homem.

Já vimos que o seletivo e o senso do ser, segundo a doutrina pliniana, estariam intimamente ligados com a ideia de que no homem existe inata a ideia de ser Absoluto.

Expliquemos mais claramente o que seria esse “seletivo”— ser, e senso do ser — existente inato numa misteriosa Câmara Obscura, que existiria por trás da inteligência e da vontade.

O seletivo seria um conhecimento inato, “instintivo e elementar de si próprio” (PCO, artigo na revista “Dr Plínio”, N<sup>o</sup> 85, p. 25).

Por meio dele, teríamos o senso do divino em nós pela conscientização de tendemos ao Absoluto, à Divindade:

1-Por exemplo, **temos uma série de percepções do divino em nós**, em várias ocasiões de nossa vida. Quando às vezes, nós comungamos, temos

uma certa percepção, onde está o Santíssimo, percebemos que Ele está lá. Ou quando visitamos a Sainte Chapelle” (PCO, artigo na revista “Dr.Plínio”, Nº 58, p. 17. Os destaques são nossos).

E os exemplos dados não nos dão a percepção do divino **em nós**. Por outro lado, Plínio sabia que ele correspondia a um arquí alter ego dele, que seria o próprio Cristo. E vimos também que, em outro artigo, Dr. Plínio afirmou que

A inocência está sempre à procura de algo, de algo que é cheio de luz, cheio de paz, cheio de ordenação, concatenação e força, mas cheio de tranqüilidade.

Este algo tem a capacidade de tudo mover sem mover-se a si próprio.

Tem algo de inefável, de **divino**, de interior e de secreto” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, ed. cit. p. 49. O destaque é nosso).

E o que tem capacidade de tudo mover sem mover-se—o motor imóvel-, é Deus.

E vimos que PCO considerava que o homem se identificaria, no final do processo humano, com a Divindade – um conhecimento de todas as coisas, remetendo a impressão que elas nos causam, pelo uso da imaginação, ao Absoluto puramente **ideal**, que conteria todos os valores absolutos encarcerados no mundo material.

Portanto, o seletivo, o senso do ser, permitiria que conhecêssemos o divino em nós e em todas as coisas. Assim como se deveria buscar o nosso alter ego absoluto, assim também se deveria buscar o super “ser” absoluto (o super verde da gelatina, o super chopp, a super limonada) aprisionado nas coisas concretas. Até reunirmos tudo isso no mundo da Trans-esfera, que seria o pléroma do Absoluto.

E já vimos que isso é Gnose claríssima.

Do fundo inconsciente de nossa alma, numa zona obscura, que PCO chamava de Câmara Obscura --[quase que o Id de Freud]–, o seletivo dava à inteligência consciente as matrizes de todos os seres, os universais, e para a vontade apresentaria as decisões mais profundas e melhores para o indivíduo, mas que o livre arbítrio poderia recusar. Daí, Plínio falar em “maldade do livre arbítrio”

Plínio dirá que, na alma humana, havia então uma misteriosa Câmara Obscura, na qual se dariam todos os conhecimentos inatos que o homem deveria sempre comparar com o que a realidade exterior lhe apresentasse. O que seria conveniente ao homem lhe causaria uma impressão favorável a qual lhe permitiria, através da imaginação, relacionar essa impressão com a matriz do ser inata nele, e a seguir, e

sempre usando a imaginação, relacionar essa primeira impressão com outros seres análogos superiores até chegar a um análogo absolutamente transcendente à realidade concreta, num mundo irreal e imaterial, onde haveria a fonte Absoluta da impressão sentida inicialmente. Esse exercício imaginativo fazia passar, dizia PCO, do concreto exterior à verdadeira realidade do Absoluto ideal, numa esfera superior que PCO chamava de Transesfera.

E repare-se que, nesse processo, não entraria a abstração intelectual. O que importa é o seletivo, a impressão sensível e a imaginação como meios de chegar ao Absoluto ideal.

O livre arbítrio, porém, por sua maldade, poderia recusar esse absoluto sugerido pelo ser concreto apresentado pelo seletivo como convite para alçar um vôo imaginativo até o Absoluto ideal na Transesfera. Havendo essa recusa pela preferência do ser concreto e desprezo do Absoluto, dar-se-ia na alma uma desarmonia de suas potências e o homem perderia o fulgor da inocência primeva. Esse seria o pecado de Revolução que faria do homem um revolucionário.

Caso o homem fosse fiel ao que o seu seletivo lhe apresentasse de modo inato e inerrante, ele venceria, como dizia Plínio, a maldade do livre arbítrio, mantendo a inocência primeva e a harmonia das potências conscientes de sua alma, tornando o homem um contra revolucionário. Não havendo o pecado de revolução — a recusa de buscar o Absoluto por meio da imaginação e do sonho — a inocência permaneceria na alma mesmo sob um mar de pecados contra a lei de Deus. O mal seria o pecado de revolução, a recusa da busca do Absoluto.

A inteligência e a vontade conscientes seriam meras ramificações do seletivo da Câmara Obscura. Elas teriam suas raízes no seletivo residente na câmara obscura.

Plínio considerava que a inteligência e a vontade, em sua dependência radical do seletivo, foram postas como inerrantes no homem.

Plínio diz mais: diz que **a inteligência é inerrante em seu nascedouro, isto é, no seletivo jazente na Câmara Obscura.** E que, se uma pessoa fosse fiel a esse estado original, que o Batismo reforçaria, ela se manteria inocente, mesmo se cometesse um mar de pecados, pois esse estado seria ontológico, seria imanente ao ser do homem, e, por isso também ele se tornaria inerrante. Se a pessoa atuasse sempre de acordo com sua inocência, então ela seria inerrante.

Isso foi contado por João Scognamiglio por volta de 1992, portanto, Plínio estando ainda vivo (Cfr. João Scognamiglio Clá Dias, **Jour–Le–Jour**, 19 de Abril de 1992, citado já, na I Parte deste livro, cap. II, p. 51).

E Plínio diz que, dessa inocência e inerrância originais, algo restou em nós, após o pecado de Adão.

O que é, mais que uma “batatada” contraditória, é erro grave de doutrina, pois considera que a natureza humana, de fato, não teria perdido o estado adâmico original.

Plínio constata que o pecado original deixou em nós muitas desordens, mas que “Essas desordens e contradições devem ser vencidas e domesticadas pela **inocência que restou em nós** com a ajuda da graça de Deus, pois sem este socorro nada se consegue” (PCO, artigo, “Seletivo e Harmonia na Alma Inocente”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.24, O destaque é nosso).

A Inocência teria permanecido em nós – pelo menos em uma forma de resto— depois do pecado original?

Isso é herético.

Somos concebidos no pecado original, e nada da inocência primeva restou em nós. Isso que disse Plínio é uma negação da doutrina católica sobre o pecado original. Isso é contra a fé.

Plínio afirma que é possível manter em nós a harmonia destruída pelo pecado original, extirpando a contradição que ele deixou em nossa natureza, através do bom uso de nosso seletivo:

**Entretanto trata-se de uma contradição que precisamos extirpar de nosso interior, para que em nós tudo seja lógica, coerência, harmonia.” Tal nos é possível, fazendo com que nosso seletivo funcione em ordem, não procurando coisas que não nos convém, e tendo idéia exata de como deveríamos ser, isto é, inocentes.** E desejar atingir essa meta, pois o homem, quando fiel à sua inocência batismal, conhece, quase por instinto aquilo que lhe será ou não benéfico” (PCO, artigo, “Seletivo e Harmonia na Alma Inocente”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.25, Os destaques são nossos).

Isso é tem sabor, cheiro e jeito de heresia.

Se isso fosse verdadeiro, o seletivo seria mais importante que o Batismo, pois que teria efeitos que o Batismo não tem, anulando as contradições trazidas pelo pecado original, e restabelecendo o homem na inocência primeva, coisa que nem o Batismo faz.

É verdade que Plínio fala aí em inocência batismal. Porém, muitas vezes, ele falava de inocência primeva.

Não somos capazes de restabelecer a inocência original primeva em nós. E mesmo a inocência batismal, isto é, passar toda a vida sem cometer um pecado mortal sequer, é bem raro acontecer. E mesmo nos santos que jamais cometeram um pecado mortal, a inocência batismal que eles conservaram não eliminava neles a tendência ao erro e ao pecado. O Batismo perdoa a culpa original, mas não apaga as conseqüências do pecado original em nossa natureza.

Além disso, - que é gravíssimo – Plínio diz outra batatada ao afirmar que temos conhecimento do que é benéfico ou não à alma, quase que por instinto.

Quem conhece por instinto é o animal.

O conhecimento do que é bem ou mal é racional e não instintivo.

### 3 - O Seletivo e a Câmara Obscura

Vejamos algumas citações originais dessa doutrina de PCO, comprovando o que agora explicamos.

Na apostila sem assinatura divulgada na TFP ainda quando lá estávamos, e que se sabia ter sido escrita por Átila Sinke Guimarães, resumindo algumas teses que Dr. Plínio expunha no MNF –pode-se ler algo que permite vislumbrar qual era, de fato, a teoria do conhecimento de Plínio.

Lá, se lê:“A visão primeira corresponde à minha velha idéia – [de Plínio Corrêa de Oliveira]—de que **o conhecimento é algo que brota do fundo da cabeça do homem** à maneira de algo impreciso, que depois se torna desenho, depois relevo, depois estátua e por fim fala” (Apostila da TFP escrita por um eremita, e atribuída Átila Sinke Guimarães , “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo I “Teoria da Visão Primeira” , N<sup>o</sup> 5 – *O Verdadeiro Conhecimento e a Verdadeira Inteligência*, p. 64. O destaque é nosso).

Portanto, o conhecimento viria do interior do homem, e seria inato nele.

E noutra passagem se lê: “**Necessariamente tem que haver um conhecimento anterior e subconsciente nele** – [no homem] – que é o conhecimento de algo por onde todas essas coisas são unas” (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo I “Teoria da Visão Primeira”, N<sup>o</sup> 1 – *Visão primeira a Alma Enxerga o Ser na sua Totalidade*, p. 61. O destaque é nosso).

E onde o homem teria esse conhecimento anterior?

Ele teria esse conhecimento inato numa coisa misteriosa da qual a Igreja jamais falou: a Câmara Obscura”...

Que seria isso?

Plínio Corrêa de Oliveira, nas reuniões super discretas do MNF se abria, manifestando sua verdadeira doutrina, que parecia muito uma síntese de freudismo, bergsonismo e kantismo.

Veja-se lá: “O processo humano não se esgota simplesmente na inteligência ou na vontade, mas ele se esgota em algo que está por detrás da inteligência e da vontade” (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, “O que é a Câmara Obscura”, N<sup>o</sup> 1 – *Constatação de uma Zona por detrás da Inteligência e da Vontade*, p. 71).

E o que existiria por trás da inteligência e da vontade, segundo Plínio?

O que é a câmara obscura?

Existe dentro do homem uma certa região misteriosa que poderia ser comparada com uma câmara obscura na qual se dá o mais profundo elaborar dos atos da inteligência e da volição do homem, e dos quais o que comumente se chama inteligência e vontade não são senão prolongamentos. Então, essa câmara obscura é chamada obscura porque ela imerge na obscuridade do subconsciente, das operações que o homem produz sem que ele mesmo perceba muito claramente que ele está produzindo” (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, “O que é a Câmara Obscura”, N<sup>o</sup> 2 – “O que é a Câmara Obscura?”, p. 71).

Ora, essa estranha doutrina parece a do cabalista Freud com o seu id. E a Cabala era a Gnose do judaísmo.

Dessa zona mais profunda e superior de alma é que proviriam o intelecto e a vontade. E nela é que as operações do homem se fazem sem que ele perceba bem o que ele está produzindo. O que anularia o livre arbítrio humano e a responsabilidade de nossos atos.

E outro gnóstico que expôs doutrina muito semelhante a essa foi Mestre Eckhart:

"...há na alma não se sabe o quê de misterioso e escondido bem mais elevada, lugar de onde se difundem as potências que são o intelecto e a vontade. Santo Agostinho exprime-se assim : Do mesmo modo que é impossível dizer onde o Filho saiu do Pai na primeira difusão, há na alma humana um não sei quê de tudo - fato secreto acima da primeira difusão de onde saíram o intelecto e a vontade ".(Mestre Eckhart, *Sermons*, ed. cit. Sermão nº 7 "Populi eius in te est, misere Deus", pág. 91).

E Plínio chega a chamar essa câmara obscura de “tabernáculo da alma”!

Portanto, a câmara obscura não pode ser considerada como um depósito de lixo no qual necessariamente entra poeira por mais que se limpe. Mas há uma espécie de obscuridade sagrada como de um tabernáculo, e não mais do que tudo isso.

Aliás, ela é tão elevada e tão nobre que poderia ser chamada o tabernáculo da alma”. (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, “O que é a Câmara Obscura”, N<sup>o</sup> 3 –“Pode ser conscientizado o que há na câmara obscura?”, p. 72).

Estranho... Muito estranho... Pois, em termos católicos, o que há no tabernáculo é Deus sacramentado. Essa formulação misteriosa insinua que haveria algo de divino no homem?

Seria então por isso que PCO afirmou que o seletivo nos daria conhecimento do que há de divino em nós?

E isso é o mesmo que dizia o gnóstico Mestre Eckhart.

Nesse sacrário ou tabernáculo da alma estaria a Divindade sob a forma de inocência primeva com o senso do ser...

A concepção da câmara obscura de Plínio não é católica. Ela contraria tudo o que a Igreja e a Filosofia ensinam sobre a natureza do homem, e tornaria o homem irresponsável por seus atos.

Essa concepção é gnóstica.

Para Dr. Plínio, “a vontade e a inteligência estão na câmara obscura. Quanto à sensibilidade, é muito difícil dizer” (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, “O que è a Câmara Obscura”, N<sup>o</sup> 3 –*Pode ser conscientizado o que há na câmara obscura?*, p. 75).

E Plínio confirma essa inversão do processo do conhecimento fazendo-o vir do interior do homem para o exterior, dizendo: “Mais do que tudo, temos o desejo de ver a Deus com os olhos da carne, **depois** de o ter percebido através dos olhos da alma” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Símbolos, Fantasia e Realidade”, in revista *Dr. Plínio*, N<sup>o</sup> 42, ano IV, Setembro de 2.001, p. 31. O destaque é nosso).

Isso é falso.

Não podemos ver a Deus com os olhos da carne. E também é falso que o vemos antes com os olhos da alma, e só depois temos vontade de “vê-Lo” através dos olhos da carne. Chegamos ao conhecimento da existência de Deus por meio das coisas visíveis criadas, que vemos com os olhos da carne. É o que ensinou São Paulo, na Epístola aos Romanos. Plínio diz o oposto do que afirma São Paulo.

Para Plínio, “o papel da inteligência é formular as riquezas da câmara obscura”.

A câmara obscura é a detentora dos maiores recursos e tesouros da inteligência e do conhecimento. E é, ao mesmo tempo, a grande muda. Então a inteligência toma essas coisas, as formula conscientiza, etc. E esse é um fato que os partidários da filosofia tradicional não colocaram em evidência e que os esotéricos procuram trabalhar de modo malévolo” (Apostila da TFP, “MNF -- O Processo Humano” (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, “O que é a Câmara Obscura”, N<sup>o</sup> 3 –*Pode ser conscientizado o que há na câmara obscura?*, p. 75).

Ah!.. Plínio reconhece que esse tema tem algo a ver com o esoterismo!...

Está aí, Plínio namorando temas esotéricos, brumas e os mistérios da noite...

E a Câmara Obscura seria o depósito do saber inato do homem, de onde o homem retiraria os seus conhecimentos nela depositados.

#### 4 - Exemplos concretos de atuação do seletivo dados por PCO:

Por causa dessa doutrina é que PCO dava extrema importância às primeiras impressões que ele tivera na infância, que ele usava como exemplos comprovantes de sua teoria do conhecimento..

Na revista *Dr. Plínio*, foram publicados três artigos do Profeta de Higienópolis versando sobre o modo como nasceriam os conhecimentos no homem. O primeiro desses artigos intitula-se “Inocência e as Noções Primárias do Ser” (Revista *Dr. Plínio*, Nº 85, Ano VIII, Abril de 2.005, pp. 22- 25).

Nesse artigo, Plínio começa imaginando um bebê, a quem apresentam um objeto qualquer. Plínio nota que o bebê pode ter três reações: de desejo, de indiferença ou de repulsa pelo objeto apresentado. Ele conclui que, se a criança reage, é porque o bebê “já conhece algo, se não conhecesse não reagiria” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, Nº 85, p. 22).

Já nesse primeiro passo, Plínio erra ao empregar o verbo conhecer, não distinguindo movimentos instintivos de inteligência.

O bebê tem inicialmente apenas movimentos instintivos, puramente animais, de auto conservação. É por isso que a criança leva as coisas à boca. Os primeiros sentidos que nela atuam são os necessários à manutenção da vida física (paladar, olfato, tato)

A criança é atraída quando algo apetece a ela, quando pode comer algo.

Plínio afirma que a criança tem já, desde os seus primeiros instantes uma faculdade **seletiva** da qual não fala São Tomás:

Nota-se que a criança possui um seletivo. Selecionar é uma operação que supõe aceitação de umas coisas e recusa de outras. E esta última, por sua vez, apresenta duas modalidades: rejeição na sua totalidade(...) e a segunda por indiferença. (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, Nº 85, pp. 22 - 24).

Plínio se esquecia de que essa capacidade seletiva—tal qual ele a descreve -- é puramente instintiva, e não intelectual, pois existe também num bezerro ou num

pintinho que sai do ovo. Um bezerro, logo que nasce, não vai mamar o pau da cerca, e sim na vaca que o gerou. Logo que sai da casca do ovo, o pintinho cisca, selecionando o que pode alimentá-lo. Pega um vermezinho e o come, e rejeita um parafuso. Sem isca, peixe não engole anzol.

Plínio não percebe que o bebê reage inicialmente só como animal, instintivamente, e não racionalmente. A criança tem instinto e não “*seletivo*”. Pinto não consulta cardápio para escolher o que vai comer.

Esse “*seletivo*” instintivo é animal, e existe no homem enquanto animal. Isso não é uma faculdade intelectual do homem. Qualquer bicho age do mesmo modo, engolindo o que o alimenta, e rejeitando o que o prejudica. Nisso, não há conhecimento racional.

E Plínio, esquecendo-se de bezerros e vacas, de pintos e patos, afirma, falando do bebê:

Este seletivo possui certos **critérios de escolha antes mesmo de a inteligência ter elaborado raciocínios**. Essa faculdade trabalha ainda de um modo incompleto, enquanto o seletivo já inicia seu operar.

Tal tabela de valores, de preferências, recusas e indiferenças é desenvolvida pela criança ao longo de sua vida, sofrendo algumas modificações, de vez quando perdendo algum atributo, adquirindo outros, etc. mas em suas linhas gerais ela o conserva até o fim de sua existência” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, p. 24. O destaque é nosso).

Plínio afirma rotundamente, aí, nesse texto, que existem critérios de julgamento no homem, anteriores ao uso da razão. No homem haveria critérios de julgamento inatos. Haveria até uma tabela inata de valores e que, em linhas gerais, se manteria no homem até o fim da vida. O que vai contra a doutrina católica e fazem de Plínio ou um platônico, ou um romântico kantiano. De todo modo, um “filósofo não abstrato” .

E como ser um filósofo não-abstrato?

Como fazer filosofia sem abstrair?

Bergson é que defendeu essa posição de que a verdadeira filosofia não podia ser abstrativa, e sim intuitiva.

E Bergson era um filósofo gnóstico.

Como Plínio também foi um gnóstico. Embora não tenha sido um filósofo...  
Nem de meia pataca.

Comecei a fazer associação entre os temas de pensamento e a vida concreta, e a fazer a análise do concreto em função do que eu tinha pensado. Tornou-se, então, para mim muito mais fácil pensar. Sim, porque, como o concreto vem muito à mente, e eu **sentia** que era asneira não analisá-lo em função do que eu havia pensado, notei que esse era um outro progresso pelo qual comecei a pensar muito mais. **Não mais sobre o puro abstrato**, mas sobre o abstrato misturado com o concreto, e sobre o puro concreto”(...) Depois eu vim a perceber que isso forma um ciclo incessante e que é a isso que se chama pensamento. Quer dizer, a toda a hora estamos observando as coisas e **sentindo-as** com rumo à doutrina”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Um Adolescente Analisa o seu Modo de Pensar” , in revista *Dr. Plínio* Ano VI N<sup>o</sup> 60, Março de 2.003. p.29. Os destaques são nossos).

Tudo em Plínio tinha base no sentir.

E note-se que ele explicitamente diz que fazia “a análise do concreto em função do que eu tinha pensado”, isto é, comparava o os seres concretos que via com a matriz de ser que ele imaginava ter dentro de si. O haver pensado precedia ao que o ser concreto lhe comunicava.

Falando do seletivo, Plínio exprime, por vezes, idéias bem estranhas: “Verifica-se aqui o processo mental humano de se desprender da noite do não-criado para o criado, do não-ser para o ser” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, p. 24).

O não-criado é Deus. Deus não é a treva. O não-ser não existe.

E o processo mental humano não parte do não-ser para o ser. Parte da constatação de que os seres existem. A criança não parte de uma noção de não-ser.

Essa formulação de Plínio tem forte sabor gnóstico.

E prossegue nosso “filósofo não abstrato”: ao estilo de Bergson.

A criança tem, então, a **impressão** de que algumas coisas a completam e outras não. Ela quer as primeiras e afasta as últimas, pois as julga malfazejas. Assim, juntamente com o conhecimento de que ela é, **aparece a idéia confusa, instintiva**, tendente a ser quase **um circuito de sensações**, pela qual percebe no que é completa, e, por outro lado, os pontos em que não o é” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, pp. 24. Os destaques são nossos.).

Note-se nessa citação, como o autor faz confusão: ele afirma que há uma **ideia... instintiva**.

O instinto não tem ideias.

Mas para Bergson era o instinto que estava na base das intuições.

Ora, essa filosofia *sui generis*, contrária à abstração, e aceitando o instinto como fonte de idéias e de conhecimento é típica do gnóstico romântico e modernista Bergson. Era esse filósofo, muito em voga na Belle Époque, que afirmava ser a intuição superior ao pensar abstratamente, e que considerava a intuição como uma forma de conhecimento instintiva, superior ao conhecimento racional que ele – como Plínio— qualificava de geométrico ou quadrado. Teria Plínio lido ou estudado Bergson?

Duvidamos disso. Plínio detestava ler ou estudar, especialmente problemas abstratos e metafísicos. O mais provável, é que lhe deram em algum restaurante,-- ou loja--, algumas informações sobre a doutrina do conhecimento de Bergson, da qual ele gostou, e começou a repetir o que captara. Daí, ele pretender ter se tornado um filósofo do concreto e não-abstrato.

A que confusões leva recusar ser filósofo simplesmente abstrato. O seletivo de Plínio, em Filosofia, funcionou mal: fez com que ele escolhesse o pau de cerca para amamentar seu pensamento muito concreto.

Dessa confusão de “filósofo não-abstrato” é que vai nascer o problema do seletivo de bebê de Plínio. Relembremos, porém, que Plínio não suspeitou que esse maravilhoso “*seletivo*” permitia também a um bezerro não confundir pau de cerca com úbere de vaca.

A seguir, Plínio dá um passo – Ou um tropeço? -- adiante, concluindo que o bebê “tem, portanto, um seletivo originário de um **conhecimento instintivo** e elementar de si próprio, de suas atrações, fobias, bem como do que lhe é conveniente ou inconveniente” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, pp. 25. O destaque é nosso).

Note-se a confusão patente e explícita entre conhecimento e instinto, entre os quais Plínio não faz a distinção devida. O conhecimento próprio do homem é o intelectual e não o instintivo, que é comum ao homem e aos animais.

Plínio diz mais ainda, que os critérios pré-rationais da criança são os que lhe permitem perceber um gracejo insincero e a recusá-lo. Portanto, o bebê teria conhecimentos não intelectivos, coisa que Plínio já asseverara anteriormente:

Mais adiante, a mesma senhora --[que leva consigo seu bebê] – é abordada por uma moça da cidade, toda enfeitada e maquiada. Esta se voltou para o bebê e lhe dirigiu um sorriso afetado, mas encantador, dizendo: “Gracinha, como vai?”. Para o padre – [Padre que teria observado esse fato e o contado a Plínio] – era notório que a moça se achava de mau humor e fazia aquilo artificialmente.

Ora, a criança, de modo **instintivo, percebeu a insinceridade** do agrado e, com um choro amuado, virou a cabeça para o lado oposto. De tal maneira a alma inocente é **sensível** e, por esse seletivo, dá-se conta da autêntica realidade à sua volta” (PCO, artigo, “Seletivo e Harmonia na Alma Inocente” in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p. 25. Os destaques são nossos).

Um bebê perceber instintivamente a insinceridade de um gracejo amável é realmente impossível. A sinceridade e a insinceridade só podem ser percebidas intelectivamente, nunca instintivamente. Plínio sonhou a existência do tal “*seletivo*” inato pré-racional, que permitiria à criança perceber a insinceridade de um gracejo.

Para exemplificar o uso do seletivo pré-racional, Plínio imagina – sonha – como seria a vida do inocente Abel, no paraíso terrestre, caso não tivesse ocorrido o pecado original.

E não devemos esquecer que Plínio, desde muito tempo, se fazia chamar pelo codinome de Abel... E que Plínio também se dizia “***O inocente***”. O homem que havia conservado a “***Inocência primeva***”. Plínio seria o inocente Abel...

Note-se, porém, que o Abel imaginado por Plínio, ao usar o que Plínio chama de seletivo, fazia juízos intelectivos.

## 5- “O Inocente Abel passeando pelo Paraíso”

Plínio afirma que “*a pergunta interessante que se põe é como seria esse seletivo no homem antes do pecado original*” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, p. 25).

Para isso, normal seria indagar como esse seletivo teria existido em Adão. Mas, não. Plínio não trata de Adão antes do pecado original. Ele coloca o problema de como

se daria o funcionamento do tal imaginário seletivo em Abel, caso ele não tivesse tido pecado original.

Por que essa troca da análise da inocência primeva em Adão, que realmente a teve, por Abel que não a teve, pois nasceu com o pecado original?

Provavelmente porque Plínio queria sugerir como isso se passava nele, quando criança, pois ele se supunha possuidor da inocência primeva. Pois não se alcunhou ele a si mesmo de “o inocente Abel”?

Esse hipotético e inocente Abel, -- tão sugestivamente similar ao que Plínio julgava ser ele mesmo—teria um seletivo perfeito que lhe daria uma capacidade de inteligência que nem Aristóteles ou São Tomas tiveram. E sem estudar em livro nenhum. Apenas examinando suas matrizes inatas. Pois é o que PCO afirma: “Esse Abel poderia ser mais filósofo do que São Tomás, sem os esforços heróicos realizados pelo Doutor Angélico para raciocinar” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, artigo in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p.22).

Como Plínio se supunha possuidor da inocência primeva, o que está dito ai é que ele era mais filósofo que São Tomás. Daí, seu discípulo perfeito Monsenhor Scognamiglio, ao se doutorar no Angelicum, afirmar que tinha “uma firmeza única em São Tomás”. Sem nunca ter estudado Filosofia.

Claro! Monsenhor Scognamiglio conhece bem o seu seletivo...

(...) Uma criança sem pecado original – o nosso hipotético Abel perfeito--, em seu primeiro passeio pelo Paraíso, ao ver as plantas, por exemplo, teria a **noção** da natureza e das propriedades de cada uma, como também de sua própria realidade física, de suas apetências, conveniências e seu feitio de alma. E escolheria as frutas para a sua primeira refeição”. [O breakfast paradisíaco do inocente Abel, imaginado pelo inocente Plínio, que se apelidara de Abel. O “justo Abel”, de que fala a Liturgia, seria um Plínio disfarçado].

E parece que era homeopata e vegetariano, visto ter tanto interesse pelas plantas e não por churrasco.

Suponhamos uma árvore em estado de frutificação permanente, da qual o homem pudesse facilmente colher frutas ao alcance de sua mão, ou porque tinha um tal império sobre a natureza que por um ato de vontade, poderia obrigar a planta a se dobrar e do alto descer um galho, reverente, apresentando-lhe uma penca delas à sua escolha. Isso sucedia, aliás, com o

primeiro homem [Adão], em virtude de seu domínio sobre as demais criaturas. Quando passeava pelo Paraíso, todas as coisas se voltavam para ele, a fim de servi-lo, **em atitude de corte**, como se fosse um rei. E à medida que as observava, em sua alma despertavam-se reações semelhantes às da criança com a bola: é, não é; quero, não quero; mas sem a falta de critério do menino que, por exemplo, deseja comer uma bola de vidro” (PCO, artigo “Inocência Paradisiaca”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p p. 17-18. Destaques nossos.).

Plínio imagina o seu inocente Abel, assim como seu pai Adão como um misto de Luis XIV e de mago, fazendo as coisas se moverem com um simples ato de vontade dele. Isso é magia. Que fazia as árvores se inclinarem e oferecerem seus frutos, como se fossem lacaios de Versailles, no século XVIII.

Ou será que o inocente Abel teria feito um curso de Parapsicologia com o Padre Quevedo?

De que “visão” pseudo mística Plínio tirou esse delírio mágico sonhador? Isso é esoterismo romântico puro.

Ou é a visão de PCO no país da “Cucagna”?

Plínio sempre foi comilão. Era Dona Lucília que dizia essa desrespeitosa, ou até “blasfema” frase de lesa-profetismo.

Voltemos a Abel. Ele ia conhecendo as coisas lentamente. Com exatidão, escolhendo o que lhe convinha; almejando tanto quanto razoável, não se empanturrando com elas nem esbanjando. Em determinado momento, quando se alimentava de algo, com naturalidade de quem toma um copo de água, diria: “Agora basta, estou satisfeito” (PCO, artigo “Inocência Paradisiaca”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18).

Sintomático é que Plínio, ao em vez de imaginar Abel conversando com Deus que lhe falaria, como a Adão, na brisa da tarde, tenha preferido imaginar o *breakfast* do inocente Abel que, apesar de sábio, com ciência infusa, e com um “*seletivo inocente*” -- zero quilômetro--, “*ia conhecendo as coisas... lentamente*”.

Coitado de Abel!...Aprendia devagar.

Não dava para filósofo peripatético.

Ademais, seu seletivo funcionava continuamente, quer ele percebesse ou não. Ao observar duas coisas, pensaria: “Desta gosto mais, e daquela, menos. Como Deus é grandioso! A segunda convém a meu irmão, e a primeira para mim. Como o Criador é esplêndido em tudo o que faz! Meu Senhor, obrigado pelo que destes a meu irmão e por aquilo que me ofertastes. Como sois maravilhoso e bom!” (PCO, artigo **Inocência Paradisiaca**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18).

O inocente Abel tinha algo de Tarzan e algo de Plínio. Era mais cortês que Tarzan, mas tão comilão como Plínio.

Vamos ver, agora, como, a partir do seletivo, Abel começava a pensar, para conhecermos mais claramente, então, a estranha teoria do conhecimento de Plínio e da TFP.

Lá vai então o inocente Abel a começar a pensar.

Lentamente.

Que ninguém é de ferro.

Logo depois das sensações concretas, surgiram em seu espírito –[No do inocente Abel, usando o seletivo] – **as idéias abstratas. Imaginemos** que ele encontrasse junto a um magnífico lago, uma árvore estupenda a qual em todos os milímetros de sua superfície, estivesse florescendo e se projetasse sobre a água de um modo maravilhoso. Planta, do seu gênero, sem igual no Paraíso. Sua primeira **impressão**, puramente sensível, assim se exprimiria: “Que maravilha!” (PCO, artigo **Inocência Paradisiaca**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18. Os destaques são nossos).

Atenção! Abel vai começar a pensar!

Seletivamente.

Em seguida, começaria uma reflexão: Como é bom para essa árvore dar muitas flores” Que excelente qualidade ela possui!” E, numa terceira etapa, ele se perguntaria? “Como conceituar esse predicado da árvore, pelo qual dá tantas flores?” (PCO, artigo **Inocência Paradisiaca**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18. Os destaques são nossos).

Que fracasso! Abel, apesar de pensar lentamente, se esqueceu de fazer o conceito de árvore! Passou direto a se perguntar “Como conceituar esse predicado da árvore”.

O que Plínio exprime nesse conjunto de exclamações não é a formação de um conceito abstrato que ele anunciou. O que ele faz é imaginar uma série de frases que contém muitos conceitos relacionando-os, para terminar com uma pergunta a si mesmo.

Abel e qualquer ser humano antes de fazer tantas exclamações teria tido o conceito de árvore, o conceito de flor. O conceito de florescer. A idéia de bem. O conceito de maravilha. A ação de comparar várias árvores. As idéias de sujeito e a de predicado. Numa palavra, Abel deveria ter feito abstrações e não exclamações.

O Abel de Plínio nada compreendeu abstratamente. Apenas sentiu. Comeu. E fez exclamações.

Digeriu a fruta que comera e explodiu em exclamações.

Plínio prossegue, dizendo:

Não tendo nenhuma limitação mental, ele – [O inocente Abel, ou seja Dr. Plínio sonhando]—**comporia** imediatamente a palavra perfeita. Cunhada como uma moeda: fecundidade. Esta árvore é fecunda em flor. **Então ele compreenderia melhor o que é flor, sua grande utilidade para encantar a alma e, por isso, superior sob certo aspecto à fruta.** A árvore tem fecundidade, e a flor beleza” (PCO, artigo **Inocência Paradisiaca**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18. Os destaques são nossos).

De novo, Plínio não explica o que é abstração. Ele só faz comparações e emite exclamações. E não é verdade que cunhada a palavra fecundidade a pessoa compreenderia melhor o que é a flor. Flor e fecundidade são coisas distintas com dois conceitos distintos.

E prossegue o imaginativo e sensitivo Plínio, imaginando, comparando e iludindo-se – e iludindo seus fanáticos sequazes--, de que ele está realmente explicando como nasce o pensamento humano:

Voltando-se para outro lado, [O inocente Abel] vê uma flor que é única, brotada na ponta de uma pequena planta, e em torno dela não se acha nenhuma igual. É maravilhosa! Ele cogita:” Curioso, Há pouco me agradou a fecundidade. Dir-se-ia que estou agora apreciando a **infecundidade!** Não pode ser. Ah! Esta última flor tem outro predicado: raridade!” (PCO, artigo **Inocência Paradisiaca**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Maio de 2.005, N<sup>o</sup> 86, p.18. Os destaques são nossos).

E o inocente e hipotético Abel pliniano, apesar de seu seletivo zero quilômetro, disse besteira. O fato de uma árvore ter muitas flores, e que outra planta tenha uma só flor não indica infecundidade, mas apenas uma diferente maneira de florescer. Fecundidade não depende da quantidade de flores produzidas. E fecundidade e raridade não são termos que se opõem. São apenas qualidades distintas, que o inocente Abel aplicou erradamente. E o iludido Plínio as imaginou como conceitos, sem fazer abstração nenhuma do que é ser árvore, sem, de fato, explicar como o homem pensa.

É o que dá pretender ser filósofo não-abstrato.

O que Plínio demonstrou é que de flores podem nascer...batatadas!

Apesar do seletivo pliniano funcionar continuamente.

Logo após o conhecimento concreto, viria o conceito abstrato e a palavra. “Ah” é rara. Tudo o que é raro é precioso. As coisas fecundas, de si, produzem muitos efeitos”. Mas há outra forma de fecundidade, como a dessa plantinha da qual nasceu uma flor que equivale a todas daquela outra árvore. Isso se chama categoria, classe!” (PCO, artigo “Inocência Paradisiaca”, in revista “Dr. Plínio”, Ano VIII, Maio de 2.005, Nº 86, p.19. Os destaques são nossos).

“Rara” não é o conceito de flor. É apenas um predicado acidental de um ser. E um acidente não dá o conceito de um ser substancial. A idéia de brasileiro não faz compreender o conceito de homem. Ao notarmos que uma garrafa é verde, não concebemos a idéia de garrafa.

Outro erro próprio de um “*filósofo não abstrato*”, como Plínio se julgava ser, é o de cair na confusão de que raro significa precioso. Plínio escreveu que “Tudo o que é raro é precioso”. E isso é falso.

Plínio caiu num erro anfibológico. Nem tudo o que é raro é precioso. Um cisco de papel como o que tenho, agora, diante de mim, sobre minha mesa, é bem raro, e possivelmente único no mundo com esse formato e tamanho. Entretanto, ele não é nada precioso.

Nem tudo o que é raro é precioso. É bem raro um homem se dizer profeta, inocente, inerrante e imortal. Mas isso não é uma preciosidade. É só uma presunção...um tanto, digamos, exótica...

Sem dúvida, isso é raro na vida corrente.

Mas não nas...”Casas de Saúde”...

Finalmente, o inocente Abel de Plínio emprega umas palavras exclamativas para exteriorizar sua admiração, palavras que lhe seriam bem impróprias. Não tem cabimento imaginar Abel falando em “categoria”, em “classe”, conceitos que certamente Abel não tinha. Abel não era um granfininho da Belle Époque, sonhando ser marquês de Versailles.

Concluindo esta série de “pensamentos” absurdos frutos da “rara” teoria do conhecimento através do *seletivo pliniano*, Dr. Plínio escreveu: “Esse Abel—[O próprio Dr. Plínio] -- poderia ser mais filósofo do que São Tomás de Aquino, sem os esforços heróicos realizados pelo Doutor Angélico para raciocinar” (PCO, artigo, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.22).

Sim! O inocente Abel imaginado por Plínio raciocinava pouco. E erradamente.

E São Tomás, que jamais se julgou possuidor da inocência primeva, fazia “esforços heróicos para raciocinar”.

Plínio não fazia inúteis esforços para raciocinar.

Plínio explicitava.

Pois recordemos que Dr. Plínio, que se tinha como “*o inocente*”, tal qual o Abel comilão que ele imaginou, desprezava o raciocinar para alcançar a verdade. Bastavam-lhe as impressões das quais ele retirava as explicitações do que ele já possuía em seu interior.

E sobre o misterioso seletivo imaginado por Plínio, ele conclui dizendo uma imensa “batatada” pliniana: “*Descrevemos dessa sorte um inocente concebido sem pecado original, cujo seletivo é o próprio ser. Ele se conhecia não como nós conhecemos a nós mesmos*” (PCO, artigo, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.22, O destaque é nosso).

Pelo menos no hipotético Abel, Plínio admitia Inocência Primeva era causada pela ausência do pecado original...

Esse termo “hipotético” era para a doutrina externa da TFP. Que significaria, na doutrina interna da TFP, o termo “hipotético” aplicado a Abel?

Mas está dito ainda que o Inocente Abel, sem pecado original, “**se conhecia não como nós conhecemos a nós mesmos**”.

Logo, nós teríamos um conhecimento que o pecado original afetou.

Mas então, que seria o seletivo em nós? Como teríamos a Inocência Primeva?

Contradições de quem tem uma doutrina esotérica e outra exotérica.

Ademais há uma revelação que escapou a PCO:

O seletivo de Abel seria o próprio **ser** de Abel!?

Como?

Isso sim é que é ser raro e fecundo em... batatadas.

A menos que se entenda a palavra “**ser**” nesta última citação como “Ser” Absoluto, isto é, Deus. O seletivo usado corretamente levaria o homem inocente a se divinizar.

E essa interpretação se harmoniza com o que disse Plínio sobre o processo humano, e ainda inteiramente com uma suposta apoteose de Abel e de todo inocente, de que fala Plínio, pois apoteose significa divinização.

Com seu seletivo inocente Abel alcançaria a apoteose:

Sobretudo, [Abel] compreenderia que, pelo funcionamento desse seletivo, quando alcançasse a plenitude de si próprio, teria a magna recompensa: a apoteose, o céu se abriria, os Anjos desceriam para levá-lo, sem passar pela morte, para a glória eterna” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Inocência Paradisiaca**, artigo in Revista “**Dr. Plínio**”, AnoVIII, Maio de 2005, N<sup>o</sup> 86 , p. 18).

Finalmente, Plínio afirma que algumas pessoas – certamente ele, mas também a mãe dele – conservaram o modo de usar inocentemente o seletivo. Portanto, que eles extirparam de seus seres as contradições do pecado original que não tiveram?

Daí, Plínio poder dizer-se o inocente, possuidor da inocência primeva?

Eis então o que ele afirma da capacidade do seletivo de certas mães exemplificando com o caso da mãe dele, Dona Lucília.

Cito o exemplo de Dona Lucília que procurava me prevenir sobre amizades não sinceras.

Às vezes ela me dizia: ‘Fulano não é tão amigo seu quanto ele tende mostrar. Sicrano é seu inimigo, tome cuidado, porque ele vai tramar contra você’. E apresentava razões, na aparência, surpreendentes.

Lembro-me de um colega que veio tomar refeição em nossa casa e, depois de se retirar, mamãe me alertou: ‘Esse senhor tem uma mãozinha ruim, segura o garfo de certo jeito que demonstra um egoísmo debandado. Algum dia ele mete um garfo em você’. Vinte anos depois, de fato, ele praticou um ato contra mim, que me foi uma verdadeira punhalada (PCO, artigo, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.25).

Isso é usar o seletivo de um modo um tanto obsessivo. Um tanto paranoicamente. É desconfiar demais. É fazer juízo temerário, sem base na realidade. E Deus nos livre de ter tal seletivo, que não desejamos para ninguém, pois torna a vida normal impossível.

E a caridade nos faz calar o julgamento dessa desconfiança temerária.

\*\*\*

Por causa dessas teorias, PCO definia a inocência primeva como o estado em que a pessoa humana tem conhecimento do que ela é: uma pessoa humana concebida com sabedoria inata, isto é, sem pecado original.

O que é, então, a inocência?

**É o estado de alma pelo qual uma pessoa, desde os primeiros movimentos de sua existência, tem noção de que ela é** (PCO, artigo, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VIII, Junho de 2.005, N<sup>o</sup> 87, p.23, O destaque é nosso).

Note-se: Inocência é um estado da alma “desde os primeiros movimentos de sua existência”. Desde a sua concepção.

Portanto, mesmo sem ter sido ainda batizada.

Plínio proclama aí a imaculada conceição universal, já que ele afirmou que todos os homens recebem o estado de inocência que o Batismo reforçará.

E isso não é só batatada.

É batatal heresia.

E mesmo sendo batatal, é heresia.

Imagine-se: o seletivo de um homem seria o próprio ser dele. Essa é que é uma batatada metafísica de classe. Que categoria!

Como se tem coragem de publicar uma coisa dessas sem rubor?

Será que os fanáticos de Plínio perderam todo o... “*seletivo*”?

## Capítulo IV - Impressões, Admiração, Símbolos, na Teoria do Conhecimento de PCO

### 1 - As Primeiras Impressões e a aquisição de certezas

Os editores da revista “**Dr. Plínio**”-- todos amigos muito ligados aos Arautos do Evangelho, e ex membros da TFP, e que sustentaram João Scognamiglio na cisão dessa entidade – comentando o que eles chamam de “*pensamento pliniano*”, escreveram:

Como se enriquece o conhecimento na escola de pensamento de Dr. Plínio?  
– Privilegiando-se uma reflexão baseada no bom senso e na explicitação e avaliação das **primeiras impressões**” (Revista “**Dr. Plínio**”, artigo **Como Adquirir Certezas**, N<sup>o</sup> 36, p. 25. O destaque é nosso).

Ora, que é uma impressão?

Uma impressão não é uma idéia abstrata.

Uma impressão jamais dá uma certeza como o dá o conhecimento racional. Os animais também têm impressões, entretanto eles não têm conhecimento racional. Nos homens, no máximo, a impressão orienta o pensamento numa direção de julgamento, mas não o garante. A impressão leva a emitir uma opinião, mas não permite um juízo seguro.

Por isso, dizemos que temos impressão de que vai chover, ou de que poderá eclodir uma guerra. Ou então dizemos que tal pessoa nos causou, à primeira vista, uma boa impressão. Mas isto é só uma opinião sobre essa pessoa, não um juízo certo e definitivo. Ou ainda dizemos que um fato real ou artístico nos impressionou muito, isto é, que ele marcou nossa alma até sensivelmente.

Portanto, as impressões, especialmente as primeiras, não nos dão um conhecimento real, seguro e objetivo. Quem se deixasse levar por suas primeiras impressões cometeria muitos juízos temerários, e cairia em muitos erros. Daí, o ditado de que as pessoas não se medem com o metro, mas com o tempo, que vai corrigindo as

primeiras impressões com juízos seguros. Primeiras impressões são palpites e não juízos.

Segundo confessam os seguidores de Plínio, ele seguia as primeiras impressões e recomendava segui-las, como conhecimento real.

Portanto, Plínio Corrêa de Oliveira foi um palpiteiro, que recomendava dar palpites, e seguir palpites.

Convém ainda salientar que as impressões são subjetivas e, de si mesmas são incomunicáveis, enquanto o conhecimento é objetivo e transmissível. Como explicou São Tomás, o conhecimento não é das impressões, mas obtido através da abstração retirada dos *phantasmata*, que são a redução das impressões sensoriais feita pelos sentidos exteriores. O conhecimento nos advém por abstração intelectual e não de impressões (Cfr. Quarta Parte, cap. I N<sup>o</sup> 2).

Repetimos: a impressão é simplesmente material. Os homens fazem abstrações derivadas das sensações, obtidas pelos sentidos externos, sintetizadas no sentido comum interior remetido à cogitativa, e daí, por via de abstração, se chega ao conhecimento intelectual racional, que é sempre uma idéia abstrata, e nunca uma simples impressão ou sensação.

No artigo acima citado – “Como Adquirir Certezas”, N<sup>o</sup> 36, p. 25 da revista *Dr. Plínio*— Plínio defende que, pela explicitação e avaliação das primeiras impressões chegar-se-ia ao conhecimento, mais do que pelos livros e pelo estudo. E o artigo é ilustrado por uma foto de uma estante cheia de livros em cuja epígrafe se lê: “Para a escola de pensamento de Dr. Plínio, as **impressões** e observações que povoam a mente de cada homem contém mais elementos preciosos para o raciocínio e a formação das certezas do que uma biblioteca repleta de livros” (Revista “**Dr. Plínio**”, Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 24. O destaque é nosso).

Note—se que, embora se diga que nas impressões haja “elementos preciosos para o raciocínio e a formação das certezas”, não se fala de abstração.

Isso é o triunfo do palpitismo cornificiano.

O mais interessante é que o mesmo Dr. Plínio afirmou que seguir as impressões era próprio do homem relativista: “O relativista só tem impressões. Ele chama essas

impressões de convicção, quando são muito velhas, quando vêm de algumas gerações e ninguém as pôs em dúvida diante dele” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, p. 137).

Contradição mais patente não poderia haver.

Dr. Plínio se apresentava como anti-cartesiano, pois que Descartes era racionalista, e Plínio tinha reservas contra a razão.

Contudo, ele entendia mal o que era o cartesianismo, pois afirmava que Descartes privilegiava antes de tudo os livros:

Descartes—famoso filósofo francês do século XVII—afirmava o seguinte: Antes de alguém estudar um assunto, deve duvidar de tudo o que já aprendeu a respeito dele, e começar a raciocinar de novo.

Por exemplo, se quero estudar a natureza das velas acesas diante de uma imagem de Nossa Senhora, preciso cancelar tudo o que já está na minha cabeça a respeito da vela, pois não tem valor algum. Devo começar as minhas deduções prescindindo disso.

Ora, ignorar todo o conhecimento anterior gera uma consequência psicológica, da qual Descartes não tratou, mas que é um dos resultados do seu sistema.

Que consequência é essa? Como é impossível que alguém consiga estudar todas as coisas que deve conhecer utilizando o método por ele preconizado – ignorando o que já aprendeu, por meio das impressões etc. – a solução é buscar esse conhecimento nos livros. Se alguém não pode coordenar tudo o que sabe, começa por ler. E o conhecer uma ampla bibliografia sobre o assunto é, então, o primeiro passo de um estudo. Assim, o pensamento começa pela leitura” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2001, n° 36, p.26).

Ora, Descartes era um revoltado contra a “*auctoritas*”. Ele negava exatamente que se devesse aceitar o que os sábios haviam entendido no passado, que se devesse partir dos livros.

Plínio dizia: “O livro não pode ser a pista de meu pensamento (...) Mas vou refletir segundo minhas coordenadas, meus antecedentes, meus modos de ver etc.” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Como Adquirir Certezas”, in revista *Dr. Plínio*, Ano IV, Março de 2001, N° 36, p. 26).

Mas, dizendo isso, Plínio expunha exatamente uma idéia de Descartes:

E resolvendo não procurar outra ciência senão a que poderia encontrar em mim mesmo, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade a viajar, em ver cortes e exércitos...”.

Mas, após haver empregado alguns anos a assim estudar o livro do mundo e a procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de me estudar também a mim mesmo e de aplicar todas as forças do meu espírito em escolher os caminhos que deveria seguir. O que deu muito melhor resultado, parece, do que se não me tivesse afastado nunca do meu país e dos meus livros. (René Descartes. Discurso do Método. Rio de Janeiro: Ediouro, pp. 49-51).

E Plínio não dizia diferente. Plínio, crendo mais no seu senso inato do ser, sem saber disso, por nada estudar, era cartesiano.

Descartes detestava a escolástica, e desconfiava dos livros preferindo consultar uma verdade interior a ele mesmo.

É o que confirma Coplestone: “Descartes, na verdade, dava pequeno valor ao aprendizado histórico ou ao aprendizado por meio de livros em geral” (Padre Frederick Coplestone, S.J., *A History of Philosophy, Modern Philosophy*, Image Books, Doubleday, New York, London etc, 1960, Vol. IV, p.68).

Plínio era tão anti-livresco quanto Descartes e quanto Franz Von Baader.

E o curioso é que Plínio considerava que muitas pessoas seguiam Descartes sem o saber: “É a tese de Descartes, que hoje é adotada subconscientemente por milhões de pessoas” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 26).

Por milhões de pessoas, inclusive por Plínio, no seu subjetivismo anti intelectual e contrário aos livros.

Plínio chegou a proclamar numa conferência inaugural da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho:

“Nada mais perigoso do que ler muito” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Conferência** na Faculdade De Ciências e Letras de Jacarezinho, em 2 de Abril de 1960, publicada na revista “**Dr. Plínio**”, Ano V, Março de 2.002, N<sup>o</sup> 48, p. 25).

E, como Descartes, ele partia de uma certeza inata, interior, que Plínio chamava de “bom senso”, pelos “senso inerentes a uma reta inteligência”:

Um espírito equilibrado possui não apenas os três sentidos já mencionados (o senso do bem e do mal, o bom senso e o senso católico) mas ainda o senso do metafísico, o do orgânico, enfim, todos os **sentidos inerentes a uma reta inteligência**” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Senso Católico e o Desabrochar das Certezas**, In Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Abril de 2.001, Nº 37, p. 29. Destaque nosso).

Repare-se que Plínio enumera sentidos internos que São Tomás não mencionou: “*senso do orgânico*”, “*senso do metafísico*”, o “*bom senso*” e ele não cita, aí, dessa vez, o senso comum tomista.

E conforme Plínio, o que ele chama de “*bom senso*” seria algo inerente ao ser humano, antecedente ao Batismo, mas que o Batismo nutriria.

Temos também um **bom senso nutrido** pelo Batismo, com o qual a religião católica se harmoniza inteiramente(...) **Pode-se dizer que, de algum modo, é a religião do homem!** (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Católico e o Desabrochar das Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Nº 37, Julho de 2001, p. 26e 27. Os destaques são nossos).

Portanto, se o que Plínio chama de “bom senso” é “inerente à reta inteligência”, ele é anterior ao Batismo, e, por isso, passa a ser “nutrido pelo Batismo”. E esse bom senso, então não seria próprio aos católicos apenas, mas seria inerente a todo homem de reta inteligência, qualquer religião tivesse ele, pois seria algo da natureza humana normal, reta.

Bom senso seria o sentido do ser, isto é, o seletivo dado com a inocência primeva a todos os homens em sua concepção

Por isso Plínio diz ainda nesse artigo:

Devo dizer que nunca me interessei por provar que a Religião Católica é autêntica. Trata-se de uma preocupação que jamais me passou pela mente. (Plínio Corrêa de Oliveira, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Abril de 2.001, Nº 37, p. 27).

Não condeno que se façam pesquisas estudos aprofundados sobre a questão. Pelo contrário, louvo que assim procedam, mas considero que o objetivo não deve ser provar a veracidade da Religião Católica, e sim acrescentar novos testemunhos de que ela o é. **Esta convicção parte de minha certeza nativa, do meu bom senso** calmo, planturoso, embrionário, do meu gosto pelas coisas como elas devem ser, e também da minha rejeição a tudo quanto seja atitude ou doutrina que não se coaduna com a natureza humana, e assim faz pressão sobre os meus nervos

Com efeito, todas as verdades têm de ser coerentes com os nervos do homem. Aquilo que os abala é errado. (Plínio Corrêa de Oliveira, in Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 37, p. 27-28. Os destaques são nossos).

Plínio considerava a religião Católica como “*autêntica*” com base por sua “**certeza nativa**”, por seu “**bom senso** calmo, planturoso, embrionário”, não pela fé nas palavras e na autoridade de Jesus Cristo. Portanto, Plínio não tinha Fé sobrenatural.

Ele aceitava como verdade o que não contrariasse os nervos dele.

E isso é puro subjetivismo.

## 2- Método Pliniano para Alcançar a Verdade.

Qual seria então o método pliniano para alcançar a verdade?

Qual é, então, o sistema da conquista da verdade? Esta começa por uma lenta **explicitação do que já se sabe**. É uma ordenação das coisas novas que se vai sabendo, mas em função do **bom senso** desses dados primeiros. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 27. O destaque é nosso).

Para adquirir o conhecimento da verdade, dever-se-ia então partir do que já se sabe de modo inato –e esse é outro princípio cartesiano que Plínio repetia sem saber que era de Descartes –e, dessa certeza interior, por comparação com as impressões recebidas, se iriam explicitando novas certezas e novos conhecimentos.

Tal qual ensinara Descartes, e tal qual ensinaram outros filósofos como Sócrates e Platão.

Essa doutrina não é então originalmente “pliniana”. É a doutrina de Sócrates de que o homem tem um conhecimento inato. E essa é uma doutrina não católica que conduz diretamente à Gnose.

Plínio admitia que o conhecimento primeiro não seria intelectual:

Chamava-me a atenção o fato de os homens da geração anterior à minha realçarem muito o valor da inteligência e do raciocínio. Se, de um lado, essa atitude me entusiasmava (pois me encantava raciocinar), de outro, percebia que nem tudo podia se reduzir às excogitações, **posto ser dado ao homem adquirir muitos conhecimentos não proveniente de uma faculdade intelectual**. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “**Solidões em bonde...**”, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VII, Fevereiro de 2.004, N<sup>o</sup> 71, p.14. O destaque é nosso.).

Portanto, haveria meios de obter conhecimentos não por meio da inteligência.

Que meios seriam esses?

Isso contraria diametralmente o princípio escolástico tomista de que nada pode existir no intelecto que não tenha passado pelos sentidos. Plínio era anti tomista.

Começa-se a entender porque, Plínio mandou por na Ladainha de sua mãe, que ela era a “Mãe do Princípio Axiológico”.

Portanto, Plínio é que seria **O Princípio Axiológico**, a fonte de todo valor.

Será que isso não revela algum traço paranóico?

E Plínio, como todo romântico, --e como o gnóstico Bergson--desconfiava da razão e do raciocínio, apesar de se vangloriar de sua lógica imbatível, e perguntava ventrilocamente, como um cético, a um hipotético objetante:

Mas que certeza o senhor tem de que o raciocínio humano conduz à verdade? Se o senhor afirmar isto sem provar, estará formando um preconceito(...) O senhor vai provar por meio de raciocínio que o raciocínio conduz à verdade. Ora, existe aí uma petição de princípio, porque o senhor vai usar o raciocínio para justificar a si próprio. Para provar que o raciocínio conduz á verdade, é preciso haver um elemento anterior a ele. O senhor quer me dizer em que sua certeza se funda? Qual é o início? (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Católico e o Desabrochar das Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, N<sup>o</sup> 37, Julho de 2001, p. 30).

Esse modo de pensar condenava todo raciocínio e condena o intelecto humano

Daí, Plínio passava a por em dúvida cartesiana quer a validade de verdades as mais comezinhas, quer a lógica e o raciocínio:

Mas se o conhecimento vem do raciocínio, como posso saber que todo homem é mortal? Em segundo lugar, como posso saber que Pedro é homem? É, sobretudo, a questão mais delicada: como sei que Pedro é mortal também? Só pelo raciocínio? Ó razão! Se for para te apanhar com tuas próprias mãos com tuas próprias garras, onde estás? Qual é o ponto de partida? (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Solidões em Bonde...**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 71, p.14. O destaque é nosso).

O nominalista Ockham não falaria de modo diferente.

Essas frases, pretensamente filosóficas, são de um pseudo filosofar gagá.

E Plínio não diz que parte do ser, e nem diz que as certezas são adquiridas pelas informações captadas pelos sentidos e compreendidas por abstração pela inteligência.

Ele afirma que parte do “senso do ser”, --ele não parte do ser--, e não define o que se deve entender por esse misterioso “*senso do ser*” que seria inato no homem.

Diz que, folheando São Tomás, soube que “existem os transcendentais e os primeiros princípios do ser, caso contrário ninguém poderia construir a base na qual se assenta o raciocínio. Entre esses conceitos fundamentais está, exatamente, o senso do ser, por meio do qual sabemos que existimos, nós e nossos semelhantes, e que somos distintos uns dos outros. **A partir dessas noções iniciais é possível fazer um ato de confiança na verdade que nos é dita de fora para dentro**” (PCO, artigo **Solidões em Bonde...**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 71, p.14. O destaque é nosso).

Plínio fazia **ato de confiança** na verdade que lhe viesse de fora por que partia antes do que conhecia com certeza de algo inato no homem!

Ora, àquilo que vem de fora, pelos sentidos não fazemos **um ato de confiança**, um ato de fé. Simplesmente captamos e compreendemos o que as coisas exteriores são.

Fazer um ato de confiança no que captamos racionalmente cheira a fideísmo, pois só fazemos confiança em algo que de que não temos certeza. Plínio parece negar então a capacidade natural do homem de alcançar a verdade natural, exterior a ele, pelo uso dos sentidos e pela inteligência.

Tratando desse problema escreveu o padre Garrigou-Lagrange:

A inteligência tem assim, em seu primeiro contato com as coisas, uma primeira noção confusa do ser e do verdadeiro; tem igualmente uma intuição confusa dos primeiros princípios universais e necessários como leis funcionais do real”.

É impossível que algo, ao mesmo tempo, exista e não exista, seja e não seja de tal natureza; é impossível que aconteça uma coisa sem nenhuma causa, etc.(Padre Reginald Garrigou-Lagrange, **El Sentido Comum. La Filosofia Del ser y las Fórmulas Signata**, Desclée de Brouwer, Buenos Aires, 1944, p. 330).

E na apresentação do artigo **Solidões em Bonde**, que trata do modo de pensar de Dr. Plínio, se diz que Dr.Plínio não era “um filósofo abstrato” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Solidões em Bonde...**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 71, p.14).

É sintomática a nota anti abstrativa de Plínio nessa afirmação.

Como pode haver Filosofia sem abstração?

E, de fato, Dr. Plínio “filosofando” solitariamente num bonde, não usava a palavra abstração, para explicar como o homem pensa e chega a conhecer a verdade das coisas.

Formado fanaticamente nesses delírios João Scognamiglio os aplica quando pode, isto é, quando não sabe o que dizer (O que é freqüente). Eis como se saiu Scognamiglio em uma exposição que devia fazer em uma Universidade:

(...) o senhor João [Scognamiglio] Clá não recorreu aos expedientes em voga em muitos meios intelectuais de hoje, como árdus raciócínios filosóficos, demonstrações fátuas de erudição ou loas a uma suposta primazia da ciência” (Revista “**Dr. Plínio**”, artigo **Em Conferência para os Catedráticos da Universidade Católica da Colômbia João Clá Dias Afirma**, Ano I, Dezembro de 1998, N<sup>o</sup> 9, p. 24).

Esse discípulo de Plínio agora se doutorou em Direito Canônico no Angelicum. Em sua biografia astuta, ele diz que cursou Direito na Faculdade de São Francisco. Não diz que nela se diplomou. Porque, de fato, abandonou o curso no quarto ano, sem ter se diplomado lá. Mas quem lê a biografia dele julga que ele cursou a Faculdade até se diplomar. O que é falso. Mesmo assim agora ficou Doutor, proeza que PCO jamais conseguiu fazer. O discípulo superou o mestre... Proezas de um Monsenhor que, se não sabe nada de nada, sabe como no mundo de hoje se podem conseguir medalhas e títulos. Com tese de três capítulos. Explicitando – veladamente – o que se esconde na alma. O que se esconde espertamente mesmo das mais altas autoridades do Vaticano.

Quais seriam então as etapas da formação de conhecimentos certos segundo o profeta de Higienópolis?

a) - Primeira coisa seria partir de certezas nativas, do bom senso embrionário inerente ao intelecto humano, bom senso, porém, não intelectual.

b) - Dever-se-ia explicitar o que já se sabe;

Qual é então o sistema **de conquista da verdade? Esta começa por uma lenta explicitação do que já se sabe.** E uma ordenação das coisas novas que se vai sabendo, mas em função do bom senso fundamental, desses dados primeiros” (...)” Chega-se à verdade mais ou menos numa marcha de proche en proche” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 27. O destaque é do original).

Existindo no homem um conhecimento proveniente de modo não intelectual, as impressões provenientes do exterior, chegando ao homem através dos sentidos, -- Plínio diz: através das sensações -- elas deveriam ir se harmonizando com o conhecimento interior inerente ao homem, constituindo dessa forma novos conhecimentos. Não seria necessário e nem importante recorrer a estudos e a livros. A explicitação do conhecimento inerente e não proveniente da Inteligência, seria o mais importante, ou o quase único meio necessário, para depois harmonizar a esse conhecimento existente no homem, aquilo que as impressões enviam ao homem desde o exterior dele. Daí Plínio afirmar que o melhor livro a consultar é o próprio imo do homem, a fim de explicitar o que existe já lá dentro, de modo inerente, e não intelectual.

A esse respeito sustento que o nosso melhor livro somos nós mesmos. Não somos só um livro; cada um de nós é uma biblioteca que contém imensamente mais do que as bibliotecas em que estão os livros. Jamais alguém escreveu tudo o que possa haver na mente de um homem. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 28).

Essa imensidade de saber que Plínio possuía implicitamente, superior a bibliotecas inteiras, e que ele só precisava explicitar quando o quisesse, ou lhe fosse necessário, não impediu que ele, quando moço, para poder passar de ano, fosse fazer exame bem longe de São Paulo, em Ribeirão Preto, onde um tio dele dirigia um órgão da Secretaria da Educação...

O que facilitaria o seu exame... Quer dizer, facilitaria a sua “*explicitação*”, que, sem o tio, corria o risco de tomar bomba:

Naqueles tempos, para se obter o diploma do secundário, os alunos de colégios particulares tinham que fazer exame num Colégio estadual.

Plínio conta: “Embora em toda a minha vida tivesse facilidade para estudos, entretanto não conseguia tomar gosto para me debruçar seriamente sobre determinadas matérias. Aprender, por exemplo, qualidades de ervas, de plantas, é para mim de uma dificuldade insuperável’ [E a famosa explicitação não ajudava?].

Em Ribeirão Preto, a mais alta autoridade escolar tinha um estreito vínculo de família comigo, o que me dava esperança de um **apoio** nas provas. Confiante nesse auxílio, fui fazer o exame oral de Biologia“ (Plínio Corrêa

de Oliveira, **Gesta Marial de um Varão Católico—Longe de Casa**, in Revista “**Dr.Plínio**”, Ano III, Janeiro de 2.000, N<sup>o</sup> 22, p.8. O destaque é nosso).

No exame, Plínio conta que disse uma ou outra batatada, mas...

Apesar de uma ou outra resposta assim, graças a Deus, acabei passando no exame” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Gesta Marial de um Varão Católico—Longe de Casa**, in Revista “**Dr.Plínio**”, Ano III, Janeiro de 2000, N<sup>o</sup> 22, p.8).

Graças a Deus, não.

Graças a titio.

Nada como ter um parente íntimo para ajudar a “explicitar” – ainda que sejam batatadas -- o que não se sabe, para conseguir tirar nota -- apesar das batatadas-- e obter diploma.

Viva o titio explicitador !!!

E isso é o que Scognamiglio e seus Arautos consideram um ato da Gesta Marial de um Varão Católico!

Scognamiglio sabe arranjar titios e títulos.

### 3 - Sentir – Experimentar – Ausência de Abstração

Plínio tratou do problema do processo do conhecimento humano em vários artigos, e de modo contraditório, ora afirmando uma coisa, ora outra.

Por exemplo, no artigo “**O Senso Comum e a Procura do Absoluto**” (In Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27 -30) ele afirma que o primeiro passo para “*saborear os bens espirituais* “ consiste em sentir:

*“Não se trata apenas, ou sempre, de fazer a explicitação das coisas percebidas pelos sentidos. O passo inicial indispensável é uma espécie de sentir do qual nascerá mais tarde a explicitação. Esta seria o segundo estágio, menos imprescindível, enquanto o primeiro é o mais precioso, porque dele depende o resto do processo”* (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27. Os destaques são nossos).

Portanto, o fundamental e o mais precioso seria o sentir

E ele insiste nesse ponto como fundamental:

**Insisto na importância desse primeiro sentir:** sem uma espécie de **vivência** (palavra perigosa, mas adequada às nossas reflexões) muito rica do objeto ou situação apreendidos pelos sentidos as etapas posteriores serão nulas” (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, Nº 71, Fevereiro de 2.004, p. 27, O destaque é nosso).

É verdade que todo o processo do conhecimento principia pela captação de imagens da realidade através dos sentidos. O princípio escolástico confirma isso ao dizer que nada há no intelecto que não tenha passado pelos sentidos.

Porém, os sentidos exteriores captam apenas o ser individual. Se os dados obtidos pelos sentidos, de fato, são o passo inicial, o sentir não é o mais “*precioso*”, nem o mais “*importante*”, conforme assevera Plínio. E Plínio insiste no “sentir”, sem tratar das “*especies*” que os sentidos exteriores remetem a nossos sentidos interiores. Ele ressalta mais a mera sensação, como ato fundamental necessário, o mais “*precioso*”, e o mais “*importante*”.

É verdade que, depois, nesse mesmo artigo, ele fala do senso comum, que ele corretamente sublinha não se deve confundir – especialmente no caso dele-- com o bom senso.

Plínio, nesse ponto, repete a noção tomista de senso comum. O senso comum seria a captação da realidade conquistada pelos cinco sentidos ao mesmo tempo, mas de modo distinto por cada sentido, e de novo reintegrados em uma só unidade, pelo sentido comum. E como ele não é um “*filósofo abstrato*”, ele vai tentar explicar o que seria o senso comum através de um exemplo concreto.

E o exemplo é, filosoficamente, um desastre:

Para explicá-lo, exemplifico. Digamos que alguém esteja assistindo a uma peça de teatro. Enquanto ela tem notícia da música através dos sons que lhe chegam aos ouvidos, seus olhos discernem o que acontece no palco, a movimentação dos atores, o desenrolar das cenas, etc. portanto, audição e visão estão engajadas. Suponhamos, ademais, tratar-se de um teatro freqüentado por pessoas extremamente finas, e que aspire na sala o suave aroma dos ótimos perfumes que usam; é a participação do olfato. E suponhamos, ainda, que o nosso expectador se ache muito bem instalado numa confortável poltrona, deliciando-se com um saboroso bombom

francês—tato e paladar. Essa pessoa estaria, assim cercada pela realidade exterior de todas as formas, através dos seus cinco sentidos

Há então, um senso – o senso comum – por onde a pessoa estabelece uma **correlação** de todas essas sensações experimentadas por ela, que lhe dá uma idéia conjunta do ambiente e da cena ali interpretada. Digamos a representação do banquete oferecido por Luis XV no Palácio de Versailles a Maria Antonieta, vinda para se casar com o futuro Luis XVI.

A impressão que esse banquete nos causaria é uma combinação de todas essas sensações que nos entraram pelos vários sentidos, as quais, antes de mesmo de serem analisadas e explicitadas pela inteligência, encontram uma espécie de harmonia interior, de imbricação que redundava num bem estar elevado e nobre.

Essa percepção geral favorecida pelo senso comum é sumamente ordenada e, sobretudo, uma. Eis o mais precioso alcançado pelo senso comum: **essa unidade no entendimento**, proveniente das impressões dos cinco sentidos” (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, Nº 71, Fevereiro de 2.004, pp. 27-28.Os destaques são nossos).

Essa descrição seria mais própria de um repórter do que um filósofo. Plínio exemplifica com as várias sensações captadas pelos cinco sentidos, naquele ambiente do teatro, e disso ele tira uma síntese que seria a sensação que teve essa pessoa naquele ambiente. Ora, o senso comum aí, propriamente não entrou. Plínio focalizou mais qual a sensação geral do expectador do que a conceituação de um determinado ser concreto.

O senso comum unifica as imagens que os diversos sentidos têm de um só objeto. No exemplo dado por PCO, dão-se imagens de diversos objetos diferentes.

E ele fala mais das sensações, quase como se fosse um sibarita gozador da vida mais do que um pensador.

Como disse o mesmo PCO, um sibarita é um homem que tem a “tendência a apalpar os limites do próprio conforto, para perceber se todas as exigências possíveis do corpo estavam sendo atendidas. É como se se interrogasse:” – Não haverá em mim um desejo qualquer de delícia que não esteja atendido?” (PCO. artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, nº 67, Outubro de 2.003, p. 22- 23).

No exemplo dado da peça de teatro, PCO não explicou corretamente como funciona o sentido comum, sentido interior, que, como vimos, é capaz de unificar, de sintetizar num todo uno, as várias impressões recebidas de um só objeto através dos nossos sentidos exteriores.

Qual o objeto conhecido no exemplo citado por Plínio? A peça de teatro? Mas o sabor do bombom nada tem a ver com o conhecimento da peça teatral.

Seria o ambiente? Plínio tem em foco não tanto o ambiente do teatro, e nem a peça, mas ele mesmo, enquanto fruindo prazeres por seus cinco sentidos.

Quão gozador da vida concreta devia ser o filósofo “não -abstrato” que imaginou — que sonhou-- esses prazeres dos sentidos e julgou que isso era a função criteriológica do sentido comum! Que sibarita devia ser esse imaginado expectador!

Um homem nesse estado não pensa nada.

Goza!

Nem Aristóteles, nem São Bernardo, nem São Tomás seriam grandes filósofos,-- abstratos, é claro -- pois nunca saborearam tais delícias. Por isso é que eles se tornaram filósofos de segundo nível: filósofos só abstratos. Plínio foi “filósofo” sempre muito concreto.

Vivam o leitão à pururuca e o bombom francês! Junto com o suave aroma dos perfumes de pessoas “finas”.

Plínio analisa, depois, no artigo em foco, como se passaria do “*sentir para o compreender*”:

Analisemos, agora, como o indivíduo passa desse sentir aquela cena [da peça assistida num teatro] para a operação intelectual.

Ele o faz através de um esforço de atenção, ao mesmo tempo fora e dentro de si. Fora, porque capta **impressões**. Dentro, porque começa a observar a atuação do senso comum, e **a experimentar no seu íntimo a harmonia resultante da conjugação de todos aqueles dados dos sentidos**. (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, pp. 28-29. O destaque é nosso).

Repare-se que o segundo passo é, de novo, um “**experimentar**”. Seria tão só um eco, uma transferência da sensação experimentada pelos sentidos, unificada no senso comum, e agora, no segundo passo, “*experimentada*” interiormente no homem. Plínio não fala da unificação das imagens de um objeto feita pelo senso comum.

Prossegue Plínio:

Ele aprecia e degusta essa harmonia, **quase que contemplativamente**, como alguém pode inalar o perfume que se evola de um frasco para se impregnar dele. Assim também fazemos com o senso comum interior “sorvemos” a conjugação desses valores harmoniosos, saboreando aquilo que sentimos. (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, Nº 71, Fevereiro de 2.004, p. 29 O destaque é do original).

Vejam-se os verbos utilizados. Todos indicam sensações puramente sensitivas: degustar, inalar, impregnar, sorver, saborear, e saborear o que se sentiu.

Ele fala em apreciar e degustar a harmonia, mas não em compreender intelectualmente a harmonia.

A harmonia deve ser propriamente compreendida e não apenas sentida pelo homem. Entende-se a harmonia como sendo a resultante da unidade proporcional, numa variedade de seres diferentes entre si, em um certo conjunto. Ora, essa compreensão da unidade na diversidade, fruto da proporcionalidade existente entre coisas diversas, é uma operação principalmente abstrata, embora ela possa ser apenas sentida. Enquanto apenas se sente a harmonia—porque a harmonia pode ser sentida, é verdade – não se compreendeu o que é a harmonia. Intelectivamente ela é compreendida, e não sentida.

E o senso comum nada tem a ver com degustações de harmonias.

E conclui Plínio:

Em seguida, vem a explicitação. Pois em determinado momento essa degustação é tão clara, tão definida que a pessoa encontra a palavra, o termo, o vocábulo para explicar o que percebeu. Então da sensação se passa para algo que, uma vez apreendido, transformou-se em valor de espírito. Caminhou-se do sentir para o compreender. A inteligência e a alma funcionaram; proferiu-se uma análise, fez-se uma crítica intelectual. (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Comum e a Procura do Absoluto**”, in Revista “**Dr. Plínio**”, ano VII, Nº 71, Fevereiro de 2.004, p. 29).

Plínio não fala nem da cogitativa, e nem do intelecto agente em sua função de abstrair o inteligível.

É certo que todo pensamento provém das informações dados pelos cinco sentidos. É certo que o sentido comum sintetiza todas as imagens provenientes dos cinco sentidos. Porém, o processo intelectual não termina aí. Depois disso se dá a conversão *ad phantasmata*, na cogitativa e, a seguir, a abstração das espécies sensíveis recebidas, gerando-se um conceito ou idéia verdadeira do objeto conhecido pelos

sentidos exteriores. Só aí se dá o entendimento do objeto conhecido. Plínio foi recebendo imagens de diversas coisas e não de uma só, como é exigido a ser unificado pelo sentido comum.

Plínio erra completamente ao dizer que, pelo sentido comum, se dá uma integração das sensações, que degustadas internamente, produzem o vocábulo que seria um valor do espírito.

Plínio não trata da abstração. E quem fica mergulhado nas sensações faz algo bem diverso do que abstrair e adquirir certezas objetivas. Quem fica nas sensações realmente só conhece o singular. Isso é o que fazem os animais pela estimativa. O homem conhece o universal pela abstração e, por meio do conceito universal, que não nasce das sensações, mas da abstração. O homem conhece o ser concreto como ser individual realizador de um universal, na sua singularidade.

E por que Plínio não continua sua exposição, falando da abstração?

Porque, se ele falasse da abstração, ele iria contradizer sua crença fundamental de que os conceitos universais abstratos são inatos no homem.

Para ele, a operação do conhecimento elimina a abstração e a substitui pela explicitação.

Entretanto, na realidade, não explicitamos um conhecimento inato, que não existe, mas é dos seres concretos, que conhecemos pelos sentidos, que abstraímos as idéias deles, correspondentes às formas substanciais desses seres. E as sensações especialmente muito fortes antes dificultam a abstração do que a favorecem.

Portanto, os erros fundamentais de Plínio nessa questão são:

- 1- as idéias matrizes inatas;
- 2- a supervalorização das sensações;
- 3- julgar que das sensações nascem os vocábulos, expressão de conceitos;
- 4- a substituição da abstração pela explicitação.

O intelecto humano não contém idéias inatas, mas está em potencialidade para a recepção de conceitos” (Padre Frederick Coplestone, S.J. *A History of Philosophy*, vol. II, Medieval Philosophy, Parte II, Image Books, New York, 1962, p.110).

De acordo com São Tomás, então, a mente humana está originalmente em potencialidade para conhecer, mas não tem idéias inatas” (...) a mente é originalmente uma tabula rasa”. (Padre Frederick Coplestone, S.J. **a History of Philosophy** , vol. II, Medieval Philosophy, Parte II, Image Books, New York, 1962, p.112 O sublinhado é do original).

Insistimos em salientar que, nesses textos de Plínio, faltou o essencial para explicar o conhecimento: a abstração que é a maneira de conhecer própria do ser humano.

Ele fala, sim, de proferir o vocábulo exato para exprimir a harmonia sentida, mas não diz que esse verbo prolatado é fruto do verbo pensado, através do intelecto passivo. Não há proferição de verbo oralmente sem ter existido antes o verbo interior, pensado, após a abstração. Plínio nem trata disso. Para ele, o que vale é degustar, saborear, inalar, **sentir** etc.

Sentir, para Plínio, seria pensar.

E isso é puro Romantismo.

\*\*\*

Noutro artigo ainda, também dedicado à teoria do conhecimento, fica confirmada a ausência da abstração, nas doutrinas plinianas, como meio do conhecimento humano, e a insistência do conhecimento através das impressões.

O artigo se intitula “O Sibarita e o Herói” (Cfr. Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, pp 22 a 25, com continuação no artigo **O Sibarita, o Herói e o Mártir do Gólgota**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 68, Outubro de 2003, pp 14 a 17).

Já na apresentação do primeiro artigo, a redação da revista *Dr. Plínio* se afirma que numa palestra, “Dr. Plínio discorre a respeito do processo cognoscitivo no homem, da **legitimidade das impressões sensíveis**, como também da **necessidade da lógica e do raciocínio** para se chegar a galgar os píncaros da santidade” (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, pp. 22).

Entretanto, quando se lê o artigo, de novo, nada se encontra referente à abstração como meio necessário para o conhecimento humano. A palavra abstração sequer aparece nesse artigo, que insiste nos sentimentos.

Doutra feita, depois de um sketch apresentado na TFP, mostrando a diferença entre um sibarita e um herói alpinista, Plínio começa a expor a sua teoria do conhecimento, falando dos sentidos animais:

Diz a Filosofia de São Tomás que os animais têm sentidos como nós. Eles ouvem, cheiram, vêem, tateiam, têm os cinco sentidos do homem, mas faltam-lhes compreensão. Eles têm o que se chama muito adequadamente, na filosofia escolástica, **notícias** das coisas.

Os animais notam a realidade que os cerca e, pelo instinto, fogem, avançam, comem ou têm medo de ser comidos. Os instintos lhes ensinam tudo, sem que eles compreendam nada” (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 23).

Falando então do sketch **O Sibarita e o Herói** alpinista diz Plínio:

Isto posto, notamos que, diante dessa peça teatral, fizemos muito mais do que uma formiga. Não tivemos simplesmente **notícia**, mas **impressões acerca de situações morais**. Por exemplo. Da condição do homem que escolheu o gozo da vida como finalidade de sua existência, e com isso se deformou. Como levamos no espírito uma idéia mais ou menos explícita de como um homem deve ser, pudemos conferi-la com a mentalidade do sibarita e percebemos o ridículo da atitude dele. (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 23. Os destaques são do original).

Note-se:

1-Como ele reafirma que “levamos no espírito uma idéia mais ou menos explícita de como um homem deve ser”.

Isto é, temos dentro de nós o modelo como o homem deve ser.

2- Como Plínio salienta o papel das impressões, mas não fala da ação da cogitativa, e nem, muito menos, da atuação do intelecto agente e do intelecto passivo, na abstração.

Das impressões, ele salta diretamente para a comparação entre o sibarita e o alpinista fazendo um julgamento moral, e não explicando como se abstraem as idéias.

Ora, como já vimos, São Tomás nega que o conhecimento seja das impressões, e sim que ele é de idéias abstraídas das coisas concretas.

Plínio confunde comparações de atitudes, do ponto de vista moral, com teoria do conhecimento humano.

Um sibarita, colocado diante de um palco onde se representa uma cena qualquer, que posição toma? Ele também olha? Ele também sente? Ele se entrega a essas comparações de que falamos? (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

Repare-se como Plínio desliza, sem se dar conta, da descrição das impressões, para comparações entre ações, e não para a formação da idéia abstrata de um determinado ser, coisa de que trata a teoria do conhecimento. Ele não está tratando do tema a que se propôs: a teoria do conhecimento humano, mas faz apenas um juízo comparativo de duas atitudes morais, sem tratar do que é a intelecção.

E prossegue ele:

Os senhores não fizeram esforço nenhum para compreender o que estava se passando. Pelo contrário, se distraíram, exercitaram seus sentidos, sua inteligência, e concluíram que algo que lhes pareceu agradável! Portanto, o que fizeram foi reto, direito, mas foi o que um sibarita gosta também de fazer, pois até este é capaz de realizar o que tem propósito. Ora, essa operação intelectual tem propósito, foi bem feita. (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

Plínio escamoteou o fundamental para se compreender a intelecção: a abstração, a formação dos conceitos.

Plínio passa então a expor o que ele julga ser o conhecimento por conaturalidade:

Diferente é a condição do alpinista, do qual conhecemos uma série de aspectos. Ele estava sobre aquele pico, rodeado pelos ventos, diante das vertigens de vários abismos que se abriam a seus pés, como uma espécie de rei dos precipícios. E não só destes, mas rei também das altitudes. Ele realmente calcava aos pés os abismos, porque tinha calcado aos pés as montanhas.

Vendo o homem naquelas altitudes, dominando todos os abismos, somos levado a exclamar: Que interessante! Que beleza! (Plínio Corrêa de Oliveira

artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

Isso é literatice, e jamais Teoria do Conhecimento. Isso nada tem a ver com o conhecimento por conaturalidade.

Entre o abismo, ou o pico, e a natureza humana não há conaturalidade nenhuma.

Plínio não entendeu em que consiste a conaturalidade, segundo Aristóteles e São Tomás.

E exclamações não são abstrações!

Perdoem-nos, os nossos leitores, citações tão longas, mas são necessárias para que não se diga que cortamos o famoso “contexto”, caminho de fuga de todos os que são pegos em erro.

E continua Plínio a explicar o que seria — segundo ele — o conhecimento por conaturalidade: “Aquela natureza fria, que exige coragem para ser suportada, a alvura branca –[Sic! Poderia haver uma alvura preta?]- e casta daquelas neves, que esplendor! É a formosura forte e rígida da pureza” (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

Não há conaturalidade entre a brancura das neves e o homem.

Um ser humano que tivesse a virtude da pureza compreenderia por conaturalidade a pureza de um outro ser humano, ou a pureza de um anjo. Mas, na brancura da neve, há apenas um símbolo da ausência de mancha da alma pura. E o símbolo é compreendido pela razão através da analogia de proporção, e essa compreensão é racional, e não por conaturalidade. Um homem impuro compreende esse símbolo racionalmente, como um homem puro.

Isso é “poesia” de baixo quilate. É demagogia moral barata, obcecada por uma castidade que imagina “alvuras brancas”

Que tem a ver todas essas exclamações com a exposição da Teoria do Conhecimento tomista?

Nada.

Absolutamente nada.

E prossegue Plínio em seu artigo expositivo da teoria do conhecimento segundo a por demais sensitiva “escolástica pliniana”.

Como podemos conhecer tanta coisa, vendo uma peça? São Tomás fala de um conhecimento por conaturalidade, pelo qual sem ser preciso fazer uma série de raciocínios expressos, pode-se chegar a entender muitas coisas. Por algo que está ao mesmo tempo em nossa natureza e nas coisas que vimos— por umas **conaturalidade**-- -- olhando para aqueles **abismos** –[Destaque nosso]--**sentimos** o esforço que representa galgá-los [Sic!]. Num primeiro olhar, a nossa natureza, em contato com aquela realidade, produziu o conhecimento”.

“Foi também por conaturalidade que os senhores **sentiram** –[Destaque nosso]– o que havia de **gostoso** e o que havia de mentiroso nos prazeres do sibarita” (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

Não se sentiu o esforço do alpinista para subir aquela montanha. Compreendeu-se que esforço a subida da montanha exigiu do alpinista.

Como o homem pode **sentir** conaturalidade com os abismos?

E como se pode galgar abismos?

É tão difícil galgar abismos, quanto mergulhar em picos.

Na ânsia de só impressionar, Plínio diz coisas sem sentido.

E o conhecimento por conaturalidade não é um sentimento, mas um conhecimento.

Que há de comum entre a natureza humana e a natureza do abismo?

E vai Plínio adiante: “**Conaturalidade**: a natureza de um posta em presença da de outro, produz um reflexo; desse reflexo jorra uma cognição: o sibarita é um pústula; aquele outro, não, é um campeão!” (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

E conclui Plínio triunfalmente colocando o **sentir** acima do **compreender**.

Na verdade, se os senhores tivessem que fazer um trajeto com um companheiro que fosse o tempo inteiro explicitando essas coisas, os senhores diriam: “-- **Fique quieto! Eu não quero conhecer por raciocínio, quero sentir**, degustar o sabor da realidade. O seu perpétuo raciocinar me cansa. Deixe disso! Quando nós voltarmos, você raciocina para mim. **Agora eu quero sentir** a altura, **quero sentir** o abismo, **quero sentir** o gelo, eu **quero sentir** as besteiras do sibarita, **quero sentir tudo**. Depois vamos conversar,

mas **me deixe antes sentir!**”. (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI , N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24).

O que Plínio condena é pensar, raciocinar – mas não fala em abstrair -- e o que ele recomenda fazer antes de tudo é sentir e só sentir.

Absurdos de um filósofo que recusa a abstração.

Sentir, sentir, sentir! Tal é a teoria do “conhecimento por conaturalidade” de Plínio: puro sentir romântico.

Conclusão disso tudo: como os românticos, Plínio vai atacar o intelectualismo:

É a conaturalidade, um modo legítimo de conhecimento.

Mais ainda: **quem não quiser conhecer por esta forma, vira um racionalista, um intelectual** que só se interessa por teorias e doutrinas, desligado da realidade, hirto e frio. Em suma, um homem incompleto. (Plínio Corrêa de Oliveira artigo **O Sibarita e o Herói**, in revista “**Dr. Plínio**, Ano VI, N<sup>o</sup> 67, Outubro de 2003, p. 24. Os destaques são nossos).

Por isso ele afirma que o argumento tem que ser sentido:

A argumentação tem que ser o mais possível agradável. Para sê-lo, não adianta só usar palavras bonitas. De vez em quando, uma ou outra metáfora bonita serve. Mas **o mais apropriado é fazer sentir** como o argumento, enquanto argumento, é belo. O pensamento sem enfeite, mostrado na sua simplicidade e na sua luz, tem uma beleza própria, que é, por exemplo, a do raio. **É preciso fazê-lo sentir!**. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O “Legionário”, um Jornal Vivo para Atrair e Persuadir**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, N<sup>o</sup> 62, Maio de 2.003, p. 27 . O destaque é nosso).

Assim fica patente a adesão de Plínio ao conhecimento romântico, um conhecimento que recusa a abstração e o raciocínio, que recusa a razão colocando acima de tudo, como fonte do conhecimento, as impressões e os sentimentos.

Toda a teoria do conhecimento de Plínio é um desabrochar de algo já existente no homem. As impressões provenientes do mundo exterior seriam úteis como catalisadoras, para despertarem novas explicitações do que já existia inato no interior do homem, e não para fornecerem diretamente novos conhecimentos. As impressões e sensações, segundo Plínio, funcionariam, mais ou menos, como o processo da maiêutica socrática: fariam vir à tona, vindo do interior do homem, algo que já existiria no fundo de seu ser.

#### 4 - O Maravilhoso e a Admiração

Mais do que na inteligência e do que nos livros, seria preciso buscar a verdade na sensação do “*maravilhoso*”, quer natural, quer produzido pelo homem. Era a tese do teósofo do Romantismo Franz Von Baader:

“Pode-se dizer que o espírito só está preocupado com o “admirável” e com o “maravilhoso” e que ele tende sempre para ele. Ele só cessa de se preocupar quando ele atinge o “admirável” perfeito, o único ser digno de admiração” (Franz Von Baader, apud E. Susini, op. cit., vol. II, p. 18).

Também para Louis Claude de Saint Martin, um dos mestres de Joseph de Maistre (admirado por Dr. Plínio), assim como para os românticos, TFP-Arautos, o conhecimento e admiração estão profundamente interligados.

Se não citássemos os autores românticos das frases que vamos dar, muitos da TFP pensariam que eram frases de Dr. Plínio, tanto as idéias dos românticos e do profeta de Higienópolis são parecidas.

Por exemplo: “*A alma do homem só pode viver de admiração*”.

De quem é essa frase?

É de Dr. Plínio ou de Saint Martin?

É do teósofo Saint Martin (**Fragments d’un traité sur l’Admiration, Oeuvres Posthumes**, vol II, p. 361, apud E. Susini, op.cit., vol II, p. 8).

“Admiração e conhecimento são inseparáveis. Não há conhecimento sem admiração [veneração ou amor], e não há admiração [veneração, amor] sem conhecimento. O sentimento de verdadeira admiração favorece o poder do conhecimento...” (Franz Von Baader, apud E. Susini, op. cit., vol. II, p. 10).

Essa frase do conhecido teósofo gnóstico é puramente pliniana.

“Só se ama com adoração o que se admira e se admira o que se contempla e que aparece como superior, como inacessível (...) o que está, por consequência, acima de nós nos dá sua força e sua luz, contanto que nos abramos para ele, isto é Deus”. (F. Von Baader, apud E. Susini, op. cit., vol. II, p. 12).

E ainda este trecho que já citamos, mas que vem a pelo citar, aqui, de novo:

“A necessidade de admirar é aquela que a inteligência tem de ajudar o que é admirado a se refletir a si mesmo e por conseqüência a se elevar e a se libertar. Admirar é submeter-se, reconhecer uma autoridade, receber, ser alimentado, receber um fundamento, ser em sua plenitude, ser fecundado. Enquanto admiro, eu me acho penetrado e satisfeito. Pelo fato que eu admiro, eu contemplo; não penetro, mas sou penetrado. A admiração é uma adoração que conduz à união. Enquanto eu admiro e enquanto eu me rebaixo diante do que eu admiro, eu me distingo do ser admirado; da mesma forma, pelo fato que sou elevado por ele, eu estou unido a ele”

De quem é esse texto?

De Plínio?

Do teósofo romântico Franz von Baader?

É de Franz von Baader(Franz Von Baader, apud E. Susini, op. cit., vol. II, p. 12 – o sublinhado é nosso).

Basta comparar essas idéias com as que são expressas no livro **“Elias, o Profeta da Aliança”**, do prof. Martini, atualmente um Arauto, para constatar a semelhança do que se pensa na TFP e o que defendia o teósofo romântico Franz Von Baader.

## 5. **Brumas Evocam mais que a Claridade.**

O máximo dessa degustação sensível interior nem se daria, para Plínio, através das coisas claramente captadas pelos sentidos exteriores. O indefinido, o vago, o brumoso, teriam uma capacidade de levar o homem a conhecer realidades que os olhos não vêem, de ouvir harmonias que não existem neste mundo material, de inalar perfumes que não se destacam da matéria, de degustar sabores irrealis, e de contemplar paisagens de sonho. A bruma falaria mais do que a luz, e iluminaria mais do que o verbo claro.

A bruma elevaria o homem da razão, --sempre presa ao concreto--, ao sonho, fazendo-o voar pela imaginação para muito além do horizonte azul, onde o céu encontra a terra.

E isso é puro romantismo.

Plínio era um romântico.

E a TFP, toda ela, é romântica, e não católica.

E se a bruma evoca mais do que a luz, dir-se-á com Novalis e com os românticos que a Noite ilumina mais do que o dia. Metafisicamente, se diria então que o Não- ser seria superior ao Ser, e do Nada viria o Tudo.

E, se fosse assim, os seres concretos de nosso mundo seriam participantes do Vazio. Ora, todas essas formulações são típicas da Gnose. E veremos que PCO vai expressar exatamente esses princípios anti metafísicos em várias ocasiões, algumas vezes de modo explícito, o mais das vezes de modo insinuante e velado. E isso culminará na afirmação de que:

*“Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe”* (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 230. O destaque é nosso).

## **6. Símbolos e conhecimento.**

Já tivemos a oportunidade de ver (cap. VII da Segunda Parte deste livro) as estapafúrdias confusões de Plínio a respeito do que são os símbolos.

Nem é preciso dizer que a doutrina pliniana dos símbolos é oposta ao que ensina a doutrina católica. São Paulo nos ensinou que *“Depois da criação, as qualidades invisíveis de Deus tornaram-se visíveis através das coisas criadas”* (Rom. I, 20).

Já vimos também a definição de símbolo elaborada pelo autor neo platônico conhecido como o Pseudo Dionísio, um monge do século V, que escreveu livros pseudo epigráficos, querendo se fazer passar por Dionísio Areopagita, o famoso São Dionísio, discípulo de São Paulo.

Disse o pseudo Dionísio que *“símbolo é o inteligível no sensível”*.

E essa é uma definição magistral.

O símbolo é sempre um ser material, contendo uma idéia.

É através dos símbolos, postos por Deus na natureza, que compreendemos muitas das qualidades divinas. Nosso Senhor Jesus Cristo, em suas parábolas, utilizou largamente a linguagem dos símbolos.

Portanto, segundo a doutrina católica o símbolo é uma criatura material da qual extraímos uma idéia sobre as qualidades invisíveis de Deus, ou sobre realidades espirituais, angélicas ou humanas.

Ensinou São Paulo que as perfeições visíveis do mundo espelham as perfeições invisíveis de Deus (Cfr. Epíst. aos Romanos , I, 20).

Dr. Plínio vai ensinar exatamente o oposto: o mundo espelharia o “possível”, o que está em potência, o não existente. O nada.

Falando dos símbolos, Plínio imagina uma república aristocrática – portanto sem rei –na qual alguém é incumbido de fazer os brasões dos nobres dessa república, todos eles tendo que se fundamentar num brasão imaginário do rei inexistente dessa república aristocrática. Realizando essa tarefa, o artista fez os brasões dos nobres participarem de um brasão imaginário de um rei inexistente. E daí, PCO escreve:

*“Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe”* (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**,p. 230).

O paralelo é patente.

Assim como esses brasões participavam de um brasão imaginado de um rei inexistente, assim também, as criaturas de nosso mundo participariam analogicamente de seres possíveis inexistentes. E então tudo o que existe participaria do que não existe.

Mas o brasão do Rei imaginado e pintado já não é um ente possível. O brasão imaginado foi pintado, e assim recebeu existência. Plínio confunde ser imaginário com ser possível em Deus.

E conclui proclamando um “princípio” absurdo: *“Tudo que existe é uma participação nisso que não existe”*.

Aplicada ao universo real, essa é uma afirmação gnóstica, que contraria o que São Paulo ensinou na epístola aos romanos.

Para Plínio, no princípio, haveria o vazio. O inexistente.

Os símbolos somente confirmariam verdades das quais já teríamos conhecimento anterior, **um conhecimento inato em nós**, e que o símbolo permitiria explicitar. E, para Plínio, as qualidades que Deus colocou no mundo seriam meios para

alcançar a Trans-Esfera dos seres possíveis e não para conhecer Deus, ser real em Ato, e Ato puro, enquanto a Trans Esfera teria apenas seres em potência, e não reais em Ato.

Plínio, então, faz da Trans-estera a Divindade, oposta ao Deus criador do mundo, e mostra que essa divindade é o nada. E isso é tipicamente Gnose.

Plínio afirmando o contrário do que ensina São Paulo tem doutrina herética.

Vejamos algumas citações de artigos de Plínio sobre esse tema:

“Sendo constituído de corpo e alma, o homem não se sente plenamente satisfeito enquanto seus sentidos não puderem captar aquilo que seu **espírito concebeu**” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Símbolos, Fantasia e Realidade**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 42, ano IV, Setembro de 2.001, p. 31. O destaque é nosso).

Nessa formulação, o espírito primeiro conceberia algo, que, depois, os sentidos procurariam captar, **depois**, na realidade material.

Isso confirma o erro da teoria do conhecimento inato no homem.

E isso é o contrário do que a Igreja ensina, e ao que se constata na realidade, pois, segundo Plínio, primeiro haveria uma concepção interior, e só depois haveria a captação pelos sentidos corporais do que já fora entendido pelo espírito humano. Haveria então um conhecimento no homem que não teria passado antes pelos sentidos corporais.

Ora, São Tomás ensina o oposto: nada há no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos.

E pergunta Plínio:

“O que é pois o símbolo? É aquilo que nos faz conhecer, as perfeições do Criador, as realidades sobrenaturais ou as meramente espirituais, de maneira tal que nos tocam no corpo, dão movimento à nossa sensibilidade e satisfazem os nossos anseios de **distinguir fisicamente o que compreendemos pelo intelecto**” (Apostila da TFP, MNF -- **O Processo Humano (Resumo)**, mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, **O que è a Câmara Obscura**, N<sup>o</sup> 3 –**Pode ser conscientizado o que há na câmara obscura?**, p. 75).

A definição de símbolo ia muito bem até vir o erro final que sublinhamos, e que, mais uma vez, inverte o processo do conhecimento através dos símbolos: os símbolos concretos nos fazem distinguir coisas de que já tínhamos conhecimento no intelecto.

Isso seria possível apenas se houvesse idéias inatas no homem, como Plínio admitia.

E os exemplos que estamos citando, exata e fielmente, comprovam o erro de Plínio sobre o modo como o homem conhece.

Veja-se mais um exemplo:

“O que se disse do leão, pode-se aplicar a uma águia. Contemplando esta ave que começa a levantar vôo, teremos idéia do que é a ousadia soberana que não duvida, que não toma precauções pequenas e mesquinhas. O alçar da águia rumo ao sol é semelhante a determinadas atitudes da alma também audaciosa, e **tal analogia faz com que entendamos pelos sentidos aquilo que compreendemos pela inteligência**” (Plínio Corrêa de Oliveira , artigo Símbolos, Fantasia e Realidade, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 42, ano IV, Setembro de 2.001, p. 33. O destaque é nosso).

De novo, a explicação ia bem até a parte sublinhada por nós, quando Plínio, mais uma vez, inverte o sentido do processo de compreensão: seria o já entendido pelo intelecto que faria compreender, posteriormente, o símbolo natural percebido através dos sentidos.

Plínio concebe o conhecimento interior humano como não proveniente do exterior através dos sentidos e da abstração, quando só entendemos depois de ter imagens sensíveis. E essa inversão confirma a idéia fundamental de Plínio de que o homem já tem, em si, idéias inatas, e que ele deve ler o seu próprio interior, não analisar a realidade concreta, e nem estudar livros.

As sensações despertariam no homem o que ele já sabia inatamente. O que é platonismo gnóstico.

Daí, dessa inversão sutil, Plínio passa a defender a tese de que os símbolos não levam apenas a compreender valores espirituais, mas também a fazer o homem penetrar num mundo irreal da fantasia.

Falando do leão alado e da águia bicéfala, Plínio diz:

“Com efeito, o universo dos símbolos embora exprima uma realidade, é até certo ponto o mundo da fantasia. Ele se situa entre a fantasia e a realidade: não podendo ser inteiramente fantasia, não será -- senão mais raramente -- uma mera realidade. De fato, o símbolo será tanto mais artístico quanto mais expressa o fundo da realidade, distanciando-se ao mesmo tempo das aparências desta”.

“Qual o papel do leão alado ou da águia bicéfala? É, novamente, fazer repercutir na nossa sensibilidade algo que a mente já compreendeu, tornando essa compreensão ainda mais completa” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo Símbolos, Fantasia e Realidade, in revista “Dr. Plínio”, Nº 42, ano IV, Setembro de 2.001, p. 34. Os destaques são nossos).

Está aí escarrapachada – em negrito -- a inversão da noção católica de símbolo, e do conhecimento humano, feita por Plínio. (E já vimos noutra parte deste livro que Plínio fazia confusão enorme sobre o que é símbolo, e o que é sinal).

O romantismo fideísta de Plínio e da TFP exalta então a fantasia. Proclama um conhecimento interior inato que é na verdade aquilo que a Gnose chama de conhecimento salvador. Para ele, o exato, o nítido, o que é claramente entendido pelo intelecto seria inferior ao sugerido, ao brumoso, ao intuído pela fantasia nas brumas e no mistério.

E um conhecimento inato, obtido por vias não intelectuais, precederia o conhecimento do concreto.

Veja-se mais uma prova disto, nesse mesmo artigo dele, que estamos citando:

*“Havia uma escola de pintura do século XIX que costumava apresentar a realidade sempre envolta numa espécie de névoa. Na verdade, esta missão da arte tinha em vista apresentar um certo carácter simbólico que a névoa confere aos ambientes e aos objetos por ela abarcados”.*

**“Imagine-se, por exemplo, um castelo gótico no alto de um monte, ou na encosta de uma colina, meio agasalhado na bruma. Assim, ele diz mais o que deseja expressar do que se estivesse sem a bruma. Por quê? Porque esta apresenta o lado **irreal que é preciso a fantasia juntar ao real, para a sensibilidade ser inteiramente tocada.** Numa palavra, o símbolo ajuda a sensibilidade a se elevar às alturas, onde o intelecto do homem foi conduzido pela razão, e sobretudo pela fé”** (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Símbolos, Fantasia e Realidade**, in revista “**Dr. Plínio**”, Nº 42, ano IV, Setembro de 2.001, p. 34. Os destaques são nossos).

Nessa citação, está claríssimo o Romantismo de Plínio e de sua TFP, assim como o Romantismo dos Aautos do Evangelho, aos quais agradecemos terem publicado estes textos delirantes de Plínio a que jamais tivemos acesso em trinta anos de TFP.

Nessa citação, Plínio faz o elogio do Romantismo simbolista, que era uma escola de arte explicitamente gnóstica. Especialmente a pintura simbolista estava túrgida de

doutrinas esotéricas, gnósticas, e isso pode ser comprovado por qualquer obra especializada na Escola simbolista. (cfr. Dan Sperber, **O Simbolismo em Geral**, editora Cultrix, São Paulo, 1978).

E, mais ainda, Plínio afirma explicitamente que a fantasia e a sensibilidade elevam o homem acima do nível que ele pode atingir intelectualmente, onde só a Fé o levou. O que é puro Romantismo. E contrário à doutrina católica.

Ora, é a Gnose que pretende ser um conhecimento que substitui a Fé.

Disso tudo, se conclui, que, para Plínio Corrêa de Oliveira, a verdade não é alcançada pelo homem através dos sentidos e da abstração intelectual. Haveria, no homem, um conhecimento inato que o homem deveria explicitar, conhecimento que seria confirmado pelo exame da realidade concreta, mas que não nasce dela.

Esse conhecimento não intelectual, mas intuitivo, teria algo de místico, pois nasceria da “câmara obscura” do homem, misteriosa realidade escondida atrás da inteligência e da vontade, no “*tabernáculo da alma*”.

Para atingir o conhecimento da verdade existente nesse tabernáculo do homem, este deveria guardar a sua inocência primeva. Só quem mantivesse a inocência primeva teria real e completo acesso à verdade interior nesse tabernáculo da presença divina no homem, tal qual ensinava a Gnose de todos os tempos.

Só quem estivesse em estado de inocência original teria a verdade. Esse homem, possuindo a verdade de forma inata, e mantendo-se fiel à sua inocência, se tornaria inerrante. Claro que, como a quase totalidade dos homens não aderem hoje à harmonia as potências da alma, pouquíssimos seriam os homens inocentes e inerrantes. Raríssimos seriam os homens que teriam a verdade. A verdade seria possuída por uma minoria, por uma elite de eleitos. A verdade seria eminentemente aristocrática, reservada a uma elite. Plínio e Scognamiglio seriam membros dessa elite de santos inocentes.

É o que vimos que foi explicitado escandalosamente por Scognamiglio ao afirmar que a verdade não é para todos. É só para uma elite. Que a verdade seria aristocrática. Como pretendia toda a Gnose: a verdade seria só para alguns eleitos.

Iniciados.

## Capítulo V - Os Flashes: Intuições Divinas -- Graças atuais sensíveis

As impressões, sensações, sentimentos, admiração, símbolos, poderiam causar no homem – diz PCO- intuições fulgurantes que iluminariam o intelecto, ou dariam incentivo à vontade.

Seriam, pois, graças atuais, que tocariam a inteligência e / ou a vontade.

Enquanto graças iluminantes das inteligências, elas seriam intuições fulgurantes, evanescentes e inefáveis, tais quais Bergson as descreveu. E é bem possível que PCO tivesse ouvido falar dessa doutrina de Bergson, e a tivesse aproveitado para “explicitar” sua teoria do conhecimento.

Plínio falava, discursava, perorava, dissertava, regurgitava continuamente sua doutrina dos “*flashes*”. Provavelmente inspirando-se em Bergson.

Que eram os famosos *flashes* para Plínio?.

Na apresentação do artigo intitulado “O “**flash**” a redação da revista “**Dr. Plínio**” afirma que o “*flash*”, na concepção de Dr. Plínio, seria “*uma realidade sobrenatural*” (cfr. Revista “**Dr. Plínio**” Ano V, Outubro de 2002, N<sup>o</sup> 55, p. 16).

Portanto, o flash seria uma graça sobrenatural.

Mas graça da qual a Igreja nunca falou. Mas da qual falaram Bergson, Walter Benjamin e outros gnósticos bem conhecidos.

Relembramos o que deles disse Walter Benjamin: que um flash é como um relâmpago, enquanto a poesia é o trovão, que tenta expressar o inefável do relâmpago.

Nesse artigo citado acima, Plínio diz que partirá de uma observação: por vezes “*experimentamos consolações espirituais*”, quando “*tratamos com as coisas da Igreja*” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “ O “**flash**”, in revista “**Dr. Plínio**” Ano V, Outubro de 2002, N<sup>o</sup> 55, p. 16. O destaque é nosso).

Dessa observação de uma experiência, diz Plínio, vai restar uma “*impressão*”.

Plínio vai usar a palavra impressão cinco vezes, em três páginas apenas, e utilizará seis vezes a palavra sentir e seus derivados, nesse artigo, e daí vai deduzir uma doutrina espiritual.

Noutro artigo, Plínio diz que o que ele chama de “*flash*” daria “*como que visões de Deus*” (PCO, artigo **Cintilações das Excelências Divinas**, in revista “**Dr. Plínio**”, ano VI, N<sup>o</sup> 58, Janeiro de 2.003, p.34).

Portanto, o flash seria uma graça sobrenatural que proporcionaria revelações, visões de Deus.

De um certo modo, então, o flash, sendo uma “visão” de algo, seria também uma forma de conhecimento não racional, imediato, que se diria propriamente intuitivo.

Estamos progredindo na compreensão do que é o “*flash*”, para Plínio. Como para Bergson.

Na apresentação de outro artigo de Plínio, na revista “**Dr. Plínio**” seus sequazes afirmam:

“Evocando marcantes momentos de sua infância, Dr. Plínio prossegue na descrição **das graças especiais que, como verdadeiros flashes**, foram-lhe concedidas para discernir e amar as perfeições de Deus, de Maria Santíssima e da Igreja. **Esses dons divinos insistirá Plínio, longe de serem um privilégio estão ao alcance [de] todos nós:** basta que tenhamos o espírito atento para as belezas celestiais e seguirmos a radiosa trajetória que elas nos traçam” (Apresentação do artigo de PCO, **O Luminoso Caminho dos “flashes”** in Revista “**Dr. Plínio**” Ano VII , N<sup>o</sup> 81, Dezembro de 2004, p. 14. Os destaques são nossos).

Portanto, flashes seriam “*graças sobrenaturais*” que “*dariam visões de Deus*”, “*dons divinos*”, “*graças atuais sensíveis*”, “*experiências*” que causariam “*consolações espirituais*”, “*impressões e sentimentos*” que a pessoa deveria **depois** explicitar.

Vamos caminhando.

Sublinhamos a palavra “**depois**”, para chamar atenção de que uma coisa só nos causa impressão, porque através dela compreendemos algo. Uma impressão é sempre a repercussão, em nossa sensibilidade, de um conhecimento obtido pelo intelecto. É certo que tudo o que temos no intelecto passa antes pelos sentidos. Mas Plínio, como Bergson, dá sempre primazia ao intuir sobre o entendimento abstrato. Como se o conhecimento fosse não intelectual, mas intuitivo. Colocando o sentir sobre o intelecção, como se o conhecimento fosse a impressão, como se o sentimento gerasse a compreensão.

O que é falso.

Ora o Flash é apresentado como meio de conhecimento, como uma intuição, ora ele é apresentado como uma graça atual.

Na realidade, o flash para PCO seria um efeito do “seletivo” que PCO inventou, causando a intuição cognoscitiva. O misterioso conhecimento interior --Gnosis—que permitiria ao homem conhecer seu ser mais íntimo, que seria a própria divindade, da qual, agora, neste mundo, ele está exilado. O flash permitiria ao homem intuir que ele é um Deus encarcerado no sepulcro da materialidade.

Scognamiglio, em certos relatos que fez do que ouviu de seu Profeta imortal, foi mais explícito, pois falava a um círculo interno, secretamente. Soubemos que ele, certa vez, teria assim explicado o que é o flash:

“Teologicamente que é o flash?\_“É uma graça operante. Quando estamos diante do senhor Dr. Plínio, a graça nos atinge e causa uma tal transformação em nós, que **praticamente nos divinizamos**. Com “d” minúsculo, claro, mas verdadeiramente. Então, se dá em nós uma reação que vem do próprio Deus. Essa reação, que é do próprio Deus, nos dá uma perfeição, uma plenitude, que se a cultivássemos, não precisaríamos rezar a Oração da Restauração, pois nós já viveríamos a Restauração”.

“Flash” seria então uma **graça divinizante** obtida, por exemplo, pela contemplação do que era Plínio Corrêa de Oliveira, contemplação que realizaria a graça da **restauração** da Inocência primeva da pessoa que a recebesse.

E isso é idolatria e loucura.

E que seria essa restauração?

Evidentemente, a restauração na inocência original, anterior ao pecado original. O “Flash” então teria um efeito que nem o Batismo alcança. O “flash”, pela contemplação do que era Plínio, seria superior ao Batismo, que apenas apaga a culpa original, sem restaurar o homem na inocência primeva.

Plínio escreveu ainda:

“Agora, os **flashes** devem se desdobrar em princípios, os quais cumprem ser, não analisados como coisas geométricas, mas amados. Quer dizer compreendendo uma verdade a partir do flash, é necessário amá-la e detestar o erro oposto” (PCO, artigo **O Luminoso Caminho dos “flashes”** in Revista “**Dr. Plínio**” Ano VII, N<sup>o</sup> 81, Dezembro de 2004, p. 16. Os destaques são do original).

É preciso analisar essa frase com cuidado, pois nela há confusões importantes a destacar.

Aí está dito que “*flashes devem se desdobrar em princípios*”.

Ora, princípios são idéias fundamentais sobre as quais se constrói um sistema.

De novo, o flash é apresentado como relacionado à obtenção do conhecimento. O flash seria uma forma de revelação. Os princípios fundamentais do ser e do pensamento que regem todo o pensamento humano - Princípios e Identidade e de Não-contradição – não derivam de impressões, sensações ou sentimentos, e muito menos de imaginários “*flashes*”. Plínio, como Bergson, não fala de abstração, não fala de um conhecimento intelectual. Daí, ele dizer, em seguida que: “*os quais [princípios] cumprem ser, não analisados como coisas geométricas, mas amados*”.

Percebe-se que Plínio, como Bergson, deixa em segundo plano a análise – ato de intelecto—para colocar antes o amar, e recusa, como Bergson, que se possam analisar os flashes, “*como coisas geométricas*”.

Só que não é possível existir amor, sem que antes não se conheça a coisa que vai ser amada. Só podemos amar o que antes conhecemos.

## Capítulo VI - Intuição e Admiração Desvalorizam o Estudo

Vimos que o romantismo de Plínio levava-o, e a sua TFP, a substituírem as causas segundas pela ação preternatural, diabólica ou angélica.

Como já salientamos, se as causas segundas são praticamente esquecidas ou obscurecidas, tudo se reduzindo apenas a uma luta entre Deus e o demônio. Então não teria cabimento ler, estudar, elaborar pesquisas científicas, já que as ciências buscam compreender o atuar das causas segundas. Teologia e demonologia seriam suficientes para satisfazer toda curiosidade ou interesse intelectual.

Se fosse assim, o próprio conhecimento humano estaria, ele também, sujeito ou à ação divina ou diabólica. No primeiro caso, o conhecimento seria por revelação profética; no segundo, seria mágico.

Assim como para o Romantismo e para Bergson, a razão seria enganadora, assim também, para Plínio, livros e ciências seriam desnecessários, quando não prejudiciais.

Na TFP, praticamente só se estudava o que Dr. Plínio explicitava, falando ou escrevendo.

Digno de estudo seria apenas a pessoa do Profeta de Higienópolis, Plínio.

Todo conhecimento dos sectários viria através do que dizia o profeta, por meio de quem a própria Sabedoria de Deus falaria. Não se disse e não se acreditava, lá dentro, que o Espírito Santo, depois do Concílio Vaticano II, abandonara a Igreja e se refugiara em Plínio?

Até mesmo os livros escritos pelos santos eram vistos com desprezo ou suspeição. Não se lia mais nem o Tratado da Verdadeira Devoção a Nossa Senhora de S. Luis de Montfort, e sim o comentário que Dr. Plínio fez desse Tratado.

Desprezavam-se as informações, até mesmo as jornalísticas, pois elas só atrapalhariam as previsões “*aerológicas*” de Plínio, porque, lendo “O Estado de São Paulo”, se estaria preferindo ler o “**Jour-le-Jour**” dos Mesquitas, ao “**Jour-le-Jour**” do Profeta.

Na TFP, Dr. Plínio sempre preveniu contra o espírito livresco, mas isto, com o tempo, acabou se transformando em uma posição anti intelectualista sistemática. Via-se com desprazer que algum militante lesse ou estudasse. Pretendia-se combater a mentalidade “positivista-racionalista”, como diz a “**Idônea**” [Livro de Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, tentando legitimar o culto a Dr. Plínio e Dona Lucília, culto que Plínio antes negara que existisse], e Dr. Plínio apelidava os que estudavam de “*plock-plocks*” e “*canecas-amassadas*”. Por isso, nos últimos tempos em que estivemos na TFP, se dava mais importância ao que lá se chamavam “*símbolos*” do que à doutrina, como meio de fazer o apostolado. Procurava-se despertar mais “*explicitações*” do que implantar convicções.

Não se pode negar que estas impostações são muito parecidas com o anti intelectualismo de Bergson.

Veja-se esta citação:

“O livro pode ser, em muitos casos, um instrumento nocivo. Não é com um aparelho exterior e por meio de uma demonstração em regra que se estabelecem verdades e, sobretudo, que se as faz passar para o espírito dos outros. O único critério da verdade é a consciência íntima de tudo o que nós sentimos. O germe do conhecimento, de todo bem e de todo o mal, se acha em mim, tudo o que é exterior pode apenas desenvolver esse germe; os livros realizam apenas uma obra de maiêutica”.

Claro que um tefepista pensará que esse texto é de Dr. Plínio. Nós mesmos que o coletamos, ao rever o texto desse nosso trabalho, pensamos que era de Dr. Plínio. Só depois é que nos demos conta que ela era do teósofo gnóstico e romântico Franz Von Baader: (Franz Von Baader *apud* E. Susini *ob. cit* vol I p. 151).

Como isto se parece com o que se dizia na TFP!

Lá, se dizia que o livro é útil, quando ele permite “*explicitar*” o que temos em nós. É o que fazia Dr. Plínio, à la Sócrates: dizia que “*explicitava*” o que já havia nele.

“Sem dúvida nós não somos feitos aqui na terra para especulação”, “nós não precisamos nem de livros, nem de especulações”. “Meu saber é verdade viva e atuante”. “Meu saber deve se tornar ação, conhecimento vivo” (Franz Von Baader *apud* E. Susini *ob. cit* p. 135).

Quando lemos esses textos de Franz Von Baader, espantou-nos como era o mesmo que dizia Plínio, e que era acreditado pelos eremitas da TFP.

Lembramo-nos de um caso ocorrido nos Estados Unidos. Um americano perguntou, um dia, ao eremita P.M., quais eram os livros de História estudados e recomendados pela TFP. O eremita P.M. – que provavelmente fizera voto de pobreza absoluta em erudição – respondeu, soberbamente:

“*Nós não estudamos História. Nós fazemos a História*”.

Oh! Gritaria a claque da TFP, se estivesse presente, incapaz de ver o soberbo sofisma do esperto, mas ignorantíssimo eremita.

O saber se torna ação dizia o teósofo gnóstico Franz Von Baader... Tal qual Bergson pedia que o conhecimento viesse da união do querer com o conhecer, da ação com a inteligência. Tal qual acreditava e ensinava o modernista Maurice Blondel.

Mais do que nos livros, Plínio considerava que era preciso buscar a verdade no “*maravilhoso*”, quer natural, quer no produzido pelo homem.

“Pode-se dizer que o espírito só está preocupado com o “admirável” e com o “maravilhoso”, e que ele tende sempre para ele. Ele só cessa de se preocupar, quando ele atinge o “admirável” perfeito, o único ser digno de admiração” (Franz Von Baader apud E. Susini ob. Cit., vol. II, p. 18).

Assim como a Gnose, o Catarismo, o Romantismo e Bergson eram contra a razão, dando prevalência ao sentimento, às impressões, à imaginação, manifestando ojeriza para com o intelecto, assim também fazia Dr. Plínio.

Lendo as mais de 3.000 páginas editadas na revista “**Dr. Plínio**”, constata-se a repetição obsessiva do verbo sentir, da palavra impressão, e do recurso contínuo à imaginação e ao verbo imaginar.

Em contrapartida, a palavra abstrair praticamente não aparece.

Plínio vivia imaginando. Imaginar, sentir, ter impressões eram, para ele, praticamente sinônimos, e mesmo, ações superiores ao pensar.

Era típico de Plínio recorrer a uma espécie de ventriloquia literária, imaginando que coisas materiais pensassem, desejassem ou sentissem, colocando pensamentos dele em outras pessoas, imaginárias ou reais, ou mesmo em seres irracionais.

Num artigo intitulado **Santidade, o Ideal de Todo Homem**, Plínio faz a água falar o que ele julgava ser o ideal de todo homem: ser tudo.

“A água (...) se ela pudesse pensar, se ela pudesse cantar, ela cantaria depois de ter pensado, e diria: “Chegou a minha vez de ser flor, de ser bebida pelos homens e pelos animais, chegou a minha vez de ser nuvem, **chegou a minha vez de ser tudo!** Afinal, realizarei aquilo que está na minha natureza ser!”

(Plínio Corrêa de Oliveira, **Santidade, o Ideal de Todo Homem**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44, p. 8. O destaque é nosso).

Se a água “pensasse”, ela pensaria identificando-se com o objeto de seu “pensamento”. Exatamente como dizia Bergson que o homem deveria fazer, para conhecer por intuição.

É impossível não ver que esse ventriloquismo de Plínio, aplicado à água, é, de fato, o seu desejo mil vezes expresso de ser outra coisa do que ele era: querer ser urubu, alabastro, azul absoluto, marquês, rio, mar, etc. Plínio, como todo romântico—e todo gnóstico—não se conformava em ser o que ele era. Queria ser tudo. Não se conformava em ser criatura contingente. Plínio queria sempre se identificar com o objeto do conhecimento. No fundo, e afinal, Plínio, como os românticos, queria se identificar com

o Absoluto. Plínio queria ser Deus. Por isso ele disse que nos identificaríamos com Cristo que seria nosso sócio absoluto, o nosso Eu divino mais eu do que sou eu mesmo. Não seríamos julgados por Cristo através de uma “*tabela de dez mandamentos*”, mas pela assunção da semelhança com Deus. de modo tal que o eu dele seria o nosso eu.

Em Plínio, havia ou admiração por um maravilhoso imaginado, paradisíaco, ou revolta contra a contingência e desprezo pelas misérias existentes no mundo concreto. E essa tendência a ver tudo ou como maravilhoso ou como desprezível leva à Gnose, e à recusa da materialidade, e da razão

Daí a preferência de Plínio pela fuga do real através da imaginação, através do sonho. Plínio foi um romântico. E o Romantismo é gnóstico.

## Capítulo VII - Confusões plinianas sobre Cultura

De toda essa teoria do conhecimento fundada num saber inato, que se explicitaria pelos sentimentos causados pelas primeiras impressões, as quais “tocam” a alma humana, decorreria, então, uma idéia de Cultura muito particular a Plínio

Que é Cultura, segundo Plínio?

Ele trata desse tema em vários artigos.

Num deles, intitulado **Verdadeira Cultura e Tipo humano** (Cfr. revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 58, ano VI, Janeiro de 2.003, pp.14 a 19) encontramos preciosos e muito originais conceitos de Cultura emitidos por ele.

Ele começa dizendo que o conhecimento do conjunto das criaturas é superior ao conhecimento de cada uma delas em particular.

Óbvio.

Daí, diz ele:

“Do conhecimento de todas as criaturas, para cada homem, ficam as impressões e os conceitos. Mas fica uma impressão global do conjunto, que por sua vez dá um certo conhecimento, uma certa noção, leva a um certo conceito, que é mais alto do que o conceito dos seres tomados individualmente” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 58, ano VI, Janeiro de 2.003, p.15 ).

Que texto torcicolosamente confuso!

Então: “Do conhecimento de todas as criaturas”--- ( “ficam as impressões e os conceitos”.

Dáí: “uma impressão global do conjunto” - “dá um certo conhecimento”, “uma certa noção”, “um certo conceito” “mais alto do que o conceito dos seres tomados individualmente”.

É confuso e repetitivo. E de tanto indefinido “certo” resultou algo bem incerto

Mas vá lá.

Só não se pode engolir que das meras impressões venha o conhecimento, excluindo qualquer menção à abstração intelectual.

Desse aranzel inicial, Plínio prossegue para a sua idéia – idéia ou impressão? – do que é Cultura.

“Uma palavra cujo sentido é muito discutido hoje em dia é “cultura”. Na verdade, para quem tenha elevação de pensamento religioso, cultura é precisamente o conhecimento global que os homens têm do universo, acompanhado de um conceito e de uma sensação (sic!!!) a respeito do universo que não é igual para todos, mas que tem uma certa acomodação dentro da objetividade (sic !!!), conforme cada pessoa (sic !), família, região, nação. Segundo cada qual isso vai se matizando e tendo uma espécie de visão própria—sempre objetiva, embora diversa (sic!!!) – do que é o universo, do que é Deus (SIC !!!), do que são os elementos componentes do universo e de que maneira refletem a Deus” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in revista “ **Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 58, ano VI, Janeiro de 2.003, p.15. O destaques são nossos).

Que caos!

Cultura então seria um conhecimento global do universo...

Poderia um conhecimento do universo não ser global?

Isso é uma redundância própria de um “filósofo não-abstrato”, tal como Plínio pretendia ser.

Dessa redundância se passa para uma gagueira:

Cultura seria um “conhecimento global do universo”... “acompanhado de um conceito e de uma sensação”

Da gagueira se vai, então, para a contradição de afirmar a possibilidade de um subjetivismo objetivista, pois que a tal sensação e conceito global do universo, embora não sendo “*igual para todos*”, “*acomodar-se-ia*” “*a cada pessoa*”. “*família, região, nação*”, dentro de uma “*visão própria—sempre objetiva, embora diversa*”, “*do que é o universo, do que é Deus*”.

Um conceito verdadeiro é sempre objetivo, igual, e o mesmo para todos os homens.

Então haveria um conceito de cada pessoa do que é Deus, e isto seria, mesmo assim, um conceito objetivo!

Mas isso é o ecumenismo do Vaticano II, na boca do pseudo tradicionalista e contra revolucionário Plínio Corrêa de Oliveira!

O “Crocíato do Século XX” era ecumênico. Plínio, a Contra revolução personificada, era um revolucionário, ecumênico relativista.

E mais não é preciso dizer, porque já é confusão demais.

## Capítulo VIII - Dialética do Espírito e da Matéria. Os banheiros do paraíso

É essa mentalidade romântica que levava Plínio a usar continuamente, milhares de vezes, obsessivamente, o verbo sentir e seus derivados.

Para ele, sentir e conhecer seriam quase sinônimos. Do que decorria, como na Alquimia e no Romantismo, uma íntima correlação entre espírito e matéria. Porque materialmente sentimos e conhecemos intelectualmente em nossa alma espiritual.

Para o gnóstico seguidor de Jacob Boheme, Oetinger, um dos precursores do Romantismo, espírito era matéria sublimada, e matéria era espírito cristalizado (Cfr. Ernst Benz, **Les Sources Mystiques du Romantisme Allemand**).

Foi por quase identificar sentir com conhecer que PCO, afirmou que a visão de Deus, a idéia que se transmite normalmente do céu, como contemplação eterna de um Deus imutável, eternamente imóvel, não o satisfazia: no céu, ele queria ter sensações físicas.

“Minha alma anseia por sensações de caráter físico” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Minhas Primeiras Impressões sobre o Céu**, in revista “**Dr. Plínio**”, Nº 49, ano V, Abril de 2.002, p. 29. O destaque é nosso).

Como? A casta alma do inocente Plínio ansiava por sensações físicas?!

Por isso PCO afirmava que, no céu, haveria “*delícias castas*” e “*gáudios, santos e intensos que nossos corpos provarão no céu empíreo*” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Minhas Primeiras Impressões sobre o Céu**, in revista “**Dr. Plínio**”, Nº 49, ano V, Abril de 2.002, pp. 28- 29).

Plínio diz que retirou essa idéia de Cornélio a Lapide:

“Parece-me, entretanto, que essa região onde São João Bosco esteve corresponde ao que nos ensina o grande teólogo Cornélio a Lapide a respeito do céu empíreo. Com efeito, baseado na opinião de vários santos e doutores da Teologia [Quais?], professa ele a idéia de que, ao lado do Céu dos Céus onde veremos Deus face a face e a nossa transbordante alegria será inexprimível – há um céu material de magnificência igualmente indizível, no qual nossos corpos poderão desfrutar, eles também, o prêmio de uma eternidade feliz”.

“Essa sentença é inteiramente lógica e compreensível. Sendo o homem composto de corpo e alma, e se a doutrina católica nos ensina que, condenado, ele sofrerá no inferno penas corporais e espirituais, por que não haverá no céu, em contrapartida, uma recompensa para o corpo assim como tem a alma? E por que não existirá, portanto, no celeste Paraíso um lugar onde o corpo humano, glorificado, expurgado de todas as misérias desta vida e já na imortalidade, possa fruir de todas as **delícias castas** que lhe são próprias, ao mesmo tempo em que sua alma se acha perdida nos gáudios da visão direta de Deus? Não será esta uma necessidade decorrente da eterna união entre alma e corpo ressurrecto?”

“Essas celebridades teológicas [Quais?] opinam que sim. Não se trata, convém frisar, de um dogma da Igreja, mas de uma doutrina a que se pode aderir sem receios de incorrer em heresia. Alguns estudiosos [Quais?] que aprofundaram essa tese chegam mesmo a sustentar que, nesse céu empíreo-- [Uái?! Não era um outro céu material ao lado do céu empíreo?] – **os corpos terão suas funções fisiológicas comuns, sem contudo – e de uma forma misteriosa – produzir qualquer espécie de podridão**. [Que absurda e grosseira imaginação!] Mas, uma vez que o **estômago tem prazer em comer** [O estômago não come, quem come é a boca!] o homem se alimentará de manjares inigualáveis: uma vez que os pulmões tem gáudio em respirar, eles respirarão os ares mais límpidos que jamais sorveram. E assim por diante, nosso corpo terá alegrias imensas, afins com os júbilos da alma imersa na visão beatífica”. [Chiii...]

“Os teólogos [Quais? Maomé?...] vão mais longe em suas excogitações. Para eles, os próprios Anjos, que são puros espíritos, far-se-ão notórios de alguma modo ao homem ressurrecto. Ocasionalmente determinados movimentos no ar, modelando certas formas ou produzindo cores e sons

paradisíacos, eles nos darão uma idéia de como são. À maneira do músico que usa de um instrumento para transmitir ao ouvinte uma impressão, eles, Anjos, se servirão daqueles elementos para nos deleitar. E nada impede que imaginemos brisas ou ventos com frescores ou tepidezes diversos, pousando sobre nossas peles como cetins, como sedas, como veludos”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **E Seremos Repletos de Grandeza...**, in revista “**Dr. Plínio**”, Nº 49, ano V, Abril de 2.002, pp.14-16-17. Os destaques e os comentários entre colchetes são nossos ).

Que texto absurdo de alguém que se diz católico!

Se fosse um maometano o autor dessas imaginações, se compreenderia essa concepção epicurista do céu! Mas de um católico!

E que baixeza imaginar as funções fisiológicas do céu, ainda que sem podridão.

Imaginem? Os banheiros celestiais de Plínio!

Só faltou o harém.

Aliás, se Plínio concebe o céu, digerindo leitões paradisíacos, por que não haveria lá também o harém com as odaliscas muçulmanas?

Nosso Senhor, respondendo ao erro dos saduceus, lhes disse que no céu não haveria mais relação conjugal. E lá os santos seriam como os anjos de Deus, não se reproduzindo mais.

E também não precisaremos mais comer, pois os corpos gloriosos não perderão sua energia e não precisarão repô-las, comendo.

A felicidade celestial só pode ser de ordem cognoscitiva, porque o homem é dotado de intelecto e vontade. O homem tem por fim conhecer, amar e servir a Deus, e sua felicidade plena consiste em ver a Deus na visão beatífica, amando-O e servindo-O perfeitamente. A felicidade plena consiste na posse perfeita da verdade e no amor completo dela. Por isso, Dante – que tinha idéias más – soube definir o céu como:

“Luce intellectual, piena d’amore;

Amor di vero ben, pien di letizia;

Letizia che trascende ogni dolzore”.

“Luz intelectual, cheia de amor;

Amor do verdadeiro bem, cheio de alegria;

Alegria que transcende toda doçura.”

(Dante, **Divina Commedia, Paradiso, XXX, 40 -42**).

O que diz Plínio, que, se no inferno há castigos físicos, no céu deveria haver prazeres físicos, é um sofisma grosseiro. No inferno, haverá castigos para os corpos dos peciticos, porque os maus buscaram felicidade física na terra. Então é justo que eles sofram castigos também corporais, e sejam como que animalizados, já que eles renunciaram ao bem do intelecto: a verdade.

Os peciticos “*sonno quelli che hanno perso il bem del intelletto*”.

Malditos são aqueles que perderam o bem do intelecto: a Verdade.

No céu, a felicidade eterna consistirá na visão de Deus. Lá os viventes eternamente verão. Assim como Isaac ia meditar no deserto, ao cair o dia, junto ao poço do “*Viventis e videntis*”, assim depois do ocaso da vida terrena, os bons estarão eternamente vivos e vendo a Deus. Pois a perfeição da vida humana não consiste em engolir o verde absoluto de uma gelatina, mas no ver intelectivamente Deus Verdade, Bem e Beleza Absolutas.

E isso não precisa ser sensacional.

E quem iria para o inferno, segundo Plínio?

Não iam para lá os que tinham a inocência primeva, mesmo que cometessem um mar de pecados.

Devesse concluir, então, pelo que vimos do que ele acreditava secretamente, que para o inferno iriam somente os que recusassem aderir à inocência primeva. De aderir a Plínio. Iriam para o inferno os que renunciassem a se unir ao seu sócia transcendente, tornando-se um com Cristo, não importando a desobediência ou a obediência à “*tabela dos dez mandamentos*”.

Não se pode deduzir da doutrina católica, de forma alguma, o que pensava Plínio sobre prazeres celestiais sibaríticos. O céu para Plínio seria um Grande Hotel parisiense – ou das Arábias -- de cinco estrelas.

Da doutrina católica não se deduz que os bons, que na terra colocaram em primeiro lugar a glória de Deus e os bens da alma, sejam premiados no céu com prazeres físicos. Se já na terra os santos preferiram a verdade aos suculentos leitões e aos delicados perfumes plinianos, no céu, muito mais ainda, eles terão como prêmio a Verdade, e não brisas angélicas acariciando docemente suas epidermes. Fazendo “fru-fru” com suas vestes de seda. Plínio gostava de fru-fru. Era aristocrático.

No céu, os corpos dos santos resurrectos serão gloriosos, impassíveis, brilhantes, ágeis e imortais, não precisando nem comer, nem se reproduzir. Por isso, os sentidos que visam à manutenção da vida física, ou a reprodução da espécie, não terão mais as funções que tinham na terra.

Os sentidos mais cognoscitivos do homem são a vista e o ouvido, instalados na parte mais elevada da cabeça.

No céu, esse dois sentidos é que serão não só mantidos, mas ainda mais elevados. Por isso, São Paulo disse: “*Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam*” (I Cor. II, 9) E Isaías disse:

“*Nunca ninguém ouviu, nenhum ouvido percebeu, nem nenhum olho viu, exceto Tu, Ó Deus, o que tens preparado para os que te esperam*”, (Is. LXIV, 4).

Nem Isaías, nem São Paulo falaram de prazeres do paladar, do olfato, ou do tacto, no céu.

Só Plínio falou disso.

Plínio, Scognamiglio e Maomé.

Que trinca!

« *Qui fait Lange, fait la bête* » diz o ditado.

O homem que se imagina anjo, cai na animalidade. Assim também, os Românticos sempre oscilaram do repúdio completo da matéria, no Romantismo lírico, para os prazeres bem materiais do Realismo e do Naturalismo. E os tefepistas dialeticamente oscilam do repúdio do mundo real, de um espiritualismo radical, até a busca de sensações físicas, mesmo no céu empíreo, onde imaginam que terão prazeres de comer e de beber, em paradisíacos restaurantes, perfumados e musicais, enquanto terão a pele suavemente tocada por carícias angélicas de veludo e seda.

Delícias castas, evidentemente.

Com funções fisiológicas mantidas.

Sem podridão.

Claro.

Garantia de Plínio, que à mesa, no céu, de faca e garfo na mão, aguarda que um anjinho lhe traga, em bandeja de ouro, um celestial leitão à pururuca.

Isso não é o céu empíreo.

É o País da Cocanha.

É o paraíso dos iludidos pelo demônio, que ofereceu:

*“Tudo isso te darei, se prostrado me adorares”.*

## Capítulo IX Graça e Natureza

### 1. Erros de Plínio sobre a Graça

A doutrina do conhecimento adotada por Plínio privilegiava as sensações mais que o intelecto. Ora, a graça atual é uma iluminação da inteligência, fazendo-a compreender mais claramente uma verdade, e impulsionando a vontade a praticar o bem.

Mas, se o homem conhece predominantemente por meio de um sentimento, de uma impressão sensível, se a verdade é das sensações, conseqüentemente a graça atual teria que ser fundamentalmente sensível. A graça deveria se manifestar sentimentalmente. Deveria afetar então aos sentimentos. E é essa noção falsa sobre a graça que Plínio vai adotar e difundir.

Aliás, entre os românticos esse era um posicionamento comum.

Por isso, PCO frequentemente afirmava que sentia a graça. Por exemplo, veja-se este texto no qual PCO, lá pelos oito anos, modestamente fala de suas virtudes e de como ele sentia a vida divina nele:

“É que meu horizonte de bem estar terreno tinha como centro, no fundo, a felicidade de ter fé, de ser um menino puro, de **sentir**, sem sabê-lo, a vida divina palpitar em mim e o contato com Deus pelas graças místicas. Eu me regozijava com tudo isso. A ordenação rumo a Deus era a fonte da minha alegria” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Vol. I, p. 471. O negrito é nosso).

Dessa concepção de que a graça se sente decorrerá, como veremos, que a Fé deixará de ser uma virtude intelectual. Como para a heresia modernista, o sentimento será uma das causas da fé. Veremos que Plínio vai adotar explicitamente uma formulação modernista de Fé.

Ora, a sensibilidade é afetada pelas coisas materiais. Por isso Plínio vai dar primazia à atuação da graça através da sensibilidade, chegando mesmo a confundir a graça sobrenatural com a natureza sensível.

Esse é um erro fundamental de Plínio e da TFP em matéria tão importante.

Mas há outros mais.

Considerando a graça como algo sensível, era normal que os plinianos passassem a confundir graça e natureza. É o que se vê nesta explanação de Scognamiglio:

“O senhor olha para o Sr. Doutor Plínio, o que é a natureza e que é a graça?

“O senhor pode até distinguir com o objetivo didático, mas na realidade, na prática, essa distinção entre natureza e graça quase não se dá, porque é uma mistura tão grande, que o senhor não vê o que é natureza e o que é graça” (J le J, João Scognamiglio, Jantar em 3 de Maio de 1998, Domingo, p. 3).

E, logo a seguir, Scognamiglio afirma, com todas as letras, que as graças que recebem os membros da Sempre Viva são graças “plinianas”:

“Assim como o sol se esconde atrás de um vitral e o que aparece é o que são suas belas cores, também acontece o mesmo: é tudo feito pela graça que passa por um vitral chamado Plínio”. (...) “Conosco passa-se a mesma coisa. É que tudo é feito pela graça, mas é uma graça que já passa por um vitral chamado Plínio, e chega sobre nós com as características de Plínio” (...) “Quer dizer, o que aparece são as características pessoais de cada um iluminadas por luz, que é uma luz da graça e que é uma luz pliniana” (...)” Essas características pessoais que brilham, brilham por vontade do Sr. Dr. Plínio, é ele quem está agindo, mas ele esconde a mão, ele não deixa transparecer” (Jour le Jour, João Scognamiglio, Jantar em 3 de Maio de 1998, Domingo, p. 3).

Não é preciso mostrar que essa noção de uma graça pliniana que agiria nos devotos de Plínio é completamente heterodoxa.

Em seus textos difusos e confusos, Dr. Plínio apresenta uma grande ignorância da doutrina da graça, chegando a defender erros explícitos, como a doutrina americanista que distinguia virtudes ativas e virtudes passivas, e, talvez por confusão, a defender a tese absurda de que a graça suficiente seria insuficiente, para vencer “*a maldade do livre arbítrio*”.

Citemos, agora, os textos comprovantes desses erros de Plínio sobre a graça e o livre arbítrio.

## 2. Ainda Sobre a Maldade do Livre Arbítrio

“*Todos os homens recebem graças suficientes para se salvar. Também isto é de Fé. Mas, de fato, muito poucos se salvariam só com a graça suficiente. É preciso que a graça seja abundante para vencer a maldade do livre arbítrio humano*” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Vítima Expiatória**, in revista “**Dr. Plínio**”, Nº 19, Ano II, Outubro de 1999, p.26. O destaque é nosso).

Além da consideração absurda de que o livre arbítrio seria mau, e que ele teria que ser vencido –evidentemente com a cooperação livre da vontade humana, o que é uma contradição flagrante---, há, nesse texto, uma exposição mal feita sobre o que é a graça suficiente, a qual se tornaria insuficiente para vencer “*a maldade do livre arbítrio*”.

O assunto, no mínimo, está muito mal explicado. Como? !

Plínio conduz o leitor a erro, pois afirma que o livre arbítrio teria maldade. E isso cheira demais a jansenismo, senão a maniqueísmo.

O livre arbítrio é a faculdade da vontade que caracteriza a sua liberdade (Cfr. São Tomás, **Suma Teológica**, I, LXXXIII, aa. 2-4).

O livre arbítrio é ordenado apenas ao bem. Por isso, mesmo quando o homem quer algo que é pecaminoso, ele busca isso sob razão de bem. O ladrão rouba buscando a riqueza, porque a riqueza é um bem. (São Tomás, **Suma Teológica**, Q.LXIII, a.1 ad 4).

É o livre arbítrio que nos faz capazes de mérito e de culpa. Sem ele seríamos autômatos, ou agiríamos somente como os animais.

Estes não têm livre arbítrio, pois se movem necessariamente pelos instintos (Cfr. S. Tomás, **Suma Teológica**, I, Q. LIX, a.3). Mas, onde quer que haja entendimento, ensina São Tomás, há livre arbítrio. Portanto, os anjos têm livre arbítrio (Cfr. S. Tomás, **Suma Teológica**, I, Q. LIX, a.3).

E Deus, sendo infinitamente bom e sábio, não querendo por necessidade imposta por outrem, nem por instinto, tem livre arbítrio (Cfr. S. Tomás, **Suma Teológica**, I, Q. XIX, a. 10).

É grosseiramente errado, então, falar em “*maldade do livre arbítrio*”, como o faz Plínio, pois o livre arbítrio é um bem, que nos faz à imagem e semelhança de Deus.

Por esse texto acima citado de Plínio, não dá também para compreender o que a Igreja ensina sobre graça suficiente e graça eficaz.

Para fazer compreender esse ponto pouco conhecido pelo público em geral, daremos duas citações que o exponham clara e sucintamente.

Diz o grande teólogo Padre Garrigou-Lagrange:

“É certo que, segundo a Revelação, que muitas graças atuais concedidas por Deus não produzem o efeito – (pelo menos todo o efeito)—ao qual elas são ordenadas, enquanto que outras o produzem. As primeiras graças são chamadas de suficientes, e puramente suficientes, elas dão o poder de agir bem, sem levar eficácia à própria ação; o homem resiste à sua atração; sua existência é absolutamente certa, que quer que digam os jansenistas: sem elas, Deus ordenaria o impossível, o que seria contrário à sua misericórdia e à sua justiça; mais ainda, sem elas, o pecado seria inevitável; ele não seria mais, desde então, verdadeiramente um pecado e não poderia conseqüentemente ser justamente punido por Deus. Nesse sentido nós dizemos que Judas, antes de pecar, podia realmente *hic et nunc* evitar a falta que ele cometeu, do mesmo modo que o mau ladrão, antes de expirar, perto de Nosso Senhor. As outras graças atuais, chamadas eficazes não fazem apenas com que possamos realmente observar os preceitos, mas elas nos fazem observar de fato, como aconteceu com o bom ladrão em oposição ao outro. A existência da graça atual é afirmada em numerosas passagens da Escritura” (Garrigou-Lagrange, O.P., POURQUOI LA GRACE EFFICACE EST-ELLE DISTINCTE DE LA SUFFISANTE?, La Synthèse Thomiste, [HYPERLINK http://www.salve-regina.com/Theologie/grace\\_efficace.htm](http://www.salve-regina.com/Theologie/grace_efficace.htm);

Na Enciclopédia Católica, esse tema é tratado da seguinte maneira:

"Estas [controvérsias sobre a graça] dizem respeito principalmente à relação entre a graça e o livre arbítrio. Como pode a suma persuasividade da graça, que exerce uma influência tão poderosa sobre a vontade humana e a move a tão boas obras, conviver harmoniosamente no mesmo sujeito com o simultâneo consentimento do livre arbítrio? Visto que a graça meramente

suficiente (*gratia mere sufficiens*) contém, no seu próprio conceito, a idéia de uma recusa de consentimento da parte do livre arbítrio, e está portanto desde o início destinada à ineficiência (*gratia inefficax*), a questão em última análise reduz-se à relação entre livre arbítrio e graça eficaz (*gratia efficax*), a qual contém em si a idéia de que por ela e com ela o livre arbítrio faz precisamente aquilo que essa graça deseja que seja feito." (J. Pohle, **Controversies on Grace**, The Catholic Encyclopedia, volume VI, 1909,

<http://www.newadvent.org/cathen/06710a.htm>)

Como se vê, embora fazendo a distinção entre graça suficiente e graça eficaz, não se fala, em nenhum desses textos de Garrigou-Lagrange ou da Enciclopédia Católica, em maldade do livre arbítrio.

De onde tirou Plínio essa idéia absurda?

De seu seletivo, ou de sua imaginação seletivamente romântica?

Como se explicaria, no sistema doutrinário de Dr. Plínio essa tese da maldade do livre arbítrio?

Aventemos uma explicação, sem termos textos de PCO para confirmá-la. É pois apenas uma hipótese de explicação.

Se o homem tem no tabernáculo de sua alma algo do Ser Absoluto, se é o seletivo inerrante que permite, na câmara obscura, escolher infalivelmente o que completa o ser humano, então o livre arbítrio da vontade teria o poder de dizer não ao que o seletivo escolhera. Logo, haveria maldade no livre arbítrio.

De qualquer modo, ele adotou a tese da maldade do livre arbítrio, por ter livre arbítrio.

E abusando dele.

### 3. Jansenismo de Dr.Plínio

Dr. Plínio afirmará explicitamente em um texto que o homem, muitas vezes cai por falta de graças, porque não rezou, pedindo-as. O que é um posicionamento jansenista.

Eis o texto:

“Alguém poderia procurar destruir a nossa teoria dos vetores mostrando que há sempre uma proporcionalidade entre a graça e o vetor dominante.

Porque a tentação nunca seria maior do a graça. E, portanto, a teoria dos vetores não tem a força que nós dizemos ter. Porque, se é verdade que o empuxe das forças materiais é muito grande, é verdade também que o empuxe da graça é muito grande. Assim, há sempre um equilíbrio, e nós estamos exagerando a importância da teoria dos vetores.

“Isso é falso. É falso porque o homem tem as graças na proporção em que ele reza. Se ele não reza para ter as graças, as graças não vêm na proporção da tendência má. Não lhe vem porque ele não rezou. Isso não é absoluto, mas ao menos as graças podem não vir. **De maneira que muitas vezes o homem cai por falta de graça, não porque a graça lhe tenha sido negada, mas porque ele não rezou.** E então todo o problema da oração, e do livre arbítrio, porque a oração é um ato pôsto pelo livre arbítrio, fica, colocado aqui”

(Plínio Corrêa de Oliveira, apud Átila Sinke Guimarães, **O Processo Humano – Resumo do MNF**, apostila, p. 58. Pusemos em negrito a tese jansenista de Dr. Plínio).

Nesse texto, PCO nega rotundamente o dogma da graça suficiente, adotando a posição do Jansenismo.

#### 4. Virtudes Ativas e Virtudes Passivas

Quanto à classificação das virtudes como ativas ou passivas, defendeu Dr. Plínio “*impropriamente*” o erro dos americanistas. Isso foi num artigo dele publicado, em 1941, no jornal **O Legionário**.

Sabe-se que, em seus anos iniciais, Plínio demonstrava uma certa influência modernista, pois que confessadamente dizia inspirar-se na revista **Sept**, dos modernistas franceses, chegando, por isso, a repetir a defesa de idéias claramente liberais. A distinção entre virtudes ativas e passivas, típica dos modernistas americanistas, é uma delas.

Para a doutrina católica, não há virtudes passivas. Todas as virtudes são ativas.

Eis o que escreveu Plínio sobre isso:

“Durante muito tempo, os órgãos da propaganda liberal timbraram em inculcar nos católicos uma visão incompleta – e portanto errônea – de seus deveres. A ignorância religiosa, aliada ao pouco acatamento à voz dos Papas e dos Episcopados, permitiu que essa propaganda se infiltrasse insidiosamente no espírito de muitos católicos, até mesmo dos mais preparados e fervorosos. E assim, uma flexão geral se fez sentir, que teve como consequência o cultivo das **virtudes que poderíamos chamar (embora impropriamente), passivas, enquanto as virtudes ativas eram postas sob silêncio, ou injustamente denegridas**”. (Plínio Corrêa de

Oliveira, artigo **Virtudes Ativas Postas no Silêncio**, publicado in **O Legionário** em 10 do VIII de 1941, e republicado na revista “**Dr. Plínio**”, Nº 56, Ano V, Outubro de 1999, p.8. Os destaques são nossos).

Embora colocando—entre parênteses – uma restrição ao uso da expressão virtudes passivas, dizendo que isso não é próprio, Plínio não condena de modo absoluto a distinção feita pelos americanistas entre virtudes ativas e passivas. Cita, e mesmo adota, essa distinção, ainda que com leve restrição.

Ora, essa distinção entre virtudes ativas e virtudes passivas foi condenada por Leão XIII na encíclica **Testem Benevolentiae**, como um erro dos americanistas:

*“Com esta sentença sobre as virtudes naturais está estreitamente unida outra, pela qual todas as virtudes cristãs se dividem como em dois gêneros, em passivas e ativas, e acrescentam que aquelas convêm melhor às épocas passadas, e que estas, se adaptam mais à época presente..”*(Leão XIII, Carta **Testem Benevolentiae** ao Cardeal Gibbons, em 23 de Janeiro de 1999. Denzinger, 1971-1972).

## 5. Desculpando jansenisticamente mamãe

Há outra passagem, na qual Plínio procura explicar de modo leniente a posição jansenista sobre a Primeira Comunhão feita só em idade madura, e a posição oposta tomada por São Pio X:

**“Entre os inestimáveis benefícios que a Religião católica lucrou no governo de São Pio X, destaca-se o de ele ter estabelecido a Primeira Comunhão para as crianças. Até então, a tendência corrente era de que uma pessoa só a fizesse quando inteiramente adulta, não sendo raro o caso de homens que comungavam pela primeira vez nas vésperas de seus casamento”.**

[Caso que aconteceu com Dona Lucília, mãe de Dr. Plínio, apresentada como modelo de católica, e até como santa, por Dr. Plínio e por Scognamiglio, e que só comungou quando ia se casar, aos 30 anos de idade. Dr. Plínio, nesse texto, procura justificar a vida pouco piedosa de sua mãe durante tantos anos].

Eis a desculpa esfarrapada e meio jansenista que ele dá:

**“Essa atitude era determinada pela compreensível idéia de que a Comunhão era algo por demais sagrado** para que as crianças se aproximassem dela, pois não teriam critério para comungar com o respeito e a devoção necessárias”.

“São Pio X, entretanto, entendia de modo diferente, e colocou a questão em outros termos. Dizia ele: Não se trata de saber o que **a criança é capaz de pensar**, e sim que grau de inocência ela tem. **Porque se fôssemos raciocinar em função de sua capacidade intelectual, então não deveríamos batizá-la nos primeiros dias após o seu nascimento**” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **São Pio X, Modelo de Varão Católico**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano V, Agosto de 2.002, N<sup>o</sup> 53, pp. 28-29. Os destaques são nossos).

Repare-se que ele coloca palavras na boca de São Pio X, mas não dá o documento dessa citação. E a citação é estranha, porque é errada.

São Pio X disse que se deveria dar a comunhão às crianças desde que, tendo atingido **o uso da razão**, elas **soubessem** diferenciar pão de pão, isto é, o pão da mesa e o pão consagrado na Missa. A condição única para a idade da Primeira Comunhão das crianças era o **uso da razão**. Portanto, algo ligado à capacidade intelectual. (Cfr. São Pio X, Decreto **Quam Singulari - Sobre a Idade da Primeira Comunhão** - 15 de Agosto de 1910).

Portanto, para comungar, é necessário saber o que se vai receber, enquanto que, no Batismo, isso não é necessário para os bebês, que ainda não têm o uso da razão. Pode-se, e deve-se, batizar uma criança sem que ela tenha o uso da razão. Plínio erra ao comparar as condições da primeira comunhão às do Batismo.

De passagem, note-se a contradição de Plínio ao tentar explicar porque sua mãe comungou apenas antes de se casar, aos 30 anos.

No livro **Dona Lucília**, assinado por Scognamiglio, mas muito provavelmente—ou melhor, obviamente -- ditado pelo próprio Dr. Plínio, se lê outra desculpa para essa tão tardia primeira comunhão: um anti clericalismo de caráter maçônico:

“Até o pontificado de São pio X, no início do século, a graça da Primeira Comunhão ainda não se estendera a crianças e adolescentes. **Não foi este, todavia, o único motivo que manteve Lucília longe desse Sacramento até a proximidade de seu matrimônio**” (João Scognamiglio Clá Dias, **Dona Lucília**, Vol I, p. 110. O destaque é meu).

A contradição é patente com o que foi dito antes.

Então, por que a primeira comunhão dela foi tão tardia?

Dr. Plínio dizia que o pai dela era maçom. E a Maçonaria era anti clerical.

Conta o livro assinado por Scognamiglio um diálogo que nem Scognamiglio nem Dr. Plínio nunca poderiam ter assistido, pois aconteceu antes do nascimento deles.

Como souberam eles das palavras desse diálogo?

Vejamos esse diálogo imaginado -- típico de romance -- entre o pai de Dona Lucília e o noivo dela, dr. João Paulo Corrêa de Oliveira, diálogo que teria ocorrido em 1906.

Ei-lo:

“Dr. João Paulo, por causa da situação do clero, eu até agora não permiti que Lucília se confessasse e, portanto, também que comungasse, embora ela o quisesse deveras. Como essa situação vai melhorando, eu sou tendente a permiti-lo. Mas, de fato, quem vai resolver o caso é o senhor; se quiser, ela se confessará e comungará agora para o casamento” (João Scognamiglio Clá Dias, **Dona Lucília**, Vol. I, p. 110).

Por essas palavras, evidentemente imaginadas, -- pois nem Plínio e nem Scognamiglio as ouviram -- se fica sabendo que o maçom Dr. Antônio Ribeiro dos Santos só deu seu *placet* para a Primeira Comunhão da filha, quando ela fez 30 anos, e que ela devotamente obedeceu ao anti clericalismo do papai maçom até quando ia se casar.

*“Le devoir d’une fille est dans l’obéissance ... À papa”.*

Não ao Papa.

Plínio se contradisse ao dar a razão da bem tardia Primeira Comunhão de sua mamãe já balzaquiana.

Finalmente, queremos frisar como as palavras acima citadas de Plínio acabavam por justificar, até certo ponto, a posição jansenista de retardar a idade da Primeira Comunhão:

*“Essa atitude era determinada pela compreensível idéia de que a Comunhão era algo por demais sagrado”.*

Para justificar ou desculpar a comunhão absurdamente tardia de “santa” Lucília, Plínio chega então até a compreender o argumento jansenista.

## 6. O “Flash” como Graça atuando na vontade

O problema da graça – um dos mais difíceis da doutrina católica – é tratado por Plínio, sem cuidado e muito superficialmente, embora a graça tenha um papel muito grande em sua doutrina.

Embora, por vezes, ele expusesse-- menos mal -- a distinção entre graça santificante e graça atual, noutras vezes, não fazia o mesmo, deixando uma certa confusão entre as duas.

Num artigo intitulado “**Flash**”, escreveu Plínio:

“Trata-se da graça atual distinta da graça habitual. Esta última, também chamada de graça santificante, é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural para aperfeiçoar a alma e torná-la capaz de viver com Deus, agir por seu amor. É infundida pelo Batismo, perdida quando se comete um pecado mortal e recuperada no Sacramento da confissão”.

“Já a graça atual é um dom transitório, um auxílio momentâneo que Deus nos concede. Consiste em iluminações da inteligência e inclinação para o bem, atuando na vontade e na sensibilidade, de modo às vezes acentuado. Fazem-nos crer mais profundamente e, por assim dizer, vermos o sobrenatural. Dão-nos um discernimento pelo qual percebemos melhor o caráter sobrenatural das coisas da Igreja”.(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Flash**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano V, N<sup>o</sup> 55, Outubro de 2.002, p. 18).

Nessa exposição, não há erro maior. Apenas o “*vermos o sobrenatural*” é um tanto estranho, embora o ver possa ser interpretado analogicamente como conhecer. Mas, a distinção entre graça santificante e graça atual está correta.

Entretanto, em muitas outras passagens, Plínio fala de uma e outra graça, da graça santificante e de graça atual, sem a distinção devida, causando confusão. Ou ainda expõe mal a ação da graça atual.

Veja-se, como exemplo disto, esta citação:

“Penso que a palavra luz poderia se aplicar aqui em dois sentidos. Um é o sentido da luz natural a lumen rationis, pela qual o homem crê em Deus (Sic!), crê na unidade de Deus, crê numa porção de dados da religião que lhe vêm da razão. **Para dar adesão a esses dados naturais o homem não precisa da graça**, embora esta possa ajudá-lo e esclarecê-lo”.

“Para crer naquilo que é revelado é preciso a fé. Aí se faz necessário o dom específico da graça, um recurso sobrenatural pelo qual **o homem se torna capaz de entender e de dar adesão ao que é revelado**” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 58, Ano VI, Janeiro de 2.003, p. 17. Os destaques são nossos).

Quanta confusão e erros nesse texto, onde tudo está mal explicado.

Em primeiro lugar, pela luz da razão, naturalmente, o homem pode chegar ao conhecimento da existência de Deus e de algumas de suas qualidades.

A existência de Deus pertence aos preâmbulos da Fé. A existência de Deus é provada pela razão, e, por isso mesmo, propriamente não se crê na existência de Deus. Conhecemos e provamos sua existência, através das coisas criadas, por meio natural, racionalmente. Por isso, não se diz no Credo: Creio que Deus existe, e sim “*Creio em Deus*”.

Porém, mesmo para isto, há uma certa graça atual dada por Deus, já que Cristo Deus nos disse: “*Sem mim nada podeis fazer*” (Jo., XV, 5).

Por outro lado, embora o autor diga corretamente que para ter Fé no que Deus nos revelou é preciso necessariamente o auxílio de uma graça atual, é errado dizer que esta torna o homem **capaz de entender o que foi revelado**. A crença básica da revelação é na Unidade e Trindade de Deus, e isso é um mistério que está acima da razão, e que não podemos entender.

E Plínio vai dizer e acentuar que a graça atual age na sensibilidade, sem distinguir que a graça atual age, própria e diretamente, na inteligência e na vontade, enquanto que, na sensibilidade, ela atua indireta e impropriamente, através da inteligência e da vontade.

Uma graça atual pode ter indiretamente efeitos sensíveis, mas propriamente ela os tem por ter agido na inteligência e na vontade do homem, faculdades que tocam, então, a sensibilidade.

Portanto, a graça atual não age direta e propriamente sobre a sensibilidade, embora isso acidentalmente possa acontecer.

Mesmo naturalmente, a sensibilidade só reage depois que conhecemos intelectivamente algo que agrada ou desagrade o nosso querer, a nossa vontade, provocando então, conseqüentemente, contentamento ou descontentamento, alegria ou tristeza, na sensibilidade.

A Igreja e os santos sempre preveniram que os fiéis não se deixassem levar pelos efeitos das graças, na sensibilidade. Se uma graça produz em nós efeitos sensíveis, podemos aproveitar desse sentimento, mas não devemos buscar tais sentimentos, porque eles podem nos enganar. E se não temos sentimentos, se vivemos em aridez espiritual, isso não tem importância para a vida espiritual, que deve se fundamentar na virtude intelectual da Fé, no compreender e no querer, na verdade e no bem, e não na sensibilidade.

Plínio ensinava o oposto. Ele fala tanto em graças sensíveis, e acaba dando um caráter material e natural à graça atual, por exemplo, ao usar expressões em que a graça, como se fosse um líquido, impregnaria as coisas materiais, as paisagens, os edifícios, etc.

Os erros maiores de Plínio em matéria de graça são consequentes de seu entranhado Romantismo, que o fazia colocar o sentimento acima da inteligência, o sonho acima da realidade

O Romantismo era gnóstico, cabalista, e, por isso mesmo ele foi alquímico e dialético. Em autores pietistas, pais do Romantismo como Bengel, Oetinger, assim como no teósofo Franz Von Baader se encontra a igualdade dialética entre espírito e matéria, que já citamos: espírito seria matéria sublimada; matéria seria espírito cristalizado. Boehme plantou essa semente dialética. Em Hegel, ela produziu seu fruto mais conhecido. Consequentemente, o Romantismo acabava com a distinção entre graça e natureza, entre natural e sobrenatural.

No romântico Plínio, vamos encontrar essa mesma colocação identificadora do natural e do sobrenatural, da graça e da natureza.

São inúmeros os textos de Plínio pretendendo materializar a graça ou, ao contrário, sobre naturalizando a natureza. O que vai contra a doutrina católica.

Comprova-o o texto de Scognamiglio, que já citamos, explicando a confusão de graça e natureza, em Dr. Plínio.

Comprova essa confusão entre graça e natureza a doutrina pliniana dos flashes.

## **7. A Inocência sob um mar de pecados**

Vimos que, segundo Dr. Plínio, a inocência primeva não se perde nem que se cometam muitos pecados. Previne Plínio que:

“A inocência primeva não é algo que o demônio possa arrancar inteiramente de dentro de nossa alma, mas permanece como uma *catedral engloutie*, uma *catedral imersa nas águas do pecado*, que ainda existe em nós” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência...*, p. 53).

A inocência primeva permaneceria no homem ainda que submersa – “*engloutie*”—num mar de pecados.

E ela não se recuperaria pela confissão, sacramento necessário para a salvação, que a doutrina pliniana -- da TFP, de Padre Scognamiglio e dos Arautos--, dispensa. E Plínio, e Padre Scognamiglio ensinam secretamente a doutrina que os homens não serão julgados por Deus “*por uma tabela de dez mandamentos*”.

Esses princípios levam necessariamente ao indiferentismo moral e a um anomismo completo. Daí, uma série de práticas escandalosas na Sempre Viva, na TFP e nos Arautos. Por exemplo a completa ausência de veracidade. Mentir seria absolutamente legítimo. Daí, a restrição mental ser praticada por eles por princípio, de modo tão generalizado e tão cinicamente, que nunca se sabe em que acreditam os seguidores de Plínio e de Monsenhor Scognamiglio. Na TFP, se dizia que quando, por acaso ou por acidente, João Scognamiglio dizia uma verdade, ele ficava vermelho de vergonha.

É essa falta de veracidade que permite a Monsenhor Scognamiglio surrupiar cinicamente quarenta anos de sua auto biografia, pois nela ele salta do ano de 1956, quando um “*insegnante*” o teria levado a ser Congregado, a 1996. E ninguém na Itália ou no Brasil pergunta que fez ele, e por onde ele andou, entre 1956 e 1996.

Na disputa jurídica com a TFP dos projectos, em tribunais brasileiros, os seguidores de Padre João Scognamiglio diziam cinicamente inverdades.

João Clá, muito de repente, ficou riquíssimo... E ele não explica como. Como conseguiu em tão poucos anos edificar tantos prédios, escolas, igreja, seminário, e, -- disse-nos um sacerdote, --até um “palácio luxuoso” e secreto, com “todas as comodidades”, para “descanso”, na localidade de Extrema, no sul de Minas Gerais.

*“Dextera eorum repleta est muneribus”...*

E os ricos têm muitos amigos.

Pobres não têm nem conhecidos.

Ricos tem até helicópteros. Para evitar os semáforos trans esféricos de São Paulo, com suas cores ab etérmicas, tão amadas por PCO.

Até ameaças de assassinato João Scognamiglio fez, por terem proibido

“a meninos de tomarem atitudes de veneração em relação ao Sr. João Clá Dias que pudessem ser malevolamente interpretadas por terceiros como manifestações de excessiva familiaridade”.(...)

(...)“Eu até já tenho plano na cabeça : eu pego um avião e lhe deixo uma bala no peito, e irei para a cadeia. Pelo menos, eu faço reunião para os presos. Ele que tenha o direito de discordar de mim que eu tenho o direito de meter uma bala no peito dele. [...] Eu queria nadar no sangue dele, isto sim !” (documento nos arquivos). (Cfr. Documento III, **Carta de Plínio Xavier Vidigal da Silveira ao Núncio Apostólico, em nome da TFP, a Dom Lorenzo Baldissieri, acusando João Scognamiglio Clá Dias**, em 2004, p. 532 e seguintes deste livro).

É de se duvidar então de que haja, entre os Arautos, cerimônias bem ambíguas, nas quais adoradores e adoradoras de Padre Scognamiglio o osculam, porque “*com ele pode, visto que ele é santo*”. “*Um santaço*”.

E porque queremos manter este trabalho em nível doutrinário, mais não dizemos. “*E più non dico*”...

## Capítulo X - A Teoria do Conhecimento de PCO e o Modernismo

### 1. Fé é um sentimento

Plínio exaltava a Belle Époque, na qual haviam imperado a Filosofia de Bergson e a heresia do Modernismo. Era natural que nele repercutissem as idéias que estavam no ar naqueles tempos da Belle Époque que melhor deveria ter sido chamada “*La Laide Époque*” (A época feia), ou “*A Porca Época*”, tanto nela a luxúria imperou. Vimos já, como a intuição, que Bergson colocava acima da Inteligência, repercutiu profundamente na mentalidade de Plínio. Veremos agora como as idéias heréticas do Modernismo ecoaram na doutrina e nos escritos de Plínio.

Para o Modernismo, a religião e a fé provinham de um sentimento, de uma experiência interior inefável.

“Por conseguinte, como o objeto da religião é Deus, devemos concluir que a fé, princípio e base de toda a religião, se deve fundar em um sentimento, nascido da necessidade da divindade” (São Pio X, **Pascendi**, n<sup>o</sup> 1)

“Até agora, porém, Veneráveis Irmãos, não lhes vimos dar nenhum lugar à ação da inteligência. Contudo, segundo as doutrinas dos modernistas, tem ela também a sua parte no ato de fé. Vejamos como.

“Naquele sentimento, dizem, de que tantas vezes já se tem falado, precisamente porque é sentimento e não é conhecimento, Deus de fato se apresenta ao homem, mas de modo tão confuso que em nada ou mal se

distingue desse mesmo crente. Faz-se, pois, mister lançar algum raio de luz sobre aquele sentimento, de maneira que Deus se apresente fora e distinto do crente. Ora, isto é obra da inteligência, à qual somente cabe o pensar e o analisar, e por meio da qual o homem a princípio traduz em representações mentais os fenômenos de vida, que nele aparecem, e depois os manifesta com expressões verbais” (**São Pio X, Pascendi**, n<sup>o</sup> 1)

## O modernista crente

Agora, passando a considerá-lo como crente, se quisermos conhecer de que modo, no modernismo, o crente difere do filósofo, convém observar que, embora o filósofo reconheça por objeto da fé a realidade divina, contudo esta realidade não se acha noutra parte senão na alma do crente, como objeto de sentimento e afirmação; porém, se ela em si mesma existe ou não fora daquele sentimento e daquela afirmação, isto não importa ao filósofo. Se, porém, procurarmos saber que fundamento tem esta asserção do crente, respondem os modernistas: é a experiência individual. — Com esta afirmação, enquanto na verdade discordam dos racionalistas, caem na opinião dos protestantes e dos pseudo-místicos.

Eis como eles o declaram: no sentimento religioso deve reconhecer-se uma espécie de intuição do coração, que pôs o homem em contato imediato com a própria realidade de Deus e lhe infunde tal persuasão da existência dele e da sua ação, tanto dentro como fora do homem, que excede a força de qualquer persuasão, que a ciência possa adquirir. Afirmam, portanto, uma verdadeira experiência, capaz de vencer qualquer experiência racional; e se esta for negada por alguém, como pelos racionalistas, dizem que isto sucede porque estes não querem pôr-se nas condições morais, que são necessárias para consegui-la. Ora, tal experiência é a que faz própria e verdadeiramente crente a todo aquele que a conseguir. — Quanto vai dessa à doutrina católica! Já vimos essas idéias condenadas pelo Concílio Vaticano I” (**São Pio X, Pascendi**, n<sup>o</sup> 2).

Portanto, para o Modernismo a fé nascia de um sentimento, de uma experiência interior inefável, que dava uma convicção pessoal, de fundamentação mística, porém não racional. O modernismo era anti intelectual, e, por isso mesmo recusava que a Fé era uma virtude intelectual. Daí, os modernistas recusarem a apologética tradicional que utiliza a razão para a defesa da Fé.

Ora, Plínio vai defender exatamente esses princípios.

Vejamos inicialmente a questão do sentimento como raiz do conhecimento.

Já citamos várias frases de Plínio, comprovantes de sua exaltação da intuição e do sentimento acima da inteligência. Agora, examinaremos mais de perto, algumas dessas afirmações.

Eis um primeiro texto:

“Há, pois, um sentir das coisas afim com o pensamento, que enriquece a conceituação e é por ela enriquecido.

“Não se trata de algo meramente conceitual e doutrinário, como está no livro **Revolução e Contra Revolução**, mas também de algo de sensível, que completa” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, nº 58, p.16).

Note-se, nessas frases, como Plínio realça o sentir, e como ele o coloca acima do conceitual e do doutrinário. E isso é coerente com a teoria do conhecimento que ele defendia, na qual ele omite a abstração, e exalta o sentimento e a intuição não racional.

Nesse mesmo artigo, diz Plínio:

“Devemos ainda levar em consideração que, quando Deus nos concede uma graça, estas se fazem conhecer por uma espécie de contato. Por uma sensibilidade proveniente da ação do sobrenatural em nós, sentimos algo que nos toca e nos eleva rumo às coisas divinas” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, nº 58, p.17. O sublinhado é nosso).

Conheceríamos que a graça nos é dada por um contato sensível. As graças tocariam nossa sensibilidade e teríamos então um sentimento que nos elevaria rumo às coisas divinas...

Em que difere isso do Modernismo?

E, dando um exemplo disso com a “Sainte Chapelle”, diz então Plínio:

“Claro que a **sensação** do belo que está mesclada com isso pode ser estudada do ponto de vista natural e se podem encontrar aí as regras da estética. Mas, **por cima há outra coisa que toca, e que a meu ver é uma das razões mais profundas da fé que tem o católico: é uma experiência mística, que é essa sensação do sobrenatural e que completa – na linha de conhecer a criação feita por Deus – a visão dessa criação, porque o ápice da criação é a graça**” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, nº 58, p.17. Os destaques são nossos).

Chapadamente, Plínio defende aí a tese modernista de que **“a experiência mística é uma das razões mais profundas da Fé”** (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, nº 58, sub título do artigo citado, na p.17).

Para Plínio, sentir seria conhecer, e a experiência mística seria a causa mais profunda da Fé. Exatamente como diziam os modernistas.

Isso é doutrina Modernista. E o Modernismo era gnóstico. Isso foi condenado pelo Papa São Pio X na encíclica **Pascendi**

**Na Pascendi**, São Pio X condenou a doutrina que a fé viria de um sentimento. E Plínio Corrêa de Oliveira, repetidas vezes, afirma que é pelo sentir que se chega ao conhecimento, e principalmente ao conhecimento do sobrenatural. Daí, uma confusão entre natural e sobrenatural na doutrina de Plínio, como se vê no texto seguinte:

“Isso faz com que o católico, nessa matéria, tenha um “acabamento” cultural—no sentido da palavra cultural que expus atrás, de conhecimento do universo —em que ele percebe a **presença da graça em coisas que às vezes nem são diretamente religiosas**, mas nas quais ele percebe a raiz religiosa. E **sentindo** a raiz religiosa ele com a fé do carvoeiro brada: “Eu creio!” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Verdadeira Cultura e Tipo Humano**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, Janeiro de 2003, N<sup>o</sup> 58, p. 18. Os destaques são meus).

É “**sentindo a raiz religiosa**” nas coisas que “**a fé do carvoeiro brada: “Eu creio!”**”

O sentimento da raiz religiosa em certas coisas causaria a Fé.

Isso é puro Modernismo

Neste último texto citado logo acima, há grande confusão com o termo graça.

A graça santificante só pode existir em seres dotados de inteligência e vontade, isto é, nos anjos e nos homens. As demais criaturas não podem, em si mesmas, terem a graça santificante. Elas podem ser usadas por Deus como instrumentos para nos comunicar uma graça **atual**. Isso ocorre particularmente com as coisas bentas, que Deus usa habitualmente para que obtenhamos graças atuais, quando as utilizamos bem. Contudo, Deus pode utilizar qualquer coisa ou fato para nos dar uma graça atual, que ilumine nossa inteligência com a compreensão mais clara ou mais funda de uma verdade, e que mova nossa vontade para o bem. Mas, tanto a graça santificante quanto a graça atual, de si, não são sensíveis, porque atuam na inteligência e na vontade, embora possam ter repercussão na sensibilidade.

Plínio não faz nenhuma dessas distinções. Ele apenas afirma: “***Sentindo... ele com a fé do carvoeiro brada: “Eu creio”***”. Plínio liga diretamente a crença a um sentimento. E isso é romantismo. Isso é Modernismo.

Obter um conhecimento religioso por meio de um sentimento ou de uma experiência é uma nota essencial da Gnose. É uma nota claramente modernista. É uma

tese nitidamente bergsoniana. E também Bergson foi um pensador anti intelectual e gnóstico.

De qualquer modo, dar primazia à experiência como fonte de um conhecimento é evidentemente contra a Fé, que é uma virtude intelectual.

## 2. O Modernismo e Plínio contra a apologética tradicional

A aceitação da Fé como fruto de um sentimento, ou de uma espécie de experiência mística, levava os modernistas a recusarem a Fé como virtude intelectual. Consequentemente, eles eram contrários à Apologética tradicional, que, por meio de argumentos racionais visa converter os hereges e afervorar os católicos. E já vimos como Plínio, no jornal **Legionário**, declarou que não queria nem converter hereges, nem afervorar católicos, mas apenas difundir uma mentalidade: a mentalidade romântica, que exaltava o sentimento acima da inteligência.

Para Plínio, como para os modernistas, esse modo de conhecer repele a apologética tradicional de caráter intelectual, e não sentimental.

Vejamos, inicialmente então, como Plínio repudiava a Apologética tradicional.

“A *apologética* será útil para outros. Para mim, a prova dessa divindade [da Igreja Católica] está dada” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “**Flashes**” com a **Santidade da Igreja**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano VII, Novembro de 2.004, N<sup>o</sup> 80, p. 21).

Por isso, Plínio disse várias vezes:

“Devo dizer que nunca me interessei por provar que a Religião Católica é autêntica. Trata-se de uma preocupação que jamais me passou pela mente” (Plínio Corrêa de Oliveira, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Abril de 2.001, N<sup>o</sup> 37, p. 27).

“Não condeno que se façam pesquisas estudos aprofundados sobre a questão. Pelo contrário, louvo que assim procedam, mas considero que o objetivo não deve ser provar a veracidade da Religião Católica, e sim acrescentar novos testemunhos de que ela o é. **Esta convicção parte de minha certeza nativa, do meu bom senso** calmo, planturoso, embrionário, do meu gosto pelas coisas como elas devem ser, e também da minha rejeição a tudo quanto seja atitude ou doutrina que não se coaduna com a natureza humana, e assim faz pressão sobre os meus nervos”

“Com efeito, todas as verdades têm de ser coerentes com os nervos do homem. Aquilo que os abala é errado” (Plínio Corrêa de Oliveira, in Revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 37, p. 27-28. Os destaques são meus).

Plínio considerava a religião Católica como “*autêntica*” com base em sua “*certeza nativa*”, em seu “*bom senso calmo, planturoso, embrionário*”, não pela fé nas palavras e na autoridade de Jesus Cristo. Portanto, Plínio não tinha Fé sobrenatural.

Ele aceitava como verdade o que não contrariasse os nervos dele.

E isso é puro subjetivismo.

Ademais, para ele não interessava dar provas da veracidade da Igreja. Mais do que provas racionais, era preciso dar testemunho.

Ora, essa linguagem é típica dos modernistas.

Plínio confirma essa sua tendência contrária à apologética intelectual, racional—condenada pelo Modernismo – dizendo:

“*A apologética pode ser útil a outros. Para mim, a prova dessa divindade --[da Igreja Católica] –está dada*” (Plínio Corrêa de Oliveira, Flashes” com a Santidade da Igreja, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VII, N<sup>o</sup> 80, Novembro de 2.004, p. 21).

Todas essas citações, de um anti intelectualismo e de um subjetivismo exacerbados, provam uma depreciação por parte de Plínio da Apologética e da demonstração lógica da verdade da Igreja. Para ele, valeria mais aquilo que ele chama de sua “*certeza nativa*”. Certo seria o que não faria pressão sobre os nervos dele.

E é incrível que um homem que afirma com tanta ênfase seu gosto pelo imaginário, pelo que não é real, ouse afirmar de seu “*gosto pelas coisas como elas devem ser*”. Isso só seria coerente, se ele estivesse pensando que as coisas como devem ser, eram como ele as imaginava, e não como as coisas são.

Os modernistas defendiam que a Fé era um sentimento e não uma virtude intelectual, e, por isso mesmo, seguindo Maurice Blondel, condenavam a apologética tradicional porque ela se fundamentava em argumentos racionais, intelectuais. Para os modernistas, em vez de se usarem argumentos filosóficos racionais para defender a fé, a Apologética deveria mudar, utilizando mais a História e as experiências interiores psicológicas do que argumentos intelectuais.

“Daí o preceito difundido na escola dos modernistas sobre que a nova apologética tem que dirimir as controvérsias sobre a religião por meio de investigações históricas e psicológicas” (São Pio X, **Pascendi**, Denzinger, 2.101).

Por essas mesmas razões, Plínio elogiou a nova apologética naturalista e modernista de Huysmans, “*um dos escritores cuja obra encantou Dr Plínio*” (Apresentação editorial para o artigo **Huysmans. Retorno ao Seio da Igreja**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Julho de 2.001, N<sup>o</sup> 40, p. 22).

“Aliás, constitui a obra de Huysmans uma aplicação interessantíssima do naturalismo -- [SIC] -- a assuntos religiosos, aspecto este que a enche de originalidade”.

“Sob o ponto de vista estritamente religioso, interessava principalmente o gênero novo de apologética que Huysmans tentou instituir. Não o preocupam os argumentos filosóficos, as contendas científicas, em que os silogismos se digladiam por e contra a Fé. Já dizia o poeta francês que `à force de raisonner, on perd la raison” (“à força de raciocinar, perde-se a razão”)” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Huysmans- Retorno ao Seio da Igreja**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, N<sup>o</sup> 40, Julho de 2.001, p. 23).

Como um homem que elogia o naturalismo religioso pode ser tido como um pensador católico?

É inacreditável!

E esse novo gênero de apologética era o da heresia modernista.

### **3. A fé para o modernista vem do interior do Homem**

Outro ponto de contato do pensamento de Plínio com a doutrina modernista é aquele que trata do fundamento da Fé.

Conforme a doutrina Católica ensina que a Fé é a crença no que Deus revelou e que aceitamos, em primeiro lugar, pela autoridade de Deus revelador, infinitamente veraz, e depois pela autoridade da Igreja infalível, que confirma a revelação. Cremos, porque Deus disse, e porque a Igreja confirma o que foi revelado.

Por isso ensinou infalivelmente o Concílio Vaticano I:

“Dependendo o homem totalmente de Deus como de seu Criador e Senhor, e estando a razão humana inteiramente sujeita à Verdade incriada; quando

Deus revela, estamos obrigados a prestar-Lhe, pela Fé, plena obediência de entendimento e de vontade. Ora, pois, esta Fé que “é o princípio da humana salvação”, a Igreja Católica professa que é uma virtude sobrenatural pela qual, com a inspiração e a ajuda da graça de Deus, acreditamos ser verdadeiro o que por Ele foi revelado, não pela intrínseca verdade das coisas percebidas pela luz natural da razão, mas pela autoridade do mesmo Deus que revela, o qual não pode nem enganar-se e nem nos enganar” (Concílio Vaticano I, Cap.III, **Da Fé**, Denzinger, 1789).

Ora, Plínio C de Oliveira não acreditava em verdades de Fé, porque Deus as revelara e a Santa Igreja as confirmara por seu Magistério infalível. Ele acreditava com base em seu bom senso. Em seus nervos.

Portanto, Plínio afirma que não acreditava na veracidade da Igreja por causa de Deus, mas por uma “*certeza nativa do seu bom senso calmo*”. O que é contra a Fé.

Essa “*certeza nativa do seu bom senso calmo*” sobre a Fé na Igreja Católica não tem como causa Deus, mas um princípio imanente ao homem, --imanente a Plínio -- o que vicia o ato de Fé, e cheira fortemente a modernismo.

A posição de Plínio coloca a causa da Fé em algo interior ao homem, imanente à sua natureza, na mesma linha que o modernista Blondel. Por isso, cabe bem a Plínio a crítica que o Padre Schwalm fez a Maurice Blondel, tal como ela é resumida nestas linhas da *Revue Thomiste*:

“Colocar assim, de modo unilateral, o acento sobre o aspecto interior da Fé leva a negligenciar sua especificidade com relação à Ciência. A Fé não é fundamentada sobre uma evidência intrínseca, mas sobre um motivo extrínseco: a autoridade de Deus que revela fides *ex auditu*. Desde então, um tal método arrisca levar ao subjetivismo da crença por tirar “toda a comunicação certa da razão especulativa do crente com a Igreja docente que é a regra exterior, visível e certa, de sua fé íntima”. Se se segue um tal método, prisioneiro das contradições de seus princípios, o indivíduo “se torna sua própria regra de fé e seu próprio papa”. Da mesma forma, os princípios de Blondel conduzem-no a recusar ver nos milagres esses “sinais evidentes e necessários da presença do sobrenatural na Igreja”(M.B. Schwalm; “**As Ilusões do Idealismo e seus perigos para a Fé**”, in *Revue Thomiste*, 4, - 1896 – pp 429-433).

Também o Padre Miguel Nicolau, S.J. condenou esse princípio psicológico interior como critério para admitir a veracidade de algo ligado à Fé como seja a origem divina da Igreja Católica, dizendo:

“Tão pouco este método ensina o que é capital na Apologética, os fundamentos da fé divina. Porque a fé divina é aceita pela autoridade de

Deus que revela; isto pede que se demonstre com certeza o fato histórico e externo da revelação e o do testemunho divinos, e isto não se pode provar diretamente com critérios meramente subjetivos, com esses critérios somente se provaria que temos que afirmar os dogmas por sua coerência com a natureza humana, não porque Deus os tenha revelado.

O fato de que a revelação divina não se poderia demonstrar nem sequer indiretamente por uma conclusão: porque das tendências da natureza não poderíamos deduzir nada em favor da revelação sobrenatural, e, muito menos para afirmar a revelação dos mistérios”. (Rev. P. Miguel Nicolau, S.J., **Suma de la Sagrada Teología Escolástica por Padres de la Compañía de Jesús**, Tratado II: **Sobre la Revelación Cristiana o la Verdadera Religión**, Capítulo II, Artigo VI, Itens 138-140,

HYPERLINK "[http://www.mercaba.org/TEOLOGIA/STE/V1\\_T2\\_L1\\_Cap2-Art6.htm](http://www.mercaba.org/TEOLOGIA/STE/V1_T2_L1_Cap2-Art6.htm)"

A crença de Plínio em razão de sua “*certeza nativa*” e de seu “*bom senso calmo*”, “*embrionário*” é condenada também pelo juramento anti modernista de São Pio X que diz:

“Sustento com toda a certeza e sinceramente professo que a Fé não é um sentimento cego da religião que brota dos esconderijos da subconsciência sob a pressão do coração e a inclinação da vontade formada moralmente, mas que é um verdadeiro assentimento do entendimento à verdade recebida de fora pelo ouvido pelo qual cremos serem verdadeiras as coisas que nos foram ditas, atestadas e reveladas pelo Deus pessoal, Criador e Senhor nosso, e o cremos por autoridade de Deus, sumamente veraz” (São Pio X, **Juramento anti Modernista**, Denzinger, 2145. Os destaques são do original)

Dr. Plínio, portanto, acreditava na Igreja não por causa de Deus, por causa da palavra de Cristo, mas por uma “*certeza nativa*”, “*por seu bom senso calmo!*”, “*embrionário*”.

À primeira vista se entende que o homem já nasceria com uma “*certeza nativa*”.

Que significa isso?

Vimos que, segundo Plínio, o homem teria conhecimentos inatos. Nasceríamos com as matrizes do ser, em nós.

Haveria imanente na natureza humana algo que a levaria á verdade e à Fé?

Ora, noutro texto disse Dr. Plínio:

“Ora, nós temos uma idéia, ainda que sumária, das várias religiões. Temos, também, um bom senso nutrido pelo Batismo, com o qual a Religião

Católica se harmoniza inteiramente” (Plínio Corrêa de Oliveira, **O Senso Católico e o Desabrochar das Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Nº 37, Julho de 2001, p. 26. O destaque é meu).

Plínio acreditava na Igreja porque ela se harmonizava como seu bom senso, e não por causa da palavra de Cristo Deus. Plínio não tinha Fé católica.

Note-se ainda que esse “*bom senso nutrido pelo Batismo*” existiria naturalmente já antes do Batismo, -- por isso ele seria natural, e assim ele é dito nativo, embrionário – e ele é que seria o causador da Fé.

Desse modo, teríamos imanente na natureza do homem “*uma certeza nativa*” causa da Fé sobrenatural. O natural causaria o sobrenatural. O que é um absurdo. A menos que se considere que esse “*bom senso embrionário*” e a “*certeza nativa*” sejam, de fato, algo de divino no homem, como ensinam a Gnose, o Romantismo e o Modernismo. Dr. Plínio tinha uma concepção imanentista do homem inteiramente afim com a Gnose, o Romantismo e o Modernismo.

Explica-se assim porque ele jamais permitiu que a TFP atacasse o Modernismo e a Missa Nova. Explica-se assim sua aliança prática com o comunista Dom Arns, a quem Plínio jamais atacou, e que jamais atacou a TFP. Explica-se assim, o elogio do modernista Monsenhor Montini—futuro Paulo VI – a um livro de Plínio.

Claro que os fanáticos adoradores de Plínio, que se movem não pela razão mas pelo sentimento, dirão que é um absurdo levantar a suspeição de erro contra a Fé, por causa dessas estranhas doutrinas cognoscitivas de Plínio.

Mas, os protestos dos fanáticos não podem mudar as afirmações do fanatizador, o que Plínio escreveu e o que seus fanáticos, eles mesmos publicaram.

É o que dá acreditar na inerrância de um homem: não se pode fazer revisão ou correção nos textos de um homem que se crê inerrante. Daí, Scognamiglio ter mandado publicar todos esses textos de seu profeta inerrante na revista que ele criou sob a responsabilidade nominal de discípulos e amigos seus e dos Arautos do Evangelho.

E agora, em sua tese de doutorado, Monsenhor Scognamiglio voltou a confirmar publicamente que a doutrina dos Arautos vem do modernista Plínio Corrêa de Oliveira.

#### **4. A Consciência crescente que Cristo teve de sua Divindade**

Um dos pontos mais venenosos da heresia Modernista foi o novo método exegético histórico-crítico, que o Padre Alfred Loisy herdou da exegese liberal e protestante.

Foi a publicação dos famosos dois pequenos livros vermelhos – **O Evangelho e a Igreja**, e **Em torno de um Pequeno Livro** - que desencadearam a crise modernista condenada por São Pio X,

Para Loisy, Cristo era um homem que, pouco a pouco foi desenvolvendo em si a consciência de ter uma missão messiânica até se julgar Deus. Cristo foi, aos poucos, tomando consciência de seu espírito divino.

Claro que isso era completamente herético, pois negava a realidade objetiva de Cristo, Deus e homem, ao mesmo tempo, tendo duas naturezas numa só Pessoa, a Pessoa do Verbo, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Filho de Deus feito homem. O mistério da Encarnação—dogma contrário à Gnose—esse era o mistério da Fé que o Modernismo, essa cloaca de todas as heresias, de toda a Gnose, não podia suportar.

Era típico da gnose modernista afirmar um dogma numa página, e negá-lo, logo depois, na página seguinte. É o que destaca São Pio X na Pascendi.

Dr. Plínio era bem hábil, e tinha o cuidado de falar e de escrever de modo sutil, afirmando em frases tortuosas e com termos camaleônicos, teses nas quais se sente o cheiro da heresia. E logo depois, afirmava claramente o dogma católico, mascarando o que insinuara.

Veja-se , por exemplo, o que ele diz tortuosamente num artigo, numa página, e o que ele afirma logo depois em sentido oposto.

Scognamiglio – verdadeiro dono e inspirador da Revista “**Dr Plínio**”, editado pela Editora “**Retornarei**” nome que aponta diretamente para João Clá—fez sair um artigo com textos de Dr. Plínio, artigo intitulado **Cristo Rei, Sacerdote e Profeta**, em Novembro de 2003. Nesse artigo, se pode ler o seguinte trecho tortuoso e camaleônico, no qual se afirma que Cristo foi tendo, pouco a pouco “revelações de sua própria Divindade”:

“Por outro lado, tem-se a **impressão** de que a bela sentença do Evangelho segundo a qual o Menino Jesus crescia em graça, formosura e santidade perante Deus e os homens, **sugere** que Ele tinha a inteligência, a vontade e a

sensibilidade na sua humanidade santíssima condicionadas às várias idades pelas quais passava. E que ia aos poucos meditando e cogitando, tendo em vista a situação do mundo e a história da Salvação que Ele viera realizar. Creio que a oração no Horto foi o ápice de sua cogitação.

“É deveras difícil não se sentir deslumbrado com esse crescimento da natureza humana de Nosso Senhor, recebendo revelações da sua própria divindade, num regime interno de relações insondáveis” (Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI, N<sup>o</sup> 68, Novembro de 2003, pp. 18 a 26, o texto acima citado está nas páginas 18 e 20. Os destaques são de nossa responsabilidade).

Cristo não recebeu revelações de que era Deus, Rei, Profeta e Sacerdote. Ele era Deus e homem, ao mesmo tempo, em uma só Pessoa. O que diz Plínio coloca uma dicotomia pessoal em Cristo. E isso tem, pelo menos sabor e cheiro de tese herética, malandramente insinuada.

Notem-se ainda as palavras serpentidamente fugidias que sublinhamos e colocamos em negrito: “impressão”, “sugere”, “sentir,” postas para dizer que nada se afirmou categoricamente. Que se teve apenas a impressão, a sugestão, o sentimento, e não a convicção.

Na verdade, essas frases que citamos do artigo de PCO deixam a impressão, a sugestão, o sentimento – o sentimento não – a desconfiança de que havia algo oculto atrás desses termos dúbios e evasivos.

Na realidade, as frases de Plínio, se não são chapadamente heréticas, têm pelo menos sabor e cheiro de heresia, pois fazem uma tal separação entre a natureza divina de Cristo de sua natureza humana, que se insinua no pensamento do leitor a tese modernista de que Cristo era um simples homem, que, à medida que crescia, foi tendo a impressão, cada vez mais forte, de que era Deus. E essa era tese herética do modernista Loisy. Deus foi revelando aos poucos a Jesus que Ele era Deus.

Essa desconfiança do que diz Plínio cresce, quando se nota a insistência dele em chamar Cristo, de modo quase exclusivo, de “*o Homem-Deus*”. Em todos os mais de 120 números da Revista “**Dr. Plínio**” que possuímos, a expressão “*Homem-Deus*” para designar Cristo é praticamente exclusiva. Poucas vezes nos deparamos com a designação de Cristo como “**Deus-Homem**”. Em Plínio, a encarnação do Verbo é mistério obnubilado pela obsessiva expressão usada por PCO chamando Cristo de o “*Homem-Deus*”.

E não adianta os fanáticos de Plínio se apressarem em dizer que, na página seguinte do texto que citamos, Plínio afirmar:

“Com efeito, desde o primeiro instante do seu ser, Jesus se sabia **Homem-Deus, investido** (sic) pelo Padre Eterno dos atributos da tríplice vocação de ser Rei, Profeta e Pontífice” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Cristo Rei, Profeta e Sacerdote**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano VI. N<sup>o</sup> 68, Novembro de 2003, p. 20, Os destaques são de nossa responsabilidade).

Negou Plínio nessa página o que insinuara na página anterior?

Aparentemente, sim.

Na realidade, ele reafirmou de modo mais insinuante ainda, e de modo mais claro, a heresia modernista porque diz que Cristo foi **investido** da **vocação** de Rei, Sacerdote e Profeta.

Ora, só um homem pode receber uma vocação de Deus. Aquilo de que alguém é investido é algo que lhe é acrescentado acidentalmente, e que Ele não tem essencialmente. Ora, Cristo, sendo o Verbo de Deus encarnado, era Rei, Sacerdote e Profeta por sua natureza divina.

Em sua Pessoa Divina é que Cristo era Rei Sacerdote e Profeta. Se estivermos errados, que a Igreja nos corrija, que aceitaremos o que a Igreja decidir. Mas se estamos certos, que Plínio e Monsenhor Scognamiglio sejam condenados pelo que ensinaram e ensinam.

## 5. A Igreja seria mais alma do que instituição

Para os Modernistas, A Igreja seria espiritual. Elas eram contra toda estrutura hierárquica da Igreja. A Igreja espiritual dos românticos seguidores de Jacob Boehme, englobaria todas as religiões. Daí, o ecumenismo e o famoso “subsistit” do Vaticano II.

Ora, é interessantíssimo verificar que também nesse ponto, o romântico Plínio revelava um contato doutrinário com a heresia modernista nascida do Romantismo.

“Vendo todas essas coisas da Igreja me vinha às vezes uma impressão curiosa. E eu dizia:

”A Igreja não parece uma instituição, mas parece uma alma imensa, que se exprime através de mil coisas e que tem movimentos, grandezas, santidades e perfeições, como se fosse uma só alma que se exprime através de todas as igrejas católicas do mundo. E se exprimiu através de todas as imagens de todas as liturgias, de todos os toques de órgão, de todos os dobrares de sino, de todas as coisas” .

“Essa alma chorou nos réquiens, ela se alegrou com os bimbahares dos sábados de Aleluia e das noites de Natal. Ela chora comigo, alegra-se comigo. Coisa curiosa: parece uma só alma imensa. **Eu mais vejo na Igreja uma alma do que uma instituição.** Como eu gosto dessa alma. Como eu tenho a impressão em relação a essa alma, que minha própria alma se põe de tal modo, que é uma pequena ressonância dela. Que é uma pequena repetição dela; algo no qual esta “alma” vive inteira, como se estivesse num templo material. Sinto-me nela como uma gota d água na qual o sol se espelha inteiro. À maneira de miniatura e de reflexo, eu contendo essa alma” (Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Vol. I, pp. 529-530).

Isso explica porque Plínio e João Clá Dias chamavam com tanto desprezo e raiva a Igreja de “estrutura”:

O próprio Dr. Plínio, respondendo ao Rapport Joyeux, em 1979, reconheceu que, de fato, na TFP se costumava designar a Igreja com o termo “estrutura”.

Dissemos Dr. Plínio, porque, embora a resposta ao Relatório Joyeux tenha sido assinada oficialmente pela TFP francesa, seu autor, de fato, foi o próprio Dr. Plínio. Todos sabiam disso no grupo, em São Paulo.

Vejamos então a confissão só assinada pela TFP francesa:

“Entretanto, não nos parece supérfluo explicar aqui qual foi a origem do hábito, na TFP, de designar a Igreja, em certas circunstâncias, simplesmente pela palavra “estrutura”, e qual seria o alcance dessa designação” (Assotiation Française pour la Défense de la Tradition, de la Famille, et de La Propriété, **Imbroglío, Détraction, Délire**, Paris, 8 de XII de 1979, p,81).

Portanto, foi reconhecido que, na TFP, havia o hábito de chamar a Igreja de “*estrutura*”.

Na página seguinte desse livro, se explica que, após o Concílio Vaticano II, “*autoridades eclesíásticas, mesmo entre as mais altas – [o Papa e a Cúria Romana]— começaram a dispensar ensinamentos contrários à Tradição da Igreja*”( idem p, 82).

Mas Dr. Plínio que é o verdadeiro autor do **Imbroglio**, omitiu dizer que, desde então, ele mesmo começou a chamar o Papa Paulo VI de Ponto 6, e depois o Papa João Paulo II de JP 2...

E já vimos que os Provectos na década de 90 confessaram que, internamente, na TFP se tinha dúvida da legitimidade dos Papas pós Conciliares, isto é, que muitas das “*mais altas autoridades*” da TFP eram sede vacantistas...

Mas, havendo ainda Bispos fiéis – no **Imbroglio** se diz isso, mas na TFP, internamente, se ria disso – seria preciso distinguir os membros da Hierarquia que haviam caído nos erros do Vaticano II, da Igreja. Daí, disse Plínio no **Imbroglio** que por estrutura se entendia o conjunto dos Bispos que haviam aderido aos erros do Vaticano II, e não a Igreja enquanto tal (Cfr. **Imbroglio**, p. 85).

E é claro que há sempre os ingênuos e os tolos que acreditam nas mentiras que uma seita espalha para fora, jamais acreditando que haja outra doutrina escondida do público

*“Et flatteurs –[et sots]--- d’applaudir...”*

E o número dos tolos é infinito.

Essa foi a grande descoberta de Monsenhor Scognamiglio.

Sem ter lido Voltaire e sem ter lido Goebbels, ele compreendeu que mentindo — perdão, Scognamiglio como Plínio não mente, faz “restrições mentais”-- descaradamente sempre haverá muitos que acreditarão. Prova disto é que ele ficou riquíssimo com o imenso número dos “crentes” que dão dinheiro para os Arautos.

Sobre a designação dos Bispos – e até de Dom Mayer, Dom Lefebvre e Dom Sigaud – como membros da “Estrutura”, ver mais adiante a **Descrição de um Delírio**.

Viagem ao País das Maravilhas: a Gnose burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho

6/7

## QUINTA PARTE – A Descrição de um Delírio: o Culto de Plínio e de Dona Lucília

*“O grande Moisés, com sua sarça ardente no alto do Sinai, não me faz inveja. Pois se ele ali se relacionou com Deus durante quarenta dias, eu me relacionei com Dr. Plínio há trinta e três anos. E, em tais relações, vejo talvez mais a presença divina do que ele ante o sagrado arbusto. E guardo a esperança de ainda vencer o Profeta nesta tertúlia, quando eu passar do atual degredo para a Pátria”.*

*(Átila Sinke Guimarães, secretário do MNF, in **O Ultimato – A Defesa**, 1998, p. 28).*

### 1 – Introdução

Este texto foi escrito e publicado na década de 80, quando saímos da TFP. Agora, o republicamos com pequenos acréscimos e algumas adaptações gramaticais.

Dr. Plínio negara nossas acusações de que houvesse um culto para ele e para a mãe dele, na TFP. Depois, fez escrever um livro defendendo que esse culto existia, e que de acordo com a doutrina católica seria lícito cultuá-lo. E Scognamiglio até arranjou pareceres canônicos aprovando o culto que se lhe prestava na TFP e na Sempre Viva.

As citações em sua muito grande maioria são do **Jour-le-Jour** – o diário de Dr. Plínio – contado pelo fiel intérprete de seus desígnios, João Scognamiglio Clá Dias, agora Monsenhor, aos moços a quem então fanatizava por ordem de Dr. PCO. Tais textos comprovam o culto delirante a Dr. Plínio e à mãe dele, assim como as doutrinas que vimos analisando nas partes anteriores desse livro.

Os textos do **Jour Le Jour** nos foram dados por um ex eremita do êremo de São Bento, dirigido por João Clá Dias. Eles datam dos últimos meses de 1982, e vão no máximo a Julho de 1983, mas 90% dos textos se concentram nos três primeiros meses de 1983, em cerca de 400 páginas com letra pequena.

Que não se encontraria se fossem analisados o total dos textos do **Jour Le Jour**?

\*\*\*

Durante 30 anos militamos no grupo do jornal "Catolicismo" e na TFP. Dela nos separamos em 31 de maio de 1983, ao descobirmos que, por trás de seu estandarte, havia uma sociedade secreta - a Sempre Viva- praticando um culto absurdo e delirante a Dr. Plínio e à mãe dele Dona Lucília.

Nessa ocasião, enviamos três cartas ao líder da TFP que ele pretendeu responder através do livro "**Refutação a Uma Investida Frustrada**", assinado por Átila Sinke Guimarães – o escravo Plínio Márcio na Sempre-viva – e mais três tefepistas. Para conseguir seu intento, essa obra não titubeou em adular o texto de minhas cartas, ao mesmo tempo em que me acusava de ser “intelectualmente desonesto”. Por isso, ironicamente, a designaremos por a "**Idônea**".

Curiosamente, esse livro admite e declara lícitos os atos de culto que denunciávamos, e que Dr. Plínio, inicialmente, negara que existissem. Depois, arranjaram-se até pareceres teológicos aprovando esses atos de culto.

Agora, passados mais de um quarto de século, a própria TFP escreve que Átila é que era “intelectualmente desonesto” por fazer modificações em citações, e forçar interpretações sem base nos documentos que citava:

Quanto à redação [do livro de Átila Sinke Guimarães sobre o Vaticano II] é uma particularidade do Sr. Átila, conhecida dos que com ele tratam, o

atribuir a autores cujos textos comenta, idéias não expressas, nem razoavelmente deduzíveis. Essa atribuição de idéias, sem nexos lógicos estritos com as palavras dos textos examinados, tornaria seus comentários facilmente imputáveis como **intelectualmente desonestos** e, portanto, vulneráveis a uma réplica. Essa falta de rigor intelectual nunca foi admitida nos documentos públicos da TFP. (Nelson Fragelli, o escravo Plínio Tomé, “Declaração para todos fins úteis, declaro diante de Deus o que segue, 17 de Novembro de 1997”, in Átila Sinke Guimarães, *O Ultimato / A Defesa*, p. 257. Os destaques são nossos).

Escrevemos contra a TFP um livro, que não conseguimos publicar, porque nos faltam os abundantes recursos em dólares que a TFP possui. Nessas circunstâncias, somos obrigados a dar ao público, hoje, um dos capítulos de nosso livro, a fim de desmascarar o falso profeta de Higienópolis e sua seita fanática.

Os textos publicados neste capítulo são das reuniões feitas por Dr. Plínio. Tais palestras são gravadas, transcritas e depois apresentadas pelo secretário de confiança do profeta de Higienópolis, J. Scognamiglio – o escravo Plínio Fernando, na Sempre-viva – em reuniões em que conta o dia a dia seu ídolo. É o "jour-le-jour", o diário de Dr. Plínio, que indicaremos pela sigla J J.

Os textos desses documentos falam por si. Por eles se vê que o próprio Dr. é o responsável pelos delírios paranóicos do culto que recebe na entidade. Os textos intercalados entre colchetes são comentários nossos.

Para facilitar a compreensão, apresentamos um glossário de alguns termos no jargão tefepista, no final do capítulo.

## 2 – “Eu Escolhi o Credo”

Nunca imaginei que um dia viesse ter obrigação de consciência de denunciar como falso profeta exatamente a pessoa a quem humanamente devo minha conversão à prática do catolicismo, ao Professor a quem devo (muito do que sabia, e do que eu era), então. E é com a dor de esmagadora desilusão que o faço. E porque já não há outro meio: é dever denunciar o lobo em pele de cordeiro.

Ingenuamente, durante anos, tentei tudo para reconduzi-lo ao caminho que ele mesmo me traçara. Pedi a amigos comuns que me ajudassem nessa empresa delicada – Plínio Xavier da Silveira e Antônio Augusto Borelli Machado, que eram as pessoas mais chegadas a mim e com algum poder de influência sobre Dr. Plínio. Inútil. Plínio Xavier era escravo e cúmplice do falso Profeta, enquanto Borelli – que eu julgava tudo ignorar, mas que era visivelmente hesitante - só podia fracassar.

Depois de meu rompimento com a TFP procurei o Cônego José Luiz Villac e só obtive respostas inseguras, evasivas, temerosas e sem vigor. Cumplicidade? Cegueira?

Tentei tudo, como as cartas que escrevi o comprovam. Não fui ouvido. Só podia não ser ouvido.

Findas as ilusões, só me resta apelar à opinião pública católica e denunciar aquele a quem traiçoeiramente enganado, chamei de meu pai e meu mestre, a fim de que não prospere uma seita que é tanto mais enganadora quanto mais ela se pretende boa e mesmo santa.

Colocado entre a obediência ao credo católico ou àquele que, iludido, julguei pai e mestre, não podia hesitar. Eu escolhi o Credo

Escolhi o Credo, porque se deve obedecer antes a Deus que aos homens.

Escolhi o Credo, porque, diz São Paulo, ainda que "um anjo do céu anuncie um Evangelho diferente daquele que vos temos anunciado, seja anátema" (Gál. 1, 8).

Escolhi o Credo, porque Dr. Plínio me ensinou – quando ele me falava com a linguagem da fidelidade – que, entre a igreja e qualquer mestre que fosse, devíamos ficar com a Igreja.

Durante trinta anos, procurei servir a Igreja, lutando nas fileiras do Grupo de Catolicismo do qual nasceu a TFP..

Durante vinte anos, na TFP, sofri um grande calvário, odiado pelos meus próprios alunos, lançados contra mim por aquele que se apresentava como meu pai.

Em meio às piores angústias e sofrimentos pessoais, jamais pensei em deixar a TFP. Por amor à Igreja, por devoção a Nossa Senhora, carreguei durante vinte anos – além das perseguições exteriores – uma cruz de incompreensão e de calúnia, feita pelos meus alunos, e posta às minhas costas- às escondidas-- pelo próprio Dr. Plínio.

Entre a crucificação na TFP e uma vida mais fácil sem servir a Deus, eu escolhi a cruz. E essa cruz é minha glória.

Estaria pronto a carregá-la mais vinte anos por amor a Deus, à Igreja e a Nossa Senhora. (Por outra, não! Por outra, não! Por Dona Lucília, jamais, não e nunca).

Mas, quando além da Cruz do ódio, do "gelo" e da calúnia, se me exigiu que renunciasse à Fé, calando-me e aceitando, por covardia e por ambição, os erros e delírios que correm na TFP, não hesitei. Eu escolhi o Credo.

Por amor à Igreja, renunciei ao bem estar, ao prazer, ao prestígio. E mesmo ao aplauso e à estima de meus amigos e de meus alunos. Dos alunos que converti, ou levei à prática da religião.

Que renunciasse a minha Fé, para seguir a um falso mestre, não. Não e nunca. Entre ele e o Credo, eu escolhi o Credo. E é para a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana que digo, neste momento de dor, aquilo que disse infinitas vezes em todos esses anos de cruzada: Se eu me esquecer de ti, ó Santa Igreja, que minha língua se pegue ao meu paladar.

Por ti renunciei a tudo. E até à estima de meus alunos.

Por ti renunciei àquele que, iludido, julgava ser meu pai.

Graças vos dou meu Deus porque estava cego, enganado e só à beira de meu Caminho, e Vós me fizestes ver.

Graças Vos dou, meu Deus, porque me destes luz para ver a verdade, e força para lutar por ela. Porque, depois de tantas dores e angústias e em meio à maior solidão, de joelhos, eu posso Vos dizer, Senhor:

Eu escolhi o Credo.

### **3 – A espiritualidade da TFP e dos Aautos**

Quando conhecemos os membros do Grupo do mensário **Catolicismo**, do qual se originou a TFP, eles se apresentavam como católicos escrupulosos e exigentes no cumprimento da Lei de Deus e da Igreja, e conhecedores exímios da doutrina católica.

Hoje, um contato um pouco mais prolongado com os rapazes da TFP “new wave” revela grandes falhas espirituais, uma despreocupação escandalosa com as leis divinas e canônicas, assim como uma estarecedora ignorância da doutrina católica.

Evidentemente, ao analisar a espiritualidade atual da TFP não queremos inculpar ninguém em concreto. Julgamos as ações como se apresentam objetivamente. A Deus, apenas, cabe julgar as consciências e as intenções. Estamos prontos a reconhecer que na TFP havia muitas pessoas bem intencionadas, enganadas e equivocadas. Aliás, há lá quem desconheça o que se passa "discretamente" nos êremos.

São exatamente essas pessoas de reta intenção que servem ingenuamente para encobrir, com sua inocência, as graves deformações e erros que se ensinam e praticam nos círculos internos.

Qual é a espiritualidade da TFP? Como se explicam tantos erros e mesmo tantas loucuras? Como se explica que internamente ninguém proteste contra os abusos que se dizem e praticam lá dentro? Como é que um sacerdote reconhecidamente escrupuloso como o Pe José Luiz Villac acaba dando o seu aval a tantos erros e a tantos abusos em matéria de liturgia?

São estas, entre outras, algumas questões que pretendemos elucidar.

\*\*\*

Toda a espiritualidade da TFP se baseia na pessoa de seu fundador-líder Plínio Corrêa de Oliveira. Dotado de grandes talentos naturais e de um convívio ameno, Dr. Plínio literalmente “encanta” as pessoas com quem trata. Seus modos corteses, suas atenções estudadas, sua prosa agradável, fascinam os seus interlocutores.

Ele “encanta” as pessoas. Cria em torno delas “*un envoutement*” que as impede de raciocinar.

Ele mesmo diz que emite eflúvios, e até ensina aos membros da TFP como podem criar eflúvios bons (JJ-Telefonema de J. Scognamiglio aos EUA - 06.02.83, resumindo Reunião de Recortes).

Descendente de família pernambucana metida em política e na Maçonaria, muito inteligente, grande orador, polemista ardoroso, ele se destacou durante muitos anos no movimento católico brasileiro, pondo-se como defensor da doutrina católica contra o comunismo, o socialismo, e o progressismo. O que não o impediu de defender a separação entre a Igreja e o Estado, quando foi deputado constituinte, em 1934. E nem de seguir a orientação da Revista **Sept** dos neo modernistas Chenu e Congar, como ele mesmo confessou. Como dissemos, a crise imensa que atravessa a Igreja foi, pouco a pouco, ao que parece, criando nele a idéia de que era ele o único líder católico fiel e ortodoxo. Começou então a julgar-se como o escolhido por Deus para salvar a Igreja e o mundo do caos atual.

"E nisso nós somos isolados, pois ninguém foi como nós. Ninguém foi como nós somos. Ninguém será como nós somos" (Reunião em Jazna Gora, 30.12.82). "Eu sou o C-R [o Contra-Revolucionário]. “Eu não sou o homem da laia deles” - (JJ-Palavras de Dr. Plínio, telefonema de J. Scognamiglio aos EUA -06.03.83).

Como jamais houve uma crise igual na História da Igreja, jamais também teria existido uma vocação tão alta quanto a dele. Na TFP, ele é tido como superior – e de longe – a todos os santos do passado, inclusive aos Apóstolos e Profetas. Ele é o Profeta – o maior profeta de todos os tempos... depois de Nosso Senhor – o Dr. da Igreja, "o varão *catholicus et totus apostolicus*", como ele diz de si mesmo. Nas canções da TFP, ele é comparado a Moisés, Elias e Samuel. E é claro que como superior a todos eles. Ele brilharia mais que os anjos. Igreja e Estado deveriam se prostrar e lambe o chão diante dele, para lhe pedir perdão, como diz cântico da TFP (Cfr. II parte, cap. VIII deste livro).

Enfim, tributa-se-lhe um culto de *dulia* como para um santo canonizado. É ele a causa, o organizador e o incentivador desse culto, que inicialmente negou existir, depôs confessou que existia, dizendo-o lícito. Agora, na “idônea”, ele afirma que esse culto é de *dulia* em sentido tomista, isto é, composto de atos de respeito para com uma autoridade ou reconhecimento da excelência de alguém, no caso, ele.

É ele mesmo quem inculca nos jovens da TFP o fanatismo mais delirante. E ele o faz de modo estudado, sistemático e frio, sendo capaz de todos os recursos e mentiras, sem nunca desistir de difundir filtradamente o culto para ele mesmo como profeta, e para sua

falecida mãe, Da. Lucílla, como Mãe da Trans-Esfera e mão do Princípio Axiológico (Ele, Plínio. Ele, o Princípio Axiológico. Com Maiúsculas).

#### 4 – O que diz Dr. Plínio de si mesmo

Antes de tudo, Dr Plínio previne os novatos da TFP – os “enjolras”-- de que "um homem deve ser sumamente reservado na opinião que ele tenha de si mesmo". Mais ainda, preocupado em dar lição de humildade, ele os previne contra o orgulho por meio de um conselho salutar, dizendo que por causa do pecado original o homem "deve fechar os olhos para as suas qualidades" (JJ-Resumo de carta recebida de S. Paulo, nos EUA - 08.02.82).

Mas, no caso particular dele, há um problema: como deixar de mostrar seu próprio valor, e desse modo matar o entusiasmo que os "enjolras" têm por ele?

Evidentemente, o "bem da Causa", e o "bem das almas" desses pobres "enjolras" exige que se ponham de lado - só no caso dele, bem entendido - os sábios e prudentes conselhos de humildade acima expostos.

E, para fomentar o "bem das almas" – "Eu, que no fundo, só tomo contato com as pessoas para levá-las a esses píncaros". (JJ-telefonema de J. Scognamiglio para os EUA - 12.02.82) – Dr. Plínio incansavelmente expõe ao auditório embasbacado suas extraordinárias virtudes e qualidades.

Nos últimos anos, quase não se passou reunião em que ele não falasse de si mesmo ou de sua mãe. Normalmente também, as sessões principiam com "proclamações" dos eremitas exaltando, em tom melodramático, as virtudes e dons do Profeta.

Também a pretexto de fomentar o “entusiasmo” e o "bem das almas", tendo constatado uma frieza péssima durante suas palestras – "Frieza como tem o grupo em relação a ele, só viu que uma pessoa recebesse: mamãe" (JJ-Cartas de S. Paulo ao EUA - 18.06.83) - Dr. Plínio fez seu "fiel intérprete", João Scognamiglio, organizar uma claqué "sui generis": o profeta não diz "a" sem que haja uma explosão frenética de "ohs", "noooossas", "fenomenais". E aí de quem não gritar "oh!"... Será imediatamente considerado sabugo.

Não se acuse Dr. Plínio de hipocrisia nesse ponto. Não se diga que ele não gosta dos "ohs". Ele gosta. Ele confessa que gosta. Mas para o bem das almas.

"Vós tendes que fazer ohh! Eu ficaria desapontado se não o fizésseis. Eu tenho que ser reservado. E talvez vós ficásseis desapontados se eu não o fosse. Por que havemos de desapontar-nos uns aos outros? Eu amo os ohs dos Srs. Amem minha reserva. Queiramo-nos bem esta noite onde estamos bem unidos. E com isto nós terminamos" (JJ-Cartas recebidas de S. Paulo nos EUA - 08.02.82).

Então, esse ponto seria inquestionável: Dr. Plínio é reservado sobre si mesmo, e só se elogia para fazer bem às almas. Outro ponto indubitável: é verdade que ele organizou uma claqué para si mesmo. E é verdade que ele gosta de ouvir os "ohs" e que gosta de ouvir os passos dos "enjolras" correndo, idolátricos, atrás de seu automóvel. ("Eu me delicio com o rumor dos passos correndo atrás do meu automóvel"). Mas ele gosta disso apenas porque aprecia ver nessas manifestações o "entusiasmo espontâneo" de seus jovens "enjolras". Não se pense que ele tenha qualquer complacência com os louvores. Ele garante que venceu o orgulho (JJ-Conversa de sábado à noite -21.01.83) e que toda glória humana ou enjôlrica o deixa indiferente.

É certo, pois: ele organiza a claqué para si mesmo, visando apenas o bem dos outros. O bem das almas. Aliás, a claqué é "espontânea". Scognamiglio garante, e jura que é. E depois, se os "enjolras" não o aclamassem "as pedras se levantariam para aclamá-lo",

conforme disse o Profeta. (Em 2010, os oohs da claque são para Scognamiglio, quando ele ministra aulas no seminário dos Arautos...)

De modo que, apesar da extrema reserva e delicadeza de alma de Dr. Plínio, "possuidor de todos absolutos" - portanto possuidor da mais absoluta e perfeita modéstia - o entusiasmo dos "enjolras" por essa humildade e modéstia personificadas é tão grande e tão espontâneo, que a claque muitas vezes obriga, força, Dr. Plínio a se abrir um tanto, mostrando alguns dos excelsos tesouros de sua alma.

Veja-se este exemplo de modéstia profética vencida – para o bem das almas – pelo entusiasmo espontâneo dos "enjolras", devidamente excitados pela claque eremítica.

"No almoço de domingo - é João Scognamiglio que conta – ele fez o almoço inteiro sobre a monumentalidade da Sra. Dona Lucília. O mais interessante foi a conversa de sábado à noite, ontem (29.01.83). Porque como ele havia dito no almoço de sexta-feira, que ele às vezes olhando para si, ele conseguia discernir o esplendor dele, às vezes sim, às vezes não. [Note-se a humildade do profeta: não teme confessar que às vezes ele mesmo não chega a discernir o seu próprio esplendor. "Irra! que é modéstia demais!", já diziam os adversários do Pacheco, de Eça de Queiroz]. “Então perguntamos a ele se ele poderia fazer uma análise a respeito do esplendor dele, do esplendor que ele via. Então ele relutou muito [Era o combate entre a reserva e a sede de almas do profeta] e nuns quinze, vinte minutos ele descreveu. Vinte minutos depois ele já tinha descrito. Ia tentar desviar o assunto [de novo, sua inquebrantável humildade se opondo a qualquer exibicionismo] para outra coisa. Então nós insistimos e pedimos a ele que comentasse a fotografia de um certo menino aos quatro anos em Paris [Veja-se a delicadeza respeitosa dos "enjolras": o menino era o próprio Dr. Plínio]. E que mostrasse o esplendor desse menino. Ele não recuou. Contou. Então os "enjolras" começaram a pedir uma outra foto, ele não se lembrava; então alguém teve que se levantar para pegar uma coleção de fotos. Ele comentou ao todo umas quinze fotos ontem à noite. Fenomenal!!! Nooossa! [sic.] E ele concordou em, sábado à noite que vem, fazermos uma outra coletânea, e ele fazer uma conversa inteira sobre as fotos" (JJ-Telefonema de Scognamiglio aos EUA -30.01.83).

Como não reconhecer o zelo das almas, a modéstia do Profeta?

É incrível! É inacreditável! Mas é verdade. Está documentada. E nós vimos. E testemunhamos que é assim.

[Agora, no Notas Auto biográficas podemos ler a análise que PCO fez de si mesmo em algumas fotos: Veja-se este exemplo de humildade de um menino inocente comentando a própria foto no dia da primeira comunhão:

“Eu apareço nesse retrato com um aspecto bom de minha alma, como em nenhuma outra ocasião. Há nessa foto algo de profundamente **extraterritorial** [SIC!!!] e, portanto não vinculado a nação alguma, mas com uma característica singular: sem ter sido essa minha intenção, eu representava um modo de ser muito mais europeu do que americano. Mais transparece ali a tradição pela qual eu deveria velar, do que o mundo no qual precisaria agir. Vê-se alguma coisa de luminoso, radiante e transparente, que nas fotografias anteriores não havia, senão à maneira de um esboço, e nos retratos anteriores também não existe. Eu me sentia translúcido de vida sobrenatural!

“Muitas pessoas, entretanto, não tomavam conhecimento desse brilho e não o elogiavam. Mamãe se portava perante essa luz como diante de um segredo que permanecia na alma dela. Pelo respeito protetor com que ela devia me

tratar, dava-me muito carinho e afeto, mas nunca me elogiava, como quem diz: Isso fará o seu caminho”(PCO, **Notas Autobiográficas**, I Vol., p, 627).

Só faltou PCO dizer: “Ela conservava todas essas coisas em seu coração”. Não disse isso, mas todos entenderam isso.

A "modéstia" do Profeta vem, pois, de longa data.

Há muitos anos, para convencer um grupo de argentinos a aderir à TFP, ele resolveu abrir-se e fez para eles uma série de palestras intituladas “**Quem somos nós?**”

Jamais tivemos oportunidade de ler tais palestras. A "modéstia" ou a "prudência" do Profeta desaconselharam que nos deixassem lê-las, embora fossem feitos simpósios para nossos alunos sobre elas. Foi esse um dos motivos por que levamos tantos anos para compreender "quem era ele".

Várias pessoas nos testemunharam que nessa série de palestras Dr. Plínio se auto-definia. Mas obrigado por força maior. Ele não queria fazê-lo. Isso, segundo ele, seria dever de um anjo.

Mas, nestes tempos pós-conciliares de tanta decadência, parece que até os anjos andavam pouco solícitos quanto às suas Angélicas obrigações. Nenhum anjo tendo condescendido em vir, abanando suas cerúleas asas, cantar e contar as excelências do Profeta (deve ter sido pela dureza de coração dos portenhos, gente, na verdade, muito empedernida) que ele mesmo se viu forçado, constrangido a dizer o que ele era. Ele não queria dizer. Mas que fazer: a displicência angélica o obrigou a tal.

"Um anjo do céu deveria dizer isso. Mas como não vem, eu mesmo sou obrigado a dizê-lo" "Assim como S. Francisco foi a pobreza, e Santo Inácio foi a obediência, eu sou a Grandeza".

E não se pense que isto é vanglória ou orgulho.

É sabido que a humildade consiste na verdade, como dizia Santa Teresa. Ora, como de fato Dr. Plínio é, além de outras tantas coisas, a Grandeza, é a humildade que o forçava a reconhecer o que ele realmente era.

Se ele, que é a Grandeza, não o dissesse, estaria mentindo. Isso seria pecado. Seria mentira. E Dr. Plínio diz que não mente. Nunca. E como ele é "veraz para com todo o mundo", na "veracidade de sua alma", na sua "inocência", na sua "monumentalidade", ele precisava confessar: "Eu sou a Grandeza".

Oh! Fenomenal!

E ele não é só isso. É outras coisas. Ele o diz: “Eu sou a seriedade”. “nooo ooo ooo ooo ooo oossa, fenomenal, fantástico” (JJ-Grafonema do Santo do Dia aos EUA -16.02.82).

[Nota: esse é o maior nooossa que foi datilografado no "**Jour le-Jour**" do Profeta. Tem dezessete "ohs"]

Também não há santo que tenha sofrido como ele. Pois se é próprio dos santos o sofrer, e se Dr. Plínio é o maior santo da História, ninguém pode ter sofrido tanto quanto ele. Ele encarna o sofrimento.

Eu sou "o Dr. Sofrimento", diz ele (JJ-Chá no Êremo de S. Bento - 02.02.83).

A nós mesmos, muito antes de ter sofrido o acidente automobilístico em 1975, ele já afirmara ser um "*vir dolorum*", um "homem das dores". O que, aliás, nos espantou muitíssimo, pois nós o víamos passear o dia todo de táxi, e freqüentar todas as noites o restaurante *Fasano*, que nos parecia, na época, a nós pobres mortais do Cambuci, uma espécie de Olimpo, onde os garçons deviam servir néctar e ambrosia celestiais para os grãos finos "*vires dolorum*" de Higienópolis.

Quanta dor!... Com sorvetes e ar condicionado.

Para alguns, muito confidencialmente ele contou, num chá, entre bolachas e geléias, que o que demônio não suportava nele era ver tantas virtudes reunidas numa só pessoa. Que tantas virtudes existissem repartidas – vá lá – o diabo podia até agüentar. Mas tudo reunido nele, não. Era demais. O diabo não agüentava.

E depois, e depois...

Há tanta coisa depois, que é difícil escolher o depois. E depois, por exemplo, ele é o inocente, ele é a inocência. Ou, mais modestamente, ele conservou a inocência.

E inocentemente ele fala de sua inocência.

Pois não é natural? Só quem tem malícia não poderia falar de sua própria inocência. É claro como água do pote, conforme ele costuma dizer.

"A inocência, o lado tau meu se dirigia inteiramente para a monumentalidade (...). E pela minha inocência eu era muito levado a ter esses vãos para as verdades mais altas (...). Minha inocência é normalmente levada para o monumental" (JJ-Conversa de sábado à noite - 22.01.83).

Aliás, essa é outra virtude notável do Profeta: sua monumentalidade. Que foi herdada. Que foi herdada. É indiscutível. Essa monumentalidade dele foi herdada da Sra. Da. Lucília e da vovó Gabriela. Porque vovó também era monumental.

Vejam as provas:

"Ele contou fatos inéditos, [é João Scognamiglio quem fala, aquele que agora chegou a Monsenhor de Santa Maria Maggiore] mostrou como ele é todo feito de monumentalidade". "Hoje o almoço foi sobre a Sra. Da. Lucília. Ontem ele falou da monumentalidade dele, hoje falou da monumentalidade dela" (JJ-Jornal falado de J. Scognamiglio - 23.01.83).

E vovó Gabriela também, também. Ela chamava uma antiga escrava

"uma negra" dizendo: "Honorata, venha aqui" e fazia um gesto de muita categoria, para ela se sentar. Ela ficava então conversando uma, duas horas com Honorata. E isto mostrava muito como é que era ao mesmo tempo a monumentalidade e a bondade [de vovó Gabriela] (JJ-Telefonema de J. Scognamiglio aos EUA - 06.02.83).

Está, pois provado: o caso da negra Honorata mostra que a monumentalidade de Dr. Plínio vem de longa data. É ancestral. Vem da vovó.

Mas jamais ele perde sua reserva.

Por exemplo, ele jamais reza voltado para si mesmo. Jamais Dr. Plínio reza inclinado, humilde e súplice, para si mesmo, diante do espelho.

Quando João Scognamiglio perguntou a ele, um dia, porque fazia vênia ou rezava voltado em direção do estandarte da TFP, Dr. Plínio modesta, muito modestamente, confessou que fazia isso simplesmente porque não podia voltar-se para si mesmo para rezar, nem podia fazer vênia para si mesmo.

Talvez isto seja possível um dia...

Como?

Mas é muito simples. Na bagarre, Dr. Plínio gozará do dom da plurilocação. Se alguns santos tiveram o dom da bilocação, por que Dr. Plínio não teria o dom da plurilocação ou da ubiqüidade? É lógico! Muito lógico. Ele garante que, na bagarre, quando um de seus filhos espirituais, dispersos pelo mundo para obedecê-lo, invocá-lo, ele aparecerá física e realmente presente.

Dr. Plínio aparecerá, pois, na Austrália, na Califórnia, na Argentina, Equador. Gabão, na Barra Funda, etc., etc.

É talvez para facilitar essa plurilocalização miraculosa, em lugares tão distantes, que ele tem sempre preparados planos de fuga de S. Paulo e do Brasil. Afinal de contas, a graça pressupõe a natureza... E é bom deixar um avião preparado para ajudar a ubiquidade.

Às vezes, por lapso, sempre por lapso, se lhe escapam, – mas muito de escapada – palavras que permitem vislumbrar algumas das maravilhas de sua profética alma.

"Eu dizia sobre uma tábua de ouro chamada meu coração, Ultramontano! eu sou Ultramontano!" (JJ-Grafonema de J. Scognamiglio, Santo do Dia - 26.02.83).

"E nisso somos isolados porque ninguém foi como nós somos" (JJ-Reunião em Jazna Gora-30.12.82).

"Nós" é aí um plural majestático - melhor seria um plural humílico - uma forma de ele atribuir à TFP uma qualidade que é dele. Só dele.

Ninguém duvida disso na TFP. Porque a TFP é ele, e só ele.

É certo que há alguns que por orgulho ou obtusidade podem pensar que ele aí esteja falando da TFP e não dele. João Scognamiglio lembra então caridosamente aos mais obtusos e aos sabugos empedernidos que "quando Dr. Plínio usa o plural majestático, nós devemos entender no singular esclarecedor".

Também o Profeta, caridosamente - sempre tendo em vista o bem das almas - lembra, muito indiretamente, que não se caia neste equívoco. Falando do "**Legionário**", ele observou um dia que se elogiava muito o grupo, mas que "esse grupo tinha um nome: Plínio Corrêa de Oliveira".

E descrevendo o valor increpatório da carta que ele escreveu ao Rei de Espanha, ele fala da beleza da increpação em tese - note-se bem: em tese - e falando dos santos e visando formar e levar os seus discípulos aos píncaros, ele diz:

"O belo só é belo quando é visto increpando". "A increpação é... uma especialidade nossa (...)" "e sobretudo devemos amar a Deus nos Santos que increpam!". (JJ-Telefonema de J. Scognamiglio aos EUA -06.02.83).

[Assim como a pizza referida por ele era uma especialidade de uma casa no Braz, assim a increpação era uma especialidade de Plínio. Cada um tem a sua especialidade própria]. Todos entenderam que as frases se aplicavam evidentissimamente a ele. Daí, as inúmeras exclamações que o Jour le Jour registra. Todos aplicavam o "singular esclarecedor".

Mas ele não estava pensando em si mesmo, e sim no dever que tinha de formar os "enjoiras".

"De onde para não me elogiar a mim mesmo, eu não diria o que eu estou dizendo. Mas se eu tenho que nos formar, então eu tenho que dizer: isto é assim" (JJ-Idem).

Que não se façam juízos temerários!

Que não se vá pensar, pelo que foi dito, que ele não se preocupa em fazer justiça ao mérito dos seus colaboradores. Isso seria uma injustiça de clamar ao céu.

Ainda quando se elogiava Dr. Plínio pela obra lançada pela TFP - perdão, por ele - contra as CEB's, se pôde verificar isso.

Os irmãos Gustavo e Luiz Solimeo - orientados por Dr. Plínio - prepararam durante anos um trabalho de 500 páginas contra as CEB's. O trabalho estava muito bem documentado e muito bem feito.

Entretanto, seu tamanho trazia um inconveniente grave: não havia lugar para o Profeta fazer uma introdução de tal porte que justificasse a colocação do seu nome na capa do livro.

Foi um erro de previsão, que atrapalhou a profecia.

Mas Dr. Plínio logo achou a solução: determinou que os dois irmãos autores resumissem sua obra para umas 150 páginas. Ele faria então uma introdução de umas outras 100 páginas. Desse modo, no alto da capa - e com letras maiores - poderia ser impresso o nome dele: Plínio Corrêa de Oliveira.

Que, aliás, é "um nome exorcizante", o que garantiria o êxito da obra.

Alguns "enjolas", dizíamos, elogiavam Dr. Plínio pela obra contra as CEBs. Ele se apressou a corrigi-los, desfazendo essa injustiça e valorizando a participação dos irmãos Solimeo. Explicou que não era justo atribuir a obra a ele apenas. E que isto era injusto também para com ele "*Dominus Plinius*", "varão da dextra de Maria". E mostrou que apresentá-lo como autor de livros é pouco. É insuficiente. Pouco, porque ele é mais. Além de autor, ele é "fundador, formador e inspirador" de uma "escola de escritores", de que os irmãos Solimeo são parte. "Se se trata, portanto, de promover o meu renome, o meu renome deve ser promovido assim" (JJ-Grafonema aos EUA - Santo do Dia-22.06.83).

O auditório externava ruidosamente seu assentimento. E Dr. Plínio concluía:

"Na lógica da coisa isso é assim. E me parece tão razoável, tão verdadeiro, que eu ouço com alegria as intervenções tão queridas" (JJ-Idem).

As intervenções tão queridas eram os "ohs" admirativos diante de afirmações "tão razoáveis", "tão verdadeiras", "tão modestas".

É assim que um profeta e santo ensina como se deve promover o seu próprio renome.

Jamais se viu um santo como Dr. Plínio em toda a História. Temos que reconhecê-lo. Jamais.

E é a singularidade absoluta do papel de Dr. Plínio na História que lhe dá certos privilégios especiais.

Por exemplo, a imortalidade e seu traslado para a Montanha dos Profetas no Tibet, onde ele será recebido por S. Elias, na bagarre.

Sobre isso há uma certa confusão, -perdão - há um certo mistério profético. Aliás é próprio das coisas proféticas serem envoltas em mistério. Então apressemo-nos a corrigir: não ha confusão, há mistério profético.

E qual é esse mistério

É o seguinte.

Corre que Dr. Plínio espera, de um momento para outro, receber a visita de Elias. De Elias, sim. Do Profeta Elias.

Misteriosamente não se fala de Enoch. É só Elias que vai vir. Enoch deve ter se aposentado, ou "sabugado". Ou não deve estar de plantão. A Scognamiglio, Dr. Plínio contou que Elias poderá aparecer-lhe do modo mais surpreendente e inopinado.

Num avião, por exemplo. Dr. Plínio se imagina conversando com um passageiro ao lado. (Será que ele teria barba? Elias era barbudo...) E que o tal passageiro ao lado saberia dar respostas às perguntas mais profundas sobre a Revolução e a Contra-Revolução. Perguntas para as quais nem o "nosso" "profeta" de Higienópolis teria respostas. Estupefato, então, Dr. Plínio perguntaria:

- "Elias?..."

E o passageiro misterioso (Será que ele teria barba?) responderia: - "Eu mesmo".

"Oh!" Exclama o auditório embasbacado.

Todavia, como os planos da Providência são insondáveis, é possível que Elias não venha de avião. Vá lá se saber!

Por garantia, já se instalou em Itaquera, no chamado Êremo de Elias, uma cadeira para o Profeta desse nome considerando "a eventualidade do aparecimento de Elias para um de seus eremitas", disse-nos Dr.Plínio.

Nós ouvimos essa declaração da boca do próprio Profeta. Meninos, eu ouvi!

Átila, o "idôneo" Átila protesta: não é cadeira de Elias. É Trono. Trono de 850 kgs. Está lá, na "Idônea" (R - I, p.370).

Meninos, eu li!

Outros acham - o Profeta de Higienópolis não descarta a hipótese (aliás, a hipótese deve ser dele mesmo) - que Dr.Plínio viajará para o Tibet, até a Montanha dos Profetas. Veja-se este diálogo.

"Ninguém" Desleal da Costa pergunta a Dr.Plínio:

"- Como a Sr. imagina o encontro com o Profeta Elias no monte dos profetas?"

Dr.Plínio responde prudente, reservado e modesto. Sobretudo modesto.

"Eu não tenho nenhuma certeza do monte dos Profetas. O monte dos profetas é uma bela hipótese, não é mas do que isso. Eu não tenho nenhuma certeza que eu me encontrarei com o Profeta Elias [Que modéstia]. Gostaria muitíssimo, muitíssimo [Que zelo!] E minha idéia, se encontrá-lo, é de colocar-me de joelhos e oscular os pés imediatamente. [Oh! Oh! Oh! Que humildade! - Que deve ser imitada. Por que se deve oscular os pés dos profetas. "Enjolras", compreendei]

"(...) Eu queria falar com esse homem da indignação sagrada. Seria para mim uma alegria sem limites. Terei algum dia esta graça? Quem sabe durante a Bagarre. É possível" (JJ-Palavrinha para os hispanos -23.01.83).

Tal é a crença nessa possibilidade que dois discípulos pensaram um dia em fazer um pedido escrito a sangue, - a sangue! - a Da. Lucilla, para que ela lhes obtivesse a graça de serem conduzidos com Dr.Plínio ao paraíso terrestre (sic) ou à Montanha dos Profetas - que é lá pertinho - por ocasião da bagarre!

Isto, aliás, é coisa fácil, pois Dr.Plínio afirma:

"Eu carrego os que me carregam".

Mas para isto é preciso que seus discípulos preencham três condições:

- a) compreendam bem o que ele é;
- b) sejam inteiramente dele;
- c) sejam congêneres e "um" com ele.

#### **a) Compreender o que ele é**

Isto é bem difícil. Os que estão com ele há quarenta anos ainda não o compreenderam. Foram todos infieis, ou, no muito, semi-fieis. Todos sabugos e calvinistas, todos duros de entendimento.

Precisou vir João Scognamiglio para compreender Dr.Plínio e o que ele queria. Só João Scognamiglio o compreendeu. E mais, interpretou os seus desígnios e criou a claqué de veneradores que o cultuam, mas com tão fraca devoção. Tão fraca ainda.

E poderíamos citar as longas e amargas queixas do Profeta, que formariam uma Pliniada desde o Alef até o Tau.

"Se tivessem noção de quem eu sou, bem clara..." (JJ-Carta de S. Paulo aos EUA - 21.07..83).

Às vezes, ele não diz nada, mas deixa perceber muita coisa. João Scognamiglio vai contar alguma grandeza do Profeta, no seu "**Jour le jour**".

"Os srs. sabem que na 4ª feira no almoço, dia 5 de janeiro ele gostou muito de ter recebido um documento. Mas gostou muito. O documento é de um jornalzinho aqui chamado "O Domingo" é de umas freiras daqui de São Paulo mas divulgado no Brasil inteiro. "O Domingo" diz o seguinte: "Os santos nossos irmãos" Esse é título. E vem então a notícia. "Hoje nos alegamos com os santos do céu, **mas não é lícito esquecer os santos da terra**. Pois não basta apresentar no mundo os 144 mil assinalados ou a imensa multidão daqueles que O acompanham (...) na glória. O homem para crer precisa ter santos andando com ele, companheiros do seu dia-a-dia. [do seu **Jour-le-jour**] Não vou transmitir aqui os comentários que ele fez, mas ele estava muito contente com o texto" [Os sublinhados são do **Jour le jour** e são bem significativos].

Que comentários fez o Profeta sobre os santos da terra?  
Não é difícil de adivinhar!

### b) Ser dele

A alguém que diz que "é uma felicidade" ser dele, o Profeta responde reconhecendo o fato.

- "Isto é verdade".

E modestamente e devotamente explica o porquê: ,

"Isto é verdade, porque é um modo de ser de Nossa Senhora" (**JJ**-Reunião no Praesto Sum - 26.02.83).

Como alguém é de outro? Uma das formas é a consagração como escravo, do modo como os membros da TFP se consagram a Nossa Senhora. Ora, como ele é "habitado" por Ela, consagrar-se a Nossa Senhora, em concreto, exigiria talvez uma obediência a ele como escravo. E é certo que alguns se consagraram a Dr. Plínio como escravos.

### c) Ser congêner e um com ele

É por puro desejo de santificar as almas que ele exige que seus seguidores sejam consoantes com ele.

"E ele diz que para haver uma consonância com ele e para haver admiração é preciso que haja uma congenericidade, que eles sejam congêneres. Para que assim o discípulo se sinta arrebatado pelo gênero do mestre e porque ele é congêner e com o mestre" (**JJ**-Telefonema de J. Scognamiglio aos EUA - 06.02.83).

Como isso é afim com o misterioso e sublinhado proêmio do livro do Professor Martini sobre Elias. (Cfr. II parte deste livro, cap. IX).

E não se caia numa tentação minimalista, julgando que para ser congêner e com ele basta aceitar e viver suas doutrinas. Isso faria da pessoa um mero discípulo dele. E sabugo. Nada mais.

Para ter consonância com ele, além ou mais do que aceitar sua doutrina, é preciso gostar do que ele gosta, ter seus hábitos e costumes, ser como ele é. Ser dele. Só assim se poderá ser um outro ele.

"*Plinianus alter Plinius*" se diz na TFP.

Daí a preocupação de não se comer nozes, amendoins, mandioca, azeitonas e outras coisas abominadas pelo gosto excelso do Profeta.

"Espero que neste Natal, pelo menos, em nenhuma sede da TFP se tenham comido nozes", afirmou o Sr. Paulo Martos em 1982.

Noite feliz...

Sem nozes.

Deve-se fazer a barba, lavar as mãos, tomar banho, deitar-se, etc., etc., tudo como quer ou faz o Profeta, sob pena de cometer até pecado mortal.

E é preciso imitá-lo até nos suspensórios! Até no uso de suspensórios! E nas ligas de meia!

Quem não tem calças dependuradas em suspensórios não tem inteiramente o espírito do Profeta. É preciso ter os suspensórios.

Talvez seja pelos suspensórios das calças que alguns serão arrebatados pêlos anjos, para serem levados até a Montanha dos Profetas no Tibet, junto com o Profeta de Higienópolis.

Magnífico.

Ao Tibet!

Pelos suspensórios.

Unos com o profeta. Pelos suspensórios.

\* \* \*

Basta! Basta de delírios.

Alguém poderia dizer que numa questão tão trágica não caberia a ironia.

A esse falso pundonor respondemos que seria falta de seriedade tratar tais delírios como se fossem coisas sérias.

Há delírios ridículos. Outros há, de tal modo graves por suas conseqüências, que coíbem o riso.

Até agora vimos afirmações tão absurdas que é impossível pretender refutá-las de modo elevado. Fazê-lo, seria dar ao absurdo a categoria do plausível, do verossímil, do sério.

Entretanto, quando um delírio atinge o cerne da Fé em Cristo e na Igreja, é preciso, apesar do seu absurdo, lembrar as verdades comezinhas que o refutam.

É sabido que Nosso Senhor Jesus Cristo afirmou que sem Ele nada podemos: "Sem mim, nada podeis fazer". E que devemos ser unidos a Ele como os sarmentos à videira (Jo. XV, 4-8).

Esta união a Cristo se faz pela aceitação da Fé e do Batismo. Misticamente somos unidos a Cristo pela prática dos mandamentos, pela vida da graça em nossas almas. Essa união mística pode chegar a tal ponto que, como S. Paulo, se possa dizer: "Já não sou eu que vivo, mas Cristo é que vive em mim" (Gál. II, 1).

Unidos a Cristo e à Igreja formamos um só Corpo do qual Cristo é a Cabeça e nós somos os membros. É em Cristo, por Cristo e com Cristo que somos um. E que somos salvos. E nenhum outro nome nos foi dado para nossa salvação senão o doce nome de Jesus (At. IV, 1 Col. - 1, 19, 20; 1 Tim. II, 5; 1 Pe. III, 18).

A espiritualidade da TFP parece ter outros fundamentos. Dr. Plínio elaborou toda uma teoria sobre os fundadores de ordens religiosas, que ele aplica a si mesmo, sem ter fundado oficialmente ordem nenhuma.

Segundo essas teorias, o fundador é a regra viva que deve ser seguida mais ainda do que a própria regra escrita. Na TFP, não existe regra - existe um Ordo -, não aprovado pela Igreja. Em todo caso, Dr. Plínio é a regra viva a ser imitada em tudo.

Toda a vida espiritual de um membro da TFP gira em torno dessa união mística com o Profeta. Quem não tiver essa união de alma com ele corre risco de não se salvar e até suas qualidades naturais feneceriam. É só na união com ele, no contato pessoal com ele, no contato de alma, na sua imitação, e até na imitação de seus gestos, que há real e séria correspondência à graça, para um membro da TFP.

Por outro lado, ele se apresenta como o "Profeta de Nossa Senhora", o "Varão da Dextra de Maria", como mediador entre Ela e os homens. E porque ele teria a mentalidade dela, o triunfo do Imaculado Coração seria o triunfo de Dr. Plínio. Para ser de Maria, seria preciso ser do Profeta de Nossa Senhora. Seria preciso ser de Plínio. Daí, alguns se

consagrarem a ele, para melhor serem escravos d'Ela... Esse é um dos "Secrets Sublimes" da TFP.

O meio mais fácil para obter de Nossa Senhora a união com o seu Profeta seria pelo recurso à intercessão de Da. Lucília. Daí, Dr. Plínio dizer que a vocação que ela não teve na terra durante a vida, ela a recebeu depois da morte, no céu. É o que se pode chamar de vocação tardia.

E a canção "Secret Sublime" diz isso mesmo (Cfr. II parte, cap. VIII).

Por isso Dr. Plínio afirma que "Da. Lucília é a mãe espiritual dos membros da TFP, e ele veiculou na entidade a jaculatória: "Da. Lucília, mãe e senhora nossa, ajudai-nos".

A devoção a Da. Lucília seria a chave, a "clé", para chegar a Dr. Plínio. Mas essa "clé" não dispensa uma ascese contínua que leva o eremita a fazer o que Dr. Plínio faria, como ele faria, e porque ele o faria.

Diz-se que as pessoas devem preparar-se antes de ir falar com ele, para ficar totalmente "abertas" às suas influências. Depois de ouvi-lo, devem meditar suas palavras.

Na TFP, há uma verdadeira obsessão pliniana. Só se ouvem suas palestras, mesmo já assistidas. Só se lêem suas obras e artigos. Só se conversa sobre o que ele disse.

O "**Jour le Jour**" do "Profeta" contado por João Scognamiglio, aos domingos, no Praesto Sum, mantém e alimenta esse culto ao Profeta. As visitas ao túmulo e ao quarto de Da. Lucília, a recepção das bênçãos do profeta, o carregar suas relíquias e fotografias, a peregrinação ao local de seu acidente são meios, entre outros, de manter viva essa devoção nos membros da TFP.

O próprio Dr. Plínio fala dessas práticas devocionais e dá explicações sobre como a devoção a ele pode decair, ou crescer a ponto do devoto pedir "pochettes-relíquias" (**JJ**-Jornal falado de Scognamiglio aos EUA -23.01.83).

Mas ele não quer só devoção. Ele quer mais, quer **união**. E quer uma **união** semelhante àquela que o fiel tem que ter com a Igreja, e, portanto, com Cristo.

"Eu, vocês tem que fazer ascese para concordar comigo e para serem inteiramente um comigo. Esta ascese eu fiz com a Igreja. Eu tomei a minha natureza e dobrei (e fez um gesto como de alguém que estivesse dobrando uma barra de ferro) eu me tornei a mim mesmo e dobrei a minha natureza e transformei a minha natureza à semelhança da Igreja. É preciso tomar a natureza de vocês com ascese e dobrá-la e serem um comigo" (**JJ**-Jornal falado de João Scognamiglio aos EUA-23.01.83).

Não há nessas palavras nenhum incentivo aos membros da TFP a serem um com Cristo e um com a Igreja. O necessário será fazer ascese e dobrar a natureza para serem um com Plínio. E do mesmo modo que Plínio se teria feito um com a Igreja, os membros da TFP deveriam se fazer um com Plínio.

Plínio é o meio de salvação para eles. De modo que, para os pobres iludidos da seita do Profeta, um novo nome foi dado pelo qual eles se salvarão: Plínio Corrêa de Oliveira.

É desse modo, vagaroso e sutil, que Dr. Plínio vai se insinuando nas almas e tomando o lugar do próprio Cristo. Tomando o lugar de Deus. Não disse ele que seus discípulos deveriam aproximar-se dele, para cumprimentá-lo, tendo presente no espírito a frase de um filósofo pagão: "*Causa causarum, miserere mei*"? Não raia isso a idolatria?

É essa consideração de Dr. Plínio como causa, modelo e meio de santificação que vicia toda a espiritualidade dos jovens da TFP – e agora dos Arautos do Evangelho –, tornando-os sectários e, em certo sentido, idólatras.

"Ai de vós que amais os primeiros lugares" (Luc. XI, 43).

## 5 – O que ele faz dizer dele através de Scognamiglio

Antes de mais nada, deve-se esclarecer que, conforme o que constatamos, quase todas as teses mais delirantes que circulam na TFP a respeito de Dr. Plínio têm origem, em geral, naquilo que ele asseverou sobre si mesmo.

Deixemos de lado certas teses próprias a pálios de hospícios, já que "Nem todos os loucos estão em Charenton" (R - II, p.175) como o caso do rapaz que discutiu insistentemente com sua família defendendo a tese de que "foi Dr. Plínio que instituiu o Santíssimo Sacramento da Eucaristia". Ou aquele outro (o Arauto N. T. C., agora ex arauto) que julgava plausível ser Dr. Plínio a encarnação da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Atenhamo-nos às loucuras mais repetidas, que nem por isso são menos delirantes.

Algumas delas, aliás, foram defendidas pelo próprio Dr. Plínio, não em reuniões gerais da TFP, pois nessas a presença de "sabugos" e "fumaças" impede que ele abra seu profético coração, ou se expanda, sem restrições mentais, em toda a veracidade de sua alma. É o próprio João Scognamiglio que afirma que Dr. Plínio é obrigado a não revelar tudo o que pensa de si mesmo para todo o Grupo...

Não importa! Para os mais fiéis João Scognamiglio Clá Dias se encarrega de interpretar os desígnios mais ocultos do Profeta e de defender as teses mais ousadas e esotéricas a seu respeito.

Vejamos algumas dessas teses.

### a) “Cristo só se encarnou porque Dr. Plínio correspondeu à graça”

É o que afirmou o fiel João Scognamiglio Clá Dias no *Praesto Sum*. Afirmou e demonstrou:

"Nosso Senhor Jesus Cristo só se encarnou porque Dr. Plínio correspondeu à graça, pois que se não tivesse havido essa correspondência, ele não faria a vingança plena dos sofrimentos de Cristo em sua Paixão e, neste caso, teria sido desonroso para o Filho de Deus ter se encarnado. Portanto, o Filho de Deus só se fez homem, porque Dr. Plínio correspondeu à graça". [E hoje esse homem – Scognamiglio -- virou Monsenhor! A especialidade de Scognamiglio sempre foi dar “viradas”...]

E o auditório eufórico aplaudiu de pé, aderindo entusiasticamente ao delírio scognamigliano.

### b) Dr. Plínio e o “Ego Sum”

Na soleníssima Reunião de Recortes, em Jazna Gora, na presença dos Srs. membros do Conselho Nacional, dos membros da "Ordem Imediata" (sic), e de toda a nata da TFP, levantou-se um dia Átila Sinke Guimarães, "o idôneo" e bibelótico secretário do super-excelso MNF e declarou que o livro *Sou Católico. Posso ser contra a Reforma Agrária?* equivale ao "Ego Sum" da Bíblia.

Até o Profeta se "escandalizou" com a tese ousadíssima, que fez estremecer os querubins e serafins nos céus, mas deixou em plena apatia o auditório semi-fiel, e entusiasmou a claqué fiel.

Seria sincero o escândalo do Profeta, ou seria simples efeito da atmosfera "enfumaçada" de Itaquera?

Sinceramente ou não, o próprio Dr. Plínio preveniu o auditório de que se deveria entender analogamente a tese idolátrica de Átila.

### c) O Espírito Santo, retirando-se da Igreja, refugiou-se em Dr. Plínio

Conta-se ainda que João Scognamiglio Clá Dias narrou o seguinte diálogo entre ele e o Profeta de Higienópolis:

– "Parece que o Espírito Santo, tendo-se retirado da Igreja, refugiou-se no Senhor, Dr. Plínio".

Ao que, sempre modesto, retrucou o Profeta:

– "Quer saber de uma coisa, meu João? Acredito que sim".

Outros contam que o diálogo foi entre Dr. Plínio e o Sr. Átila Sinke Guimarães, por ocasião do Conclave que elegeu João Paulo I ou João Paulo II. Mas a tese era a mesma: o Espírito Santo, fugindo da Igreja, veio se refugiar em Dr. Plínio. Não é de espantar pois que muitos afirmem que...

### d) Dr. Plínio é a Igreja

Com toda a convicção se afirma que Dr. Plínio é a Igreja. Essa tese é corrente nas fileiras da TFP. E é tese que não é difícil "provar". Veja-se lá: hoje a Igreja não passa de uma "estrutura", pois todo clero apostatou. (Inclusive o "cônego José Luís Villac que não é fiel a Dr. Plínio"). Não há bispo bom. "Aponte-me um bispo bom". "Onde está a Igreja? A igreja é João Paulo II? Faça o favor. Isso é Jezabel" (Quantas vezes ouvimos isso!). Então, sendo assim, hoje a TFP é a Igreja. Mas acontece que a TFP é Dr. Plínio. O resto não é nada. Logo, Dr. Plínio é a Igreja. Isso é dito assim. Com toda a seriedade, com toda a veemência e convicção.

O eremita Pedro Julião defendeu boquirrotamente essa tese. José Lopes Antunes - sempre em cima do muro - mais cauteloso, disse que "a Igreja mora em Dr. Plínio". Depois, assustado com a sua própria moderação e preocupado com o que a "KlaGB" interna iria contar a João Clá, acrescentou pressurosamente: "Ele é maior do que a Igreja".

Por sua vez, Euclides Alcaraz Torres - pessoa tão preocupada com matizes - nos declarou:

Disse-nos Euclides coisas incríveis, com a maior despreocupação do mundo.

Contou não acreditar na imortalidade de Dr. Plínio, mas que "ele terá um pós-vida". Achava que "nos últimos mil anos, só dois Papas não foram da 'estrutura': São Gregório Magno e São Pio X"; que a "a Igreja se resume só no Grupo"; que, "após a "Bagarre", o Grupo devia cuidar de não se deixar "abraçar" pela "estrutura", como aconteceu com a Companhia de Jesus, a qual foi transformada em Ordem para melhor dominá-la e destruí-la"; que o Grupo seria "como que – veja, como que – como que Imaculado"; que "assim como a Redenção dependia só de Nossa Senhora, o Reino de Maria depende só do Grupo, se ele não o realizar, ninguém o fará".

Estas declarações mostravam qual era o fundo doutrinário vigente nas cabeças dos militantes da TFP. E este fundo de quadro não era católico.

E num Santo do Dia, quando Dr. Plínio disse uma vez: "O Papa é infalível", ouviu-se uma voz (cismática ou herética?) dizer: "Ele é o Papa".

E o ele aí era Dr. Plínio mesmo.

E o Sr. Acúrcio Torres foi mais longe ao berrar hereticamente que "a missão de Dr. Plínio o coloca, hoje, acima da estrutura". Aos berros e sem matizes.

### e) A Sabedoria de Deus fala pela boca de Dr. Plínio

Foi esse o supremo argumento de João Scognamiglio Clá Dias para convencer o eremita D. J. P. a renunciar a sua opinião de que deveria sair do Êremo para sustentar sua mãe e seu irmão doente. Dr. Plínio, pela boca de quem falava a Sabedoria de Deus, achava "que D.J.P não deveria se preocupar com a mãe idosa e com o irmão doente, pois ele tinha pela mãe um apego sentimental "de cavaleiro medieval por sua dama, tirando-se a

questão de sexto mandamento". E a "Sabedoria" aconselhava a D.J.P. a não ter escrúpulos de deixar "os mortos enterrarem seus mortos".

[Mãe mesmo, só Dona Lucília!].

#### **f) Nossa Senhora se encarnou, habita ou fala pela boca de Dr. Plínio, Medianeiro da Medianeira**

Há quem mais "marialmente" se recuse a admitir que seja o Espírito Santo ou a Sabedoria que falam ou habitam em Dr. Plínio.

Quem se teria encarnado nele, habitaria ou falaria pela sua boca seria Nossa Senhora.

Romanticamente dizem que, nele, o Reino de Maria já começou. Que ele é hoje o Reino de Maria. E por ser o Profeta de Nossa Senhora, Dr. Plínio seria o Medianeiro da Medianeira. Por isso quem quisesse servir a Nossa Senhora como escravo, em concreto, deveria consagrar-se e servir a Dr. Plínio. Ser dele seria um modo de ser de Nossa Senhora (**JJ-Reunião no Praesto Sum -26.02.83**).

"O reino que está para vir, entretanto, já existe, mas na alma do profeta. O futuro das idades do mundo está antecipado no presente de uma alma singular".

Essas palavras, que exprimem exatamente o que Dr. Plínio e os membros da TFP pensam e afirmam do papel do Profeta de Higienópolis, não são de nenhum tefepista. Elas expressam o que Jacob Boehme, o teósofo gnóstico do século XVII, pensava de seu próprio papel profético e de sua alma com relação ao futuro Reino de Deus (Cfr. Pierre Deghaye - **La consommation dès temps selon Jacob Boehme, in Apocalypse et sens de l'Histoire**, nº 9 dos Cahiers de l'Université Saint Jean de Jerusalém. Berg International edit., Paris, 1983, p. 99).

#### **g) Dr. Plínio toma o lugar ou os atributos de Cristo**

Tal é a união de João Scognamiglio Clá Dias com Dr. Plínio que ele ousou escrever numa carta: "Dr. Plínio, no qual pus todas as minhas complacências".

E numa proclamação em Jazna Gora, numa Reunião de Recortes, um eremita idolatricamente berrou, para o auditório omissivo e cúmplice e para o Profeta deliciado, que Dr. Plínio será "nossa recompensa imensamente grande".

Através da técnica do "sublinhamento" (Cfr. II parte deste livro, cap. VIII) os "enjolras", gritando "ohs", identificavam Dr. Plínio com a Luz de Cristo, com a "face" que contemplaremos no céu, e o olhar de Dr. Plínio com o olhar do próprio Jesus Cristo.

#### **h) Dr. Plínio é um anjo ou mais do que um anjo**

Eis aí um problema ou uma dúvida profunda que dividiu os "teólogos" do Grupo. Átila Sinke Guimarães, um dos quatro "idôneos" da TFP, e secretário do super-excelso e semi-esotérico MNF, levantou a hipótese

– ou seria tese? Na TFP, nunca se sabe bem quando é tese ou quando é hipótese

– levantou a hipótese, dizíamos, de que Dr. Plínio seria a hipóstase de um anjo.

Vê-se bem, pelo uso do termo técnico - hipóstase - que a hipótese (ou tese?) tem que ser filha de Átila. Outros menos afeitos ao linguajar teológico - mas igualmente delirantes - dizem rasgadamente que Dr. Plínio é um anjo. Houve até quem chegasse a tentar tirar as dúvidas perguntando ao próprio Dr. Plínio se ele era um anjo ou não. O pobrezinho devia estar estranhando a falta de asas. Talvez ele não conhecesse as teses de Dr. Plínio sobre as modificações morfológicas que terá o corpo humano na bagarre.

A. Dumas Louro, outro dos teólogos do Grupo - mas pouco bibelótico - propôs dar uma reunião, com toda a sua imensa teologalidade, provando que a entrada de Dr. Plínio num ambiente é superior à entrada de um anjo.

E João Scognamiglio Clá Dias declarou - tout court - que Dr. Plínio está acima dos Serafins.

### **i) Dr. Plínio é a obra prima da Criação**

Sempre se ensinou na Igreja que a obra prima de Criação é Nossa Senhora, mas no Auditório S. Miguel se proclamou: "Dessa obra prima da Criação, que sois vós".

E "ooooooooohhhhhh"! Ratificou o auditório entusiasmado.

E João Scognamiglio Clá Dias garantiu, no Praesto Sum, que "Dr. Plínio reúne dois auge: o da natureza e o da graça".

### **j) Dr. Plínio não tem pecado original**

Consta que Dr. Fernando Furquim de Almeida teria dito, há muitos anos atrás, que Deus poderia conceder o privilégio de Imaculada Conceição a outras pessoas, além de Nossa Senhora.

Também João Scognamiglio Clá Dias deu uma reunião no Praesto Sum, a respeito de Dr. Plínio, dizendo tais coisas que o [ então] eremita N. T. C., um dos autores de ladainha de Da. Lucília, se levantou e concluiu: "Pelo que o Sr. está dizendo, Dr. Plínio não tem pecado original".

Ao que retrucou serpentina e insinuantemente o "fiel intérprete" do Profeta de Higienópolis: "essa é uma tese muito interessante, mas que seria preciso provar".

Portanto, não descartou ele que Dr. Plínio tivesse tido uma Conceição Imaculada... Em seu enjolrismo, que teriam concluído os "equilibrados" eremitas do que insinuara Scognamiglio?

E o ex-eremita H. Iw., naqueles seus dias de sério entusiasmo enjolrático, ousou levantar-se em plena reunião, e publicamente, e fervorosamente pedir a Dr. Plínio que dissesse se tinha ou não pecado original.

O Profeta de Higienópolis, pego de surpresa, prudentemente negou ter sido concebido sem pecado... Pois se ele tinha até diabetes... (Era uma prova patológica e laboratorial de que o catecismo dissera a verdade de que só Nossa Senhora foi concebida sem pecado).

Falava então Dr. Plínio na "veracidade de sua alma"? Haveria "fumaças" e "sabugos" na reunião?

"Chi lo sa"?

E numa Reunião de Recortes, quando Dr. Plínio afirmou, como que de passagem, que tinha pecado original, o auditório prorrompeu em protestos: "Não! Não! Não!", enquanto outros balançavam negativamente a cabeça. Queriam ser gentis (?). Mas a ortodoxia não se concilia com gentilezas heréticas.

### **k) Dr. Plínio é infalível**

A tese é velha e estava por escrito num velho caderno do eremita N. T.

Também os textos xerografados que Dr. Plínio nos enviou para defender ou justificar a tese de sua inerrância tinham por título: "**Sabedoria e Infallibilidade - textos completos**". Infallibilidade e não inerrância ...

### **l) Dr. Plínio é inerrante**

No capítulo anterior, vimos que Dr. Plínio negava que fosse infalível, e no Imbróglio disse que essa infallibilidade que se lhe atribui é absurda, arrogante. (Cfr. **Imbróglio** - p. 310).

Ele nega, pois, que seja infalível. Ele jamais ensinou isso. Ele garante apenas que é inerrante. E inerrante apenas em política.

Na Refutação a Uma Investida Frustra, [Livro escrito contra nós, e cuja leitura recomendamos] o "idôneo" Átila escreveu ou assinou três capítulos para provar essa inerrância. O profeta, mais modesto em público, diz apenas que "o acerto de suas previsões supera o nível de sua inteligência" (Artigo na **Folha de São Paulo**-19.08.84).

### **m) Dr. Plínio é imortal**

Esta é a tese corrente na TFP, que teria tido origem, conforme nos disse o próprio Dr. Plínio em 79, na narração de Anna Catarina Emmerich sobre a Montanha dos Profetas. Nesse monte místico - a montanha Qaf dos muçulmanos - a mística alemã teria visto Santo Elias com um misterioso personagem, que na TFP se julga ser Dr. Plínio. Ele seria levado para lá, na bagarre, num carro de fogo, como Elias.

Num simpósio realizado em Petrópolis para estudar o livro do eremita Martini sobre Santo Elias, dizia-se que Dr. Plínio era imortal. Essa era a conclusão lógica, nas rodinhas, daquilo que fora insinuado nas reuniões.

O próprio Dr. Plínio não afastou essa hipótese, que considera até bela.

Em Porto Alegre, o Sr. D.C. afirmou rotundamente que Dr. Plínio é imortal. Entretanto, o Sr. E. A. T. - uma vez na vida moderado - garantiu-nos que Dr. Plínio não é imortal, mas que de fato "ele teria um pós-vida".

E João Scognamiglio Clá Dias, num rasgo de fidelidade, asseverou ao próprio Dr. Plínio que se ele morresse iria ao enterro (ou ao cemitério?) sabendo que algo ia acontecer. Ao que Dr. Plínio respondeu: "Assim é que deve ser".

[O enterro não profetizado aconteceu. E Scognamiglio foi lá. Com Banda e Bumbo. Para enterrar o imortal].

Na "**Idônea**", Átila protesta contra nós por termos qualificado essa tese da imortalidade do Profeta de descabelada. Ele garante que ela é admissível, e usa tratados e teólogos para penteá-la. Dr. Plínio, porém, tímido ou humilde, achou a hipótese "no mínimo inusual". Mas não absurda, nem louca.

### **n) Dr. Plínio será glorificado ou transfigurado**

S. Paulo afirmaria literalmente que alguns não vão morrer, mas que serão glorificados vivos. Essa tese é muito cara a Dr. Plínio, que a repete com frequência.

Se, no fim do mundo, alguns não vão morrer, por que não poderá acontecer o mesmo com alguns, agora, na bagarre, pequeno fim de mundo libertador? Por que não seria Dr. Plínio um dos agraciados com a glorificação em vida?

Na TFP se afirma, que na instauração do Reino de Maria dar-se-á uma "glorificação de Dr. Plínio", não ficando claro se se espera que seu corpo se torne glorioso, ou que seu nome seja coberto de glória.

Diz-se ainda que, assim como Nosso Senhor Jesus Cristo se transfigurou no Tabor, assim também Dr. Plínio será transfigurado.

Talvez seja por causa da "glorificação" corporal de Dr. Plínio que se espera sua imortalidade, ubiquidade, agilidade etc.

### **o) Dr. Plínio é profeta**

O próprio Dr. Plínio se considera profeta, embora negue tomar posição face à questão. Numa proclamação se disse que ele é o "profeta por antonomásia" . E o Prof. Fernando de Mello Gomide ouviu uma vez de um "enjolras", no Auditório de S. Miguel, que Dr. Plínio era o maior profeta da História... depois de Jesus Cristo.

O autor da frase deve ter sido algum escrupuloso, por se preocupar em ressaltar a superioridade de Cristo sobre Dr. Plínio.

### **p) Dr. Plínio é Elias? Dr. Plínio não é Elias?**

Na TFP, Elias é um dos nomes códigos para designar Dr. Plínio. Quando ele entra no auditório, muitas vezes se canta: "Ecce profeta Elya"...

Muitos acreditam que Dr. Plínio possui o duplo espírito de Elias e de tal modo os dois são identificados que muitos começaram a assinar cartas e bilhetes sob a fórmula "in Elya", designando assim Dr. Plínio.

Esse costume de identificar Dr. Plínio com o grande profeta de Israel se acentuou marcadamente após a publicação do livro do Prof. Martini sobre S. Elias, livro esse que é um contínuo louvor - "sublinhado" [Em código] - a Dr. Plínio.

#### **q) Dr. Plínio é santo, e dos maiores, senão o maior que já houve na História**

É uma das teses das canções dos eremitas do S. Bento e do Praesto Sum dirigidos por João Clá Dias: Dr. Plínio é maior que Samuel, Elias e Moisés. "Et excusez du peu"!

E é o que anunciam os eremitas com insistência nas "proclamações" de sábado à noite.

João Scognamiglio Clá Dias é o grande propulsor das delirantes a respeito da santidade única ao Profeta de Higienópolis. Ele chegou a afirmar que todo santo tem que atingir uma certa "quota de santidade" (sic) estabelecida por Deus, mas que Dr. Plínio ultrapassou em bem larga medida a quota que lhe foi reservada.

Não se hesita em dizer que ele é confirmado em graça, que jamais pecou (o próprio Dr. Plínio garante isso), que nunca se viram Fé e Esperança iguais às dele, que só ele tem méritos.

#### **r) Dr. Plínio é possuidor de carismas extraordinários**

Vimos já que ele pretende ser profeta inerrante e ter o discernimento dos espíritos. E tudo isso permanentemente, a exemplo de Cristo, e não como os profetas, cujos carismas só se manifestavam, como todas as graças "gratis datae", em certos momentos e não continuamente, já que o carisma não atua permanentemente no tempo como se dá com a graça habitual (Cfr. II parte deste livro, cap. I).

#### **s) Dr. Plínio, revelador dos segredos do Apocalipse**

Afirma-se e garante-se que no MNF, Dr. Plínio revelou - afinal! - todos os segredos do Apocalipse.

Com a maior simplicidade e inocência do mundo se ensina que o livrinho que o anjo obrigou S. João a engolir (Ap. X, 10) é a obra *Revolução e Contra-Revolução* de Plínio Corrêa de Oliveira, já que esse livro é o Apocalipse do passado, enquanto o Apocalipse é a RCR do futuro.

Ousa-se dizer que Dr. Plínio é aquele que, segundo o Apocalipse, "tem a chave que abre e ninguém fecha, fecha e ninguém abre" (Ap. III, 7).

E Da. Lucília, não se sabe como, seria a "pedrinha branca" de que S. João fala numa das sete cartas do Apocalipse (Ap. II, 17).

Gostaríamos de saber de Dr. Plínio, já que ele revelou todos os segredos do Apocalipse, quem é o Anti-Cristo - a menos que ele tenha fechado este segredo, ele que "quando fecha ninguém abre".

#### **t) Dr. Plínio juiz no Juízo Final e o fundador do Reino de Maria**

Ensina-se na Suma Teológica (Supl. q. 89 a 1) que os bons julgarão os maus, com Cristo, no Juízo Final. Ora, se os bons terão esse privilégio, qual não será o de Dr. Plínio, perguntam-se os "enjolas" da TFP? E para essa pergunta, a resposta vem célere: Dr. Plínio julgará os homens, no Juízo Final, juntamente com Cristo e os doze apóstolos. Que certamente lhe farão vênias e lhe cederão lugar de preeminência.

Enquanto se espera o dia do juízo, garante-se que Dr. Plínio fundará o Reino de Maria, em futuro próximo, logo após a Bagarre. Na instauração desse Reino, o próprio Cristo virá à terra apresentar Dr. Plínio como Profeta de Nossa Senhora e fundador de seu Reino.

É claro que no clima delirante revelado pelas afirmações acima citadas se verifica uma verdadeira competição entre os fanáticos para ver quem dá maior prova de adesão ao Profeta e de maior entusiasmo por ele, apresentando a tese mais descabelada.

E João Scognamiglio Clá Dias – o grande responsável pelo clima delirante da TFP -- diz que gosta que Dr. Plínio veja as plantas do São Bento porque com o olhar dele, elas crescem mais. E não se pestaneja ao dizer ao Profeta, num dia em que ele não se barbeara: "Está impressionante a barba luminosa do Sr." Ao que ele, sempre modesto, retrucou desculpando-se "...barba! Barba ominosa. Medonha. Quando o barbeiro viajar..." (JJ-Lanche do S. Bento -20.01.83).

E a bajulação não tem freios...

Diálogo entre Dr. Plínio e João Clá Dias:

"Um fatinho minúsculo. Ele estava se levantando e estava dizendo: "Está vendo, o meu andar é feio, veja só" [como se sabe Dr. Plínio ficou muito tempo inválido, numa cadeira de rodas, devido a um acidente, e só há pouco tempo pôde andar sem o auxílio de muletas, mas com um aparelho ortopédico]. "E nós dizendo a ele que essa é uma incapacidade que ele tem, uma capengue dele, ele não consegue fazer nada feio. Ele disse: "Ah, sim, pobre de mim..." (JJ-Telefona de João Scognamiglio Clá aos EUA - 06.03.83).

Mas não é só a bajulação que não tem freios. O bajulado, quando se delicia nos louvores, também perde os freios.

Veja-se João Scognamiglio e o Profeta de Higienópolis em um colóquio profético...

"Dr. Plínio: – "Mas isso, é um fatinho?"

João S. Clá Dias: – "Eu disse era evidente que era um fatinho. E que é isso que as pessoas gostam, ou seja, de ver por trás das mínimas coisas toda a grandeza, toda a santidade, toda a beleza dele.

Ele disse: "Mas o que mais?"

(João Clá Dias: "Ele estava assim meio resfriado ontem e com o lenço cheio de água de colônia). Eu disse que, por exemplo, no modo como o Sr. está sentado agora, o modo de o Senhor usar o lenço. Eu disse que o lenço era usado com tanta dignidade, com tanta elevação que se eu contar o modo como Senhor está sentado, o modo de o Sr. ter o lenço nas narinas, o modo de o Senhor por o chapéu, o modo de o Sr. fazer um cumprimento com o chapéu, o modo como o Sr. pega a bengala, por exemplo". (Ele fez um gesto com a mão esquerda bastante forte, movimentando a mão fechada com punho meio dobrado e de cima para baixo, com muita força e muita velocidade duas ou três vezes, dando a idéia de que ele se apóia na bengala mais ou menos como se fosse um báculo).

Ele disse: "Não, eu faço isso porque como eu me apoio na bengala". Eu disse que qualquer outra pessoa pediria de uma outra forma, mas o Senhor não, é muito característico. É porque o Senhor tem na bengala a idéia de uma espada que é feita para espetar o chão". Ele disse: "Ah isso é verdade, eu só uso bengala porque não posso usar espada. Para mim - ele disse - a bengala é irmã burguesa da espada" (JJ-Tel. de João Scognamiglio Clá aos EUA - 09.01.83).

Eis aí um diálogo de fazer chorar. O bajulado implorando sofregamente mais elogios do vil bajulador!

"Mas o que mais?"

Mais repugnante que o "flatteur" é a sede insaciável de elogios do "flatté".

## 6 – O Profeta da Grandeza Sofredora

Considerando a altíssima opinião que se tem de Dr. Plínio, compreende-se o tratamento que se lhe presta. Durante anos se procurou fazer entrar nos costumes do grupo a misteriosa expressão "**Dominus Plinius**" para designá-lo. A fórmula era tão artificial, tão postiça, tão *gauche* que custava a entrar. O estrondo de 1975, que a ironizava, enterrou-a definitivamente.

Entrou na moda, e é mesmo obrigatório, tratá-lo ou referir-se a ele apenas como o "Sr. Dr. Plínio", e à sua mãe como a "Sra. Da. Lucília", sublinhando-se o Sr. e a Sra. Isso soubemo-lo depois, era porque se o reconhecia como o senhor, o dono, de seus escravos.

Quando ele chega a uma sede, devia-se tocar um sino, em sinal de alegria. Na Rua Maranhão, o sino tem a seguinte inscrição: "Regnum Mariae Nuntio". O que é uma feliz e arquitetônica "coincidência", já que ele anuncia a chegada de Dr. Plínio, que muitos consideram "O Reino de Maria", porque nele reinaria já a mentalidade de Nossa Senhora.

Ainda na Rua Maranhão, quando ele chega, acendem-se as lanternas ao lado do estandarte. E, na Rua Martinico Prado, toca-se o sino e acendem-se duas velas ao lado da imagem de Nossa Senhora.

Tocando o sino, todos ficam de pé, aguardando-o. Mesmo na capela, todos ficam de pé quando ele entra, o que escandalizou uma religiosa [Irmã Maria Eugênia], que comentou: "*On ne salue pas le serviteur dans la maison du Seigneur*" - (Não se saúda o servo na casa do senhor).

Nos êremos, para recebê-lo, os eremitas formam um cortejo e cantam o "Veni Sancte Spiritus". Depois se dá a ordem em tom militar: "Em reverência ao Profeta a-jo-e-lhar!" E todos se ajoelham [com os dois joelhos no chão duro] para receber a sua bênção. Mas ele a dá somente quando não há estranhos, para evitar "máfia" { Comentários "maldosos"}.

Desde que ele voltou a andar, tornou-se costume ajoelhar-se (com os dois joelhos no assoalho duro), quando ele passa. Afinal de contas era um milagre autêntico o que se presenciava. Dr. Plínio se nega a falar em milagres. Foi, sim, uma graça. Apesar disso. Há irritação contra os sabugos de má fé que não crêem no milagre (de Da. Lucília, evidentemente). É verdade que ele começou a andar por ter passado a usar um aparelho ortopédico. É verdade que fez muita fisioterapia. É verdade que ele treinou muito na sala do 2º- andar da Rua Alagoas, onde se fez uma pista com dois corre-mãos de metal para ele se apoiar enquanto anda. Mas valeu a pena. A primeira vez que ele entrou andando com a bengala (não de bengala, adverte o Profeta preocupado com a correção gramatical), foi um estouro. O auditório quase veio abaixo. Todo mundo caiu de joelhos. Aliás, já se ensaiara a cena quando foi lançada a mensagem contra Mitterand.

Entretanto, houve quem reclamasse desse ajoelhar de todos, quando passava o Profeta, e por isso ele proibiu que, no Auditório S. Miguel, as pessoas se ajoelhassem, quando de sua entrada ou saída.

"Quem foi esse cachorro que reclamou?", perguntava um irritado devoto, frustrado nas suas ânsias genuflexórias.

No auditório, portanto, é proibido agora ajoelhar-se quando o Dr. Plínio passa. Por causa de um cachorro...

Mas nos êremos é obrigatório. Lá, ao que parece, não há cachorros. Existe lá todo um cerimonial estabelecido por Dr. Plínio para Dr. Plínio. Por exemplo, quando se entra na sala em que está o Profeta é costume fazer genuflexão igualzinha àquela que é estabelecida pelo Ordo para ser feita diante do Santíssimo Sacramento. No auditório, ao se passar diante dele, tem que se fazer uma vênia para... o estandarte atrás dele, é claro.

Para servir qualquer coisa ao Profeta - chá, água, livro, água de colônia, o que seja - o portador deve estar usando luvas brancas e oferecer o objeto mantendo-se ajoelhado (com os dois joelhos no tapete macio. Porque nas salas de Dr. Plínio os tapetes são macios e às vezes persas. Sempre macios. E muitas vezes persas. Autênticos).

O uso de luvas brancas era costume maçônico, mas como Plínio o achava bonito, ele foi adotado nas lojas da TFP... Perdão, nas sedes da TFP.

É Absolutamente de praxe, quando se o cumprimenta, flectir um joelho e beijar-lhe a mão. Há longos beija-mãos na TFP, depois dos quais o Profeta se lava e desinfeta convenientemente. Afinal é preciso prevenir a sua imortalidade.

Quando há estranhos no andar térreo da sede da Rua Maranhão, se alguém tenta beijar a mão de Dr. Plínio, ele finge surpresa e diz: "Meu filho, que é isso?" Mas, subindo para o 19º andar, faz-se fila para beijar-lhe o pé.

Quanto mais andares se sobe na TFP, mais se desce na bajulação. E se alguém tiver dificuldades para se inclinar, Dr. Plínio, para ajudar, caridosamente levanta o seu Augusto pé para ser beijado.

Na TFP, discretamente, há longos beija-pés. Ou melhor, beija-sapatos. Isto acontece em certas cerimônias como a do "crisma da vocação", ou, mais corriqueiramente, quando o Profeta dá sua bênção.

Quando ele dá uma ordem, em nome da santa obediência, é de praxe - e é costume muito antigo nas ordens religiosas - ficar ajoelhado (com os dois joelhos no chão duro ou no tapete mole, depende), e depois de terminada a ordem, oscular o chão. É o que se faz na TFP. E a mesma coisa se faz, quando ele dá a bênção. Foi o que o **Rappot** contra a TFP descreveu como um gesto "*tout à fait selon la coutume mussulmane*", pois julgava que as pessoas tocassem o chão com a frente. Não era verdade. Neste ponto, o **Rappot** caluniou a TFP. Lá, não se toca o chão com a testa. É com a boca.

O **Rappot Joyeux** faz referência à guarda que acompanha Dr. Plínio: "Esta guarda armada que acompanharia Dr. Plínio noite e dia é apresentada aqui como uma guarda de honra como a de um Chefe de Estado" (**Imbróglio** - p.322).

Dr. Plínio explica que o terrorismo o obrigou a ter uma proteção armada, mas de acordo com as leis e autoridades do país. E protesta: "Mas o fato não tem a conotação honorífica que o Rappot quer lhe dar. É mais uma manifestação de má vontade" (**Imbroglio** - p. 322)

E é verdade. A guarda de Dr. Plínio não tem funções honoríficas. Estas são prestadas por outros que não são seus guardas. (Em alguns dos quais ele não confia...) Guarda de honra para ele, só a dos eremitas que lhe fazem alas, portando alabardas e espadas nuas. Dois alabardeiros ficam de guarda à porta da sala em que está o Profeta e, ao entrar e sair alguém, tocam as pontas das alabardas fazendo "um pliiim" bonito e original. Não há "pliiim" igual em São Paulo. Esses são guardas de honra. Não vá Dr. Plínio dizer que são guardas de segurança com alabardas feitas em Belo Horizonte, no século XX, pelo mesmo atelier que fez tecas para pôr as relíquias da "bem aventurada Elisabeth" (isto é, Da. Lucília).

Ele tem também para servi-lo dois arautos. São dois pajens, dois meninos com hábito creme, que ficam de pé constantemente atrás de sua poltrona para receber qualquer objeto que ele lhes passe, ou para atendê-lo no que ele necessitar. São "aides de camps" de honra, ou "pages d' honneurs".

Também se lhe prestam as honras do turíbulo e do incenso durante as missas do cônego Villac, e muito mais em outras cerimônias, sem o cônego Villac, que são as mais discretas...

E há o troneto. O misterioso troneto das sedes da TFP. Em cada sede que se estabelece, sempre há a preocupação de se pôr um troneto.

Dizia-se-nos, a princípio, que era o trono de D. Mayer. Depois, que era o trono de Nossa Senhora. Afinal parece que ele é de Dr. Plínio mesmo (ou será de Elias Profeta?) Porque ele o usa. Ou então manda colocar no troneto os sapatos de D. Lucília, como ocorre no Êremo de S. Bento.

Materialmente falando, o *vir dolorum* como ele mesmo disse de si – o Dr. Sofrimento – recebe um tratamento invejável. Ele tem continuamente a seu serviço dois secretários, um criado de quarto, um enfermeiro, copeiro, cozinheiros, telefonistas, um chofer, guardas e arautos. Isso sem contar todos os membros da TFP que o servem em tudo: um lhe traz o chapéu, outro a flâmula, um água benta, outro a bengala, etc.

Como todo profeta que se preza, Dr. Plínio - o Dr. Sofrimento - leva uma vida austera e até ascética... Por causa do diabetes.

Ele afirma que "não tem direito de morrer" (JJ-Conversa de sábado a noite - 22.01.83). Claro, um imortal não tem direito de morrer. E por isso ele faz regime tão rigoroso, que sofre continuamente de fome, a ponto de ser obrigado a tomar drogas para dormir.

É verdade que antes do diabetes e seu conseqüente esfomeamento ele já tomava e recomendava Mandrix. Mas então deveria haver outra razão igualmente séria. De modo que, por causa do diabetes, o Profeta é obrigado a controlar o que come e a quantidade do que come.

Quanto à qualidade...

Ah!... Aí, ele se desforra.

Mas por razões contra-revolucionárias: para combater o igualitarismo gastronômico e para louvar a Deus em suas criaturas comestíveis mais perfeitas, ele só come do bom e do melhor.

Sobretudo do melhor.

[Agora soubemos, pelo livro **Notas Autobiográficas**, que era comendo que ele mais facilmente percebia a Trans-esfera!].

Seus devotos escravos do exterior lhe trazem acepipes e guloseimas, dietéticas ou não, sempre que vêm visitá-lo. Pois se o Profeta Elias foi servido por corvos que lhe traziam pães, quando ele fugia de Jezabel, porque Dr. Plínio, o novo Elias, de quem foge a nova Jezabel, não pode ser fornecido e servido por seus devotos dos quatro cantos do mundo? E principalmente de um cantinho chamado Paris?

Seu "petit déjeuner" ou lhe é servido na cama, numa mesinha de cerejeira esculpida, ou em bandeja de prata colocada sobre uma almofada feita com tecidos do Lisio, de Florença, um especialista em tecidos medievais. Uma beleza! Todo o serviço é de prata e seus eremitas o servem reverentemente postos com os dois joelhos no chão...duro.

O leite lhe vem da Argentina, e a manteiga da Normandia. Que manteiga! Douce France!

As geléias lhe vêm da Alemanha, e os "biscuits" dietéticos, assim como o bolo, da Inglaterra. Aliás, os "biscuits" não podem estar partidos. Quebrados, ele não os aceita. Onde já se viu, servir britânicos "biscuits" partidos para ele, o "varão da dextra de Maria".

Aceita também biscoitos franceses e alemães. Frequentemente, come "croissants" que lhe vêm, é claro, das melhores docerias de Paris.

O almoço lhe é servido em porcelana de Sèvres. Os cristais são de Baccarat, os talheres de prata, os guardanapos do melhor linho.

Caviar russo ele não admite, por que vem de um país bolchevista. Mas, o finlandês, apesar de seu governo marxista e filo-russo, ele admite. Em último caso, caviar iraniano.

Da França, lhe trazem os "escargots". Mas lagostas vivas lhe são mandadas do Nordeste. Pescadas de manhã, comidas à noite. Por ascese, nos dias de abstinência.

Antes que ele as coma, porém, para evitar proféticos envenenamentos, Eduardo Brotero ou Fernando Antunes - o secretário que Dr. Plínio chama de calvinista - cheiram e experimentam a lagosta. É preciso garantir o profético ventre contra qualquer intoxicação lagosteira. Afinal, dizem que o pai de Dr. Plínio morreu de um patê estragado, que deixaram na geladeira...

Que descuido...

Farinha e carne lhe são trazidas da Argentina.

Aos domingos, seu almoço é especial. São-lhe servidas apenas receitas francesas preparadas por nobres senhoritas do patriciado paulista. Seus almoços podem ser assistidos pelos seus devotos mais íntimos, e então é permitido conversar.

A sobremesa do almoço pode ser oferecida apenas ao Príncipe D. Bertrand. Que não deve aceitá-la.

Conta-se que, uma vez, ele aceitou o oferecimento, e com isto quase provocou a fundação de um "clube jacobino" na TFP, para vingar a sua desrespeitosa ousadia. Quase se cantou o "Ça ira, D. Bertrand à la lanterne".

Por causa de uma sobremesa.

O jantar do Profeta também pode ser assistido, mas em silêncio. Todo mundo só olhando...

A água que ele toma não passa pelas tubulações infectas de São Paulo. Mandam-lhe águas-minerais de toda a parte: a Perrier francesa, a Apolinaris alemã, a Poland americana, etc. Quando ele escolhe a água mineral de um país, os tefepistas da terra escolhida exultam triunfantes. Há "ohhs" e "fenomenais" comemorativos. Mas preferida mesmo é a Perrier.

Nos últimos tempos, todavia, nem a Perrier o satisfaz. Já não é mais aquela... Só no Reino de Maria é que ela, como tudo, vai ficar um colosso. E o Profeta quem o diz. Vejam lá: "isso é "Perrier", heim! Perrier depois da BG [bagarre] vai ser um colosso. Sabem que a Perrier já perdeu algo? Um certo gostinho de qualquer coisa... assim... já desapareceu (Mitt. [MitterandJ, diz alguém). "Mitt." [concorda o Profeta] (JJ-Lanche no S. Bento- 19.01.83).

Não é que até parece o Jacinto de Tormes, antes de ir para as serras? Perrier... Perrier já não é mais aquela.

Quando ele vai a uma cantina do Brás comer pizzas, ou ao restaurante Cá d'Oro comer massas, ele manda, horas antes, a farinha argentina precedê-lo para que lhe preparem pizzas e pratos especiais com ela. Nesses restaurantes, ele consente em tomar uma vil água mineral tupiniquim, mas exige Minalba, e quando ela não existe no local, ele logo imagina misteriosos complôs das forças secretas para privá-lo até de sua preferida água mineral nacional. E no "Cá d'Oro" ele só come depois que saiu toda a freguesia. Não ficaria bem para um profeta comer com a vulgar burguesia. Come sozinho à mesa, seus guardas ao longe, em outras mesas.

E às tardes ele toma chá. É de praxe. É claro que também os seus chás são importados. Sua camomila vem da Espanha. Outros chás vêm da Inglaterra. "Special Dargeling". Os melhores de Paris. São chás aromatizados com essências de frutas. Uma delícia. Contudo, ele tem cuidado em não deixar seus discípulos "caírem em tentação": "Aquele chá de framboesa é tão excelente e gostoso que pode tornar a pessoa intemperante. Só pode tomar esse chá uma pessoa que tem um alto domínio de si", diz o Profeta. E acrescenta que não o dá aos seus eremitas, porque isto pode desviá-los de sua vocação. O que prova que, ou o chá de framboesa é do paladar dos deuses, ou que a vocação dos eremitas da TFP não agüenta chá...

Com ele, graças a Deus e a conservação de sua inocência primeira, não há esse perigo. O que lhe permite regalar-se com o seu chá de framboesa. E com o presunto da Floresta negra. Da belíssima e presuntosa Schwartzwald.

São vantagens de quem conservou a "inocência primeira", e... os dólares dos últimos tempos.

E seus bombons? E seus doces dietéticos ou não? Mandam-nos especiais, em especiais embalagens. De Paris, capital do sofrimento e do profetismo ascético, lhe mandam bombons "Pâle d'or", os quais, segundo Scognamiglio, têm na base uma micro, tenuíssima, folha de ouro para ser comida junto com o chocolate. São coisas que não existem nesse subdesenvolvido subúrbio da cultura que é São Paulo.

E "marrons glacés"... Uhuum... Perdão, ohh!! E "éclairs" (bombas de creme ou chocolate) de G. Lenotre. Uhum... Quer dizer ohh! diz a eremítica assistência ajoelhada e contemplativa.

Como vão longe os tempos em que um profeta evangelicamente se alimentava com mel e gafanhotos... *In illo tempore...*

Com os Profetas dos Últimos Tempos, a coisa é diferente.

Elias, o Profeta, se vestia com uma rude pele de camelo, uma grosseira correia na cintura e um manto de pelo rústico sobre os ombros.

O Novo Elias, aristocrático e higienopolitano, se veste um pouco diversamente. Seus ternos são de casimira inglesa, cortados pelos melhores alfaiates da cidade. Seu chapéu é feito sob encomenda no Gelot de Paris. Quem viu Plínio outrora, tão pouco elegante em sua calça-balão, e tão pouco cuidado em seus paletós amarrotados envolvendo sua repolhuda robustez juvenil, e quem o vê agora, no alto de seu mirante profético de Itaquera, pregando, tonitroando austeridade, temperança e ascese, compreende que no mundo as coisas mudam. E que o profetismo, em meio a um oceano, "mas a um oceano de amarguras", dores, friezas e incompreensões, tem lá umas ilhas de consolação bem aprazíveis.

Que é preciso agradecer a Deus e aproveitar.

Agradecer a Deus e aos milionários texanos e colombianos tão devotos do Profeta, que, quais novos reis magos, ao virem a São Paulo, aos pés do mirante profético, ou em piedosa peregrinação ao túmulo de "Nossa Senhora da Consolação" (D. Lucília), trazem para o Novo Elias preciosos presentes "*aurum et thus*", não de Sabá, mas do Texas e da Colômbia.

A mirra anda parca no mercado e pouco procurada. Pode ser dispensada. Ela pode ser substituída por polpudos depósitos bancários. [Ou por doações de apartamentos. Dizem que ao morrer ele deixou mais de uma centena de apartamentos. Que ficaram para seus parentes, porque o Profeta sendo imortal, não fez testamento. (Raios ! Que azar!)].

E o novo Elias tem conta bancária. E aceita donativos que ele apostolicamente "converte" em Kruggers Rands, as lindas moedas de ouro sul-africanas.

J. H., muito piedoso e sabugoso milionário colombiano, lhe traz objetos de prata e grossos donativos. De New York e até de Buenos Aires lhe trazem tapetes persas. Da África do Sul, uma arvorezinha de ametistas, forma delicada de simbolizar Da. Lucília, a "Senhora Lilás", por que ela usava uma chale de cor roxa. De lá ainda lhe trazem presas de elefantes com esculpidos leões lutando com um paquiderme.

Em matéria de presente, seus devotos nacionais rivalizam com os do exterior. Um grupo deles, certa vez, vendeu um Volkswagen para comprar um elefantinho de marfim como presente de aniversário. Outros lhe deram uma sineta de prata com pedras preciosas incrustadas e leões esculpidos. Anos atrás, indo ao Rio, alugaram para ele a suíte presidencial de um grande hotel. Tudo pago por um devoto escravo... de Maria. Mas Dr. Plínio não gostou. Achou "baixa de nível" o hotel, o serviço e a suíte presidencial.

Seu carro era um *Landau* que ele fazia questão de ter sempre reluzente, obrigando a que o lavassem até aos domingos.

E o terceiro mandamento?

Não há problema: o Sr. Cônego Villac, como é para Dr. Plínio, autorizava esse trabalho servil dominical. Serviço de Dr. Plínio, serviço de Deus. Mas, para os outros, a TFP diz que é proibido fazer isso aos domingos.

Anos atrás, os eremitas lhe deram de presente o seu antigo Mercedes. Ele foi tão usado pelo Profeta que ficou santificado. Algum ímpio o vendera. Foi readquirido. Era uma relíquia. Dr. Plínio, porém, não o usa em São Paulo. Não ficaria bem um Mercedes velho e "demodé". O público ignaro não compreenderia o seu valor sacral e sagrado. Mas para Amparo dá. E lá vai ele por Amparo desamparada e embasbacada no seu Mercedes, relicário e relíquia, ao mesmo tempo. Quase um sacrário.

O Profeta se resfria com facilidade. Quando tal ocorre, diz que tem que aliviar as proféticas narinas, cheirando água de colônia autêntica. Ele empapa o lenço e: "o leva às narinas com tanta dignidade..." , comenta João Clá Dias, que é matéria para fatinho. É Scognamiglio quem o diz.

Ele gosta de perfumes. Franceses, evidentemente. E todos os dias, ao chegar ao êremo, um eremita usando luvas brancas lhe traz, em bandeja de prata e toalha de linho, o "perfume do dia", escolhido entre as dezenas e dezenas de sua coleção. Mandam-nos de Paris para o seu profético olfato. De uma vez, ganhou ele uma caixa com dezenas de essências.

Também sabonetes lhe são oferecidos em salva de prata, para que ele escolha o preferido. O "sabonete do dia". E seu olhar satisfeito percorre gulosamente os sabonetes dispostos enfileirados "em alardo" na bandeja de prata. Há o "Pearl" e o "Yar-dley", britânicos e sérios. Há o alemão 4711. Há os "Roger et Gallet" - o sabonete de Sarah Bernardt - os "Équipage", da linha Hermes, os "Rochas", os "Eau sauvage", todos delicada e francesamente perfumados. E, no fim, cerrando a fila, o espanhol "Água Brava".

E como são caros os tais sabonetes! Mas o Profeta não é sovina, e não os usa até o fim. Afinal, é preciso nunca esquecer os seus enjolras e deixar-lhes um resto de sabonete para usarem... não no banho, mas como relíquia do Profeta, sobre o criado-mudo ou a cômoda, em meio a crucifixos, medalhas e tecas, como faz o eremita T. (Perereca), em N. York. Se há quem guarde um resto de biscoito mordido pelo Profeta (caso do sempre indeciso S. M.) por que T. - o Perereca-- não guardaria como relíquia um "bout" de "Roger et Gallet"?

E os banhos do Profeta?

Ele os toma, ao que consta, em banheiras com massagens hidráulicas nas quais motores lançam acariciantes jatos de água sobre o banhista. Nesses banhos, o Profeta usa sais franceses, e essências, e espumas, e seus perfumados sabonetes. Longos banhos, em que ele lá se deixa refrescar, descansando e lendo o jornal ou um livro que às vezes deixa cair na espumada água tornada lustral pelo contacto com as "graças inerentes" ao corpo do Profeta.

Para dormir, exige travesseiros super macios, feitos com as mais delicadas plumas que existem. Até na sede da TFP em New York já existe um travesseiro desses à espera de sua descalvada e sacral cabeça. Está tudo pronto lá para receber o Profeta: banheira, sabonetes, cristais, tapetes persas, travesseiros. E há anos os tefepistas americanos esperam a Bagarre e o seu profeta, assim como os shiitas esperam o 12º imam, e os judeus o seu messias.

Talvez no ano que vem... Em New York.

Entretanto, ele não se esquece de pregar a necessidade de praticar penitência e de ser austero. Até mesmo aos que o assistem tomando chá, lambiscando geléias e biscoitos dietéticos, no São Bento.

[PCO]: "Bem quais são as verdades que valem a pena serem ditas? Vale a pena, serem ditas as seguintes: as pessoas - as pessoas somos nós, heim! [nós quer dizer vocês, e não Dr. Plínio] - bem, nós como todo mundo, não nos conformamos com a idéia de que a vida é penosa. E que para viver uma vida autêntica..."

[Alguém]: "O Sr. quer chá?..."

[PCO]. "Não. Basta um pouquinho de leite. Agora eu queria se tivesse aquelas bolachas quadradas, aquelas glutem, dietéticas. Se não tiverem, ponha rosca. Isto! Obrigado. Então. - Eduardo, você está vendo os arranjos; bandejas de pratas, etc., etc., a coisa especial".

[Eduardo Brotero]: "Os guardanapos".

[PCO]: " ... os guardanapos de primeiríssima qualidade. Aliás, eu pus, desajeitadamente. Ele merecia ser mais bem posto.

Bem, as pessoas por causa disso têm uma preguiça de sofrer, e uma idéia que podem sonegar, a cota de sofrimento que Deus destinou a eles na vida, podem sonegar por meio de tapeações. Não olhando de frente, não arranjando, não fazendo, eles podem sonegar.

Bem, e a vida passa a ser uma arte, para viver tanto quanto possível no mole [Magister dixit!], e escapar de ver como são as coisas, e de fazer como devem ser feitas.

E daí decorre que as pessoas se enganam redondamente, porque para estar com Deus elas tem que agüentar, aquilo que Deus destinou, mais a penitência pelo fato de ter procurado fugir. E torna, portanto, uma vida apenas santificante e, pior, mais dura. E é, portanto, mais o abacaxi".

"O que vale para todos os homens, especialmente para os católicos, mas vale ainda mais para quem tem nossa vocação" (JJ-Chá no S. Bento - 05.01.83 - Os erros são do texto original).

Conta-se - e é uma história que se repete comovidamente há muitos anos - que, certa vez, lá por volta de 1960, ele fez com que lhe comprassem um par de chinelos mais baratos: E então, sozinho no quarto com quem lhe comprara os chinelos baratos, e que o olhava com o coração confrangido por tanto sofrimento e pobreza, Dr. Plínio explicou: - "É para praticar a pobreza..."

Ah! Os pobres chinelinhos do Profeta!...

Comprados talvez numa lojinha do Brás!

Oh! Admirável espírito de pobreza do Profeta de Higienópolis!

## 7 - Os eternos queixumes do Profeta

Nisto, Dr. Plínio jamais mudou: sempre ele se queixou da incompreensão que se tem do seu real valor. Sempre se considerou um injustiçado. Sempre se julgou vítima de perseguições maquiavélicas e tenebrosas. A *inimica vis* atua, segundo ele, até entre os membros do Grupo. Até entre seus mais incondicionais admiradores.

Ao ouvi-lo, tem-se a impressão de que o inferno não faz outra coisa senão arquitetar planos contra Plínio. Sente-se espiado e por toda a parte imagina misteriosos microfones ocultos por ocultos espiões misteriosos. Sofre de verdadeira mania de perseguição.

Cerca-se de precauções. Gírias, códigos, siglas abstrusas - ele é o homem das siglas - compromissos de segredo, reuniõezinhas só com alguns de maior confiança, censuras das gravações, comissões de vigilância e censura (comissão S. Pio V), proibições "sub grave" (sob pena de pecado mortal) de conversar sobre certos temas, etc.

Assim como nenhuma admiração lhe parece suficiente, assim nenhuma medida de segurança lhe dá sossego completo. Ser admirado e estar seguro são suas duas preocupações contínuas.

Não confia em ninguém. Por isso, só ele pode falar pela TFP. Ninguém pode escrever nada, dizer nada, fazer nada sem passar por seu crivo. "Até parece - disse-nos uma pessoa - que o pessoal da TFP é um conjunto de nenês de calças curtas, tuteladas pelo Profeta".

Outrora, na década de 50, o grupo era notável pelo brilho e pela variedade dos talentos de seus membros. Dr. Plínio dizia então que era melhor ser, como S. Luís, um rei de príncipes, do que ser como Luís XIV, um rei de lacaios. Hoje, Dr. Plínio é um "Luís XIV suburbano", que pretende ter uma santidade maior que a de S. Luís. É um ídolo com poder absoluto. Os "príncipes" do Grupo ou foram camaldulizados (embastilhados) ou estão para sê-lo. Basta folhear uma coleção de Catolicismo para comprovar a perda de brilho do jornal e do Grupo.

Dr. Plínio tem um medo obsessivo de que se lhe faça sombra. Qualquer pessoa que se destaque, qualquer ato singular que ponha outro em evidência, por um momento que seja, o inquieta. O Sr. Paulo Henrique Chaves, um dia, na sala de audiências públicas do Vaticano - numa entrevista de Lech Walesa - se levantou e interpelou o líder sindicalista polonês em nome dos jornais e revistas das TFP's. Houve um burburinho na sala. Pode-se imaginar. Walesa respondeu mal. Paulo Henrique saiu-se bem.

Quando se contou o fato na TFP, houve alegria geral. Aplaudiu-se o gesto de Paulo Henrique, e Dr. Plínio o elogiou. Mas, à noite, na reunião mais íntima, Dr. Plínio, numa abertura de alma, queixou-se:

—"É... agora vão dizer que Paulo Henrique é que é um homem de coragem...".

Quando de seu acidente automobilístico, Dr. Plínio, gravemente ferido, ficou desacordado e delirou. Impossibilitado de dirigir o Grupo, foi, substituído nessa tarefa por uma equipe. Tal equipe - dizem - em certo momento, fez chamar um médico para examinar se Dr. Plínio não fora afetado mentalmente pelo acidente. João Scognamiglio Clá Dias foi contra. Mais tarde, contou-se na TFP que por isso Dr. Plínio teria amaldiçoado a equipe, da qual participavam seus mais caros amigos. Desde então, o termo "equipe" adquiriu conotação mais larga, designando a pretensão maldita de alguns de assessorar o Profeta. Por isso, todas as pessoas de mais destaque ou valor natural - e no Grupo os havia numerosos - foram afastados dos postos decisivos, ou fechados sob as chaves dos votos, nas camaldulas.

É natural que uma pessoa de alto valor intelectual se cerque ou tenha amigos e interlocutores à sua altura, mais ou menos de sua idade e nível social. Dr. Plínio, não. Seu círculo mais chegado é formado de rapazolas, normalmente de nível intelectual médio ou inferior.

Desse modo, ninguém mais lhe faz "sombra", e o Profeta brilha esplendorosamente em sua corte de "enjolras", onde escasseiam os "príncipes". Corte de autômatos que grita "oh" e "fenomenal", guiada pela claque eremítica de João Scognamiglio; que corre atrás do automóvel do Profeta, e que fica cantarolando o nome "Plínio Corrêa de Oliveira"

nos corredores da sede da rua Maranhão, enquanto espera a hora de se lhe permitir a entrada - em meio às alfinetadas [literalmente: enfiando um alfinete nas pernas dos enjorras] distribuídas por Fernando Antunes para manter a fila - a fim de receber a bênção do Profeta, ou ganhar "pochettes" usados por ele, como relíquias.

Dr. Plínio nunca está contente com o que se lhe dá. Sempre se queixa. Sempre se queixou.

Lembramo-nos como ele contava, com voz zangada e sério, que um misterioso alguém lhe dissera um dia que o nome dele jamais sairia nos jornais. E de fato o nome dele não saía nos jornais.

Um dia, porém, saiu. Mas saiu Correia em vez de Corrêa. Era a confirmação da conspiração: sendo obrigados a publicar o nome de Dr. Plínio, os jornais o publicavam errado.

Doutra vez saiu Correa, sem o acento. Dr. Plínio se queixou da falta ao acento. Era a perseguição a ele que lhe roubara o precioso circunflexo. Lá saía o nome dele incircunflexo. Era um absurdo.

Afinal saiu o nome inteiro, devidamente circunflexado. A presença do circunflexo tão desejado abalava a tese conspirativa. Dr. Plínio, porém, encontrou a saída não só para a tese, mas também para uma nova queixa: "Vejam lá. Publicam o meu nome sem um título, sem nada, como se fosse um qualquer. Sem Doutor. Sem professor".

Outra vez saiu Dr.. Saiu Prof.. Saiu o nome inteiro. Saiu até o precioso circunflexo exigido. Mas saiu sem foto, mal paginado. Era a conspiração. Era a perseguição contra ele.

E outra vez, em Paris, o porteiro do hotel de luxo em que ele estava, veio dizer-lhe aos sussurros e misteriosamente que fora dada ordem aos empregados para não dizer que Dr. Plínio estava hospedado ali, a fim de prejudicar ou dificultar seus contatos. Aliás, era costume que os jornais publicassem o nome das pessoas hospedadas nesse magnífico hotel. Mas os misteriosos "eles" não permitiram que o nome de Dr. Plínio saísse nos jornais.

Conspiração! Tenebrosa conspiração! Era a ação das forças do mal contra o varão da Dextra de Maria.

Dr. Plínio sai de bengala, pela primeira vez, depois de andar sete anos de muletas ou cadeira de rodas. Vai ao Mosteiro da Luz. Lá "uma freira alta, cuja cor poderia ser bem mais clara" - "uma preta sirigaita", diz João Scognamiglio (**JJ**-Praesto Sum - 16.01.83) e que estremeceu ao "olhar-chicotada" de Dr. Plínio (diz o próprio Dr. Plínio) (**JJ**-Santo do dia 14.01.83), não só despejou Dr. Plínio da capela, fechando-a antes da hora, como deu ordem para um soldado trancar o portão da rua, ("o sr. D. viu-a dando ordem ao soldado") "Era evidentemente para me criar dificuldades" (**JJ**-Santo do Dia 14.01.83).

E mais. Um guarda proibiu, pela primeira vez, que o automóvel de Dr. Plínio estacionasse diante do portão do mosteiro.

"Os srs. estão vendo que é um mecanismo montado para deixar-me numa posição ridícula [explicou o Profeta ao auditório indignado], Eles viram que eu não estava de cadeira de rodas, e perceberam, que eu me encontraria numa posição aflitiva, a onde eu tinha que me arrastar, não sei lá de que maneira até o automóvel. A coisa era criada para isso".

"Isto é, porque de acordo declarou um sacerdote a pouco aqui, o único mandamento é o amor ao próximo, os outros não existem mais. Mas eu não sou próximo. Eu sou o distante, e em relação a mim as regras do amor rotário ao próximo, não figuram. É pelo contrário a regra da perseguição [sic] mais bruta". (**JJ**-Santo do Dia -14.01.83 - Os erros são do original).

Impressionante a capacidade de articulação "deles". "Eles" viram Dr. Plínio sair de bengala, pela primeira vez. E zás. Arranjaram "uma freira, que é bem uma freirota, no sentido diminutivo e depreciativo que esse diminutivo tem" (JJ-Idem), que habilmente articulou guarda para o portão e guarda de trânsito para deixar o Profeta de bengala, sem automóvel, em situação aflitiva.

É impressionante! "Eles" são terrivelmente poderosos.

Mas como não admitir a conspiração da "freirota", daquela "preta sirigaita" [como a chamou o agora Cônego de Santa Maria Maior], se "eles" são capazes de muito mais? Não organizaram eles a guerra das Malvinas, movendo Galtieris, "Invencibles", "Hermes" e "Belgranos", só para abafar a repercussão da mensagem de Dr. Plínio contra o Socialismo auto gestor de Mitterrand?

E não fizeram "eles" dar um tiro no Papa João Paulo II, para obter esse mesmo resultado: ofuscar o êxito da Mensagem de Dr. Plínio contra Mitterrand?

Ora, ensina S. Tomás, que quem pode o mais, pode o menos. Portanto, quem foi capaz de mover Malvinas e Agca (JJ-Idem) poderia muito bem mover a freirota "cuja pele poderia ser bem mais clara", com seus guardas de portões e de trânsito, para atralhar o Profeta com sua bengala.

Até dentro do grupo a "inimica vis" atua e conspira contra Dr. Plínio.

Veja-se este diálogo entre o "Imã" Scognamiglio Clá Dias e o seu "Profeta":

Eu disse [É o então imã Scognamiglio que fala]: "O Senhor tem razão, porque às vezes no cap. [capítulo de culpas] acontece de a gente ser muito violento, o pessoal fica com pânico e começa a acusar de forma alaranjada; não conscientemente, mas é que diminui a garra, o pessoal fica com pena de si". Ele disse [Agora é o Profeta quem fala]: "É, tem mais isso. Porque eu num cap. se se levantasse um só acusador que fosse laranja, ou todos, eu acusaria também o acusador. E eu diria ao acusador que ele está sendo laranja e é conivente com todo aquele mal. E isso as pessoas não gostariam. Eles sabem perfeitamente e sentem que eu tenho a vocação de perceber onde é que entrou a larangice. Eu acusaria a todos. **Isto faria com que houvesse uma coligação até dos bons contra mim, porque nesta hora bons e maus se coligariam de ressentimento contra mim.** (JJ-Jornal falado de João Clá aos EUA -23.01.83 - o sublinhado é nosso. Alaranjar: gíria tefepista que significa enfraquecer, amolecer).

Por isso ele faz questão de dizer - sempre aos mais novos - que, no Grupo há gente que não o compreende, e pela qual não adianta fazer nada... Nesse sentido, veja-se o seguinte diálogo:

[Dr. Plínio] - Se eu fosse manifestar a minha cólera...

[Alguém] (Certa vez, o Senhor disse que estava pra lá da dor [Não esqueçamos: ele é o Dr. Sofrimento]. Pode-se dizer que o Senhor está para lá da Cólera").

[Dr. Plínio] Isso. Mas vocês acham que o que eu fiz hoje [na Reunião de Recortes] foi desabafo? Foi um ato de justiça. Não foi um desabafo, foi um direito de justiça, porque os melhores, os mais fervorosos, tinham o direito de ouvir, porque para os piores não adianta fazer nada.

Bem, mas para os filhos o sorriso. (JJ - Cartas recebidas de S. Paulo nos EUA - 26.06.83).

Continuamente, nas reuniões, ele se queixava de que não o compreendem devidamente, que o grupo é semi-fiel, etc.

E diz: "Se tivessem noção de quem eu sou bem clara, então as acusações sairiam com gume e seriedade..." (JJ-Carta recebida de S. Paulo nos EUA - 21 .07.83).

Mas ninguém, ninguém tem noção bem clara do que ele é. Por isso ninguém o admira devidamente. Ninguém lhe presta a justa e devida homenagem que um Profeta como ele merece.

Ainda bem que ele é imortal, porque, do contrário, ao morrer, teria que dizer: "Que Profeta o mundo vai perder..."

Como não entender pois que ele se refira àqueles que não o compreendem, que são frios com ele, - mesmo aos que assistem às mais discretas reuniões do 2º andar -chamando-os de "essa gente"?

"Será que essa gente percebeu que eu no fundo fiz uma descrição de alma de mamãe?". (JJ-Telefonema de J. Sçognamiglio aos EUA-31.07.83).

Não, "essa gente" endurecida e obnubilada não percebe. Graças ao céu, está lá o "fiel intérprete" para fazer "essa gente" perceber. Nem que seja "capitulando" esta gente, ou fechando compulsoriamente alguns em camáldulas, para que afinal se corrijam ou paguem sua frieza e incompreensão para com o Profeta.

Não só dos mais velhos ele tem queixas. Mesmo com seus frenéticos "enjolas" ele não se mostra totalmente satisfeito, pois comenta:

Eu creio que poderia ser em nós, maior talvez o entusiasmo pela eloqüência increpatória [dele, é claro]. Eu pelo contrário, desde os primeiros momentos em que começou a se formar em meu espírito a idéia do "pulchrum-oratório" ou do "pulchrum-literário", a eloqüência increpatória passou a ser das formas que mais me despertou entusiasmo. (JJ-Telefonema de João Clá aos EUA-06.02.83).

Só ele, pois, admira, no devido grau, a sua própria eloqüência increpatória.

Contra ele, que é o Dr. Sofrimento, que é a Seriedade, se coligam todos os brincalhões do mundo, numa confraria.

Nesse ponto [da brincadeira e do riso] as pessoas formam neste ponto uma espécie de cumplicidade geral (...). Essa confraria tem suas cumplicidades (...). O brincalhão de Estocolmo saberá perfeitamente como se faz brincadeira em Edimburg que deve ser também uma coisa do outro mundo. Daí para fora. Bem, todos esses são amigos, mas eles são inimigos do varão que não tem brincadeira. Todos são inimigos desse Varão. (JJ - Chá no Eremo de S. Bento-11.02.83).

Um meio hábil de Dr. Plínio fazer aumentar a adesão de alguns e significar-lhes que tem maior confiança neles é falar mal e criticar outros. A pessoa que ouve a confidência do Profeta se sente *flatté* pela confiança demonstrada e, ao mesmo tempo examina se não caiu ele também em algum pecado de lesa-profetismo.

Um dia, na biblioteca do Êremo de S. Bento, o Profeta abriu para os novos eremitas seu coração chagado de velhas feridas...

E a respeito dos E. [Eremitas antigos do São Bento] ele dizia que recebiam a ele, sentavam em tomo dele, e como que diziam: 'Bem, vamos ver o que ele tem a dizer'. Mas que não tinham a mínima preocupação de entreter um pouco a prosa, de o receber, nada. Porque uma pessoa que se está recebendo se procura entreter um pouco a prosa. Ninguém recebe ninguém como eles

me recebiam. Como que diziam: eu vou ficar quieto, vou ouvir o que ele quer dizer, depois eu vou embora. Nunca, nunca, em nenhum dos e. [êremos] na hora de eu ir embora uma manifestação de pesar: mas o Sr. já vai? – nada. (JJ-Telefonema de João Clá aos EUA-20.03.83).

Exteriormente, Dr. Plínio é uma pessoa muito educada e que procura observar todas as regras de etiqueta. Por isso, quem tem com ele apenas algum contato esporádico fica sempre bem impressionado. Quando as regras de etiqueta são a última flor na árvore da caridade, o seu perfume é sempre autêntico e agradável. Mas quando são observadas apenas exteriormente, quando elas não tiram sua seiva do amor a Deus, servem muitas vezes para mascarar manobras políticas e rasteiras desleais. Talleyrand era muito educado. Mas nele a flor de etiqueta já não exalava um perfume autêntico. Da louçania e beleza das formas educadas se exalava o veneno da perfídia.

Muitas vezes os membros da TFP escondem sob formas educadas, venenos e rancores. Veja-se, por exemplo, a carta tão educada e fina escrita por Dr. Plínio à abadesa do Mosteiro da Luz queixando-se - tão amavelmente - das "coincidências" conspiradas pela freirota "cujá cor bem podia ser mais clara" (JJ-Praesto Sum – 16.01.83, Santo do Dia - 14.01.83).

Às vezes, Dr. Plínio se deixa dominar por sua "cólera eliática" e increpa os próprios membros do Grupo, e até o príncipe D. Bertrand, de um modo no qual é difícil perceber suas tão famosas placidez e educação.

A citação é longa, mas vale a pena pô-la por inteiro, para que se note também a modéstia do Profeta, e para que não se diga que não citamos o contexto. O famoso contexto, refugio de todas as malandragens surpreendidas.

É João Clá Dias quem conta:

O MNF de 5ª eu acho que também marcou época. Vou ler uns trechinhos para os Srs. aqui foi um MNF desses assim fora de série em que ele terminou de comentar o artigo "Peregrinando dentro de um olhar" e depois passou a comentar um Ambiente e Costumes: "A glória só nasce da dor". É um Ambiente Costumes que tem um grande desfile da guarda de Rainha e embaixo tem um soldado que lutou na guerra da Coréia. Foi lido o artigo todo, que é lindíssimo, e ele então às tantas comenta isto aqui. Ele diz que o artigo era muito consciencioso, era muito bom [realmente modesto] mas que havia uma luz que estava detrás do artigo e que ele queria saber qual era essa luz. E então começaram as opiniões. Ele então diz: a luz que há por detrás vem da consideração da luta daquele soldado. Que ele, ao fazer aquele artigo, ele estava numa luta pior do que aquele soldado, porque ele estava numa luta contra o dil. azul [dilúvio azul] daquele tempo; eram homens que não iam prestar atenção naquilo que ele estava dizendo e que portanto a luz que havia por trás daquele ACC [Ambientes, Costumes e Civilizações] era uma luz que vinha do Católico que era ele [Como é que não se viu logo que a luz era ele, que a luz era dele! Oh! Cegueira imperdoável de sabugos empedernidos diante da luz!] em luta contra uma OP [opinião pública] que não iria ler aquilo, que não ia dar importância àquilo. E que portanto era um artigo que ele escrevia sem utilidade nenhuma. Ele disse que esse artigo poderia se chamar "Profecia feita para um monte de areia". Ele se pôs o problema se então ele deveria ou não tê-lo escrito. E disse: se eu não tivesse feito o céu se levantaria contra mim em meu testemunho: você era capaz de dizer e você não disse. [É o céu falando com o Profeta]. Não queira agora que a justiça puna aquele que talvez fosse outro se tivesse ouvido. Ele aí disse: [É o Profeta respondendo ao céu] está bom, então eu digo. Ele disse, mas ninguém leu o artigo, que quando muito foi revisto pelo Dr. C. [Dr.

Castilho, José Castilho Andrade] e dez pessoas deve ter lido o artigo [fomos um deles] e a maioria não foi de dentro do Gr. [Grupo]. Então ele começa a increpar e diz: [Atenção! Vai começar o pulchrum-in-crepatóno do Profeta]. Mas então, que secção era essa? Era uma secção que todos diziam: beleza, beleza, beleza, mas enquanto diziam saiam fugindo; de gente que foge e que elogia. E que inclusive ele teve vontade de fazer uma vinheta dizendo: "beleza, beleza, beleza, gritam os que fogem da beleza". Mas que ele não fez porque sentiu que faria mal, que levantaria o G. [Grupo] contra ele, etc. Ele passou anos e anos escrevendo ACC. Ele só parou de escrever por causa do G. também.

Ele disse que aqueles que não liam ACC fecharam a secção ACC porque começaram a mandar para ele [Foi o Fernandinho] uma série de fotografias, de propaganda de qualquer propaganda que um prequeté lia, diz ele - para que ele comentasse. Se ele não comentasse ficariam com nó contra ele.

Chegou a um certo ponto em que ele disse: não dá mais, eu vou fechar isso, está acabado. Foi de uma violência que os Srs. não fazem idéia. Por ex., ele diz: se uma Sra. de idade escrevesse esses artigos num jornal chamado "Raminete", do bairro dela, nós certamente diríamos: eu li eu sou um entusiasta desta Sra., etc., etc. E nós, nós fazemos isto com o SDP. [Sr., (com maiúsculas) Dr. Plínio] pergunta ele? E diz: não tivemos nem essa regra. Por que? Porque que com o SDP não se usa polidez, com ele se trata de qualquer jeito. E a dureza de alma diante do prof. [profetismo] e essa dureza fica aqui marcada, hoje por ex..

Ele diz que todos têm culpa [Miserere mei, Deus, miserere mei...] e que era preciso que nós apanhássemos isso e saíssemos comentando esses artigos com os outros. Que há uma expiação, há um perdão a pedir, não a mim, mas a N. Sr. Há uma peregrinação a fazer a propósito disso [Chiii... 60 km até a estrada de Itatiba. Ah! porque é que o desastre dele não foi um pouco mais perto]. Isso é para olhar. Não tem conversa. E assim não tem remédio.

Ele diz que o artigo não parava ali, que ele continuava, tinha uma história. E que a história era: frieza que o G. tinha tido com o artigo até aquele dia em que ele estava dizendo isso. Mas que o artigo ainda iria continuar: que era frieza que nós íamos ter depois de ter ouvido o que ele disse. Ele continua: o histórico de que vocês fizeram (sic) depois de ouvir o que eu estou dizendo e que é o fim deste artigo. Se eu não escrever este histórico os castigos durante a B. [Bagarre] escreverão".

O Sr. JH [Júlio Hurtado] disse: "seria interessante nós prepararmos o cântico da epopéia do Sr."

Ele avançou na poltrona com o dedo da mão esquerda em riste e disse: "Meu filho, é preciso preparar o confiteor dessa grande felonía" [Ó desastrado Júlio Hurtado, em que hora errada você foi sugerir fazer o cântico da epopéia do Dr. Plínio! E você deve ter preparado sua frase durante horas, na solidão de sua camáldula! É preciso ser oportuno! "À temps et lieu"] e disse: [É o Profeta descarregando sua cólera sobre o pobre J. H. e sobre D. Bertrand, de raspão]. Aliás, você também não está fora disso não, você também, e DB [D. Bertrand] que não estavam no G., também não. [Agnus ad Lúpus dixit: natus non eram...] Porque fizeram coisas análogas de todo em todo. Ao lado de coisas boas - eu estou longe de negar [Como ele é justo e ponderado]. Acho que alguém poderia dizer: "SDP ignora as coisas boas que eu fiz etc., etc."

Com isto não se serve a Deus! Os apóstolos se tivessem se convertido, como mais tarde se deu, poderiam dizer: Eu fiz tal 'coisa boa', etc. Com isto não se serve a Deus. Serve-se a Deus com toda a alma e não com pedaço de alma.

Isso acabou dando num almoço depois, em que ele foi muito mais violento do que foi no MNF, mas muito, muito mais. [Não somos nós que o dizemos. É o "fiel intérprete" do Profeta. Portanto, interpretação fiel do que ele disse e fez]. "E acabou mostrando como todos que estavam ali tinham ficado cegos pelo fato de não se terem voltado para ele.

Na 6- feira no percurso e no sábado ele acabou dando toda uma teoria a respeito de onde é que vem a cegueira. Porque ele diz que há dentro do G. - a pessoa pode ser tentada de roubo, outra pode ser tentada de impureza etc. - mas que há uma tentação que todos acabam tendo e que é uma tentação ao Ideal, em relação a ele, em relação a B. [Bagarre]. Esta tentação o enjorrinhas mais novo que está entrando no G. hoje, mais dia menos dia terá": (**JJ**-Jornal falado de João Scognamiglio Clá Dias aos EUA - 23.01.83) - o sublinhado é do texto original).

Há que convir que no episódio acima a violência e a cólera elípticas tornam difícil entrever a amabilidade e afabilidade costumeiras do Profeta.

Tem razão Dr. Plínio quando recomenda: para que se possa "medir bem quanto é a minha cólera, olhem para o meu sorriso (...) Meu filho saiba ver no meu sorriso a minha cólera". (**JJ**-Cartas recebidas de São Paulo nos EUA - 26.03.83). Não há dúvida, profecias e profetas são enigmáticos. mesmo quando obedecem escrupulosamente às normas da etiqueta.

Sorrindo...

## 8 – Os atos de culto a Dr. Plínio na TFP

O que diz de si mesmo, o que ele faz propagar a seu respeito, através de João Sognamiglio Clá Dias, "o fiel intérprete de seus desígnios", tinha que desembocar, logicamente, num culto de *dulia* ilícito e delirante.

Já o **Rapport** acusara a TFP de cultuar Dr. Plínio como a um Santo. O livro **Imbróglgio**, feito por Dr. Plínio para responder ao Rapport francês contra a TFP, negou isso. E sua negativa do que era evidente nos escandalizou. Quando apontávamos fatos que contrariavam o que fora dito no **Imbróglgio**, a princípio se negavam os fatos, depois se começou a querer justificá-los. A "Idônea" reconhece agora vários deles e os diz legítimos, usando malabarismos de hermenêutica e sofismas acrobáticos. Procurando justificar o culto que se presta a Dr. Plínio na TFP, segue o habitual método imbrogliante do Profeta de Higienópolis:

a) distingue vários sentidos da palavra culto;

b) força os fatos para fazer com que eles se encaixem no sentido lícito de culto.

Deste modo, o grande "argumento" salvador foi uma diferença entre a terminologia tomista e a atual. Culto de *dulia*, na terminologia de hoje, é aquele que se presta aos Santos. Mas, para S. Tomás, culto de *dulia* era qualquer ato de respeito por uma autoridade ou superior.

"A *dulia* pode ser tomada em dois sentidos. Primeiro, em sentido amplo, enquanto mostra reverência a qualquer homem e por qualquer de suas excelências. E assim inclui a piedade [filial] a observância e qualquer outra virtude pela qual se dê honra a outrem. Neste sentido é evidente que a *dulia* tem partes especificamente distintas.

Segundo, em sentido estrito, enquanto por ela o servo reverencia seu senhor, pois já dissemos que *dulia* significa servidão. E neste sentido, não se divide em espécies, mas é uma das espécies que Cícero dá de observância [respeito] pois é distinto o motivo pelo qual o servo reverencia o seu senhor, o soldado a seu chefe, o discípulo ao mestre etc." (S. Tomás, Suma Teológica 2-3, q. 103 a 4).

Vê-se então que, para S. Tomás, todos os atos de respeito dos filhos para com os pais, dos alunos para com os mestres, dos soldados para com os oficiais, dos servos para com os senhores, dos cidadãos para com as autoridades, seriam culto de *dulia*. Até continência de soldado seria culto de *dulia*.

E a "**Idônea**" tenta então encaixar os atos de culto que se prestam a Dr. Plínio na TFP neste sentido tomista de *dulia*.

"É fácil ver que, neste trecho [texto do **Imbróglío** que citaremos adiante] os termos culto e *dulia* estão usados exatamente no sentido corrente, apontado pelo Pe Royo Marin, como referente ao "culto de veneração que se deve aos santos que já gozam no céu da bem aventurança eterna" (**Teotogia Moral para Seglares** - BAC Madrid 1977, vol. 1, p.650). E não no sentido especializado ainda largamente em uso pelos moralistas. Portanto, não há contradição nenhuma: as manifestações de respeito e veneração que se praticam em relação ao Senhor Dr. Plínio [na TFP] - atos de culto de *dulia*, no sentido especializado dos teólogos e em particular de S. Tomás de Aquino – não se aplicam na afirmação de que o Senhor é um santo declarado tal pela Igreja, porém simplesmente no reconhecimento da excelência de sua virtude, que todos na TFP têm em alta conta, e que de modo nenhum previne o juízo da Igreja, o que, aliás, como é óbvio, somente se poderia dar depois de sua morte". (**Refutação-1**, p.186).

[Portanto, na TFP, havia culto de *dulia* a Dr. Plínio. Mas *dulia* medieval!. Claríssimo, não?].

E na entrevista que concedeu à Folha de São Paulo (19.08.84) Dr. Plínio também se esforça em dar a entender que o culto que lhe prestam consiste em meras atitudes de etiqueta e de cortesia (culto de *dulia* no sentido tomista).

"Culto na terminologia evangélica - [sic] tem um sentido amplíssimo. Inclui qualquer ato de homenagem ou veneração que se presta, de cunho cívico, ou religioso. O culto que me é prestado pelos elementos da TFP é uma generosidade deles, que vêm em mim um fervor religioso maior, mais dedicado. E isso nada tem de contrário ao direito canônico" (...) [E continua o repórter]: "Diz Dr. Plínio que não estimula as homenagens, mas as aceita".

Retorna a palavra a Dr. Plínio:

O trato comigo é respeitoso, muito alegre e afetuoso, um afeto acompanhado de admiração. Quando entro em nosso auditório, as pessoas se levantam, saúdam-me, procuram estender-me a mão. Esse é o culto que recebo (FSP - 19.08.84, p. 12).

Levantar-se, saudar, dar a mão, são sem dúvida atos de culto de *dulia* em sentido tomista. Mas Dr. Plínio dizer: "Esse é o culto que recebo", contraria frontalmente os fatos.

Um segundo argumento arrolado pela *Idônea* é que é legítima "a invocação dos santos ainda vivos nesta terra e mesmo das pessoas de virtude comum" (**Refutação-1**, p. 301).

Em abono deste argumento se dá uma citação ligeiramente truncada de S. Afonso. Colocaremos entre colchetes o texto omitido.

Texto de S. Afonso citado na *Idônea*:

É bom e útil invocar humildemente os Santos, recorrer à sua proteção e intercessão para impetrar benefícios de Deus por seu Divino Filho, Jesus Cristo (Concílio de Trento, Sessão 25).

Essa invocação aos santos fora reprovada pelo ímpio Calvino, mas contra toda a razão; pois é lícito e proveitoso invocar em nosso auxílio os santos ainda vivos e pedir-lhes nos ajudem com suas orações: (...)

[Texto omitido: Assim fazia o profeta Baruc, dizendo: "E rogai por nós ao Senhor nosso Deus". E S. Paulo: "Irmãos, rogai por nós". Deus mesmo quis que os amigos de Jó se recomendassem às orações de seu fiel servo, para lhes ser misericordioso em vista dos merecimentos dele... "Ide ao meu servo Jó... e Jó o meu servo, orará por vós e eu volverei misericordioso o meu olhar para ele.].

Se, pois, é lícito recomendar-se aos vivos, como então não será lícito invocar os santos que no céu mais de perto gozam de Deus (S. Afonso Maria de Ligório - *A oração, o grande meio de salvação* - Vozes Petrópolis, 1956, 3ª ed. p.27-28).

Texto de Dr. Plínio no *Imbróglio*:

(...) uma outra afirmação venenosa do *Rapport* é que os elementos da TFP "invocam" Dr. Plínio para lhe pedir graças" (*Rapport* - p.29). A expressão sugere a idéia de um culto.

Não é freqüente, mas ocorre, que membros ou simpatizantes da TFP peçam orações a Dr. Plínio, no que ele consente de bom grado.

**Entretanto, pedir as orações de alguém é uma coisa, invocá-lo como se invoca um santo é uma outra coisa bem diferente dessa. Isto seria um ato de culto de *dulia*, que Dr. Plínio não permitiria jamais que se lhe prestasse e que em si é inaceitável. Jamais nada de semelhante se passou na TFP.** (*Imbróglio* - p.321 – Os destaques são nossos).

Vê-se que o próprio *Imbróglio* refuta a *Idônea*, isto é, que Dr. Plínio refuta a sua Refutação, e que o "imbrogliador" se "imbrogliou".

Santo Afonso, para justificar o culto aos santos, contra Calvino que o negava, deu como argumento que, se é lícito recomendar-se aos "santos" vivos (pessoas que supomos estar em estado de graça), com maior razão é lícito recomendar-nos à intercessão dos Santos do céu (santos canonizados). Só isso.

Na TFP se compõem ladainhas e orações para rezar a Dr. Plínio, na sua ausência.

Como bem diz Dr. Plínio: pedir as orações de alguém é uma coisa, invocá-lo como se invoca um santo é uma outra coisa, bem diferente dessa.

Fazemos nossas as palavras dele, para desimbrogliar o seu *Imbróglio* e desmascarar sua *Idônea* (*Refutação a Uma Investida Frustra*).

Do segundo volume da *Idônea* consta um grande número de citações de vidas de Santos tentando provar que:

a) os santos foram cultuados em vida.

b) em certas circunstancias eles aceitaram esse culto [o que é certo e legítimo].

c) houve santos que patrocinaram, incentivaram ou insuflaram o culto a si mesmos [o que é falso].

Ora, segundo a TFP, Dr. Plínio é um grande santo.

Talvez mesmo o maior dos santos que jamais existiu.

Portanto, ele tem direito de organizar, patrocinar, incentivar e insuflar o culto a ele mesmo.

Ou, eufemisticamente, "de aceitar as homenagens" que os seus "enjolras", por generosidade, lhe prestam, industriados por João Clá.

Recusamos aceitar esse sofisma.

a) Porque jamais os santos insuflaram o culto e o louvor a si mesmos. Jamais santos escreveram livros para justificar e exigir que se lhes prestasse culto.

b) Porque Dr. Plínio não é santo.

Longe disso.

[Longe, aos antípodas].

Faltam-lhe modéstia, humildade e veracidade para ter virtude simples, quanto mais virtude heróica.

Vejamos agora quais são os atos de culto de dulia em "sentido tomista" que se prestam a Dr. Plínio na TFP (o quanto possível secretamente).

Nós, como simples fiéis, nos escandalizamos com eles e julgamos ser contra nossa consciência católica as homenagens "generosas" (e mais ou menos secretas) que se prestam a Dr. Plínio. Aos teólogos e canonistas cabe julgar se são lícitas ou não.

### **A) Altares secretos com fotografias de Dr. Plínio**

Qualificamos esses altares de secretos, porque foram erigidos em capelas ou "camáldulas", às quais normalmente era vedado o acesso aos membros comuns da TFP, ou do Grupo.

#### **a) Altar-oratório em Jazna Gora**

Em 1981, o "camaldulense Eliseu Garcia mostrou ao Sr. Aramis Fazzioli uma nova sala no porão do êremo de Jazna Gora, em Itaquera. Nela havia um altar com a fotografia de Dr. Plínio, e diante dela duas lamparinas acesas. (No xerox do relatório do Sr. Aramis, que demos a Plínio Xavier em 1981, se falou em lamparinas, e não em velas acesas. Nós, por engano, em nossa carta de ruptura, na pressa em que estávamos, falamos em velas e não em lamparinas acesas).

A "**Idônea**" (R-1, p.278) dá uma planta da sala, e afirma que as velas postas diante da foto de Dr. Plínio eram apenas para decoração, e que as farpas no chão da sala apontavam para um triplico de Nossa Senhora e não para a foto de Dr. Plínio, que se situaria lateralmente.

A esse respeito reproduzimos a declaração que nos deu o Sr. Aramis Fazzioli após ler a **Refutação**:

"Eu, Aramis Fazzioli, R.G. n<sup>o</sup> 8695579 declaro, para bem da verdade, que ao visitar o meu amigo Eliseu Garcia no chamado êremo de Jasna Gora, em Itaquera, ele me mostrou uma nova sala que estava sendo preparada para uso dos eremitas camaldulenses da TFP. Nela, havia um altar oratório com a fotografia do Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, sentado. Diante da fotografia dele, sobre o altar havia uma toalha branca e duas lamparinas vermelhas, como as que existem nas igrejas diante do Santíssimo, e não duas velas como escreveu, por equívoco, o prof. Orlando Fedeli, em sua carta de ruptura com a TFP. O sr. Eliseu Garcia mostrou-me que havia marcas no chão para a formação dos

eremitas "em farpa", e ele mesmo me fez observar que as farpas apontavam para a foto do Dr. Plínio. Disse que, os eremitas formavam "em farpa" nesta sala, quando havia cerimônias e mesmo quando Dr. Plínio lá estava presente. O que está dito no livro "**Refutação a Uma Investida Frustra**", publicado pela TFP, não corresponde ao que vi lá no êremo. Nesse livro, se diz que as farpas apontavam para a imagem de Nossa Senhora. Tal não é verdade. Elas apontavam para a foto de Dr. Plínio. No desenho publicado à pg. 278 do livro da TFP, onde se colocou a imagem de Nossa Senhora das Lages, é lá que estava o altar com a foto de Dr. Plínio, assinado Aramis Fazzioli".

#### **b) Oratório na camáldula de Fernando Siqueira, no Êremo de S. Bento**

O eremita M. A. B. contou ao Sr. R. P. de F. Filho, que era também eremita no Praesto Sum que, na camáldula do Sr. Fernando Siqueira, na torre do êremo de S. Bento, dirigido por João Scognamiglio Clá Dias, havia um oratório com a fotografia do Dr. Plínio, tendo diante dele uma lamparina continuamente acesa. Foi o que denunciámos em nossa carta de 83.

A "**Idônea**" (R-1 - p.282-284) nega esse fato, e reproduz até uma fotografia de um eremita rezando diante de uma imagem de Nossa Senhora, no oratório do Sr. Fernando Siqueira. Tal foto não prova nada, pois foi feita a posteriori, com o oratório já preparado para inocentar a TFP.

Os Srs. W. L. Z., Alberto Luis Zucchi, I. B. de O. A. e C. V., ao terem um dia permissão para visitar a camáldula do Sr. Fernando Siqueira, encontraram no oratório apenas um genuflexório, não havendo lá nenhuma imagem. Numa parede, o Sr. I. B. notou um prego próprio a se pendurar um quadro. O mesmo Sr. I. B. e C. V. notaram que havia marcas de fumaça nessa parede, como se junto a ela tivesse sido aceso algo. Os Srs. W.L.Z. e Alberto Luís Zucchi, quando visitaram essa camáldula viram uma lamparina acesa junto à parede, mas sem que houvesse lá quadro ou imagem alguma.

Também o Sr. D. J. P. nos deu o seguinte testemunho:

"Em 1977. tive ocasião de subir à "torre" do "camaldulense" Fernando Siqueira, no Êremo de S. Bento. Na torre havia um pequeno oratório improvisado (uma mesa com uma toalha). Nesse oratório havia uma foto do Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, bem como uma pequena lamparina vermelha (do tipo usado comumente nos altares das igrejas); tal lamparina estava acesa, à esquerda e abaixo da foto para quem olhasse a mesma, constituindo todo o conjunto um oratório do tipo que se pode ver nas igrejas católicas.

"No livro **Refutação a Uma Investida Frustra**, a fotografia que é mostrada da "torre" não corresponde à realidade. Evidentemente, foi feita posteriormente com a intenção de negar a existência do oratório ao Dr. Plínio C. de Oliveira.

"Ademais, o Sr. João Scognamiglio Clá Dias disse, certa vez, numa reunião mais íntima no Êremo de S. Bento, que o Sr. F. Siqueira era muitíssimo devoto do Dr. Plínio C. de Oliveira. Ainda nesse sentido, o Sr. S. A. C., que, na época que se deu o fato acima descrito, atendia o expediente do Êremo de São Bento, e tinha muito contacto com o Sr. F. Siqueira, tendo subido inúmeras vezes à "torre", disse-me que ele também vira muitas vezes o Sr. F. Siqueira rezando naquele oratório ao Dr. Plínio Corrêa de Oliveira", a. D. J. P.

#### **c) Altar para Dr. Plínio em Belo Horizonte**

Em fevereiro de 1983, o Sr. L. C. V. teve oportunidade de entrar na sede da Rua Marquesa de Alorna, em Belo Horizonte, onde só se podia entrar com licença especial, pois era onde ficavam os membros da TFP que estavam recebendo tratamento

psiquiátrico. Lá ele viu uma mesa preparada para servir de altar para distribuir a comunhão.

Declarou o Sr. L. C. V.:

Aproximei-me e pude ver que em cima da mesa, coberta com toalhas, havia os seguintes objetos: uma bolsa com Corporal dentro, uma galheta com água, uma pequena toalha de linho, duas velas, uma em cada extremidade da mesa; uma fotografia de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira de um lado da mesa, tendo uma lamparina em frente; e uma outra fotografia, no outro lado da mesa, também com uma lamparina em frente, de Da. Lucília.

Ora, a *Idônea* reconhece que não é permitido

colocar imagens de tais pessoas [não beatificadas] ainda que não tenham tais adornos [auréola ou resplendor ou outra forma que excite a veneração e mova a prestar-lhes culto], em altares públicos ou privados; colocá-los em igrejas e oratórios, mesmo fora dos altares e separados das imagens dos Santos e Bem-aventurados. (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, p.211-213).

Quando contamos a Frei Vitorino Rodrigues, em outubro de 84, que havia esses altares com fotos de Dr. Plínio, ele nos respondeu que "não tinha importância". Que precisaríamos provar "que as fotos estavam nos altares para serem cultuadas".

[Scognamiglio o visitara, e depois soube que, durante a entrevista comigo, Padre Victorino se retirou, em certo momento, para conversar com Scognamiglio e receber orientação dele].

Um aluno sugeriu que respondêssemos ao ilustre canonista que as fotos provavelmente tinham sido postas no altar para adorná-lo.

As flores é que eram cultuadas.

## **B) Orações para Dr. Plínio**

Rezava-se a Dr. Plínio, quer diretamente voltado para ele quer voltado para suas fotografias

Como já dissemos, era absolutamente rotineiro que, no final das reuniões, se formasse um círculo de eremitas orantes, voltados para Dr. Plínio, rezando evidentemente para ele, e muitos deles dando as costas para a imagem de Nossa Senhora, que normalmente ficava fora do círculo.

Quando os padres de Campos - Pe. Olavo, Pe. Davi, Pe. Antônio de Paula -estavam em visita à TFP, João Scognamiglio Clá Dias segurava eremitas e "enjolras", para que não formassem o círculo de orantes em torno de Dr. Plínio. Mas, quando não havia visitas, João Scognamiglio Clá Dias se colocava dentro do círculo, de mãos postas, escandalosamente voltado para o Profeta, dando exemplo de como se devia rezar para ele.

Em dezembro de 1981, Plínio Vidigal Xavier da Silveira em conversa conosco reconheceu que este círculo de orantes em torno de Dr. Plínio era uma coisa errada, pela qual João Scognamiglio era responsável, e que seria corrigida. Entretanto, em julho de 1982, ele nos disse, que, se Dr. Plínio permitia que se fizesse o círculo de orantes em volta dele, era porque nisso havia algo de bom.

Também é público que, nas reuniões de recortes aos sábados, em Jasna Góra, os participantes faziam as orações iniciais e finais voltados escandalosamente para Dr.

Plínio, e não para a imagem de Nossa Senhora, que ficava no canto da sala, junto à janela.

Durante as missas, no auditório S. Miguel, os "enjolras" passavam todo o tempo olhando para Dr. Plínio, comentando os seus gestos e o seu aspecto. Vimos acontecer isso até durante a distribuição da comunhão. O próprio côm. José Luís Villac nos contou que notara isso, com desgosto.

O Sr. F. J.-F.-C. foi visto, em seu quarto, rezando o terço, com os braços em cruz, voltado para um retrato de Dr. Plínio e dando as costas para uma imagem de Nossa Senhora.

O eremita itinerante V. de S. G. foi visto, durante uma reunião no auditório S. Miguel, rezando para uma fotografia de Dr. Plínio que ele tinha nas mãos, enquanto o próprio Dr. Plínio estava dando a reunião.

Em Belo Horizonte, rezava-se o terço em conjunto, todos ajoelhados e voltados em direção a S. Paulo,-- como os muçulmanos para Meca --, e de costas para a imagem de Nossa Senhora.

Após a comunhão, eram muito mais numerosos os que faziam ação de graças em torno do troneto de Dr. Plínio, ou da fotografia de Da. Lucília, do que diante do Santíssimo Sacramento, ou da Imagem de Nossa Senhora.

Em uma reunião do Praesto Sum, João Scognamiglio Clá Dias contou que uma senhora, nos Estados Unidos, teria rezado para uma fotografia de Dr. Plínio, estampada no jornal Catolicismo, e assim recebido a graça pedida. Post hoc, ergo propter hoc. Daí Scognamiglio perguntar: "Se as pessoas fora do Grupo fazem isso, porque nós, do Grupo, não fazemos o mesmo?".

Disse então que era lícito rezar para uma pessoa viva já que S. Afonso dizia: "Se é lícito rezar para os mortos por que não para os vivos?".

A mesma argumentação - exceto a citação de S. Afonso - foi repetida pelo eremita N. T. C. para o Sr. Alberto L. Zucchi. João Scognamiglio Clá Dias reiterou essa defesa para V. O. e seus amigos em 1983.

E acrescenta João Scognamiglio que o confessor de Santa Catarina de Siena, certa vez, rezara para ela, enquanto ela ainda estava viva, e fora atendido. Então porque não se poderia fazer o mesmo para com Dr. Plínio? Depois, na "Idônea", o mesmo Scognamiglio escreveu que ao citar os casos dos santos não quis comparar Dr. Plínio com eles.

Ensina-se ainda na TFP que sendo Dr. Plínio um homem, ele é uma imagem de Deus mais perfeita do que o é a imagem milagrosa de Nossa Senhora de Fátima, que é de madeira. Logo, dever-se-ia preferir rezar e ter mais entusiasmo por ele do que pela imagem de Nossa Senhora de Fátima.

E no Praesto Sum, João Scognamiglio Clá Dias lamentava que na Igreja se tivesse criado o costume de só cultuar as pessoas já mortas, afirmando, contudo, que nada há contra o culto a um santo ainda em vida.

#### **a) As ladainhas do Profeta**

Corria entre os apóstolos-itinerantes da TFP uma "Ladainha do Profeta". O Sr. V. O. disse-nos que ele mesmo a rezara durante muito tempo. Das jaculatórias ou "quase-invocações" dessa ladainha ele se lembrava de uma: "gladius evaginatus" (gládio desembainhado).

Quando Dr. Plínio falou de nossa ruptura no Êremo do Praesto Sum, em 1983, o "eremita itinerante" V. de S. G. se levantou e confirmou que rezava essa "Ladainha do Profeta" e esclareceu que as invocações dela eram tiradas dos títulos que S. Bernardo

atribuíra a S. Elias, e que são citados à p.53 do livro do Prof. José Martini, "**Elias, o Profeta da Aliança**".

A "**Idônea**" confirma isso, e precisa que a Ladainha do Profeta remontava a 1972. Confessa ainda que "a transposição literal de algumas dessas expressões ao senhor, Dr. Plínio, é imprópria" (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, p.300) mas que "os rapazes que aplicaram ao senhor o texto em questão, impressionados certamente com a justeza de várias expressões, não advertiram a total falta de adequação de outras". (Idem, p.300). Reconhece ainda que alguns utilizaram "essas expressões às vezes também como fórmulas de impetração de graças para si mesmos". (idem, p.301). Gostaríamos de saber quais as invocações da ladainha do Profeta o "idôneo" Átila acha "perfeitamente justas e apropriadas a Dr. Plínio". Também gostaríamos de lembrar ao Sr. Átila Sinke Guimarães, que ele, como escravo de Dr. Plínio, provavelmente conhecia desde 1967 uma outra ladainha do Profeta, que, entre outras invocações chamava Dr. Plínio de "Vingador da Paixão de Cristo". Seria interessante que o público conhecesse as duas ladainhas do Profeta.

Que a TFP as publique.

Na íntegra.

#### **b) Oração dos Apóstolos-Itinerantes**

Os Apóstolos-Itinerantes da TFP rezavam a seguinte oração a N. Sra., pedindo união a Dr. Plínio: "Oh Senhora e Mãe, -[Nossa Senhora ou Da. Lucilia?] - que nos chamastes para ser na TFP, em relação a "Dominus Plinius", o que Eliseu foi para Elias, nós vos pedimos toda a fidelidade para com ele. Que este dia Vos seja apresentado em união com ele, de maneira a fazermos um só com ele, na união das cogitações e das vias para a vida e para a morte. Assim seja."

Consta ainda que esta oração foi composta pelo próprio Dr. Plínio, e o estilo é bem dele. [Note-se que com a doutrina pliniana da união dos eus, exposta no livro **Inocência Primeva**, essa oração fica mais clara].

#### **c) Oração do enlevo**

'Ó minha Senhora e minha Rainha, Mãe do Divino Enlevo, dai-me a graça de esquecer completamente a mim mesmo no supremo enlevo pelo Homem de Vossa Dextra." [Dr. Plínio].

#### **d) Oração dos Apóstolos dos Últimos Tempos**

É uma longa oração feita por Dr. Plínio a Nossa Senhora e a seu "Imaculado e Sapiencial Coração", da qual destacamos as seguintes frases: "(...) que essas virtudes que de Vós defluem e que Vós por excelência destes àquele que é nosso guia para Vós, [Dr. Plínio] (...) prepareis a minha alma por meio da correspondência às graças que nos dispensais através de Vosso Escravo, e Homem de Vossa Dextra" [Dr. Plínio] (...).

#### **e) Jaculatórias a Dr. Plínio**

Como vimos, no simpósio feito pelo Prof. Martini sobre o seu livro "**Elias, o Profeta da Aliança**", rezavam-se as seguintes jaculatórias: "Santo Elias, rogai por nós. Dr. Plínio, rogai por nós. Da. Lucilia, rogai por nós."

O Sr. V. O. nos afirmou que ouviu alguns membros da TFP intercalarem jaculatórias ou orações a Dr. Plínio e a Da. Lucilia na recitação do rosário.

#### f) **Confiteor para Dr. Plínio**

Em certas cerimônias, os eremitas rezavam o Confiteor prostrados diante de Dr. Plínio, para receberem dele a absolvição dos pecados, conforme declarou o eremita R. B. Antes da comunhão, usava-se a fórmula "et te Pater" do Confiteor para designar Dr. Plínio.

Os eremitas Humberto Braccesi e J. Scognamiglio declararam diante de várias testemunhas que Dr. Plínio conhece e perdoa os pecados dos membros do grupo. Os eremitas M. A. B. e R. B. declararam que Dr. Plínio tem o poder de perdoar pecados.

#### g) **Oração "O' Padre Eterno"**

O eremita W. B. contou, que quando reza a oração "O' Padre Eterno, eu vos ofereço pelas mãos de Maria Santíssima, o preciosíssimo sangue de Vosso Filho, etc.", aplica a palavra Filho a Dr. Plínio, e não a Cristo. Deste modo ele oferece a Deus o "preciosíssimo sangue" de Dr. Plínio, derramado num acidente automobilístico, e não o preciosíssimo Sangue que Cristo derramou no Calvário.

#### h) **Ação de graças**

João Scognamiglio Clá Dias recomendou que "ao fazer a ação de graças, após a comunhão, deve-se pedir que Dr. Plínio adore Cristo em nós, em nosso lugar".

E no texto sobre a comunhão usado pelos "enjolras" se lê:

"Pedir a Nossa Senhora que nos prepare para a comunhão, que nos obtenha a graça de fazer a preparação em união com ela **e com o seu profeta e nosso pai Elias**" (grifo nosso).

Eis aí um exemplo típico de texto "sublinhado". Pede-se a união com ... "Elias, profeta de Nossa Senhora", isto é, a Dr. Plínio.

[E essa era uma união mística tal qual foi exposta por PCO no livro Inocência Primeva]. Muitos rezavam a ação de graças, após a comunhão, diante de fotos de Dr. Plínio, ou ajoelhados diante de seu troneto, dando as costas à imagem de Nossa Senhora (como ocorre na sede da Rua Maranhão), ou em torno de sua "cama", em N. York, beijavam seus lençóis e cobertor, possivelmente, porque Dr. Plínio já os utilizara, em S. Paulo...

### C) **Cânticos**

#### **"O vos omnes"**

Durante anos se cantou o cântico de L. Vitória "*O vos omnes...*" no início das "reuniões de recortes", canção na qual se pergunta se se conhece dor maior do que a de Cristo ou de Nossa Senhora. Enquanto se cantava, todos ficavam de pé diante de Dr. Plínio, também de pé.

Ora, o eremita R. B. afirmou que esse cântico era de fato aplicado a Dr. Plínio, e não a Cristo. A mesma coisa foi dita pelo eremita R. G. para o Sr. Alberto L Zucchi, acrescentando que se começou aplicar este cântico a Dr. Plínio após o desastre automobilístico que ele teve, em 1975.

## “Lève Toi”

Nesse canto, se dizia que os dois poderes — a Igreja e o Estado — um dia, deveriam “lamber o chão” diante do grande vencedor da atual guerra profética, Dr. Plínio.

### D) Consagração como escravo a Dr. Plínio

Há quem tenha feito consagração a Dr. Plínio conforme o método de consagração a Nossa Senhora de S. Luís de Montfort, porque Dr. Plínio é a vontade de Nossa Senhora, e a verdadeira consagração à Virgem Maria exigiria a consagração a ele, como mediano e representante da Medianeira de todas as graças. Deste modo se explica porque muitas pessoas o chamam com tanta ênfase de Senhor ou Dominus e se digam "escravos de Maria".

Todos os membros da Sempre Viva se consagravam como escravos a Dr. Plínio, **a fim de se tornarem um com ele**, que era um com Cristo e com Maria. Daí, a crença da Sempre Viva de que fazer-se escravo de Plínio era fazer-se escravo de Maria.

Quando um membro da TFP se designava como “Este escravo de Maria” era para se entender que ele se tornara escravo de Plínio.

### E) Cerimônias para Dr. Plínio ou para suas fotografias

#### a) Cerimônia da "meta"

Essa cerimônia se realizava no Êremo da Divina Providência, encarregado de arrecadar donativos para a TFP, a fim de agradecer aos "santos padroeiros" da entidade - Dr. Plínio e Da. Lucília - a obtenção da meta de donativos fixada para o mês.

A cerimônia era realizada na capela do êremo, estando presentes, por vezes, o Sr. Caio Vidigal Xavier da Silveira e muitos eremitas vindos do S. Bento e do Praesto Sum.

Para realizar a cerimônia, retirava-se previamente da capela uma imagem de Nossa Senhora de Fátima que ficava normalmente ao lado esquerdo do altar, no qual se colocavam então fotografias de Dr. Plínio e de Da. Lucília, uma de cada lado do altar.

Os eremitas se postavam em frente do altar. Abria-se o sacrário e retirava-se o cibório. A seguir incensava-se o cibório e depois, na mesma cerimônia, e estando ainda o cibório sobre o altar, incensavam-se os retratos de Dr. Plínio e de Da. Lucília.

A "**Idônea**" conta a cerimônia de culto duas vezes e de forma diferente uma da outra (Cfr. **Refutação**, I vol, p.141 e 261-266).

Na p. 263, é citada a consulta que a TFP fez ao Pe Alonso Lobo. Lá se lê:

"Por nove vezes [só?] (...) estando o Santíssimo Sacramento presente no edifício em que residiam vários desses jovens incensou-se o Santíssimo" (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, Vol I, p.263) .

Não foi assim. O Santíssimo não esteve ocasionalmente no edifício em que residiam os jovens. O Santíssimo estava continuamente na capela do êremo da TFP, onde era realizada a cerimônia da Meta.

"Terminada esta cerimônia eucarística, foi incensada a fotografia da Senhora" (idem, R-Vol. I, p.263).

Não é verdade. O cibório continuava sobre o altar quando se incensava o retrato de Da. Lucília.

"Certa vez, esse ato se realizou encontrando-se em outra pequena mesa, situada nas circunstâncias acima descritas, a fotografia (do filho) dessa

senhora, que é pessoa de idade avançada e que ainda está vivo. Ele é uma pessoa muito respeitada por suas virtudes e, por isso mesmo, muito considerado pelos jovens". (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, Vol.1, p.263).

Repare-se o circunlóquio para não dizer que o retrato era de Dr. Plínio.

Não é verdade que foi "certa vez". Esta era uma cerimônia feita todos os meses, na Divina Providência; era também feita em outros êremos.

O velhinho "ainda... vivo" - e muito vivo - da fotografia era Dr. Plínio.

O Padre Alonso Lobo O.P., em sua resposta, só não condenou a cerimônia, porque se disse na consulta que "foram separados os dois atos de incensamento: um ao Santíssimo no Sacrário; o segundo à fotografia" (**Refutação-I**, p.265).

Ora, o Santíssimo não estava no Sacrário, nem os atos de incensamento foram separados.

E aconselhou o Padre, por prudência, a não mais incensar as fotos nem colocá-las no templo ou oratório (idem-I, p.266).

#### **b) Incensamentos de Dr. Plínio ou de sua fotografia**

O ex-eremita de S. Bento, D. J. P., relatou-nos que cerimônias semelhantes se faziam no êremo de S. Bento e no Praesto Sum. Também em N.York, ele assistiu à cerimônia em que se incensava o retrato de Dr. Plínio.

Nas conversações que manteve em 1983, V. O. ouviu João Clá confirmar que de fato em cerimônias do S. Bento e Praesto Sum se incensavam os retratos de Dr. Plínio e de Da. Lucília.

Umberto Braccisi confirmou que havia a Cerimônia da Meta e os incensamentos para Dr. Plínio, quando conversou com Giulio Folena em 1983. Também "Montfleury", em debate gravado em casa do Sr. O. R. confirmou a existência da Cerimônia da Meta e dos incensamentos, afirmando que tudo isto era lícito.

Além disso, nas missas solenes cantadas pelo côm. José Luís Villac no auditório de S. Miguel, assim como em cerimônias realizadas aos sábados à noite, era costume incensar Dr. Plínio pessoalmente, como se ele fosse um Bispo.

#### **c) Dr. Plínio centro das cerimônias e não Nossa Senhora**

Numa cerimônia realizada no auditório S Miguel, os eremitas de S. Bento e do Praesto Sum formaram uma farpa voltada para Dr. Plínio e não para Nossa Senhora, que ficou de lado, durante a cerimônia.

Dr. Plínio estava sentado num trono muito elevado, ao qual se subia por vários degraus, e sob um grande dossel vermelho. No final da cerimônia, ele criticou o fato de terem feito a farpa voltada para ele e não para Nossa Senhora. Fora "uma imprudência", disse ele. Não disse que fora uma coisa errada...

#### **d) Cerimônia do "corredor espanhol"**

O entusiasmo dos membros da TFP espanhola por Dr. Plínio acabou dando origem a uma "cerimônia" intitulada "corredor espanhol". Eles se postavam de joelhos, deixando aberto um corredor, para que Dr. Plínio passasse em sua cadeira de rodas e, então lançam-se sobre ele, beijavam o que conseguissem beijar: mãos, cadeira, pés, braços, rodas...

#### e) **Cerimônia de chegada e partida de Dr. Plínio nos êremos**

Quando Dr. Plínio chegava aos êremos de São Bento e do Praesto Sum, os eremitas o recebiam em cortejo, cantando o "Veni Sancte Spiritus".

Depois grita-se a ordem: "Em reverência ao Profeta, a-jo-e-lhar!"

Todos se punham com os dois joelhos no chão. O Profeta dava então a sua bênção (cumprimento ou recomendação, em código) dizendo ao traçar uma cruz:

"Benedictio Matris et Mediatrix nostrae omnipotentis descendat super vos et maneat semper".

Às vezes, depois da bênção, ele lançava uma maldição, traçando uma cruz menor e mais abaixo, e trocando, na fórmula acima, a palavra "Benedictio" por "Maledictio", para amaldiçoar inimigos muito especiais.

No Êremo da Divina Providência, depois que Dr. Plínio partia, os eremitas iam à sala capitular, e lá cantavam o "Magnificai" voltados em direção à fotografia de Da. Lucília, para agradecer-lhe a visita de seu profético filho.

#### f) **Paródias de homenagens papais a Dr. Plínio**

O ex-eremita J. R. Gh. contou a várias pessoas que houve no Êremo de S. Bento uma cerimônia em que Dr. Plínio foi transportado em Sedia Gestatória.

O Sr. H. H. viu, no Praesto Sum, a Sedia Gestatória - um trono colocado sobre um andor - num corredor, como se a tivessem usado há pouco tempo. O eremita M. G. teria contado a um doador de S. Bernardo que "agora havia uma Sedia Gestatória para Dr. Plínio".

O eremita R. G. relatou a cerimônia em que se levou Dr. Plínio em Sedia Gestatória ao Sr. Alberto L. Zucchi, e o próprio João Scognamiglio contou o mesmo para o Sr. W. L. Z.

Consta que se usam galhos para abanar e espantar mosquitos de perto de Dr. Plínio, nos dias de calor. Até aí nada demais, a não ser o calor. Criticável é o nome que se dá esses espanta-mosquitos ou abanadores. Os eremitas os chamam de **flabelli**, a exemplo dos usados na corte papai.

Em certas cerimônias, Dr. Plínio usava um manto enorme de vários metros de comprimento, em parte feito de peles, como se fosse uma capa de Cardeal ou de Bispo. Ele se defenderá, porém, dizendo que o manto é branco era apenas forrado de vermelho. Na TFP, era sempre assim: por fora era uma coisa, por dentro era outra.

Há também cerimônias - como a do crisma da vocação - em que as pessoas beijam os pés de Dr. Plínio. Aliás, tornou-se habito beijar os pés do Profeta, conforme reconheceu A. B. A. Quando se vai cumprimentá-lo, ou quando se recebe a sua bênção, beijam-se-lhe os pés.

Nos documentos que temos dos "chás do S. Bento", "Palavrinhas", etc. do "**Jour le jour**", lê-se que era costume dele rezar o Angelus do meio dia aparecendo numa janela ou sacada em cujo parapeito se colocava previamente um tapete, enquanto os eremitas ficavam em baixo, no pátio, respondendo o Angelus do Profeta, quais peregrinos na Praça de S. Pedro...

#### g) **Outros gestos cerimoniais de veneração**

Há todo um cerimonial complexo, nos êremos e no apartamento de Dr. Plínio, a ser obedecido quando ele está presente.

Assim, ao entrar na sala em que ele estava, ou ao passar diante dele, se era obrigado a fazer genuflexão igual à que se presta ao Santíssimo Sacramento, nas capelas.

Como vimos, quando Dr. Plínio recomeçou a andar, todos ficavam de joelhos à sua passagem, ao adentrar ele no auditório de S. Miguel. Depois, como alguém tivesse estranhado, isso foi proibido no auditório, mas continuou a ser obrigatório nos êremos.

Até diante de seus retratos se faziam vênias.

Nos cortejos cerimoniais Dr. Plínio era precedido por um eremita portando erguida uma espada desembainhada, além de alabardeiros e porta-espadas. Na porta da sala em que ele estava, dois alabardeiros - quais guardas suíços tupiniquins - se postavam de guarda.

É de se estranhar, depois disso tudo, que se o chame de **Sua Sacralidade**?

Fora de S. Paulo, ao se receberem telefonemas de Dr. Plínio, costumava-se colocar o retrato dele, ladeado de velas acesas, junto ao telefone, e todos ouviam o telefonema de joelhos.

## F) A Bênção do Profeta

Dr. Plínio costumava abençoar as pessoas, conforme já descrevemos. Mas não só as pessoas. Ele benzia também objetos (terços, medalhas, imagens, distintivos, livros, etc.) No *Imbróglio*, ele lembrou, que,

bem entendido, a bênção enquanto sacramental só pode ser dada por clérigos, mas os teólogos admitem também a existência além desta bênção, da bênção natural que os superiores religiosos não ordenados, ou as superiores religiosas, podem dar a seus subordinados (*Imbróglio* - pp. 317-318).

Aludiu ainda à bênção que os fazendeiros ou patrões davam a seus colonos e operários, à bênção dada ao cavaleiro quando de sua armação, mas acabava não dizendo em que caso se classificava a bênção dele.

Parece, pois, que se pretendia considerá-la apenas bênção natural, e não sacramental.

Mas, se fosse assim, como se explica que Dr. Plínio tenha sub-estabelecido várias pessoas para darem a bênção em seu nome?

Que saibamos, foram sub-estabelecidos para dar a bênção do Profeta: João Scognamiglio Clá Dias, Luiz Nazareno de Assunção Filho, Caio Vidigal Xavier da Silveira e Plínio Vidigal Xavier da Silveira, que nos contou ter sido incumbido de levar a bênção de Dr. Plínio ao camaldulense Paulo Campos, na sua fazenda em Mato Grosso. Outrora também o Sr. Martim Afonso Vidigal Xavier da Silveira dava a bênção, quando era chefe do êremo S. Bento; por isto o apelidavam de "o abade".

Segundo Scognamiglio, a bênção de Dr. Plínio tinha um efeito cumulativo, e, assim, seria conveniente recebê-la muitas vezes, num dia. Por isso, os pobres "enjolas" corriam de uma sede a outra, seguindo o perambular automobilístico do Profeta, para receber novas bênções.

Curioso que não se corria atrás das bênções do Padre José Luís Villac, como não se corria atrás de D. Mayer, para receber suas bênções que, entretanto, eram sacramentais. Dr. Plínio afirmava que é inteiramente lícito que ele desse a bênção. Contudo, se isto era assim, não se explicava porque ele procurava dá-la secreta ou discretamente, ou usando códigos quando a dava, por exemplo, ao entrar no auditório S. Miguel. Se ela fosse lícita, por que se usava código para designá-la (recomendações ou cumprimentos, no código do sublinha-mento significa bênção)? Nos êremos, havia escalação diária para ir receber cumprimentos (bênções de Dr. Plínio).

## G) "Relíquias" de Dr. Plínio

Num "**Jour le jour**", no Praesto Sum, Scognamiglio contou que Dr. Plínio lhe narrara que os alunos de D. Bosco costumavam entrar em seu quarto para pegar pedaços de suas camisas. E ainda contou que Dr. Plínio o advertira dizendo: "Não vá dizer isso aos "enjolras", porque senão vão invadir meu quarto".

Portanto, ele se julgava tão santo quanto Dom Bosco...

Proibido e feito. Scognamiglio contou.

No mesmo dia, dois "enjolras" foram surpreendidos pelo Sr. A. J., que relatou o fato, de que encontrara novatos no quarto de Dr. Plínio, pegando "relíquias" de uma blusa dele. (Será por isso que Dr. Plínio chamava Scognamiglio de "o fiel intérprete de seus desígnios"?). Desde então, camisas e gravatas velhas dele foram pegadas e guardadas como "relíquias" de um santo.

Desde então, quando Dr. Plínio jogava fora os lenços de papel perfumado (pochettes) que havia usado, os "enjolras" se precipitavam e se batiam para pegá-los e guardá-los como "relíquias do Profeta". Para evitar desordens, Dr. Plínio passou a ter o cuidado e a preocupação de entregar os lenços de papel usados ao seu secretário Fernando Antunes, que cuidadosamente os recolocava em seus invólucros plásticos, e depois os distribuía, piedosa e ordenadamente. Temos vários desses pochettes-relíquias enviados por eremitas para seus amigos nos EUA, [e que nos foram entregues por antigos devotos arrependidos].

Certa vez, o Sr. Júlio Lopes de Tejada, quando era "quidam" do grupo da Realeza de Nossa Senhora, dividiu uma toalha de Dr. Plínio em pedaços e os distribuiu como relíquias.

O eremita M.A. B. colocou uma toalha de mão para Dr. Plínio usar e, depois que ele a usou, guardou-a num saco de plástico para conservar como relíquia a "umidade do Profeta", que é bem mais fácil de detectar e conservar do que a humildade dele.

No final das reuniões, os "enjolras" corriam para rezar em torno do troneto de Dr. Plínio, e para colherem lá uma possível relíquia capilar caída do crânio já tão descalvado do Profeta.

Há ainda inúmeras tecas de relíquias com fios de cabelos dele e de Da. Lucília.

Um enjolras da Sede da Saúde, J. C., mostrou ao Sr. J. N. Z., na presença do Sr. A. B. A., uma teca contendo um fio de cabelo ruivo de Da. Lucília, e um fio de cabelo preto "do peito de Dr. Plínio". Relíquia que - ao que supomos - só ele mesmo pode ter concedido.

No Êremo de S. Bento, há um museu de relíquias de Dr. Plínio: peças ortopédicas de gesso, pesos que ele usou por causa de suas fraturas, cadeiras de rodas velhas, etc.

Um dia, após um jantar, o Sr. Umberto Braccisi entusiasmado exclamou: "depois desse jantar, dever-se-iam guardar os ossos do frango que ele comeu".

E lá começou o culto ao frango sagrado, qual boi Ápis moderno.

Em N. York, guardavam-se como relíquias do Profeta suas luvas, chapéu, muletas e as fotos de Nossa Senhora, que ele osculara.

Eram disputados como relíquias dele até os frascos de loção ou de perfume que ele usara. Os Srs. W.L.Z. e Alberto L. Zucchi viram o Sr. O. G. dar um desses frascos, como presente, a um jovem francês.

Como nós mesmos vimos, na cômoda do eremita R. T. - o Perereca- em N. York, em meio a objetos de piedade, uma relíquia incrível: um resto de sabonete usado pelo Profeta de Higienópolis.

Certo dia, no Êremo da Divina Providência, Dr. Plínio deixou um resto de leite num copo. Então um "enjolras" (Altamir) concentrou-se diante do copo com o resto de leite,

colocou as mãos postas como em oração, e tomou o leite que sobrara. Depois, permaneceu em recolhimento como que em "ação de graças". Isto foi feito diante de dois eremitas, Norio Nakamura e Edimar, tendo este último procurado explicar e justificar a atitude do "enjolras", dizendo: "O leite sobrou. Não era de ninguém. Ele podia tomá-lo".

Temos relíquias que nos foram dadas por ex devotos de PCO. Nós temos relíquias de Plínio doadas por ex devotos do Profeta, para quem queira ver: pochettes usadas, restos de sabonete usados, tecas com cabelos, e algumas tecas com unhas do Profeta.

Cada unha!...

## H) As peregrinações

Em 1975, Dr. Plínio sofreu um terrível acidente automobilístico na estrada entre Jundiá e Itatiba

Ele mesmo afirmou que toda a vida espiritual dos membros da TFP estava relacionada com o desastre dele, em 1975 (na TFP não se diz que foi um acidente e sim um desastre, pois a palavra acidente implica em ausência de mérito).

Veja-se o que diz o Profeta, segundo Scognamiglio:

Dia 3 (3 de fevereiro de 1983) ele foi após o SD [Santo do Dia] para o SB [São Bento] e disse que ele se preocuparia com a nossa vida espiritual, se nós não pensássemos que de fato tudo veio do desastre. Mas que ele, diante de Deus, é obrigado a se por o problema se o desastre não foi por imperfeições dele. (JJ-Telefonema de Scognamiglio aos EUA - 06.02.83).

E ainda:

Ele diz que muitas vezes por respeito, por condescendência, etc. reconheceu que o desastre de automóvel que ele sofreu foi um desastre com o qual ele expiou por nós (...) Eu estou agüentando para que lhes sejam abertas as coisas, como por ex. o Cap. [Capítulo de Culpas]. (Ele com isso reconhece que o Cap. vem da graça do desastre) [Palavras de J. Scognamiglio] para que afinal ouçam as coisas, ouçam as verdades (JJ-Telefonema de Scognamiglio aos EUA - 06.02.83).

Desde há alguns anos, pois, começaram a se fazer peregrinações a pé até o local desse acidente automobilístico "expiatório", a mais de 60 km de S. Paulo.

Alguns eram obrigados a fazer tal peregrinação por penitência; outros a faziam por devoção. Outros por regime, para emagrecer. Era para unir o piedoso ao útil. M. G, a fazia uma vez por mês, mas não conseguia a graça de emagrecer (aos gordos não se permitia o uso do hábito de eremita, por razões de estética...). Há quem faça a peregrinação, jogando pétalas de rosas do túmulo de Da. Lucília a cada km. percorrido. No dia 23.05.83, o Sr. V. O. teve um encontro com Dr. Plínio no Êremo de S. Bento. Ao sair de lá, um grupo de "enjolras" ajoelhou-se em torno da cadeira de rodas do Profeta e lhe comunicou que ia fazer uma peregrinação, a pé, até o local do seu acidente, dizendo-lhe que sua intenção era: "Para que cresça cada vez mais a glória do Senhor (Dr. Plínio) na terra".

## I) A glória de Dr. Plínio

Outrora, a finalidade do Grupo era defender a Igreja e a Fé contra o comunismo, buscando a glória de Deus e de Nossa Senhora.

A nova TFP sectária tem por finalidade a glorificação de Dr. Plínio. Scognamiglio rezava publicamente "pela glorificação da causa de Nossa Senhora", isto é, pela glorificação de Dr. Plínio, pois quando ele falava da causa de Nossa Senhora, ele apontava para o retrato do Profeta.

Paulo Corrêa de Brito insinuou certa vez que a finalidade interna da TFP era glorificar Dr. Plínio. E diz-se claramente que a mensagem de Dr. Plínio contra Mitterand visava não tanto derrubar o governo socialista francês, quanto tornar o nome de Dr. Plínio conhecido até os confins da terra.

A ânsia de glorificar o Profeta foi ao ponto de considerar e arquivar entre os "Feitos do Profeta da dextra de Maria Santíssima em 1977" o seguinte fatinho: "Dr Plínio teve uma inflamação no dedo do pé esquerdo" – Oh!.

## 9 – Culto e Orações para Dona Lucília

Trataremos dessa questão apenas de passagem.

Dr.Plínio organizou um culto para sua mãe, Dona Lucília, em primeiro lugar, por causa da estranha união que havia entre ele e ela. Ele a identificava com Nossa Senhora, e chegou a dizer que, rezando a Salve Rainha, confundia uma com a outra. Além disso, ele considerava que entre o eu dele e o eu de Dona Lucília havia uma “união incorporante”, mais do que moral ou mística, dizia-se, uma “união ontológica”.

Em terceiro lugar, o culto para ela preparava e reforçava o culto para ele mesmo.

Neste livro, trataremos apenas de alguns pontos do culto a Dona Lucília na TFP, culto ordenado por Dr. Plínio, e insuflado e propagado até o fanatismo, por João Scognamiglio Clá Dias, que manobrava seus eremitas a comporem orações para Dr. Plínio, para Dona Lucília, --e agora, entre os Arautos e Joanettes, ladaínhas e orações para ele, o “padrinho”, o “santaço” das joanetes.

Dr. Plínio rezava publicamente para sua mãe, voltado para o retrato dela, e fazia outros rezarem com ele para Dona Lucília.

Depois que sua mãe faleceu, todos os dias, antes de sair de sua casa, ele ia rezar para ela no quarto dela, onde ele mandou conservar todas as coisas como ela deixara ao falecer. Esse quarto era chamado na TFP, “o Santuário de Dona Lucília”. Antes de ir dormir ele ia de novo a esse quarto, rezando lá jacultórias para Nossa Senhora que ele, depois, repetia para Dona Lucília, dizendo para sua própria mãe, Lucília:

“Auxilium Christianorum, ora pro nobis”.

“Refugium peccatorum, ora pro nobis”

“Consolatrix afflictorum, ora pro nobis.”

Naturalmente os exemplos arrastam.

E arrastam até à loucura.

E eis a loucura a que se chegou.

### 1) – O “Ave Lucília, cheia de graça...”

Esse culto culminou na elaboração de uma paródia da Ave Maria para Dona Lucília assim como numa Ave Maria parodiada para Dr. Plínio (Ver mais adiante).

Claro que esse culto e essas orações absurdas eram mantidas ocultas dos membros comuns da TFP e do grupo de Catolicismo. Nunca soubemos disso até 1979, quando o jornal *O Estado de São Paulo* noticiou que, num relatório publicado na França por um ex tefepista francês (sr. Robert Joyeux) se denunciava a existência de uma escandalosa paródia da Ave Maria rezada em honra de Dona Lucília pelos tefepistas, na França, que a haviam aprendido, quando tinham vindo ao Brasil.

Dr. Plínio logo tentou abafar a questão, negando a existência dessa paródia, delirante, absurda e sacrílega.

A TFP respondeu ao Rapport Joyeux por meio de um livro intitulado muito propriamente de “*Imbroglia, Détraction, Délire*”, publicado apenas internamente na entidade. A autoria do livro era assumida pelos dirigentes da TFP francesa, mas o autor, sabia-se muito bem na TFP, o autor era o próprio Dr.Plínio. E o livro era propriamente um ...Imbroglia...

Nesse livro, Dr. Plínio afirmou:

“(...) após uma cuidadosa investigação entre os jovens da TFP, Dr.Plínio nega categoricamente a existência da excêntrica “Ave Lucília” à qual se refere o Rapport” (*Imbroglia, Detraction, Delire*, editado e impresso pela Association Française pour la Defense de la Tradition, Famille Propriété, Asnières, 1er trimestre de 1980, p. 298).

Ora, como soubemos de fontes seguras e com documentos assinados, a Ave Lucília existia, e era rezada pelos eremitas de João Scognamiglio. Dr. Plínio então não dizia a verdade sobre ela.

Em carta escrita nessa ocasião, respondendo a *O Estado de São Paulo*, Dr. Plínio classificou a “Ave Lucília” como “uma transposição absolutamente absurda da Ave Maria”, e declarou: “Acerca dessa transposição, pelo mais extremo escrúpulo de precaução, investiguei se porventura era adotada nas fileiras da TFP. E posso responder que não”. (Plínio Corrêa de Oliveira, **Carta a O Estado de São Paulo**- 15- 08- 1979). De novo, para falar de modo respeitoso, Dr.Plínio faltava com a verdade. O contrário do que ele dizia é que era verdade.

Prova disso é que, no livro escrito contra nossa pessoa e editado pela TFP, o senhor Átila Sinke Guimarães, em 1984, acusou-nos de “fazer reviver uma falsidade já publicamente desmentida: a existência, nos círculos da entidade, de uma absurda Ave Lucília” (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, p. 232).

Mas , duas páginas depois, na página 234 desse mesmo livro, o mesmo “idôneo” Átila, fanático de Plínio Corrêa de Oliveira, a ponto de julgar que Deus estava mais presente em Plínio do que na sarça ardente, tese que ele pretende defender e vencer Moisés, no céu, escreve que a “falsidade”, de fato, existira, pois, em 1978, “Uns cinco ou seis, segundo outra versão maximalista, dez membros da TFP francesa rezaram a Ave Lucília” (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustra*, p. 234).

E já na página seguinte, o mesmo “idôneo” Átila escreveu:

Isso que se descobriu mediante cuidadosa investigação feita a pedido do Senhor [Dr. Plínio], entre os remanescentes da **École Saint Benoît**, não foi dado à luz porque o senhor queria poupar o jovem, possivelmente inocente, que fizera aquilo por irreflexão ou por extraagência pessoal, explicável por sua idade (16 anos). (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustra*, p. 235).

O “idôneo” Átila procura então salvar Dr. Plínio pego em flagrante contradição, e em escandalosa negação da verdade:

“Conviria dar de público todas essas minuciosas explicações? Judiciosamente o senhor [Em seu livro, Átila se dirige a Dr.Plínio] julgou que não era o caso. Pois iria atrair a atenção dos leitores para uma bagatela [sic], com prejuízo do principal. O senhor teria mentido omitindo essas explicações? Omitir não é mentir, como ensina São Tomás (Cfr. São Tomás, *Suma Teológica* 2-2, 111,2, ad 4). O episódio, isolado e restrito, e que cessara completamente há cinco meses, autorizava a afirmar que **não**

**existia** na TFP” (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustra*, p. 235).

Não se tratava de dar minuciosas explicações.

Era obrigatório ter dito a verdade, desde o princípio. E a “idoneidade” de Átila e da TFP ficam comprovadas pelo princípio absurdo de que “omitir não é mentir”. E a “idoneidade” de Átila, de Plínio, e da TFP não ficam salvas pelo recurso à citação da Suma de São Tomás.

Plínio então não mentiu.

Omintiu.

[ E essa omintissão permitiu que na Europa, até hoje, ele seja apresentado como **II Crociato del século XX**].

E Átila assim prosseguiu sua tentativa de provar que omitir não é mentir, que “não” equivale a “sim”:

“Por cautela, o senhor, Dr. Plínio, ordenou uma investigação análoga na TFP brasileira, tendo-se apurado a total inexistência dessa oração, em qualquer tempo, no Brasil” (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, p. 235).

Na página 258 de seu livro, Átila, com toda a “seriedade” repete a frase de Plínio no *Imbroglio*, negando “**categoricamente**” a existência da “Ave Lucília”, e, na página 258, Átila fala da “*inexistência*” da “Ave Lucília”.

De modo que tal oração era uma “**falsidade**” na página 232, falsidade que “*existiu*” na página 234, mas que “**não existia**” na página 235, que Dr. Plínio “*negava categoricamente*” na página 238, e que se tornou “*inexistente*” na página 258 do livro da TFP contra nós, livro assinado por Átila Sinke Guimarães.

Essa é a “idoneidade intelectual” de Átila, de Dr. Plínio e de João Scognamiglio. Após a publicação do livro *Refutação a uma Investida Frustra*, **cuja leitura recomendo vivamente**, um ex eremita do Êremo de São Bento, sr. D.J.P. nos deu o seguinte documento assinado:

Eu, Dorival José Pereira, R.G. nº 9.834.389, declaro para o bem da verdade que, quando vivia no chamado Êremo de São Bento da TFP, corria lá entre os eremitas que a rezavam a seguinte paródia da Ave Maria, aplicada a Dona Lucília:

Ave Lucília, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto de vosso ventre, Plínio.

Santa Lucília, Mãe de dr. Plínio,/

Mãe do Profeta do Reino de Maria,/

Mãe da Igreja (fórmula de um enjolrras [novato] de Niterói, eremita no São Bento)/ rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, e também na hora da Bagarre, oh minha Mãe. Amén.

Esta oração apareceu depois na França.

Que eu saiba, no Brasil, rezavam-na os eremitas Walmir Bertoletti, Marco Antonio Boldrini, Ricardo Gaspar, o rapaz de Niterói, e eu mesmo a rezei algumas vezes.

Quando tive que datilografar a maior parte do *Imbroglío* da TFP ao Rapport Francês, fiquei escandalizado e chocado com a negativa categórica de dr. Plínio de um fato que existira realmente. Falei sobre isso com o sr. Caio Vidigal Xavier da Silveira que me disse: “Como estávamos em luta com os inimigos da Igreja, era legítimo negar o fato”.

“São Paulo, 13 de Julho de 1987

Assinado Dorival José Pereira

[Trinta anos depois, em 2009, tivemos ocasião de ler, num foro de ex tefepistas argentinos, um depoimento de um ex eremita de Scognamiglio, comprovando que a Ave Lucília existia mesmo , que era conhecida e rezada pelos eremitas dirigidos por João Scognamiglio Clá Dias:

Acusaciones del Prof. Fedeli (OF)

OF intercambió misivas con el DP [Dr. Plínio] sobre cosas q[eu] ocurrían en el grupo. Una de ellas era la devoción a Dona Lucíla (señora contra quien no tengo absolutamente nada). El DP hizo hacer una investigación e hizo una reunión solemne en el mismo SB [êremo de São Bento], según dijeron, en el último piso del predio nuevo (yo era camaldulense, no estuve en la reunión, pero oí las cintas donde el DP narra esto a los de la Pará, Martin y O.I. [grupos da Rua Pará, da Rua Martim Francisco, e da Ordem Imediata]). Hizo hacer un juramento solemne a los eremitas allí presentes, q declararan sub grave, es decir, bajo pena de pecado mortal, si habían realizado algún culto a la Sra. Da Lucilia o si sabían de la existencia del mismo en aquél ámbito. Todos dijeron –bajo juramento – que no había habido el tal culto.

Al salir de la reunión, Fernando A.[ Fernando Antunes, secretário de Dr.Plínio], que empujaba la silla [cadeira de rodas de dr. Plínio], comentó medio en chiste: “Acho que varios aquí vao ter q ver o sr. Cônego (José Luis) hoje”. (1 testigo ocular me lo contó y después FA [ Fernando Antunes] me lo confirmó en Amparo)

(Testemunho de Júlio Lopes de Tejada, no foro de ex tefepistas mantido por Alfonso Becar Varella, em 22/Oct/2009 14:56 GMT:

(<http://extfp.mforos.com/1791911/9074334-para-joao-luiz-vidigal/>)

[Como explicar tanta falta de veracidade de Dr.Plínio e dos eremitas da TFP, até jurando, e sub grave?

Pois se não seremos julgados pela “Tabela dos dez mandamentos”, e se a “Inocência primeva não se perde nem sob um mar de pecados”, então, pode-se mentir e jurar à vontade,... se for “para o bem da causa”.Sendo pelo bem da causa de Nossa Senhora, isto é, “se for por Dr. Plínio”, podia-se mentir à vontade].

Foi com essa veracidade que foi escrita a auto biografia de Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, o promotor do culto patológico a Dr.Plínio e a Dona Lucília. É assim que ele, como prometeu, está enganando, “passando uma rasteira nos Cardeais da estrutura”. Isto é enganando a Santa Sé, e querendo enganar a própria Igreja.

Pois foi nos quarenta anos surrupiados escandalosamente de sua autobiografia de Superior dos Arautos que ele insuflava fazer ladainhas e paródias da Ave Maria para seus “santos”: Dr. Plínio e Dona Lucília].

## 2) – A Ladaíinha de Dona Lucília

### a) – Histórico da questão, segundo se contava na TFP.

Constava que, em 1977 (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, pp. 239 e 242), quando se planejou a constituição do êremo Praesto Sum, dois postulantes a eremitas—Valmir Bertolletti e Nelson Tadeu Costa, antigos alunos nossos, desviados, como centenas de outros, pelo atual Monsenhor Scognamiglio para cultuar Dr. Plínio e sua mãe Dona Lucília--, fizeram uma ladaíinha para Dona Lucília, pedindo-lhe que realmente se instituísse esse êremo. Eles teriam prometido que, se alcançassem essa graça, através de Dona Lucília, eles passariam a rezar diariamente, e por toda a vida, a ladaíinha que eles mesmos teriam composto em sua homenagem e culto.

A graça rogada a Dona Lucília foi-lhes logo concedida por Dr. Plínio... Nada como ser parente de uma santa: o êremo do Praesto Sum foi logo erigido.

Para compor a ladaíinha para Dona Lucília, os dois “agraciados” juntamente com D. J. P., S. C., e outros se reuniram e foram “jogando frutas no tacho”. Isto é, foram compondo as jaculatórias à medida que se inspiravam...nos textos do MNF, que João Scognamiglio ia lhes expando. E a cada aula, a inspiração deles aumentava, tanto que logo tiveram um tacho cheio de delírios. Exatamente na terminologia pliniana. As palavras de Scognamiglio no Jour le Jour do profeta foram-lhes bem inspiradoras. E o livro Inocência Primeva explicita várias jaculatórias da ladaíinha de Dona Lucília, que associam essa senhora à geração dos flashes, e a apontam até, como Mãe da Trans Esfera.

Logo, quem fez realmente a ladaíinha de Dona Lucília foi quem explicou aos eremitas manobrados as conferências super discretas da Sempre Viva, explicando a alta metafísica pliniana sobre os flashes, os seres ab aeternos trans-esféricos, e como olhar os semáforos de São Paulo para se alçar até a Trans-Esfera pliniana.

Teria sido João Scognamiglio o inspirador da Ladaíinha de Dona Lucília? Ou ele só substituiu Dr. Plínio na inspiração aos eremitas que a “compuseram”?

Claro que o mais provável foi que Dr. Plínio mandou que Scognamiglio sugerisse aos eremitas que fizessem a Ladaíinha de Dona Lucília. Esse tipo de manobra era a que Dr. Plínio chamava de “manoelização”, isto é, usar alguém para fazer o que se desejava que fosse feito, ficando a responsabilidade nas costas de outro.

Em quarenta surrupiados anos, Scognamiglio fez tanta coisa...

Até curso de Direito ele teria feito. E estudado Direito Canônico e Moral...

Direito... Justiça... Moral...

Coisas com que, nos tais quarenta surrupiados anos de sua auto biografia, ele nunca se importou...

Depois...

Depois, ficou rico.

Riquíssimo.

Pois fez voto de pobreza.

Dextera eorum repleta est muneribus...

Dr. Plínio não só inspirou intelectualmente a ladaíinha de Dona Lucília mas até deu o exemplo que impulsionou a fazê-la, pois as palavras convencem, mas os exemplos arrastam. Se Dr. Plínio era visto rezando para a foto dela e fazendo paródias de jaculatórias de Nossa Senhora para a sua própria mãe, Lucília, como estranhar que seus discípulos o seguissem nesse culto delirante.

O quilate dessas “piedosas” jaculatórias Átila o deixa entrever ao escrever: “(...) nem sempre as fórmulas de invocação foram felizes ou adequadas, razão pela qual nos casos pertinentes, o senhor as desaconselhou ou proibiu” (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, p. 242).

Eis a confissão de que Dr. Plínio aprovou então as jaculatórias que ele julgou “adequadas e felizes”.

Fora no final de 1977, que dois eremitas brasileiros montaram a ladainha com a colaboração de outros. É o que diz Átila (Cfr.Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, p. 239 e 242).

Átila diz que encontrou uma cópia dela em princípios de 1978 (Cfr. Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, p. 243). E na página 243 desse mesmo livro, ele diz que a ladainha continuava a ser rezada pelos eremitas em Julho e Agosto de 1979.

Em Setembro de 1979, Átila diz que apresentou a ladainha a Dr. Plínio, que a proibiu então em 25 de Novembro de 1979 (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, p. 244).

Como, então, depois que os tefepistas juraram que a ladainha não existia, e que não havia culto a Dona Lucília?

Como Dr. Plínio garantiu que não havia atos de culto a Dona Lucília?

E Dr.Plínio garantiu isso no livro *Imbroglío* publicado no primeiro trimestre de 1980 (**Imbroglío, Detraction, Delire**, editado e impresso pela Association Française pour la Defense de la Tradition, Famille Propriété, Asnières, 1er trimestre de 1980, p. 298).

Constituído o êremo do Praesto Sum, a Ladainha de Dona Lucília se difundiu entre seus moradores e seus frequentadores, e depois se espalhou por todo o grupo, como confessa Átila.

Foi um sucesso.

Mas de publicação “restrita”... aos iniciados.

Parâmica...

Temia-se a “máfia” -- o grupo dos murmuradores e opositores ao espírito pliniano—isto é os fedelianos, a “inimica vis”, com diziam, os “fumaças”...

Por isso, quando os eremitas saíam dos êremos, por ordem da Comissão São Pio V dirigida por Átila, eram obrigados a deixar, na portaria do êremo, as cópias dessa Ladainha, eles que juraram não haver atos de culto a Dona Lucília.

O bibelótico Átila - ele se vestia e andava aristocrático como um bibelot do século XVIII, e lia encantado os **Miseráveis** de Vitor Hugo—escreveu “*le plus sérieux du monde*”, isto é, com a maior cara de pau, que “Tudo se passou sem conhecimento nem estímulo de qualquer pessoa com cargo de direção na TFP” (Átila Sinke Guimarães, **Refutação a Uma Investida Frustra**, vol. I, p. 243).

Scognamiglio não tinha cargos de direção na TFP. Ele dirigia os êremos e a iniciação na Sempre Viva. Átila não mentiu. Omintiu. Era assim que a restrição mental era particada na TFP, “locus” sociológico civil da invisível “Família de Almas” que era a Sempre Viva.

As “pessoas com cargo de direção na TFP” só ficavam sabendo o que se fazia de errado, lá dentro, depois que os fatos ficavam sendo conhecidos, aqui fora...

Diz Átila que foi só

(...) em princípios de 1979 que encontrei um papel com essa ladainha e vivamente desagradado com a impropriedade de várias expressões, apresentei-a ao senhor [Dr. Plínio]. O senhor imediatamente criticou as invocações mais disparatadas, e determinou que eu retirasse a ladainha—[que não existia] – de circulação. Assim tomei as providências adequadas

junto aos encarregados dos diversos grupos. (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, vol. I, p. 243).

Só que...

Só que o próprio Átila conta que...

Ao senhor João Clá — é o Scognamiglio — mais especialmente incumbido do êremo Praesto Sum, o senhor [Dr. Plínio] **devolveu a ladainha**, dizendo que, por ora, para não contundir o entusiasmo dos fogosos, mas irrefletidos jovens que a haviam composto, cancelassem as invocações mais extravagantes, que o resto o senhor estudaria depois. A multidão de ocupações em que o senhor estava o fez esquecer o assunto. (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, vol. I, p. 243. O destaque é nosso).

E a Ladainha proibida, estudada e esquecida, vicejou. Mas Dr. Plínio poderia jurar sobre os Evangelhos que proibira a Ladainha de Dona Lucília.

Sincero, não?

Cômodo e astuto, não?

Mas serpentinamente execrável.

Desse modo, Scognamiglio pode dizer no Praesto Sum que a Ladainha de Dona Lucília fora corrigida e aprovada por Dr. Plínio.

Quando em fins de 1979 apresentamos a Dr. Plínio um relatório delatando o culto a Dona Lucília e inclusive denunciando a Ladainha de Dona Lucília, Dr. Plínio negou que a conhecia. E ele já a conhecia. Negou que a corrigira. Negou que a permitira. Negou tudo isso diante de quatro testemunhas.

Ele criticou, diante de nós e de mais três alunos nossos, a Ladaínha de Dona Lucília, e proibiu **tê-la**. Proibiu tê-la...

Quem a soubesse de cor...

Enérgico, Scognamiglio vociferou no êremo:

“Se alguém tiver essa ladaínha e não a devolver em vinte e quatro horas, será considerado um traidor”.

Todos entenderam que tinha vinte e quatro horas para decorar a Ladaínha de Dona Lucília.

Engenhosos, não?

Já Dante, na Divina Comedia, atribui à Fraude um rosto sereno e sério. E tivemos provas de que a ladaínha continuou a ser rezada por toda a parte na TFP. E finalmente Scognamiglio viajou à Espanha e conseguiu a aprovação parcial da ladainha por meio de pareceres de famosos teólogos, moralistas e canonistas. Foi com eles que Scognamiglio aprendeu Moral e Direito. Está na auto biografia dele. Eis a Ladaínha de Dona Lucília aprovada — com algumas leves restrições por Padre Victorino Rodriguez, após visita de Scognamiglio a ele:

**b) - DOCUMENTO I – Carta de Orlando Fedeli a Dom Mayer**

São Paulo, 26 de Outubro de 1983.

Excia. Revma.

D. Antônio de Castro Mayer,

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Quero lhe apresentar uma ladainha feita na TFP para Dona Lucília Corrêa de Oliveira, a fim de pedir-lhe sua opinião a respeito dela.

c) **-Ladainha de Dona Lucília**

Kyrie, eleison.

Christe eleison.

Kyrie, eleison.

Christe, audi nos

Christe, exaudi nos.

Pater de coelis, Deus, miserere nobis.

Filii Redemptor mundi, Deus, miserere nobis.

Spiritu Sancte, Deus, miserere nobis.

Sancta Trinitas , unus Deus, miserere nobis.

Dona Lucília, rogai por nós.

Manguinha , rogai por nós.

Mãe do Senhor Doutor Plínio, rogai por nós.

Mãe do Doutor da Igreja, rogai por nós.

Mãe de nosso Pai, rogai por nós.

Mãe do Inefável, rogai por nós.

Mãe de todos nós, rogai por nós.

Mãe dos Séculos futuros, rogai por nós.

Mãe do Princípio axiológico, rogai por nós.

Mãe do Temperamento de Síntese, rogai por nós.

Mãe de toda a pureza, rogai por nós.

Mãe da Trans-esfera, rogai por nós.

Mãe da Seriedade, rogai por nós.

Mãe da Contra-Revolução, rogai por nós.

Restauradora dos temperamentos, rogai por nós.

Fonte de luz, rogai por nós.

Geradora da Inocência, rogai por nós.

Conservadora da Inocência, rogai por nós.

Consoladora do Senhor Doutor Plínio, rogai por nós.

Mediadora do Grand Retour, rogai por nós.

Mediadora de todas as nossas graças, rogai por nós.

Aurora do Reino de Maria, rogai por nós.

Dona Lucila do Sorriso, rogai por nós.

Dona Lucília dos Flashes, rogai por nós.

Flor mais bela entre todas, rogai por nós.

Refugium nostrum, rogai por nós.

Consolatrix nostra, rogai por nós.

Auxilium nostrum na Bagarre, rogai por nós.

Causa de nossa perseverança, rogai por nós.

Vaso de lógica, rogai por nós.

Vaso de Metafísica, rogai por nós.

Mártir do isolamento, rogai por nós.

Rainha do sofrimento sereno, rogai por nós.

Rainha do jeitinho, rogai por nós.

Rainha da serenidade, rogai por nós.

Dona Lucília, mãe e senhora nossa, ajudai-nos.

\*Dona Lucília, nossa maior medianeira ante Nossa Senhora, ajudai-nos.

\*: (Jaculatória acrescentada após as denúncias contra a ladainha).

--Rogai por nós, ó Mãe do Doutor da Igreja.

-- Para que sejamos dignos das promessas do senhor Doutor Plínio.

Memorare

Lembraí-vos, ó piíssima Dona Lucília, que nunca se ouviu dizer, etc.

--X--

Pergunto a Vossa Excia.:

- 1- Essas orações são lícitas ou contrariam o código de Direito canônico ?
- 2- Elas estão de acordo com a doutrina da Igreja?
- 3- Podem-se atribuir títulos exclusivos de Nossa Senhora a qualquer pessoa ?
- 4- - Isso está de acordo com a prática e o espírito da Igreja ?

Pedindo seu autorizado parecer, despeço-me rogando-lhe a sua bênção. Orlando Fedeli

**d) - DOCUMENTO II--Resposta de Dom Mayer**

“Sobre a Ladainha acima, de Dona Lucília, devo dizer:

1- Jamais soube de sua existência. Só agora tomei dela conhecimento, e mesmo assim, indiretamente.

2- Considerada em si mesma, ela desconhece várias determinações da Santa igreja, contém erros contra a Fé; envolve, em conseqüência, graves conseqüências negativas para a piedade dos que dela se utilizam habitualmente.

a. ela constitui um pio exercício de culto a pessoa nem canonizada, nem beatificada, condições que devem ser tomadas em consideração mesmo em exercício de culto privado;

b. Atinge a blasfêmia, uma vez que atribui a outrem invocações com que a santa Igreja engloba prerrogativas para destacar a excelência do culto singular da santidade da Mãe de Deus;

c. Várias das invocações envolvem graves erros contra a Fé. Assim chamar a Dona Lucília a fonte da Luz (a luz por excelência é Deus Nosso Senhor), Medianeira de todas as nossas graças, e outras. – o mesmo se diga das prerrogativas atribuídas ao correlativo dessas invocações, como “inefável”( só Deus); Doutor da igreja( como se fora “o” Doutor da igreja.

d. É prejudicial aos que dela fazem uso, sobretudo habitual, pois, insensivelmente vão deformando conceitos próprios de verdades da Fé, como a onímota transcendência de Deus, estrutura da Santa Igreja, lugar único de Maria Santíssima no plano da redenção, etc.

Respondendo às perguntas finais:

À 1ª. A ladainha não é lícita, contraria o Direito canônico;

À 2ª., não;

À 3ª., não;

À 4ª., não.

Campos, 4 de Novembro de 1983, São Carlos Borromeu, Doutor da Igreja.

Antonio de Castro Mayer, Bispo.

Segue-se à assinatura o seguinte texto manuscrito:

Documentação canônica que cauciona minhas observações:

a. advertência geral, cânon 1261, § 1º.

b. ladainhas precisam de aprovação mesmo para culto privado: cânon 1259, § 2º, ver comentário da BAC.

c. Culto só a pessoas canonizadas ou beatificadas: cânones 1255 a 1256.

d. Perigo aos fiéis: cânon 1261, § 1º. In fine.

Dispensamo-nos, para ganhar espaço e tempo, de analisar essa loucura, que a TFP defendeu com unhas e dentes, e para a qual conseguiu pareceres favoráveis de Padre

Victorino Rodrigues O.P. e que não encontrou na defesa da ladainha feita pela TFP “*nenhum erro teológico moral ou canônico*” (Átila Sinke Guimarães, *Refutação a Uma Investida Frustrada*, vol. I, p. 394 e p. 396).

A Ladainha de Dona Lucília, por si mesma, aos olhos de qualquer pessoa de bom senso, é escandalosa. E então fica a pergunta: como uma oração tão esdrúxula obteve um parecer não condenatório de um frade de notável saber?

Scognamiglio sabe explicar como conseguiu isso. E o terá que explicar esse escândalo diante de Deus.

E più non dico...

## CONCLUSÃO

Assim, cremos ter provado:

1. Que havia na TFP um culto para Dr. Plínio difundido por João Scognamiglio Clá Dias, o escravo Plínio Fernando, hoje padre, Cônego de Santa Maria Maior, condecorado e doutorado summa cum laude... pelo Angelicum;

2. Que as teses desse culto são delirantes;

3. Que várias manifestações deste culto são ridículas e fanáticas; 4. Que o próprio Dr. Plínio patrocinou seu culto, e o fez organizar e difundir por meio de João Scognamiglio Clá Dias.

É claro que esse culto continuou a existir secretamente entre os Arautos do Evangelho, que durante anos negaram saber quem era Dr. Plínio e o que era a TFP, os Arautos que são a casca canônica por trás da qual se esconde a serpente da Sempre Viva.

Resta saber se esse culto, que a TFP disse ser legítimo, deve ou não ser condenado pela Igreja, visto que pelo bom senso, ele é, além de herético, sem dúvida, psicopático.

Com a palavra os teólogos e canonistas.

E mais ainda os psiquiatras.

Que hoje infelizmente, são menos tortuosos e suspeitos do que certos teólogos.

E, se esse culto é ilegítimo e delirante, se as doutrinas de Plínio que o fundamentaram são gnósticas, aberrantes, raiando o patológico, como o hoje riquíssimo e louvadíssimo Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias goza de tantas honras eclesiais?

Que a Santa Sé se pronuncie.

## Documento III- Carta de Plínio Xaver Vidigal da Silveira ao Núncio Apostólico, Dom Lorenzo Baldissieri, acusando João Scognamiglio Clá Dias

TRADIÇÃO - FAMÍLIA - PROPRIEDADE

São Paulo, Domingo de Ramos, 2004.

Excelentíssimo Senhor

Dom Lorenzo Baldissieri

DD. Núncio Apostólico no Brasil

Brasília DF

COPIA

Excelência Reverendíssima,

Tomo a liberdade de escrever a V. Excia. em nome dos sócios fundadores e membros do Conselho Nacional da SOCIEDADE BRASILEIRA DE DEFESA DA TRADIÇÃO, FAMÍLIA E PROPRIEDADE - TFP, dos quais tenho a honra de fazer parte.

Atingidos pelos efeitos de desconcertante decisão judicial que determinou a substituição da diretoria da TFP por outra, eleita em assembleia absolutamente irregular promovida por um grupo de sócios efetivos dissidentes, hoje dirigentes ou membros da associação internacional de fieis Arautos do Evangelho, viemos colocar V. Excia. a par de fatos

que supõem desconhecidos dessa Nunciatura Apostólica e dos Dicastérios Romanos que têm a seu cargo velar pelo adequado comportamento das associações de fiéis.

Até o presente momento, vínhamos preferindo manter-nos silenciosos a respeito de tais fatos, na esperança de que certos comportamentos pouco condizentes com a condição de católicos, sobretudo quando pertencentes a uma associação internacional de fiéis de direito pontifício, viriam a ser corrigidos por membros do Clero brasileiro e da Cúria Romana com os quais entraram em estreito relacionamento.

Transcorrido um tempo largamente suficiente para que não se possa deduzir um propósito revanchista de nossa parte, pela presente pedimos vênias para abrir nosso coração a V. Excia. enquanto representante de S. S. João Paulo II no Brasil.

Com efeito, nossa associação que, em mais de quarenta anos de luta tem prestado insígnis serviços à causa da Civilização Cristã no Brasil, vem sendo alvo, há mais de seis anos, de uma inexplicável operação difamatória empreendida por dirigentes e membros dos Aautos do Evangelho, por via sobretudo judicial, visando ostensivamente a demolição da TFP.

Para isso, não hesitam eles sequer em atacá-la pela grande imprensa, tirando até, para isso, largo proveito de seu reconhecimento pontifício como garantia de boa conduta e como meio de insinuar que seus superiores eclesiásticos de tutela, seja no Brasil, seja na Cúria Romana, respaldariam esses ataques gratuitos.

Desse modo, cada dia resulta mais difícil para a TFP brasileira impedir que milhares de seus simpatizantes fiquem com a dolorosa impressão de que altos Prelados estariam aprovando essa ação demolidora dos Aautos do Evangelho contra antigos irmãos de ideal que continuam a lutar, leal e denodadamente, em defesa dos princípios da Civilização Cristã.

Nada pleiteamos, aqui, pelo simples fato de terem os atuais dirigentes dos Aautos do Evangelho dissentido da direção da TFP brasileira após o falecimento do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira. Tampouco pretendemos julgar suas intenções, que só Deus conhece inteiramente.

Relevamos apenas que a agressividade fratricida dos Aautos do Evangelho contra a diretoria da TFP provém unicamente do fato que ela recusou mudar a orientação traçada à entidade por seu saudoso fundador há mais de quarenta anos.

Tendo por isso entrado em dissidência, em lugar de exercer aquilo que um juiz de São Paulo descreveu, em sua sentença, como "o sagrado direito de retirada", o Sr. João Clá Dias e demais dirigentes dos Aautos do Evangelho, optaram por uma surpreendente via conflitual.

Seria como se os capuchinhos ou os conventuais, depois de fundados, adotassem como uma de suas prioridades a destruição dos franciscanos. Ou como se a obra de Schönstatt, após ter sido reconhecida canonicamente, quisesse derrubar os Pallottinos.

Quando, na Santa Igreja, alguma nova instituição impôs a si mesma, como uma de suas finalidades, a destruição do tronco de onde proveio? Não é isso particularmente chocante no atual Pontificado, cujo espírito tem sido caracterizado precisamente por uma paternal preocupação de acolher, na vida da Igreja, os novos carismas laicais com que o Espírito Santo tem favorecido a Santa Igreja?

Esse espírito de abertura de S.S. João Paulo II tem, aliás, faltado no procedimento dos dirigentes dos Aautos do Evangelho para com a TFP.

V. Excia. pode facilmente constata-lo pela simples enumeração da verdadeira Via Sacra judiciária que nossa entidade vem sendo obrigada a percorrer nos últimos anos por causa das ações judiciais movidas por dirigentes e pessoas ligadas aos Aautos do Evangelho:

1. Processo na 3ª Vara Cível de São Paulo, destinado a obter uma série de medidas que resultariam no controle judiciário da entidade, assim como a modificação de seus estatutos; tal modificação visa obter o direito de voto de todas as categorias de sócios nas assembleias gerais, o que, pensam eles, lhes daria maioria para controlar a associação.
2. Uma centena de processos trabalhistas nos quais pedem indenizações milionárias - que levariam a TFP à falência - pelos anos que colaboraram com as atividades societárias, segundo eles não como voluntários, mas como meros funcionários ligados por vínculo empregatício. Tendo eles, no processo cível acima mencionado, alegado o contrário - ou seja, que mereciam direito de voto nas assembleias da entidade precisamente por terem colaborado como voluntários denodados - foi fácil à TFP ganhar a quase totalidade desses processos apenas mostrando a incongruência e a má-fé de tal procedimento.
3. Denúncia reiterada em juízo, oportuna et inopportuna, contra a direção da TFP por suposta dilapidação do patrimônio social. Na verdade, foram os atuais dirigentes e membros dos Arautos do Evangelho que provocaram o déficit de mais de R\$ 6.000.000 nas contas da TFP, por eles propagado. Com efeito, mais de setecentas cartas comprovam que, entre julho e outubro de 1998, milhares de doadores da TFP foram visitados pelos atuais membros dos Arautos do Evangelho e induzidos - na base de calúnias do mais baixo soez contra nossos diretores - a suspender sua colaboração para a TFP, de preferência transferindo seus donativos para a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima, por eles criada. Essa operação provocou cortes de donativos mensais implicando prejuízo acumulado, até hoje, de mais de R\$10.000.000,00 na receita da entidade.
4. Registro sub-reptício na Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Perú e Uruguay, de nomes, marcas e símbolos que pertencem, por direito, à TFP brasileira (notadamente o lema, a sigla TFP e o símbolo do leão rompante), pois que por ela usados há mais de quarenta anos. Tais registros foram efetuados com o evidente intuito de impedir seu uso pelos sócios e cooperadores fiéis aos tradicionais objetivos das respectivas TFPs, já que, após fazerem tais registros, seus atuais proprietários jamais deles se serviram.
5. Registro fraudulento, feito pelo Sr. João Clá Dias em nome próprio, de pretensa autoria do desenho do hábito de gala idealizado pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira e confeccionado sob sua direta orientação, hoje usado indevidamente pelos Arautos do Evangelho - com pequenas modificações - em suas aparições públicas. Há processos correndo, a esse propósito, no Brasil, no Equador e nos Estados Unidos. Contrariando a verdade mais elementar e suas próprias palavras em várias palestras (há fitas em nosso poder, à disposição da justiça), o Presidente Internacional dos Arautos do Evangelho e vários de seus membros têm prestado a respeito falsos testemunhos diante da justiça e de órgãos de registro de marcas.
6. Processo civil movido por hoje importantes próceres dos Arautos do Evangelho para impedir a distribuição de algumas dezenas de milhares exemplares de separata da revista Catolicismo contendo o relato das aparições a Santa Catarina Labouré, sob pretexto de pretensos direitos autorais sobre a obra, com pedido indenizatório. Comprovada a falsidade das alegações dos autores do processo, foram suas pretensões inadmitidas pela justiça.
7. Queixa-crime contra dois diretores e dois beneméritos sócios da TFP brasileira por suposto desvio de donativos recebidos pela entidade em benefício pessoal, do qual serão fornecidos detalhes mais adiante.
8. Denúncia caluniosa por suposta publicidade fraudulenta feita a organismo de defesa dos consumidores (PROCON).

9. Queixa-Crime movida pelo Sr. João Clá Dias contra diretor da TFP por pretensão crime de calúnia.

10. Representação criminal contra S.A.I.R. o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança por imaginária tentativa de "atropelamento" de mulher ligada aos Arautos do Evangelho .

11. Falsa e descabida denúncia à policia de que um atual membro dos Arautos do Evangelho estaria seqüestrado numa das mais importantes sedes da TFP em São Paulo, provocando a invasão da mesma por policiais armados, até mesmo de metralhadoras. O suposto seqüestrado sequer encontrava-se dentro da sede, pois dela se ausentara, como fazia todos os dias.

12. Três processos cíveis que, para além da repercussão financeira, revelam a singular falta de escrúpulos do Sr. João Clá Dias e seus colaboradores. Neles, cobram da TFP o pagamento de aluguéis relativos a período em que os imóveis em questão - dois deles constituem a sede central dos Arautos do Evangelho e pertencem a dirigentes ou amigos dessa instituição - estavam sendo ocupados pelos próprios dissidentes, como já foi formalmente reconhecido em ao menos um desses processos.

O verdadeiro intuito dessas ofensivas judiciais dos Arautos do Evangelho contra a nossa entidade não escapou ao tino do juiz que presidiu a apuração do pretensão desvio de fundos atribuído a dois diretores da TFP brasileira em queixa-crime apresentada pelo Sr. José Maria de Aquino, Coordenador Geral das campanhas da Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima.

Trechos relevantes da respectiva sentença merecem ser transcritos. Para serem devidamente avaliados, contudo, convém conhecer, ainda que sumariamente, as circunstâncias do caso.

Até alguns anos atrás, a precariedade das leis que regulavam o funcionamento das associações sem fins lucrativos não permitia que uma entidade como a TFP fornecesse a seus cooperadores voluntários mais do que uma pequena bolsa de sustento, que não cobria qualquer gasto extra (uma enfermidade ou hospitalização, a substituição de um terno rasgado num tombo na rua, alguma necessidade de ordem familiar, como a de uma mãe doente, etc.). Para enfrentar situações desse gênero, foi pedido a certos doadores mais próximos da entidade -- um dos quais o próprio Sr. Aquino - que passassem a dirigir seus donativos, não para a pessoa jurídica TFP, mas sim para uma conta destinada a atender a tais necessidades, aberta originariamente em nome de Dom Antonio de Castro Mayer e, após sua ruptura com a TFP, em nome do Pe. Antonio Paula da Silva, então amigo de nossa entidade e hoje ligado aos Arautos do Evangelho . Essa Caixa das Aflições, como era conhecida, constituía-se, assim, num verdadeiro caixa de socorro da "TFP Família de Almas", entidade de fato que reunia os voluntários colaboradores da entidade a tempo integral, a respectiva administração sendo feita por um diretor, conhecedor das necessidades de seus membros, o Dr. Eduardo de Barros Brotero.

Alegando nunca ter doado para tal caixa de socorro, mas sim para a TFP pessoa jurídica - o que, diga-se de passagem, foi incapaz de provar em juízo - o Sr. Aquino apresentou queixa-crime contra dois diretores e dois sócios da TFP.

O Sr. Aquino foi ainda mais longe: como seria difícil explicar a denúncia contra membros da TFP, simples procuradores do Pe. Antonio Paula, e não contra ele mesmo, titular da conta bancária em cuja movimentação teria ocorrido o pretensão desvio, não hesitou o denunciante em incluir entre os denunciados o mencionado sacerdote; se bem que lhe tenha assegurado, como ficou demonstrado na instrução do processo, que contra ele não haveria, contudo, qualquer condenação.

Após mais de dois anos de exaustiva investigação e oitiva de numerosas testemunhas, o juiz exarou sentença da qual extraímos os seguintes trechos:

"Se se exprimir todo o conjunto probatório existente nestes autos, que demandou laudas e laudas de depoimentos judiciais, não se encontrará nada, absolutamente nada que comprometa quaisquer dos réus, mesmo o réu [padre] Antonio Paula, que foi "usado" pela dissidência da "TFP" [...]

"O que houve, o que há, visivelmente, é uma dissidência política no seio da "TFP", que gerou a presente farsa, farsa porque, em doze autos deste processo--crime, o que se constata, a olhos vistos, lamentável e tristemente, é uma sucessão de mentiras, algumas absurdas" [...]

"É dos autos, é da prova oral judicial, é da prova documental, que após [...] a morte do fundador da "[...] TFP", [...], muitos dos seus membros se tornaram dissidentes e nada obstante, formalmente, tivessem continuado como membros da "TFP", na prática, passaram a agir contrariamente aos interesses da própria "TFP" [...] com uma gama sem igual de ações judiciais - trabalhistas, cíveis e criminais - que intentaram, ao longo de tempo, ou contra a própria "[...] TFP" ou contra alguns dos seus membros mais proeminentes, ficando claro, nas entrelinhas, que o que se objetivava, com o uso do Poder Judiciário, era levar a "TFP" às barras dos Tribunais, por extensão, obter espaço na mídia, por fim último, desmoralizar, quando não, menoscar a honra dos membros da "TFP", atingindo, em última análise, a própria "[...] TFP". [grifos nossos].

Após mostrar o caráter escandaloso do fato dos dirigentes dos Arautos do Evangelho terem "usado" o Pe. Antonio Paula para atingir os dirigentes da TFP, protesta o juiz contra o fato de um sacerdote prestar-se a esse jogo e "ser conivente com esse tipo de coisa, para os católicos apostólicos romanos, pecando, pecando de modo assombroso e participando da presente fraude processual".

Motivo pelo qual, o juiz não somente absolveu os dirigentes da TFP réus no processo das imputações penais que lhes foram feitas, mas enviou os autos ao Ministério Público para, eventualmente, processar o Sr. José Maria de Aquino, pois "não se pode descartar por parte da testemunha José Maria, arrolada pela acusação, a prática, em tese, do crime previsto no art. 339 do Código Penal, denúncia caluniosa".

Quando o processo estava em curso, e ainda que cientes do caráter calunioso dessas denúncias, não hesitaram os membros dos Arautos do Evangelho em difamar publicamente os referidos diretores da TFP.

Num panfleto distribuído nas ruas de Campos RJ, datado de 9 de janeiro de 2002 - no qual, aliás, escondem a própria face, já que o assina apenas um de seus dirigentes locais, Sr. Hailton Ferreira da Silva -, publicam uma foto do Dr. Plínio Vidigal Xavier da Silveira com a legenda "Diretor da TFP, processado por apropriação indébita", e outra do Dr. Eduardo de Barros Brotero com a legenda "Presidente em exercício da TFP, processado por apropriação indébita".

E mais. Esse mesmo panfleto estampa duas fotos do Sr. João Clá Dias aos pés de João Paulo II, e outras duas que mostram membros dos Arautos do Evangelho na Basílica de São Pedro e em Santa Maria Maior, abusando assim de sua condição de associação internacional de fieis para achacar a TFP e seus diretores.

Esse nos parece ser o aspecto mais perturbador do modo de proceder de atuais dirigentes e membros dos Arautos do Evangelho e, em particular, do Presidente Internacional, Sr. João Clá Dias: uma singular falta de escrúpulos para, sem pudor, mentir, até na imprensa e diante dos tribunais, na medida em que isso possa ser útil para atingir seus objetivos; como se o fim justificasse o emprego de qualquer meio.

Mesmo com o risco de cansar V. Excia. com o que poderá parecer uma interminável ladainha de lamentações, pedimos vênia para relatar alguns outros fatos que comprovam essa triste realidade:

Alguns hoje membros dos Aautos do Evangelho, quando ainda faziam parte da TFP e detinham funções no setor financeiro e contábil da associação, efetuaram, em total desrespeito das regras e procedimentos de controle interno, o pagamento de R\$112.500,00 (cerca de US\$130.000,00 dólares, na época), a título de honorários advocatícios, a profissional absolutamente desconhecido da TFP. Coincidentemente, o pagamento da primeira das três parcelas que perfizeram tal montante foi efetuado cinco dias antes do ajuizamento da ação judicial por meio da qual vêm pretendendo assumir o controle da entidade; as outras duas, 30 e 60 dias depois...

Quando os dirigentes dos Aautos do Evangelho ainda faziam parte dos quadros da TFP mas já tinham, à sorrelfa, criado a Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima (organismo que os sustenta financeiramente), apropriaram-se eles de um fichário de perto de dois milhões de nomes de simpatizantes e contribuintes da TFP brasileira, e deles fizeram largo uso em seu benefício e em prejuízo da TFP.

O mesmo ocorreu com a TFP francesa: membros dos Aautos apropriaram-se de seu fichário e o utilizaram fraudulentamente para visitar aderentes da TFP com a finalidade de a denegrir. Um pedido de busca e apreensão, concedido por um magistrado de Toulouse, permitiu que, em 12 de janeiro de 1999, uma intervenção policial na sede da associação local por eles fundada comprovasse a prática do referido delito.

Um espesso livro branco seria necessário para conter todo o volume de documentos em nosso poder que tristemente comprovam outras manobras do mesmo naipe: apropriação de bens alheios - incluída a subtração de objetos pessoais do apartamento do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, aproveitando encontrar-se ele agonizante no hospital ! -, espionagem por meios espúrios, concorrência desleal, sem falar da duplicidade em suas relações com as autoridades eclesíásticas.

**A tudo isso se soma uma chocante brutalidade no trato com pessoas que ousem atravessar seu caminho e pôr obstáculos a seus desígnios.**

**Um exemplo eloqüente dessa brutalidade é a gravação magnética, em nosso poder, de uma mensagem deixada pelo Sr. João Clá Dias, no dia 15/10/96, na secretária eletrônica de um dirigente da TFP americana, após medida de cautela adotada pelos dirigentes desta última durante a derradeira visita do Sr. João Clá Dias àquela entidade: a proibição a meninos de tomarem atitudes de veneração em relação ao Sr. João Clá Dias que pudessem ser malevolamente interpretadas por terceiros como manifestações de excessiva familiaridade.**

**Nessa gravação, de onze minutos, ele prometia, aos berros, "virar a mesa e pôr fogo na casa" se os membros daquela TFP continuassem a criticar seus métodos de apostolado: "Quero tocar meu apostolado sem que ninguém me amole", dizia. Senão, "eu ponho a casa para baixo ! eu ponho fogo em tudo" (fita nos nossos arquivos).**

**Fato similar deu-se em duas longas conversas telefônicas, ambas em data de 28 de outubro de 1996, com o Sr. Fernando Antúnez Aldunate, antigo secretário do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, a respeito de desavenças do Sr. João Clá Dias com o Sr. Mario Navarro da Costa, diretor do bureau das TFPs em Washington. Depois de repetir mais de dez vezes a ameaça de "matá-lo a tiros" e depois ir "passar contente o resto de sua vida na cadeia", o Sr. João Clá Dias asseverava:**

**"Eu até já tenho plano na cabeça : eu pego um avião e lhe deixo uma bala no peito, e irei para a cadeia. Pelo menos, eu faço reunião para os presos. Ele que tenha o**

**direito de discordar de mim que eu tenho o direito de meter uma bala no peito dele. [...] Eu queria nadar no sangue dele, isto sim !"** (documento nos arquivos).

**O conhecimento pelo público católico de um tal conjunto de atitudes contrárias à Moral e à ordem legal, certamente produziria enorme perplexidade no espírito dos fiéis. Sobretudo por envolver uma associação que goza de reconhecimento canônico e do beneplácito de diversas autoridades eclesásticas.**

Ademais, esse público não deixará de se perguntar a quem aproveita essa guerra de demolição de que é vítima a TFP. Pois sua virulência e amplitude são demasiadamente grandes para serem interpretadas como apenas uma revanche pessoal do Sr. João Clá Dias por não ter conseguido arrebatá-la, em 1997, o controle da TFP brasileira.

Quem se obstina a derrubar um porta-estandarte faz frente comum com os inimigos da causa que esse estandarte representa. E o público católico, com a sagacidade própria do brasileiro, dar-se-á conta de que os beneficiários da ofensiva anti-TFP dos Arautos do Evangelho serão setores ideológicos ligados à esquerda, desejosos de promover no Brasil a revolução social de estilo cubano desejada pelo MST e seus congêneres. Esquerda essa que goza do apoio de conhecidos setores eclesásticos e de diversos prelados ainda saudosos da Teologia da Libertação e, por isso mesmo, acerbos inimigos da TFP.

Esse mesmo público não poderá deixar de se perguntar: Os dirigentes dos Arautos do Evangelho não estarão agindo, voluntária ou involuntariamente, como uma longa manus dessa ala progressista da Igreja brasileira que, há já cinquenta anos, teima em agitar o campo a ferro, fogo e sangue e que, para ter as mãos livres, quer agora eliminar a TFP?

Essa pergunta tem todo cabimento, pois se for permitido à esquerda católica paralisar a TFP, uma singular novidade terá entrado no panorama religioso brasileiro : a ruptura do equilíbrio que a Santa Sé vem procurando manter, particularmente no atual Pontificado, entre setores progressistas e conservadores.

V. Excia. pode estar segura de que, mesmo nessas circunstâncias em que a TFP brasileira encontra-se atada à coluna da flagelação e recebe os açoites, não das mãos de inimigos inveterados mas de antigos companheiros de ideal, os Diretores-Conselheiros da TFP brasileira que represento, assim como seus sócios, cooperadores e centenas de milhares de correspondentes-esclarecedores e simpatizantes, continuarão a lutar sem hesitação em defesa da Civilização Cristã, sob o mesmo estandarte e com a mesma fidelidade à Santa Igreja que lhes deixou como legado seu ilustre fundador.

Auspice et afflante Beata Maria Virgine, não deixarão eles de amar, pensar e fazer, com os meios a seu dispor, exata e precisamente o que sempre amaram, pensaram e fizeram, particularmente nesta hora em que nosso amado Brasil atravessa um dos períodos mais críticos de sua história.

E não duvidamos que essa é também a resolução das demais associações autônomas que continuam fiéis à inspiração de Plínio Corrêa de Oliveira em mais vinte países.

Queira V. Excia nos conceder sua benção episcopal e aceitar nossos respeitosos cumprimentos pelo sucesso de sua delicada missão, representante que é do Vigário de Cristo em nossa querida terra brasileira.

In Jesu et Maria,

Plínio Vidigal Xavier da Silveira

#### **Documento IV – Ladainha para João Scognamiglio Clá Dias**

Duvida: Caro sr. Fidelii.

Peço apenas que não cite meu nome em hipótese alguma. o senhor sabe pq!

SS = Senhor Sacral, isto é, dr. Plínio.

SDP = Senhor Doutor Plínio  
SDL = Senhora Dona Lucília  
RCR= Revolução e Contra Revolução.  
Ladainha do Sr. João Clá (Para recitação privada)

João, o ilustre  
João, o arqui-eremita  
João de infatigável zêlo e de indestrutível amabilidade  
João, que tocou o olifante de uma Contra-Revolução interna  
João, dotado pela Providência de um carisma especial  
João das réplicas  
Modelo de entusiasmo  
Modelo de dedicação  
João que vai para frente onde percebe que SS está sofrendo  
João das boas surpresas  
João que fala com discernimento dos espíritos  
João que completa o SDP  
Incomparável João Clá  
Insostituível João Clá  
Infatigável João Clá  
Admirável João Clá  
Filho modelaríssimo do Senhor Doutor Plínio  
Cicerone do Senhor doutor Plínio  
Fator de união com o Senhor Doutor Plínio  
Instrumento abençoado do Senhor Dr. Plínio  
Bastão da velhice do Senhor Dr Plínio  
Causa de imensa alegria para o Senhor Dr Plínio  
João que encaminha os outros para o fundador  
João que tem carisma especial para transmitir o fundador  
Condestável do Senhor Dr. Plínio  
Cirineu de Seu Senhor Sacral  
General do Senhor Dr. Plínio  
Por quem o SDP agradece a Nossa Senhora por tê-lo posto nas falanges dEla,  
ao alcance de seu afeto e de seu zelo, nós vos rogamos ouvi-nos!  
Crivado de antipatias por glorificar a SS  
Alter ego do SDP  
Auxiliar de ouro do SDP  
Herança da SDL deixada para o SDP  
Recompensa da SDL à dedicação de seu Filhão  
Filho especialmente querido pela SDL  
João que obtém que o coração da SDL toque o nosso  
Filho dileto da SDL  
Legado da SDL  
Orientador das almas  
Fundador da escola pliniana  
Inimigo dos inimigos de SS  
Modelo de humildade  
João que não bebeu a taça da carreirosa mundana  
João que aceitou seu sofrimento e valeu-lhe mais do que qualquer  
apostolado

Modelo de entusiasmo  
Modelo de afeto  
Modelo de amor  
Modelo de dedicação infatigável  
Observador atentíssimo das grandezas de SS  
Fator que evita ensabugamentos  
João de admirável fervor  
Alegria de todos  
Jó que sofreu e foi provado  
Chama de fervor  
Fundador dos êremos  
Facho de luz do qual vive a TFP  
Exímio quebrador de friezas  
João de confiança excepcional  
João, feroso, submisso e muito valente  
Homem do imprevisto  
Próto-apóstolo da RCR  
Mestre do apostolado  
Fonte de alegria  
Fonte de esperança  
Místico do SDP  
João de vocação especialíssima  
Torre de qualidades  
Grande inquisidor  
Enfant gatê de Providência  
Grande lutador do SDP  
Filho da fidelidade  
João que está confirmado na vocação  
Modelo de virtude  
Brilhante cruzado espanhol  
João que aceitou e padeceu aquilo que tinha de padecer sem uma queixa  
João que representa a fidelidade do SDP a ele mesmo  
Por quem o SDP agradece a Maria Santíssima todo o bem que ele fez à causa

Non est inventus similis illi  
Homem do imprevisto  
Próto-apóstolo da RCR  
Mestre do apostolado  
Fonte de alegria  
Fonte de esperança

## SEXTA PARTE – A SEMPRE VIVA

JC [O atual Monsenhor, e Doutor pelo Angelicum, João Scognamiglio Clá Dias], baseado no princípio dos círculos concêntricos dado por Dom Chautard em seu magnífico livro “A alma de todo apostolado”, reúne um grupo de ‘fervorosos’, ou como você muito bem classificou em um de seus posts, um grupo de ‘dictadores do bom espírito’. João Clá notificou da iniciativa a Zayas, a Kallás, ao Dr. Duca, os irmãos João Carlos e Celso Luis, e a mim, que éramos os quidams [dirigentes] dos grupos dos que tinham sido selecionados os integrantes do grupinho.

Alguém fez algum reparo sobre a iniciativa, e JC [João Clá] respondeu: o SDP [Senhor Doutor Plínio] está sabendo disso. Ele aprova. A ‘bucha’ [A Burschenschaft, sociedade secreta brasileira fundada por Júlio Frank] usa esse método desde os tempos de Moisés (ainda que nessa época não se chamasse bucha). Ela o usou contra Nosso Senhor, ou os srs. pensam que aqueles judeus fariseus que acusavam Nosso Senhor perante Pilatos não faziam parte de um grupo organizado? O mesmo se fez na Revolução Francesa e daí para fora. Se a revolução usa, porque nós não usaremos? Sejam astutos como a serpente...”

O grupinho ficou assim oficializado. E começou a atuar. JC [João Clá] no PS [Praesto Sum, êremo da TFP] deu uma reunião – de treinamento–para mostrar aos entrosados como se podia fazer uma dupla leitura do que se dizia numa reunião qualquer e como se podia passar uma prancha [ordem secreta] em um plenário alheio ao grupinho. Explicando desse modo para os não entrosados inclusive, certas coisas. Que ele por falta de tempo, algumas vezes deveria passar as ‘pranchas’ [ordens em código] assim, em plenário”.

(<http://extfp.mforos.com/1791911/9074334-para-joao-luiz-vidigal/>)

Palavras de Julio Lopes Tejada dirigidas a João Luiz Vidigal (*carteio via e-mail – foro de discussões*).

Confissão de Dr. Plínio.

**“Quando se demonstrou que uma associação é estruturada conforme o detestável princípio do segredo e das iniciações, pode-se “supor tudo a seu respeito”**

(Plínio Corrêa de Oliveira, Fundador da seita secreta *A Sempre Viva*, in *Imbroglia, Détraction, Délire*, Ed. Tradition, Famile Propriété, Asnières, França, 1980, vol. I, p. 160)

### 1- TFP, Arautos e Sociedade Secreta

Termos em código, temas “parânicos”, doutrinas reservadas a serem mantidos em segredo, organização em círculos concêntricos, tudo isso indicava que, por trás da TFP, como agora entre os Arautos do Evangelho, devia haver, e há, uma sociedade secreta.

Seguidores de Plínio não admitem que a Sempre Viva fosse uma sociedade secreta; ela teria sido uma “Família de Almas” totalmente desconhecida dos demais membros da TFP, mera sociedade civil, dentro da qual vicejava escondida uma sociedade parasita e... tão secreta quanto um câncer.

Dr. Plínio fora aluno dos jesuítas, no Colégio São Luis...

Desde os primeiros anos de sua atividade como líder pseudo católico, Plínio organizara seus grupos sempre tendo internamente um grupo secreto que controlava um círculo maior dos ingênuos. Assim, em seu primeiro grupo de seis pessoas, ele organizara uma sociedade secreta, que ele chamara de *A Anônima*, formada por quatro elementos. Por isso, o “Idôneo” Átila Sinke Guimarães escreveu:

‘Essa sociedade civil [a TFP] com objetivos claros e definidos, teve origem pela ação natural das circunstâncias em uma família de almas na qual uma semente de perfeição religiosa havia caído, já há muito tempo, mas ainda hoje não germinou inteiramente, nem definiu ainda os seus contornos.

“Com efeito, desde os primórdios dessa família de almas, pelos idos de 1930, e já no Grupo dos Congregados Marianos do qual resultou mais tarde a fundação ad TFP (26 de Julho de 1960), havia entre seus membros um pendor de alma muito frequente, que consistia na aspiração de transformar-se em um instituto religioso, ou de entrar em bloco em algum instituto já existente, cuja família de almas fosse afim com a sua” (Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 158).

“Família de Almas” será a expressão para designar, em código, a Sempre Viva, e por extensão designava também as sociedades secretas anteriores que Plínio fundara desde os anos de 1930, entre os Congregados Marianos que reunira.

Seu grupo inicial permaneceu longo tempo muito reduzido, um tanto estranho, e muito reservado. Ele inicialmente fazia reuniões na Rua Martim Francisco, onde morava o Cônego Antônio de Castro Mayer. Depois, ao receberem dois apartamentos num edifício da Rua Vieira de Carvalho, doados a eles, depois da morte de um membro do grupo inicial, este passou a se denominar corriqueiramente como o grupo da Vieira de Carvalho. Como na Maçonaria, se designam as lojas com o nome de Loja da Rua Tal, assim também sempre foi costume na TFP: as várias sedes sempre eram designadas como grupo da rua Tal ou da rua Tal outra. E sua gíria interna sempre teve termos usados na Maçonaria.

O Grupo de Plínio que dirigia o semanário *O Legionário*, manteve-se bem pequeno até a década de cinquenta. Ele cresceu repentinamente, quando o Cardeal Dom Carlos Vasconcelos Motta,-- apelidado por Plínio de “o Reça”, [diminutivo de Recafredo, nome de um Bispo visigodo traidor, que ajudou os mouros maometanos conquistarem a Espanha] – exigiu que a Santa Sé expulsasse do Brasil o Padre Walter Mariaux S.J. Esse jesuíta organizara uma sociedade secreta por trás da Congregação Mariana que ele dirigia, no Colégio São Luis. Essa sociedade secreta de estudantes tinha vários círculos concêntricos, desconhecidos dos grupos exteriores: os GCR (Guerreiros de Cristo Rei); os AR (Amigos do Rei, que iam ser padres)...

E assim por diante.

Antes de partir para a Europa, por intermediação de Frei Jerônimo Van Hinten O. C. , Padre Mariaux deixou toda a sua sociedade secreta a Dr. Plínio. Este aceitou a “doação”. Depurou o grupo secreto de Padre Mariaux, selecionando uns doze membros de jovens pertencentes a famílias ricas. Esses doze membros vieram a formar o Grupo da Rua Martim Francisco. Hoje, eles formam o Grupo dos Profectos da TFP, traídos e despojados que foram, após a morte de Dr. Plínio, pelo oportunista João Scognamiglio Clá Dias, que se tornara a menina dos olhos de Dr. Plínio, o atual Padre Superior dos Arautos do Evangelho.

A partir da nomeação de Dom Mayer como Bispo de Campos, Dr. Plínio planejou fundar um mensário que lhe permitisse lançar um movimento visando influir na política brasileira.

O mensário *Catolicismo*, oficialmente da Diocese de Campos, no calorento Estado do Rio de Janeiro, era, de fato, feito e dirigido por Dr. Plínio, e lhe serviu de trampolim para o crescimento do Grupo de PCO, sempre diminuto. O mensário *Catolicismo* deu azo a que PCO organizasse *Semanas de Estudos de Catolicismo*, reunindo simpatizantes de todo o Brasil. Na realidade, era um grupo ainda bem pequeno. Foi nessa fase que nós mesmos fomos levados ao Grupo de *Catolicismo*.

Dr. Plínio fora nosso Professor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento, da PUC, nas Perdizes.

Ele fora nomeado, ainda na década de 30, depois de ter acabado seu mandato de Deputado da Constituinte de 1934, como Professor de História – sempre sem concurso e sempre por indicação política – na Cadeira de História da Faculdade de Direito de São Francisco, cadeira fundada por Júlio Franck – o fundador da sociedade secreta maçônica, a Burschenschaft.

Anos depois, Dr. Plínio fora nomeado, sem concurso e sem jamais ter estudado História, Professor da Faculdade Sedes Sapientiae, faculdade destinada a formar professoras, como também foi nomeado politicamente para lecionar História Moderna e Contemporânea na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São Bento, da PUC, onde ele foi nosso Professor, em 1952 e 1953.

Foi nesse tempo que nos aproximamos dele. Foi então que ele nos convidou para participar de um Curso de Filosofia da História na Sociedade Joseph de Maistre, que funcionava num apartamento da Rua Vieira de Carvalho. Desse Curso, ia nascer o Grupo do Edifício Stella Maris, na Praça da Sé, ao lado da Catedral, grupo esse dirigido por membros do Grupo da Rua Martim Francisco, especialmente por Plínio Vidigal Xavier da Silveira.

Começamos, nós mesmos a lecionar História em colégios estaduais. Logo no primeiro ano de nosso trabalho, levamos a Dr. Plínio entre cinquenta e sessenta rapazes que conhecêramos num Colégio da Rua da Moóca e noutro Colégio do Ipiranga. Entre eles estava também João Scognamiglio, que era então coroinha, na Igreja de Santa Edwiges, perto de São João Clímaco. Nesse grupo inicial de uns sessenta membros, João Clá como nós o chamamos para evitar o nome um tanto ridículo e bem profético de Scognamiglio, era apagado, no meio de um grupo brilhante. Ele se salientava por cantar bem um canto da Missa de defuntos. Para enterrar alguma coisa boa, ninguém como Scognamiglio. Salientava-se ele por brincadeiras desleais, que nos desagradavam pelo espírito de fraude que as caracterizava. No mais, ele era apagado. Ouvia bem. Falava pouco. Era até mais que tímido. Parecia medroso em meio a um grupo valente. E era oportunista e intrigante.

Acabou ficando tão mentiroso que se dizia que, quando ele por acidente dizia uma verdade, ficava vermelho de vergonha.

Dr. Plínio exultava com o afluxo de membros novos para seu Grupo mirrado. De 1928 a 1956, ele conseguira reunir 18 pessoas.

De repente, chegavam-lhe sessenta novos membros de origem popular, e descendente de imigrantes. De italianos. De “carcamanos”, como dizia ele. Mas, ao mesmo tempo, ele se orgulhava desse afluxo, que provava para o que ele chamava de “elite” paulista, de famílias paulistas “quatrocentões” do Jardim Europa, que Dr. Plínio alcançara penetração popular, entre famílias proletárias...

Ele se vingava de uma esterilidade apostólica, que durava quase trinta anos.

Claro que o grupo de jovens que formamos, e que ele fez ter sede e reuniões numa casa da Rua Aureliano Coutinho, por ser de origem muito popular e pobre, jamais foi convidado a conviver com os Grupos da Rua Martim Francisco e da Rua Vieira de Carvalho. Muito menos, os membros da Aureliano foram convidados a participar dos grupos secretos que já existiam por trás do Jornal *Catolicismo*, e dos quais desconhecíamos a existência. Nem desconfiávamos, então, que pudessem existir tais grupos secretos. Pessoalmente, soube-o muitos anos depois, Dr. Plínio me detestava porque “o Professor Fedéli”, conto como me transmitiram, disse-o Padre Davi Franceshini, “jamais compreenderia as maneiras aristocráticas e francesas de Dr. Plínio, que, até os 16 anos, andava de mãos dadas com um primo, pelas ruas de Higienópolis”. Assim nos contaram isso, muito anos depois de termos deixado a TFP.

De todo modo, quer fosse por falta de educação... afrancesada, quer fosse por termos um caráter por demais franco e aberto, jamais fomos considerados por Plínio como possível membro de uma de suas sociedades secretas. Pelo quê, damos graças a Deus. Falávamos francamente demais. Conosco era impossível impor segredos.

Depois de sete anos, dirigindo o grupo de jovens da Aureliano Coutinho – grupo que crescera muito, e até demais, segundo PCO – ele armou uma conspiração para nos alijar da Aureliano. Contamos isso num livro intitulado *Por trás do Estandarte. A Sempre Viva Seita Secreta da TFP*. Livro que nunca conseguimos publicar. Mais recentemente, um aluno conseguiu se apoderar dele, e sem permissão nossa o colocou na internet. Claro que não nos responsabilizamos com o texto furtado e posto na internet sem revisão nossa.

Portanto, depois de termos atraído e formado centenas de membros da TFP, - dizia-se que eram metade da TFP -, descobrimos o culto secreto que PCO organizara para si mesmo e para sua mãe, na década de 60, por meio de Scognamiglio, que se tornara seu enfermeiro e discípulo preferido, a quem ele se referia como “o meu João Clá de olhos redondos e andaluzes”. Dizia ainda que João Clá era “o fiel intérprete de seus desígnios”...

Foi mesmo...

Quando escrevemos nosso livro – *Por Trás do Estandarte*, contando nossa história no Grupo de Plínio, estava claro, por tudo que soubéramos de cultos secretos, de uso de códigos, e de doutrinas parâmicas, em círculos discretos por trás da TFP, que, por trás do estandarte devia existir uma sociedade secreta.

O que deduzíamos por lógica ficou comprovado pela confissão de ex membros da sociedade secreta *A Sempre Viva*. Esses ex membros nos deram provas documentais da existência da *Sempre Viva*, de suas doutrinas e do culto que nela se prestava a PCO e a Dona Lucília. Dr. Plínio nos atacou publicamente por meio de manifestos e artigos na Folha de São Paulo. Respondemos a ele, publicando artigos e documentos na Folha de São Paulo, em entrevistas a muitas revistas e jornais. Publicamos mesmo um trabalho intitulado *Descrição de um Delírio*, denunciando as práticas do culto secreto a Dr. Plínio e a Dona Lucília, mãe dele (Cujo texto atualizado, faz parte desta nossa publicação).

Inicialmente, PCO procurou negar totalmente a existência desse culto. Depois, lançou uma obra em três volumes intitulada *Refutação a Uma Investida Frustrada*, cujo principal autor foi Átila Sinke Guimarães, que falsificou cartas minhas, obra na qual se procura provar que o culto, que fora antes negado por Dr Plínio, era defendido como lícito, e tendo a aprovação de canonistas e moralistas de peso, como Padre Victorino Rodrigues e Padre Royo Marin, cujos pareceres aprovatórios foram conseguidas... por João Clá.

O “idôneo” Átila reconhece que havia uma distinção real e concreta entre a TFP e a “família de almas” que constituía secretamente a *Sempre Viva*.

A partir de 1976, se pensou em institucionalizar a TFP na Igreja como Instituto religioso, mas, levando-se em conta a situação eclesiástica, concluiu-se que “seria impossível fazer qualquer transformação na TFP levando-a a depender das autoridades eclesiásticas” (Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 159).

Átila acaba dando a entender que havia de fato uma distinção clara entre a TFP e a “família de almas” reunida secretamente na Sempre Viva:

“Dada essa situação, a **TFP e sua família de almas** têm uma característica peculiar. Enquanto associação, a TFP é exclusivamente uma sociedade civil. Seus membros, individualmente considerados, têm liberdade para praticar o que quiserem como católicos. A TFP fica sendo assim um “locus”, onde esses católicos individualmente considerados, exercem sua Religião, seguindo práticas comuns que a Igreja sempre propôs a seus fiéis. As considerações que seguem [ no livro de Átila] não afetam o estado jurídico da entidade como ela é, motivo pelo qual não se referirão ao conjunto dessas pessoas não como TFP, mas como “família de almas” da TFP” (Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 159-160).

A TFP era o “locus” no qual se alojava, escondido, o câncer da Sempre Viva, a “família de almas” da TFP.

Como em toda entidade que abriga uma seita secreta, na TFP, existiam duas esferas de membros: a dos iniciados, espertos e oportunistas formando o núcleo secreto da seita, e a esfera dos ingênuos e dos avestruzes da periferia da entidade. Avestruzes eram os que juravam que nada e nunca haviam visto de secreto – *Et pour cause!* – e podiam sinceramente jurar que nada disso existia, porque desconheciam o que era secreto. E acreditavam muito sinceramente no que juravam. Admitir que havia algo que eles não haviam nem percebido e nem mesmo desconfiado que existia seria admitir terem sido estupidamente enganados. E ninguém é mais cabeçudo que um ingênuo que recusa admitir seu avestruzismo.

Havia também os silêncios amedrontados dos que tinham sido pegos em algum deslize grave, e que o haviam contado a Dr. Plínio em seu escritório, onde ele apertava com o pé, um botão escondido sob o tapete, ligando um microfone, enquanto noutra sala, Scognamiglio gravava tudinho, para depois chantagear os incautos... Por isso, muitos egressos da Sempre Viva sempre temerão contar o que sabem, porque João Clá sabe muito de suas vidas...

Apesar de tudo isso acabamos por obter muitos depoimentos de ex membros da *Sempre Viva*, depoimentos feitos diante de várias pessoas, ou mesmo em cartório. Um dos depoentes falou durante muitas horas a nós e aos que conosco deixaram a TFP, como também contou tudo o que sabia a Dom Mayer. Que concluía dizendo: “Plínio me enganou durante 40 anos”...

Nos vários depoimentos que obtivemos não havia contradições, apenas alguns sabiam mais que os outros. E o que depois foi publicado sobre as doutrinas secretas de Plínio, na revista “*Dr. Plínio*”, no livro *A Inocência Primeva, e a Contemplação Sacral do Universo*, e nos *Jour Le Jour* por Scognamiglio, e agora no livro *Notas Autobiográficas* de Plínio Corrêa de Oliveira, só confirmaram o que descobrimos da Sempre Viva e das estranhas doutrinas secretas de Dr. Plínio. É a coerência e a coincidência completa e objetiva dos depoimentos e documentos que conseguimos com a realidade dos fatos acontecidos e admitidos pelos líderes da TFP, e por suas publicações que comprovam a veracidade do que acusamos.

Habemus confitentem reum...

## 2- Histórico e funcionamento da Sempre Viva

A sociedade secreta a que pertenceram os depoentes teria nascido oficialmente em 1967 e teve relação com as chamadas “graças de 1967”. É evidente, porém, que ela pode ter sido apenas a sucessora de uma outra sociedade secreta anterior (Sabemos hoje que antes da sociedade secreta atual, Dr. Plínio organizara outras de caráter “piedoso”: a primeira a *Anônima*, na década de 30 e 40; a segunda discreta apenas – chamada *Joseph de Maistre*; a terceira secreta, chamada *Grignon de Montfort*, por volta de 1960).

Tanto é verdade que havia algo já antes de 1967, que o primeiro escravo de Plínio, e primeiro membro da Sempre Viva foi Caio Vidigal Xavier da Silveira, que em 1961 se consagrou como escravo a Dr. Plínio (Cfr. Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 224). Só em 1965, foi admitido um segundo membro, Eduardo de Barros Brotero, então unha e carne com Caio (Cfr. Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 224).

Em 1967, outros membros do “locus” da TFP, fizeram votos de obediência, castidade e pobreza, entregando seus bens a Dr. Plínio (Cfr. Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 226).

A partir de 1967, Plínio Corrêa de Olivera começou a se dizer o intermediário de Nossa Senhora, e os membros da Sempre Viva passaram a fazer a consagração a Nossa Senhora nas mãos de Dr. Plínio, que disse aceitar ser o intermediário entre a Virgem Maria e os membros da Sempre viva como seus escravos. (Cfr. Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 227).

A Partir de 1975, Plínio se pôs como Fundador Religioso na Sempre Viva. (Cfr. Átila Sinke Guimarães, *Servitudo ex Caritate*. Serviço datilográfico da TFP, editado e impresso por Artpress, São Paulo, 1985, p. 229).

O nome oficial da instituição secreta montada por Dr. Plínio era *Sagrada Escravidão*, pois todos os seus membros, na cerimônia de iniciação, deviam fazer uma consagração pessoal como escravos de Dr. Plínio, entregando-lhe suas pessoas corpo e alma, bens interiores e exteriores, nos mesmos moldes que S. Luís de Montfort recomenda que se faça a consagração a Nossa Senhora. Aliás, usava-se o próprio texto da Consagração a Nossa Senhora, de S. Luís de Montfort, tal qual aparece no seu *Tratado da Verdadeira Devoção a Nossa Senhora* (Cfr. p.281, Vozes), com ligeiras adaptações, para fazer a consagração de escravo a Dr. Plínio.

Quando o depoente “Plínio Inácio” foi falar com Dr. Plínio (no dia 11.06.1984) sobre a conversa que tivera conosco no dia anterior, ouviu dele que a consagração como escravo a ele [Dr. Plínio] seria apenas porque ele seria **medianeiro** de Nossa Senhora junto ao escravo, ou então o **guardião** dessa consagração. Também na ordem clandestina da TFP, alguns eremitas fazem voto de obediência a Nossa Senhora representada na Terra por Dr. Plínio.

Apenas o depoente “Plínio Dimas” – o mais entrosado dos que depuseram – disse que, após a consagração como escravo de Dr. Plínio, era assinado a sangue o manuscrito da RCR.

[Note-se que em 13 de outubro de 1967, o cinquentenário das aparições de Fátima, Dr. Plínio organizou uma grande cerimônia na sede central da TFP, à Rua Pará. Nessa cerimônia todos tiveram que renovar a consagração a Nossa Senhora ajoelhados diante de Dr. Plínio que, sentado num trono, segurava uma corrente de ferro que pendia da

imagem de Nossa Senhora, num nicho, atrás do trono dele. A seguir beijava-se a corrente apresentada por Dr. Plínio e se assinava a sangue uma consagração que quase todos julgavam ser a Nossa Senhora. Ainda em outras ocasiões se fizeram documentos assinados com sangue... Portanto, este é um ritual que está bem no estilo da TFP e de Dr. Plínio].

O nome vulgar com que era conhecida a “Sagrada Escravidão” era “Sempre Viva”. A sempre-viva é o nome de uma flor seca, que, quando está viva, parece morta, e quando morta, tem a mesma aparência de quando estava viva. Curioso nome para uma seita secreta... Quando a seita está deveras atuante, parece morta. Quando ela aparece muito, na verdade estaria morta...

Como vimos em todo esse livro, Dr. Plínio procura sempre se colocar como profeta de Nossa Senhora, ou aplica a si “analogicamente” o que se refere a Cristo ou a Virgem Maria. Era natural pois que ele acabasse exigindo que seus adeptos se lhe consagrassem como escravos, segundo a fórmula de consagração a Nossa Senhora de S. Luís de Montfort.

Mais ainda, ele ensinava que havia que se fazer uma união salvadora do próprio eu com o de Cristo. Isso era estendido depois a Nossa Senhora. Desse modo o eu de Plínio seria o eu de Cristo e o da Virgem Maria. Quando um tefepista se consagrava como escravo a Plínio, passava a ser outro Plínio, numa união misteriosa de eus, que acabava redundando na identificação da pessoa com Plínio, com a Virgem Maria e com Cristo.

A fundamentação doutrinária para fazer a consagração a Dr. Plínio foi dada por ele mesmo numa série de nove palestras (exclusivas para os membros da seita) intitulada: “A Sagrada Escravidão”.

Dizia-se que:

1. **Houve uma grande defecção na Igreja cometida por todo o clero e pelo próprio Papa** (Internamente se aventava e até se a TFP devia aderir à tese sede vacantista);

2. Também na sociedade civil pode-se apontar um pecado semelhante;

[Lembremos que, segundo “Plínio Inácio”, dizia-se nos círculos entrosados que o Espírito Santo normalmente atua por meio do Papa, mas que em épocas de crise como a atual, Ele atua por meio de uma pessoa qualquer, mantendo assim a infalibilidade da Igreja. Evidentemente a “pessoa qualquer” seria Dr. Plínio. Lembremos ainda que Scognamiglio disse certa vez que o Espírito Santo que se retirara da Igreja parecia ter-se refugiado em Dr. Plínio... (Cfr., V parte deste livro, nº 5, c)].

3. Com esse duplo pecado na Igreja e na Sociedade Civil, só o Grupo teria restado, qual nova Arca de Noé, no dilúvio da crise contemporânea. Dr. Plínio, o **novo Noé** – como de resto se o proclamou em cerimônias da TFP – teria a missão de salvar “o resto que está para perecer”. Ele seria portanto o “Noé dos últimos tempos”.

4. A missão dele estaria “evidentemente” relacionada com a promessa de Nossa Senhora em Fátima de que, após um grande castigo, haveria um “Triunfo do Imaculado Coração”;

5. Por Triunfo do Imaculado Coração de Maria dever-se-ia entender o domínio da mentalidade de Nossa Senhora numa futura época histórica. Seria o “Reino de Maria”, uma nova civilização impregnada da mentalidade de Nossa Senhora;

6. Tal mentalidade de Nossa Senhora já existiria hoje, em concreto, em Dr. Plínio que, nesse sentido, como se diz na TFP, seria já o “Reino de Maria entre nós”. A sede principal da TFP, isto é, de Dr. Plínio, chama-se *Sede do Reino de Maria* e, quando lá chegava o “Profeta”, tocava-se um sino no qual havia a inscrição: “Regnum Mariae Nuntio”. Eu anuncio o Reino de Maria... quando chegava Dr. Plínio... Vimos que se afirma na TFP que Nossa Senhora habita em Dr. Plínio, que Ela “se encarnou” nele.

Expressões absurdas que talvez quisessem afirmar a tese de que Dr. Plínio é **um só** com Nossa Senhora, seu protótipo.

Neste sentido, se teve a audácia de afirmar que, estando totalmente impregnando pela mentalidade de Nossa Senhora, **Dr. Plínio é o Coração Imaculado e Sapiencial de Maria**. A mentalidade de Dr. Plínio e o Coração Imaculado e Sapiencial de Maria eram, no fundo, a mesma coisa.

Daí, no código do sublinhamento, tal expressão designar Dr. Plínio. Adiante citaremos orações em que se usa essa expressão nesse sentido sacrílego.

7. Assim como Nossa Senhora se fez escrava, convém fazer-se escravo d'Ela, conforme ensina S. Luís de Montfort. Mas a escravidão mariana ensinada por S. Luís jamais deu os frutos esperados, porque ela precisa ser completada por uma consagração a Dr. Plínio – o “Coração Imaculado e **Sapiencial** de Maria”.

[Foi-nos lembrado por Ar. J. que, já em 1968, o atual “camaldulense” Nelson Taniguchi, num discurso feito em Itaquera para Dr. Plínio, afirmou que “a verdadeira escravidão a Nossa Senhora, hoje, deve consistir na escravidão a Dr. Plínio”].

Para se ter a mentalidade de Nossa Senhora e para fazer inteiramente a sua vontade, seria então preciso escravizar-se a Dr. Plínio, ser **um** com ele, tendo inteiramente a sua mentalidade. Para isso, seria preciso não só fazer a sua vontade, mas ter até seus gostos e preferências. Ser pliniano equivaleria a ser mariano.

8. Por outro lado, o maior pecado atual é o de revolução, isto é, considerar a igualdade e a liberdade como metafisicamente boas. O maior ato contra-revolucionário se faria por meio da consagração como escravo ao homem que representa a mentalidade de Nossa Senhora. Quem fizesse isso praticaria a maior alienação possível. Praticaria também um ato de suprema lucidez, pois a pessoa que se escravizasse sabia que não sabia se guiar, e sabia que Dr. Plínio sabia guiar. Escravizar-se era um ato tão lúcido como o de um homem que, não sabendo dirigir um automóvel, cede de bom grado a direção do carro a outro que sabe dirigir e no qual confia. Conforme “Plínio Inácio” nos disse, ele se consagrou porque conhecia a fraqueza de sua vontade e reconhecia que Dr. Plínio poderia guiá-lo e decidir por ele nos casos em que ele não tinha força para fazê-lo;

9. A consagração como escravo a Dr. Plínio tornava este último realmente Senhor, Dominus, no sentido jurídico romano de Dominus, isto é, Senhor, dono de escravos. Daí ele ter passado a ser tratado como “Dominus Plinius”, ou então “Senhor Doutor Plínio”. É isto que explica a repetição enfática e enfadonha do vocativo Senhor nas proclamações dos eremitas, no auditório São Miguel. Sobre seus escravos, Dr. Plínio dizia ter direito como o de um senhor de escravos no Direito Romano, exceto o direito à vida deles;

10. Dizia-se que o escravo de Dr. Plínio adquiria tal união com ele, que era como que **membro dele**. O seu eu seria o eu de Plínio. Por isso, após a “iniciação” de “Plínio Dimas”, Dr. Plínio lhe disse: “Você não é mais “x”. Você é como membro vivo de minha pessoa. Você é como meu dedo”;

11. Pela consagração a Dr. Plínio, a pessoa renascia. Morria o homem velho. Nascia o homem novo. Por isso a pessoa devia trocar de nome. Ela era agora, após a consagração, um novo Plínio. Todo novo escravo deixava seu nome próprio e passava a se chamar Plínio e mais o nome de um santo padroeiro, seguido de um título de Nossa Senhora. “X” passou a ser, após a iniciação, Plínio Bernardo Dimas Longinus de Nossa Senhora Rainha Sagrada dos Apóstolos dos Últimos Tempos – conhecido apenas por Plínio Dimas.

Quando assinavam o nome próprio original, os escravos comentavam: “esse fulano já morreu”;

12. Formando um só ser místico com Dr. Plínio, inteiramente **unos** com o seu protótipo, os escravos podiam dizer e diziam:

“Já não sou eu mais que vivo, mas é **meu Senhor** [Dr. Plínio] que vive em mim”

Essa união seria de tal porte que se afirmava que o espírito de Dr. Plínio habitava em seus escravos – Plinianus alter Plinius – comunicando-lhes suas graças. Desse modo, Dr. Plínio seria o **medianeiro de todas as graças** para eles.

Unidos ao “Profeta de Nossa Senhora, os escravos de Dr. Plínio poderiam dizer: “nessa união de escravo posso fazer tudo quanto Dr. Plínio mesmo pode”;

13. Afirmavam os escravos do Profeta que era preciso que eles tivessem **fé** nessa doutrina, o que na realidade os constituía como membros de uma seita, já que sua fé era nova e diferente da católica.

### 3- Orações da Sempre Viva

Todos os dias os escravos deviam rezar em conjunto uma oração oficial da “Sagrada Escravidão”, que foi composta pelo próprio Dr. Plínio para ser rezada para ele mesmo.

Tal oração nos foi ditada pelo ex-escravo “**Plínio Dimas**” e confirmada, parágrafo por parágrafo, pelo ex-escravo “**Plínio Clóvis**”.

#### a) Oração da Sagrada Escravidão

Ó Coração Imaculado e Sapiencial de Maria, [isto é, Dr. Plínio, além de Imaculado como o coração de Nossa Senhora, era também sapiencial] nesse ambiente de nossos dias em que todos são homens livres, ébrios de liberdade, sei que me fiz vosso escravo para ser como o último dos homens de quem meu Senhor [Dr. Plínio] pode dispor como mísero objeto sem vontade própria.

Nesse ambiente de nossos dias, em que tudo fala de naturalismo, sei que minha vida é toda sobrenatural. **Não sou eu que vivo, mas é meu Senhor [Dr. Plínio] que vive em mim. Dele me vêm todas as graças, o espírito dele me habita** e posso fazer, nessa união de escravo, tudo quanto ele mesmo pode.

Nesse ambiente de nossos dias, sem grandeza, sem horizontes, de otimismo e de vidinha, sei que nossa época trará acontecimentos grandiosos, com horizontes grandiosos, dentro dos quais deverei viver como um herói a própria grandeza de Meu Senhor.

Olhando para dentro de mim mesmo, e vendo tanta microlice, sei que a fé em tudo quanto acabo de dizer me dará uma participação na própria grandeza de Meu Senhor [Dr. Plínio] e fará de mim um perfeito Apóstolo dos Últimos Tempos, segundo a oração profética de S. Luís Maria Grignon de Montfort.

Em tudo isto eu creio, mas ó Meu Senhor [Dr. Plínio], ajudai a minha incredulidade

(O destaque é nosso, para mostrar como Dr. Plínio fazia crer que, na união mística com ele, seus escravos teriam o mesmo eu que Plínio).

Como se vê, esta oração sacrílega exprime exatamente a doutrina de Dr. Plínio sobre a união dos eus, tal como exposta e publicada no livro Inocência primeva.

## b) Paródia da Ave Maria para Dr. Plínio.

Havia ainda outras orações “absolutamente excêntricas e absurdas”. Por exemplo, os escravos de Dr. Plínio rezavam o terço, mas não recitavam as Ave Marias tradicionais. Rezavam uma “Ave Maria” parodiada para o Profeta, cujo nome na seita era Luís-Plínio-Elias, pois o profetismo dele seria um só com o de S. Luís e o de Santo Elias. Eis a paródia sacrílega da Ave Maria feita, não para D. Lucília, mas para Dr. Plínio, tal como no-la contaram alguns ex membros da Sempre Viva:

“Ave Luís-Plínio-Elias, cheio de amor e de ódio, a Santíssima Virgem é convosco. Bendito sois vós entre os fiéis. Bendito é o fruto do vosso amor e ódio: a Contra-Revolução.

“Ó Sacral Luís-Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do Reino de Maria, rogai por nós capengas e pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém”. Tal oração teria sido composta em 1967. Pelo menos, começou a ser divulgada nessa data. “Plínio Dimas” disse-nos que “rezou” muitos terços com essa “Ave Maria”. Muitas vezes vários eremitas rezavam juntos o terço com essas “Ave Marias” parodiadas. Evidentemente, Dr. Plínio negaria que isto fosse verdade. Mas a “Ave Lucília” ele também negou e ela existia...

As reuniões da Sempre Viva começavam recitando-se três vezes a “Ave Maria” de Dr. Plínio [Ave Luís-Plínio-Elias] precedida das jaculatórias:

“Ave Luís-Plínio-Elias, filho bem amado da SSma. Virgem”

“Ave Luís-Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do Reino de Maria”

“Ave Luís-Plínio-Elias, escravo fidelíssimo do Imaculado e Sapiencial Coração de Maria”.

Rezava-se ainda a oração da “Sagrada Escravidão”.

Havia também uma ladainha para Dr. Plínio, feita por ele mesmo para ele mesmo, mas que por modéstia e precaução se dizia ter sido composta pelo escravo Marcos Ribeiro Dantas. Os escravos de Plínio rezavam essa ladainha diariamente. Plínio Dimas, porém, pouco se recordava dela, pois não fora fiel a esse “exercício de piedade profética”. Lembrou-se apenas de algumas jaculatórias, como por exemplo:

[Doutor Plínio], “Precursor de Elias, rogai por nós”.

[Doutor Plínio], “Profeta dos últimos tempos, rogai por nós”.

[Doutor Plínio], “Profeta dos Profetas, rogai por nós”.

Quando comentavam os exemplos de Dr. Plínio – os “fatinhos” os mais corriqueiros de sua vida – era comum os escravos dizerem: “*Quis ut Plinius?* (Quem é como Plínio?), parodiando o brado de São Miguel: “*Quis ut Deus?*” (Quem é como Deus?).

Era costume os escravos receberem a bênção de Dr. Plínio, que segundo Scognamiglio era cumulativa. Quanto mais bênçãos, mais graças. Por vezes, eles recebiam essa bênção tomando uma estranha posição: deitavam-se de costas, no chão, com o rosto voltado para cima. Dr. Plínio colocava então o seu pé direito sobre o rosto e lhes dava a bênção, dizendo: “*Benedictio Matris et Mediatrix nostrae omnipotentis descendat super te et maneat semper. Amen*”.

Havia ainda a bênção de Dr. Plínio dada com a Coroa de Nossa Senhora- coroa existente na sala principal da sede da Rua Maranhão. Contava-se que o escravo “Plínio

Márcio” (Átila Sinke Guimarães) e o escravo “Plínio Dimas” receberam tal bênção exótica uma vez.

### c) Confissão a Dr. Plínio e entre os escravos.

Era costume que os escravos de Dr. Plínio se **confessassem** com ele, não só acusando-se de faltas leves, mas também de pecados graves, como na confissão sacramental. Finda a confissão, se o escravo o pedisse, Dr. Plínio esbofeteava-o no rosto três vezes e depois lhe dava a “absolvição”.

“Plínio Dimas” não acreditava muito na validade ou eficácia dessa pseudoconfissão sacramental e nem nessa “absolvição” profética, por isso, antes de se confessar com Dr. Plínio, ia confessar-se com um sacerdote, por garantia.

Assim como a bênção de Plínio era delegada por ele a outros membros da Sempre Viva, assim também se passou a delegar o poder de absolvição. Constava que os membros da Sempre Viva se confessavam uns com os outros, absolvendo-se mutuamente. O que explicava como a confissão normal com sacerdotes era tão pouco praticada pelos elementos mais entrosados da TFP. Havia lá quem se orgulhasse de não se confessar durante muitos meses... Dr. Plínio quase nunca se confessava. Soube-se de uma ou outra confissão dele, com sacerdote, num período de muitos anos.

### d) União “ontológica”(união dos eus) com Plínio.

Nas reuniões da Sempre Viva, um ponto fundamental era o da necessidade de união identificadora do escravo com Dr. Plínio. Nessa união com Plínio estaria o chamado “Segredo de Maria”, de que falava São Luis de Montfort.

Daí a consagração a Nossa Senhora só seria real e válida na consagração como escravo a Plínio, que vivia em união plena e perfeita com a Virgem Maria. Daí, unir-se como escravo a Plínio era unir-se, de fato, e plenamente à Virgem Maria. Pois que Plínio era a encarnação do Imaculado Coração de Maria, isto é, de sua mentalidade. Haveria, na consagração a Dr. Plínio uma fusão dos eus dos escravos com o eu do Profeta, e com o eu da Virgem Maria, que era um só Eu com Cristo Deus.

Em reunião do MNF, Dr. Plínio falava do mistério da união do fiel com Cristo na comunhão eucarística. Ora, como a união com Plínio seria a união com Cristo. Essa tese delirante, certa vez, levou o escravo Plínio Cirineu (Umberto Braccesi) a afirmar, que era preciso que os membros da Sempre Viva comessem a carne e bebessem o sangue de Plínio.

A esse ponto chegou o delírio tefepista.

A união com Plínio acarretaria a união com Maria Santíssima, com Cristo e com Deus. Por isso, dizia Plínio que ser da Sempre Viva era mais que ser Rei da Bélgica ou Rainha da Inglaterra. Seria mais do que ser um dos doze Apóstolos de Jesus Cristo. Seria mais do que ser anjo. E João Scognamiglio Clá Dias ensina isso mesmo aos Arautos do Evangelho. Porque a Sempre Viva continua atuante por trás dos Arautos. Ela é a alma secreta dos Arautos, enganando o Vaticano.

## 4- A Cerimônia da Iniciação na Sempre Viva

O culto a Dr. Plínio atingiu o ápice na sociedade secreta *A Sempre-Viva*, cujos membros, parodiando a devoção ensinada por São Luís de Montfort para com Nossa Senhora, se consagravam como escravos a Dr. Plínio, o legítimo representante de Nossa Senhora na terra. O Medianeiro da Medianeira.

Inicialmente era o próprio Dr. Plínio quem escolhia entre os elementos da TFP quem iria ser iniciado na seita secreta, A Sempre Viva. Pouco a pouco, Scognamiglio passou a indicar os candidatos a Plínio. Alguns escravos se aproximavam mais do que ia ser convidado, estudando de mais perto suas tendências, para confirmar se o indicado tinha de fato qualidades próprias para virem a se tornar bons escravos de Plínio.

O “escravo” de “*Dominus Plinius*” que nos deu as informações mais completas da Sempre Viva e de suas cerimônias, o “escravo Plínio Dimas”, quando foi indicado como candidato a ser iniciado, foi “cercado” pelo próprio João Clá e por Fernando Siqueira.

Luis Nazareno Assumpção Filho, ex-AR (amigo do rei) da sociedade secreta de Padre Mariaux, pessoa muito rica, foi convidado para a Sempre Viva diretamente pelo próprio Dr. Plínio que o intimou a se tornar seu escravo, com todos os seus bens espirituais (não muitos, se comparados aos seus bens materiais) e com todos os seus bens materiais (copiosos) porque, se não, ficaria para trás. E lá se foi Luizinho Nazareno para a frente, tornado-se o escravo “Plínio Luís”. Na transformante união de almas que se realizou, Luizinho recebeu os bens espirituais de PCO, que em troca recebeu então vantagens materiais...Luis Nazareno se tornou um tão eficiente propagador da seita secreta da TFP que Dom Bertrand o qualificou como o melhor propagador –“*sopleteador*”–da Sempre Viva.

Previamente, antes da admissão de alguém na Sempre Viva, o candidato era preparado recebendo um verdadeiro curso de palestras em retiros espirituais especiais.

Explicava-se ao neófito, em conferências dadas a princípio pelo próprio Dr. Plínio, mais tarde por João Clá, em que consistia a Verdadeira Sagrada Escravidão a Nossa Senhora (a Servitudo ex Caritate): na verdade seria a escravidão a Dr. Plínio.

Dizia-se aos iniciantes na Sempre Viva, que a real escravidão a Nossa Senhora se dava pela escravidão concreta ao único homem que permanecera fiel, ao único escravo digno de Maria Santíssima, Dr. Plínio que tinha com Ela uma união transformante.

Que assim como numa lâmpada, o fio de tungstênio, elemento vil, fica incandescente e luminoso, assim também o iniciado deveria se deixar tomar pela luz de Plínio, pela luz profética pliniana, para brilhar e irradiar a luz de Dr. Plínio, e que só assim ele se tornaria efetivamente um escravo de Maria, unido a Ela pela união d’Ela com Dr. Plínio.

Nessas palestras sobre a Sagrada Escravidão a Dr. Plínio, os que iam ser iniciados aprendiam que deveriam obedecer a seu Senhor Sacral [Dr. Plínio] tão cega e tão docilmente como Isaac obedeceu a seu pai Abraão, e tal como este obedeceu a Deus. Dr. Plínio dizia a seus escravos que eles deveriam obedecê-lo e aceitar até mesmo a ordens que lhes parecessem absurdas. Que então não se surpreendessem com tais ordens. Desenvolvia então o que ele denominava teoria do “gato e sapato”, isto é, que ele poderia fazer dos seus escravos o que quisesse, dando-lhes ordens arbitrárias e absurdas, como aquela que Deus dera a Abraão de matar seu próprio filho. Nessa alienação absoluta à vontade do “Profeta” consistiria a vitória sobre o pecado de Revolução.

Após a morte de Dr. Plínio, quem dava as conferências nos retiros de preparação para a iniciação na Sempre Viva – e até hoje as dá - entre os Arautos do Evangelho, era João Scognamiglio Clá Dias. Ele dava secretamente esses retiros iniciáticos, no êremo de São Bento, mesmo no período em que a Santa Sé o proibiu de falar de Dr. Plínio e de Dona Lucília.

A Introdução na Sempre Viva – uma iniciação nos segredos de PCO – se dava numa longa cerimônia que durava, disseram-nos, entre três e quatro horas, quase sempre de madrugada. Não havia local fixado para essa cerimônia, que podia acontecer no Êremo de São Bento, ou na chamada sala do Reino de Maria, na rua Maranhão, no segundo

andar do edifício onde morava Dr. Plínio, à Rua Alagoas, ou até mesmo no chamado “palacinho”, residência de Luis Nazareno, na rua Jaguaribe.

Não nos contaram a cerimônia em sua seqüência cronológica e lógica. Por isso, narraremos os vários atos tal como nos foram narrados.

Nessa cerimônia, Dr. Plínio ficava sentado num troneto ou poltrona, nos primeiros tempos, portando o manto branco da Ordem Terceira do Carmo. Depois, fizeram para ele um manto especial de peles e panos caros, com vários metros de comprimento. Coisa para dar inveja a Cardeal. ...Ou por invejar capa longa de Cardeal. Todos os já iniciados - os que já eram escravos de Plínio - assistiam a cerimônia portando o hábito da Ordem Terceira do Carmo, mas sem a capa. Isso só mudou, quando se fez o hábito atualmente usado pelos Arautos, que era então o hábito próprio dos escravos da Sempre Viva.

Como nas iniciações maçônicas, o recipiendário da Sempre Viva deveria inicialmente simular estar morto, e, por isso, ele devia ficar deitado, a fio comprido, de costas, no chão, diante do troneto de Dr. Plínio.

O iniciado era atado com correntes por Dr. Plínio, que colocava seu pé direito sobre o pescoço do neófito, em sinal de domínio.

Depois, ele “renasceria” para uma nova vida, ao adotar seu novo nome, tornado-se um novo Plínio. Na troca de nome, na identificação do escravo com seu dono, com o seu Senhor (Dominus), estaria o grande segredo da seita, segredo que Dr. Plínio chamava de o “segredo de Maria”, do qual fala São Luis de Montfort, e que ele identificava com o seu segredo pessoal: ele era Maria.

Havendo uma identificação espiritual, mística entre o escravo e o dono do escravo – uma identificação dos seus eus – o pliniano se tornava outro Plínio. *Plinianus alter Plinius*. Um era sócia espiritual do outro. Como cada um deveria se tornar um sócia de Cristo, para se salvar. Portanto: fora a tabelinha dos dez mandamentos.

Daí, o escravo poder dizer: “Já não sou eu que vivo, mas é meu Senhor [Plínio] que vive em mim”. Portanto, substituindo Cristo por Plínio. Por essa razão, era necessário que o iniciado trocasse de nome. Na troca de nome, se simbolizava a troca de eus, pois era um novo homem que nascia, um escravo do Profeta, um Apóstolo dos Últimos Tempos.

A troca de nome significava um novo nascimento espiritual.

Simulado o “renascimento” do neófito, este deveria fazer a leitura do seu ato de Consagração como escravo a Dr. Plínio, exatamente o mesmo que existe no Tratado da Verdadeira Devoção a Nossa Senhora de São Luis de Montfort, trocando-se, porém, Nossa Senhora por Dr. Plínio

Lida a Consagração, o iniciado devia assinar a sangue a última página do livro Revolução e Conta Revolução de Plínio Corrêa de Oliveira.

A cerimônia prosseguia pela doação dos bens materiais próprios do neófito a Dr. Plínio, através da entrega de objetos simbólicos do que o novo escravo possuía, ou das coisas a que tinha mais apego. O escravo “Plínio Agostinho” (Roberto Guerreiro), como era muito pobre e era fumante, em sua iniciação, entregou a Dr. Plínio, a sua cigarreira e deixou de fumar. Outros, mais ricos, entregaram bens menos simbólicos, mas bem mais reais, e bem menos vulgares que uma simples cigarreira... Consta que, ao morrer Dr. Plínio possuía mais e uma centena de imóveis... Que foram herdados por seus familiares. Exatamente para os familiares que não tinham nenhuma devoção por “titio” Plínio.

Era costume que o iniciado compusesse uma oração e fizesse um discurso piedoso em homenagem a seu Senhor Sacral [Dr. Plínio]. A oração normalmente era uma paródia de

uma oração a Nossa Senhora, cujo nome era trocado pelo de Plínio. Ao ser iniciado na Sempre Viva, 'Plínio Dimas' parodiou a Salve Rainha homenageando assim Dr. Plínio. A cerimônia prosseguia com a osculação, pelo iniciado, dos pés e das mãos do "Profeta" de Higienópolis. Feito isso, Dr. Plínio deixava o troneto e nele entronizava o novo Plínio. E agora era o próprio Dr. Plínio que beijava os pés e as mãos do iniciado, pois ele era de fato um novo Plínio. O seu alter ego. Por isso, Plínio osculava Plínio, pois ocorrera uma união transformante. Um vivia no outro.

O primeiro a pedir para se consagrar como escravo de Plínio teria sido Caio Xavier da Silveira, cujo nome na seita passou a ser Mário Plínio. Mário em homenagem a Nossa Senhora.

Os doze primeiros escravos foram considerados os preferidos, os mais autênticos e fervorosos discípulos do Profeta. O escravo Plínio Márcio – Átila Sinke Guimarães, o falsificador do texto de nossas cartas a Dr. Plínio - dizia que esses doze estavam para Dr. Plínio assim como os doze apóstolos estavam para Cristo. Por isso não queria ele que outros fossem admitidos na seita, e ficou "em baixa" (triste) quando o simbólico número 12 foi ultrapassado.

## 5- Lista dos iniciados até 1983

Os primeiros sectários foram estes:

01. Caio Vidigal Xavier da Silva - escravo Mário Plínio;
02. Eduardo de Barros Brotero - escravo Plínio Eduardo;
03. Luís Nazareno de Assumpção Filho - escravo Plínio Luís;
- 04. João Scognamiglio Clá Dias - escravo Plínio Fernando;**
05. Umberto Braccisi - escravo Plínio Cirineu
06. Fernando Siqueira - escravo Plínio Bernardo;
07. Carlos H. do Espírito Poli (hoje, Tenente Coronel) - escravo Plínio José;
08. Marcos Ribeiro Dantas - escravo Plínio Paulo;
09. Mário Navarro da Costa - escravo Plínio Elias; (Mário Navarro vivia normalmente vestido do hábito de eremita, no 2º andar da Rua Alagoas, e, ao falar com Dr. Plínio, punha-se de joelhos, colocando-lhe nas mãos a ponta da corrente que envolvia sua cintura, em sinal de escrava submissão. Foi a ele que, o atual Cônego de Santa Maria Maior, João Scognamiglio Cla Dias, ameaçou matar a tiros).
10. D. Bertrand de Orleans e Bragança - escravo Plínio Miguel; (D. Bertrand foi; praticamente intimado a se fazer escravo de Dr. Plínio, segundo Plínio Dimas, porque seu nome seria propagandístico entre os direitistas).
11. Átila Sinke Guimarães - escravo Plínio Márcio;
12. Cosme Beccar Varella Hijo - escravo Plínio Lázaro;
13. Plínio Vidigal Xavier da Silveira - escravo Plínio Eliseu; (Eliseu foi quem herdou o manto de Elias. Havendo algo para herdar, Plínio Xavier, cujos talentos financeiros são conhecidos, estava sempre interessado. Consta que em sua iniciação, como sempre, se manteve absolutamente frio. Ele foi convocado a se fazer escravo. Não pediu para ser).
14. Paulo Corrêa de Brito Filho - escravo Plínio Jerêmiás. (Paulo Brito era "diretor espiritual" de "Plínio Dimas" e, nas conversas espirituais que tinham, o dirigido dirigiu o dirigente a pedir a graça de ser escravo de Dr. Plínio...)
15. X escravo Plínio Dimas;
16. Y escravo Plínio Inácio;
17. D. Luís de Orleans e Bragança - escravo Plínio da Cruz... Pobre Príncipe!...;
18. Antônio Marcelino Pereira de Almeida - escravo Plínio Francisco;
19. Edson Neves da Silva - escravo Plínio Batista;

20. Fernando Antunes Aldunate - escravo Plínio Longinus. Era quem metia não a lança, mas o alfinete do seu distintivo, nas carnes de quem se aproximasse demais de PCO;
21. Leo Nino Foscolo Daniele - escravo Plínio Tobias;
22. Fernando Furquim de Almeida Filho - escravo Plínio Amém;
23. Martim Afonso Xavier da Silveira Jr. - escravo Plínio Pedro; (Durante longo tempo Martim Afonso foi mantido à margem da "Sempre-Viva". Ele percebia que havia algo escondido, e se contorcia para saber o que era, e mais se contorceu para entrar. Quando entrou, viu que estava atrasado e, para compensar, tomou o nome de Plínio Pedro. De alguma forma ele ainda seria o primeiro... O que provocou sorrisos dos demais escravos. Foi nome profético o dele, pois acabou sendo posto *in vinculis* na prisão de La Santé em Paris, de onde foi libertado, não por anjos, mas por dólares para pagar sua fiança.).
24. Sérgio Bidueira - escravo Plínio Hidelbrando;
25. José Lúcio Corrêa - escravo Plínio Ezequiel;
26. Júlio Ubelod - escravo Plínio Tomás;
27. Fernando Telles - escravo Plínio Leofredo;
28. Roberto Guerreiro - escravo Plínio Agostinho;
29. Afonso Beccar Varella - escravo Plínio Ambrósio;
30. Miguel Beccar Varella - escravo Plínio Domingos;
31. O argentino Ecurra - escravo Plínio León;
32. Carlos Viano - escravo Plínio Godofredo;
33. Carlos Antunes Aldunate - escravo Plínio Emanuel;
34. Jaime Antunes Aldunate - escravo Plínio Gregório;
35. Gonzalo Larrain - escravo Plínio Caetano;
36. Patricio Larrain - escravo Plínio João;
37. Patricio Amunategui - escravo Plínio Santiago;
38. Fernando Casté - escravo Plínio Joaquim;
39. Pedro Paulo Figueiredo - escravo Plínio Jacó;
40. Carlos Alberto Soares Correia - escravo Plínio Atanásio;
41. Aloísio Torres - escravo Plínio Macabeu;
42. Roberto Esper Kallás - escravo Plínio Bento;
43. Paulo Rosa - escravo Plínio Tiago;
44. Paulo César Nascimento - escravo Plínio Enoc;
45. Lúcio Montes - escravo Plínio Estêvão;
46. Z - escravo Plínio Afonso;
47. João Carlos Leal da Costa - escravo Plínio Matatias;
48. Francisco Javier Tost - escravo Plínio Isaías;
49. José Antônio Tost - escravo Plínio Sebastian
50. W - escravo Plínio Clóvis;
51. Guerreiro Dantas - escravo Plínio Davi;
52. Rivoir - escravo Plínio Hermenegildo; (era o único escravo europeu até 1975, mais ou menos).
53. Alejandro Bravo - escravo Plínio Samuel;
54. Carlos Iburguren - escravo Plínio Antônio;
55. Nelson Fragelli - escravo Plínio Tomé; (N. Fragelli tomou esse nome porque disse que durante muito tempo duvidara de Dr. Plínio).
56. Fernando Larrain - escravo Plínio Raymundo;
57. Antônio Dumas Louro - escravo Plínio Lourenço;
58. O argentino Storni - escravo Plínio Bartolomeu;
59. Alejandro - escravo Plínio Lúcio.

(Lista de escravos de Plínio retirada da Declaração nº 544948, 29<sup>o</sup> Ofício de Registro de Títulos de Curitiba - 03.09.84. Os comentários dos nomes são nossos).

Todos os dias, os escravos deviam rezar, em conjunto, uma oração oficial da "Sagrada Escravidão", que foi composta pelo próprio Dr. Plínio para ser rezada para ele mesmo (Ver acima nas páginas 539-540 deste livro).

Tal oração nos foi ditada pelo ex-escravo "Plínio Dimas" e confirmada, parágrafo por parágrafo, pelo ex-escravo "Plínio Clóvis".

Havia ainda outras orações "absolutamente excêntricas e absurdas". Por exemplo, os escravos de Dr. Plínio rezavam o terço, mas não recitavam as Ave-Marias tradicionais. Rezavam uma "Ave Maria" parodiada para o Profeta, cujo nome na seita era Luís-Plínio-Elias, pois o profetismo dele seria um só com o de S. Luís e o de Santo Elias. Mais ainda: Plínio era São Luis de Montfort. Era a Virgem Maria. Era Santo Elias. Todos os eus dessas pessoas santas se fundiam no eu de Plínio.

Eis a paródia sacrílega da Ave Maria feita, não para D. Lucília, mas para Dr. Plínio na Sempre Viva:

"Ave Luís-Plínio-Elias, (codinome de Dr. Plínio na Seita), cheio de amor e de ódio, a Santíssima Virgem é convosco. Bendito sois vós entre os fiéis. Bendito é o fruto do vosso amor e ódio: a Contra-Revolução. Ó Sacral Luís-Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do Reino de Maria, rogai por nós capengas e pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém".

Tal oração teria sido composta em 1967. Pelo menos, começou a ser divulgada nessa data. "Plínio Dimas" disse-nos que "rezou" muitos terços com essa "Ave Maria". Muitas vezes vários eremitas rezavam juntos o terço com essas "Ave-Marias" parodiadas. Evidentemente, Dr. Plínio negará que isto seja verdade. cremos que vários escravos seriam capazes de jurar que isso nunca existiu. Sem ficarem vermelhos. Mas a "Ave-Lucília" eles também negaram, e ela existia...

As reuniões da Sempre-Viva começavam recitando-se três vezes a "Ave Maria" de Dr. Plínio [Ave Luís-Plínio-Elias] precedida das jaculatórias:

"Ave Luís-Plínio-Elias, filho bem amado da SSma. Virgem".

"Ave Luís-Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do Reino de Maria".

"Ave Luís-Plínio-Elias, escravo fidelíssimo do Imaculado e Sapiencial Coração de Maria".

Rezava-se ainda a oração da "Sagrada Escravidão".

## CONCLUSÃO

Chegamos assim ao final deste livro denúncia.

Damos graças a Deus ter-nos permitido conhecer, no final de nossa vida, os documentos que não tínhamos e que nos permitiram confirmar e aprofundar o que havíamos denunciado em 1983.

Com efeito, com a publicação do livro *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, que deu um resumo de algumas teses plinianas no MNF, ficamos sabendo coisas que jamais tínhamos tido conhecimento. Esse livro tornou patente muito do que, por ser apenas insinuado, nunca havíamos conhecido, antes, tão pormenorizadamente.

Também devemos agradecer a Deus ter permitido a publicação do livro *Notas Autobiográficas* que - ainda não contando tudo - revelou tantas declarações de autoelogio tresloucado de Dr. Plínio a si mesmo, assim como, textos que deixam mais clara ainda a Gnose de Dr. Plínio, e portanto da TFP e dos Arautos do Evangelho.

Claro que alguns outros pontos permanecem misteriosos. Só com o tempo, no futuro, quando for possível a um historiador isento examinar as 43.000 páginas do MNF, se poderá ter uma análise mais completa da Gnose de Plínio Corrêa de Oliveira.

Só então será possível saber quatro coisas principalmente:

- 1- Qual a primeira fonte doutrinária de PCO ?
- 2- Qual o mistério que envolve a educação de PCO, isto é, até que ponto Dona Lucília - que Plínio diz não ter sido muito leitora e nada interessada em Metafísica - qual o verdadeiro papel dela na formação das idéias de Plínio?
- 3- Qual a relação real entre Plínio e as sociedades secretas brasileiras e européias, especialmente a relação dele com Burschenschaft e com o tradicionalismo místico europeu derivado do Martinismo através de Joseph de Maistre?
- 4- Qual o papel dos Jesuítas na formação e na atuação de PCO?
- 5- Até que ponto possíveis problemas psicológicos ou morais de Dr. Plínio intervieram na gênese de seu sistema de pensamento?

Esta última pergunta naturalmente se põe devido aos evidentes sinais de delírio em certos pensamentos e atitudes de Plínio. Dessas questões, assim como de problemas morais pessoais, deliberadamente não quisemos tratar por respeito para com as pessoas envolvidas. Por isso fizemos questão de mantermo-nos, ainda que polemicamente, apenas no campo doutrinário e intelectual.

Paz aos mortos!...

Nesse sentido, cremos ter provado sem deixar dúvida:

- 1- Que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira elaborou um sistema doutrinário confuso, contraditório, com uma terminologia inadequada, devido à sua ignorância da terminologia filosófica correta.
- 2- Que havia na TFP um culto para Dr. Plínio inventado por ele mesmo e difundido por João Scognamiglio Clá Dias, o escravo Plínio Fernando, hoje padre condecorado e doutorado... pelo Angelicum;
- 3- Que as teses desse culto são delirantes;
- 4- Que várias manifestações deste culto são ridículas e fanáticas; É claro que esse culto continuou a existir secretamente entre os Arautos do Evangelho que são a casca canônica sob a qual se esconde a serpente da Sempre Viva. Em seus êremos, o Padre João Scognamiglio difunde, até hoje, o culto a Dr. Plínio, a Dona Lucília e a ele mesmo, dando as conferências e retiros preparatórios aos candidatos que ele escolhe para serem



No total, a imagem que se desprende é uma imagem muito nova, sobretudo porque o conjunto ganha muita força, muita propulsão, muita riqueza, e vem muito a propósito para nossa formação.

### **B - Para o aprofundamento da vocação e a consequente riqueza da ação**

a - o aprofundamento no conhecimento e no amor à Vocação importarão no aprofundamento do modo mais excelente da ação, que ganha em riqueza substancial

Isso vem muito a propósito porque, a partir do momento em que se tiver a idéia conjunta do que seja nossa vocação, essa idéia passa por sucessivos aprofundamentos. Estes, por sua vez, importarão num aprofundamento do conhecimento da vocação e do amor a ela. Portanto, no aprofundamento também do modo mais excelente de fazer as coisas que dizem respeito à vocação. Desse modo toda nossa ação pode ganhar em riqueza substancial.

Pois, quanto mais a ação se ajusta à sua finalidade, quanto mais ela se ajusta ao seu espírito, naturalmente tanto mais rica ela é no melhor sentido da palavra rica.

- de riqueza sobrenatural porque maiores são as graças; de riqueza natural porque o que é feito com consciência do fim, caminha mais diretamente para ele

Quer dizer, rica, em primeiro lugar, de riqueza sobrenatural, porque, quanto mais nós estamos fazendo a vontade de Deus e de Nossa Senhora, tanto maiores são as graças. Rica também de riqueza natural porque aquilo que é feito com muita consciência do fim, naturalmente lucra, torna-se muito mais exímio com direção ao fim.

c - Vendo a Causa, proclamando o futuro, e não fazendo do "unzinho" um santinho.

### **C - Para combater a chacunière**

a - tentação impalpável, imponderável, mas mais nociva para o Grupo do que todas as outras

Há outra razão. Depois de não sei quantos anos de existência do Grupo na nova fase -- e eu chamo "nova fase" a que começou depois da aproximação da Martim -- depois de não sei quantos anos de existência do Grupo, uma conclusão se nos impõe de um modo positivo: todas as tentações do mundo, todas as tentações da carne, tentações

de mau espírito, tentações de apostasia... todas as tentações armadas pelo demônio através da Revolução para desviar as almas do Grupo, enfim, todas as tentações a que um membro do Grupo pode estar sujeito, todas elas não têm sido tão perigosas, nem o consentimento a elas tão nocivo para o Grupo quanto uma tentação impalpável, imponderável -- essa sim muito nociva -- a tentação de *chacunnière* .

## 2 - O QUE É A CHACUNNIÈRE

### A - Definição e aplicação

Um escritor francês, talvez Montesquieu, deu assim uma definição da ordem do Reino na França: *Le Roi, dans son royaume; le gentilhomme dans sa gentilhommière; et chacun dans sa chacunnière* . O que indica: o Rei, vivendo para o bem geral; o nobre, para o bem local, e cada um vivendo para o seu bem individual.

Em termos de doutrina política e social, pode-se perfeitamente comceber isso. Está bem expresso.

#### **a - defeito pelo qual o membro do Grupo faz de sua vida particular sua preocupação capital, só se interessando de modo platônico pela vida coletiva e bem comum do Grupo**

Por necessidade, tomamos o termo de Montesquieu num sentido pejorativo -- que ele evidentemente não lhe dava -- para definir o seguinte defeito: a preocupação de cada um, enquanto membro do Grupo chamado para uma missão muito mais alta do que a de simplesmente atuar na sua vida privada, de fazer, do nela atuar, a sua preocupação capital.

Isso faz com que o grosso do seu empuxe vá para a vida pessoal, e que, só de um modo mais ou menos platônico, entrem o interesse pela vida coletiva, pelo bem comum do Grupo, etc.

#### **- esse defeito raramente se apresenta de modo explícito**

Naturalmente a *chacunnière* não é um defeito que exista de um mesmo modo em todos. Sobretudo não se apresenta, senão muito raramente, em casos agudos, de um modo explícito. Trata-se, antes, de um defeito implícito e vivendo de vários modos em vários graus nas pessoas.

Assim, não há membro do Grupo que diga o seguinte: "Agora eu vou cuidar de minha vida particular, e só secundariamente cuidar do Grupo". Isso já representaria um tal grau de ensabugamento que essa pessoa já estaria com um pé na rua.

**c - por ele, a pessoa concorda em tese que deve dedicar-se inteiramente ao Grupo. Mas, subconscientemente, por falta de maturidade, de generosidade e uma série de defeitos na ordem viva das coisas, os assuntos que lhe mordem são os pessoais**

Mas há um fenômeno subconsciente que é este: a pessoa concorda em tese que deve dedicar-se inteiramente ao Grupo. Mas, por falta de maturidade, de generosidade, por uma série de defeitos na ordem viva das coisas, os assuntos que lhe mordem são os pessoais. Os grandes assuntos são por ele admitidos platonicamente, mas não lhe mordem.

**d - daí o dinamismo de seu interesse escapa do geral para o particular, do abstrato para o concreto, do metafísico para o físico, do sobrenatural para o natural**

Então, o mais das vezes, a *chacunnière* é um defeito subconsciente. Mas, enquanto subconsciente, um defeito muito vivo porque é todo o dinamismo do interesse que escapa do geral para o particular, do abstrato para o concreto, por assim dizer do metafísico para o físico, e do sobrenatural para o natural.

**e - o abstrato, o metafísico, o sobrenatural ficam, por este defeito, vistos como valores culturais de que a gente se ocupa um pouco**

O geral, o abstrato, o metafísico, o sobrenatural ficam, por este defeito, vistos assim como umas lindas categorias do espírito, quase uns valores culturais de que a gente se ocupa um pouco, mais ou menos como certos diletantes gostam de ouvir um pouquinho de música à noite. Os cultores de Chopin são deste gênero: põem pijama, sentam-se comodamente, tocam um disco *high fidelity*, enternecem-se um pouco com aquele melão, imergem durante algum tempo naquela ordem irreal, mas ao dinamismo da vida deles não vai para o Chopin. Vai para a vida de todos os dias.

Muita gente, sem se dar conta disso, faz de nossos princípios uma espécie de Chopin. ± noite na hora de ir para a Sede, pensa um pouco naquelas coisas tão bonitas que "aqueles rapazes tão piedosos", "aqueles senhores tão perseverantes" enunciam. Mas, durante o dia, é aquela vivinha...

## **B - Formas de chacunnière : vidinha extra e intra Grupo**

Há duas formas de chacunnière : uma é a forma "baixa", que consiste em um membro do Grupo cuidar da sua vidinha pessoal enquanto não membro do Grupo. Então, de seu empreguinho, seu automovelzinho, seu dinheirinho, sua saudinha, sua familhinha.

Outra é a forma "alta", também muito ruim. Consiste em o indivíduo já não cuidar propriamente da sua vidinha extra-Grupo, mas de, dentro dele, procurar organizar para si uma vidinha agradável.

## **C - Traços característicos do espírito de chacunnière**

### **a - amor ao concreto, ao episódico, à dispersão e às vantagens**

#### **personais**

Sintoma característico desse espírito de chacunnière é quando uma pessoa começa a opinar a respeito das atividades e problemas do Grupo, interessando-se mais pelas questões práticas do que pelos grandes problemas. E, nelas, interessando-se mais por regulá-las de acordo com suas aspirações de amor próprio, vaidade, comodidade, e conforto do que com a vantagem do Grupo propriamente dita.

Então começa a opinar e vê-se que todas suas opiniões são, no fundo, animadas pela idéia de dar um certo atendimento à vantagem de caráter pessoal da vida dentro do Grupo. A pessoa não tem nostalgia da vida fora do Grupo, mas tem o desejo e a aspiração de fazer uma vidinha dentro dele.

Quer dizer, o indivíduo dado à chacunnière tem como nota característica de espírito o fato de que gosta do concreto, não do arquetônico; do fato episódico sem maior análise, da coisinha concreta, pequena. Gosta de uma vidinha em que não caiba nada de abstrato, mas apenas o concreto, como por exemplo, uma série cinematográfica e desconexa de impressões, e visões e de dados.

### **- tendo horror ao abstrato, tem horror ao recolhimento.**

Ele tem horror ao abstrato. E, tendo horror ao abstrato, ele tem horror ao recolhimento. Porque este leva ao abstrato, a gente queira ou não. Ele gosta do barulho, do movimento, da dispersão, da rua com muita gente, do vai-e-vem, de tudo. É disto que ele gosta.

### **c - logo, a chacunnière é o oposto da Sabedoria**

Ora, o espírito bem formado deveria:

- querer o abstrato .
- neste, o arquitetônico , isto é, as verdades que formam um todo, e não apenas umas notas abstratas soltas no ar.
- no arquitetônico , deveria procurar o metafísico .
- além do metafísico , o sobrenatural .
- e no sobrenatural, arquitetonicamente visto , ele deveria se deleitar . Esta é a ordem da Sabedoria, é a Sabedoria .

### **d - assim a chacunnière encontra sua expressão mais eminente no espírito "americanista"**

O oposto disto é exatamente a chacunnière , que encontra sua expressão mais eminente no espírito "americanista". Pois, para o norte-americano (segundo é apresentado e difundido por Hollywood), o que vale é o fato que passa, a impressão que chama a atenção, a pura sensação física, o horror ao pensamento que conduz ao abstrato, o horror ao arquitetônico.

Aquela espécie de doida histérica que é a Estátua da Liberdade na entrada de Nova York, com aquele braço levantado, de um lado brada: "não há moral nem lei". Mas de outro brada também: "não há arquitetura nem metafísica".

### **e - portanto, o contrário da Idade Média**

Sendo assim, a chacunnière é o contrário do espírito da Idade Média, em que todas as almas eram levadas para a ordem dos imponderáveis e para a ordem dos inverossímeis.

Esse espírito norte-americano-hollywoodiano é inteiramente voltado para o ponderável e para o verossímil. E a mentalidade comunista -- não precisamos nem explicar -- não é o oposto do norte-americano, mas é o arqui-ele. É o materialismo para o qual só o ultra-ponderável existe.

Temos, portanto, de um lado, a Sabedoria , da qual Nossa Senhora é a Sede, e que tem toda aquela luminosidade com cores de vitral de que a vida era banhada na

Idade Média. De outro, temos esse espírito hollywoodiano cujo símbolo é a luz neon , a chacunnière .

### **f - Mère Marie de Gonzague: exemplo vivo de chacunnière**

Chacunnière por excelência era a Mère Marie de Gonzague, superiora de Santa Teresinha.

Ela era uma senhora originariamente de uma família de pequena nobreza da França. Eleite priora, começou a reger o Carmelo.

Ela tinha um gato (já é uma enormidade! Uma carmelita que renunciou a todas as coisas, ter um gato! E já se vê o gato aos pés dela, na cela dela com certeza um quartinho um pouco melhor...) Para agradar a ela e obter licenças, em certas ocasiões, era preciso estar em boas relações com o gato. Evidentemente, um modo simbólico de fazer homenagem a ela.

Havia uma construção no convento - presumimos que fora do convento - em que ela alojava a família quando esta vinha de algum castelicoque ou de alguma casinha do interior. Quando a família estava lá, as religiosas tinham que prestar certos serviços a ela. Era outra maneira de agradar Mère Marie de Gonzague.

Santa Teresinha, quando quis escrever a "História de uma Alma", ela impôs como condição para dar a licença, que Santa Teresinha dedicasse o livro a ela. Vê-se a coisa: "minha filha dedicou este livro a mim!"

Não passava pela cabeça dela sair do Convento, nem consentir nas tentações do mundo revolucionário do século XIX. Entretanto, dentro do Convento, era a chacunnière .

### **g - ainda que tênue, pequenina, a chacunnière não deixa de ter mil ramos**

Outro tracinho característico de chacunnière : uma pessoa, quando nós introduzimos as Orações do Grupo em latim no início e finais de reuniões, fez uma objeção: "eu não gostei muito disso". Apertada, pois se pensava ingenuamente que se tratava de algo do bem do Grupo, saiu-se com esta: "Eu não sei latim. E, depois, tenho muita dificuldade em decorar!..." O que é? Chacunnière.

De uma coisinha assim pequena deduz-se uma *chacunnière* muito grande, porque a *chacunnière* é assim: ainda que *tênue*, pequeninha, ela nunca deixa de ter mil ramos.

"Pelo dedo se conhece o gigante". Às vezes, por um sinalzinho assim minúsculo de *chacunnière*, vai-se aprofundar, aprofundar, acabar-se-á encontrando as raízes de uma árvore. A *chacunnière* é uma coisa muito perigosa: ramifica muito.

## **D - Chacunnière e Primeiro Mandamento**

### **a - há uma nota de carácter pessoal em nosso amor a Deus, que nos é indicado por nossa vocação**

Nós amamos a Deus não como num Tratado, quer dizer, vendo todas as razões pelas quais Ele é amável, e amando de acordo com essas razões e na respectiva ordem etc. Algo disso naturalmente há e deve haver. Mas há uma espécie de amor mais especificado e mais pessoal a Deus, por onde sua nota tônica vai para os pontos onde Ele quer mais ser amado por nós.

E, então, nesses pontos, a graça vivifica mais o assunto, ilumina melhor; a nossa luz primordial converge para aquilo com mais veemência, e isto é que dá o carácter pessoal -- e não apenas de Tratado de Teologia -- a nosso amor de Deus.

A nossa vocação é que nos indica os pontos por onde nós devemos mais amar a Deus, porque toda vocação tem, no fundo, um aspecto de Deus que põe em relevo.

A nossa vocação tem os traços necessários para o amor mais dinâmico a Deus. E é assim, considerando esses traços, que nos unimos melhor a Ele.

- ora, a *chacunnière* é uma forma de tibieza e de mediocridade que se reduz a uma aversão ao verdadeiro amor de Deus

A *chacunnière* é, em última análise, uma forma de tibieza ou uma forma de mediocridade que se reduz a uma aversão ao verdadeiro amor de Deus.

Para nós podermos combater a *chacunnière*, o elemento-meio que temos é evidentemente o estimular em nós o amor de Deus em suas linhas mestras, quer dizer, por onde nós fomos chamados a amá-Lo.

### **c — então os interesses de desenvolver nossa vocação, e o de combater em nós a *chacunnière*, coincidem completamente**

Independente da existência da *chacunnière*, o interesse de desenvolver a nossa vocação e o amor de Deus, e, depois, o interesse de combater em nós a *chacunnière*, esses dois interesses coincidem completamente. E nós podemos, através deles, vencer aquilo que percebemos que é uma tentação permanente para os membros do Grupo.

Porque se a luz primordial, a vocação do Grupo é, do ponto de vista espiritual a Sabedoria -- isto é, possuir um amor sapiencial de Deus e de Nossa Senhora -- é claro que a tentação de pecado capital tem que estar no oposto. E, no oposto não está apenas a Revolução, mas também essa espécie de semi-Revolução que é algo que está para ela como o semi-arianismo está para o arianismo, ou o semi-pelagianismo para o pelagianismo. Quer dizer, é uma diluição do espírito de Revolução, que é esse gostinho de viver uma vidinha própria dentro de um mundo que é o mundo revolucionário, embora pouco importe que ele seja revolucionário.

### **3 - APÊNDICE : PARA ROMPER O "TENDÃO MALDITO"**

Alguém poderia objetar: essas considerações anteriores são de fevereiro de 1966. Que atualidade elas têm para o momento presente?

Para responder parece vir muito a propósito recordar o que foi dito no domingo, 2 de outubro de 1973. É o que segue:

#### **A - A partir de 67 começaram a ser cada vez mais numerosos os que começaram a**

**compreender que não deviam viver uma vida particular, mas fazer uma doação**

#### **integral à Causa**

Do ano 1 até 67, inclusive, ... cada um de nós considerava-se um particular destinado a viver a vida de um particular com seus interesses, seus direitos, seu destino pessoal a ser afirmado, a ser traçado, mas que íamos dando cada vez mais para a Causa.

A partir de 67 o acento se deslocou e começaram a ser cada vez mais numerosos os membros do Grupo que compreenderam que se tratava de uma doação integral à Causa. Que a coisa deveria rumar para que essa nossa vida fosse toda consagrada a Ela de maneira que a Causa fosse dona de nós, fosse senhora de nós. E que o corolário da Consagração de São Luís Maria Grignon de Montfort era que nós pertencêssemos completamente à Causa.

E, portanto, que nós considerássemos todos os nossos direitos, todas as nossas ambições pessoais, todas as nossas regalias, como devendo ser imoladas em holocausto à Causa. E que esta éra o fim para o qual vivíamos: "é a Causa", e, colateralmente, cada um leva sua vida. O importante era fazer da Causa a nota tônica da vida.

Isto foi o que eu comecei a sentir em 1967, mesmo antes dos acontecimentos de Genazzano.

**B - Reverso da medalha: enquanto tem sido fácil obter doações exteriores, quando se trata de dar o que os franceses chamam de le fin fond , algo treme, algo hesita, algo cambaleia**

Mas há o reverso da medalha. Enquanto tem sido fácil obter as doações exteriores, materiais, como por exemplo a pessoa consentir em ir morar num şremo, entretanto, quando se trata de dar o fino, o fundo, o que os franceses chamam le fin fond , "o fino mais profundo ", à Contra-Revolução, algo fica e algo treme, algo hesita, e algo cambaleia.

Há uma espécie de repúdio interior ao mundo da Revolução por onde a pessoa, colocada diante dele, diz e de fato faz o que diz: "eu não tenho parte com ele, e o detesto completamente com toda minha detestação. E eu almejo o Reino de Maria com todas as forças de minha alma".

Mas, na hora desta ruptura interior total, qualquer coisa segura e indica uma divisão. E a divisão é responsável por uma vacilação. E esta, por uma insegurança. Por sua vez, a insegurança é responsável por atrasos no progresso, atraso no florescimento, por atrasos na expansão.

**C - Há um tendão qualquer que faltaria cortar. Esse, as pessoas não cortam**

Há um tendão qualquer que faltaria cortar, que fica no mais fundo das almas. Esse tendão as pessoas não cortam.

E daí o fato de que o florescimento do "discípulo perfeito" ainda não se deu, quando todos nós deveríamos ser discípulos perfeitos.

Quer dizer, o ponto está aí: há uma ruptura interna, algo que a gente vê que dói e que fica naquela região misteriosa da alma que São Paulo chamou de "a junção da alma e do espírito". Nesta ruptura interna há qualquer coisa a obter de Nossa Senhora, que

absolutamente precisa de ser obtido; porque, do contrário, não chegaremos até onde queremos chegar.

### **a - a "fortaleza de gelatina"**

Os Srs. vêm, então, na vida eremítica, por mais bela que ela seja -- ela é até deslumbrante por alguns lados -- os Srs. têm os cambaleios e as faltas de solidez, períodos de brilho e períodos de eclipse. Nos períodos de brilho, não há esperança que não se possa conceber. Nos de eclipse, não há receios que não se deva ter. E isso vem em toda a organização do Movimento, de alto a baixo. É o que eu chamava de "fortaleza de gelatina".

- de 67 para cá, se esse tendão se adelgaçou, foi um adelgaçamento muito pequeno. Houve um progresso interior, mas não tocou o ponto fundamental

O que se poderia perguntar era se, de 67 para cá, o tendão pelo menos se adelgaçou.

E eu devo responder com toda probidade que eu não tenho certeza. Mas que, se houve adelgaçamento, foi um adelgaçamento pequeno.

E daí o paradoxo nesse progresso interior, porque, se de um lado o florescimento é muito grande, de outro a seiva que deveria animar esse florescimento não é injetada na proporção do mesmo. Algo deveria ser cortado, um golpe deveria ser vibrado, e isto eu ainda não vejo. Aqui qualquer coisa deveria ser feita.

... Houve um progresso interior pela graça de Nossa Senhora. Mas esse progresso não tocou o ponto fundamental.

### **D - Qual é esse tendão a ser cortado**

Qual é esse ponto fundamental, esse tendão?

É uma disposição da alma, bem em seu centro, por onde ela se sente vinculada em algo com o que há de bem no centro da Revolução.

«PG»

«PT5» II

# MÉTODO E CRITERIOLOGIA

«PT2»«FL»

## 1 - SABERMOS O QUE REALMENTE SOMOS EM FUNÇÃO DA R-CR E DO PANORAMA HISTÓRICO EM QUE VIVEMOS

«FL»

### A - Tendo como dados: senso católico, conhecimentos históricos, estudo da Cristandade, situação atual da Humanidade, raciocínio e conclusões

Dado aquilo que sabemos que somos e aquilo que sabemos de nós mesmos em função da hora histórica em que nós vivemos, que outras verdades podemos tirar a respeito do que nós efetivamente somos?

O método que utilizaremos para isso é o seguinte: vamos tomar um conjunto de verdade em que nos apoiamos, com dados de bom senso e de senso católico, para construir uma série de teorias que dizem respeito à nossa vocação, considerada em face da Revolução e da Contra-Revolução. Considerada, portanto, em face, em função de um panorama histórico, porque a Revolução e a Contra-Revolução são um panorama histórico.

Os dados, portanto, são: o senso católico, conhecimentos históricos, o estudo da Cristandade, a situação atual da Humanidade, raciocínios e conclusões.

Agora, os senhores não devem ver nessas conferências um conjunto de hipóteses bonitas nem de divagações, mas devem ver aí uma coisa que foi raciocinada e deduzida segundo as legítimas regras do raciocínio de que é apresentado como hipótese quando é hipótese, que é apresentado como certeza quando é certeza. São verdades, portanto, que devem ser tidas como certas e que oferecem ao nosso pensamento verdadeiro pé.

### B - E os flashes, explicitados e reduzidos a raciocínio

Isto dará então o lado raciocinado do simpósio. Primeiro, porque só as impressões profundas são grandes glashes. Depois, porque estando estando explicitada e reduzida a um raciocínio, ainda que nas horas de grande tentação, de grande dificuldade,

de grande crise, os flashes desapareçam, a coisa que fica é o que foi reduzido a raciocínio, a princípio.

Não é sem razão que depois de Nossa Senhora ver as maiores maravilhas se passarem em torno d'Ela a propósito da Anunciação, do Nascimento do Menino Jesus e dos primeiros fatos de Sua Infância, o Evangelho nos diz que Ela conferia todas essas coisas e as meditava no seu Coração. O que é que era esse meditar?

Era tomar todas as coisas que a Ela tinham causado grande impressão - impressão já toda ela razoável, porque Nossa Senhora era concebida sem pecado original e tinha, na ordem da graça e da natureza, qualidades verdadeiramente insondáveis - era tomar essas impressões, já razoáveis, e fazer delas um pensamento definido, articulado, metódico que A elevasse ainda mais no amor a Deus.

### **C - E "considerando-os em nossos corações**

Ora, o que se trata de fazer aqui é tomar todas as coisas que vimos e as considerarmos em nosso coração, no sentido escriturístico da palavra coração, que não quer dizer a sensibilidade apenas - tem algo de sentimento sem ser sentimentalismo - mas sobretudo [mentalidade?] sapiencial do homem. É isto que se trata de fazer.

## **2 - EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM E DE NOSSA FIDELIDADE A ELE**

«FL»

**A primeira coisa que precisamos para nos definir, é tomar um critério de definição.**

Ora, um dos melhores critérios que há para alguém definir-se é definir-se em função do seu próprio fim, porque toda coisa vale em vista da finalidade e da fidelidade que tem a seu fim.

Porisso tomaremos esse critério e trataremos de nos definir em função dele.

**- qual é o fim a que nos propomos?**

**- segundo: com que fidelidade nós estamos seguindo esse fim?**

Mais lógico não se pode ser.

«FC»«PT5»

# PARTE I

**O QUE SOMOS**

**EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM**

**OU**

**TEORIA DOS AUGES**

**«PT2»**

**«FL»**

**«PG»**

**I**

**ASPECTO NEGATIVO DO NOSSO FIM:**

**DESTRUIÇÃO DA REVOLUÇÃO**

**SENDO A REVOLUÇÃO O AUGÉ DO MAL**

**DEDICAR-SE ± SUA EXTINÇÃO É O MELHOR FIM DE NOSSA ÉPOCA,**

**E UM DOS MAIS ALTOS DA HISTÓRIA**

**«FL»**

**1 - INTRODUÇÃO: O FIM QUE VISAMOS**

**A - Não visamos apenas um fim, mas o melhor que se possa visar e um dos mais**

**altos que se tem visado na História da Igreja**

Nós não visamos apenas um fim, mas o melhor fim que se possa visar em nossa época e um dos melhores e mais altos que se tem visado na História da Igreja.

Não é modéstia que nos falta, como os Srs. vêem. Ainda não está enunciado o fim, e já está emitido um juízo de valor prévio em relação a ele:

Primeiro: é o melhor fim que se possa visar em nossa época;

Segundo: é um dos mais altos que, em todas as épocas da História da Igreja, se tem visado.

Qual é esse fim?

Vamos analisá-lo primeiro sob o aspecto negativo, e depois sob o positivo.

## **B - No aspecto negativo esse fim é a eliminação tão radical quanto possível da**

### **Revolução.**

Sob o aspecto negativo é a eliminação, tão radical quanto possível, do mais graves dos males de nossos dias: o pecado de Revolução. E como esta atingiu, como dizemos na RCR, um grau que é o pior que houve na História da Igreja e da Humanidade, poucas vezes se tem visado um fim tão alto quanto o a que nos propomos.

## **C - Algumas ponderações preliminares**

Poder-se-á perguntar se esse fim não é, de uma vez, o mais alto.

### **a - Porque não, de vez, o mais alto?**

Seria um pouco forçado dizê-lo. Porque há certos fatos na História da Igreja que, em sua raiz, visaram um fim tão elevado, e o levaram a efeito de um modo tão eminente, que seria um pouco forçado afirmar-se isso [simplesmente] assim.

### **- a difusão do Evangelho, p.ex., teve características de nobreza muito mais altas.**

Por exemplo, a difusão do Evangelho, feita principalmente por São Paulo em toda bacia do Mediterrâneo, evidentemente continha por super-eminência um fim tão elevado como o nosso. Além disso, tinha tantas outras características de nobreza muito mais altas que, dizer simplesmente que o nosso é o mais alto que houve na História seria uma coisa megalótica, sem o senso das proporções, até irreverente.

### **c - Excessão feita a coisas desse porte, não houve fim mais alto que o nosso**

Entretanto, o que se pode dizer é que, excessão feita de coisas deste porte - e assim mesmo dentro disso haveria o que dizer - não houve fim mais alto do que o nosso.

**d - Dizemos "eliminação tão radical quanto possível" porque, havendo demônio, haverá Revolução**

A expressão acima usada -- eliminação tão radical quanto possível -- é uma expressão necessária, porque a Revolução não pode ser extirpada de um modo total. Até o fim do mundo haverá o demônio, e, havendo o demônio, haverá o inimicitias ponam . De maneira que a destruição completa não é possível.

Mas a expressão "tão radical quanto possível" significa uma extirpação que leve até os extremos limites do permitido pela Providência.

**c - É assim num de auge de totalidade, de nobreza, de intransigência, de importância, que se situa nossa vocação**

Isto é o contrário do radicalismo: é uma afirmação de totalidade. É uma afirmação de auge. E é um auge de nobreza, num auge de intransigência, num auge de importância que se situa a nossa vocação.

É assim que nós começamos a entrar no assunto.

**2 - A REVOLUÇÃO É O AUGE DO MAL, PORQUE ELA É A HERESIA TOTAL, A NEGAÇÃO TOTAL DA MORAL, E A SUMA DESORDEM**

**A - A Revolução é o auge do mal:**

- porque ela contém, no fundo, a heresia total;
- porque contém a negação total da moral;
- porque é a negação completa de toda ordem eclesiástica e temporal;
- portanto, estamos combatendo o auge do mal .

Considerarmos isto é indispensável para nos darmos idéia da importância de nossa obra.

**B - A Revolução é a heresia total**

Por que?

**a - Porque, sendo panteísta, ela é a mais radical forma de negação de um Deus pessoal. Resumo do que é panteísmo.**

Sendo uma heresia gnóstica e panteísta, a Revolução é a mais radical das formas de negação de um Deus pessoal. É uma forma de ateísmo (panteísmo e ateísmo acabam, no fundo, sendo a mesma coisa) a mais radical que se possa imaginar.

Essa forma de ateísmo consiste, em duas palavras, na idéia de que a ordem do ser era, antes da Criação do mundo, uma espécie de abismo sem pensamento e sem ação, parado, deitado em si mesmo, e posto numa espécie de sono de inconsciência completa. Isso seria propriamente a felicidade, porque não haveria outra felicidade senão a de não se conhecer, não se amar, o não pensar, o não querer, o não sentir e o não ser vário... Uma espécie de abismo que, ao mesmo tempo, é e não é.

Em determinado momento, dentro desse abismo, deu-se um desastre: um seu elemento interno (dir-se-ia, numa analogia blásfema, uma Pessoa da Santíssima Trindade) conheceu-se (que é algo que lembra a geração do Verbo pelo Pai); depois, amou-se (o que, por sua vez, tem semelhança com a doutrina da processão do Espírito Santo), e esse amor deu num desastre, pois deu na "sofia" ("sabedoria", em grego). Deu na Sabedoria que, em certo momento despreendeu de si seres individualizados, seres concretos: no Universo que nós vemos com seres que têm variedade, que vivem, que sentem, que conhecem, que amam e que sofrem.

Ora, para eles isto é um mal. O bem era o caos primitivo.

Por isso os seres todos, toda a ordem do ser, devem voltar àquela situação primeira, àquela situação anterior.

**- o budismo, panteísta na sua essência, visa a aniquilação da individualidade como meio de voltar ao caos primitivo**

Esse processo de volta tem mil modalidades, mas sua essência sente-se no budismo. Segundo este, os seres devem ir cada vez mais se desindividualizando, se despersonalizando, tornando átono seu pensamento, tornando átona sua ação, abatendo as fronteiras por onde têm a ilusão de que um ser não é o outro, etc... até que, ao cabo de transmigrações e encarnações sucessivas, voltem ao buraco inicial de onde nunca deveriam ter saído.

O processo, entretanto, depois recomeça, porque esse desastre é quase um desastre necessário, que sempre se reabsorve, mas que sempre acontece de novo. Uma

espécie de máquina quebrada que a gente conserta e que necessariamente se quebra de novo, o que é próprio das coisas do demônio.

**c - O evolucionismo, a civilização industrial e a arte moderna,  
caminham enquanto favorecendo a padronização e a depersonalização,  
nessa linha**

A evolução, de que tanto se fala, não é senão essa força existente no Universo por onde as coisas se desindividualizam, re-individualizam, para de novo se desindividualizar etc...

A civilização industrial e a arte moderna, enquanto favorecem a padronização, a depersonalização por todos os modos, são dessas forças da natureza. A civilização comunista, enquanto pondo tudo em comum, também é um elemento de depersonalização e, portanto, uma força da evolução tendendo a levar todas as coisas para o grande buraco terminal.

**d - o tipo humano daí resultante não é o do bandido clássico que odeia  
a Deus -- como Raul de Cambay --, mas o do monge budista em que  
todos os limites do eu estão abatidos**

Se quisermos ter um pouco a idéia do tipo humano que surge daí, não devemos pensar num bandido da Idade Média, como Raul de Cambay, estuante de uma personalidade que odeia a Deus, e que, num pequeno barco se bate em escolhos num mar revolto, como espécie de Siegfried, não louro, mas negro, blasfemando contra Ele, fazendo o Sinal da Cruz em sentido contrário para ofendê-Lo. Essa é uma forma infantil e inicial de ódio a Deus.

O verdadeiro ódio é o de um monge budista que procura sua auto-destruição, inteiramente parado, vazio, desindividualizado e, por isto, capaz de pôr fogo em si mesmo como quem põe fogo num outro.

Todos os limites do eu estão aí abatidos. Ele é nada, ele é ninguém, ele é vazio.

**e - essa é a mais completa negação de um Deus pessoal, de toda  
toda as civilização, cultura, beleza, a sentina para onde convergem  
possibilidades de impiedade.**

Ora, de um lado, esta é a mais completa negação de um Deus pessoal e a mais completa afirmação do ateísmo. De outro, é a mais radical negação da civilização, da

cultura, da beleza e da dignidade de vida. Portanto, o pior dos males. A sentina para onde convergem todas as possibilidades de impiedade.

Simplificando muito, nós encontramos por detrás de todas as formas de Revolução, em última análise, esta posição gnóstica. Por isto a Revolução é a heresia total.

#### **D - A Revolução é a negação total da moral, a suma imoralidade**

Ao mesmo tempo a Revolução, que é a suma heresia, é a suma imoralidade.

##### **a - Um Raul de Cambrai é menos imoral que um daqueles monges budistas que perdem o próprio instinto de conservação**

Exemplificando de novo com um Raul de Cambrai: ele, que é arqui-imoral, não o é tanto quanto um daqueles monges budistas de que falamos, embora, na aparência eles não cometam os crimes que Raul de Cambrai cometeu. Mas, um homem que é capaz de se suicidar sem, por assim dizer, sentir o próprio instinto de conservação e a própria noção de que é um circuito fechado que se diferencia de todo o resto, este homem atingiu uma violação da moral mais funda do que a de qualquer assassino. E isso é uma deformação do que deve ser o homem, mais funda do que a que existiu em qualquer fascínora do passado.

- como também o são Nogaret e Guillaume de Plaisance, que esbofetaram Bonifácio VIII em Agnani

Dois dos homens que nos inspiram maior horror na História, são Nogaret e Guillaume de Plaisance, que esbofetaram o Papa Bonifácio VIII em Agnani. Aliás, no fundo, essa bofetada não foi dada por esses dois sem-vergonhas, mas por de Felipe IV, por suas mãos, e com o espírito dos legistas. Era todo um germen da Renascença que ali cometia o pecado horroroso do morticínio de um Papa, proximamente parecido com o morticínio de Nosso Senhor Jesus Cristo. Isso antecedeu muito de perto à morte misteriosa de outro Papa, bem-aventurado, que morreu poucos meses depois para dar origem à eleição daquele vaso de abominação que foi Bertrand de Gothe, francês, que transferiu provisoriamente -- mas que imenso provisório -- a sede do Papado de Roma para Avignon.

Pois bem, os dois homens que o cometeram esse pecado de esbofetear o Papa, com todas as agravantes que mencionamos, não estavam tão profundamente corrompidos quanto um monge budista de que falamos. Creio não ser preciso dizer mais nada.

### **E - A Revolução é a suma desordem**

A Revolução, que é o sumo pecado, a suma imoralidade, é também a suma desordem. Por que que?

#### **a - Porque a ordem espiritual decorrente dessa impostação é a maior possível, a aniquilação de toda ordem**

Porque a ordem temporal e a espiritual decorrentes dessa impostação gnóstica, não pode deixar de ser a maior desordem possível. Ou, em outros termos, a aniquilação de toda ordem.

- E não se pode imaginar outro adversário pior do que o que estamos combatendo.

Nós estamos combatendo, portanto, um verdadeiro auge. É verdade que é para baixo, mas é um verdadeiro auge. E o é porque não se pode imaginar outro pior.

E aqui fica, num flash, numa rápida lembrança, todo o horror que existe em nosso adversário.

### **3 - ESSE AUGUE DE MAL ATINGIU UM AUGUE DE UNIVERSALIDADE**

#### **A - Porque, pelo caráter universal da Revolução, ela atinge a Humanidade inteira.**

Esse adversário que, como se acabou de ver é mau na sua essência, tem, por extensão, uma outra nota de horror que é a universalidade. Quer dizer, ele não é um mal que aflige uma área só da civilização, da Humanidade, mas que, pelo caráter universal da Revolução, ele arrasta a Humanidade inteira.

#### **B - Portanto, não é só a ala má, mas a Humanidade inteira que está sendo arrastada**

Não insisto nesse ponto porque já é muito conhecido. Os Srs. sabem que é o mundo inteiro que está sendo tragado. Não é apenas a ala má da humanidade que vai

sendo arrastada, mas é ela inteira. E o vai sendo tão a fundo que, até aqueles que por ofício deveriam ser bons ou parecem ser bons -- aqueles que, comparados com a impiedade dão a impressão de piedosos -- são arrastados.

De maneira que a parte não arrastada é uma parte minúscula, uma gotinha. Esta parte somos nós e pouco mais do que nós.

### **C - E a Revolução entrou até no Santuário. Vaticano II**

A universalidade não podia, portanto, ser mais tremenda. Basta pensar no Concílio Vaticano II, para se ter a idéia de até onde ela penetrou. Ela não poupou o santuário e, dentro dele, não poupou o Santo dos Santos. É tremendo!

### **D - E está a ponto de criar uma situação à qual ninguém resista. Chegou, portanto, a um auge de iminência**

Outra nota que torna muito grave esse perigo é a sua iminência.

### **a - as reformas do Concílio e a tentativa de reconciliação dos russos com o Ocidente, passo enorme para a bolchevização do mundo, mostram essa iminência**

Seria suficiente pensar na tentativa de reconciliação dos russos com o Ocidente, através de uma manobra para fazer uma civilização semi-comunista e semi-burguesa, que é um passo enorme para a bolchevização do mundo inteiro, e pensar no Concílio, para vermos como esse perigo é iminente, como está a pique de criar uma situação à qual ninguém resista.

## **4 - SE A REVOLUÇÃO É UM AUGE DE NEGAÇÃO, NÓS SOMOS UM AUGE DE TOTALIDADE**

Então, no mal que combatemos, temos:

### **A - Um auge de maldade, um auge de universalidade, um auge de iminência.**

Isso define:

**B - O auge de bem, de grandeza, de importância, de santidade do apostolado e**

**da luta que nós empreendemos.**

Portanto, se a Revolução é um auge de negação, nós somos um auge de totalidade.

**5 - COMO A REVOLUÇÃO, ATRAVÉS DO CONHECIMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA,**

**EST LEVANDO O MUNDO, COMO UM TODO, PARA O MAL...**

A Revolução perde a sociedade como um todo -- e, através dela, as almas -- porque conhece a doutrina da Opinião Pública.

**A - A Revolução considera a sociedade humana como uma sociedade de almas**

**formando uma opinião coletiva, admitida como certa, e que, sobre elas exerce efeitos tirânicos**

Quer dizer, ela toma a sociedade humana e considera-a como uma sociedade de almas, isto é, como almas que, em contacto umas com as outras, sacrificam um pouco de sua opinião individual formando, subconscientemente, orgânicamente, uma opinião coletiva -- uma super-estrutura de opiniões, uma média de opiniões -- que é admitida como certa, e que exerce efeitos tirânicos sobre os que a admitem.

**a - A imensa maioria se deixa subjugar pela Opinião Pública**

Isso, primeiro porque o homem tem uma tendência natural -- e até certo ponto legítima -- de concordar com a opinião pública, pois não tem segurança a não ser na opinião coletiva. (Ele se sente muito fraco para estar seguro numa opinião puramente individual. É necessário ser um homem muito excepcional para poder se opor à opinião de todos. A imensa maioria, a quase totalidade, como que se deixa subjugar por falta de segurança individual).

- Porque ela sanciona com o ódio os que dela divergem

Depois, porque, para os travessos do jogo, há sanções. Todo mundo sanciona com o desprezo, com o ódio, quem quebra esta espécie de unanimidade necessária para

tentar formar uma opinião própria, seguir uma escola própria. Ou seja, a opinião pública castiga com sanções imensamente vivas, finas e doloridas os seus apóstatas. De tal maneira que isto se aplica até capilarmente. O menor hominho que faça, na menor aldeinha, uma violação ao dogma coletivo, sofre a sanção consuetudinária.

Em consequência, por medo ou por covardia, as pessoas cedem diante da opinião pública.

## **B - A Contra Revolução, para conduzir a sociedade humana para o bem, tem que**

### **usar também a "arte real"**

#### **a - Esse processo de condução da opinião pública é passível de ser reduzido a regras. A "arte real".**

O processo pelo qual as pessoas elaboram uma opinião coletiva, e a partir dela se deixam dominar pelo bem e pelo mal, é susceptível de ser estudado e reduzido a regras, ou pelo menos a um grande número de regras.

E há uma arte de sentir esta opinião pública e de perceber seus movimentos, a que chamamos com uma propriedade um pouco discutível, de "arte real".

- Ela permite a um grupo pequeno dirigir a opinião pública, que tem movimentos de alma como de um indivíduo, mas em anos ou séculos.

Ela permite a um grupo como o nosso o dirigir a opinião pública. E dirigí-la tratando-a como se fosse um só indivíduo. Porque, é curioso, esta opinião pública assim constituída, tem todos os movimentos de alma que existem num indivíduo: ela quer, ela não quer, ela hesita, ela se irrita, ela se impacienta, ela se cansa, ela se distrai, ela se sacia, exatamente como um indivíduo. Com a diferença de que, aquilo que o indivíduo realiza em minutos, ela realiza em anos, ou, talvez, em séculos.

Então, precisamos conhecer as doutrinas da opinião pública e portar-nos face a ela como um diretor espiritual se porta face a seu penitente: conhecê-la a fundo, modelá-la, atuar sobre ela e, através dela, sobre os outros indivíduos. Essa é a nossa missão.

Quer dizer, nós somos como que diretores espirituais, não de milhões de almas, mas dessa espécie de alma das almas (a expressão é muito má), desse ponto de encontro de todas elas.

Aí se compreende as devidas proporções de nosso apostolado.

### **C - "Fazemos apostolado individual?" Só para obter elementos necessários para**

#### **nossa ação**

Alguém poderia perguntar: "Nós fazemos ou não apostolado individual?"

Nós, de fato, fazemos apostolado individual. Mas o fazemos para trazer almas para o Grupo e assim adquirir elementos necessários para exercer essa ação, e não propriamente para fazer essa outra ação individual, imensamente preciosa, mas de um alcance indiscutivelmente menor. Ou seja: nós formamos um grupo para que ele atue sobre a sociedade, e esta sobre os indivíduos.

#### **a - Assim, um Grupo na Guiana, não teria por finalidade a criação de outros grupinhos no país, mas de agir sobre a opinião pública**

A finalidade de um Grupo na Guiana, por exemplo, não seria a de constituir 500 mil grupos lá, enchendo o país de grupos. A finalidade seria a de, uma vez constituído um grupo, agir sobre a opinião pública por meio de interpelações, e por estas paralizarem, na mente dos indivíduos, o processo revolucionário. Atuar, então, sobre a opinião pública como um todo, e, através da ação sobre a opinião pública, agir sobre os indivíduos.

### **D - Essa é uma sócio-psicologia cujas leis auxiliam a suspender e anular um processo e iniciar outro diferente**

É verdadeiramente uma sócio-psicologia com o auxílio de cujas leis nós fazemos pressão para suspender e anular um processo, e iniciar um processo diferente.

## **E - Desde que a Revolução inventou esse processo diabólico, temos que utilizar**

### **o mesmo meio para conduzirmos nós a opinião pública**

A partir do momento em que a Revolução inventou esse meio diabólico de ação, por onde, de fato, ela destruiu a Cristandade, nós temos que tomar esse mesmo meio para o conduzirmos nós.

## **F - Isso significa um auge no estilo de combate, de pontaria certa, de eficiência, de velocidade, e incisão na ação**

Os Srs. estão vendo que isso significa um auge também no estilo de combate.

É um auge de pontaria certa, de eficiência, de velocidade e de incisão na ação.

## **G - Que nos diferencia fundamentalmente dos que nos têm precedido...**

Neste ponto nós nos deparamos com uma diferença fundamental entre as visões e as concepções da Contra-Revolução e a da obras de apostolado, mesmo santíssimas e boníssimas, que nos têm precedido.

Não vamos comparar nossas pessoas, mas comparar finalidades:

### **a - Houve, antes de nós, gente que obrou coisas maravilhosas, e de quem não somos dignos de desatar as sandálias**

Antes de nós, exceção feita daquela gama de São Paulo e da primeira expansão do Evangelho de que falamos, encontramos gente que fez coisas magnificíssimas, gente que visou coisas verdadeiramente maravilhosas. Comparados com elas, como pessoas, não seríamos dignos de lhes desatar as sandálias dos pés.

- A obra de conduzir a opinião pública, entretanto, não foi pedida a fortes, mas concedida a fracos que devem ser tratados com a misericórdia dos fracos porque são um epílogo

Porém, a obra, que nos foi cometida por Nossa Senhora, foi cometida aos fracos que devem ser tratados com a misericórdia dos fracos. Isso porque nós representamos um epílogo.

Eu não deduzo, portanto, que nós devamos ser gigantes, porque se deduzisse isto, viciaria pela base o simpósio. A obra que foi dada aos fracos é a de fazer essa coisa espantosa que não foi pedida aos fortes.

## **H - A maioria dos que nos precederam concebiam o apostolado como o atuar nas**

almas individualmente consideradas

Na maior parte de todas as coisas que nos têm precedido, o apostolado era concebido como o atuar sobre as almas, mas estas individualmente consideradas.

### **a - Mesmo Cluny e a Companhia de Jesus, que faziam algo do que fazemos, visavam o apostolado individual**

No apostolado de Cluny, e depois, no da Companhia de Jesus, por exemplo, foi realizado algo do que nós realizamos, mas por uma espécie de velocidade segunda e meio subconscientemente. Entretanto, mesmo aí, tanto quanto pude ver pelo que tenho lido (que não é grande coisa, mas alguma coisa é, e daria para perceber) o objeto próximo do apostolado eram pessoas. Pessoa... pessoa... pessoa: "atingindo-se cem mil pessoas, atinge-se então uma sociedade humana".

Em outros apostolados, eu não vejo traço desse algo senão de um modo tão fino, que é quase difícil de ser percebido.

### **- A Idade Média nasceu assim: os beneditinos fizeram apostolado com as pessoas, e estas influíram na sociedade temporal**

A Idade Média nasceu assim. Os beneditinos, única ordem religiosa existente no começo da Idade Média, fundavam conventos, que formavam pessoas. Essas pessoas eram movidas pelo seu instinto católico, pela doutrina que recebiam do púlpito, no confessionário, no contato com o clero, etc... etc. Daí nasciam os reis católicos, os príncipes católicos, os artistas católicos, os intelectuais católicos, os guerreiros católicos, as pessoas que catolicizaram a ordem temporal medieval que nós admiramos tanto.

### **c - esse apostolado continua indispensável; mas, desde que a Revolução fez o que fez, devemos agir também como ela age**

Nós afirmamos que esse método de apostolado continua indispensável. Não se pode nem pensar em alguma coisa, nessa linha, que não seja feita por essa forma.

Entretanto, nós afirmamos que, depois que a Revolução fez o que fez, é necessário que se faça o que nós fazemos também.

**d - o que representa em relação ao anterior um progresso como o do avião em relação ao carro de boi, permitindo-nos compreender porque e no que somos diferentes, e o valor dessa diferença**

E isso representa um passo enorme em relação ao que fica para trás de nós, como um avião em comparação com carros de boi, permitindo-nos compreender no que é que somos diferentes, porque é que somos diferentes, e qual é o valor dessa diferença.

Depois, uma vez descoberto, este nosso tipo de ação deverá durar até o fim do mundo. É um princípio definitivo.

### **I - E arquetonicamente fazendo de nosso auge**

a humilhação do demônio

**a - Seria impossível a um pequeno grupo, sem o Grand Retour , atingir o demônio num ponto vulnerável se não fosse através da arte real**

Os fiéis foram reduzidos a tão poucos que, ou haveria na ordem das coisas, um ponto por onde tão poucos pudessem vulnerar o inimigo, ou a luta seria impossível sem um Grand-Retour. Com o número atual de fiéis, a luta seria impossível. O único meio é haver um ponto, na ordem do real, por onde poucos possam alterar muito.

Então, se compreende porque é que a Providência semeia tantos grupinhos por toda parte. E porque esses grupinhos, agindo neste ponto sensível, podem de fato atormentar o gigante.

- Nós, uma liquidação de época, uma capengada, um fim de linha da

Cristandade do ponto de vista psíquico e mental, somos o calcanhar que recebe o impulso da Virgem para esmagar a cabeça do demônio

Nossa Senhora vai esmagar o demônio na cabeça, quer dizer, no auge dele. No ponto onde ele é esmagado, o é por inteiro.

A Escritura fala expressamente do calcanhar de Nossa Senhora. Ou seja, dessa parte humilde, humílima do corpo, a última em algum sentido da palavra, que toca diretamente no chão, que não tem a nobreza da fisionomia nem a destreza dos dedos nem um pêso próprio, senão do pé que Nossa Senhora deita por cima dele, mas que toca o demônio.

**c - Nós que somos o auge do último, pisamos assim o auge da eficácia**

Então, nós, que somos uma liquidação de época; nós, que somos uma capengada; nós que além de capengada, somos o fim de linha da Cristiandade do ponto de vista psíquico, mental e de capacidade, nós somos o calcanhar que é o fim de linha do corpo. E nós, que somos o auge do último, pisamos no auge da eficácia, no auge do perigo, no auge de adversário.

Aqui está a vitória da humildade de Nossa Senhora por meio de instrumentos muito pequenos.

Está escrito de Nosso Senhor que Ele vai destruir o Anti-Cristo com o sopro da boca. E é assim que Deus luta contra o demônio. Porque Deus não vai lutar contra ele numa luta nobre: o demônio se levantando, e Deus manifestando Suas fôrças. Não. Quando Ele quer esmagar o demônio, Ele o faz recolher-se à sua insignificância de um modo humilhante.

E nós vencemos não com o sopro da boca de Deus, mas é com o peso do calcanhar de Nossa Senhora neste zero, neste último fraco que somos nós. É com isto que vencemos.

**d - E assim participamos do que há de auge n'Ela. Nesse sentido somos um auge dos auges**

Na Escritura há a expressão *mons supra montem positus* que se aplica a Nossa Senhora. Um monte colocado por cima de todos os outros montes e que é o monte arquetônico de todos os montes possíveis.

E assim nós, de algum modo nós, e ainda que seja na nossa condição de mero calcanhar, como filhos de Nossa Senhora, com nossa fraqueza, nossas misérias, com nossa capengue, debaixo de um certo ponto de vista, trapos humanos afinal, -- e eu acrescento mais: com a nossa pouca correspondência, que nesta visualização tem que ser vista com paz e amorosamente, sem indolência, com o desejo de melhorar, mas enfim que tem que ser vista -- nós participamos disso de augico que há n'Ela.

Nós somos, nesse sentido, um auge dos auges.

**J - Para o aprofundamento da vocação e a conseqüente riqueza da ação**

**a - o aprofundamento no conhecimento e no amor à Vocação importarão no aprofundamento do modo mais excelente da ação, que ganha em riqueza substancial**

Isso vem muito a propósito porque, a partir do momento em que se tiver a idéia conjunta do que seja nossa vocação, essa idéia passa por sucessivos aprofundamentos. Estes, por sua vez, importarão num aprofundamento do conhecimento da vocação e do amor a ela. Portanto, no aprofundamento também do modo mais excelente de fazer as coisas que dizem respeito à vocação. Desse modo toda nossa ação pode ganhar em riqueza substancial.

Pois, quanto mais a ação se ajusta à sua finalidade, quanto mais ela se ajusta ao seu espírito, naturalmente tanto mais rica ela é no melhor sentido da palavra rica.

Quer dizer, rica, em primeiro lugar, de riqueza sobrenatural, porque, quanto mais nós estamos fazendo a vontade de Deus e de Nossa Senhora, tanto maiores são as graças. Rica também de riqueza natural porque aquilo que é feito com muita consciência do fim, naturalmente lucra, torna-se muito mais exímio com direção ao fim.

Ver a Causa, proclamar o futuro e não fazer do "unzinho" um santinho.

«FC»

«PT5» II

## **ASPECTO POSITIVO**

### **DO NOSSO FIM:**

#### **IMPLANTAR O REINO DE MARIA «PT2»**

«FL»

Nós vimos o que somos em função do fim que visamos, em seu aspecto negativo, que é a derrubada da Revolução, e toda bondade desse fim.

Devemos agora ver, em seu aspecto positivo, a bondade de nosso fim.

## **1 - VISAMOS A ORGANIZAÇÃO DO MUNDO COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA RCR LEVADOS ±S**

### **ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS. ISTO É, UMA SUPER IDADE MÉDIA**

O que visamos no lado positivo, é a organização do mundo inteiro com base nos princípios contra-revolucionários. E queremos que a aplicação desses princípios chegue até as suas últimas consequências, isto é, ao seu auge.

## **A - Para isso, partir de uma base mais radicalmente ela própria, do que o auge**

que a Idade Média atingiu em seu apogeu.

Isso equivale a dizer que nós queremos ter uma ordem de coisas em que os princípios da Contra-Revolução tenham um dinamismo, uma radicalidade, maiores ainda do que na Idade Média.

Seria errado, portanto, dizer que queremos construir uma nova Idade Média. Nós somos muito mais ambiciosos: não só queremos fazer aquilo que a Idade Média não fêz, mas queremos partir de uma base ainda mais dinâmica, ainda mais rica, ainda mais radicalmente ela própria do que o auge que a Idade Média realizou em seu apogeu.

### **a - Algo portanto que esteja para a Idade Média como para ela está o que foi de Constantino até seu início.**

Nós não somos, portanto, como alguém que toma um edifício que estava sendo construído e que foi derrubado depois pelos adversários, e, com base em alguns fundamentos que ainda ficaram, reconstrói e completa o edifício antigo. Não. Para dar uma idéia da coisa, nós queremos uma "Idade Média" que esteja para a Idade Média como para esta esteve a era que vai entre Constantino e o seu começo.

Vamos nos exprimir assim: nós queremos ser para o gótico, o que este é para o romano... e ainda mais do que isto, porque dito isto ainda não está dito tudo.

-Portanto até o último fim e radicalidade concebíveis de todos os princípios contra-revolucionários. O auge assim é nosso clima próprio.

Isso é o que propriamente nós queremos.

Logo, um auge.

Logo, o auge é o nosso clima próprio.

## **B - Esta super Idade Média será o último auge possível do bem antes dos tempos**

### **que precederão o fim do mundo. Portanto, o Reino de Maria.**

A razão pela qual afirmamos isto é uma razão que está dada na RCR. Limitamos a lembrá-la muito rapidamente.

### **a - todo ato de virtude ou de maldade quando praticados, provocam na História um duplo movimento: tudo é corrigível, tudo é irreversível**

Quando uma pessoa comete um mal, um pecado (como também no sentido positivo quando ela pratica uma ato de virtude) há na História um duplo movimento: de um lado tudo é corrigível; de outro, tudo é irreversível. E nós não compreendemos bem o movimento da História se não tomamos em consideração essas duas forças.

Vamos dizer, por exemplo, que um de nós faça uma ofensa a um amigo. Se é uma ofensa grave, uma ofensa séria, uma vez feita, ela o está para todo o sempre. Ela pode até ser corrigida, até pode ser compensada, mas está feita.

**— tudo é corrigível na linha da reparação; mas tudo é irreversível porque, um ato, uma vez feito, não pode ser mais recolhido**

O modo de corrigirmos a ofensa é, nós, para com aquele amigo, no ponto em que o ofendemos, até o resto dos nossos dias sermos mais corteses, mais atenciosos, mais amáveis do que em todo resto do nosso trato. É o aspecto pelo qual o mal é corrigível.

Agora, ele é irreversível, não no sentido de que não seja mais perdoado, mas no sentido de que continua a projetar suas consequências. E pode até vir a ser um gerador de bem, de um bem mais grosso, de um bem de mais alta qualidade. Isso porque, ou naquele ponto em que nós fizemos a ofensa, nós nos tornamos mais corretos do que antes, ou não restabelecemos a ordem anterior.

**c — onde houve um mal, ou há uma superação de bem maior, ou a ordem e a justiça não se restabelecem.**

Há aqui, portanto, uma espécie de dupla reversibilidade e irreversibilidade. Elas supõem sempre o princípio de que, onde houve uma queda, onde houve um mal, onde houve um erro, ou há uma superação de bem maior do que nos outros pontos, ou a ordem verdadeiramente não se restabelece. E isso tanto na linha da justiça como na linha psicológica.

Isso porque o pecado, uma vez cometido, deixa, em quem o praticou, um fundo de atração, de pendor, de conaturalidade com o ato praticado, que supõe uma extirpação.

E esta extirpação, ou é uma extirpação mais radical, de maneira que aquelas raízes de pecado ficam protegidas, ficam abafadas, ficam contrariadas pela muralha de uma virtude mais perfeita, ou se cai de novo no pecado.

**d — exemplo da contrição de S. Pedro: ou esta era maior que a negação, ou ele cairia outra vez.**

Por exemplo, a contrição de S. Pedro. Se o pecado de S. Pedro foi 100, a sua tristeza -- para falar grosseiramente em termos de números -- terá sido 1.000; porque, do contrário, ele teria caído no pecado novamente. Essa regra é clara por si.

Outro exemplo é Santo Agostinho. O amor de Santo Agostinho à Igreja e à santidade foi muito maior do que foi seu péssimo apego à heresia e à vida corrupta.

**e - Portanto, uma vez cometido o pecado de Revolução, é preciso que, nos pontos em que o foi, haja uma força e um vigor muito maiores na linha do bem. Por isso o Reino de Maria tem que ser muito mais do que a simples continuação da Idade Média.**

Portanto, tendo sido cometido o enorme pecado da Revolução, é evidente que é preciso que, naqueles pontos em que houve Revolução, haja muito mais força, muito mais vigor, muito mais solidez, do que havia antes. Tanto mais força, tanto mais vigor, quanto foi enorme a ruptura. Meça-se o tamanho da ruptura, e fica medido o tamanho da força e do vigor que é necessário para por as coisas nos seus devidos termos.

Dáí se entende também que o Reino de Maria, ou não existirá, ou terá um vigor, uma solidez que ele não teria na simples continuidade da Idade Média.

**f - assim como um osso se torna mais forte no lugar partido**

Eu me lembro que na RCR eu uso uma imagem tirada de medicina. Eu consultei sobre isso um médico, que me confirmou a coisa: um osso trincado, no ponto em se solidifica, fica mais grosso e resistente do que era antes. E isto é um símbolo natural dessa exigência da ordem das coisas, no sentido da justiça, e na ordem das coisas no sentido da psicologia, da formação espiritual e da boa prudência na direção de um homem na sua vida.

Então, não é uma afirmação no ar, não é uma espécie de exagero de fervor, mas uma coisa inteiramente racional dizer que nós caminhamos para uma ordem de coisas superior à Idade Média.

**g - Depois da negação da Revolução, só temos uma reparação possível: chegar ao último auge, à última perfeição, à ordem perfeita, ao Reino de Maria**

Depois da negação da Revolução, nós só temos uma reparação possível: chegar ao último auge, à última perfeição, à ordem perfeita, ao Reino de Maria. Pois, como praticamente o pecado que se cometeu é o maior que se possa cometer depois do deicídio, a virtude que tem que vir é a maior virtude. E a ordem de coisas que disso deve advir, a melhor de que se possa ser capaz.

De maneira que a afirmação de que nós caminhamos para o Reino de Maria -- ela tem outras provas em textos de S. Luís Grignon, em revelações de santos, etc... -- poderia basear-se muito bem apenas neste princípio da irreversibilidade da História e da exigência da psicologia humana de um maior repúdio ao pecado cometido.

Há portanto duas teses :

1 - Nós teremos que ser melhores do que a Idade Média ;

2 - Como isto aqui é tão ruim que pior só vai ser o pecado do fim do mundo, a virtude que vai vencer isto tem que ser uma virtude tão grande que maior do que ela só a virtude dos homens que viverem nos dias do Anti-Cristo.

Não se trata, pois, de dizer que é um sonho, ou que cinco ou dez pessoas se sentaram em torno de uma mesa, começaram a pensar e depois disseram: "Eu quero isto", como poderia ter sido outra coisa como por exemplo montar uma idiotice qualquer. Não. Não é isso. É que, ou o mundo acaba, ou tem que ser isto.

**h - Isso não sucederá porque queremos. Mas queremos porque isso é que tem que ser feito por uma exigência da História.**

Isto não vai ser feito porque nós queremos. Mas nós queremos porque é isto que tem que ser feito , porque está na ordem da História e dos séculos que isto se faça.

Não fomos nós que criamos um plano; nós apenas percebemos que algo deve ser feito e nos propusemos a fazer.

Isto é uma coisa que é muito importante ficar bem clara para se escapar de uma espécie de utopismo. Nós queremos evitar o sumo mal e queremos fazer o sumo bem.

**i - Desses soldados de Nossa Senhora poder-se-á mais propriamente dizer: "nunca tantos deveram tanto a tão poucos"**

Quando penso naquele misto de gigante e de palhaço que foi o Churchill, penso exatamente no punhado de soldados de Nossa Senhora, porque, aí sim se poderá dizer: "Nunca tantos deveram tanto a tão poucos".

## **2 - LOGO, NÓS SOMOS OS APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS**

Se nós estamos em ordem ao Reino de Maria, nós somos os Apóstolos dos Últimos Tempos que deverão implantar triunfalmente o Reinado de Nossa Senhora na terra, pois "Reinado de Nossa Senhora" é igual a "Últimos Tempos".

Essa consideração é uma consideração muito séria. Mas ela é também uma consideração muito firme. E oferece muito fundamento. Para compreendermos o que queremos isto é muito importante.

### **A. Na linha do profeta Elias, o último fiel, para as últimas fidelidades**

[Trecho defeituoso no xerox original]

### **B - Crescendo a Igreja sempre em fidelidade, a dos últimos fiéis seria tão**

#### **grande que eles seriam dispensados da morte .**

A Igreja, nos seus elementos fiéis, está continuamente crescendo. Sua santidade vai crescendo até o fim do mundo, apesar de todos os males que os homens façam.

Se isto é verdade, ao cabo desse crescimento no Reino de Maria, pode-se imaginar a fidelidade dos últimos fiéis, que serão dispensados da morte pelo extremo de sua fidelidade, e assistirão vivos ao Juízo Final.

Quer dizer, há uma certa lógica -- mas já não tão férrea, mas, enfim... -- uma certa lógica em dizer que depois disso virá o Fim dos Tempos. Ou seja, a ultimíssima santidade, em que a Igreja como que se esgota a si mesma.

### **C - E aí aparecerá o Profeta Elias, tão grande em virtude quanto o Anti-Cristo o será no vício**

E aí aparece, então, na Terra, aquele homem privilegiado entre milhões que é o profeta Elias. Um santo marcado ainda pela penumbra do Antigo Testamento, ao qual foi dado, junto com Enoch (ele também tão misterioso que dele quase não se sabe nada) esse dom de ser o precursor dos devotos de Maria, e portanto, dos Apóstolos dos Últimos Tempos. De ser também o Patriarca de todos os fiéis na devoção de São Luís

Grignion de Montfort, assinalado por um destino, por uma vocação como nunca nenhum homem teve, que nem se pode imaginar.

Como o profeta Jonas, que foi deglutido por uma baleia e depois expelido por ela, Elias foi raptado por um carro de fogo e levado para algum lugar ignorado para, no fim do mundo, voltar e lutar contra o Anti-Cristo.

Elias é em tudo simétrico ao Anti-Cristo. Portanto, tão grande na virtude como o Anti-Cristo no vício.

### **D - Que em certo sentido, é maior mesmo que S. José, S. João Batista, S. Pedro etc., pois foi precursor deles na devoção a Nossa Senhora, e Seu predileto antes mesmo de Ela nascer**

Para se ter uma idéia do que é o profeta Elias, damos uma coisa que verdadeiramente desconcerta. A missão de São José foi uma missão maravilhosa. Afinal pensar-se no que é Nossa Senhora, no alguém ser esposo d'Ela... não se pode dizer mais! A missão de São João Batista é uma missão admirável: é a daquele que prepara o caminho do Messias. De algum modo também não se pode dizer mais!... A missão de São Pedro, primeiro Papa... de São João, o Apóstolo do amor... etc., etc., etc.. Está bem: todas essas missões podem ser extraordinárias; entretanto, debaixo de um certo ponto de vista, da piedade para com Nossa Senhora, ponto cuja importância conhecemos, a missão do profeta Elias é, de algum modo, mais extraordinária. Isso porque ele foi um precursor de São José, de São João Batista, de São Luis Maria Grignion de Montfort.

### **E - o fiel por excelência, para a hora das últimas fidelidades**

Elias é o homem fiel por excelência, de uma fidelidade, por assim dizer, única, guardado em algum lugar para a hora das últimas fidelidades.

É uma coisa verdadeiramente em que uma pessoa se abisma! Só não se compreende como é que nós não rezamos mais para ele, para esse supra-sumo de fidelidade e de predileção! O predileto de Nossa Senhora antes d'Ela nascer! É uma coisa de estontear: Ela não tinha ainda nascido e ele já era o Seu predileto!

Esta visão , que é um estudo dos dados proféticos da visão da História, nos faz entender em que linha nós nos inserimos.

E desde já, prenuncia uma relação especial de nós com o profeta Elias.

Mais uma vez, o auge.

### **3 - PARA DAR GLÓRIA A DEUS (PRIMEIRO MANDAMENTO)**

«FL»

#### **A - Se o valor de uma só alma é um bem inapreciável, que se dirá do trabalho que vise orientar a Opinião Pública, que tem tanta influência na salvação das almas?**

A salvação das almas é um bem inapreciável. Nosso Senhor teria sofrido tudo quanto sofreu, Nossa Senhora teria sofrido tudo quanto sofreu, ainda que se tratasse de remir uma só alma! Por aí a gente compreende o valor de uma só alma.

Ora, se é tão inapreciável o valor de uma alma, o que dizer do apostolado que consiste em orientar aquela espécie de opinião pública, que tem tanta influência sobre a salvação de todas as almas? Dessa opinião pública que não é a salvação de uma alma, mas o é do conjunto das almas?

Não que seja automática a salvação de cada alma quando a gente salva a opinião pública. Não que seja também automática sua perdição quando a gente não a salva. Pois as almas têm seu movimento individual e a graça suficiente para tomar uma posição individual.

Mas, de que importância ser essa ação para o domínio desse processo que põe em movimento um fato para o qual estão ordenadas graças de uma superior qualidade, e que são as graças enquanto dadas às nações, aos grupos, etc...!

#### **B - Porém, mais do que a salvação das almas, queremos a maior glória de Deus.**

##### **E não entende a Contra-Revolução quem pensa o contrário.**

Pois bem, isto não basta para nós entendermos o valor de nosso apostolado. Com efeito, não entende a Contra-Revolução quem pensa que essa coisa é principal. O bem da sociedade humana e da salvação das almas é um bem preciosíssimo. Entretanto um "preciosíssimo" perfeitamente secundário.

Quer dizer, no nosso espírito está uma coisa muito mais alta do que isto: a glória de Deus! Gloria Patri... et nunc ..., isto é, agora . Mais do que a salvação das almas, nós queremos a glória de Deus.

Por quê? Porque nós não fazemos nossa obra por uma espécie de filantropia sobrenatural para que as pessoas deixem de ira para aquela pensão eternamente incômoda, chamada inferno. Não. Nosso principal fim é a glória de Deus.

Eu confesso o seguinte: eu não teria coragem de fazer todo sacrifício que faço e de me escarpelar como me escarpelo, se fosse apenas para que as almas de uns tantos indivíduos que pecaram não vão para o inferno. Pois eu diria: "meu caro, eu lhe aconselho, proponho, você quer ir para o inferno apesar de tudo? Vá! Não me atormente. Eu já faço muito e não vou agora me pôr em sangue por sua causa! Você tem idade, siga seu caminho! Quer perder-se? Olhe, a corda de Judas se encontra à venda também em Taubaté! Compre-a e enforque-se! Em qualquer lugar há figueira para você se enforcar! Está acabado e não me amole!"

Agora, por que um esforço que não acaba mais, um sacrifício que não acaba mais, uma dedicação que não acaba mais, o emprego de meios que trituram, para conseguir aquilo que se deve conseguir?

É porque está em jogo algo que vale muito mais do que eu e do que qualquer homem nesta terra, e que é a glória de Deus.

### **C - "Glória de Deus" aqui é aquela forma de amor por onde é absolutamente preciso que tudo o que Ele criou se assemelhe a Ele**

O que é aqui "glória de Deus"? É aquela forma de amor de Deus por onde é absolutamente preciso que aquilo que Ele criou se assemelhe a Ele. E , nisso, lhe dê glória.

Santo Tomás diz que a glória da causa consiste em que o efeito reverta para ela, volte-se para a causa. Então, a glória de Deus no universo é que todas as criaturas inteligentes se assemelhem a Ele. Uma vez que as outras já se assemelham e não tem remédio, as inteligentes é que nós queremos, por amor a Ele, que se Lhe assemelhem, e compreendendo que se obedece aí a uma necessidade jurídica e ontológica absoluta, a uma verdadeira imposição. Tem que ser assim e não ha escapatória, porque com os direitos de Deus é assim.

## **D - Há, portanto, um requinte de auge no levar, por amor à glória de Deus, a arquitetura das criaturas a dar-Lhe glória**

Que auge, então, por amor da glória de Deus, levar, não as criaturas individualmente apenas, mas a arquitetura delas (pela sua opinião pública) a dar-Lhe glória!

É um requinte de auge!

## **4 - E COMANDAR OS SÉCULOS FUTUROS**

### **POIS O MUNDO SER NOS PRÓXIMOS SÉCULOS O QUE FOR NESTE**

«FL»

Dentro desse auge, encontramos um outro auge. É que nós estamos numa época da História, num século, que comanda outros séculos.

O mundo vai ser, durante séculos, aquilo que nós formos neste século de Bagarre, de decisão. De maneira que são séculos de salvação ou de perdição, séculos de glória de Deus nesta Terra que dependem do que agora se fizer. E tantos séculos que a gente se pergunta se isso não vai diretamente até o fim do mundo... E tudo indica que sim.

## **5 - NUMA HORA EM QUE, NÃO PODENDO CRUCIFICAR NOVAMENTE NOSSO SENHOR, ATENTAM**

### **CONTRA A SANTA IGREJA PROCURANDO DAR A IDÉIA DE QUE ELA MORREU**

Nesta hora histórica em que estamos situados, de fato, se está passando a coisa mais parecida possível com a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Uma vez que Nosso Senhor Jesus Cristo, em sua Humanidade Santíssima, é imortal, está sentado à mão direita de Deus Padre, e não pode mais ser atingido pela maldade dos homens, qual é o crime que é possível a eles perpetrar? É o de matar a Igreja Católica, evidentemente.

## **A - como a Igreja não é mortal, procuram adotar uma linguagem e uma legislação**

### **que dêem a impressão de que Ela está ensinando o erro e recomendando o mal**

Como a Igreja Católica, por sua vez, não é mortal, qual o maior crime que se poderia cometer contra Ela? Seria o de dar a impressão de que Ela morreu.

Pois bem, é isto que se está fazendo: como, em nome d'Ela não se pode ensinar o erro nem o mal, então, procuram adotar uma linguagem que dê a impressão de que Ela está ensinando o erro, uma legislação que dê a impressão de que Ela está recomendando o mal, de maneira que se tenha a impressão de que aquilo que é mesmo a Igreja Católica morreu dentro da Igreja Católica, e que uma realidade nova se substituiu a Ela. É isto que se está fazendo.

## **B - Crime hediondo como o de destronar uma rainha e maqueá-la como mulher perdida**

É a mesma coisa que tomar uma rainha, agarrá-la à força e fazer em seu rosto uma maquilagem de mulher perdida.

O que se está fazendo é um sacrilégio. Crime pior não pode haver. Mesmo a profanação do Santíssimo Sacramento - que é um crime sem nome - não é um crime tão atroz como este, porque este traz consigo também a profanação do Santíssimo Sacramento. Com efeito, quantas e quantas profanações são feitas por mãos sagradas, que, de um modo ou de outro, pactuam com este desígnio!

## **C - Com a agravante de que o pior está sendo praticado pela traição eclesiástica**

E o pior é o seguinte: este crime não está sendo praticado sobretudo pela violência do adversário. Está sendo praticado sobretudo pela traição, o que é uma infâmia dentro da infâmia. Não há dúvida que Pilatos, enquanto pró-consul romano, cometeu uma infâmia condenando Nosso Senhor à morte. Mas ele era um pagão, era um filho das trevas. Pior do que ele foram os do Sinédrio, que representaram a Sinagoga, e que traíram a sua missão. É claro. Mas pior ainda do que a Sinagoga foi Judas, que era um dos doze, pois ele traiu mais de perto a Nosso Senhor.

Ora, o grosso do crime que se está perpetrando, o está sendo com base na traição. E na imensa traição eclesiástica, e aplaudida muitas vezes por eclesiásticos que não participam ativamente dela.

## **D - Com a indiferença dos que não participam do crime**

Ainda pior, porém, não é isso. É a indiferença dos eclesiásticos que não aplaudem - há muitos que não o fazem - mas que continuam a comer, beber e dormir como se não tivessem nada com o caso. Preocupam-se com o rádio, a lambreta ou sei lá o que... e deixam as coisas correrem.

## **E - Enquanto que, na ordem temporal, a traição é também cometida pelas cúpulas**

### **podres**

Simetricamente, na ordem temporal, também a traição está sendo feita por aqueles que a deviam representar.

Nós notamos em primeiro lugar, a defecção geral das aristocracias. Elas cometeram a ingratidão multiplicada pela ingratidão. Deus as encheu de benéficos, e elas não agradeceram. E vivem contentes na sua decadência.

A mesma coisa se dá com as famílias tradicionais de países que não tiveram aristocracia, como a Argentina, o Brasil e companhia...

Nós temos, então, especialmente a traição das cúpulas podres. Quem quer a Reforma Agrária são as cúpulas rurais. Quem quer a Reforma Industrial são as industriais etc... É uma forma de suicídio.

Outra forma de traição é a DC. Ela é um aparelho de estrangulamento da Civilização Cristã, com o nome de cristão.

## **F - É uma renovação da Paixão diante da qual a vidinha de todos os dias perde**

### **toda sua importância, pois o senso do trágico permanente deve se tornar uma característica permanente do nosso espírito**

Em suma, o fundo de quadro é o de quem está assistindo à renovação da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo no seu modo mais agudo e mais exasperado possível, e perto da qual a vidinha de todos os dias perde sua cor.

Os Srs. vêm com que cuidado nós procuramos instalar nossas sedes, a fazenda [Morro Alto, onde se realiza o simpósio], organizar a nossa vida, cuidar dos nossos negócios, etc... etc... Isto tudo nós consideramos que deve ser feito num espírito de

suma presença da tragédia pela qual nós estamos passando. Se isto for feito com espírito de acomodação, é uma verdadeira perdição.

Por exemplo, imaginar a fazenda: "que coisa gostosa! Que panorama! Vou comer pato, depois leitão... vou me refocilar nisto, naquilo"!!! É uma abominação. Porque tudo tem que ser visto como quem está presenciando a imensa tragédia que foi a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esse senso do trágico permanente é e deve ser uma das características de nosso espírito.

### **G - Isso supõe a vitória sobre nosso próprio egoísmo**

Como isto é diferente da brincadeira! Como supõe sobretudo uma grande vitória sobre o egoísmo!

E o que é o egoísmo aqui? É isto: "eu sou fulano de tal, eu tenho meus direitos, minhas aspirações são os prazeres que a vida pode me dar. Desejo, enfim, aquilo que um homem pode aspirar na sua existência".

Acontece, porém, que nascemos numa época em que, mais do que em qualquer outra época da História, Nosso Senhor Jesus Cristo está sendo crucificado, em que tudo quanto é meu, tenho que renunciar por causa d'Ele. E em que, portanto, eu não posso ter um momento de prazer nem de repouso em que não tenha presente em meu espírito, como fato dominante, que Ele está sendo crucificado, imolado e injuriado. E em que para mim nada tem importância verdadeira senão lutar para que isto cesse.

### **H - Pois minha vida foi confiscada por Ele**

Portanto, minha vida foi confiscada. Eu não tenho vida. Minha vida é d'Ele. São os direitos d'Ele, é a causa d'Ele. Enquanto houver esse estado de Paixão, meus prazerezinhos, meus gostinhos, meus arranjinhos, não posso ter em mente minhas coisinhas, a não ser de um modo ultra-secundário, e assim mesmo para a glória d'Ele. E este sentido do confisco de minha vida é o fundo de quadro absoluto, é minha cruz é o fundo de quadro absoluto, «é a minha cruz total e o meu modo de me crucificar com Ele.

Portanto, o que eu sou dentro do Grupo, o que os outros acham de mim, o que acham fora, minha família, minha carreira, vou ser um fracassado da vida ou não, não tem importância, porque estas coisas dizem respeito a uma pessoinha contingente, minúscula, insignificante, e mero ente humano em confronto com Deus. Essa pessoinha

se chama fulano de tal como podia chamar-se outro qualquer, porque todos somos nada, pó, cinza. Só Deus Nosso Senhor e Nossa Senhora, são algo.

Então, eu tenho que ter a convicção de que estou crucificado, de que renunciei a tudo quanto é meu porque devo renunciar, porque estou vivendo na hora da segunda paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

### **I - O que se diria de um católico que estivesse assistindo a Paixão e quisesse**

ter um pouco de esparecimento antes do "consumatum est"? Só se responderia com uma bofetada!

O que é que os srs. diriam de um católico que está na Via Dolorosa e que vê Nosso Senhor passar, ouve Seus gemidos, recebe o salpico de Seu Sangue, percebe seu cansaço, suas dores mas, como percebe que Nosso Senhor está passando perto e que o caminho para o Calvário ainda é muito longo, volta-se para um botequim e manda servir uma bebida alcoólica, depois joga um pouco, brinca um pouco e diz "na hora do 'consumatum est' eu estarei lá. Agora deixa eu me divertir um pouco"?!...

De Nosso Senhor disse um dos profetas: "Eu sou um verme e não um homem. Sou o opróbio dos homens e o escárnio de um povo inteiro". Hoje, pode-se dizer o mesmo da Igreja. A verdadeira Igreja está reduzida a um verme. Ela é o opróbio de todos os homens e o escárnio do mundo inteiro. E dentro dessa Igreja que se arrasta deitando sangue, humilhada, vilipendiada, aos olhos de todo o mundo, o importante para o Sr. Fulano de tal é saber se ele vai ganhar um dinheirinho, se vai comprar um movelzinho bonitinho, se vai arranjar um automovelzinho ou se vai aparecer no Clube com uma roupa bonita para acharem que ele é um senhor importante!

A isso só se responde com uma bofetada! Para quem tem senso de fé, só respondendo com bofetada!

### **J - Por isso, até enquanto dormimos devemos ter este fundo de quadro presente**

E quem não estiver disposto a ter isto estavelmente como fundo de quadro, ou pelo menos a pedir a Nossa Senhora que Lhe dê essa graça, não entende bem o caminho em que entra a Contra-Revolução.

Eu não diria que cada participante da luta contra-revolucionária tem isso habitualmente na perfeição que deveria ter. Oo que quero dizer é que todos deveriam

ser assim, e rezar para serem assim. Isto é o que se pede. Isto é o fundamental, pois é nossa Rainha que está sendo maquilada como uma prostituta, que está para ser arrancada do trono. É Nosso Senhor Jesus Cristo que está sendo morto. É diante desta realidade que temos que viver dia e noite. Até enquanto dormimos, isto tem que influenciar nosso sono. Não de um modo nervoso nem histérico, mas de um modo sapiencial, sumamente calmo, tranquilo e sumamente profundo. Assim é que tem que ser.

«LM2»«RM72»

«FC»



### **III**

# **TRAÇOS E DEVOÇÕES**

## **CARACTERÍSTICAS DE NOSSO ESPÍRITO**

## 1 - OS NOSSOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS

### A - Tendo a Deus como base, uma noção do bem e do mal, da verdade e do erro levadas até seu ponto último

De nosso confronto com a Revolução, já podemos tirar alguns dos traços mais característicos de nosso espírito.

O primeiro deles é uma noção - levada até o último ponto - da distinção objetiva entre a Verdade e o Erro, o Bem e o Mal.

Quer dizer, há um Deus [sumamente bom e amável, Criador, Pai, Redentor nosso etc.] e nós sabemos como é que as coisas Lhe são semelhantes ou contrárias. É claríssimo.

### B - Em tudo, desejo das últimas conseqüências

O segundo é um desejo das últimas conseqüências e das mais meticolosas, na menor coisa que seja.

Por que isto? Porque há um princípio natural que ensina que quanto mais a água cai do alto tanto mais ela tem de ir longe. Quanto mais alto é o motivo donde nós procedermos tanto mais nós temos o desejo das últimas conseqüências. E como não há mais alto motivo do que o que nos move não pode haver apetite mais tremendo das últimas conseqüências do que o nosso.

### C - Com perspicácia, intransigência, iniciativa na luta e pugnacidade

#### a - Perspicácia combativa, intransigência meticulosa e dinâmica

Nossa vocação tem a perspicácia do homem que luta. Tem também a intransigência meticulosa, combativa. Pois se é a glória de Deus que está em jogo, a coisa tem que ser feita ali, na chibata.

Depois, não é uma intransigência defensiva, mas é uma intransigência que toma a iniciativa, que pula no pescoço do adversário com pugnacidade, isto é, com aquele dinamismo por onde se tem ódio ao mal, ódio ao adversário enquanto mau, vontade de quebrar, de arrasar, de destruir, de liquidar, de acabar com tudo, e que se exprime

admiravelmente naquela frase -- eu a cito semi-textualmente -- "Melhor é morrer do que viver numa Pátria devastada e sem honra".

**- diante do que a chacunnière é a abominação que intoxica e paraliza**

Agora, uma pergunta: tem sentido a chacunnière - que tiraniza de modo tremendo e enigmático e que intoxica como ou mais que a cocaína? Tem sentido o prazer da vida privada e pequena, o prazer da vidinha? Tem sentido o amor próprio, o sorvete, o cachorro quente, quando a Pátria está devastada e sem honra? Eu não devo reconhecer que a chacunnière -- como recusa do abstrato, do metafísico, do sobrenatural, em favor do pequeno, do concreto, do material egoístico para minha própria fruição -- é uma abominação que me paraliza, me impede a perspicácia, o espírito de luta?

**C - Amor ao sublime**

Em todas as coisas que existem, naquilo que o homem é, e naquilo que ele faz, existe a possibilidade de se revelar um aspecto sublime.

**a - desde a vida espiritual ao formato das vassouras**

Nós desejamos que essa possibilidade de manifestação do sublime que há na Terra, seja manifestada desde a vida espiritual até a forma das vassouras.

**- Sublime: grau de beleza que tem proporção com Deus**

Mas, o que é que é o sublime?

O sublime é um grau de beleza que não tem proporção com o homem, mas lhe é superior. Portanto, não é um grau horizontal, igual ao do homem, mas é algo que tem uma proporção com Deus.

**c - E quanto mais sublimidade se tenha na terra, tanto maior será a manifestação possível de Deus**

E desde que as coisas, na terra, tenham a maior sublimidade em tudo, isto é: que na sociedade humana se tenha o maior número possível de almas sublimes (o que equivale a dizer a santidade), na arte o maior número possível de monumentos sublimes, na literatura o maior número possível de escritos sublimes, etc... etc..., aí se tem a maior manifestação possível de Deus para os homens.

**d – O contínuo amor ao sublime é o oposto da apetência da  
Revolução pelo horrendo**

E este contínuo amor ao sublime é um dos traços do nosso espírito religioso, em oposição à apetência da Revolução pelo horrendo.

**e - A santidade é a única forma plena de sublimidade, na qual  
todas as outras se sustentam**

Uma alma que não possua santidade, pode alcançar a sublimidade simplesmente a partir do plano intelectual?

Absolutamente falando não. Pois a santidade é a única forma plena de sublimidade, na qual todas as outras sublimidades se sustentam.

Sem querer fazer demais metafísica, eu recorrería ao seguinte princípio de S. Tomás: "Sempre que haja uma escala de graus, tem que haver um que contenha e que sustente todos os outros". Na questão da sublimidade este grau é a santidade.

Acontece porém que os santos inspiram muitas vezes a santidade por osmose àqueles que não o são. E a obra de um artista (que seja um homem bom, mas não santo) pode, por osmose, ser inspirada por um santo. De maneira que, absolutamente falando, um homem não santo pode fazer algo de sublime inspirado por santos. Logo, a santidade é o elemento inspirador da sublimidade verdadeira.

**f - Quanto mais se tenha no Grupo um ambiente de apetência do  
sublime tanto mais terá todo o resto**

Notem bem, pois isto tem aplicação prática na vida dos grupos: quanto mais se tiver no Grupo um ambiente de apetência contínua do sublime, tanto mais se terá todo o resto e tudo fica fácil.

**g - Quanto mais se tiver um ambiente contrário ao sublime, tanto  
tudo ficará mais difícil**

Quanto mais se tiver um ambiente que é contrário ao sublime, (que é a brincadeira, a vidinha trivial de todos os dias), tanto mais se estará longe da verdadeira fonte de vida e tudo fica difícil. Porque aquilo que é a fonte de nossa vocação, que é o amor ao sublime, fica trincado.

Vê-se aí qual é a condição para as coisas no Grupo andarem bem. Não é a única, mas é uma condição enorme.

**h - É preciso, entretanto, de vez em quando descansar-se do sublime, porque ele não tem proporção com o homem**

É preciso, entretanto, não abusar do sublime. Porque o sublime não tem proporção humana, é preciso que se descanse dele, senão não se aguenta.

**i - Mas é preciso que esse descanso seja tal que, quando se volte ao sublime, se volte com mais apetência; e que o repouso nunca seja no que me afaste dele**

Para isso, as condições são estas: que essa distenção seja de tal maneira que na hora, de voltar para o sublime, nós voltemos com mais apetite dele, e não apegados ao que é mais baixo. Que esse repouso nunca seja no grotesco, no caricato e naquilo que rebaixa. Tem que ser um repouso que me convide ao sublime e não que me afaste dele.

### **C - Sacralidade**

Outro traço de nosso espírito é constituído por alguns princípios da ordem humana por onde ela reflete a celeste e, no fundo, a essência de Deus.

**a - Sacralidade maior: convicção do predomínio das coisas propriamente sagradas sobre as profanas**

O primeiro é a sacralidade maior, isto é, a convicção de que aquilo que é eclesiástico é o centro na terra.

A palavra "centro" é fraca, pois o que eu quero dizer é que é a coisa mais alta, para o serviço da qual tudo existe.

Então, antes de tudo, a Igreja, dentro d'Ela o Papado, e Ela inspirando tudo.

Em resumo, o predomínio das coisas propriamente sagradas em relação às profanas.

**- Sacralidade menor: a relação que há nas coisas profanas, entre as que são, a seu modo, mais sacrais, com as que o são menos**

O segundo traço é a sacralidade menor, que se dá na relação das coisas profanas entre si.

Na ordem temporal, aquilo que é mais, é, a seu modo, sagrado em relação àquilo que é menos. P. ex., o patrão é sagrado em relação ao empregado. A bênção do pai para o filho, a do Rei para os súditos.

Nas fazendas brasileiras, na época da escravatura, era costume os escravos desfilarem diante do senhor no fim do dia, para serem contados, e, quando passavam diante dele, diziam: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo". O patrão respondia: "Para sempre seja louvado".

Muitas vezes isto tomava o aspecto de uma bênção do patrão para o escravo.

Tem que ser assim. E a fórmula é esta: "ou é isto, ou voce é hereje" e acabou-se. Ou, então, hereje sou eu, a Igreja que me condene, porque eu e o democrata-cristão não cabemos juntos. Um dos dois tem que pular fora.

### **c - Sacralidade natural ativa, e natural passiva**

Dá [aspiramos a] uma cultura em que tudo seja concebido em função de graus de perfeição, tudo ordenado ao sublime no seu respectivo gênero, e todas as desigualdades concebidas sacralmente numa sacralidade dupla: sacralidade natural ativa e sacralidade natural passiva.

### **d - A sacralidade ativa é a do superior, enquanto reconhecida pelo inferior**

A sacralidade ativa é a sacralidade do superior enquanto reconhecida e vista pelo inferior. Isto é: quando nós nos colocamos na posição do inferior, vemos a sacralidade ativa residente no superior. O superior enquanto agindo, enquanto se movendo, enquanto sendo o elemento de unidade, de inspiração de todo aquele grupo.

Corresponde à sacralidade ativa a idéia do direito divino de todos os superiores. Então, o Rei é sagrado, a "Sacra e Cesarea Majestade dos Imperadores do Sacro Império Romano-Alemão" é sagrada, etc...

### **e - A passiva é a do inferior enquanto visto pelo superior**

A sacralidade passiva é a sacralidade do inferior enquanto vista da posição do superior, isto é, quando nos colocamos na posição do superior.

Corresponde à sacralidade passiva a expressão com que se falava do povo, na Idade Média. Chamavam-no: "o povo miúdo de Deus".

A idéia do povo pequeno, a quem Deus protege, a quem Deus ama, e em nome de quem Deus exige que os superiores governem bem, é Deus visto do lado do povo. De onde, uma das piores acusações que se fazia a um Rei num documento pontifício, era: "Tu oprimiste o pequeno povo de Deus". Porque isso correspondia a Nosso Senhor dizendo "Eu estive encarcerado e não me visitastes", "estive nú e não me vestistes" etc., etc."

Já não é mais, então, Nosso Senhor Jesus Cristo existindo no Rei, mas existindo no plebeu...

É muito bonito e sem demagogia nenhuma.

**f - Há necessariamente uma relação sagrada entre patrão e empregado, ainda que um ou ambos sejam péssimos**

Tomemos, numa fábrica, um patrão e um operário de péssimas mentalidades. A função de patrão de si é sagrada, ainda que seja um homem péssimo. O direito do operário também o é, ainda que o operário seja comunista. Eles podem não realizar essa sacralidade, mas existe na própria relação entre patrão e empregado, um carácter necessariamente sacral. É como entre esposo e esposa. Ainda que maus, há algo de sagrado no vínculo conjugal, independente do que eles queiram.

**g - A sacralidade minor ativa e passiva, observadas num reino, dá-lhe um sentido aristocrático-monárquico, com uma nota colegiada**

A realização da sacralidade minor ativa e passiva na organização do Reino dá num sentido aristocrático-monárquico com nota colegiada.

Por exemplo, está bem que um Rei mande; mas, não é normal que ele ouça o que os seus povos queiram lhe dizer? Não é normal que ele não aja sem tomar em consideração o que os seus jurisdicionados pensam? É normal. É a voz da sacralidade minor passiva fazendo-se ouvir no conjunto do funcionamento estatal.

**h - Quando a sacralidade minor rompe com a maior, ela se destroi a si mesma**

Quando a sacralidade minor ativa rompe com a sacralidade maior, ela se destrói a si mesma. P. ex., quando o Imperador ou quando o pátrio-poder, rompem com a Igreja, eles se destroem na sua própria substância e se aniquilam. Por isso, um pai herege, em relação a um filho que se torna católico, não tem mais as funções do pátrio-poder na medida em que quiser impor a heresia. O Rei herege é impossível. Ficou herege, precipitou-se no vácuo, e perdeu a realeza.

**i - A sacralidade minor ativa, quando age de modo grave e irremediável contra suas finalidades, se destrói em relação à sacralidade passiva.**

A sacralidade minor ativa, quando age contra as suas próprias finalidades de um modo grave e irremediável, ela se destrói também em relação à sacralidade passiva.

**j - ainda uma incógnita: o que acontece quando a Sacralidade Maior se volta contra seu próprio fim?**

Problema que eu mal ousou enunciar - eu o enunciei sem saber dar a resposta: quando a sacralidade maior se volta contra seu próprio fim, o que acontece? Eu não sei o que acontece, essa é a resposta, e acho que não foi estudado. Desconfio que nunca nenhum jurista canônico teve a coragem de estudar.

Para mim decorre daí um estado de mistério, e a pergunta não é "qual a solução do problema?", mas outra: "uma vez que o problema para mim não tem solução, qual é o meu dever?"

## **D - Princípio de subsidiariedade**

A ordem da criação é tal que Deus se espelha pelo conjunto do universo. Mas espelha-se sobretudo pelo homem, que está no ápice da criação.

Por isso, quando nós olhamos não para o edifício da criação arquitetonicamente considerado, mas para cada pedra viva que é o homem, então o senso arquitetônico como que desaparece, pois, cada homem considerado em si, é ele mesmo um cosmos, um mundo que, independente de todas as considerações colaterais, é um espelho de Deus.

Há aqui uma espécie de bivalência que é meio parecida com a bivalência da sacralidade minor ativa e a minor passiva.

De onde, um dos princípios dessa ordem é que ela seja tal que, cada homem possa dar tudo quanto ele contém potencial e individualmente.

É, portanto, um prodigioso movimento de dentro para fora e de baixo para cima, e segundo cada luz primordial individual, por onde o homem será, se se tornar santo, uma imagem irrepetível de Deus. E a disciplina disso é o princípio de subsidiariedade.

## **E - Simbolismo**

Outro traço característico nosso, que tem mil fundamentos na Igreja e em S. Tomás e onde colocamos nossa nota tônica, é a questão do Simbolismo.

**a - Tudo, no universo, de um modo ou doutro, é símbolo de Deus.  
E é nesta simbologia que nos exercitamos na prática do amor de Deus**

Tudo no universo, de um modo ou de outro, é um símbolo de Deus. O universo é um edifício simbólico imenso, em que a parte mais alta é o homem. No reino humano, a parte mais alta é a Santa Igreja Católica; n'Esta, o Papado.

**A razão principal de cada coisa, pois, não é sua razão funcional, mas sua razão simbólica. Essa função simbólica é o que há de mais poderoso para a formação das almas. E é nesta simbologia que nós nos exercitamos na prática do amor de Deus.**

A autoridade paterna, por exemplo. Sua razão mais alta não é a de alimentar e educar o filho, mas sim, de representar a Deus junto a ele: Deus enquanto gerando, enquanto nutrido, enquanto formando etc., etc. Nisto nós colocamos a nota tônica.

E colocamo-la porque a função simbólica é sempre a mais alta na ordem das causas finais.

- Fruto dessa posição é o homem que vive habitualmente  
considerando as coisas segundo seus símbolos e enquanto  
conformes ou não a Deus

Daí deriva um tipo de homem completamente diferente do homem moderno, porque é um homem que, ao considerar tudo, vive habitualmente uma vida interior, considerando os símbolos das coisas, o por onde esses símbolos se encaixam na simbologia, concordando ( cum corde ), pondo seu coração junto de Deus, no ver e no amar todas as coisas. É o contrário da civilização moderna e da democracia que são fundamentalmente pragmáticas.

**c - Exemplo: o simbolismo que há no velho sininho do Kremlin que anunciava o nascimento do primogênito do Tzar, ponto de partida para o carrilhonar dos sinos da Rússia inteira**

(Há um fato que me encheu de alegria quando li, e tenho certeza de que os Srs. todos vão gostar; porque, se há uma coisa verdadeira, é que os Srs. são tocados pelo mesmo espírito e têm uma mesma vocação. Resta saber se a querem realizar. Mas, que têm a mesma vocação, não há dúvida. O fato é sobre a Rússia czarista).

Em geral, o primogênito do Tzar nascia no Kremlin -- hoje tão conspurcado. E, naquele recinto constituído por muitos palácios, igrejas, fortalezas, mosteiros, etc. -- é uma espécie de Vaticanozinho dos Tzares -- quando nascia o primogênito, o aviso era dado por um sino de uma igreja velhinha que lá havia, datada de não sei de que século. Esse toque repercutia nos sinos majestosos do Kremlin; depois, por todos os de Moscou. E assim, " de proche en proche ", por todos os sinos da Rússia.

**d - exprime uma realidade espiritual mais profunda, que tem um sentido divino, que nos enche de alegria e que causa ódio ao democrata-cristão**

Que o ponto de partida fosse dado por este velho sininho representando uma tradição, e que tanta coisa forte, atual, nova, se dobrasse reverente diante dessa coisa ancestral, fraquinha, mas carregada de todos os valores da história, há nisto algo de simbólico, algo de uma realidade mais profunda, que se pode explicitar.

Esta realidade é espiritual, e tem um sentido divino. Por isto este símbolo a nós nos enche de alegria.

Um democrata-cristão diria: "Para que isto? Por que não toca uma sereia elétrica?" Nossa vontade é de gritar: "Fora com o democrata-cristão".

Ora, nesta questão de sinos e sereias, dir-se-ia que não há nada de religioso. Diriam o norte-americano e o Concílio que se trata de um *aggiornamento*, que é preciso tornar-se mais atual. Entretanto, nós dizemos que é precisamente o contrário. Há aqui algo de espiritual que é o princípio da ordem do universo, que é uma causa que vibra no seu próprio centro e daí se difunde pelos seus graus até o último. É um princípio metafísico da causa que dá seu primeiro movimento pequeno, mas que por ser a causa grande, se reproduz depois por movimentos sísmicos periféricos enormes.

**e - São regras metafísicas profundas, que indicam as propriedades intrínsecas do ser, que têm seu fundamento na essência divina**

Em última análise, são regras metafísicas profundas que indicam as propriedades intrínsecas do ser. E que, por isso, indicam algo do ser criado que tem seu fundamento na essência divina. Portanto, dizem algo de Deus.

**f - símbolo do presente que obedece à continuidade histórica, e da matéria obedecendo ao espírito. Sala do Reino de Maria: tentativa de constituição de um ambiente simbólico**

O sino grande, tocando por ordem do sino pequeno porque este representa algo de espiritual que é a Tradição, é um símbolo do presente que obedece à continuidade histórica. É também um símbolo da matéria, que obedece ao espírito.

Enfim, há mil outras coisas que se poderiam dizer e que fazem parte da exuberância de simbolismo que é o próprio de uma civilização concebida por nós, e que é completamente o contrário da civilização de alumínio, da matéria plástica prática e pasteurizada, do mundo moderno.

Não se pode conceber o que somos sem isto. A Sala do Reino de Maria é uma tentativa de constituição de um ambiente simbólico.

**F - Caráter sapiencial negativista destes traços: o conhecer o bem pelo seu contraste com o mal**

Que tudo isto que acabamos de ver é sabedoria, é. Pois tudo é um conhecimento das coisas pelos seus últimos fins. Mas é uma sabedoria que tem um caráter negativista. E isto por causa da enorme importância do erro para, por contraste, se conhecer a verdade; do mal, para se conhecer o bem. E -- não se assustem -- do ódio como uma indispensável, contínua e altíssima manifestação do amor.

Como se vê nada disso é ecumênico. Pelo contrário, é o anti-ecumenismo.

Por que esta impositação? Porque o homem está num estado de prova - nós não somos anjo - em que lhe é indispensável ter a atenção voltada para o erro e para o mal. E, muito voltada.

Além do estado de prova, fomos concebidos no pecado original. Nossos pecados atuais pesam sobre nós. Temos todos os atrativos dos demônios, dos ares e do inferno, o que acrescenta ao estado de prova o estado de luta.

### **G - Conclusão prática: nesta terra, as coisas negativas são indispensáveis para compreendermos a verdade e o bem**

Conclusão prática: alguém compreenderia verdadeiramente a utilidade e a importância de comer se não sofresse fome? Alguém compreenderia verdadeiramente a importância de se lavar se não houvesse sujeira? Essas coisas negativas são todas indispensáveis à nossa ótica nesta terra para compreendermos a verdade e o bem.

Notem que não digo que são capitais, pois capitais são o ensino da Igreja, a Revelação, etc.. Mas são altamente indispensáveis.

De onde um sentido continuamente negativista, pois se eu não odiar, eu não amo; se não prestar a atenção no erro, não conheço a verdade, etc... Temos que tirar o veneno do dente da cobra.

### **a - daí nosso grande livro ser a Revolução. Para conhecer a Contra-Revolução, é necessário entender-se a Revolução.**

Portanto, o nosso grande livro é a Revolução. Quem quiser conhecer a Contra-Revolução entenda a Revolução. É por isso mesmo que eu não dei ao meu livro um título "Ordem e Revolução", como um espírito ultramontano laranja poderia querer, dizendo para pintar primeiro toda a beleza da ordem católica e depois mostrar o mal da Revolução. Não. Seria pintar uma asneira, porque a marcha natural do espírito humano não é essa. A ordem natural do espírito humano -- desde que possua os rudimentos da verdade - é: olhar primeiro para o erro, e depois voltar-se para os rudimentos da verdade.

- assim como o Dogma católico cresce à custa das heresias.

Cada heresia provoca a definição de mais um dogma

É porisso também que o Credo tem progredido à custa das heresias. Cada heresia é um dogma. Quer dizer, é uma marcha negativista, como um jato que faz força para trás e impulsiona o avião para a frente. Ninguém vai dizer que o jato é negativista porque a fumaça dele vai para trás. Nós somos aviões "à reação", pois somos reacionários, e vamos para frente fazendo reação.

## **2 - AS NOSSAS DEVOÇÕES**

### **A - Devoção a Nossa Senhora, à Paixão de Nosso Senhor, e à Sabedoria**

Primeiro, a devoção à Nossa Senhora; segundo, união com a segunda Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, espírito de Cruz; terceiro, espírito arquetônico, sapiencial.

Não parece que essas três notas são uma decorrência normal do que se acaba de dizer? Parece que sim.

E por uma coincidência admirável são os três livros de S. Luís Maria Grignon de Montfort: "Tratado da Verdadeira Devoção"; "Carta Circular aos Amigos da Cruz", e "O amor da Sabedoria Eterna".

Seria horrível, a esta altura, fazer uma conferência desenvolvendo cada um destes temas.

### **B - Devoção entranhada à Santa Igreja, e sem nome ao Santíssimo**

#### **Sacramento**

Entretanto, não seria exagero, creio, lembrar que faz parte de nosso espírito uma devoção entranhada à Santa Igreja Católica Apostólica e Romana, uma devoção ardente ao Papa - nossa vida é um "Viva o Papa" ininterrupto -- e, finalmente, uma devoção sem nome ao Santíssimo Sacramento.

É muito nosso, por exemplo, não apenas rezar, mas introduzir todas as atividades de nossa vida dentro da atmosfera do sagrado. E um tipo de capela que tivesse qualquer coisa de sala de capítulo, de oratório preponderantemente, de sala de armas, e de sala de trabalho, essa seria a nossa capela.

## **3 - FLASH RESUMITIVO DO QUE FOI DITO: A FIGURA DA RAINHA DESTRONADA**

Depois de feitas essas considerações, nós nos poderíamos perguntar se existe uma imagem, um flash, alguma coisa que possa concatená-las, todas, numa figura ou numa impressão. Eu diria que sim: é a imagem da "Rainha destronada".

**A - Se considerarmos Nossa Senhora como verdadeira Rainha do Universo,  
não de modo simbólico, mas por disposição de Deus...**

Se nós consideramos que Nossa Senhora é verdadeira Rainha do universo, não apenas de um modo simbólico, porque uma bonita coroa de ouro Lhe foi dada para pôr na cabeça das Suas imagens, mas porque Ela tem a disposição e o governo de tudo quanto se passa abaixo de Deus;

**B - Que Seu reinado se realiza na medida em que as almas se conformarem com o que Ela quer...**

Se nós consideramos, em segundo lugar, que o Reino de Nossa Senhora na Terra se realiza pela conformidade das almas dos homens com o que Ela quer. Portanto, com a conformidade dos costumes, da Civilização, das Leis da vida pública com o que Ela quer;

**C - Podemos dizer que, na imensíssima maioria das pessoas, Ela só tem restos de influência,**

Se consideramos isso, nós podemos dizer que na imensíssima maioria dos homens Nossa Senhora tem apenas restos de influência. Seria exagerado dizer que não tem influência nenhuma, Ela tem restos de influência. Mas são apenas restos, são pequenos restos. Restos tão pequenos que, se desaparecerem, desaparece tudo. É como um sorvete que está no sol. Não só o sorvete já está quase derretido, digamos, mas uma vez que ele está no sol é inelutável que ele desapareça. São, portanto, restos que estão engajados num processo de destruição que torna inevitável o desaparecimento deles.

**D - Isso justifica a metáfora da "Rainha Destronada".**

O que justifica a seguinte metáfora: Nossa Senhora é como uma Rainha que está sentada no Seu trono. A sala está cheia de inimigos. Os inimigos já arrancaram o dossel. Já tiraram da frente veneranda d'Ela a coroa de glória a que Ela tem direito. Já Lhe arrancaram das mãos o cetro. Ela está amarrada para ser morta.

**E - Ainda agora, se o clero e o que resta da nobreza, fossem santos, a Revolução morreria neste minuto**

Ainda agora, ainda agora, os que representam a ordem histórica da Cristiandade, se quizessem, evitariam tudo!

Eu sustento que, se o que existe hoje de aristocracia, em toda a prostração em que a aristocracia caiu, fosse verdadeiramente santo, os regimes políticos nascidos da Revolução Francesa seriam uma coisa morta. Mas uma coisa morta!

Eu sustento, com mil vezes mais razão que, se o clero fosse verdadeiramente santo, a Revolução morreria amanhã, morreria daqui a 5 minutos, morreria agora, já estaria morrendo!

Portanto, foram eles que, por sua inação, criaram as condições para o adversário necessariamente vencer.

Mas há uma coisa pior. Eles estão sendo utilizados para puxar a corda. Quantos membros dessas cúpulas, civil e religiosa a estão puxando. Bem, se eu subo mais alto, eu sou obrigado a me calar, porque ali é Oh puxão, sobretudo da parte de Alguém, com A maiúsculo, que os senhores estão fartos de conhecer.

### **F - E nessa hora Nossa Senhora olha para nós a chorar. Que resposta daremos a esse olhar?**

Agora, dentro dessa sala cheia de gente poderosa, armada influente, diante da Rainha que não faz outra coisa senão chorar, há um pugilo de fiéis, e Ela evidentemente olha para esses fiéis. E, ou este olhar faz em nós o que o olhar de Jesus coroado de espinhos fez em S. Pedro, ou não há mais nada para dizer. Evidente. Porque nós somos os olhados.

Se eu tiver que provar isso, eu tenho que começar por provar que eu existo e que me chamo Plínio.

Graças excepcionais, singularíssimas, contínuas, perdões e anistias um em cima do outro. E um olhar contínuo, súplice.

Eu pergunto: Há auge maior na História, depois do olhar a S. Pedro, há auge maior na História do que este olhar?

### **G - Ficarei pensando na minha chacunnière ?**

A Rainha vai ser arrancada do trono, pergunta-se, o que nós vamos fazer? Quer dizer, nesta hora deste olhar, isto não me interessa? Este olhar não me interessa? O que eu quero saber é, por exemplo, se quando eu entrar hoje à noite na sede, eu vou ser cumprimentado com cortesia? Se tal serviço que me vai ser dado não vai além de um certo limite de serviço que eu entendo que me convém? É isto?!

Naturalmente eu não quero de nenhum modo incluir aí as limitações que às vezes fatores nervosos obrigam a opor ao nosso trabalho. Isto é uma outra questão. Eu falo da tibieza, não falo do nervosismo. Aliás, os Srs. sabem bem, porque vêem isso a todo momento, como eu respeito os fatores nervosos. Acho até que um dos modos bonitos de lutar pela Rainha no Seu trono é aceitar com resignação o nosso próprio nervosismo e as limitações que ele nos impõe. Mas, isto posto de parte, o fenômeno chacunnière existe. E eu não conheço nada melhor do que essa consideração da Rainha que nos olha -- e que olha chorando -- e que nos pede o nosso auxílio para evitar esse último lance.

### **H - Eu, quem sou? "O homem a quem Nossa Senhora olhou". O resto não interessa. Terá Ela olhado em vão?**

Eu confesso que sinto esse olhar dia e noite sobre mim.

Não que eu sinta na ordem das visões ou das revelações. Não. Eu o sinto pela luz da fé; eu o sinto pela graça que não nos abandona nenhum instante; eu o sinto nas nossas sedes, nas reuniões, nas comissões, nos simpósios, neste simpósio.

Então, quem sou eu? Eu sou o homem para quem Nossa Senhora olhou!

Mas serei o homem a quem Ela terá olhado em vão? O que é que sou?

### **I - "Isso é uma pressão tremenda!" Sim, mas cheia de benignidade, de perdão e de afago materno**

Alguém dirá: "Isso é uma pressão tremenda!"

Eu respondo: é verdade. Mas cheia de amor, de benignidade, de perdão, cheia de afago materno.

Essa pressão eu a anuncio, eu não a faço. Ela está nos fatos. E deveria ter para nós o valor de uma meditação que dia e noite estivesse junto a nós.

Os senhores compreendem a pena que eu tenho de membros do Grupo que vejo às vezes atolados, imersos na chacunnière ! Por que? Porque eu não posso deixar de ter pena. Eu teria vontade de dizer para eles o que Nosso Senhor disse à Samaritana: "Se tu conhecesses o dom de Deus!" Se tu conhecesses o olhar de Nossa Senhora! Olhar que, no meio de tantos auge, tem que importar também num auge de doação. Tem que importar.

## **J - Mas que recompensa no Céu: através dos olhos d'Ela, participar da**

### **Visão Beatífica que Ela mesma tem!**

Mas este auge vai dar num outro: os Srs. já pensaram, apesar de sermos quem somos, qual vai ser a nossa recompensa no céu?

Quem foi chamado a servir tanto em auges tais ... Quando, afinal, nós tivermos fechado os nossos olhos, e que esse caminho de perigo, de risco, de sofrimento e de luta tiver cessado, os senhores já imaginaram qual vai ser o auge próprio para nós?

O auge vai ser, no Céu, esse olhar que nunca mais se desviará de nós, que estará em nós para todo o sempre!

E como Nossa Senhora é a medianeira, através dos olhos d'Ela, uma participação na Visão Beatífica que Ela mesma tem.

## **K - "Este é o homem a quem Nossa Senhora olhou na hora do abandono que**

### **Lhe respondeu sim!"**

Se algum dia se fizer um epitáfio para um de nós e se colocar, "aqui jaz fulano: o homem a quem Nossa Senhora olhou na hora de Sua aflição e que disse sim", esse será o maior epitáfio que se possa fazer, não tem mais nada, está tudo dito. Na hora do abandono completo, quando ninguém estava ao lado d'Ela, esse estava !

## **L - Esse olhar confisca totalmente. Mas é um confisco com justa**

### **indenização**

Os senhores compreendem, esse olhar de fato nos confisca. Por que? Porque, quando a Rainha está assim, e pede por auxílio, esse pedido é uma ordem total,

não tem conversa.

É verdade que é um confisco com justa indenização, mas recebemos uma ordem que é um confisco. Tudo quanto é nosso, deixa de o ser. Nós somos inteiramente d'Ela. A *chacunnière* perde sua razão de ser.

## **M - A *chacunnière* é um roubo, uma felonía, a traição .**

Proudhon disse: "A propriedade é um roubo". Nós podemos dizer: a *chacunnière* é um roubo, a *chacunnière* é uma felonía, a *chacunnière* é a traição.

Os Srs. notem que eu estou graduando muito minhas palavras. Eu não quero dizer que uma alma que, por misérias que não cabe aqui sondar, tem uma infidelidade a

Nossa Senhora, ou tenha quantas infidelidades queira a Nossa Senhora, que Ela não vai ter pena dessa alma depois desse olhar, e que Ela não vai ainda render essa alma.

Uma coisa é o fraco que, com a culpa dos fracos, entretanto reconhece pelo menos esta ordem de valores e quereria segui-la. Outra coisa é o que não quer, que não quer ver o Grupo assim, tem birra em que as coisas no Grupo sejam assim, procura dentro do Grupo consciente ou inconscientemente trabalhar para manter o espírito de *chacunnière* e, portanto, representa uma espécie de reação maliciosa ao olhar de Nossa Senhora. Aqui é uma coisa diferente. Pois a permanência empedernida e consciente na *chacunnière* é uma coisa pior do que pecados que a fraqueza humana pode levar a fazer, e é disto que mais especialmente eu falo.

É o que eu tinha que dizer.

«FC»«PT5»



## II

# **ESTAMOS PROPORCIONADOS**

## A ESSE FIM?

«FL»«PT2»

«PG»

«FC»

### I - A DEBILIDADE DA REVOLUÇÃO

«FL»

Ficou provado, na parte anterior, que o fim que visamos é um fim bom. Agora devemos nos perguntar se estamos à altura desse fim que nos propomos, se estamos em condições de realizá-lo. Ou seja, se o fim é bom para nós, porque ele pode ser ótimo em si, mas não ser bom para nós. Como, por exemplo, dar um grande concerto é um fim lícito, de algum ponto de vista ótimo, mas não é um fim bom para mim porque eu não sei cantar.

A pergunta é, então, se esse fim é bom para nós. Pois a Revolução é uma coisa tão imensa, tão poderosa, tão velha, tão enraizada, que se pode perguntar se não é ridículo que pretendamos derrubá-la.

Eu me lembro, logo no começo da Pará, fomos visitar um porta-aviões norte-americano em Santos. Tempos depois, alguém contou-me o que se deu com ele, uma coisa idêntica a que se dera comigo: uma sensação de estar arrasado naquele porta-aviões, porque aquilo era um farelo do poderio norte-americano, entretanto era uma coisa imensa... Nós, cinco formiguinhas, andando naquilo com a intenção de derrubar não o farelo, mas a montanha! Quer dizer, uma desproporção tremenda.

Então, nossa causa é proporcionada a nós?

### 1 - DE SI, TANTO A REVOLUÇÃO QUANTO A CONTRA-REVOLUÇÃO SÃO FRACAS. ELAS

#### DEPENDEM DE UM ATO DE VONTADE DO HOMEM

## A - A debilidade intrínseca da Revolução e da Contra-Revolução

Fundamentalmente falando, a Revolução, em si mesma, intrinsecamente, é um fenômeno muito fraco, muito débil, por mais que ela pareça forte.

Santo Inácio de Loyola, nas suas meditações, representa Satanás como uma espécie de rei sinistro sentado num trono, mas um trono de fumaça, um trono de fuligem. Portanto, num trono de ilusão, de trevas, de mentira, de zero, de nada, que qualquer vento dispersa. Pois bem, esse trono de fumaça é também o trono da Revolução. E, em última análise, a solidez da Revolução está no seguinte: os homens, abrindo sua alma para os defeitos da sensualidade e do orgulho, abrem porque querem. E, enquanto eles tiverem a alma aberta para isto, a Revolução é muito forte. Mas, a partir do momento em que eles queiram fechar sua alma para isto, a Revolução é muito fraca. Porque toda ela está na dependência do homem e de um ato que os homens, afinal, podem fazer ou deixar de fazer.

De maneira que não se pode dizer que ela tem um poder que esteja fora do livre arbítrio humano, fora das decisões do homem. Não tem.

É o homem que faz a História e que pode, de um momento para outro, acabar com a Revolução como também com a Contra-Revolução.

**a - ± partir do momento em que o homem medieval fechou sua alma para as virtudes da castidade e da humildade, não houve instituição que mantivesse de pé a Idade Média.**

A ordem medieval existia porque o homem tinha a alma aberta para as virtudes da castidade e da humildade. A partir do momento em que ele resolveu fechar progressivamente sua alma para essas virtudes, não houve Sacro Império, não houve Papado, não houve Inquisição, não houve nada que conseguisse frear a coisa.

No fundo, tanto a Revolução quanto a Contra-Revolução são muito débeis. Desde que o homem queira, ele muda e destrói as estruturas mais espetacularmente sólidas. Depende da graça querer, depende da graça ter quem corresponda a ela, depende de ter chegado a hora designada por Deus, enfim, de uma série de circunstâncias de ordem natural e sobrenatural.

De sorte que esse poderio aparente da Revolução é uma coisa que não persuade ninguém.

- Uma disposição de alma que muda, pode mudar toda uma estrutura histórica. A Revolução não pode resistir a fatores naturais, nem sobretudo a sobrenaturais

Logo, uma disposição de alma que muda, é uma estrutura enorme, uma história toda que se muda com essa disposição de alma. Quantos exemplos assim a história apresenta, de coisas que cessam porque uma disposição de alma cessou e de disposições de alma que às vezes cessam repentinamente!

A Revolução, pois, é fraca. Ela não resiste a fatores naturais e muitíssimo menos a fatores sobrenaturais.

### **c - exemplo: a queda do império de Napoleão**

Tomem o Império de Napoleão. O Império de Napoleão foi subindo, subindo, subindo, e em determinado momento caiu por inteiro. Os Senhores me dirão: "Foi a maçonaria quem quis". Eu respondo: "É verdade, mas a maçonaria não penteia contra pelo. Se ela fêz, é porque havia uma porção de circunstâncias que tinham até certo ponto fechado as almas das pessoas para a era napoleônica".

Certa vez, Napoleão atravessava a cavalo a avenida dos Champs Elysées, que era a avenida do triunfo dele e o povo aplaudia, aplaudia... e o embaixador da Dinamarca, fino como todo dinamarquês, julgando oportuno fazer um agrado a ele, acercou-se e disse: "Majestade, que trono sólido!", e Napoleão respondeu: "Cuidado, Senhor embaixador, os homens se vingam dos aplausos que nos dão". Quer dizer, ele sentia que aquela embriaguês, aquela sêde de ver um homem glorioso estava se apagando no espírito do povo francês, e que havia uma instabilidade nas bases psicológicas do seu trono. Ele sentia isso, e ele tinha bem razão, porque ele foi, tempos depois, numa vaia, num assobio, de Paris até a ilha de Elba.

### **B - Em concreto, a Revolução está hoje fracassada. Mostra-o o desastre do comunismo na conquista da opinião pública .**

Quando se analisa o mundo de hoje, percebe-se a fraqueza da Revolução. Por isto que ela é obrigada a andar devagar, por etapas, ao passo que por vontade dela ela pularia como um leão. Por que não pula? É porque, em última análise, ela não domina a maioria dos homens, ou melhor, ela ainda não domina inteiramente a maioria dos homens.

Prova-o o fracasso do comunismo na conquista da opinião pública.

[Nota: estas conferências foram pronunciadas em 1965. Portanto, quando o comunismo ainda estava muito bem instalado na Rússia e o jogo era o de ainda ser uma ameaça evidente para todos com facia feroce«PT2»] .

### **a - Teoricamente falando, o marxismo teve tudo para alcançar êxito**

Marx, há mais de cem anos, lançou seu manifesto. Há mais de cem anos eles têm todo o dinheiro, todos os meios de publicidade, têm tudo para lançar à vontade a doutrina marxista. Tudo que uma doutrina possa ter como recursos humanos para ser lançada, o marxismo teve. Eu não sei se os Srs. já pensaram mas, em cada eleição, teóricamente falando, as bases da ordem social deveriam estremecer. Pois, afinal, o que se pergunta aos pobres é o seguinte: "Voces querem ficar com o dinheiro dos ricos? Se quiserem elejam deputados que façam leis nesse sentido". Em cada eleição se faz isto.

### **- Entretanto, há cem anos os comunistas realizam eleições no mundo, e a resposta às suas doutrinas tem sido negativa. Não ganharam nenhuma eleição livre**

Há cem anos que se realizam eleições no mundo e há cem anos que a resposta vem sendo negativa. Essa é a verdade. Eleição eles não ganharam nenhuma. Falam de Gallup, não há melhor Gallup do que uma eleição, e, o que deram essas eleições? Nada! Alguém dirá que eles tomam um país à força e preparam a Opinião Pública. Eu digo que está bem, mas nos lugares onde eles tomaram conta, eles não foram capazes de preparar a Opinião Pública. A prova é a Rússia, por exemplo. Os Srs. já imaginaram o sucesso das Forças Secretas se elas pudessem abrir as portas da Rússia, entrar todo mundo do Ocidente à vontade, realizarem uma eleição livre, fiscalizada pelo U. Thant, com algum Cardeal Cicognani junto para benzer tudo direitinho, eleições honestíssimas, com um resultado de 98,3% dos russos votando pelo comunismo? Se eles pudessem fazer isto não fariam? Fariam imediatamente. Era a consagração do Regime deles. Era a maior vitória. Não fazem. Não se pode entrar. Não se pode sair. Não se pode ver o que está lá dentro. Não se pode conversar com as pessoas, cadeia, perseguição, etc... É isto.

### **c - Isso quer dizer que eles não dominaram a Opinião Pública**

O que dizer? Eles não dominaram a Opinião Pública. Fracassaram nos países onde tinham superlativamente tudo para fazer aquilo. O que que eles conseguiram na

Hungria, na Tchecoslovaquia, etc.? Nada! China? Nada! Ainda há pouco o Chang-Kai-Chek dizia uma coisa que eu acredito piamente: "Se os norte-americanos deixassem as tropas dele desembarcar na China, ele acabava com a Guerra do Vietnam, e acabava logo, porque ele tem apóio popular na China, o que faria o poderio chinês ruir por terra". E eu acredito nisto inteiramente. Esse é o famoso poderio do comunismo! Não conseguiram nada em nenhum lugar!

**d - Não há então contradição em se afirmar que a Revolução é um fenômeno avassalador? Não. A Revolução tem um domínio muito grande no mundo, mas não alcançou tudo o que queria e enfrenta resistências**

Alguém dirá: "Mas o Sr. não sustenta que a Revolução é fenômeno avassalador? O Senhor não falou, na parte anterior, da iminência da vitória da Revolução?".

Eu digo, não, não há contradição entre as duas afirmações. Eu disse que a Revolução tem um domínio muito grande no mundo e que ela vai alcançando as suas finalidades, que ela está mesmo a pique de as alcançar inteiras, mas que há resistências - tanto é que ela não as alcançou todas ainda e sobretudo não alcançou como ela queria alcançar.

**e - Não conseguindo entrar pela porta régia, ela tem que entrar pela porta dos fundos: violência, astúcia, baldeações ideológicas, o que mostra que enfrenta resistências**

Ela não vence entrando pela porta régia. Ela vence entrando pela porta dos fundos. Exatamente, a termo de violência, astúcia, baldeações ideológicas, etc..., o que mostra que resistências ela encontra.

Ora, de algum modo podemos dizer essas resistências estão mais fortes do que nunca, e este é um traço da atual situação que é preciso considerar.

**f - se a Revolução está a pique de ganhar, é pelo que ela conseguiu nas cúpulas, não nas massas**

Porque, se é verdade que a Revolução está a pique de ganhar, ela está a pique de fazê-lo pelo poder que conseguiu nas cúpulas: sobretudo na mais inesperadas das cúpulas.

Se não fosse isso, ela perderia de um momento para outro. De maneira que, de fato, na massa, naquilo que não é cúpula, o poder dela, debaixo de certo ponto de vista, está menor do que nunca.

Assim, embora seja iminente [sua vitória], pela complexidade inerente a este tipo de acontecimentos, pode-se dizer que a fraqueza dela está grande.

Aí está um dado natural que nos mostra como a Revolução não tem aquela onipotência que a gente poderia sonhar. É um dado natural em que entra muito de sobrenatural, porque se a Revolução não conseguiu tal influência, deve-se, em última análise, a fatores de caráter sobrenatural.

### **C - A Revolução, ou não corre e perde as cúpulas; ou corre e perde as bases**

**a - Tomo movimento de homens tem uma elite interna que constitui sua força propulsora, que lhe dá dinamismo .**

Todo movimento ideológico ou de qualquer outra natureza, tem internamente uma elite que constitui uma força propulsora que leva todos os outros para a frente e essa força tem um dinamismo tal que, se se freia, morre, porque é inerente a toda força propulsora, que, freiada, morra.

**- A elite da Revolução caminhou muito mais do que o corpo. Entretanto, por sua própria natureza, se ela for freada, o movimento morre. Por outro lado, se não o é, se cristaliza e mata a Revolução**

Ora, a força propulsora do demônio ou da Revolução caminhou muito mais do que o resto da Opinião Pública. De onde, a força propulsora foi muito mais depressa e eles não podem freiar sob pena de matar a Revolução.

De outro lado, eles não podem deixar correr muito porque dá cristalizações.

**c - Daí uma espécie de contradição interna na Revolução que é muito favorável às nossas técnicas**

Então forma uma espécie de contradição interna da Revolução que faz com que ela, em nossa época, de um lado seja obrigada a correr muito, mas de outro lado, dê margens a cristalizações muito grandes. Isso exatamente é um fator muito favorável para as nossas técnicas.

### **d - é a velha metáfora da cobra cuja cabeça está se separando da cauda. Exemplos**

Lembram-se daquela metáfora da cobra cuja cabeça está querendo andar mais depressa que a cauda? Há, por exemplo, toda uma esquerda católica, democratas cristãos, Temoignage Chrétien , etc., intransigente e aborrecida com os próprios meios termos que altos dignitários eclesiásticos são obrigados a usar.

Agora, por que é que ele é obrigado a usar? Porque ele tem medo das cristalizações. Mas isto coloca numa dificuldade os arditi : no excesso de entusiasmo, eles constituem uma fonte de fraqueza para as cúpulas.

Seria como se eu, aqui dentro do nosso movimento, tivesse uma ala ardida que eu não conseguisse frear. isso para mim não seria uma força, seria uma fraqueza, porque eu seria arrastado, muitas vezes, a atitudes que eu não quero e que poderiam comprometer a causa inteira. Aquelas cúpulas estão tentando sair-se do caso como podem. Resta saber que dificuldades eles encontrarão no caminho. E que dificuldades mesmo nós podemos opor a eles. São os segredos de Nossa Senhora.

### **D - Hoje a Revolução, com cúpulas podres eclesiásticas, conta com ocasião**

incomparável de levar a Igreja a um erro tático tremendo

A Revolução não pode parar também por outro motivo que nós esperamos nunca mais se apresente. É que ela conta com a ocasião incomparável de levar a Igreja Católica a um erro tático tremendo.

Quer dizer, ela tem que correr com a Igreja, e isto forma dentro dela uma contradição interna altamente favorável a nós.

Essas são as debilidades da Revolução.

## **2 -RESPOSTA A UMA OBJEÇÃO**

A - Uma vez que os fatores decisivos na luta R-CR são de ordem sobrenatural, não é melhor, em vez de ficar medindo o poder do adversário nos fatores naturais, confiar de vez na Providência?

Por que desenvolver tanto esses fatores que, embora possam ter uma causa sobrenatural, são, na sua essência, fatores naturais? Não devemos confiar

exclusivamente na Providência e deixar de olhar tanto se o outro é mais poderoso ou menos?

Resposta:

a- Temos graça suficiente para confiar na proporção do perigo que enfrentamos, e não maiores que eles

Nós temos a graça suficiente para confiar na proporção do perigo que enfrentamos, e não para confiarmos na proporção dos perigos maiores que nós temos que enfrentar.

Vamos reduzir os perigos aos seus devidos termos, e confiar na graça quanto aos seus termos reais. Nós não devemos ser megas e procurar ter um heroísmo em face de um perigo maior do que ele é.

- É de boa lei reduzir o perigo às suas devidas proporções, e, no que for maior que nossas forças, confiar. Aí entra Nossa Senhora

É normal, é de boa lei reduzir o perigo às suas devidas proporções, e depois graduar, em face disto, a nossa confiança. Porque a confiança heróica é dada na proporção da necessidade. Necessidade consiste nisto: que mesmo feitos os descontos, ainda reste algo de tão poderoso, que realmente precisamos de toda confiança na graça para vencer.

E aqui entra Nossa Senhora.

«FC»



## II - PORQUE SOMOS FORTES

«FL»

### 1 - ALIANÇA ESPECIAL DE NOSSA SENHORA COM O GRUPO

O primeiro fator fundamental de nossas forças e das coisas mais intrínsecas ao Grupo, é a aliança de Nossa Senhora conosco.

Essa ligação de Nossa Senhora conosco, ver-se-á, não é uma ligação qualquer, uma ligação como ao longo da História, Ela tem condescendido em ter com outras pessoas a quem Ela tem favorecido.

#### **A - Essa aliança é tal, que a pessoa, para apostatar, tem que fazer força. Nossa Senhora a segura pelos cabelos. A "Teologia do Sabugo"**

Há uma coisa dentro do Grupo que me impressiona muitíssimo, e que, com certeza, impressiona os Srs. também: é o número relativamente muito pequeno de apostasias. A pessoa, para apostatar, precisa fazer tal força, que tem que ser uma espécie de herói do mal para conseguir apostatar.

Segundo uma alma convertida hoje, mas a quem Nossa Senhora teve muito que perdoar, essa alma, no seu período de crise, não entendia porque não saía do Grupo. Ela não tinha coragem de sair e não queria sair mesmo. Quando essa pessoa me procurou e me revelou o seu estado de alma, ela me disse: "Olhe, eu fiz tal coisa e meu estado de alma é este. Agora V., querendo, tem todo o direito de me por para fora. Eu sei que eu mereço sair, mas eu não sei porque até hoje não saí e não quero sair. Nossa Senhora me segura pelos cabelos no Grupo".

A imagem é esplêndida! É como a de um naufrago que está inteiramente largado, mas que Nossa Senhora misericordiosamente segura pelos cabelos. Bem, essa é uma das almas mais fervorosas que temos hoje em dia.

Quantas situações há assim?

#### **a - O sabugo, que tem tudo para sair, fica preso ao Grupo pelo homoplata**

Entra aqui uma coisa muito curiosa, não sei se os Srs. tem pensado nela, é uma espécie de "Teologia do Sabugo". O sabugo é um seguro pelos cabelos. Se quiserem,

nem pelos cabelos, seguro pelo homoplata. Ele teria tudo para cair, tudo para ruir, tudo para sair. Ele fica.

**- Ele tem estabilidade impressionante, e ainda presta serviços.  
Conserva-se inclinado a 10° do solo, seguro por um Anjo**

E se há uma coisa impressionante no Grupo, é a estabilidade dos sabugos. Não só eles vão continuando, mas à la longue , ainda fazem figura e ainda prestam algum serviço. Eu, às vezes, vejo nessas nossas campanhas cada sabugo se mover e fazer coisas que eu fico impressionado! Agora, o que é? Vê-se que Nossa Senhora está em relação àquela alma num estado de tristeza profunda, mas a conserva, por uma espécie de Torre de Piza, mas de uma Torre de Piza cuja estabilidade a geometria não consegue explicar. Um anjo segurando uma Torre de Piza assim a 10 graus do solo, esta é a definição do sabugo.

**c - Sua presença é uma das mais admiráveis manifestações da aliança de  
Nossa Senhora com o Grupo**

A presença do sabugo em nosso meio é uma das mais admiráveis manifestações da aliança de Nossa Senhora com o movimento. É uma mostra de que há uma espécie de transmissão do espírito de Nossa Senhora para o Grupo, de que há uma espécie de aliança por onde Ela está de algum modo presente em cada alma de membro do Grupo. Há coisas neste sentido de arrepiar.

Por exemplo, o Fulano. Ele foi expulso do Grupo. Foi expulso por razões que eu não posso declinar, mas que justificam tanto, que ele mesmo reconhece que a expulsão foi ato merecido. Está bem, o Fulano fora do Grupo permanece mais ou menos como um objeto lançado fora de um Sputnik e que continua do lado de fora a acompanhar o sputinik. Ele não se dá com ninguém, não tem relações com ninguém. Vive sozinho em casa, num isolamento tremendo. Uma vida de um membro do Grupo sem o Grupo. O mais engraçado é que ainda ressentido com o Grupo, a tal ponto que eu estou com ele e ele não me diz nem uma palavra do Grupo. Outro dia eu fui visitá-lo, e sentei-me no sofá. Encontro pelo meio o "Diálogo". Quer dizer, ele compra na rua e lê e não me diz uma palavra, de tal modo ele está sentido conosco. É um infiel, mas ainda assim Nossa Senhora o segura dessa maneira.

O André me pediu para voltar, com mil oportunismos, com mil venalidades. Está bem: no fundo de tudo, a gente vê que alguma coisinha fica. É uma coisa incrível.

### **B - E essa aliança é a nossa grande força, nossa grande arma**

É um modo de Nossa Senhora provar essa aliança com o movimento. E esta é a nossa grande força, a nossa grande arma. Diante d'Ela todas as outras são secundárias.

## **2 - TÉCNICAS RCR + MAQUININHA + OCASIÃO + HORA DA PROVIDÊNCIA = VITÓRIA**

### **A - Técnicas RCR**

#### **a - O domínio do demônio e da Revolução se dá por técnicas de Opinião Pública. Nossa Senhora nos deu conhecimento dessa técnica. A R-CR**

Está mais do que provado que grande parte do domínio do demônio e da Revolução está em técnicas por meio das quais eles fazem progredir o processo revolucionário no seio da Opinião Pública. Ora, acontece que Nossa Senhora deu ao Grupo o conhecimento dessas técnicas, o que não só se prova lendo a RCR, mas também examinando os fatos concretos. Nós temos - porque Nossa Senhora deu, mas afinal temos - um meio por onde nós de fato podemos meter um punhal, podemos levantar a escama da sucuri e atingir a sucuri sem escama, atingí-la na sua própria carne e de um modo vivo. Isto está nas nossas mãos, é evidente. E isto é um fator de força. Pois, se a técnica para o mal foi um fator nas mãos deles, é claro que tem que ser também um fator em nossas mãos. Sei que é dado por Nossa Senhora, mas se Ela deu, não posso fazer a pesagem da situação sem tomar em consideração o dom d'Ela.

#### **- Nossa técnica consiste em apontar o lado fraco da Revolução, onde ela corre demais, e provocar cristalizações pelo susto.**

Agora, no que consiste, essencialmente, essa técnica? Consiste em tentar colocar do nosso lado a maioria, mostrando o lado mau da Revolução que corre demais. Quer dizer, assustando a maioria e cristalizando-a. É sempre essa técnica.

#### **c - O "Em Defesa" = "Católicos heresias-brancas: uma heresia está arrebatando dentro da Igreja!"**

Todos os nossos livros obedecem a isso. O "Em Defesa", em suma, é o seguinte: "Católicos liberais prestem atenção, uma heresia está arrebatando dentro da Igreja!". Esse livro escrito há 23 anos atrás, era uma previsão exata do que está acontecendo hoje. Esse livro matou [na época] o Progressismo no Brasil, que era o veículo da heresia. Até hoje [1965] o Progressismo no Brasil não é nada. Depois, assustou a grande maioria do clero que não ficou do nosso lado, mas não ficou também do lado deles. Parou. O resultado disso é que a Democracia Cristã ficou um partido pequeno no Brasil, porque a DC vive do Progressismo como nós vivemos da Ave-Maria. E a marcha do Brasil para a esquerda se tornou muito mais lenta.

A RCR não tem em mira o que tem o Progressismo. A RCR é uma disposição de todas as nossas doutrinas que em concreto têm uso dentro do nosso movimento. É o nosso livro fundamental.

**d - RAQC = "Proprietários: Cuidado com o socialismo e o comunismo que estão chegando!"**

Mas a RAQC é inteiramente isso. É feita para frear a Revolução no seguinte modo: "Proprietários: cuidado com o socialismo e com o comunismo que estão chegando!" O fato é que até agora a RA não se aplicou no Brasil e o livro teve tanta repercussão que tornou o Grupo uma potência nacional, o que prova que conseguimos colocar muita gente do nosso lado.

**e - "Bucko", "Diálogo" etc. o que são? Fundo de nossa tática:**

O "Bucko" é o seguinte: "Padres e católicos, cuidado, o comunismo quer exigir de vós uma coisa que não podeis fazer!".

E o "Diálogo", o que é? Em síntese é: "Católicos, cuidado, vós estais sendo levados sem perceber ao comunismo através do ecumenismo!"

**1 - desmascarar o jogo e fazer parar a marcha**

Qual o fundo dessa tática? Eles percebem que só podem andar velando a marcha; e nós só podemos fazer parar a marcha revelando o jogo. É claro! É de uma simplicidade modelar, é isso.

## **2 - Revelar sempre apresentando uma questão de consciência**

Este revelar, para morder individualmente o leitor e criar para ele um problema, vem sempre acompanhado de uma questão de consciência: "Cuidado, se V. concordar com a Revolução, V. é um herege; está perdendo sua alma!" Com maior ou menor clareza está sempre isso. No RAQC é: "Cuidado, Padre ou leigo, V. perde sua alma"! Ou, "V. é um ladrão?".

## **3 - Isso sempre com um pressuposto: dar um caráter religioso, nunca laico.**

As técnicas das interpelações são filhas diretas desta visão. Tudo isto tem sempre um pressuposto: é dar a estas questões um caráter religioso, nunca laico.

Alguém, quando lançamos a RAQC, me aconselhou que, em vez de um livro religioso, fazer um livro exclusivamente técnico mostrando que a RA é contra os interesses do país etc., "porque é muito mais simpático". Eu respondi: "Simpático, mas perfeitamente ineficiente. A propriedade privada e qualquer outro assunto, ou se sustenta em base religiosa, ou não tem nenhuma força.

No Chile, o candidato à Presidência da República derrotado pelo Eduardo Frei, convidou um grupo de nossos estudantes universitários para jantar com ele, e, durante o jantar disse-lhes: "Eu não compreendo como é que Vs. conseguiram fazer tal alvoroço com a interpelação de Vs. Pois eu dei argumentos, dei dados estatísticos, etc., durante minha campanha, e ninguém se incomodou. Agora Vs. levantam a questão religiosa, e vem todo esse caso".

## **4 - Porque a única coisa que tem vida é a Igreja Católica**

É claro, porque a única coisa que tem vida é a Igreja Católica e o que não fôr argumento religioso não vale nada. Pode-se dar como apêndice, como na RAQC, mas é linha auxiliar e que só se usa quando é indispensável.

No que diz respeito às técnicas é isso.

## **B - "Maquininha"**

**a - O que é a "maquininha": pequenos grupos que, explorando algumas relações e utilizando as técnicas RCR, causam muito dano ao adversário**

O que é a "maquininha"? São os pequenos grupos de pessoas muito dedicadas e homogêneas, mas francamente minoritárias que, como dizia São Luís Maria Grignon de Montfort, são recrutados um a um -- aqui sim é um trabalho de caráter individual -- e que estão espalhados numa orla litorânea que vai de S. Luís do Maranhão até Santiago do Chile.

Esses grupos manejam algumas relações que têm e que não são muitas, e usam, contra a Revolução, técnicas publicitárias cujos efeitos, pelos manifestos na Argentina e no Chile, os Srs. conhecem.

**- maquininha bem equipadinha, cujos resultados nos causam espanto a nós mesmos**

Essa é a "maquininha". É uma maquininha, se quiserem, bem equipadinha. Ela tem comissões, tem serviço de imprensa, tem mil coisas, até relaçãozinhas; mas, no conjunto, é uma maquininha. Entretanto, se dissermos que é uma formiga, temos que convir que ela é uma formiga muito grandinha, que ela é até um colossinho para o tamanho. Para derrubar o Pão de Açúcar é melhor do que uma formiga comum!

Apesar disso, quando nós analisamos o que nós temos feito, a simples análise do que temos feito já nos deixa espantados. Nós não compreendemos como é que nós pudemos fazer o que temos feito.

**c - embora não tenha feito senão um milionésimo do que queria, só é uma potência na medida em que uma mosca que saiba atrapalhar o**  
**é**

Ora, o que nós temos feito não é senão um milésimo ou um milionésimo do que nós queremos fazer. Quer dizer, a simples obra realizada por nós, e que é um milionésimo do que nós quereríamos fazer, nos parece um colosso. Aí os Srs. compreendem como nós somos pequenos. É preciso não reduzir nada da realidade.

E, nesse sentido, quando se diz que o Grupo é uma potência, etc., etc., é até verdade. Mas em que termos, com que nuances?

É como, por exemplo, uma mosca que queira e saiba atrapalhar. Ela pode tornar impossível esta reunião. Nesse sentido a mosca é uma potência. Entretanto, não passa de uma mosca. Entendamos bem em que sentido somos uma potência. O resto é megalice.

## C - Ocasão

Como a Revolução está obrigada a correr demais, a toda hora há transgressões perigosas. Esses momentos constituem para nós a ocasião boa de intervir.

## D - Hora da Providência

### **a - necessidade + impossibilidade = hora da Providência**

Joseph de Maistre e inúmeros tratadistas ensinam que necessidade mais impossibilidade é igual a hora da Providência .

Ou seja, quando uma coisa se torna absolutamente necessária e ao mesmo tempo absolutamente impossível, está caracterizada a Hora da Providência.

### **- Deus deixa muitas vezes tudo ruir antes de intervir para mostrar que a vitória é d'Ele**

E justificam dizendo que os grandes acontecimentos da História, sobretudo da história dos interesses de Deus, se dão em circunstâncias tais que Deus deixa tudo ruir para que fique muito claro que a vitória que haja é d'Ele. Logo, a hora para Ele intervir é quanto tudo ruiu.

### **c - Depois do Vaticano II, tudo ruiu. Então a hora d'Ele intervir chegou**

Ora, depois do Vaticano II, os Srs. não têm dúvida de que tudo ruiu. O que se disse a respeito dos nobres, a respeito do clero indica um fenômeno mundial. Está tudo perdido. Ora, de outro lado, tudo não pode estar perdido. Portanto, chegou a hora em que alguma coisa tem que acontecer, não é verdade?

O abbé Saint Laurent, no "Livro da Confiança", enuncia isto assim: "quando tudo, tudo está perdido, aí é a hora de preparar o incenso e acender as luzes, porque o momento do Te Deum está próximo". Ou seja, a vitória.

## **E - Daí a fórmula: técnicas RCR + maquininha + ocasião + hora da Providência = Vitória**

### **a - Essa conjunção de fatores nos possibilita um sucesso que humanamente falando não teríamos .**

Por essa conjunção de dados nós temos a possibilidade de obter um sucesso que humanamente nós não teríamos. Notem a recíproca também é verdadeira: nós devemos dizer que não se trata nem de uma obra meramente humana, nem de uma obra toda ela milagrosa. Vê-se que há meios humanos nos quais a Providência quer atuar.

**- ± exemplo de Santa Teresa: "três ducados + Teresa + Deus = um Carmelo fundado"**

Certa vez, Santa Teresa saiu para fundar um Carmelo. Para tanto tinha no bolso apenas três ducados, que era moeda pouco valiosa da época. Então, perguntaram a ela: "Madre, o que a Sra. vai fazer com esses três ducados? Não é muito pouca coisa?". Disse ela: "Três ducados para Teresa é nada. Teresa para Deus é arquinada. Mas, três ducados + Teresa + Deus fundam um Carmelo". E, de fato, se fundou o Carmelo.

Dentro dessa linha, nós não temos apenas uma coisa tirada de boa doutrina ou boa teoria, mas temos também o conforto de uma confirmação pela experiência.

Quer dizer, a experiência prova que isto é assim. E se a Providência nos deu também experiência, devemos nos socorrer dela para aumentar a nossa fé, porque nós devemos nos servir de todos os meios para aumentá-la.

Santo Agostinho fazendo um comentário a respeito de São Tomé, o censura desenvolvendo a censura de Nosso Senhor. Depois, ele diz: "Oh! Bem-aventurado Tomé, como tu andaste mal! Entretanto, não deixa de ser verdade que da ponta de teus dedos pendeu a fé de milhões de pessoas!" Pois milhões de pessoas creram, porque ele tocou. Aqui também. Uma vez que a Providência nos dá a experiência, sirvâmo-nos dela.

### III

## **O RESTO QUE VOLTAR**

## «FL»

### 1 - Teoria Geral

#### A - Introdução : uma teoria que corrobora o que foi dito

**a - quando o bem está na iminência de ser esmagado totalmente, é que ele ressurge. Teoria do "resto".**

Eu conduzo, nesta altura, o pensamento para uma teoria que abre muitos panoramas, muitos horizontes e corrobora o que acaba de ser dito, sobretudo a respeito do conceito de Hora da Providência.

Esta teoria é para explicar que, enquanto não chegar o fim do mundo, quando o bem está na iminência de ser totalmente esmagado, ele ressurge, e que, portanto, a hora de sua ressurreição é exatamente o momento de seu supremo esmagamento.

- Mais ou menos enunciada na RCR, nasceu da observação histórica recebendo depois confirmação teológica

É para ilustrar isto que vem a teoria do "Resto Voltará".

É uma teoria que está enunciada de algum modo na RCR. Aliás nasceu como uma observação histórica nossa e só depois recebeu uma confirmação teológica de parte de D. Mayer, o que mostra a objetividade de nossa observação.

#### B - Essa teoria na Sagrada Escritura:

O profeta Isaías teve vários filhos aos quais ele deu nomes proféticos. Um deles chamou-se "Shear Yashub", em latim "Residuum revertetur", em português, "o resto que voltará", para manifestar sua confiança e sua esperança no Messias que haveria de vir.

**a - As várias decadências da Humanidade, e o ressurgimento dos restos que permanecem fiéis**

Por que é que Nosso Senhor Jesus Cristo é um resto? E por que o resto que "voltará"?

A humanidade toda tendo caído no estado de pecado, houve um pecado que deu no Dilúvio, ficou um resto que depois refloresceu. Houve depois outro pecado que deu na dispersão da Torre de Babel. Quando os povos foram se tornando cada vez piores, apareceu uma nação eleita que era o resto de toda a humanidade que apostatara e que se salvava. Era um povo eleito, uma gota dentro da imensidade do mundo antigo. Este resto, por sua vez, não foi fiel, e dele salvou-se a Casa de David.

### **- Nosso Senhor Jesus Cristo: o "resto" da Casa de David**

Mas a Casa de David também não foi fiel, e dela salvaram-se Nossa Senhora, São José, Sant'Ana algumas poucas outras pessoas e sobretudo, sobretudo, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os Srs. vêem, são restos concêntricos, restos uns dos outros. Há uma catástrofe, salva-se um resto; esse resto entra em decadência, sucede depois outra catástrofe, salva-se o resto; quando a coisa chegou quase às proporções de um indivíduo, de uma pessoa, essa pessoa é Nosso Senhor Jesus Cristo e, nesta Pessoa, há então uma explosão e tudo aquilo que tinha sido apagado, contrariado, calcado aos pés, jorra para o alto de um modo magnífico, e é o Redentor do gênero humano que vai fazer o Império de Deus voltar à terra.

Este é o fato comentado pelos intérpretes da Escritura e é coisa inteiramente segura.

## **2 - A Nossa Teoria**

Bem, desta coisa segura nós tiramos, por analogia, esta observação histórica.

### **A - Na luta entre os filhos da Virgem e os da Serpente, depois de um embate, um lado sempre reduz o outro a um resto**

Na luta entre Nossa Senhora e o demônio, entre os Filhos da Virgem e os da Serpente, sempre que um dos dois lados vence, ele reduz o outro a um resto, quase a nada. Por sua vez, se esse resto não se deixa aniquilar, quando ele ressurge -- não digo que haja um fatalismo histórico; não é necessário que o outro fator ressurja -- ele ressurge mais forte do que era no período de seu esplendor.

## **B - Por isso a violência da Bagarre será maior que as anteriores: o Anti-Cristo mata Elias, e o "resto", Nosso Senhor, destrói definitivamente o Mal**

Isso explica porque a violência da Bagarre vai ser maior do que todas as anteriores. E explica também que, quando chegar a ocasião do Anti-Cristo, o demônio, por assim dizer, manda seu primogênito à terra, e Deus manda Elias, que é por excelência o varão da destra de Nossa Senhora. O Anti-Cristo mata Elias e daí o ponto final, o "resto", Jesus Cristo, esmaga definitivamente o resto mau.

## **C - Exemplos de "restos": o povo judeu**

Os Srs. considerem a nação judaica. Ela foi péssima. Em consequência foi dispersada e passou na humilhação não sei quanto tempo. Entretanto, a partir do momento em que nossa tibieza livremente permitiu que a direção dos acontecimentos passasse para os filhos dela, eles ressurgiram mais poderosos do que eles eram quando tinham uma nação.

Se confrontarmos o poder judaico hoje com o que era o poder judaico no tempo da Judéia, para olhos judaicos, o templo de Salomão não é nada em comparação com a fortuna do Rotschild, evidente.

E de fato aqueles sonhos messiânicos a respeito do domínio do mundo - o domínio de Nosso Senhor Jesus Cristo com o sinal menos na frente - eles estão realizando do mar até o outro mar, da montanha até a montanha. Eles ressurgiram muito mais tremendos do que eles eram.

## **D - No auge do ressurgir do poder deles, começamos a surgir nós. Nós somos o "resto", a "continuidade" do quê?**

Agora, no auge da ressurreição do poder deles, começamos nós a aparecer, como um resto que volta, pois se há algo que somos, o que nós somos é o "resto".

Então, quem é que nós somos para que uma lei milenar da Teologia da História tornasse necessário o nosso aparecimento? Nós somos o resto de quê? Como quem diz "resto", diz de algum modo "continuidade", nós somos os continuadores do quê?

A resposta a estas perguntas faz com que o que estamos dizendo sobre nós mesmos tome uma força muito maior. Passemos, pois, a elas.

### **3 - Nós somos uma continuidade de uma graça**

**A - Há uma continuidade que está nas intenções de Deus. Consiste num certo gênero de graças que Ele quer dar em épocas diversas, e que não supõem necessariamente continuidade histórica nem de pessoas**

Como é que uma coisa, nesta ordem de idéias, pode ser continuidade de outra?

Em primeiro lugar, pode haver uma continuidade que esteja toda nas intenções de Deus.

Essa continuidade consiste num certo gênero de graças que Ele quer dar à Humanidade em épocas históricas diversas, e que, à medida que são correspondidas, Ele aumenta ou diminui. Ou pode até aumentar em ordem contrária à correspondência.

Houve uma ingratidão, Ele dá uma graça maior. Mas essas são graças que não exigem necessariamente que haja uma continuidade histórica de uns com os outros homens que as recebem .

Podem ser grupos, ou podem ser até pessoas que nem se conhecem e que não tenham uma espécie de continuidade, e que repousa inteiramente na continuidade da ação divina.

**B - Segunda continuidade: de pessoas e de ação divina, em que a graça é dada, através de longa sucessão, a um para que a transmita a outro. Ex.: S. Luís G. Montfort e os ultramontanos do século passado**

Há um outro modo pelo qual se pode dar essa continuidade, que é um complemento desta. É a continuidade de pessoa a pessoa que têm relações umas com as outras, de maneira que Deus dá a graça para um indivíduo A, e deseja que esse indivíduo a transmita para o indivíduo N, através de uma longa sucessão. A esta N vai ser dado mais ainda, mas que a causa segunda atue também e haja. Portanto, uma continuidade de indivíduo a indivíduo, além da continuidade da ação divina.

Por exemplo, S. Luís Grignon teve uma indiscutível continuidade deste tipo com o movimento ultramontano do século XIX. Através da influência dele sobre a Vandéia, levantou-se a bandeira do exército católico e monárquico, defendendo a idéia do Altar e do Trono, ou seja, da ordem espiritual e temporal, contra o igualitarismo que começava a ser percebido e detectado. Era a chouannerie , que, por sua vez, acabaria embicando no movimento ultramontano do século passado.

### **C - Terceira continuidade: a de instituições que vão recebendo, ao longo dos séculos missões mais ricas, até chegar um momento culminante da História**

Existe uma terceira forma de continuidade, mais rica até do que a segunda, e que é a continuidade de instituição, que ao longo dos séculos vai recebendo essas missões cada vez mais ricamente até o momento culminante.

### **D - Nós somos continuadores dessas três formas de continuidade. Demonstração.**

**a - Desde que o homem soube dos planos da Encarnação, soube que o sentido mais denso da História ia começar. O Profeta Elias foi um desses; assim, foi o primeiro devoto de Nossa Senhora**

De que modo essas continuidades coincidem em nós?

Desde o primeiro momento em que o homem soube da Encarnação, ele soube também de Nossa Senhora e soube das vitórias de Nossa Senhora. Soube o sentido mais denso da história que ia começar. mas todos os intérpretes estão de acôrdo em afirmar que, depois disto, o primeiro episódio na Escritura que fala de um modo mais definido, mais claro, mais nítido a respeito de Nossa Senhora é exatamente quando o profeta Elias viu aquela tal famosa nuvem da qual veio depois a chuva, chuva enorme, primeiro prenúncio de Nossa Senhora.

Então, nós temos Santo Elias que aparece como o primeiro grande devoto de Nossa Senhora e como aquele que deverá intervir em Suas grandes batalhas na luta contra o Anti-Cristo. Ele é o grande devoto d'Ela. Ele, o portador de uma graça, de um espírito, está na cabeceira de toda a série de grandes luminares de Igreja que falaram de Nossa Senhora. Ele é o primeiro de uma graça mariana, a qual é um prenúncio da graça do advento do Verbo. Como a nuvem produz a chuva, Nossa Senhora produziria a vinda do Messias.

**- Vieram depois S. João Batista, São João Evangelista etc., até S. Luís Maria Grignon de Montfort, que foi o mais alto expoente da devoção mariana**

Depois vem S. João Batista que exultou no seio materno, quando ouviu a voz do Nossa Senhora.

Em seguida, S. João Evangelista foi aquele a quem Nossa Senhora foi dada como Mãe. Mais adiante, Santo Efrém, o grande devoto de Nossa Senhora, o "Citarista do Espírito Santo". Depois, passando por outros, entre os quais S. Bernardo, nós vemos que um crescimento da Mariologia e da devoção a Nossa Senhora na Igreja alcança seu mais alto expoente em S. Luís Maria Grignon de Montfort, porque eu não creio que a respeito da devoção a Nossa Senhora se possa dizer algo de mais alto do que S. Luís Grignon de Montfort disse. Aquilo pode ser comentado, pode ser desenvolvido, mas não pode ser acrescido... Eu fico pasmo com a riqueza, com a solidez daquilo! Eu não sei o que se possa dizer mais do que está ali dentro! Eu acho um nec plus ultra!

Os Srs. vêem, é um conjunto de graças mariais, trazendo consigo o sentido da luta contra a heresia, inerente a todos os glorificadores de Nossa Senhora e marcando uns pontos altos de caráter místico e religioso na luta entre o bem e o mal. São, vamos dizer, emissões de graças de Deus que vão preparando o Reino de Maria, porque à medida que a Mariologia vai crescendo, naturalmente vem o Reino de Maria.

**c - Nós somos continuadores dessa graça de implantar o Reino de Maria, que tem seu nascedouro em Santo Elias, chega a um apogeu em S. Luís Grignon, e que terá seu ápice novamente em Elias, na batalha contra o Anti-Cristo.**

Entretanto, tudo quanto se fêz para difundir a devoção de S. Luís Grignon de Montfort, não deu na aparição de algo como o Grupo. A aparição do Grupo, com todas as suas misérias, para quem Nossa Senhora olha e pede para restaurar-Lhe o Reino, é uma coisa que está na linha de um movimento que, visto a partir de Deus, das graças da Mariologia, é uma continuidade que vai de Santo Elias, e passando por todos esses santos que acabo de mencionar. Graça que aflora em nós, não como definição de uma doutrina, mas como a realização de um anseio de S. Luís Grignon de Montfort: os Apóstolos dos Últimos Tempos, que são uma consequência de toda uma série triunfal de aparições de Nossa Senhora.

A graça que recebemos de querer implantar o Reinado de Maria é uma continuação dessas graças que têm no seu nascedouro Santo Elias, e que vão dar nele porque, na suprema batalha, será ele quem conduzirá a luta, que é sempre a luta por Ela. Ele está no começo, ele está no fim. Esta enorme grandeza dele nos atesta uma espécie de movimento que volta à sua origem. Ele é a origem e depois o movimento culmina nele de novo.

**d - Esse filão de pessoas teria tido uma conexão histórica? Parece que sim. O espírito de Elias comunicado a Eliseu**

Passemos para o segundo tipo. Este filão de pessoas teriam tido uma conexão histórica, uns teriam conhecido os outros?

No que diz respeito a Santo Elias e seus continuadores, há poucos dados. Mas eu digo que esses dados levam a crer que houve continuidade no Antigo Testamento. Nós, antes de tudo, tivemos notícias daquele episódio muito misterioso do espírito de Elias que se comunicou a Eliseu. Elias tinha uma missão, e ele foi arrebatado num carro de fogo. E Eliseu, convidado a continuar a obra de Elias, respondeu a Deus que só poderia fazê-lo se recebesse o "duplo espírito de Elias" -- expressão tão parecida com "Espírito de Maria" usada por S. Luís Grignon. Então, no momento de subir ao Céu, Elias jogou seu manto sobre Eliseu e com o manto passou-lhe seu espírito.

Quer dizer, é um espírito, mas é um espírito tão definido, que meio carismaticamente se transmite através de um manto, de um objeto material. Uma espécie de sacramental que Elias transmitiu a Eliseu, como uma espécie de legado preciosíssimo.

**e - Os essênios teriam sido continuadores de Elias e teriam dado na Ordem do Carmo**

Ora, tudo leva a crer que os essênios, ao longo do Antigo Testamento, formaram uma ordem religiosa que se dizia fundada por Santo Elias. Diz-se S. João Batista foi essênio e até que Nosso Senhor Jesus Cristo o foi. Esses essênios provavelmente tiveram um carisma que se foi estendendo através das várias gerações para dar na Ordem do Carmo.

**f - Por esse lado haveria uma continuidade de Santo Elias à Ordem do Carmo, com teólogos sustentando de quando em vez a teoria de S. Luís G. de Montfort**

Nós teríamos, assim, uma continuidade de Santo Elias para a Ordem do Carmo, na qual, sustenta D. Mayer, houve toda uma continuidade de teólogos (não ligados pelo tempo, mas que surgiam de quando em quando) que sustentavam a teoria que ulteriormente S. Luís M. G. de Montfort haveria de dar no Tratado da Verdadeira Devoção.

Os Srs. vêem, portanto, que, dentro de um terreno nebuloso em que possuímos poucos, mas muito importantes dados históricos, tudo é sugestivo de uma grande concatenação, de um grande filão de almas que se tocaram umas às outras.

**g - Em que aquele imponderável quase secreto da devoção a Nossa Senhora de que fala S. Luís G., leva à idéia de um espírito por excelência que chegou até nós, numa concatenação que se toca como que pela ponta dos dedos.**

É um ambiente cheio de penumbra, mas no qual, quanto mais se olha, tanto mais tudo convida a afirmar que aqueles tais mistérios da graça e da natureza, aquele tal "quid", de que fala S. Luís Grignon na introdução do Tratado, e que é um imponderável quase que secreto da devoção a Nossa Senhora. Leva também à idéia de um espírito, que é um espírito por excelência, o mais requintado de todos, o mais agudo de todos, o mais rico de todos e que, por uma continuidade, vai se transmitindo, e que chegou até nós.

Nós percebemos que isto forma um imenso veio que, visto no seu conjunto, acaba se nos apresentando como uma unidade de homens que se tocaram uns aos outros pelo menos com a ponta do dedo.

**h - Isso daria sentido à nossa pertencença à Ordem Terceira e ao empenho que o demônio tem em dela nos fazer sair**

Então, nossa inserção na Ordem Terceira teria um sentido evidente, e toda essa luta do demônio para nos fazer dela sair também tem seu sentido. Sobretudo se atendermos ao fato de que Santa Teresa viu, numa futura crise da Igreja, carmelitas lutando nas batalhas de Nossa Senhora como verdadeiros heróis.

Depois, os Srs. sabem, eu conheci o Tratado da Verdadeira Devoção através de Santa Terezinha, que foi carmelita e que carmelita!

Então, vejam, as coisas se tecem até nos pormenores puramente individuais, fazendo de nós uma continuidade de graça, mas uma continuidade, por assim dizer institucional, que vem desde Santo Elias.

**i - São das tais verossimilhanças que são tão, tão verossímeis, que acabam servindo de demonstração.**

Analisadas estas sugestões históricas, eu não chegaria a dizer que era absurdo que isto não fosse assim. Mas eu diria que, depois de feita a história, o espírito acaba recusando a admitir que isto não seja deste modo.

Não é propriamente absurdo mas o espírito se recusa. É uma das tais verossimilhanças, que são tão, tão, tão verossímeis que acabam servindo de demonstração.

**j - Pergunta: "O Sr. dá a isso o caráter de verdade inteiramente demonstrada"? Resposta: de hipótese tão sumamente provável, que negá-**

**la seria absurdo**

Pelos argumentos que dei, ao menos no meu espírito, isto fica na linha de uma hipótese sumamente provável, cuja veracidade se demonstra por este lado, que negá-la vê-se que seria absurdo. Porque, depois que a hipótese se levantou -- não posso dizer que há uma prova - mas a partir do momento em que a hipótese se levantou, a gente olhando tudo o mais quanto a gente sabe do assunto, percebe que seria um absurdo que não fosse isto. E então, deste lado é que a certeza da hipótese se faz. É assim que a argumentação se faz.

**k - Nossa graça é desse porte; por mais que sejamos capengas e pouco generosos, estamos na linha das graças e das pessoas**

A nossa graça é desse porte. E por mais que nós sejamos pessoinhas capengas, pouco generosos, nós estamos nessa linha de graças e nesta linha de pessoas.

**4 - Se, do ponto de vista doutrinário, não crescemos nada ao movimento mariológico, do ponto de vista Inimitias Ponam crescemos muito**

A essa primeira idéia, assim um pouco colateralmente, seria preciso colocar uma segunda: se é verdade que nós, do ponto de vista doutrinário, não crescemos nada ao movimento mariológico, nós, do ponto de vista do "Inimicitias ponam" nós crescemos muito.

## A - Papel da RCR e do MNF nessa batalha

Porque a RCR (que não é senão a espinha dorsal de um corpo que tem cabeça, membros e costelas, que é o MNF) e sobretudo no MNF, se dá o fato de que toda natureza, todo significado, todo o alcance, todos os métodos da luta ficam postos muito mais claros. O que é, de algum modo, um esclarecimento a respeito da própria Nossa Senhora enquanto inimiga, enquanto General dos exércitos de Deus. E dos métodos de luta dos filhos d'Ela contra a serpente, e da própria luta d'Ela contra a serpente, que se esclarece nisto.

De maneira que não é só dizer que nós somos o começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Mas é dizer que, mesmo nesse corpo doutrinário, alguma coisa nós damos que, sem ser diretamente sobre a celeste pessoa d'Ela, entretanto diz muito a respeito d'Ela.

É um pouco como quem, para dar a história de Foch, não fizesse tanto a biografia dele mas desse o sentido da luta que ele conduziu contra os alemães. Seria algo que mostraria muitos aspectos da personalidade dele, não é verdade?

## B - Que é uma continuidade histórica

**a - As nações americanas são uma continuidade da Europa medieval, que, por sua vez, são uma continuação da Civilização Cristã**

As nossas nações americanas são uma continuidade histórica da Europa medieval. É preciso notar bem isto.

A Civilização Cristã que temos é o prolongamento da Civilização de Constantino, de Carlos Magno etc.

Eu protesto com toda força contra essa idéia de que Carlos Magno, Constantino, S. Luís, S. Fernando, Santo Henrique, etc., são figuras que nada têm que ver com nossa história. É a mesma coisa que eu dizer que a história de meu pai não tem nada que ver com a minha...

**- porque a história do Brasil começa assim "houve uma vez Portugal"; e a deste país: "houve uma vez um Constantino, um Carlos Magno"**

A história do Brasil começa assim: "Houve uma vez Portugal..." Mas a história de Portugal começa assim: "Houve uma vez um Império Romano...". E, portanto, assim: "Houve uma vez um Imperador Constantino... Houve um Carlos Magno..." etc.

Portugal é uma parcela da Cristandade. Espanha é exatíssimamente a mesma coisa.

Portanto, nós somos uma continuação da Europa Medieval. Isto é o primeiro princípio que é preciso pôr por inteiro.

**c - Qualquer coisa que não for isso, é nacionalismo besta**

Qualquer coisa que não for isso é um nacionalismo besta.

**C - A aristocracia rural brasileira era continuidade histórica da nobreza portuguesa, como o Império do Brasil o era do reino de Portugal**

Segundo ponto, a aristocracia rural brasileira -- perpetuada no Império -- era uma continuidade histórica da nobreza portuguesa, como o Império do Brasil o era do Reino de Portugal.

**a - assim, somos, por descendência de sangue e continuidade de missão histórica, os descendentes dos Cruzados que expulsaram os mouros de Portugal. Essa é a nossa honra**

Nós somos, em parte por descendência de sangue, em parte por continuidade de missão histórica, os descendentes dos Cruzados que expulsaram de Portugal os mouros. Essa é a nossa honra.

**- "E foi numa casa dessa aristocracia que colhi essas doutrinas em estado vivo"**

E foi numa casa dessa aristocracia que eu colhi essas doutrinas em estado vivo, não como vinham pelos livros, mas pela continuidade histórica verdadeira.

**c - Importância, para essa continuidade, da presença dos Príncipes, filhos de S. Luís e do Beato Nun'Alvares, entre nós**

Em S. Paulo e em outros lugares do Brasil há muitos outros remanescentes dessa aristocracia rural e há sobretudo D. Luís e D. Bertrand, cujas presenças são altamente simbólicas dentro dessas perspectiva.

Não é pela honra boba e social de serem Príncipes, porque, socialmente falando, infelizmente no Brasil isso perdeu seu valor. Humanamente falando, ninguém dá importância a eles. Socialmente falando, o título vale pouco. Mas, historicamente, são eles filhos de S. Luís, filhos do Bem-aventurado Nuno Alvares Pereira, fundador da

Casa de Bragança, e que estão lutando conosco. Há uma continuidade importantíssima aí.

**d - E os filhos do povo que nos acompanham, são filhos da imigração católica, da Cristandade de várias eras**

Aqueles que são gente do povo e nos acompanham são filhos do povo católico português, do povo católico italiano, se quiserem são filhos do povo pouco mais ou menos católico sírio, mas enfim são cristandades de várias eras que confluem para cá com a fé que receberam de seus maiores.

**D - Somos restos reunidos por Nossa Senhora. Somos bem a raça da Virgem que luta contra a Serpente**

Tudo isto é um resto historicamente contínuo. Nós somos restos da Cristandade, restos da Igreja reunidos por Nossa Senhora. Nós somos bem a Raça da Virgem que luta contra a raça da serpente.

**E - Logo, nós somos este resto que voltará por uma impulsão incontível da graça para atuar na Bagarre e Grand Retour**

Se nós somos resto, se o resto volta, segue-se que resto que este resto que nós somos, voltará.

Este resto voltará por uma impulsão incontível da graça, que, por uma ação destruidora e justiceira, a bagarre, irá por abaixo a Revolução e, por uma obra de sua misericórdia, o Grand Retour, irá restaurar todas as coisas.

**F - E a praticabilidade da obra que temos diante de nós está no fato de que tudo será feito pelo próprio Deus**

Não há, pois, nenhuma incongruência em supor que esta ordem revolucionária seja destrutível, porque o grosso da destruição não vai ser feita por nós.

A maquininha, que vai tocar alguns pontos fundamentais, vai parecer aos olhos dos homens como a grande destruidora. Mas, quando se prestar bem atenção, ver-se-á que, de fato, o semear a divisão entre os maus, o atirar uns contra os outros etc., tudo foi feito pelo próprio Deus.

Compreende-se, então, a praticabilidade da obra que nós temos diante de nós.

G - Se bem que nosso Estandarte será o ponto de aglutinação dos que querem instaurar o Reino de Maria, isso será obra de uma ação especial da graça tocando as almas dentro e fora da TFP para que atinjam a santidade necessária

Por outro lado, é claro que nosso estandarte vai ser o ponto da reunião, o ponto de adesão de todos que querem instaurar o Reino de Maria. Mas é também verdade que essa será uma ação especial da graça que terá que tocar as almas dentro e fora do Movimento para que elas possam de fato atingir aquela santidade necessária para a constituição do Reino de Maria.

E isso de um modo tal que também o aspecto positivo será feito por uma intervenção capital da graça, e que nossa ação representará o modesto papel dos 7 pães e dos 7 peixes, muito importante por ser indispensável, por ter sido querido por Nosso Senhor, mas apenas isso.

## 5. GRAND RETOUR E BAGARRE

### A - O que entendemos por Bagarre

( O Sr. poderia explicitar melhor o que o Sr. entende por Bagarre e Grand Retour ? )

[ Bagarre é uma palavra francesa que significa tumulto, confusão, rixa, motim. Nós, muito brasileiroamente, a tomamos num sentido figurado próprio para designar o que julgamos que serão os prováveis castigos preditos por Nossa Senhora em Fátima para o mundo pecador]

#### **a - Bagarre : a grande destruição da obra da Revolução**

A Bagarre , substancialmente, deverá ser uma grande destruição. A destruição da obra da Revolução, o que equivale dizer, de toda a sociedade humana que ela elaborou, dos homens que a lideraram e da obra material que ela marcou com o seu espírito.

Essa destruição suporia a convergência de vários cataclismas; uma crise interna que destrua, por obra dos maus, essa obra em conjunto; um morticínio tremendo,

guerras, guerrilhas, vinganças particulares e, possivelmente, epidemias, catástrofes cósmicas e termonucleares.

**- provavelmente com uma intervenção sensível e oficial de demônios, com efeitos misteriosos e imprevisíveis**

E tenho a impressão, embora não possa garantir, de que vai haver uma intervenção direta do demônio, sensível e oficial na vida da Humanidade, mal se disfarçando, e com efeitos também imprevisíveis e misteriosos, pois quem nesta base pode prever qualquer coisa? Mas eu acho que sem isso não vai. Por exemplo, na liquidação final, tenho a impressão de que se vai ver demônios levando gente uivando para dentro do inferno. Embora não possa afirmar isso, eu digo, entretanto, que seria arquitetônico, razoável, e nada mais.

Esse trabalho negativo seria acompanhado de um trabalho positivo, de três grandezas diferentes de baixo para cima, das menos importantes para as mais importantes.

**c - muita gente se arrependerá e se salvará antes de morrer**

Primeiro, muita gente se arrependerá e se salvará antes de morrer.

**B - Grand Retour : grande retorno dos que restarem às vias do ultramontanismo**

**a - muitos dos que restarem se converterão seriamente ao ultramontanismo. É o que chamamos Grand Retour**

Segundo, muitos dos que ficarem vivos se converterão, mas sériamente, para o ultramontanismo. É o que chamamos Grand Retour . É retour , porque é uma volta completa. É Grand porque uma quantidade enorme de gente se converterá.

- com isso a propulsão da história passará para as mãos dos ultramontanos que organizarão o Reino de Maria e darão origem aos Últimos Tempos

Terceiro, com esse Grand Retour a propulsão da história passa automaticamente para as mãos dos ultramontanos, que organizam o Reino de Maria e dão origem aos Últimos Tempos.

### **C - Últimos Tempos e Apóstolos dos Últimos Tempos**

a - é a última era anterior ao fim do mundo, de que fala S. Luís G. de Montfort, em que a vida da Igreja e dos Estados estará em mãos dos

Apóstolos dos Últimos Tempos. É o Reino de Maria

O que são esses "Últimos Tempos"?

Não são o último finzinho. São a última era, que pode ser muito longa (não é por ser último que deve ser pequena; o último período da vida de um povo pode ser muito longo), e em que a vida, -- e não o poder, notem bem -- da Igreja e do Estado devem estar em mãos dos Apóstolos dos Últimos Tempos de que fala São Luís Grignon de Montfort, pois deve continuar a haver um Papado que é Soberano; e deve continuar a haver um poder temporal que, na sua esfera subordinada, seja soberano também.

- em que o principium vitae desse período deverá vir desses

Apóstolos assim como na Idade Média vinha de Cluny

Mas o principium vitae , a vitalidade, o espírito, vem desses Apóstolos dos Últimos Tempos, como, por exemplo, na Idade Média a vida vinha de Cluny e de suas abadias, embora o poder fosse do Papa ou do Imperador.

É certo que o poder deles será inteiramente válido mesmo que não sejam

Apóstolos dos Últimos Tempos. No entanto, eles devem deixar-se inspirar, e não governar, pelos Apóstolos dos Últimos Tempos. E poderão ser eles próprios, o que seria a perfeição da ordem, Apóstolos dos Últimos Tempos.

**c - a duração do Reino de Maria dependerá do Papado e Império se deixarem influenciar pelos Apóstolos dos Últimos Tempos, e da fidelidade destes à sua missão**

Quanto à duração do Reino de Maria, todo o problema consiste em que o Papado e o Império se deixem influenciar pelos Apóstolos dos Últimos Tempos e em que estes sejam fiéis à sua missão. Porque se um ramo de Apóstolos dos Últimos Tempos fizer como os Templários; ou, se o Papado e o Império não se deixarem influenciar, a coisa cai, vem o fim do mundo.

**d - Quando estes decaírem, a maldade será tão grande que atingirá um climax. Virá então o fim do mundo**

Quando este fator Apóstolos dos Últimos Tempos cair, a maldade será tão grande, que ela atingirá o seu climax. Porque, uma vez que a perfeição da Igreja foi rejeitada, a iniquidade chegará ao seu cúmulo. E aí seria o fim do mundo, o que é diferente dos Últimos Tempos.

Eu receio muito que a rejeição comece pela deterioração dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Receio muito. Corruptio optimi, pessima .

**e - como corruptio optimi, pessima , somente os Apóstolos dos Últimos Tempos infiéis poderão derrubar o edifício que virá**

No fundo, só mãos régias ou sacerdotais poderiam derrubar a Cristandade Medieval. E foram elas que o fizeram.

Também, no fundo, só Apóstolos dos Últimos Tempos poderão derrubar o edifício que virá. É tão grande a força das coisas católicas que, ou elas se matam, ou elas morrem. De fora ninguém as derruba. Elas só podem morrer por dentro, não tem conversa.

Os Srs. estão vendo que tudo isto tem muito de hipotético; mas, são hipóteses que é preciso fazer.

**f - os últimos que permanecerem fiéis serão continuação da raça espiritual de Elias que, pelo muito sofrimento, não passarão pela morte mas serão glorificados em vida e levados para o Céu**

Nessa hipótese, os filhos de Santo Elias desaparecem? Não. Os últimos que forem fiéis vão ser a continuação dessa raça espiritual bendita, e, alguns autores sustentam que eles não vão morrer porque vai ser tal o sofrimento deles que não passarão pela morte. Serão glorificados em vida, e irão para o Céu.

**g - embora hipótese, são aplicações de dados de bom senso e de fé a realidade futuríveis, e isso é tão arquitetônico, que é provável que seja assim**

Eu tenho muita simpatia por esta hipótese, que são aplicações de dados de bom senso e de fé a realidades futuríveis. Quer dizer, não se pode dizer que isto vai ser assim, mas é preciso admitir que isto é tão arquitetônico, que é provável que seja assim.

**D - Se somos o resto que permanece em meio à Revolução, somos o resto que voltará. Se somos o resto que voltará, somos o começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Se somos Apóstolos dos Últimos Tempos, somos o principium vitae do Reino de Maria**

Eu acredito que só os Apóstolos dos Últimos Tempos e mais um punhadinho de fiéis restarão para o fim do mundo que será o fim dos últimos tempos.

Então, o que é que somos nós? Eu acho que se todas essas coisas são plausíveis, prováveis, etc., nós somos, no apogeu da Revolução, o resto que existe.

É difícil não achar que o sejamos, porque, se não existe nem em nós, em quem é que existe?

Agora, se somos nós o resto que existe, esse resto voltará. Se somos o resto que voltará, somos o começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Se somos Apóstolos dos Últimos Tempos somos o principium vitae do Reino de Maria.

«PG»



# IV

## **Parte biográfica, ilustrativa da teoria dada**

### **1 - O modo como as idéias do Fundador se formaram e depois se comunicaram aos seguidores foi à maneira de continuidade.**

Nós não somos criadores de doutrina nenhuma. Nós somos um resto ideológico, um eco. Pois o modo pelo qual as minhas idéias nasceram no meu espírito, e depois se comunicaram aos Srs., foi bem exatamente à maneira de uma continuidade.

Para compreender isso, infelizmente é indispensável um pouco de biografia.

#### **A - Nascido da conjunção de duas famílias semi-contra-revolucionárias, recebeu uma herança religiosa e monárquico-liberal, não comuns, mas não ultramontana**

Eu nasci da conjunção de duas famílias semi-contra-revolucionárias, trazendo, tanto da parte de meu pai como de minha mãe, uma herança católica geral, mas um pouco mais fervorosa e mais séria do que o comum, e uma herança monárquico-liberal, mas liberal mesmo, sem nada de ultramontano.

#### **B - No colégio, primeiro contacto com a Revolução através de meninos de famílias mais avançadas no processo revolucionário**

Eu formei meu espírito nesse ambiente e entrei muito cedo no colégio, onde tive o contacto com o mundo moderno. Embora fosse muito menino ainda, com 10 anos de idade, eu tive um choque enorme no contacto com esse mundo, porque eu percebi a diferença que havia entre o espírito de minha família e o espírito que dominava os meus colegas do colégio, que eram de famílias mais avançadas no processo revolucionário.

##### **a - por um fenômeno de gerações, esses filhos eram muito mais avançados que os próprios pais**

E esses meninos, como filhos dessas famílias, eram mais avançados ainda que os pais. De maneira que, entre eles e eu havia, por um fenômeno de gerações, uma defasagem de uma geração inteira. Daí o meu choque com eles ser muito brusco.

**- todo centro visto de um extremo se parece com o outro. Assim sua família, vista em contraste com os meninos, parecia ainda mais conservadora**

S. Tomás diz que todo ser de natureza intermediária, visto de um extremo, se parece com o outro. Por exemplo, olhando um mulato o preto o acha branco, e o branco o acha negro. É natural. E isto se deu comigo. Minha família, que era intermediária e ideologicamente mulata, vista do Colégio, parecia um prodígio de ordem, de compostura, de distinção, de boas maneiras, de seriedade, de decência, de religião.

**c - daí o ver nela uma série de valores de que era inconscientemente portadora, e criando uma cristalização contra o ambiente do colégio**

Então, vi nela uma série de valores de que ela era portadora sem ter consciência disso, e fui, aos poucos, com reflexão, etc., etc., cristalizando uma oposição ao ambiente do colégio.

**d - Uma das primeiras coisas que notou foi uma homogeneidade entre a impureza, a trivialidade e a malandragem**

Cada um nasce de um jeito. Eu nasci e sou muito cerimonioso, por natureza. Detesto intimidades triviais, brincadeiras, etc. As coisas desse gênero, meu temperamento tem horror. Sou profundamente cerimonioso, por natureza.

Depois, minha mãe, muito doente, entregou grande parte de minha educação a uma fraulein alemã da Baviera, que me abriu as portas [da imaginação para] a Corte européia.

Meu natural, muito ávido e apto a isso, penetrou nesse inteiramente palácio. De repente, chego ao colégio... são aqueles meninos americanizados, malandros, acanhados, etc., etc. E me chamava muito a atenção que, os de maneiras mais vulgares, eram também os mais porcos.

E formou-se bem, no meu espírito, que a impureza era uma forma de trivialidade e de malandragem.

Então, impureza, impiedade, malandragem e trivialidade passaram a ser aspectos de um mesmo estado de abjeção, de desordem, de sordície, que me repugnava inteiramente e com o qual eu entrei em luta.

### **e - Perseguição até na rua quando morre o tio, apresentado como grande inimigo da Religião**

Pelas tantas, aconteceu que caiu sobre minha cabeça isso assim: logo no meu primeiro ano de colégio um tio meu morreu. E, por ter o mesmo sobrenome, não sei... os padres chegaram na aula e disseram para cada turma: "Morreu um grande inimigo da Igreja, Fulano de tal". Naturalmente corria o zum-zum, caçoadas, etc., etc... E eu, querendo dominar a onda com uma atitude violenta...

A coisa foi tão longe que até os moleques da rua me agrediram. Como um menino é capaz de fazer, eu endureci tremendamente minha posição contra tudo isso que se me apresentava como a boca do inferno.

### **f - a alternativa entre a molecagem e a não molecagem, entre a que lhe parecia ser a Cidade de Deus e a que era para ele a Cidade do demônio. Os rudimentos da RCR**

Na época, no recreio, discutia-se um pouco o assunto molecagem-não-molecagem. Os alunos mais moleques eram os mais porcos, os mais vulgares, os mais sem fé. Na minha cabeça de menino se apresentava a alternativa: minha família é o lugar da ordem, é a "Cidade de Deus" (depois eu verifiquei como isto era falso!!!), onde havia a Fé Católica.

Minha mãe -- uma pessoa que venero profundamente mas que era liberal -- antes de nós aprendermos a falar papai e mamãe, ensinou-nos a mostrar onde estava a imagem do Coração de Jesus.

Então, minha casa era "o lugar da religião, da fé, da não-molecagem, da pureza" (porque as porcarias que eles faziam não contavam diante de mim, de maneira que pensava que não as havia), e era o lugar "das boas maneiras, da boa educação". Em casa havia muita cultura francesa, falava-se o francês, o que dava um certo tonus francês ao ambiente da casa.

Pelo contrário, no colégio, tudo aquilo me parecia uma espécie de "Cidade do demônio", porque eram moleques, porcos, vulgares e sem fé. Eram o mundo moderno.

Não sei se os Srs. estão vendo um rudimento da RCR nesses nexos de quantidade afins entre si, e irrevogavelmente contrárias umas às outras numa luta que domina a vida.

### **g - o hábito das longas divagações e das leituras para explicar o fundo do que era "seu caso"**

Antes mesmo de começar a tomar o hábito da leitura, eu fazia longas divagações, muito longas. Depois comecei a ler livros de política internacional, de história, etc., para compreender o que é que estes valores tinham de comum, de um lado e doutro, para explicar-me a mim mesmo o fundo daquilo que era o " meu caso ", mas que eu percebia que era o caso do mundo .

### **C - de onde começar a perceber a traição de sua família àqueles ideais e a nela perder, com excessão da mãe, a fé, restando-lhe só a verdadeira Cidade de Deus, a Santa Igreja Católica**

De onde eu perceber a traição de minha família aos ideais que ela parecia ter. Tirando mamãe, e assim mesmo descontando nela o aspecto liberal, eu perdi a fé na minha família.

Mas restava-me a verdadeira Cidade de Deus, a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, minha Mãe verdadeira.

### **a - a Ela, como fonte de energia e vida, transferiu todo seu amor, confiança, entusiasmo, centralizando isso na veneração ao clero**

Porque eu tinha começado a prestar atenção e a entender que a Religião Católica era não só a doutrina que justificava as verdades que eu queria defender, mas era a fonte de energia e de vida segundo a qual se tinha esse espírito. E passei a transferir para a Religião Católica todo o meu amor, toda a minha confiança, todo o meu entusiasmo, centralizando tudo isso no clero. Então, uma veneração pelos sacerdotes, pelos bispos. Pelo Santo Padre, nem se fala, uma veneração, não sei, indizível, verdadeiramente inexprimível.

Posteriormente, eu percebi também a defecção neste campo.

### **- Com a defecção do clero, restou-lhe a Santa Igreja traída, abandonada, perseguida.**

Então, o que que restou? Restou a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, minha Mãe verdadeira, traída, abandonada, perseguida. Minha Mãe! Eu preferia cair morto aqui a deixar de crer de leve que só Ela é minha Mãe adorável! Mas o clero, na quase totalidade de seus membros...

## **2 - Ao longo desse trabalho ideológico nasceu a RCR e a TFP, pois suas idéias se transferiram aos discípulos.**

Ao longo deste trabalho de destilação ideológica, nasceu a RCR, os nossos livros. E, para abreviar, o Movimento.

### **A - Nossa ideologia não é senão o legado doutrinário da Civilização Cristã no qual foram desencavadas as verdades esquecidas.**

Ideologicamente, o que é isso? É o legado da Civilização Cristã como era vivo nas aparências da vida de família que peguei, como o sol que depois que se põe, embora esteja posto, ainda deixa uma certa claridade que se pode chamar dia.

Foi isso que eu peguei da Civilização Cristã, à qual eu dei, pelo favor de Nossa Senhora, toda minha fidelidade. Eu tomei esse legado doutrinário e fiz com ele uma obra de arqueologia, desencavando de dentro dele tudo o que eram as verdades esquecidas e fazendo tudo quanto os Srs. estão vendo.

### **B - Não como doutrina nova, mas como alguém que toma um tecido já começado e continua a tecê-lo**

Notem bem o fato fundamental: isso nunca foi uma doutrina nova. Nem uma obra nova. É como quem toma um tecido que está tecido até uma certa parte, e continua a tecê-lo. É uma explicitação do que os maiores pensavam; é uma arquetonização do que eles pensavam. Mas a matéria prima sacrossanta foi deixada por eles. A isso dou muita importância.

### **C - Por isso, nosso apostolado é o de "eco", o de quem, como discípulos da Sagrada Hierarquia, pega a doutrina do passado e a repete, ampliando-lhe o som. Na ordem ideológica, é a suprema fidelidade**

Qual é, pois, ideologicamente o nosso apostolado? É um apostolado de eco. Toda nossa doutrina é o eco do magistério que recebemos. O eco amplia o som. Não o conserva apenas, mas o amplia. Assim a nossa doutrina amplia a do passado, mas como o eco.

O único sino verdadeiro é a sagrada hierarquia. Se ela emudeceu, nós continuamos sua voz e a ampliamos. Mas não como o sino: apenas como discípulos, como o eco. O eco é um discípulo do sino. Nosso apostolado é o apostolado de discípulos.

Na ordem ideológica é a suprema fidelidade. Não se pode levar a fidelidade mais longe.

«FC»

## **PARTE TERCEIRA**

## **QUEM SOMOS**

**NÓS**

# ENQUANTO GRUPO

«FL»«PG»

## I - NÓS SOMOS UM GRUPO PROFÉTICO

«FL»

Na primeira parte desta série nós tratamos de nós em função de nosso fim. Na segunda, vimos se estávamos proporcionados a ele. Vamos agora entrar noutra ordem de idéias, isto é, ver quem somos nós enquanto Grupo.

### 1 - NOSSO GRUPO É UM GRUPO PROFÉTICO

#### A - Conversa com D. Mayer .

Eu já contei a um ou outro uma conversa que tive com D. Mayer. Foi ainda antes de mamãe morrer. Portanto, antes de 1968.

Estávamos os dois tomando refeição em casa (mamãe estava de cama). E ele -- lembro-me ainda do jeito dele -- estava mexendo uma xicarazinha de café, na sobremesa. (Os Srs. sabem que mexer uma xícara de café é um gesto altamente pensativo). E, de repente (estávamos numa conversa muito íntima) ele escorregou o seguinte:

**a - Objeção: "na atual situação anormal da Igreja, compreende-se a existência da TFP. Mas, depois da Bagarre , com uma Hierarquia que cumpra sua missão, ela não terá mais razões de ser" ;**

"Eu compreendo bem a posição do Grupo na atual situação da Igreja. Mas eu não vejo bem como ele, numa situação normalizada da Igreja, poderia existir. Porque o Grupo tomou a si tais prerrogativas, tais interesses na direção da Igreja, uma função tal, que, dentro de uma Hierarquia que cumpra sua missão, o Grupo não tem razão de ser. Eu não sei qual será a posição dele depois da Bagarre ...".

- Resposta, 1: o Grupo sempre pertencerá à Igreja discente como discípulo e súdito, como também o será da classe social dirigente surgida no Reino de Maria;

Eu respondi a ele:

"D. Mayer, a posição do Grupo, eu a entendo da maneira seguinte: depois da Bagarre , o Grupo nunca deverá pertencer à Igreja docente; ele permanecerá sempre na Igreja discente. Ele é discípulo, é súdito.

"O Grupo também nunca terá o governo de um Estado. Seu papel é de ser súdito dos reis, dos imperadores, dos senhores que nascerem da ordem histórica criada no Reino de Maria.

**c - 2: terá, entretanto, a missão de enunciar, a título de opinião privada, a doutrina verdadeira e a falsa em matéria de Revolução, e os rumos a serem seguidos para se combater a doutrina falsa e modelar o espírito da Humanidade no sentido contra-revolucionário**

"Mas eu entendo que o Grupo tem a missão de enunciar, em matéria de Revolução e a título de opinião privada, qual é a doutrina verdadeira e qual a falsa; quais os rumos que devem ser seguidos para combater a doutrina falsa, para fazer triunfar a verdadeira, para modelar todo o espírito da Humanidade de acordo com a posição contra-revolucionária, e para atingir a luta contra a Revolução.

**d - 3: Um Papa pode não seguir isto, mas aí dele, porque suas mãos ficarão maculadas com o crime da derrubada do Reino de Maria.**

"Um Papa pode não seguir isto; é o direito dele. i, entretanto, daquele que não seguir, porque derruba o Reino de Maria e fica com as mãos maculadas com esse crime!

"O que é que Vossa Excelência acha deste modo de ver?"

Ele, continuando a mexer interminavelmente a xícara mas me olhando fixamente com uma posição de cabeça um pouco inclinada e os olhos assim... -- ainda lembro-me da cena como se fosse hoje -- me respondeu:

**e - "Essa era a posição dos profetas no Antigo Testamento. Não eram forçosamente reis nem sacerdotes, mas sua missão era a de, sem jurisdição, guiar os reis e sacerdotes exprimindo-lhes a vontade divina".**

"Essa era a posição dos profetas do Antigo Testamento. O profeta não era o rei nem era o sacerdote, embora per accidens tenha acontecido que algum rei ou algum sacerdote tenham tido uma missão profética. A missão do profeta era guiar o rei e os sacerdotes, mas sem jurisdição. Ele é um guia, alguém que exprime a vontade divina.

Os reis e os sacerdotes que não seguiram foram punidos. Mas ele não era rei, nem sacerdote. É isso que V. entende?".

**f - "Prever o futuro é uma tarefa secundária do Profeta. Sua missão principal é a de conhecer as vias de Deus e indicá-las ao povo eleito".**

Depois acrescentou: "Prever o futuro era uma tarefa secundária do profeta, não era a tarefa principal. A principal missão do profeta era conhecer as vias de Deus e indicá-las ao povo eleito".

**g - Isso está bem para o Antigo Testamento. Mas vale ainda para o Novo?**

Eu disse: "D. Mayer, esta conversa tomou uma gravidade que não permite mais que ela seja uma mera conversa entre Plínio e D. Mayer. Ela é agora uma conversa de um fiel com um bispo da Igreja Católica. Pelo amor de Deus, eu lhe peço que me diga se a nossa posição, no Novo Testamento, é heterodoxa".

**h - "Isso é inteiramente ortodoxo, e pode existir assim no Novo Testamento".**

D. Mayer respondeu: "Não, ela é inteiramente ortodoxa. Isto pode existir assim no Novo Testamento".

**i - Esta é a idéia do que é que o Grupo julga ser**

Eu disse: "Bem, Vossa Excelência tem aqui, então, a idéia do que é que o Grupo julga ser".

Ele ficou quieto e mudou-se de assunto.

## **B - Provam-nos as nossas obras...**

Se se perguntar se é o que o Grupo tem feito, eu acho que é indiscutível que sim.

**- a - O caráter profético da R-CR**

Quando o Dr. X fez uma saudação aos que partiam para o Concílio em 1962, ele teve esta expressão que me pareceu muito feliz. Ele disse: "Bastaria que o Concílio

tomasse a R-CR como centro das cogitações a partir das quais ele vai doutrinar e legislar, para a situação do mundo estar salva".

O Dr. X nessa ocasião certamente não sabia deste fato que estou contando. Entretanto, sem querer nem pensar nisso, enunciou algo que é o que D. Mayer chama, num sentido que terá com certeza amplitudes maiores ou menores, mas num dos sentidos plausíveis da palavra, o caráter profético da R-CR.

**- sendo da R-CR, também o é de seu autor, e, por participação, daqueles para quem o livro foi escrito**

Mas se esse caráter profético é da R-CR, seria difícil negar que ele o é também de quem escreveu a R-CR. E seria difícil negar que ele, por participação, é também daqueles para quem foi escrita a R-CR e a quem incumbe, sob a direção do homem da R-CR fazer a luta contra a Revolução.

**c - o profetismo, visto assim, é um carisma que não foi privilégio apenas da Sinagoga, mas que continuou na Igreja**

Portanto, o profetismo assim visto é um carisma que, é evidente, continuou na Igreja e não foi apenas privilégio da Sinagoga.

## **C - ... E a nossa vida**

**a - a pré-história do Grupo mostra que a Providência, apesar de longos períodos de aparente abandono, lhe fornecia dados e elementos que foram constituindo a possibilidade de ser, em determinada hora, um grupo carismático**

Ao longo de minha vida, ao longo da pré-história do Grupo, apesar de parecer que a Providência nos tinha abandonado várias vezes, apesar de parecer que Ela não nos dava importância, que não nos endossava, Ela nos ia dando uma porção de dados, de elementos, que foram constituindo para nós a possibilidade de ser o Grupo carismático numa determinada hora. Para se constatar isso, é só questão de refazer a história do Grupo.

**- permitiu depois longa prova de desinteresse pessoal e de confiança levada ao verdadeiro absurdo, o que caracteriza o profeta. Ele tem que ser mártir de sua própria missão**

Depois, Ela permitiu que, longamente, houvesse uma prova. Uma prova de desinteresse pessoal e de confiança, levada aos maiores sacrifícios, ao verdadeiro absurdo, que é o que caracteriza o verdadeiro profeta. O profeta tem que sempre dar prova de confiança na Providência. Sua ação tem que ser absurda, salvo um auxílio d'Ela, do contrário, não é profeta. Ele tem que ser desinteressado, tem que ser mártir de sua própria missão, senão não é profeta.

Essa prova -- a espera -- foi de algum modo o pior dos martírios. Mas foi uma espera que Deus quis que eu tivesse, como quis que Noé tivesse, que Abraão tivesse, que Nosso Senhor Jesus Cristo tivesse - poder-se-ia montar uma teologia a respeito disso - para afinal chegar a um determinado momento em que, inexplicavelmente, aquilo que a gente pensava que não frutificava, começa a frutificar... na última hora.

#### **D - É o que o momento histórico exige**

**a - houve algo a dizer ao mundo sobre seu pecado que nem Fátima, nem os documentos pontifícios, nem grandes Santos previram, e cuja plenitude deveria ser predita por nós**

Houve algo a dizer ao mundo, sobre seu pecado, que os Santos não previram (p. ex., S. Pio X, Santa Teresinha, mesmo S. Luís Grignon), que a Igreja não previu em nenhum documento pontifício, que Fátima não previu, mas cuja plenitude deveria ser predita por nós.

Ora, isto corresponde completamente à nossa doutrina do Eliato, do profetismo.

**- A Providência permitiu esse silêncio porque queria exatamente que o profetismo aparecesse, levando adiante uma ação que recolhe em si todas as graças de Fátima**

A Providência permitiu o silêncio da Igreja e dos Santos exatamente porque queria que o profetismo nascesse.

Quer dizer, Nossa Senhora quis instituir um grupo profético, um grupo por quem, sem milagres, pela inspiração, fosse dado prever o que aconteceu, mais definitivamente do que em Fátima está previsto. Dizer coisas que a mensagem de Fátima explica, mas que contém muito mais do que a mensagem de Fátima contém. E foi dado a esse grupo mais do que isso, levar adiante uma ação que recolhe em si todas as graças de Fátima e que é a única coisa que existe no mundo atual que possa parecer um instrumento humano para a vitória do Imaculado Coração de Maria.

E notem, Fátima não foi a nossa origem. Nós não começamos a pensar o que pensamos porque vimos Fátima. Quem me conhece há mais tempo, pode atestá-lo. Nã houve um gesto, um ato, um desejo meu que não representasse uma tendência para o que está hoje. Vendo as minhas primeiras conversas de menino, percebe-se que o profetismo tinha começado a nascer.

**c - Portanto, foi-nos dada uma missão nova, profética, extra-oficial, mas que os homens têm que tomar em consideração**

Portanto, uma missão nova, uma função nova, que não foram dadas a outros, mas que foram dadas a um poder profético e o poder profético investido de uma missão, é verdade, extra oficial, entretanto, evidente... evidente pelos fatos... e que os homens têm que tomar em consideração.

Ela não é oficial porque não foi objeto de uma instituição divina direta, nem foi oficialmente instituída pela Igreja de Deus; mas, quand mème , uma certa instituição oficial não lhe falta.

**d - só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que abandonou desde que tivesse instituído o profetismo. Do contrário Ela teria desertado da Igreja**

Por isto que, se todos os estudos sobre o Papa herege são verdadeiros, só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que a abandonou, desde que tivesse instituído o profetismo. Porque, do contrário a Providência teria desertado da Igreja. E não haveria na Igreja, hoje, lugar nenhum, nem grupo nenhum, nem pessoa alguma à qual se pudesse apelar para encontrar o verdadeiro caminho.

Portanto este profetismo brota do solo sagrado da Igreja, pelas leis da Igreja.

Na derelictio da autoridade papal e das autoridades legítimas, na derelictio geral, algo fica de pé. E o que é ? O Profetismo.

**c - se nem ele permanecesse de pé, o que sobrava? Se não existíssemos seria o caso de procurar algo como nós. Procurem! Não existe.**

E uma pergunta se impõe: se nem esse profetismo ficasse de pé, o que é que restava? Logo, tinha que ficar de pé.

Se não houvésemos nós, era o caso de procurar algo como nós dentro da Igreja Católica pela face da terra. Procurem!... não existe.

Alguém poderá dizer: "Não existe, mas poderá aparecer". Eu respondo: "Pode ser que apareça. Mas, então, devemos dizer que nós estamos pelo menos na linha desse profetismo, e que se deve seguir-nos até isso aparecer.

**d - se tudo nos foi dado para preencher inteiramente essa missão, por que esperar que venha um outro?**

Sem dizer que a hipótese não é muito cabível, pois, uma vez que tudo nos foi dado para preencher inteiramente essa missão, por que esperar que venha outro? Se nós preenchemos a missão, não é funcional que apareça outro".

Sempre que este problema ficar difícil para os Srs., lembrem-se: "a não fazer isto, eu vou me guiar por minha cabeça e terei que assumir as responsabilidades. Guiar-me-ei? Assumirei as responsabilidades?

Para qualquer um, guiar-se nessas medida e nessas proporções é impossível. Realmente, há um convite universal para as atenções se voltarem para nós e para aceitar conosco.

Os Srs. dirão: "O Sr. é um mega!" Eu respondo: "Está bom, vamos dizer que seja; então, nós caímos numa situação de absurdo, porque, com quem se vai acertar o passo? Com ninguém! Ou seria com os velhos nacionalistas de Buenos Aires? Se não é com eles com que é? Com o Cruzado Espanhol? Com Ousset? Com quem então?

**e - vasculhamos o mundo inteiro e não encontramos ninguém**

Se os Srs. me apresentarem alguém, eu interrompo o Simpósio e vou falar com ele e me colocar a seu serviço, com um alívio transubstancial para mim.

Nós vasculhamos o mundo inteiro, as menores esperanças. Com que cuidado, com que boa vontade, nós procuramos um por um! Arquiduque Otto, eu me lembro de minha emoção quando fui almoçar com ele em Clairefontaine, quando o conheci, apertar as mãos de um Habsburgo... eu tinha a impressão de que aquilo era sangue sagrado. Bem, ocultismo, miséria! Príncipe Alberto da Baviera, herdeiro de Maximiliano, zero, imoralidade, liberalismo, horrores, bebedeiras, etc... etc... Homem, não houve porta em que nós não batêssemos, não houve horizonte onde nós não fôssemos desiludidos. A mais recente delas Mme. Nhu... nós julgávamos os Nhus uns

heróis; não passam de uma espécie de democracia cristã, interconfessional, etc... Os tradicionalistas italianos... tudo se desfaz em si. O Carlismo na Espanha, com suas várias correntes... Falcondi, Sivatti, D. Hugo Carlos... recebemos o diretório carlista em Paris, publicações, etc., à procura dos restos sagrados do Carlismo para ver se encontrávamos alguma vida. Nada! ustria, nada! O Sr. Pedro visitou para nós vários círculos da nobreza alemã, austríaca, nada! nada! nada! Irlanda, EUA, nada! Pe. Halton, eu não tenho coragem de dizer aos Srs. que nessa crise sigam o Pe. Halton.

Depois, é preciso dizer, com que paciência foi feita essa procura, com que cuidado, com que respeito! E ainda continuamos a procurar, mas não se encontra. Se existe alguém em torno dos Srs. digam quem é!

É o caso de dizer como Veuillot: "Interroguei o silêncio e ele não me respondeu". O que que eu possa fazer!

Eu sou mega? Ou há uma megacatástrofe?

Pelo contrário, eu já disse: nós podemos ser comparados, aos pés da Cruz, não com as Santas mulheres, mas com os ladrões. O ladrão, aos pés da Cruz se converteu. Nós ao menos procuramos estar aos pés da Nosso Senhor na Cruz, e sofrendo.

Esse é o núcleo, ou se tem essa fidelidade ou não se tem nada. Não é uma questão de capacidade; é preciso ter a missão.

Se eu dissesse aos Srs. para confiar em outra pessoa, os Srs. não confiariam. Teriam assim um primeiro momento de sobressalto monárquico, daí a dez minutos estavam pensando em outra coisa.

### **f - todos os que estão unidos a esta Causa, são chamados a participar dessa confiança das gentes**

E os Srs., enquanto ligados a nós, participam disso, dessa confiança das gentes. O vigor, o calor que as coisas de vocês alcançam vem muito dessa espécie de graça especial da confiança que de fato vocês incutem. Agora, rompam conosco e verão se isto continua...

### **E - É o que a harmonia da história pede**

**a - as harmonias da História pedem que Deus tenha instituído profetas da causa da alienação.**

As harmonias da História pedem que Deus, ao menos em determinado momento, tenha instituído profetas para serem os profetas da causa da alienação. O combate à Revolução, pela contra-revolução, nunca teria atingido toda a radicalização necessária enquanto não fosse um combate de profeta contra profeta.

Como a bagarre se define como a luta entre os homens que são partidários da alienação e os da desalienação, no auge dessa luta teria que haver profetas dos dois lados.

### **- a próxima guerra será de profeta contra profeta, de anjos contra demônios**

A guerra franco-prussiana de 1870 D. Bosco qualifica de primeira guerra mundial porque impressionou o mundo. A guerra de 1914 foi mundial porque dela tomou parte a porção mais notável do mundo. A guerra de 1938-1945 foi mundial porque quase o mundo inteiro nela esteve. A próxima guerra será mais do que uma guerra mundial, será uma guerra universal. Nela entrará o universo inteiro. E será uma guerra de profeta contra profeta, uma guerra de anjos contra demônios.

### **F - E corroboram-no a nossa ortodoxia, nosso**

discernimento da situação, nossa missão de guiar,  
e o nosso discernimento dos espíritos

### **a - o carisma de nosso profetismo não é o da profecia oficial, e vale como as visões particulares em relação às revelações oficiais**

O carisma de nosso profetismo não é o carisma da profecia oficial, a profecia oficial com Nosso Senhor Jesus Cristo está encerrada. Depois d'Ele falar o que mais?

Trata-se, pois, de algo que vale como as visões particulares valem em função das revelações oficiais. Mas não se tem o direito de negar as revelações particulares quando elas se apresentam com argumentos verdadeiros. Não é pecado contra a fé, mas pode ser um pecado contra a verdade histórica. Porque há todas as razões para crer nessas revelações como efetivamente tendo sido dadas.

### **- um aspecto desse profetismo é a ortodoxia; outro, a clareza**

Agora, um aspecto desse carisma que nos foi dado é a nossa ortodoxia. Que há lampejos disto no nosso modo de ser não há dúvida nenhuma.

A clareza com que o Grupo discerne o que vai suceder, discerne nas situações qual é o golpe que deve ser dado, esta clareza, com tanto sistema, com tanta segurança, é uma coisa que é própria a quem tem a missão de guiar.

### **c - essa graça da ortodoxia existe para guiar em face da Revolução**

Eu tenho certeza que eu faria um papel de presunçoso e mentiria diante de Nossa Senhora se eu dissesse que a ortodoxia do Grupo é o resultado da força de inteligência que nós temos, e não se deve a um auxílio sobrenatural especial da graça. Se eu dissesse isso, mentiria. Eu acho que isto não só tem uma causas sobrenatural, mas acho uma graça assinalada, uma graça especial, em função da desolação em que a Igreja caiu.

Essa graça de ortodoxia existe para guiar nesta situação, e é uma graça que tem uma ligação com o profetismo, com o carisma profético...

Os Srs. percebem que nós temos as graças especiais para perceber a Revolução como marcha, como não houve até aqui uma coisa assim. As previsões feitas nos dois jornais, por anos a fio, nem uma desmentida pelos fatos...

Eu não sei o que os Srs. pensam das reuniões de sábado... São uma acrobacia que, sem o auxílio da graça, não vai, porque uma pessoa assume as responsabilidade de prever continuamente o que vai se passar; chama os amigos de longe para assistirem essas previsões, e elas se realizam sempre. Já nem passa pela cabeça de ninguém que não se realizem. ±s vezes realizam-se de modo chocante.

Essa graça o que é? É a graça de guiar em face da Revolução.

### **d - dela resultam a segurança de doutrina, de previsão e de ação**

Mais. As nossas obras, as nossas doutrinas são examinadas com microscópio por nossos adversários mais ferozes... por um episcopado inteiro, para ver se encontram algum erro. Nada! Não pode haver maior prova de ortodoxia!

Então, os Srs. têm: segurança de doutrina, segurança de previsão e segurança de ação.

### **e - onde o carisma do profetismo se manifesta mais claramente é no discernimento dos espíritos**

Entretanto, onde eu noto uma ação de carisma mais clara do que nunca em mim é no discernimento dos espíritos.

Não é normal que uma pessoa leve o discernimento dos espíritos, o conhecimento das psicologias, do bom espírito, do mau espírito das pessoas, do que está se passando com o interlocutor quando eu falo com ele, ao ponto em que me é dado levar.

Ainda durante esse Simpósio aconteceu um fato curioso. O Sr. Hilário me trouxe uma fotografia de um agente que a firma do Rubens queria contratar, pedindo que eu desse uma resposta sobre a psicologia dele. Bem, eu olhei a fotografia, pareceu-me ver a psicologia do agente em todos os seus matizes. Depois pensei: Quem é o homem no mundo a quem se consulta por correspondência, para saber sobre o caráter de uma pessoa e ver se a contrata ou não?!

É uma graça.

## **2 - NOSSO PROFETISMO TEM A MISSÃO DE REPRESENTAR A GRANDEZA**

**A - Com a Revolução gnóstica e igualitária, o que o demônio mais quer negar no mundo é toda forma de grandeza espiritual temporal, implantando a vulgaridade**

**a - por isso o que o mundo contemporâneo mais abomina e crucifica é a grandeza enquanto algo pairando acima de tudo, dando vida a tudo**

O conteúdo da nossa mensagem profética é o seguinte: por causa da Revolução gnóstica e igualitária, o que o demônio quer negar no mundo é toda forma de grandeza temporal e espiritual. Porque ele quer acabar com a grandeza, em todos os graus e por a vulgaridade completa. O que o mundo contemporâneo mais deseja abater é a grandeza, enquanto algo pairando acima de tudo, absorvendo tudo, e dando via da tudo. E a grandeza enquanto cheia de força, reprimindo o mal, lutando contra o mal. É o que ele mais odeia, mais abomina, mais crucifica.

**- de encontro à Revolução, o Profeta é o homem da grandeza em toda linha**

Tudo quanto Nossa Senhora obteve que fosse posto em mim na ordem da natureza e na ordem da graça, é a simbolização da grandeza. Porque é isto. Eu signifiquei isto. De encontro à Revolução gnóstica e igualitária, eu sou o homem da grandeza em

toda linha. Desde aquela fotografia quando eu tinha 22 anos - e que já tem grandeza para um moço daquela idade - é a grandeza.

A grandeza como que? Como envergadura de horizontes , como elevação de onde vem o meu pensamento , como ritmo de lógica sapiencial , superior, como qualquer coisa que desce sacralmente muito do alto . Toda a doutrinação que eu apresento é uma doutrinação feita com simplicidade, mas é majestosa . Isto eu sei bem!

A linguagem , para aquilo que ela tem que servir, é única e tem grandeza, tem distinção, tem porte, mesmo quando diz as coisas mais banais . E é um modo de manusear as palavras, de maneira que as palavras mais comuns produzem um efeito contínuo de grandeza, mesmo ao falar das coisas mais insignificantes. O tipo de educação que eu recebi, de ancestralidade que eu tenho, tudo, tudo na ordem natural, como na ordem sobrenatural, ruma para a afirmação dessa grandeza sacral e dessa grandeza que está em choque com o mundo inteiro .

Se me perguntarem o que é que eu sou , assim como S. Francisco de Assis foi a pobreza ou S. Bernardo o recolhimento, eu digo que eu sou a grandeza .

Isso não tem dúvida. E meto medo. Os nossos adversários têm pânico de mim. Eu falo e eles não respondem. Vocês viram aquelas conferências em Belo Horizonte. O auditório tinha oposição a granel, mas tinha medo.

## **B - Grandeza impessoal, sacral**

A grandeza em que perspectiva?

Primeiro, é uma grandeza impessoal e sacral.

Não se trata aqui de dizer: "olha eu..." etc... etc... Graças a Deus disso eu estou certo, vocês nunca me viram megalar de mim mesmo, nunca! Por exemplo, eu ter acabado de fazer uma conferência e procurar puxar prosa sobre ela para estudar os efeitos, ou qualquer coisa. Vocês nunca me viram terminar uma conferência e degustar os aplausos dela. Não podem ter visto, porque isto eu não faço. Eu afirmo de pés juntos que vocês nunca podem me ter visto fazer isso.

Aliás, o meu temperamento fleugmático me ajuda muito porque o que está no meu temperamento é o seguinte: "está aplaudindo? Olhe, se vaiasse era do mesmo jeito,

porque não me incomodo com vocês!" É fleugma pernambucana. É assim. Nem é uma virtude, mas eu quero indicar que o maior inimigo não está deste lado interno.

É, portanto, uma grandeza impessoal, é uma grandeza sacral.

### **C - Grandeza militante...**

É uma grandeza que tem mais estas notas: ela é militante e é sofredora. E essas duas notas é preciso tomar em consideração. Porque não é uma grandeza de pavão, mas é uma grandeza que está continuamente em luta, porque, onde eu entro, é indicutível que entro com meu desafio. Por mais polido, por mais amável que eu entre, eu entro no desafio.

A minha presença, o meu modo de ser, é um insulto, é uma insolência em relação à Revolução.

Isto não tem dúvida. Ainda que eu seja amável, que eu entre risonho, para a Revolução è um insulto. E ela sente, e ela se vinga.

Por isto a minha vida é um combate contínuo, inclusive para me fazer aceitar pelos que me são mais chegados. Continuamente lutando contra a vulgaridade de um, a megalice de outro, para fazer aceitar a grandeza.

Essa grandeza tem do seu lado o testemunho do adversário. Nunca um adversário disse que eu fosse um homem insignificante. Vocês não podem ter ouvido dizer: "Ele é um tipo comum, inteiramente vulgar!". Nunca! Porque eles sentem que é tão falso que não podem dizer; gostariam de fazê-lo, mas não podem.

Eu não sei se contei um episódio do Fachini com minha sobrinha, logo que minha sobrinha se casou com o filho dele. Eles estavam no Rio, dormindo no Hotel Glória. O Fachini chegou ao Rio de automóvel, e foi também para o Hotel Glória. Telefonou para o filho dizendo que ele fosse logo para a seu quarto, de chambre mesmo, que ele tinha uma comunicação urgentíssima para fazer-lhe. Ele pensou não sei o quê, minha sobrinha ficou também alarmada. Daí uns minutos volta o filho dando uma risada. "Sabe por que é que meu pai me chamou? Para dizer o seguinte: que ele esteve com o Motta, e que este lhe disse que tinha uma grave imputação para fazer ao Plínio. E que a imputação é esta: "Tão inteligente quanto parece ele não é"!!

Não sei se vêem o último do reconhecimento da grandeza. Porque não é poder dizer que é burro, porque não pode. Não podiam dizer "O Plínio é burro". Não sai! A

única acusação é que "não é tão inteligente quanto parece". Quer dizer, parece muito inteligente, mas tanto assim também não é. Isto é o que dois inimigos meus, confabulando, encontraram para dizer de mim.

De outro lado, onde eu entro estraga tudo para eles. O que é uma outra formulação de grandeza, evidentemente. Por que? Porque é um estrépito, é uma coisa capital. Não é um fatinho. Eles sentem em mim o inimigo deles. O inimigo por excelência. Isto é o depoimento dos nossos adversários.

#### **D. Grandeza sofredora**

Grandeza sofredora! Os Srs. compreendem o que é, para o meu temperamento, o sentir isto assim. Porque, se uma pessoa apática não se incomoda muito com aplausos, ela, entretanto, não gosta nenhum pouco de luta. E não gosta de sentir em si o ódio do país inteiro.

Ora, o que eu tenho amotinado contra mim é o ódio de um país inteiro.

Não há um lugar onde eu apareça que não tenha alguém que não me odeie. Ou onde, em 24 horas de convívio, eu não vou ser odiado. Não é bem verdade?

Depois, no sacrifício de tudo: comodidade, fortuna, relações, tudo, sacrifício completo! E não é sacrifício assim da língua para fora...

Mas todos os profetas tiveram isto. Eles foram feitos para ir contra a onda. Eles levantaram a onda toda contra si, arrastaram todas as inimizades, e cumpriram sua missão na dor e na cruz.

Não houve um que não fizesse isso.

Agora, francamente, o que é que me falta a mim a não ser me matarem!

Além disso, a maneira de Nosso Senhor agir com o profeta é esta: chama-o para algo, dá o caminho, e permite que a ponte se quebre no meio dele. Permite a perplexidade sem ansiedade, com paciência, aceita na oração. Como Nosso Senhor, profeta é uma vítima.

Quem não vê a cruz e o sangue na vida dos profetas não é capaz de enlevo nem pelo profeta, nem pela Paixão de Nosso Senhor .

Nosso Senhor me enlevou sobretudo pela Sua Paixão. Todos os escravos e seguidores d'Ele, ou se enlevam pelo sofrimento ou não dão enlevo.

### **E - Grandeza desinteressada**

O mundo contemporâneo acusa a grandeza, em primeiro lugar, de interesseira: o homem só quer ser grande por interesse pessoal, para se beneficiar e para oprimir os outros.

Depois, acusa também a grandeza de ser inimiga daquilo que é pequeno; que ela, quando encontra o pequeno, o massacra e o tritura.

Ora, os meus quarenta anos de luta mostraram que o que Nossa Senhora se aprouve dar-me, foi a grandeza. E eu, a vida inteira, julguei uma obrigação minha ser fiel a isso e, onde quer que estivesse, representar a grandez. Consequência, eu fui o apedrejado e o crucificado da grandeza.

**a - para se fazer aceitar, bastaria ao profeta colocar-se numa posição condescendente para com o mal, abaixando todas as barreiras**

Se eu quisesse fazer uma carreira, era só o eu não ser a grandeza num estado militante, me meter numa posição condescendente, não ver o mal, ser gentil, ser lhano, ser desembaraçado, abaixar todas as pontes, inaugurar um regime de omissões, de silêncios, de me fazer aceitar. Eu teria subido incomparavelmente mais alto. Como eu renunciei a isso, eu sofro um sofrimento enorme! Eu aguento no peito o impacto do ódio de um país inteiro, o que

não é brincadeira. Em qualquer lugar em que vou, eu sinto o ódio que me persegue, eu sinto a má vontade, o vazio, o ostracismo.

Logo, se eu renunciei, eu não sou ambicioso. Porque se eu o fosse, eu pegaria os trapos velhos dessa grandeza e jogava no lixo; modernizava-me, e, em pouco tempo, seria o que quisesse.

E se pudesse dúvida haver, o episódio do Galo Branco a tiraria.

O Galo Branco era Presidente da Assembléia Legislativa de São Paulo. Estava o Fasano vazio e ele sentado no fundo diante de uma garrafa de vinho. Eu não o conhecia. Ele terminou, aproximou-se de nossa mesa - estava também o Viriato Correia - e disse:

"Dá-me licença? Eu queria dizer uma coisa".

"Pois não", eu disse dando a impressão de estar um pouco tocado, "pois não o que é que queria dizer? Faça o favor pode dizer"!

- "O discurso, Plínio, é dirigido a voce. V. não percebe o que é que está se dando. V. é um homem que o normal a esta hora seria ser Governador de São Paulo. E já ter sido Ministro de Estado, e mais de uma vez. Voce poderia visar as mais altas coisas - fazendo alusão à Presidência da República. Voce não tem vergonha, nessa sua idade, de viver na penumbra em que vive, sendo que voce tem todos os cordéis do futuro na mão? Voce não percebe que voce está se afundando, que está se destruindo? Desista do caminho que voce está seguindo e venha comigo porque eu faço o seu futuro! Eu reconcilio voce com o Motta e abro para voce as portas da carreira política. Mas não continue a se afundar por aí dessa maneira! Porque voce, nas suas condições, está se enterrando, se suicidando na penumbra por esta forma?! Isto é uma vergonha da sua parte!"

Daí, no fundo da sala, o Geraldo deu uma risada. Ele o invectivou:

- "Voce é um bôbo, cala a boca! O que estou dizendo é coisa muito séria, não venha com essa risada!" E afastou-se.

A mensagem dele era, evidentemente: "Eu tudo te darei, se ajoelhando me adorares". E ajoelhar e adorar significava afinar com a hora. E eu não afinei. Se isto não é desinteresse, eu não entendo nada. E desinteresse que atrai a perseguição.

Eu sou a grandeza perseguida, crucificada, odiada enquanto grandeza e por ser grandeza. Mas afirmando sempre a força da lei. A minha atitude é continuamente a de S. João Batista: "A ti não é legítimo estar fazendo o que fazes. Por isso não conte com minha adesão. Eu não só não finjo que não sei, mas afirmo dentro da linha do bom senso, da civilidade mínima comum -- portanto não como um gagá -- que enquanto voce for filho das trevas, entre voce e eu não pode haver pacto".

**- não o fazendo, ele se prega na cruz e se torna incompreendido até para seus mais próximos**

Agora, será possível que eu seja um cretino a ponto de não compreender que, com essa fidelidade, eu me sacrifico a tudo, eu me prego numa cruz, eu enterro a minha vida, tornando-me incompreendido até pelos mais próximos, até aqui dentro?

Eu nunca julguei que tinha direito de fazer de mim esse elogio. Mas, afinal de contas chegou um determinado momento em que a incompreensão é tanta, e que nós chegamos tão perto dos acontecimentos que, não tendo um anjo do céu aparecido para dizer isto, eu sou obrigado a dizê-lo.

O Paulo acompanhou, por exemplo, desde a Faculdade de Direito, a minha atitude. É impossível que ele não preste testemunho de que eu era a seriedade, a dignidade, a compostura, num ambiente completamente decomposto. E que muito ódio que vinha por cima de mim era por causa disso.

Todo mundo viu como eu recusei as tentativas de embuchamento que me foram feitas, inclusive do lado eclesiástico, e como eu sacrifiquei a minha carreira como quem sacrifica um papel velho, atirando-o ao lixo, sem uma hesitação, sem um pranto, sem nada, com a naturalidade de um inconsciente, sempre dizendo Praesto Sum , isto é, eu estou pronto para a imolação, eu estou pronto para o sacrifício, faça-se a Vossa Vontade. E, outra coisa, sem ser com ar de bôbo, lutando de todos os modos para que isso não acontecesse, mas tendo acontecido, lutando de todos os modos para que acontecesse na menor medida do possível.

Em todas essas circunstâncias, os Srs. nunca me viram duvidar, nunca me viram abatido a respeito da Providência. Os Srs. nunca me viram com medo de que a Providência não cumprisse o que Ela prometia.

## **F - Grandeza protetora**

Isso sobre o desinteressse. Agora, algo sobre a proteção do pequeno.

A grandeza, como é chamada de interesseira, também o é de opressora dos pequenos. Entretanto, vejam, eu, um geração-velha, transformei-me num protetor, naquele que carrega um mundo de estropiados, um mundo de gente sem eira nem beira, que não andaria por nenhuma via e por nenhum caminho, que não seria nada se eu não estivesse a toda hora carregando.

Inclusive gente desprezada pelo mundo, desprezada fora, e que aqui encontra quem lhe faça o papel de Bom Samaritano.

Mais ainda: tudo que é pequenino, que não é intoxicado pelo espírito da Revolução, tem uma particular facilidade de confluir para mim, para pedir a minha proteção. Uma facilidade para até abusar de minha proteção.

Tanto é verdade que a verdadeira grandeza não afugenta os pequenos, nem os devora, mas os atrai. Tomem aí rapazinhos saídos não sei de que antros sociais. Não são nada. Eles não têm medo de minha grandeza, eles não se afugentam. Eles não se sentem nem oprimidos e nem dominados, nem espezinhados.

Por exemplo, aquela saída da Consolação. Não é verdade que toda aquela gente confluía para ali para sentir um pouco de proteção? Havia medo de minha grandeza ali? É o que atrai a eles!

O pequeno, quando não é revolucionário, sente uma atração, um imã pela grandeza. Essa é a realidade.

A minha missão foi, desde pequenino, de representar a grandeza com esta afirmação: à plebe revolucionária eu toco, eu expulso. Os verdadeiros pequenos, porém, encontram em mim um pai, um protetor, um explicador do caminho, encontram tudo quanto quiserem. Desses eu não sou o contrário. Eu sou o complemento. E sou-o com o sacrifício de minha existência. Por eles eu me deixo sugar até o martírio. Eu só não deixo mais porque eu morreria se o permitisse.

Isso prova bem como a grandeza desmente o que a Revolução diz dela. E, neste sentido, eu sou um símbolo de Contra-Revolução.

Resultado, os pequenos afluem do mundo inteiro à procura da grandeza. Não se iludam, essa gente não vem atraída por concessões demagógicas. Eu vejo o ódio que isso provoca. Mas esse ódio é um ódio do inferno. Porque há algo do sorriso de Nossa Senhora em poder apresentar ao mundo uma grandeza que os pagãos não ousam negar. Até hoje nunca me chegou aos ouvidos que alguém dissesse que eu sou um homem insignificante. Nunca me chegou aos ouvidos.

Agora, esta coincidência do desmentido vivo de tudo quanto se diz da grandeza, no momento em que a grandeza é até abandonada pela Igreja, porque Paulo VI está fazendo isso, esta coincidência não indica algo sobre o que é preciso pensar?

## **G - Grandeza incompreendida**

a - todos os que amarem isto, participam desse profetismo

Todos aqueles que amarem o que eu estou dizendo, que queiram compreender o que eu estou dizendo, que me queiram perdoar alguma falta que eu tenha cometido ao

longo disso, que queiram ser como eu sou e fazer o que eu faço, esses participam desse profetismo. Esses levam consigo o carisma.

- mas o Grupo sempre viu essa manifestação de profetismo como uma reivindicação estulta de superioridade pessoal

Se o Grupo tivesse querido ser a grandeza crucificada, como o nosso apostolado teria sido muito melhor! Mas eu creio que nunca se entendeu bem esse sentido dessa grandeza. Ela sempre foi vista como uma reivindicação estulta de superioridade pessoal!

### **3 - NOSSO PROFETISMO TEM TAMBÉM A MISSÃO DE SER UM SÍMBOLO VIVO DA SABEDORIA,**

#### **DA SACRALIDADE E DA HIERARQUIA**

##### **A - Símbolo vivo da Sabedoria, da sacralidade e da hierarquia**

Se toda difusão de doutrina é uma difusão de graça, primeiro dado;

Se, segundo, a difusão de uma doutrina raríssima é a difusão de uma graça raríssima;

Se, finalmente, aquilo que é raríssimo, normalmente é altíssimo,

Então, o homem que elabora essa doutrina e tem a missão de a difundir é não apenas um mestre que ensina a doutrina -- nem um estrategista e político que sabe dirigir a guerra, que sabe recrutar as pessoas e orientar as batalhas, não é também só isso, que são recursos naturais, -- mas deve ser o símbolo do espírito que ele difunde: um símbolo vivo.

Como o lírio é o símbolo da pureza, assim o homem pode ser o símbolo de algo.

E o que é que essa graça? Evidentemente é a graça de um sabedoria sacral e hierárquica. É a sacralidade e a hierarquia.

##### **B - Irradiação, convívio e osmose**

E esse homem, portanto, deve ser o ponto de irradiação no convívio com ele, e quaisquer que sejam as condições no convívio dos que convivem com ele - sem emitir em juízo de valor sobre os que convivem com ele, eu acho que é um valor que na maior parte dos casos é excelente, mas não vamos emitir um juízo de valor a este respeito - há

uma circulação da graça nesse convívio que prepara para o discernimento dos espíritos e acaba dando esse discernimento.

Portanto, há um discernimento dos espíritos a meu respeito. E um discernimento dos espíritos a respeito disto, meu, enquanto presente nos que convivem comigo. Não é, portanto, ver o espírito deles, mas o meu enquanto presente neles, que é uma coisa diferente.

Agora, isto o que é que é? É o espírito da Igreja Católica. Não é outra coisa senão a Igreja Católica comunicando suas virtualidades pelos modos habituais a fiéis batizados, filhos d'Ela. Isto não é nada de insólito, é a vida da Igreja, da Santa Igreja Católica Apostólica Romana...

Daí decorre o desejo de, tanto quanto as circunstâncias de tempo e de lugar permitam, vir receber (esse espírito), no convívio, no contacto, no conselho. E, no conselho não para a vida espiritual, mas para o que a gente desejar fazer etc.

O reconhecer que isto é assim, o querer, o desejar que as coisas possam funcionar assim, o desejar, tanto quanto se lhe dá, e o contentar-se com tão pouco quanto se lhe dá, isto é a impostação da alma por onde isso vai.

Isso a gente vê com todos os profetas do Antigo Testamento. Havia um discernimento de espírito do povo para perceber que eles eram profetas. Os que se abriam para este discernimento o seguiam; os que se fechavam, não viam neles o que viam os que os seguiam. É natural.

### **C - Unicidade**

Não me cabe a mim julgar o que a Providência faz. Ela quis, em determinado momento, quis ter um único homem que fosse fiel.

Ela quis dar a este homem a situação que tinha um profeta no Antigo Testamento, em pleno Novo Testamento.

### **D - Ver no profeta um profeta**

Isto fica tão provado de todos os lados, tão evidente, que a gente pode dizer: ou nossa posição é uma demência ou isto é uma verdade. Ver no profeta um profeta, mas ver com esse discernimento sobrenatural. E tomar em relação a ele não a posição que se toma em relação a um líder, a um intelectual, a um bom político, a um bom amigo, a um Senhor educado, sei lá o que. Mas saber exatamente passar por cima das considerações

de ordem pessoal, e ver o profeta. Isto é a graça nova. É por-se diante disto: "eu conheci na minha vida um profeta. É um profeta em carne e osso. Não é nem um pouco um profeta admirável como os do Aleijadinho - aqueles homens com aquela personalidade possante, aquela coisa magnífica - mas, enfim, é o que Nossa Senhora deu para o crepúsculo d'Ela. Ela quis este profeta assim. Mas ele documenta a sua missão. Ela se tornou para mim evidente. Na medida em que eu me aproximo dele me santifico, na medida em que eu me distancio eu me perco. Ele, portanto, foi posto para me guiar e para guiar muitos. E provavelmente para guiar a Igreja nesta pasmosa defecção".

### **E - O momento histórico exige**

Depois de se ter enunciado esta verdade, a gente se pergunta se era possível, na atual situação da Igreja, Deus não visitar por meio de um profeta. Neste eclipse geral de toda a hierarquia era possível?

O que é mais improvável: que este profeta exista, ou admitir que ele não exista? Não é mais improvável admitir que ele não exista? Tudo bem pensado, se este profeta não existisse, não era o caso de procurarmos juntos onde ele está? Porque deve haver. A situação da Igreja é tal que deve haver! Evidente!

Agora, nós devemos tomar esta verdade tremenda na sua simplicidade, na sua naturalidade, e tomá-la com todas as suas consequências.

### **F - O que é o profeta?**

**a - é aquele que, assistido pela graça, conhece sua missão, se dirige para ela, e a graça opera a realização dessa missão por seu intermédio**

O profeta se prova por onde? Profeta não é o que vê o futuro. Mas como é que ele prova que é profeta? Ele prova que é profeta quando a obra que faz é a que se pode esperar de um profeta.

E quando ele é assistido pela graça, de maneira que a graça através dele faz aquilo que da graça a gente poderia esperar. Isto é um profeta.

Quer dizer, ele conhece a missão. Ele se dirige rumo a ela e a graça opera a realização da missão através dele.

Que isto coincide com o nosso caso, é uma coisa tão vista que eu não vou perder tempo para demonstrar!

**- e que reúne em si as qualidades naturais e sobrenaturais que o habilitam especialmente para fazer o que faz**

Outra coisa que é própria do profetismo é o seguinte: quando a pessoa do profeta reúne em si qualidades naturais e sobrenaturais que o habilitam especialmente para fazer o que faz. Quer dizer, não é só o auxílio que a graça presta à ação dele, mas é o ter equipado a ele com qualidades naturais e sobrenaturais para fazer o que faz.

**c - com absoluto desapego do que está fazendo**

Eu teria que prestar contas muito severas a Nossa Senhora se eu pusesse qualquer forma de vaidade no que eu estou dizendo. Eu faço continuamente exame de consciência a respeito do seguinte ponto: se de repente aparecesse um profeta diante de mim, e que eu visse que a minha missão foi apenas conduzi-los a ele e cessar, qual seria a alegria e a atitude de minha alma? Se seria de uma alegria enorme: "Afinal Nossa Senhora vai ser servida melhor do que comigo e eu me alegro com isto! Vinde, aqui está ele! Vamos servi-lo todos juntos! O exemplo da obediência, de entusiasmo, vou dar eu! Eu encontrei meu guia! Eu encontrei meu Pai!" Se eu encontro esta disposição de alma em mim, eu posso estar sereno. Se eu não encontro, eu estou colocando algum apego, eu estou traindo a minha missão. Não há dúvida.

Graças a Deus, o meu exame de consciência é muito tranquilo a respeito disso.

Eu vou dizer mais. Não é o apego. É o excessivo peso da Cruz que poderia levar o meu defeito de pessoa apática e indolente, com um fundo de displicência em relação às coisas, a dizer que a carga está aqui, que eu vou deixá-la, e que eu vou me abanar. O defeito de minha alma podia dar por aí e não para apegar-me.

#### **4 - NOSSO PROFETISMO É, DE ALGUM MODO, A PRESENÇA DE NOSSA SENHORA NA IGREJA**

Dada a influência de Nossa Senhora na Igreja, o profetismo do Novo Testamento é, de algum modo, a presença de Nossa Senhora na Igreja.

#### **5 - PROFETISMO E FÉ**

##### **A - A Fé foi a virtude que eu mais amei**

**a - quem tem fé viva, tem vida espiritual pujante**

Para nós não há problema intelectual nem espiritual que possa ser resolvido senão em função da fé.

De todas virtudes, a que eu mais amo - mais do que a pureza - é a fé. Foi a que mais cultivei, porque a fé é a raiz de toda a vida espiritual. Quem tem fé viva tem, vida espiritual pujante. Quem não tem fé viva, não tem vida espiritual pujante...

**- se aplicarmos a fé aos dados da História, conheceremos que tem que haver uma bagarre , e nela creremos com toda alma**

Se nós tivermos espírito de fé, quer dizer, se soubermos aplicar a fé aos dados da História, teremos o conhecimento, que tem algo de profético, das harmonias da História. Nós conheceremos que deve haver uma bagarre e, porque a bagarre deve existir, nós creremos nela com toda a nossa alma.

A partir do momento em que acreditarmos na bagarre com toda a firmeza, a partir desse momento nossa fé atingiu os pontos que nossa vocação precisa que estejam claros para que ela se realize.

É preciso ter fé. É preciso ter paixão pelas coisas da fé...

### **B - O nosso caso pessoal se reduz a um problema de fé**

O caso pessoal dos casos pessoais de um membro do Grupo vai dar nisto: "o que é que me dificulta de ter fé tão grande quanto eu quisera? O que é que me dificulta de ter paixão tão intensas quanto devera? Por que é que eu não vejo isso que o Dr. Plinio vê? Por que é que, vendo, eu não me entusiasmo? E continuo, pelo contrário, preocupado com o pneumático do automóvel com que vou para São Paulo?".

"Fé!".

C - Como ter fé?

Como ter fé? Como ter a fé que move as montanhas? Cor Sapientiale et Inmaculatum Mariae: opus tuum fac . Fazei-o à maneira do Segredo de Maria.

Aqui estamos um pouco como um boneco de barro antes de receber o Espírito de Deus. O boneco está inteiro. Vamos pedir para Nossa Senhora que sobre o seu espírito em nós. Que tenhamos nós o espírito d'Ela como Eliseu teve o de Elias e estará tudo feito.

Cor sapientiale et Inmaculatum Mariae, opus tuum fac.





## II

**NOSSO PROFETISMO É A SINTESE DE TODO O  
PASSADO DA IGREJA**

## COM ALGUMAS NOTAS ESPECIAIS

### 1 - O CRESCIMENTO DA IGREJA EM GRAÇA E SANTIDADE

#### A - Esse crescimento apresenta aspectos e propriedades diversos segundo suas etapas, como as belezas da alma humana em suas várias idades

Conforme o Apocalipse, a Igreja Católica tem, como tudo quanto é vivo e humano, um crescimento, mesmo na ordem da graça. Até o Menino Jesus "crescia em idade, em graça e em santidade perante Deus e os homens".

Essa doutrina do processo de crescimento é, no fundo, o oposto da doutrina do processo de putrefação, do processo de deterioração, que é a Revolução.

O crescimento apresenta aspectos diversos, com propriedades diversas, segundo as suas etapas, e revela belezas próprias da alma humana, em cada fase.

Uma é, por exemplo, a beleza da alma no vigor da adolescência e na maturidade; outra é a beleza da alma na forma de ancianidade -- não da senilidade -- do homem que se tornou muito velho, que tem uma sabedoria super-eminente e requintada, mais preciosa ainda do que a sabedoria da maturidade.

#### B - Assim pode-se descrever a beleza da vida da Igreja em cada uma de suas

etapas, desde as catacumbas até a última flor, que foi o Pontificado de S.

Pio X

Ora, isto que existiu com o Menino Jesus, com Nossa Senhora e existe, na natureza, com cada homem, isto também existe na Igreja Católica. Daí Ela ter tido matizes como, por exemplo, a verenabilidade ainda patriarcal e simples da Igreja nos seus primórdios; o heroísmo, tinto de sangue, da Igreja no tempo das perseguições; a sublimidade do espírito eremítico, que levava Imperadores, homens do povo, generais, a atravessarem o deserto para conversarem com eles meia hora; a perseverança e a gestação da sabedoria medieval nos períodos das invasões; a sabedoria medieval depois da normalização da vida; a sabedoria da Contra-Reforma, do movimento ultramontano nascido com as reações à Revolução Francesa; e, finalmente, uma última flor, último sorriso, no Pontificado de S. Pio X.

Cada uma dessas fases da Igreja apresenta um aspecto novo e nós podemos dizer que o Espírito Santo vai gerando na Igreja sucessivas famílias de almas para as várias etapas.

## **2 - ± VISTA DISSO, O QUE SOMOS NÓS?**

**A - antes de tudo, uma escola espiritual, com isso de próprio que é o admirar e amar cada fase e cada aspecto da Igreja com transportes de veneração, tendo como ponto de vista nosso a síntese**

Somos, antes de tudo, uma escola espiritual. E essa escola de espiritual é uma síntese de todo o passado da Igreja.

Todas as grandes devoções se integram em nós com uma nota de síntese. O que nos é próprio é admirar e amar cada fase da história da Igreja, cada um dos ritos orientais ou ocidentais, com transportes de entusiasmo, como se fôssemos um só com aquilo, compreendendo isso como um capítulo do qual somos a síntese. O ponto de vista da síntese é o nosso.

**B - e como características especiais as devoções ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora e ao Papa**

Mas com algumas características especiais. A primeira, uma devoção especial para com as três rosas dos bem-aventurados: a devoção ao Santíssimo Sacramento, a devoção à Nossa Senhora e a devoção ao Papa.

**a - com uma nota nova de não só rezar, mas de introduzir todas as atividades possíveis da vida na capela, na presença do Santíssimo Sacramento.**

A nossa nota nova, tanto quanto eu imagino, na adoração do Santíssimo Sacramento, consistiria numa capela não mais com gente exclusivamente rezando -- oxalá as tivesse o dia inteiro -- mas com gente trabalhando, lendo, fazendo coisas altas dentro da Capela.

Como eu gostaria de chegar à capela e ver membros do Grupo desenhando, lendo, escrevendo, estudando, etc., tudo muito discretamente para não transformar a capela num salão de trabalho!

Então, já não seria só rezar diante do Santíssimo Sacramento, mas seria viver em companhia do Santíssimo Sacramento. É muito nosso não só rezar, mas introduzir todas as atividades da vida dentro da atmosfera do sagrado.

Donde, um tipo de capela que tivesse qualquer coisa, de oratório preponderantemente, de sala de capítulo, de sala de armas, e sala de trabalho. Esta seria a nossa capela.

Quanto à devoção à Nossa Senhora, a piedade S. Luís Grignon é o *nec plus ultra*. E dele nós já tratamos atrás.

#### **- sempre filhos e escravos ardorosos do Papa**

No que diz respeito à infalibilidade papal, o Papa é o centro da ordem e da beleza do universo, o princípio máximo da *reductio ad unum*. Ele tem as chaves de ouro e a de prata. A de ouro para ligar e desligar as coisas de terra. É o poder supremo e indireto do Papa também na ordem temporal, quando entra matéria de pecado. P. ex., um decreto imoral de um Rei, o Papa o pode declarar nulo. Esse é o nosso ideal de monarquia papal e é a chave de prata. Nós somos os filhos e os escravos do Papa. Nossa vida é um "Viva o Papa!" ininterrupto. Tudo em nós visto por um certo ângulo é um "Viva o Papa *quand même*!". Mas por respeito, nem dizendo *quand même*. O *quand même* é um brado dentro do nosso coração e mais nada... e nem podia deixar de ser.

#### **c - tendo as devoções ao Sagrado Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria e Infância espiritual como notas tônicas**

Outras duas notas importantes são as devoções ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria. E, para terminar, a *capenguce* e a Infância Espiritual.

### **3 - TODOS CATÓLICOS, TODO APOSTÓLICOS E TODOS FIÉIS, AINDA QUE NOS FAÇAM**

#### **INJUSTIÇA**

#### **A - A essência do Grupo é viver da seiva da Igreja**

Em relação às condições normais da Igreja, evidentemente a essência do Grupo é o viver da seiva da Santa Igreja Católica. O ser um ramo, um galho desta árvore divina, num certo sentido, que é a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, de maneira tal que o Grupo não é outra coisa senão uma pequena parcela desta instituição. Mas uma

pequena parcela que, por assim dizer "adora" esta instituição. E a "adora" de tal modo que a prefere incomparavelmente mais do que a si próprio.

Isso de tal modo que, se fosse para o bem da Santa Igreja, qualquer um de nós deveria imolar o Grupo sem hesitação, sem vacilação, com entusiasmo e ficar alegre de o ter imolado, porque no Grupo o que nós amamos é a presença da Igreja dentro dele. Afinal de contas, para nós a Igreja é tudo, mas absolutamente tudo nesta terra.

## **B - Eu não quero ser outra coisa senão um varão católico**

Com Concílio, sem Concílio, faça o clero o que quiser, "pinte o caneco" como entender, a Igreja é a Igreja, da qual nós apaixonadamente, transbordantemente, com um entusiasmo do qual estouramos, não queremos ser outra coisa senão filhos, membros d'Ela e a Ela obedientes.

Esta é a nossa definição. De tal maneira que, p. ex., eu nunca achei que houvesse um título mais bonito dado a quem quer que fosse do que o título de "Rei Católico" dado ao Rei da Espanha. Porque, quando de alguém se pode dizer que, por antonomásia e por excelência, é o católico, ter-se-á dito da pessoa o paroxismo do belo, do bom, do verdadeiro, do perfeito.

Para mim todas as bem-aventuranças estão contidas dentro disso, pois a palavra católico contém tudo quanto de bom e belo, de verdadeiro e de justo existe no vocabulário humano de tal modo, que não se poderia dizer mais do que isso.

Se alguém, no meu epitáfio, pusesse: Fuit vir Catholicus , eu, dentro de minha sepultura, estremeceria de alegria. Porque eu não quero ser outra coisa senão um varão católico.

## **C - O ponto de concentração da fidelidade**

### **a - fiéis até quando perseguidos**

Agora, na prática, nós vivemos num período em que a Igreja está num estado de prova ou de mistério e em que a própria hierarquia eclesiástica está na situação em que os Srs. conhecem.

Então, dentro da Igreja, nós que somos leigos, que fazemos o papel da plebe eclesiástica, o que é que nós somos?

Nós não somos senão o ponto, não de concentração, não da autoridade nem do poder, porque não temos nenhuma autoridade e nenhum poder; nós somos o ponto de concentração da fidelidade. É isso que somos.

Não da fidelidade para com o superior cujo pensamento e se gente acata. Não também da fidelidade ao superior cujas ordens e pensamentos não se entende, entretanto se segue, mas de uma fidelidade que vai mais longe: é a fidelidade a uns superiores que, em tão grande quantidade, fazem coisas que por fidelidade à Igreja nós devemos censurar com a mais veemente das censuras. Quer dizer, nós permanecemos fiéis, até na hora em que eles, em toda a medida que a infalibilidade permite, se manifestam infiéis.

Nós permanecemos fiéis até quando eles nos perseguem; e perseguem por nossa fidelidade; não por caprichos, por birra, porque não é por isso que nós somos perseguidos, mas é por nossa fidelidade. Ainda aí nós permanecemos fiéis.

**- e fiéis não só à Hierarquia presente, mas à de todos os séculos**

Para compreender, naturalmente, essa fidelidade, nós temos que considerar que a hierarquia católica não é apenas a hierarquia atualmente existente, mas é a hierarquia de todos os séculos, incluída a hierarquia constantiniana. Que há uma solidariedade indestrutível entre essas várias etapas dessa hierarquia; que a fidelidade não pode ser só a esses de agora, mas a um legado comum de todos.

Isto tudo ponderado, nós somos fiéis. E se há uma coisa que não nos passa pela cabeça nem de longe, é que possamos romper com ela.

Se por uma eventualidade da qual Nossa Senhora nos livre, eles nos punissem a ponto de nos proibir de entrar numa igreja, nós ficaríamos do lado de fora rezando e beijando as próprias paredes da edificação, a escadaria do lado de fora, porque aquele é o templo único e verdadeiro de Deus e nós queremos estar unidos com ele para a vida e para a morte.

**c - de modo que, ainda que ela se desligasse de nós, nós não nos desligaríamos dela. É o verdadeiro confisco**

Ainda quando ela se desligasse de nós, nós não nos desligaríamos dela.

Quer dizer, é a fidelidade levada ao seu auge e ao último limite.

De outro lado, isso seria feito sem ressentimento, sem ódio, mas continuando com toda a possibilidade de amor, de submissão de de flexibilidade, até o último ponto.

**d - a ela não obedecendo só no caso em que nos mandasse trabalhar contra ela. Aí a fidelidade nos levará a dizer não.**

É verdadeiramente o confisco: nós nos demos a Ela e somos d'Ela para que Ela faça de nós o que quiser, inclusive a injustiça. Só uma coisa não se pode pedir de nós -- e aí não obedeceremos -- é querer que nós trabalhemos contra Ela. Mas aí, ainda será a fidelidade que nos levará a dizer não. Eu não concebo que a fidelidade possa ir mais longe. É uma espécie de martírio vivo.

Essa doutrina da fidelidade faz com que nós compreendamos que tudo quanto nós ensinamos e tudo quanto nós dizemos, não seja senão um eco, como já mencionamos anteriormente. O tom, o som, é o deles.

**e - prolongando, no silêncio, com toda fidelidade, o seu som, pelo "apostolado do eco"**

Vinte séculos de Igreja soaram e esse som enche nossa alma e sai pela nossa língua. O sino são eles, nós somos o eco do sino. Nós não temos autoridade; nós somos o eco da autoridade. Como acontece com o eco, ele amplia o som do sino e o leva longe, prolongando seu som, até no momento em que o sino já se calou.

Então, prolongar no silêncio, prolongar com toda fidelidade, sem pretender por algo que já não estava pelo menos implícitamente dentro e fazer com que essa semente continue a germinar, aumentar até -- esta é a nossa finalidade, este é o "apostolado do eco". Nós não somos outra coisa do que isto.

**f - num super-auge de fidelidade à Hierarquia**

Eu pretendo, eu desejo, espero, quero, imploro, rogo a Nossa Senhora, que tudo quanto eu diga seja um eco do que foi dito por todos aqueles que me precederam, um eco de toda a Sagrada Hierarquia Católica Apostólica Romana.

É este o sublime apostolado do eco, ou da super-fidelidade, que nos explica a nós mesmos diante da Igreja. Explica como Grupo, explica como indivíduos.

Realmente, se isto não é um auge, eu perdi o conceito da palavra auge. Eu não sei que mais é auge.

## D - Ainda quando odiados e desprezados

Essa meditação faz muito bem, porque todos nós brasileiros temos no fundo da alma alguma coisa de ressentido...

### **a - mesmo quando recebido com furor, precisamente por causa da fidelidade, não ter um pingão de ressentimento**

E nessas hora muito duras, nada provoca mais ressentimento do que a pessoa, transbordando do afeto mais superlativo, ir a alguém e -- não é ser desdenhado, mas o outro voltar-se para ela com furor e dizer: "Mas voce ousa ter para comigo esta fidelidade!? Onde é que voce está com a cabeça? Eu odeio e desprezo a sua fidelidade! E agora vou tratá-lo como o pior dos traidores, seu Iscariotes, porque voce é fiel!" E a pessoa não ter um pingão de ressentimento. Pelo contrário, ter a alma serena como nos momentos mais serenos da vida e dizer: "Que graça, apesar de tudo, eu poder afirmar 'Eu sou todo seu'. Injurie-me quanto quiser, mas eu o amo desde que procede de voce, porque eu fui confiscado!"

Isso é a doação de si, contra os ressentimentos.

Os Srs. sabem como a graça de vencer o ressentimento é uma graça preciosa para brasileiro.

### **- "Mas... tanto assim?!". Sim, e se não for assim o auge não foi atingido**

É possível, (eu não quero dizer que tenha havido), é possível que enquanto eu falo aos Srs., pensando neste extremo ato de humildade que se pede, em um ou outro dos Srs. o ressentimento tenha feito este movimento. É possível. Provavelmente tenha passado algo assim: "Como?! Mas é tanto assim? Que coisa!...".

Pois bem, é assim. E se não for assim, o auge não foi atingido.

Eu diria da Igreja Católica o que Santa Teresa diz de Nosso Senhor: "Ainda que não houvesse Céu eu amaria a Igreja Católica, ainda que não houvesse inferno eu A temeria, porque Ela é unicíssima, queridíssima minha, com exclusão de qualquer coisa, de maneira que qualquer coisa eu só quero na medida em que seja d'Ela, unida a Ela. E quanto mais eu A vejo pisada, traída, desfigurada... tanto mais eu A amo.

#### **4 - NOSSA SENHORA QUIS QUE, NUM DADO MOMENTO, TUDO DEPENDESSE DE UM SÕ**

Nós somos uma família de almas. Isto é, um patrimônio de graças que nos é dado em comum, e na medida em que estejamos em comum, na medida em que sejamos participantes deste um, e estejamos unidos a ele.

É, portanto, o consórcio nesta graça, ou nestas graças, que faz de nós um, uma só missão, uma só graça e uma só graça haurida na participação. Eu emprego aqui a palavra consórcio no seu sentido etimológico latino de "identidade de sorte", de destino. Então a sensação que todos nós temos é que, ou ficamos unidos, ou nos perdemos.

Aqui está o clou , aquilo que é a alma do Grupo e que é esta participação na graça de um único homem que ficou fiel.

#### **5 - ELE SE TORNOU, PORTANTO, UM MEDIADOR "NECESSARIO"**

##### **A - A teoria da mediação**

**a - tudo o que se diz de Nossa Senhora pode-se dizer, de certo modo, da Igreja.**

Nós vamos entrar, no momento, numa teoria que é audaciosa. Mas quem poderá dizer que ela é falha?

É a seguinte: tudo aquilo que se diz de Nossa Senhora, diz-se, de algum modo, da Igreja Católica. Como tudo quanto se diz da Igreja Católica se diz de Nossa Senhora. E se é verdade que Nossa Senhora é Medianeira de Todas as Graças, é verdade que, num outro sentido da palavra, a Santa Igreja Católica o é também. Porque nós recebemos todas as graças na Igreja, com a Igreja, e pela Igreja. E fora da Igreja não há salvação.

**- Nosso Senhor é o Medianeiro fundamental, único e necessário. Nossa Senhora é a nossa Medianeira junto a Jesus Cristo. A Santa Igreja, num sentido diverso, é nossa medianeira junto a Nossa Senhora**

Nosso Senhor Jesus Cristo, num sentido máximo e fundamental, é nosso mediador único e necessário junto a Deus.

## FINALIDADE DO ESTUDO

### 1 - TERMOS UMA IDÉIA GLOBAL, ARQUITETÔNICA DE TODA A VOCAÇÃO

A - Montar uma visão arquitetônica da Causa

como um joalheiro monta uma jóia

a - num plano antigo ele vai ajustando pedras

preciosas velhas e novas, o que resulta uma jóia

inteiramente nova

b - Vamos pegar verdades conhecidas com suas

consequências, acrescentar verdades

novas, e

montar uma visão arquitetônica

que ganha muita

propulsão e riqueza

B - Para o aprofundamento da vocação e a consequente riqueza

da ação

a - o aprofundamento no conhecimento e no amor à

Vocação importarão no aprofundamento do

modo mais

excelente da ação, que ganha em riqueza

substancial

b - em riqueza sobrenatural, porque maiores são as

graças; de riqueza natural porque o que é feito

com

consciên

interessando de modo platônico pela vida

coletiva

e bem comum do Grupo

b - esse defeito raramente se apresenta de modo

explícito

c - por ele, a pessoa concorda em tese que deve

dedicar-se inteiramente ao Grupo. Mas,

subconscientemente, por falta de maturidade, de

generosidade e uma série de defeitos na ordem viva

da coisa, os assuntos que lhe mordem são os  
pessoais

d - daí o dinamismo de seu interesse escapa do geral  
para o particular, do abstrato para o concreto, do  
metafísico para o físico, do sobrenatural para o natural

e - o abstrato, o metafísico, o sobrenatural ficam,  
por este defeito, vistos como valores culturais de  
que a gente se ocupa um pouco

B - Formas de chacunnière : vidinha extra e intra  
Grupo

C - Traços característicos do espírito de chacunnière

a - amor ao concreto, ao episódico, à dispersão e às  
vantagens pessoais

b - tendo horror ao abstrato, tem horror ao  
recolhimento

c - logo, a chacunnière é o oposto da Sabedoria

d - assim a chacunnière encontra sua expressão mais  
eminente no espírito "americanista"

e - que é o contrário da Idade Média

f - Mère Marie de Gonzague: exemplo vivo de  
chacunnière

g - ainda que ténue, pequenina, a chacunnière não  
deixa de ter mil ramos

D - Chacunnière e Primeiro Mandamento

a - há uma nota de caráter pessoal em nosso amor a  
Deus, que nos é indicado por nossa vocação

b - ora, a chacunnière é uma forma de tibieza e de  
mediocridade que se reduz a uma aversão ao  
verdadeiro amor de Deus

c — então os interesses de desenvolver nossa vocação,  
e o de combater em nós a *chacunnière* , coincidem  
completamente

### 3. PARA ROMPER O "TENDÃO MALDITO" (Apêndice)

A - A partir de 67 muitos começaram a compreender que não  
deviam viver uma vida particular, mas fazer uma doação  
integral à Causa

B - Reverso da medalha: enquanto tem sido fácil obter doações  
exteriores, quando se trata de dar o que os franceses  
chamam de *le fin fond* , algo treme, algo hesita, algo  
cambaleia

C - Há um tendão qualquer que faltaria cortar. Esse, as  
pessoas não cortam

a - a "fortaleza de gelatina"

b - de 67 para cá, se esse tendão se adelgaçou, foi um  
adelgaçamento muito pequeno. Houve um progresso  
interior, mas não tocou o ponto fundamental

D - Qual é esse tendão a ser cortado

## II - MÉTODO E CRITERIOLOGIA

### 1 - SABERMOS O QUE REALMENTE SOMOS, EM FUNÇÃO DA RCR E DO PANORAMA HISTÓRICO EM QUE VIVEMOS

A - Tendo como dados: senso católico, conhecimentos  
históricos, estudo da Cristandade, situação atual da  
Humanidade, raciocínio e conclusões

B - E os flashes, explicitados e reduzidos a raciocínio

C - E "considerando-os em nossos corações"

2 - EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM E DE NOSSA FIDELIDADE A  
ELE

«PT5» PARTE PRIMEIRA

O QUE SOMOS EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM

OU TEORIA DOS AUGES

«PT2»

I - ASPECTO NEGATIVO DO NOSSO FIM: DESTRUIÇÃO DA  
REVOLUÇÃO

Sendo a Revolução o auge do Mal, dedicar-se à sua extinção é o  
melhor fim de nossa época, e um dos mais altos da  
História

1 - INTRODUÇÃO: O FIM QUE VISAMOS

A - Não visamos apenas um fim, mas o melhor que se possa visar  
e um dos mais altos que se tem visado na História da  
Igreja

B - No aspecto negativo esse fim é a eliminação tão radical  
quanto possível da Revolução.

C - Algumas ponderações preliminares

a - Porque não, de vez, o mais alto?

b - a difusão do Evangelho, p.ex., teve  
características de nobreza muito mais altas.

c - Excessão feita a coisas desse porte, não houve fim  
mais alto que o nosso

d - Dizemos "eliminação tão radical quanto possível"  
porque, havendo demônio, haverá Revolução

c - É assim num de auge de totalidade, de nobreza, de intransigência, de importância, que se situa nossa

vocação

2 - A REVOLUÇÃO É O AUGUE DO MAL PORQUE ELA É A HERESIA TOTAL, A NEGAÇÃO TOTAL DA MORAL, E A SUMA DESORDEM

A - A Revolução é o auge do mal

B - A Revolução é a heresia total

a - Porque, sendo panteísta, ela é a mais radical forma de negação de um Deus pessoal. Resumo do que é panteísmo.

b - o budismo, panteísta na sua essência, visa a aniquilação da individualidade como meio de voltar ao caos primitivo

c - O evolucionismo, a civilização industrial e a arte moderna, enquanto favorecendo a padronização e a depersonalização, caminham nessa linha

d - o tipo humano daí resultante não é o do bandido clássico que odeia a Deus -- como Raul de Cambay --, mas o do monge budista em que todos os limites do eu estão abatidos

e - essa é a mais completa negação de um Deus pessoal, de toda civilização, cultura, beleza, a sentina para onde convergem toda as possibilidades de impiedade.

D - A Revolução é a negação total da moral, a suma imoralidade

a - Um Raul de Cambay é menos imoral que um daqueles monges budistas que perdem o próprio instinto de conservação

b - como também o são Nogaret e Guillaume de Plaisance, que esbofetearam Bonifácio VIII em Agnani

E - A Revolução é a suma desordem

a - Porque a ordem espiritual decorrente dessa impostação é a maior possível, a aniquilação de toda ordem

b - E não se pode imaginar outro adversário pior do que o que estamos combatendo.

### 3 - ESSE AUGE DE MAL ATINGIU UM AUGE DE UNIVERSALIDADE

A - Porque, pelo caráter universal da Revolução, ela atinge a Humanidade inteira.

B - Portanto, não é só a ala má, mas a Humanidade inteira que está sendo arrastada

C - E a Revolução entrou até no Santuário. Vaticano II

D - E está a ponto de criar uma situação à qual ninguém resista. Chegou, portanto, a um auge de iminência

a - as reformas do Concílio e a tentativa de reconciliação dos russos com o Ocidente, passo enorme para a bolchevização do mundo, mostram essa iminência

### 4 - SE A REVOLUÇÃO É UM AUGE DE NEGAÇÃO, NÓS SOMOS UM AUGE DE TOTALIDADE

A - Um auge de maldade, um auge de universalidade, um auge de iminência.

B - O auge de bem, de grandeza, de importância, de santidade do apostolado e da luta que nós empreendemos.

5 - COMO A REVOLUÇÃO, ARTRAVÉS DO CONHECIMENTO DA  
OPINIÃO PÚBLICA, EST LEVANDO O MUNDO, COMO UM TODO,  
PARA O MAL...

A - A Revolução considera a sociedade humana como uma  
sociedade de almas formando uma opinião  
coletiva, admitida como certa, e que, sobre elas exerce efeitos tirânicos

a - A imensa maioria se deixa subjugar pela Opinião  
Pública

b - Porque ela sanciona com o ódio os que dela  
divergem

B - A Contra Revolução, para conduzir a sociedade humana para  
o bem, tem que usar também a "arte real"

a - Esse processo de condução da opinião pública é  
passível de ser reduzido a regras. A "arte real".

b - Ela permite a um grupo pequeno dirigir a opinião  
pública, que tem movimentos de alma como de um  
indivíduo, mas em anos ou séculos.

C - "Fazemos apostolado individual?" Só para obter elementos  
necessários para nossa ação

a - Assim, um Grupo na Guiana, não teria por  
finalidade a criação de outros grupinhos no país,  
mas de agir sobre a opinião pública

D - Essa é uma sócio-psicologia cujas leis auxiliam a  
suspender e anular um processo e iniciar outro diferente

E - Desde que a Revolução inventou esse processo diabólico,  
temos que utilizar o mesmo meio para conduzirmos nós a  
opinião pública

F - Isso significa um auge no estilo de combate, de pontaria  
certeira, de eficácia, de velocidade, e incisão na ação

G - Que nos diferencia fundamentalmente dos que nos têm precedido...

a - Houve, antes de nós, gente que obrou coisas maravilhosas, e de quem não somos dignos de desatar as sandálias

b - A obra de conduzir a opinião pública, entretanto, não foi pedida a fortes, mas concedida a fracos que devem ser tratados com a misericórdia dos fracos porque são um epílogo

H - A maioria dos que nos precederam concebiam o apostolado como o atuar nas almas individualmente consideradas

a - Mesmo Cluny e a Companhia de Jesus, que faziam algo do que fazemos, visavam o apostolado individual

b - A Idade Média nasceu assim: os beneditinos fizeram apostolado com as pessoas, e estas influíram na sociedade temporal

c - esse apostolado continua indispensável; mas, desde que a Revolução fez o que fez, devemos agir também como ela age

d - o que representa em relação ao anterior um progresso como o do avião em relação ao carro de boi, permitindo-nos compreender porque e no que somos diferentes, e o valor dessa diferença

I - E arquitetonicamente fazendo de nosso auge a humilhação do demônio

a - Seria impossível a um pequeno grupo, sem o Grand Retour , atingir o demônio num ponto vulnerável se não fosse através da arte real

b - Nós, uma liquidação de época, uma capengada, um fim de linha da Cristandade do ponto de vista psíquico e mental, somos o calcanhar que recebe o impulso da Virgem para esmagar a cabeça do demônio

c - Nós que somos o auge do último, pisamos assim o auge da eficácia

d - E assim participamos do que há de auge n'Ela.  
Nesse sentido somos um auge dos auges

J - Para o aprofundamento da vocação e a consequente riqueza da ação

a - o aprofundamento no conhecimento e no amor à  
Vocação importarão no aprofundamento do  
modo mais excelente da ação, que ganha em riqueza  
substancial

## II - ASPECTO POSITIVO DO NOSSO FIM: IMPLANTAR O REINO DE MARIA

Nós visamos a organização do mundo inteiro com base nos princípios contra-revolucionários até as suas últimas consequências. Ou seja, uma super Idade Média.

### 1 - VISAMOS A ORGANIZAÇÃO DO MUNDO INTEIRO, COM BASE NOS PRINCÍPIOS

#### CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS LEVADO ÀS SUAS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS

A - Para isso, partir de uma base mais radicalmente ela própria, do que o auge que a Idade Média atingiu em seu apogeu.

a - Algo portanto que esteja para a Idade Média como para ela está o que foi de Constantino até seu início.

b -Portanto até o último fim e radicalidade concebíveis de todos os princípios contrarrevolucionários. O auge assim é nosso clima próprio.

B - Esta super Idade Média será o último auge possível do bem antes dos tempos que precederão o fim do mundo. Portanto, o Reino de Maria.

a - todo ato de virtude ou de maldade quando praticados, provocam na História um duplo movimento: tudo é corrigível, tudo é irreversível

b — tudo é corrigível na linha da reparação; mas tudo é irreversível porque, um ato, uma vez feito, não pode ser mais recolhido

c — onde houve um mal, ou há uma superação de bem maior, ou a ordem e a justiça não se restabelecem.

d — exemplo da contrição de S. Pedro: ou esta era maior que a negação, ou ele cairia outra vez.

e - Portanto, uma vez cometido o pecado de Revolução, é preciso que, nos pontos em que o foi, haja uma força e um vigor muito maiores na linha do bem.

Por isso o Reino de Maria tem que ser muito mais do que a simples continuação da Idade Média.

f - assim como um osso se torna mais forte no lugar partido

1 - Nós teremos que ser melhores do que a Idade Média;

2 - Como isto aqui é tão ruim que pior só vai ser o pecado do fim do mundo, a virtude

que vai vencer isto tem que ser uma  
virtude tão grande que maior do que ela só  
a virtude dos homens que viverem nos dias  
do Anti-Cristo.

g - Depois da negação da Revolução, só temos uma  
reparação possível: chegar ao último auge, à  
última perfeição, à ordem perfeita, ao Reino de  
Maria

h - Isso não sucederá porque queremos. Mas queremos  
porque isso é que tem que ser feito por uma  
exigência da História.

i - Desses soldados de Nossa Senhora poder-se-á mais  
propriamente dizer: "nunca tantos deveram tanto a  
tão poucos"

## 2 - LOGO, NÓS SOMOS OS APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS

A - Na linha do profeta Elias, o último fiel, para as últimas  
fidelidades

B - Crescendo a Igreja sempre em fidelidade, a dos  
últimos fiéis seria tão grande que eles seriam  
dispensados da morte.

C - E aí aparecerá o Profeta Elias, tão grande em  
virtude quanto o Anti-Cristo o será no vício

D - Em certo sentido maior mesmo que S. José, S. João Batista,  
S. Pedro etc., pois foi precursor deles na devoção a Nossa  
Senhora, e Seu predileto antes mesmo de Ela nascer

E - O fiel por excelência, para a hora das últimas  
fidelidades

## 3 - PARA DAR GLÓRIA A DEUS (PRIMEIRO MANDAMENTO)

A - Se o valor de uma só alma é um bem inapreciável, que se dirá do trabalho que vise orientar a Opinião Pública, que tem tanta influência na salvação das almas?

B - Porém, mais do que a salvação das almas, queremos a maior glória de Deus. E não entende a Contra-Revolução quem pensa o contrário.

C - "Glória de Deus" aqui é aquela forma de amor por onde é absolutamente preciso que tudo o que Ele criou se assemelhe a Ele

D - Há, portanto, um requinte de auge no levar, por amor à glória de Deus, a arquitetura das criaturas a dar-Lhe glória

#### 4 - E COMANDAR OS SÉCULOS FUTUROS

POIS O MUNDO SER NOS PRÓXIMOS SÉCULOS O QUE FORMOS NESTE

5 - NUMA HORA EM QUE, NÃO PODENDO CRUCIFICAR NOVAMENTE NOSSO SENHOR, ATENTAM CONTRA A SANTA IGREJA PROCURANDO DAR A IDÉIA DE QUE ELA MORRERU

A - como a Igreja não é mortal, procuram adotar uma linguagem e uma legislação que dêem a impressão de que Ela está ensinando o erro e recomendando o mal

B - Crime hediondo como o de destronar uma rainha e maqueá-la como mulher perdida

C - Com a agravante de que o pior está sendo praticado pela traição eclesiástica

D - Com a indiferença dos que não participam do crime

E - Enquanto que, na ordem temporal, a traição é também cometida pelas cúpulas podres

F - É uma renovação da Paixão diante da qual a vidinha de todos os dias perde toda sua importância, pois o senso do trágico permanente deve se tornar uma característica permanente do nosso espírito

G - Isso supõe a vitória sobre nosso próprio egoísmo

H - Pois minha vida foi confiscada por Ele

I - O que se diria de um católico que estivesse assistindo a Paixão e quisesse ter um pouco de esparecimento antes do "consumatum est"? Só se responderia com uma bofetada!

J - Por isso, até enquanto dormimos devemos ter este fundo de quadro presente

### III - TRAÇOS E DEVOÇÕES CARACTERÍSTICAS DE NOSSO ESPÍRITO

#### 1 - OS NOSSOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS

A - Tendo a Deus como base, uma noção do bem e do mal, da verdade e do erro levadas até seu ponto último

B - Em tudo, desejo das últimas consequências

C - Com perspicácia, intransigência, iniciativa na luta e pugnacidade

a - Perspicácia combativa, intransigência meticulosa e dinâmica

b - diante do que a *chacunnière* é a abominação que intoxica e paraliza

D - Amor ao sublime

a - desde a vida espiritual ao formato das vassouras

b - Sublime: grau de beleza que tem proporção com Deus

c - E quanto mais sublimidade se tenha na terra, tanto maior será a manifestação possível de Deus

d — O contínuo amor ao sublime é o oposto da apetência da Revolução pelo horrendo

e - A santidade é a única forma plena de sublimidade, na qual todas as outras se sustentam

f - Quanto mais se tenha no Grupo um ambiente de apetência do sublime tanto mais se terá todo o resto

g - Quanto mais se tiver um ambiente contrário ao sublime, tanto mais tudo ficará mais difícil

h - É preciso, entretanto, de vez em quando descansar-se do sublime, porque ele não tem proporção com o homem

i - Mas é preciso que esse descanso seja tal que, quando se volte ao sublime, se volte com mais apetência; e que o repouso nunca seja no que me afaste dele

#### E - Sacralidade

a - Sacralidade maior: convicção do predomínio das coisas propriamente sagradas sobre as profanas

b - Sacralidade menor: a relação que há nas coisas profanas, entre as que são, a seu modo, mais sacrais, com as que o são menos

c - Sacralidade natural ativa, e natural passiva

d - A sacralidade ativa é a do superior, enquanto reconhecida pelo inferior

e - A passiva é a do inferior enquanto visto pelo superior

f - Há necessariamente uma relação sagrada entre patrão e empregado, ainda que um ou ambos sejam péssimos

g - A sacralidade minor ativa e passiva, observadas num reino, dá-lhe um sentido aristocrático-monárquico, com uma nota colegiada

h - Quando a sacralidade minor rompe com a maior, ela se destrói a si mesma

i - A sacralidade minor ativa, quando age de modo grave e irremediável contra suas finalidades, se destrói em relação à sacralidade passiva,

j - ainda uma incógnita: o que acontece quando a Sacralidade Maior se volta contra seu próprio fim?

F - Princípio de subsidiariedade

G - Simbolismo

a - Tudo, no universo, de um modo ou doutro, é símbolo de Deus. E é nesta simbologia que nos exercitamos na prática do amor de Deus

b - Fruto dessa posição é o homem que vive habitualmente considerando as coisas segundo seus símbolos e enquanto conformes ou não a Deus

c - Exemplo: o simbolismo que há no velho sininho do Kremilin que anunciava o nascimento do primogênito do Tzar, ponto de partida para o carrilhonar dos sinos da Rússia inteira

d - exprime uma realidade espiritual mais profunda, que tem um sentido divino, que nos enche de alegria e que causa ódio ao demo-cristão

e - São regras metafísicas profundas, que indicam as propriedades intrínsecas do ser, que têm seu fundamento na essência divina

f - símbolo do presente que obedece à continuidade histórica, e da matéria obedecendo ao espírito.

Sala do Reino de Maria: tentativa de constituição de um ambiente simbólico

H - Caráter sapiencial negativista destes traços: o conhecer o bem pelo seu contraste com o mal

I - Conclusão prática: nesta terra, as coisas negativas são indispensáveis para compreendermos a verdade e o bem

a - daí nosso grande livro ser a Revolução. Para conhecer a Contra-Revolução, é necessário entender-se a Revolução.

b - assim como o Dogma católico cresce à custa das heresias. Cada heresia provoca a definição de mais um dogma

## 2 - AS NOSSAS DEVOÇÕES

A - Devoção a Nossa Senhora, à Paixão de Nosso Senhor, e à Sabedoria

B - Devoção entranhada à Santa Igreja, e sem nome ao Santíssimo Sacramento

## 3 - FLASH RESUMITIVO DO QUE FOI DITO: A FIGURA DA RAINHA DESTRONADA

A - Se considerarmos Nossa Senhora como verdadeira Rainha do Universo, não de modo simbólico, mas por disposição de Deus...

B - Que Seu reinado se realiza na medida em que as almas se conformarem com o que Ela quer...

C - Podemos dizer que, na imensíssima maioria das pessoas, Ela só tem restos de influência

D - Isso justifica a metáfora da "Rainha Destronada".

E - Ainda agora, se o clero e o que resta da nobreza, fossem santos, a Revolução morreria neste minuto

F - E nessa hora Nossa Senhora olha para nós a chorar. Que resposta daremos a esse olhar?

G - Ficarei pensando na minha chacunnière ?

H - Eu, quem sou? "O homem a quem Nossa Senhora olhou". O resto não interessa. Terá Ela olhado em vão?

I - "Isso é uma pressão tremenda!" Sim, mas cheia de benignidade, de perdão e de afago materno

J - Mas que recompensa no Céu: através dos olhos d'Ela, participar da Visão Beatífica que Ela mesma

tem!

K - "Este é o homem a quem Nossa Senhora olhou na hora do Seu abandono e que Lhe respondeu sim!"

L - Esse olhar confisca totalmente. Mas é um confisco com justa indenização

M - A chacunnière é um roubo, uma felonía, a traição.

«PT5»

PARTE SEGUNDA

ESTAMOS PROPORCIONADOS

A ESSE FIM?

«PT2»

I - A DEBILIDADE DA REVOLUÇÃO

1 - DE SI, TANTO A REVOLUÇÃO QUANTO A CONTRA-REVOLUÇÃO SÃO FRACAS. ELAS DEPENDEM DE UM ATO DE VONTADE DO HOMEM.

A - A debilidade intrínseca da Revolução e da Contra-Revolução

a - ± partir do momento em que o homem medieval fechou sua alma para as virtudes da castidade e da

de humildade, não houve instituição que mantivesse pé a Idade Média.

b - Uma disposição de alma que muda, pode mudar toda uma estrutura histórica. A Revolução não pode

resistir a fatores naturais, nem sobretudo a sobrenaturais

c - exemplo: a queda do império de Napoleão

B - Em concreto, a Revolução está hoje fracassada. Mostra-o o desastre do comunismo na conquista da opinião pública.

a - Teoricamente falando, o marxismo teve tudo para alcançar êxito

b - Entretanto, há cem anos os comunistas realizam eleições no mundo, e a resposta às suas doutrinas tem sido negativa. Não ganharam nenhuma eleição livre

c - Isso quer dizer que eles não dominaram a Opinião Pública

d - Não há então contradição em se afirmar que a Revolução é um fenômeno avassalador? Não. A

Revolução tem um domínio muito grande no mundo, mas não alcançou tudo o que queria, e enfrenta resistências

e - Não conseguindo entrar pela porta régia, ela tem que entrar pela porta dos fundos: violência,

que astúcia, baldeações ideológicas; o que mostra enfrenta resistências

f - se a Revolução está a pique de ganhar, é pelo que ela conseguiu nas cúpulas, não nas massas

C - A Revolução, ou não corre e perde as cúpulas; ou corre e perde as bases

a - todo movimento de homens tem uma elite interna que constitui sua força propulsora, que lhe dá dinamismo.

b - essa elite da Revolução caminhou muito mais do que o corpo. Entretanto, por sua própria natureza, se ela for freada, o movimento morre. Por outro lado, se não o é, se cristaliza e mata a Revolução

c - daí uma espécie de contradição interna na Revolução que é muito favorável às nossas técnicas

d - é a velha metáfora da cobra cuja cabeça está se separando da cauda. Exemplos

D - Hoje a Revolução, com cúpulas podres eclesiásticas, conta com ocasião incomparável de levar a Igreja a um erro tático tremendo

## 2 -RESPOSTA A UMA OBJEÇÃO

A - Uma vez que os fatores decisivos na luta R-CR são de ordem sobrenatural, não é melhor, em vez de ficar medindo o poder do adversário nos fatores naturais, confiar de vez na Providência?

a - Resposta: temos graça suficiente para confiar, na proporção do perigo que enfrentamos, e não maiores que eles

b - é de boa lei reduzir o perigo às suas devidas proporções, e, no que for maior que nossas forças, confiar. Aí entra Nossa Senhora

## II - PORQUE SOMOS FORTES

## 1 - ALIANÇA ESPECIAL DE NOSSA SENHORA COM O GRUPO

A - Essa aliança é tal, que a pessoa, para apostatar, tem que fazer força. Nossa Senhora a segura pelos cabelos. A

"Teologia do Sabugo":

a - o sabugo, que tem tudo para sair, fica preso ao Grupo pelo homoplata

b - ele tem estabilidade impressionante, e ainda presta serviços. Conserva-se inclinado a 10° do solo, seguro por um Anjo

c - sua presença é uma das mais admiráveis manifestações da aliança de Nossa Senhora com o Grupo

B - Essa aliança é a nossa grande força, nossa grande arma

## 2 - TÉCNICAS RCR + MAQUININHA + OCASIÃO + HORA DA PROVIDÊNCIA = VITÓRIA

A - Técnicas RCR

a - o domínio do demônio e da Revolução se dá por técnicas de Opinião Pública. Nossa Senhora nos deu o conhecimento dessa técnica. A R-CR

b - nossa técnica consiste em apontar o lado fraco da Revolução onde ela corre demais, e provocar cristalizações pelo susto.

c - o "Em Defesa" = "Católicos heresias-brancas: uma heresia está arrebrandando dentro da Igreja!"

d - RAQC = "Proprietários: Cuidado com o socialismo e o comunismo que estão chegando!"

e - "Bucko", "Diálogo" etc. o que são? Fundo de nossa tática:

1 - desmascarar o jogo e fazer parar a marcha

2 - revelar sempre apresentando uma questão de consciência

3 - isso sempre com um pressuposto: dar um caráter religioso, nunca laico.

4 - porque a única coisa que tem vida é a Igreja Católica

#### B - "Maquininha"

a - o que é a "maquininha": pequenos grupos que, explorando algumas relações e utilizando as técnicas RCR, causam muito dano ao

adversário

b - maquininha bem equipadinha, cujos resultados nos causam espanto a nós mesmos

c - embora não tenha feito senão um milionésimo do que queria, só é uma potência na medida em que uma mosca que saiba atrapalhar o é

#### C - Ocasão

#### D - Hora da Providência

a - necessidade + impossibilidade = hora da Providência

b - Deus deixa muitas vezes tudo ruir antes de intervir para mostrar que a vitória é d'Ele

c - depois do Vaticano II, tudo ruiu. Então a hora d'Ele intervir chegou

E - Daí a fórmula: técnicas RCR + maquininha + ocasião + hora da Providência = Vitória

a - essa conjunção de fatores nos possibilita um sucesso que humanamente falando não teríamos.

b - à exemplo de Santa Teresa: "três ducados + Teresa + Deus = um Carmelo fundado"

### III - O RESTO QUE VOLTAR

#### 1 - TEORIA GERAL

A - Introdução : uma teoria que corrobora o que foi dito

a - quando o bem está na iminência de ser esmagado totalmente, é que ele ressurge. Teoria do "resto".

b - mais ou menos enunciada na RCR, nasceu da observação histórica recebendo depois confirmação teológica

B - Essa teoria na Sagrada Escritura:

a - as várias decadências da Humanidade, e o ressurgimento dos restos que permanecem fiéis

b - Nosso Senhor Jesus Cristo: o "resto" da Casa de David

#### 2 - A NOSSA TEORIA

A - Na luta entre os filhos da Virgem e os da Serpente, depois de um embate, um lado sempre reduz o outro a um resto

B - Por isso a violência da Bagarre será maior que as anteriores: o Anti-Cristo mata Elias, e o "resto", Nosso Senhor, destrói definitivamente o Mal

C - Exemplos de "restos": o povo judeu

D - No auge do ressurgir do poder deles, começamos a surgir nós. Nós somos o "resto", a "continuidade" do quê?

#### 3 - NÓS SOMOS CONTINUIDADE DE UMA GRAÇA

A - Há uma continuidade que está nas intenções de Deus.

Consiste num certo gênero de graças que Ele quer dar em épocas diversas, e que não supõem necessariamente continuidade histórica nem de pessoas

B - Segunda continuidade: de pessoas e de ação divina, em que a graça é dada, através de longa sucessão, a um para que a

transmita a outro. Ex.: S. Luís G. Montfort e os  
ultramontanos do século passado

C - Terceira continuidade: a de instituições que vão  
recebendo, ao longo dos séculos, missões mais  
ricas, até chegar um momento culminante da História

D - Nós somos continuadores dessas três formas de continuidade.  
Demonstração.

a - desde que o homem soube dos planos da Encarnação,  
soube que o sentido mais denso da História ia  
começar. O Profeta Elias foi um desses; assim, foi  
o primeiro devoto de Nossa Senhora

b - vieram depois S. João Batista, São João  
Evangelista etc., até S. Luís Maria Grignon de  
Montfort, que foi o mais alto expoente da devoção  
mariana

c - nós somos continuadores dessa graça de implantar o  
Reino de Maria, que tem seu nascedouro em Santo  
Elias, chega a um apogeu em S. Luís Grignon, e  
que terá seu ápice novamente em Elias, na batalha  
contra o Anti-Cristo.

d - esse filão de pessoas teria tido uma conexão  
histórica? Parece que sim. O espírito de Elias  
comunicado a Eliseu

e - os essênios teriam sido continuadores de Elias e  
teriam dado na Ordem do Carmo

f - por esse lado haveria uma continuidade de Santo  
Elias à Ordem do Carmo, com teólogos sustentando  
de quando em vez a teoria de S. Luís G. de  
Montfort

g - em que aquele imponderável quase secreto da  
devoção a Nossa Senhora de que fala S.

Luís G.,

leva à idéia de um espírito por excelência que chegou até nós, numa concatenação que se toca como que pela ponta dos dedos.

h - isso daria sentido à nossa pertencença à Ordem Terceira e ao empenho que o demônio tem em dela nos fazer sair

i - são das tais verossimilhanças que são tão, tão verossímeis, que acabam servindo de demonstração.

j - Pergunta: "O Sr. dá a isso o caráter de verdade inteiramente demonstrada"? Resposta: de hipótese tão sumamente provável, que negá-la seria absurdo

k - nossa graça é desse porte; por mais que sejamos capengas e pouco generosos, estamos na linha das graças e das pessoas

4 - SE, DO PONTO DE VISTA DOUTRINARIO, NÃO ACRESCEMOS  
NADA AO MOVIMENTO  
MAIORLÓGICO, DO PONTO DE VISTA INIMITITIAS PONAM  
ACRESCEMOS MUITO

A - Papel da RCR e do MNF nessa batalha

B - Que é uma continuidade histórica

a - as nações americanas são uma continuidade da Europa medieval, que, por sua vez, são uma continuação da Civilização Cristã

b - porque a história do Brasil começa assim "houve uma vez Portugal"; e a deste país: "houve uma vez um Constantino, um Carlos Magno..."

c - qualquer coisa que não for isso, é nacionalismo  
besta

C - A aristocracia rural brasileira era continuidade histórica da nobreza portuguesa, como o Império do Brasil o era do reino de Portugal

a - assim, somos, por descendência de sangue e continuidade de missão histórica, os descendentes dos Cruzados que expulsaram os mouros de Portugal. Essa é a nossa honra

b - "E foi numa casa dessa aristocracia que colhi essas doutrinas em estado vivo"

c - importância, para essa continuidade, da presença dos Príncipes, filhos de S. Luís e do Beato Nun'Alvares, entre nós

d - e os filhos do povo que nos acompanham, são filhos da imigração católica, da Cristandade de várias eras

D - Somos restos reunidos por Nossa Senhora. Somos bem a raça da Virgem que luta contra a Serpente

E - Logo, nós somos este resto que voltará por uma impulsão incontenível da graça para atuar na Bagarre e Grand Retour

F - E a praticabilidade da obra que temos diante de nós está no fato de que tudo será feito pelo próprio Deus

G - Se bem que nosso Estandarte será o ponto de aglutinação dos que querem instaurar o Reino de Maria, isso será obra de uma ação especial da graça tocando as almas dentro e fora da TFP para que atinjam a santidade necessária

## 5 - GRAND RETOUR E BAGARRE

A - O que entendemos por Bagarre

a - Bagarre : a grande destruição da obra da Revolução

b - provavelmente com uma intervenção sensível e oficial de demônios, com efeitos misteriosos e imprevisíveis

c - muita gente se arrependerá e se salvará antes de morrer

B - Grand Retour : grande retorno dos que restarem às vias do ultramontanismo

a - muitos dos que restarem se converterão seriamente ao ultramontanismo. É o que chamamos Grand Retour

b - com isso a propulsão da história passará para as mãos dos ultramontanos que organizarão o Reino de Maria e darão origem aos Últimos Tempos

C - Últimos Tempos e Apóstolos dos Últimos Tempos

a - é a última era anterior ao fim do mundo, de que fala S. Luís G. de Montfort, em que a vida da Igreja e dos Estados estará em mãos dos Apóstolos dos Últimos Tempos. É o Reino de Maria

b - em que o principium vitae desse período deverá vir desses Apóstolos assim como na Idade Média vinha de Cluny

c - a duração do Reino de Maria dependerá de o Papado e Império se deixarem influenciar pelos Apóstolos dos Últimos Tempos, e da fidelidade destes à sua

missão

d - quando estes decaírem, a maldade será tão grande que atingirá um climax. Virá então o fim do mundo

e - como corruptio optimi, pessima , somente os

poderão Apóstolos dos Últimos Tempos infiéis derrubar o edifício que virá

f - os últimos que permanecerem fiéis serão  
continuação da raça espiritual de Elias que, pelo  
muito sofrimento, não passarão pela morte mas  
serão glorificados em vida e levados para o Céu

g - embora hipótese, são aplicações de dados de bom  
senso e de fé a realidade futuríveis, e isso é tão  
arquitetônico, que é provável que seja assim

D - Se somos o resto que permanece em meio à Revolução, somos  
o resto que voltará. Se somos o resto que voltará, somos o  
começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Se somos  
Apóstolos dos Últimos Tempos, somos o principium  
vitae do Reino de Maria

#### IV - PARTE BIOGRFICA, ILUSTRATIVA DA TEORIA DADA

##### 1 - O MODO COMO AS IDÉIAS DO FUNDADOR SE FORMARAM E DEPOIS SE COMUNICARAM AOS SEGUIDORES ± MANEIRA DE CONTINUIDADE

A - Nascido da conjunção de duas famílias semi-contra-  
revolucionárias, recebeu uma herança religiosa e  
monárquico-liberal, não comuns, mas não ultramontana

B - No colégio, primeiro contacto com a Revolução através de  
meninos de famílias mais avançadas no processo  
revolucionário

a - por um fenômeno de gerações, esses filhos eram  
muito mais avançados que os próprios pais

b - todo centro visto de um extremo se parece com o  
outro. Assim sua família, vista em contraste com  
os meninos, parecia ainda mais conservadora

c - daí o ver nela uma série de valores de que era  
inconscientemente portadora, e criando uma

colégio cristalização contra o ambiente do

d - uma das primeiras coisas que notou foi uma  
homogeneidade entre a impureza, a trivialidade  
e a malandragem

e - perseguição até na rua quando morre o tio,  
apresentado como grande inimigo da Religião

f - a alternativa entre a molecagem e a não molecagem,  
entre a que lhe parecia ser a Cidade de Deus e a  
que era para ele a Cidade do demônio. Os  
rudimentos da RCR

g - o hábito das longas divagações e das leituras para  
explicar o fundo do que era "seu caso"

C - de onde começar a perceber a traição de sua família  
àqueles ideais e a nela perder, com excessão da mãe, a fé,  
restando-lhe só a verdadeira Cidade de Deus, a Santa  
Igreja Católica

a - a Ela, como fonte de energia e vida, transferiu  
todo seu amor, confiança, entusiasmo,  
centralizando isso na veneração ao clero

b - com a defecção do clero, restou-lhe a Santa  
Igreja traída, abandonada, perseguida.

2 - AO LONGO DESSE TRABALHO IDEOLÓGICO, NASCEU A  
RCR E A TFP, POIS SUAS IDÉIAS SE TRANSFERIRAM AOS  
DISCÔPULOS

A - Nossa ideologia não é senão o legado doutrinário da  
Civilização Cristã no qual foram desencavadas  
as verdades esquecidas.

tecido B - Não como doutrina nova, mas como alguém que toma um já começado e continua a tecê-lo

C - Por isso, nosso apostolado é o de "eco", o de quem, como discípulos da Sagrada Hierarquia, pega a doutrina do passado e a repete, ampliando-lhe o som. Na ordem ideológica, é a suprema fidelidade

«PT5»PARTE TERCEIRA

QUEM SOMOS NÓS

ENQUANTO GRUPO

«PT2»

I - NÓS SOMOS UM GRUPO PROFÉTICO

1 - NOSSO GRUPO É UM GRUPO PROFÉTICO

A - Conversa com D. Mayer.

a - Objeção: "na atual situação anormal da Igreja, compreende-se a existência da TFP. Mas, depois da Bagarre, com uma Hierarquia que cumpra sua missão, ela não terá mais razões de ser";

b - Resposta, 1: o Grupo sempre pertencerá à Igreja discente como discípulo e súdito, como também o será da classe social dirigente surgida no Reino de Maria;

c - 2: terá, entretanto, a missão de enunciar, a título de opinião privada, a doutrina verdadeira e a falsa em matéria de Revolução, e os rumos a serem seguidos para se combater a doutrina falsa e modelar o espírito da Humanidade no sentido contra-revolucionário

d - 3: Um Papa pode não seguir isto, mas aí dele,  
porque suas mãos ficarão maculadas com o crime da  
derrubada do Reino de Maria.

e - "Essa era a posição dos profetas no Antigo  
Testamento. Não eram forçosamente reis nem  
sacerdotes, mas sua missão era a de, sem  
jurisdição, guiar os reis e  
sacerdotes exprimindo- lhes a vontade divina";

f - "Prever o futuro é uma tarefa secundária do  
Profeta. Sua missão principal é a de conhecer as  
vias de Deus e indicá-las ao povo eleito".

g - Isso está bem para o Antigo Testamento. Mas vale  
ainda para o Novo?

h - "Isso é inteiramente ortodoxo, e pode existir  
assim no Novo Testamento".

i - Esta é a idéia do que é que o Grupo julga ser

B - Provam-nos as nossas obras...

a - O caráter profético da R-CR

b - sendo da R-CR, também o é de seu autor, e, por  
participação, daqueles para quem o livro foi  
escrito

c - o profetismo, visto assim, é um carisma que não  
foi privilégio apenas da Sinagoga, mas que  
continuou na Igreja

C - ... E a nossa vida

a - a pré-história do Grupo mostra que a Providência,  
apesar de longos períodos de aparente abandono,  
lhe fornecia dados e elementos que foram  
constituindo a possibilidade de ser, em

determinada hora, um grupo  
carismático

b - permitiu depois longa prova de desinteresse  
pessoal e de confiança levada ao verdadeiro  
absurdo, o que caracteriza o  
profeta. Ele tem que ser mártir de sua própria missão

D - É o que o momento histórico exige

a - houve algo a dizer ao mundo sobre seu pecado que  
nem Fátima, nem os documentos pontifícios, nem  
grandes Santos previram, e cuja plenitude deveria  
ser predita por nós

b - A Providência permitiu esse silêncio porque queria  
exatamente que o profetismo aparecesse, levando  
adiante uma ação que recolhe em si todas as graças

de Fátima

c - Portanto, nos foi dada uma missão nova, profética,  
extra-oficial mas que os homens têm que tomar em  
consideração

d - só se compreende que a Providência possa ter  
abandonado a Igreja ao ponto em que abandonou  
desde que tivesse instituído o profetismo. Do  
contrário Ela teria desertado da Igreja

e - se nem ele permanecesse de pé, o que sobrava? Se  
não existíssemos seria o caso de procurar algo  
como nós. Procurem! Não existe.

f - se tudo nos foi dado para preencher  
inteiramente essa missão, por que esperar  
venha um outro?  
que

g - vasculhamos o mundo inteiro e não encontramos  
ninguém

h - todos os que estão unidos a essa Causa, são  
chamados a participar dessa confiança  
das gentes

E - É o que a harmonia da história pede

a - as harmonias da História pedem que Deus tenha  
instituído profetas da causa da alienação.

b - a próxima guerra será de profeta contra profeta,  
de anjos contra demônios

F - E corroboram-no a nossa ortodoxia, o nosso discernimento  
da situação, a nossa missão de guiar, e o nosso  
discernimento dos espíritos

a - o carisma de nosso profetismo não é o da profecia  
oficial, e vale como as visões particulares em  
relação às revelações oficiais

b - um aspecto desse profetismo é a ortodoxia; outro,  
a clareza

c - essa graça da ortodoxia existe para guiar em face  
da Revolução

d - dela resultam a segurança de doutrina, de previsão  
e de ação

e - onde o carisma do profetismo se manifesta mais  
claramente é no discernimento dos espíritos

**2 - NOSSO PROFETISMO TEM A MISSÃO DE REPRESENTAR A  
GRANDEZA**

A - Com a Revolução gnóstica e igualitária, o que o demônio  
mais quer negar no mundo é toda forma de grandeza  
espiritual temporal, implorando a  
vulgaridade

a - por isso o que o mundo contemporâneo mais abomina  
e crucifica é a grandeza enquanto algo pairando  
acima de tudo, dando vida a tudo

b - de encontro à Revolução, o Profeta é o homem da  
grandeza em toda linha

B - Grandeza impessoal, sacral

C - Grandeza militante...

D - Grandeza sofredora

E - Grandeza desinteressada

a - para se fazer aceitar, bastaria ao profeta se  
colocar numa posição condescendente para com  
o mal, abaixando todas as barreiras

b - não o fazendo, ele se prega na cruz e se torna  
incompreendido até para seus mais próximos

F - Grandeza protetora

G - Grandeza incompreendida

a - todos os que amarem isto, participam desse  
profetismo

b - mas o Grupo sempre o viu como reivindicação  
estulta de superioridade pessoal

3 - NOSSO PROFETISMO TEM TAMBÉM A MISSÃO DE SER UM  
SÍMBOLO VIVO DA

SABEDORIA, DA SACRALIDADE E DA HIERARQUIA

A - Símbolo vivo da Sabedoria, da sacralidade e da hierarquia

B - Irradiação, convívio e osmose

C - Unicidade

D - Ver no profeta um profeta

E - O momento histórico exige

F - O que é o profeta?

a - é aquele que, assistido pela graça, conhece sua missão, se dirige para ela, e a graça opera a realização dessa missão por seu intermédio

b - e que reúne em si as qualidades naturais e sobrenaturais que o habilitam especialmente para fazer o que faz

c - com absoluto desapego do que está fazendo

4 - NOSSO PROFETISMO É, DE ALGUM MODO, A PRESENÇA DE NOSSA SENHORA NA IGREJA

5 - PROFETISMO E FÉ

A - A Fé foi a virtude que eu mais amei

a - quem tem fé viva, tem vida espiritual pujante

b - se aplicarmos a fé aos dados da História, conheceremos que tem que haver uma

bagarre , e nela creremos com toda alma

B - O nosso caso pessoal se reduz a um problema de fé

C - Como ter fé?

II - NOSSO PROFETISMO É A SÔNTESE DE TODO O PASSADO DA IGREJA, COM ALGUMAS NOTAS ESPECIAIS

1 - O CRESCIMENTO DA IGREJA EM GRAÇA E SANTIDADE

A - Esse crescimento apresenta aspectos e propriedades

diversos segundo suas etapas, como as belezas da alma humana em suas várias idades

B - Desse modo pode-se descrever a beleza da vida da Igreja em cada uma de suas etapas, desde as catacumbas até a última flor, que foi o Pontificado de S. Pio X

## 2 - ± VISTA DISSO, O QUE SOMOS NÓS?

A - Antes de tudo uma escola espiritual, com isso de próprio que é o admirar e amar cada fase e cada aspecto da Igreja com transportes de veneração, tendo como ponto de vista nosso a síntese

B - e como características especiais as devoções ao Santíssimo Sacramento, a Nossa Senhora e ao Papa

a - com uma nota nova de não só rezar, mas de introduzir todas as atividades possíveis na capela, na presença do Santíssimo Sacramento.

b - sempre filhos e escravos ardorosos do Papa

c - tendo as devoções ao Sagrado Coração de Jesus, Imaculado Coração de Maria e Infância espiritual como notas tônicas

## 3 - TODO CATÓLICOS, TODO APOSTÓLICOS E TODO FIÉIS, AINDA QUE NOS FAÇAM INJUSTIÇA

A - A essência do Grupo é viver da seiva da Igreja

B - Eu não quero ser outra coisa senão um varão católico

C - O ponto de concentração da fidelidade

a - fiéis até quando perseguidos

b - e fiéis não só à Hierarquia presente, mas à de todos os séculos

c - de modo que, ainda que ela se desligasse de nós, nós não nos desligaríamos dela. É o verdadeiro confisco

d - a ela só não obedecendo no caso em que nos  
mandasse trabalhar contra ela. Aí a  
fidelidade nos levará a dizer não.

e - prolongando, no silêncio, com toda fidelidade, o  
seu som, pelo "apostolado do eco"

f - num super-auge de fidelidade à Hierarquia

D - Ainda quando odiados e desprezados

a - mesmo quando recebidos com furor, precisamente por  
causa da fidelidade, sem ter um pingão de  
ressentimento

b - "Mas... tanto assim?!". Sim, e se não for assim o  
auge não foi atingido

4 - NOSSA SENHORA QUIS QUE, NUM DADO MOMENTO,  
TUDO DEPENDESSE DE UM SÕ

5 - ELE SE TORNOU, PORTANTO, UM MEDIADOR "NECESS-  
RIO"

A - A teoria da mediação

a - tudo o que se diz de Nossa Senhora pode-se dizer,  
de certo modo, da Igreja.

b - Nosso Senhor é o Medianeiro fundamental, único e  
necessário. Nossa Senhora é a nossa Medianeira  
junto a Jesus Cristo. A Santa Igreja, num sentido  
diverso, é nossa medianeira junto a Nossa Senhora

c - para o religioso, sua Ordem é uma espécie de  
medianeira junto à Igreja, e ele só se  
santifica unido a ela

B - Uma aplicação muito audaciosa

a - seguindo o mesmo raciocínio anterior, pode-se  
dizer que há uma mediação do Grupo em relação à  
Igreja e Nossa Senhora

- b - o que leva os que dele se afastam, a sentir-se desorientados
- c - é uma mediação com mil conformes, mas que, por vontade de Nossa Senhora, é necessária
- d - Se tudo isso é assim, e dado que estou continuamente pedindo a Nossa Senhora pelos membros do Grupo, podem unir-se às orações que estou fazendo por Vs. naquele momento

6 - E TEM UMA AUTORIDADE QUE PROCEDE DA CERTEZA MORAL DE QUE NÃO PECAR NO QUE SE REFERIR ± VOCAÇÃO

A - a pessoa, ao entrar para o Grupo, dá-se à sua autoridade para que ele a modele

B - A infalibilidade e a impecabilidade

- a - Infalibilidade: privilégio único e absolutamente incomunicável da Igreja
- b - a única impecabilidade que existe é a da pessoa confirmada em graça
- c - Entretanto, pode-se ter certeza moral de que certas pessoas não cometerão certos pecados. Como nossas mães matarem nossos pais

d - assim como esta "impecabilidade" minor, existe também uma inerrância minor, que é, p.ex., a de uma pessoa tão aderida à graça e tão longe do pecado de heresia, que pode-se crer que, nesta matéria, não errará; o que não vai sem carismas

e - assim, pela ortodoxia do Fundador, e por sua fidelidade a esses carismas, pode-se ter certeza moral de que não pecará nem errará no que for essencial à sua missão

f - se isso acontecesse, seria impossível deixar de produzir efeitos tenebrosamente profundos que todos perceberiam

g - procurando ser um reflexo da doutrina da Igreja, e contando com o auxílio especial da Providência, esta "inerrância" é segura, é certa de uma certeza razoável

C - A relação entre a autoridade e a mediação

a - autoridade não só de mando, mas sobretudo de influência, que aqui é a transmissão, por uma alma, de graças recebidas, a outras almas

b - esta mediação característica do Grupo, é uma rede de mediações maior-minores, feudalizantes, que constituem a pulsação de sua vida interna

7 - QUAL NOVO ELIAS, TRANSMITE A SEUS FILHOS O ESPÔRITO E A CONCENTRAÇÃO DOS CARISMAS COM OS QUAIS DOTOU-LHE A PROVIDÊNCIA

A - Quanto aos carismas

a - Os carismas, no Grupo, são transmissíveis ? P. ex., o do discernimento dos espíritos?

b - em certo sentido, sim. Prova-o o critério dos diversos Grupos na seleção de seus membros

c - e uma das condições de existência do Grupo é essa espécie de discernimento carismático dos espíritos que, por participação, nele existe de um modo difuso

d - esse discernimento poderia ser obtido diretamente, sem comunicação com o Fundador? Não. É só um membro do Grupo não andar bem em relação a ele, para começar a ratear neste ponto

e - Portanto, é realmente uma espécie de transfusão de algo que há no Fundador, pois as pessoas, antes de entrar no Grupo, não tinham isso

B - Quanto ao espírito

a - A escravidão a Nossa Senhora segundo S. Luís M.G. de Montfort não conteria um elemento misterioso da devoção a Ela, que é o ponto de partida de tudo isto?

b - que, por sua vez, teria relação com a transmissão do espírito Eliático, que é o mesmo espírito

c - pois, sendo Elias a antítese do Anti-Cristo, tendo este pré-figuras, não as teria também? Assim sendo, não haveria em nós uma pré-figura de Santo Elias?

8 - RECUSADO PELA "GERAÇÃO OCA", FOI ACEITO PELA GERAÇÃO COXA E ESTROPIADA, PARA MOSTRAR O CARTER DIVINO DA OBRA

A - Nossa vocação importa numa união total, numa fidelidade total, numa dependência total, quer dizer, num confisco

B - Minha geração recusou

C - O banquete de núpcias: convite aos capengas

D - Qual a arquitetura disso? A capengice facilita muito a aceitação, a dependência, o confisco

a - ao longo dos séculos, em virtude de uma ação profunda da Revolução A tendenciosa com projeção na A sofisticada, o tesouro dos primeiros fundamentos do pensamento foram se tornando cada vez mais tênues

b - de ténue em ténue chegou até a que chamamos  
"geração oca", porque completamente vazia de  
sentido metafísico

incapacidade c - dessorando essa geração todo o velho tesouro do  
bom senso, deu na geração nova, uma geração de  
indivíduos em estado de naufrágio, de  
quase completa

d - tendo quase desaparecido o arcabouço que dava  
sentido a tudo, essa geração  
détraquée , falida,  
comia as bolotas dos porcos

e - aí, era arquetônico que surgisse um Pregoeiro  
que fizesse a metafísica luzir aos olhos dessa  
geração, dando-lhe assim uma explicação que tudo  
concatenasse, fornecendo-lhe assim repouso para a  
alma!

f - era preciso que o Grupo fosse formado por capengas  
para que, sob os auspícios da graça e por um  
embricamento das personalidades, se completassem e  
constituíssem um todo menos capenga

g - isso torna mais compreensível e facilita o  
extraordinário ato de obediência  
que o Grupo importa. Holocausto de  
obediência a uma autoridade falível, como se fosse infalível

E - E para eles se abre a via da misericórdia

a - a via da "Infância Espiritual", de Santa  
Teresinha, a via para os capengas

b - A "Pequena Via não é exclusiva da inocência, mas  
se compreende mais facilmente na inocência do que  
na penitência

c - entretanto, é a forma de conduta da Providência em relação ao pecador arrependido e confiante

#### 9 - O QUE TERÃO CUSTADO?

A - Nossa perseverança não teria sido comprada por almas suscitadas por Nossa Senhora para escorar esta casa em perigo de cair?

B - O que mais me cansa não é o trabalho, mas o receio de não estar dando tudo o que devo

## APÊNDICE II

### DISCURSO DO CARDEAL FRANC RODÉ

#### *Sois da estirpe dos heróis e dos santos*

Calorosas palavras do Cardeal Franc Rodé a Mons. João Scognamiglio Clá Dias, na entrega da medalha “Pro Ecclesia et Pontifice”.

No momento de vos entregar a condecoração com a qual o Santo Padre quis premiar vossos méritos, vêm-me à mente as palavras de São Bernardo, no início de seu tratado *De laude novae militiae*: “Faz algum tempo que se difunde a notícia de que um novo gênero de cavalaria apareceu no mundo”. Essas palavras podem ser aplicadas ao momento presente. Com efeito, graças a Vossa Excelência, surgiu uma nova cavalaria não secular, mas religiosa, com um novo ideal de santidade e um heroico empenho pela Igreja.

Neste empreendimento, nascido em vosso nobre coração, não podemos deixar de ver uma graça particular dada à Igreja, um ato da Divina Providência em vista das necessidades do mundo de hoje.

O ideal que propondes àqueles que são vossos é o de seguir a Cristo no grande movimento dos Arautos do Evangelho, com radicalismo evangélico, “*combatendo sem trégua — como diz São Bernardo — uma dupla batalha, seja contra a carne e o sangue, seja contra os espíritos malignos do mundo invisível*”.

Obrigado, Monsenhor, por vosso nobre empenho, obrigado por vossa santa audácia, obrigado por vosso amor apaixonado pela Igreja, obrigado pelo esplêndido exemplo de vossa vida. Vós sois da estirpe dos heróis e dos santos!

#### *Testemunho sobre os Arautos*

Em declarações à TV Arautos, o Cardeal Franc Rodé referiu-se a esta Associação como “uma nova grande família religiosa que nasceu na Igreja, graças ao gênio do Monsenhor João”.

Conheci os Arautos do Evangelho inicialmente na Eslovênia, quando era Arcebispo de Liubliana, e depois, evidentemente, quando cheguei a Roma, como Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.

O que me impressionou muito foi, para começar, a personalidade do fundador e superior geral, o Mons. João Scognamiglio Clá Dias. É uma pessoa extraordinária, um carisma manifesto e, sobretudo, creio eu, um grande organizador e um homem capaz de levar atrás de si tantos jovens.

Ontem estivemos no Centro de Formação das Moças, estes dias estou aqui no Tabor, onde vivem centenas de rapazes, e vejo o entusiasmo, a alegria de ser cristãos, a alegria de pertencer à Igreja e de servir ao Reino de Cristo. Tudo isso faz parte do carisma dos Arautos do Evangelho.

Em Roma, cerca de 15 estudantes arautos estão se preparando para serem, mais tarde, professores aqui no Tabor, na Faculdade de Teologia.

Os Arautos do Evangelho representam para mim a novidade que se manifesta nos últimos anos na Igreja: um grande dinamismo apostólico, um grande amor à Igreja, uma grande fidelidade ao Papa e à Santa Sé.

Aqui não se tergiversa, aqui não há nenhuma tentação de se desviar da doutrina reta e sã da Igreja, e os Arautos do Evangelho estão provando isso todos os dias. O que me impressiona também é a disciplina. Aqui existe ordem, disciplina, vontade de trabalhar e de fazer algo por Cristo e pela Igreja.

Ademais, o que é raro no mundo de hoje, o culto da beleza na expressão mais alta e mais nobre da palavra: a Liturgia, os cantos, a orquestra, todo o comportamento dos Arautos do Evangelho é extremamente nobre, distinto, grande, belo!

Sinto-me feliz de poder dar hoje meu testemunho sobre os Arautos do Evangelho, com grande otimismo para o futuro. É uma nova grande família religiosa que nasceu na Igreja, graças ao gênio do Mons. João, e que seguramente tem um grande porvir na Igreja, para o bem do Reino de Deus.

<http://revista.arautos.org.br/RAE93-Cardeal-Franc-Rode-comemora-aprovacoes-pontificias.asp>

«PT5»INTRODUÇÃO

«PT2»

I -

## Conteúdo

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO   | 572 |
| FINALIDADE DO ESTUDO .....   | 572 |
| Montar uma visão arquitetônica da Causa .....  | 572 |
| como um joalheiro monta uma jóia a - num plano antigo ele vai ajustando pedras<br>preciosas velhas e novas, o que resulta uma jóia inteiramente nova .....             | 572 |
| B - Para o aprofundamento da vocação e a conseqüente riqueza da ação .....   | 573 |
| C - Para combater a chacunnière .....  | 573 |
| 2 - O QUE É A CHACUNNIÈRE .....  | 574 |
| A - Definição e aplicação .....  | 574 |
| B - Formas de chacunnière : vidinha extra e intra Grupo .....  | 576 |
| C - Traços característicos do espírito de chacunnière.....   | 576 |
| D - Chacunnière e Primeiro Mandamento .....  | 579 |
| 3 - APÊNDICE : PARA ROMPER O "TENDÃO MALDITO" .....  | 580 |
| A - A partir de 67 começaram a ser cada vez mais numerosos os que começaram a .....<br>compreender que não deviam viver uma vida particular, mas fazer uma doação..... | 580 |
| integral à Causa .....   | 580 |
| B - Reverso da medalha: enquanto tem sido fácil obter doações exteriores, .....  | 581 |
| quando se trata de dar o que os franceses chamam de le fin fond , algo .....   | 581 |
| treme, algo hesita, algo cambaleia .....   | 581 |
| C - Há um tendão qualquer que faltaria cortar. Esse, as pessoas não cortam .....   | 581 |
| D - Qual é esse tendão a ser cortado .....   | 582 |
| MÉTODOS E CRITERIOLOGIA  | 584 |
| 1 - SABERMOS O QUE REALMENTE SOMOS EM FUNÇÃO DA R-CR .....   | 584 |
| E DO PANORAMA HISTÓRICO EM QUE VIVEMOS.....  | 584 |
| «FL» .....   | 584 |
| A - Tendo como dados: senso católico, conhecimentos históricos, .....  | 584 |
| estudo da Crisandade, situação atual da Humanidade, .....  | 584 |
| raciocínio e conclusões .....  | 584 |
| B - E os flashes, explicitados e reduzidos a raciocínio.....   | 584 |
| C - E "considerando-os em nossos corações .....  | 585 |
| 2 - EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM E DE NOSSA FIDELIDADE A ELE.....  | 585 |

PARTE I 586

|   |     |
|---|-----|
| O QUE SOMOS.....  | 586 |
| EM FUNÇÃO DE NOSSO FIM.....   | 586 |
| OU .....  | 586 |
| TEORIA DOS AUGES.....   | 586 |
| «PT2».....  | 586 |
| ASPECTO NEGATIVO DO NOSSO FIM: .....  | 586 |
| DESTRUIÇÃO DA REVOLUÇÃO .....   | 586 |
| SENDO A REVOLUÇÃO O AUGES DO MAL.....   | 586 |
| DEDICAR-SE ± SUA EXTINÇÃO É O MELHOR FIM DE NOSSA ÉPOCA, .....                      | 586 |
| E UM DOS MAIS ALTOS DA HISTÓRIA .....   | 586 |
| «FL» .....  | 586 |
| 1 - INTRODUÇÃO: O FIM QUE VISAMOS .....   | 586 |
| A - Não visamos apenas um fim, mas o melhor que se possa visar e um dos mais.....   | 586 |
| altos que se tem visado na História da Igreja .....                                 | 586 |
| B - No aspecto negativo esse fim é a eliminação tão radical quanto possível da..... | 587 |
| Revolução. ....   | 587 |
| C - Algumas ponderações preliminares.....   | 587 |
| 2 - A REVOLUÇÃO É O AUGES DO MAL, PORQUE ELA É A HERESIA TOTAL, .....               | 588 |
| A NEGAÇÃO TOTAL DA MORAL, E A SUMA DESORDEM .....                                   | 588 |
| A - A Revolução é o auge do mal:.....   | 588 |
| B - A Revolução é a heresia total.....  | 588 |
| D - A Revolução é a negação total da moral, a suma imoralidade.....                 | 591 |
| E - A Revolução é a suma desordem .....   | 592 |
| 3 - ESSE AUGES DE MAL ATINGIU UM AUGES DE UNIVERSALIDADE.....                       | 592 |
| A - Porque, pelo caráter universal da Revolução, ela atinge a Humanidade .....      | 592 |
| inteira. ....   | 592 |
| B - Portanto, não é só a ala má, mas a Humanidade inteira que está sendo .....      | 592 |
| arrastada .....   | 592 |
| C - E a Revolução entrou até no Santuário. Vaticano II.....                         | 593 |
| D - E está a ponto de criar uma situação à qual ninguém resista. Chegou,.....       | 593 |
| 4 - SE A REVOLUÇÃO É UM AUGES DE NEGAÇÃO, .....                                     | 593 |
| NÃO SOMOS UM AUGES DE TOTALIDADE .....  | 593 |
| A - Um auge de maldade, um auge de universalidade, um auge de iminência .....       | 593 |

|  |     |
|--|-----|
| B - O auge de bem, de grandeza, de importância, de santidade do apostolado e .....   | 594 |
| da luta que nós empreendemos. ....   | 594 |
| 5 - COMO A REVOLUÇÃO, ATRAVÉS DO CONHECIMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA, .....              | 594 |
| EST LEVANDO O MUNDO, COMO UM TODO, PARA O MAL.....                                   | 594 |
| A - A Revolução considera a sociedade humana como uma sociedade de almas.....        | 594 |
| formando uma opinião coletiva, admitida como certa, e que, sobre elas .....          | 594 |
| exerce efeitos tirânicos .....   | 594 |
| B - A Contra Revolução, para conduzir a sociedade humana para o bem, tem que.....    | 595 |
| usar também a "arte real" .....  | 595 |
| C - "Fazemos apostolado individual?" Só para obter elementos necessários para .....  | 596 |
| nossa ação .....   | 596 |
| D - Essa é uma sócio-psicologia cujas leis auxiliam a suspender e anular um .....    | 596 |
| processo e iniciar outro diferente.....  | 596 |
| E - Desde que a Revolução inventou esse processo diabólico, temos que utilizar ..... | 597 |
| o mesmo meio para conduzirmos nós a opinião pública.....                             | 597 |
| F - Isso significa um auge no estilo de combate, de pontaria certa, de.....          | 597 |
| eficiência, de velocidade, e incisão na ação.....                                    | 597 |
| G - Que nos diferencia fundamentalmente dos que nos têm precedido... ..              | 597 |
| H - A maioria dos que nos precederam concebiam o apostolado como o atuar nas .....   | 598 |
| I - E arquitetonicamente fazendo de nosso auge.....                                  | 599 |
| J - Para o aprofundamento da vocação e a conseqüente riqueza da ação.....            | 600 |
| ASPECTO POSITIVO.....  | 601 |
| DO NOSSO FIM: .....  | 601 |
| IMPLANTAR O REINO DE MARIA «PT2» .....   | 601 |
| 1 - VISAMOS A ORGANIZAÇÃO DO MUNDO COM BASE NOS PRINCÍPIOS DA RCR LEVADOS            |     |
| ±S.....  | 601 |
| ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS. ISTO É, UMA SUPER IDADE MÉDIA.....                            | 601 |
| A - Para isso, partir de uma base mais radicalmente ela própria, do que o auge ..... | 602 |
| B - Esta super Idade Média será o último auge possível do bem antes dos tempos ..... | 602 |
| que precederão o fim do mundo. Portanto, o Reino de Maria. ....                      | 602 |
| 2 - LOGO, NÓS SOMOS OS APÓSTOLOS DOS ÚLTIMOS TEMPOS.....                             | 606 |
| A. Na linha do profeta Elias, o último fiel, para as últimas fidelidades.....        | 606 |
| B - Crescendo a Igreja sempre em fidelidade, a dos últimos fiéis seria .....         | 606 |
| grande que eles seriam dispensados da morte .....                                    | 606 |

|  |     |
|--|-----|
| C - E aí aparecerá o Profeta Elias, tão grande em virtude quanto o Anti-Cristo .....       | 606 |
| o será no vício .....  | 606 |
| D - Que em certo sentido, é maior mesmo que S. José, S. João Batista, S. Pedro .....       | 607 |
| etc., pois foi precursor deles na devoção a Nossa Senhora, e Seu predileto .....           | 607 |
| antes mesmo de Ela nascer.....   | 607 |
| E - o fiel por excelência, para a hora das últimas fidelidades .....                       | 607 |
| 3 - PARA DAR GLÓRIA A DEUS (PRIMEIRO MANDAMENTO).....                                      | 608 |
| A - Se o valor de uma só alma é um bem inapreciável, que se dirá do trabalho .....         | 608 |
| que vise orientar a Opinião Pública, que tem tanta influência na salvação .....            | 608 |
| das almas? .....   | 608 |
| B - Porém, mais do que a salvação das almas, queremos a maior glória de Deus. ....         | 608 |
| E não entende a Contra-Revolução quem pensa o contrário. ....                              | 608 |
| C - "Glória de Deus" aqui é aquela forma de amor por onde é absolutamente .....            | 609 |
| preciso que tudo o que Ele criou se assemelhe a Ele .....                                  | 609 |
| D - Há, portanto, um requinte de auge no levar, por amor à glória de Deus, a .....         | 610 |
| arquitetonia das criaturas a dar-Lhe glória .....  | 610 |
| 4 - E COMANDAR OS SÉCULOS FUTUROS.....   | 610 |
| POIS O MUNDO SER NOS PRÓXIMOS SÉCULOS O QUE FOR NESTE.....                                 | 610 |
| 5 - NUMA HORA EM QUE, NÃO PODENDO CRUCIFICAR NOVAMENTE NOSSO SENHOR,<br>ATENTAM .....      | 610 |
| CONTRA A SANTA IGREJA PROCURANDO DAR A IDÉIA DE QUE ELA MORREU.....                        | 610 |
| A - como a Igreja não é mortal, procuram adotar uma linguagem e uma legislação .....       | 611 |
| que dêem a impressão de que Ela está ensinando o erro e recomendando o mal.....            | 611 |
| B - Crime hediondo como o de destronar uma rainha e maqueá-la como mulher perdida<br>..... | 611 |
| C - Com a agravante de que o pior está sendo praticado pela traição .....                  | 611 |
| eclesiástica .....   | 611 |
| D - Com a indiferença dos que não participam do crime.....                                 | 612 |
| E - Enquanto que, na ordem temporal, a traição é também cometida pelas cúpulas.....        | 612 |
| podres.....  | 612 |
| F - É uma renovação da Paixão diante da qual a vidinha de todos os dias perde.....         | 612 |
| toda sua importância, pois o senso do trágico permanente devese se tornar .....            | 612 |
| uma característica permanente do nosso espírito .....                                      | 612 |
| G - Isso supõe a vitória sobre nosso próprio egoísmo .....                                 | 613 |
| H - Pois minha vida foi confiscada por Ele .....   | 613 |

|  |     |
|--|-----|
| I - O que se diria de um católico que estivesse assistindo a Paixão e quisesse ..... | 614 |
| J - Por isso, até enquanto dormimos devemos ter este fundo de quadro presente .....  | 614 |
| III  | 617 |
| TRAÇOS E DEVOÇÕES  | 618 |
| CARACTERÍSTICAS DE NOSSO ESPÍRITO  | 619 |
| «FL»   | 620 |
| 1 - OS NOSSOS TRAÇOS CARACTERÍSTICOS .....   | 620 |
| A - Tendo a Deus como base, uma noção do bem e do mal, da verdade e do .....         | 620 |
| erro levadas até seu ponto último .....  | 620 |
| B - Em tudo, desejo das últimas consequências .....                                  | 620 |
| C - Com perspicácia, intransigência, iniciativa na luta e pugnacidade.....           | 620 |
| C - Amor ao sublime .....  | 621 |
| C - Sacralidade .....  | 623 |
| D - Princípio de subsidiariedade.....  | 626 |
| E - Simbolismo .....   | 627 |
| F - Caráter sapiencial negativista destes traços: o conhecer o bem .....             | 629 |
| pelo seu contraste com o mal .....   | 629 |
| G - Conclusão prática: nesta terra, as coisas negativas são .....                    | 630 |
| indispensáveis para compreendermos a verdade e o bem .....                           | 630 |
| 2 - AS NOSSAS DEVOÇÕES.....  | 631 |
| A - Devoção a Nossa Senhora, à Paixão de Nosso Senhor, e à Sabedoria .....           | 631 |
| B - Devoção entranhada à Santa Igreja, e sem nome ao Santíssimo .....                | 631 |
| Sacramento .....   | 631 |
| 3 - FLASH RESUMITIVO DO QUE FOI DITO: A FIGURA DA RAINHA DESTRONADA.....             | 631 |
| A - Se considerarmos Nossa Senhora como verdadeira Rainha do Universo, .....         | 632 |
| não de modo simbólico, mas por disposição de Deus... ..                              | 632 |
| B - Que Seu reinado se realiza na medida em que as almas se .....                    | 632 |
| conformarem com o que Ela quer... ..   | 632 |
| C - Podemos dizer que, na imensíssima maioria das pessoas, Ela só tem .....          | 632 |
| restos de influência, .....  | 632 |
| D - Isso justifica a metáfora da "Rainha Destronada" .....                           | 632 |
| E - Ainda agora, se o clero e o que resta da nobreza, fossem santos, a .....         | 632 |
| Revolução morreria neste minuto .....  | 632 |
| F - E nessa hora Nossa Senhora olha para nós a chorar. Que resposta .....            | 633 |

|  |            |
|--|------------|
| daremos a esse olhar?.....   | 633        |
| G - Ficarei pensando na minha chacunnière ? .....  | 633        |
| H - Eu, quem sou? "O homem a quem Nossa Senhora olhou". O resto não .....  | 634        |
| interessa. Terá Ela olhado em vão? .....   | 634        |
| I - "Isso é uma pressão tremenda!" Sim, mas cheia de benignidade, de.....  | 634        |
| perdão e de afago materno .....  | 634        |
| J - Mas que recompensa no Céu: através dos olhos d'Ela, participar da .....  | 635        |
| Visão Beatífica que Ela mesma tem!.....  | 635        |
| K - "Este é o homem a quem Nossa Senhora olhou na hora do abandono que.....  | 635        |
| Lhe respondeu sim!" .....  | 635        |
| L - Esse olhar confisca totalmente. Mas é um confisco com justa.....   | 635        |
| indenização .....  | 635        |
| M - A chacunnière é um roubo, uma felonía, a traição .....   | 635        |
| II   | 638        |
| ESTAMOS PROPORCIONADOS   | 639        |
| A ESSE FIM?  | 640        |
| I - A DEBILIDADE DA REVOLUÇÃO .....  | 640        |
| 1 - DE SI, TANTO A REVOLUÇÃO QUANTO A CONTRA-REVOLUÇÃO SÃO FRACAS. ELAS .....  | 640        |
| DEPENDEM DE UM ATO DE VONTADE DO HOMEM .....   | 640        |
| A - A debilidade intrínseca da Revolução e da Contra-Revolução .....   | 641        |
| B - Em concreto, a Revolução está hoje fracassada. Mostra-o o desastre do .....  | 642        |
| comunismo na conquista da opinião pública .....  | 642        |
| C - A Revolução, ou não corre e perde as cúpulas; ou corre e perde as bases.....   | 645        |
| D - Hoje a Revolução, com cúpulas podres eclesiásticas, conta com ocasião .....  | 646        |
| 2 -RESPOSTA A UMA OBJEÇÃO .....  | 646        |
| II - PORQUE SOMOS FORTES   | 649        |
| 1 - ALIANÇA ESPECIAL DE NOSSA SENHORA COM O GRUPO .....  | 649        |
| <b>A - Essa aliança é tal, que a pessoa, para apostatar, tem que fazer força. Nossa Senhora a segura pelos cabelos. A "Teologia do Sabugo"</b> | <b>649</b> |
| B - E essa aliança é a nossa grande força, nossa grande arma.....  | 651        |
| 2 - TÉCNICAS RCR + MAQUININHA + OCASIÃO + HORA DA PROVIDÊNCIA = VITÓRIA .....  | 651        |
| A - Técnicas RCR .....   | 651        |
| 1 - desmascarar o jogo e fazer parar a marcha.....   | 652        |
| 2 - Revelar sempre apresentando uma questão de consciência .....   | 653        |

|   |              |     |
|---|--------------|-----|
| 3 - Isso sempre com um pressuposto: dar um caráter religioso,   | nunca laico. | 653 |
| 4 - Porque a única coisa que tem vida é a Igreja Católica .....   |              | 653 |
| B - "Maquininha" .....  |              | 653 |
| C - Ocasão .....  |              | 655 |
| D - Hora da Providência.....  |              | 655 |
| E - Daí a fórmula: técnicas RCR + maquininha + ocasião + hora da Providência = Vitória  |              | 655 |
| III   | 657          |     |
| O RESTO QUE VOLTAR  | 658          |     |
| «FL»  | 659          |     |
| 1 - Teoria Geral.....   |              | 659 |
| A - Introdução : uma teoria que corrobora o que foi dito .....  |              | 659 |
| B - Essa teoria na Sagrada Escritura: .....   |              | 659 |
| 2 - A Nossa Teoria.....   |              | 660 |
| A - Na luta entre os filhos da Virgem e os da Serpente, depois de um embate, um lado sempre reduz o outro a um resto .....  |              | 660 |
| B - Por isso a violência da Bagarre será maior que as anteriores:o Anti-Cristo mata Elias, e o "resto", Nosso Senhor, destrói definitivamente o Mal.....  |              | 661 |
| C - Exemplos de "restos": o povo judeu .....  |              | 661 |
| D - No auge do ressurgir do poder deles, começamos a surgir nós. Nós  | somos o      |     |
| "resto", a "continuidade" do quê?   | 661          |     |
| 3 - Nós somos uma continuidade de uma graça .....   |              | 662 |
| A - Há uma continuidade que está nas intenções de Deus. Consiste num certo gênero de graças que Ele quer dar em épocas diversas, e que não supõem necessariamente continuidade histórica nem de pessoas.....    |              | 662 |
| B - Segunda continuidade: de pessoas e de ação divina, em que a graça é dada, através de longa sucessão, a um para que a transmita a outro. Ex.: S. Luís G. Montfort e os ultramontanos do século passado ..... |              | 662 |
| C - Terceira continuidade: a de instituições que vão recebendo, ao longo dos séculos missões mais ricas, até chegar um momento culminante da História .....   |              | 663 |
| D -Nós somos continuadores dessas três formas de continuidade. Demonstração. ....   |              | 663 |
| 4 - Se, do ponto de vista doutrinário, não crescemos nada ao movimento mariológico, do ponto de vista Inimitias Ponam crescemos muito .....   |              | 667 |
| A - Papel da RCR e do MNF nessa batalha .....   |              | 668 |
| B - Que é uma continuidade histórica.....   |              | 668 |
| C - A aristocracia rural brasileira era continuidade histórica da nobreza portuguesa, como o Império do Brasil o era do reino de Portugal.....  |              | 669 |

|  |     |
|--|-----|
| D - Somos restos reunidos por Nossa Senhora. Somos bem a raça da Virgem que luta contra a Serpente.....  | 670 |
| E - Logo, nós somos este resto que voltará por uma impulsão incontenível da graça para atuar na Bagarre e Grand Retour .....   | 670 |
| F - E a praticabilidade da obra que temos diante de nós está no fato de que tudo será feito pelo próprio Deus.....   | 670 |
| 5. GRAND RETOUR E BAGARRE .....  | 671 |
| A - O que entendemos por Bagarre .....   | 671 |
| B - Grand Retour : grande retorno dos que restarem às vias do ultimontanismo.....  | 672 |
| C - Últimos Tempos e Apóstolos dos Últimos Tempos .....  | 673 |
| D - Se somos o resto que permanece em meio à Revolução, somos o resto que voltará. Se somos o resto que voltará, somos o começo dos Apóstolos dos Últimos Tempos. Se somos Apóstolos dos Últimos Tempos, somos o principium vitae do Reino de Maria..... | 675 |
| IV   | 677 |
| Parte biográfica, ilustrativa da teoria dada   | 678 |
| 1 - O modo como as idéias do Fundador se formaram e depois se comunicaram aos seguidores foi à maneira de continuidade.....  | 678 |
| A - Nascido da conjunção de duas famílias semi-contrarrevolucionárias, recebeu uma herança religiosa e monárquico-liberal, não comuns, mas não ultramontana .....  | 678 |
| B - No colégio, primeiro contacto com a Revolução através de meninos de famílias mais avançadas no processo revolucionário .....   | 678 |
| C - de onde começar a perceber a traição de sua família àqueles ideais e a nela perder, com excessão da mãe, a fé, restando-lhe só a verdadeira Cidade de Deus, a Santa Igreja Católica.....   | 681 |
| 2 - Ao longo desse trabalho ideológico nasceu a RCR e a TFP, pois suas idéias se transferiram aos discípulos. ....   | 682 |
| A - Nossa ideologia não é senão o legado doutrinário da Civilização Cristã no qual foram desencavadas as verdades esquecidas. ....   | 682 |
| B - Não como doutrina nova, mas como alguém que toma um tecido já começado e continua a tecê-lo.....   | 682 |
| C - Por isso, nosso apostolado é o de "eco", o de quem, como discípulos da Sagrada Hierarquia, pega a doutrina do passado e a repete, ampliando-lhe o som. Na ordem ideológica, é a suprema fidelidade .....   | 682 |
| «FC»   | 683 |
| PARTE TERCEIRA   | 684 |
| QUEM SOMOS   | 685 |
| NÓS  | 686 |
| ENQUANTO GRUPO   | 687 |

|   |     |
|---|-----|
| I - NÓS SOMOS UM GRUPO PROFÉTICO .....  | 687 |
| 1 - NOSSO GRUPO É UM GRUPO PROFÉTICO.....   | 687 |
| A - Conversa com D. Mayer .....   | 687 |
| B - Provam-nos as nossas obras... .....   | 689 |
| C - ... E a nossa vida .....  | 690 |
| D - É o que o momento histórico exige .....   | 691 |
| E - É o que a harmonia da história pede .....   | 694 |
| F - E corroboram-no a nossa ortodoxia, nosso .....  | 695 |
| 2 - NOSSO PROFETISMO TEM A MISSÃO DE REPRESENTAR A GRANDEZA.....  | 697 |
| A - Com a Revolução gnóstica e igualitária, o que o demônio mais quer negar no mundo é toda forma de grandeza espiritual temporal, implantando a vulgaridade..... | 697 |
| B - Grandeza impessoal, sacral.....   | 698 |
| C - Grandeza militante.....   | 699 |
| D. Grandeza sofredora .....   | 700 |
| E - Grandeza desinteressada .....   | 701 |
| F - Grandeza protetora.....   | 703 |
| G - Grandeza incompreendida .....   | 704 |
| 3 - NOSSO PROFETISMO TEM TAMBÉM A MISSÃO DE SER UM SÍMBOLO VIVO DA SABEDORIA, .....   | 705 |
| DA SACRALIDADE E DA HIERARQUIA .....  | 705 |
| A - Símbolo vivo da Sabedoria, da sacralidade e da hierarquia .....   | 705 |
| B - Irradiação, convívio e osmose.....  | 705 |
| C - Unicidade .....   | 706 |
| D - Ver no profeta um profeta.....  | 706 |
| E - O momento histórico exige .....   | 707 |
| F - O que é o profeta?.....   | 707 |
| 4 - NOSSO PROFETISMO É, DE ALGUM MODO, A PRESENÇA DE NOSSA SENHORA NA IGREJA .....  | 708 |
| 5 - PROFETISMO E FÉ.....  | 708 |
| A - A Fé foi a virtude que eu mais amei.....  | 708 |
| B - O nosso caso pessoal se reduz a um problema de fé .....   | 709 |
| II  | 712 |
| NOSSO PROFETISMO É A SÍNTESE DE TODO O PASSADO DA IGREJA  | 713 |
| COM ALGUMAS NOTAS ESPECIAIS   | 714 |
| 1 - O CRESCIMENTO DA IGREJA EM GRAÇA E SANTIDADE.....   | 714 |

|  |             |
|--|-------------|
| A - Esse crescimento apresenta aspectos e propriedades diversos segundo etapas, como as belezas da alma humana em suas várias idades | suas<br>714 |
| B - Assim pode-se descrever a beleza da vida da Igreja em cada uma de suas .....   | 714         |
| 2 - ± VISTA DISSO, O QUE SOMOS NÓS? .....  | 715         |
| A - antes de tudo, uma escola espiritual, com isso de próprio que é o admirar .....  | 715         |
| e amar cada fase e cada aspecto da Igreja com transportes de veneração, .....  | 715         |
| tendo como ponto de vista nosso a síntese.....   | 715         |
| B - e como características especiais as devoções ao Santissimo Sacramento, a .....   | 715         |
| Nossa Senhora e ao Papa .....  | 715         |
| 3 - TODOS CATÓLICOS, TODO APOSTÓLICOS E TODOS FIÉIS, AINDA QUE NOS FAÇAM.....  | 716         |
| INJUSTIÇA .....  | 716         |
| A - A essência do Grupo é viver da seiva da Igreja .....   | 716         |
| B - Eu não quero ser outra coisa senão um varão católico .....   | 717         |
| C - O ponto de concentração da fidelidade.....   | 717         |
| D - Ainda quando odiados e desprezados.....  | 720         |
| 4 - NOSSA SENHORA QUIS QUE, NUM DADO MOMENTO, TUDO DEPENDESSE DE UM SÕ   | 721         |
| 5 - ELE SE TORNOU, PORTANTO, UM MEDIADOR "NECESSRIO".....  | 721         |
| A - A teoria da mediação .....   | 721         |
| APÊNDICE II  | 763         |
| DISCURSO DO CARDEAL FRANC RODÉ .....   | 763         |

## RESUMO DO LIVRO” NO PAÍS DAS MARAVILHAS”

A GNOSE BURLESCA DA TFP E DOS ARAUTOS DO EVANGELHO

Orlando Fedeli

Publicamos hoje, um resumo da obra que acabamos de publicar sobre a doutrina secreta de Plínio Corrêa de Oliveira, e que embebe, quer a antiga TFP, quer o Instituto Pontifício dos Arautos do Evangelho. A amplitude do tema, baseada nos documentos doutrinários publicados pelos adeptos de Plínio Corrêa de Oliveira e de Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, obrigou-nos a editar uma obra volumosa intitulada “*No País das Maravilhas: A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho*” – com cerca de 600 páginas, repleta de citações de fonte original da TFP e dos Arautos.

O zelo pela Fé, em consciência, impele-nos a rogar a atenção dos Eminentíssimos Senhores Cardeais da Cúria Romana sobre os graves erros contra a Fé professados, até há pouco secretamente, e agora publicados em livros pelo próprio Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, e pelo Instituto Plínio Corrêa de Oliveira.

O intuito dessa obra é facilitar a sua compreensão e para informar aqueles que não dispõem de tempo para ler uma obra de mais de seiscentas páginas.

Durante 30 anos fomos ligados ao grupo que editava o jornal “*Catolicismo*”, e, como Dom Mayer, nesses trinta anos jamais tivemos acesso às doutrinas que se divulgavam em grupos secretos, ocultos por trás do estandarte da TFP.

Tendo rompido com essa entidade em 1983, por causa do culto exótico que lá se tributava a Plínio Corrêa de Oliveira e à senhora mãe dele, Dona Lucília Corrêa de Oliveira, ao longo dos anos, fomos coletando documentos, para um dia fazermos uma denúncia fundamentada das doutrinas heterodoxas que eram ensinadas ocultamente entre os membros da TFP e dos Arautos.

Com a cisão surgida após a morte do auto denominado profeta inerrante e imortal, Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, em 1995, os litigantes das duas alas em que se dividiu a antiga TFP, passaram a publicar textos que eram até então absolutamente secretos, na entidade.

João Scognamiglio Clá Dias, agora Monsenhor e Cônego de Santa Maria Maior, fez publicar uma revista mensal de nome inusual “*Dr. Plínio*” – que a partir de 1995, editou inúmeros artigos com textos gravados e inéditos de Dr. Plínio. Tais textos eram retirados das reuniões “reservadas” aos membros mais fanáticos do auto denominado profeta, fundador de uma ordem secreta de cavalaria iniciática.

Os denominados “Proyectos” da TFP publicaram também pequenos livros com “*Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira*”.

Eles formaram a coleção “*Canticum Novum*”.

Eis alguns dos livros editados:

4. “*O Universo é uma Catedral*”: excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, recolhidos por Leo Daniele. Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997.

5. “*A Cavalaria Não Morre*”: excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, recolhidos por Leo Daniele. Edições Brasil de Amanhã, São Paulo 1.978.

6. “*À procura de Almas com Alma. Tipos humanos*”: a Música das Personalidades.

Em 2008, por ocasião do centenário do nascimento de Dr. Plínio, o Instituto Plínio Corrêa de Oliveira editou a obra intitulada “A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo” com os textos gravados e compilados de Dr. Plínio sobre esses dois temas em reuniões do chamado MNF. Claro que esse livro, contendo as gravações das reuniões, das conversas de Dr. Plínio no MNF [há 43.000 paginas datilografadas do MNF], não conta tudo: conta só “as primícias” do “pensamento” pliniano...

Que era o MNF?

A sigla MNF significava “manifesto”, primeira pessoa do indicativo presente do verbo “manifestar”, porque era nessas reuniões que PCO (iniciais do nome de Dr. Plínio, que usaremos para economia de tempo e de espaço, e não por desprezo) manifestava o que ele era, isto é, o que ele imaginava que era. E até agora, poucos imaginam o que ele era.

Para os não iniciados nos grupos secretos de PCO, dizia-se que no MNF estava se preparando o grande “Manifesto” (substantivo) doutrinário que PCO lançaria, um dia, contra a “Revolução”, e contra as forças secretas que a dirigiam...

O secretário do MNF, Átila Sinke Guimarães, escreveu frases que demonstram claramente o grau de fanatismo, verdadeiramente inacreditável, que reinava no MNF, depois na TFP, e agora entre os Arautos Evangelho, bem como entre os membros da

sociedade secreta A Sempre Viva, fundada por Dr. Plínio, para difundir sua doutrina e seu culto entre os mais fanatizados por ele.

Eis um texto revelador do fanatismo delirante que reina na TFP e nos Arautos do Evangelho:

“O grande Moisés, com sua sarça ardente no alto do Sinai, não me faz inveja. Pois se ele ali se relacionou com Deus durante quarenta dias, eu me relacionei com Dr. Plínio há trinta e três anos. E, em tais relações, vejo talvez mais a presença divina do que ele ante o sagrado arbusto. E guardo a esperança de ainda vencer o Profeta nesta tertúlia, quando eu passar do atual degredo para a Pátria”.(Átila Sinke Guimarães, secretário do MNF, in *O Ultimato, A Defesa*, 1998, p. 28).

Esse mesmo Sr. Átila, em 1972, elaborou um resumo de algumas teses do MNF sobre o “*processo humano*”, no qual tratava da Teoria do Conhecimento de PCO, assim como sobre a natureza do homem e a Divindade.

Ainda também por ocasião do centenário de nascimento de Dr. Plínio, também Monsenhor Scognamiglio publicou uma obra reveladora contendo textos até então inéditos de Dr. Plínio. Essa obra, em três volumes, intitula-se *Notas Autobiográficas*, notas que o próprio Dr. Plínio foi ditando ao correr de anos. E esse livro veio confirmar as doutrinas realmente “exóticas” que circulavam nos bastidores mais reservados da TFP.

Ex-membros da TFP e dos Arautos que mantêm sua simpatia pela pessoa e pelas doutrinas de Plínio Corrêa de Oliveira organizaram o site [salvemaria.info](http://salvemaria.info) e nele publicaram grande parte dos textos de um simpósio dado por Dr. Plínio em 1973 a um grupo de argentinos, simpósio no qual Plínio expunha o tema “Quem somos nós”. Isto é, quem ele julgava que ele mesmo era, e o que pensava ser o grupo da TFP. Tal texto era mantido secreto na TFP, e só agora o recebemos via internet. Ele consta em Apêndice de nosso livro, e dele retiraremos algumas citações.

De todas essas obras publicadas pelos adeptos mais radicais de Plínio, pode-se conhecer, hoje, pelo menos em parte, a doutrina secreta de Dr. Plínio, que era apresentada em linguagem cifrada e de modo diluído aos membros comuns da TFP e dos Arautos. Em nossa obra *No País das Maravilhas: A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Evangelho*, apresentamos todos os documentos e fontes publicados pela TFP e pelo Arautos, e nos quais nos fundamentamos para desmascarar uma seita que se disfarça de católica, para melhor enganar a Hierarquia da Santa Igreja.

O documento que hoje publicamos, resume a doutrina até então secreta de Dr. Plínio, para que os católicos, há tanto tempo enganados pela propaganda de uma seita secreta herética tenham conhecimento do que realmente pensam os adeptos de Plínio Corrêa de Oliveira, principalmente os que, como Monsenhor Scognamiglio e seus Arautos, usando um hábito que os faz passar por cavaleiros, gloriam-se de que enganarão os cardeais da Santa Igreja assim como enganam o povo católico fiel.

Veja-se este primeiro documento de um membro da TFP dos Provectos - que foram excluídos da TFP por João Scognamiglio Clá Dias, documento em que o autor acusa o líder dos Arautos do Evangelho de tramar contra a Hierarquia da Santa Igreja:

1. Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias planeja enganar a Hierarquia da Igreja, que ele chama de “estrutura”

“O Sr. João [Scognamiglio Clá Dias] lançou a idéia de que se as TFPs pudessem ter uma situação canônica reconhecida na Igreja, o lance seria muitíssimo mais eficaz. Posteriormente, quando lançássemos a grande denúncia profética, o Vaticano se daria conta de que nosso pedido de reconhecimento tinha sido apenas uma “trampa” [uma cilada] para dar o lance, mas aí já seria tarde demais.

“No mês de Fevereiro de 1996, o sr. João Clá chamou várias pessoas ao Êremo de São Bento para fazer um trabalho.

“Ele fez duas reuniões com uma semana de diferença e nelas nos apresentou a necessidade de fazer algo na linha de denunciar a 4ª Revolução, pois o próprio Sr. Dr. Plínio tinha em vida manifestado esse desejo, uma vez que as coisas iam-se encaminhando para uma grande denúncia.

“Ele apresentou durante a reunião para umas 15 pessoas que seria necessário fazer isto, e durante a mesma disse-nos que o Sr. Dr. Plínio tinha lhe manifestado em vida durante um despacho que não tinha sido gravado a necessidade de arranjar um tal ou qual reconhecimento por parte da estrutura [A Igreja Católica] pois seria a única maneira a nos proteger contra futuros estrondos.”

“Por isso ele dizia que concomitante com o lance se tivéssemos um status canônico, poderíamos fazer a coberto de um subsequente estrondo e que no fundo seria uma passada de perna na **estrutura** [na Hierarquia da Igreja], pois não poderiam nos atacar dizendo que tínhamos um status dentro da Igreja e o lance seria uma imensa denúncia da 4ª Revolução que poderia desencadear a Bagarre”.(Documento JAU iniciais de José Antonio Urreta, datado de 13 de outubro de 1997, p. 14. Os destaques são nossos).

O que se diz nesse documento é confirmado pelo que contou um ex-Arauto do Evangelho num fórum de Buenos Aires sobre o que João Scognamiglio chamava de “Manobra Judit”, visando ludibriar e vencer o Holofernes da Estrutura, o Papa e a Sagrada Hierarquia. Nesse documento se mostra que, considerando todas as sagrações pós conciliares inválidas, o Sr. João Clá acreditava que, depois da Bagarre, depois do fim da crise atual, o próprio Apóstolo São João Evangelista viria à terra, em corpo e alma, ordenar os sacerdotes e sagrar os Bispos da Nova Igreja que iria nascer.

Eis esse documento:

<http://www.tfpheraldos.com/viewtopic.php?f=27&t=23&start=0&sid=3a19db733d393b4ed1506927afab92ee#p315>

*[“Una interpretacion sacerdotal, por fran 09 Feb 2010 12:57](#)*

*A algunos causa gran extrañeza la ordenación sacerdotal de JC [João Clá].*

*Para los que vivimos cerca de él, o asistimos durante años a sus reuniones, llamadas Jour le Jour, era clara la postura de cualquier miembro del grupo de buen espíritu: rechazar cualquier cosa proveniente del clero.*

*Al clero en general lo llamábamos “Estructura”, para no llamarlo “Jerarquía” y así no darle el reconocimiento debido, una vez que después del Concilio Vaticano II, habían caído en herejía, unos por complicidad, otros por omisión, siendo desde ahí en adelante totalmente ilegítimos. Recuerdo que JC en público y privado, alababa la hipótesis de alguien (uno de los teologuillos internos, claro, detestados por JC y sin embargo citados como autoridad cuando a él le favorecía, sobre todo al formular semejante hipótesis tan arriesgada... si era aceptada se la reconocerían a él, sino él siempre diría que eso fue idea de algún Solimeo, por ahí...) **de que como no habían mas obispos legítimos dentro de la Iglesia, vendría San Juan Evangelista, Apóstol, quien estaría vivo en cuerpo y alma en el paraíso, a ordenar personalmente nuevos sacerdotes y obispos para la nueva Iglesia regenerada del Reino de María. Esto era moneda corriente en los éremos y asumido con toda naturalidad y lógica por todos los mdg [membros do grupo] de buen espíritu.***

*Nunca jamás íbamos a misa, ya que esta se realizaba según el ordo missae post conciliar, herético, protestantoso, de mal espíritu. Un mdg [miembro do grupo] no podía participar de ese rito, sería censurado. Sin embargo, una de esas contradicciones*

*atroces, comulgábamos en esas misas, esperando fuera de la iglesia a que se armara la fila de comunión para entrar.*

*Creo que todos deben tener mil hechos que contar de los enormes líos que en que nos metíamos muchas veces con ese procedimiento. Enfrentamientos con párrocos, críticas, negativa de darnos la comunión, y un largo etc.*

*Cuando había que asistir a una misa por compromiso, nos recomendaban a seguirla con distancia y con rechazo interno, comulgar y aislarnos del resto.*

*Todo eso era nuestra manera de vivir hasta 1995, cuando fallece el Dr. Plinio.*

*JC inmediatamente comienza su acercamiento a la “Estructura”, ya no tiene sentido vivir enfrentados, es necesario que nos adaptemos para sobrevivir, hay que negociar o nos liquidan, fue su postura. Esa postura empezó a irritar a los mas viejos, claro, y a dejar perplejos a los de generaciones mas jóvenes. Sin embargo estos últimos se dejaron convencer fácilmente de que JC, como sucesor del Dr Plinio, también era inerrante y que el Espíritu Santo ahora residía en él, por lo tanto su orientación debía ser acatada, entendiéndolo o no, aceptándolo o no, su palabra era la última. Debo aclarar que el aggiornamento, causó muchos descontentos y aún dentro de los heraldos hay muchos que no se tragan del todo la tjp sacerdotal.*

*1. Si JC se ordenó sacerdote meramente como parte de una maniobra (la llamada por él maniobra Judit), entonces su ordenación es por lo menos, sacrílega. Puede ser que de hecho él no crea que la estructura tiene poder para ordenarlo, en ese caso él estaría solamente actuando como si tal, a fin de llevar adelante su maniobra Judit. Si eso es así entonces cada misa, cada confesión, cada sacramento administrado es una farsa, por lo tanto un engaño a miles de personas. Es eso creíble? quien conoce a JC sabe de su afamada "restricción mental", de sus "pasadas de perna", de su mas que reconocida habilidad de justificar el medio para alcanzar el fin.*

*2. Si JC se ordena sacerdote por que recibe una gracia, entonces rompe con su pasado –por lo menos lo que dice a su histórico rechazo al sacerdocio y la misa, etc. al dogma interno de la necesidad de destruir la estructura maldita- en ese caso “quemaste lo que adoraste, adora lo que quemaste”. Si se trata de una verdadera conversión al sacerdocio, si recibe la vocación sacerdotal, entonces enhorabuena! Habrá que ver como se conjuga todo eso y la postura pública crítica del Dr. Plinio, si es que JC seguirá usando la figura del Dr. Plinio como muleta para mantener a sus heraldos cohesos o si finalmente, él prescindirá del Dr. Plinio una vez que el número de novatos,*

*entusiastas por él, haya ultrapassado al de viejos saudosos del Dr. Plinio, atrapados en un pasado ya superado.*

*Hoy JC sustenta que el sacerdocio es el ápice de la vocación de miembro de grupo (la vocación de ser los apóstoles de los últimos tiempos). Surge entonces un problema. No todos los heraldos están llamados a ser sacerdotes. Según JC solamente un 10–20 % lo serán, dejando al resto como laicos.*

*Entonces solo ese porcentaje alcanzará el ápice de la vocación, poniendo al resto como ciudadanos de segunda categoría. Y es así como muchos de los actuales heraldos se sienten.*

*Para pertenecer al círculo mas interno de confidencialidad de JC hay que ser hoy en día sacerdote.*

*Saludos y hasta la próxima.*

*Fran*

[fran](#)

*Registrado: 08 Feb 2010 11:53”*

Estes dois documentos que acabamos de citar são completamente harmônicos com a doutrina exposta por Plínio no simpósio “Quem somos nós”, onde ele se mostra adepto do sedevacantismo, deduzindo dele a instauração do Profetismo dele mesmo, como substituto do Papado.

Depois do Concílio, os Papas, toda a Hierarquia católica, tendo aceitado os erros do Vaticano II caíram em heresia e perderam o poder. A Igreja ficou reduzida a uma estrutura.

No simpósio “Quem Somos Nós” (1973) Plínio apresentava sua tese de que a Hierarquia da Igreja Católica, particularmente os Papas conciliares haviam caído em heresia e o Espírito Santo se retirara da Igreja. Sendo assim, a Santíssima Virgem havia feito de Plínio o Profeta do futuro Reino de Maria e guia da futura Igreja. A direção profética de Plínio deveria, no futuro, ser seguida pelos Papas, nascendo assim uma Nova Igreja profética. ATFP, e hoje os Arautos do Evangelho seriam a Igreja. Por isso disse Plínio nesse simpósio:

“d - Só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que abandonou desde que tivesse instituído o profetismo. Do contrário Ela teria desertado da Igreja. Por isto que, se todos os estudos sobre o Papa herege são verdadeiros, só se compreende que a Providência possa ter abandonado a Igreja ao ponto em que a abandonou, desde que

tivesse instituído o profetismo. Porque, do contrário a Providência teria desertado da Igreja. E não haveria na Igreja, hoje, lugar nenhum, nem grupo nenhum, nem pessoa alguma à qual se pudesse apelar para encontrar o verdadeiro caminho. Portanto este profetismo brota do solo sagrado da Igreja, pelas leis da Igreja. Na derelictio da autoridade papal e das autoridades legítimas, na derelictio geral, algo fica de pé. E o que é? O Profetismo” (Plínio Corrêa de Oliveira, Simpósio, Quem somos nós, -- Somos um grupo profético, p. 80. Os destaques são nossos. ORIGINAL DO site salvemaria. <http://salvemaria.info/images/fbfiles/files/QSN.doc>).

E ele, Plínio, seria então o Profeta incumbido por Deus de salvar a Igreja, livrando-a dos antipapas conciliares. Daí a “Operação Judit”, excogitada por João Scognamiglio Clá Dias, operação que os Arautos do Evangelho estariam executando, agora, enganando os cardeais da Cúria até poderem dar seu golpe final, instituindo a Nova Igreja de um futuro e próximo quiliástico Reino de Maria.

A TFP, e hoje os Arautos, seriam a Igreja. Seriam os grupos proféticos instituídos por Deus, através da Virgem Maria, para substituir e renovar a Igreja. O Profeta Plínio teria que ser reconhecido como guia por todos os futuros Papas. Tendo ele falecido em 1995, esse poder de Profeta e de Guia da Igreja teria passado para João Scognamiglio Clá Dias seu discípulo perfeito.

Por isso, João Clá considerava a Igreja Católica pós conciliar como uma simples estrutura jurídica abandonada pelo espírito Santo que passou a falar por meio de Dr. Plínio e agora por meio dele. Daí seu plano de fingir aderir à Igreja para passar uma rasteira nos Cardeais numa manobra que ele chamou de “Manobra Judit”.

Passamos, pois, a expor a doutrina secreta da TFP e dos Arautos do Evangelho de Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias, que foi o discípulo preferido de Dr. Plínio, e o principal difusor de seu culto e da senhora mãe dele, na TFP, e entre os Arautos do Evangelho.

Dispensamo-nos, neste resumo, de argumentar e refutar doutrinariamente as heresias e erros patentes da doutrina pliniana, coisa que fazemos em nosso livro.

## **A GNOSE BURLESCA DA TFP E DOS ARAUTOS DO EVANGELHO**

Dr. Plínio não fez estudos filosóficos e teológicos. Sua doutrina é tosca, pelo seu desconhecimento quase que completo da Metafísica aristotélica-tomista. Daí, muitos erros e afirmações absurdas e inúmeras contradições. Algumas vezes, porém, as contradições parecem ser propositais, para camuflar a heterodoxia da doutrina.

Nota-se, no pensamento de Dr. Plínio, clara influência de doutrinas esotéricas românticas, especialmente do idealismo alemão, e brumas de pensamento bergsoniano, em moda em sua juventude, na chamada Belle Époque. Não cremos que ele tenha estudado doutrinas de Bergson, Novalis ou de idealistas alemães. Ele parece mais repetir frases que ouviu, e que ele cozia em retalhos formando uma Gnose burlesca, para fazer sucesso em mesas de burgueses ricos, ou entre pseudo intelectuais direitistas, ou entre aristocratas franceses decadentes. Plínio se proclamava tomista, sem conhecer praticamente nada de filosofia. Daí a sua metafísica feita de retalhos slogans em moda em sua juventude, misturando idealismo romântico, frases de efeito com termos bergsonianos e freudianos, vagas citações escolásticas, tudo isso misturado com sonhos e delírios paranóicos. Por isso chamamos a sua Gnose de burlesca. Sua doutrina é tão grotesca que fazem dele um pseudo intelectual.

1-A Idéia de Absoluto reside no mais profundo da alma humana.

Tese fundamental de Dr. Plínio era a de que havia inatamente sepultada no fundo mais íntimo da natureza humana algo como a matriz do espírito com os elementos para formar a idéia do Ser Absoluto. E por Absoluto, Dr. Plínio entendia a Divindade.

“O homem tem uma matriz do espírito, que contém os elementos para a formação da idéia de ser absoluto. Se ele não tivesse essa matriz, ele não poderia compreender a noção de ser contingente. E, portanto, o dormir dentro dele dessa como que noção do ser absoluto é anterior à própria noção de ser contingente que ele forma”. (Átila Sinke Guimarães, resumindo o pensamento de PCO, *MNF - O Processo Humano (Resumo)*, apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, Dezembro de 1972, p. 35).

Essa apostila foi aprovada por Dr. Plínio e foi vendida a algumas pessoas da TFP.

Esse texto contém erros bem graves:

1<sup>o</sup>) É contra a doutrina católica que haja idéias inatas no homem;

2<sup>o</sup>) É falso afirmar que só se compreende o ser contingente, apenas, se antes se tem a idéia de Ser Absoluto.

E no livro *Inocência Primeva e Contemplação Sacral do Universo*, Plínio diz:

“Entretanto, há no homem uma ‘sede como que inata do absoluto’ (PCO, *A Inocência Primeva*, p. 107).

Para Plínio, então, essa matriz do Absoluto existente na alma humana, é que daria origem à própria noção de contingência, que amarguraria o homem, provando sua limitação. Ora, para PCO, o ser não pode ter limites: “O limite é coisa que repugna o ser” (Apostila *O Processo Humano*, p. 37). A contingência do ser criado seria uma anomalia a ser vencida. Por isso o homem teria uma sede inata de se unir ao Absoluto, a sede de identificar-se com o Absoluto, com a Divindade. E se ao ser repugna ter limites, como se explicaria a existência de seres contingentes?

Para Plínio, “o próprio ser [do homem] não é nada”(Átila Sinke Guimarães, MNF- Apostila –resumo *O Processo Humano*, p. 37). Os seers contingentes seriam ontologicamente nada, não-seres. O que os tornaria existentes seria a presença do ser absoluto neles. Daí, concluía Plínio que “Deus é o ser dos seres” (Átila Sinke Guimarães, MNF- Apostila –resumo *O Processo Humano*, p. 36).

Que o pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, expresso no que se conhece hoje do MNF, é claramente gnóstico fica patente quando ele, tal como o gnóstico Mestre Eckhart, afirma que o ser humano, sendo contingente, é nada:

“O fundamento da moral sobre o conhecimento é exatamente de que o exclusivo amor de si não é nada, e que **o seu próprio ser não é nada**, e que, portanto, tem que tender para Deus” (Átila Sinke Guimarães, “MNF- *O Processo Humano*” (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37. Os destaques são nossos).

Ora, essa recusa de aceitar a contingência do ser criado é a raiz da Gnose, e de seu pecado antimetafísico, que repele a analogia do ser. O Gnóstico quer ser tudo ou nada. Mas recusa sempre toda contingência.

Insinua-se que, no fundo, o homem teria logo de substancialmente divino. Idéia que será confirmada explicitamente a seguir.

Com efeito, ficará claro, a seguir, que no pensamento idealista de PCO a idéia de ser é o próprio ser. A matriz de todo ser existiria inata no homem, e ela seria o modelo ideal de todo ser concreto, sempre inferior, tido como nada, e como que caricatura deformada do ser ideal existente na alma humana. Quando Plínio diz, então, que há uma idéia inata de Absoluto no homem, ele entende que essa idéia é o próprio Ser Absoluto. Deus. O ser dos seres.

Deus então seria imanente ao homem.

Isso será confirmado por algumas citações que veremos mais adiante. Por exemplo, pela que damos agora, a seguir:

1- O Processo Humano para a união divinizadora no Absoluto.

Da verificação de sua contingência face à matriz inata da idéia do absoluto que haveria no homem, teria início um processo—que no MNF se denomina O Processo Humano – pelo qual o homem procuraria sanar sua contingência, tida como má, como injusta carência, buscando o homem completar-se, e tornar-se consubstancialmente um com o Absoluto.

Esse “Processo Humano” teria fases, assim resumidas por Átila Sinke Guimarães em sua Apostila reveladora:

“O processo humano é o conjunto dos seguintes elementos:

- a) “a carência do homem”;
- b) “a apetência para a satisfação das carências”;
- c) “a procura do absoluto para satisfazer essa carência”;
- d) “a união com o absoluto”;
- e) “a transformação [do homem] no absoluto”.

(Átila Sinke Guimarães, *MNF- O Processo Humano* (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37. O escalonamento desses itens e o que está entre colchetes é de nossa responsabilidade, visando tornar bem clara as etapas da divinização do homem, segundo a doutrina pliniana).

Portanto, para Plínio, o final do processo humano seria “a transformação [do homem] no absoluto”.

É evidente, na concepção pliniana do “processo humano”, assim como na enumeração de suas etapas, a existência do esquema clássico da Gnose.

O homem procura o Absoluto nele mesmo, ou nos seres do universo.

Porque no homem existe inata a idéia de Absoluto, o homem começa por procurar o Absoluto em si mesmo, e, depois, nas demais criaturas. Porque, para Plínio, em tudo haveria algo do Absoluto, visto que Deus seria “o ser dos seres”.

Na Apostila *O Processo Humano*, se mostra que “O homem pesquisa de fato sempre o absoluto, mas o absoluto que ele pesquisa não é apenas a santidade, a bondade, mas pode ser também o ser. Quer dizer, *o homem, por exemplo, quando ele ama o absoluto, ele também é o absoluto em si, e a esse título, ele se ama a si mesmo*” (Átila Sinke Guimarães, *MNF- O Processo Humano* (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.47. O negrito é de nossa responsabilidade).

Amando o Absoluto, o homem se identifica com o Absoluto. O homem se transformaria no absoluto em si. Portanto, o homem se tornaria divino.

Portanto, o homem não só tem em si a idéia inata do Absoluto, mas ele mesmo é o Absoluto encarcerado na contingência, buscando libertar-se da finitude e realizar-se, de novo, na identificação ontológica com o ser Absoluto, no final do “*processo humano*”.

“O elemento integrante à noção de processo é algo que tem um começo, um desenvolvimento e um fim. Portanto, o processo por excelência seria algo que começa e cuja tensão para o fim vai ficando cada vez mais forte à medida que vai chegando ao fim. E o termo em que o processo se realiza não é a morte, mas é a obtenção do fim próprio e a fixação no fim, de maneira que o apogeu do processo é algo de definitivo. *Ele se fixa no apogeu de si mesmo*” (Átila Sinke Guimarães, MNF- *O Processo Humano* (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.30. Os destaques são nossos).

No final do Processo Humano, o homem se tornaria Deus. Co Substancial a Deus.

3- O Senso do Ser e o Seletivo levam a alma humana à unicidade com o Absoluto.

Plínio dirá que o “senso do ser”, o “seletivo”, que existiriam inatos no homem, no fundo, seriam o próprio Ser Absoluto invicerado e atuando em busca da realização da Unicidade do ser.

Ao conceituar o que ele entendia por inocência primeva, que também seria inata em todos os homens, Dr. Plínio diz:

[Inocência primeva é o estado] “pelo qual uma pessoa, desde os primeiros movimentos de sua existência, tem noção de que ela é. E, de modo excelente, vai escolhendo as coisas que, por afinidade ou contraste harmônico em relação a ela, lhe convém para realizar a sua unicidade. Em sua caminhada pela vida, nunca cometeu uma falta e sempre visa atingir a própria perfeição. A inocência assim conceituada se refere à pessoa sem pecado original”(Plínio Corrêa de Oliveira, “*Seletivo e Harmonia na Alma Inocente*”, artigo in “*Revista Dr. Plínio*”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 23. Os destaques são nossos).

[De passagem, chamamos a atenção para a afirmação de que o homem inocente, para PCO, era sem pecado original. E ele dirá que todo homem sai das mãos de Deus em estado de inocência, e sem pecado original].

Que significa, aí, que a inocência da pessoa, através do “senso do ser”, “vai escolhendo as coisas que, por afinidade ou contraste harmônico em relação a ela, lhe convém para realizar a sua unicidade?”

Qual o sentido da palavra “unicidade” nessa frase?

Por meio desse misterioso “senso do ser”, o inocente iria fazendo uma seleção – eliminando algo, aceitando o oposto desse algo— afim de atingir a “unicidade”. Seria aí unicidade sinônimo de unidade?

Claro que não, pois o uno é um transcendental do ser. Ser uno é próprio de todo ser. Cada coisa é una e jamais busca atingir a sua unidade, que ela já possui.

Unicidade parece indicar uma concepção monista do ser.

“Unicidade”, aí, só pode significar que se busca atingir uma identificação substancial com o Ser Absoluto, num monismo ontológico.

Segundo a doutrina católica e a filosofia tomista, os seres feitos à imagem de Deus buscam a **união** com Deus, jamais a unicidade com Deus. Só a Gnose afirma que os homens, na vida peregrinante no exílio da matéria, devem buscar a **unicidade** com a Divindade, rejeitando a matéria, e selecionando nela a partícula divina invicera nas coisas criadas. O Panteísmo, que afirma que tudo é Deus, inclusive a matéria, nada seleciona, e afirma, sem seleção, o monismo do ser. PCO, na citação acima, dá claro indício de sua doutrina gnóstica.

E descrevendo um hipotético Abel, sem pecado original Plínio explica como ele usaria o seletivo, o senso do ser –senso do Ser absoluto – procurando em todas as coisas algo que o unisse ao Absoluto:

“Descrevemos desta sorte um inocente concebido **sem pecado original cujo seletivo é o próprio ser**” (Plínio Corrêa e Oliveira, *Seletivo e Harmonia da Alma Inocente*, in revista “*Dr. Plínio*”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 22. O destaque é nosso).

E PCO afirmou que o “senso do ser”, inato no homem, dar-lhe-ia a noção de que deveria buscar, por seleção, realizar a unicidade do ser...

E o seletivo que seria o senso do ser absoluto, atuando, para reconduzir o homem à identificação com a ordem ideal, com o Absoluto. Daí, ele dizer que o seletivo “é o próprio ser”. Logo, a idéia do ser absoluto existente inata no homem “é o próprio ser” do homem. O homem, no fundo, seria o Absoluto encarcerado num corpo material, num ser contingente.

Por isso diz Plínio:

“A partir de mim mesmo vou procurando em todas as criaturas algo que satisfaça a minha carência e que como que me abro para todas, como um leque. Mas, no contato com todas, vou percebendo que todas se enfeixam num ente supremo que é Deus e tudo vai se fechando para outro ponto. “Há, portanto, uma espécie de abertura e de fechamento, que é como que o gráfico das relações do homem com Deus.

“A multiplicidade de minhas apetências é expressão de uma carência fundamental que há em mim como criatura e que procura uma porção de satisfações. Depois de ter procurado todas as satisfações, vou unindo tudo isso numa satisfação suprema que é destinada à minha carência fundamental. Isso teria mais ou menos a forma de um losango” (Átila Sinke Guimarães, *MNF- O Processo Humano* (Resumo), apostila mimeografada na Editora Vera Cruz, São Paulo, 1972, Dezembro de 1972, p.37).

Na busca do Absoluto, na busca do Infinito, já o diziam os românticos com o gnóstico Novalis, o homem só encontra o finito.

Mas, lembramos já que PCO disse: “O limite é coisa que repugna o ser” (Apostila citada, p. 37).

Nessa tese, formulada por PCO no MNF, está a recusa da analogia do ser, a revolta da contingência, típica da Gnose, que é sempre um pecado anti metafísico.

No pensamento de PCO, como na Gnose, em toda criatura contingente geme encarcerado algo do Absoluto e não só a idéia inata dele no homem.

É o que se explica na Apostila-Resumo do MNF, expondo as doutrinas de PCO no MNF, com a teoria da “alcachofra metafísica”, um símbolo da procura do Absoluto divino nas coisas criadas. Deixemos Plínio expor seu alcachofral pensamento, tal como foi citado sucintamente por Átila Sinke Guimarães:

#### 4- O exemplo do alcachofra metafísico

PCO é quem fala:

“Eu passo daí para uma figura que eu chamaria alcachofra hipotético. É uma figura destinada a mostrar como, através de vários contingentes e relativos, a pessoa procura o absoluto. Eu imagino uma alcachofra com toda a estrutura que têm as alcachofras que conhecemos, mas com uma peculiaridade que as alcachofras que conhecemos não possuem. Vamos imaginar uma [em] que as pétalas da alcachofra, as mais altas, tivessem sabor mais leve que o fundo, e que à medida que fôssemos aprofundando, o gosto das pétalas fosse se tornando mais intenso.”

“Eu diria que a pessoa, comendo pétala por pétala, levada pelo gosto, pela apetência de degustar o fundo da alcachofra, iria comendo pétala por pétala até o fundo. Então diria que apareceriam os seguintes degraus: o amor da coisa concreta, o amor da coisa enquanto reflexo de outra, o amor de uma coisa abstrata e a consideração de uma coisa puramente intelectual. Por aí sucessivamente, chegaríamos a Deus”

### Precisão de linguagem

“A Comissão chegou à seguinte conclusão: a palavra absoluto para nosso uso pode passar, mas desde que nós a reservemos para o fundo da alcachofra. As várias pétalas sucessivas da alcachofra seriam participações sucessivamente mais densas, ou maiores, do absoluto”.(Átila Sinke Guimarães, *Apostila O Processo Humano- Resumo do MNF*, pp. 43-44).

Se a redação deixa a desejar quanto ao português, do ponto de vista de exemplo didático da idéia gnóstica de que, em todas as coisas, há uma maior ou menor identificação com algo ontológico e substancial da Divindade, pela presença de partículas divinas presas nas criaturas, didaticamente o exemplo do alcachofra é bem feliz para expor a Gnose.

Plínio vai fazer distinções entre o paganismo e a sua Gnose. Ele chamava sua doutrina de “catolicismo”, que para ele, seria “a forma mais elevada e genuína de espiritualismo” (Cfr.Plínio Corrêa de Oliveira, *Liga Eleitoral Católica --- A Postos!* Artigo publicado no “*O Legionário*”, em 15 de Janeiro de 1933, apud *Catolicismo*, Maio de 1983, Ano XXXIII, N<sup>o</sup> 389, p.5).

“Os antigos pagãos faziam do outono, da primavera, do verão, da glória, da fecundidade, da agricultura, pessoas. Eles não estavam errados na idéia de que, em última análise, isso tem que se personalizar. Eles estavam errados em admitir que se personalizassem em muitos deuses. Nós, católicos, sabemos que tudo isso se personaliza num só Deus. Dentro dessa concepção, podemos dizer que o absoluto é uma pessoa, Deus Nosso Senhor, que procuramos dentro de todas as coisas.” (Palavras de PCO na Apostila resumo do MNF, p. 43. Os negritos são nossos)

Está aí claramente dito que o Absoluto nós devemos procurá-lo em todas as coisas.

Portanto, o “catolicismo” de PCO era uma tosca versão da Gnose para cúmplices e ingênuos. Daí, a doutrina de PCO ser, então, secreta. E hoje continuar discreta. Era doutrina esotérica. A TFP e os Arautos são seitas esotéricas de caráter gnóstico.

De um lado, Plínio afirma que o ser do homem, sendo contingente é nada, e de outro lado, ele declara que Deus está no fundo do ser humano e no fundo de todos os seres contingentes, pois que “*Deus é o ser dos seres*” (Átila Sinke Guimarães, Apostila *O Processo Humano* –Resumo do MNF, p. 36).

Noutro ponto do livro sobre a Inocência Primeva, Plínio afirma que “a solução para essa náusea – [a insatisfação atual do homem] – só pode ser encontrada na procura dos absolutos verdadeiros.” (PCO, A Inocência... p. 108).

### 5-O Seletivo Inerrante do Homem

Na busca do Absoluto existente de algum modo em todas as coisas, o homem seria movido pelo que Plínio chamava o “senso do ser”.

Cada homem, em sua contingência, precisaria de elementos que lhe faltam para se completar no Absoluto. Nessa busca, o homem seria guiado por um poder especial – inerrante -, nascido do senso do ser, e que Plínio chama de “*Seletivo*”.

Plínio afirmava que havia no homem uma faculdade subconsciente, superior e anterior à inteligência e à vontade, que daria ao intelecto consciente uma compreensão inerrante, e à vontade uma decisão clara, inata, e superior à racional para escolher o que certamente seria mais conveniente para a pessoa, tendo em vista a sua divinização, por transformação no Absoluto.

Tal capacidade Plínio a chamava de “*Seletivo*” e considerava que ela existia e atuava, mesmo antes do uso da razão. Com ele, afirma-o Plínio, aconteceu isso: ele já usava o seletivo aos seis meses de idade, quando evidentemente não tinha o uso da razão.

Plínio conta que, tendo seis meses de idade, ele já usava o seletivo próprio do homem inocente:

“Tanto quanto possa lembrar-me de mim mesmo, já observava as coisas em pequeno e pensava sobre elas, perguntando-me se eram moralmente boas ou más; ontologicamente apetecíveis ou não. Por exemplo, há uma fotografia em que estou nos braços de mamãe, tendo alguns meses de idade e, portanto, sem o uso da razão. Ela relativamente moça, muito forte e bem constituída, sorrindo enlevada e satisfeita. Ao pé da letra, ela está “derretida”...

Alguém teve a idéia de fazer uma ampliação dessa fotografia. Observando minha micro-fisionomia, percebi alguma coisa de meu modo de ser e de meu temperamento que já estava ali presente. A inocência transparece de modo saliente, junto com a

debilidade. Estou acordado olhando para alguma coisa. Largado nos braços maternos – com delícias! –sentindo muito seu carinho e confiando nela com a maior tranquilidade. Entretanto, causou-me certa surpresa ver como uma criança daquela idade com ares e olhar de quem está raciocinando... É um olhar seletivo e dubitativo; feito para distinguir as coisas, não permitindo que elas se apresentassem emaranhadas, mas coordenadas. Com uma grande tendência para a análise, disposta para depois saborear ou recusar, aprovar ou rejeitar. Havia ali uma obra-prima para um homem muito analítico”. (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, vol. I, p. 63). Os destaques são nossos.

É desnecessário comentar o absurdo dessas afirmações fantasiosas, cheias de um imenso orgulho, e saturada de contradições. Como uma criança, sem o uso da razão, pode falar em problemas morais, do que é lícito e do que é ilícito? Do que é ontologicamente apetecível?

Pelo seletivo é que o homem teria o verdadeiro conhecimento do ser. E ser, aí, seria o próprio Ser Absoluto.

Por que?

Porque Plínio definiu o seletivo, dizendo que ele é o próprio ser:

“Descrevemos desta sorte um inocente concebido sem pecado original cujo seletivo é o próprio ser”.(Plínio Corrêa e Oliveira, *Seletivo e Harmonia da Alma Inocente*, in revista “*Dr. Plínio*”, Ano VIII, Junho de 2006, N<sup>o</sup> 87, p. 22. O destaque é nosso).

De novo citamos essa frase, e, note-se, que o inocente seria isento do pecado original. Ora, noutras passagens, PCO dirá que todo homem é inocente por natureza. Portanto, todos os homens sendo inocentes, seriam isentos do pecado original.

Imprecisamente PCO dizia também que esse “seletivo” é “o próprio ser”, isto é o “senso do ser”, inato no homem.

Deixemos PCO explicar mais claramente o que seria esse “seletivo”— ser, e senso do ser— existente inato na alma humana. Esse seletivo estaria, segundo PCO, numa misteriosa “Câmara Obscura”, que existiria por trás da inteligência e da vontade. (Dessa Câmara Obscura se tratará mais adiante).

O seletivo seria um conhecimento inato, “*instintivo e elementar de si próprio*” (PCO, artigo na revista “*Dr Plínio*”, N<sup>o</sup> 85, p. 25).

Por meio dele, teríamos o senso do divino em nós pela conscientização de que tendemos ao Absoluto, à Divindade:

A- “Por exemplo, temos uma série de percepções do divino em nós, em várias ocasiões de nossa vida. Quando às vezes, nós comungamos, temos uma certa percepção, onde está o Santíssimo, percebemos que Ele está lá. Ou quando visitamos a Sainte Chapelle” (PCO, artigo na revista Dr.Plínio, Nº 58, p. 17. Os destaques são nossos).

E os exemplos dados não nos dão a percepção do divino em nós.

Por outro lado, Plínio dizia saber que ao ser dele, Plínio, corresponderia um arquí alter ego dele, que seria o próprio Cristo. Noutro artigo, Dr. Plínio afirmou que:

“A inocência está sempre à procura de algo, de algo que é cheio de luz, cheio de paz, cheio de ordenação, concatenação e força, mas cheio de tranqüilidade. Este algo tem a capacidade de tudo mover sem mover-se a si próprio. Tem algo de inefável, de divino, de interior e de secreto”. (Plínio Corrêa de Oliveira, *Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, ed. cit. p. 49.) O destaque é nosso.

E o que tem capacidade de tudo mover sem mover-se - o motor imóvel-, é Deus.

Dá assegurar que ele tem algo de divino.

E vimos que PCO considerava que o homem se identificaria, no final do processo humano, com a Divindade.

B – O senso do ser e o seletivo nos dariam um conhecimento de todas as coisas, pela posse das matrizes do ser inata em nós.

Diz ainda Plínio:

“Todos os homens têm no fundo do espírito, o padrão, os modelos ideais de todas as coisas. E - se não cometeram infidelidades revolucionárias, contra a ordem estabelecida por Deus na Criação - são capazes de encontrar em si esses modelos ideais. Feito isso, não é tão difícil alcançar a harmonia interna da alma que caracteriza a inocência”. (PCO, *A Inocência Primeva*, p. 45)

O homem, tendo algo do ser Absoluto em si, teria por meio disso, também as matrizes de todos os seres contingentes, os universais, como se a alma humana fosse como o Verbo de Deus no qual todas as coisas foram feitas.

Desse modo, pelo uso da imaginação, remetendo a impressão que as coisas nos causam ao Absoluto puramente **ideal**, que conteria todos os valores absolutos encarcerados no mundo material, seríamos capazes de unificar tudo no Absoluto divino.

Portanto, o seletivo, o senso do ser, o senso do Absoluto, permitiria que conhecêssemos o divino em nós e em todas as coisas. Assim como se deveria buscar o nosso alter ego absoluto, assim também se deveria buscar o super “ser” absoluto (o super verde da gelatina, o super chopp, a super limonada) aprisionado e oculto em cada ser contingente, em cada coisa concreta. Até reunirmos tudo isso num mundo ideal que PCO chamava de Mundo da Transesfera, e que seria o pléroma ideal do Absoluto.

## 6 – A Câmara Obscura

“O que é a câmara obscura?

“Existe dentro do homem uma certa região misteriosa que poderia ser comparada com uma câmara obscura na qual se dá o mais profundo elaborar dos atos da inteligência e da volição do homem, e dos quais o que comumente se chama inteligência e vontade não são senão prolongamentos”.

“Então, essa câmara obscura é chamada obscura porque ela imerge na obscuridade do subconsciente, das operações que o homem produz sem que ele mesmo perceba muito claramente que ele está produzindo” (Apostila da TFP, *MNF- O Processo Humano* (Resumo), mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, O que é a Câmara Obscura, N<sup>o</sup> 2 –O que é a Câmara Obscura?, p. 71).

Ora, essa estranha doutrina parece a do cabalista Freud com o seu “id”. E a Cabala era a Gnose do judaísmo.

Dessa zona mais profunda e superior de alma é que proviriam o intelecto e a vontade. E nela é que as operações do homem se fariam sem que ele percebesse bem o que lá se estava produzindo. O que anularia o livre-arbítrio humano e a responsabilidade de nossos atos.

E outro gnóstico que expôs doutrina muito semelhante a essa foi Mestre Eckhart:

“...há na alma não se sabe o quê de misterioso e escondido bem mais elevada, lugar de onde se difundem as potências que são o intelecto e a vontade. Santo Agostinho exprime-se assim : Do mesmo modo que é impossível dizer onde o Filho saiu do Pai na primeira difusão, há na alma humana um não sei quê de tudo - fato secreto acima da primeira difusão de onde saíram o intelecto e a vontade ”.(Mestre Eckhart, *Sermons*, ed. cit. Sermão n<sup>o</sup> 7 "Populi eius in te est, misere Deus", *pág. 91*).

E Plínio chega a chamar essa câmara obscura de “*tabernáculo da alma*”!

“Portanto, a câmara obscura não pode ser considerada como um depósito de lixo no qual necessariamente entra poeira por mais

que se limpe. Mas há uma espécie de obscuridade sagrada como de um tabernáculo, e não mais do que tudo isso. Aliás, ela é tão elevada e tão nobre que poderia ser chamada o tabernáculo da alma”. (Apostila da TFP, *MNF- O Processo Humano (Resumo)*, mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, *O que é a Câmara Obscura*, N<sup>o</sup> 7–*Poderia ser conscientizado o que há na câmara obscura?*, (idem,p. 72).

Ora, o que está no tabernáculo é Deus...

“A câmara obscura é a detentora dos maiores recursos e tesouros da inteligência e do conhecimento. E é, ao mesmo tempo, a grande muda. Então a inteligência toma essas coisas, as formula conscientiza, etc. E esse é um fato que os partidários da filosofia tradicional não colocaram em evidência e que os esotéricos procuram trabalhar de modo malévolo”. (Apostila da TFP, *MNF- O Processo Humano (Resumo)*, mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo III, *O que é a Câmara Obscura*, N<sup>o</sup> 3 –*Pode ser conscientizado o que há na câmara obscura?*, p. 75).

E a Câmara Obscura seria tabernáculo do “senso do ser”, do seletivo, o depósito do saber inato do homem, de onde o homem retiraria os seus conhecimentos nela depositados.

“Este seletivo possui certos **critérios de escolha antes mesmo de a inteligência ter elaborado raciocínios**. Essa faculdade trabalha ainda de um modo incompleto, enquanto o seletivo já inicia seu operar. Tal tabela de valores, de preferências, recusas e indiferenças é desenvolvida pela criança ao longo de sua vida, sofrendo algumas modificações, de vez quando perdendo algum atributo, adquirindo outros, etc. mas, em suas linhas gerais, ela o conserva até o fim de sua existência”. (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, p. 24. O destaque é nosso).

Plínio afirma rotundamente, aí, nesse texto, que existem critérios de julgamento no homem, anteriores ao uso da razão. No homem, haveria critérios de julgamento inatos. Haveria até uma tabela inata de valores e que, em linhas gerais, se manteria no homem até o fim da vida. O que vai contra a doutrina católica e fazem de Plínio ou um platônico, ou um romântico kantiano. De todo modo, como diziam os tefepistas e os Arautos, um “*filósofo não abstrato*”.

Falando do seletivo, Plínio exprime, por vezes, idéias bem estranhas:

“*Verifica-se aqui o processo mental humano de se desprender da noite do não-criado para o criado, do não-ser para o ser*” (PCO, artigo “Inocência e as Noções Primárias do Ser”, in revista *Dr. Plínio*, Ano VIII, Abril de 2.005, N<sup>o</sup> 85, p. 24).

O não-criado é Deus. Deus não é a treva. O não-ser não existe.

E o processo mental humano não parte do não-ser para o ser. Parte da constatação de que os seres existem. A criança não parte de uma noção de não-ser.

E descrevendo o seletivo num hipotético inocente Abel, Plínio mostra como ele, usando o seletivo, alcançaria a apoteose, isto é, a divinização:

“Sobretudo, [Abel] compreenderia que, pelo funcionamento desse seletivo, quando alcançasse a plenitude de si próprio, teria a magna recompensa: a apoteose, o céu se abriria, os Anjos desceriam para levá-lo, sem passar pela morte, para a glória eterna.” (Plínio Corrêa de Oliveira, “Inocência Paradisiaca”, artigo in Revista Dr. Plínio, Ano VIII, Maio de 2005, N<sup>o</sup> 86, p. 18)

Desde o fundo inconsciente de nossa alma, numa zona obscura, que PCO chama de Câmara Obscura [quase que o Id de Freud fantasiado de tomista], o seletivo daria então à inteligência consciente as matrizes de todos os seres, os universais, e, para a vontade, o seletivo apresentaria as decisões mais profundas e melhores para o indivíduo, mas que o livre arbítrio poderia recusar. Daí Plínio falar em “maldade do livre arbítrio”, pois ele poderia resistir às propostas inerrantes do seletivo.

Plínio dirá que, na alma humana, havia então uma misteriosa Câmara Obscura, na qual se dariam todos os conhecimentos inatos que o homem deveria sempre comparar com o que a realidade exterior lhe apresentasse. O que seria conveniente ao homem lhe causaria uma impressão favorável, que o homem, através da imaginação, poderia relacionar com a matriz do ser inata nele, e a seguir, e sempre usando a imaginação, relacionar essa primeira impressão com outros seres análogos superiores até chegar a um análogo absolutamente transcendente à realidade concreta, num mundo irreal e imaterial, onde haveria a fonte Absoluta da impressão sentida inicialmente. Esse exercício imaginativo fazia passar, dizia PCO, do concreto exterior à verdadeira realidade do Absoluto ideal, numa esfera superior que PCO chamava de Transesfera.

E repare-se que, nesse processo, não entraria a abstração intelectual. O que importaria seria o seletivo, a impressão sensível, e a imaginação, como meios para atingire identificar-se ao Absoluto ideal.

Plínio, certa vez, escreveu sobre “*a maldade do livre arbítrio* (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Vítima Expiatória”, in revista Dr. Plínio, Ano II, Outubro de 1999, N<sup>o</sup> 19, p. 26). Porque maldade do livre arbítrio?

Porque o livre arbítrio, por sua maldade, poderia recusar esse absoluto, preso nos seres contingentes concretos, e sugerido pelo seletivo como convite para o homem alçar um vôo imaginativo até o Absoluto ideal na Trans-esfera. Havendo essa recusa pela preferência do ser concreto e desprezo do Absoluto, dar-se-ia na alma um voltar-se para o concreto e para o relativo, repelindo o Absoluto ideal. Dar-se-ia, então, uma desarmonia de suas potências, e o homem perderia o fulgor da inocência primeva. Esse seria o pecado de Revolução que faria do homem um revolucionário.

Caso o homem fosse fiel ao que o seu seletivo lhe apresentasse de modo inato e inerrante, ele venceria, como dizia Plínio, a maldade do livre arbítrio, mantendo a inocência primeva e a harmonia das potências conscientes de sua alma, tornando-se o homem um contra revolucionário. Não havendo o pecado de revolução— a recusa de buscar o Absoluto por meio da imaginação e do sonho – a inocência permaneceria na alma mesmo sob um mar de pecados contra a lei de Deus. O único mal seria o pecado de revolução, a recusa da busca do Absoluto.

A inteligência e a vontade conscientes seriam meras ramificações do seletivo da Câmara Obscura. Elas teriam suas raízes no seletivo residente na câmara obscura.

Plínio considerava que, a inteligência e a vontade, em sua dependência radical do seletivo, teriam sido postas como inerrantes no homem.

Plínio diz mais: diz que “a inteligência é inerrante em seu nascedouro, isto é, no seletivo jazente na Câmara Obscura”. E que, se uma pessoa fosse fiel a esse estado original, que o Batismo reforçaria, ela se manteria inocente, mesmo se cometesse um mar de pecados, pois esse estado seria ontológico, seria imanente ao ser do homem, e, por isso também ele se tornaria inerrante. Se a pessoa atuasse sempre de acordo com sua inocência, então ela seria inerrante.

Tudo isso foi contado por João Scognamiglio em 1992, quando ainda Dr. Plínio estava vivo (Cfr. João Scognamiglio Clá Dias, **Jour–Le–Jour**, 19 de Abril de 1992).

Plínio afirma que é possível manter em nós a harmonia destruída pelo pecado original, extirpando a contradição que ele deixou em nossa natureza, através do bom uso de nosso seletivo:

“Entretanto trata-se de uma contradição que precisamos extirpar de nosso interior, para que em nós tudo seja lógica, coerência, harmonia.”

“Tal nos é possível, fazendo com que nosso seletivo funcione em ordem, não procurando coisas que não nos convém, e tendo idéia exata de como deveríamos ser, isto é, inocentes. E desejar

atingir essa meta, pois o homem, quando fiel à sua inocência batismal, conhece, quase por instinto aquilo que lhe será ou não benéfico” (PCO, artigo, “Seletivo e Harmonia na Alma Inocente”, in revista Dr. Plínio, Ano VIII, Junho de 2.005, Nº 87, p.25).

Os destaques são nossos.

Desta vez, substituiu-se taticamente, no texto, inocência primeva por inocência batismal...

Eis algumas citações originais dessa doutrina de PCO, comprovando o que agora expusemos.

“A visão primeira corresponde à minha velha idéia – [de Plínio Corrêa de Oliveira]—de que o conhecimento é algo que brota do fundo da cabeça do homem à maneira de algo impreciso, que depois se torna desenho, depois relevo, depois estátua e por fim fala”. (Apostila da TFP atribuída a Átila Sinke Guimarães, *MNF- O Processo Humano (Resumo)*, mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo I Teoria da Visão Primeira, N<sup>o</sup> 5 – O Verdadeiro Conhecimento e a Verdadeira Inteligência, p. 64.)

Portanto, o conhecimento viria do interior do homem, e seria inato nele.

E noutra passagem se lê:

“Necessariamente tem que haver um conhecimento anterior e subconsciente nele –[no homem] – que é o conhecimento de algo por onde todas essas coisas são unas” (Apostila da TFP, *MNF- O Processo Humano (Resumo)*, mimeografada pela Editora Vera Cruz Ltda São Paulo, Dezembro de 1972, II Parte, Capítulo I **Teoria da Visão Primeira**, N<sup>o</sup> 1 – **Visão primeira a Alma Enxerga o Ser na sua Totalidade**, p. 61. O destaque é nosso).

Todas as coisas, no fundo, seriam unas no Absoluto, numa concepção monista e espiritual do ser.

### **7 – A inocência primeva**

Plínio diz que o estado de inocência primeva seria aquele com que o homem “saíu das mãos de Deus”.

“*A Inocência primeva, estado de harmonia com que a alma saíu das mãos de Deus*” (PCO, *A Inocência Primeva*, p. 35).

Já nessa conceituação de inocência primeva parece se afirmar que os homens mantiveram a inocência original de Adão. Portanto, que o pecado original não fez o homem perder a inocência original.

A heresia que essa conceituação insinua será confirmada por outros textos, como este que repetimos por fins de compreensão mais fácil:

[Inocência primeva é o estado] *“pelo qual uma pessoa, desde os primeiros movimentos de sua existência, tem noção de que ela é. E, de modo excelente, vai escolhendo as coisas que, por afinidade ou contraste harmônico em relação a ela, lhe convém para realizar a sua **unicidade**. Em sua caminhada pela vida, nunca cometeu uma falta e sempre visa atingir a própria perfeição. **A inocência assim conceituada se refere à pessoa sem pecado original**”*(Plínio Corrêa de Oliveira, **Seletivo e Harmonia na Alma Inocente**, artigo in Revista **“Dr. Plínio”**, Ano VIII, Junho de 2006, Nº 87, p. 23. Os destaques são nossos).

Está aí dito expressamente que o conceito de inocência primeva, admitido por PCO, inclui a isenção do pecado original. O que vai contra o dogma.

Não é de espantar que ele então diga que...

*“**Todos os homens têm no fundo do espírito, o padrão, os modelos ideais de todas as coisas. E — se não cometeram infidelidades revolucionárias, contra a ordem estabelecida por Deus na Criação — são capazes de encontrar em si esses modelos ideais. Feito isso, não é tão difícil alcançar a harmonia interna da alma que caracteriza a inocência**”* (PCO, *A Inocência Primeva*, p. 45).

E ainda:

*“**Inocente é o homem de todas as idades que adere àquele estado de espírito primevo de equilíbrio e de temperança com que o homem foi criado, e por isso conserva-se aberto a todas as formas de retidão e de maravilhoso**”* (Plínio Correa de Oliveira, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, p. 35).

Parece-nos que não restam dúvidas, por essas poucas citações, a heresia da TFP e dos Aautos do Evangelho. E PCO se dizia “O Inocente” por antonomásia. Daí, a idéia de que ele era inerrante e imortal, o Profeta do futuro Reino de Maria.

## **8- O Arqui Alter Ego**

Plínio conta como, no fundo do ser humano haveria, com a idéia inata do ser Absoluto, um Arqui Alter Ego da pessoa. E para ele, em seu pensamento idealista, repetimos, a idéia de ser era idêntica e a mesma coisa que o mesmo ser.

*“Era como se existisse um meu **”arqui-alter ego”** [arqui outro eu mesmo], atraentíssimo, porque imensa e infinitamente distante, mas ”inviscerado’ dentro de mim e “brincando” com minha alma como um homem brinca com uma pedra preciosa”.*

*“Eu tinha a impressão de que esse alter ego se comprazia em intensificar em minha alma ora tal atitude, ora tal outra. Ao mesmo tempo, ele me deixava contemplar essa atitude e parecia dizer-me: “Vê como isso é lindo! E tu, meu filho, como és pulcro, perfumado, irisado e magnífico, em tua alma! Que esplendor há em ti! Também que alegrias inefáveis tu sentes! Que bem-estar superior a qualquer satisfação da terra, sem nenhuma comparação!”*

*“Sendo fiel a “isso”, terás um grande papel. E quando o realizares então verás como será a minha união contigo! Que grandeza sem nome! Anda, portanto, pois no fim me encontrarás. E agora, trata de encontrar a tua alegria em ti mesmo, pois eu ponho em ti o enlevo e a “leveza de alma” que são o teu Céu desde já”*

*“Tudo isso me convidava a sacrais “sonhos de olhos abertos” e pensava: “Como vai ser essa união?”. E imaginava episódios...Eu sonhava com essa união, prometida para a hora da tarefa cumprida e do triunfo realizado, mas sem nunca pensar assim: ”Eu estou caminhando e os outros não...”*

*“Portanto, o verdadeiro triunfo não consistiria no aplauso dos outros, mas na união consumada. Seria como um general de alma nobre, que deseja ganhar uma guerra. Na hora do desfile da vitória, ele tem a sensação metafísica [sic] de encarnar a pátria e o heroísmo, e encontra a plenitude e a realização de sua alma nessa identificação com valores superiores, muito mais do que a alegria de ser aplaudido”.*

*“Assim eram os meus “sonhos”, mas de um modo incomparavelmente mais alcandorado: eu desejava essa união, para sentir-me inteiramente penetrado por “isso”, quando chegasse o fim da minha missão. Eu não sabia que “isso” se chamava Deus, como vejo hoje. Eu tinha, portanto, um desejo de união com Deus. E isso se exprimia dos modos mais variados. Eu não ouvia nenhum som ou melodia tocada por anjos, mas de vez em quando, sentia uma “harmonia” interna de minha alma, sobre a qual eu tinha vontade de compor uma música... E, às vezes, em uma ou outra peça musical que ouvia – executada pelas muitas orquestrinhas existentes por toda a parte— certos trinados lembravam-me isso, de passagem.*

*“Mas eu percebia que esse “paraíso interior” trazia como pressuposto uma coerência muito grande; exigia que eu me desse a ele por inteiro! Aquele deveria ser o lar de minha alma por toda a vida, e nele eu teria toda espécie de felicidade e bem-estar. Se bem que eu ignorasse ainda os assuntos relativos ao Sexto Mandamento – que conheci aos nove ou dez anos de idade—sentia em mim uma pureza exímia, que parecia tocar música em meu interior.A castidade era como uma concha na qual tudo isso*

*estava contido e, se eu a perdesse, romperia com esse mundo maravilhoso”* (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, edit. Retornarei, São Paulo, 2008, I vol., pp. 220- 221. Os destaques são do original).

Dispensamo-nos de comentar tais absurdos, porque fazer isso seria ofensivo para um Cardeal.

Restaria perguntar quem é esse arqui alter ego de cada um. E ver-se-á, mais adiante, que, no juízo diante de Deus, o homem encontraria seu arqui alter ego. E que esse é Arqui Alter Ego seria o próprio Cristo, Homem-Deus como costumava dizer Plínio quase que obsessivamente.

### **9 – A Inocência não pode ser perdida pelo pecado e nem recuperada pelos sacramentos.**

Convém então notar, ainda, que, para PCO, a Inocência primeva nunca poderia ser totalmente perdida. PCO imaginava que a inocência primeva não se perderia com o pecado mortal pessoal. Pois se nem o pecado original de Adão teria impedido que todos os homens nascessem com a Inocência primeva, muito menos ela seria perdida pelo pecado pessoal. Paradoxalmente, conservar-se-ia a inocência primeva mesmo que houvesse um “*mar de pecados*”.

Prevenia Plínio que: “*A inocência primeva não é algo que o demônio possa arrancar inteiramente de dentro de nossa alma, mas permanece como uma catedral englutie, uma catedral imersa nas águas do pecado, que ainda existe em nós*” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 53).

“*Desaparecida a inocência, estaria tudo perdido? Ela é algo de irre recuperável ou pode ser restaurada?*”

“*Sem dúvida, pode haver uma restauração. Não se trata simplesmente da conversão de um pecador arrependido – embora a conversão tenha muito a ver com o tema – mas da volta ao estado primevo de harmonia interna que constitui a inocência*” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 53).

O meio para recuperar a Inocência seria simplesmente ter saudades dela;

“*São saudades que salvam. ‘Não é preciso fazer considerações flagelantes e dilacerantes a respeito do paraíso perdido com o qual se rompeu e que também teria rompido conosco. Em vez disso, deve-se pensar o contrário: esse paraíso não rompeu conosco e a toda hora bate à nossa porta’*” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 54).

Claro que tais concepções conduzem ao anomismo.

Por isso, Plínio imaginou um novo critério de salvação, muito semelhante ao de alguns sistemas gnósticos como o dos mandeanos.

#### **10- O Juízo Final e a Salvação conforme PCO. A identificação com o Eu divino.**

Plínio diz que sua concepção sobre o juízo da alma por Deus “*difere da concepção comum sobre o que são o existir de um homem, o Juízo Final e o julgamento de Deus*” (Plínio C. de Oliveira, **A Inocência...**, p. 61).

“Por vezes vem-nos ao pensamento que a entrada no Céu será como se fosse num país completamente estranho, onde não conhecemos ninguém. Ficamos, no fundo, um tanto apavorados. E pode-se ter a impressão de que o julgamento não tem relação com nossa biografia, mas com uma tabela de Dez Mandamentos que se deveria ter praticada. Não nos parece que vamos rever uma pessoa muito conhecida, mas ter contato com um desconhecido que nunca esteve diante de nós” (Plínio Corrêa de Oliveira, **A Inocência...**, p. 61. O destaque é nosso).

“Na Hora da morte acaba o exílio, porque termina o lusco-fusco e se vai ter o grande encontro: o grande encontro com Aquele com “A” maiúsculo no lar paterno da alma. Com Aquele que é mais eu do que eu mesmo, e em cujo convívio vou passar a viver e existir por toda a eternidade. É a sensação de volta à casa paterna depois de uma longa peregrinação. “É a procura do semelhamtíssimo a mim, mais eu do que eu mesmo” (Plínio Corrêa de Oliveira, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, ed.Cit., p. 62).

Os destaques são do original.

Também nesse ponto basta lembrar que em muitos sistemas gnósticos (por ex., nos textos mandeanos) a salvação ocorre pela identificação numa união hipostática do eu pessoal com o eu divino. Toda a Gnose romântica está recheada dessa idéia, que Hans Jonas julga ser o coração da Gnose (Cfr. Hans Jonas, *La Religion Gnostique*, Flammarion, Paris 1978, p. 168).

E essa idéia da identificação dos Eus é defendida por Novalis ( Discípulos em Saís), por Wagner (Tristão e Isolda) pelo cabalista Martin Buber, assim como pelo Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal.

#### **11 – A Contemplação Sacral do Universo pelo Homem Inocente.**

Para Dr. Plínio, imaginando, fantasiando, é que se alcançaria um mundo ideal, o mundo “sacral” por excelência.

Esse processo imaginativo e idealizador se iniciaria na infância, quando a inocência primeva reinaria na alma de **todo homem**. Portanto, na alma de todos os homens, mesmo sem o Batismo. Todos, através do “*sensu do ser*”, poderiam atingir o “conhecimento” de um mundo ideal, que seria um conhecimento salvador.

Todos os homens então, pelo “*sensu do ser*” procurariam alcançar uma “*ordem ideal*” que eles conheceriam por meio das matrizes universais inatas neles.

Esse universo ideal era imaginado como realizado, num mundo do além, por seres análogos aos do nosso mundo concreto, porém muito mais perfeitos, pois que não teriam matéria. O que de melhor haveria em nosso mundo, existiria perfeitíssimo, sem nenhuma limitação e defeito, e sem matéria, nesse mundo ideal. Seria um universo de puros seres ideais, muito semelhante ao mundo das idéias de Platão, mas ainda superior a ele.

Entre o mundo real e imperfeito em que vivemos e o mundo ideal do Absoluto, haveria vários paraísos imaginários, uns análogos aos outros, até o mundo supremo do Absoluto Absolutíssimo. De grau em grau, cada um desses “paraísos” imaginários, numa sucessão indefinida de analogados, iria até um mundo totalmente ideal, que PCO chamava mundo da Trans-Esfera.

Plínio chama de contemplação sacral do universo não a compreensão das qualidades invisíveis de Deus tornadas visíveis nas criaturas, como ensinou São Paulo (Rom. I, 20), mas, sim, a contemplação de um mundo imaginário. A ele se chegaria através de um jogo da imaginação, sonhando com criaturas que tivessem qualidades cada vez mais altas, até o nível do absoluto, que PCO coloca no mundo dos possíveis de Deus.

Exemplos:

#### 1<sup>o</sup>- **A Limonadérrima e o Super Plínio**

Aos três anos de idade, indo de navio à Europa, PCO tomou uma limonada que lhe causou —para usar um termo caríssimo a PCO-- uma forte impressão.

“Vejo neste navio um ‘pedaço’ da Europa na qual vou entrar. E já estou notando daqui que existe na Europa algo por onde todas as coisas são da melhor qualidade do que aquelas que conheço. Portanto, esta bebida obedece a um estilo e a uma escola de categoria superior. Limonada é isto! Ó limonada. Entretanto, por trás dessa reflexão estava a idéia da limonadíssima, que aquele limonada do navio não havia atingido... E, sem saber ainda dizer o que estou explicando agora, minha idéia era a seguinte: “Existe, na ordem do espírito, um deleite da limonada, e há, em outra esfera superior, uma

limonadérrima que já não é mais limonada, nem tem limão. Mas se eu for afirmar isso para as pessoas adultas que me cercam, vão dizer que sou louco. Percebo que não sei exprimir bem o que estou pensando, mas quando ficar mais velho saberei fazê-lo”(Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, ed. cit, p. 96).

B -Um segundo exemplo de “*contemplação sacral*” pliniana é sobre um copo de chopp:

“Não terei entendido um chopp se não conseguir imaginar o chopp perfeito. Depois de o ter imaginado, esse chopp imperfeito me faz compreender um ser possível que é a alegria de minha vida.

(...) No chopp, eu via a possibilidade de ser muito mais do que era, e esta possibilidade me falava de Deus”(PCO, *A Inocência...*, p. 302).

Para Plínio, o passo inicial da contemplação como ele a concebe está no sentimento:

“Não se trata apenas, ou sempre, de fazer a explicitação das coisas percebidas pelos sentidos. O passo inicial indispensável é uma espécie de sentir do qual nascerá mais tarde a explicitação. Esta seria o segundo estágio, menos imprescindível, enquanto o primeiro é o mais precioso, porque dele depende o resto do processo” (Plínio Corrêa de Oliveira, “O Senso Comum e a Procura do Absoluto”, in revista *Dr. Plínio*, ano VII, N<sup>o</sup> 71, Fevereiro de 2.004, p. 27.

Os destaques são nossos.

“Se a pessoa for fecunda em formar noções **ideais**, muito sub-conscientes, mas efetivas, a respeito do que a cerca, ela vai buscando um universo ideal. Ela sabe que esse universo ideal não existe, mas tem a noção de que, de algum modo, deve existir.” (*O universo é uma Catedral, excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira* por Leo Daniele, Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1997, p. 23).

Portanto, o universo que Plínio imagina é:

- 1) Puramente imaginário;
- 2) Mas, “imaginando-o realizado”, num universo fantasioso que ele chama de ideal;
- 3) Universo que ele qualificará com o termo “sacral”;
- 4) Que formaria o que ele vai denominar de Trans-esfera;

5) Universo absolutamente contraditório, pois que não existe, mas teria que existir, pelo menos de algum modo.

6) Que, segundo ele diz em textos que citamos em nosso livro, os contos de fadas contam coisas irreais aqui, mas que são “*verdades no reino do além*”.

7) Contos da fadas contariam verdades ocultas.

8) Finalmente, as coisas existentes no mundo atual seriam análogas a esse mundo da Transesfera, e não a Deus. O que faz substituir Deus pela Transesfera.

E Plínio liga o mundo ideal imaginado por ele aos possíveis de Deus, dizendo que o que há de mais esplêndido no mundo em que vivemos tem o seu auge no mundo dos possíveis de Deus, que não existem, mas que de algum modo existiriam.

“Seres possíveis: poderiam existir mas não existem.

A contemplação sacral também pode ter como objeto o campo dos possíveis, ou seja, dos seres que poderiam existir, mas não existem. Assim, quem a ela se dedicar verá desdobrar-se diante de si um verdadeiro universo, pois todo ser existente tem analogia com inúmeros seres que não existem e jamais existirão” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, edição do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, Artpress, São Paulo, 2008, p. 153. Os destaques são nossos).

PCO então faz um paralelo entre o mundo dos possíveis e o brasão imaginário de um Rei inexistente numa República aristocrática, brasão ao qual se refeririam heraldicamente os brasões dos aristocratas dessa República. E diz que, assim como os brasões desses nobres participavam de um brasão monárquico de um Rei inexistente, assim também, tudo o que existe de bom em nosso mundo participaria analogamente do mundo ideal perfeitíssimo- mas inexistente—dos possíveis em Deus. E disso ele tira um princípio:

“Tudo o que existe é uma participação nisso que não existe” (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 230. O destaque é nosso.).

E desse modo, PCO contraia diametralmente o que São Paulo afirma na Epístola aos Romanos (I, 20).

E ele afirmará que existir ou não esse mundo ideal não tem importância maior:

“Tratava-se da procura de um maravilhoso superior à realidade cotidiana e colocado numa linha arquetípica de belezas ideais. Para mim, nem era necessário que elas existissem, mas bastava-

me entender serem concebíveis” (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, vol. I, p. 301. Os destaques são nossos).

Para PCO, tanto fazia se os possíveis existissem ou não. O que ensinava a Religião, a Metafísica e o bom senso não interessava. Importava o que ele imaginava, existisse, ou não, o imaginado.

Tanto fazia ser ou não ser, existir ou não existir, porque, como Bergson, ele considerava que a existência era um mero fluxo. Eis o seu comentário vendo um jorro de água, caindo no mar:

“Assim é a vida! Os fatos vão saindo de dentro do possível para se tornarem reais e depois se perdem no que já passou, como essa água que desaparece no mar. É bonito ver como isso se sucede. E o ruído que faz essa água caindo no mar é como o rumor dos fatos da vida, quando acabam de acontecer e se perdem no passado. E o ruído que vai, vai, e de repente acaba. Assim é a vida... Que bonito esse jorro! Como é bom que comece, como é bom que dure, como é bom que acabe!”(Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, vol. I, p. 212).

E Plínio diz que pensou isso aos quatro anos. Sem ter lido Bergson, de quem ele repete até o termo “jorro” para indicar o fluxo do existente.

E PCO estendia essa idéia de fluxo até aos seres humanos, que, morrendo, se tornariam somente seres “possíveis”:

“As saudades são a lembrança de um pequeno possível que deixou de existir. Assim, quando alguém deixou de existir, fica para nós como um possível” (PCO, *A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo*, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 159)

Dáí fica compreensível o porque, para PCO, o mito valia mais que a realidade, a lenda valeria mais do que os fatos ocorridos.

## **12 - A Transesfera pliniana.**

A esse mundo ideal Plínio chamou de Transesfera.

Eis o conceito de trans-esfera de Dr. Plínio:

“Transesfera é uma visão transcendente da realidade que resulta da contemplação dos possíveis de Deus, a partir do universo criado ou das obras dos homens, e que produz na alma que a ela se consagra um élan de união com o absoluto de Deus” (PCO, *A Inocência...*, p. 175)

Os destaques são do original.

A Transesfera seria uma “visão transcendente da realidade” existente, obtida pela contemplação dos possíveis de Deus, que não existem, e que não podemos contemplar.

E a contemplação da inexistente Trans-esfera causaria “um élan de união com o absoluto de Deus”. E vimos anteriormente, neste resumo, que, para PCO, essa união com o absoluto seria divinizadora do homem.

Para Plínio, TFP e Arautos, tendo uma visão sublimada e transcendente da realidade, isto é, sonhando, se alcançaria a Trans-Esfera Pliniana, mundo esse que seria análogo aos possíveis de Deus.

E tais possíveis poderiam atuar sobre nós, e nós sobre eles numa mútua intervenção sonhadora.

Os possíveis em Deus, não tendo o ato de existir fora da mente divina, não tendo sido realmente criados, --pois que se fossem criados já não eram possíveis, mas seres realizados-- não têm poder de atuar. Eles não têm potência ativa. E por isso, eles não podem ser causas agentes. Eles não podem causar em nós nem mesmo o élan de que fala Bergson em seus devaneios filosófico-gnósticos, que parecem ter influído na imaginação de Dr. Plínio, para construir sua Gnose burlesca e filosoficamente mal arranjada. Mal arranjada, pois que para montá-la, ele usava mal termos filosoficamente em moda, na Belle Époque.

Dissemos que a Gnose pliniana é burlesca. Mas é também granfina, pois que ele a fez com pretensões metafísicas mal digeridas, e sonhos burgueses e tupiniquins de atingir um nível aristocrático afrancesado. Mas sua doutrina, ainda que bronca e burlesca,-- paranóica-- não deixava de ser uma gnose. Portanto, uma heresia.

“O que é essa esfera? Não é uma esfera nova da realidade, mas algo que o espírito humano concebe como um produto do espírito” (PCO, **A Inocência...**, p. 173)

“[A Transesfera, o Saci-Pererê de Plínio] É uma imagem que o espírito humano cria para si, de uma ordem irreal, hipotética, não existente, formando-se às vezes de modo muito efêmero, por certos aspectos da natureza, por atitudes dos indivíduos, etc., que não constituem, portanto, uma ordem real. São aspectos fugazes, são lampejos, que as coisas tomam e com os quais o homem constitui um modo habitual de ver todos os seres como se estivessem numa trans esfera” (PCO, **A Inocência...**, p. 173.)

Os negritos sublinhados são nossos.

“E essa idéia do viver em algo que não é o real, mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma queria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito” (Plínio Corrêa de Oliveira, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16. O sublinhado está no original do texto citado).

E na transesfera pliniana não haveria homens e mulheres de carne e osso:

“Entretanto, eu recusava a ilusão enganosa de imaginar que pudessem existir, realmente, homens e mulheres de carne e osso com a perfeição que eu desejava, ou objetos materiais sensíveis com a beleza ideal que eu queria. E sabia que não chegaria a conhecer nesta terra um ambiente humano que atingisse esse píncaro.”(Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 452).

Todo gnóstico sonha com a eliminação da carne. Daí todo gnóstico quer corrigir o mundo criado por Deus:

A partir disso nasceu uma análise em relação ao mundo que me cercava. Eu via nele coisas belas e também outras reprováveis, erradas e tortas, mas sentia que, em alguma medida, as realidades podiam ser elevadas até esse ideal, de onde surgia a idéia de que o mundo deveria ser corrigido» (Plínio Corrêa de Oliveira, *Notas Autobiográficas*, Editora Retornarei, São Paulo, 2008, vol.I, p. 452-453).

Dr. Plínio afirmava que, quanto maior fosse a inocência de uma pessoa, mais ela, olhando uma coisa, conseguiria imaginar como essa coisa seria no limite **do imaginável de sua excelência**.

E ele dá um exemplo disso:

“Assim diante de uma porta encimada por um arco, ele pode ter ‘uma finíssima visualização do arco, formar a idéia de um arco dos arcos, como aquele arco que está vendo deveria ser’ (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 161).

“Essa noção do arco dos arcos vem através dos sentidos e de algum modo está viva na pessoa. E isto faz com que ela tenha a respeito de quase tudo uma fecundidade em formar noções ideais, muito subconscientes, mas efetivas. E à medida que a pessoa vai conhecendo esse universo, vai tendo em germen a idéia de um universo ideal. **Este universo ideal, ela sabe que, tal qual imagina, ele não existe, mas que, de algum modo, algo deve existir.** ‘Esse algo corresponde a uma visão sublimada e transcendente da realidade que passamos a analisar’ (PCO, **A Inocência Primeva e a Contemplação**

**Sacral do Universo**, Instituto Plínio Corrêa de Oliveira, ed. Artpress, São Paulo, 2008, p. 161. O destaque é nosso).

“De maneira que a trans-esfera é um possível em Deus, **não criado; porém um possível virtualmente já criado**, do qual nós temos uma certa noção a partir dos seres criados ou de obras feitas pelos homens. **De alguma forma, esse possível já vive em nós...** desde que não sejamos tão miseráveis que nada em nós tenha restado daquele possível que nos tornaria mais parecidos com a nossa própria transcendência. Isto é, com aquele modelo ideal de nós mesmos para o qual devemos tender” (...) Então a essa visão sublimada da realidade nós chamamos de Trans-esfera”.(PCO, **A Inocência...**, pp. 173-174)

E a Transesfera nos elevaria à ordem sobrenatural:

“Portanto, na transesfera, há muito mais que uma vue de l’esprit com algo vivo em nós, **que nos projeta numa ordem de vida que é a ordem sobrenatural**, onde nos tornamos de algum modo cidadãos da cidade que ainda não construímos. E onde a cidade que ainda não construímos de algum modo já vive em nós” (PCO, **A Inocência...**, p. 74).

E veja-se como o inexistente passa a ser existente:

“De modo que essa “vue de l’esprit” se move em direção a um futuro existente no além, que atrai o homem.

“Mas esse futuro existe mesmo, ou não existe? Como possível, **como causa agente existe**, na medida em que raízes desse movimento da alma se encontram na natureza criada. Portanto, essa vue de l’esprit é o ato inicial que nos conduz ao píncaro da realidade” (PCO, **A Inocência...**, p. 175. O sublinhado é do original).

### **13 -Seres ab aeternos na Transesfera**

E nessa Transesfera Plínio sonha que haja seres ab aeternos (sic).

Eis como João Scognamiglio Clá Dias contava o texto do MNF aos eremitas e novatos na TFP.

[Faremos a citação do documento original, corrigindo os erros de digitação e de ortografia]:

“Vou tentar dar um resumo do MNF de quarta-feira. Não é bem exatamente o que ele [Dr. Plínio] diz, mas dá uma idéia para os senhores.

Os senhores já viram uns pedregulhos assim um pouquinho mais bem [sic!] acabados e mais bem [sic!] constituídos do que

os pedregulhos comuns. Chegam até a transmitir um pouquinho de luz. São uns pedregulhos branquinhos, que dá para perceber um pouco de luz do sol, etc. Isto, é que é o comum das criaturas comparado com aquilo que ele [Esse ele é o “Profeta” Plínio] tem tratado muito no MNF de criaturas “ab aeternae”. [sic!] O que é “ab aeternae” [sic!] para ele? Não é um pedregulho, mas é uma pedra tão preciosa, tão preciosa, que a gente tem a impressão que a luz nasceu de dentro dela (Exclamações) E que assim seria uma criatura “ab aeternae”. Seria tão luminosa, tão luminosa, tão luminosa, que a gente teria a impressão de que ela como que teria a luz de dentro dela. **Seria como que se ela fosse as qualidades que tem. Portanto seria muito próxima de Deus**”. (Telefonema de João Scognamiglio aos Estados Unidos, 20/02/1983, narrando o “**Jour-le-Jour**”).

Scognamiglio passa então a citar textualmente as palavras de PCO:

“Então a distinção entre duas coisas diferentes. Uma coisa é, a vista de algo palpável e sensível, e, em imaginar algo do mesmo gênero, que seja ainda mais belo do que isso”.

“Por exemplo eu estou vendo aqui as cerejas (...) eu posso imaginar super cerejas (...) Eu não estou fazendo se não imaginar isso que está aqui levado à maior perfeição que lhe é própria”.

“(...) o rumo do maravilhoso tende a isso (...) a pessoa que tem esse senso, vendo alguma coisa, tende a imaginar na sua maior beleza. Por que ela entende qual é a beleza máxima possível da coisa, se bem que ele não tenha visto”.

“(...) Bom, agora há uma outra perfeição, um outro senso de perfeição que vai mais longe. Vendo uma cereja, imagina como seria uma cereja paradisíaca.

“As frutas do Paraíso, são como se não existissem no nosso universo. O Paraíso terrestre existe em nosso universo, está guardado lá, e o que parece Elias e Enoc estão lá”.

“(...) Agora uma coisa mais alta ainda, é quando a pessoa cria completamente – não são as cerejas do Paraíso – faz uma jóia com rubi, com vários rubis, para compor o que seria uma cereja maravilhosa e ideal, [que jamais existiu em] nenhum lugar existiu. Seria uma verdadeira beleza”.

“(...) Isto que eu estou falando a respeito de cereja podia ser panorama. Então, minha eterna Veneza, e acabar de degrau em degrau, numa cidade, que não existe nem nas nuvens, concebida por mim, mas (...) pelo contrário, tão diferente, quanto possível dessa cidade, continuando a merecer o nome de cidade. Apenas pertencendo ao mesmo gênero de cidade”.

“Então, uma cidade em que as pedras fossem constituídas com raios de sol de “Claude Lorrain”. E daí pra frente”.

“Bom, mas construídas essas cidades, o espírito humano não se contenta. Ele diante dessas coisas, muito maravilhosas, ele tem certo momento um reflexo, que lhe faz pensar em algo que não sabe dizer como é. Que são criaturas ainda, mas que não sabe dizer como é”.

“Algo que tenha um esplendor tal, que ele é obrigado até imaginar, para existir em função disso, seres angélicos. E seres angélicos de uma perfeição natural ainda maior do que os seres angélicos [de] que temos conhecimento.

E a medida que vou falando disso... (Ahhhhhh!!!).

“(...) O espírito humano vai desejando algo, que ainda não é diretamente Deus. Ou, por assim dizer, **pode não ser diretamente Deus**, mas que é outra criatura, outras criaturas. Com o convívio tão, tão alto, tão extraordinário, tão excelso, tão fabuloso, trocando tais idéias entre si, e tendo uma presença tal, que nós ficamos assim...” (Plínio Corrêa de Oliveira, gravação do MNF. – Chá no S. Bento, 27/12/1982, 2a feira. O negrito e sublinhado são nossos).

“Em que momentos, eu sentia que apanhava melhor essa espécie de mistério de sublimidade e de luz, que queria alcançar nas coisas?

“A resposta revela uma peculiaridade singular: era sobretudo comendo. Como eu disse, algumas melodias causavam-me encantos, mas nunca com a intensidade dos que me eram proporcionados pela culinária. Isso, entretanto, não acontecia pelo mero gosto de comer – o qual, aliás, eu também tinha muito – mas porque certos alimentos se me apresentavam conjugados com impressões muito elevadas, e eu tinha a sensação de que só as aprendia comendo aquelas coisas.

“Por isso, não hesito em dizer: fui sensível aos gáudios gastronômicos **a prima pueritia mea** [desde a minha infância].”(Plínio Corrêa de Oliveira, **Notas Autobiográficas**, Vol. I, p. 375. Os destaques e os colchetes, desta vez, são do original e não nossos).

“E tinha um quadrinho muito ordinário, pintado a fresco na parede [sic].

“E eu me lembro que eu ficava olhando para aquilo e ficava extasiado”.

“Mas a sensação que eu tinha, era tão mais alta do que qualquer Veneza real, ou qualquer outra coisa assim, que eu reconheço hoje em dia, que eu **sonhava com uma ordem de coisas mais adequadas – nem eram anjos – mas as criaturas criadas ab aeterno**”.

“Mas como é que eu reconheço isso? Por uma certa forma de frêmito que isso causava em minha alma. E em que fremia, nos

mais altos, nos mais altos, nos mais altos da minha alma. E é uma arqui-Veneza, uma ultra Veneza, extra Veneza, super Veneza, da qual aquela Veneza, que eu admiro tanto, não era capaz de ser nem sequer o arrabalde. Não era capaz de ser o arrabalde operário, a favela.” (PCO – chá no S. Bento, 27/12/1982 , 2a feira – o sublinhado e o negrito são nossos).

“Bom, uma outra sensação tão mais ao alcance dos Srs. – Veneza está ao alcance de todos os Srs. – mas tão ao alcance, que eu não sei o que dizer, é o que eu contei na reunião de MNF, que me produziu [ao] ver as luzes dos sinais luminosos de SP [São Paulo] que ainda considero bonitos.

“É uma coisa fantástica sinal luminoso. Como é que essa beleza resiste a tanta feiúra. Quem foi o homem que escolheu aquele grau de luz, para os sinais luminosos de SP? É uma coisa para se verificar numa historieta do município de SP. Porque, se não foi por coincidência, houve algum fabricante ou algum técnico que, para um fabricante boçal, fez essas cores quínto-essenciadas, e que vieram rolando para SP, por coincidência, é perfeitamente possível. Não sei se em outras cidades do Brasil o colorido não é o mesmo daqui. Mas se os Srs. prestarem a atenção um lindo colorido.

“Penetrar, ficar olhando para aquela cor mudar, mudar, mudar, e de cada vez pensar que se está entrando num universo azul, num universo vermelho, num universo dourado, sucessivamente, e depois aquilo passa...

“Sinal não é nada. A questão é a cor, explorando todas as variações daquela cor, e habitado portanto por seres, que já também seriam de uma outra natureza. Conforme o **frêmito** que isso provoque na alma, pode ser um frêmito que chegue a isso, ao que os homens quereriam, se conhecessem criaturas criadas ab aeternas.

“Alguém dirá: ‘meditações vãs, meditações tolas, com que o homem não tem nada com que fazer’.

“Na reunião do MNF, eu procurei explicar isso, repito apenas numa palavra. A coisa é essa: A meditação não é vã porque Deus criou na nossa alma, dando-nos a noção de universo, embora Ele não tenha criado esse universo, com todos os matizes possíveis, nem todas as perfeições possíveis, Ele criou em nós a faculdade de **imaginarmos essa perfeição possível**”.

“E evidentemente como tudo o que há em nós, é para o serviço dEle, é para a glorificação dEle, isto em nós, precisa ser explorado e tem sua razão de ser.” (Palavras de Plínio Corrêa de Oliveira– Chá no êremo de S. Bento, 27/12/1982, 2a feira – O sublinhado e negrito são nossos. –).

#### **14- A Teoria do Conhecimento do Inocente.**

Vimos que, segundo PCO, todos os homens teriam inatos em si os padrões ou matrizes de todos os seres. Portanto, o conhecimento do homem não viria do exterior, através dos sentidos e da abstração intelectual. O homem apenas conferiria o que vê exterior a si com as matrizes idéias que ele tem, em si.

Qual seria então o método pliniano para alcançar a verdade?

“Qual é, então, o sistema da conquista da verdade? Esta começa por uma lenta **explicitação do que já se sabe**. É uma ordenação das coisas novas que se vai sabendo, mas em função do **bom senso** desses dados primeiros” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Como Adquirir Certezas**, in Revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Março de 2.001, N<sup>o</sup> 36, p. 27. O destaque é nosso).

Para PCO, como para Bergson, o conhecimento humano seria intuitivo e não abstrativo. E a intuição seria alcançada pela união entre sujeito conhecedor e objeto conhecido. Plínio, como Bergson, negava valor à razão e desconfiava do estudo e dos livros. O melhor conhecimento estaria inato dentro de nós mesmos. Em contato com a realidade exterior a nós, temos uma impressão. Essa impressão despertaria em nós um conhecimento ideal inato, que, trabalhado pela imaginação, poderia nos levar, de analogado em analogado, a um conceito puramente ideal, que seria aquele ser como possível perfeitíssimo, na Divindade.

Na realidade, em todas as coisas, haveria algo do Ser Absoluto. Unindo o Absoluto do sujeito conhecedor como o absoluto nas coisas se rumaria para a fusão final com o Absoluto.

De novo, como em Bergson, seria preciso que mergulhássemos nos seres, em cada coisa, a fim de nos fundirmos com elas e nos deixarmos penetrar e aperfeiçoar pelo que de Absoluto haveria nelas.

Veja-se o que disse Plínio:

“Aqui no Brasil é comum encontrar pedras que nada têm de precioso, mas cujo colorido é muito bonito. Desde cedo, em passeios pelos campos, habituei-me a notar essas pedrinhas e a catá-las. Minha idéia era a seguinte: como seria gostoso morar dentro de um ambiente que fosse todo da cor daquela pedra, da consistência que ela parecia ter, onde eu pudesse respirar e ficar sossegado, sem ter que falar com ninguém, nem ninguém comigo. E colocando meu temperamento nas condições da pedra, assimilando tudo quanto tem na pedra, e por assim dizer, **“esmeraldando-me”, “rubinizando-me”, “safirizando-me”, de maneira que algo daquilo como que se entranhasse em mim e me enriquecesse com aquilo**. Era para mim uma **história de fadas sem fadas, em que a fada era o puro**

**ambiente**, era a pura cor dentro da qual eu moraria, e, durante algum tempo, encontraria meu contentamento”.(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo citado in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44, p.16. 2a coluna. Os destaques são nossos).

Veja-se, então, o romantismo explícito da doutrina pliniana: “*Daí o gosto que sempre conservei por esses tipos de pedras.*”

“E daí, também, meu verdadeiro êxtase quando descobri que os vitrais de algum modo me satisfaziam esse desejo. Depois, quando descobri que certos olhares indicavam que determinadas almas como que vivem numa pedra ou numa água interior, ou num ar interior e que elas habitam em algo ou algo habita nelas – metafisicamente – que é como um líquido no qual elas existem e que traz fecundidade, força, serenidade, inspirações, vôos, que constituem uma espécie de redoma dentro da qual a pessoa vive. E essa idéia do viver em algo que não é o real, mas que poderia ser o real algum dia e no qual a minha alma quereria viver, passou a constituir uma espécie de tendência freqüente no meu espírito” (Plínio Corrêa de Oliveira, revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, No 44, p. 16. Os destaques são nossos).

Plínio confessa que sua mentalidade era a de tentar fugir constantemente do real para um mundo ideal com o qual ele sonhava.

Ainda quando menino, -- porque essas tendências más começam cedo --no Colégio São Luis, em aulas duras, ele ficava espiando, pela janela da classe, um urubu voando no céu azul, e sonhava... ser urubu.(Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, N<sup>o</sup> 44 p. 16).

E eis o texto em que ele expõe o seu burlesco sonho urubusento, enquanto sofria de tédio – tédio também tipicamente romântico-- em uma aula que Plínio mal suportava:

“Em certas ocasiões eu via um urubu cortando o firmamento e não sabia tratar-se de um bicho feio como notei anos depois. Desse pássaro eu conhecia apenas o lindo perfil, seu vôo gracioso e seu esplêndido jogo de asas. É verdade que dele se vê apenas a silhueta, mas as silhuetas têm suas elegâncias e o urubu era uma, deslizando pelo ar. De vez em quando voava com uma asa que parecia curta e a outra longa, ou então se virava e era a outra asa que então se virava e era outra asa que crescia e a anterior parecia menor”.

“Quando percebia que ele planava e não batia as asas, eu pensava: “ **Como deve ser gostoso ser urubu!** E como seria agradável se eu, a esta hora, pudesse desprender-me desta carteira, deste papel, deste papel onde, com uma letra

perenemente feia, estou rabiscando coisas e sobre o qual, brincando com a bomba da caneta tinteiro, deixo cair gotas de tinta e fico aborrecido...”

“Então eu imaginava algo diferente. Como era menino, não sabia dar formulação ao meu próprio pensamento, mas o que me ia no espírito era: “Ah! Se eu pudesse sair voando pela janela, cortar o ar como um urubu, e morar dentro do azul muito tempo, sentar-me sobre as nuvens, dormir um pouco sobre elas e brincar com o vento de tal maneira que ele me levasse delicadamente para onde eu queria; ou se eu tivesse o prazer de fendê-lo sem grande esforço – isso seria uma diversão muito agradável, num mundo de sonho, mundo que não existe” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **O Meu Mundo de Sonhos Existe no Céu**, in revista “**Dr. Plínio**”, Ano IV, Novembro de 2.001, Nº 44, p.16. 1a coluna. O destaque é nosso).

No livro que escrevemos sobre as doutrinas de PCO e dos Arautos, citamos como ele sonhava mergulhar num alabastro para chegar a um quase “não-ser”; como ele sonhava ser o rio Arno, ser o mar, ser um cisne vivendo num universo císnico, ser um pavão vivendo num imaginário mundo pavônico.

“Mais adiante a criança vê um cisne. Ela fica maravilhada! Vê o modo pelo qual ele se move dentro d’água, e tem a impressão de que o cisne vê todas as coisas não como elas são, mas como ele é. De maneira que em vez de o cisne ver o que está na margem como de fato é, ele vê todas aquelas coisas com aspectos “císnicos”. Quer dizer, como elas seriam se elas fossem proporcionais a ele”.

[Devia ser um cisne que lera Schelling...Um cisne idealista, pois via o mundo não como o mundo é, mas como ele julgava que o mundo era].

“Depois, ele vê um pavão e pensa: “O pavão está fazendo essa roda toda, e está fazendo essa roda no quintal da casa, perto das galinhas. Ele não está vendo nada disso. Ele tem como que uma imaginação por onde ele vê um universo “pavônico” que não existe, mas para o qual ele é proporcionado”

“O inocente tem a impressão -- ele sabe que não é a realidade -- de que as imagens das coisas dão a idéia de que o pavão vive em função de uma imaginária ordem pavônica, e que o cisne vive numa imaginária ordem “císnica”, e que assim há muitas ordens possíveis que não existem, mas para as quais ele homem é todo feito. Portanto, não existe só o pavão em si, mas um universo pavônico, um universo císnico. Haveria então, por exemplo, o universo “leônico”, uma coisa fantástica.

“Vemos então que há vários universos possíveis que não foram criados, que são muito superiores ao universo que nós vemos, aos quais tendemos inteiramente” (Plínio Corrêa de Oliveira, O Reino de Maria na alma do Senhor Doutor Plínio: “Minha

Biografia Íntima”, Sagrado Coração de Jesus –XXIX—Curso de Formação São Bento-Praesto Sum—Saúde, p.8-9. Os destaques são nossos).

Universos imaginados passam a ser tidos como superiores ao universo real.

Para PCO, “O sonho é uma alta forma de discernimento.

“Não se pode dizer que o sonho seja mera imaginação. O sonho é um alto discernimento da verdade, pelo que ela tem de mais razoável, de mais sério e de mais belo” (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in A Cavalaria Não Morre, Coleção “Canticum Novum”, p. 54. Os destaques são nossos).

Mais ainda. Para PCO, lê-se nesse livro com excertos do pensamento de Plínio, que o sonhar estaria ligado à Fé:

“A grande atmosfera de sonho prepara a alma para a fé. Depois de a alma com fé receber esta preparação, ela voa de dentro da fé para a santidade” (Excertos do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, in A Cavalaria Não Morre, Coleção “Canticum Novum”, p. 56. O destaque é nosso).

O que é puro modernismo. Pois para Plínio a Fé deixaria de ser virtude intelectual para ser imaginária.

Para PCO, as visões da Transesfera seriam como relâmpagos fugazes, evanescentes, inefáveis. Ele chamava essas intuições místicas de *flashes*. Ter um *flash* seria ter uma visão súbita, reveladora da Divindade, ou do Absoluto, visão divinizadora, mas não traduzível em palavras. Por isso dizia Plínio: “Quem viu, viu. Quem não viu, não viu”. A visão dada pelo flash seria impossível de por em palavras. Plínio poderia dizer com Walter Benjamin que a visão intuitiva é como o relâmpago, e a palavra que dele fala seria como o trovão, que jamais exprime a luz fulgurante do relâmpago...

### **16 – O Paraíso Pliniano.**

Foi praticamente por identificar sentir com conhecer que PCO, afirmou que a visão de Deus, a idéia que se transmite normalmente do céu, como contemplação eterna de um Deus imutável, eternamente imóvel, não o satisfazia: no céu, ele queria ter sensações físicas.

“Minha alma anseia por sensações de caráter físico” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo “Minhas Primeiras Impressões sobre o Céu”, in revista *Dr. Plínio*, N<sup>o</sup> 49, ano V, Abril de 2.002, p. 29. O destaque é nosso).

Por isso PCO afirmava que, no céu, haveria “delícias castas” e “gáudios, santos e intensos que nossos corpos provarão no céu empíreo” (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **Minhas Primeiras Impressões sobre o Céu**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 49, ano V, Abril de 2.002, pp. 28- 29).

Plínio diz que retirou essa idéia de Cornélio a Lapide:

“Parece-me, entretanto, que essa região onde São João Bosco esteve corresponde ao que nos ensina o grande teólogo Cornélio a Lapide a respeito do céu empíreo. Com efeito, baseado na opinião de vários santos e doutores da Teologia, professa ele a idéia de que, ao lado do Céu dos Céus onde veremos Deus face a face e a nossa transbordante alegria será inexprimível – há um céu material de magnificência igualmente indizível, no qual nossos corpos poderão desfrutar, eles também, o prêmio de uma eternidade feliz”.

“Essa sentença é inteiramente lógica e compreensível. Sendo o homem composto de corpo e alma, e se a doutrina católica nos ensina que, condenado, ele sofrerá no inferno penas corporais e espirituais, por que não haverá no céu, em contrapartida, uma recompensa para o corpo assim como tem a alma? E por que não existirá, portanto, no celeste Paraíso um lugar onde o corpo humano, glorificado, expurgado de todas as misérias desta vida e já na imortalidade, possa fruir de todas as **delícias castas** que lhe são próprias, ao mesmo tempo em que sua alma se acha perdida nos gáudios da visão direta de Deus? Não será esta uma necessidade decorrente da eterna união entre alma e corpo resurrecto?”

“Essas celebridades teológicas opinam que sim. Não se trata, convém frisar, de um dogma da Igreja, mas de uma doutrina a que se pode aderir sem receios de incorrer em heresia. Alguns estudiosos que aprofundaram essa tese chegam mesmo a sustentar que, nesse céu empíreo— **os corpos terão suas funções fisiológicas comuns, sem contudo – e de uma forma misteriosa – produzir qualquer espécie de podridão**. Mas, uma vez que o **estômago tem prazer em comer** [sic] o homem se alimentará de manjares inigualáveis: uma vez que os pulmões tem gáudio em respirar, eles respirarão os ares mais límpidos que jamais sorveram. E assim por diante, nosso corpo terá alegrias imensas, afins com os júbilos da alma imersa na visão beatífica”.

“Os teólogos vão mais longe em suas excogitações. Para eles, os próprios Anjos, que são puros espíritos, far-se-ão notórios de alguma modo ao homem resurrecto. Ocasionalmente determinados movimentos no ar, modelando certas formas ou produzindo cores e sons paradisíacos, eles nos darão uma idéia de como são. À maneira do músico que usa de um instrumento para transmitir ao ouvinte uma impressão, eles, Anjos, se servirão daqueles elementos para nos deleitar. E nada impede que imaginemos brisas ou ventos com frescores ou tepidezes

diversos, pousando sobre nossas peles como cetins, como sedas, como veludos”. (Plínio Corrêa de Oliveira, artigo **E Seremos Repletos de Grandeza...**, in revista “**Dr. Plínio**”, N<sup>o</sup> 49, ano V, Abril de 2.002, pp.14-16-17. Os destaques e os comentários entre colchetes são nossos ).

No céu de Plínio, haveria até a super berinjela e banheiros celestiais. A dialética gnóstica, que defende haver identidade e oposição absoluta entre espírito e matéria, levava Plínio a imaginar limonda sem limão, corpos celestiais sem carne e sem osso,e,ao mesmo tempo, banheiros celestiais. O adjetivo burlesco cabe muito bem à Gnose pliniana e dos Arautos do Evangelho.

### **16 – Teses absurdas decorrentes de uma doutrina teratológica.**

Da doutrina teratológica incutida por Dr. Plínio, especialmente por meio de João Scognamiglio Clá Dias, deviam nascer as teses mais esdrúxulas e disparatadas. Eis algumas que eram largamente difundidas entre os eremitas e membros mais entrosados da TFP e agora dos Arautos. Tínhamos centenas de testemunhos escritos e assinados, confirmando o que abaixo denunciemos. Mas agora. muitas dessas afirmações podem ser encontradas num texto, até há pouco secreto, de Dr. Plínio e que foi publicado pelo site salvemaria.info, organizado por pessoas egressas da TFP e dos Arautos do Evangelho, mas favoráveis à doutrina pliniana. Esse texto é o de uma série de conferências de Dr. Plínio expondo quem ele julgava ser e o que seria a TFP. Essa série de palestras se intitula “**Quem somos nós**”. (Esse documento está transcrito em Apêndice de nosso livro Viagem ao País das Maravilhas – A Gnose Burlesca da TFP e dos Arautos do Eavngelho].

Numa dessas palestras, Plínio modestamente declarou:

“Se me perguntarem o que é que eu sou, assim como S. Francisco de Assis foi a pobreza ou S. Bernardo o recolhimento, eu digo que eu sou a grandeza”.

“Isso não tem dúvida. E meto medo. Os nossos adversários têm pânico de mim”. (Plínio Corrêa de Oliveira, “**Quem Somos Nós**”, 2-A-a).

Ora, São Francisco jamais disse ser ”a pobreza”Ele disse ter desposado a pobreza. E só Deus é. O homem, como ser criado, pode ter grandeza. Mas só Deus é a Grandeza. Plínio dizendo ser a Grandeza, se faz Deus.

E ele dá então, num texto paranóico e megalomaniaco, as características de sua Grandeza, explicando em longas páginas, que ele é a “*Grandeza*”, “*impessoal*”,

“sacral”, “militante”, “sofredora”, “desinteressada”, “protetora”, “incompreendida”.

Por causa da crise da Igreja nascida do Vaticano II, Plínio e a TFP — secretamente — tenderam ao sede vacantismo, e disso então Plínio tirou conclusões descabeladas que expusemos anteriormente

Daí, outras teses paranóicas:

**a) "Cristo só se encarnou porque Dr. Plínio correspondeu à graça"**

É o que afirmou o fiel João Scognamiglio Clá Dias no Praesto Sum. Afirmou e demonstrou:

*"Nosso Senhor Jesus Cristo só se encarnou porque Dr. Plínio correspondeu à graça, pois que se não tivesse havido essa correspondência, ele não faria a vingança plena dos sofrimentos de Cristo em sua Paixão e, neste caso, teria sido desonroso para o Filho de Deus ter se encarnado. Portanto, o Filho de Deus só se fez homem, porque Dr. Plínio correspondeu à graça".*

**b) -O Espírito Santo, retirando-se da Igreja, se refugiou em Dr. Plínio**

Conta-se ainda que João Scognamiglio Clá Dias narrou o seguinte diálogo entre ele e o Profeta de Higienópolis:

– "Parece que o Espírito Santo, tendo-se retirado da Igreja, refugiou-se no Senhor, Dr. Plínio".

Ao que, sempre modesto, retrucou o Profeta:

– "Quer saber de uma coisa, meu João? Acredito que sim".

**c) Dr. Plínio é a Igreja.**

**d) A Sabedoria de Deus fala pela boca de Dr. Plínio.**

**e) Nossa Senhora se encarnou, habita ou fala pela boca de Dr. Plínio,**

**Medianeiro da Medianeira.**

**f) Dr. Plínio seria um anjo ou mais do que um anjo.**

**g) Dr. Plínio é a obra prima da Criação.**

**h) Dr. Plínio não teria pecado original.**

**i) Dr. Plínio é infalível.**

**j) Dr. Plínio é inerrante.**

**k) Dr. Plínio é imortal**

**l) Dr. Plínio será glorificado ou transfigurado em vida.**

**m) Dr. Plínio é o profeta por antonomásia.**

**n) Dr. Plínio seria o Profeta Elias?**

**o) Dr. Plínio é santo, e dos maiores, senão o maior que já houve na História.**

**p) Dr. Plínio juiz no Juízo Final e o fundador do Reino de Maria.**

Por ocasião da morte do imortal profeta da TFP e dos Arautos, João Scognamiglio— seu discípulo preferido, e “fiel intérprete dos desígnios de Dr. Plínio – pousou sua cabeça sobre o peito do cadáver de PCO. Contou ele, depois, que, nesse momento, sentiu o espírito de Dr. Plínio passar para seu ser. Daí, se começou a defender a tese de que Dr. Plínio passou a “*in-habitar*” em João Clá, que, por isso, goza hoje de todos os privilégios que antes eram atribuídos a Dr. Plínio.

**17 -- Culto a PCO**

O que dizia Dr. Plínio de si mesmo, o que ele fazia propagar a seu respeito, através de João Sognamiglio Clá Dias, “*o fiel intérprete de seus desígnios*”, tinha que desembocar, logicamente, num culto de ilícito e delirante.

**A)--Altars secretos com fotografias de Dr. Plínio.**

**B--Orações para Dr. Plínio.**

**\*As ladainhas do Profeta.**

**\*\*Confiteor para Dr. Plínio.**

**Paródias de homenagens papais a Dr. Plínio: Sédia Gestatória e Flabellis, genuflexões, bênçãos e maldições, etc.**

**\*\*\*\* "Relíquias" de Dr. Plínio, abençoadas por ele mesmo.**

**\*\*\*\*\* Paródia da Ave Maria para Dr. Plínio:**

*“Ave Luís-Plínio-Elias, cheio de amor e de ódio, a Santíssima Virgem é convosco. Bendito sois vós entre os fiéis. Bendito é o fruto do vosso amor e ódio: a Contra-Revolução.*

*“Ó Sacral Luís-Plínio-Elias, pai admirável e catolicíssimo da Contra-Revolução e do Reino de Maria, rogai por nós capengas e pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém”.*

**Paródias de Sacramentos na TFP**

Os membros da Sociedade Secreta A Sempre Viva se confessavam a Dr. Plínio que lhes dava uma pseudo absolvição. Ademais, todos os membros da sociedade secreta

A Sempre Viva, sendo **UM** com Plínio podiam se confessar uns aos outros, e todos julgavam que tinham o poder de absolver.

### **18 -- Culto a Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias**

Após a morte de PCO, o culto prestado a ele passou a ser prestado também a seu substituto João Scognamiglio. Desse culto damos aqui apenas a extravagante Ladainha para João Clá.

Ladainhas para João Scognamiglio Clá Dias rezada secretamente pelos Arautos do Evangelho (Ladainhas que nos foi enviada por um ex membro dos Arautos).

SS = Senhor Sacral, isto é, dr. Plínio.

SDP = Senhor Doutor Plínio

SDL = Senhora Dona Lucília

RCR= Revolução e Contra Revolução.

Ladainha do Sr. João Clá (Para recitação privada)

João, o ilustre

João, o arquí-eremita

João de infatigável zelo e de indestrutível amabilidade

João, que tocou o olifant de uma Contra-Revolução interna

João, dotado pela Providência de um carisma especial

João das réplicas

Modelo de entusiasmo

Modelo de dedicação

João que vai para frente onde percebe que SS está sofrendo

João das boas surpresas

João que fala com discernimento dos espíritos

João que completa o SDP

Incomparável João Clá

Insubstituível João Clá

Infatigável João Clá

Admirável João Clá

Filho modelaríssimo do Senhor Doutor Plínio

Cicerone do Senhor doutor Plínio

Fator de união com o Senhor Doutor Plínio

Instrumento abençoado do Senhor Dr. Plínio

Bastão da velhice do Senhor Dr Plínio

Causa de imensa alegria para o Senhor Dr Plínio  
João que encaminha os outros para o fundador  
João que tem carisma especial para transmitir o fundador  
Condestável do Senhor Dr. Plínio  
Cirineu de Seu Senhor Sacral  
General do Senhor Dr. Plínio  
Por quem o SDP agradece a Nossa Senhora por tê-lo posto nas falanges dEla,  
ao alcance de seu afeto e de seu zelo, nós vos rogamos ouvi-nos!  
Crivado de antipatias por glorificar a SS  
Alter ego do SDP  
Auxiliar de ouro do SDP  
Herança da SDL deixada para o SDP  
Recompensa da SDL à dedicação de seu Filhão  
Filho especialmente querido pela SDL  
João que obtém que o coração da SDL toque o nosso  
Filho dileto da SDL  
Legado da SDL  
Orientador das almas  
Fundador da escola pliniana  
Inimigo dos inimigos de SS  
Modelo de humildade  
João que não bebeu a taça da carreirosa mundana  
João que aceitou seu sofrimento e valeu-lhe mais do que qualquer  
apostolado  
Modelo de entusiasmo  
Modelo de afeto  
Modelo de amor  
Modelo de dedicação infatigável  
Observador atentíssimo das grandezas de SS  
Fator que evita ensabugamentos  
João de admirável fervor  
Alegria de todos  
Jó que sofreu e foi provado  
Chama de fervor

Fundador dos êremos  
Facho de luz do qual vive a TFP  
Exímio quebrador de friezas  
João de confiança excepcional  
João, fioso, submisso e muito valente  
Homem do imprevisto  
Próto-apóstolo da RCR  
Mestre do apostolado  
Fonte de alegria  
Fonte de esperança  
Místico do SDP  
João de vocação especialíssima  
Torre de qualidades  
Grande inquisidor  
Enfant gatê de Providência  
Grande lutador do SDP  
Filho da fidelidade  
João que está confirmado na vocação  
Modelo de virtude  
Brilhante cruzado espanhol  
João que aceitou e padeceu aquilo que tinha de padecer sem uma queixa  
João que representa a fidelidade do SDP a ele mesmo  
Por quem o SDP agradece a Maria Santíssima todo o bem que ele fez à causa

Non est inventus similis illi  
Homem do imprevisto  
Próto-apóstolo da RCR  
Mestre do apostolado  
Fonte de alegria  
Fonte de esperança

## **19 – Culto a Dona Lucília.**

Também a Dona Lucília Corrêa de Oliveira, mãe de Dr. Plínio, era prestado um culto absurdo, divulgado por João Scognamiglio, por ordem e insuflamento de Dr. Plínio.

Eis a Ladainha de Dona Lucília, condenada, desde 1983, por Dom Antônio de Castro Mayer:

### **Ladainha de Dona Lucília**

Kyrie, eleison.

Christe eleison.

Kyrie, eleison.

Christe, audi nos

Christe, exaudi nos.

Pater de coelis, Deus, miserere nobis.

Filii Redemptor mundi, Deus, miserere nobis.

Spiritu Sancte, Deus, miserere nobis.

Sancta Trinitas , unus Deus, miserere nobis.

Dona Lucília, rogai por nós.

Manguinha , rogai por nós.

Mãe do Senhor Doutor Plínio, rogai por nós.

Mãe do Doutor da Igreja, rogai por nós.

Mãe de nosso Pai, rogai por nós.

Mãe do Inefável, rogai por nós.

Mãe de todos nós, rogai por nós.

Mãe dos Séculos futuros, rogai por nós.

Mãe do Princípio axiológico, rogai por nós.

Mãe do Temperamento de Síntese, rogai por nós.

Mãe de toda a pureza, rogai por nós.

Mãe da Trans-esfera, rogai por nós.

Mãe da Seriedade, rogai por nós.

Mãe da Contra-Revolução, rogai por nós.

Restauradora dos temperamentos, rogai por nós.

Fonte de luz, rogai por nós.

Geradora da Inocência, rogai por nós.

Conservadora da Inocência, rogai por nós.  
Consoladora do Senhor Doutor Plínio, rogai por nós.  
Mediadora do Grand Retour, rogai por nós.  
Mediadora de todas as nossas graças, rogai por nós.  
Aurora do Reino de Maria, rogai por nós.  
Dona Lucila do Sorriso, rogai por nós.  
Dona Lucília dos Flashes, rogai por nós.  
Flor mais bela entre todas, rogai por nós.  
Refugium nostrum, rogai por nós.  
Consolatrix nostra, rogai por nós.  
Auxilium nostrum na Bagarre, rogai por nós.  
Causa de nossa perseverança, rogai por nós.  
Vaso de lógica, rogai por nós.  
Vaso de Metafísica, rogai por nós.  
Mártir do isolamento, rogai por nós.  
Rainha do sofrimento sereno, rogai por nós.  
Rainha do jeitinho, rogai por nós.  
Rainha da serenidade, rogai por nós.  
Dona Lucília, mãe e senhora nossa, ajudai-nos.  
\*Dona Lucília, nossa maior medianeira ante Nossa Senhora, ajudai-nos.  
\*: (Jaculatória acrescentada após as denúncias contra a ladainha).

--Rogai por nós, ó Mãe do Doutor da Igreja.

-- Para que sejamos dignos das promessas do senhor Doutor Plínio.

Paródia do Memorare:

Lembraí-vos, ó piíssima Dona Lucília, que nunca se ouviu dizer,etc.

## **20 – Súplica ao Santo Padre.**

Tendo em vista as delirantes doutrinas heréticas professadas pelos membros da TFP e pelos Aautos do Evangelho, no Brasil e em outros países; tendo em vista o culto absurdo que se presta, até hoje, a Dr. Plínio, Dona Lucília, e agora ao atual Monsenhor João Scognamiglio Clá Dias; tendo em vista a organização de uma seita secreta – A Sempre Viva – existente ainda hoje na TFP e entre os membros do Instituto Pontifício Aautos do Evangelho; tendo em vista sua crença secreta no sede vacantismo, e o plano de Monsenhor João Clá de enganar a Hierarquia da Santa Igreja, chamada por ele de

“estrutura”, e que ele pretende não ter mais poder na Igreja; tendo em vista sua crença oculta de que os Papas pós conciliares, sendo heréticos ou cúmplices da heresia, pelo menos por omissão; considerando a pretensão de Monsenhor João Scognamiglio de executar a “Manobra Judit” contra a Sagrada Hierarquia da Santa Igreja, rogamos ao Papa Bento XVI, gloriosamente reinante, que determine uma intervenção Canônica no Instituto Pontifício Arautos do Evangelho, que investigue as doutrinas constantes das 43.000 páginas do chamado MNF, para extirpar da Santa Igreja esse câncer herético que, há décadas, ilude a Sagrada Hierarquia, corrompe a doutrina, e perde tantas almas.

Parece-nos evidente, que doutrina tão contrárias à Fé Católica só pode causar graves desvios morais, tanto na velha TFP, quanto nos Arautos, (desvios dos quais temos algum conhecimento), dos quais, porém, evitamos publicamente, por caridade, e para evitar escândalo. Caso haja uma investigação canônica, a Santa Igreja com prudência e sabedoria cuidará das questões mais graves de consciência.

Julgamos isto urgente, tendo em vista os atuais escândalos de “pedofilia” vindos a lume recentemente, e particularmente ao que ocorreu entre os Legionários de Cristo Rei pelas doutrinas e práticas de seu Fundador (Padre Marcial Maciel), assim como mais recentemente, outros casos semelhante socorridos no Brasil no Instituto Toca de Assis.

Fazemos esta denúncia pública visando apenas o bem das almas, enquanto nos declaramos filhos humildes e devotados servidores da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, pela qual queremos viver e morrer. E assim Deus nos ajude.

São Paulo, 31 de Maio de 2010

Orlando Fedeli